

ADRIANA RODRIGUES LEÃO

**O IMPACTO DO PADRÃO DE MORADIA POPULAR PARA
ACESSIBILIDADE NO MODO DE VIDA DOS MORADORES**

Belo Horizonte

Escola de Arquitetura da UFMG

2011

ADRIANA RODRIGUES LEÃO

**O IMPACTO DO PADRÃO DE MORADIA POPULAR PARA ACESSIBILIDADE NO
MODO DE VIDA DOS MORADORES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Arquitetura.

Área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pinto
Guimarães

Belo Horizonte

Escola de Arquitetura da UFMG

2011


Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais e aprovada em 31 de agosto de 2011 pela Comissão Examinadora:



Professor Dr. Marcelo Pinto Guimarães (Orientador - EA-UFMG)



Professora Dra. Celina Borges Lemos (EA-UFMG)



Professora Dra. Núbia Bernardi (UNICAMP)

Dedico este trabalho à minha mãe Amélia

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento a Deus, que me permitiu ingressar e concluir este projeto de vida, colocando grandes pessoas ao meu lado.

À minha mãe Amélia que foi a maior incentivadora e exemplo, sendo a base para meu equilíbrio nesta carreira que envolve Educação e Arquitetura.

Ao querido professor Marcelo P. Guimarães por ter sido um amigo, no qual eu tive a oportunidade e o orgulho de ser orientanda, colega de trabalho (desenvolvendo projeto residencial para pessoas com deficiência - APAE-BH) e aluna (Disciplinas : Arquitetura sem barreiras e Paradigmas do Design Universal). Agradeço pelos ensinamentos dentro e fora de sala de aula além das reuniões no laboratório ADAPTSE (Acessibilidade em Design e Arquitetura para a Pesquisa, Treinamento e Serviços de Extensão).

Às dezenas de famílias das nove cidades em que estive que abriram suas portas e suas verdades na crença de que dias melhores viriam e que a arquitetura poderia contribuir para isso.

Aos professores do Núcleo de Pós - Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelos quais tive a honra de ser aluna.

Aos técnicos da COHAB-MG pela presteza e doação de informações, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos membros da Banca que aceitaram o convite de participação, contribuindo para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A presente dissertação propõe a análise descritiva e reflexiva da questão da qualidade do uso das habitações populares financiadas pelo Estado de Minas Gerais, no que compreende a acessibilidade para todos. A investigação baseia-se na comparação de dois modelos de moradia executados pela Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais – COHAB-MG: Casa especialmente projetada para ser acessível e Casa com projeto convencional sem exigências da ABNT 9050-2004.

Foi verificado que como o modelo espacialmente projetado para acessibilidade pode alterar o modo de vida das famílias e pode corroborar para a redução da problemática da qualidade de uso habitacional. A metodologia inclui a coleta de informações cadastrais, as sessões de observação em visitas, entrevistas e análise de dados.

Na conclusão pode-se considerar que o modo de vida dos moradores não revela a eficácia do padrão mínimo determinado pela COHAB-MG . Isso foi comprovado pelas necessidades individuais de apropriação do espaço, ao número excessivo de pessoas residindo nas casas, pelo número, tamanho e disposição das grandes peças do mobiliário, dentre outros. Assim, o espaço projetado para ser acessível é inacessível a partir do conceito original do projeto e da ocupação pelos usuários.

Palavras - chave: Arquitetura; Habitação popular acessível; COHAB-MG; Modo de vida

ABSTRACT

The present research paper presents a descriptive and reflective analysis about the quality of usage patterns as based on accessibility for everyone in low-income affordable housing that are financed by the State of Minas Gerais, which include accessibility for all. The research is based on making a comparison between two housing type models that run by the State Company for Low income Housing – COHAB-MG: Home environments that were specially designed to be wheelchair accessible and home environments for ordinary user profiles with no considerations of design requirements of ABNT 9050-2004.

Intends to examine how the model specially designed for accessibility can change the lifestyle of families and can confirm to reduce the problem of quality residential use. The methodology included data collection of official information, observation sessions in field visits, interviews and data analysis.

Results show that the lifestyle of the residents does not evidence efficiency of minimum accessible design set by COHAB-MG as evidenced by individual needs for place-making; the excessive number of people as residents, the number, shape and location of large furniture , among others. Therefore, the space designed to be accessible is inaccessible since the original design concept and users engaged in the process place-making.

Key - words: Architecture; Popular affordable housing; COHAB-MG; Lifestyle

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADA - American with Disabilities Act

ADAPTSE – Acessibilidade em Design e Arquitetura para a Pesquisa e Treinamento em Serviços de Extensão

ANBT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

BCP- Benefício da Prestação Continuada

BNH- Banco Nacional de Habitação

CADMUT - Cadastro Nacional dos Mutuários

CAIC – Centro de Atendimento Integral à Criança

CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano

CEF - Caixa Econômica Federal

CEPAM - Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal

CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura Moderna

COHAB-MG - Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais

CRAS- Centro de Referência da Assistência Social

EVA- Estúdio Virtual de Arquitetura

FAR - Fundo de Arrendamento Residencial

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPT- Instituto de Pesquisas Tecnológicas

ISO - International Organization for Standardization

M.R. – Módulo de Referência

NAE - Núcleo de Assuntos Estratégicos

NBR – Norma Brasileira

NCSU - North Carolina State University

OMS- Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PAM - Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência

PBF – Programa Bolsa Família

PLHP – Programa Lares- Habitação Popular

PLSP – Programa Lares-Segurança Pública

PMCMV - Programa Minha Casa Minha Vida

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SFH – Sistema Financeiro de Habitação

SPC – Serviço de Proteção ao Crédito

WCED- World Commission on Environment and Development

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho esquemático relacionando parâmetros para se alcançar o desenvolvimento sustentável.....	35
Figura 2 - Imagem que representa a escala e níveis de acesso nos ambientes...	41
Figura 3 - Planta baixa 3A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.....	56
Figura 4 - Planta baixa 4A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.....	57
Figura 5 - Planta baixa 5A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.....	57
Figura 6 - Planta baixa 6A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.....	58
Figura 7 - Planta baixa 8A com indicação da demarcação de projeto modificado	58
Figura 8 - Planta baixa “Novo Projeto A” com indicação da demarcação de projeto modificado.....	59
Figura 9 - Fluxograma das responsabilidades do Estado e Município.....	63
Figura 10 - Mapa do Estado de Minas Gerais com 12 regiões.....	79
Figura 11 - Mapa com a localização das cidades definidas no estudo de caso....	79
Figura 12 - Planta baixa da casa convencional cotada- padrão COHAB- MG. Em pequena escala planta baixa da casa convencional com mobiliário- padrão COHAB- MG - Layout.....	92
Figura 13 - Planta baixa da casa projetada para acessibilidade cotada- padrão COHAB- MG. Em pequena escala planta baixa da casa projetada para acessibilidade com mobiliário- padrão COHAB- MG - Layout.....	93
Figura 14 - Modificação de projeto em São Sebastião do Paraíso para casa convencional. Em destaque com linha pontilhada a área de acréscimo e hachurado a área existente . A moradora optou por fazer uma edícula com despensa, banheiro e área de serviços e anexo à casa, uma suíte, banheiro e mais um quarto.....	94

Figura 15 - Modificação de projeto em São Sebastião do Paraíso para casa convencional. Em destaque com linha pontilhada a área de acréscimo e hachurado a área existente. A moradora optou por fazer uma cozinha grande conjugada com a copa, área de serviço coberta, suíte e banheiro, mantendo os dois dormitórios sala e lavabo.....	95
Figura 16 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a diferenciação da fachada frontal pela necessidade motora dos moradores.....	98
Figura 17 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Sala de Estar.....	100
Figura 18 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Cozinha.....	101
Figura 19 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Banheiro.....	103
Figura 20 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Circulação.....	104
Figura 21 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Área de serviço.....	105
Figura 22 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Quarto de casal.....	107
Figura 23 - Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Quarto de solteiro.....	108

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Casa montada no 3º Salão Imobiliário em São Paulo. Salas conjugadas da casa CDHU.....	61
Foto 2 - Casa montada CDHU- Área de serviço , com espaço para circulação baseada nos princípios do desenho universal	61
Foto 3 - Banheiro acessível com possibilidade de receber adaptações como barras e louças.....	61
Foto 4 - Casa acessível: Espaço livre para circulação, altura de interruptores, tomadas para qualquer usuário, passagem com dimensionamento de 90 cm	61
Fotos 5, 6, 7, 8 e 9 - Exemplos de marcação de território pelos moradores.....	76
Foto 10 - Exemplos de dificuldade de marcação de território pelos moradores..	77
Foto 11 - Morador com dificuldade de exercer a tarefa de lavar utensílio de cozinha, pela baixa altura da bancada. Além disso, móveis e objetos gerando barreiras.....	112
Foto 12 - Objeto obstruindo a passagem.....	112
Foto 13 - Mobiliário impedindo a circulação.....	112
Foto 14 - Exemplo de excesso de mobiliário no quarto.....	113
Foto 15 - Sala de estar com pouco espaço livre.....	113
Foto 16 - Local de difícil acesso na sala de estar, devido ao excesso de móvel	113
Foto 17 - Dificuldade de acesso à casa principalmente pelo morador usuário de cadeira de rodas.....	114
Foto 18 - Piso executado pela moradora.....	114
Foto 19 - Rampa íngreme de acesso à residência executado sem previsão em projeto	114
Foto 20 - Máquina de lavar roupa na cozinha pela área de varanda ser aberta.	115
Foto 21 - Máquina de lavar roupa no quarto, pelo fato da varanda ser aberta...	115
Foto 22 - Máquina de lavar roupas no banheiro impedindo a circulação e transferência do morador usuário de cadeira de rodas.....	116
Foto 23 - Máquina de lavar no banheiro em frente ao lavatório impedindo a sua correta utilização.....	116

Fotos 24 e 25 - A moradora com problemas de saúde, transferiu a bancada da pia localizada na cozinha projetada (à esquerda) para a área externa (à direita) na altura de 90 cm adequada às pessoas que a podem utilizar fato. Foi feito área de acréscimo com varanda já que o dimensionamento da cozinha não atendia às necessidades da família.....	117
Fotos 26 e 27 - Paredes danificadas pelas batidas da cadeira de rodas.....	118
Foto 28 - Bancada quebrada para possibilidade de passagem.....	118
Foto 29 - Abertura de vão devido à falta de espaço.....	118
Fotos 30 e 31 - Acréscimo de construção devido à falta de espaço na casa....	118
Fotos 32 e 33 - Hábito das famílias de secar louça naturalmente, comprometido pelo pouco espaço interno.....	119
Fotos 34 e 35 - Banheiro e quarto com espaço reduzido.....	119
Fotos 36 e 37 - Erro de execução de obra impedindo o uso do espaço.....	120
Fotos 38 e 39 - Erro de execução com instalação elétrica coincidente com a instalação do espelho impedindo a prática de tarefas.....	120
Fotos 40 e 41 - Excesso de pessoas geram um maior número de objetos e consequentemente maiores barreiras.....	122
Fotos 42 e 43 - Duas beliches, justificadas pelo uso de grande número de moradores, ocupam grande espaço no quarto. Na outra foto, um lavatório ocupa a circulação.....	122
Foto 44 - Portão com grade para favorecer a visibilidade externa de acordo com a demanda da família.....	123
Fotos 45 e 46 - Exemplos de falta de local previsto para a guarda de objetos e ferramentas.....	123
Foto 47 - Falta de previsão de uso de espaço para computador favorece ao imprevisto e maior ocupação não prevista do espaço acessível.....	124
Fotos 48 e 49 - Cama auxiliar para assistência à pessoa com deficiência ocupa o espaço interno e impede a acessibilidade.....	124
Fotos 50 e 51 - Falta de previsão de local para armazenamento de produtos	125
Foto 52 - Falta de espaço para guarda de objetos comprometem locais e atividades.....	125

Foto 53 - Improvisação do espaço da sala de estar para alimentação.....	126
Foto 54 - Improvisação da atividade de costurar que gera danos à saúde da moradora.....	126
Fotos 55, 56 e 57 - Mantimentos localizados em espaço inadequado decorrente da falta de previsão de atividade de armazenamento.....	126
Foto 58 - Uso da televisão no quarto: Atividade não prevista.....	127
Fotos 59, 60, 61 e 62 - Utilização da lenha para cozinhar segundo as necessidades e desejos dos moradores.....	127
Fotos 63 e 64 - Falta de privacidade: Varal de roupas em área externa aberta.	129
Fotos 65 e 66 - Bebê subindo o degrau de acesso à casa colocando em risco a sua segurança. Na foto 65 a rampa improvisada gera grande risco de acesso à casa.....	130
Foto 67 - Degraus no quintal da casa convencional com morador que possui deficiência, oferecendo risco aos moradores.....	130

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Apuração de incidência de morador com deficiência ou mobilidade reduzida na casa projetada para acessibilidade.....	131
Gráfico 2 - Apuração de incidência de morador com deficiência ou mobilidade reduzida na casa convencional.....	132
Gráfico 3 - Apuração nas casas projetadas para acessibilidade da relação da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida na vida da família.....	133
Gráfico 4 - Apuração nas casas convencionais da relação da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida na vida da família.....	133
Gráfico 5 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, das percepções dos moradores quanto à casa projetada para ser acessível.....	134
Gráfico 6 - Apuração, nas casas convencionais, das percepções dos moradores quanto à casa projetada para ser acessível.....	135
Gráfico 7 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação do meio de acessibilidade no espaço interior.....	136
Gráfico 8 - Apuração, nas casas convencionais, da avaliação do meio de acessibilidade no espaço interior.....	136
Gráfico 9 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação do momento de interação social em família no espaço da casa.....	137
Gráfico 10 - Apuração, nas casas convencionais, da avaliação do momento de interação social em família no espaço da casa.....	138
Gráfico 11 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação do meio de acesso na relação da casa com a rua.....	139
Gráfico 12 - Apuração, nas casas convencionais, da avaliação do meio de acesso na relação da casa com a rua.....	139
Gráfico 13 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação da interação social entre os moradores e vizinhança.....	140
Gráfico 14 - Apuração, nas casas convencionais, da avaliação da interação social entre os moradores e vizinhança.....	141
Gráfico 15 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, do nível de satisfação quanto à moradia.....	142
Gráfico 16 - Apuração, nas casas convencionais, do nível de satisfação quanto à moradia.....	143

Gráfico 17 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação da tarefa de “guardar ferramentas leves e diversos”	144
Gráfico 18 - Apuração, nas casas não projetadas para acessibilidade, da avaliação da tarefa de “guardar ferramentas leves e diversos”	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Parte 1 - Organograma de delimitação da pesquisa.....	28
Quadro 1 - Parte 2 - Organograma de delimitação da pesquisa.....	29
Quadro 2 - Quadro indicativo de estratégias e ações de pesquisa.....	30
Quadro 3 - Quadro indicativo de número de casas previstas para visitas e visitadas nas cidades	31
Quadro 4 - Atividades desempenhadas no espaço doméstico - PEREIRA (2008).....	68
Quadro 5 - Atividades desempenhadas no espaço doméstico - PORTAS (2006).....	69
Quadro 6 - Tipos de território de acordo com classificação de Altman (1980).	75
Quadro 7 - Conjuntos Habitacionais e Cidades visitadas na Pesquisa.....	80
Quadro 8 - Indicação de localização de cada conjunto habitacional relativo à cidade.....	81
Quadro 9 - Indicação do tipo de topografia de cada conjunto habitacional	82
Quadro 10 - Indicação do tipo de forma de acesso a cada conjunto habitacional.....	83
Quadro 11 - Indicação da existência de comércio local e nas proximidades de cada conjunto habitacional.....	84
Quadro 12 - Indicação da existência e o trajeto do sistema de transporte urbano em cada conjunto habitacional.....	85
Quadro 13 - Indicação da existência de vias, meio-fio e calçadas em cada conjunto habitacional.....	86
Quadro 14 - Indicação da existência de praças e áreas de lazer em cada conjunto habitacional.....	87
Quadro 15 - Quadro originado pela pesquisadora a partir de referências teórica, com foco em ambientes e atividades previstos no espaço das moradias da COHAB-MG.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de graduação da acessibilidade.....	40
Tabela 2 - Indicação de casas passíveis de adaptação e novo projeto dentro das premissas do Kit Projeto.....	55
Tabela 3 - Tabela indicativa de áreas de projeto 3A.....	56
Tabela 4 - Tabela indicativa de áreas . Projeto 4A.....	57
Tabela 5 - Tabela indicativa de áreas . Projeto 5A.....	57
Tabela 6 - Tabela indicativa de áreas . Projeto 6A.....	58
Tabela 7 - Tabela indicativa de áreas . Projeto 8A.....	58
Tabela 8 - Tabela indicativa de áreas . Novo Projeto A.....	59

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	O problema.....	19
1.2	A investigação.....	21
1.2.1	Hipóteses.....	21
1.2.2	Questão Central.....	22
1.2.3	Questões Secundárias.....	22
1.2.4	Objetivo Geral.....	23
1.2.5	Objetivos Específicos.....	23
1.2.6	Relevância.....	24
1.2.7	Delimitação da Pesquisa.....	25
1.3	Descrição dos procedimentos metodológicos.....	30
1.3.1	Estratégias de Pesquisa.....	30
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
2.1	Sustentabilidade na moradia.....	34
2.1.1	Sustentabilidade Social.....	37
2.1.1.1	Sociedade Inclusiva.....	38
2.2	Design inclusivo.....	39
2.2.1	Visitabilidade.....	41
2.2.2	Design Adaptado.....	43
2.2.3	Design Adaptável.....	43
2.2.4	Design Adequado.....	44
2.2.5	Acessibilidade Ambiental	44
2.2.6	Design Universal.....	45
2.3	Habitação popular e acessibilidade	50
2.3.1	A formação dos Assentamentos Habitacionais no Brasil.....	50
2.3.1.1	O Conceito de Acessibilidade em Casa Mínima.....	52
2.3.1.2	A Relação entre Política Estadual de Habitação e Acessibilidade.....	62
2.3.2	Qualidade de Uso da Habitação.....	64
2.3.2.1	Atividades.....	66
2.4	Estigmatização do espaço da moradia.....	71
2.4.1	Identidade Social e Apropriação.....	71
2.4.2	Tipologias da Habitação pela Acessibilidade.....	72
2.5	Interação social.....	73
2.5.1	Uso do Espaço como Linguagem para Comportamento.....	74
2.5.1.1	Privacidade.....	74
2.5.1.2	Territorialidade	75
3	ESTUDO DE CASO	78

3.1	Características físicas	78
3.1.1	As Cidades	78
3.1.2	Os Conjuntos Habitacionais	80
3.1.3	As Moradias	91
3.3.3.1	Os projetos arquitetônicos	91
3.1.3.2	A intenção projetual	96
3.2	Características comportamentais	109
3.2.1	Modos de Vida	109
3.3	Análises comparativas e resultados.....	130
4	CONCLUSÃO	145
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
	APÊNDICE A.....	
	APÊNDICE B.....	
	APÊNDICE C.....	
	APÊNDICE D.....	
	APÊNDICE E.....	
	APÊNDICE F.....	
	APÊNDICE G.....	
	APÊNDICE H.....	
	APÊNDICE I.....	
	APÊNDICE J.....	

1 INTRODUÇÃO

1.1 O problema

A realidade contemporânea da habitação popular acessível no Brasil enfrenta problemas de ordem qualitativa do uso do espaço no que compreende a moradia para todos. Estas dificuldades afetam a qualidade de vida das pessoas, mesmo havendo parâmetros legais e normativos específicos e corpo técnico habilitado para projeção.

Algumas abordagens foram feitas relativas a esse problema. PEREIRA (2007) complementa:

Pode-se verificar que a questão da qualidade na habitação quanto à condição de uso, independe da condição física do usuário, vai muito além do dimensionamento dos ambientes ou da articulação espacial da casa. Implica também na forma de ocupação presumida, assim como na definição e disposição criteriosa dos equipamentos e dispositivos de controle envolvidos nesta. (PEREIRA, 2007, p.115, grifo nosso)

Associado à qualidade do uso do espaço habitacional faz-se necessário discutir a forma de apropriação do lugar, ou seja, o modo no qual o morador se torna o “agente do espaço”, como fundamenta SZCUS (2005). O modo de vida das famílias e o comportamento do morador no âmbito da habitação, quando desconsiderados, resultam em espaços de vivência calcados em números – *limitações quantitativas de habitações* –, padronizações arbitrárias – *tipologias que estigmatizam as habitações e usuários* – e disfunções nas relações familiares.

Segundo PENZIM (2001), quando se insere a moradia no cenário da cidade contemporânea os vários modos de vida e estilo vão se processando e o espaço tem-se transformado ao longo desse tempo. Segundo a autora:

Simultaneamente produtora e objeto de incessantes mutações que atingem todos os campos da existência humana, a vida nas cidades impõe aos seus habitantes o permanente desafio de um viver cotidiano cada vez mais peculiar. Assim, a cidade se faz espaço e cenário da construção de múltiplas possibilidades e seu estudo remete à reflexão sobre os sujeitos sociais que, em sua heterogeneidade e através de suas vivências

individuais e coletivas, vão revelando os modos de vida que, tal como tramas, mantêm-se ali em permanente urdidura. (PENZIM, 2001, p. 3)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, garante que *toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação...* (artigo XXV, item 1). As novas unidades habitacionais deveriam atender à camada de baixa renda ao longo do ciclo de sua vida suprindo as necessidades de cada indivíduo, sem conflito com o modo de apropriação dos demais usuários. Porém, verifica-se que a grande maioria dos conjuntos habitacionais projetados para abrigar classes economicamente menos favorecidas não tem incluído a acessibilidade como requisito mínimo de projeto.(SANTOS, 1997).

Neste sentido, esta pesquisa buscou abordar as condições físico-espaciais e comportamentais relacionados ao modo de vida das pessoas nos espaços das moradias projetadas para acessibilidade e não projetadas para acessibilidade (convencionais). Assim, considera-se que para que haja acessibilidade o indivíduo possa interagir com pessoas e meio físico a fim de desenvolver suas atividades com poder de escolha. Não basta que, os parâmetros mínimos de projetos legais /normativos sejam considerados isoladamente, mas que se incluam as possibilidades de transformação deste lugar ao longo do tempo, como consequência do processo natural da vida de qualquer ser humano e/ou pelas necessidades e desejos individuais e coletivos.

O planejamento da disposição dos espaços, instalações e mobiliário no ambiente para ser acessível, deve ser condizente com a história e anseio das famílias. O histórico de onde esta pessoa vem, o que elas trazem e como vivem geram elementos que devam ser o ponto de partida para a criação de projetos inclusivos. Mesmo que a acessibilidade possa estar sendo normativamente cumprida, se não houver considerações acerca dos aspectos de condições de uso, imprevisibilidade do ser humano e mudanças em algum momento, o espaço tende a não atender às pessoas com deficiência ou seus familiares.

As problemáticas relacionadas às habitações populares no país, de um modo geral, são traduzidas em função principalmente do déficit habitacional e qualidade construtiva das habitações. Segundo PALHARES (2002), quando se questiona a qualidade de vida da população de baixa renda geralmente se associa este quesito aos critérios técnicos – construtivos e urbanísticos. No entanto, deve-se ponderar uma análise mais ampla ao se considerar o nível de satisfação de seus moradores. (PALHARES, 2002, p.5)

1.2 A investigação

1.2.1 Hipóteses

Essa pesquisa parte da hipótese de que o modo de vida dos moradores revela a eficácia do padrão mínimo determinado pela Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais (COHAB-MG).

Outras conjecturas se sucedem:

1. A forma de apropriação familiar em uma casa acessível gera acessibilidade para a pessoa com deficiência.
2. A universalização do uso do espaço acessível projetado para a moradia popular, considerando o modo de vida do morador com ou sem deficiência aparente, gera qualidade de uso na habitação.
3. A habitação acessível, caracterizada por maior área construída, implica em um número maior de pessoas que coabitam e em maior número de barreiras físicas.

1.2.2 Questão Central

Como o modelo de habitação popular em Minas Gerais especialmente preparado para acessibilidade altera o modo de vida de seus moradores e vizinhança em relação ao padrão convencional de casa mínima?

1.2.3 Questões Secundárias

Nesta investigação cabem algumas perguntas secundárias que devem ser ponderadas:

1. Quais são as diferenças entre o perfil previsto para moradores de casas projetadas para a acessibilidade e o que efetivamente se constata?
2. Qual é o modo de vida de moradores de casas projetadas para a acessibilidade?
3. Qual é o modo de vida de moradores de casas convencionais numa mesma comunidade?
4. Quais são os fatores que podem transformar moradias especialmente projetadas para acessibilidade em espaços inacessíveis aos moradores?
5. Como o projeto especial para acessibilidade da moradia popular pode refletir os princípios do desenho universal?
6. Como as moradias especialmente projetadas para acessibilidade são percebidas em relação às moradias convencionais pelos moradores e vizinhos do conjunto habitacional?

1.2.4 Objetivo geral

Esta pesquisa tem por objetivo principal investigar a relação entre o modo de vida das famílias em moradias de interesse social e as diretrizes de projeto de acessibilidade em assentamentos, de acordo com a Lei Estadual nº17.248/07¹.

1.2.5 Objetivos Específicos

São os objetivos específicos secundários:

1. Verificar como a habitação especialmente projetada para a acessibilidade pode influenciar o parâmetro do modo de vida numa moradia para todos.
2. Fazer análise comparativa das habitações projetadas para serem acessíveis e habitações convencionais sem projeto de acessibilidade, à luz do paradigma da interação social.

Entende-se como acessibilidade, o processo da prática do *design* inclusivo que propicia autonomia e desempenho com independência a todos os usuários (GUIMARAES, 1991). O Decreto Federal nº 5296, de 2 de dezembro de 2004, em seu Capítulo III – art. 8º, §1º, define a acessibilidade como condição:

Acessibilidade é a condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou mobilidade reduzida (BRASIL, 2004).

O termo “parâmetro do modo de vida” pode ser definido como meios de utilização dos espaços por todos os usuários com funcionalidade, bem como a satisfação dos mesmos.

O “paradigma da interação social” determina que as interações sejam necessárias para sustentar as relações humanas as quais são as bases para a satisfação das

¹ Lei sancionada pelo Governador do Estado em 27 de dezembro de 2007, que destina às pessoas com deficiência 12% das moradias dos novos conjuntos habitacionais populares.

necessidades humanas de filiação e de pertence. Além disso, promove o crescimento individual porque sugere novas possibilidades de comportamento. Segundo LANG (1987), a interação social refere-se à comunicação dos indivíduos através da fala, sons e de contatos, que podem ser manifestados sob diversas formas de comportamento humano e de atitudes em relação ao meio.

1.2.6 Relevância

Está em curso no Brasil e no mundo, um processo de transição demográfica cujas consequências são percebidas com mais intensidade no número crescente de indivíduos, na redução do tamanho das famílias, em uma maior diversificação dos arranjos sociais dentro delas e no aumento da longevidade. De acordo com pesquisas do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e do Núcleo de Assuntos Estratégicos (NAE) da Presidência da República, a transformação da camada populacional no país indica que idosos cuidam de crianças na ausência dos pais e que os filhos estão saindo cada vez mais tarde de casa. Segundo BRANDÃO e HEINECK (2007), a diversificação “do morar” é decorrente de novas configurações familiares como a mudança de perfil do papel da mulher e a tendência do trabalho em casa, assim como novas tecnologias existentes.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2000) confirmam que 14,5% da população brasileira tem algum tipo de deficiência e que metade deste percentual vive nas camadas mais desfavorecidas da sociedade brasileira. O IBGE ainda aponta que, em 2000, o Brasil possuía 8,5% de idosos, o que representa 14 milhões de pessoas. Estima-se que, em 2025, 15% da população brasileira terá idade superior a 60 anos. Outro dado relevante é de que 75% dos idosos são considerados pobres. Por último, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), 5% a 10% da população com mais de 60 anos sofre acidentes domésticos.

Considera-se que todas as pessoas podem se situar na classificação de mobilidade reduzida em alguma circunstância da vida, (OSTROFF, 2001) como no período de gestação da mulher, nas limitações que a infância e a obesidade geram, em algum problema temporário ou permanente, seja ele físico, visual, ou de outra natureza.

Essa deverá ser a base para iniciativas da administração pública que garantam o mínimo de usabilidade ambiental com autonomia e segurança.

Segundo Adolph Ratska², “sociedade inclusiva” é uma sociedade acessível para todos, sem distinção, e que estimule a participação social. Esta participação está associada às exigências de direitos, aos questionamentos das regras e à busca da aplicação de práticas inclusivas. É voltada para prover aos indivíduos condições de logística e infraestrutura para que todos possam se instrumentar por recursos ambientais. Segundo GUIMARÃES³, a sociedade inclusiva está relacionada à mudança do sistema de organização e de operação das estruturas sociais para adquirirem uma forma mais flexível, garantindo a igualdade de oportunidades.

A partir do exposto, pode-se dizer que a transformação da sociedade vem demandando outros conceitos e temas contemporâneos relacionados à habitação para todos. A COHAB-MG se destacou como a pioneira no cumprimento da Lei Estadual, que delimita percentual de número de moradias populares as às pessoas com deficiência voltada para a acessibilidade e deste modo, oferece todas as condições de avaliação pós-ocupação. Contudo, esta Lei Estadual, ao firmar percentuais mínimos para o número de unidades acessíveis, desconsidera o conceito de que devam ser garantidas iguais oportunidades para todos os futuros moradores do complexo habitacional.

1.2.7 Delimitação da Pesquisa

Esta pesquisa é delimitada às moradias de conjuntos habitacionais de Minas Gerais pioneiros na articulação da produção de casas populares com acessibilidade ambiental. Desse modo, a COHAB-MG tem desenvolvido programas específicos para tal fim em 27 cidades do interior do estado com 47 unidades de moradia.

² Presidente do Centro de Vida Independente da Suécia. Participou no I Seminário Internacional Sociedade Inclusiva em Belo Horizonte, 1999, pela PUC Minas. O texto está disponível em <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/historicoEUR.php>

³ Ver em <http://www.adaptse.org>. Visitado em 2011: <https://sites.google.com/a/adaptse.org/www/14210>

As cidades foram selecionadas, em função de viabilidade financeira de despesas com viagens nesta pesquisa, por estarem nas menores distâncias de Belo Horizonte e se localizarem na região Centro-Oeste e Sul do Estado. Totalizam nove municípios, a saber:

- São João Del Rei
- Bom Sucesso
- Lavras
- Santana da Vargem
- Machado
- Areado
- Guaxupé
- Pratápolis⁴
- São Sebastião do Paraíso

O período compreendido de desenvolvimento do trabalho foi de 30 meses, mais precisamente: de Março de 2009 a Julho de 2011. Trata-se do tempo em que a maior parte das famílias estaria na fase de apropriação do uso do espaço, isto é, no período em que já haviam se mudado para as moradias e já manifestavam relações de identidade e interatividade com o ambiente e com as pessoas do conjunto habitacional.

Um segundo critério para definição das moradias deu-se a partir do modelo de estruturação dos programas habitacionais da COHAB-MG. Na organização da empresa de sociedade de economia mista existem dois programas habitacionais: Lares: Habitação Popular (PLHP) e Lares: Segurança Pública (PLSP). O primeiro, tratado aqui, visa atender à construção de conjuntos habitacionais e o acesso à casa

⁴ Inicialmente a oitava cidade a ser delimitada foi Jacuí. Contudo, houve a necessidade de mudança de estratégia durante a viagem de visitas em campo, em virtude de horário de deslocamentos (Horários previstos do transporte viário) e tempo de realização da pesquisa.

própria. O segundo, o PLSP, é voltado para o atendimento das polícias militares, civis e corpo de bombeiro militar. (Ver QUADRO 1, parte 1; QUADRO 1, parte 2)

No caso do Programa PLHP, o público alvo deverá ter renda de 1 (um) até 3 (três) salários mínimos. Ainda será necessário atender outros requisitos, caso seja selecionado pelo município. São eles:

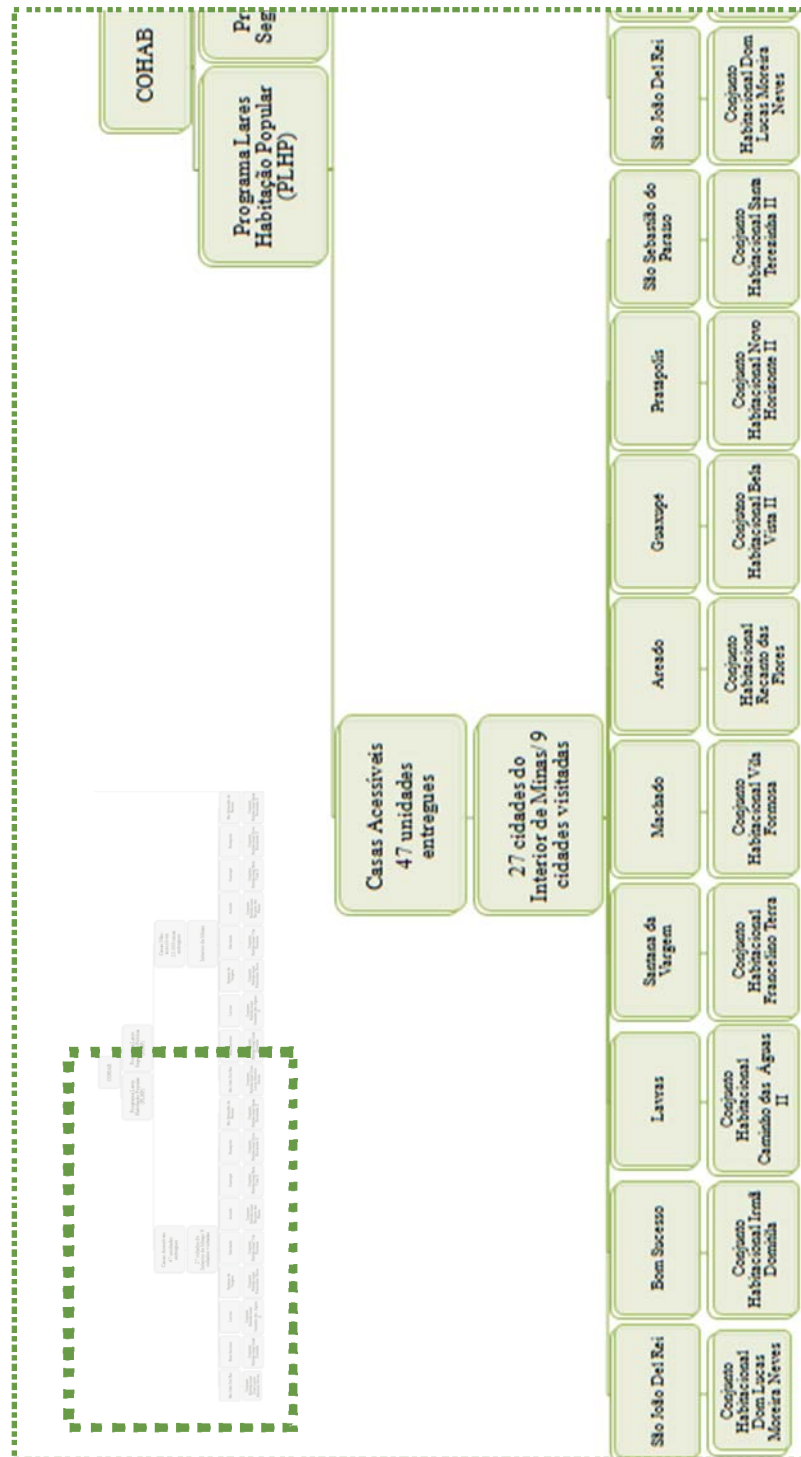
1. Morar ou trabalhar no município conveniado há 1 (um) ano ou mais;
2. Não ter restrição cadastral no Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), Centralizadora dos Serviços dos Bancos S/A (nova razão social de: Serviços de Assessoria SA/-SERASA) e Cadastro Nacional dos Mutuários (CADMUT);
3. Ter renda compatível com o valor do imóvel, no caso de financiamento;
4. Estar devidamente inscrito e cadastrado na sua prefeitura;
5. Não ser promitente comprador de imóvel residencial através do sistema financeiro de habitação em qualquer município do país ou proprietário de imóvel residencial no município em que o candidato vai concorrer a uma casa dentro do PLHP;
6. Obter o prazo do financiamento mais a idade do candidato sem que esse ultrapasse 80 anos e seis meses.

A partir da seleção das cidades, do programa habitacional e conhecimento dos requisitos mínimos definidos pela COHAB-MG, foi possível planejar qual a metodologia seria utilizada para que validasse na pesquisa uma análise comparativa das casas especialmente projetadas para serem acessíveis e das casas não projetadas para acessibilidade sem exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT 9050-2004) nos nove conjuntos habitacionais. Àquelas são denominadas de “Casas Especiais” pela COHAB-MG, tecnicamente chamadas de MG-88-I-2-51⁵ e foram projetadas com foco à pessoa usuária de cadeira de rodas. As demais casas do *Programa Lares: Habitação Popular* são padronizadas através

⁵ Casa MG-88-I2-51: 88 Significado: (Número de ordem - Quantos projetos foram feitos até chegar neste modelo); I (Casa isolada); 2 (Dois quartos); 51 (área da casa projetada para acessibilidade).

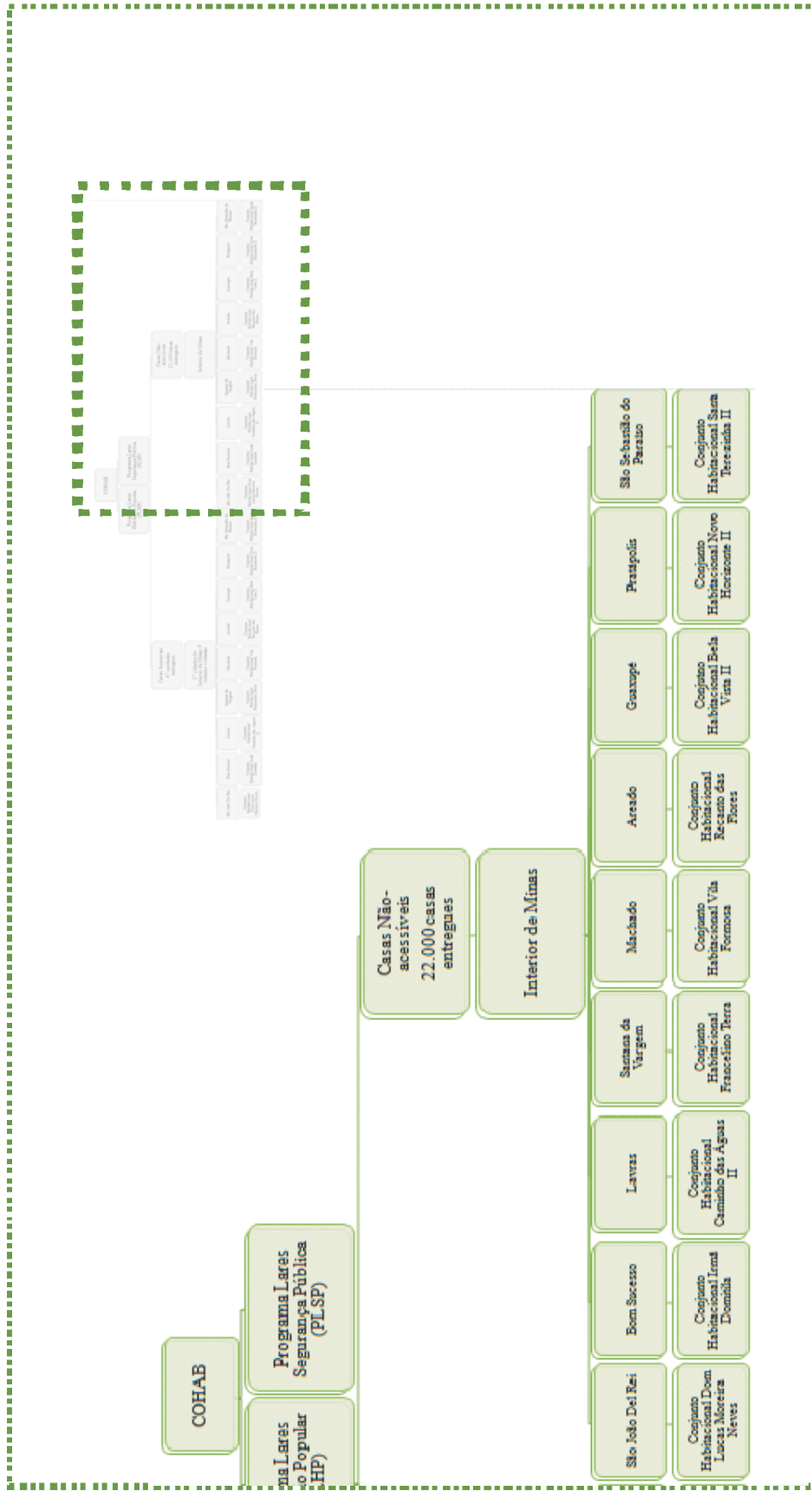
do modelo MG-80-I-2-36⁶. As habitações em estudo são horizontais, construídas a partir do ano de 2007.

QUADRO 1, Parte 1- Organograma de delimitação da pesquisa.



⁶ Casa MG-80-I2-36 : Significado: 80 (Número de ordem - Quantos projetos foram feitos até chegar neste modelo); I (Casa isolada); 2 (Dois quartos); 36 (área da casa sem os parâmetros mínimos de acessibilidade).

QUADRO 1 - Parte 2- Organograma de delimitação da pesquisa.



1.3 Descrição dos procedimentos metodológicos

1.3.1 Estratégias de Pesquisa

Algumas estratégias foram levantadas a fim de se obter dados do ambiente físico e das formas de moradia assim como da percepção das pessoas nestes lugares. (QUADRO 2)

Estratégia 1 - Revisão teórica: Todo o levantamento teórico decorreu de assuntos correlatos à questão da habitação popular acessível, de modo abranger uma diversidade de temas específicos, perpassando nas áreas de Arquitetura, Urbanismo, Desenho universal e Comportamento.

Estratégia 2 – Coleta de dados: Neste momento, a fim de que obtivesse informações, materiais técnicos, imagens e documentos tanto de moradores, quanto da gerência de projetos da COHAB-MG, foi necessário criar quatro etapas para estruturar a coleta destes dados.

Etapa 1: A COHAB-MG, foi contatada, via assessoria de comunicação social e concedeu informações sobre número de moradias e cidades contempladas com os conjuntos habitacionais objetos de pesquisa. A partir desta triagem, foi feito o mapeamento dos locais e estudo de viabilidade físico- financeira da pesquisa, base da amostragem, para posterior início de visitas a campo.

QUADRO 2 - Quadro indicativo de estratégias e ações de pesquisa.

Estratégias	Ações
1. Revisão Teórica	Levantamento teórico relacionado à Habitação popular acessível, Arquitetura, Urbanismo, Desenho Uniiversal e Comportamento
2. Coleta de dados	1. Etapa 1 : Contato via assessoria de Comunicação social que concedeu informações iniciais ; Mapeamento de locais; Estudo de viabilidade físico - financeira da pesquisa
	2. Etapa 2 : Visitas a campo
	3. Etapa 3 : Entrevista com técnicos da COHAB-MG e coleta de material gráfico
	4. Etapa 4 : Entrevista com moradores
3. Análise de dados	Análise comparativa de dados de entrevistas por meio de gráficos

A definição da amostragem foi obtida pelo número necessário de entrevistas de uma pesquisa para tornarem os resultados mais confiáveis e seguros.

Com referência aos dados fornecidos pela COHAB-MG em 2010, existem ao todo, 47 imóveis construídos em conformidade com os requisitos de acessibilidade da ABNT e 22.000 imóveis não acessíveis entregues pelo Programa Lares Habitação Popular (PLHP) em todo o Estado. A princípio, foi definida uma média de 20 habitações que tem previsão de acessibilidade e 20 habitações onde a acessibilidade não foi considerada, correspondentes às nove cidades do Estado. O motivo desta escolha foi priorizar uma porcentagem máxima de moradias dentro do limite do prazo disponível para realização desta pesquisa. Assim, foi previsto que de 45% do total de casas projetadas para acessibilidade seriam percorridas. Porém, na prática, esta margem foi reduzida para 15 habitações por tipologia (75% da meta) resultando em 30 unidades no total de estudo (QUADRO 3).

QUADRO 3 - Quadro indicativo de número de casas previstas para visitas e visitadas nas cidades.

Cidades	Previsão de casas projetadas para acessibilidade	Previsão de casas não projetadas para acessibilidade visitáveis	Total de casas projetadas para acessibilidade visitadas	Total de casas não projetadas para acessibilidade visitadas
1. São João Del Rei	5	5	3	3
2. Bom Sucesso	2	2	2	2
3. Lavras	1	1	1	1
4. Machado	1	1	1	1
5. Areado	1	1	1	1
6. Santana da Vargem	1	1	1	1
7. Guaxupé	4	4	2	2
8. São Sebastião do Paraíso	3	3	2	2
9. Pratápolis	2	2	2	2
TOTAL DE CASAS	20	20	15	15

Esta desconformidade ocorreu devido a alguns motivos como no caso de famílias que ainda não se mudaram; em considerar o espaço ainda inadequado; ausência de

morador na casa por dois dias consecutivos de visita; por ausência de morador maior de idade nas tentativas de entrevistas e recusa da menor participante; e por fim, por receio de ficar longo tempo no conjunto pela descrição de histórico de violência do lugar definido por taxista e alguns moradores.

Etapa 2: Visitas a campo. Nesta etapa houve observação *in loco* dos modos de vida e dos aspectos físicos – espaciais do conjunto e das moradias ainda de modo incipiente, sem entrevistas diretas. Este primeiro contato, aconteceu em três cidades (São João Del Rei, Bom Sucesso e Lavras), também com intuito verificar como as pessoas reagiriam quanto à receptividade da execução deste trabalho. Na observação em campo, foi relevante atentar para a relação usuário – ambiente e a forma de apropriação do lugar onde habitam. Fizeram parte desta etapa os registros fotográficos, croquis e anotações por meio um Roteiro para Observações de Campo (APÊNDICE A).

Na oportunidade, foi feito contato presencial nas agências COHAB de São João Del Rei e Lavras a fim de se conhecer o funcionamento da empresa e localização dos conjuntos e casas na cidade além da identidade dos moradores das casas projetadas para acessibilidade.

Etapa 3: Entrevistas com técnicos da COHAB-MG e coleta de material gráfico. Com o objetivo de complementar as informações e obter cópia dos projetos arquitetônicos e urbanísticos dos locais da pesquisa de campo, foi feita uma solicitação de agendamento de visita à sede da COHAB-MG⁷ (APÊNDICE B). Em um primeiro momento, entrevistas foram feitas com os técnicos de Arquitetura (APÊNDICE C) e Assistência Social (APÊNDICE D). Posteriormente, o material gráfico com projetos em arquivos digitais foi gentilmente enviado por e-mail pela gerência de projetos (APÊNDICE E).

As entrevistas tinham o caráter de percepção das intenções do projeto e como funcionam os aspectos específicos da empresa, prefeituras, papel dos usuários e

⁷ Localização da sede: Edifício Gerais, 14º andar, Cidade Administrativa, Rodovia Professor Américo Gianetti s/n. Belo Horizonte-MG.

critérios de seleção dos mesmos⁸. A partir disto, o trabalho teve uma dimensão maior pelas referências projetuais e conceituais concedidas a serem corroboradas ou não em campo.

Etapa 4: Entrevista com moradores. O intuito desta etapa foi fazer o registro catalogado através de guia de Entrevista Qualitativa de Avaliação Pós-ocupação incluindo moradores (APÊNDICE F) e líder comunitário⁹ (APÊNDICE G). Nesse sentido pretendeu-se como investigar a experiência do usuário que viveu ou vive situações de deficiência por mobilidade reduzida e de seus familiares verificando as reais dificuldades no ambiente. Todos os moradores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação como voluntário da pesquisa (APÊNDICE H).

Estratégia 3 – Análise de dados: Com dados e informações necessárias fez-se uma análise comparativa, ou seja, leitura sobre o conteúdo dos dados mediante a catalogação de respostas de entrevistas e impressões de registros fotográficos entre casas especialmente projetadas para ser acessíveis e casas com projeto convencional sem exigências da ABNT 9050-2004, com referência ao nível de satisfação de seus usuários. A partir daí, foi possível verificar através de gráficos se o modelo das casas projetadas para ser acessíveis condiz com o modo de vida da família e não unicamente da pessoa com deficiência e se este modelo pode ser considerado o mais adequado para quaisquer famílias, independente de classificação do usuário (APÊNDICE I).

⁸ Segundo a Assistente Social técnica Jouly Mayrink Magalhães da COHAB-MG em entrevista feita na sede da COHAB- MG em Belo Horizonte em 12/01/2011, os critérios de seleção das pessoas residentes são: estarem dentro da margem de renda; dar preferência à famílias, apesar do processo ser aberto; critérios de pontuação de acordo com a necessidade; número de dependentes (maior número de integrantes na família) e se é idoso tem condição de preferência à necessidades especial.

⁹ Apenas a cidade de Areado possui líder comunitário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sustentabilidade na moradia

Para MCDONOUGH e BRAUNGART (2002), os pilares da sustentabilidade são: “equidade”, “economia” e “ecologia”. Primariamente, o tema Sustentabilidade na Moradia remete-se à expressão ecológica. Geralmente fazem parte deste conceito princípios relacionados ao reaproveitamento de materiais, preservação e equilíbrio energético. Contudo, fatores sociais e econômicos, devem ser compartilhados e a habitação popular traduz essa junção de técnica, redução de gastos e acessibilidade com igualdade social dentro de uma sociedade inclusiva.

O termo “desenvolvimento sustentável” surge no cenário de discussão, como resposta aos tempos de crescimento e descontrole socioeconômico e ambiental. No ano de 1987, foi redigido o Relatório Brundtland (1987) que apresenta a seguinte definição de desenvolvimento sustentável: *o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades* (WCED, 1991:43).

A discussão que esse relatório sobre sustentabilidade, também conhecido como “Nosso Futuro Comum,” evidencia três pilares do desenvolvimento que são a equidade social, a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico. (FIG. 1)

A agenda 21 (1992), na mesma linha mestra do Relatório Brundtland, aborda que o objetivo do desenvolvimento sustentável nos assentamentos humanos é de melhoria da qualidade social, econômica e ambiental nos mesmos, das condições de vida e de trabalho para as pessoas de forma cooperada, conforme a seguir:

Essas melhorias deverão basear-se em atividades de cooperação técnica, na cooperação entre os setores público, privado e comunitário, e na participação, no processo de tomada de decisões, de grupos da comunidade e de grupos com interesses específicos, como mulheres, populações indígenas, idosos e pessoas com deficiência. (AGENDA 21,1992)

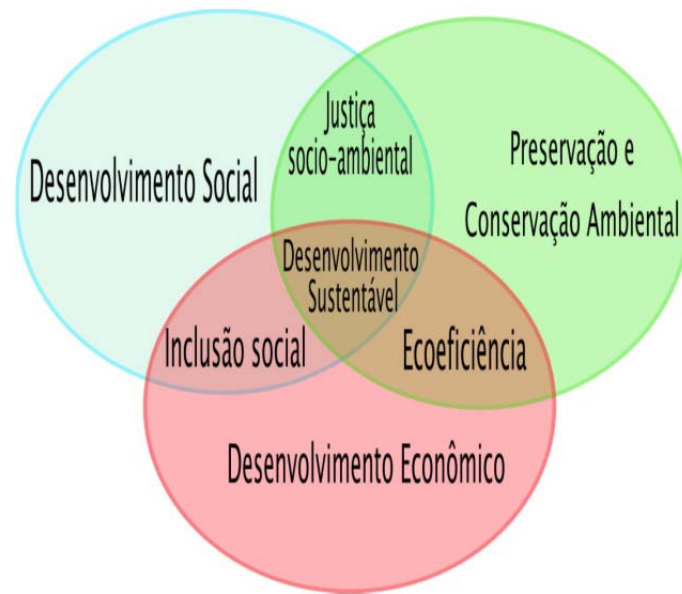


Figura 1- Desenho esquemático relacionando parâmetros para se alcançar o desenvolvimento sustentável.

Fonte: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed04/4ed_O_Desafio_Do_Developmento_Sustentavel_Gisele.pdf

Isso demonstra que aspectos como os culturais e políticos passaram a ser igualmente considerados, através dos anseios culturais de uma população e da participação ativa nas decisões que lhe dizem respeito. (SATTLER, 2007).

SACHS (2007), tem como pressuposto a definição de cinco dimensões da sustentabilidade que serão descritas abaixo, porém somente as três primeiras tem relação aos princípios deste trabalho:

1. Sustentabilidade Social: à redução das desigualdades sociais e consideração das necessidades materiais e não materiais. Nesta pesquisa, foram levantados aspectos direcionados à demanda familiar referentes às necessidades, a fim de reduzir possíveis diferenças que possam existir. Neste sentido, houve investigação sobre o impacto do padrão de moradia popular como as diferentes tipologias e da desconformidade entre a intenção projetual e a realidade das famílias. Na visita em campo, foi possível verificar espaços específicos não existentes e necessários para tarefas comuns ao grupo e alguns condicionantes que interferem no modo de vida das pessoas, considerando seus anseios e necessidades de modo equiparável.

2. Sustentabilidade espacial/geográfica: evitar a excessiva concentração geográfica de populações. Equilíbrio cidade/campo. Em menor escala, a questão geográfica tem relação com as distâncias a percorrer e proximidades de serviços e comércios. Afinal, para implantar casas para pessoas com deficiências em áreas marginais, presume-se que o sistema esteja coberto por percursos acessíveis e disponibilidade de atendimento a serviço, lazer e comércio.
3. Sustentabilidade cultural: soluções adaptadas às especificidades de cada ecossistema, de cada cultura e cada local. Este tópico revela a consonância que deve haver entre as especificidades humanas e o espaço construído, sendo que de acordo com o modo de vida dos moradores e da bagagem cultural deles, em muitos casos trabalhadores da colheita ou “panha” de café oriundos da zona rural, novas medidas devem ser permitidas acontecer. A localização periférica do conjunto na cidade, limítrofe de área rural, favorece que haja, por exemplo, o reaproveitamento de lenha para cozinhar. Assim, deve-se conscientizar a população tanto no que se refere à preservação do meio ambiente quanto prever condições flexíveis para adaptação do espaço para tal finalidade na moradia.
4. A Sustentabilidade econômica: está relacionada ao aumento da produção e da riqueza social sem dependência externa, através da alocação e gestão mais eficientes dos recursos e por um fluxo regular de investimentos públicos e privados.
5. A Sustentabilidade ecológica: uso dos recursos naturais com o mínimo de deterioração preservando as fontes de recursos naturais e energéticos.

MOURÃO e PEDRO (2005) ordenam alguns princípios da sustentabilidade para habitação, a saber:

1. Ocupação racional do solo
2. Eficiência e autonomia energética
3. Gestão do ciclo hidrológico
4. Gestão de resíduos e materiais

5. Adequação aos modos de habitar
6. Condições de conforto e saúde
7. Apropriação e participação
8. Modulação e flexibilização

Concomitantemente à abordagem dos aspectos dimensionais da sustentabilidade abordados por SACHS (2007), esta pesquisa tratou em sua análise mais precisamente dos princípios de adequação aos modos de habitar, apropriação e conforto apontadas por MOURÃO e PEDRO (2005) relacionados às formas de morar corroboradas em campo.

Nesta pesquisa, foi considerada a forma de ocupação e modos de vida dos moradores no espaço da habitação a fim de se fazer uma análise da proposta projetual e apropriação do espaço. Desse modo, verificou-se que pelos diferentes modos de habitar o projeto deveria ser readequado para que não oferecesse comprometimento de atividades cotidianas das famílias.

2.1.1 Sustentabilidade Social

Por uma estratégia de foco, esta pesquisa vai ater-se aos parâmetros sociais da sustentabilidade, que contempla a equiparação de oportunidades e o modo de vida das famílias e suas relações comportamentais nas casas projetadas para acessibilidade, a fim de se fazer um paralelo com as demais moradias. Isso não desvincula os demais pilares da sustentabilidade definidos no relatório “Nosso Futuro Comum”, que deverão ser considerados como um sistema e não como tentativas reducionistas do problema.

A sustentabilidade está intimamente correlacionada ao bem estar e ao papel do ser e da sociedade, a fim de se alcançar a estabilidade social.

Segundo MOURÃO e PEDRO (2005):

Uma habitação ambientalmente sustentável deve adequar-se aos modos de habitar dos moradores, evitando a sua insatisfação que pode motivar a realização de alterações não previstas ou, no limite, a rejeição. (MOURÃO E PEDRO, 2006)

São princípios da sustentabilidade social:

a garantia da auto-determinação e dos direitos humanos dos cidadãos; a garantia de segurança e justiça através de um sistema judicial fidedigno e independente; a luta constante pela melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, que não deve ser reduzida ao bem-estar material; a promoção da igualdade de oportunidades; a inclusão dos cidadãos nos processos de decisão social, a promoção da autonomia da solidariedade e da capacidade de auto-ajuda dos cidadãos; a garantia de meios de proteção social fundamentais para os indivíduos mais necessitados. (fonte: http://www.consumoresponsavel.com/wpcontent/rncr_fichas/RNCR_Ficha_C.pdf)

2.1.1.1 Sociedade Inclusiva

No título I, artigo 3º da Constituição brasileira, são traçados os objetivos da República do Brasil, os quais determinam ao Estado a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, a garantia o desenvolvimento nacional; a erradicação da pobreza e a marginalização e redução as desigualdades sociais e regionais, a promoção do bem estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (CONSTITUIÇÃO, 1988)

O desenvolvimento sustentável deve atuar como uma rede de reciprocidade. Assim, a sociedade inclusiva terá condições de ofertar infraestrutura para que as pessoas possam se instrumentar. Ao fazê-lo, reduzem o grau de dificuldade de acesso e limitações pessoais participando ativamente e promovendo interações sociais, numa base de igualdades e respeito.

A transformação que a sociedade se insere, tem ultrapassado os resquícios da exclusão, através de medidas normativas, legais e de conscientização ao longo dos anos. Porém, algumas ações têm sido feitas de cunho parcial, ou seja, de modo a integrar as pessoas em um contexto disforme. Dessa forma, corrobora-se para que o estigma acentue-se e que as soluções ambientais sejam executadas de modo temporário e de forma adaptada.

Segundo GUIMARÃES (2007):

Numa sociedade inclusiva o cidadão deverá ter respeitadas suas características e habilidades individuais, ter o poder de decisão para se comunicar, transitar, se relacionar de modo equitativo com as pessoas mantendo as mesmas oportunidades, obter benefícios que respeitem suas limitações como direitos fundamentais. (GUIMARAES, 2007)

2.2 Design inclusivo

O termo se origina em *designare*, palavra em *latim*, sendo mais tarde adaptada para o inglês *design* traduzido como desenho, seja ele de ambientes, produtos, gráfico, cênico, de interface, do espaço urbano, estratégico, comunicação, moda, interação, dentre outros.

De acordo com MAGALHÃES (1997), o *design* pode ser compreendido como um processo (planejar, desenvolver, projetar), como o resultado desse processo (instruções, desenho, modelos, protótipos) ou como a solução (produto, serviço ou benefícios gerados por eles para as pessoas).

ARTIGAS (1967) propôs que a tradução da palavra *design* fosse desígnio. Neste caso, o *design* possuiria algo a mais: uma intenção (ou desígnio). GUIMARÃES (2007) pondera que o termo *design* seja melhor empregado do que “desenho” para se referir ao processo de inclusão social. Para ele, *design* significa um resultado de decisões no projeto ao invés do traço fortuito do autor do desenho técnico durante a projeção.

O cerne desta pesquisa baseia-se no desígnio de espaços e ambientes. Neste contexto, o *design* inclusivo favorece o acontecimento de encontros e interações interpessoais no ambiente físico e que englobem as pessoas com suas diferenças.

Para que o espaço possa ser mais bem utilizado, as soluções devem permitir que usuário tivesse autonomia para o desenvolvimento de atividades independente de suas habilidades.

GUIMARÃES (1999), aborda que o *design* inclusivo representa o processo completo de projeto para necessidades de todas as pessoas em uma sociedade inclusiva. Segundo ele:

É resultado da prática o que chamamos de *design* inclusivo, ou seja, o *design* e o planejamento de quem inclui. Esse *design* nada mais é que um conjunto sistêmico de soluções, que permite a compatibilização de diferentes necessidades, permanentes ou temporárias. Pode permitir até independência, mas nem todo mundo vai conseguir ser independente. Haverá um certo nível de limitação de lesão que vai exigir, como disse Adolf Ratska, a utilização de assistentes, atendentes especiais, mas deve-se preservar sempre o poder de decisão. (GUIMARAES, 2009 , disponível em www.mp.mg.gov.br)

TABELA 1 - Tabela de graduação da acessibilidade

Acesso-grau	Nível de acesso	Características ambientais
1	Tolerável	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Acesso restrito ✓ Condições ambientais atendem parcialmente aos fatores de receptividade, atenção e imagem. ✓ Condições ambientais não permitem a movimentação e utilização com autonomia e independência. ✓ Exige certa habilidade de pessoas com pouco comprometimento físico pelo efeito de deficiências na locomoção (usuários de cadeira de rodas).
2	Admissível	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Acesso restrito ✓ Apresenta certas condições de receptividade, atenção e imagem. ✓ Poucas possibilidades de movimentação e utilização com independência e autonomia. ✓ Exige pouca habilidade de usuários de cadeiras de rodas. ✓ Pode atender pessoas com considerável comprometimento físico pelo efeito de deficiências na ambulação (usuários de muletas, bengalas, etc.)
3	Imprescindível	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Condições existentes ou em projeto que propiciam acesso satisfatório. ✓ Apresentam o mínimo de receptividade, atenção, imagem, movimentação e de utilização com independência e autonomia. ✓ Podem atender pessoas com considerável comprometimento físico pelo efeito de deficiências na ambulação e locomoção, mas apresentam restrições às pessoas com deficiências sensoriais.
4	Desejável	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Condições existentes ou em projeto que propiciam acesso satisfatório com condição ampla de receptividade, movimentação, atenção, imagem, e de utilização com independência e autonomia ✓ Podem atender pessoas com considerável comprometimento físico pelo efeito de deficiências visuais, auditivas, na ambulação e na locomoção.
5	Ideal	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Condições existentes ou em projetos que propiciam acesso com condição total de receptividade, atenção, imagem, movimentação e de utilização com independência e autonomia. ✓ Desenho universal¹², atende às necessidades de todas as pessoas, independente da condição física (motora ou sensorial) ou idade, tendo como pressuposto básico a compatibilização das necessidades relativas a diferentes deficiências.

Fonte: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/RAAO84FP4C/1/gerenciamento_para_acessibilidade_ambiental.pdf

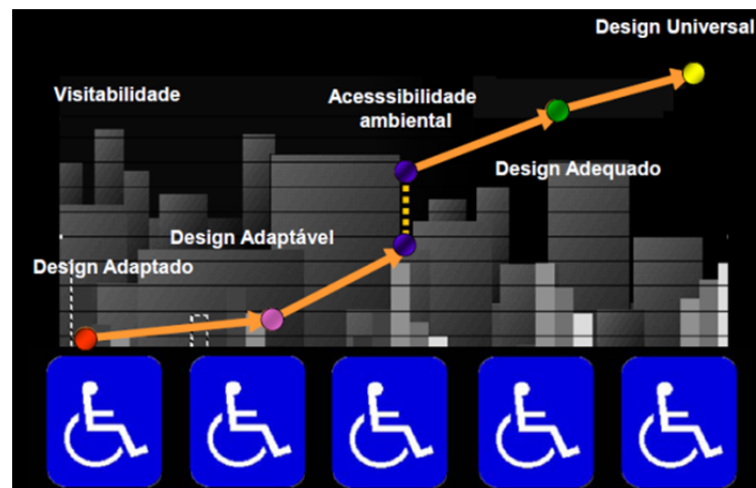


FIGURA 2– Imagem que representa a escala e níveis de acesso nos ambientes.

Fonte: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/RAAO84FP4C/1/gerenciamento_para_acessibilidade_ambiental.pdf.

STEINFELD (1977), questiona que a adoção do *design* inclusivo é a melhor indicação da consciência geral de que há um desajuste entre as habilidades das pessoas e os recursos do ambiente. A partir disso, o desenho do espaço para todos estimula a interação social.

GUIMARÃES (1999) desenvolveu a Tabela de Graduação da Acessibilidade (TAB. 1) que mede o grau de aprimoramento evolutivo das soluções construtivas e de gerenciamento da acessibilidade no meio edificado. Esta tabela foi desenvolvida sob a visão de uma escala com cinco níveis de qualidade do *design* inclusivo. A FIG. 2 ilustra os níveis de acesso rumo ao alcance do Desenho Universal.

2.2.1 Visitabilidade

O termo *Visitability* foi criado em 1986 nos Estados Unidos por Eleanor Smith, uma defensora dos direitos das pessoas com deficiência e criadora do grupo *Concrete Change*.

O conceito de moradia visitável tem a relação com a habilidade de uma pessoa com deficiência de entrar em um lugar, mas não necessariamente viver nele¹⁰.

Segundo MAISEL (2007), Visitabilidade é uma abordagem de *design* acessível, sustentável e viável economicamente que tem como alvo casas unifamiliares.

As três condições básicas a visitabilidade (MAISEL, 2007) são:

- soleira zero de entrada,
- portas que têm 32 polegadas - 81,5 cm- de abertura e
- acesso a pelo menos um banheiro no piso principal.

Estas três características são considerados essenciais para uma pessoa com dificuldades de mobilidade para visitar ou viver em casa, pelo menos temporariamente (TRUESDALE; STEINFELD, 2002).

De acordo com FLEMMING (2008), essas casas permitem às pessoas com limitações visitar amigos, manterem-se na comunidade onde possam criar vínculos e minimizar os problemas relacionados ao isolamento. Ao se considerar os espaços visitáveis, não apenas as residências deverão constar de quesitos de acessibilidade mas também a área urbana de acesso a estas residências pelas vizinhanças.

A norma 9050/04 e o Decreto Federal 5296/2004, ambas ferramentas de aplicação de acessibilidade, não incluem o termo visitabilidade como referência para fornecimento de condições mínimas necessárias de acesso tolerável em residências.

Esta nova estratégia, influenciada pelo Novo Urbanismo¹¹ (com foco também no espaço urbano para livre circulação de pedestres), como princípio socialmente

¹⁰ Ver NASAR; EVANS-COWLEY *apud* ORNSTEIN, 2007.

¹¹ Movimento que teve origem dos anos de 1980 tem como premissa básica a relação de funções mistas entre trabalho e habitação. Segundo a carta do Novo Urbanismo: *Nós defendemos a reestruturação das políticas públicas e práticas desenvolvimentistas que sustentem os seguintes princípios: as vizinhanças devem ser diversificadas em uso e população; as cidades devem ser projetadas para o pedestre como também para o carro; cidades grandes e pequenas devem ser conformadas por espaços públicos fisicamente definidos e universalmente acessíveis e por*

avançado, está sendo reconhecida e foi instrumentalizada pelo Decreto 45.990/2005, da Prefeitura do Estado de São Paulo, que concede o Selo de Habitação Visitável. O parâmetro considerado para se inserir no modelo visitável neste caso é acessibilidade para pelo menos sala, cozinha e um sanitário, a fim de permitir a visita de uma pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (CAMBIAGHI, 2007).

Truesdale e Steinfeld (2002) afirmam que apesar de ser menos do que o ideal de um *design universal* de uma residência, a visitabilidade é realmente um Design Universal praticado através do planejamento da comunidade e do bairro.

A visitabilidade é um importante passo para a vida em uma sociedade inclusiva, porém não deve ser considerada como uma medida acessível isolada. Conforme a escala de acessibilidade com variação de um até cinco (GUIMARÃES, 1999), a qualidade da visitabilidade é apresentada como tolerável, ou seja, classificada como acesso-grau um.

2.2.2 Design Adaptado

Na escala de acessibilidade, o *design* adaptado encontra-se no nível um, que é a referência mínima tolerável de acesso ao ambiente requerendo certa habilidade de pessoas usuárias de cadeira de rodas. Neste caso, o projeto não foi pensado de modo a considerar as características de livre acesso, sendo que pela necessidade, sofreu intervenção posterior a sua execução a fim de tornar-se parcialmente utilizável.

2.2.3 Design Adaptável

Encontra-se no grau dois da escala de acessibilidade e está associado à situação de se colocar ou retirar algum elemento do espaço. Os ajustes implicados, neste caso,

instituições de comunidade; os sítios urbanos devem ser moldados pela arquitetura do edifício e da paisagem, que celebram a história local, o clima, a ecologia, e a prática de edifício. Fonte: <http://www.newurbanism.org/>

não são controlados pelos usuários. Todo este procedimento é “especial”. Possui poucas possibilidades de utilização com independência e autonomia.

2.2.4 Design adequado

Design adequado mantém a ideia original com todas as possíveis alternativas para uso de pessoas com necessidades incomuns sendo que o emprego de diferentes soluções implica em se adotar ajustes ambientais facilmente controláveis pelos usuários. Compreende condições do nível quatro da escala de acessibilidade.

2.2.5 Acessibilidade Ambiental

Segundo a NBR 9050/04, acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos (ABNT, 2004).

No ano 2000, duas Leis Federais são publicadas para assegurar a acessibilidade. A lei nº 10.098/00 estabelece critérios para acesso a edificações públicas ou de uso coletivo, nas edificações de uso privado, nos sistemas de comunicação e sinalização. A Lei nº 10.048/00 prioriza o atendimento das pessoas com deficiência e da acessibilidade no transporte. Em 2004 houve a regulamentação das Leis Federais com a publicação do decreto nº 5296/04 que define a aplicação da acessibilidade na condição de uso além do espaço urbano e edificado, mas também a serviços de transportes, meios de comunicação e informação.

O autor FILHO (2010) defende que a acessibilidade no sentido mais amplo vem sendo empregado há anos em informática para indicar uma interface homem-máquina mais amigável, em termos de usuário.

Segundo GUIMARÃES (1999) a acessibilidade ambiental é condição e processo simultaneamente. Ao considerarmos a acessibilidade enquanto processo, passamos a entendê-la de modo mais significativo e relacionado com a melhoria do ambiente edificado como um todo. De acordo com o autor:

Acessibilidade ambiental é processo da prática do *design* inclusivo que propicia a autonomia e o desempenho com independência a todos os usuários inclusive os que vivenciam efeitos de uma deficiência física permanente ou temporária. (GUIMARÃES, 1999)

A acessibilidade ambiental relaciona-se à extinção de barreiras arquitetônicas que não permitem que o usuário locomova-se ou atue com autonomia. Conforme a Tabela de Graduação da Acessibilidade (GUIMARÃES, 1999), a Acessibilidade ambiental atinge o nível três de qualidade apresentando-se como imprescindível para acesso a todos.

2.2.6 Design Universal

O Arquiteto americano Ron Mace¹² usou a expressão *Design Universal* pela primeira vez em 1985, como uma forma projetual para o alcance a todas as pessoas, na sua máxima extensão possível, sem estigmatizá-las. Isso significa que o projeto deve fornecer condições de utilização de uma maneira abrangente e não “especial” a um determinado grupo específico. Assim, Design Universal é conceituado como a confecção de produtos e ambientes que podem ser usados por todas as pessoas, na máxima amplitude possível, sem que haja necessidade de adaptações ou *design* especializado. (Center for Universal Design, NCSU, 2008).

O termo Desenho Universal, foi introduzido no Brasil na década de 1990 e resultou na sua aplicação através da Norma Técnica 9050-2004, a qual estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando do projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos às condições de acessibilidade. De acordo com a norma, a definição de Desenho Universal significa aquele que visa atender à maior gama de variações possíveis das características antropométricas e sensoriais da população. (NBR 9050, 2004).

A concepção de espaços, artefatos e produtos é caracterizada no Decreto Federal nº 5296/04 visando atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes

¹² Arquiteto Americano, fundador e diretor do Centro de Design Universal (NCSU). Centro de pesquisa, informação e desenvolvimento tecnológico para avaliar, desenvolver e promover iniciativas que tenha como meta o *design* universal.

características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade (Dec. N° 5.294/04, Art. 8°, Inciso IX).

Com a inclusão do termo desenho universal na NBR 9050/04, o país, avança nas discussões de espaços projetados indiscriminadamente. Porém, a sua aplicação deriva ações parciais e de integração. Seja através da não interpretação de tais normas, seja por soluções não inclusivas inseridas nas mesmas.

PREISSER e OSTROFF (2001) alinham uma definição mais abrangente sobre Design Universal:

O Design universal pretende conceber produtos, equipamentos, interiores, exteriores de edifícios, sistemas de transportes, áreas urbanas, assim como tecnologia da informação, acessível e utilizável por todos, independentemente de gênero, etnia, saúde ou deficiência, ou outros fatores correlatos. (PREISSER e OSTROFF, 2001)

O Centro para o *Design Universal*, sediado no College of *Design* of North Carolina State University (NCSU) nos EUA, através de grupos de arquitetos, designers, engenheiros, desenvolveu princípios do *Design Universal* para guiarem as disciplinas de projeto. Estes sete princípios podem ser aplicados para avaliar os projetos existentes, orientar o processo de concepção e educar tanto *designers* quanto consumidores sobre as características de produtos e ambientes mais utilizáveis (Center for Universal Design – NCSU, 2008), a saber:

1. Uso equitativo: O produto, processo, procedimento ou elemento de uso ambiental é útil e comercializável às pessoas com habilidades diversas.

Diretrizes:

1a. Fornecer os mesmos meios de utilização para todos os usuários: idêntico quando possível, o equivalente quando não é.

1b. Evitar segregar ou estigmatizar qualquer usuário.

1c. Provisões para privacidade, segurança, e segurança devem estar igualmente disponíveis para todos os usuários.

- 1d. Fazer o desenho atraente para todos os usuários.
2. Uso Flexível: O O produto, processo, procedimento ou elemento de uso ambiental acomoda uma ampla variedade de preferências e habilidades individuais.

Diretrizes:

- 2a. Proporcionar a escolha dos métodos de utilização.
- 2b. Facilitar a precisão do usuário.
- 2c. Fornecer adaptabilidade ao ritmo do usuário.
3. Uso simples e intuitivo: Simples e de utilização intuitiva. O uso do produto, processo, procedimento ou elemento de uso ambiental é fácil de compreender, independentemente da experiência do usuário, conhecimentos, habilidades de linguagem, ou nível de concentração corrente.

Diretrizes:

- 3a. Eliminar a complexidade desnecessária.
- 3b. Ser coerente com as expectativas do usuário e intuição.
- 3c. Acomodar uma ampla gama de habilidades de alfabetização e linguagem.
- 3d. Organizar as informações de acordo com sua importância.
- 3e. Fornecer eficaz realimentação em ciclos durante e após a conclusão da tarefa.
4. Informação de fácil percepção: O produto, processo, procedimento ou elemento de uso ambiental comunica de modo eficaz a informação necessária ao usuário, independentemente das condições do ambiente ou habilidades sensoriais do usuário.

Diretrizes:

- 4a. Utilizar modos diferentes (pictórica, verbal, tátil) para a apresentação redundante de informações essenciais.

- 4b. Proporcionar contraste adequado entre as informações essenciais e seus arredores.
 - 4c. Maximizar a "legibilidade" de informações essenciais.
 - 4d. Diferenciar elementos de modo que pode ser descrito (ou seja, torná-lo fácil de dar instruções ou orientações).
 - 4e. Oferecer compatibilidade com uma variedade de técnicas ou dispositivos utilizados por pessoas com limitações sensoriais.
5. Tolerância ao erro: O produto, processo, procedimento ou elemento de uso ambiental minimiza perigos e conseqüências adversas de ações involuntárias ou imprevistas.

Diretrizes:

- 5a. Organizar os elementos para minimizar riscos e erros: os elementos mais utilizados, mais acessível; elementos perigosos eliminados, isolados ou protegidos.
 - 5b. Fornecer alertas de perigos e erros.
 - 5c. Fornecer não possui seguro.
 - 5d. Desencorajar ações inconscientes em tarefas que requerem vigilância.
6. Pouco esforço físico: O produto, processo, procedimento ou elemento de uso ambiental pode ser usado de forma eficiente e confortável e com um mínimo de fadiga.

Diretrizes:

- 6a. Permitir ao usuário manter uma posição corporal neutra.
- 6b. Use forças que operam razoável.
- 6c. Uso razoável de forças para operação de tarefas.
- 6d. Minimizar ações repetitivas.

7. Tamanho e espaço para aproximação e uso: Dimensões apropriadas no espaço para abordagem, alcance, manipulação e uso independentemente do tamanho do usuário, postura ou mobilidade.

Diretrizes:

- 7a. Fornecer uma linha clara de visão para elementos importantes para qualquer usuário sentado ou em pé.
- 7b. Alcance confortável aos componentes para qualquer usuário sentado ou em pé.
- 7c. Acomodar variações no tamanho da mão e punho.
- 7d. Proporcionar um espaço adequado para o uso de dispositivos de apoio ou ajuda pessoal..

A diversidade humana, as mudanças demográficas, tecnológicas e culturais impulsionam a mudança de paradigmas na arquitetura na superação do modelo Homem-padrão¹³. Contudo, na prática, o conceito de Design Universal ainda está considerado longe de sua plenitude. Projetos especiais para determinados grupos, desconsideram a prática do Desenho Universal para os estágios de vida que cada morador, independente de sua habilidade. Além disso, a sua participação na aplicação prática deve ser conjunta e interdisciplinar. Segundo CAMBIAGHI (2007):

A aplicação conjunta e inter-relacionada dos princípios do Desenho Universal é essencial para sua eficácia nas práticas projetuais. Assim, conseqüentemente, as responsabilidades de profissionais da área, administração pública, empresas e do próprio usuário devem ser compartilhadas por ações em diferentes frentes para que o resultado seja global. CAMBIAGHI (2007)

¹³ Modelo matemático de padrão de medidas ideais do corpo humano que também era aplicada na arquitetura ,como exemplo do “O homem Vitruviano” (40 a.C.) de Marcus Vitruvius Pollio e “O Modulor” (1948), de Le Corbusier.

2.3 Habitação popular e acessibilidade

2.3.1 A formação dos Assentamentos Habitacionais no Brasil

Neste capítulo irei abordar certos pontos principais da trajetória de formação de assentamentos, identificando questões envolvendo o tema habitação popular com o intuito de interpretar a realidade contemporânea da acessibilidade na moradia, mais precisamente da COHAB-MG, envolvendo tópicos como estigmatização e interação social.

A urbanização brasileira ao longo do século XVIII, não era caracterizada por intensas atividades comerciais, significativo contingente populacional nas cidades e produção de moradias salubres e de massa. A forma de moradia acontecia em cortiços voltados à produção privada.

Segundo PALHARES (2001), a partir de meados do século XIX, o cenário brasileiro sofre uma transformação e a sociedade passa por uma crise habitacional pela falta de oferta de moradia a preços acessíveis e condições adequadas.

No período da República Velha (1889-1930), as habitações mais comuns eram estalagens, cortiços, habitações operárias, alojamentos, casas de cômodo e cortiço-pátio. Estes tipos de assentamento habitacional estimulavam o adensamento e aplicação de materiais de acabamento de baixa qualidade (PALHARES, 2001).

Os proprietários de imóveis do setor privado através do modo capitalista de produção gerenciavam os aluguéis das moradias condições de habitabilidade eram ínfimas, inexistindo outro canal para financiamento Estatal da casa própria.

Considerando empreendimentos de grande porte para moradia, pode-se citar as poucas vilas operárias que eram casas ofertadas ou alugadas a preço reduzido e boas condições para o proletariado. De acordo com RAGO (1985):

A tendência do Estado e da elite dominante durante e República Velha, sempre foi considerar as vilas operárias como uma iniciativa modelar a ser

estimulada, pois garantia condições dignas de moradia, superando a insalubridade dos cortiços.¹⁴ (RAGO, 1985)

As iniciativas tomadas pelos governos da República Velha, no sentido de produzir habitação ou regulamentar o mercado de locação residencial são praticamente nulas (GAP, 1985). Raras exceções foram construídas pelo poder público no Brasil, dentre elas a Fundação A Casa Operária, criada pelo governo do Estado de Pernambuco com o objetivo de combater o Mocambo, que era um tipo de construção existente nas áreas de mangue de Recife. A Fundação A Casa Popular construía casas modelo e objetivava moldar o morador neste novo padrão de moradia popular a partir dos princípios de higiene, conforto e educação. Dentre as regras específicas imposta aos moradores, destaca-se que as casas não poderiam sofrer intervenções dos moradores, ou seja, não eram passíveis de reformas ou adequações aos modos de vida das famílias.

O período do Estado Novo (1937-1945) é marcado por uma mudança de paradigmas até então existentes relacionado ao modo de morar com estímulo ao financiamento da casa própria. A produção em série e a questão social¹⁵ da habitação foram colocados em discussão e o Estado assume a frente à problemática habitacional.

Extinto o Banco Nacional de Habitação (BNH) a centralização do poder no âmbito Federal começa a reduzir-se compartilhando suas funções com outros agentes como Estados e Municípios. Segundo BOLAFFI (1975):

Mesmo a cobrança das prestações devidas ao BNH é confiada a uma variedade de agentes financeiros, companhias habitacionais, iniciadores sociedades de crédito imobiliário e outras, as quais, além de reterem uma parte dos juros, conservam os recursos financeiros provenientes das prestações recebidas durante um ano, antes de devolverem ao BNH. Isto é suficiente para dar uma ideia da magnitude dos recursos injetados na economia, ou indiretamente nos bancos privados, aos quais as sociedades de crédito são sempre ligadas, ou indiretamente, por meio dos demais agentes. (BOLAFFI, 1975)

¹⁴ Ver RAGO, 1985. *Apud* PALHARES, 2001).

¹⁵ Bonduki relata que o governo populista buscava sensibilizar os trabalhadores com ataque e o peso do aluguel no orçamento familiar e supervalorizava a construção de conjuntos habitacionais.

A partir da década de 1980, a política habitacional no Brasil, apresenta-se com maior abertura à participação popular na tomada de decisões e provimento de outras formas de moradia como a autoconstrução e orçamento participativo, através da autonomia de Estados e municípios. Ainda assim, MARICATO (2007) defende que muito papel foi gasto em torno do conceito de planejamento participativo, sem que a essa produção abundante correspondesse uma prática efetiva de participação social.

No cenário atual, o problema habitacional persiste e seus indícios nos levam a uma perspectiva longínqua na busca de intervenções urbanas integradas. A produção seriada financiada pelo estado através da COHAB-MG, empresa egressa do antigo BNH, apontada nesta pesquisa exemplifica essa realidade: foco de redução do déficit habitacional, associado ao cumprimento das exigências normativas e legais na construção de moradias acessíveis. Contudo, ainda não há participação dos moradores no processo de elaboração de projetos e execução de obras ou mesmo discussão de alternativas construtivas flexíveis, o que tende a ocasionar modificações não previsíveis da edificação.

2.3.1.1 O Conceito de Acessibilidade em Casa Mínima

Após traçado o panorama da questão da habitação no Brasil, é possível fazer um recorte temporal do tema considerando as primeiras discussões sobre habitação mínima e seus desdobramentos até os dias atuais. O objetivo maior é compreender como tem sido tratado o assunto, no sentido de avanço e melhoria das condições de vida da população.

O período modernista, início do século XX, marcado pelo desenvolvimento das cidades e mudanças populacionais e da sociedade, significou uma época de implantações de novos métodos para otimização do espaço baseados no tema de Habitação Mínima¹⁶. Este parâmetro mínimo discutido visava garantias de conforto e habitabilidade necessários aos usuários, redução de custos e teve como referência a arquitetura doméstica de Le Corbusier denominada “Máquina de morar”.

¹⁶ A variação do padrão mínimo considerava entre 12,5 m² e 14,0 m² por pessoa. Le Corbusier chegou a um valor de 14 m² por pessoa, a que chamou de “unidade biológica” ou “célula”.

Essa mudança urbana estimulou a formulação de critérios e normas padronizadas relacionadas à intensificação da produção de massa em série, o combate ao déficit habitacional e a proposição de soluções arquitetônicas para as existentes deficiências sanitárias das casas.

No ano de 1929 em Frankfurt, foi discutido como tema no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) o termo *Existenzminimum*¹⁷. Segundo os participantes desse congresso, a habitação mínima era um instrumento social indispensável para a nova era e, na retórica positivista, incorporava um apelo à precisão científica para superar costumes tradicionais¹⁸.

O modelo original de habitação mínima refletiu suas características em projetos no Brasil até a década de 1960 com o início da atuação do BNH. Neste tempo, as habitações tornaram-se ainda mais reduzidas e desprovidas de qualidade projetual.

Quando se trata de projetos habitacionais populares financiados pelo Estado, o que se percebe ainda são resquícios modernistas, excluindo o usuário de participação nos processos de projeto e execução.

Após a extinção do BNH, em 1986, a questão habitacional passou a ser tratada de forma dispersa em diversos órgãos da estrutura governamental federal. A política habitacional passou a ser redirecionada para programas de aquisição de lote urbanizado, produzido em parceria com Prefeituras ou em mutirão dos próprios moradores. (OSÓRIO, 2007)

O Sistema Financeiro da Habitação (SFH) foi assumido pela Caixa Econômica Federal (CEF) logo após a extinção do BHN. Neste período de transição em que não havia um sistema de gestão forte atuante, o setor habitacional passou por uma crise que contribuiu para a intensificação de construção desordenada no país, resultando em habitações ilegais periféricas.

¹⁷ Célula habitacional mínima com base em requisitos econômicos, biológicos e sociais.

¹⁸ Ver ROWE, 1995, p. 57. *Apud* FOLZ, 2004)

O ano de 1987 foi demarcado o fim do BNH e a Caixa Econômica Federal reduziu o poder do Estado e Municípios. Segundo AZEVEDO (2007):

A CEF terminou, na prática, não só por transferir à iniciativa privada os créditos para a habitação popular, como também diminuiu a capacidade dos Estados e Municípios em disciplinar a questão habitacional. Assim, a transformação das COHABS de agentes promotores em simples órgãos assessores e a obrigatoriedade dos mutuários finais de assumirem os custos totais dos terrenos e da urbanização acarretaram inúmeras consequências negativas no final dos anos 1980. (AZEVEDO , 2007)

De acordo com FARAH (1988) houve na década de 1980 uma mudança da produção industrializada (mecanização) para a racionalizada (flexibilização de processos). A partir disso o IPT (Instituto de Pesquisas Tecnológicas) em parceria com ENCOL¹⁹, desenvolveu metodologias e procedimentos adequados à realidade das obras e que permitissem racionalizar as atividades construtivas e melhorar o desempenho dos edifícios construídos pelo processo construtivo tradicional. Essa medida de sistema aberto foi aplicada ao longo da década de 1990. (BARROS, 1998).

O tema Acessibilidade teve maior repercussão no Brasil apenas em meados da década de 1980, em função da institucionalização pela ONU do Ano Internacional das pessoas com Deficiência em 1981 e criação do Programa de Ação Mundial para as pessoas com Deficiência (PAM), em 1982. Nesta década, foi publicada a primeira Norma Técnica que traçava diretrizes sobre o assunto e foi promulgada a Constituição brasileira na qual dispunha lei de normas de construção para acesso às pessoas com deficiência.

A década de 1990 foi demarcada por eventos como conferência Mundial das Nações Unidas pelo Meio Ambiente em 1992 e em 1996 o país foi convidado da Conferência Internacional do Habitat, em Istambul. Concomitantemente, as universidades com o conhecimento técnico, criaram escritórios com acadêmicos, a fim de projetar habitação de interesse social para população de baixa renda.

¹⁹ Empresa brasileira do setor da Construção Civil, falida em 1999.

Apesar de haver nos anos de 1990 maior participação popular e descentralização política, a distribuição de recursos do FGTS foi ainda mais se distanciado das famílias carentes.

Apenas a partir da década de 2000, especialmente pela revisão da NBR 9050/04, pela publicação das leis de garantia de acessibilidade n° 10.048/00 e n° 10.098/00 e do Decreto n° 5296/04, que a questão da acessibilidade passou a estar inserida na produção de habitação popular de forma mais direta, como legislação de âmbito Estadual.

Em 2001, o Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (CEPAM) foi contratado pela CEF com o objetivo de adequação de projetos padrões para as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. O Kit projeto²⁰ é composto por oito projetos e é concebido para famílias com renda de 0 a 3 salários mínimos. Após a adequação o resultado indicou que quatro dos cinco projetos²¹ usados não necessitariam de acréscimo de área para se tornarem acessíveis. (Ver FIG. 3; a FIG. 4; TAB. 2 a TAB. 3)

TABELA 2 - Indicação de casas passíveis de adaptação e novo projeto dentro das premissas do Kit Projeto.

Kit Projeto	Frente mínima sem ampliação	Frente mínima com ampliação
Projeto 3 A	6,00 m	6,00 m
Projeto 4 A	5,55 m	8,00 m
Projeto 5 A	8,00 m	8,00 m
Projeto 6 A	8,80 m	8,80 m
Projeto 8 A	8,65 m	8,65 m
Novo Projeto A	4,00 m	-

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima- CEPAM, 2001.

Na listagem de projetos descartados, um deles pode ser implantado somente em lote de quatro metros de largura, inviabilizando a proposta de ajuste. Assim, foi

²⁰ O Kit Projeto possui variação de número de pavimentos e implantação no lote. As áreas construídas variam entre 33,82m² e 45,16m².

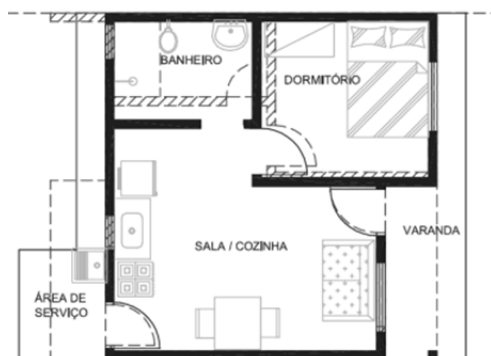
²¹ Apenas cinco projetos foram passíveis de adaptação considerando o fato de todos estes serem térreos, e atenderem as exigências da ABNT, manter a caracterização do projeto e manter a área total ou ampliar para onde já havia sido prevista a expansão da habitação.

criada uma nova tipologia para lotes de tal dimensionamento, denominado Novo Projeto A. (TAB. 4).

Em seguida, será apresentado cada projeto e sua especificidade, sendo que as indicações em linhas “tracejadas” e paredes “com hachura em linha diagonal” significam os elementos alterados para acessibilidade e as linhas “cheias com hachuras na cor preta” significam o traçado convencional.

I. Projeto 3A

Nesta modificação para tornar o projeto acessível foi ampliada a área do banheiro e dormitório na direção da sala e da cozinha. Quanto ao espaço para o tanque foi proposta uma párea de piso maior para possibilitar a circulação de cadeira de rodas, bem como uma ampliação do beiral para abrigar pessoas quanto à intempéries.



Ambiente	Original	Projeto Acessível
Sala/cozinha	16,85 m ²	15,90 m ²
Banheiro	3,45 m ²	4,25 m ²
Dormitório	6,90 m ²	7,95 m ²
Área de serviço	externa	externa
Varanda	2,80 m ²	2,70 m ²
Total líquido	32,90 m ²	30,80 m ²
Total bruto	34,50 m ²	34,50 m ²

FIGURA 3 – Planta baixa 3A com indicação de paredes a serem demolidas/demarcação de projeto modificado.

TABELA 3 - Tabela indicativa de áreas.

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

II. Projeto 4A

Neste caso foi possível aumentar a área do banheiro em direção ao quarto e sala/cozinha além de alargar a circulação. A área do tanque foi transferida para área externa.

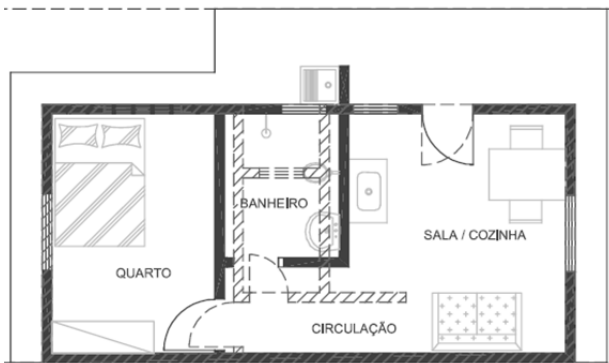


FIGURA 4 – Planta baixa 4A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.

Ambiente	Original	Projeto Acessível
Sala/cozinha	12,75 m ²	12,75 m ²
Banheiro	2,15 m ²	4,05 m ²
Circulação	2,05 m ²	2,65 m ²
Dormitório	10,70 m ²	9,55 m ²
Área de serviço	1,20 m ²	externa
Total líquido	28,85 m ²	29,00 m ²
Total bruto	33,80 m ²	33,80 m ²

TABELA 4 - Tabela indicativa de áreas.

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

III. Projeto 5A

A modificação interna foi prevista o acréscimo de área de banheiro com o deslocamento da parede em direção à cozinha e área de serviço.

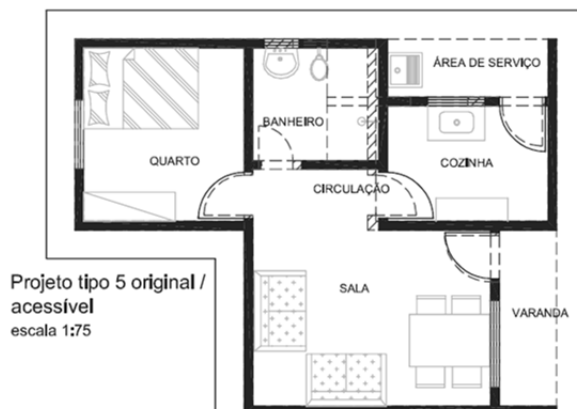


FIGURA 5 – Planta baixa 5A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.

Ambiente	Original	Projeto Acessível
Sala	12,65 m ²	12,65 m ²
Cozinha	6,00 m ²	5,60 m ²
Banheiro	3,90 m ²	4,30 m ²
Circulação	2,10 m ²	2,30 m ²
Dormitório	8,40 m ²	8,40 m ²
Área de serviço	3,00 m ²	2,80 m ²
Varanda	3,05 m ²	3,05 m ²
Total líquido	39,10 m ²	39,10 m ²
Total bruto	45,15 m ²	45,15 m ²

TABELA 5 - Tabela indicativa de áreas.

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

IV. Projeto 6A

Neste caso houve um acréscimo de 4,90 m² de área total do projeto. As paredes do dormitório e sala foram deslocadas para área externa previsível de ampliação e o banheiro e circulação internos também foram aumentados.

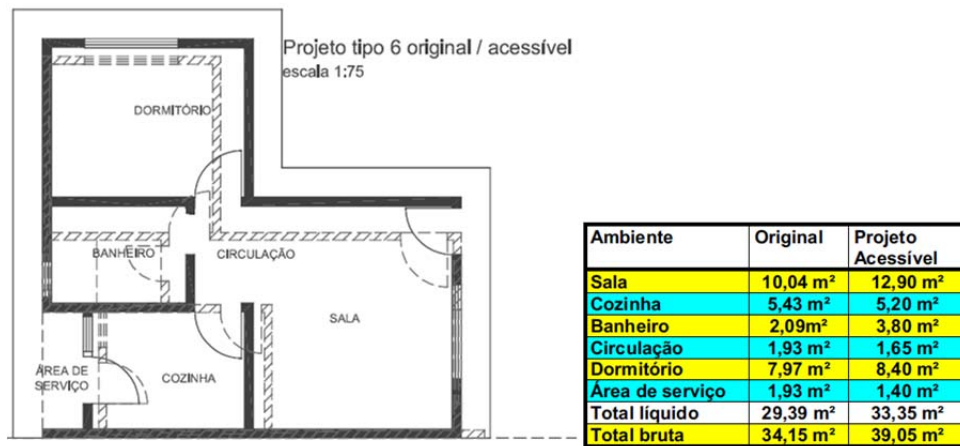


FIGURA 6 – Planta baixa 6A com indicação de paredes a serem demolidas / demarcação de projeto modificado.

TABELA 6 - Tabela indicativa de áreas.

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

V. Projeto 8A

Neste projeto foi necessário ampliar a circulação deslocando a parede do banheiro, cozinha e área de serviço passando esta última para o espaço externo do corpo da casa.

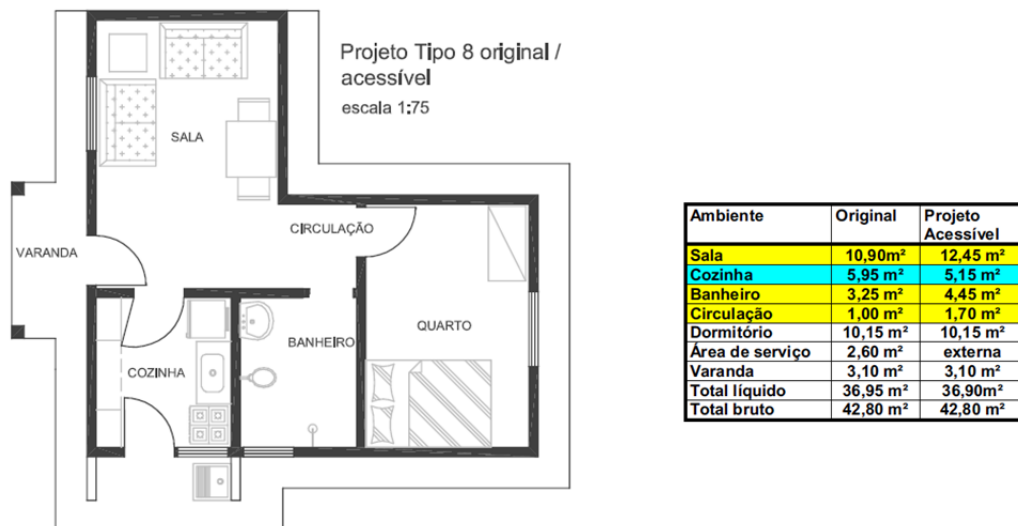


FIGURA 7 – Planta baixa 8A com indicação da demarcação de projeto modificado.

TABELA 7 - Tabela indicativa de áreas.

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

VI. Novo Projeto A

Este projeto foi criado para atender a demanda de lotes estreitos de 4 metros e a norma ABNT 9050/04. A casa possui sala e cozinha integradas, área de serviço interna, banheiro e um dormitório.

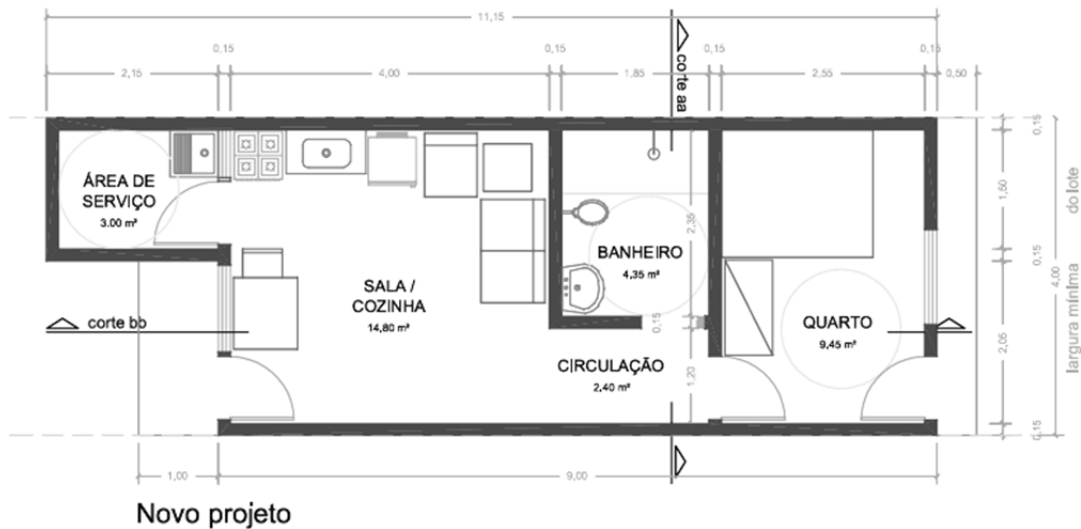


FIGURA 8 – Planta baixa “Novo Projeto A” com indicação da demarcação de projeto modificado.

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

TABELA 8 - Tabela indicativa de áreas.

Ambiente	Projeto Acessível
Sala/cozinha	14,80 m ²
Banheiro	4,35 m ²
Circulação	2,40 m ²
Dormitório	9,45 m ²
Área de serviço	externa
Varanda	2,25 m ²
Total líquido	33,25 m²
Total bruta	38,36 m²

Fonte: Manual da Fundação Prefeito Faria Lima. CEPAM, 2001.

O Governo Federal lançou em 2009 o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em parceria com os Estados e Municípios operacionalizados pela CEF com recursos do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR). Porém o que observa é que o

sistema em São Paulo, por exemplo, exclui ainda mais o público de baixa renda²². Os motivos decorrem do preço do terreno, investimento de infraestrutura de água e esgoto e alto custo de produção no teto de R\$ 52 mil definido pelo governo.

A Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), em parceria com a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência a Secretaria de Estado da Habitação de São Paulo, têm atuado na efetivação cumprimento da Lei nº 10.844/01²³. O resultado desse avanço é que por meio do Decreto Estadual nº 53.485/2008 todas as pessoas com deficiência têm acesso às moradias de interesse social de uma maneira mais digna, sem cotas de residências com acessibilidade. O governo paulista mudou o Programa Estadual de Habitação, garantindo o Desenho Universal em todas as novas moradias de interesse social.

Um protótipo foi montado no terceiro Salão Imobiliário em São Paulo, com área de 60 m². A partir desse novo padrão todas terão o terceiro dormitório, as áreas condominiais também serão maiores, com lazer, rampas de acesso, guias rebaixadas e faixas elevadas para travessia de ruas. (Foto 1 a Foto 2).

O maior diferencial dos programas habitacionais financiados pelo Estado na arquitetura contemporânea é a inserção da acessibilidade ambiental nos projetos, estimulado pelas legislações e decretos específicos. É notório o avanço ao longo dos anos para o atendimento dos usuários indiscriminadamente, na tentativa de atender os modos peculiares de vida de cada um, porém há um longo caminho ainda a percorrer.

²² O programa do governo federal Minha Casa, Minha Vida completou dois anos sem entregar nenhum imóvel às famílias da cidade de São Paulo que recebem até três salários mínimos (R\$ 1.395). A Caixa Econômica Federal informou, em nota, que "o principal entrave é o custo dos terrenos em São Paulo, que é maior do que nas demais cidades do país". Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/902909-minha-casa-exclui-mais-pobres-em-sp.shtml>. Acessado em 15/04/2011.

²³ Artigo 1º - 7% (sete por cento) de todos os imóveis populares comercializados pelo Estado de São Paulo, como apartamentos, casas e lotes urbanizados, com ou sem cestas básicas de materiais de construção, deverão ser destinados a pessoas portadoras de deficiência ou famílias que as possuam em seu seio.



FOTO 1- Casa montada no 3º Salão Imobiliário em São Paulo. Salas conjugadas da casa CDHU.



FOTO 2- Casa montada CDHU- Área de serviço, com espaço para circulação baseada nos princípios do desenho universal.

Fonte: http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=13162&cod_canal=2



FOTO 3 - Banheiro acessível com possibilidade de receber adaptações como barras e louças.



FOTO 4- Casa acessível: Espaço livre para circulação, altura de interruptores, tomadas para qualquer usuário, passagem com dimensionamento de 90 cm.

Fonte: http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=13162&cod_canal=2

Em um passado recente, não havia iniciativas de construção de habitações passíveis de uso a todas às pessoas, diferentemente do que tem acontecido atualmente onde, se tem habitação popular projetada para acessibilidade considerando os princípios do Desenho Universal ou pelo menos incluindo diretrizes de projeto para uso de pessoas usuárias de cadeira de rodas. Porém, este fato é

aplicado de modo integrado e parcial, não inclusivo, de modo que, apesar das casas atenderem os aspectos legais vigente, os espaços do entorno, de localização do lote, execução de calçadas, instalação próximas de serviços / comércios e até o transporte coletivo acessível, em geral, não atendem às famílias dentro do desejável.

Além disso, fatores como a tipificação do público alvo com diferenciação de moradias e o determinismo percentual de quantidades de moradias acessíveis ainda carecem de ser revistos.

2.3.1.2 A Relação entre Política Estadual de Habitação e Acessibilidade

A crescente migração da população do campo para as cidades no processo de urbanização provocou mudanças na estrutura econômica e social do país e, por conseguinte de Minas Gerais, que ocasionou na década de 1960 por iniciativa do estado, a criação da COHAB-MG a fim de se combater o déficit habitacional.

A COHAB é uma empresa de economia mista egressa do antigo BNH. A companhia desde 2005 atua em parceria com prefeituras, de forma que o município fornece terreno urbanizado e a COHAB constrói, fiscaliza obras e subsidia o custo do investimento. (FIG. 5)

Criado e implementado pelo Governo de Minas, a partir de 2005, o programa habitacional Programa Lares Habitação popular (PLHP) possui 22.000 casas não acessíveis entregues.

Os objetivos do programa são:

- Reduzir o déficit habitacional em Minas.
- Atender famílias de até 3 salários mínimos (86% do déficit), cujo chefe de família more ou trabalhe na cidade que possui convênio com a COHAB-MG.
- Subsidiar o preço da habitação para acesso à moradia pelas famílias de baixa renda.

Atualmente, a Companhia tem uma demanda entre 148 municípios mineiros para a construção distribuída de 70 casas projetadas para acessibilidade e direcionadas para famílias que tenham comprovadamente um dos moradores com deficiência.

Segundo informação da Assessoria de Comunicação Social/COHAB-MG, até o presente momento, não há convênio firmado para projetos de construção de conjuntos habitacionais em Belo Horizonte²⁴. Portanto, o foco das novas demandas está sendo o interior do Estado, visto que na capital há escassez de terreno e o seu custo é elevado inviabilizando a construção de conjuntos habitacionais horizontais que são o padrão atual do o Programa Lares: Habitação Popular- PLHP.

Através do Decreto Federal nº 5296-2004²⁵ a temática da habitação popular foi relacionada à ações para assegurarem as condições de acessibilidade. (Brasil, 2004 Cap. IV Seção III- Art. 28 e 29). Em 2007, o Governo do Estado de Minas Gerais através do Decreto Estadual nº 17.248/07 definiu que 12 % das moradias populares a serem construídas deveriam conter os parâmetros da acessibilidade.



FIGURA 9 - Fluxograma das responsabilidades do Estado e Município

Fonte: www.abconline.org.br/Downloads/COHAB-MG

A delimitação arbitrária do percentual de 12% do total de unidades habitacionais populares financiadas pelo poder público, estigmatiza o direito à habitação pelas

²⁴ Informação concedida a autora desta dissertação por meio de entrevista. Julho/2009.

²⁵ Regulamenta a Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade.

pessoas com deficiência e não garante que pessoas com mobilidade reduzida ou com problemas temporários possam usufruir da moradia em qualquer espaço de tempo.

2.3.2 Qualidade de Uso da Habitação

Ao se tratar do tema Habitação Popular Acessível, a qualidade da habitação e de vida dos moradores pode ser resumida em fatores que contribuem positivamente para atendimento das necessidades básicas inclusivas, porém não devem ser pontuados isoladamente. Pode-se citar dentre os fatores, os seguintes:

1. tecnológicos (por meio da instalação de barras de apoio, ônibus adaptado para acesso);
2. dimensionais (demarcação de área de giro e transferência na residência, determinação de área mínima do lote) e
3. construtivos (execução de rampas, instalação de bancadas a alturas compatíveis com pessoa sentadas e posicionamento de janelas a alturas adequadas à visibilidade externa).

De acordo com o Estúdio Virtual de Arquitetura (EVA)²⁶, da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) há uma visão unilateral estritamente tecnológica no mercado, que trata a qualidade da habitação na construção voltada aos estudos de materiais e processos. Por exemplo, num folheto da Caixa Econômica Federal, banco financiador da habitação popular, o termo Habitabilidade compreende os aspectos relacionados à funcionalidade, estanqueidade ao ar e à água, conforto (dimensional, higrotérmico, acústico, lúmico, tátil, visual e antropodinâmico), salubridade (pureza do ar, higiene e saúde), flexibilidade (possibilidades de alterações) e acessibilidade.

²⁶ O objetivo principal do Estúdio Virtual de Arquitetura (EVA), criado em 1998, tem sido desenvolver competência na informatização do processo de criação em Arquitetura e Urbanismo, valendo-se do aparato tecnológico digital hoje disponível, para viabilizar o processo de criação coletiva, fazendo a transição entre o gesto gráfico e as interfaces digitais.

Há, contudo, outros fatores além dessa visão tecnológica que podem ser agrupados para propiciar um sentido mais amplo ao fenômeno habitar:

1. Fatores comunicacionais. São aqueles afetos à dimensão simbólica do habitar e se inscrevem, mais precisamente, na arquitetura dos lugares (públicos e privados) e no seu potencial enquanto palco da expressão individual ou coletiva.
2. Fatores locacionais. São aqueles referentes à articulação da moradia com o urbano, sua acessibilidade aos serviços e equipamentos oferecidos pela cidade, suas interações com as demais funções. Enfim, todos os fatores que determinam sua inserção – ou não – no urbano.
3. Fatores micro-ambientais. Estão ligados à infraestrutura de suprimento (água, energia, telefone) e de saneamento básico, bem como às condições locais de qualidade do ar.

De acordo com UNCHS (1996), a qualidade da habitação pode ser expressa por meio de índices tecnológicos e outros relativos ao modo de vida das pessoas (ambos aplicados pelo Banco Mundial e do Habitat). Os índices tecnológicos envolvem a porcentagem de materiais duráveis e extensão de provisão de serviços de fornecimento de eletricidade e água, esgotamento sanitário e drenagem. Os índices mais associados ao modo de vida são os seguintes:

1. o tamanho das unidades relativamente ao número de habitantes ;
2. a área de piso por pessoa,
3. pessoa por quarto e
4. quartos por unidade habitacional.

PERITO (2009)²⁷ sustenta que a adequação da edificação às necessidades das pessoas e o nível de satisfação do usuário são características específicas da qualidade do uso da habitação. A qualidade do uso da habitação deve considerar

²⁷ Conceito abordado na 1ª Jornada Nacional de Arquitetura Inclusiva, em 2009.

fatores humanos de experiência no espaço da habitação e não somente voltados para a matéria casa/moradia.

A classificação da qualidade da habitação segundo PEDRO (2000), é considerada em outros aspectos tais como a qualidade arquitetônica e urbanística (dimensões espaço-funcional, sócio - cultural e estética), qualidade ambiental, qualidade construtiva, qualidade social e qualidade de processo. Neste aspecto o autor evidencia o modo de vida dos moradores, seus anseios necessidades, aspirações e preferências de relevância em comum nesta pesquisa. Para PEDRO (2000), a Qualidade da Habitação é definida como a adequação da habitação às necessidades imediatas e previsíveis dos seus usuários, compatibilizando as necessidades individuais com as de seu meio e os da sociedade e incentivando a introdução ponderada de inovações que conduzem o desenvolvimento da mesma.

SAMORA (2010) acredita que requisitos básicos para qualidade da habitação tais como habitabilidade, dimensionalidade e unidade-flexibilidade permitem ao morador fazer alterações de acordo com suas necessidades sem que esse morador venha piorar as condições da moradia.

Concluindo, apesar da forte ênfase aos aspectos tecnológicos, a qualidade do uso depende de uma verificação das atividades e valores dos usuários que dão forma aos diferentes espaços cotidianos.

2.3.2.1 Atividades

A aplicação da acessibilidade na moradia popular e qualidade do uso do espaço podem ser avaliadas através dos fatores comportamentais do morador.

A partir de ideais franceses, Ramos de Azevedo (QUEIROZ, 2011) formulou funções da habitação ocidental numa divisão em três zonas: a de repouso, a social e a de serviços. Hoje, há uma sobreposição destas funções devido aos hábitos familiares diferentes.

TRAMONTANO (1995, p. 25), reflete sobre a imagem da sociedade transformada e o desenho da habitação para esses novos perfis familiares. Segundo ele:

A evolução da maneira de realizar atividades cotidianas nos leva a repensar cada função da habitação: à finalidade higienizadora do banho acrescenta-se uma dimensão de relaxamento, inscrita em uma tendência mais ampla de culto ao corpo que abrange toda a sociedade; as atividades produtivas parecem esboçar uma volta ao espaço doméstico; as refeições são feitas individualmente em horários diversos, deixando de constituir um momento privilegiado de convívio; o televisor - presente em extensa maioria das moradias - e, eventualmente, o telefone, contribuem para alterar as relações entre os membros do grupo, e entre o grupo e o mundo exterior; etc. Quais novos desenhos (novas configurações) poderiam corresponder a cada espaço da casa, repensado em função destas solicitações (demandas) emergentes? (TRAMONTANO, 1995, p. 25)

PEREIRA (2008)²⁸ apontou em seu trabalho um quadro de requisitos mínimos de atividades relacionadas à necessidade humana que, segundo ela, se mantém como básicas na rotina da vivência familiar. Algumas destas atividades podem ser consideradas em maior ou menor intensidade a depender do modo de vida familiar, pela característica específica de um grupo ou influências culturais. Por exemplo, “passar roupa a ferro” pode não ser uma atividade típica do grupo estudado em conjuntos habitacionais onde pessoas não se incomodam com a apresentação impecável de suas roupas.

No quadro a seguir (QUADRO 4), aspectos da necessidade humana foram divididos em oito campos distintos, mas que podem estar justapostos em um determinado ambiente conforme o contexto, devido às mudanças da configuração da sociedade.

Da mesma forma, com referência à realidade da cultura Portuguesa, PORTAS (2006), aponta em seu trabalho uma tabela de atividades e grupos (QUADRO 5). Esta se apresenta com alternativa distinta das abordadas por Silva, tais como:

1. atividade de fazer a cama
2. pôr a mesa
3. servir alimentos

²⁸ Ver PEREIRA, 2008. *Apud* SILVA, 1982.

4. receber acompanhantes desde a entrada
5. cuidar de flores ou animais
6. e outros.

QUADRO 4 - Atividades desempenhadas no espaço doméstico – PEREIRA (2008)

ORD.	NECESSIDADE HUMANA	ATIVIDADE
1	Repouso	Dormir, repousar
2		Descansar, Ler deitado
3		Convalescer de enfermidade
4		Tratar de enfermos
5		Alojar hóspedes eventuais
6	Convívio familiar e social	Tomar refeições coletivamente
7		Receber visitantes
8		Conversar
9		Ouvir música
10		Assistir à televisão
11		Atender ao telefone
12	Alimentar	Guardar gêneros alimentícios
13		Guardar utensílios de cozinha
14		Preparar alimentos
15		Cozinhar refeições
16		Tomar refeições rápidas
17		Lavar utensílios de cozinha
18		Eliminar resíduos
19	Higiene pessoal	Tomar banho
20		Lavar rosto e mãos
21		Barbear-se
22		Pentear os cabelos
23		Escovar os dentes
24		Trocar de roupas
25		Fazer ginástica
26		Atender às necessidades fisiológicas
27	Lazer e Recreação	Descansar, Ler deitado
28		Ler (distração)
29		Praticar jogos de mesa
30		Brincar
31		Realizar "Robby"
32	Estudo	Ler (Estudo)
33		Realizar tarefas escolares (escritas)
34		Realizar tarefas manuais

ORD.	NECESSIDADE HUMANA	ATIVIDADE
35	Vestuário (Higiene e guarda)	Reunir roupa suja
36		Lavar roupa
37		Secar roupa
38		Passar roupa a ferro
39		Costurar
40		Guarda-roupa
41	Guarda de pertencer diversos	Guardar objetos pessoais diversos
42		Guardar material escolar
43		Guardar material de manutenção doméstica
44		Guardar ferramentas leves e diversos
45		Efetuar pequenos reparos

Fonte: PEREIRA, 2007 (Adaptado de SILVA, 1982).

QUADRO 5 - Atividades desempenhadas no espaço doméstico. Portas (2006)

ATIVIDADE	DESIGNAÇÃO DO GRUPO	NÚMERO
Dormir ou descanso	Dormir Descanso pessoal	1
Fazer a cama		
Tratar de doentes ou crianças		
Vestir-se e arranjar-se		
Arrumar roupas, etc.		
Receber, conservar alimentos	Alimentação Preparação	2
Preparar, lavar, cortar alimentos		
Cozinhar		
Preparar pratos		
Lavar a louça e talheres		
Arrumar cozinha e mesa		
Eliminar detritos	Alimentação Refeições correntes	3
Pôr a mesa		
Servir alimentos		
Comer	Alimentação Refeições formais	4
Levantar a mesa	Estar Reunião tempos livres	5
Conversar, jogar		
Descanso, leitura, escrita individual		
Ouvir rádio, ver TV, discos		
Atividade de bricolagem, tocar música, etc.		
Atender telefone	Estar Receber	6
Receber e acompanhar desde e até a entrada		
Atividades diversas como em (5)	Recreio- Crianças	7
Atividade lúdica		
Vigilância e tratamento		

ATIVIDADE	DESIGNAÇÃO DO GRUPO	DO	NÚMERO
Trabalhos escolares ou outros	Estudo recreio- Jovens		8
Reunir amigos: atividades como em (5)			
Estudo ou trabalho - Escritório	Trabalho adultos	recreio	9
Trabalho oficinal (reparações, bricolagem, etc.).			
Trabalho artesanal (tecelagem, costura, etc.)			
Passar, limpar	Tratamento roupas		10
Arrumar roupas, etc.			
Costurar à mão ou à máquina			
Lavagem, manual	Tratamento roupas	Lavagem	11
Lavagem mecânica			
Secagem natural ou ativada	Tratamento roupas/	Secagem	12
Lavar mãos e rosto			
Banhar-se ou dar banho em crianças	Higiene pessoal		13
Excreções			
Vestir-se, fazer <i>toilette</i> , barbear-se			
Proceder a curativos			
Fazer exercícios físicos			
Descansar, reunião, solário	Permanência exterior	em	
Cuidar de flores ou animais			
Jogos ao ar livre			
Introdução na casa, espera	Comunicação-separação		15
Independências de grupos ou zonas			
Comunicação direta ou só audiovisual de zonas			
Guardar roupas de casa ou pessoais	Arrumação		16
Guardar calçado			
Idem, artigos alimentares			
Idem, artigos de limpeza e combustíveis			
Idem, meios de transporte privativos			

Fonte: PORTAS, 2006. (Rep. Integral da 1ª Ed. 1969).

A partir dessas duas referências, foi possível neste trabalho, elaborar uma base de características aplicáveis nas entrevistas aos moradores sobre realidade de conjunto habitacional em Minas Gerais.

2.4 ESTIGMATIZAÇÃO DO ESPAÇO DA MORADIA

2.4.1 Identidade Social e Apropriação

A Identidade Social é definida por BAR-TAL (1996)²⁹ como sendo a parte do autoconceito de um indivíduo, derivado de seu conhecimento sobre seu vínculo com um grupo ou grupos sociais, e unidos ao valor e significado emocional deste vínculo. A Teoria da Identidade Social, de TAJFEL (1983) foi elaborada em 1978 mas ainda está em contínua construção; é importante, pois ajuda a compreender os processos intra e intergrupais, e oferece uma visão única de um amplo conjunto de condutas individuais e sociais.

Identidade social é a sensação de descobrimento “de quem e o que somos”, que cada indivíduo realiza a partir do momento que é dotado de cultura. Segundo, DIAS (2005):

Quando o homem nasce, passa a interagir com diferentes grupos sociais e instituições que lhe exprimem valores e padrões de comportamento. A este processo, damos o nome de socialização, cada ser humano realiza de uma forma diferente e assimila as informações a sua maneira. A identidade social se associa com a identificação do indivíduo a um grupo particular e a diferenciação dos demais. (DIAS, 2005)

GOFFMAM (1982) indica que os primeiros aspectos de uma pessoa quando nos é apresentada, nos permitem prever a sua identidade social. A identidade social real abrange os atributos que o indivíduo possa ter, mas concomitantemente, imputamos a essa pessoa a imagem do que deveria ser, ou seja, atribuímos ao indivíduo uma identidade social virtual.

Desse modo, a identidade social torna-se fragilizada caso hajam diferenças nítidas relacionadas à exclusão e ao estigma que a sociedade impõe às pessoas. Ao se considerar a imagem social de uma pessoa com deficiência, cabe analisar se a identidade do indivíduo foi conquistada (valorizada) ou atribuída (como os julgam) naquele meio. (GUIMARÃES, 1994)

²⁹ Ver BAR-TAL, 1996. Apud TAJFEL, 1983.

A *apropriação do espaço*, de acordo com LAUWE³⁰, pode ser definida como uma utilização reconhecida, integrada nas vivências, enraizada pela organização e transformação que deixam a marca da pessoa.

Na relação sócio-espacial do conjunto habitacional, onde as realidades são distintas as diferenças de estilos de vida devem possivelmente ser minimizadas. Esta relação tende ao favorecimento das apropriações dos espaços e identidades sociais, numa base de igualdade a todos. Os usuários do espaço podem manter mais facilmente relações de interação uns com os outros e, portanto, constroem sua identidade com o lugar e com as pessoas as quais convivem.

O cidadão que tem o controle do seu espaço ratifica seu papel conquistado tornando-se um ser de prestígio e respeitado. A arquitetura que permite essa interação gera resultados qualitativos de construção, ou seja, ratifica a satisfação do usuário, e adequação ao uso do espaço.

A projeção de tipologias da habitação popular geridas pela esfera pública pode suscitar visões defensoras da viabilidade financeira pela padronização, mas também o engessamento estético que assola os conjuntos de construção racionalizada. Casas diferenciadas por tipo de público evidencia a estigmatização de pessoas que se tornam marginalizadas no entorno por características físicas relativas à deficiência. Para TRAMONTANO (1995):

Os conjuntos habitacionais têm sido concebidos, em sua grande maioria, utilizando uma única tipologia de habitações, seja ela a habitação unifamiliar em lotes contíguos, as unidades geminadas ou a habitação coletiva em barras, torres, etc. A mescla de diferentes tipos de agrupamentos poderia, além de enriquecer a paisagem monótona dos conjuntos, contribuir a induzir as maneiras diversas de relacionamento social. (TRAMONTANO, 1995)

2.4.2 Tipologias da Habitação pela Acessibilidade

Na linha de pensamentos sobre moradias projetadas para acessibilidade há um impasse de ordem estética e, de modo mais aguçado, sob o viés da categorização do tipo de construção. Isso decorre, dentre outros fatores, da falta de pesquisas em

³⁰ LAUWE, 19.. *Apud* POL, 1996, p. 51.

projeto no campo da acessibilidade a fim de se verificar as reais necessidades e parâmetros básicos de uso.

Assim, cerceados pela normatização, foi possível verificar que os projetos condicionaram construções inflexíveis, resultado exclusivamente de cálculos de dimensionamentos, tecnologias e custos.

Torna-se incongruente, que as tipologias de habitação se divergem em função da característica física motora do morador. Neste caso, anulou-se na etapa de projeto a articulação entre os anseios específicos dos moradores com e sem deficiência e as necessidades do grupo familiar nos espaços de convívio, tanto coletivos quando individuais.

2.5 Interação Social

A interação social trata da comunicação entre os indivíduos através da fala, de sons e de contatos que podem ser manifestados sob as diversas formas de comportamento humano e atitudes em relação ao meio (LANG, 1987).

Segundo GEHL (1987), para que haja interação social os indivíduos necessitam formar um sistema social por “valores e objetivos comuns” e por “um ambiente físico adequado às atitudes e aos padrões de comportamento existente”.

De acordo com ALTMAN e CHEMERS (1989), TAYLOR (1988) e outros autores, o comportamento espacial humano implica em possibilidades de interação social, definidas pela organização física do espaço e pelo estilo de vida dos usuários: o espaço físico permite prever comportamentos e atividades possíveis, expressando, também, como as pessoas se utilizam deles.

2.5.1 Uso do Espaço como Linguagem para Comportamento

O comportamento das pessoas pode ser reflexo do espaço onde elas convivem. O moradores têm suas condutas influenciadas pelas características dos espaços, agindo de modo a favorecer ou não a sua interação com o grupo, seja ele familiar ou de vizinhança.

O uso do espaço como linguagem do comportamento está atrelado aos conceitos de privacidade, territorialidade e proximidade trabalhados por HALL (1987). Será abordado aqui os dois primeiros relacionando-os com ações do cotidiano dos moradores a fim de se obter parâmetros para a análise do modo de vida destas pessoas.

2.5.1.1 Privacidade

A privacidade é processo do controle da informação de si mesmo (Hall, 1987). Segundo GUIMARÃES (2010)³¹ é a dinâmica entre a informação de si mesmo que você quer passar e tal informação que você deixa efetivamente passar sem esse controle.

Assim, é possível verificar nas moradias em estudo, que em alguns casos os moradores não têm o controle da privacidade em virtude das condições do espaço onde vivem. Pode ser citada como exemplo, a falta de construção de muros entre as casas. Como os moradores são os responsáveis pela execução do muro, a maior parte deles protela tal medida por fatores financeiros, sendo que não há nenhuma barreira visual ou de segurança entre os lotes.

Nestes casos, ao se lavar roupa, secar roupa ou deixar a porta principal/serviços aberta, as pessoas compartilham de atividades que deveriam ser privativas da família. Da mesma forma, o morador usuário de cadeira de rodas, que deseja tomar sol sente o seu espaço “invadido” pela falta de fechamento através de muros ou cercas.

³¹ Notas de aula da disciplina Arquitetura Sem Barreiras - UFMG - 2010

2.5.1.2 Territorialidade

A Territorialidade segundo GRAÇA³² demarca uma zona de influência ocupada por uma pessoa ou um grupo, que se considera proprietário deste lugar.

ALTMAN (1980) propôs uma distinção entre territórios primários, secundários e públicos. Os territórios primários dizem respeito ao desenvolvimento da vida privada e estão estreitamente ligados aos processos de defesa e constituição da identidade (a casa). Os secundários caracterizam-se por um uso menos exclusivo e referem-se às atividades ligadas à subsistência ou à frequência de locais destinados a outras finalidades (trabalho ou encontro). Territórios públicos (estradas, transportes, etc.) caracterizam-se pelo acesso livre e momentâneo, porém são regulados por normas convencionais (QUADRO 6).

QUADRO 6

Tipos de território de acordo com classificação de Altman (1980).

Atores	Exemplos Territórios	Tipos Territórios	Funções Territórios
Indivíduos	Objetos, Salas	Primário	Identidade Pessoal
Pequenos Grupos	Residências	Secundário	Regulação de Sistemas Sociais
Coletividade	Comunidades	Público	---

Fonte: http://www.msgconsultores.com.br/imgs/noticia/not_49.pdf

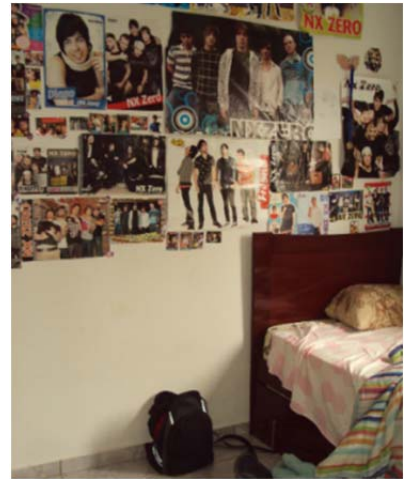
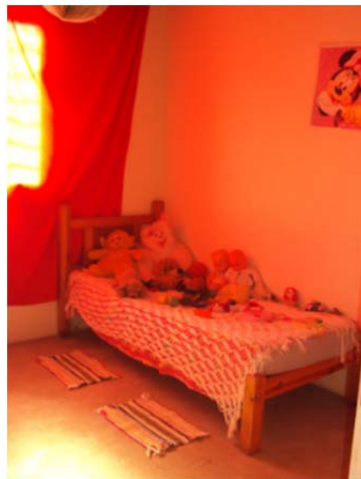
O foco desta pesquisa, seguindo os princípios de territorialidade propostos por ALTMAN (1980), está relacionado ao tipo primário de território, ou seja, a casa projetada para a acessibilidade e a de modelo convencional.

Exemplos de formas de intervenção feitas pelo morador de identidade com o lugar incluem entre outros: fotografias de cada morador nas portas dos respectivos quartos, a existência de ursos de pelúcia decorando a cama, as fotos de artistas nas paredes dos quartos de adolescentes, cercas delimitando a propriedade e imagem de uma irmã de caridade na cabeceira da cama do morador com deficiência. (FOTO 5 a FOTO 9).

³² Fonte: http://www.msgconsultores.com.br/imgs/noticia/not_49.pdf

Esta abordagem de demarcação de território na casa pelo morador é algo comum de se encontrar, pois faz parte do modo de vida dos mesmos e, portanto, deve ser considerado na concepção de projeto. O desafio no projeto é conceber as casas, geralmente com famílias numerosas e oferecer condições para os seus moradores se expressem e identifiquem nichos como “seus” e não do “outro” de forma a não ultrapassar os limites de cada um.

A dificuldade que se tem em demarcar o território, previsto para os seus desejos e suas necessidades, e conseqüentemente “adotar” parte do espaço sob seu controle pode ser observada num exemplo de casa projetada para a acessibilidade. Pelo número excessivo de moradores na casa, o quarto do filho que utiliza a cadeira de rodas, não pode nem sequer ser identificado como seu.



Fotos 05; 06; 07; 08 e 09 – Exemplos de marcação de território pelos moradores.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

O agravante é que neste caso, a falta de condição de demarcação de territorialidade no quarto, faz com que o morador deixe de cumprir suas atividades rotineiras, comprometendo as necessidades básicas para o seu bem estar (FOTO 10).



Foto 10 – Exemplos de dificuldade de marcação de território pelos moradores.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

3 ESTUDO DE CASO

3.1 Características físicas

3.1.1 As cidades

Nas últimas décadas, o Brasil passou por um forte processo de urbanização. Em Minas Gerais, o segundo estado mais populoso do país de acordo com dados do IBGE³³, com mais de 20 milhões habitantes e 853 municípios, o reflexo disso é que 82% da população vivem em áreas urbanas (IBGE, 2000). A migração rural para perímetros urbanos contribuiu para um déficit habitacional estimado pela Fundação João Pinheiro em 548 mil moradias nas regiões urbanas mineiras.

O Estado de Minas Gerais é dividido em doze regiões (FIG. 6) e as mais densamente povoadas são a Metalúrgica (Central), Campo das Vertentes, Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Zona da Mata e Sul. As menores taxas de ocupação populacional encontram-se no Norte do estado.

As cidades escolhidas para serem abordadas no estudo de caso localizam-se na região Centro-Oeste e Sul do Estado, totalizando nove municípios: São João Del Rei, Bom Sucesso, Lavras, Santana da Vargem, Areado, Machado, Guaxupé, Pratápolis e São Sebastião do Paraíso. No mapa do estado de Minas Gerais, as maiores incidências de localização dos conjuntos habitacionais estão nesta região devido à maior facilidade de implantação, diferentemente da região Norte.

Segundo o técnico da área de projetos da COHAB Cláudio Beleza (2010) as regiões delimitadas na pesquisa são mais ricas. Elas se destacam por estarem em centros de excelência industrial, plenamente integrados com os principais polos econômicos do Brasil. Por outro lado vivenciam a realidade do país, quanto ao déficit de moradias para a população de baixa renda. (FIG. 11)

³³ IBGE. *População estimada pelo IBGE em 2009*. Página visitada em 10 de Maio de 2010.

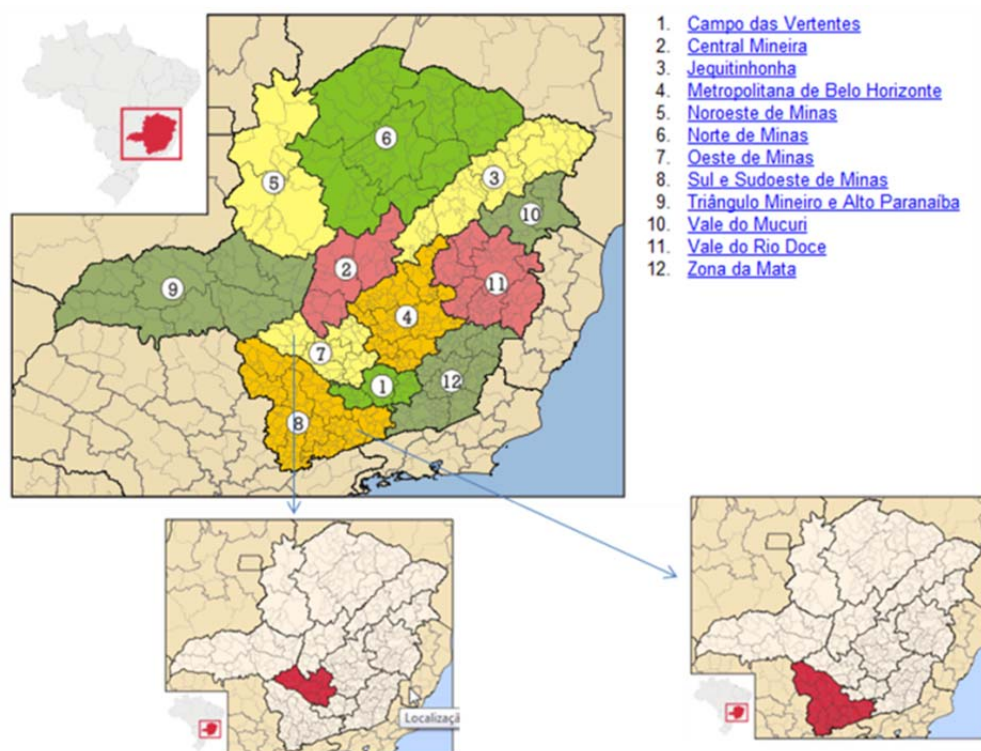


Figura 10 – Mapa do Estado de Minas Gerais com 12 regiões

Fonte: www.wikipédia.com.br

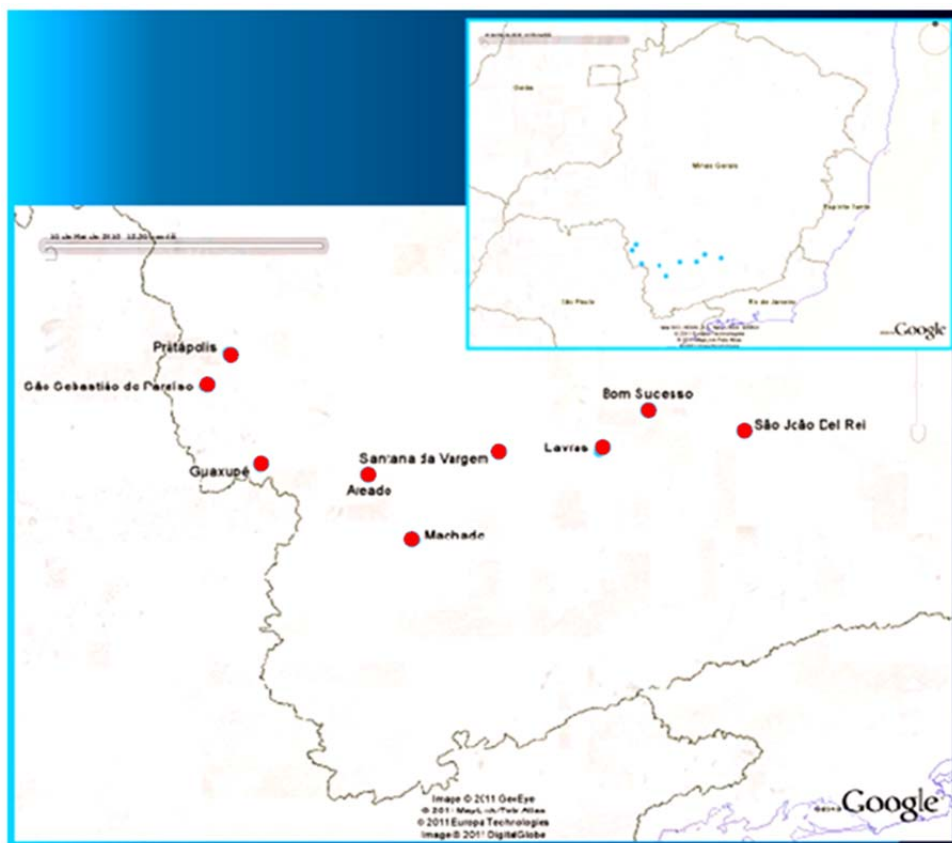


Figura 11 – Mapa com a localização das cidades definidas no estudo de caso.

Fonte: Google Earth (2011)

3.1.2 Os Conjuntos Habitacionais

Neste tópico serão abordadas as características comuns e específicas dos conjuntos habitacionais considerando alguns itens observados em campo. São eles:

1. Localização
2. Topografia
3. Forma de acesso
4. Comércio
5. Sistema de transporte urbano
6. Vias e calçadas
7. Praças e Áreas de lazer

Como referência, foi utilizado o Roteiro para Observação em Campo (APÊNDICE A) nos nove conjuntos habitacionais. (QUADRO 7)

QUADRO 7 - Conjuntos Habitacionais e Cidades visitadas na Pesquisa

Conjunto Habitacional
Cidade
Dom Lucas Moreira Neves- São João Del Rei
Irmã Domitila - Bom Sucesso
Caminho das Águas II - Lavras
Francelino Terra – Santana da Vargem
Recanto das Flores - Areado
Vila Formosa - Machado
Bela Vista II – Guaxupé
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso
Novo Horizonte III – Pratápolis

1. Localização

Em todos os casos, a localização do conjunto relativa à cidade é distante do centro na periferia da cidade. (QUADRO 8)

Em geral, o entorno é caracterizado por extensas áreas verdes sem loteamentos com construções visíveis, limítrofes com a zona rural. Em virtude disto, para o atendimento às famílias, é necessário que todos os serviços, equipamentos urbanos e comércio possam estar implantados dentro do conjunto ou próximos a ele.

Foi percebido no local que mesmo que haja o sistema de transporte urbano atendendo a comunidade, a maior parte dela não possui recursos financeiros para o deslocamento a longas distâncias. O resultado do distanciamento é a carência de produtos e em alguns casos o impedimento de alcance aos serviços de apoio básico como saúde e educação.

QUADRO 8 - Indicação de localização de cada conjunto habitacional relativo à cidade

Conjunto Habitacional Cidade	Localização na cidade
Dom Lucas Moreira Neves- São João Del Rei	Periférica
Irmã Domitila - Bom Sucesso	Periférica
Caminho das Águas II - Lavras	Periférica
Francelino Terra – Santana da Vargem	Periférica
Recanto das Flores - Areado	Periférica
Vila Formosa - Machado	Periférica
Bela Vista II – Guaxupé	Periférica
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso	Periférica
Novo Horizonte III – Pratápolis	Periférica

2. Topografia

Na maioria dos casos o loteamento de implantação dos conjuntos é íngreme. Mesmo que parte deles tenha pavimentação, a inclinação das ruas dificulta o acesso local pelos moradores que necessitam transitar. (QUADRO 9)

A localização das casas deveria ser na parte mais plana do terreno, como pressuposto de projeto, porém outros critérios devem ser considerados como a próxima localização à entrada do conjunto e ponto de ônibus acessível. Em Lavras, o acesso ao conjunto habitacional Caminho das Águas II é feito por uma via asfaltada larga, mas com inclinação acentuada. Para que os moradores possam chegar à via principal de ligação à cidade, despendem de tempo e esforço físico reduzindo as chances de saírem de suas casas, principalmente no caso de quem necessita do uso da cadeira de rodas.

QUADRO 9 - Indicação do tipo de topografia de cada conjunto habitacional

Conjunto Habitacional Cidade	Topografia
Dom Lucas Moreira Neves- São João Del Rei	Terreno íngreme
Irmã Domitila - Bom Sucesso	Terreno íngreme
Caminho das Águas II - Lavras	Terreno íngreme
Francelino Terra – Santana da Vargem	Terreno íngreme com localização em topo de morro
Recanto das Flores - Areado	Terreno íngreme
Vila Formosa - Machado	Terreno íngreme
Bela Vista II – Guaxupé	Terreno íngreme
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso	Terreno predominantemente plano
Novo Horizonte III – Pratápolis	Terreno íngreme

3. Forma de acesso

As formas de acesso variam de local para local sendo feitas pela maioria das vezes por mais de uma entrada. Apesar disso, em quase nenhuma situação existe rota acessível³⁴ (QUADRO 10).

Isso se deve a alguns fatores como iremos comprovar adiante nos itens 5 e 6 , como por exemplo a ausência de calçadas construídas ou mesmo a execução delas de modo equivocado ocasionando obstruções e barreiras no percurso.

QUADRO 10 - Indicação do tipo de forma de acesso a cada conjunto habitacional

Conjunto Habitacional Cidade	Forma de acesso	
	Número de acessos	Características
Dom Lucas Moreira Neves- São João Del Rei	Dois acessos ao conjunto	Não configura rota acessível
Irmã Domitila – Bom Sucesso	Dois acessos ao conjunto	Não configura rota acessível
Caminho das Águas II -Lavras	Dois acessos ao conjunto	Não configura rota acessível
Francelino Terra – Santana da Vargem	Dois acessos ao conjunto	Não configura rota acessível
Recanto das Flores - Areado	Um acesso ao conjunto	Não configura rota acessível
Vila Formosa - Machado	Um acesso ao conjunto	Não configura rota acessível
Bela Vista II – Guaxupé	Um acesso ao conjunto	Configura rota acessível
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso	Um acesso ao conjunto	Não configura rota acessível
Novo Horizonte III – Pratápolis	Mais de um acesso ao conjunto	Não configura rota acessível

³⁴ A rota acessível é o trajeto contínuo, desobstruído e sinalizado, que conecta os ambientes externos ou internos de espaços e edificações e que possa ser utilizado de forma autônoma e segura por todas as pessoas inclusive aquelas com deficiência. (NBR 9050,2004 P.4)

4. Comércio

De acordo com moradores, a orientação de técnico da COHAB-MG é de que não haja comércio dentro do conjunto, ainda assim é possível perceber sua existência, de modo informal, nas residências pelos próprios moradores. Quando a atividade comercial ocorre nas redondezas nem sempre supre a demanda do bairro, que se mantém com escassez de produtos ou a altos preços. (QUADRO 11)

Assim, os moradores tendem a recorrer ao centro da cidade para acesso e provimento de bens, serviços e mantimentos. Este fato corrobora para que as pessoas tenham qualidade de vida comprometida, principalmente àquelas que não têm com quem deixar seus filhos com deficiência para exercer tal tarefa.

QUADRO 11 – Indicação da existência de comércio local e nas proximidades de cada conjunto habitacional

Conjunto Habitacional	Cidade	Comércio
Dom Lucas Moreira Neves-	São João Del Rei	Comércio informal local; Comércio insuficiente no entorno
Irmã Domitila - Bom Sucesso		Comércio único informal local; Comércio insuficiente no entorno
Caminho das Águas II - Lavras		Comércio único informal local; Comércio insuficiente no entorno
Francelino Terra – Santana da Vargem		Comércio insuficiente no entorno
Recanto das Flores - Areado		Comércio insuficiente no entorno
Vila Formosa - Machado		Sem comércio no conjunto e no entorno
Bela Vista II – Guaxupé		Comércio insuficiente no entorno
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso		Comércio no entorno
Novo Horizonte III – Pratápolis		Comércio insuficiente no entorno

5. Sistema de transporte urbano

O transporte urbano (que inclui veículos acessíveis e não acessíveis) nem sempre percorre as ruas internas do bairro para atender os moradores dos conjuntos habitacionais. Isso causa desconforto às famílias que necessitam levar as crianças à escola ao caminharem algumas quadras até o ponto de ônibus.

Para as famílias que possuem morador com deficiência a situação se agrava em virtude de raros ônibus incluírem plataforma elevatória. Assim, os horários das viagens são programados pelos moradores para que possam sair de suas casas sem os transtornos de longas esperas nas calçadas parcialmente executadas. (QUADRO 12)

QUADRO 12 - Indicação da existência e o trajeto do sistema de transporte urbano em cada conjunto habitacional

Conjunto Habitacional Cidade	Sistema de transporte urbano
Dom Lucas Moreira Neves- São João Del Rei	Transporte urbano coletivo acessível transita dentro do conjunto
Irmã Domitila - Bom Sucesso	Transporte urbano coletivo não transita dentro do conjunto
Caminho das Águas II - Lavras	Transporte urbano coletivo acessível não transita dentro do conjunto
Francelino Terra – Santana da Vargem	Transporte urbano coletivo acessível não transita dentro do conjunto
Recanto das Flores - Areado	Transporte urbano coletivo acessível não transita dentro do conjunto
Vila Formosa - Machado	Transporte urbano coletivo transita dentro do conjunto
Bela Vista II – Guaxupé	Transporte urbano coletivo acessível transita dentro do conjunto
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso	Transporte urbano coletivo acessível transita dentro do conjunto
Novo Horizonte III – Pratápolis	Transporte urbano coletivo acessível não transita dentro do conjunto

6. Vias e calçadas

É perceptível que em quase todos os conjuntos há pavimentação nas vias e execução de calçadas e meios-fios. (QUADRO 13)

Contudo, essa realidade não configura necessariamente que o caminho a percorrer que o morador faz no espaço urbano, áreas internas do conjunto até sua residência seja livre de barreiras. Os moradores são impedidos de fazerem o percurso da rua para sua casa de modo autônomo e seguro. Somados às inclinações dos terrenos onde os conjuntos estão localizados, outros fatores impedem a livre circulação com segurança por todos os usuários. Por exemplo: os passeios, quando existentes, são mal executados. Muitas vezes, são impróprios e irregulares, como nos casos de rampas nas calçadas de acesso de veículos que ocupam também a rua e nos de superdimensionamento de inclinações mínimas. Além disso, o meio-fio forma degrau com a rua, e canaletas abertas para saída de água pluvial são localizadas transversalmente no sentido do fluxo de pedestres.

QUADRO 13 - Indicação da existência de vias, meio-fio e calçadas em cada conjunto habitacional

Conjunto Habitacional Cidade	Vias, Meio-fio e calçadas
Dom Lucas Moreira Neves - São João Del Rei	Ruas asfaltadas; meio-fio e calçada executados
Irmã Domitila - Bom Sucesso	Ruas não asfaltadas; sem meio-fio e calçada executados
Caminho das Águas II - Lavras	Maior parte das ruas asfaltadas; com meio-fio e calçada parcialmente executados
Francelino Terra – Santana da Vargem	Ruas com asfalto; meio- fio e calçada sendo executados
Recanto das Flores – Areado	Ruas com asfalto; meio- fio e calçada sendo executados
Vila Formosa – Machado	Ruas asfaltadas ; sem meio-fio e calçada executados
Bela Vista II – Guaxupé	Ruas asfaltadas ; com meio-fio e calçada executados
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso	Ruas parcialmente pavimentadas com asfalto e paralelepípedo. Predominância de terra batida. Não há calçadas e meio-fio na maior parte do conjunto
Novo Horizonte III – Pratápolis	Ruas asfaltadas ; com meio-fio e calçadas parcialmente executados

7. Praças e Áreas de lazer

A instalação de praças públicas foi prevista em projeto de todos os conjuntos habitacionais. Porém, não há estrutura mínima para o lazer da população nas áreas verdes reservadas para tal fim. Não há piso acabado nem jardins. O que geralmente ocorre é o uso impróprio do terreno com matagal onde os moradores depositam lixo. Há ainda concentração de animais atraídos pela insalubridade local.

A falta de espaços de convivência, como praças e *playgrounds*, (QUADRO 14) desagrada pais e crianças que se apropriam do espaço da rua para atividades improvisadas e brincadeiras. Além disso, os moradores necessitam transitar pela rua já que não há calçadas no entorno da praça. Tal fato oferece risco à segurança de todos.

QUADRO 14 - Indicação da existência de praças e áreas de lazer em cada conjunto habitacional

Conjunto Habitacional Cidade	Praças / Áreas de lazer
Dom Lucas Moreira Neves - São João Del Rei	Praça sem infraestrutura
Irmã Domitila - Bom Sucesso	Praça sem infraestrutura
Caminho das Águas II - Lavras	Praça inexistente, apenas demarcada pelo terreno abandonado
Francelino Terra – Santana da Vargem	Praça sem infraestrutura
Recanto das Flores - Areado	Praça sem infraestrutura
Vila Formosa - Machado	Praça sem infraestrutura
Bela Vista II – Guaxupé	Praça com jardins e bancos, porém a sua implantação em local íngreme dificulta o uso pelos moradores
Santa Teresa II – São Sebastião do Paraíso	Praça inexistente, apenas demarcado pelo terreno abandonado
Novo Horizonte III – Pratápolis	Praça inexistente

Os conjuntos apresentam características específicas que interferem no modo de vida dos moradores. Estas foram captadas por observações em campo e citadas por algumas pessoas em conversa informal.

Em Bom Sucesso, no conjunto habitacional Irmã Domitila, há uma empresa de reciclagem geradora de barulho constante e de mau cheiro, acarretando danos à saúde dos moradores.

O esgoto descia para os quintais das residências que o margeiam ocasionando erosão no terreno. Neste caso, além de tornar as moradias insalubres, comprometiam o espaço externo da casa, o qual poderia ser aproveitado para banhos de sol e brincadeiras entre as crianças, segundo um dos moradores que enfrentam a situação.

Posteriormente, a empresa construiu uma caneleira de condução de água pluvial e direcionou o esgoto (ação que não se confirma como solução) de modo a não cair de forma direta no terreno das casas. Ainda assim, a percepção no local é de que o barulho e a falta de limpeza e manutenção do terreno da empresa agravam as condições de saúde dos moradores.

No conjunto habitacional Caminho das Águas II, em Lavras, os residentes não contam com escola próxima e a maior parcela da população que têm filhos em idade escolar, necessita se deslocar para o bairro próximo: Cidade Nova, na Escola Luíz Mesquita, ou para a Escola Firmino Costa, no centro da cidade. A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) também situa sua sede na área central da cidade, o que dificulta a mobilidade diária dos moradores.

Existe uma creche, denominada “Marília Amaral Lunkes” que está posicionada na entrada do conjunto. Ela está bem estruturada e em funcionamento desde Agosto de 2009. Lá existe o único local com *playground* direcionado para uso infantil no bairro. No entanto, é destinado para uso exclusivo apenas dos estudantes. As crianças com deficiência que moram no conjunto, não têm acesso à creche e não desfrutam de área de lazer. Portanto, mesmo que a creche esteja localizada próxima às residências, não há atendimento inclusivo.

Assim, é necessário que as mães utilizem do transporte da prefeitura ou o transporte coletivo para efetuar o trajeto diário, da casa para a APAE, situado em área distante das moradias.

A APAE em Santana da Vargem encontra-se localizada próxima ao conjunto Francelino Terra, sendo de rápido acesso à família que necessita atendimento. Apesar disso, dificuldades de deslocamento para o filho que possui deficiência física e mental ocorrem pela falta de pavimentação e pela inclinação acentuada da via que interliga a casa ao equipamento urbano. Num caso tomado como exemplo específico, toda uma família (incluindo mãe e três filhos) tem dificuldades que envolvem a aprendizagem e raciocínio e por isso seus membros demandam por assistência junto à APAE. Assim, os filhos juntamente com a mãe são acolhidos diariamente, fato que justifica a importância da associação estar localizada mais próxima ao conjunto.

É possível perceber uma maior integração entre as pessoas no único conjunto que possui líder comunitário: o Recanto das flores, em Areado. Assim, há maior empenho para a busca de solução de assuntos em comum. Isso ratifica o que Gehl (1987) abordou sobre interação social como formação de sistema social por valores e objetivos comuns. A representante busca minimizar as diferenças em favor do coletivo, mas sempre considera as especificidades de cada morador. Portanto, os moradores relatam ativamente qualquer indício de inadequação de atendimento e de infraestrutura dentro do conjunto com o modo de vida de suas famílias.

No conjunto habitacional Bela vista II, em Guaxupé, é possível perceber que algumas espécies de vegetação estão sendo plantadas pelos moradores nas calçadas existentes sem orientação técnica. O fator positivo disso é a garantia da qualidade ambiental do espaço. Em contrapartida, há o desconhecimento acerca do tipo de espécies que podem ser utilizadas e não comprometem as calçadas com suas raízes. Além disso, as pessoas desconsideram fatores como o porte e localização que podem comprometer o espaço livre de circulação.

Já em São Sebastião do Paraíso, o conjunto Santa Teresa II é o único que possui centro comunitário. Há o atendimento à população com informações do Programa Bolsa Família (PBF), Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e Benefício da Prestação Continuada³⁵ (BPC). Além disso, no período da visita estava sendo construído o posto de saúde. É relevante ressaltar que mesmo o CAIC (Centro de Referência da Assistência Social) não esteja no loteamento da COHAB, atualmente é parâmetro para as famílias como escola, creche, playground, quadra de esporte e posto de saúde enquanto a unidade principal está sendo finalizada.

Pela proximidade ao conjunto, o centro comunitário é bastante utilizado pelos moradores principalmente pelos cursos livres ofertados como o de bordado, além da assistência social que oferece às famílias.

No conjunto Novo Horizonte em Pratápolis, a peculiaridade é que as casas projetadas para a acessibilidade estão próximas ao acesso principal na parte mais baixa. Contudo, devido à topografia ser bastante acentuada, o acesso à escola e à APAE tornam-se comprometidos. Em um relato, a moradora disse não levava sua filha constantemente à APAE devido à dificuldade de mobilidade.

Enfim, todos os itens dos conjuntos habitacionais supracitados em comum ou de forma peculiar acima podem favorecer ou comprometer as atividades desenvolvidas pelas pessoas. Desse modo, ao analisarmos o espaço da casa, devemos compreender que algumas interferências para alteração construtiva ou de mobiliário são originadas em função da escala da cidade ou do conjunto e por isso não devem ser considerados isoladamente.

³⁵ O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é um direito garantido pela Constituição Federal, que assegura um salário mínimo mensal ao idoso, com idade de 65 anos ou mais, e à pessoa com deficiência, de qualquer idade, incapacitada para a vida independente e para o trabalho, que comprove não possuir meios de garantir o próprio sustento, nem tê-lo provido por sua família. Em ambos os casos, é necessário que a renda mensal bruta familiar per capita seja inferior a um quarto do salário mínimo vigente. Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome ,. <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/beneficiosassistenciais>>. Acessado em: 15/12/2011.

3.1.3 As Moradias

3.1.3.1 Os projetos arquitetônicos

As moradias devem estar inseridas em locais dotados de infraestrutura: com água, esgoto, energia, pavimentação e drenagem na área urbana. Mas o que se verifica é que nem sempre as prefeituras cumprem o seu papel de urbanizar as áreas.

As habitações, objetos de estudo desta pesquisa, são unifamiliares, horizontais e implantadas em lotes de área padrão de 200 m² e área mínima de 160 m², segundo assinalou um técnico projetista da COHAB-MG. Os afastamentos laterais são de 1,50m, na fachada da porta principal, e 2,50m na fachada da área de serviço. Já o afastamento frontal é 4,50m e de fundos 6,50m. Segundo o técnico, a demarcação de lotes varia com a declividade do terreno que tem limite de até 25%, um índice extremamente alto para acessos de pedestres nas calçadas. A base é o platô mínimo (9,5m x 14m).

A COHAB possui dois modelos de projeto arquitetônico. O modelo projetado para acessibilidade conta com 51,45 m², e a casa de projeto convencional tem área de 36,27m². Isso significa que há intenção de diferenciar o modelo das casas de acordo com o perfil do usuário. O morador que possui deficiência especialmente a motora teria como moradia a casa de maior dimensionamento. Aos demais, seriam repassadas as casas de menos tamanho, independente de número de residentes por unidade (FIG. 12 e FIG. 13). O programa de necessidades de ambos os projetos é o mesmo:

1. sala de estar e copa conjugadas,
2. cozinha,
3. banheiro,
4. circulação interna,
5. área de serviço,
6. quarto de casal e

7. quarto de solteiro.

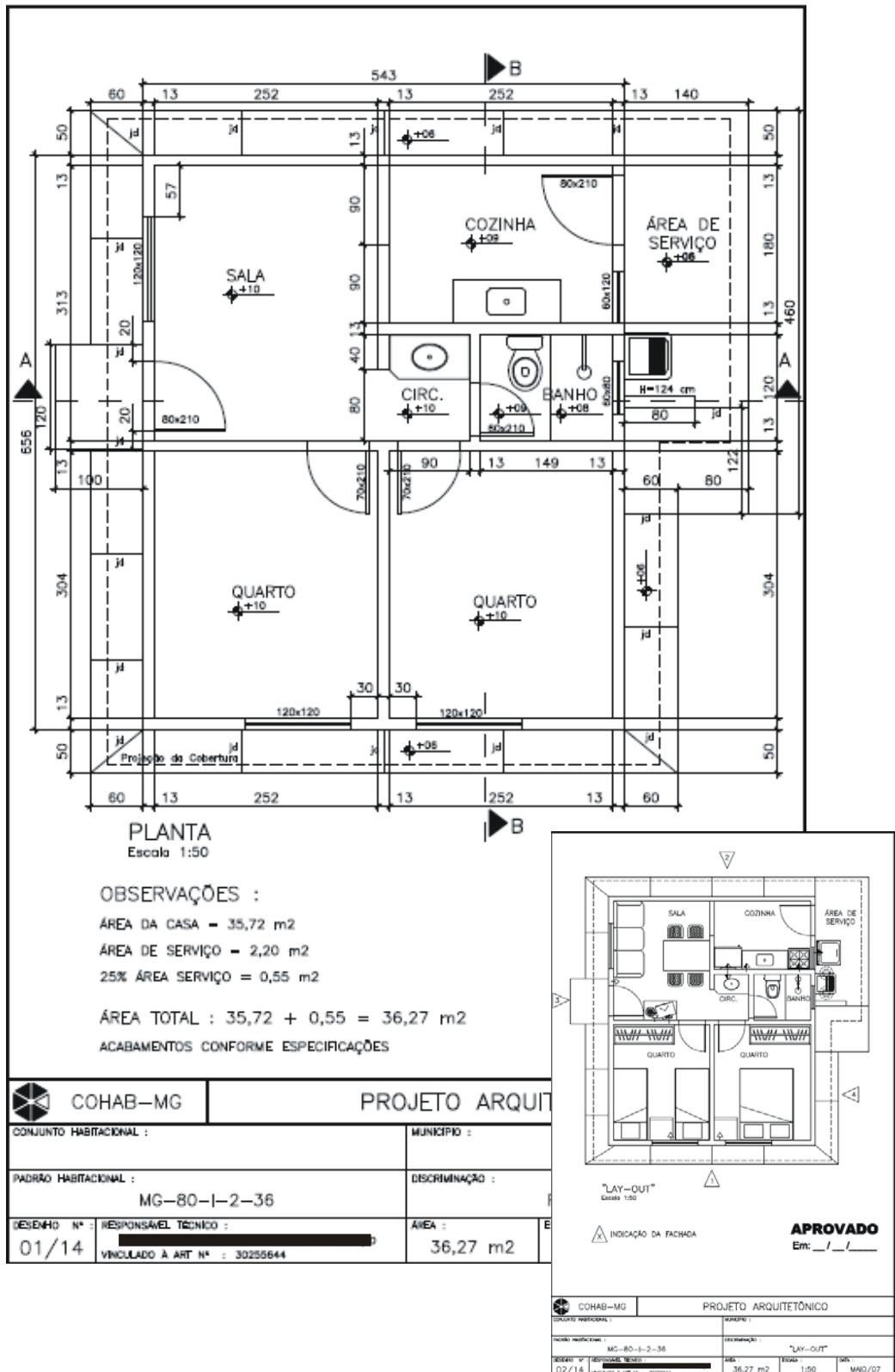


FIGURA 12 - Planta baixa da casa convencional cotada- padrão COHAB-MG. Em pequena escala planta baixa da casa convencional com mobiliário- padrão COHAB- MG- Layout.

Fonte: Cópia do projeto concedida pela COHAB

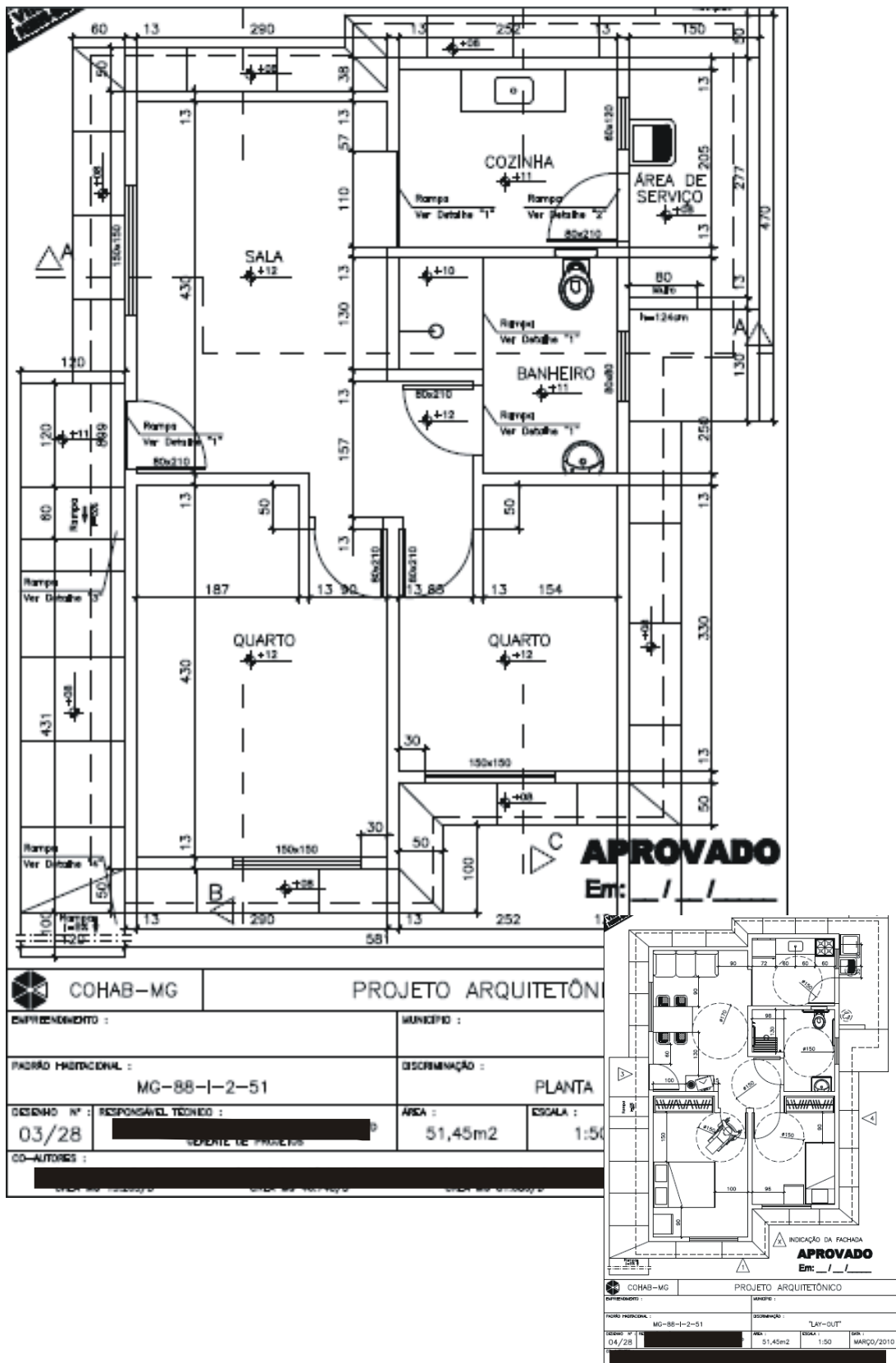


FIGURA 13 - Planta baixa da casa projetada para acessibilidade cotada- padrão COHAB- MG. Em pequena escala planta baixa da casa projetada para acessibilidade com mobiliário- padrão COHAB- MG- Layout.

Fonte: Cópia do projeto concedida pela COHAB

Existem variações do modelo das plantas com acréscimos e há possibilidade de ampliação, para mais 02 quartos ³⁶ ao fundo, caso o morador o deseje fazer conforme projeto fornecido pela prefeitura. De acordo com informação no site da COHAB-MG, há ainda várias outras opções de ampliação e modificação: duas salas ou sala e copa, copa/cozinha, com dois, três ou quatro quartos ou ainda quartos com suíte, tudo dentro das possibilidades de cada família e em observância às posturas e determinações legais de cada município. Porém, o que se percebe em campo é que quando se deseja fazer acréscimos na construção, normalmente há procura de engenheiro particular para desenvolver o projeto de modificação ou fazem por conta própria conforme a necessidade. (FIG. 14 e FIG. 15)

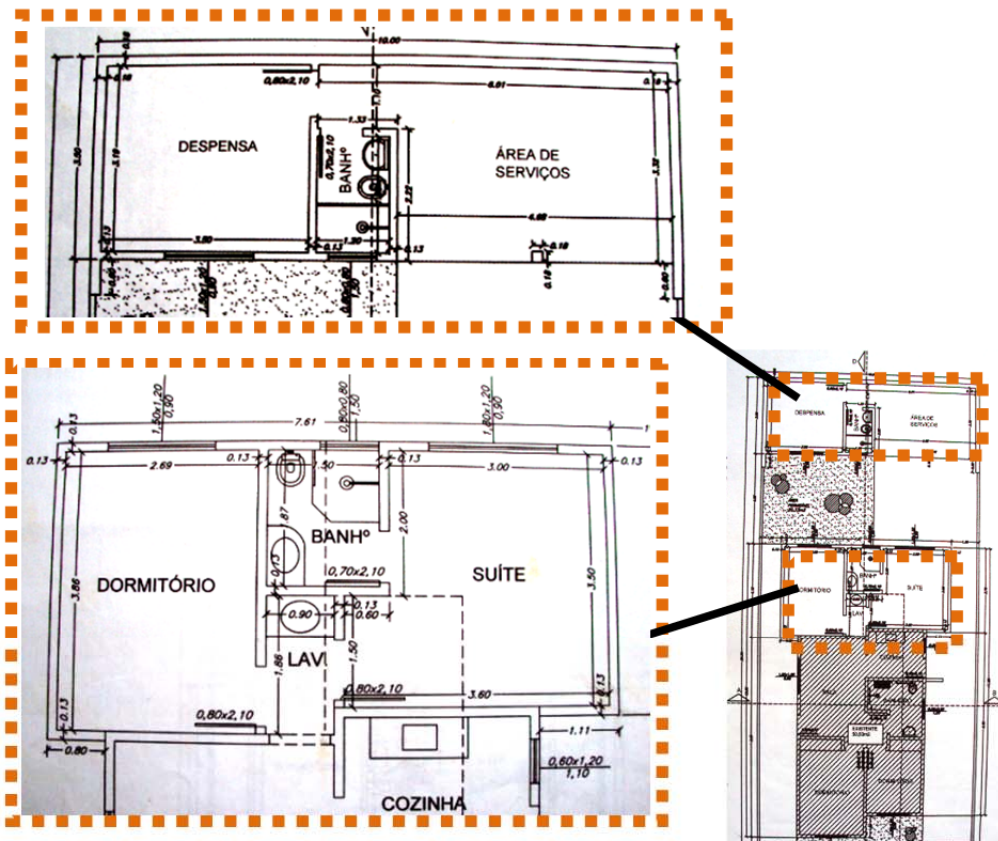


FIGURA 14 – Modificação de projeto em São Sebastião do Paraíso para casa convencional. Em destaque com linha pontilhada a área de acréscimo e hachurado a área existente. A moradora optou por fazer uma edícula com despensa, banheiro e área de serviços e anexo à casa, uma suíte, banheiro e mais um quarto.

Fonte: Fotografia do projeto arquitetônico feita pela pesquisadora.

³² Este modelo, em geral, não é utilizado pelos moradores no caso de reforma de acréscimo. Nas casas visitadas os poucos moradores que tinham a cópia da planta-baixa, só sabiam da existência desta uma forma de modificação sugerida pela COHAB-MG.

A maior causa destas reformas pode ser definida pela falta de espaço para o exercício de funções ou flexibilidade dos existentes para desenvolvimento de diferentes tipos de tarefas. Assim, destaca-se o acréscimo de área de varanda com espaço de serviços como incidência representativa nos dois modelos de habitação. O problema se acentua na medida em que há aumento de pessoas seja por índice de natalidade ou coabitação e conseqüente transformação no arranjo das famílias. Estas referências, portanto, deveriam ser aproveitadas para definição do programa de necessidades.

A intenção projetual das moradias pode ser analisada a partir de interpretação do projeto legal arquitetônico e detalhamento concedidos pela COHAB-MG, além de entrevistas com técnicos das áreas relacionadas ao conjunto habitacional, sendo eles Arquiteto e Assistente social.

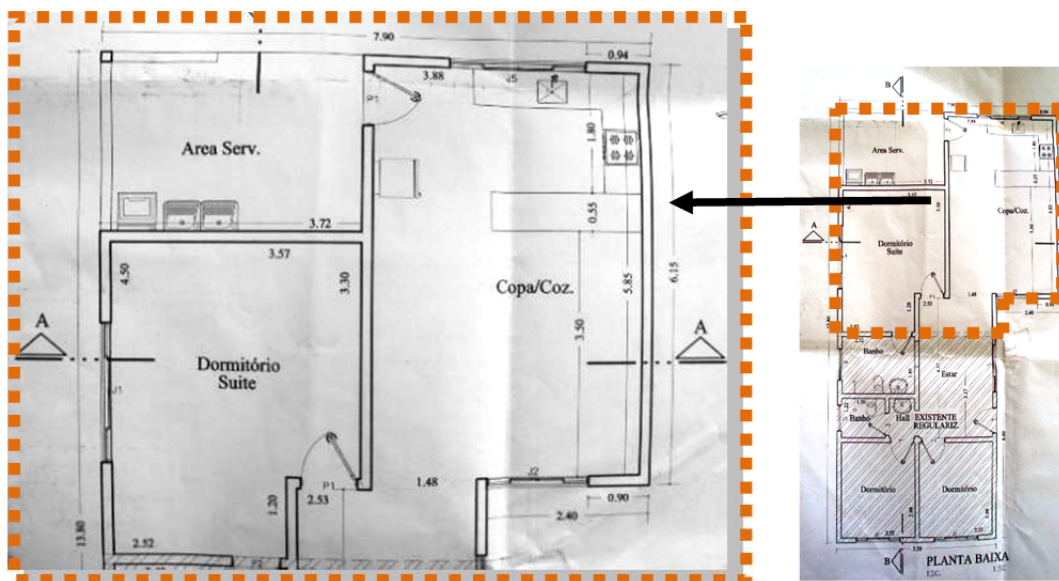


FIGURA 15 – Modificação de projeto em São Sebastião do Paraíso para casa convencional. Em destaque com linha pontilhada a área de acréscimo e hachurado a área existente. A moradora optou por fazer uma cozinha grande conjugada com a copa, área de serviço coberta, suíte e banheiro, mantendo os dois dormitórios sala e lavabo.

Fonte: Fotografia do projeto arquitetônico feita pela pesquisadora.

No estudo destes dois últimos casos e em visita de campo ficou claro que a moradia entregue passa por intervenções de acordo com anseios da população, ou pelo menos, essa é a pretensão da maior parte dos moradores. Isso denota a incompatibilidade entre a oferta e o modo de vida das pessoas.

3.1.3.2. A intenção projetual

A análise inicial descrita a seguir envolveu uma interpretação das intenções de projeto³⁷ a partir de observações dos projetos arquitetônicos de cada padrão de moradia. Posteriormente, uma leitura global abordou a eficácia ou não dos projetos relacionando-os com as atividades previstas para os ambientes que serão abordados nesta análise (QUADRO 15).

QUADRO 15 - Quadro originado pela pesquisadora a partir de referências teóricas³⁸, com foco em ambientes e atividades previstos no espaço das moradias da COHAB-MG.

AMBIENTES	ATIVIDADES
SALA DE ESTAR / COPA	Assistir à televisão
COZINHA	Cozinhar refeições Preparar alimentos Lavar utensílios de cozinha Guardar gêneros alimentícios Guardar utensílios de cozinha Fazer refeições coletivamente Tomar refeições rápidas
BANHEIRO	Lavar rosto e mãos Atender as necessidades fisiológicas Tomar banho Barbear-se Escovar os dentes
CIRCULAÇÃO INTERNA	Barbear-se Pentear os cabelos Escovar os dentes Guarda de objetos pessoais Lavar mão e rosto
ÁREA DE SERVIÇO	Reunir roupa suja Lavar roupa Passar roupa a ferro Secar roupa
QUARTO DE CASAL	Assistir televisão Receber hóspedes eventuais Dormir Descansar Ler deitado Convalescer de enfermidade Tratar de enfermos
QUARTO DE SOLTEIRO	Realizar tarefas escritas escolares Ler Convalescer de enfermidade Tratar de enfermos Guardar objetos diversos Guardar as roupas

³⁷ Verificar os cortes e detalhes dos desenhos no Apêndice E.

³⁸ Ver página 68 a 69, Quadros 4 e 5.

Foram listadas questões sobre os espaços de movimentação e será verificado se há incompatibilidade entre o número de moradores previsto em do projeto e a realidade das famílias. Todas as informações são vinculadas à sua perspectiva a partir das visitas em campo.

1. Fachada frontal

A fachada frontal das casas projetadas para acessibilidade possui tipologia diferente da convencional. Isso se deve ao acréscimo de área perceptível na forma de um dos quartos. As esquadrias da casa projetada para acessibilidade estão localizadas com peitoril de menor altura para fins de facilitar a visualização da área externa (FIG. 76).

Os critérios para implantação das casas projetadas para acessibilidade são os seguintes, segundo o técnico da área de projeto da COHAB-MG:

- o terreno ser mais plano,
- a localização do lote ser mais próxima da entrada do conjunto,
- sempre que possível, unir os critérios anteriores.

Esses fatores contribuem para a identificação da casa que é específica para o tipo de público: próxima à entrada do conjunto e com tipologia diferente das demais. O Decreto Estadual nº 17.248-07 define que 12% do total das moradias devem ser destinados para casas acessíveis. Contudo, poucas casas, em média 2% do total são construídas considerando os requisitos mínimos de acessibilidade.

Ocorre um efeito negativo no modo de vida das pessoas, mesmo elas não reconhecendo isso, pois a forma da casa é associada à imagem pessoal, discriminando e categorizando o público residente. Isso pode ser notado principalmente quando se pergunta aos residentes, dentro do conjunto, onde fica a casa projetada para acessibilidade. Além da direta identificação, as pessoas da vizinhança sabem da história de vida do morador com deficiência.

Apesar disso, as pessoas da vizinhança disseram que não tem rejeição quanto à forma da casa diferenciada porque desejam inclusive ter uma idêntica justamente pelo fato de seu maior dimensionamento e por sua valorização.

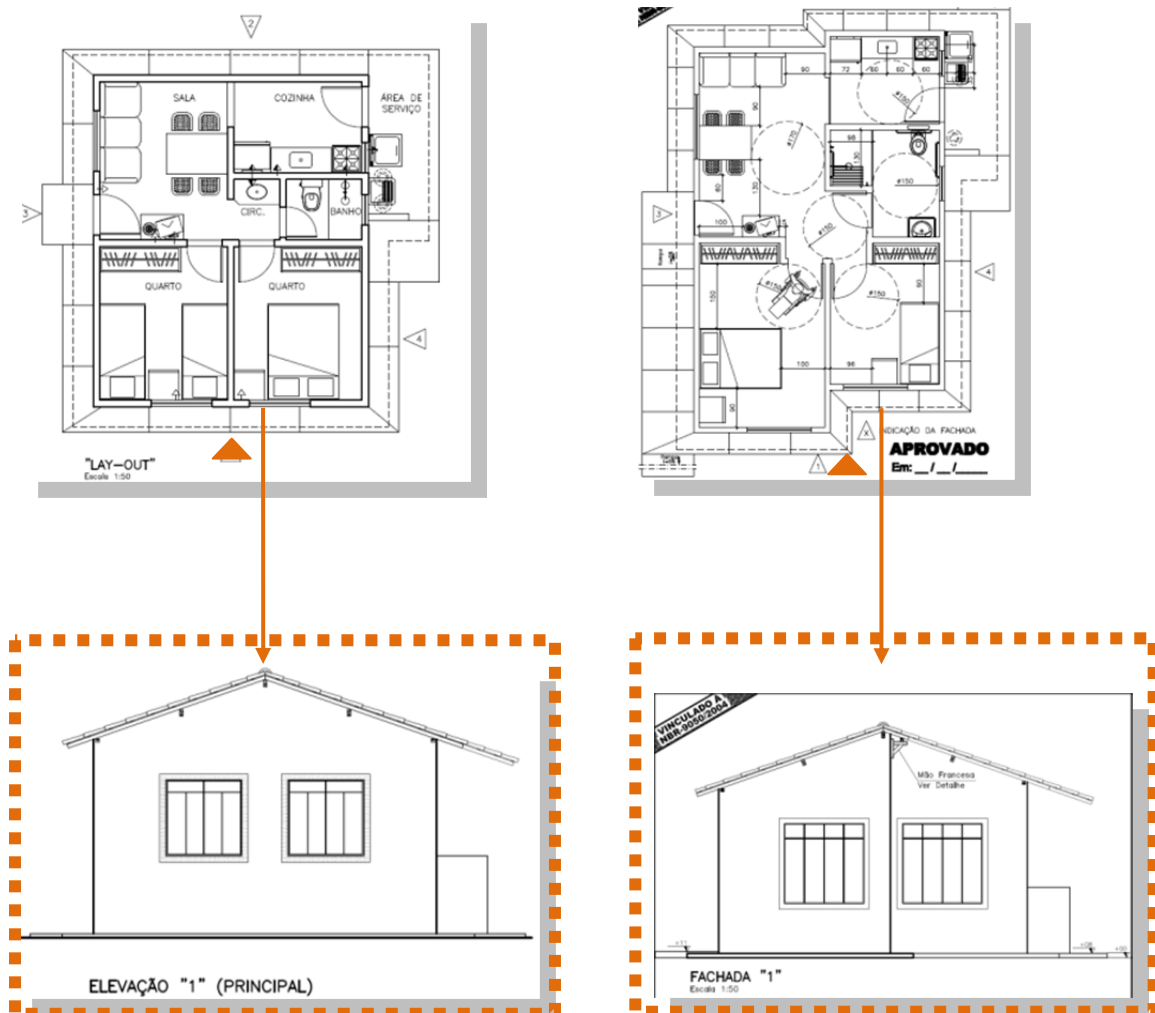


FIGURA 16 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a diferenciação da fachada frontal pela necessidade motora dos moradores.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

2. Sala de estar e copa

Com referência ao projeto para ambas as casas projetadas para acessibilidade e não projetadas para acessibilidade (convencionais), percebe-se que o projetista visou manter um espaço único de estar/refeição pressupondo que os moradores usem as cadeiras da sala de jantar para assistir televisão (FIG. 17). Isso ocorre porque o espaço da sala de estar não comporta mobiliário (sofás e poltronas) confortável e suficiente para todos os moradores (considerando uma família padrão

de pai, mãe e dois filhos). Foi previsto apenas a existência de um pequeno sofá de 03 lugares. Em geral, as famílias são numerosas, evidenciadas pelo efeito da coabitação.³⁹

Há no projeto previsão de uma estante para televisão com dimensionamento mínimo. Segundo RAMOS (2009), há um descompasso entre a produção do mobiliário popular e o espaço habitacional de baixa renda. A maior parte das famílias utiliza o jogo completo de sofá, mesmo com pouco espaço na residência. Foi apurado também, pelo relato dos moradores que as dimensões do espaço foram conferidas *a priori* para que pudessem comprar o maior sofá oferecido na loja. Isso confirma a ideia de valor de signo do mobiliário que atribui *status* ao morador.⁴⁰

No caso da casa projetada para acessibilidade o posicionamento do sofá atrás da mesa de jantar impede boa visualização para a efetivação da atividade “assistir à televisão”. Nessa atividade, é pressuposto que a família se reúna ao mesmo tempo num só local, o qual tem dimensões incompatíveis para o conforto de todas as pessoas assentadas.

Foi previsto a instalação do telefone ao lado da caixa de saída da antena de T.V.⁴¹ Isso dificulta a comunicação com uso do telefone fixo, caso a televisão esteja ligada.

Uma grande dificuldade e risco na casa convencional (não projetada para a acessibilidade) parece ser o pouco espaço de movimentação na passagem entre a mesa de jantar e o sofá. Caso houvessem pessoas sentadas nele, outras não

³⁹ Os componentes do déficit habitacional são a habitação precária, a coabitação familiar e o ônus excessivo com aluguel. As habitações precárias, que correspondem aos domicílios improvisados e aos rústicos, são estimadas em 1.556.237 unidades, das quais apenas 13,2% localizam-se nas regiões metropolitanas. A coabitação familiar, componente mais expressivo do déficit habitacional, engloba as famílias conviventes e os cômodos. Estima-se que haja 4.489.139 de domicílios em condição de coabitação familiar, concentrados basicamente nas áreas urbanas – são 85,8% do total. Já o ônus excessivo com aluguel (até três salários mínimos de renda mensal e dispêndio de mais de 30% desse total com o aluguel), corresponde a 29% do total das carências urbanas. Dados segundo IBGE, PNAD. Fonte: <http://www.finep.gov.br>. Acesso em Março, 2011.

⁴⁰ Ver: RAMOS, J.C. A participação do mobiliário na conformação do espaço habitacional popular em uma vila de Belo Horizonte: Uma investigação do descompasso entre produção e realidade. NPGAU/UFMG, Dissertação, 2009, Belo Horizonte.

⁴¹ Ver projeto elétrico no APÊNDICE E

transitariam com facilidade e conforto. O dimensionamento da sala da casa convencional é menor do que a projetada para a acessibilidade, mas o layout é o mesmo. Assim, atividades como “assistir à televisão” podem ser igualmente comprometidas.

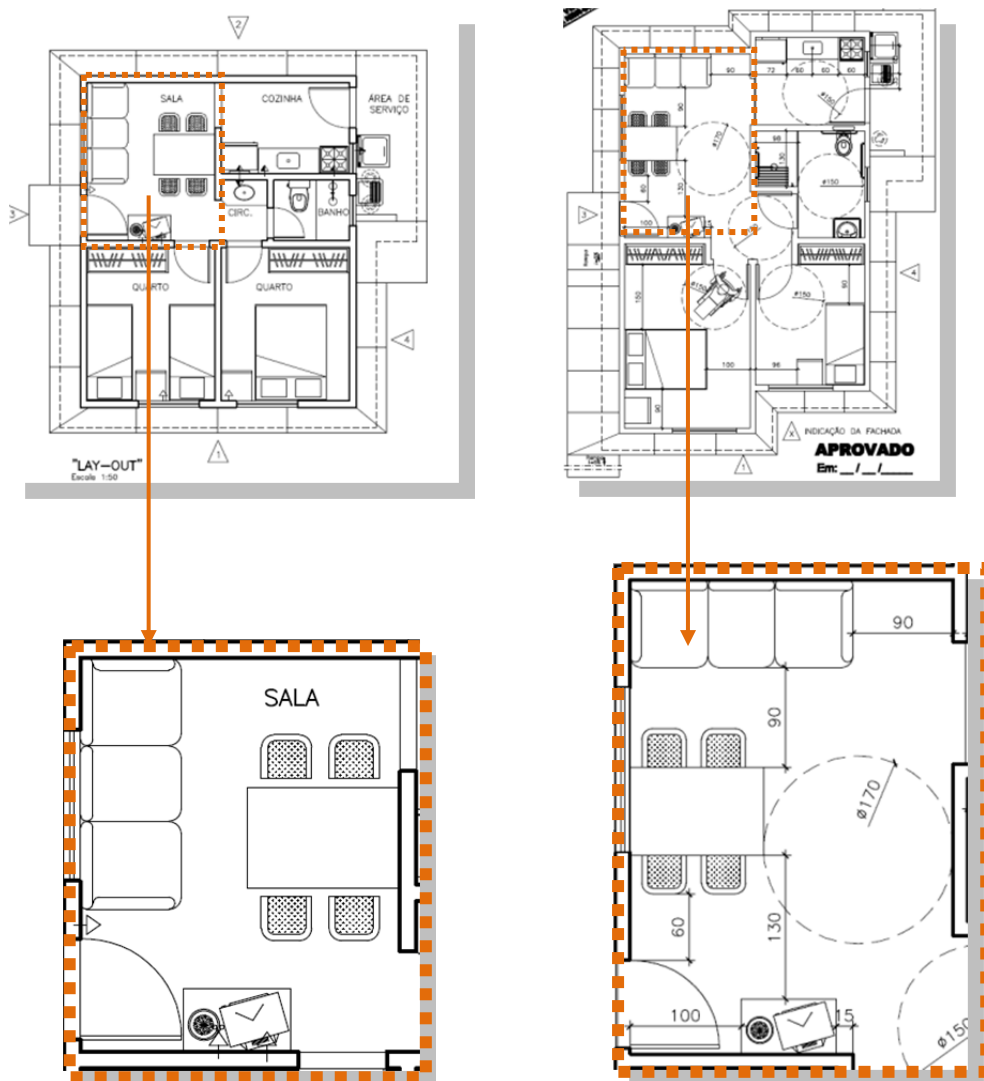


FIGURA 17 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Sala de Estar.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

3. Cozinha

Na análise dos projetos para as cozinhas (FIG. 18) pode-se apontar que as tarefas de “cozinhar refeições”, “preparar alimentos” e “lavar utensílios de cozinha” a priori, são atendidas pela distribuição do layout com geladeira, fogão e bancada com pia.

Contudo, a altura da bancada da pia de 80 cm na casa projetada para acessibilidade, atende às pessoas sentadas ou de baixa estatura, mas não engloba as possíveis variações no perfil antropométrico presentes na composição familiar, e assim compromete a eficácia da atividade “lavar utensílios de cozinha”.

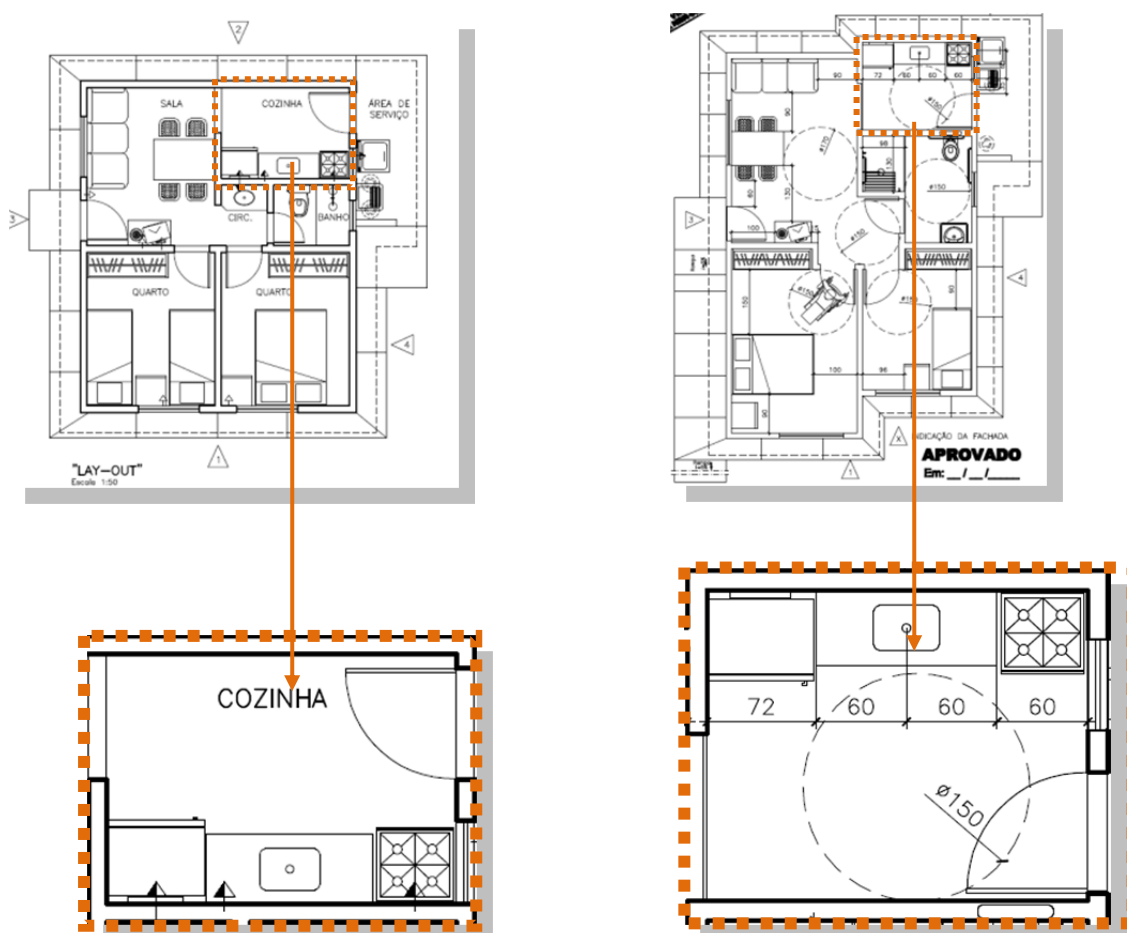


FIGURA 18 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Cozinha.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

Em ambos os casos, não está prevista a inclusão de armário de cozinha com módulos, padrão ofertado pelo mercado. Isso demonstra que a preocupação de se deixar livre (correspondente ao espaço do módulo de referência - M.R.⁴²) a parte inferior das bancadas nas casas onde há moradores que utilizam da cadeira de rodas. A opção comum é pela instalação de armários somente na parte superior da bancada (armário aéreo). Apenas os armários superiores não atendem a demanda

⁴² O M.R. (módulo de referência) segundo a ABNT considera-se o módulo de referência a projeção de 0,80 m por 1,20 m no piso, ocupada por uma pessoa utilizando cadeira de rodas.

dos moradores. Assim, caso o morador não adquira o mobiliário inteiro ou módulos complementares, tanto a tarefa de “guardar gêneros alimentícios” quanto a de “guardar utensílios de cozinha” são dificultadas. A localização de armários na parede oposta à bancada pode obstruir a área de giro e de manobras internas no ambiente.

Considerando-se uma média de quatro moradores por família, em nenhum dos casos, é possível “fazer refeições coletivamente” e “tomar refeições rápidas” sem que o espaço de uso fique comprometido.

4. Banheiro

Neste ambiente, devido principalmente ao dimensionamento, há uma diferenciação na distribuição do *layout* entre os dois modelos de casas (FIG. 19). Na primeira delas, há chuveiro e bacia sanitária no ambiente “Banho”. O lavatório encontra-se fora, no espaço da circulação. No segundo caso, o lavatório encontra-se dentro do ambiente.

Entre as vantagens neste caso, ocorre a independência de utilização do lavatório por outra pessoa simultaneamente, caso o banheiro esteja ocupado. Todavia, como desvantagem, existe o fato de que o lavatório externo dificulta a eficiência na tarefa de “lavar rosto e mãos.” O usuário que “atende as necessidades fisiológicas,” no interior do cômodo se utiliza da maçaneta para sair do banheiro sem antes ter feito a assepsia das mãos.

O banheiro projetado para acessibilidade apresenta-se com dimensionamento e distribuição interna de *layout* adequado à utilização com maior conforto e segurança. Além da previsão de barras, o projeto prevê bancos articulados, desnível zero para acesso ao cômodo e ao chuveiro, comandos do chuveiro, torneira tipo alavanca, sóculo para prover altura adequada para transferência do usuário de cadeira de rodas para a bacia sanitária, puxador para basculantes, entre outros elementos.⁴³

⁴³ Ver projeto arquitetônico de detalhamento no Apêndice E

Neste caso, as atividades de “tomar banho”, “lavar rosto e mãos” e “atender as necessidades fisiológicas”, de acordo com a intenção projetual atendem a demanda.

Como não foi prevista acessibilidade na altura de colocação do espelho e em sua inclinação, é possível que as atividades “barbear-se” e “escovar os dentes” estejam sendo executadas inadequadamente.

As moradias não são entregues com o piso instalado. O ambiente de área molhada tem predominantemente o piso de cimento queimado e esse pode comprometer o equilíbrio e a segurança de qualquer morador.

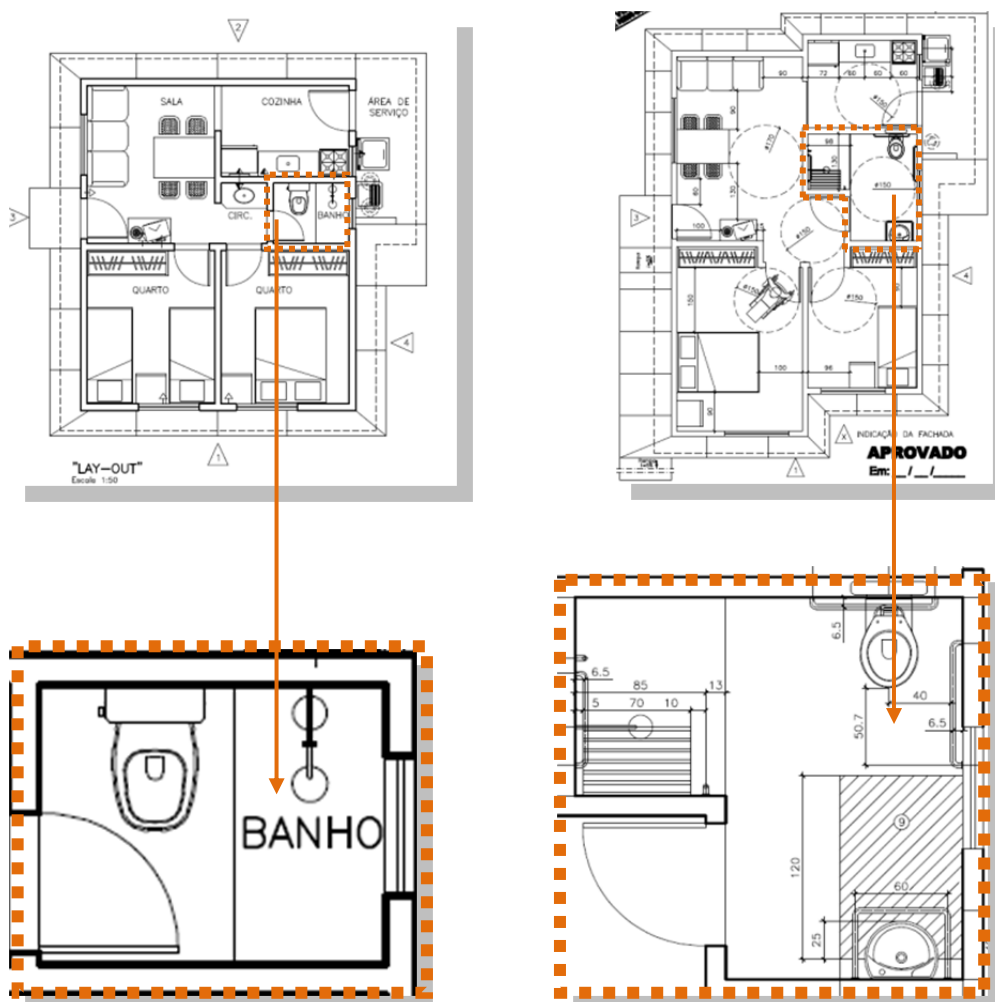


FIGURA 19 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Banheiro.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

5. Circulação interna

Na análise dos projetos a área de circulação interna da casa convencional atende diversas atividades como “lavar mão e rosto”, “barbear-se”, “pentear os cabelos” e “escovar os dentes”, de modo que este ambiente é uma extensão do banho (FIG. 80). É previsto que o espaço debaixo da bancada seja utilizado com armário para “guarda de objetos pessoais”.

No projeto da casa projetada para acessibilidade, há área de 1,5m de diâmetro na circulação para giro de 360 graus no caso de haver uso de cadeira de rodas. Isso acontece quando a porta do banheiro está totalmente aberta ou fechada. Neste espaço, o projeto evidencia que não há nenhum tipo de mobiliário ou objeto a ser colocado sem que esse obstrua as passagens para os quartos e banheiro.

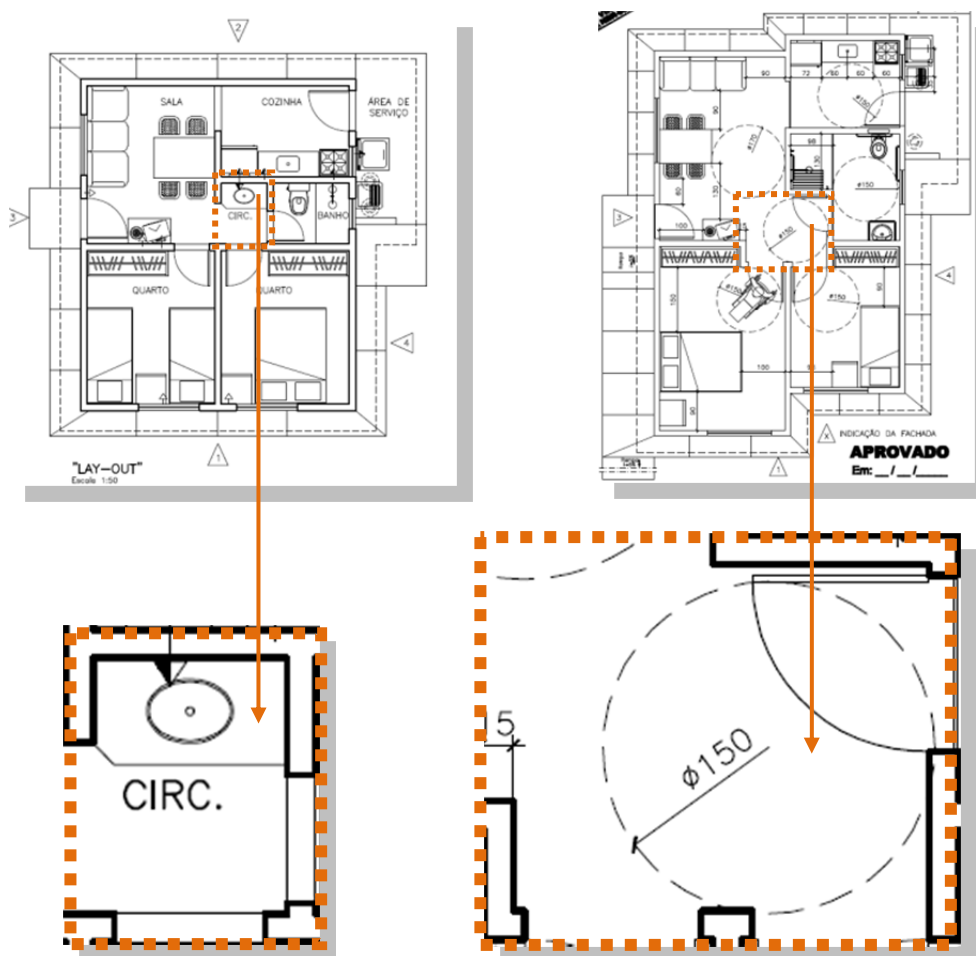


FIGURA 20 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Circulação.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

6. Área de serviço

A projeção de telhado em maior beiral na área externa próximo à cozinha favorece a instalação de tanque de um bojo e máquina de lavar roupas demarcando a área de serviço. Porém, devido a falta de muro na entrega das casas e pelo ambiente não ser fechado, os moradores podem ficar com o equipamento na área externa suscetível à intempéries como chuva com ventania, insolação e a falta de segurança na guarda de tal equipamento (FIG. 21).

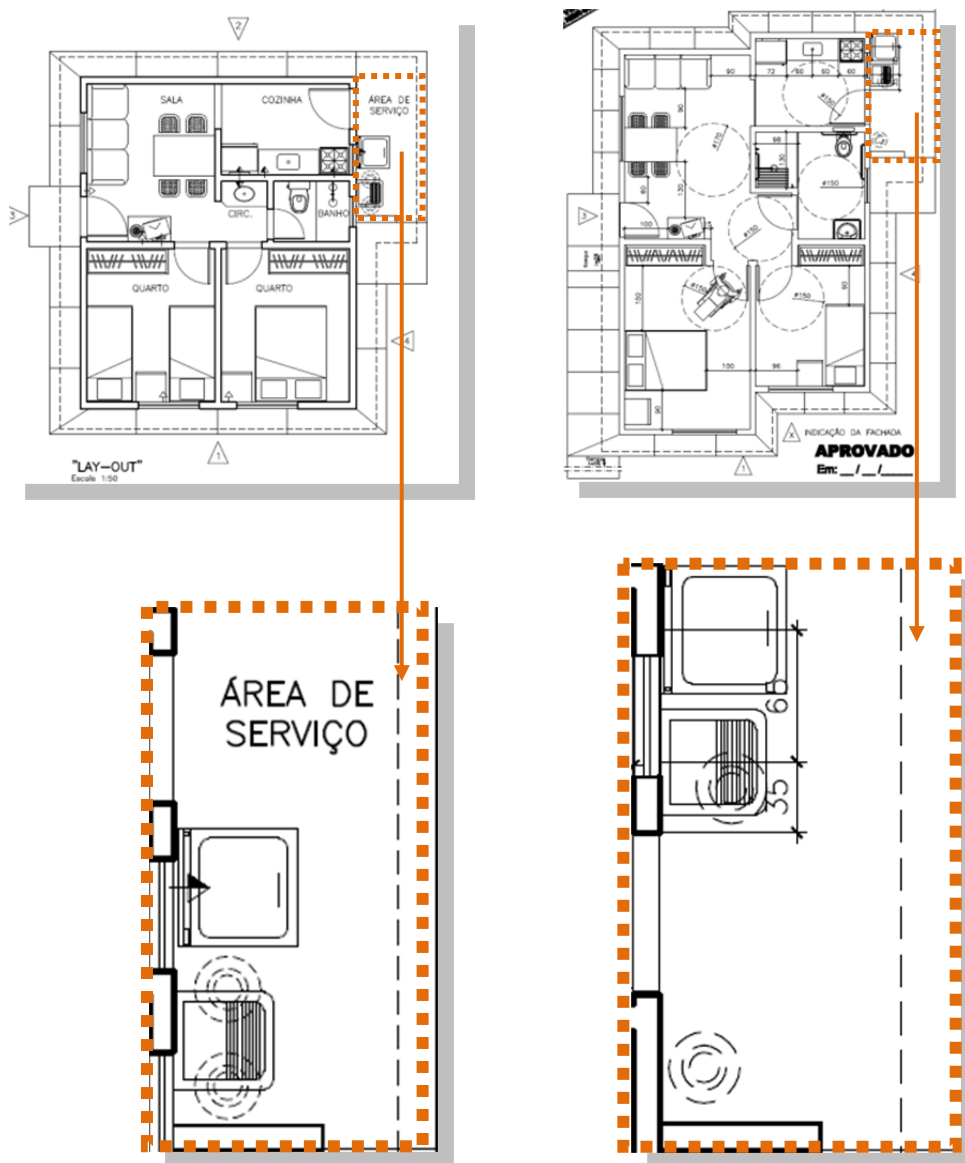


FIGURA 21 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Área de serviço.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

Neste caso, as tarefas de “reunir roupa suja”, “lavar roupa”, “passar roupa a ferro”, estão sujeitas a não serem efetivadas adequadamente. Para a última tarefa, quando o fazem inclusive, não há previsão de que ocorra na área de serviço em nenhuma das tipologias de casas, induzindo os moradores a passar roupa sobre a cama ou mesmo sobre a mesa de jantar.

A largura do piso externo na área de serviço é maior em relação ao passeio que circunda a casa. Na casa projetada para a acessibilidade apesar de haver largura suficiente para giro e circulação de pessoa com deficiência, de 1,50m em muitos espaços, o passeio é de 60 cm e isso não permite que a pessoa se desloque ao redor da casa. Por não haver piso assentado no quintal, existe uma grande dificuldade do morador desenvolver a tarefa de “secar roupa” principalmente se a pessoa com deficiência for executá-la.

A entrada pela área de serviço não possui degrau na casa projetada para pessoas com deficiência. Na moradia convencional, entretanto, há degrau em média de 10 cm que geralmente impede pessoas com restrições de mobilidade reduzida ou mesmo crianças acessarem o interior das casas com segurança.

7. Quarto de casal

Os projetos (FIG. 22) não indicam a possibilidade de que as pessoas de menor poder aquisitivo tenham o hábito de exercer a tarefa “assistir televisão” em mais de um cômodo da casa, abrangendo sala e quarto, por exemplo. Tanto o estudo de *layout* quanto o projeto elétrico não dão indícios de que existam dois aparelhos de televisão na residência.

A atividade de se “receber hóspedes eventuais”, ou seja, receber visitas para “pousar” não está explícita no projeto. Desse modo, especula-se que a sala e outros espaços livres na casa possam ser utilizados com camas e colchões. Assim, a casa deixa de ser acessível temporariamente, quando ocorrem visitas com pernoite.

Na casa projetada para acessibilidade, há espaço para giro de uma pessoa em cadeira de rodas e outro para transferência para a cama. Há, também, espaço livre

de circulação para acesso à janela de baixo peitoril, fato que favorece a visualização externa.

As atividades de “dormir”, “descansar,” e “ler deitado,” possivelmente, são atendidas com o *layout* proposto para ambos os tipos de casa. Porém, a tarefa “convalescer de enfermidade” e “tratar de enfermos” podem não estar ajustadas em função da tipologia do mobiliário. Para os casos em que as pessoas necessitam de serem assistidas durante a noite, não há local de apoio para acomodar o acompanhante.

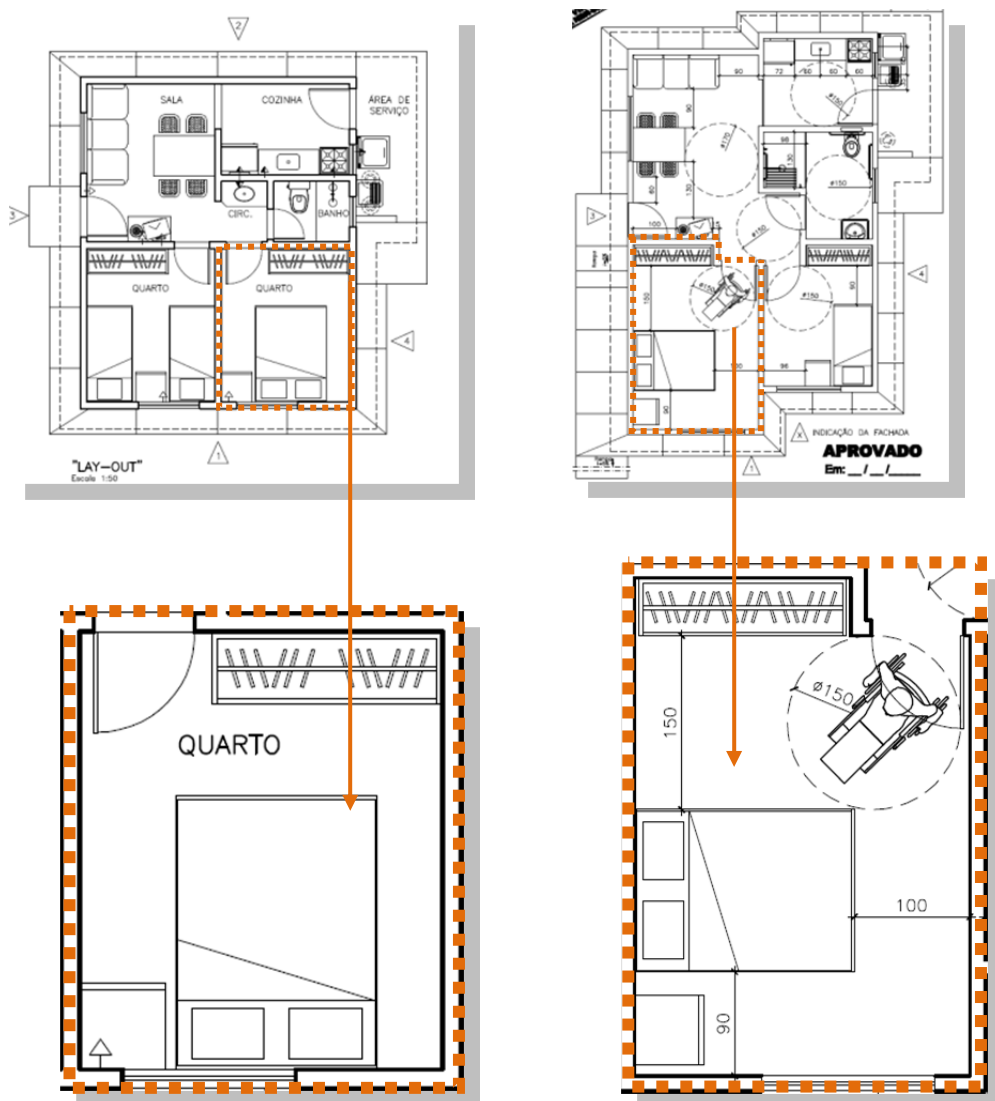


FIGURA 22 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Quarto de casal.

Fonte: Projeto cedido pela COHAB-MG

8. Quarto de solteiro

As atividades de “realizar tarefas escritas escolares” e “ler” parecem não terem sido consideradas para ocorrerem no quarto de solteiro. Os projetos de ambos os tipos de casas induzem que o espaço de leitura e estudo deva acontecer sobre a cama, ou na mesa de jantar na sala. Neste caso, a integração do estudo com refeição e sala de televisão pode comprometer a concentração e desempenho dos usuários. (FIG.23)

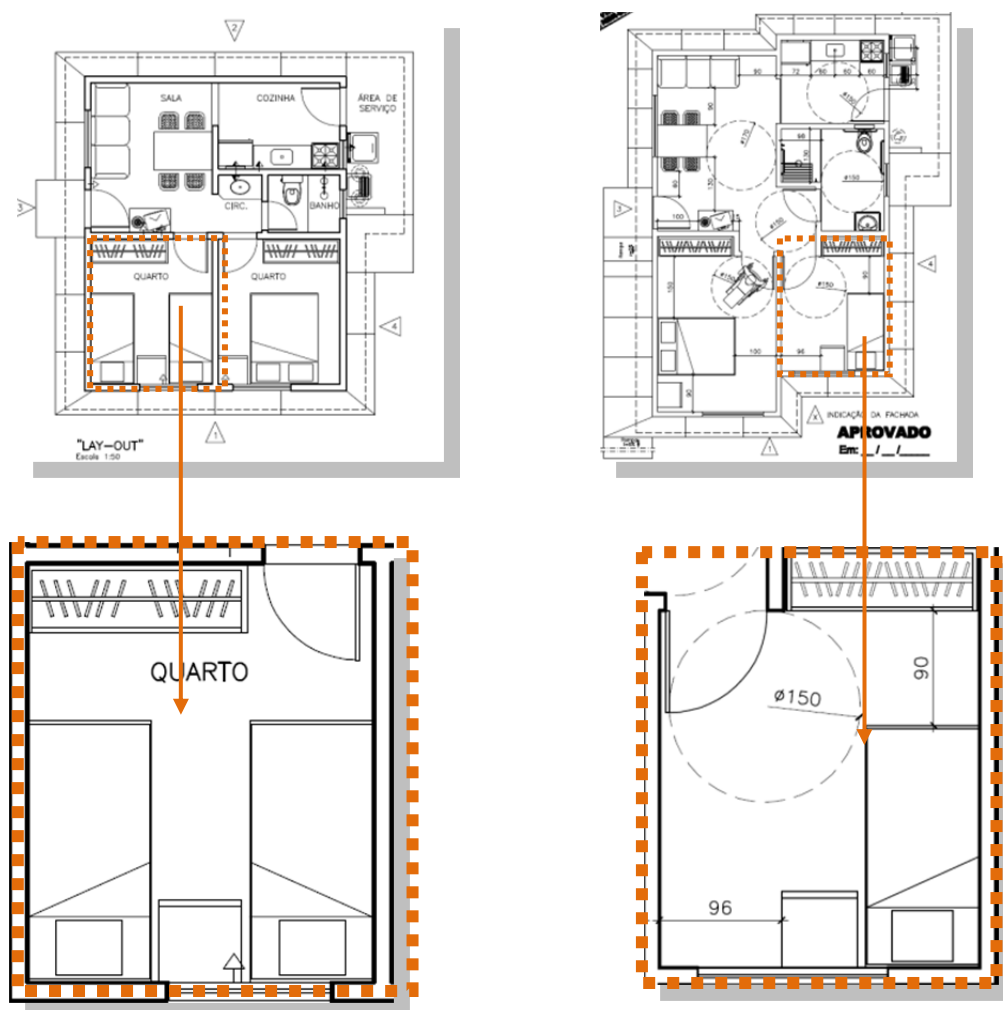


FIGURA 23 – Projeto da casa convencional e da casa projetada para acessibilidade, com a indicação do ambiente Quarto de solteiro.

Fonte: Cópia do projeto cedida pela COHAB-MG

Sob a mesma ótica, “receber hóspedes eventuais” no quarto de solteiro, pode ocupar a área que deveria ser livre para circulação das pessoas, mesmo que de

modo temporário. Ainda assim, se a família for mais numerosa e necessitar de outras camas nos quartos, a questão se torna complexa.

Como no quarto de casal, “convalescer de enfermidade” e “tratar de enfermos” pode demandar mobiliário para suporte, fato que também pode comprometer a circulação e dificultar a execução de tais atividades. Os espaços são pequenos e não permitem que duas pessoas atuem juntas, no caso de prover auxílio ao enfermo. No projeto da casa convencional, esta situação se complica por não haver espaço livre o suficiente; na casa projetada para acessibilidade, esta situação ocorre quando o espaço que deveria estar livre de barreiras é bloqueado pela mobília. Tal condição não se resume em abranger a convalescença de enfermidades de pessoas com deficiência apenas, mas também na recuperação de membro fraturado, no período gestacional, e nos cuidados com fatores da idade avançada.

Na análise do layout da casa projetada para ser acessível é possível percebermos que há no quarto de solteiro uma cama pode ser também beliche e, além disso, um espaço de 90 cm de largura entre o criado mudo e a parede para aproximação na janela. O dimensionamento entre a cama e o armário permite aproximação, mas dificulta o alcance como “guardar objetos diversos” e “guardar as roupas”. Neste caso, o armário deveria conter portas de correr, o que não é geralmente de conhecimento do morador.

3.2 Características comportamentais

3.2.1 Modos de vida

A imprevisibilidade faz parte do comportamento humano. Para Grillo (2007) a imprevisibilidade e a incerteza não são debilidades da natureza humana que se devam corrigir ou sufocar, mas atributos intrínsecos a todo ser vivente. Os modos de vida são dinâmicos e vão se alterando à medida que novas atividades tornam-se inseridas no cotidiano das pessoas. Portanto, se estamos sempre em processo de mudança deveríamos prezar por espaços mutáveis e que ainda assim sejam

adequados às nossas necessidades de cada momento. Ao se falar sobre o modo de vida dos moradores e relações com o ambiente, é possível mensurar o significado do espaço através do nível de satisfação:

Por certo, um ambiente residencial caracterizado por atributos físicos alcança uma dimensão subjetiva quando é avaliado por seus usuários, e o que se observa é que há maior referência aos atributos de caráter psíquico e social como fator de satisfação com o imóvel que atributos de caráter material. Assim é que, muito além da função de habitar, a casa parece tomar uma pluralidade de sentidos para seus moradores, que dela falam como se traçassem um mapa afetivo e em suas narrativas evocam de diferentes modos a profundidade das relações estabelecidas com a moradia. Muitos são os sentimentos experimentados pelos moradores em relação à casa, e esse lugar tão precioso é descrito sob vários pontos de vista. (PENZIM, 2001)

Pela análise etnográfica foi possível perceber como as pessoas apropriam-se do espaço da casa. A partir disto, segue-se uma explanação do modo de viver das pessoas nas moradias projetadas para acessibilidade e das convencionais verificando se as intenções de projeto condizem com a realidade.

Para isso, foram elencados dez itens de destaque já que refletem no uso do espaço da moradia. Estes serão a base comum na identificação de desconformidades ambientais, são eles:

1. Excesso de mobiliário
2. Falta de execução de calçadas, caminhos concretados e pisos
3. Área de serviço aberta
4. Altura da bancada
5. Dimensionamento reduzido dos cômodos
6. Falhas na execução de obras
7. Famílias numerosas
8. Atividades não previstas

9. Falta de privacidade

10. Construção de degraus

1. Excesso de mobiliário

Na maioria das vezes, o *layout* não condiz com a previsão de atividades expressa pelo projeto. Isso se deve, ao superdimensionamento de móveis populares por empresas do ramo e aos mobiliários que as famílias geralmente trazem da antiga residência, que, em geral, é de tamanho maior.

O excesso de mobiliário e o incorreto posicionamento no espaço sem consideração aos parâmetros mínimos de acessibilidade definem ambientes inacessíveis principalmente às pessoas usuárias de cadeira de rodas.

O comprometimento do espaço da acessibilidade pode ser percebido em barreiras que o mobiliário cria com restrições no exercício de tarefas, pela minimização no espaço das áreas de passagem e no espaço livre para movimentação; fato que interfere no bem estar da família.

Na grande parte das casas estudadas (das projetadas para acessibilidade e das não projetadas para acessibilidade) é recorrente a disposição do mobiliário excessivo no ambiente, num espaço que deveria estar livre de barreiras. O impacto do excesso de mobiliário se reflete na redução de área de passagem / circulação e no impedimento da execução de tarefas.

A FOTO 12 retrata um somatório de evidências de que o modo de vida não condiz com as diretrizes de projeto. Há um cesto sob a bancada da pia que serve para armazenagem (para um morador de grande estatura que faz atividade “em pé”) e este bloqueia o espaço livre do módulo de referência (M.R.) para um morador que pode utilizar uma cadeira de rodas. A mesa de jantar na cozinha restringe a passagem e a execução de outras atividades no local.



FOTO 11 - Morador com dificuldade de exercer a tarefa de lavar utensílio de cozinha, pela baixa altura da bancada. Além disso, móveis e objetos geram barreiras.



FOTO 12 - Objeto que impede a livre passagem.



FOTO 13 - Mobiliário que impede a livre circulação.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

Da mesma forma, a fruteira atrás da porta impede a abertura total da porta de passagem da cozinha para área externa (FOTO 13) e o sofá ocupa mais da metade da porta do quarto impossibilitando o acesso ao mesmo. O uso dos quartos é feito de modo parcialmente integrado por acesso apenas através de uma porta (FOTO 13).

Na FOTO 14, a cômoda no quarto de solteiro obstrui a entrada. Pelo excesso de mobiliário foi necessário retirar a porta para que o móvel se mantivesse no quarto. A FOTO 15 mostra a sala da casa projetada para acessibilidade que também está com excesso de mobiliário. Apesar da casa ser maior, a família numerosa e os móveis em excesso impedem a livre circulação para o morador usuário de cadeira de rodas. No exemplo, a geladeira divide o espaço da sala assim como um cercado para bebê. No último caso, (FOTO 15), o morador não consegue ter espaço de movimentação livre pela casa visto que a passagem para área dos quartos é estreita devido ao excesso e superdimensionamento do mobiliário. Apesar do rack ter borda arredondada o risco de lesão na circulação é grande pelo pequeno espaço livre.

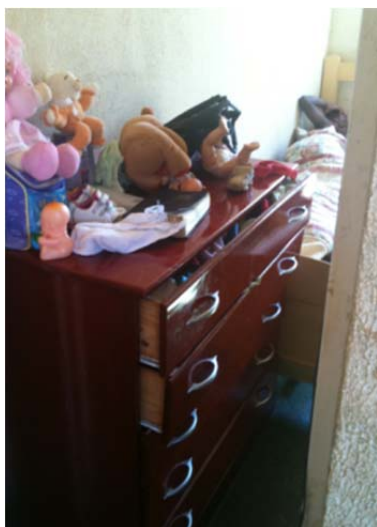


FOTO 14 - Exemplo de excesso de mobiliário no quarto.



FOTO 15 - Sala de estar com pouco espaço livre.



FOTO 16 - Local de difícil acesso na sala de estar, devido ao excesso de móvel.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

2. Falta de execução de calçadas, caminhos concretados e pisos

Todas as moradias são entregues sem a execução de contrapiso de concreto na área externa (exceto no passeio que circunda a casa), no piso interno e nas calçadas. Dessa forma, ocorrem improvisações no espaço da casa a fim de que o morador possa adaptá-la à sua necessidade. Por falta de conhecimento técnico, de acesso à consultoria especializada, ou mesmo, de condição financeira, os moradores criam artifícios para uso da habitação, em muitos casos, desconsiderando os princípios de segurança.

Na FOTO 17 foi necessário improvisar a passagem por meio de uma tábua de madeira. Por ser uma casa projetada para acessibilidade, o morador usuário de cadeira de rodas transita pela terra batida até a rua sem calçada.

A FOTO 18 mostra que a moradora investiu em piso de concreto na área externa de uma casa convencional, já que na área interna o filho não tem espaço de uso prolongado. A FOTO 19 mostra que o desnível de pouco mais de dois centímetros ocasionou a construção de uma rampa com mais de 50 % de inclinação junto à soleira. O problema é referente ao nível zero do piso interno (sem contrapiso) em

que as casas são entregues. Este nível se eleva com novo revestimento. Futuramente, as pessoas irão investir em material de acabamento e necessitam de orientação para evitarem barreiras principalmente às pessoas com algum tipo de deficiência ou problemas de mobilidade.



FOTO 17 - Dificuldade de acesso à casa principalmente pelo morador usuário de cadeira de rodas.



FOTO 18 - Piso executado pela moradora.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.



FOTO 19 - Rampa íngreme de acesso à residência executado sem previsão em projeto.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

3. Área de serviços aberta

Na maior parte das casas, os moradores ainda não tiveram condições financeiras para construir muros. Localizada na área externa e aberta, a área de serviço não oferece segurança quanto à definitiva localização da máquina de lavar. Desse modo, algumas improvisações são feitas para o espaço interno da casa possa ser usado para a guarda do equipamento.

Por motivo de segurança contra roubos e proteção contra danos causada pelas intempéries, a máquina de lavar geralmente fica na cozinha quando não está sendo utilizada (FOTO 20). No momento do uso é transportada para a área externa, onde geralmente as pessoas executam esta tarefa. Como resultados, há o comprometimento de áreas internas que deveriam ser livres de objetos para permitir fácil acesso. Além disso, tal fato prejudica a saúde do morador que necessita transportar o equipamento para dentro de casa, sempre que necessário.

Na FOTO 21, a família utiliza o canto livre no quarto para o armazenamento do equipamento já que o espaço do banheiro da casa convencional é reduzido. Para lavar as roupas, a moradora transporta a máquina de lavar para a área externa

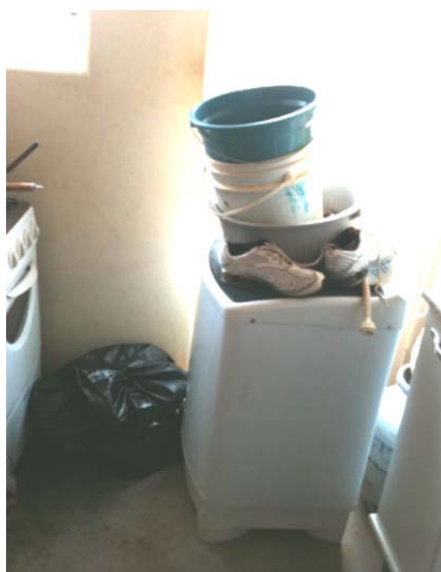


FOTO 20 - Máquina de lavar roupa na cozinha pelo fato da área de varanda ser aberta.

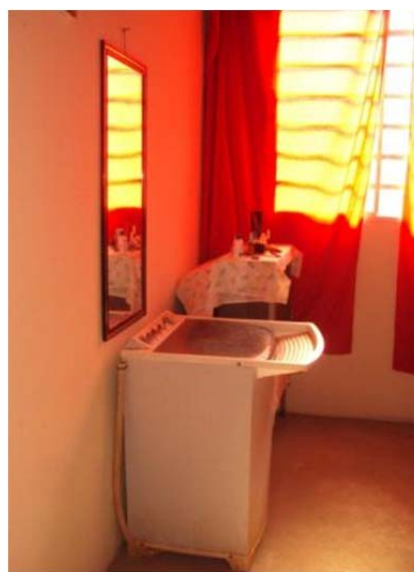


FOTO 21 - Máquina de lavar roupa no quarto, pelo fato da varanda ser aberta.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

No exemplo seguinte (FOTO 22), como o banheiro da casa projetada para acessibilidade possui maior dimensionamento, as pessoas utilizam dele para guardar a máquina de lavar roupas. Porém, a sua localização impede a passagem do morador para o espaço do chuveiro. Neste caso também, tanto a máquina quanto o cesto de lixo impedem a transferência lateral para a bacia sanitária, por causa da ocupação da área do módulo de referencia.

Na FOTO 23, o morador necessita usar com independência o banheiro, porém internamente há uma máquina de lavar roupas em frente ao lavatório. Por este motivo, o deslocamento, o giro e a transferência não são feitos de modo completo.



FOTO 22 - Máquina de lavar roupas no banheiro impedindo a circulação e transferência do morador usuário de cadeira de rodas.



FOTO 23 - Máquina de lavar no banheiro em frente ao lavatório impedindo a sua correta utilização.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

4. Atura da bancada

A casa projetada para acessibilidade foi definida com bancada da pia de cozinha em altura de 80 cm, o que é adequado para pessoas com deficiência a utilizarem. Porém, para os demais integrantes da família há desconforto pela baixa altura da bancada em relação ao piso. Em geral, na prática, os moradores com deficiência raramente utilizam a cozinha. São excluídos de funções domésticas tanto pelas limitações da deficiência quanto por proteção dos familiares. (FOTO 24 e FOTO 25)



FOTO 24 e 25 - A moradora com problemas de saúde, transferiu a bancada da pia localizada na cozinha projetada (à esquerda) para a área externa (à direita) na altura de 90 cm adequada às pessoas que a podem utilizar fato. Foi feito área de acréscimo com varanda já que o dimensionamento da cozinha não atendia às necessidades da família.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

5. Dimensionamento reduzido dos cômodos

As casas convencionais possuem dimensionamento e programa de necessidades que em muitos casos, não atende a população de moradores. Isso decorre de um somatório de fatores que incluem o excesso de habitantes por casa e o excesso de mobília distribuída de modo impróprio.

Para os moradores, viver no conjunto popular da COHAB-MG é motivo de satisfação pelo fato de não terem que pagar aluguel. Ainda assim, é notório ocorrerem reformas para ajustes do modelo projetado ao modo de vida dos moradores. Noutros casos, quando o morador não pode investir, ele é impedido de exercer atividades pelo espaço restrito ou mesmo tem suas tarefas improvisadas, fato que não garante segurança na execução.

Exemplos do efeito de dimensionamento reduzido dos ambientes podem ser percebidos no espaço de circulação (FOTO 26; FOTO 27;). Tal espaço é insuficiente, apesar de ser amplo para passagem. Nas quinas de portas e paredes há fortes danos por batida da cadeira de rodas durante sua movimentação. Já na

FOTO 28, por causa da largura estreita da circulação, a bancada teve que ser modificada a fim de que os móveis pudessem entrar nos quartos.



FOTO 26 e 27 - Paredes danificadas pelas batidas da cadeira de rodas.

FOTO 28 - Bancada quebrada para possibilidade de passagem.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

A alteração da arquitetura pode ser comprovada por meio de integração de ambientes como no caso de quartos, onde o morador necessitou abrir a parede de alvenaria para que seus pertences pudessem ser distribuídos. (FOTO 29). Noutros casos, a construção de cômodos extras é bastante comum na casa projetada para a acessibilidade e convencional. Isso acontece para atender às necessidades de toda a família. A FOTO 30 apresenta um cômodo provisório anexo à casa que funciona como local seguro para guarda de objetos, ferramentas, pertences, produtos, animais e motocicleta. Na FOTO 31, houve a necessidade de que mais um quarto fosse construído para atendimento da demanda familiar.



FOTO 29 - Abertura de vão devido à falta de espaço.

FOTO 30 e 31 - Acréscimo de construção devido à falta de espaço na casa.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

As famílias têm o hábito de colocarem as louças para secagem ao sol na área externa. Assim, já que pelo tamanho insuficiente a bancada da pia não comporta os utensílios, as famílias contam geralmente com uma mesa de apoio (FOTO 32 e FOTO 33). A FOTO 34 mostra que o banheiro não possui espaço suficiente para a mãe que necessita dar banho ao filho na banheira. Assim ela senta na borda da bacia sanitária sem tampa e acaba por tomar banho junto a ele. Na FOTO 35 o morador com deficiência não tem espaço para se movimentar com autonomia dentro do quarto.

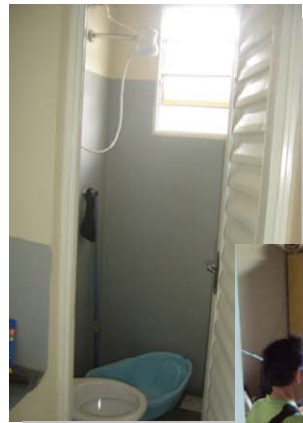


Foto 32 e 33 – Hábito das famílias de secar louça naturalmente, comprometido pelo pouco espaço interno.

Foto 34 e 35 - Banheiro e quarto com espaço reduzido.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

6. Falhas na execução de obra

As pessoas convivem com desajuste no espaço da casa e em suas rotinas devido a falhas de execução de obra pela interpretação equivocada de projetos ou mesmo pelo não acompanhamento da obra por profissional habilitado.

Na FOTO 36 e FOTO 37 há instalação incorreta de barras de apoio para a execução da atividade “atender as necessidades fisiológicas.” A barra deveria estar na altura adequada e na parede lateral à bacia sanitária. O modelo de embutir para a caixa de descarga deveria ter sido empregado ao invés da caixa acoplada aparente. Tal modelo aparente atrapalha o posicionamento correto da barra de apoio e tem acionamento mais difícil.

Um detalhe importante comentado pelos moradores foi a impossibilidade do morador que utiliza cadeira de rodas para usar o espelho fixo na parede. Por causa da instalação elétrica, o espelho não pode ser colocado frontalmente na altura correta. O padrão encontrado no mercado e aplicado nas residências estudadas não atende ao público com padrões antropométricos diversos (FOTO 38 e FOTO 39).



Fotos 36 e 37 - Erro de execução de obra impedindo o uso do espaço.

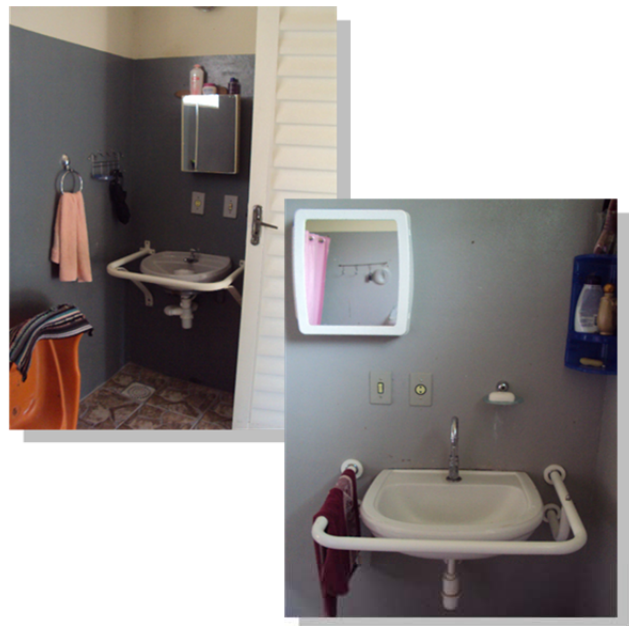


Foto 38 e 39 - Erro de execução com instalação elétrica coincidente com a instalação do espelho impedindo a prática de tarefas.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

7. Famílias numerosas

Segundo um técnico da COHAB-MG, um dos critérios de desempate na entrega das casas é que uma das famílias tenha o maior número de pessoas. Por um lado, há o

atendimento às famílias com a oferta de moradia. Por outro, não há como medir o grau de bem estar das pessoas dentro da moradia.

A coabitação na casa projetada para acessibilidade torna-se agravante pelo fato de haver realidades distintas em um espaço que foi planejado pela consideração das necessidades básicas e específicas do usuário de cadeira de rodas. O excesso de moradores em uma casa projetada para em média de quatro pessoas, congestionam os espaços ocupados por mobiliários, objetos ou mesmo por pessoas; espaços que deveriam estar desobstruídos para a livre circulação do usuário.

Assim, mesmo quando prevista, a acessibilidade é inexistente, devido à forma com que os moradores se apropriam do espaço.

Na casa convencional, de modo similar e tanto quanto agravante, as famílias dividem espaços reduzidos. Na pesquisa de campo, foi possível enumerar até nove residentes numa casa convencional. O resultado é a ocorrência de ambientes difíceis de permanecer, comprovando a maior satisfação quanto ao uso do quintal da casa.

Na FOTO 40 e FOTO 41, mostra o modo “de morar” de muitas pessoas em uma casa que foi projetada para acessibilidade. No quarto de solteiro, há duas camas, e o guarda-roupa não comporta o espaço de rouparia. A roupa de cama é guardada/empilhada sobre a cama e sobre a cadeira de rodas sobressalente. O descompasso é visível porque justamente a casa que foi especificamente planejada torna-se inacessível.

A FOTO 42 e a FOTO 43 exemplificam a falta de acesso para o morador guardar objetos, roupas, entre outros. Numa casa projetada para acessibilidade em São Sebastião do Paraíso, a demora no uso do banheiro pelos moradores resultou na instalação de um lavatório adicional no espaço de circulação: para facilitar a limpeza das mãos e a escovação dos dentes, para cabelos serem penteados e para barbas serem feitas. Assim, a porta do banheiro não mais se abre em 90 graus e a passagem se restringe a menos de 80 cm.

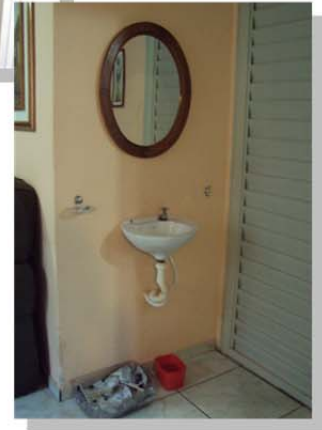


FOTO 40 e 41 – Excesso de pessoas geram um maior número de objetos e conseqüentemente maiores barreiras.

FOTO 42 e 43- Dois beliches, justificadas pelo uso de grande número de moradores, ocupam grande espaço no quarto. Na outra foto, um lavatório ocupa a circulação.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

8. Atividades não previstas

Quando se projeta em arquitetura e não há contato direto com o cliente para entender as reais necessidades básicas, é previsível que se tenha um parâmetro projetual para o público alvo. Este parâmetro inclui informações de pesquisas sobre a história de vida das famílias, seus costumes, interesses, anseios, especificidades, a fim de que as carências da maior parte da população residente possam ser alcançadas.

Na prática, isto não ocorre: as famílias não são entrevistadas e nem participam de reuniões com o objetivo de definir a escolha da localização da casa no conjunto habitacional e, ainda mais, o programa de necessidades.

Assim, o resultado que pode ser observado em campo é que a unidade habitacional padronizada não varia de modelo por região, nem de tipologia por número de moradores. De fato, não permite flexibilização sem que ocorram muitos investimentos financeiros. Os moradores têm suas atividades e necessidades não atendidas e o modo de vida tende a mudar quando se adquire a casa. Noutros casos, o improvisado de atividades pode ser visto frequentemente.

De acordo com o relato de uma família: o filho, usuário de cadeira de rodas e com deficiência mental, gostava muito mais da casa anterior a esta devido à possibilidade dele se sentar no alpendre e ver as pessoas passando na rua. Na casa atual não há área exterior coberta para que ele permaneça. Ainda assim, a mãe adotou grades sem vedação no portão de para não excluir a visibilidade externa e tentar proporcionar ao filho, quando possível, momentos de descontração (FOTO 44).



FOTO 44 - Portão com grade para favorecer a visibilidade externa de acordo com a demanda da família.



FOTO 45 e 46 - Exemplos de falta de local previsto para a guarda de objetos e ferramentas.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

A FOTO 45 e FOTO 46 mostram que nas casas geralmente não há local adequado para a guarda de objetos diversos e ferramentas. Somado a esta situação, a falta de muro em muitos casos não permite que estes estejam na área externa. Assim alguns moradores guardam atrás de portas, dificultando a abertura total para passagem. Enfim, a falta de previsão de uso de alguns equipamentos comuns de se encontrar acaba por gerar inacessibilidade.

Nas casas onde existem computadores, os moradores improvisam local para uso, seja no quarto ou na sala. Assim um móvel adicional é colocado no espaço que em função de se prover acessibilidade, na verdade, não deveria ser ocupado. Esta atividade é existente, apesar de não ser frequente. Portanto, reforça a importância dos princípios do Desenho Universal no espaço da moradia principalmente neste caso, quanto à flexibilidade no uso. (FOTO 47)

Na FOTO 48 e FOTO 49 a colocação de cama de casal e de solteiro lado a lado foi adotada por alguns moradores para facilitar a assistência às pessoas dependentes no período noturno. Assim, não há espaço suficiente de circulação uma vez que o projetista não incluiu tal possibilidade entre as diretrizes de trabalho.



FOTO 47- Falta de previsão de uso de espaço para computador favorece ao improviso e maior ocupação não prevista do espaço acessível.

FOTO 48 e 49 – Cama auxiliar para assistência à pessoa com deficiência ocupa o espaço interno e impede a acessibilidade.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

A dificuldade de local para armazenamento de produtos de limpeza favorece o uso da barra de apoio como suporte para os produtos ou até mesmo colocação de mesa de apoio dificultando acesso ao lavatório (FOTO 50 e FOTO 51).

É comum que os moradores se apropriem do espaço do banheiro para guardar objetos diversos já que este ambiente possui maior dimensão e espaços passíveis de usos complementares. Porém, ocorrem impedimentos de acesso ao lavatório como o cesto debaixo do mesmo para guarda de roupa suja, suporte para armazenamento de produtos, escada e bicicleta na área de giro da cadeira de rodas (FOTO 52).



FOTO 50 e 51 – Falta de previsão de local para armazenamento de produtos.

FOTO 52- Falta de espaço para guarda de objetos comprometem locais e atividades.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

Alguns moradores com deficiência e suas famílias necessitam de condições peculiares para efetuar tarefas vinculadas à alimentação, por exemplo. Numa casa projetada para acessibilidade em Lavras, a moradora se utiliza do sofá para se sentar e da cadeira da sala de refeições como mesa de suporte para o prato de comida enquanto alimenta o filho numa cadeira de rodas (FOTO 53).

A FOTO 54 evidencia alguns casos em que as famílias trabalham com serviços de costuras, o local encontrado para esta tarefa era sobre a cama. Devido ao seu peso a moradora sentia o desconforto ainda maior de suas restrições motoras para desempenhar a função de corte e costura



Foto 53- Improvisação do espaço da sala de estar para alimentação .



Foto 54 – Improvisação da atividade de costurar que gera danos à saúde da moradora.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

Pela não previsão de armário para guarda de gêneros alimentícios, as famílias têm o costume de armazenar os produtos em qualquer espaço livre disponível, independente do local da casa. Exemplos foram encontrados em cantos dos quartos no chão, lateral de guarda-roupa e até sob a cama (FOTO 55 a FOTO 57).



FOTO 55, 56 e 57 - Mantimentos localizados em espaço inadequado decorrente da falta de previsão de atividade de armazenamento.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo



FOTO 58 - Uso da televisão no quarto: Atividade não prevista.
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

Como característica do modo de vida, algumas famílias utilizam do aparelho de televisão dentro do quarto, como segundo equipamento na casa. Assim, o espaço tem que ser adequado conforme hábito específico: instalação para antena de TV e mobiliário adequado de modelo beliche para acomodação de todos os pertences e pessoas no espaço que compartilha ser semi-privativo (FOTO 58).



FOTO 59, 60, 61 e 62 - Utilização da lenha para cozinhar segundo as necessidades e desejos dos moradores.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

Um dos costumes das famílias é cozinhar à lenha. Este modo de viver tem relação com a origem rural desses moradores além da necessidade de economia de gás com aproveitamento de lenha disponível nas redondezas. Desse modo, opções como área de varanda com fogão à lenha, e fogareiro improvisado são costumes que se mantêm presentes e a arquitetura sofre intervenção por isso. Esta solução adaptada às especificidades de cada local é definida como de sustentabilidade cultural, segundo Sachs (2007), já mencionado anteriormente. (FOTO 59;FOTO 60;FOTO 61;FOTO 62)

9. Falta de privacidade

Pela falta de muro no recebimento das casas e pela distância que existem entre elas, o morador se vê, em alguns relatos, morando no mesmo terreno que seu vizinho. Por este fato, a falta de privacidade constrange moradores no exercício de tarefas que precisam ser feitas na área externa à casa.

Algumas pessoas se privam de sair de dentro das casas ou de deixar portas e janelas abertas pela falta de privacidade que existe. Isto ocorre porque toda a vizinhança tem visibilidade uns dos outros. Nas casas projetadas para acessibilidade que não tem muros, os moradores com deficiência raramente utilizam o quintal e afastamento frontal para tomar sol, ou descontraír.

A dificuldade de construção é grande e parte das famílias improvisa cercas de bambu a fim de bloquear a visibilidade de quem passa pela rua ou mesmo para dar maior segurança à suas casas.

As famílias em geral secam as roupas no varal por falta de opção, mesmo que haja área suficiente para isto no espaço externo. O problema está primeiramente vinculado à falta de privacidade: certos moradores têm de expor suas peças “aos olhos” da vizinhança ao arriscarem deixar as roupas em quintal sem proteção. Além disso, o espaço não confinado deixa o vestuário sujo de poeira. A solução adotada por alguns moradores foi a construção de muro e de piso de concreto. Entretanto, na maioria dos casos, nem todas as pessoas conseguem investir em melhorias (FOTO 63; FOTO 64).



FOTO 63 e 64 - Falta de privacidade: Varal de roupas em área externa aberta.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo.

10. Construção de degraus

Em todas as casas convencionais há um degrau na entrada principal das casas que incomoda principalmente as famílias de morador com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Em alguns casos, pela declividade do terreno, outros degraus se fizeram necessários. O risco de queda independe da condição física da pessoa. Assim, nos projetos deveriam constar formas de implantação que favorecessem a acessibilidade ambiental ou a visitabilidade.

Os degraus da entrada da casa oferecem riscos aos moradores, mas principalmente crianças: tanto para a circulação com os carrinhos de bebê quanto para o livre trânsito delas (FOTO 65) . Na FOTO 66 foi adaptada uma rampa pela moradora que reside na casa convencional e que tem um filho com deficiência. Ainda assim, pela inclinação acentuada, a moradora tem dificuldades de deslocar a criança.

No terceiro caso (FOTO 67) , em função do desnível do terreno, foi necessário construir três degraus. Dentre os moradores desta casa, incluem-se seis crianças sendo que uma delas tem deficiência.



Fotos 65 e 66- Bebê subindo o degrau de acesso à casa colocando em risco a sua segurança. Na foto 65 a rampa improvisada gera grande risco de acesso à casa.

Foto 67 - Degraus no quintal da casa convencional com morador que possui deficiência, oferecendo risco aos moradores.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora feito em visita em campo

3.3 Análises comparativas e resultados

Baseado nas entrevistas estruturadas feitas em campo com os moradores dos nove conjuntos habitacionais foram gerados em média 1.800 gráficos. Estes foram classificados por cidade e por tipo de moradia, ou seja, àquelas projetadas para acessibilidade e as não projetadas para acessibilidade (convencionais). A partir disso, foi feita uma análise comparativa a fim de se corroborar ou refutar as hipóteses desta pesquisa.

A construção do roteiro para entrevista baseou-se no resultado das primeiras observações em campo, das hipóteses pré-definidas e de revisão teórica principalmente relativa às atividades domésticas na moradia (PORTAS, 2006; PEREIRA, 2007).

Ao analisar se algum membro da família tinha deficiência ou dificuldade de locomoção, foi confirmada a existência de moradores com restrições variadas independente do tipo de residência. Nas casas projetadas para a acessibilidade, atualmente, apenas uma das quinze residências não inclui pessoa com deficiência como morador. Isto porque o atual proprietário comprou a casa do antigo morador que era pessoa com deficiência. Já nas casas convencionais, os dados são mais instigantes. Apesar da impropriedade do espaço reduzido, há um morador com deficiência ou mobilidade reduzida em cerca de 40% das moradias. Os relatos são variados para esta situação e incluem tanto a mudança para a casa antes do nascimento do bebê que hoje vive com dificuldades motoras quanto a não solicitação da casa visto que havia já sido construída apenas uma no conjunto e aquela já estava ocupada (GRAF. 1 e GRAF. 2).

Este resultado mostra que atualmente, a oferta de moradias projetadas para acessibilidade não atende à população com deficiência que reside no modelo convencional sob as dificuldades de limitações ambientais específicas.

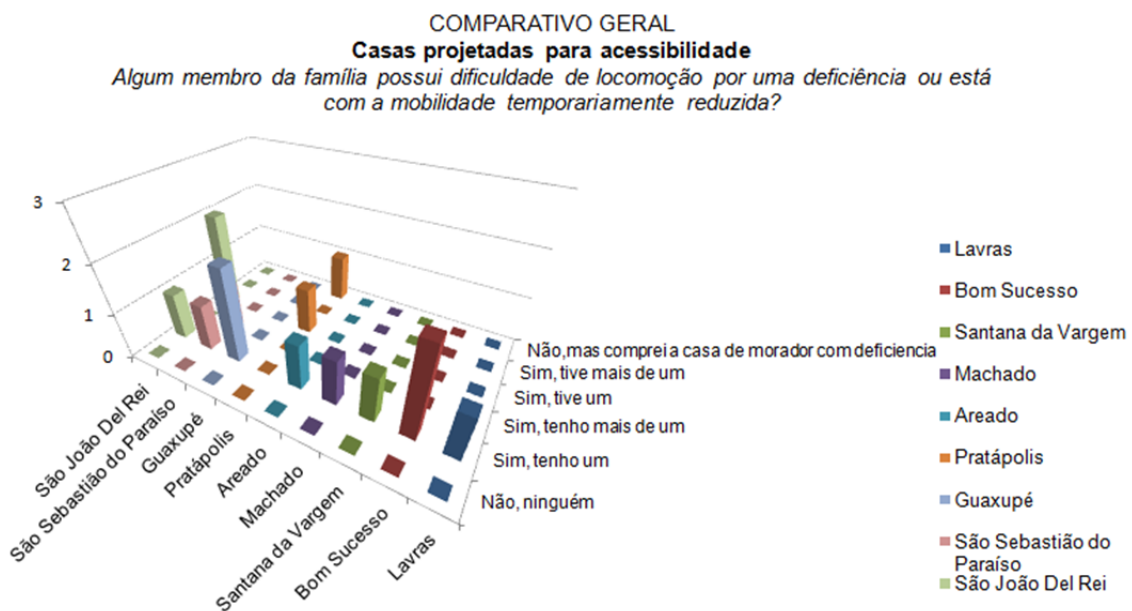


GRÁFICO 1- Apuração de incidência de morador com deficiência ou mobilidade reduzida na casa projetada para acessibilidade.

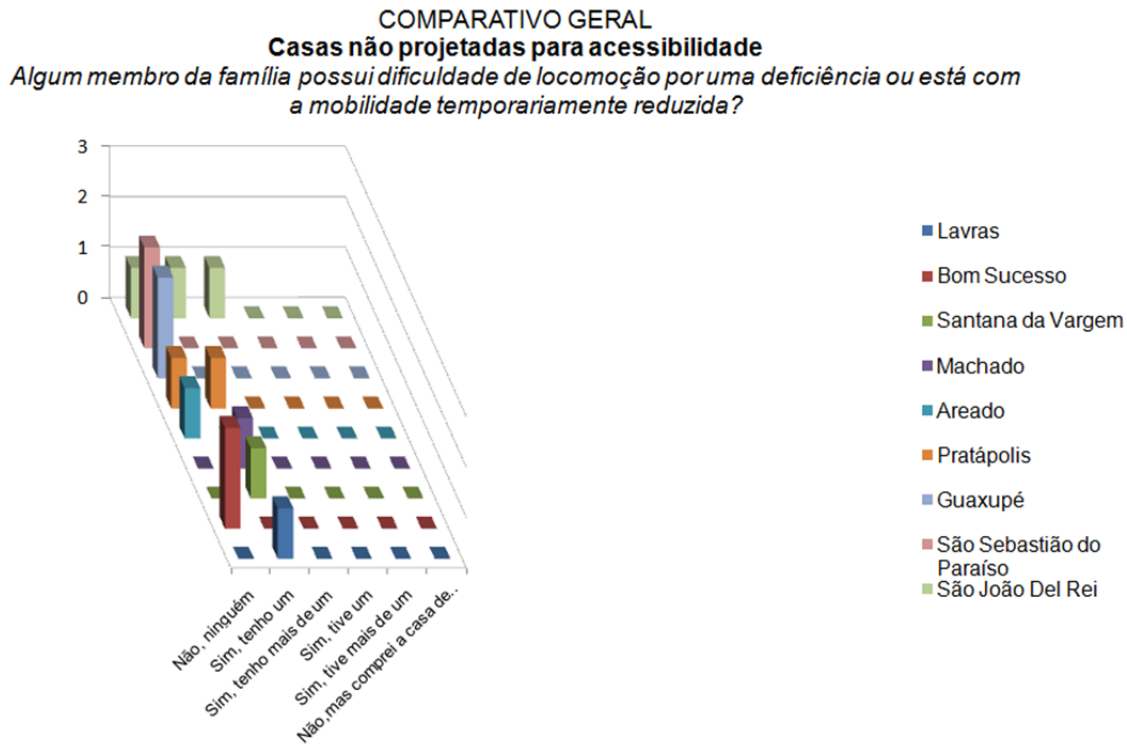


GRÁFICO 2- Apuração de incidência de morador com deficiência ou mobilidade reduzida na casa convencional.

Foi constatado através da investigação sobre a relação da pessoa com deficiência na vida da família que em 57% das casas projetadas para acessibilidade, ela participa parcialmente de modo passivo ou não participa das atividades da família (GRAF. 3).

Este resultado pode ser interpretado pela limitação da deficiência em alguns casos, que cria dificuldades de se praticar tarefas em grupos, ou pelas condições ambientais que impedem aos moradores momentos de interação social. Quando se observa o modo de vida das pessoas, é notório que fatores como o número excessivo de residentes, excesso de mobiliário e maior dimensionamento da habitação, contribuem para que o espaço planejado para permitir a circulação de todos, encontre-se bloqueado por objetos e pessoas. Assim, o resultado tende a indicar que as pessoas com deficiência não interagem com suas famílias de modo ativo nas atividades, em função da falta de qualidade do uso da habitação e barreiras físicas existentes nelas.

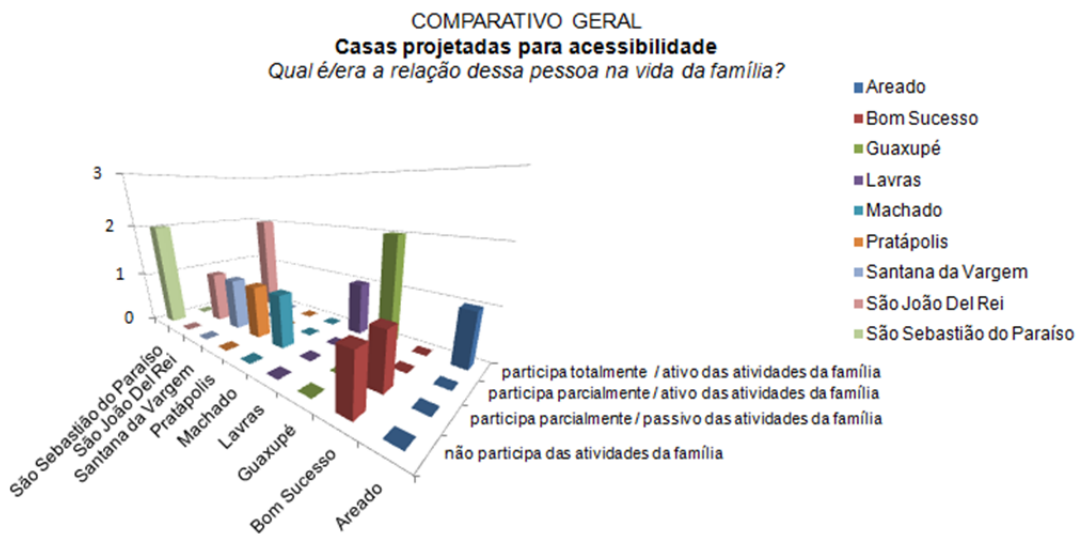


GRÁFICO 3- Apuração nas casas projetadas para acessibilidade da relação da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida na vida da família.

Em comparação, a relação da pessoa com deficiência com a família na casa convencional leva a um resultado contraditório. Neste caso, 71% das pessoas são ativas com participação parcial ou total nas atividades das famílias. Isso significa que, a maioria destas pessoas que são usuárias de cadeira de rodas e tem mobilidade reduzida, tem autonomia para movimentação e participação de atividades mesmo estando em espaço menor. O que não se comprova neste caso, é se as mesmas convivem em um espaço com qualidade de uso e se seu modo de vida não é comprometido. (GRAF.4)

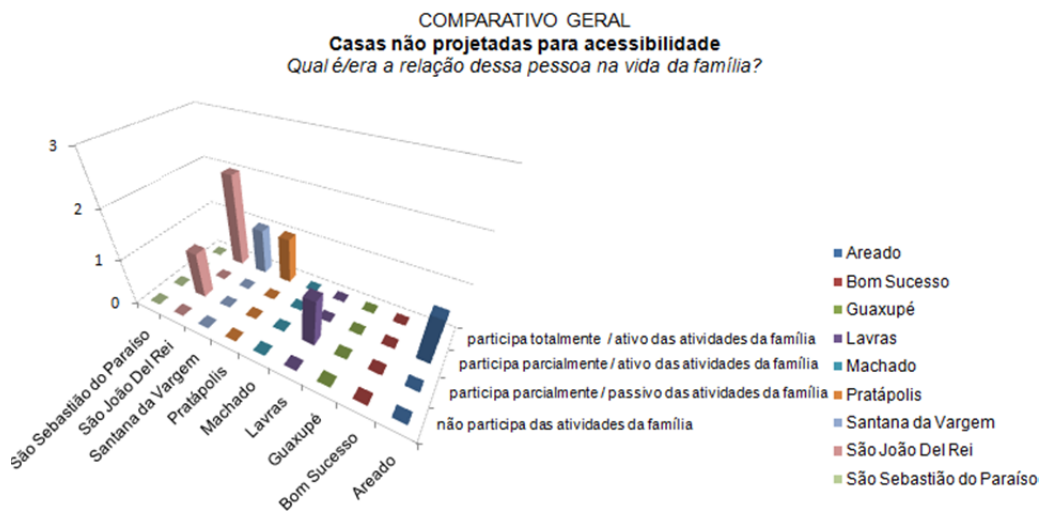


Gráfico 4- Apuração nas casas convencionais da relação da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida na vida da família.

Nas casas projetadas para acessibilidade, foi constatado que 93,33% os moradores identificam o imóvel como objeto de valorização e desejo principalmente devido ao dimensionamento da casa. Sendo assim, eles não acreditam que possam estar sendo estigmatizados pelo modelo da casa e pela vizinhança, apesar de serem facilmente localizados por qualquer morador do conjunto quando se procura a casa da pessoa com deficiência (GRAF. 5).

Na casa convencional, 60 % dos moradores gostariam de ter uma casa de modelo conforme ABNT 9050/04 pelos mesmos motivos, sendo que os 40 % restantes são indiferentes quanto ao padrão acessível ambiental. Ressalta-se que esta indiferença pode está relacionada à rejeição, ao orgulho e certamente também pelo fato de algumas delas estarem satisfeitos com suas moradias atuais (GRAF. 6).

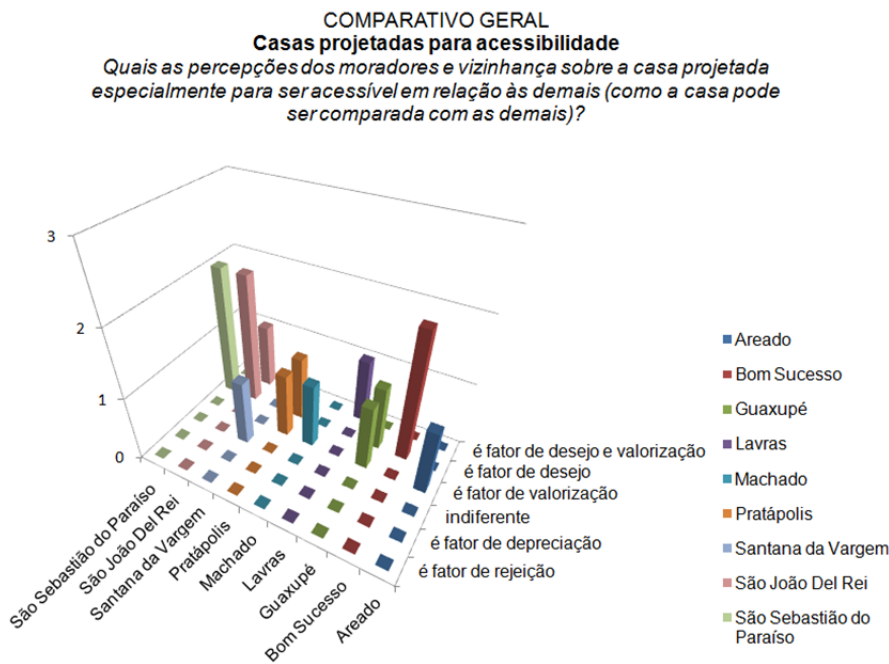


GRÁFICO 5- Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, das percepções dos moradores quanto à casa projetada para ser acessível .

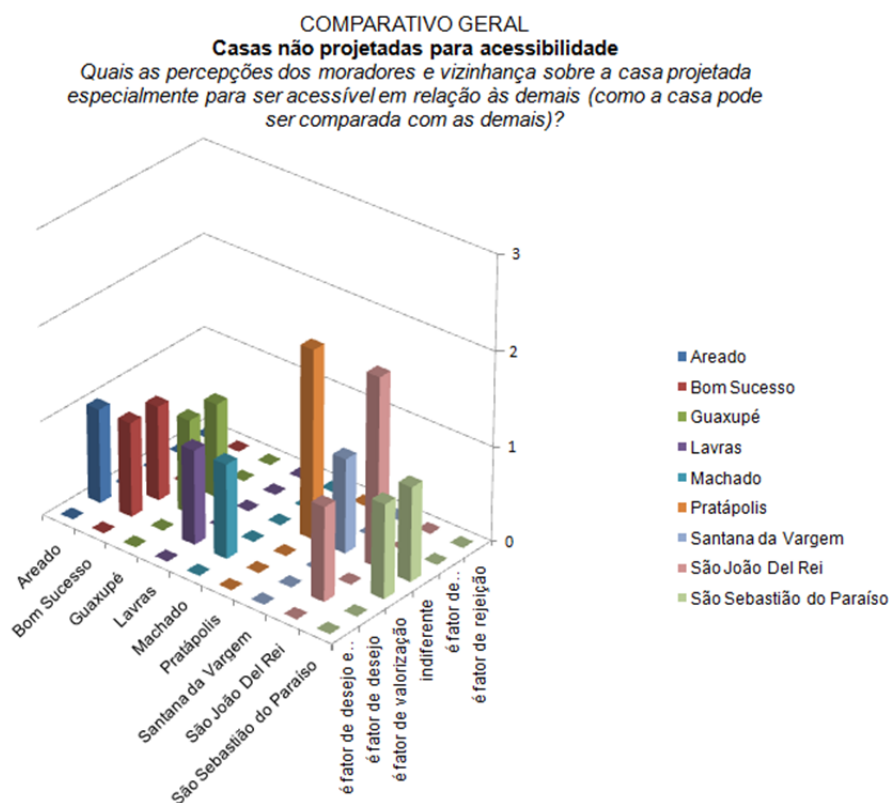


GRÁFICO 6 - Apuração, nas casas convencionais, das percepções dos moradores quanto à casa projetada para ser acessível .

Mesmo havendo dificuldades de deslocamento dentro das moradias verificadas por observações em campo, os moradores estão satisfeitos com o espaço de acesso interno em suas casas. Naquelas projetadas para acessibilidade, 73% dos moradores consideram o acesso aos ambientes “bom” e “ótimo”. O índice de avaliação reduz ao se tratar da casa convencional, onde 53% dos moradores estão satisfeitos neste quesito.

O resultado indicou que 27% das pessoas na casa projetada de acordo com as normas ABNT 9050/04 e 47% nas convencionais, classificaram a acessibilidade interna como “ruim” e “péssima”. (GRAF. 7 . GRAF. 8;). Pode-se refletir que mesmo que se tenha feito projetos considerando requisitos mínimos de acessibilidade, em média, cerca de 30 % delas não estão satisfeitas dentro destas moradias. Além disso, o resultado também aponta que mesmo que os moradores das casas convencionais não tenham deficiência, eles acreditam mesmo que em menor escala, que deva existir acessibilidade na moradia mínima.

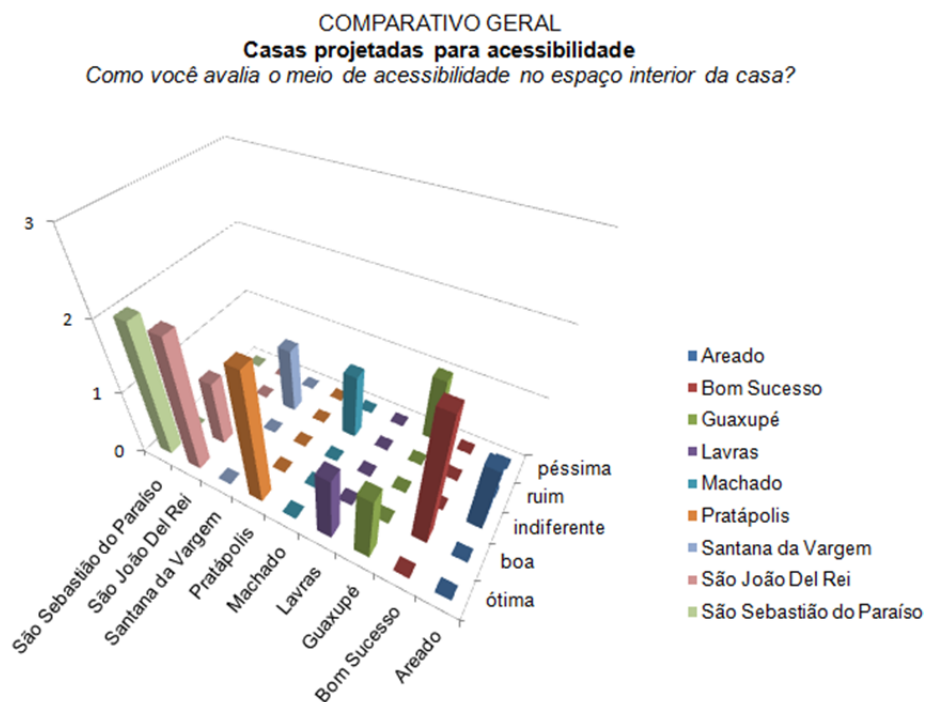


Gráfico 7 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação do meio de acessibilidade no espaço interior.

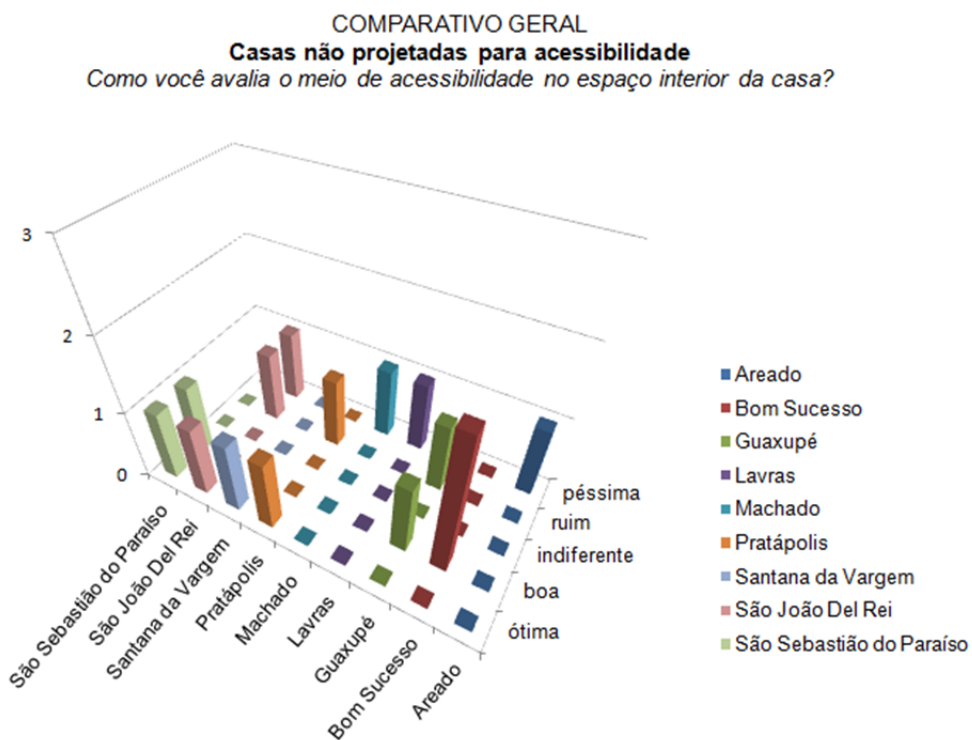


Gráfico 8- Apuração, nas casas convencionais, da avaliação do meio de acessibilidade no espaço interior.

Um dado relevante é que mesmo havendo 73% dos moradores das casas projetadas para acessibilidade que consideram o acesso aos ambientes internos “bom” e “ótimo”, mais da metade deles (53,33%) define o momento de interação social em família no espaço da casa como “raro” e “ocasional”. Presume-se que para eles, a acessibilidade ambiental no espaço interno da casa não favorece a interação social entre as pessoas na família. (GRAF. 9).

Já na casa convencional todos os que estão satisfeitos com acessibilidade interna da casa (53% do total) avaliam o momento de interação social em família no espaço interno como “frequente” e “constante” (GRAF. 10).

Assim, o fato da casa permitir circulação, deslocamentos e atividades, também aguça as relações entre as pessoas, o que colabora para o bom convívio social.

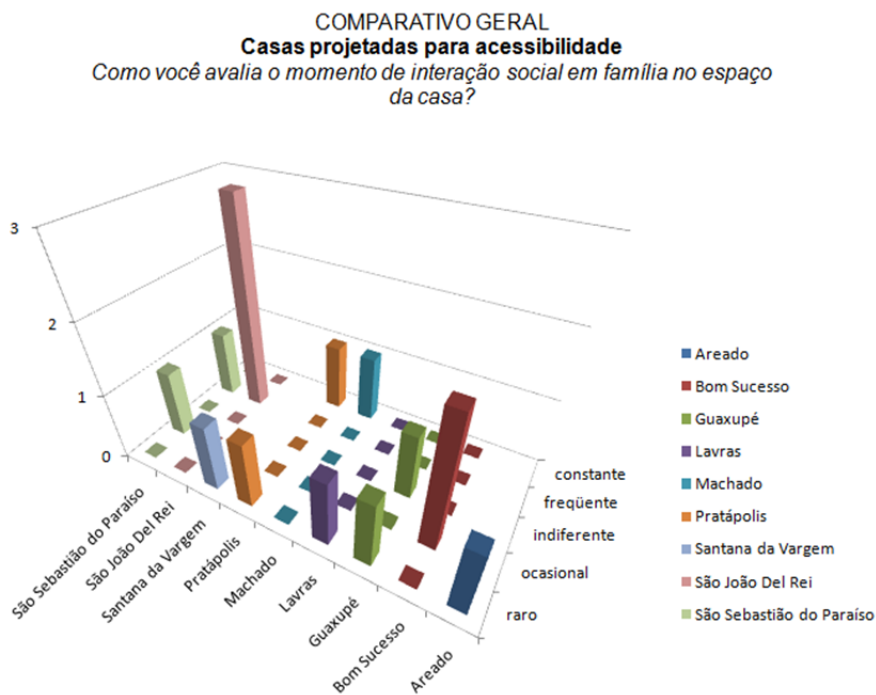


GRÁFICO 09- Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação do momento de interação social em família no espaço da casa.

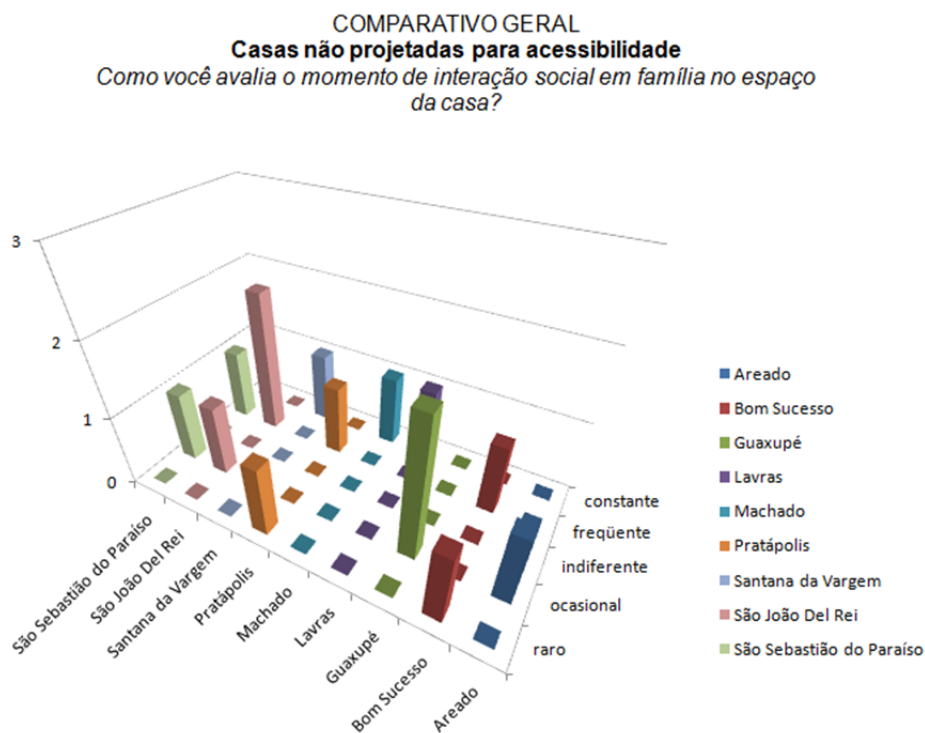


GRÁFICO 10- Apuração, nas casas convencionais, da avaliação do momento de interação social em família no espaço da casa

Ainda considerando os fatores de acessibilidade na moradia, na casa projetada para acessibilidade, a apuração de dados implica em apenas 33,33% de pessoas insatisfeitas com o acesso entre a rua e casa. (GRAF. 11). Porém, segundo a análise de dados referente à existência de calçadas no conjunto (Apêndice I), 53% das pessoas, em ambas as casas, indicaram que os passeios não existem. Desse modo, a circulação é feita pela rua com transposição para o terreno em piso sem acabamento. As pessoas, portanto, têm que adaptar-se com a falta de infraestrutura e não consideram a calçada como um item fundamental de acessibilidade

A casa convencional, em comparação a casa projetada para acessibilidade, apresenta um número ainda menor de insatisfação quando à falta de acesso nas calçadas. A pesquisa apontou que 26,66% dos moradores consideram “ruim” ou “péssimo” este requisito, ratificando, da mesma forma, a despreocupação com esta área externa (GRAF.12).

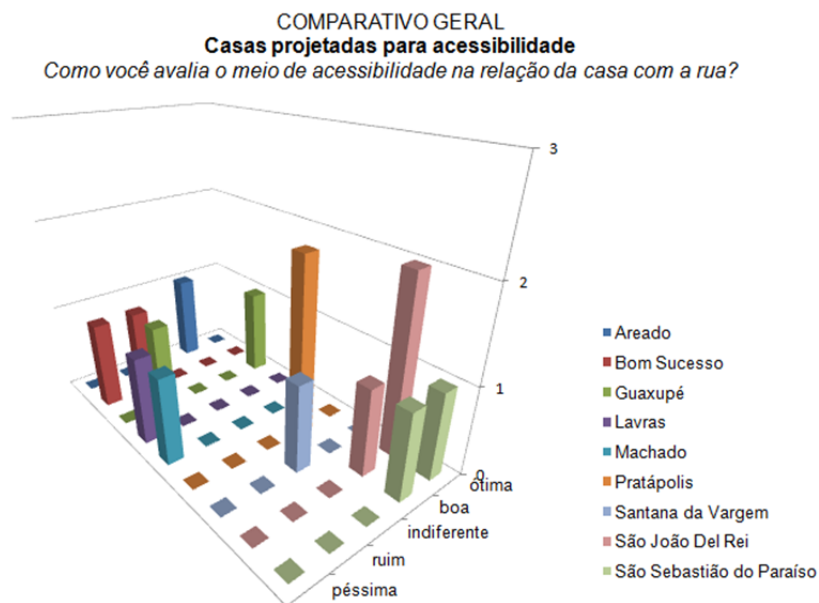


GRÁFICO 11- Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação do meio de acesso na relação da casa com a rua.

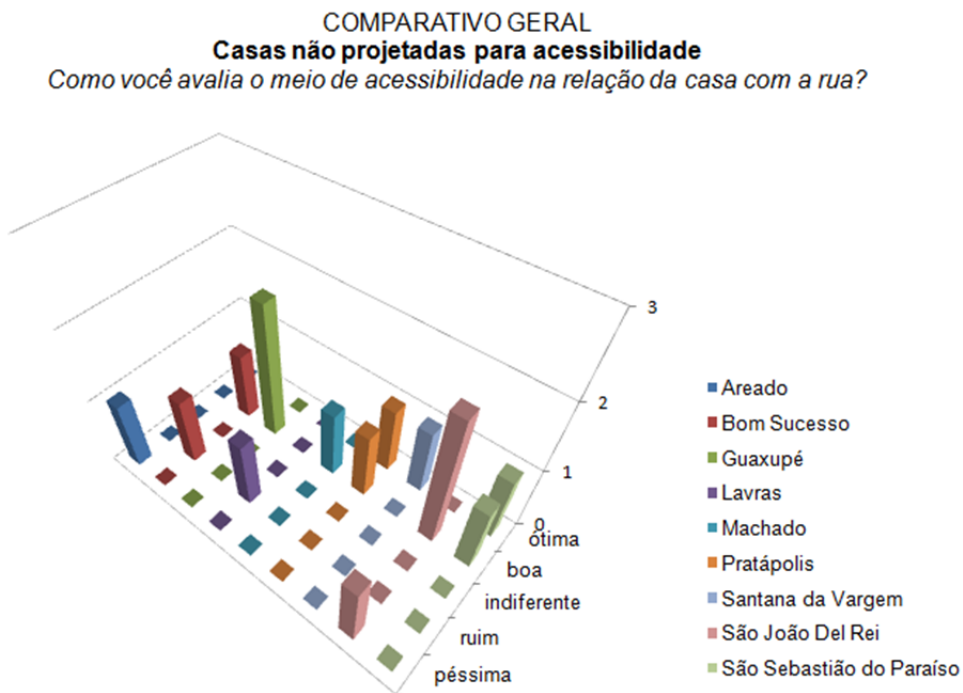


GRÁFICO 12 - Apuração, nas casas convencionais, da avaliação do meio de acesso na relação da casa com a rua.

Como um dos motivos de falta de calçadas executadas, pode ser percebido pelo gráfico de interação social dos moradores e vizinhança, que os moradores da casa projetada para acessibilidade “raramente” ou “ocasionalmente” interagem nas redondezas. De modo oposto, as famílias da casa convencional interagem socialmente com seus vizinhos “frequentemente” e “constantemente” (GRAF. 13 e GRAF. 10).

Nas casas projetadas para acessibilidade 93% dos moradores mostram-se satisfeitos quanto à moradia (GRAF. 11). O dimensionamento do banheiro é um dos fatores que mais agrada dentro da casa com 100% entre “satisfação” e “muita satisfação”. Ainda assim, 33,33% classificam a tarefa de tomar banho como “difícil” e “muito difícil”. (APÊNDICE I).

Já nas casas convencionais este índice atinge o percentual de 86,66% de satisfação quanto à moradia (GRAF. 12). Porém, 60 % das pessoas estão “insatisfeitas” ou muito “insatisfeitas” como dimensionamento do banheiro. Mesmo havendo este alto índice de insatisfação, 80% dos moradores avaliam a tarefa de “tomar banho” como “fácil” e “muito fácil”. (APÊNDICE I)

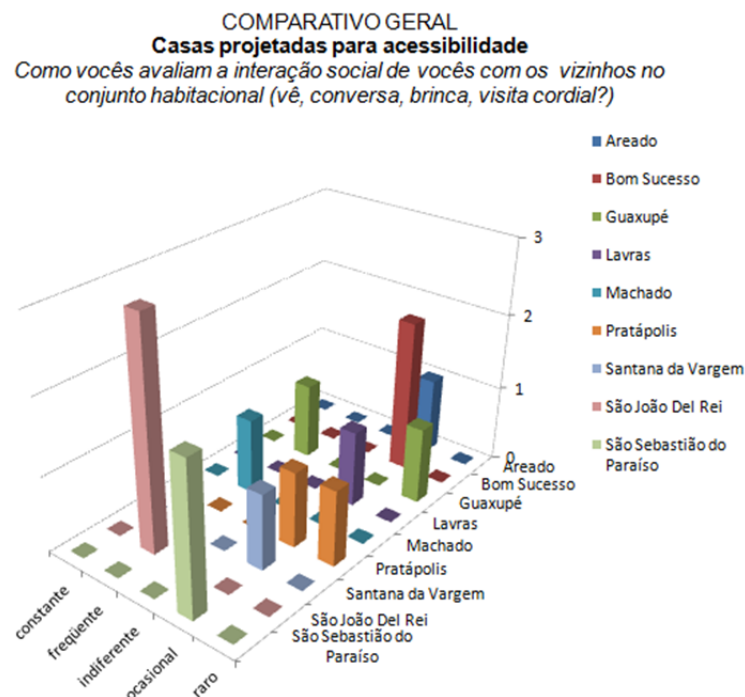


GRÁFICO 13 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação da interação social entre os moradores e vizinhança

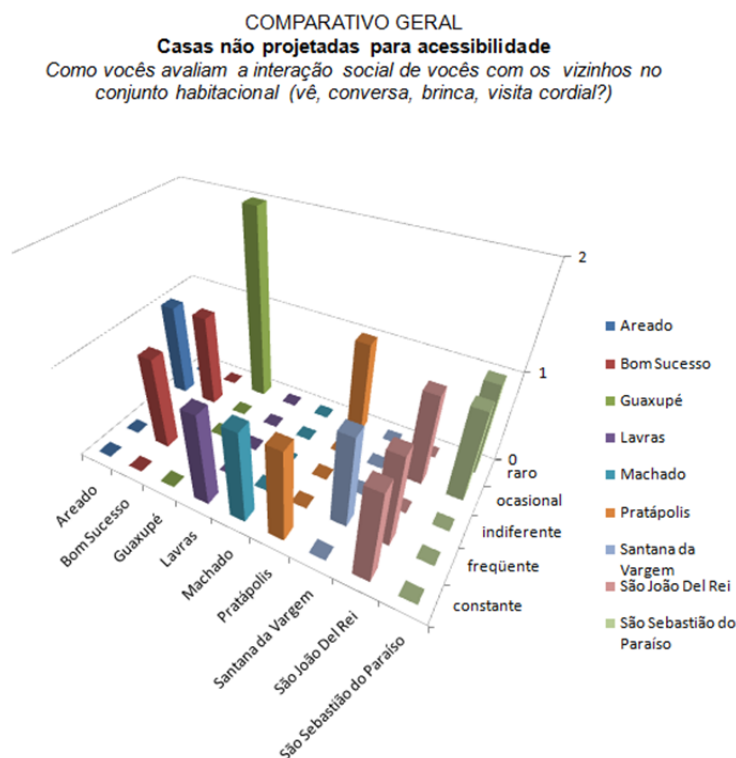


GRÁFICO 14 - Apuração, nas casas convencionais, da avaliação da interação social entre os moradores e vizinhança.

Por mais que o banheiro tenha sido projetado para acessibilidade, a tarefa de tomar banho é difícil para parte das pessoas com deficiência. Os fatores que podem estar relacionados a isso, são os próprios obstáculos físicos colocados pelos moradores no espaço do banheiro, o grau de deficiência do morador e o tipo de piso (cimento queimado) escorregadio.

Em ambos os casos, um fator que desagrada as famílias é o dimensionamento da cozinha, com índice de rejeição de 46,66% entre insatisfeitos e muito insatisfeitos na casa projetada para acessibilidade e 73,33% na casa convencional. Mesmo assim, há uma contradição entre o que foi respondido e a realidade sobre a avaliação da tarefa de guardar gêneros alimentícios. Para 80% dos moradores da casa projetada para acessibilidade a tarefa é “fácil” ou “muito fácil”, quase equiparado aos 73,33% de satisfação quanto ao mesmo quesito. (Apêndice I)

Percebeu-se em conversas informais com os moradores, que um dos maiores motivos de satisfação quanto a morar nas casas, se justificava pelo fato de que o

imóvel é de propriedade deles. Desta forma, os demais problemas envolvendo o espaço, situavam-se em segundo plano.

É possível ainda verificar que apesar das pessoas estarem satisfeitas, tiveram suas casas reformadas, com modificação do projeto original. Conforme resultado, (APÊNDICE I), 73,33% das casas projetadas para acessibilidade foram reformadas e 86,66% das casas convencionais também. A maior parte dos moradores fez acréscimo na casa convencional, mas na projetada para acessibilidade não se presencia este fato com frequência.

A visão dos residentes da casa projetada para acessibilidade (média de 53,33 % em cada atividade) é que as tarefas “brincar”, realizar hobby”, “ler (estudo)”, “realizar tarefas escolares” e “realizar tarefas manuais” são apontadas como predominantemente “indiferentes”, “difíceis” e “muito difíceis”, ou seja, eles não têm o hábito ou possibilidade de desenvolvê-las (Apêndice I). Os questionamentos que podem ser feitos são, se o espaço da casa permite que o morador tenha condições ambientais de desenvolver suas habilidades sem comprometer o espaço que é de todos e a justificativa de que ele não vá desempenhar tarefas tão relevantes para o próprio desenvolvimento, seja motor ou mental.

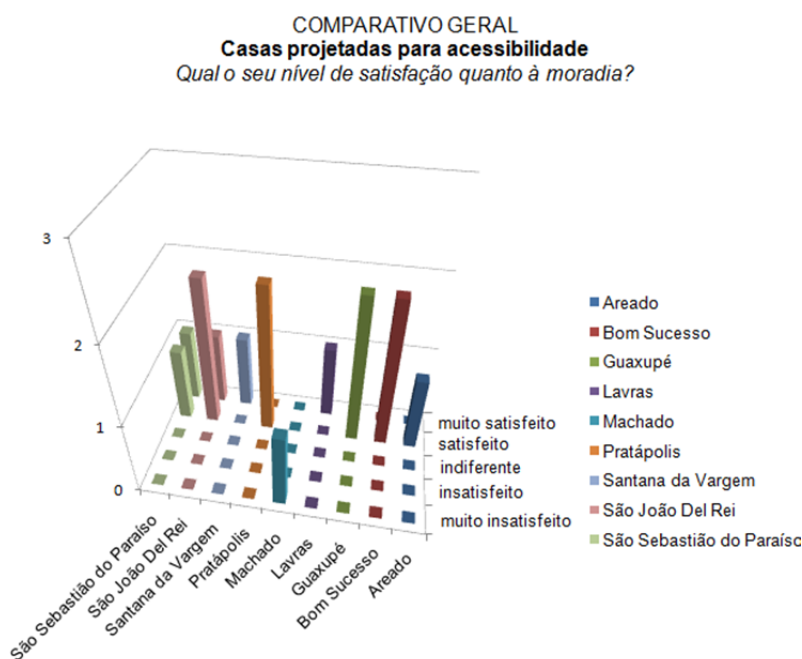


GRÁFICO 15 - Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, do nível de satisfação quanto à moradia

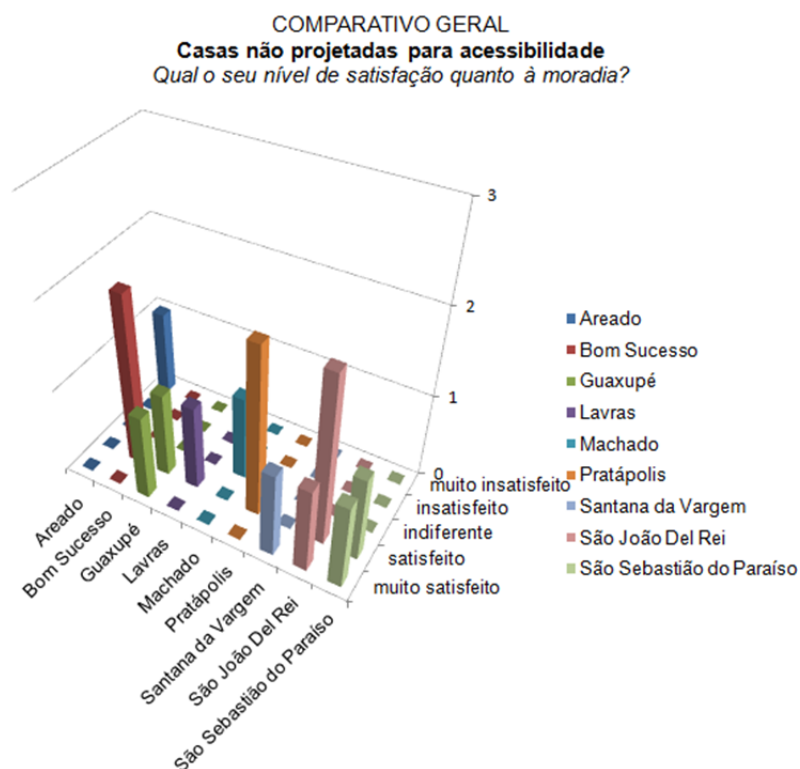


GRÁFICO 16 - Apuração, nas casas convencionais, do nível de satisfação quanto à moradia

Por fim, as observações em campo mostraram que a atividade que envolve o uso de ferramentas e equipamentos é necessária e frequente pelas famílias, principalmente porque em algumas delas os moradores trabalham na construção civil ou fazem trabalhos temporários que demandam uso de tais objetos, como fazer capina e pequenos reparos. O resultado da análise comparativa através dos gráficos mostra que 40% dos residentes da casa projetada para acessibilidade acreditam que a tarefa de guardar estes objetos são “difíceis” e “muito “difíceis”. Já 53,33% das pessoas nas casas convencionais encontram dificuldade neste item (GRAF. 17 e GRAF. 18).

O fato de não se ter local para a guarda de ferramentas e equipamentos implica no armazenamento destes equipamentos dentro da casa já que geralmente não há muros de proteção nos terrenos. Isto pode acarretar em acidentes domésticos, e impedimentos ambientais, de modo a afetar as relações sociais interativas.

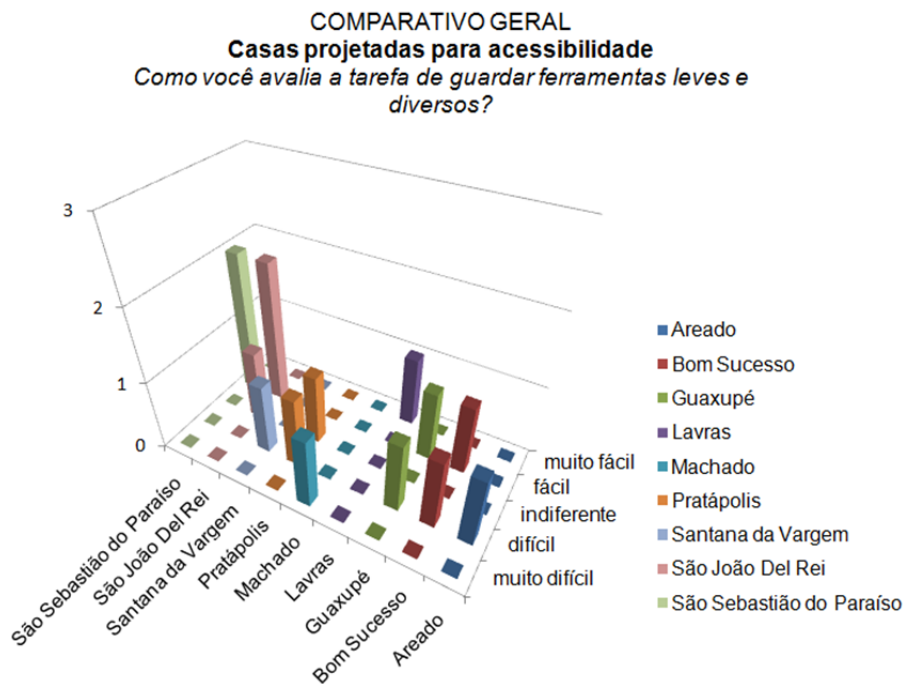


GRÁFICO 17- Apuração, nas casas projetadas para acessibilidade, da avaliação da tarefa de “guardar ferramentas leves e diversos”

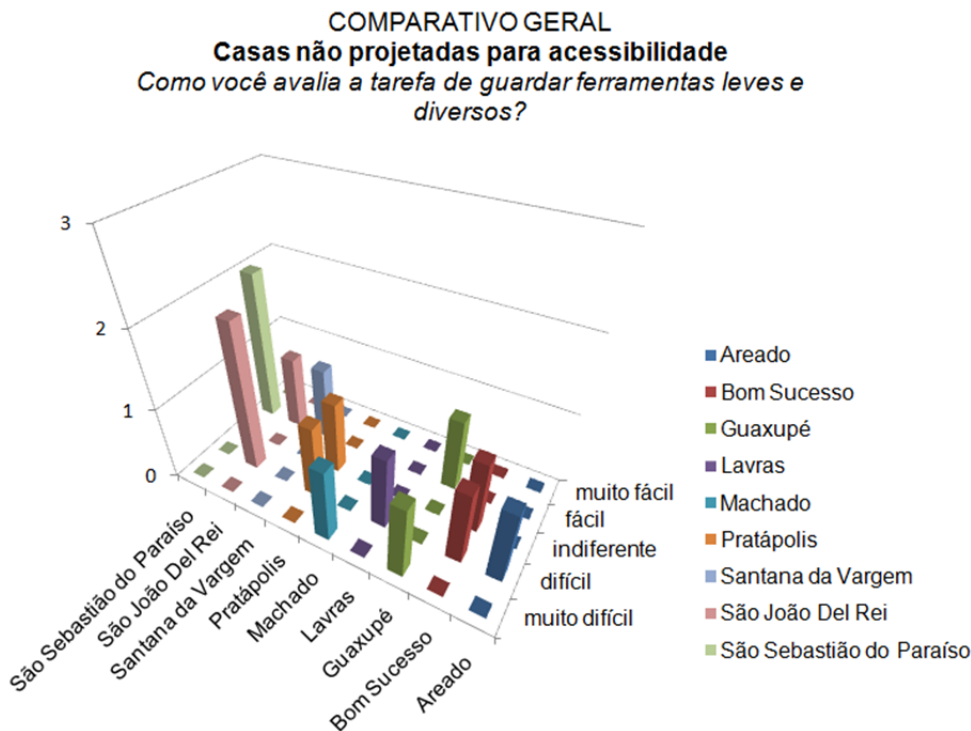


GRÁFICO 18- Apuração, nas casas não projetadas para acessibilidade, da avaliação da tarefa de “guardar ferramentas leves e diversos”.

4 CONCLUSÃO

Possivelmente, há discrepâncias entre o modo de vida previsto no modelo de padronização de moradias e o modo de vida dos moradores. Mesmo que a análise projetual aponte para a solução adequada às exigências de acessibilidade pelas normas técnicas, o modo de vida observado nos estudos de caso indica outra realidade. Certas situações geram obstáculos à efetivação de atividades e tarefas costumeiras e podem comprometer a segurança, conforto e saúde dos moradores.

O modelo de habitação popular em questão altera o modo de vida dos moradores porque é definido para atender famílias menores (até 04 pessoas), mas, na prática, há desproporção do número de moradores para o espaço da casa e isso resulta em acréscimos e despesas imprevistas. É possível listar nesta pesquisa exemplos de condições em que o modelo de habitação popular altera o modo de vida das pessoas:

1. Bancada baixa feita para pessoa sentada força o morador a reposicioná-la com altura maior, caso seu uso seja feito por outra pessoa da casa. Este é um fato recorrente e força o morador de estatura incompatível com a altura de instalação original da bancada a encurvar-se para realizar tal tarefa.
2. O dimensionamento reduzido das casas faz com que os moradores invistam em reformas de acréscimos, ou caso contrário, tenham que conviver em pequeno espaço privado.
3. A entrega das casas sem muro e calçadas desfavorece a interação social entre vizinhos e implica na falta de privacidade, mesmo que os moradores não tenham esta percepção.
4. A falta de previsão de espaço flexível no processo de projeto ou ausência de revisão do programa de necessidades pelo projetista induz o morador a implantar barreiras físicas nos ambientes, fato que causa dificuldades ao morador com deficiência e problemas de mobilidade, principalmente.

5. A falta de previsão no projeto de que ocorram atividades de assistência às pessoas com deficiência, como no quarto, por exemplo, implica na colocação de mais mobiliário (cama adicional), o que invalida a proposta do projeto e ocasiona inacessibilidade da área interna da moradia. Em geral, as pessoas não têm esta percepção porque a maior parte do tempo elas não saem do ambiente. Para os parentes, a situação é aparentemente normal. Inclusive, não percebem que eles mesmos modificaram o espaço a ponto de impedir a movimentação livre das pessoas com deficiência.

Outra resposta encontrada na pesquisa é que o projeto não reflete os fundamentos do “desenho universal” porque dá enfoque basicamente aos resultados para a pessoa usuária de cadeira de rodas e não aos princípios, tais como, o de uso equiparável. Não é possível perceber no planejamento do espaço, por exemplo, a flexibilização do uso para atender as atividades diversas e a tolerância ao erro, identificada, por exemplo, no piso escorregadio do banheiro e nos erros de execução da obra.

O determinismo funcional dado à moradia faz com que se tornem impraticáveis as possibilidades de flexibilização dos espaços a partir da liberdade individual. Assim, delimitar espaços específicos para o deslocamento de uma pessoa com deficiência em cadeira de rodas não significa que o espaço possa ser acessível para toda a família.

Os questionamentos sobre habitação popular acessível muitas vezes se concentram no dimensionamento espacial, ou seja, proporcionar maior área significa proporcionar condições adequadas para habitação. Entretanto, sem organização e estruturação física, os espaços consideravelmente amplos podem provocar a dispersão no contato entre as pessoas e até a dificuldade delas se apropriarem do ambiente.

Portanto, o problema pode não estar unicamente vinculado ao aspecto dimensional e ergonômico da construção, mas na qualidade do uso do espaço a partir do modo particular das pessoas

Se, atualmente, a oferta de casas projetadas para acessibilidade não atende à população que precisa dela, por que não inverter isso? Por que não ofertar todas as unidades acessíveis, de modo a melhorar a qualidade de vida de todos, seja para idosos, crianças, pessoas temporariamente debilitadas ou pessoas com deficiência, em condições equiparáveis de uso?

É um equívoco colocar um número de público dentro da residência, ou permitir que ao longo do tempo a coabitação se torne regra, com o intuito de reduzir a escassez de abrigo. Habitação não se resume a isto, de modo que relações sociais devam ocorrer e da mesma forma, as atividades sejam cumpridas com qualidade no uso do espaço.

O modo de vida dos moradores não revela eficácia no padrão mínimo determinado pela COHAB. Há muito ainda o que se fazer considerando fundamentalmente os anseios humanos. Foi comprovado que o modo de apropriação das famílias em casa projetada para acessibilidade gera inacessibilidade para pessoa com deficiência. Alguns fatores corroboram para esta situação como o número excessivo de pessoas residentes, excesso de mobiliário entre outros.

Enfim, a incompatibilidade que existe deve ser analisada a partir da etapa de projeção e pesquisa do perfil do usuário de modo detalhado. É intolerável que casos de rejeição de casas por moradores ocorram porque elas não são adequadas às dificuldades que eles têm e terão que enfrentar. Não há sustentabilidade na moradia pela desconsideração da forma de apropriação do residente, e isso induz aos supostos modos únicos de se viver.

Entre possíveis mudanças para melhorias de qualidade de uso, inclui-se a análise ergonômica projetual detalhada no âmbito da residência considerando o Desenho Universal, ou seja, a acessibilidade ambiental para todas as pessoas. Não basta que apenas algumas unidades sejam construídas especificamente para atender moradores usuários de cadeiras de rodas. Pessoas de baixa ou nenhuma visão segundo o censo do IBGE 2000, por exemplo, representam 48,1% do total da população com deficiência.

Outros estudos deveriam ser feitos no que se referem às existentes modificações feitas pelos moradores a fim de que pontos em comum entre elas possam ser identificados. Paralelamente, uma análise em comparativo de estudos de acréscimo oferecidos pela COHAB-MG é necessária para identificar se há compatibilidade entre a intenção projetual de reforma de acréscimo e a demanda das famílias.

Por fim, é recomendável que uma análise detalhada de espaços públicos dentro do conjunto habitacional seja feita para a verificação da rota acessível e da utilização de espaços por todos, de modo que qualquer morador não tenha apenas o espaço da sua moradia como acessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Irwin; CHEMERS, Martin M. Culture and Environment. California: Wadsworth, Inc., 1980.

ARTIGAS, V. Desenho. (Aula Inaugural pronunciada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1º de março de 1967). Disponível em: <<http://www.g-arquitetura.com.br/desenho.html>> [Reedição da publicação do Centro de Estudos Brasileiros do Grêmio da FAU-USP, 1975]

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). NBR 9050: Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 1994.

AZEVEDO, Sérgio. Desafios da habitação popular no Brasil: políticas recentes e tendências. São Paulo: 2002.

BENÉVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BOLAFFI, G. Aspectos socioeconômicos do Plano Nacional de Habitação. São Paulo: FAU-USP, 1975.

BOMM, R.; ELY, V. H. M. B.; SZÜCS, C. P. Adequação dos espaços mínimos da habitação social à circulação da cadeira de rodas: necessidade frequente da população idosa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ERGONOMIA E USABILIDADE DE INTERFACES HUMANO-TECNOLOGIA: Produtos, Programas, Informação, Ambiente Construído, 3, 2003, Rio de Janeiro. Anais..., Rio de Janeiro: ADG Brasil, 2003.

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da Casa Proletária. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BRANDÃO, D. Q.; HEINECK, L. F. M. Estratégias de flexibilização de projetos residenciais iniciadas na década de 1990 no Brasil: tão somente um recurso mercadológico? Ambiente Construído. Revista on-line da ANTAC. Porto Alegre, v. 7, n. 4, p. 71-87, out./dez. 2007.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Congresso Nacional. Decreto Federal nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 10 dez. 2011.

BRITO, F.; BAENINGER, R. (coord.). População e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2008.

CAMBIAGHI, Silvana Serafino. Design universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: SENAC, 2007.

CASTELLANO, Pedro Sória. Movimento Moderno e Pós-modernismo: as naturezas sobrepostas de Berlim. 2008. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Pontifícia Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

COSTA, M.; SZÜCS, C. P. Método de avaliação do desempenho funcional da habitação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ERGONOMIA E USABILIDADE DE INTERFACES HUMANO-TECNOLOGIA: Produtos, Informação, Ambiente Construído, Transporte, 6., 2006. Bauru. Anais..., Bauru: UNESP, 2006.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Brasília: Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Ministério da justiça, 1998.

ENGELS, Friedrich. A questão da habitação. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1979.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Diagnóstico tecnológico da Indústria da construção civil: caracterização geral do setor. Tecnologia e edificações, v.5, nº 119, p. 1-6, ago. 1988.

FINEP. Habitação popular: inventario da ação governamental. Rio de Janeiro: FINEP, 1985.

FLEMMING, Liane. Visitabilidade. Núcleo de Pesquisa Vida Sem Barreiras, out. 2008. Disponível em < <http://vidasembarreiras-br.blogspot.com/2008/10/visitabilidade.html>> Acesso em 9 abr. 2011.

FRANCIS, M. Urban Open Spaces. In: ZUBE, E., MOORE, G. Advances in environment behavior and design. New York: Plenum Press, 1987. p. 71-102, v. 1.

GRAÇA, Maurício Sanches. A Relação entre o Ambiente e o Indivíduo na Empresa: Considerações a Respeito da Psicologia Ambiental. Disponível em < www.msgconsultores.com.br/imgs/noticia/not_49.pdf> Acesso em out. 2011.

GRILLO, A. C. D. Funcionalismo complexo: funcionalismo, arquitetura e ciências naturais. In: COLÓQUIO DE PESQUISAS EM HABITAÇÃO: Coordenação modular e mutabilidade, 4, 2007, Belo Horizonte. Anais..., Belo Horizonte: MOM, 2007.

GROPIUS, Walter. Bauhaus – nova arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. 2005. “Defining Universal Design in the Scope of Visual Simulation Studies” in An Assessment of Understanding Universal Design Through Online Visual Resources and Role-playing Simulation Exercises. Tese (Doutorado em Design) – North Carolina State University at Raleigh, NCSUR, Estados Unidos, 2005.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. Municípios Construindo Acessibilidade: o que todo prefeito deve saber. Belo Horizonte: SEDESE; Direitos Humanos, 2009. [Edição ADAPTSE-EAUFMG]

_____. A Acessibilidade pela Prática do Design Universal. Recife: CREA-PE/IQ, 2007. [Apostila do curso técnico realizado pelo Laboratório ADAPTSE-EA UFMG]

_____. Fundamentos do Barrier-Free Design. Belo Horizonte: IAB/MG; SETAS/CAADE, 1991.

_____. (a). Acessibilidade ambiental para todos na escala qualitativa da cidade. Topos – Revista de Arquitetura e Urbanismo. Belo Horizonte: NPGAU, v.1, n.1, Jan./Jun.1999.

_____. (b). A Graduação da Acessibilidade versus a Norma NBR9050-94: Uma Análise de Conteúdo. 3. ed. Belo Horizonte: CVI-BH /EAUFMG, 1999.

_____. Acessibilidade: diretriz para a inclusão. Revista USP. São Paulo: USP, v.1, p. 1-9. 2000.

_____. Universal design evaluation in Brazil: development of rating scales. In: PREISER, W.; OSTROFF, E. Universal Design Handbook. NewYork: MacGraw-Hill, 2001. v. 57, p. 1-17.

_____. Coletânea de Critérios para Acessibilidade Universal em Projetos e Ambientes Construídos. 2007. [Desenvolvimento de material didático ou institucional - Planilhas de avaliação ambiental]

_____. (b). Uma abordagem holística na prática do design universal. In CORRÊA, Maria Rosa (org.). Avanços e desafios na construção de uma sociedade inclusiva. Belo Horizonte: Sociedade Inclusiva/PUC-MG, 2008. p. 88-104. Disponível em: <<http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/livro.php>> Acesso em 21 maio 2010.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. O ensino de Design Universal nas universidades. In: PRADO, Adriana; LOPES, Maria Elisabete; ORNSTEIN Sheila. (Org.). Design universal: Caminhos da acessibilidade no Brasil. São Paulo: AnnaBlume, 2010, v. 1, p. 45-56.

HABRAKEN, N. J. Open Building: Brief Introduction. Disponível em <<http://www.habraken.org>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

_____. Supports: an Alternative to Mass Housing. London: The Architectural Press, 1972.

HERTZBERGER, Herman. Lições de Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Censo Demográfico 2000: características da população e dos domicílios- resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

LANG, John. Privacy, territoriality and personal space: Proxemic Theory. In: Creating Architectural History: the role of Behavioral Sciences in environmental Design, Chpt 14. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987, p. 145-156.

_____. Social Interaction and the Built Environment. In: Creating Architectural History: the role of Behavioral Sciences in environmental Design, Chpt 14. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987, p. 157-165.

LEITE, L.C.R. Habitação de Interesse Social: metodologia para análise da funcionalidade. 2003. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LYNCH, Kevin. Good City Form. Londres: The MIT Press, 1981.

MACE, Ron. The Center for Universal Design. USA, 1985. Disponível <http://www.design.ncsu.edu/cud/about_ud/about_ud.htm> Acesso em Jan.2010.

MAGALHÃES, Cláudio Freitas de. Design estratégico: integração e ação de design industrial dentro das empresas. Rio de Janeiro: CNI/SENAI/CETIQT, 1997.

MALARD, M. L. Brazilian low-cost housing: interactions and conflicts between residents and dwellings. 1992. (Tese) –University of Sheffield, Inglaterra, 1992.

MARICATO, Ermínia (org.). A produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.

MINAS GERAIS. Lei nº 17.248 de 07 de Dezembro de 2007. Dispõe sobre a preferência, na aquisição de unidades habitacionais populares, para pessoas com deficiências. Governo de estado de Minas Gerais. 2007.

MONTEIRO, R.R.; OLIVEIRA, R. Ambiente Construído: classificação e conceituação dos elementos que conferem a qualidade In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CADASTRO TÉCNICO MULTIFINALITÁRIO, 1, 2004, Florianópolis. Anais..., Florianópolis: UFSC, 2004.

MOURÃO, J.; PEDRO, J.B. Sustentabilidade ambiental na Habitação e áreas residenciais. Lisboa: LNEC, 2005.

MUMFORD, Eric. The CIAM discourse on urbanism, 1928-1960. Massachusetts: Cambridge; Mit Press, 2002, p. 37-38.

NASAR, J. L.; EVANS-COWLEY, J. Universal design and visitability: from accessibility to zoning. Columbus: Edição dos Autores, 2007.

NEW URBANISM. Movimento internacional para reformar o design do ambiente construído. Articula comunidades interessadas no tema. Disponível em <<http://www.newurbanism.org/>> Acesso em out. 2010.

OSÓRIO, Letícia Marques. Direito à moradia no Brasil. Fórum Nacional de Reforma Urbana. Disponível em: <<http://www.forumreformaurbana.org.br>> Acesso em 22 set. 2007.

OSTROFF, E. Universal Design: The new Paradigm. In: _____; PREISER, W.; Universal Design Handbook. NewYork: MacGraw-Hill, 2001, v.1,,p. 3-12.

PALERMO, C. et all. Habitação Social Evolutiva. Florianópolis: UFSC, 2007. Relatório de Pesquisa CNPq.

PALHARES, S.R. Variantes de modificação em Habitação popular: do espaço planejado ao espaço vivido. Estudo de caso: Conjunto habitacional Esperança. 2001. Dissertação (Mestrado) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

PEDRO, J. A. C. B. O. Definição e avaliação da qualidade arquitetônica habitacional. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, Lisboa, 2000.

PENZIM, A.M.B, Habitação social e modos de vida: narrativas sobre a casa e o morar. I Conferência Internacional de Jovens Pesquisadores Urbanos, 2001. Disponível em <<http://conferencias.iscte.pt/viewpaper.php?id=201&cf=3>> Acesso em out. 2010.

PEREIRA, G.M. Acessibilidade Espacial na Habitação Popular: Um Instrumento para Avaliação de Projetos. 2007. Dissertação (Mestrado) – Arquitetura e urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PERITO, Sandra. Estratégias para produção de moradias inclusivas. JORNADA DE ARQUITETURA INCLUSIVA. Mostra... São Paulo, 2009. Disponível em <<http://www.arquiteturainclusiva.com.br/#>> Acesso em abr. 2011.

POL, E. La apropiación del espacio. In L. Iñiguez & E. Pol (Orgs.), Cognición, representación y apropiación del espacio (Monografies Psico-socio-ambientals, Barcelona, España: Universitat de Barcelona, 1996

PORTAS, Nuno. Funções e Exigências de Áreas da Habitação. In: Informação técnica: Edifícios 4. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil-LNEC, 2006. [Rep. Integral da 1a Ed. 1969]

PRADO, A.R.A; LOPES, M.E; ORNSTEIN , S.W. Design universal: Caminhos da acessibilidade no Brasil. Annablume: São Paulo, 2010.

PREISER, W.; OSTROFF, E. Universal Design Handbook. NewYork: MacGraw-Hill, 2001.

RAGO, Margaretti. Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

REIS, A., LAY, M.C. Avaliação da qualidade de projetos: uma abordagem perceptiva e cognitiva. Revista Ambiente construído. Porto alegre, v. 6, n. 3, p.21-34, jul./set. 2006.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz ; PECHMAN, Roberto Moses. O que é questão da moradia. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense,1985.

ROMERO, Marcelo de Andrade Romero ; ORNSTEIN, Sheila Walbe . Avaliação Pós-ocupação: Métodos e Técnicas aplicados à Habitação Social. Porto Alegre: ANTAC, 2003.

ROWE, Peter G. Modernity and housing. Cambridge: MIT Press, 1995.

SACHS, I., Rumo à Ecosocioeconomia; teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

SAMORA, Patrícia Rodrigues. Projeto de habitação em favelas: especificidades e parâmetros de qualidade. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANCHES GRAÇA, Maurício. A Relação entre o Ambiente e o Indivíduo na Empresa: Considerações a Respeito da Psicologia Ambiental. Disponível <http://www.msgconsultores.com.br/imgs/noticia/not_49.pdf> Acesso em out. 2010.

SANTOS, A.; SANTOS, L. K. S.; RIBAS, V. G. Acessibilidade de habitações de interesse social ao cadeirante: um estudo de caso. *Ambiente construído*. Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2005.

SANTOS, M. et all. Avaliação de projetos de habitação no Brasil: decisões de projeto, espaço e acidentes domésticos. *ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO*, 4., 1997, Salvador. Anais..., p. 508-512. Disponível <<http://www.infohab.org.br/>> Acesso em: 15 jun. 2004.

SATTLER, M. A. Habitações de baixo custo mais sustentáveis: a Casa Alvorada e o Centro Experimental de Tecnologias Habitacionais Sustentáveis. Porto Alegre, ANTAC, 2007. Coleção Habitare, v. 8. Disponível em: <<http://www.habitare.org.br/>>. Acesso em out. 2010.

SILVA, Elvan. Geometria Funcional dos espaços da habitação: contribuição ao estudo da problemática da habitação de interesse social. Porto Alegre: UFRGS, 1982.

SMITH, Eleanor. Activists call 'New Urbanism' to account over ack of visitability. 2005. Disponível em <<http://www.raggededgemagazine.com/focus/esmithnewurbanism0705.html>> Acesso em 27 jun. 2006.

SPOSITO, Eliseu Savério. Sobre o conceito de território: um exercício metodológico para a leitura da formação territorial do sudoeste do Paraná. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

STEINFELD, Edward, DUNCAN, James, CARDELL, Paul. Toward a Responsive Environment: The Psychosocial Effects of Inaccessibility. In: BEDNAR, M. J (org.). *Barrier Free Environments*. Pennsylvania: Dowden, Hutchinson & Ross Inc, 1977.

SZÜCS, C. P. Habitação Popular e Flexibilização do Projeto. In: NUTAU96, 1996, São Paulo. *Cadernos de Resumo....* São Paulo: EDUSP, 1996. p. 33

SZÜCS, C.P. et al. *Recomendações e Alternativas para Novos Projetos de Habitação Popular a partir das Interações entre Usuário e Moradia*. Florianópolis: UFSC, 1999. Relatório de Pesquisa Programa FINEP/BID.

TAYLOR, S. E., & Brown, J. D. , *Illusion and Well-Being – a Social Psychological Perspective On Mental-Health*. *Psychological Bulletin*, 1988.

TAJFEL, H. *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social II*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

THE CENTER FOR UNIVERSAL DESIGN. *The Principles of Universal Design, Version 2.0*. Raleigh, NC: North Carolina State University, 1997.

TRAMONTANO, M. *O espaço da habitação social no Brasil: possíveis critérios de um necessário redesenho*. São Paulo: USP, 1995.

TRUESDALE, S.; STEINFELD, E. *Visitability: an approach to universal design in housing*. Buffalo. New York: IDEA Center, 2002.

LOCAL Agenda 21 UK. *Sustainable Settlements - A Guide for Planners, Designers and Developers*. United kingdom, 1995.

100 *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p. 95-112, dez. 2005.

Apêndice A

**AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES EM CAMPO**

AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES EM CAMPO
HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EXECUTADA PELA COHAB-MG

Pesquisadora: Arquiteta Adriana Rodrigues Leão
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientador: PHD Marcelo Pinto Guimarães

1. Anotações sobre os aspectos físicos – funcionais da edificação e comportamental:

- Distribuição da Mobília:
 - Instalações / equipamentos:
 - Circulação:
 - Espaço de giro e transferência:
 - Esquadrias:
 - Improvisações funcionais:
 - Acréscimos de construção:
 - Acessos de passeio à casa:
 - Soleiras:
 - Desníveis:
 - Materiais de acabamento:
 - Relação da casa com vizinho:
 - Possibilidade de expansão:
 - Demarcação do lote, topografia:
 - Conforto ambiental:
 - Privacidade entre os moradores:
 - Dimensionamentos de cada ambiente:
 - Espaços de dupla função:
 - Aparência, estado de conservação:
 - Condição estrutural das construções:
 - Estacionamento / garagem:
 - Barreiras arquitetônicas e urbanísticas:
 - Outros:
 - Croquis:
-
- Como o modelo de casa projetada para acessibilidade altera o modo de vida dos moradores.?
 - Como o modelo de casa convencional altera o modo de vida dos moradores.?
 - Quais os fatores que transformam os espaços acessíveis em não acessíveis?
 - De que modo o projeto de casa acessível reflete os princípios do Desenho Universal?

- Qual a relação entre número de pessoas que coabitam e o dimensionamento do espaço em relação às outras casas?
- Qual a relação entre ocupação dos espaços de circulação e o número de barreiras arquitetônicas encontradas em relação às outras casas?

2. Anotações sobre os aspectos físicos - funcionais do meio urbano

Locais/serviços: Pátios, escola, centro comunitário, rua, comércio, playground, jardim, quadra de esporte, estacionamento, creche, posto de saúde, passeio, unidade fisioterápica, transporte urbano acessível, etc.

- Inclinações de ruas:
- Pavimentação da rua e passeios:
- Facilidade de estacionamento:
- Segurança:
- Arborização nas calçadas:
- Transporte coletivo:
- Possíveis alagamentos:
- Acesso:

Apêndice B

**SOLICITAÇÃO DE AGENDAMENTO DE VISITA À SEDE
DA COHAB-MG**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA

Belo Horizonte, 06 de outubro de 2010

Ilmo. Sr.

Mauro Sérgio Nery Brito

Presidente da
Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais

Sr. Presidente,

Cientes da preocupação do Governo do Estado no combate do déficit habitacional e desenvolvimento urbano através da Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais - COHAB, vimos por meio desta solicitar um agendamento para visita à COHAB com o intuito de efetuar a coleta de dados por entrevista e por análise de projetos (cópia digital) referentes às casas especialmente projetadas para acessibilidade e as casas de modelo convencional no interior de Minas Gerais. São elas as moradias e terrenos nos seguintes conjuntos habitacionais: Lavras, Bom Sucesso, São João Del Rei, Santana da Vargem, Machado, Areado, Guaxupé, Jacuí e São Sebastião do Paraíso.

O trabalho é intitulado "O impacto do padrão de moradia popular para a acessibilidade no modo de vida dos moradores" e está sendo desenvolvido pela pesquisadora Arquiteta Adriana Rodrigues Leão, aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Professor Doutor Marcelo Pinto Guimarães.

O objetivo é entender sobre como as habitações populares construídas da COHAB-MG, delimitadas no estudo de caso atendem ao modo de vida das famílias e corroboram para a redução da problemática da qualidade de uso habitacional acessível em face ao decreto estadual nº 17.248/07.

Desde já agradecemos a atenção e a disponibilização das informações.

Adriana Rodrigues Leão
Contato: telefone - (31) 9109-3860

Marcelo Pinto Guimarães
Contato: telefone - (31) 3409 8810

Laboratório ADAPTSE, Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Rua Paraíba, 697 EAUFMG – sala 125

Apêndice C

**ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
TÉCNICO DA COHAB- ARQUITETO**

**FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
TÉCNICO DA COHAB - ARQUITETO**
HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EXECUTADA PELA COHAB-MG

Pesquisadora: Arquiteta Adriana Rodrigues Leão
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientador: PHD Marcelo Pinto Guimarães

Técnico participante: Cláudio Godim Beleza – Arquiteto Co-autor dos projetos arquitetônicos e urbanísticos.

Data: 12/01/2011

Local: COHAB_MG Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves Rodovia Prefeito Américo Gianetti, S/Nº. Prédio Gerais - 14º Andar Bairro Serra Verde BH - MG CEP: 31.630-901 Contato: (31) 39152349

1. Qual a origem das famílias no conjunto?

Não há uma local de origem específico. Há uma variação no perfil dos candidatos a moradores que estão associados aos critérios de seleção para concorrência de uma casa e prefeituras associadas. A prefeitura faz a indicação de pessoas e envia a lista para a COHAB que faz a triagem dentro do perfil de seleção interno.

2. Qual a relação do número de casas ofertadas e famílias moradoras?

Não possuo esta informação.

3. Quantas destas casas são projetadas para acessibilidade no conjunto?

Legalmente seria 12% do total de casas construídas, mas na prática depende da inscrição de pessoas com deficiência e ou seus familiares no programa. Geralmente as casas são feitas de acordo com a demanda.

4. Qual a renda das famílias inseridas no programa?

De 1 a 3 Salários-mínimos. Antigamente no BNH, a COHAB participava na compra dos terrenos e execução de casas para pessoas com renda de 1 a 6 Salários mínimos. Com a extinção do Sistema Financeiro de Habitação surgiu um novo programa denominado Lares Gerais. Neste caso, a prefeitura é parceira do estado para projetos e execução de habitação para pessoas de 1 a 3 salários mínimos, faixa que representa 90% da demanda estadual.

5. Quais os critérios de seleção destas famílias?

Não tenho esta informação completa.

6. Os projetos são feitos a partir de quais parâmetros para moradias?

Antigamente eram feitos conforme o código de obras, com delimitação de área mínima de cada ambiente. Hoje, os critérios mudaram e o planejamento da habitação se faz com exigências mínimas de mobiliário. Portanto, se em um quarto couber, cama, dois criados e armário, independe da área que ele ocupe no caso de casa convencional. Da mesma forma é o projeto da casa projetada para acessibilidade onde é incluído o espaço para giro e transferência.

Há uma parceria com a CEF onde é considerado este requisito do layout. Foi amplamente discutido para que a legislação municipal (Código de obras) contemplasse esta questão.

7. Os moradores participam do processo de projetos?

Não. Os técnicos da COHAB desenvolvem os projetos.

8. Há variação de modelos de projeto de moradias?

Há dois modelos de moradias, porém com o mesmo programa de necessidades. Casa MG 80I236 e MG 88I251, com 02 quartos, sala, cozinha, banheiro, área de serviço e circulação. A sigla significa:

Casa MG 80I236 : 80 (Número de ordem- Quantos projetos foram feitos até chegar neste modelo) ; I (Casa isolada); 2 (Dois quartos); 36 (área da casa sem os parâmetros mínimos de acessibilidade)

Casa MG 88I251 : 88 (Número de ordem- Quantos projetos foram feitos até chegar neste modelo) ; I (Casa isolada); 2 (Dois quartos); 52 (área da casa projetada para acessibilidade).

Existem variações do modelo das plantas com acréscimos . Ambos os casos há possibilidade de ampliação, para mais 02 quartos ao fundo, caso o morador o deseje fazer. Neste caso o projeto fica na prefeitura e é entregue quando solicitado pelo morador. A COHAB também está à disposição para orientar.

9. Na elaboração do loteamento/projeto do conjunto habitacional é previsto equipamentos urbanos como escolas , creches, etc? Até que ponto a prefeitura entra com os serviços de transporte para escola, apoio para atividades de recreação e socialização, etc.?

Sim. A COHAB verifica através de plantas concedidas pela prefeitura ou CEMIG (no caso de cidades menores) a localização de terrenos para implantação do conjunto habitacional. Caso ele não esteja próximo à áreas abastecidas de equipamentos e serviços urbanos , no projeto de loteamento faz-se necessário a inclusão dos mesmos. Por outro lado, se houver a proximidade com um bairro em condições de atender ao conjunto, não é previsto a instalação destes equipamentos.

10. Há previsão de instalação de sistema de aquecimento solar? Para quando?

Sim. A instalação vai depender do convênio de cada cidade com a CEMIG. Porém, procura-se conciliar com a execução da obra.

11. Existem dados sobre o número de idosos e crianças residentes?

Não possuo esta informação.

12. Foi feita avaliação pós - ocupação no conjunto que envolva comportamento e forma de utilização da casa?

Sim, a assistente social poderá detalhar.

13. Disponibilidade de projeto executivo, plano diretor, memorial descritivo, manual do mutuário, etc.

Sim. Aguardar o gerente.

14. Quais os tipos de lote (dimensionamento) a COHAB desenvolveu os projetos?

A demarcação de lotes varia com a declividade do terreno com limite de até 25%. A base é o platô mínimo (9,5m. x 14m). E o dimensionamento mínimo é de 10m. x 20m.

15. Quais as pessoas, contatos e endereços regionais da COHAB que devo procurar nas cidades?

Não possuo esta informação

16. Qual a perspectiva para o futuro em relação a :

- Casa projetada especialmente para acessibilidade:

Por enquanto não há perspectiva já que a elaboração do projeto é estudo recente e o padrão foi bem trabalhado.

- Casa sem os parâmetros mínimos de acessibilidade:

Ainda não há, mas a número de ordem 88 poderá ser superado.

17. Apesar dos conjuntos em questão já terem sido entregues, qual o prazo de conclusão da execução da obra que engloba não apenas as moradias mas infra-estrutura no local?

Isso depende das prefeituras que são responsáveis por pavimentação, água, luz, esgoto , sarjeta. O ideal é terminar o projeto e infra-estrutura juntos, mas geralmente a prefeitura não te recursos para finalização.

18. Quais os critérios de escolha para locação das casas projetadas para serem acessíveis?

Em primeiro lugar o terreno ser mais plano, em segundo a localização do lote. Sempre que possível unir as duas coisas.

19. É levado em conta o número de moradores para liberação de cada casa?

No caso de desempate sim. A família que tiver mais membros tem direito.

20. A parceria da prefeitura e COHAB acontece em quantas etapas? A prefeitura apenas doa o terreno para sejam feitos os projetos e execução?

A prefeitura abre inscrições; a COHAB faz a triagem; a prefeitura fornece o terreno ;a COHAB faz o projeto; a prefeitura faz infra-estrutura;COHAB executa casas.

Em alguns casos, quando a prefeitura concede um terreno muito grande a COHAB faz o projeto de loteamento total da área e a prefeitura depois executa da forma como puder.

21. A COHAB pode restringir a escolha do terreno ofertado pela prefeitura?

Sim. A COHAB faz uma análise da área de localização das futuras habitações com vistorias no local e fazem restrições caso estejam em desacordos com as legislações específicas. Ex: Localização próxima à usina de lixo, lixão, córregos.

Algumas considerações além das perguntas:

- As casas unifamiliares possuem custo mais baixo de execução.
- As casas são entregues sem acabamento para o morador não pagar muito por algo que talvez não lhe agrade. Isso pode mudar.
- As regiões que delimitei na pesquisa são mais ricas. No mapa de implantação de conjuntos em Minas Gerais, as maiores incidências estão nesta região devido à maior facilidade de implantação, diferentemente da região Norte.
- A maioria das cidades da minha pesquisa tem conjuntos antigos e novos.
- A COHAB recebeu um premio da Sociedade Brasileira de COHAB'S pelo projeto de acessibilidade.
- A casa é feita para ampliação no futuro. Os afastamentos mínimos laterais são 1,50m. O frontal é de 4,50m.

Apêndice D
DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
TÉCNICA DA COHAB- ASSISTÊNCIA SOCIAL

**ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
TÉCNICA DA COHAB- ASSISTÊNCIA SOCIAL**
HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EXECUTADA PELA COHAB-MG

Pesquisadora: Arquiteta Adriana Rodrigues Leão
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientador: PHD Marcelo Pinto Guimarães

Técnico participante: Joully Mayrink Magalhães – Assistente Social – COHAB-MG .
Participação de José Abi Akil – Um dos primeiros funcionários da COHAB-MG

Data:12/01/2011

Local:COHAB_MG Cidade Administrativa Presidente Tancredo Neves Rodovia
Prefeito Américo Gianetti, S/Nº. Prédio Gerais - 14º Andar Bairro Serra Verde BH -
MG CEP: 31.630-901 Contato: (31) 3915-1080

22. Qual a origem das famílias no conjunto?

Não possui esta informação

23. Qual a relação do número de casas ofertadas e famílias moradoras?

Esta relação é direcionada de acordo com o IDH de cada município.

24. Quantas destas casas são projetadas para acessibilidade no conjunto?

Não possui esta informação

25. Qual a renda das famílias inseridas no programa?

De 1 a 3 Salários-mínimos.

26. Quais os critérios de seleção destas famílias?

Que estejam dentro da margem de renda; Preferencialmente à famílias , apesar do processo ser aberto; Critérios de pontuação de acordo com a necessidade; número de dependentes (maior número de integrantes na família) e se é idoso tem condição de preferência à necessidades especial.

27. Dá-se preferência para habitação as famílias que possuem maior número de pessoas. Neste caso, como se dá a inserção desta família no âmbito de sociabilização/convívio na residência cujo espaço foi projeto para 4 moradores e o foco são mais integrantes?

A assistência social trabalha a nova identidade do bairro. Algumas pessoas que têm mais condições, fazem a reforma e aguardam para a mudança. Mas de certa forma, há problemas .

28. Qual a intervenção da COHAB no sentido de apurar e tomar medidas acerca da comercialização de casas, principalmente àquelas feitas para pessoas com deficiência?

Existe a venda entre moradores via COHAB e as que acontecem irregularmente que a COHAB não tem ciência. Neste caso de “ contrato de gaveta” , não é possível retirar as famílias moradoras.

29. A COHAB acompanha as famílias através da avaliação pós-ocupação?

Existe sim a visita pós-morar. A assistência social da COHAB orienta às prefeituras para que acompanhem , já que estão mais próximas e tem a possibilidade de manter um histórico do modo de vida. Se a COHAB vai 1 dia apenas, estas famílias, podem criar situações, distorcendo a realidade.

Ainda assim, nesta visita da COHAB, há a detecção de problemas e pontos positivos, mas sem ação direta. Problemas como prostituição, violência doméstica são relatadas à prefeitura e ao conselho tutelar.

Geralmente nas APO s das casas para as pessoas com deficiência como as famílias são reduzidas a situação encontra-se bem melhor.

Algumas considerações além das perguntas:

- Para a casa adaptada não há número específico de pessoas morador. Podem ter 10 por ex. A casa é pensada para ele.
- Dentro do projeto Lares Habitação popular existe o FHNIS (Fundo Habitação Nacional de Interesse Social). Neste caso, a CEF exige a participação direta dos moradores na execução (doação). COHAB. (Existem casas feitas para usuários de cadeiras de rodas, onde os moradores acompanham a planilha de execução).

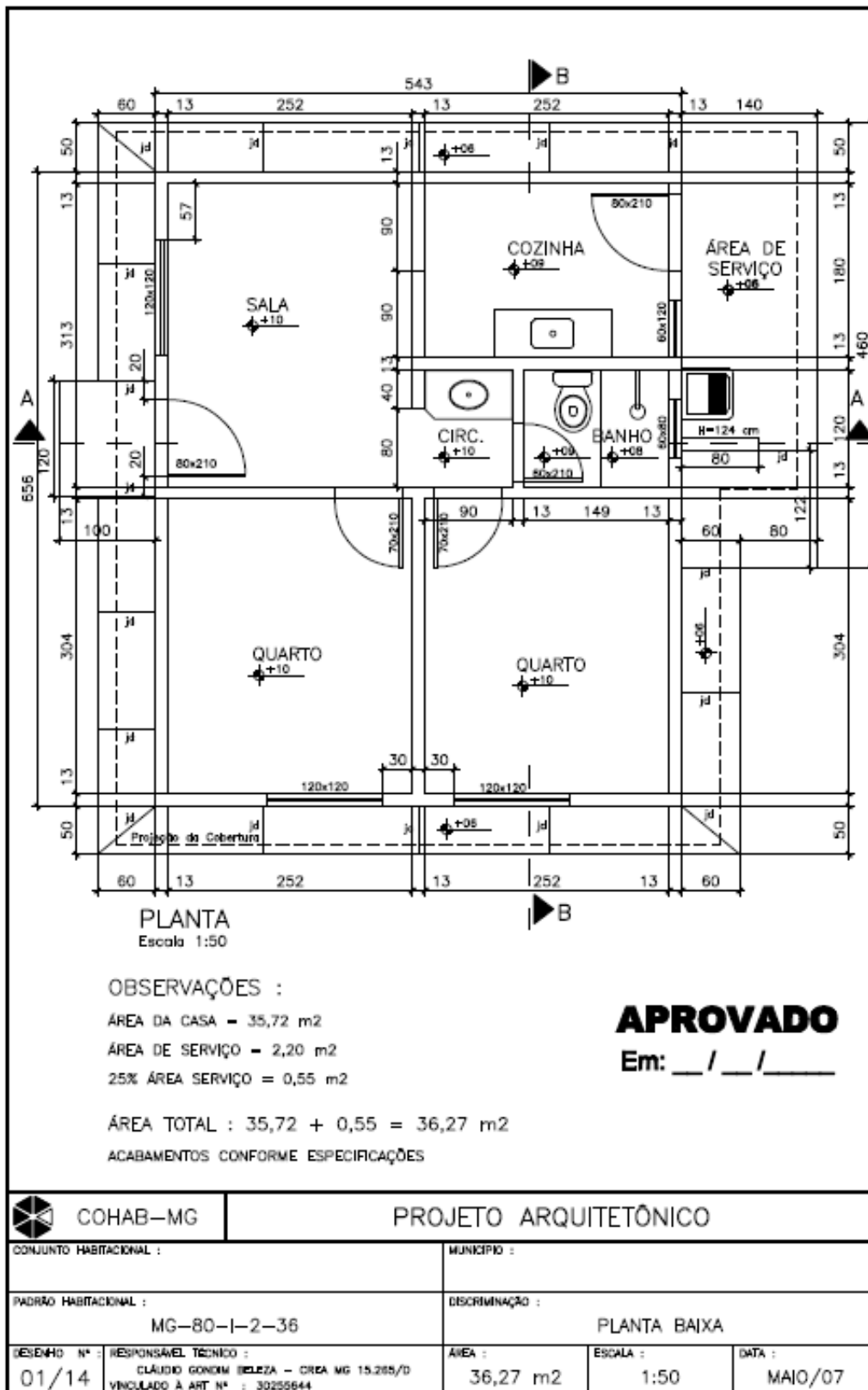
José Abi Akil: A COHAB nunca havia trabalhado com casas para pessoas com deficiência. Esta foi uma solicitação de Aécio Neves. Assim, antigamente a COHAB sabia da existência de morador com dificuldade por alguma deficiência, mas ficava por conta dela alterar o modelo de casa. (ônus)

A COHAB existe há 45 anos e naquela época havia a rua perimetral e as ruas internas ao conjunto eram apenas de pedestres e não de carros. Isso se dava para economia. Ex: Conjunto Campo Alegre e Vale do Jatobá.

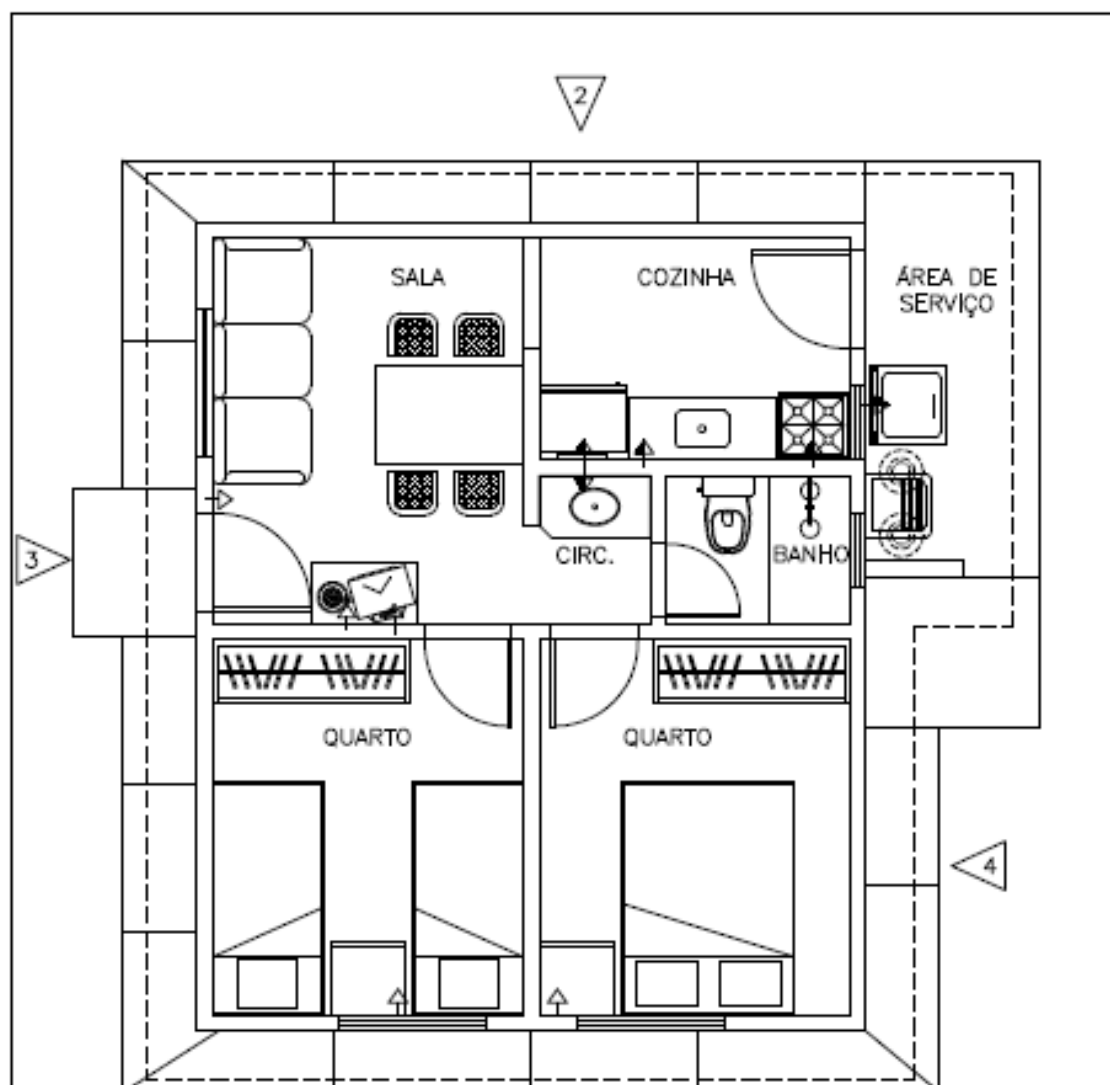
Apêndice E

PROJETOS ARQUITETÔNICOS , URBANÍSTICOS E ELÉTRICO

Projetos arquitetônicos de modelo MG-80-I-2-36 . (Não projetado para
 acessibilidade) ¹



¹ Os projetos arquitetônicos foram inseridos como cópia de imagem e não estão com a escala definida em desenho



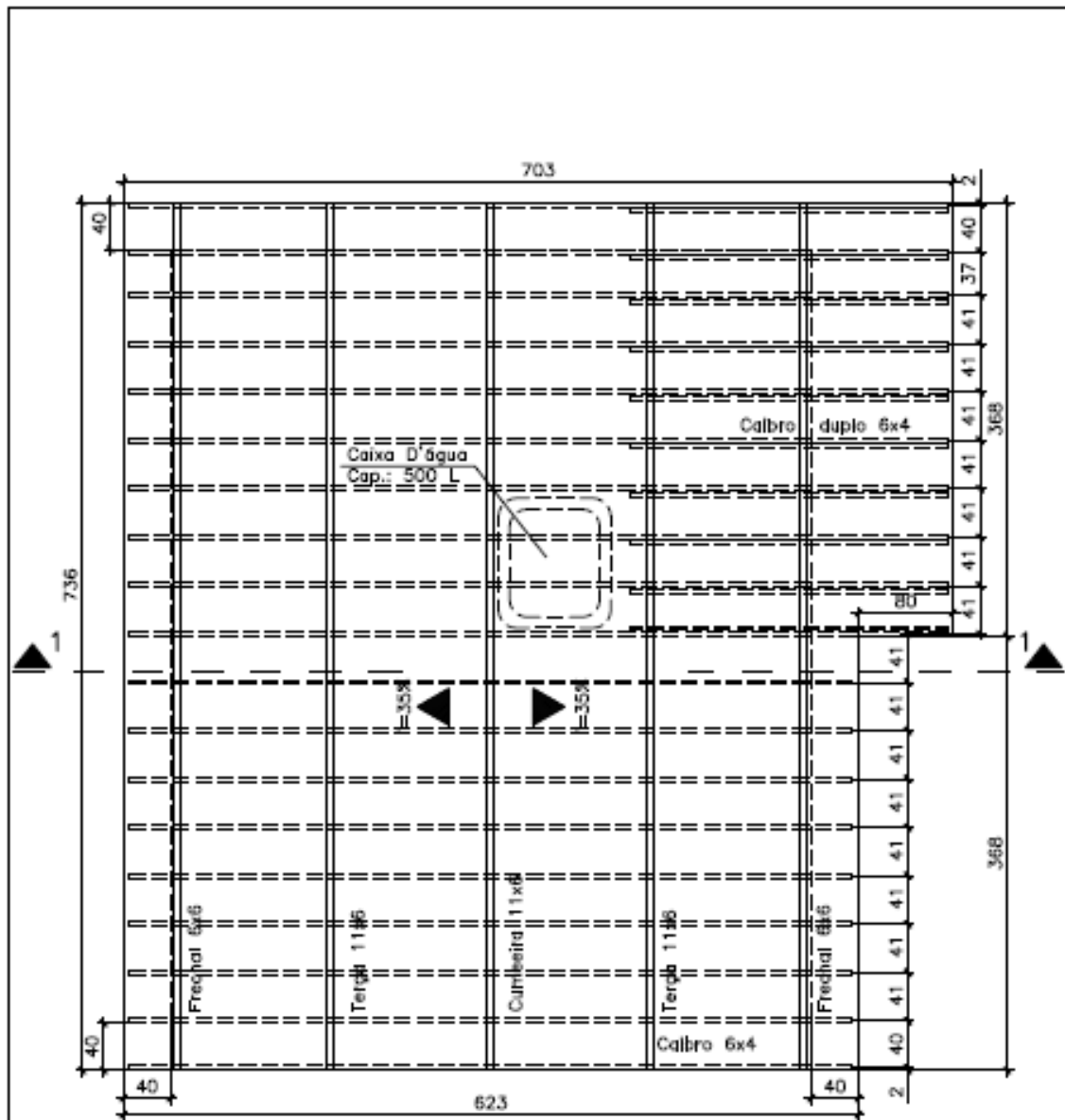
"LAY-OUT"
Escala 1:50

INDICAÇÃO DA FACHADA

APROVADO

Em: __/__/__

COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-I-2-36		DISCRIMINAÇÃO : "LAY-OUT"		
DESENHO Nº : 02/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLAUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/D VINCULADO À ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:50	DATA : MAIO/07




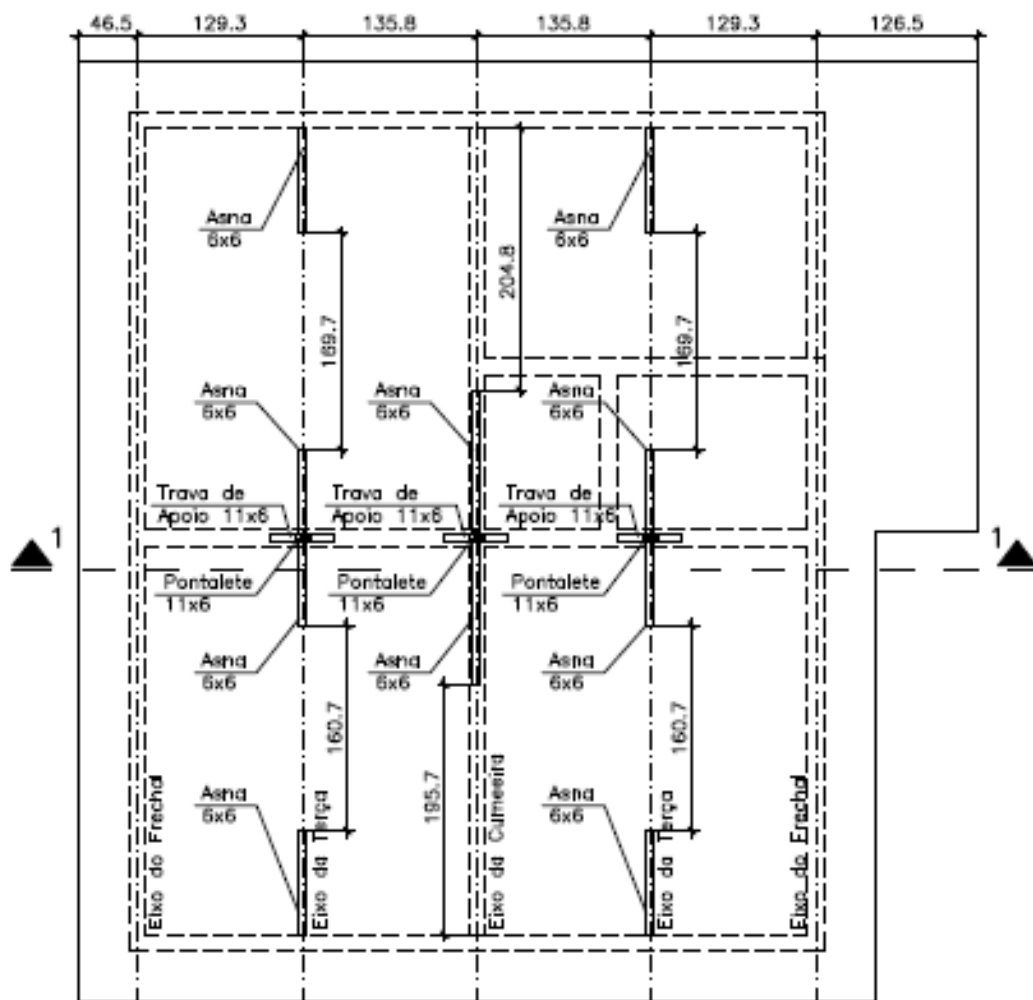
COBERTURA

ESC.: 1:50

APROVADO

Em: __ / __ / __

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-I-2-36		DISCRIMINAÇÃO : PLANTA DE COBERTURA		
DESENHO Nº : 03/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLAUDIO GONÇALVES BELEZA - CREA MG 15.285/0 VINCULADO À ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:50	DATA : MAIO/07




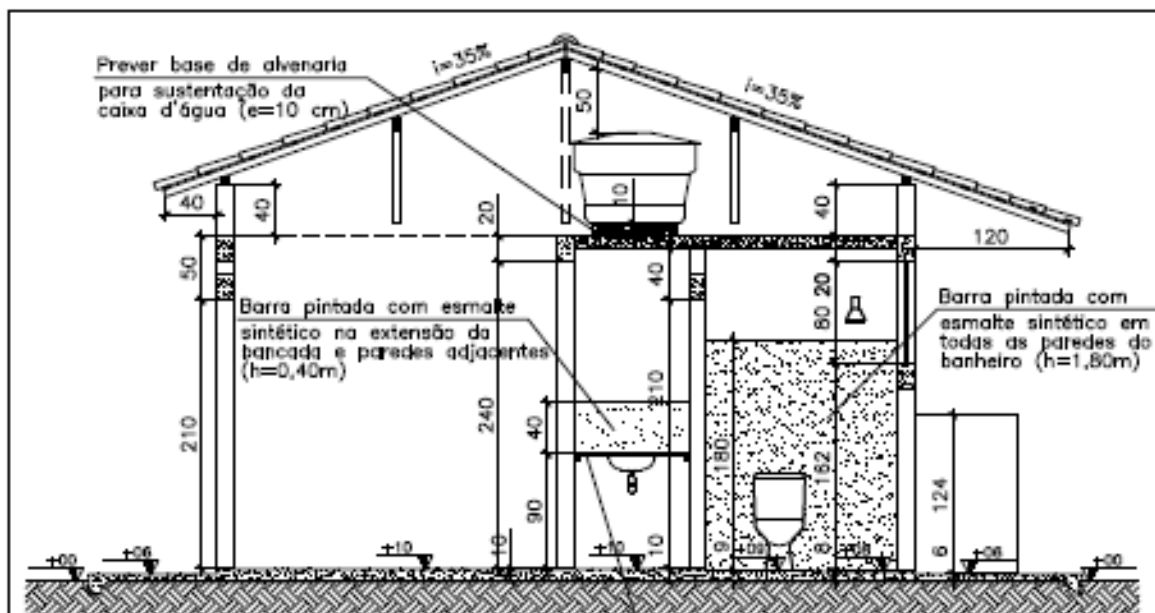
LOCAÇÃO DAS PEÇAS DE APOIO

ESC.: 1:50

APROVADO

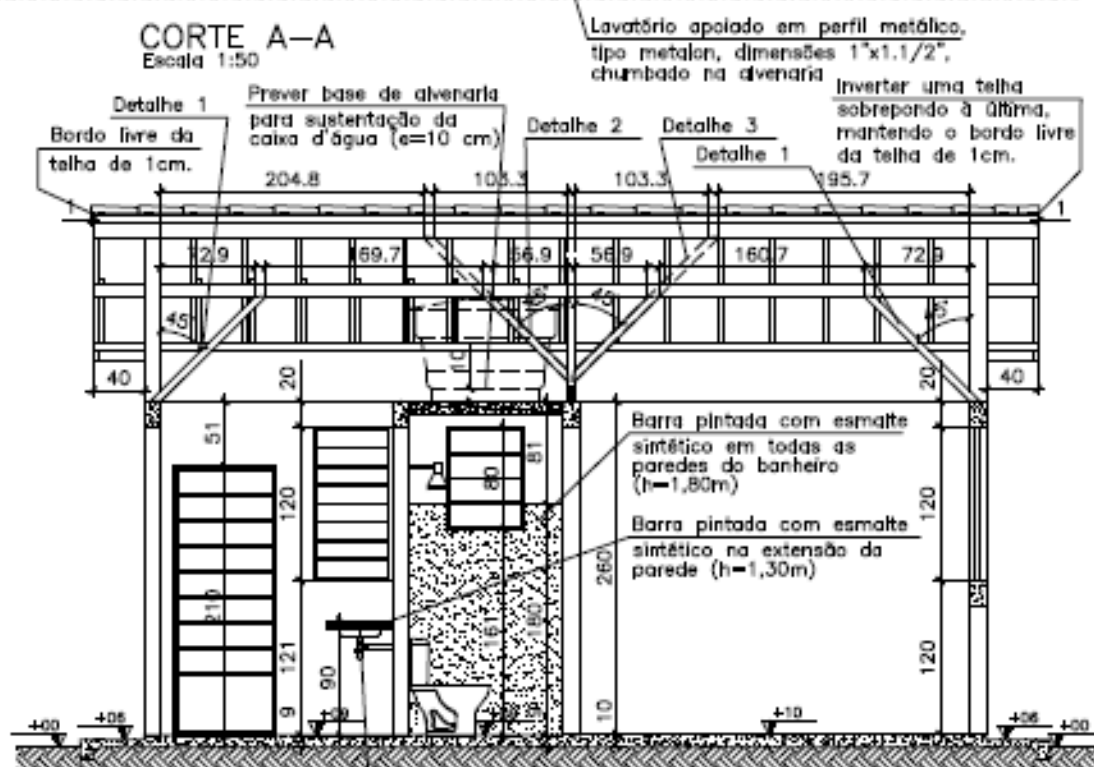
Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-1-2-36		DISCRIMINAÇÃO : LOCAÇÃO DAS PEÇAS DE APOIO		
DESENHO Nº : 04/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLÁUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/0 VINCULADO À ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:50	DATA : MAIO/07



CORTE A-A

Escala 1:50




CORTE B-B

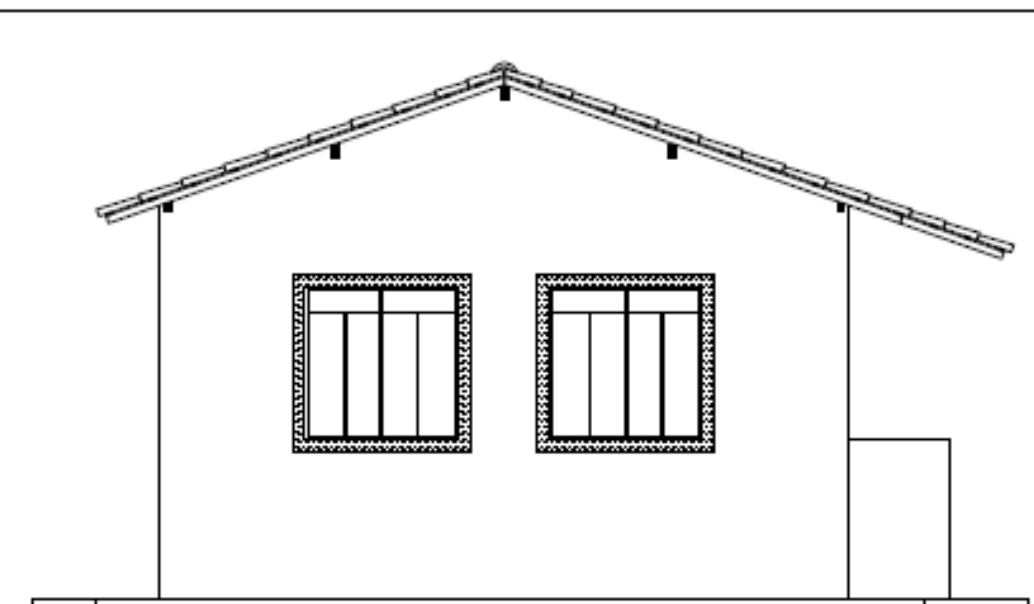
Escala 1:50

Pia apoiada em perfil metálico, tipo metalon, dimensões 1"x1.1/2", chumbado na alvenaria

APROVADO

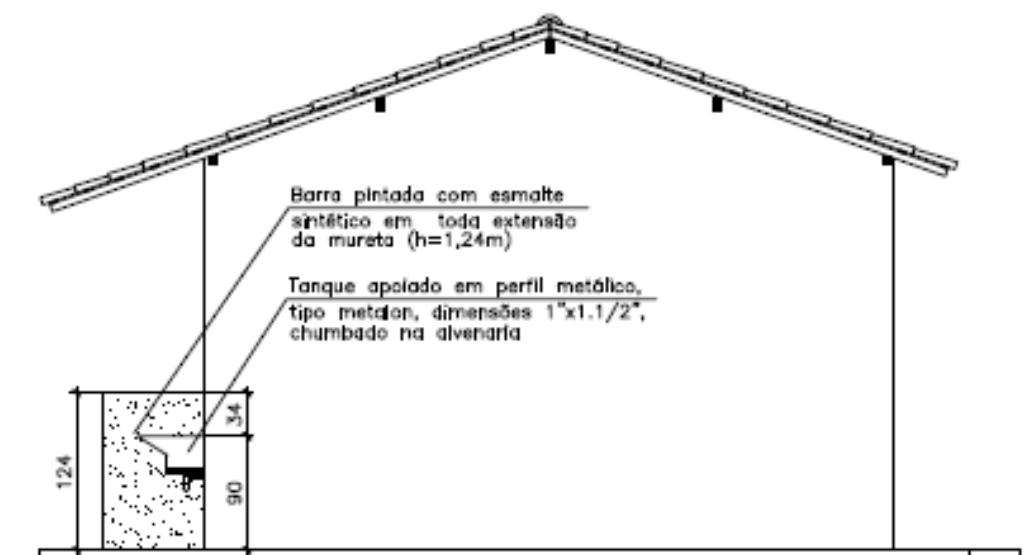
Em: ___ / ___ / ___

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-I-2-36		DISCRIMINAÇÃO : CORTES A-A e B-B		
DESENHO Nº : 05/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLÁUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/D VINCULADO A ART Nº : 30256844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:50	DATA : MAIO/07



ELEVAÇÃO "1" (PRINCIPAL)

Escala 1:50




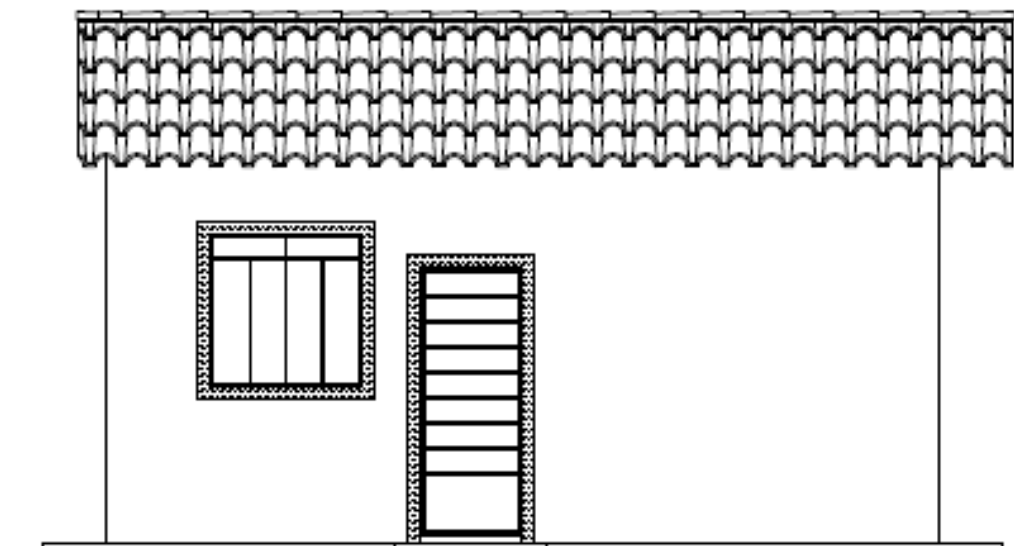
ELEVAÇÃO "2"

Escala 1:50

APROVADO

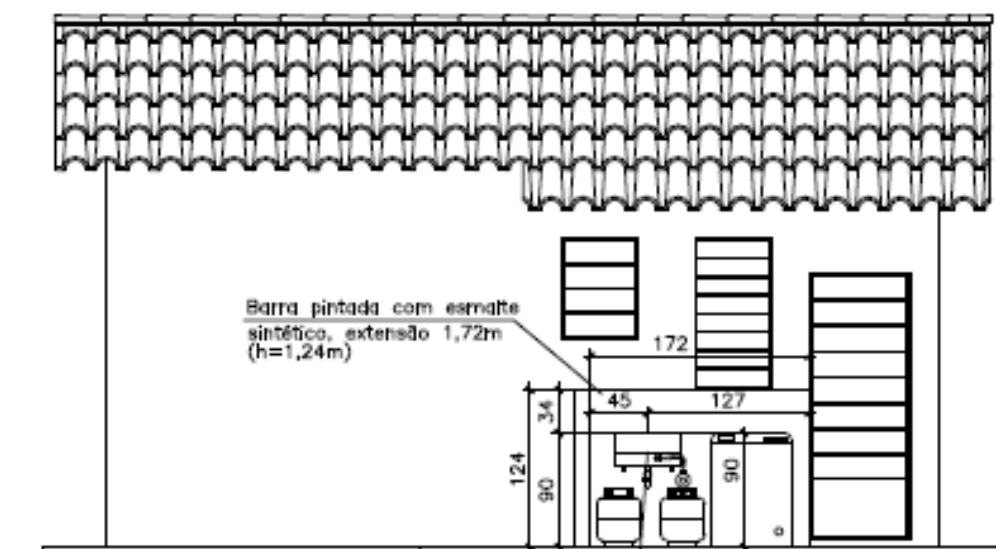
Em: __ / __ / __

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-I-2-36		DISCRIMINAÇÃO : ELEVAÇÕES "1" e "2"		
DESENHO Nº : 06/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLÁUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/D VINCULADO À ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m2	ESCALA : 1:50	DATA : MAIO/07



ELEVAÇÃO "3"

Escala 1:50



ELEVAÇÃO "4"

Escala 1:50

Tanque apoiado em perfil metálico,
tipo metalon, dimensões 1"x1.1/2",
chumbado na alvenaria

APROVADO

Em: __/__/__



COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

CONJUNTO HABITACIONAL :

MUNICÍPIO :

PADRÃO HABITACIONAL :

MG-80-1-2-36

DISCRIMINAÇÃO :

ELEVAÇÕES "3" e "4"

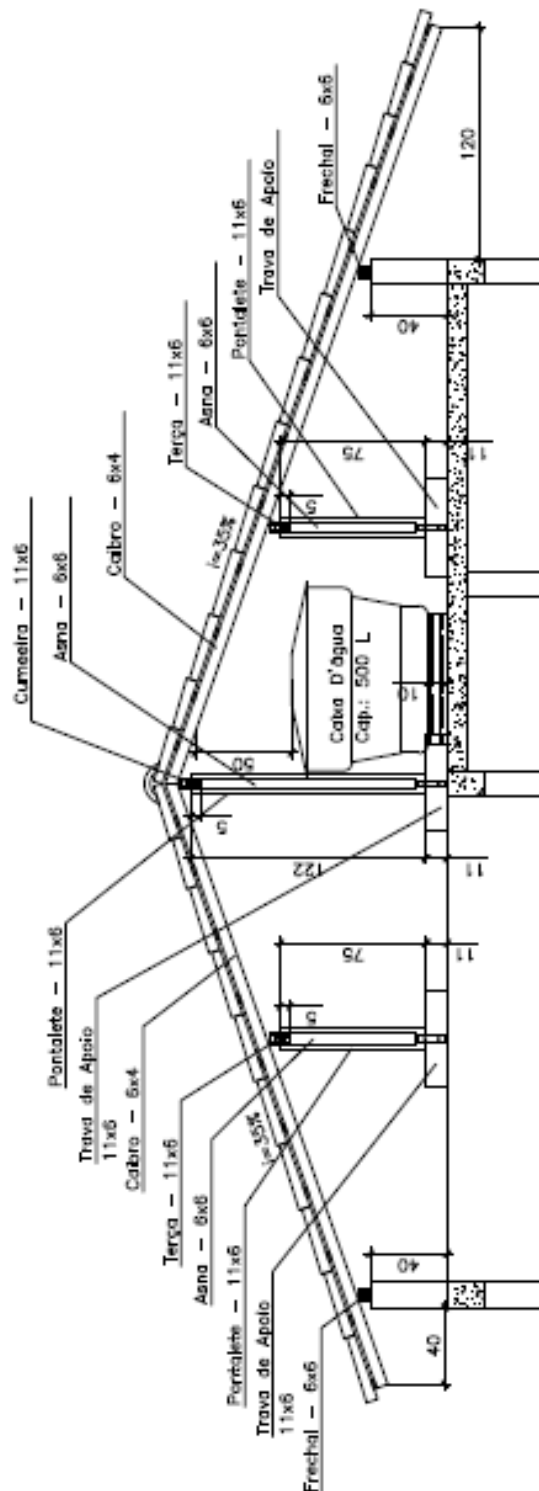
DESENHO Nº :
07/14

RESPONSÁVEL TÉCNICO :
CLÁUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/0
VINCULADO A ART Nº : 30256844

ÁREA :
36,27 m2

ESCALA :
1:50

DATA :
MAIO/07




DETALHE DO TELHADO - VISTA 1

Sem Escala

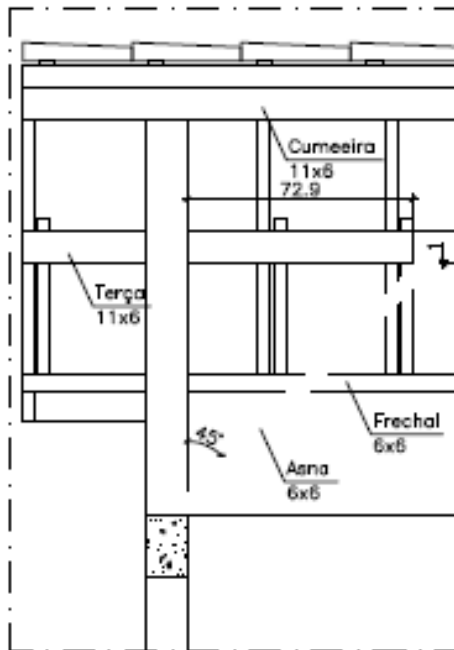
APROVADO

Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-I-2-36		DESCRIÇÃO : DETALHE DO TELHADO - VISTA 1		
DESENHO Nº : 08/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLAUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/D VINCULADO À ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : SEM ESCALA	DATA : MAIO/07

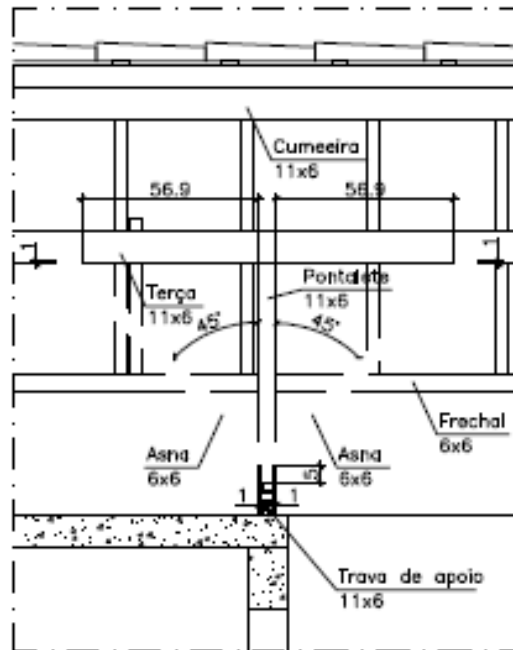
DETALHE 1

Esc.: 1:20



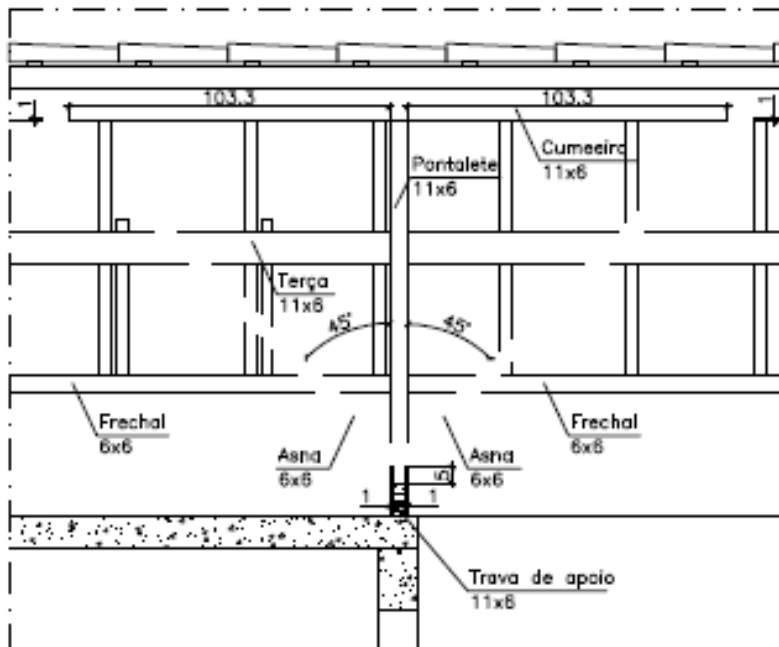
DETALHE 2

Esc.: 1:20



DETALHE 3

Esc.: 1:20



APROVADO

Em: ___/___/___



COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

CONJUNTO HABITACIONAL :

MUNICÍPIO :

PADRÃO HABITACIONAL :

MG-80-I-2-36

DESCRIÇÃO :

DETALHES DO TELHADO

DESENHO Nº :
09/14

RESPONSÁVEL TÉCNICO :
CLAUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/D
VINCULADO À ART Nº : 30255644

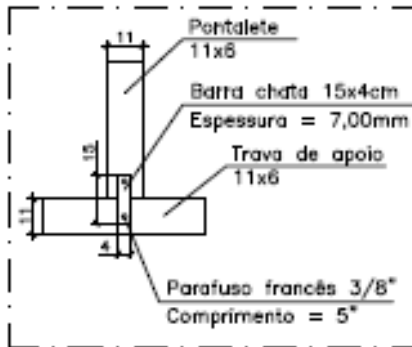
ÁREA :
36,27 m²

ESCALA :
1:20

DATA :
MAIO/07

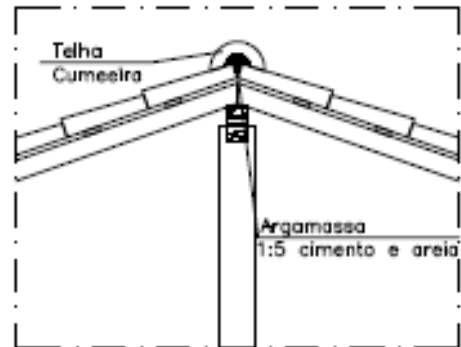
DETALHE DE FIXAÇÃO
DO PONTALETE

Esc.: 1:20



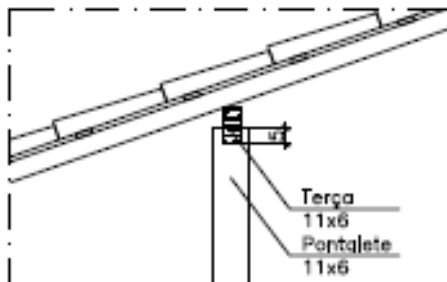
DETALHE DE FIXAÇÃO
DA CUMEEIRA

Esc.: 1:20



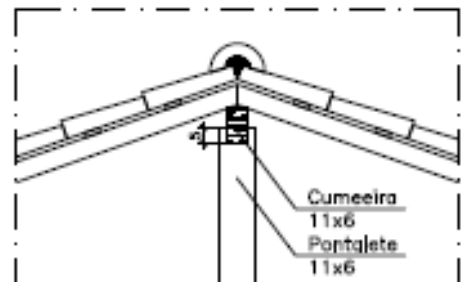
DETALHE DE FIXAÇÃO DA
TERÇA NO PONTALETE

Esc.: 1:20



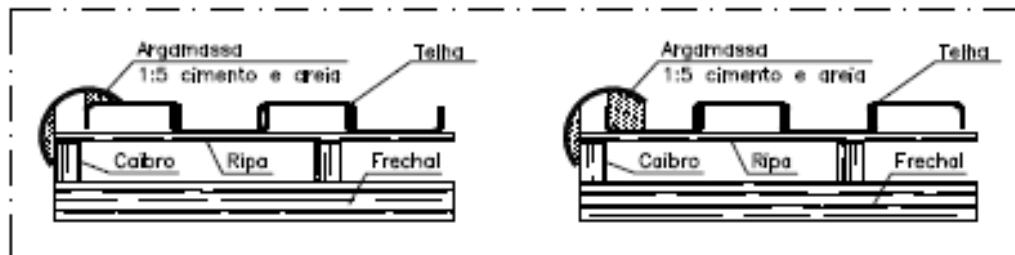
DETALHE DE FIXAÇÃO DA
CUMEEIRA NO PONTALETE

Esc.: 1:20




DETALHES DO CORDÃO DE ARREIMATE

Esc.: 1:10



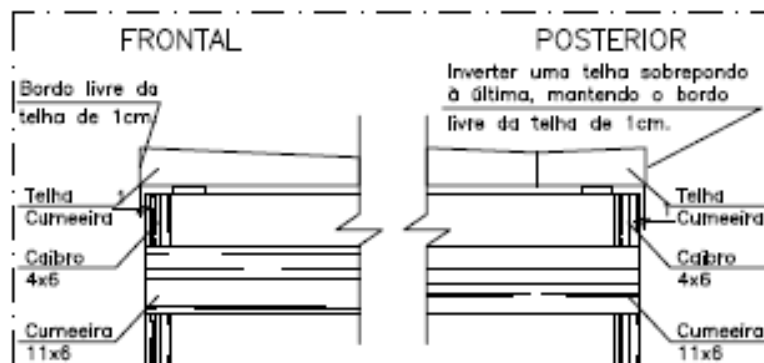
APROVADO

Em: ___/___/___

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :			
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-1-2-36		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO TELHADO			
DESENHO Nº : 10/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLAUDIO GONDI BELEZA - CREA MG 15.285/D VINCULADO À ART Nº : 30255644	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:20	DATA : MAIO/07	

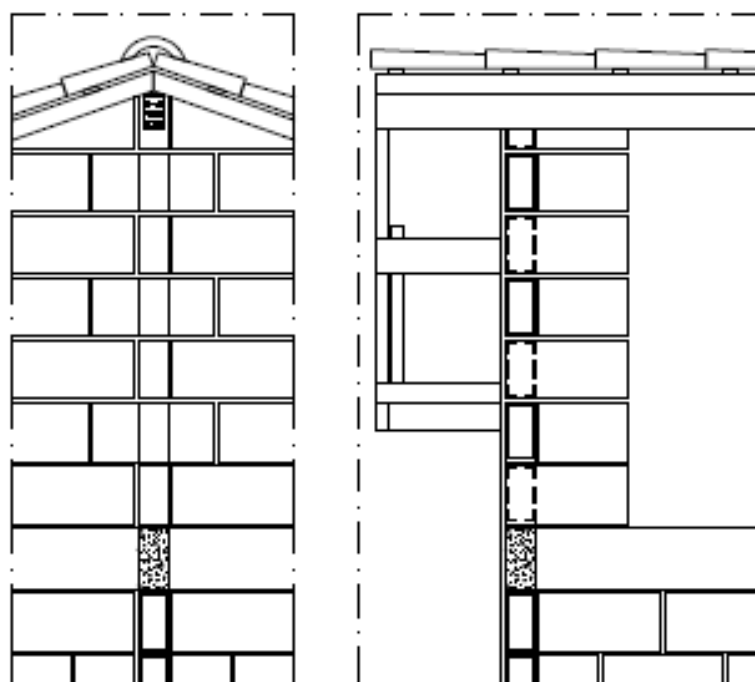
DETALHE DE LOCAÇÃO DA TELHA CUMEEIRA

Sem escala



DETALHE DE AMARRAÇÃO DAS EMPENAS

Esc.: 1:20



APROVADO

Em: __/__/__



COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

CONJUNTO HABITACIONAL :

MUNICÍPIO :

PADRÃO HABITACIONAL :

MG-80-I-2-36

DISCRIMINAÇÃO :

DETALHES DO TELHADO

DESENHO Nº :
11/14

RESPONSÁVEL TÉCNICO :
CLAUDIO GONÇALVES SELEZA - CREA MG 15.285/D
VINCULADO À ART Nº : 30255844

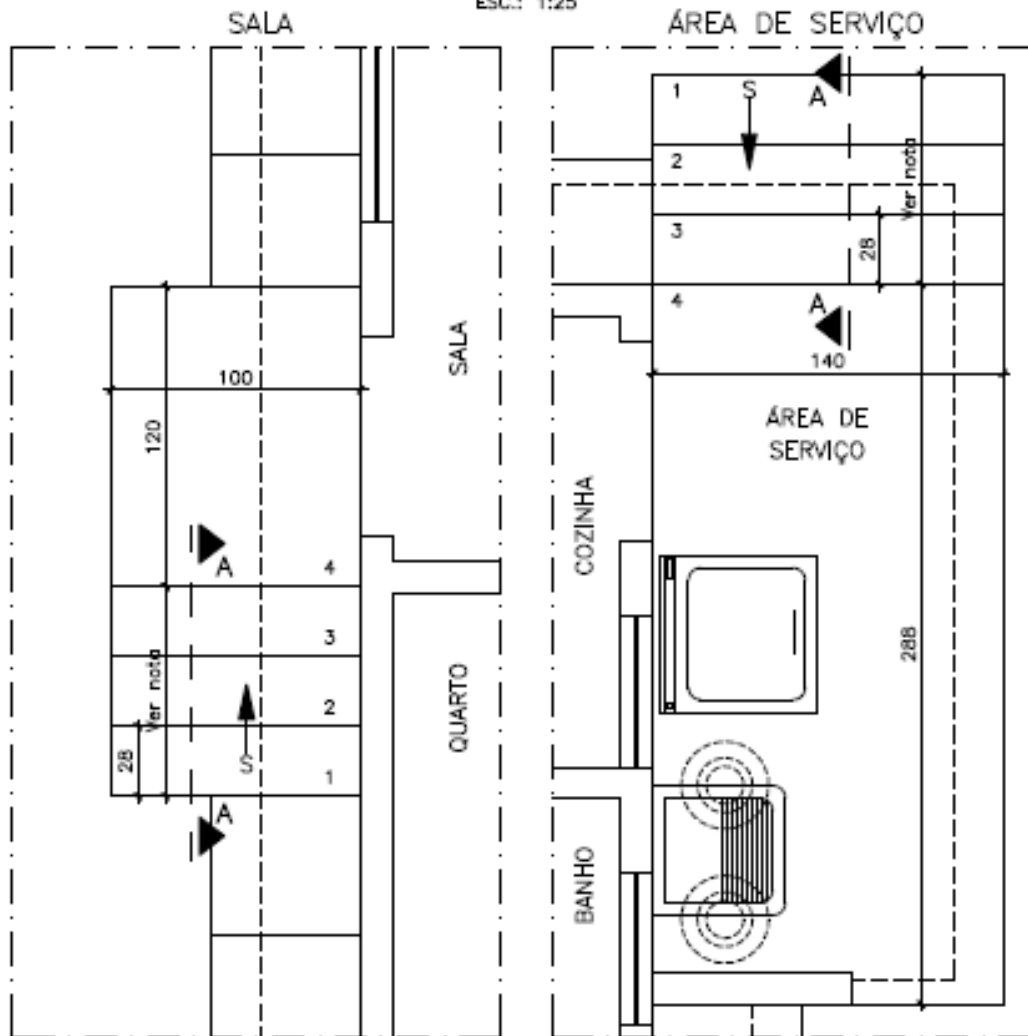
ÁREA :
36,27 m²

ESCALA :
INDICADAS

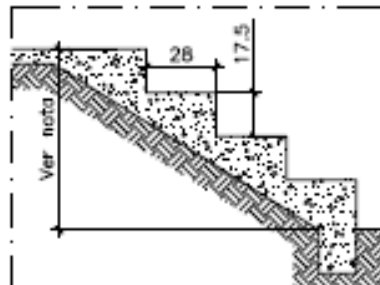
DATA :
MAIO/07

DETALHES DAS ESCADAS DE ACESSO

ESC.: 1:25



CORTE AA




NOTA :

AS ESCADAS DE ACESSO SERÃO DEFINIDAS POR EMPREENDIMENTO.

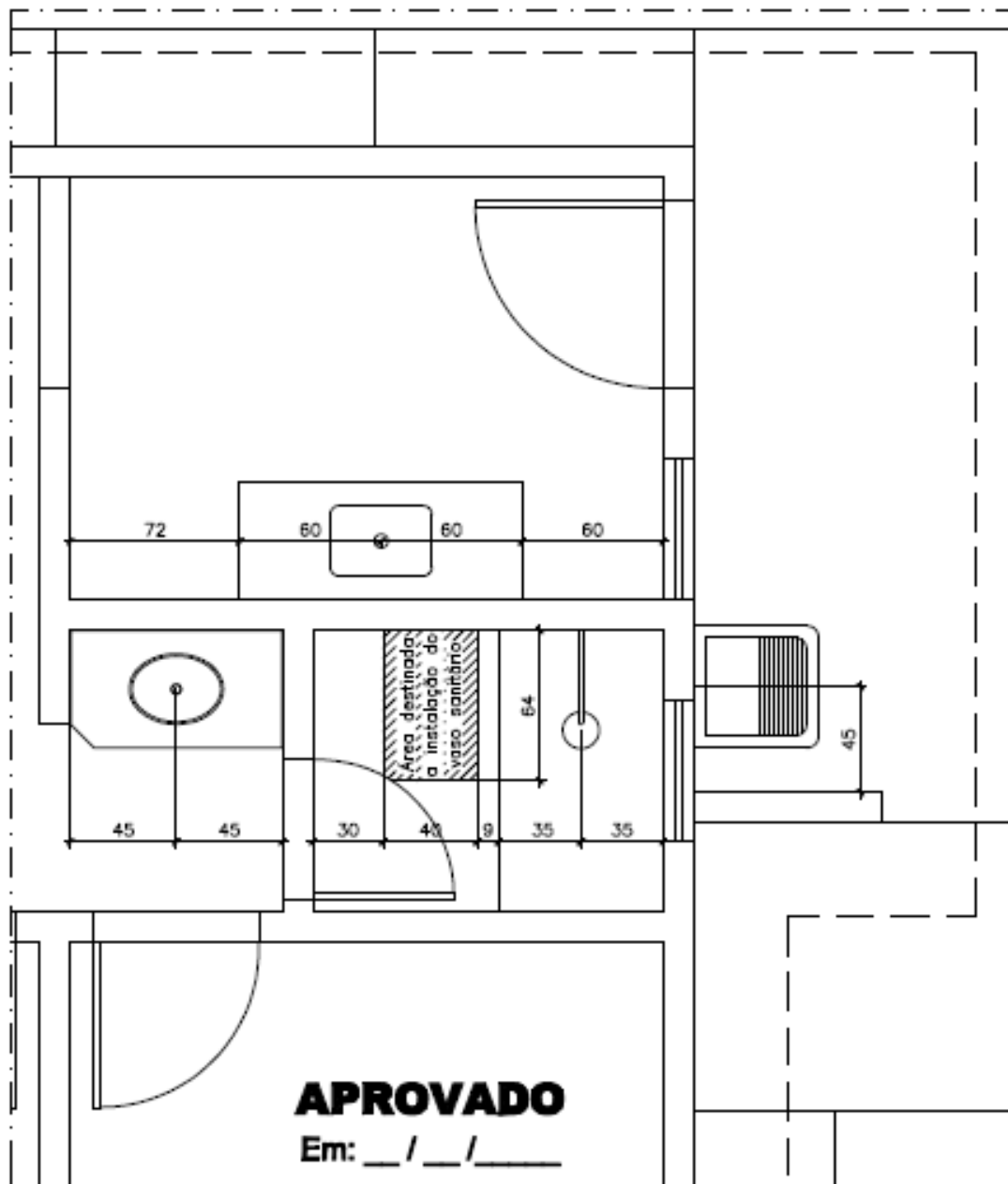
APROVADO


Em: ___/___/___

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :		DISCRIMINAÇÃO :		
MG-80-I-2-36		DETALHES DA ESCADA DE ACESSO		
DESIGNO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :
12/14	CLAUDIO GONÇALVES BELEZA - CREA MG 15.285/D VINCULADO A ART Nº : 30255644	36,27 m ²	1:25	MAIO/07

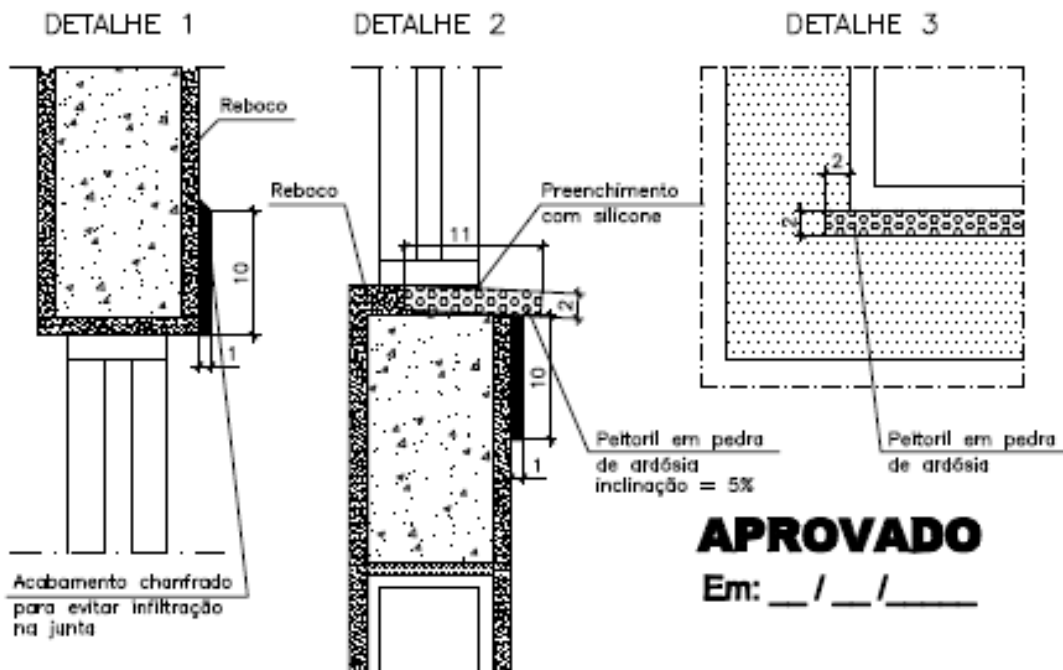
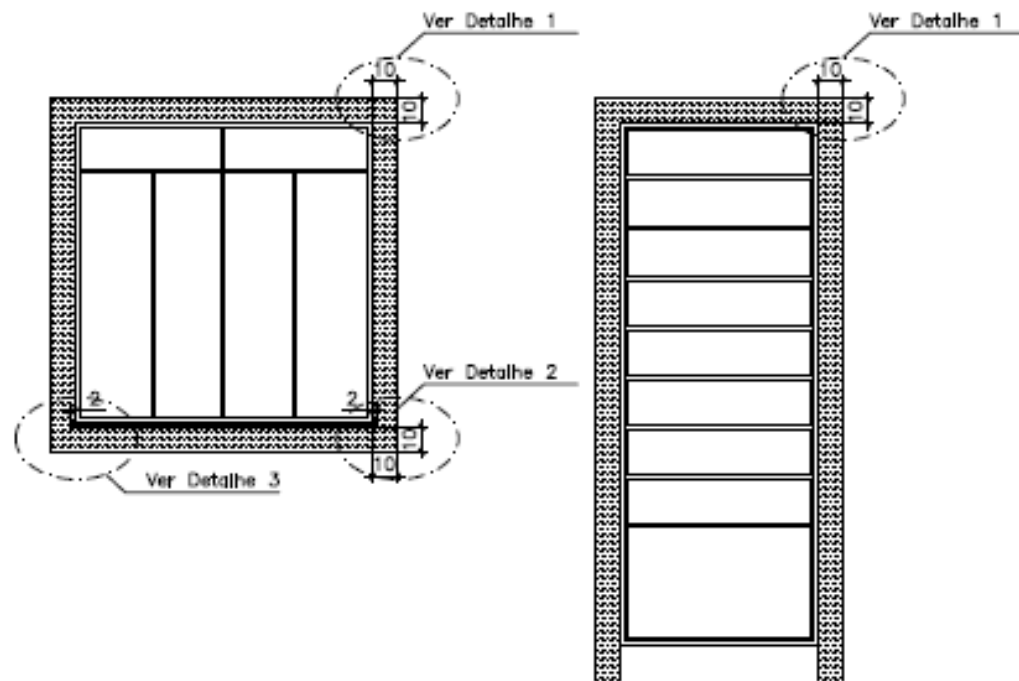
LOCAÇÃO DAS PEÇAS BANHEIRO/COZINHA/ÁREA DE SERVIÇO

Escala 1:25




 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-80-I-2-36		DISCRIMINAÇÃO : LOCAÇÃO DAS PEÇAS SANITÁRIAS		
DESENHO Nº : 13/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLÁUDIO GONDIM BELEZA - CREA MG 15.285/0 VINCULADO A ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:25	DATA : MAIO/07

DETALHE DA MOLDURA DE JANELAS E PORTA
SEM ESCALA



APROVADO

Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :		DISCRIMINAÇÃO :		
MG-80-I-2-36		DETALHE DA MOLDURA DE JANELAS E PORTAS		
DESENHO Nº : 14/14	RESPONSÁVEL TÉCNICO : CLAUDIO GONÇALVES SELEZA - CREA MG 15.285/O VINCULADO A ART Nº : 30255844	ÁREA : 36,27 m ²	ESCALA : 1:25	DATA : MAIO/07

Projetos arquitetônicos de modelo MG-88-I-2-51. (Projetado para acessibilidade) ²

PADRÃO MG-88-I-2-51 PROJETO PARA ATENDIMENTO A PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS CONSIDERAÇÕES DA NBR 9050 / 2004			
1- LOTE O lote destinado à unidade habitacional Padrão MG-88-I-2-51, deverá ser o mais plano, no nível da rua mais plana do loteamento.			
2- Pisos "Os pisos devem ter superfície regular, firme, estável e antiderrapante sob qualquer condição, que não provoque trepidação em dispositivos com rodas (cadeiras de rodas ou carrinho de bebê). Admite-se inclinação transversal da superfície até 2% para pisos internos e 3% para pisos externos e inclinação longitudinal máxima de 5%. Inclinações superiores a 5% são consideradas rampas e, portanto, devem atender ao dimensionamento desta norma específico para rampas. Recomenda-se evitar a utilização de padronagem na superfície do piso que possa causar sensação de insegurança (por exemplo, estampas que pelo contraste de cores possam causar a impressão de específico tridimensionalidade)".			
3- DESNÍVEIS "Desníveis de qualquer natureza devem ser evitados em rotas acessíveis. Eventuais desníveis no piso de até cinco mm não demandam tratamento especial. Desníveis superiores a cinco mm, até 15 mm devem ser tratados em forma de rampa, com inclinação máxima de 1:2 (50%). Desníveis superiores a 15 mm devem ser considerados como degraus e sinalizados".			
4- GRELHAS E JUNTAS DE DILATAÇÃO "As grelhas e juntas de dilatação devem estar preferencialmente fora do fluxo principal de circulação. Quando instaladas transversalmente em rotas acessíveis, os vãos resultantes devem ter no sentido transversal ao movimento, dimensão máxima de 15 mm".			
5- TAMPAS DE CAIXAS DE INSPEÇÃO E DE VISITA "As tampas devem estar absolutamente niveladas com o piso onde se encontram e eventuais frestas devem possuir dimensão máxima de 15 mm. As tampas devem ser firmes, estáveis e antiderrapantes sob qualquer condição e a eventual textura de sua superfície não pode ser similar à dos pisos táteis de alerta ou direcionais".			
6- PORTAS "O mecanismo de acionamento das portas deve requerer força humana direta igual ou inferior a 36N". As portas devem ter condições de serem abertas com um único movimento e suas maçanetas devem ser tipo alavanca, instaladas a uma altura entre 0,90m e 1,10m. Quando localizadas em rotas acessíveis, recomenda-se que as portas tenham na sua parte inferior, inclusive no batente, revestimento resistente a impactos provocados por bengalas, muletas e cadeira de rodas, até a altura de 0,40m a partir do piso".			
<h3 style="margin: 0;">APROVADO</h3> Em: __ / __ / ____			
COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO	
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :	
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : CONSIDERAÇÕES GERAIS	
DESENHO Nº : 01/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA – CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : SEM ESCALA
DATA : JUNHO/09			

² Os projetos arquitetônicos foram inseridos como cópia de imagem e não estão com a escala definida em desenho.

PADRÃO MG-88-I-2-51

PROJETO PARA ATENDIMENTO A PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS
CONSIDERAÇÕES DA NBR 9050 / 2004

7- BARRAS DE APOIO

"Todas as barras de apoio utilizadas em sanitários devem suportar a resistência de um esforço mínimo de 1,5KN em qualquer sentido, ter diâmetro entre 3 cm e 4,5cm, e estar firmemente fixadas em paredes ou divisórias a uma distância mínima dessas de 4 cm da face interna da barra. Suas extremidades devem estar fixadas ou justapostas nas paredes ou ter desenvolvimento contínuo até o ponto de fixação com formato recurvado.

Quando necessários, os suportes intermediários de fixação devem estar sob a área de empunhadura, garantindo a continuidade de deslocamento das mãos.

Quando executadas em material metálico, as barras de apoio e seus elementos de fixação e instalação devem ser de material resistente a corrosão, e com aderência".

8 - ACIONAMENTO DA DESCARGA

"O acionamento da descarga deve estar a uma altura de 1,00m, do seu eixo ao piso acabado, e ser preferencialmente do tipo alavanca...

Recomenda-se que a força de acionamento humano seja inferior a 23N".

9 - COMANDOS DO CHUVEIRO

"...Os registros ou misturadores devem ser do tipo alavanca, preferencialmente de monocomando, e instalados a 0,45m da parede de fixação do banco e uma altura de 1,00m do piso acabado.

A ducha manual deve estar a 0,30m da parede de fixação do banco a uma altura de 1,00m do piso acabado".

10 - LAVATÓRIOS

"...Não é permitida a utilização de colunas até o piso ou gabinetes. Sob o lavatório não deve haver elementos com superfícies cortantes ou abrasivas.

"...As torneiras de lavatórios devem ser acionadas por alavancas.


O comando da torneira deve estar no máximo a 0,50m da face frontal do lavatório."

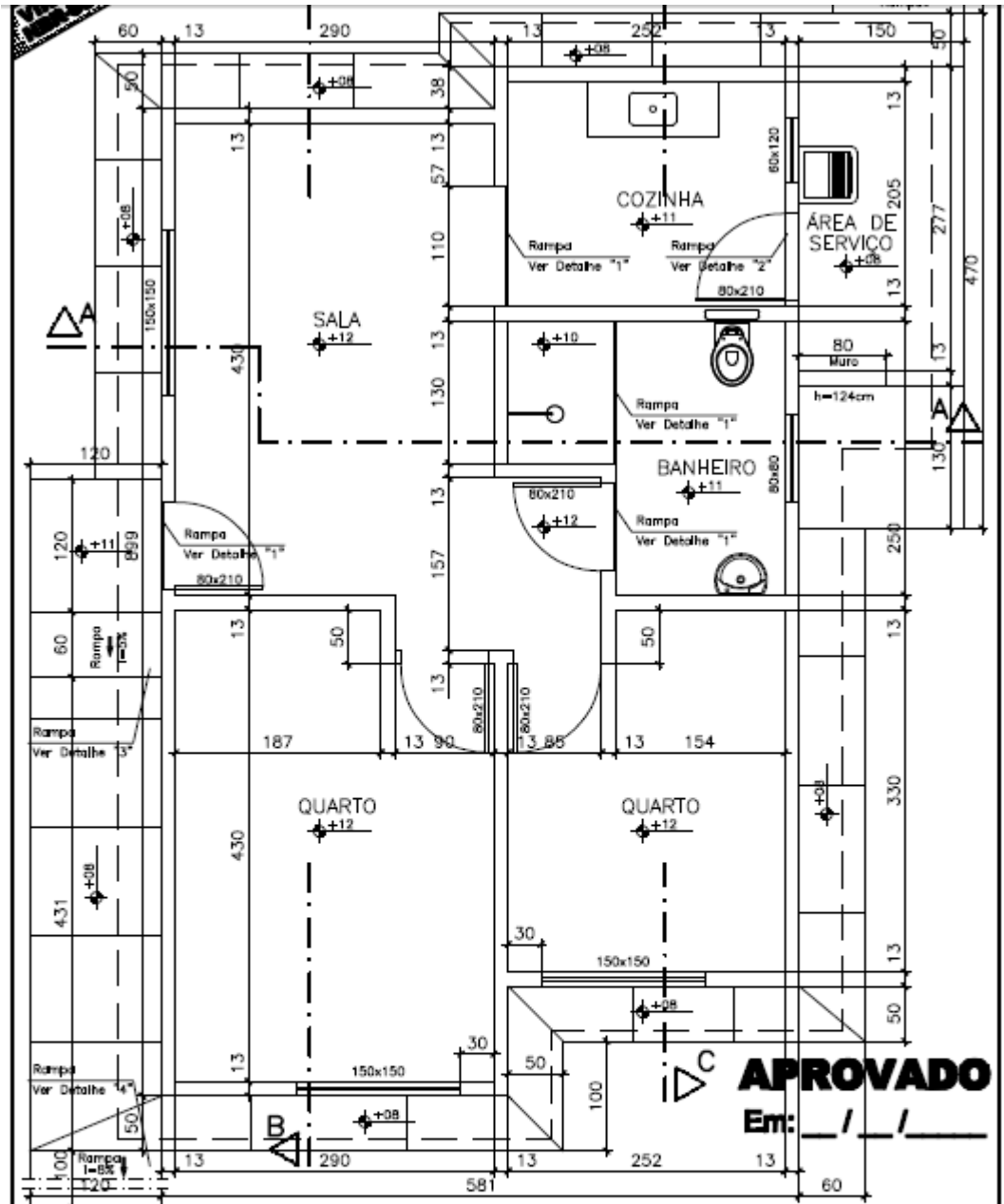
11 - ACESSÓRIOS


"Os acessórios para sanitários tais como cabides, saboneteiras e toalheiros, devem ter sua área de utilização dentro da faixa de alcance confortável (altura entre 0,80m e 1,20m.)"

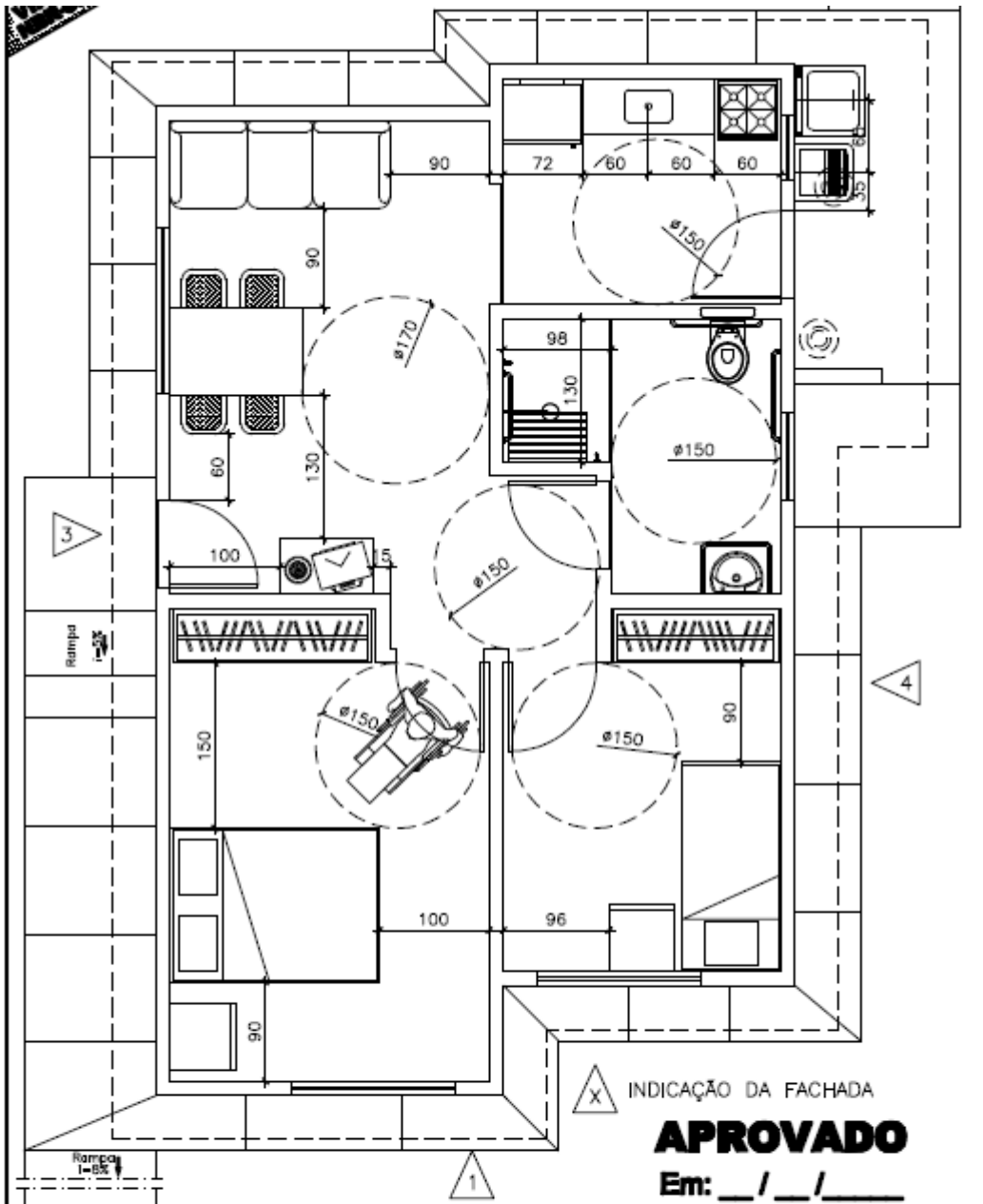
APROVADO

Em: __ / __ / ____

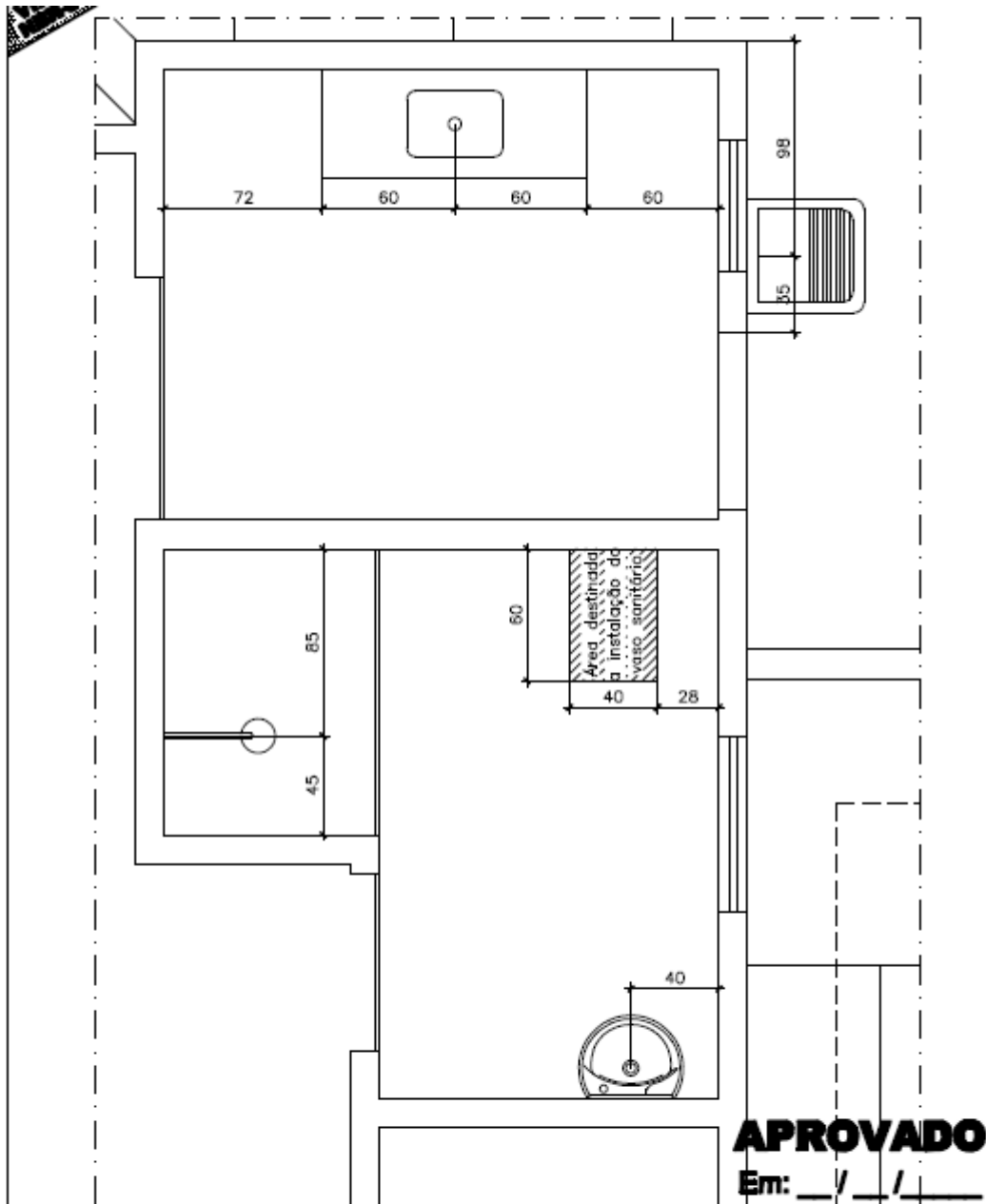
 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :			
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : CONSIDERAÇÕES GERAIS			
DESENHO Nº : 02/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : SEM ESCALA	DATA : JUNHO/09	




 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :		DISCRIMINAÇÃO :		
MG-88-I-2-51		PLANTA BAIXA		
DESENHO Nº : 03/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m²	ESCALA : 1:50	DATA : MARÇO/2010
CO-AUTORES :				
CLÁUDIO GONDIM BELEZA <small>CREA MG 16.966/D</small>	FATIMA REGINA RELO COSTA <small>CREA MG 46.748/D</small>	JULIANA ROSA ZILLER <small>CREA MG 81.689/D</small>	NATAN ROZENBAUM <small>CREA MG 6.014/D</small>	

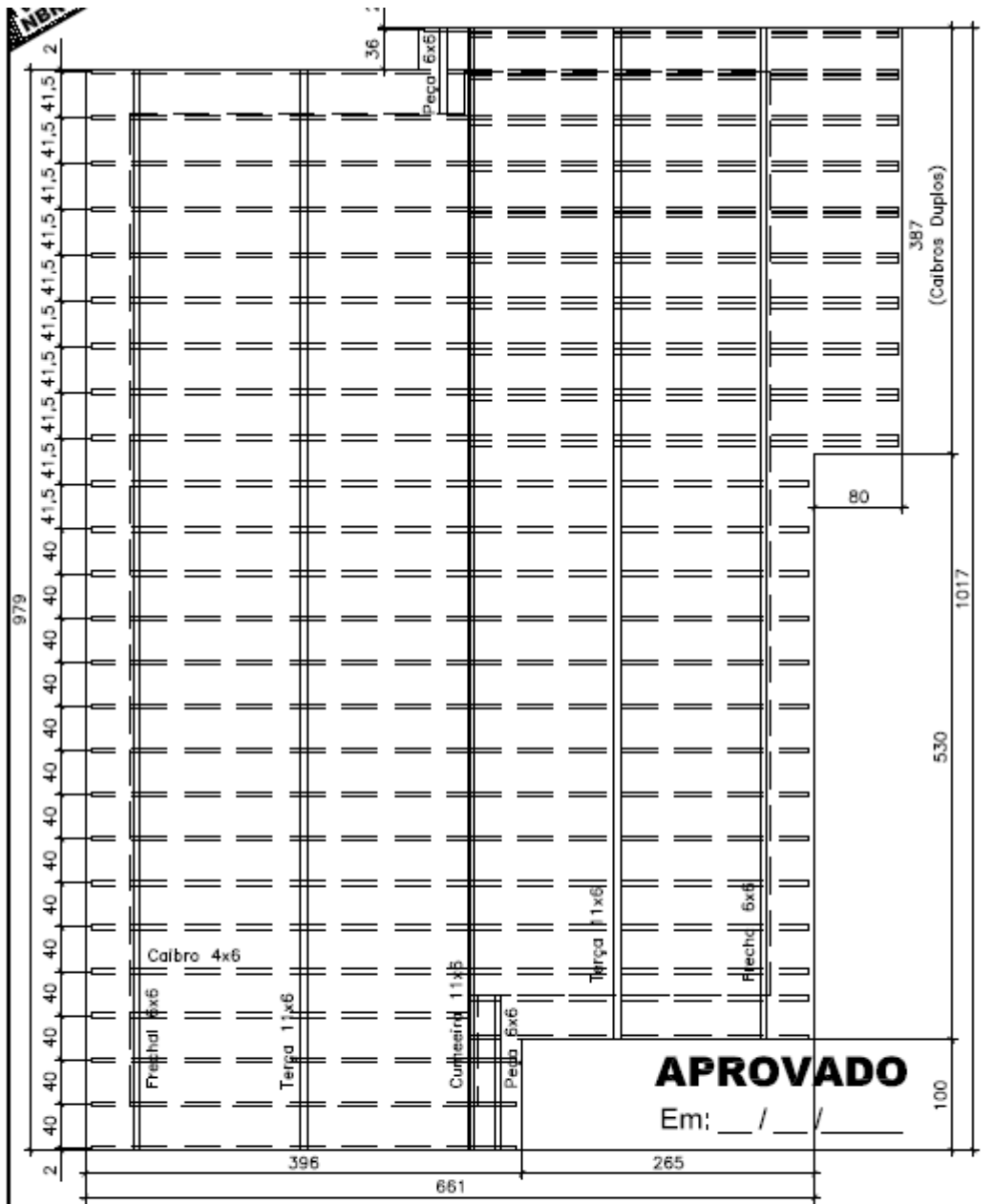


 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : "LAY-OUT"		
DESENHO Nº : 04/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : MARÇO/2010
CO-AUTORES :				
CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RELO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER
NATAN ROZENBAUM				



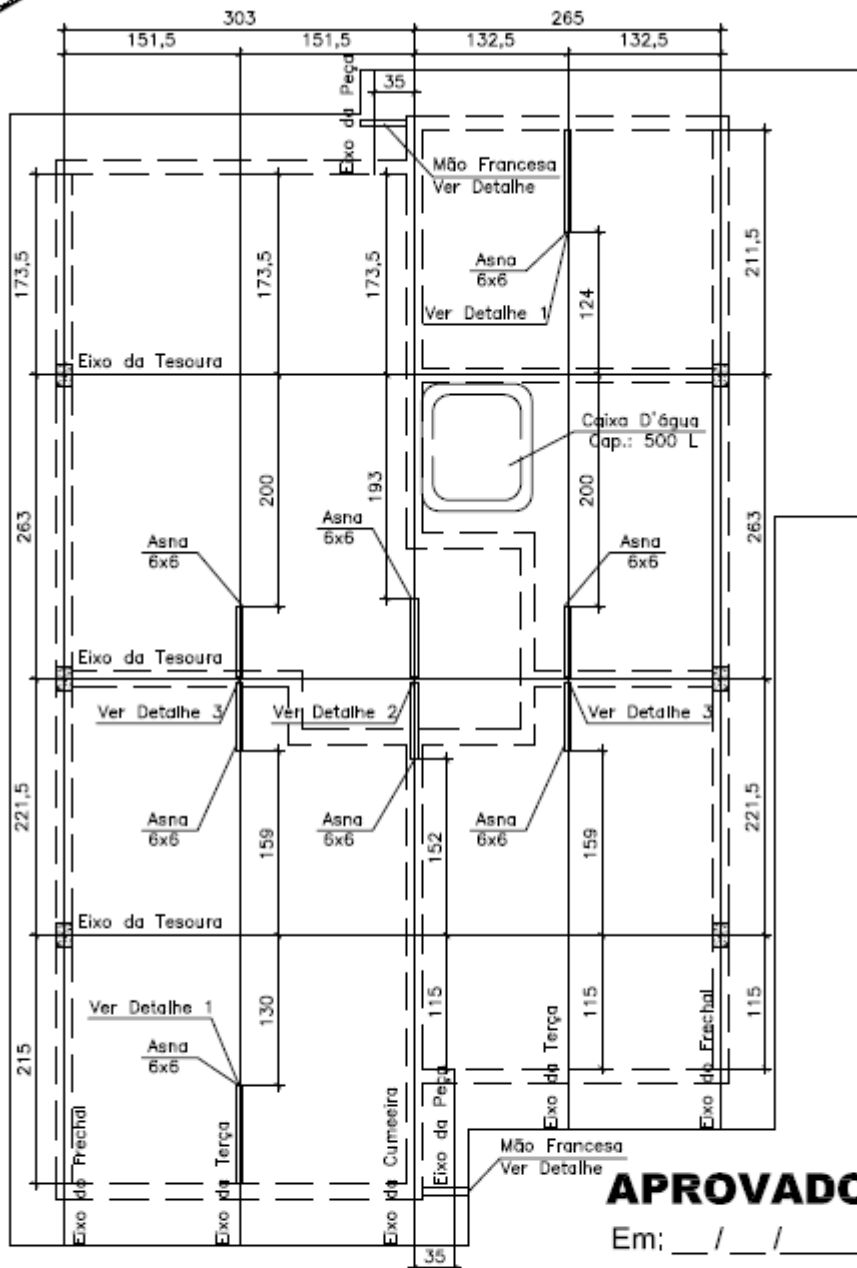
APROVADO
 Em: ___/___/___

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : LOCAÇÃO DAS PEÇAS SANITÁRIAS		
DESENHO Nº : 05/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:25	DATA : MARÇO/2010
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA ORFA MG 15.265/D		FÁTIMA REGINA RELO COSTA ORFA MG 46.748/D	JULIANA ROSA ZILLER ORFA MG 81.680/D	NATAN ROZENBAUM ORFA MG 9.014/D



 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51			DISCRIMINAÇÃO : PLANTA DA COBERTURA		
DESENHO Nº : 06/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS		ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RÊLO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER	
NATAN ROZENBAUM					

V. NBR-9



APROVADO

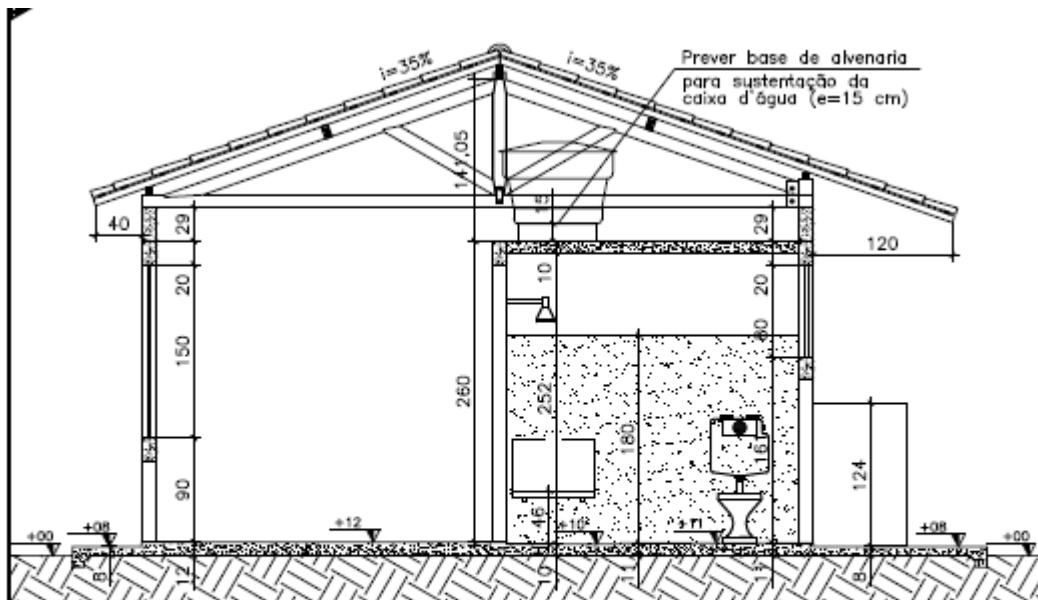
Em: ___ / ___ / ___



COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : LOCAÇÃO DAS PEÇAS DE APOIO		
DESENHO Nº : 07/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA FÁTIMA REGINA RELO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER		NATAN ROZENBAUM



CORTE "AA"
Escala 1:50

OBSERVAÇÕES :

ÁREA DA CASA = 50,74m²

ÁREA DE SERVIÇO = 2,84 m²


25% ÁREA SERVIÇO = 0,71 m²

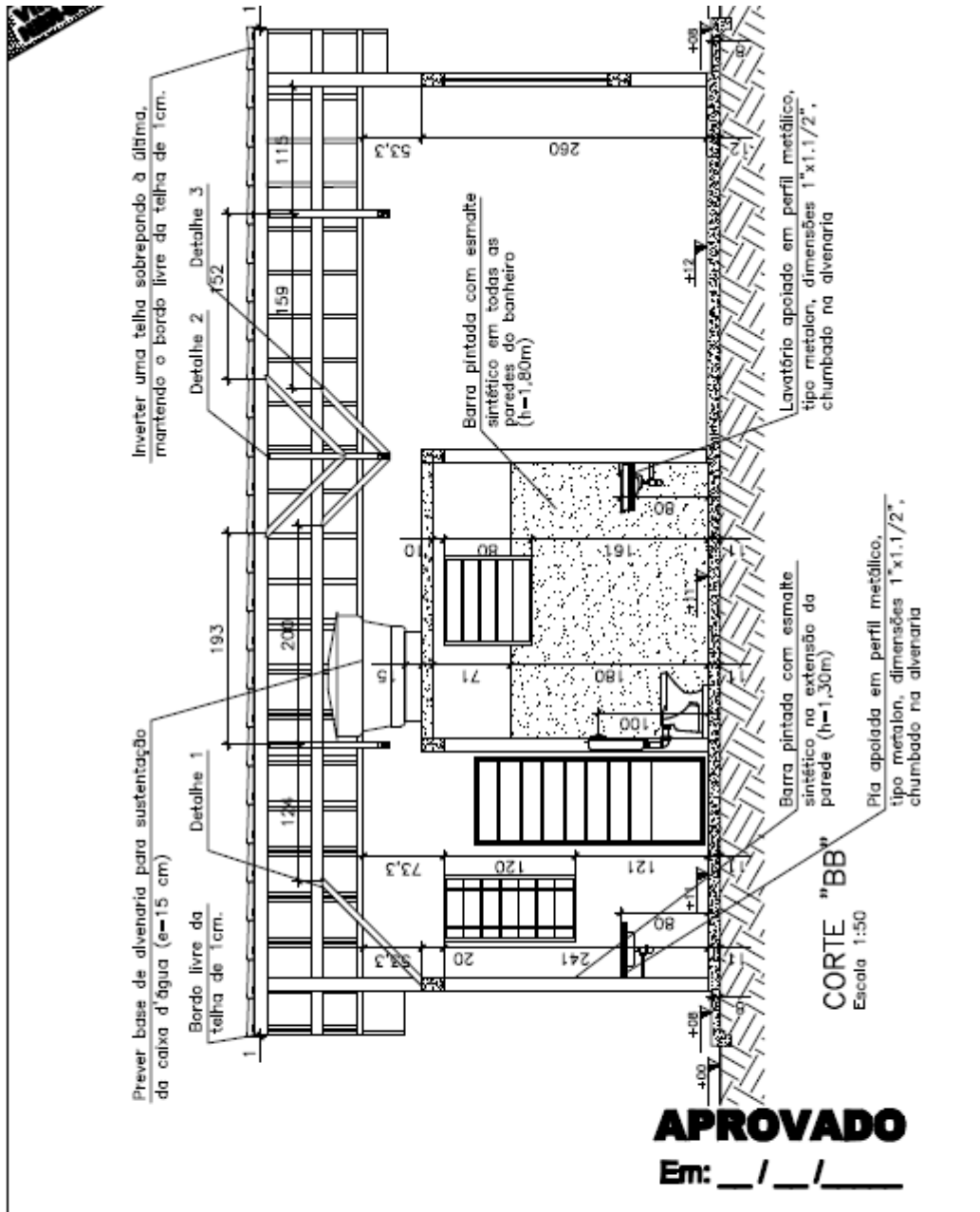
ÁREA TOTAL : 50,74 + 0,71 = 51,45 m²

ACABAMENTOS CONFORME ESPECIFICAÇÕES

APROVADO

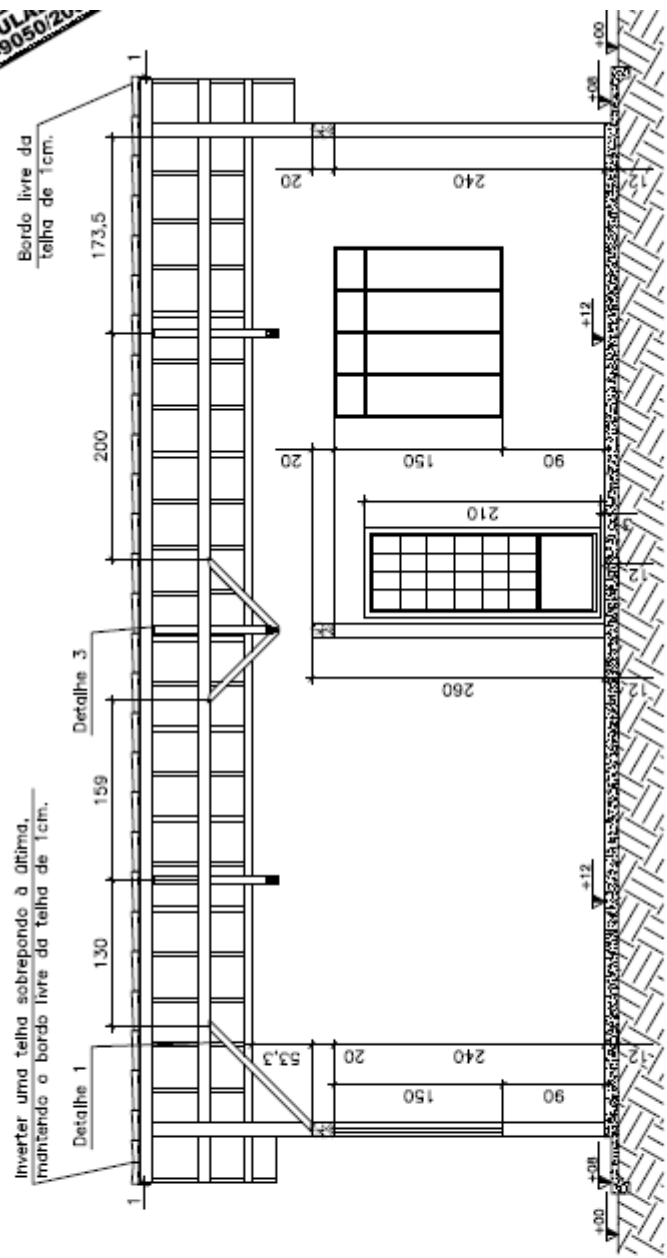
Em: __ / __ / ____

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO : 			MUNICÍPIO : 		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51			DISCRIMINAÇÃO : CORTE "AA"		
DESENHO Nº : 08/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS		ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA CREA MG 15.285/D		FÁTIMA REGINA RELO COSTA CREA MG 46.746/D		JULIANA ROSA ZILLER CREA MG 81.680/D	
NATAN ROZENBAUM CREA MG 9.934/D					




COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : CORTE "BB"		
DESENHO Nº : 09/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : MARÇO/2010
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RELO COSTA	JULIANA ROSA ZILLER	NATAN ROZENBAUM

VINCULADO
NBR-9050/2008

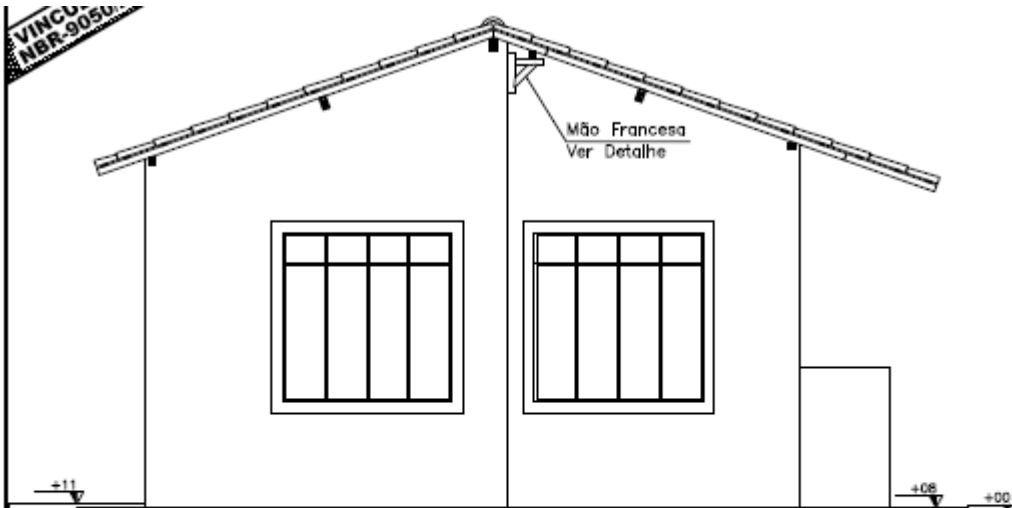


CORTE "CC"
Escala 1:50

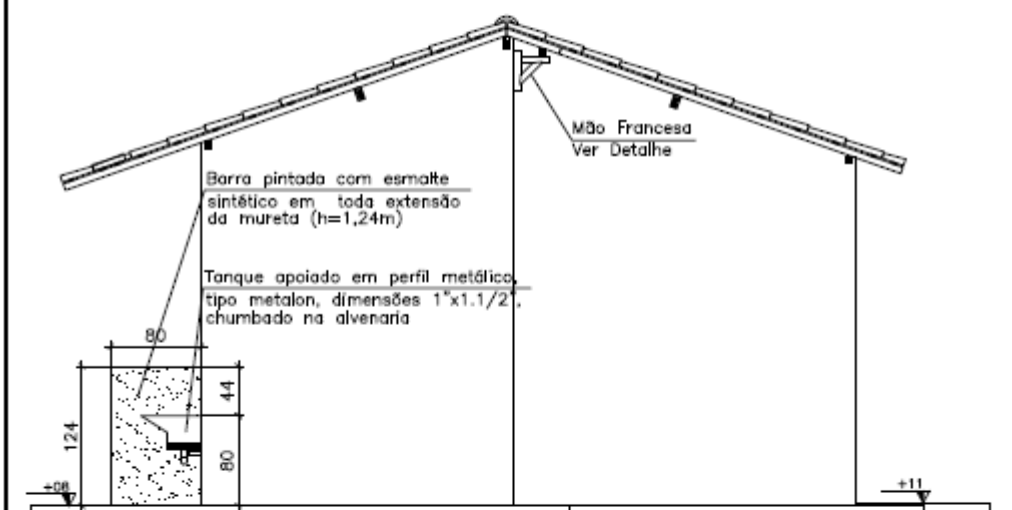
APROVADO
Em: ___ / ___ / ___

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51			DISCRIMINAÇÃO : CORTE "CC"		
DESENHO Nº : 10/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LUCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS		ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA CRFA MG 15.285/D		FATIMA REGINA RELO COSTA CRFA MG 46.748/D		JULIANA ROSA ZILLER CRFA MG 81.680/D	
NATAN ROZENBAUM CRFA MG 9.934/D					

VINCULO
NBR-9050



FACHADA "1"
Escala 1:50

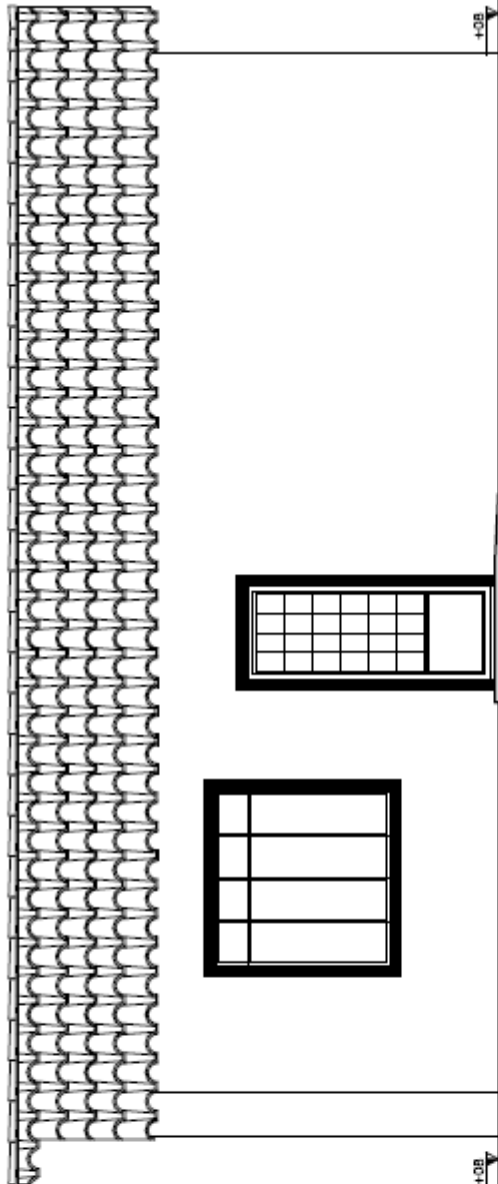


FACHADA "2"
Escala 1:50

APROVADO
Em: __ / __ / __

		PROJETO ARQUITETÔNICO		
EMPRESAMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DESCRIÇÃO : FACHADAS "1" e "2"		
DESENHO Nº : 11/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA PROF. SUP. 14.000/09		FATIMA REGINA RELO COSTA PROF. SUP. 42.730/09	JULIANA ROSA ZILLER PROF. SUP. 84.200/09	NATAN ROZENBAUM PROF. SUP. 6.000/09

VIN
NBR-90



+0,00

+0,00

FACHADA "3"
Escala 1:50

APROVADO

Em: __ / __ / ____



COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

EMPREENDIMENTO :

MUNICÍPIO :

PADRÃO HABITACIONAL :

MG-88-I-2-51

DISCRIMINAÇÃO :

FACHADA "3"

DESENHO Nº :
12/28

RESPONSÁVEL TÉCNICO :
MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D
GENÉRICO DE PROJETOS

ÁREA :
51,45m²

ESCALA :
1:50

DATA :
JUNHO/09

CO-AUTORES :

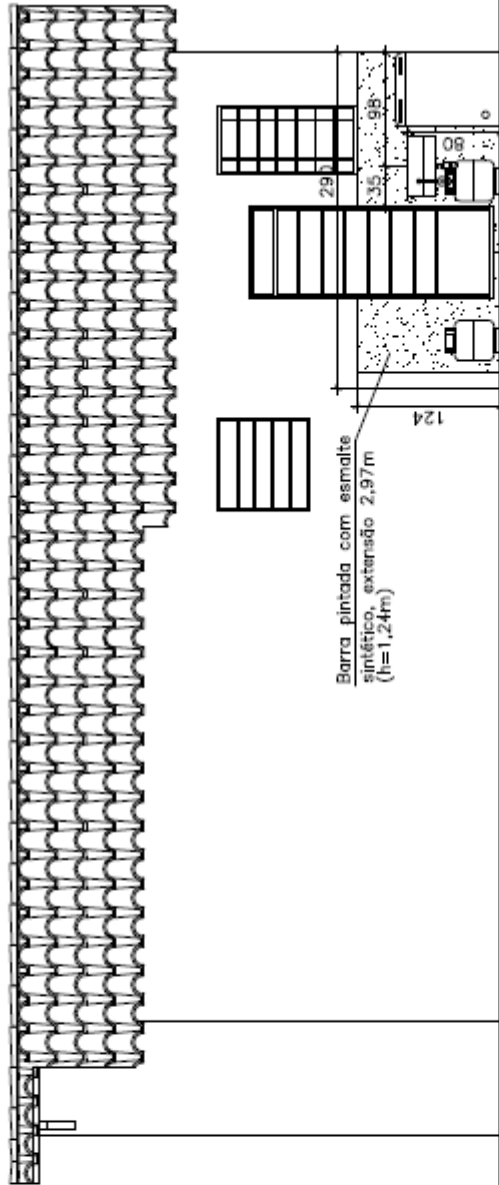
CLÁUDIO GONDIM BELEZA

FÁTIMA REGINA RELO COSTA

JULIANA ROSA ZILLER

NATAN ROZENBAUM

VINCULO
NBR-9053



FACHADA "4"
Escala 1:50

APROVADO

Em: __ / __ / __



COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :		DISCRIMINAÇÃO :		
MG-88-I-2-51		FACHADA "4"		
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :
13/28	MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	51,45m ²	1:50	JUNHO/09
CO-AUTORES :				
CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RELO COSTA	JULIANA ROSA ZILLER	NATAN ROZENBAUM

VIA NBR-9

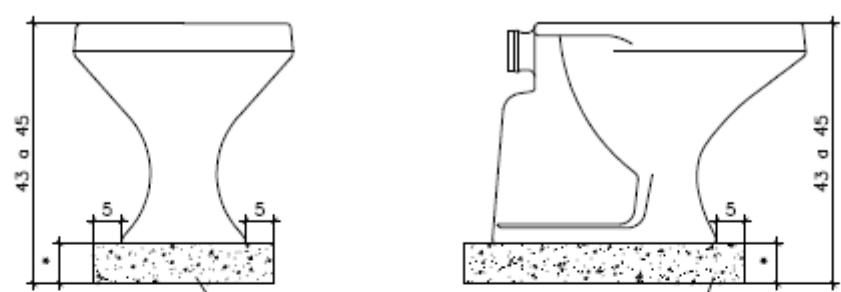
DETALHES DO BANHEIRO

LEGENDA

- ① Barra de apoio horizontal para chuveiro
- ② Barra de apoio vertical para chuveiro
- ③ Barra de apoio para vaso sanitário
- ④ Barra de apoio para lavatório
- ⑤ Caixa de descarga de embutir
- ⑥ Banco articulável ou removível, com cantos arredondados e superfície antiderrapante
- ⑦ Chuveiro
- ⑧ Puxador para basculante
- ⑨ Área de aproximação para pessoas de cadeiras de rodas (P.C.R.) a ser preservada
- ⑩ Área a ser protegida

DETALHE PARA ADEQUAÇÃO DA ALTURA DO VASO SANITÁRIO


Escala 1:10



Prever sôculo em concreto, fck >= 25 MPa, com espessura suficiente (*) para garantir a altura do vaso sanitário entre 43 e 45 cm.

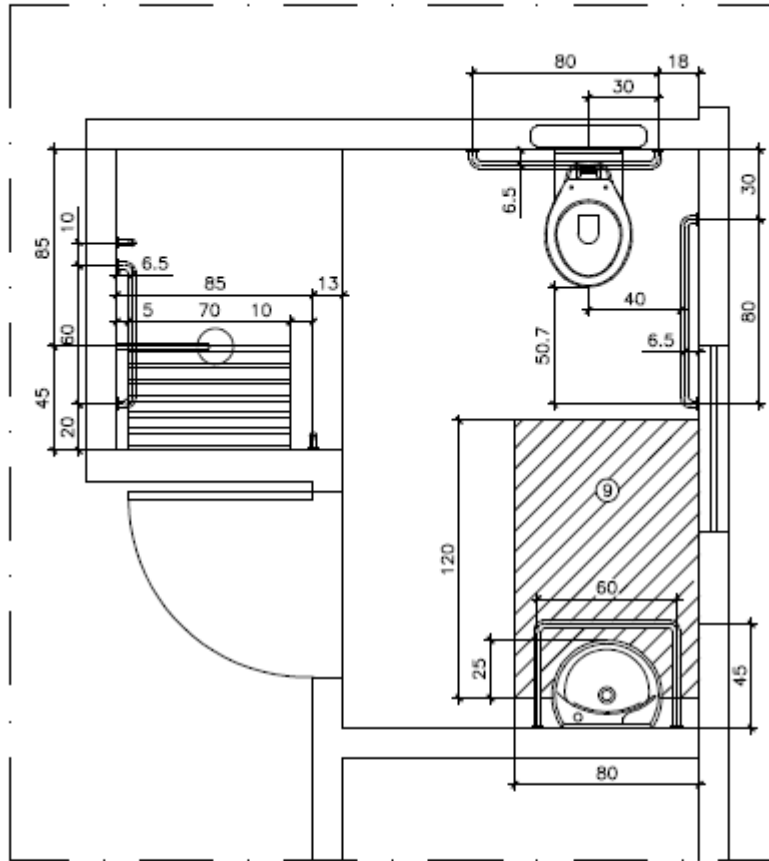
APROVADO

Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :			DISCRIMINAÇÃO :		
MG-88-I-2-51			DETALHES DO BANHEIRO - VASO SANITÁRIO		
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :	
14/28	MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	51,45m ²	1:10	JUNHO/09	
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM RELEZA <small>PROJ. Nº 16.946/09</small>		FÁTIMA REGINA RELO COSTA <small>PROJ. Nº 16.748/09</small>		JULIANA ROSA ZILLER <small>PROJ. Nº 24.699/09</small>	
NATAN ROZENBAUM <small>PROJ. Nº 0.034/09</small>					

DETALHES DO BANHEIRO

Escala 1:25



PLANTA

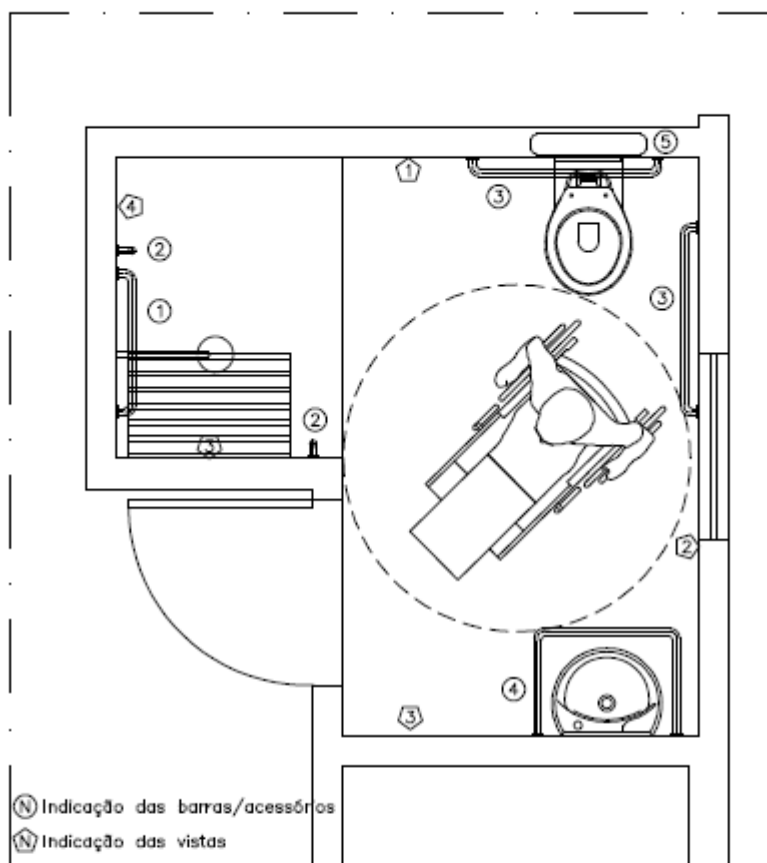
APROVADO

Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-1-2-51			DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO BANHEIRO - PLANTA		
DESENHO Nº : 15/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TORREIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS		ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:25	DATA : MARÇO/2010
CO-AUTORES :					
CLAUDIO GONCALVES REFINA		FÁTIMA REGINA RIBEIRO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER	
NATAN ROZENFELDM					

DETALHES DO BANHEIRO

Escala 1:25



"LAY-OUT"

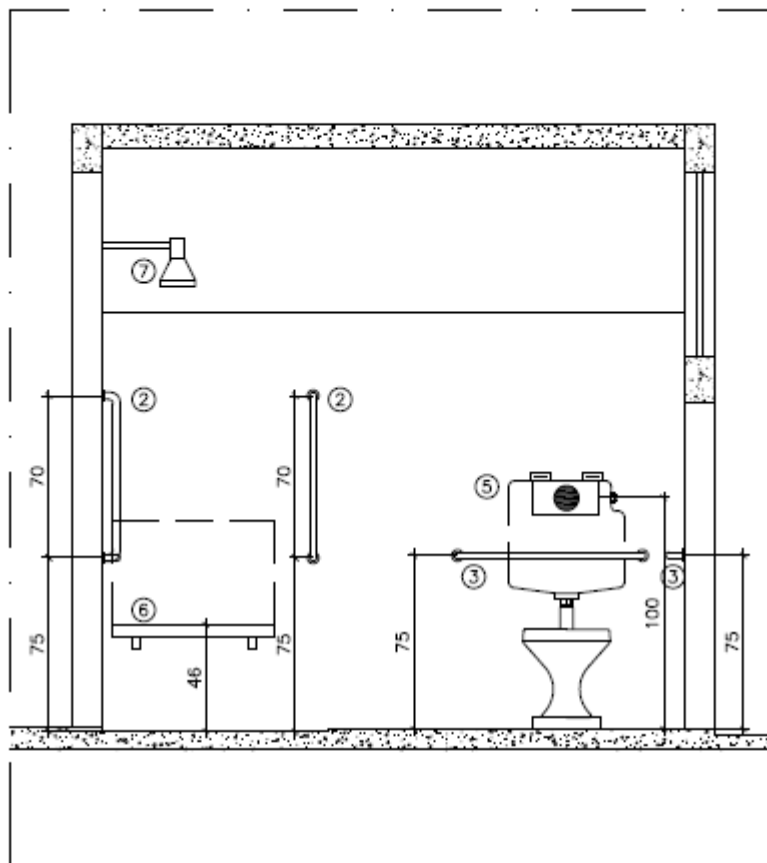
APROVADO

Em: / /

COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :			DISCRIMINAÇÃO :		
MG-88-I-2-51			DETALHES DO BANHEIRO – "LAY-OUT"		
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :	
16/28	MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA – CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	51,45m ²	1:25	MARÇO/2010	
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA	FÁTIMA REGINA RELO COSTA	JULIANA ROSA ZILLER	NATAN ROZENBAUM		

DETALHES DO BANHEIRO

Escala 1:25



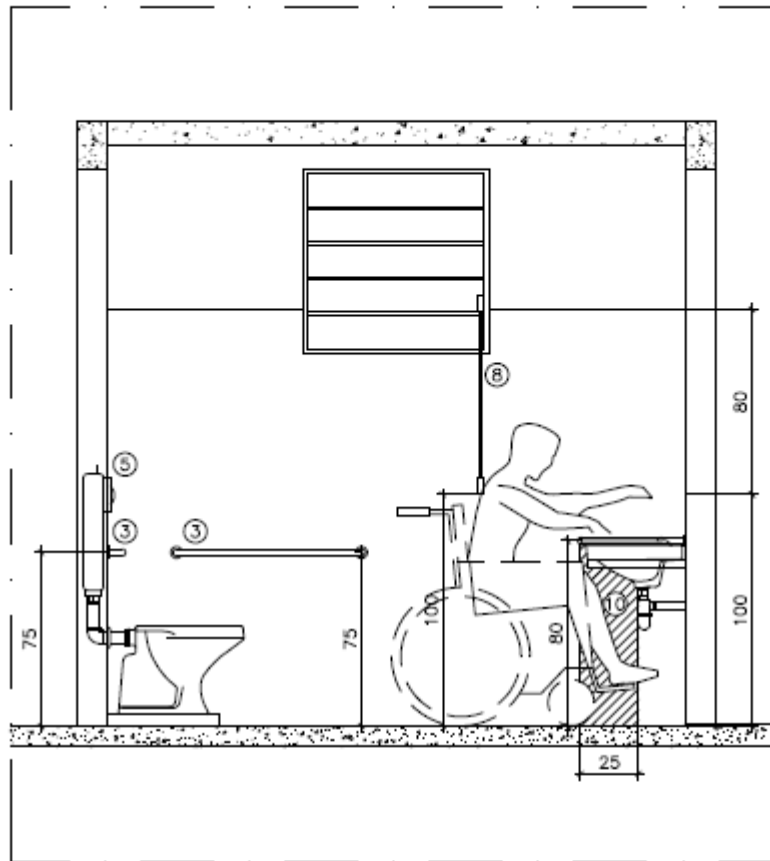
VISTA 1

APROVADO

Em: __/__/____

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51			DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO BANHEIRO - VISTA "1"		
DESENHO Nº : 17/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS		ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:25	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RÊLO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER	
NATAN ROZENBAUM					


DETALHES DO BANHEIRO
Escala 1:25



VISTA 2

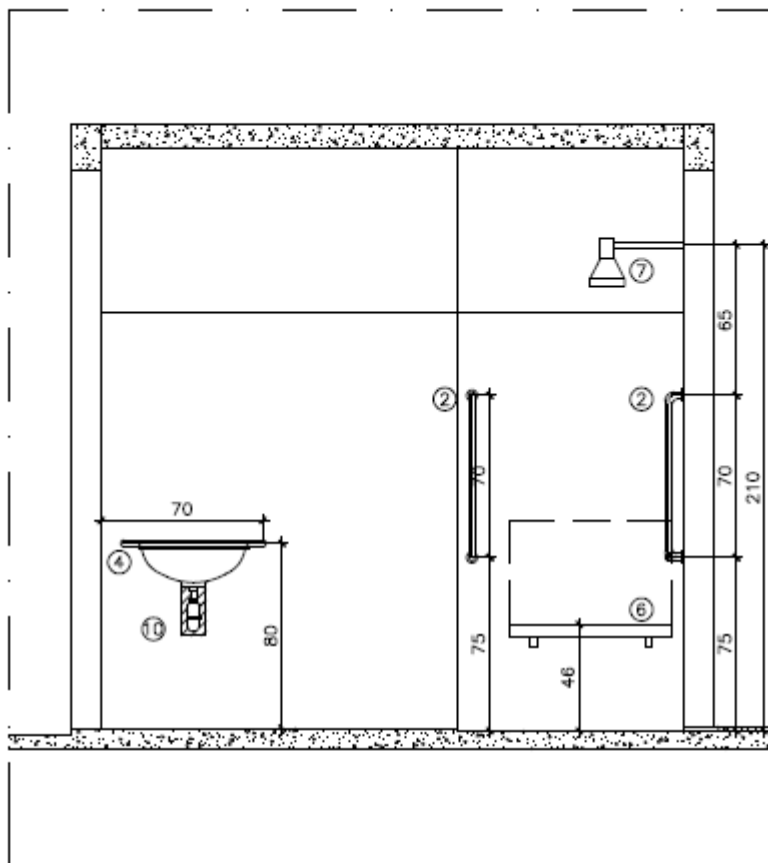
APROVADO

Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO		
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO BANHEIRO - VISTA "2"		
DESENHO Nº : 18/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:25	DATA : JUNHO/09
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA FÁTIMA REGINA RELO COSTA JULIANA ROSA ZILLER NATAN ROZENBAUM				

DETALHES DO BANHEIRO


Escala 1:25



VISTA 3

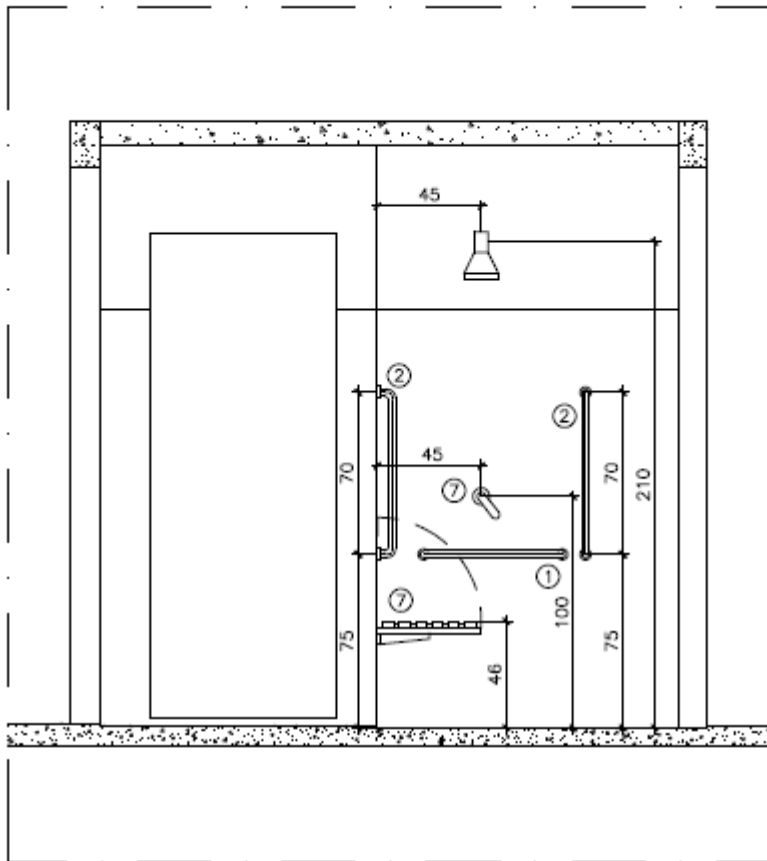
APROVADO

Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51			DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO BANHEIRO – VISTA "3"		
DESENHO Nº : 19/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA – CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:25	DATA : MARÇO/2010	
CO-AUTORES :					

DETALHES DO BANHEIRO


Escala 1:25



VISTA 4

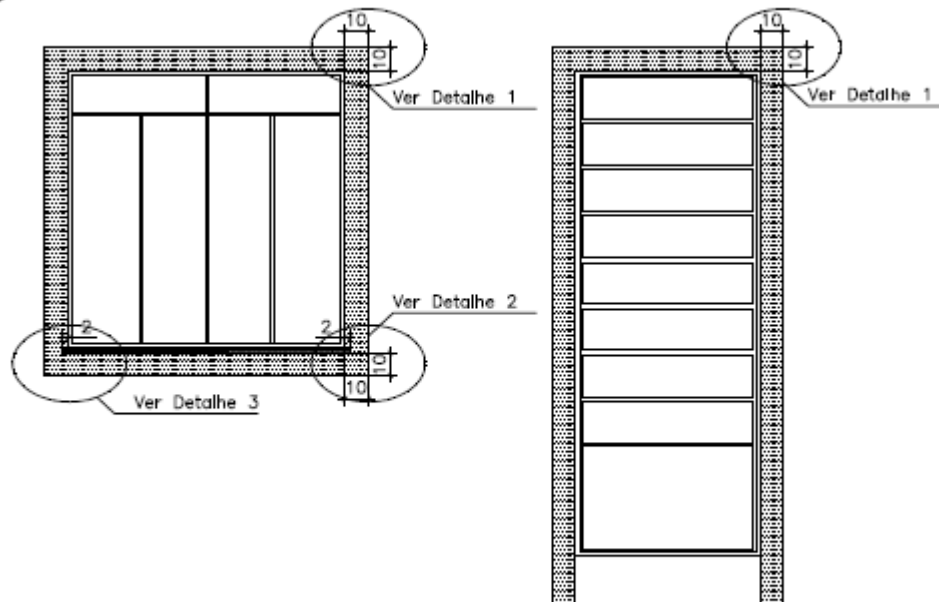
APROVADO

Em: __/__/__

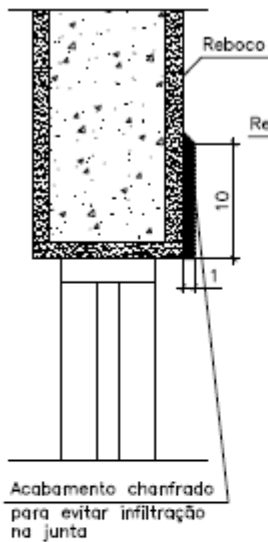
 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENHIMENTO :		MUNICÍPIO :			
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO BANHEIRO – VISTA "4"			
DESENHO Nº : 20/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA – CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:25	DATA : MARÇO/2010	
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RELO COSTA	JULIANA ROSA ZILLER	NATAN ROZENBAUM	

VINCULADO
NBR-9050/2004

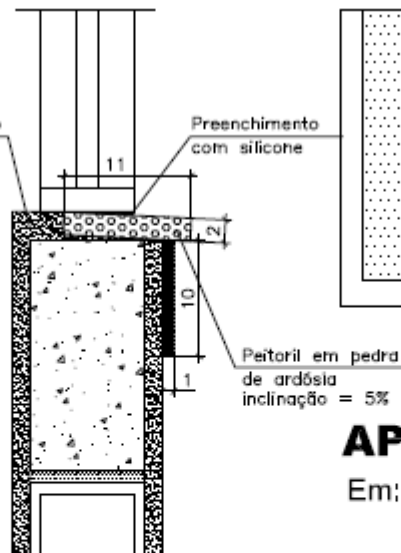
DETALHE DA MOLDURA DE JANELAS E PORTA SEM ESCALA



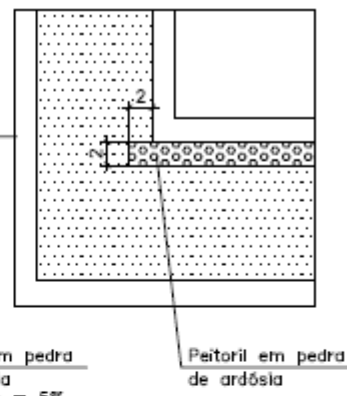
DETALHE 1



DETALHE 2




DETALHE 3



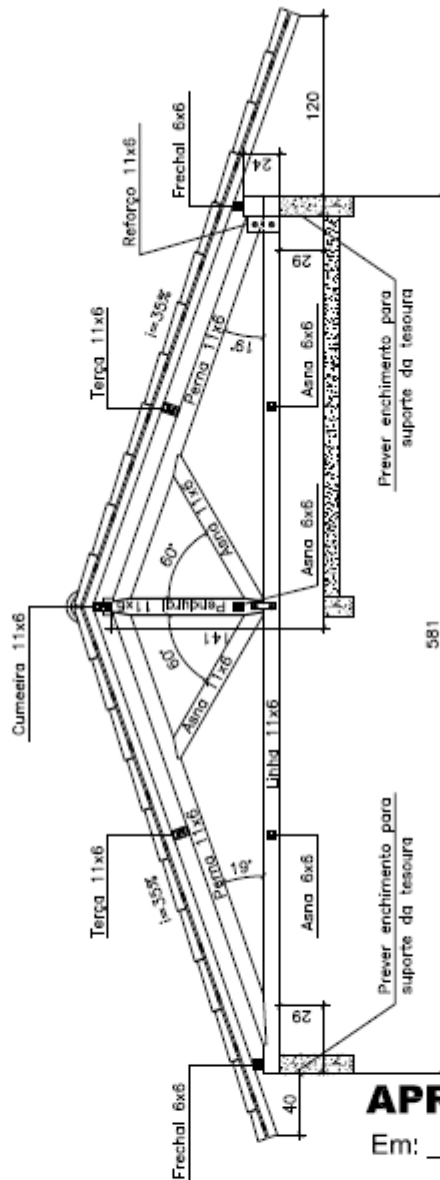
APROVADO

Em: __ / __ / __

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51			DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DAS MOLDURAS		
DESENHO Nº : 21/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : 1:50	DATA : JUNHO/09	
CO-AUTORES :					


VINCULADO
 A NBR-9080/2006

DETALHE DA TESOURA DE MADEIRA
 Sem escala



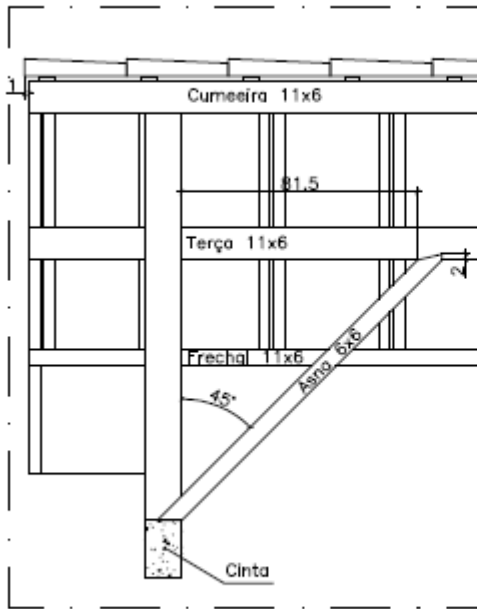
APROVADO

Em: ___/___/___

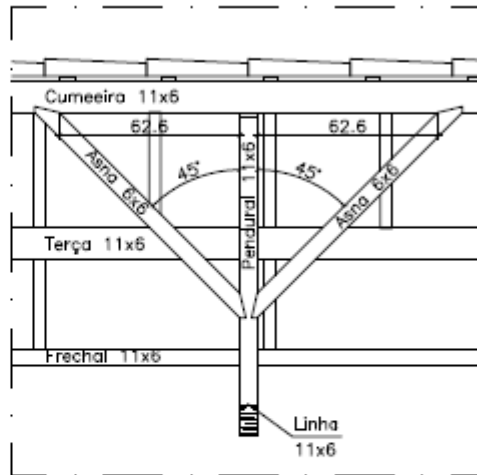
 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :			
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO TELHADO - TESOURA			
DESENHO Nº : 22/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/0 GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : SEM ESCALA	DATA : JUNHO/09	
CO-AUTORES :					



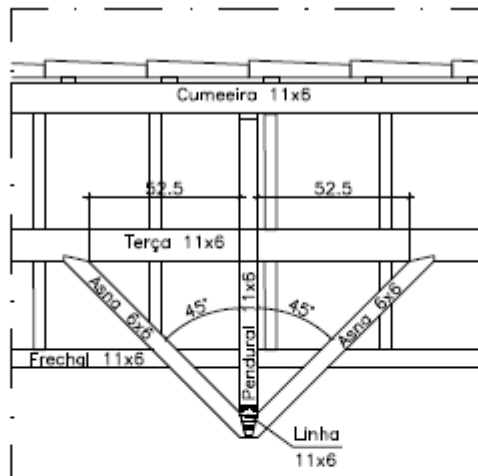
DETALHE 1
Escala 1:20



DETALHE 2
Escala 1:20



DETALHE 3
Escala 1:20



APROVADO

Em: __/__/__



COHAB-MG

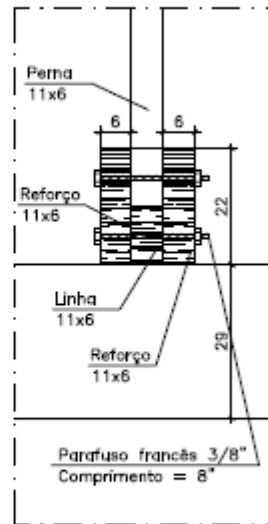
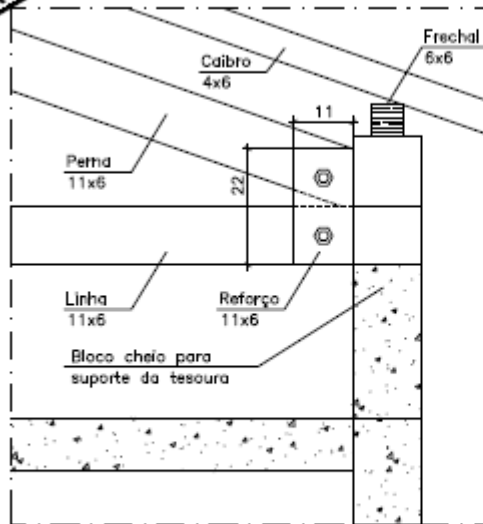
PROJETO ARQUITETÔNICO

EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :	
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO TELHADO - DETALHES 1, 2, 3	
DESENHO Nº : 23/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/0 GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : SEM ESCALA
CO-AUTORES : CLÁUDIO GONDIM BELEZA FÁTIMA REGINA RÊLO COSTA		DATA : JUNHO/09 JULIANA ROSA ZILLER NATAN ROZENBAUM	

VINCULADO A
NBR-9050/2004

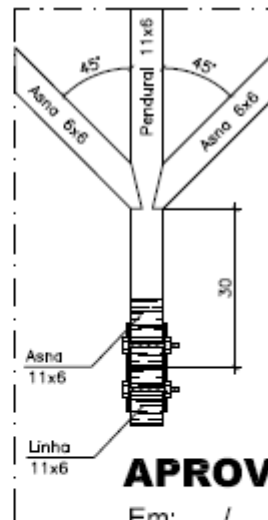
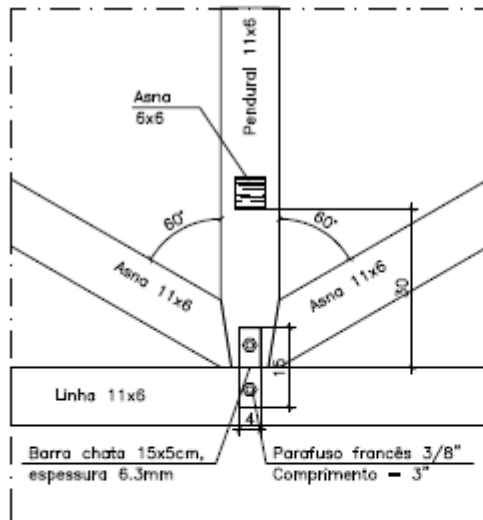
DETALHE DO REFORÇO DA TESOURA

Escala 1:10



DETALHE DE FIXAÇÃO DO PENDURAL

Escala 1:10



APROVADO

Em: / /



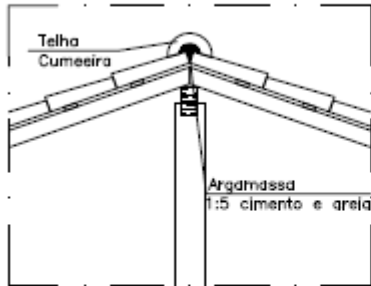
COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

EMPRESAMENTO :		MUNICÍPIO :	
PADRÃO HABITACIONAL :		DESCRIÇÃO :	
MG-88-I-2-51		DETALHES DO TELHADO	
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :
24/28	MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/0 GERENTE DE PROJETOS	51,45m ²	SEM ESCALA
		DATA :	
		JUNHO/09	

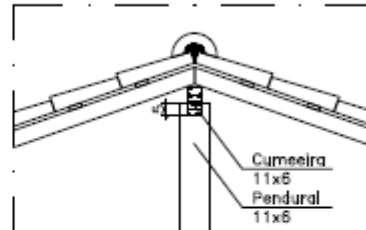
DETALHE DE FIXAÇÃO DA TELHA CUMEEIRA

Escala 1:20



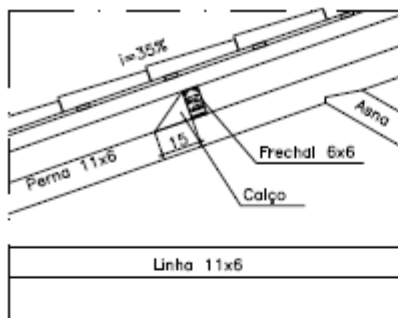
DETALHE DE FIXAÇÃO DA CUMEEIRA NO PENDURAL

Escala 1:20



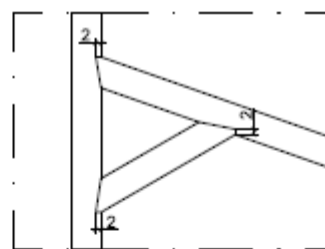
DETALHE DE FIXAÇÃO DA TERÇA NA TESOURA

Escala 1:20




DETALHE TÍPICO PARA ENCAIXE DAS PEÇAS

ESCALA 1:20



APROVADO

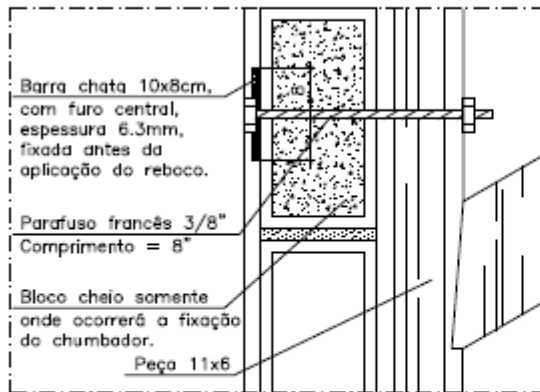
Em: __/__/__

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPRESAMENTO :			MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :			DISCRIMINAÇÃO :		
MG-88-I-2-51			DETALHES DO TELHADO		
DESENHO N° :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :	
25/28	MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/0 GERENTE DE PROJETOS	51,45m ²	SEM ESCALA	JUNHO/09	
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RELO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER NATAN ROZENBAUM	

VINCULADO
NBR-9050/2004

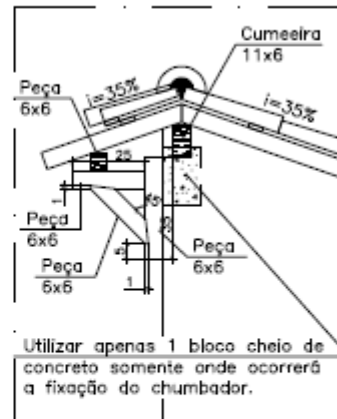
DETALHE DE FIXAÇÃO DA MÃO FRANCESA

Escala 1:5



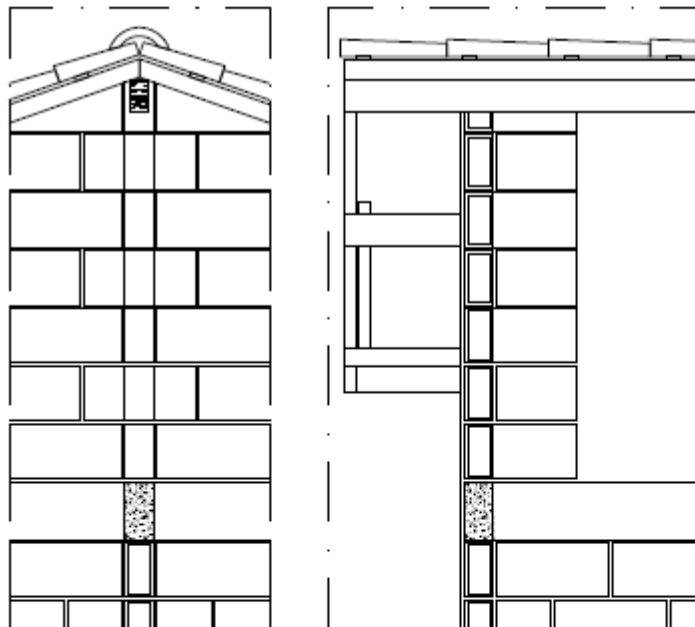
DETALHE DA MÃO FRANCESA

Escala 1:20



DETALHE DE AMARRAÇÃO DAS EMPENAS

Escala 1:20



APROVADO

Em: ___ / ___ / ___



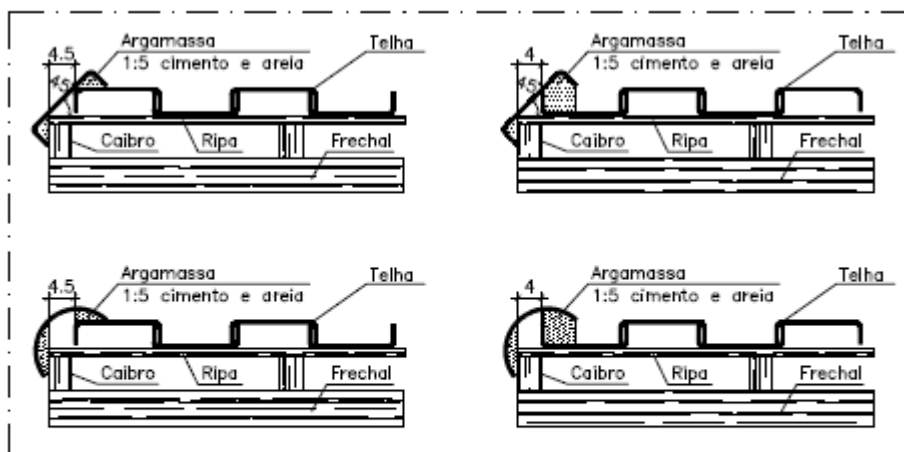
COHAB-MG

PROJETO ARQUITETÔNICO

EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :	
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DO TELHADO	
DESENHO Nº : 26/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : SEM ESCALA
		DATA : JUNHO/09	

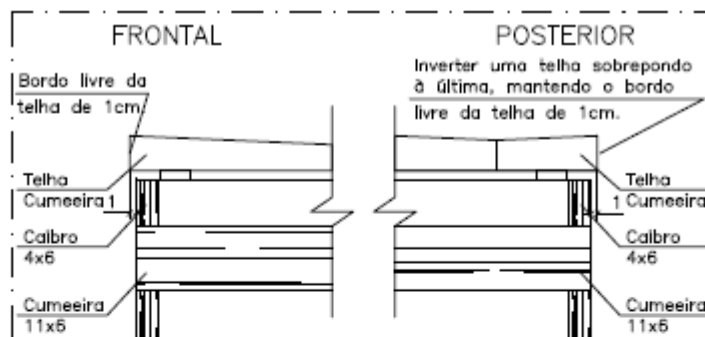
DETALHES DO CORDÃO DE ARREIMATE

Escala 1:10



DETALHE DE LOCAÇÃO DA TELHA CUMEEIRA

Sem escala



APROVADO

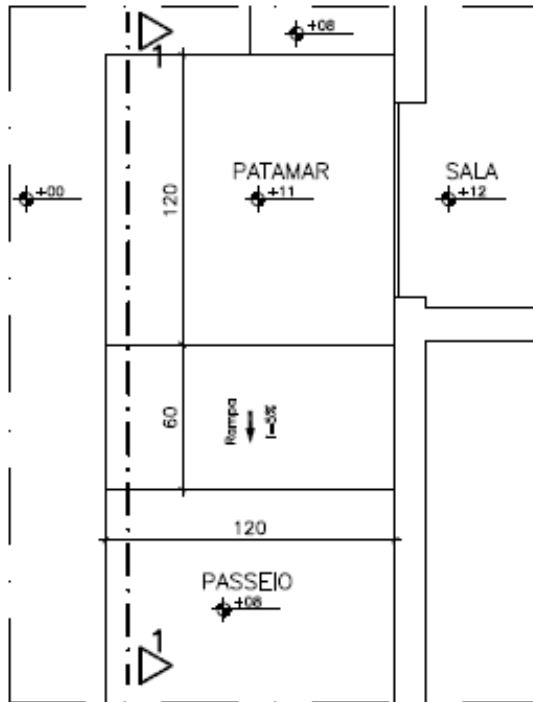
Em: ___ / ___ / ___

	COHAB-MG	PROJETO ARQUITETÔNICO			
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :			
PADRÃO HABITACIONAL :		DISCRIMINAÇÃO :			
MG-88-I-2-51		DETALHES DO TELHADO			
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :	
27/28	MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/D GERENTE DE PROJETOS	51,45m ²	SEM ESCALA	JUNHO/09	
CO-AUTORES :					
CLÁUDIO GONDIM BELEZA		FÁTIMA REGINA RÊLO COSTA		JULIANA ROSA ZILLER	
				NATAN ROZENBAUM	

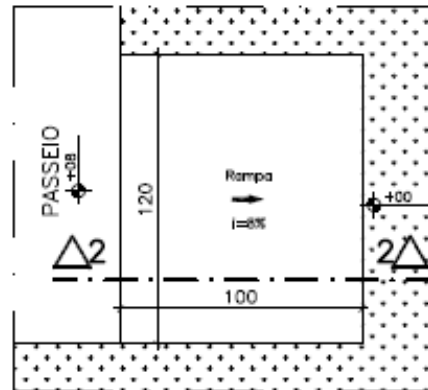
VINCULADA
NBR-9050/2006

DETALHES DAS RAMPAS

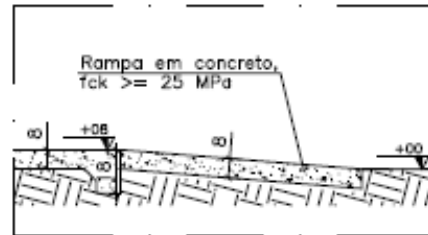
DETALHE "3"
ESCALA 1:25



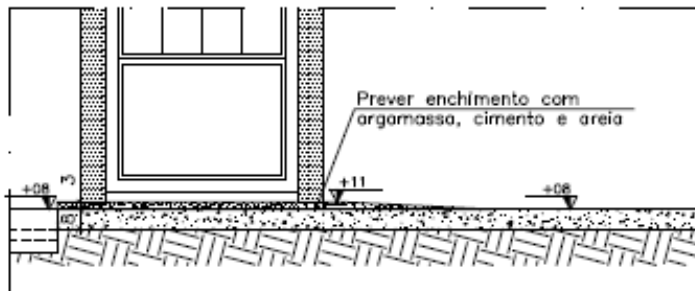
DETALHE "4"
ESCALA 1:25



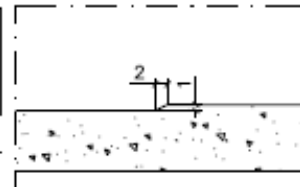
CORTE "2"
ESCALA 1:25



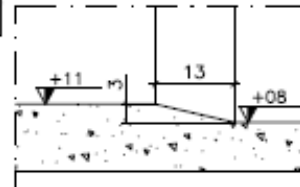
CORTE "1"
ESCALA 1:25



DETALHE "1"
ESCALA 1:10




DETALHE "2"
ESCALA 1:10



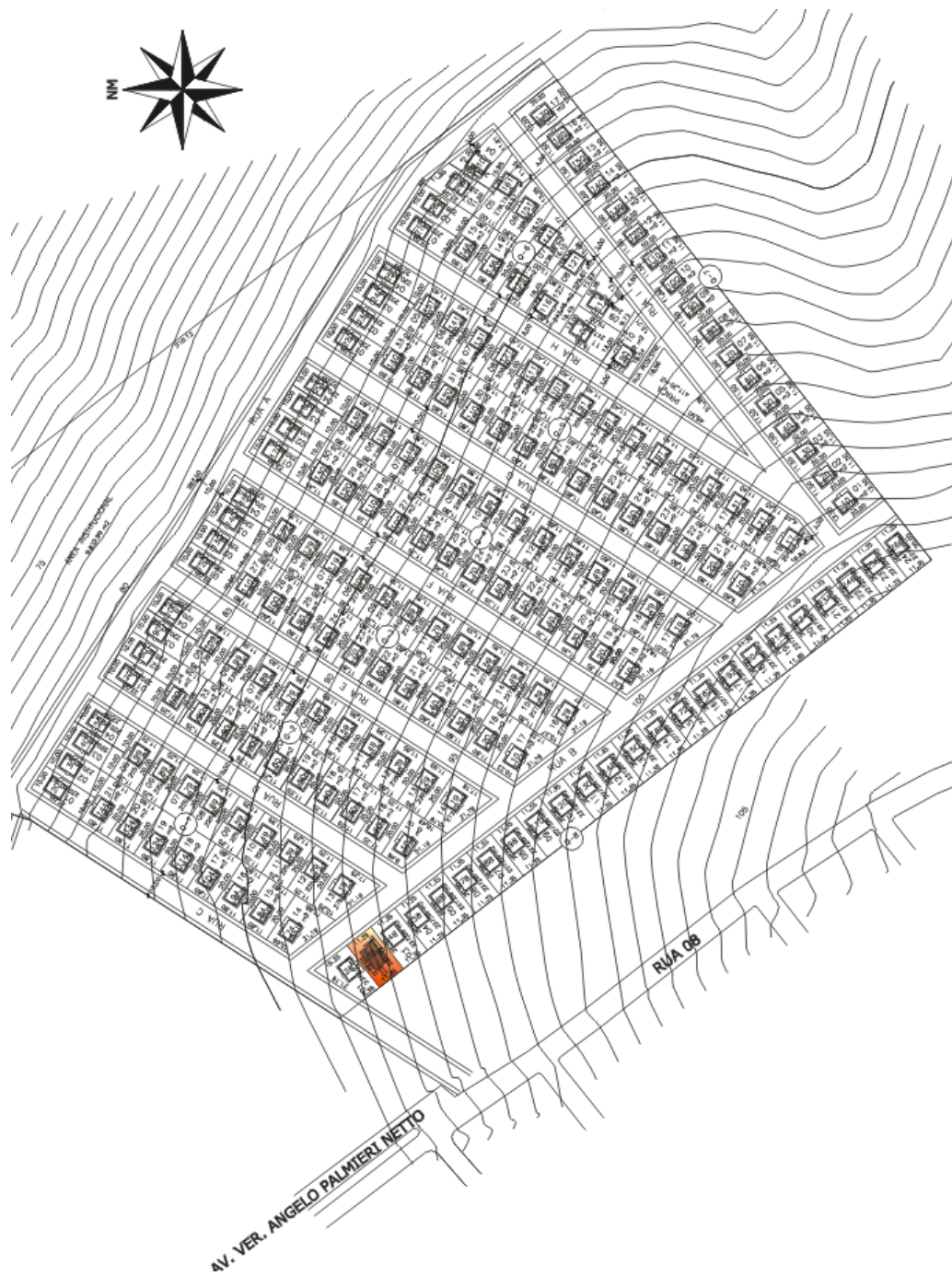
APROVADO


Em: ___ / ___ / ___

 COHAB-MG		PROJETO ARQUITETÔNICO	
EMPREENDIMENTO :		MUNICÍPIO :	
PADRÃO HABITACIONAL : MG-88-I-2-51		DISCRIMINAÇÃO : DETALHES DAS RAMPAS	
DESENHO Nº : 28/28	RESPONSÁVEL TÉCNICO : MARIA LÚCIA TEIXEIRA COSTA - CREA MG 43.775/0 GERENTE DE PROJETOS	ÁREA : 51,45m ²	ESCALA : INDICADAS
		DATA : JUNHO/09	

Projeto Urbanístico¹

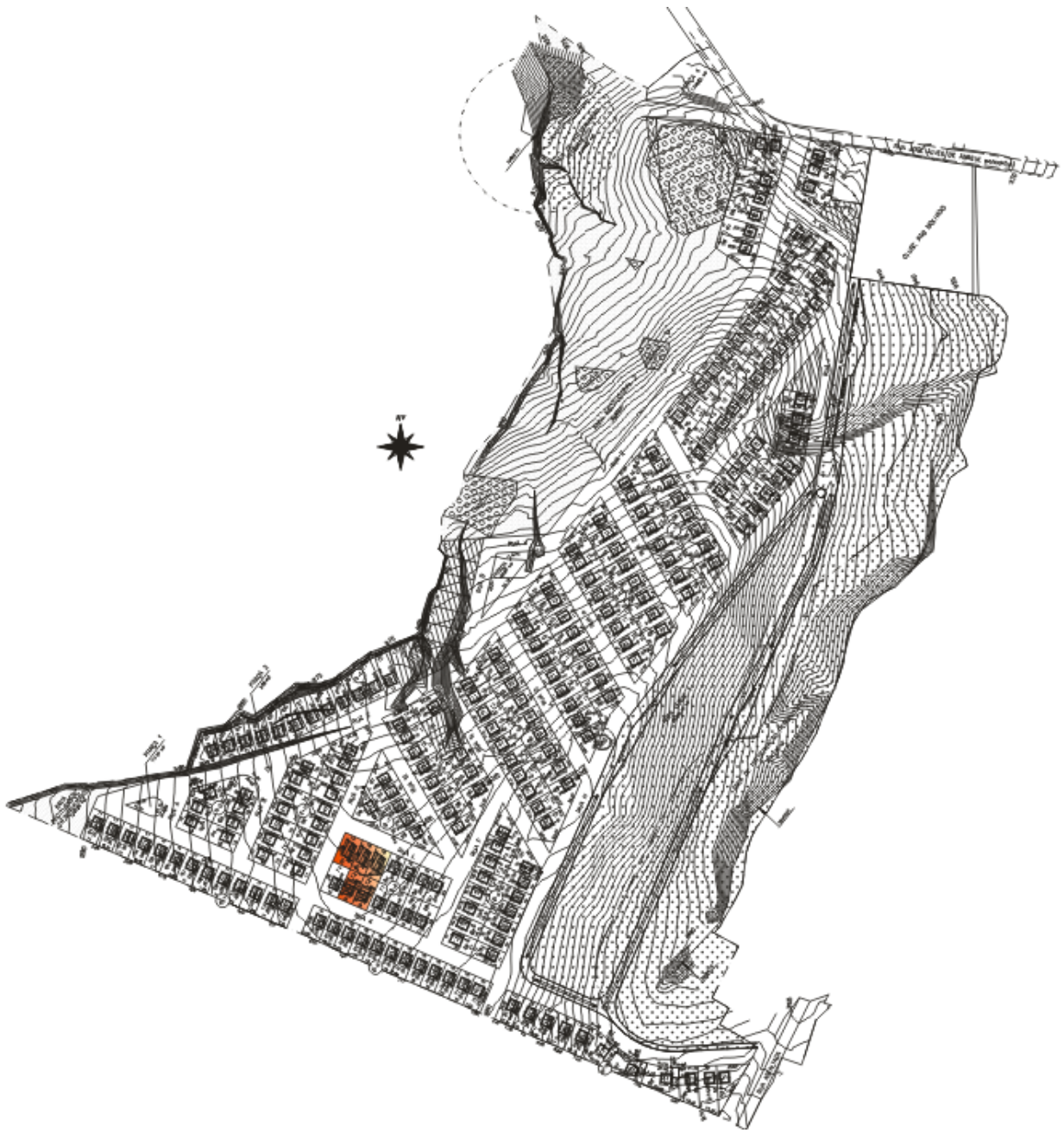
Conjunto Habitacional Recanto das Flores - Areado




 Casa Projetada para acessibilidade

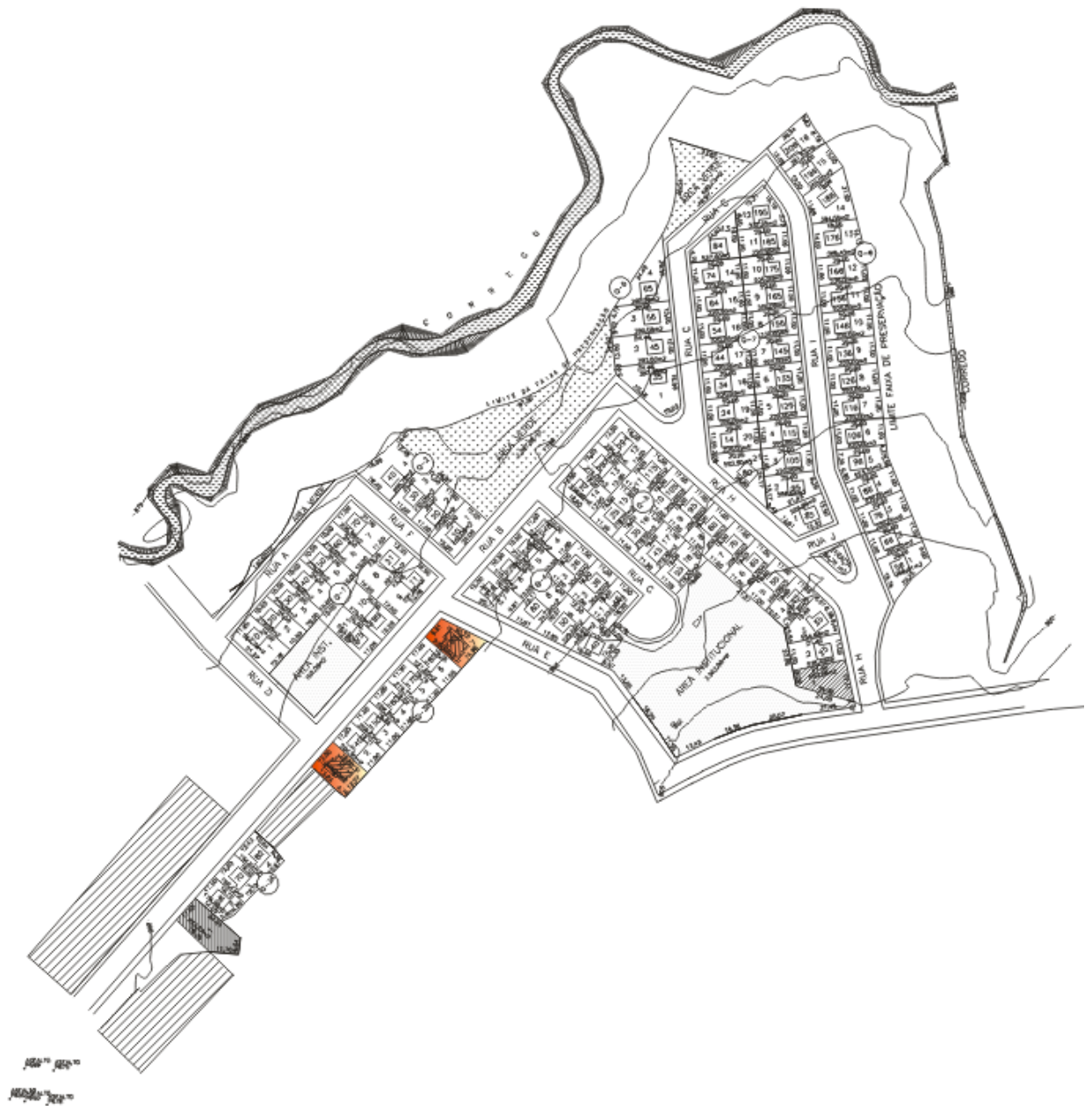
¹ A gerência de projetos da COHAB informou que não há arquivo digital de projeto urbanístico para o município de Pratápolis.


Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira Neves - São João Del Rei



 Casas Projetadas para acessibilidade


Conjunto Habitacional Irmã Domitila - Bom Sucesso



 Casas Projetadas para acessibilidade


Conjunto Habitacional Caminho das Águas II - Lavras



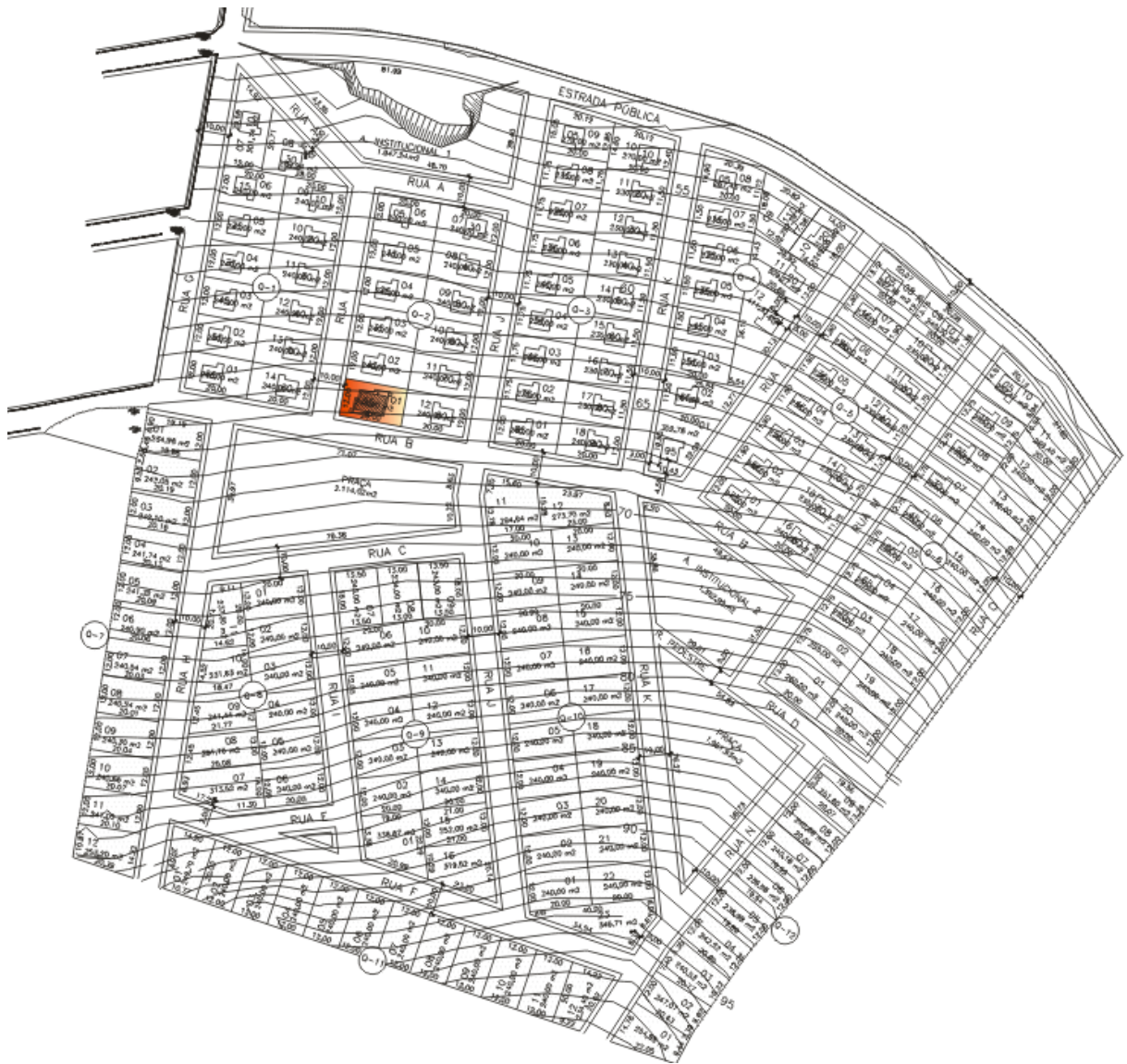
 Casa Projetada para acessibilidade


Conjunto Habitacional Bela Vista II – Guaxupé



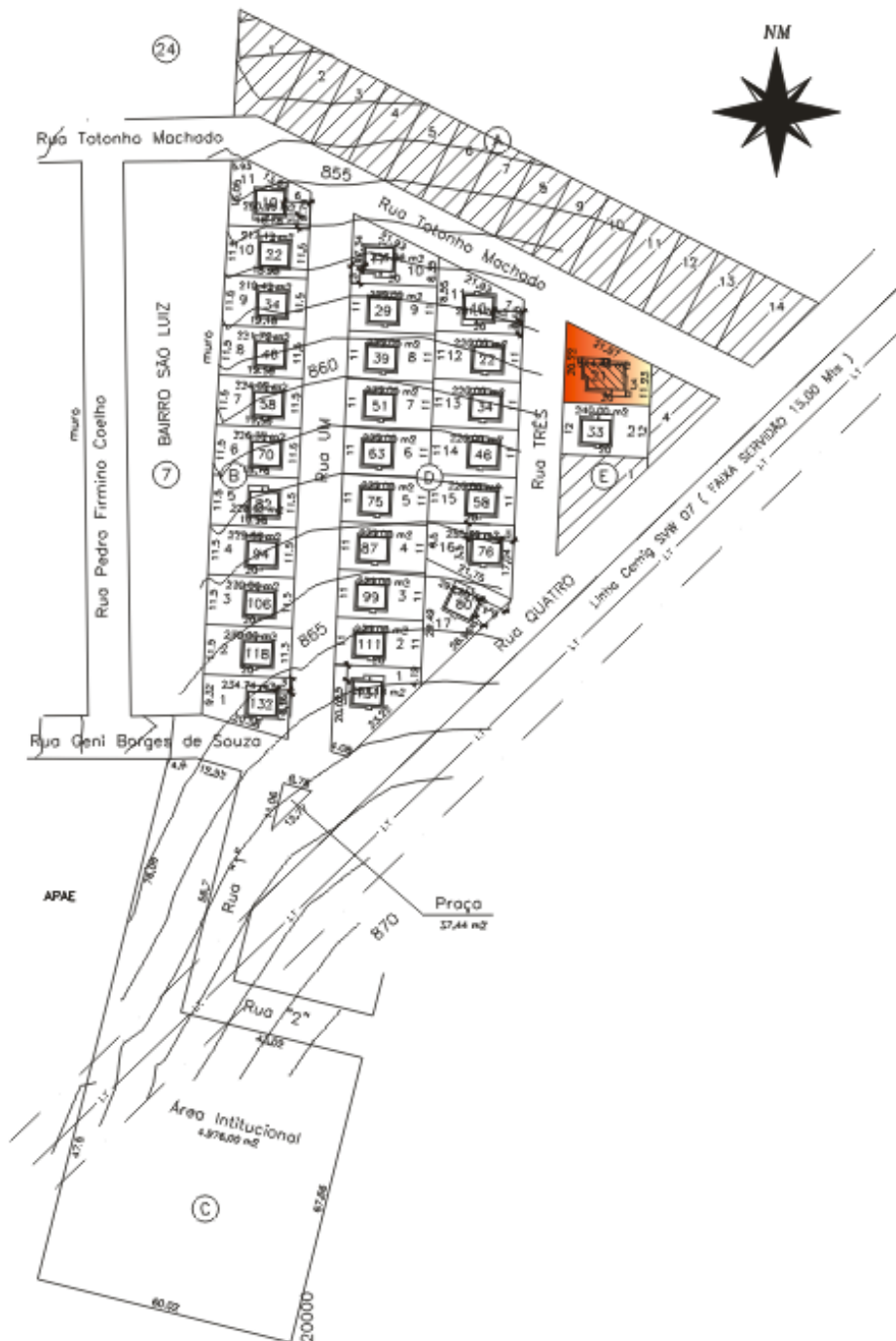
 Casas Projetadas para acessibilidade


Conjunto Habitacional Vila Formosa - Machado



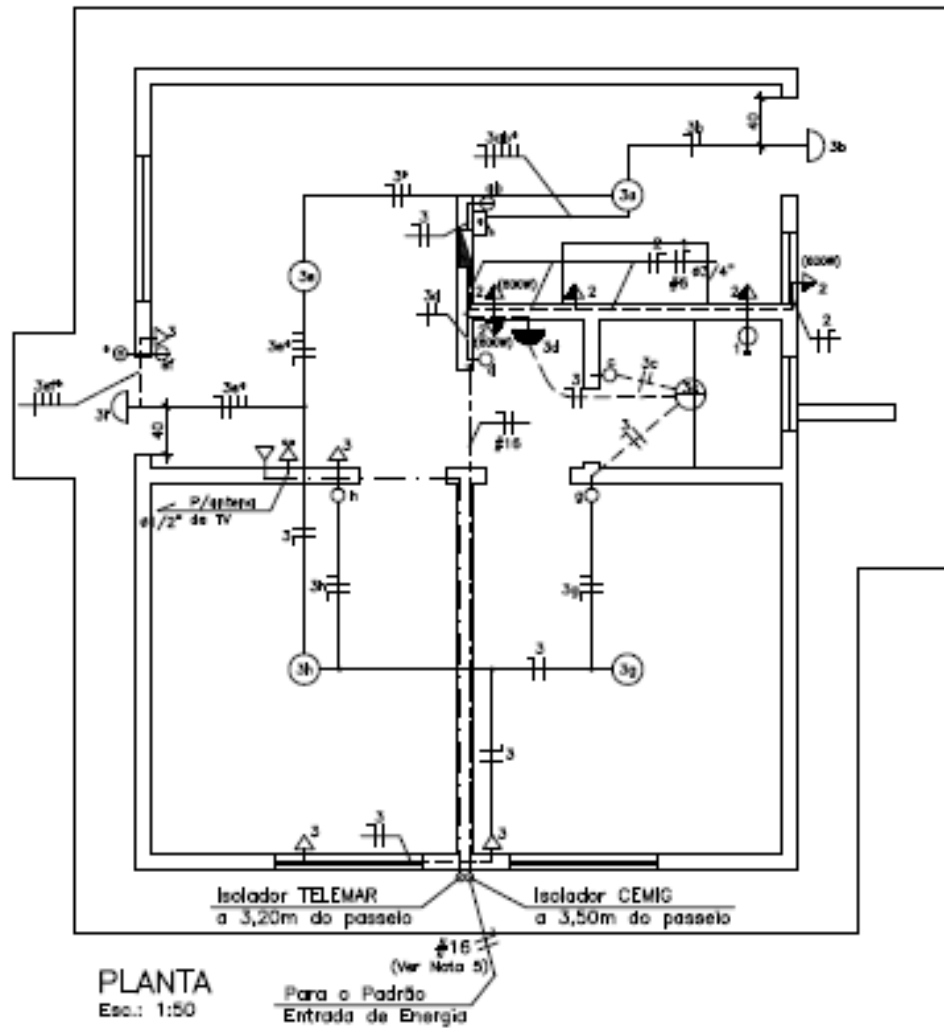
 Casa Projetada para acessibilidade


Conjunto Habitacional Francelino Terra – Santana da Vargem






















 Casa Projetada para acessibilidade

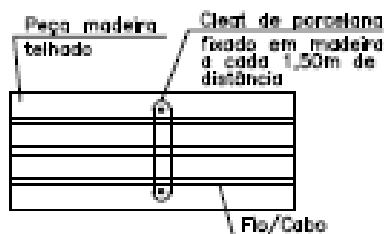
Projeto Elétrico



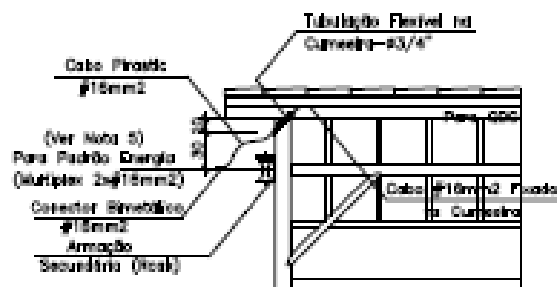
	COHAB-MG	PROJETO ELÉTRICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		MUNICÍPIO :		
PADRÃO HABITACIONAL :		DESCRIÇÃO :		
MG-80-I-2-36		PLANTA (OPÇÃO: TELHADO DE MADEIRA)		
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :
01/02	LEONARDO PRATES D. COELHO - CREA MG 17.708/D VINCULADO À ART Nº : 30258724	---	1:50	MAIO/07

LEGENDA

-  PTO LUZ INCANDESCENTE NO TETO, PENDENTE
-  PTO LUZ INCANDESCENTE 60W NO TETO (CX OCTOGONAL)
-  PTO LUZ INCANDESCENTE 60W NA PAREDE EXTERNA A 2,40m DO PISO (CX SEXTAVADA)
-  PTO LUZ INCANDESCENTE 60W NA PAREDE DO LAVABO A 2,10m DO PISO (CX SEXTAVADA)
-  INTERRUPTOR 1 TECLA A 1,10m DO PISO
-  IDEM, 2 TECLAS
-  TOMADA UNIVERSAL A 0,30m DO PISO
-  IDEM, A 1,00m DO PISO
-  PTO DE FORÇA MONOFÁSICO A 2,30m DO PISO (CX 2"x4") - (CHUVEIRO)
-  CX SAÍDA P/TELEFONE A 0,30m DO PISO (CX 2"x4")
-  CX SAÍDA P/ ANTENA TV A 0,30m DO PISO (CX 2"x4")
-  QUADRO DISTRIBUIÇÃO DE CIRCUITOS (QDC) A 1,80m DO PISO
-  PULSADOR DE CAMPANHA
-  CAMPANHA
-  FAÇÃO APARENTE NO ENGRADAMENTO DO TELHADO
-  FAÇÃO APARENTE PARA ENTRADA DE ENERGIA APARENTE NO ENGRADAMENTO DO TELHADO
-  TUBULAÇÃO FLEXÍVEL EMBUTIDA EM LAJE OU PAREDE
-  TUBULAÇÃO PARA TELEFONE NA ALVENARIA
-  CABOS/FIOS NEUTRO, FASE E RETORNO SIMPLES




DETALHE DE
FIXAÇÃO DE FIOS
Sem escala



ENTRADA AÉREA DE ENERGIA

Sem Escala

OBS.: A entrada para telefone será similar à de energia

 COHAB-MG		PROJETO ELÉTRICO		
CONJUNTO HABITACIONAL :		NÚMERO :		
PADRÃO HABITACIONAL :		DESCRIÇÃO :		
MG-80-1-2-36		DET./LEGENDA (OPÇÃO: TELHADO DE MADEIRA)		
DESENHO Nº :	RESPONSÁVEL TÉCNICO :	ÁREA :	ESCALA :	DATA :
02/02	LEONARDO FORTES D. COELHO - CREA MG 17.705/D VINCULADO À ART Nº : 30256/724	---	SEM ESCALA	MAIO/07

APÊNDICE F
ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO PARA MORADORES

ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EXECUTADA PELA COHAB-MG

Pesquisadora: Arquiteta Adriana Rodrigues Leão
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Pinto Guimarães

Nº do registro da amostra: _____ Nº do questionário: _____

Data: _____ Cidade: _____

Conjunto Habitacional: _____

Casa projetada para acessibilidade: () Sim () Não

1-IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO (A):

Entrevistado(a): _____

Endereço: _____

CEP: _____ Bairro: _____

DDD: _____ Telefone: _____

Data da ocupação da casa: _____

2-IDENTIFICAÇÃO DO CHEFE DA FAMÍLIA:

Nome: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

Ocupação atual: _____

Renda: _____

3-COMPOSIÇÃO FAMILIAR:

Nº.	Nome	Parentesco	Sexo	Idade
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				

3-SITUAÇÃO SOCIO-ECONÔMICA:

Nº.	Escolaridade	Profissão	Ocupação	Renda
01				
02				
03				
04				
05				
06				
07				
08				
09				
10				

3.1 Você tem ou teve algum membro da família com dificuldade de locomoção por uma deficiência ou está com a mobilidade temporariamente reduzida?

- Não, ninguém
- Sim, tenho um
- Sim, tenho mais de um
- Sim, tive um
- Sim, tive mais de um

3.2 Qual é ou era a característica da deficiência ou mobilidade reduzida?

- não anda (va)
- anda (va) com dificuldades em cada passo
- não se movimenta (va) controladamente
- tem/tinha pouco equilíbrio
- não enxerga (va)
- enxerga (va) parcialmente
- não ouve/ouvia
- ouve/ouvia parcialmente
- Outro . Múltipla : anda (va) com dificuldades em cada passo e tem/tinha pouco equilíbrio

3.3 Qual tem sido ou foi a duração dessa deficiência ou mobilidade reduzida?

- temporária
- intermitente
- permanente

3.4 Quando ocorreu essa deficiência ou mobilidade reduzida?

- anterior à mudança para a moradia
- posterior à mudança para a moradia

3.5 Qual é/era a relação da família na vida dessa pessoa?

- totalmente dependente para atividades pessoais
- parcialmente dependente para atividades pessoais
- totalmente independente para atividades pessoais

3.6 Qual é/era a relação dessa pessoa na vida da família?

- não participa das atividades da família
- participa parcialmente / passivo das atividades da família
- participa parcialmente / ativo das atividades da família
- participa totalmente / ativo das atividades da família

4-HISTÓRICO DA MORADIA:

4.1 Tempo de moradia na casa: _____

4.2 Por que veio morar aqui?

- Possibilidade casa própria
- Casa era de amigos/família (COABITAÇÃO)
- Qualidade da moradia/ aparência
- Pelo fato de ser térrea
- Pelo fato de não ser apartamento
- Outros

4.3 A moradia foi reformada?

() Sim () Não

4.3.1 Houve modificação do projeto original?

() Sim () Não

4.3.2 Houve acréscimo de área?

() Sim () Não

4.3.3 Em caso de reforma com acréscimo, as alterações foram feitas com ajuda técnica de um profissional da área ou baseada no modelo de ampliação fornecida pela COHAB?

() Sim () Não

4.3.4 Qual(is) a(s) área(s) modificada(s) (marque todas as pertinentes)?

() entrada do terreno

() sala

() cozinha

() área de serviço

() banheiro

() quarto do casal (primeiro)

() segundo quarto

() outra área _____

4.3.5 Qual(is) o(s) motivo(s) da(s) modificação (ões)?

4.3.6 Pretende-se fazer (mais) reformas? Quais? Por quê?

4.4 Como era a situação de moradia anterior em relação a esta?

5- INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES:

5.1 Equipamentos / eletro-domésticos / veículo:

Geladeira () Sim () Não

Local (diferente do projeto original): _____

Por que está neste local? _____

Fogão () Sim () Não

Local (diferente do projeto original): _____

Por que está neste local? _____

Máquina de lavar roupas () Sim () Não

Local (diferente do projeto original): _____

Por que está neste local? _____

Mesa de passar roupas () Sim () Não
Local (diferente do projeto original): _____
Por que está neste local ? _____

Televisão () Sim () Não
Local (diferente do projeto original): _____
Por que está neste local ? _____

Computador () Sim () Não
Local (diferente do projeto original): _____
Por que está neste local ? _____

Automóvel () Sim () Não
Local (diferente do projeto original): _____
Por que está neste local ? _____

Outros. Quais? () Sim () Não
Local (diferente do projeto original): _____
Por que está neste local ? _____

5.2 Mobiliário foi trazido de moradia(s) anterior (es)?
() todos
() alguns
() nenhum

Quais? _____
Por quê? _____

6- CARACTERÍSTICAS DO CONJUNTO HABITACIONAL:

6.1 Locais/serviços existentes no conjunto habitacional:

Rua da moradia pavimentada	() Sim	() Não	
Transporte urbano acessível	() Sim	() Não	
Estacionamento na via	() Sim	() Não	
Passeio / calçada	() Sim	() Não	
Jardim / praça	() Sim	() Não	
Quadra de esporte	() Sim	() Não	
Playground	() Sim	() Não	
Centro comercial	() Sim	() Não	
Centro comunitário	() Sim	() Não	
Creche	() Sim	() Não	
Escola	() Sim	() Não	
Posto de saúde	() Sim	() Não	
Unidade fisioterápica	() Sim	() Não	
Coleta de lixo	() Sim	() Não	
Outros:	() Sim	() Não	Quais?

Observações dos itens acima:

6.2 Localização relativa à cidade

- parte integrante de um bairro na cidade
- fora do perímetro urbano, mas próxima da cidade
- fora do perímetro urbano e distante da cidade

6.3 Percepções da **vizinhança** sobre a casa projetada especialmente para ser acessível em relação às demais: (como a casa pode ser comparada com as demais)?

- é fator de rejeição
 - é fator de depreciação
 - indiferente
 - é fator de valorização
 - é fator de desejo
-
-

6.4 Percepções do **morador** sobre a casa projetada especialmente para ser acessível em relação às demais: (como a casa pode ser comparada com as demais)?

- é fator de rejeição
 - é fator de depreciação
 - indiferente
 - é fator de valorização
 - é fator de desejo
-
-

7- NÍVEL DE PERCEPÇÃO SOBRE CONDIÇÕES DE USO:

7.1 Infraestrutura urbana do conjunto habitacional:

	Ótima	Boa	Indiferente	Ruim	Péssima
Centro Comunitário	()	()	()	()	()
Praça	()	()	()	()	()
Transporte	()	()	()	()	()
Creche Escola	()	()	()	()	()
Posto de Saúde	()	()	()	()	()
Posto Policial	()	()	()	()	()
Mercado	()	()	()	()	()
Farmácia	()	()	()	()	()
Padaria	()	()	()	()	()
Iluminação Pública	()	()	()	()	()
Abastecimento de água	()	()	()	()	()

Coleta de Lixo	()	()	()	()	()
Telefone Público	()	()	()	()	()

7.2 Meio de Acessibilidade para :

	Ótimo	Bom	Indiferente	Ruim	Péssimo
Trabalho	()	()	()	()	()
Comércio	()	()	()	()	()
Serviços	()	()	()	()	()
Educação	()	()	()	()	()
Lazer	()	()	()	()	()
Transporte Coletivo	()	()	()	()	()
Espaço interno da casa	()	()	()	()	()
Espaço da casa no terreno	()	()	()	()	()
Relação da casa com a rua	()	()	()	()	()

8- NÍVEL DE SATISFAÇÃO:

8.1 Satisfação quanto a **morar** numa **casa projetada para acessibilidade:**

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.2 Satisfação quanto a **morar** numa **casa convencional:**

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.1 Satisfação quanto ao **tamanho** de cada ambiente/local da **casa projetada para acessibilidade:**

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____
Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.2 Satisfação quanto a **posição de cada ambiente/local** em relação ao restante da **casa projetada para acessibilidade**:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.3 Satisfação quanto ao **conforto** de cada ambiente/local para as atividades que ali acontecem na **casa projetada para acessibilidade**:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.4 Satisfação quanto à aparência de cada ambiente/local da casa projetada para acessibilidade:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.5 Satisfação quanto à segurança quanto a possíveis acidentes em cada ambiente/local da casa projetada para acessibilidade:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.6 Satisfação quanto ao **tamanho** de cada ambiente/local da **casa convencional do conjunto**:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.7 Satisfação quanto a **posição de cada ambiente/local** em relação ao restante da **casa convencional do conjunto**:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.8 Satisfação quanto ao **conforto** de cada ambiente/local para as atividades que ali acontecem na **casa convencional do conjunto**:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.9 Satisfação quanto à **aparência** de cada ambiente/local da **casa convencional do conjunto**:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

8.3.10 Satisfação quanto à segurança quanto a possíveis acidentes em cada ambiente/local da casa convencional do conjunto:

Sala

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 1- Quarto de solteiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Dormitório 2 – Quarto de casal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Cozinha

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Banheiro

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Quintal

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Entrada da casa

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Passeio / calçada

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Corredor- Circulação Interna

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

Ambiente(s) que não consta(m) no projeto original : _____

Para casos de acréscimo

() muito insatisfeito () insatisfeito () indiferente () satisfeito () muito satisfeito

9 - AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO DO(S) MORADOR(ES) DA CASA PROJETADA PARA ACESSIBILIDADE:

9.1 Momento de interação social em família no espaço da casa

() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

9.2 Atividade individual prevista no projeto para o espaço da casa

() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

9.3 Atividade individual de improviso para o espaço da casa

() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

9.4 Atividade social prevista no projeto para o espaço da casa
() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

9.5 Atividade social de improviso para o espaço da casa
() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

10 - AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO EM RELAÇÕES DE VIZINHANÇA NO CONJUNTO:

10.1 Interação social entre pessoas / vizinhos em geral no conjunto habitacional (vê, conversa, brinca, visita cordial???)
() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

10.2 Amizades entre pessoas / vizinhos em geral no conjunto habitacional
() sem amigos
() poucos amigos
() indiferente
() alguns amigos
() muitos amigos

10.3 Interação social dos moradores de uma casa convencional com pessoas / vizinhos no conjunto habitacional (vê, conversa, brinca, visita cordial???)
() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

10.4 Amizades entre pessoas de uma casa convencional com vizinhos no conjunto habitacional
() sem amigos
() poucos amigos
() indiferente
() alguns amigos
() muitos amigos

10.5 Interação social dos moradores da casa projetada para acessibilidade com pessoas / vizinhos no conjunto habitacional (vê, conversa, brinca, visita cordial???)
() raro () ocasional () indiferente () freqüente () constante

10.6 Amizades entre pessoas de uma casa projetada para acessibilidade com vizinhos no conjunto habitacional
() sem amigos
() poucos amigos
() indiferente
() alguns amigos
() muitos amigos

11 - AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES COTIDIANAS:

11.1 Repouso

11.1.2 Dormir;repousar
() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.1.3 Descansar;ler deitado

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.1.4 Convalescer de enfermidade

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.1.5 Tratar de enfermos

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.1.6 Alojjar hóspedes eventuais

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.2 Convívio familiar e social

11.2.1 Tomar refeições coletivamente

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.2.2 Receber visitantes

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.2.3 Conversar

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.2.4 Ouvir música

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.2.5 Assistir à televisão

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.2.6 Atender telefone () Não consta

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3 Alimentar

11.3.1 Guardar gêneros alimentícios

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3.2 Guardar utensílios de cozinha

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3.3 Preparar alimentos

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3.4 Cozinhar refeições

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3.5 Tomar refeições rápidas

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3.6 Lavar utensílios de cozinha

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.3.7 Eliminar resíduos

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.4 Higiene Pessoal

11.4.1 Tomar Banho

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.4.2 Lavar rosto e mão

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.4.3 Barbear-se

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.4.4 Pentear o cabelo

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.4.5 Escovar os dentes

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.4.6 Trocar de roupas

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.4.7 Fazer ginástica

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.4.8 Atender às necessidades fisiológicas

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.5 Lazer e Recreação

11.5.1 Descansar

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.5.2 Ler(distração)

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.5.3 Praticar jogos de mesa

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.5.4 Brincar

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.5.5 Realizar “hobby”

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.6 Estudo

11.6.1 Ler (estudo)

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.6.2 Realizar tarefas escolares(escrita)

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.6.3 Realizar tarefas manuais

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.7 Vestuários (Higiene e guarda)

11.7.1 Reunir roupa suja

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.7.2 Lavar roupa

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.7.3 Secar roupa

Muito difícil Difícil indiferente fácil muito fácil

11.7.4 Passar roupa a ferro

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.7.5 Costurar

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.7.6 Guardar roupa

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.8 Guarda de pertences diversos

11.8.1 Guardar objetos pessoais diversos

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.8.2 Guardar material escolar

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.8.3 Guardar material de manutenção doméstica

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.8.4 Guardar ferramentas leves e diversos

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

11.8.5 Efetuar pequenos reparos

() Muito difícil () Difícil () indiferente () fácil () muito fácil

Apêndice G
ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
LÍDER COMUNITÁRIA

**ENTREVISTA DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO
LÍDER COMUNITÁRIA**
HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EXECUTADA PELA COHAB-MG

Pesquisadora: Arquiteta Adriana Rodrigues Leão
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientador: PHD Marcelo Pinto Guimarães

Cidade: Areado

Conjunto Habitacional: Recanto das Flores

Data: 12/10/2010

1. Entrevista com líder comunitário

2. Nome do Líder comunitário : Conceição Aparecida Costa
3. Tempo de atuação: Desde Fevereiro de 2010
4. Época em que se mudou para o conjunto: 03/03/2009
5. Fale sobre a história do conjunto: Para as pessoas virem morar aqui inicialmente foram feitas inscrições através de cadastro na COHAB-MG ; A primeira moradora a conseguir foi Maria José que mora na rua E nº 29
6. O que faz um líder comunitário num conjunto habitacional?
Coordena oficinas, cooperativa das costureiras. Na sede da associação a população moradora trabalha com artesanato , bordados para venda em colégios; Reúne com os moradores para reivindicar mudanças.
7. Como se deu a inauguração do conjunto habitacional?
Não sei ao certo.
8. Quais as famílias/casas do conjunto que foram primeiramente ocupadas e como foi o crescimento da ocupação?
Como as casas acessíveis foram ocupadas (antes ou depois da vizinhança)?
Maria José que mora na rua E nº 29 foi a primeira moradora e as casas foram ocupadas juntas.
9. Onde idosos e crianças residentes são mais encontrados (concentrados / separados)?
Idosos geralmente são encontrados na Associação fazendo tricô, bordado e trabalhos manuais.
As crianças ficam concentradas na escola da prefeitura próxima ao conjunto.
10. O conjunto é atendido por serviços e equipamentos urbanos?

Posto de saúde (Programa de Saúde Familiar – PSF), Escola próxima, Creche, APAE. Falta posto policial.

11. O que os moradores mais modificam em suas casas?

As que tiveram condição financeira fizeram garagem coberta, um quarto a mais, muro, passeio e colocaram piso. A maioria das pessoas não tem condição de reformar e reclamam porque pagam o aquecedor solar e ele não foi instalado.

12. Qual é a frequência das modificações?

Raramente

13. Essas modificações das residências são aprovadas pela prefeitura / COHAB?

Não

14. Como moradores e COHAB discutem os problemas do conjunto (definição das necessidades)?

Os técnicos da prefeitura visitaram o conjunto, fizeram vários acordos, mas não houve mudanças. Ainda não há asfalto na maioria das ruas. Sobre o coletor solar o problema está na justiça.

15. A comunidade participou diretamente da construção do conjunto?

Não. Quem quisesse ver o projeto, ia à Secretaria de Saúde porque o modelo estava lá.

16. O conjunto enfrenta algum tipo de dificuldade relacionado à habitação? Qual/ (is)?

Sim. Coletor Solar; Instalação Elétrica; Tamanho das casas é pequeno inclusive a moradora que tinha deficiência e não tinha a casa mudou do conjunto.

Apêndice H
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA PARTICIPAÇÃO COMO VOLUNTÁRIO DA PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vimos, através deste termo, convidar-lhe a participar como voluntário da pesquisa intitulada "O impacto do padrão de moradia popular para a acessibilidade no modo de vida dos moradores".

O trabalho está sendo desenvolvido pela pesquisadora Adriana Rodrigues Leão, estudante regularmente matriculada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do Professor Doutor Marcelo Pinto Guimarães.

O trabalho tem como objetivo entender sobre as habitações populares construídas da COHAB-MG, delimitadas no estudo de caso e em face ao decreto estadual nº 17.248/07. A pesquisa irá compreender os valores e atitudes dos participantes quanto ao comportamento das pessoas, que dá a dimensão das suas experiências. Por uma combinação de métodos, a pesquisadora deve efetuar um estudo sobre como o modelo de habitação popular em Minas Gerais especialmente preparado para acessibilidade altera o modo de vida de seus moradores em relação ao padrão convencional de casa mínima. Em testes preliminares com observação, será anotada a forma de comportamento das pessoas em situações diferentes de uso dos espaços. Na coleta de dados, entrevistas gravadas e documentadas por meio de formulários serão realizadas com moradores e acompanhantes em que cada um responderá sobre experiências vivenciadas nas áreas pré-escolhidas.

Não há riscos à integridade física, psicológica e moral dos participantes.

Os benefícios para os participantes incluem a oportunidade de expressarem sobre potencial insatisfação quanto à qualidade do uso das condições ambientais relativo ao desenvolvimento de atividades cotidianas na habitação e no conjunto habitacional. Esta pesquisa segue os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares.


Caso se manifeste favorável à participação, por favor, registre seus dados pessoais neste documento, os quais se manterão em sigilo do conhecimento público para proteção de sua individualidade e privacidade.

DE ACORDO:

Nome: _____ Identidade: _____

Data de nascimento: _____ Telefone: _____

Desde já agradecemos a participação.



Adriana Rodrigues Leão
Contato: telefone – (31) 9109-3860



Marcelo Pinto Guimarães
Contato: telefone – (31) 3409 8810

Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
Endereço: Rua Paraíba, 897 EAUFMG – sala 125

COEP - Comitê de Ética em pesquisa
Contato: telefone – (31) 3409 4592 Email: coep@ppq.ufmg.br
Endereço: Av. Antonio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II – 2ª andar – sala 2005
Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG

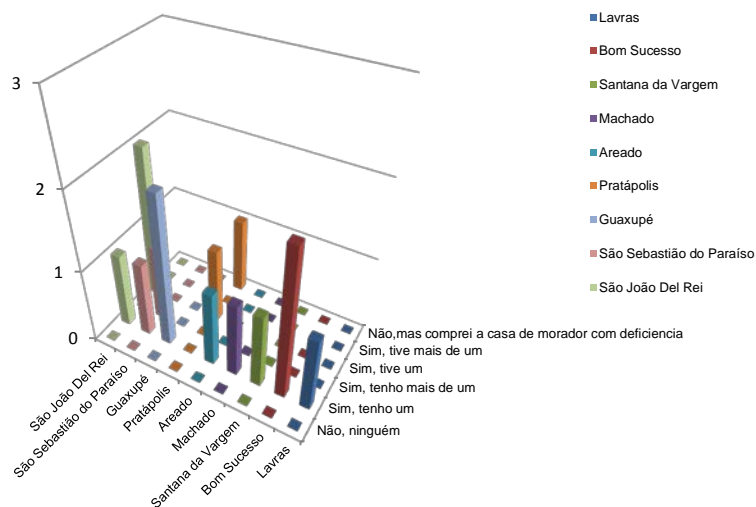
Apêndice I¹
ANÁLISE DE DADOS- GRÁFICOS
COMPARATIVO GERAL

¹ Se necessário melhor visualização das perguntas nos gráficos, verificar Apêndice F

COMPARATIVO GERAL

Casas projetadas para acessibilidade

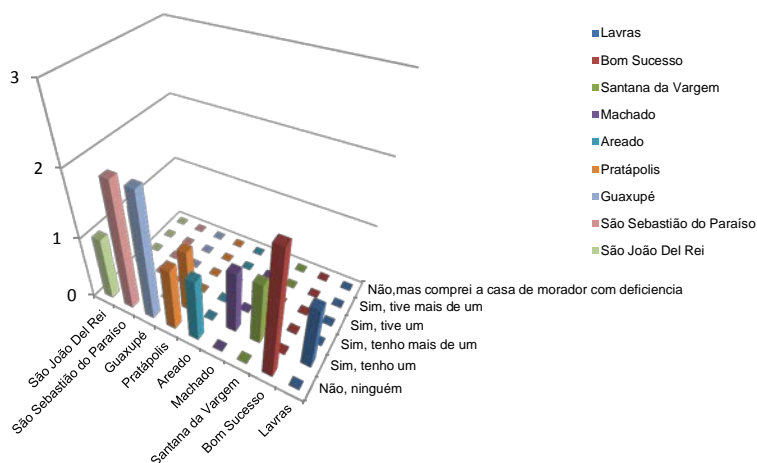
Algun membro da família possui dificuldade de locomoção por uma deficiência ou está com a mobilidade temporariamente reduzida?



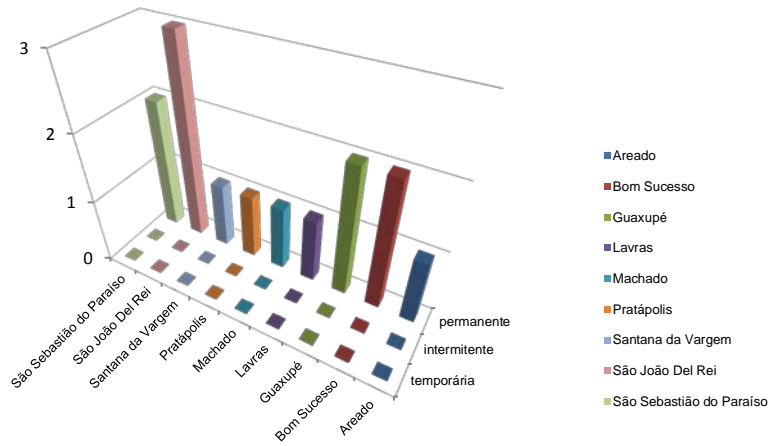
COMPARATIVO GERAL

Casas não projetadas para acessibilidade

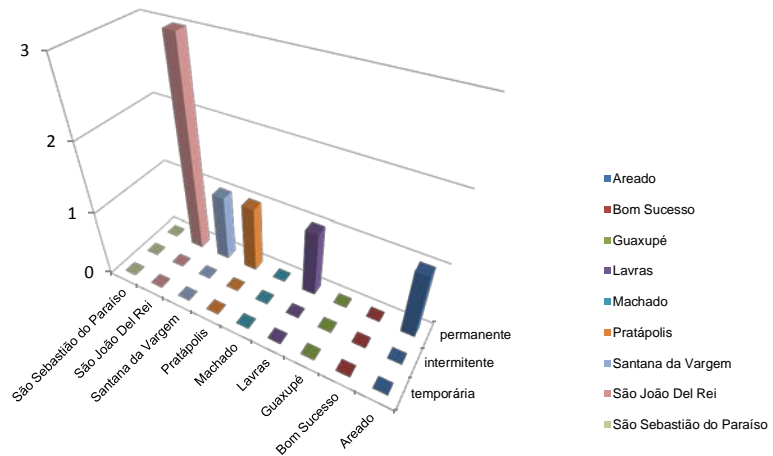
Algun membro da família possui dificuldade de locomoção por uma deficiência ou está com a mobilidade temporariamente reduzida?



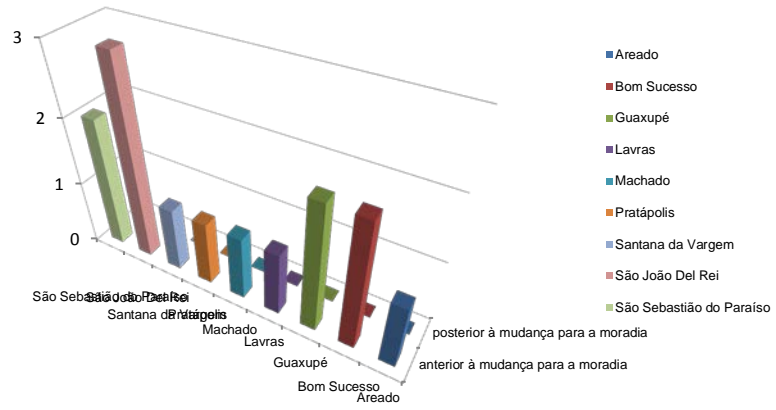
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual tem sido ou foi a duração dessa deficiência ou mobilidade reduzida?



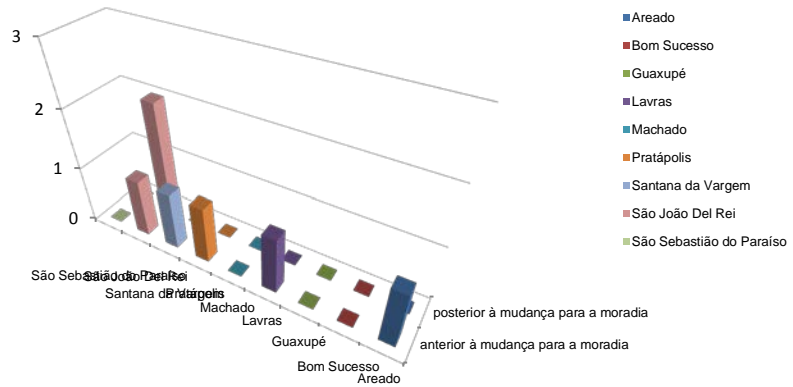
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual tem sido ou foi a duração dessa deficiência ou mobilidade reduzida?



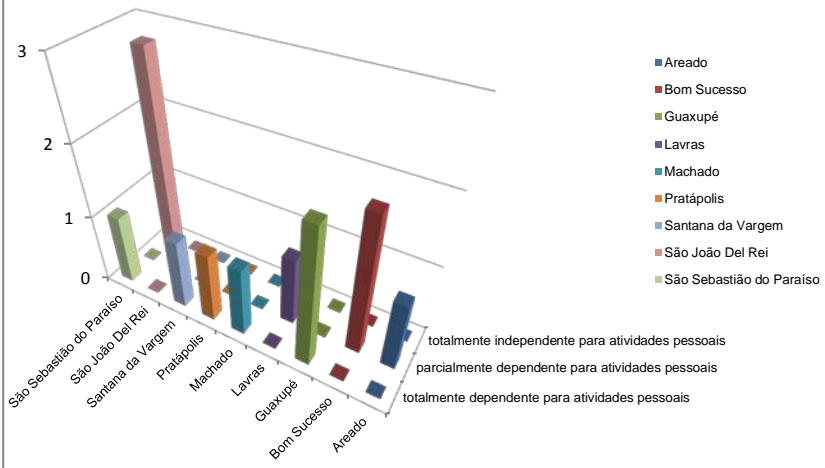
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Quando ocorreu essa deficiência ou mobilidade reduzida?



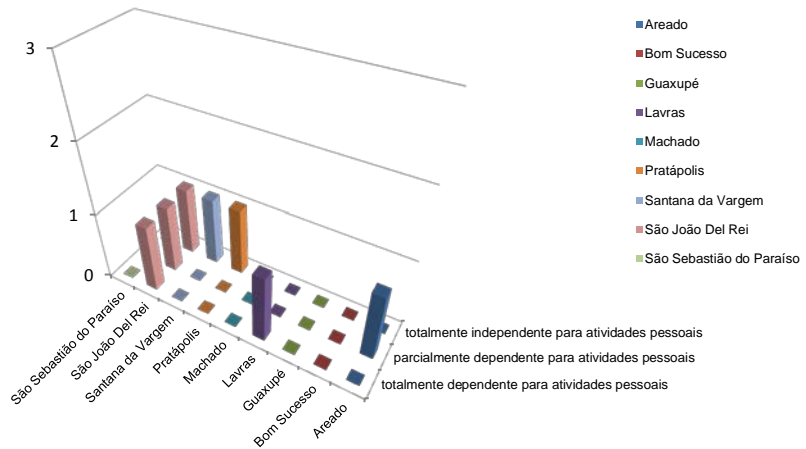
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Quando ocorreu essa deficiência ou mobilidade reduzida?



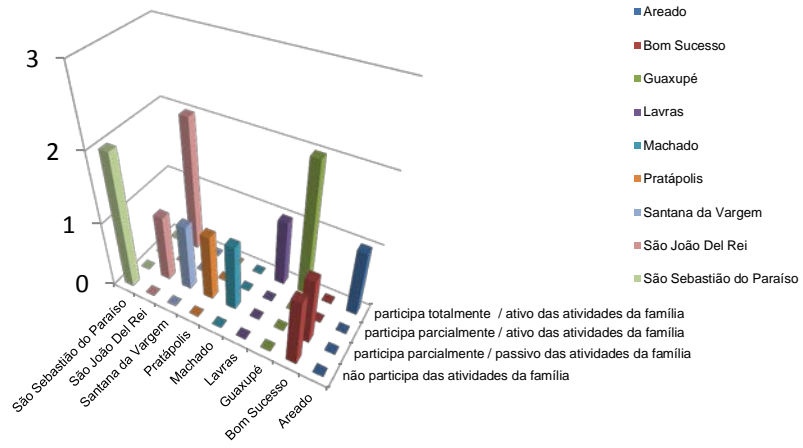
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual é/era a relação da família na vida dessa pessoa?



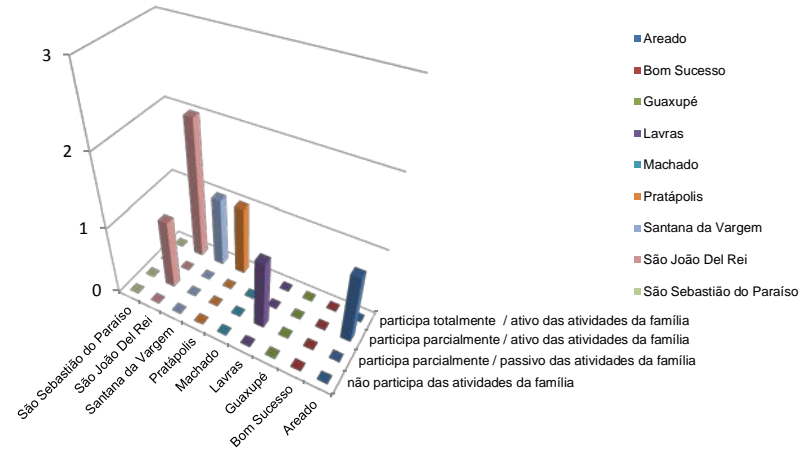
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual é/era a relação da família na vida dessa pessoa?



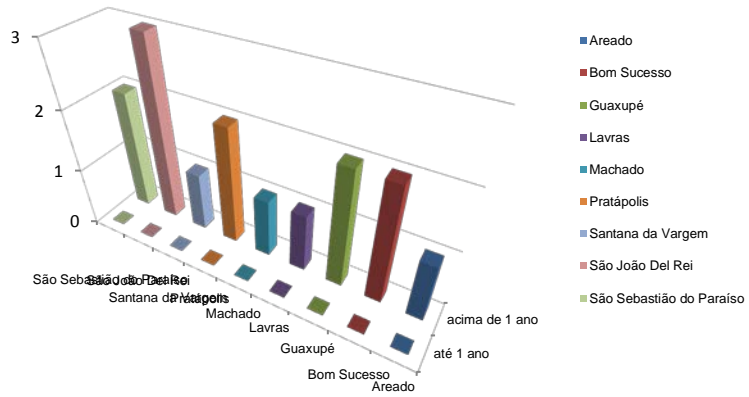
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual é/era a relação dessa pessoa na vida da família?



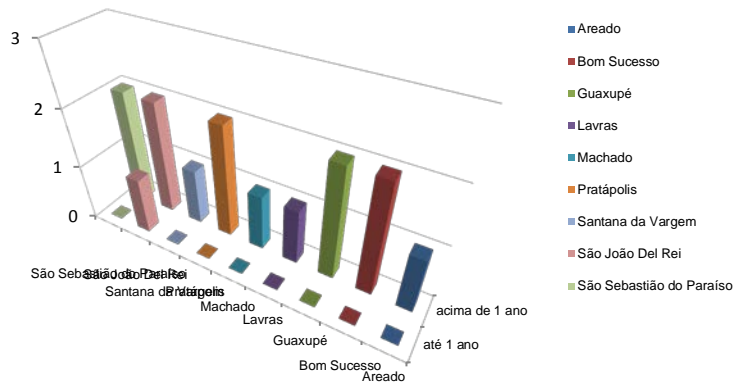
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual é/era a relação dessa pessoa na vida da família?



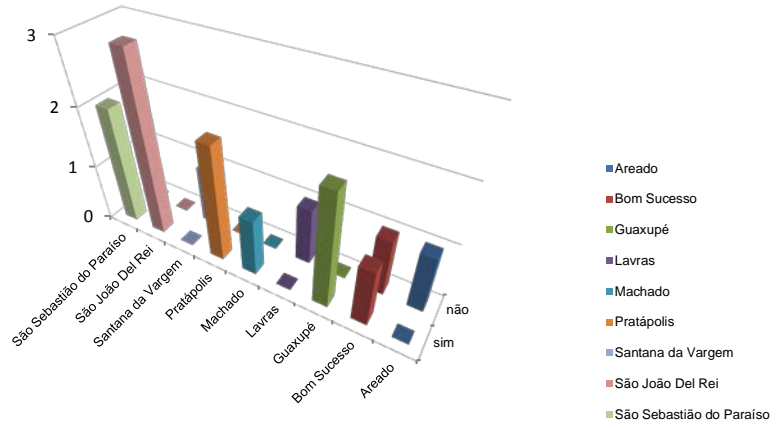
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Há quanto tempo você mora nesta casa?



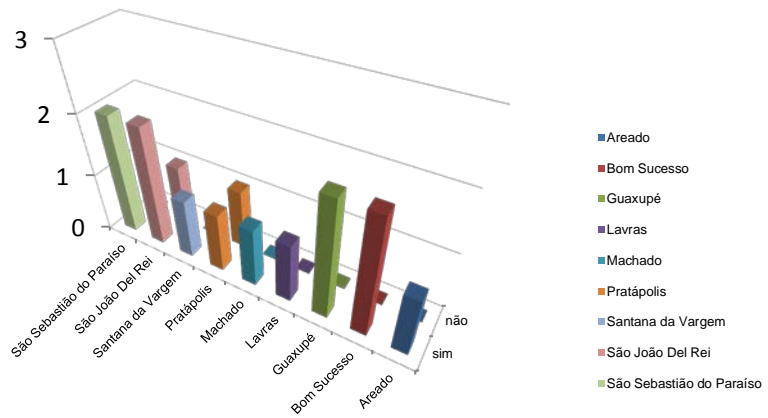
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Há quanto tempo você mora nesta casa?



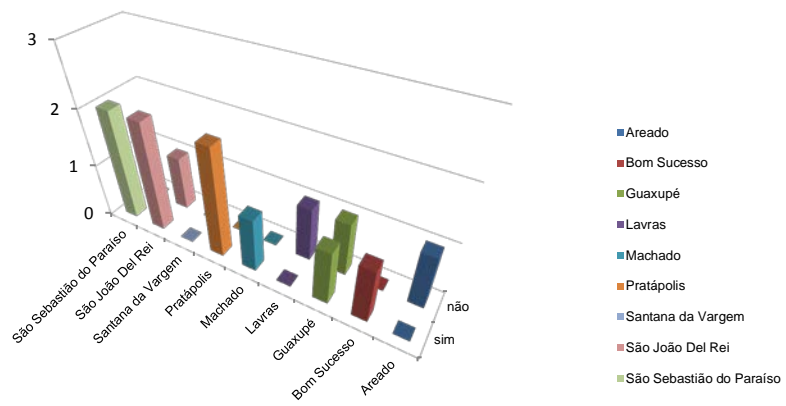
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
A moradia foi reformada?



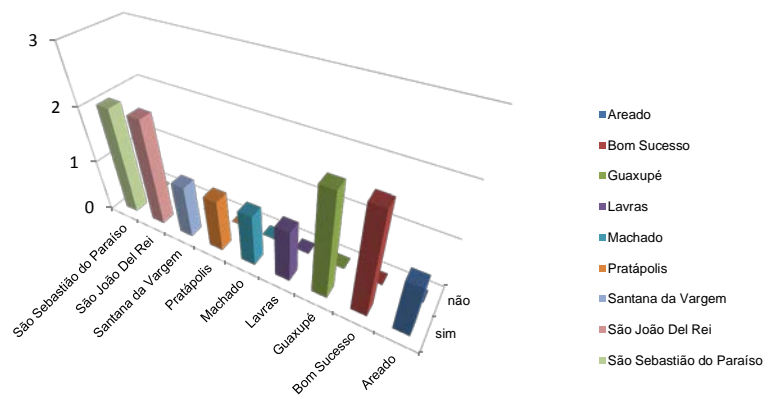
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
A moradia foi reformada?



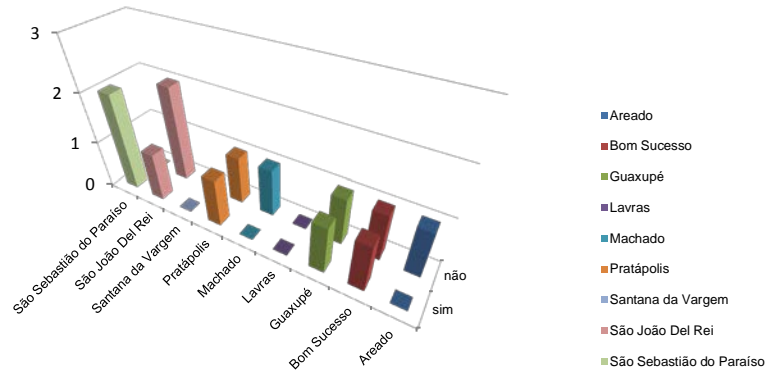
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Houve modificação do projeto original?



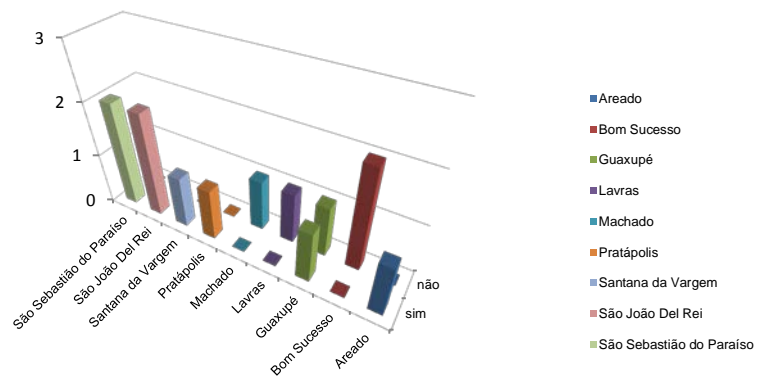
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Houve modificação do projeto original?



COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Houve acréscimo de área?

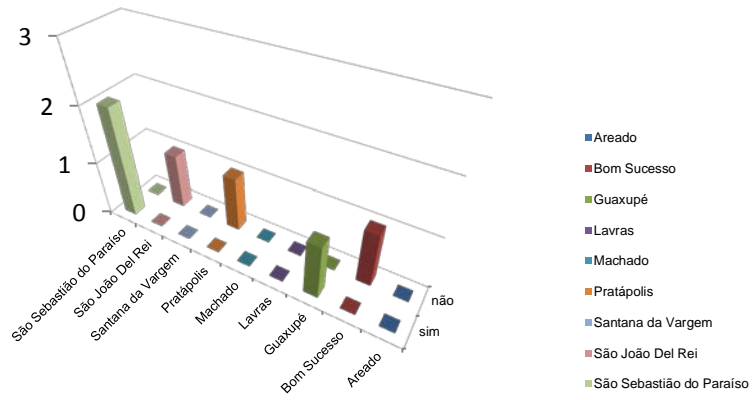


COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Houve acréscimo de área?



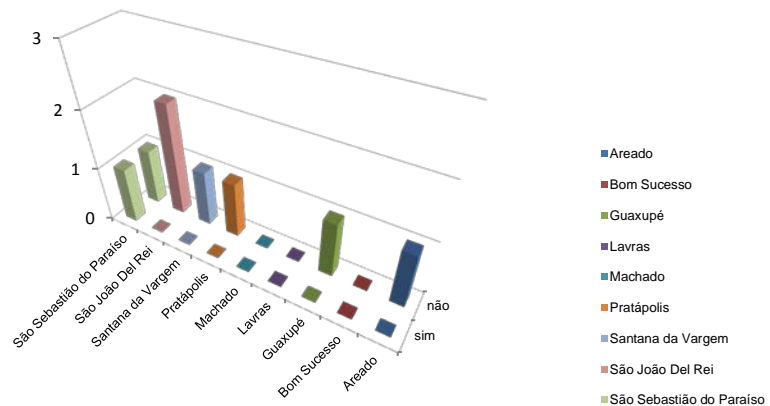
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade

Em caso de reforma com acréscimo, as alterações foram feitas com ajuda técnica de um profissional da área ou baseada no seu modelo de ampliação fornecido pela COHAB?

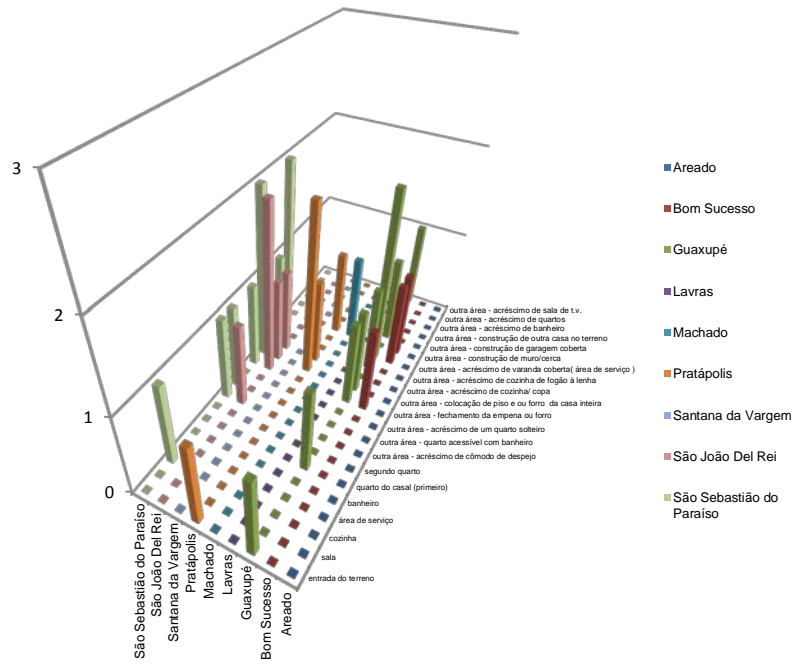


COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade

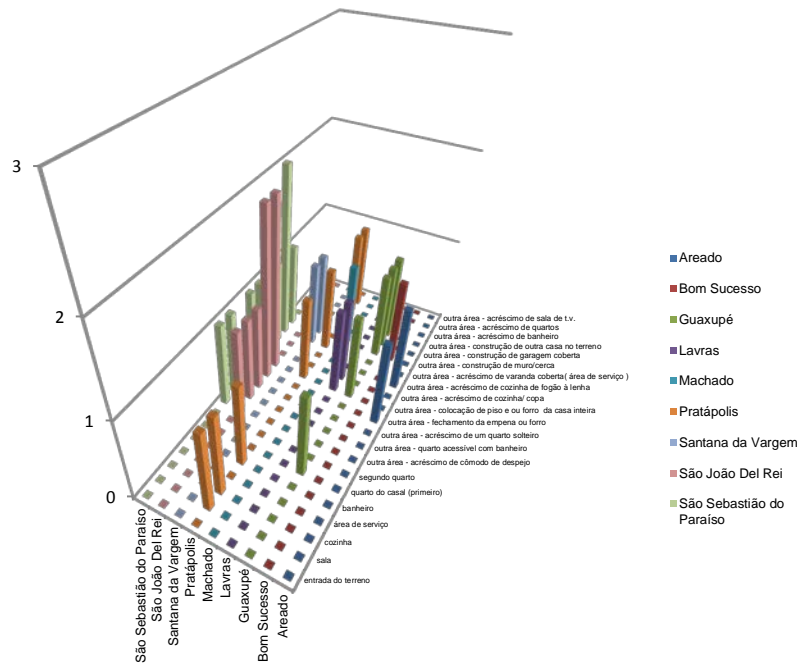
Em caso de reforma com acréscimo, as alterações foram feitas com ajuda técnica de um profissional da área ou baseada no seu modelo de ampliação fornecido pela COHAB?



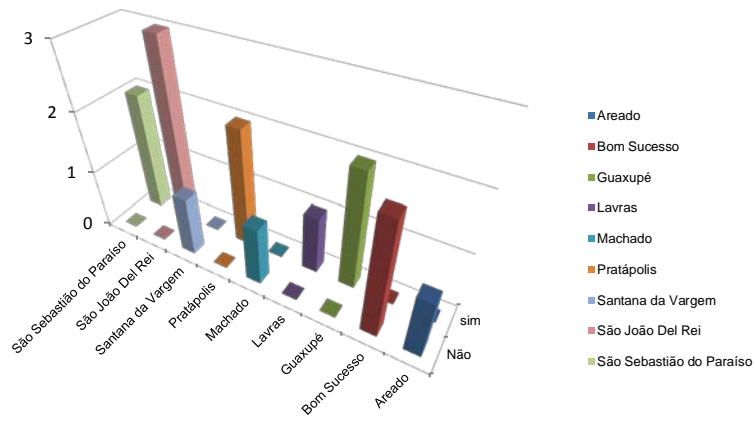
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual(is) a(s) área(s) modificada(s) (marque todas as pertinentes)?



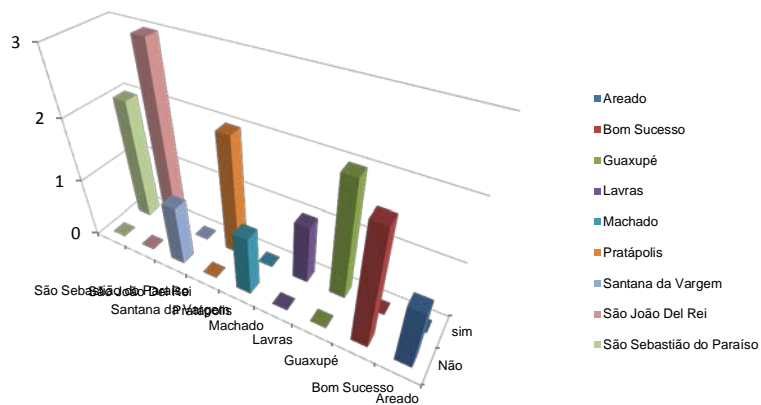
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual(is) a(s) área(s) modificada(s) (marque todas as pertinentes)?



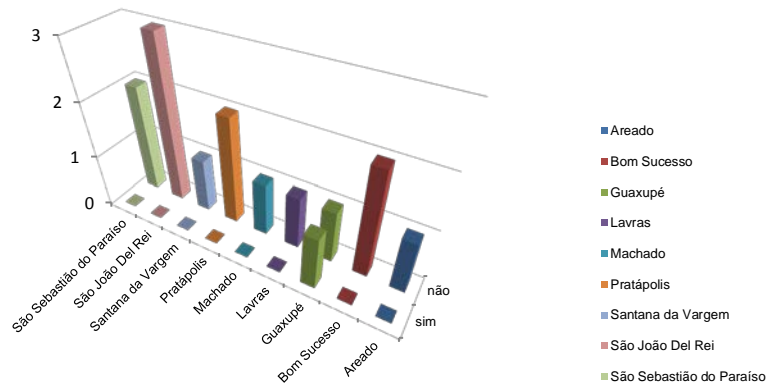
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Você possui geladeira?



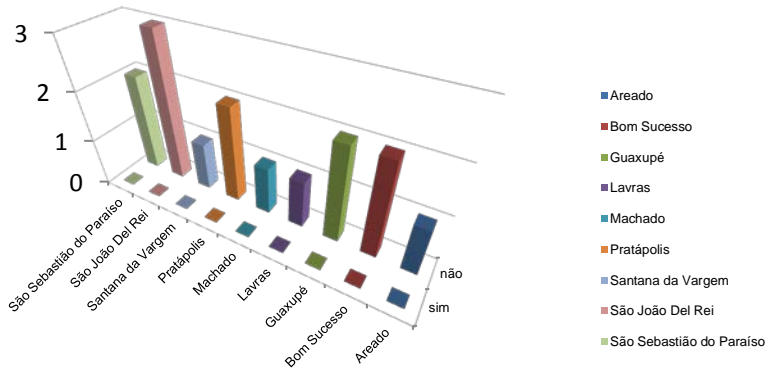
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Você possui geladeira?



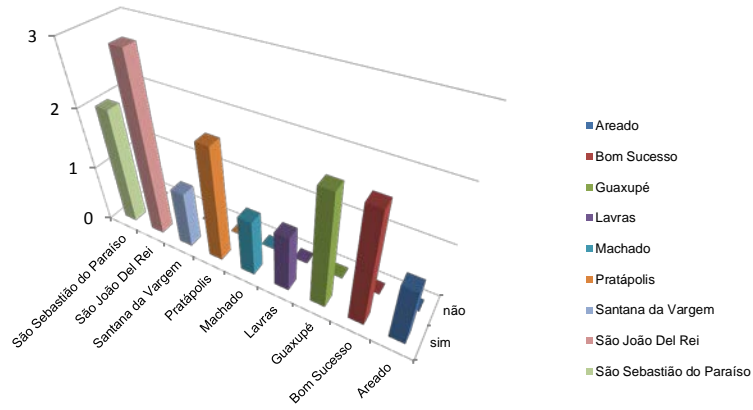
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



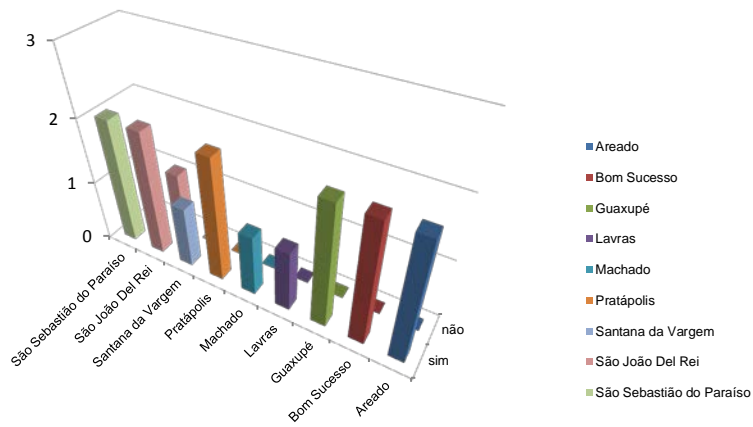
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



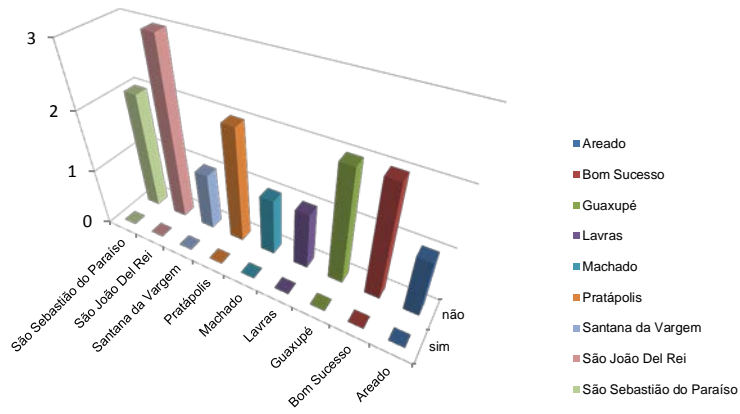
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Você possui fogão?



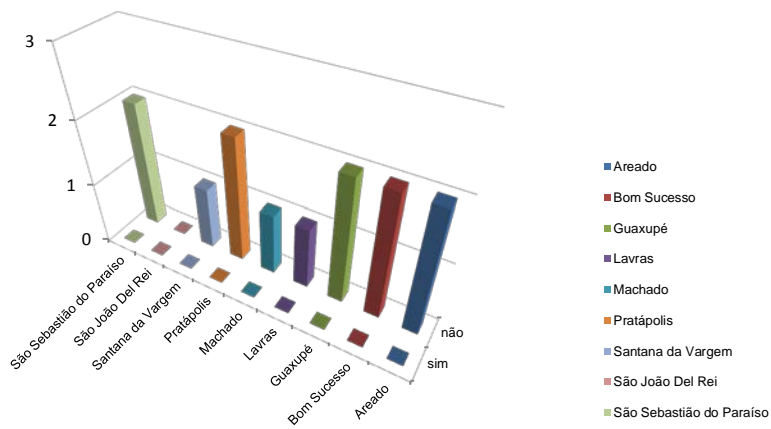
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Você possui fogão?



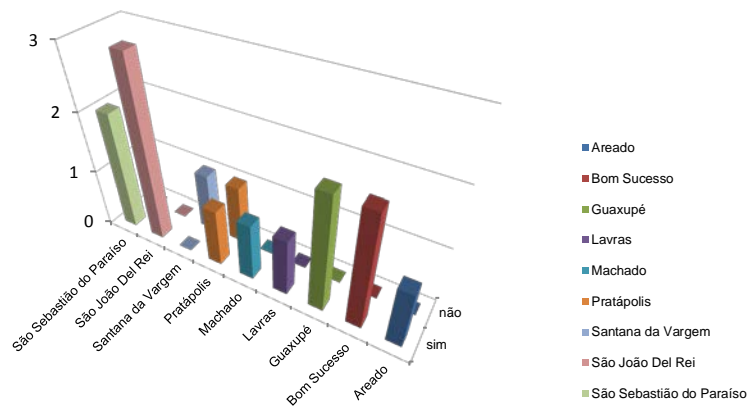
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



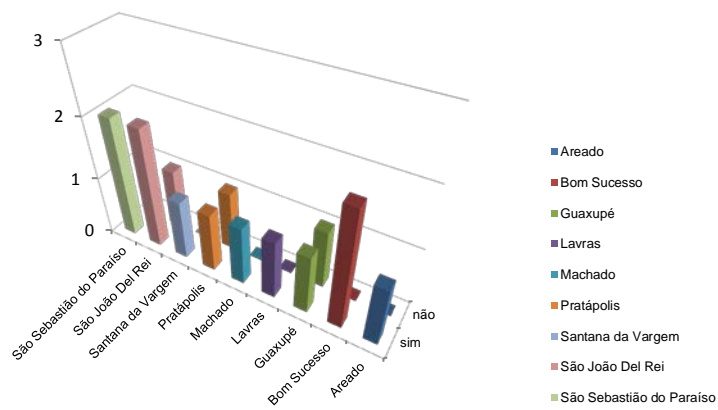
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



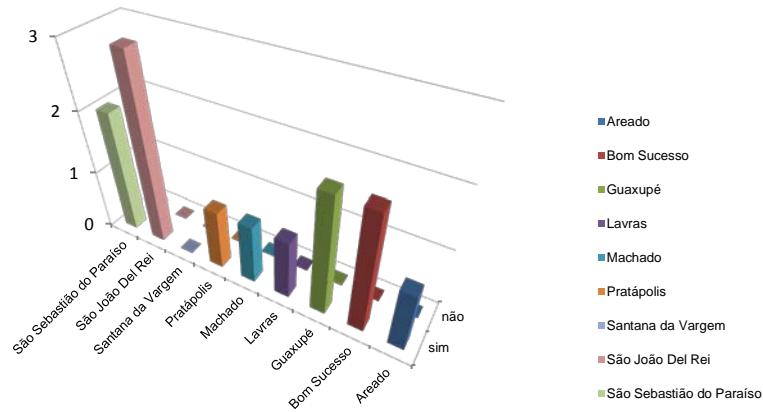
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Você possui máquina de lavar roupas?



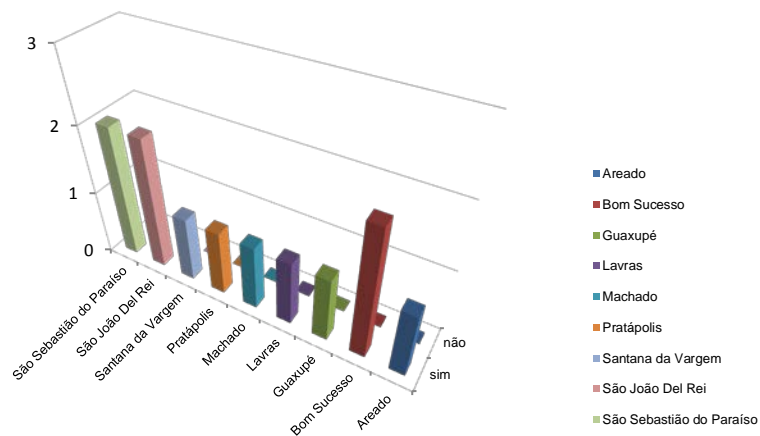
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Você possui máquina de lavar roupas?



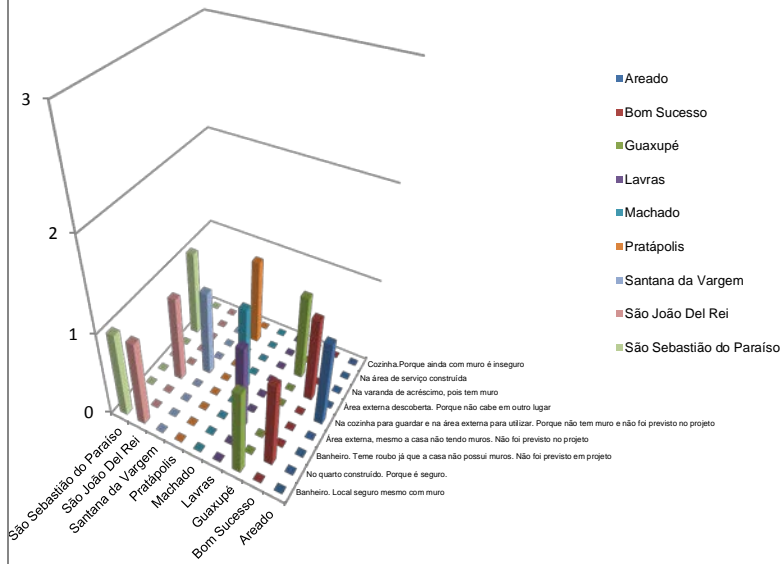
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



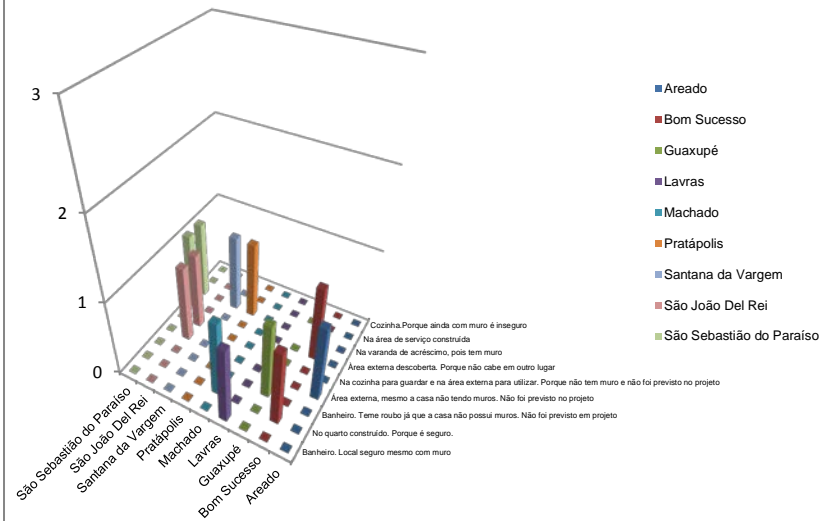
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



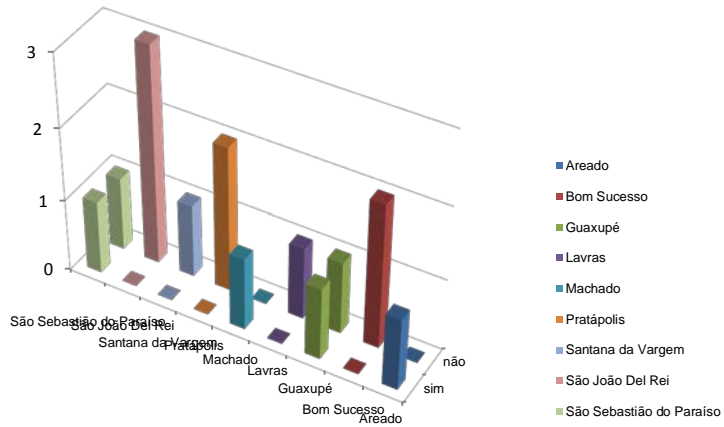
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Onde e Por quê está neste local?



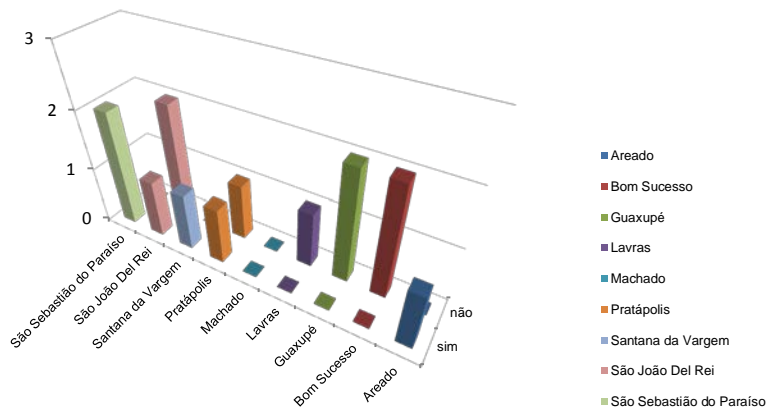
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Onde e Por quê está neste local?



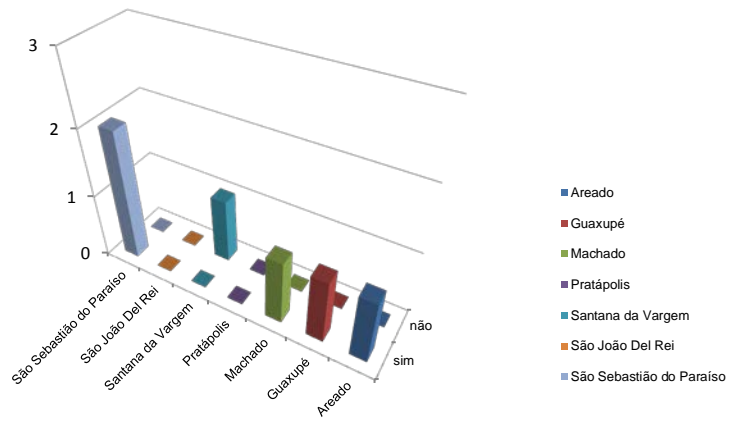
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Você possui mesa de passa roupas?



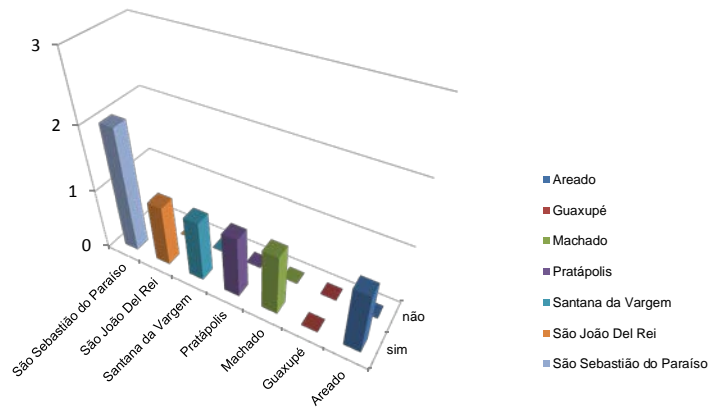
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Você possui mesa de passa roupas?



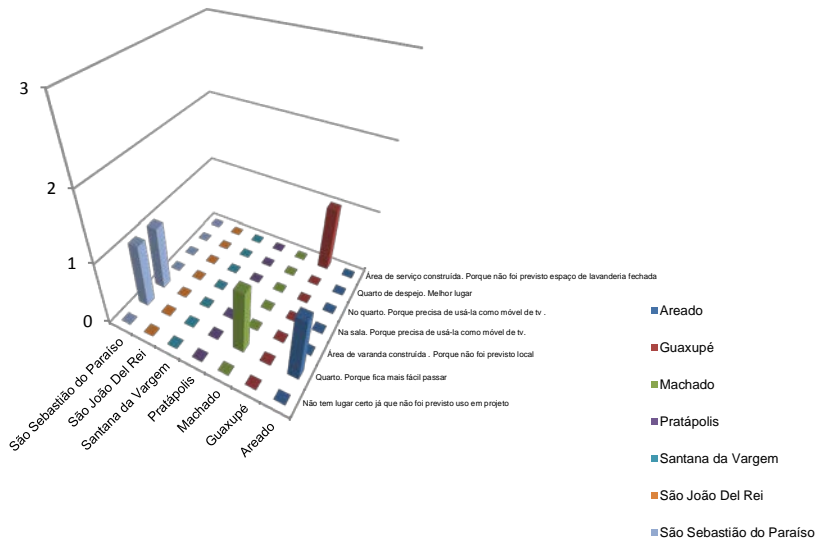
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



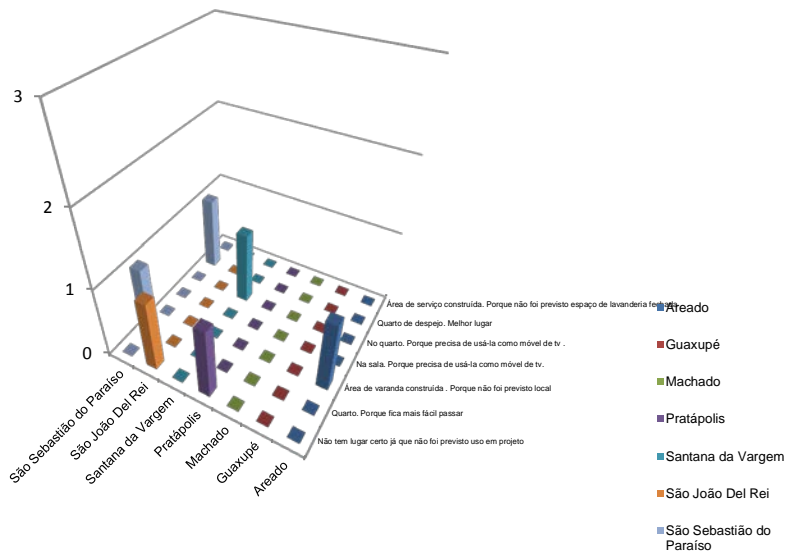
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



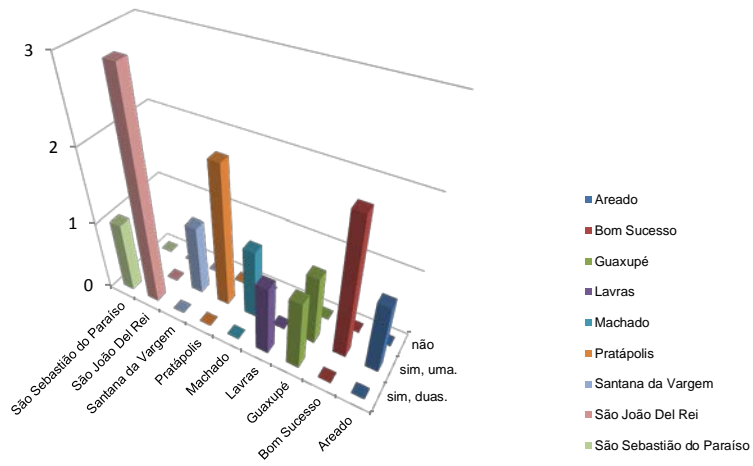
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Onde e Por que está neste local?



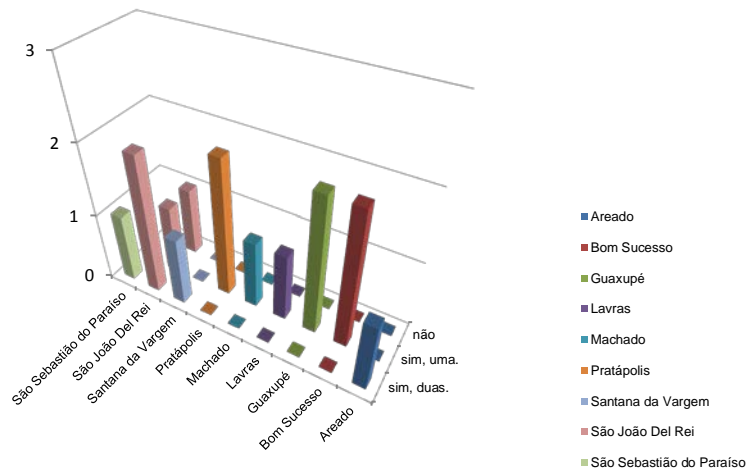
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Onde e Por que está neste local?



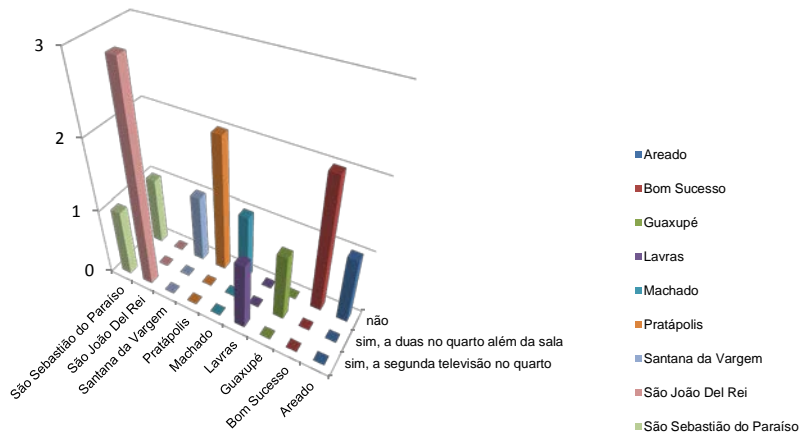
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Você possui televisão?



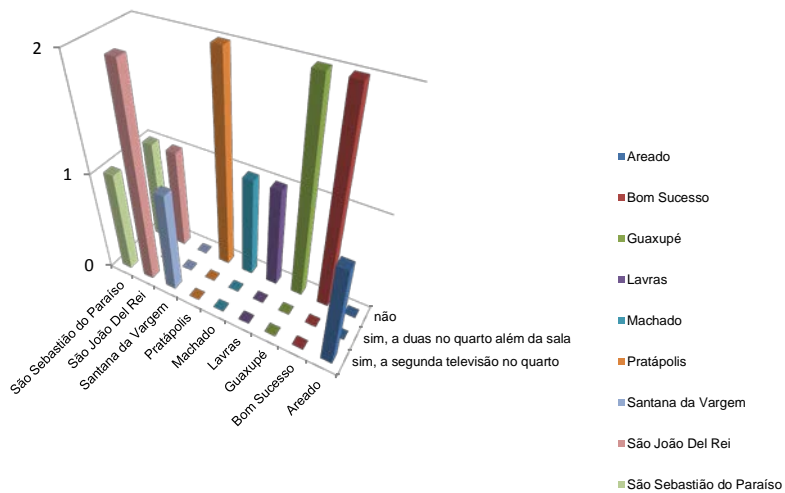
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Você possui televisão?



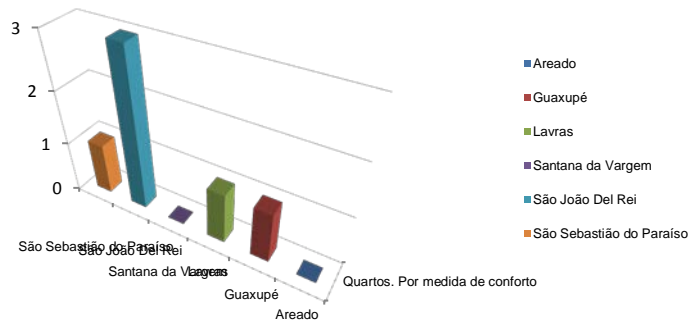
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



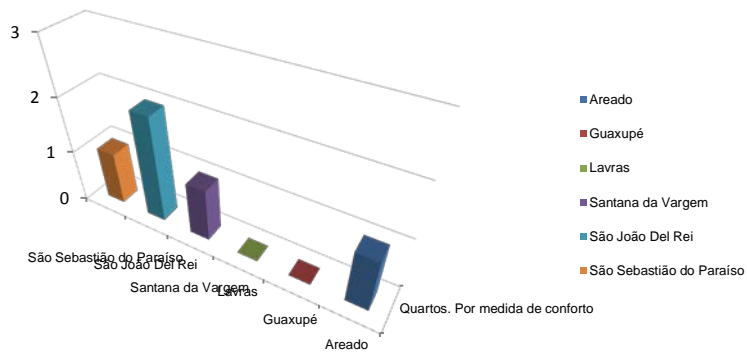
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



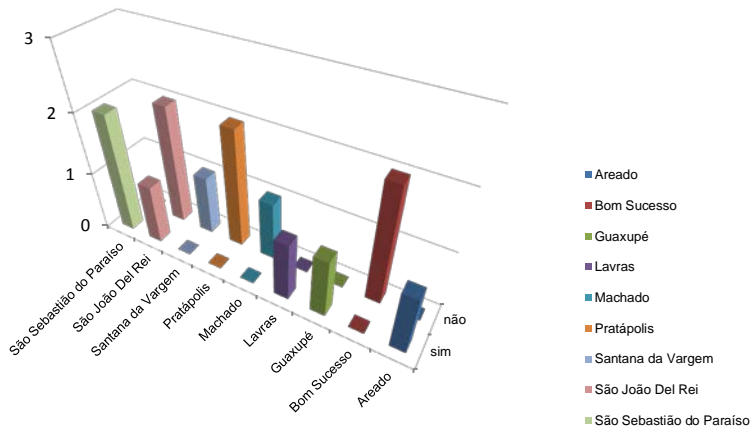
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Onde e Por que está neste local?



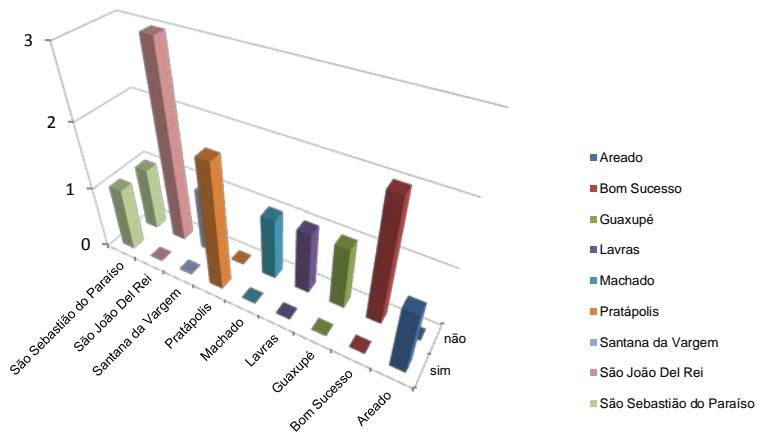
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Onde e Por que está neste local?



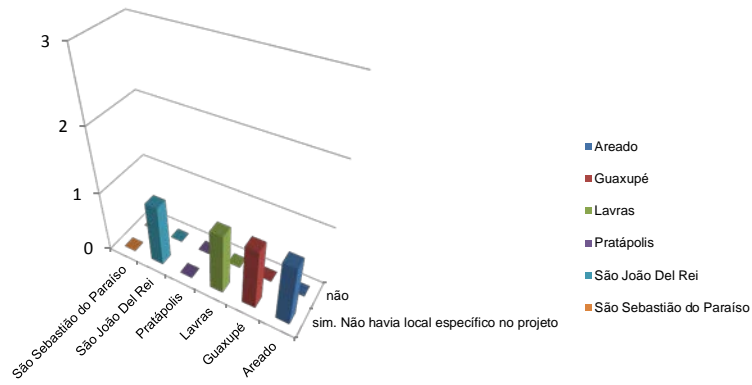
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Você possui computador?



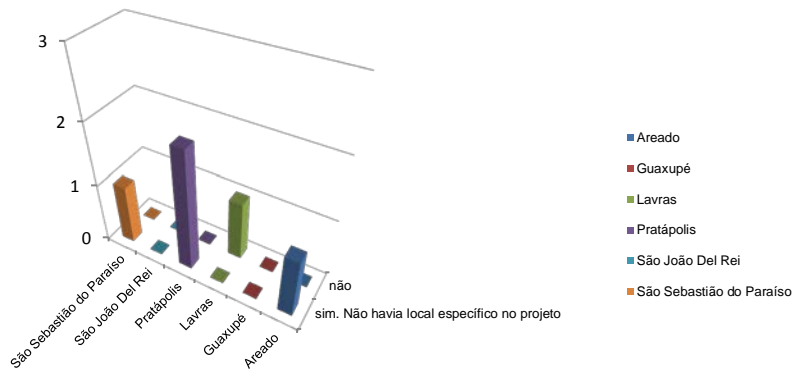
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Você possui computador?



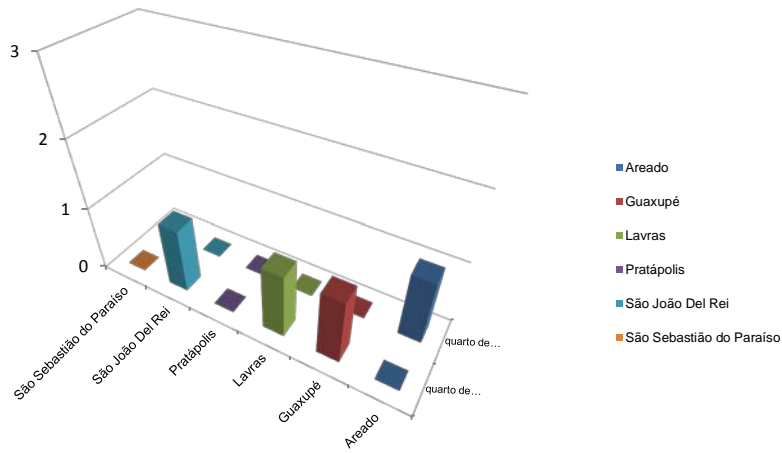
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



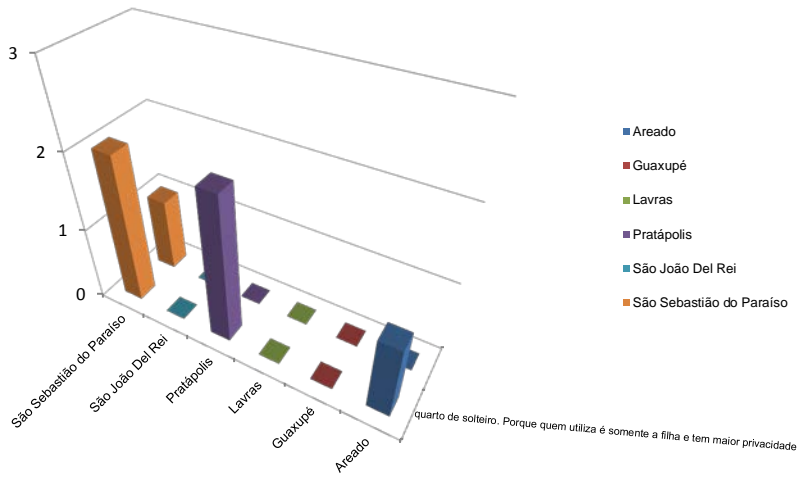
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



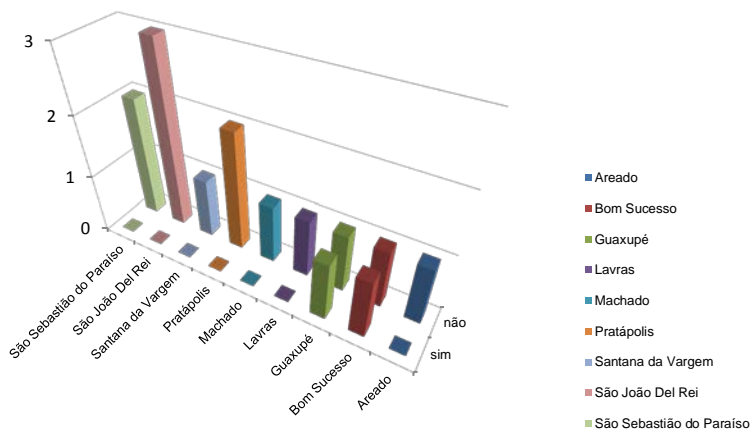
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Onde e Por que está neste local?



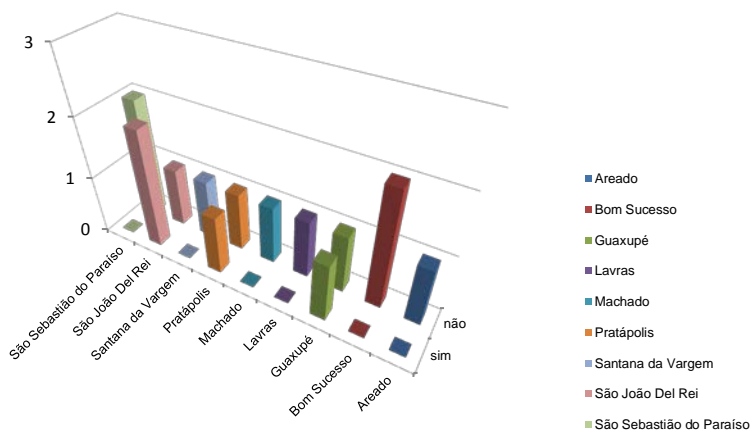
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Onde e Por que está neste local?



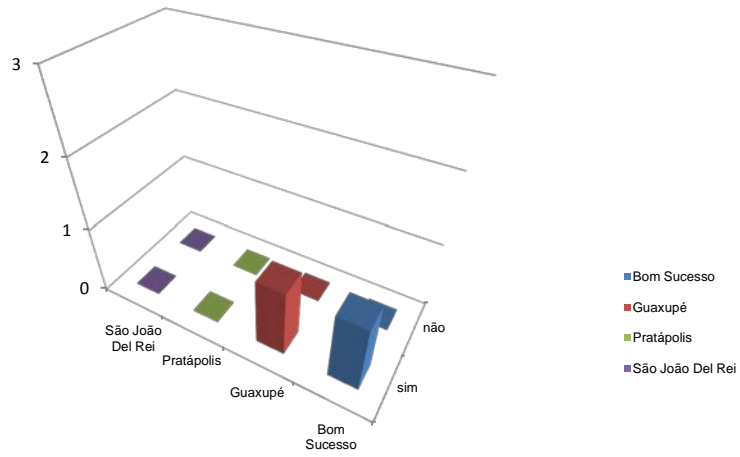
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Você possui automóvel?



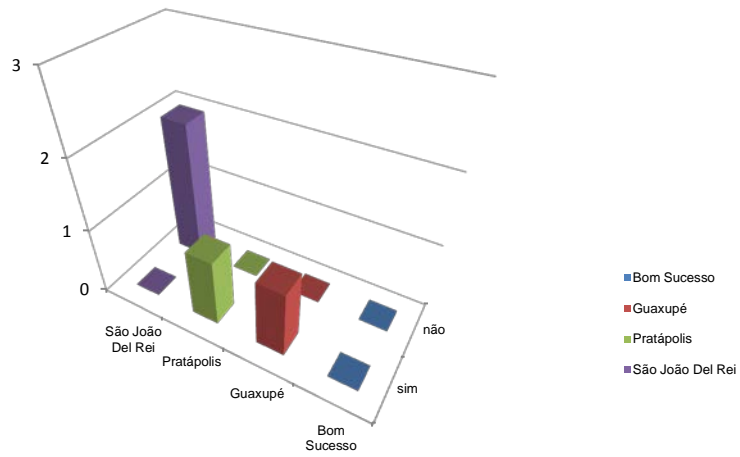
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Você possui automóvel?



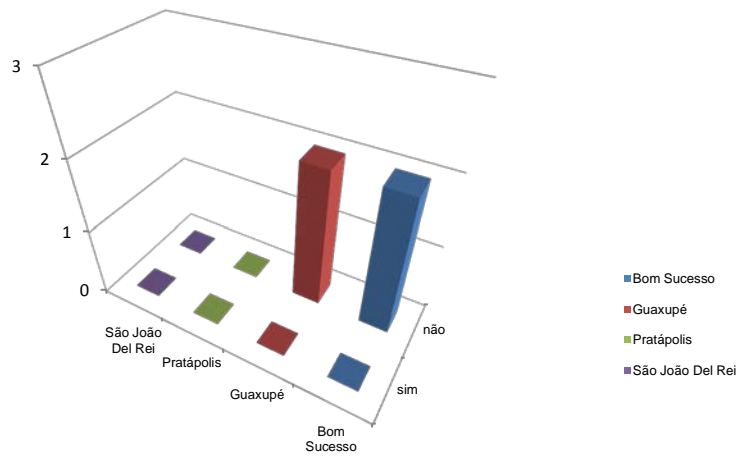
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



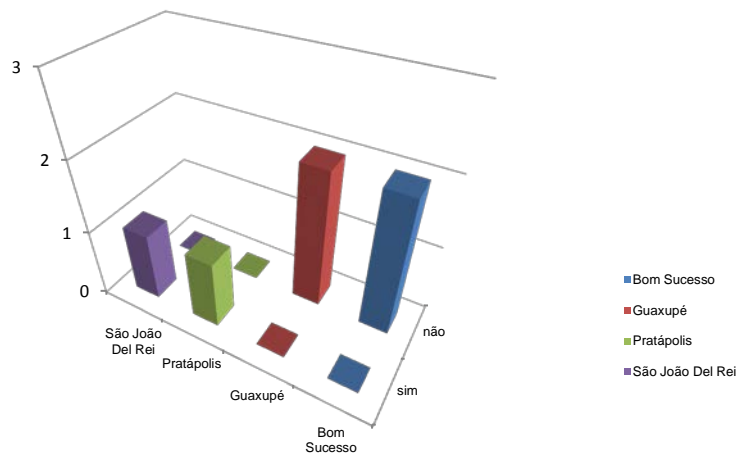
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



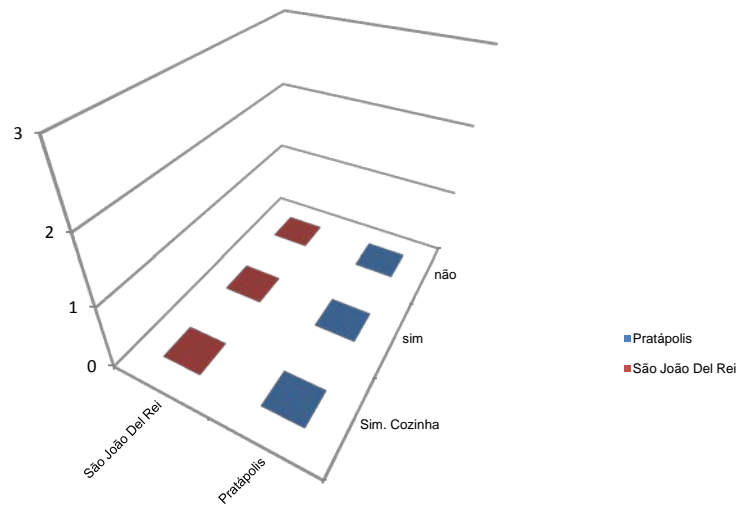
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Você outos equipamentos, eletromésticos ou veículos?



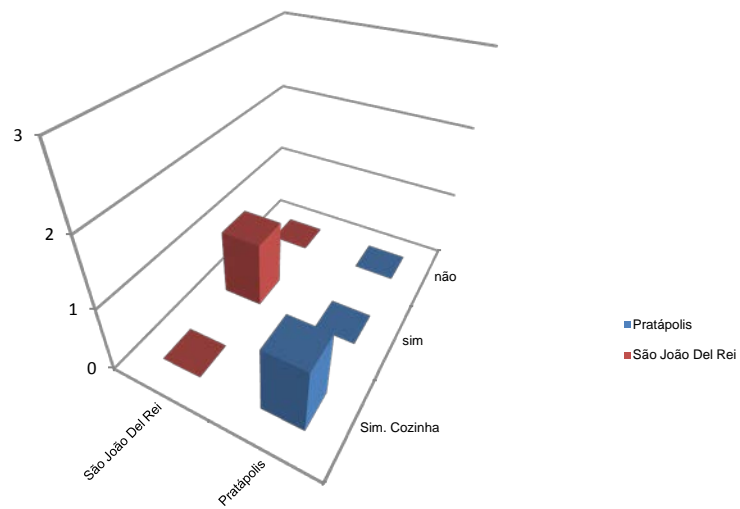
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Você outos equipamentos, eletromésticos ou veículos?



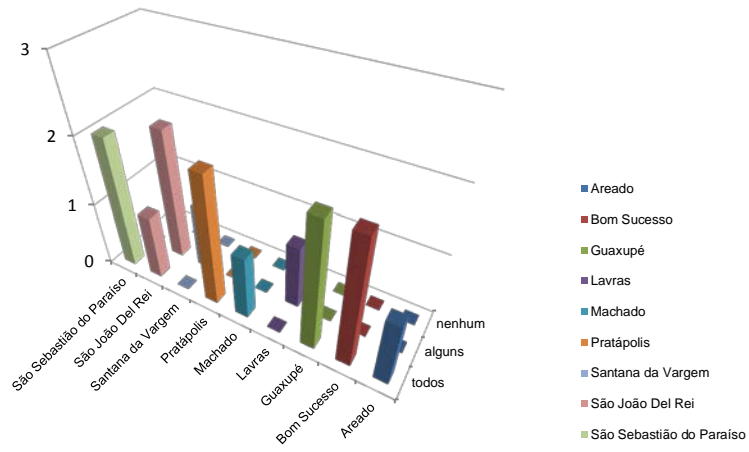
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



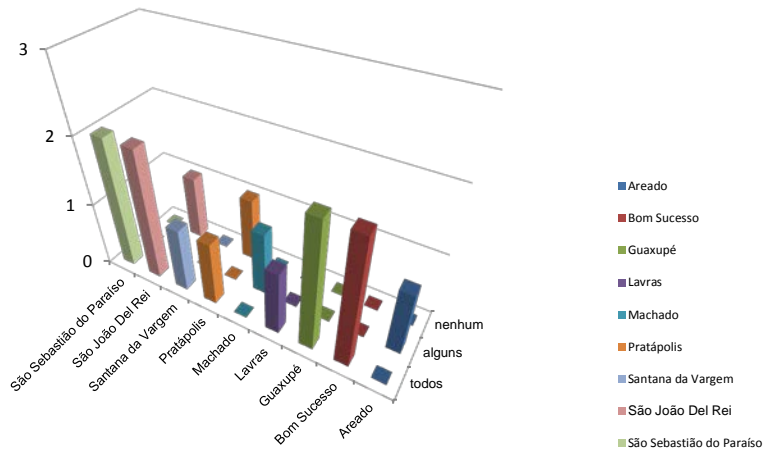
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Local diferente do projeto original?



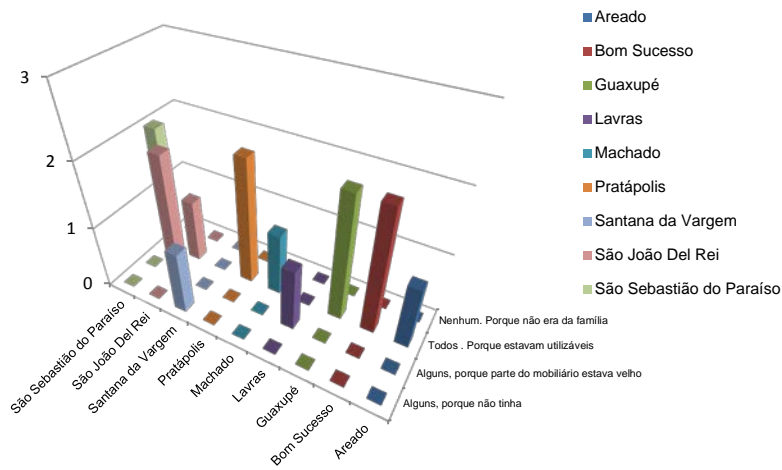
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 O mobiliário foi trazido de moradia anterior?



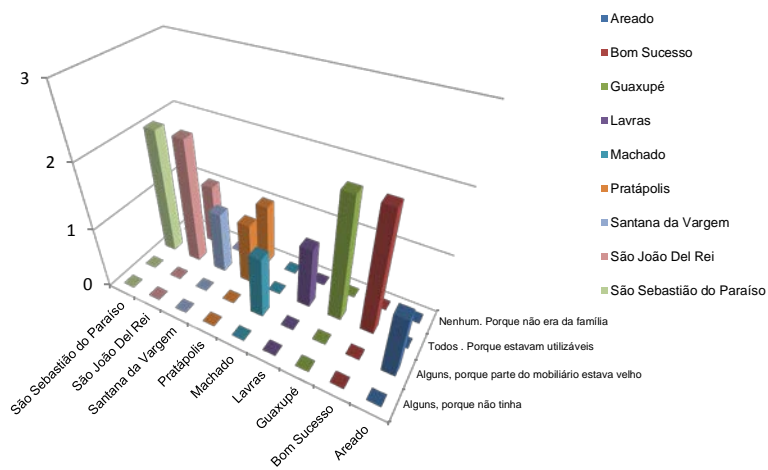
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 O mobiliário foi trazido de moradia anterior?



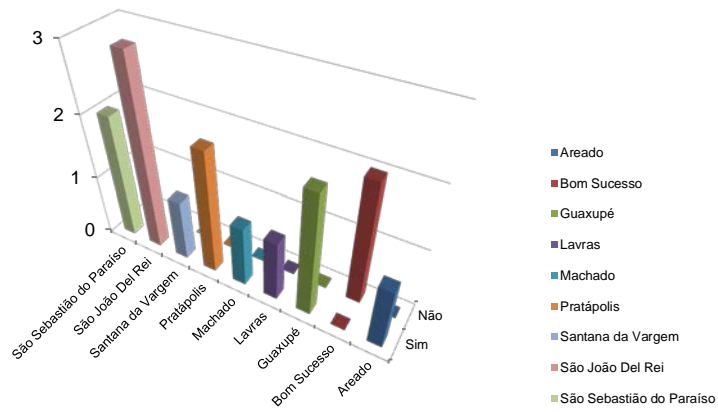
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Por quê?



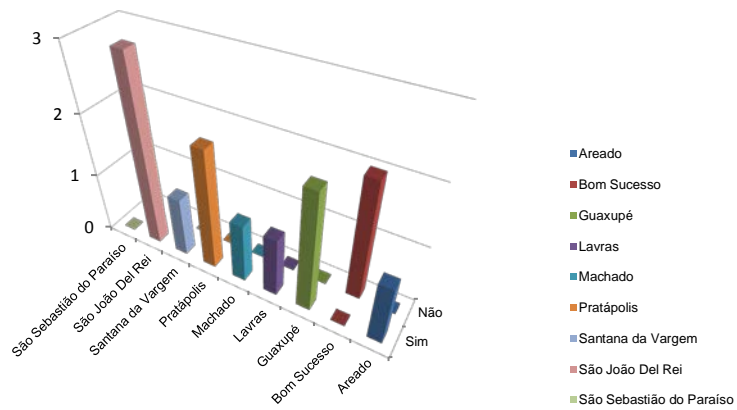
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Por quê?



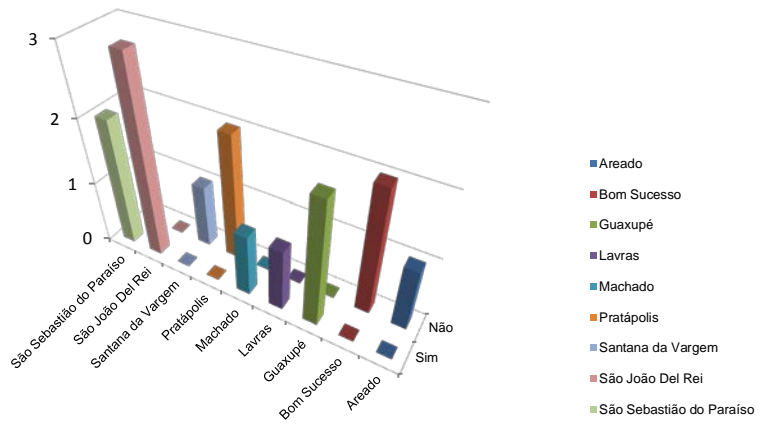
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: A rua da moradia é pavimentada?



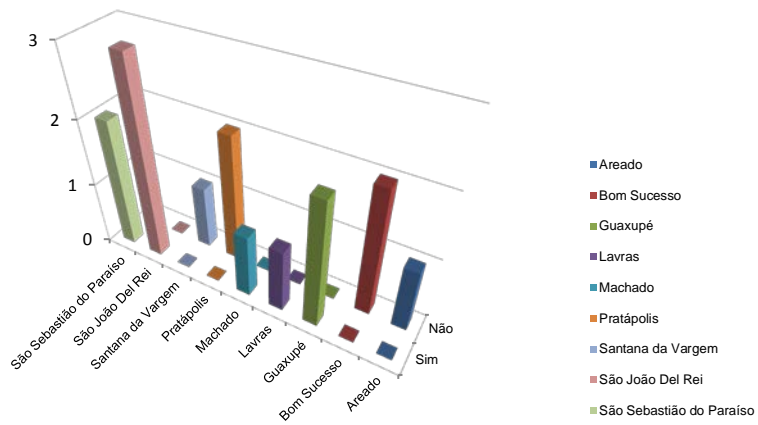
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: A rua da moradia é pavimentada?



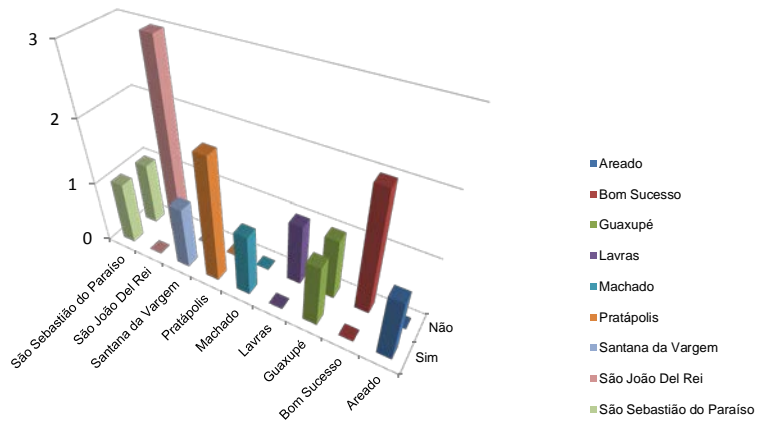
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há transporte urbano acessível?



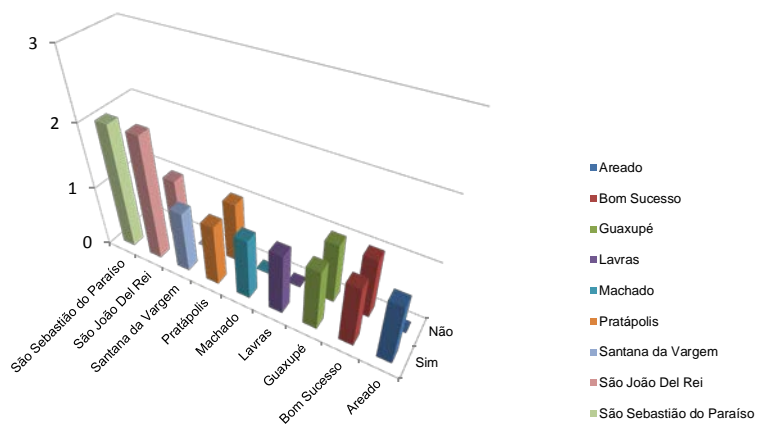
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há transporte urbano acessível?



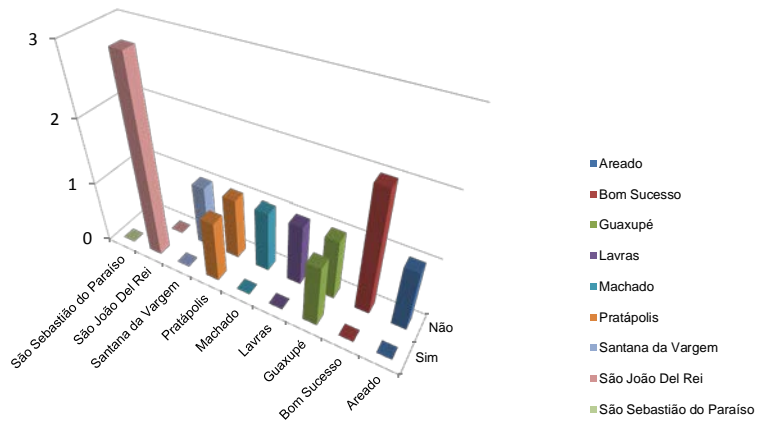
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: As pessoas estacionam o carro na via?



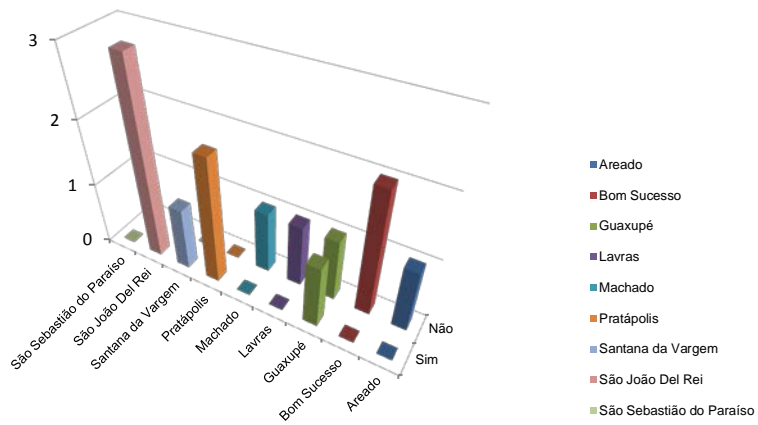
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: As pessoas estacionam o carro na via?



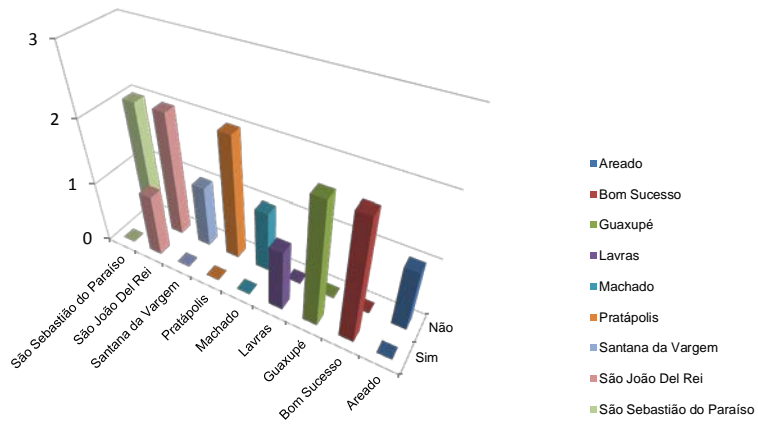
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há passeios/calçadas no conjunto?



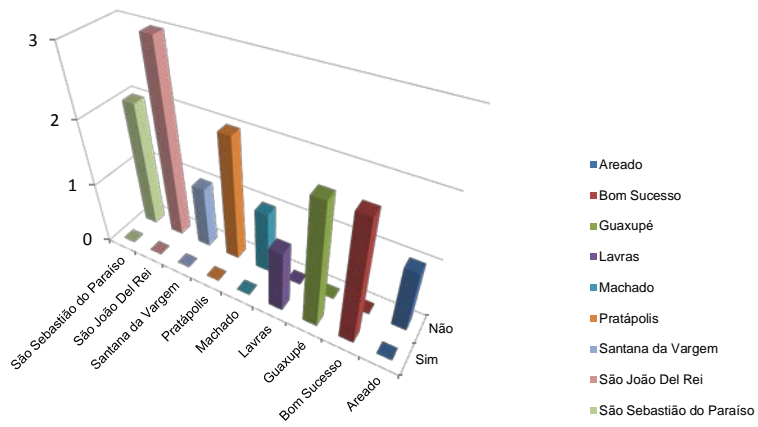
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há passeios/calçadas no conjunto?



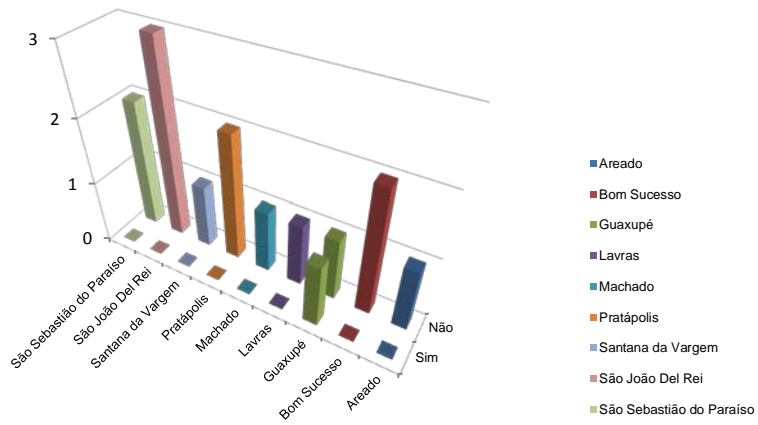
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há jardins/praças no conjunto?



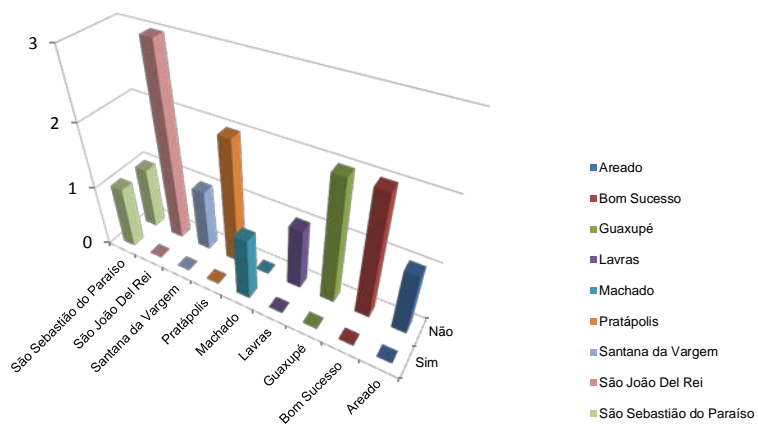
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há jardins/praças no conjunto?



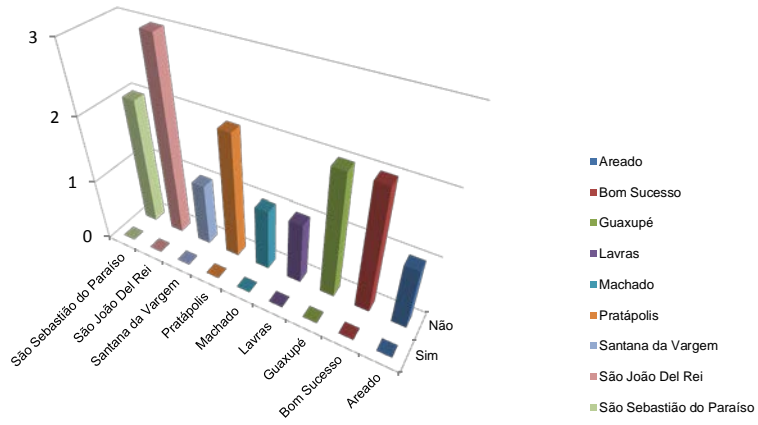
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui quadra de esportes?



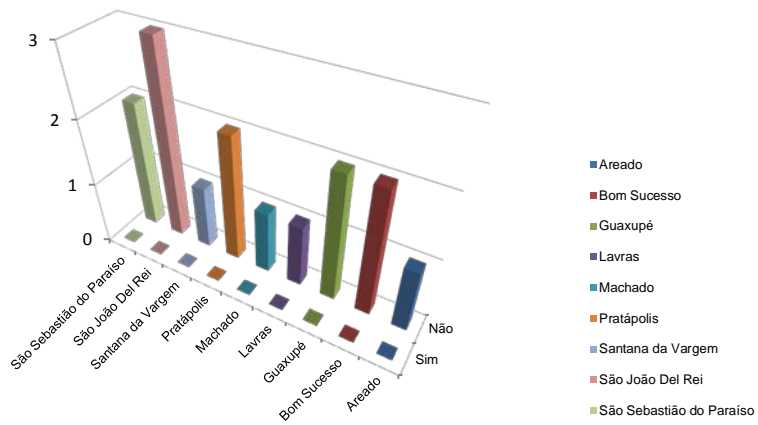
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui quadra de esportes?



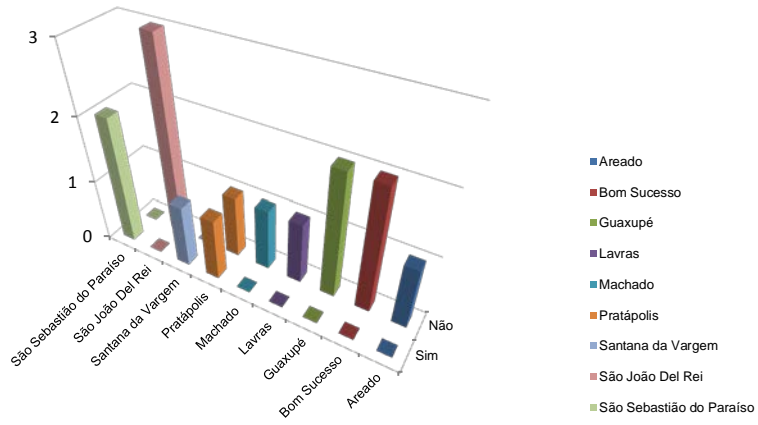
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui playground?



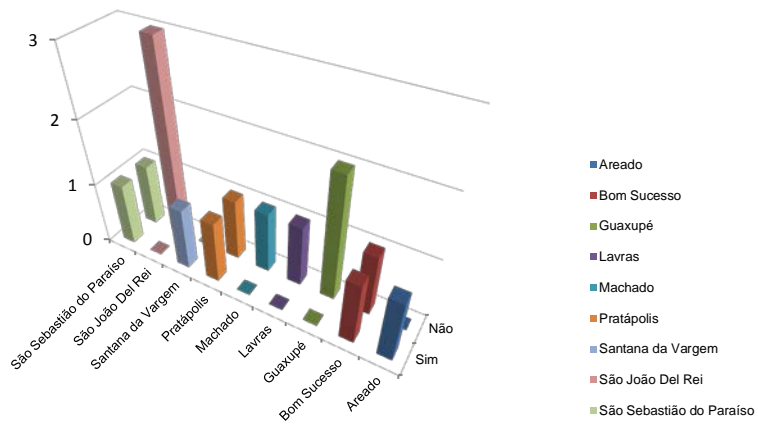
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui playground?



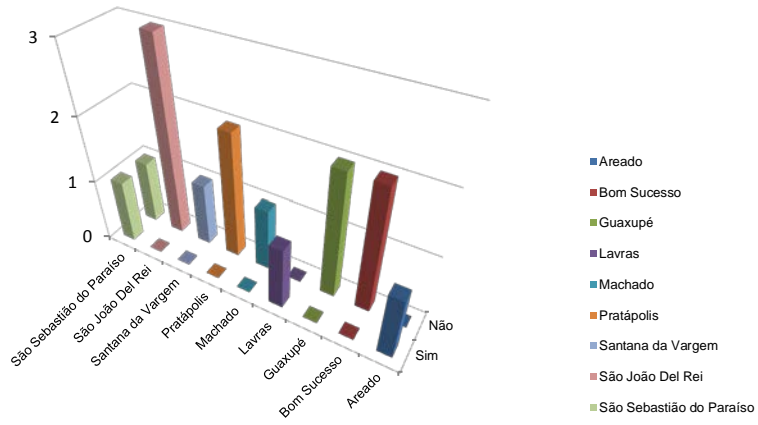
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comercial?



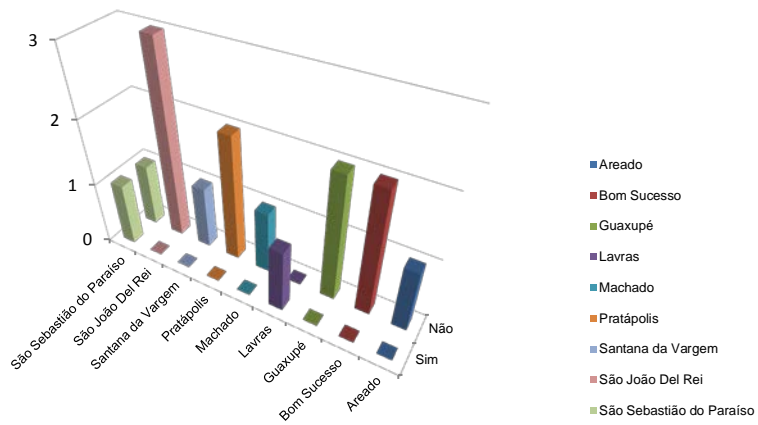
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comercial?



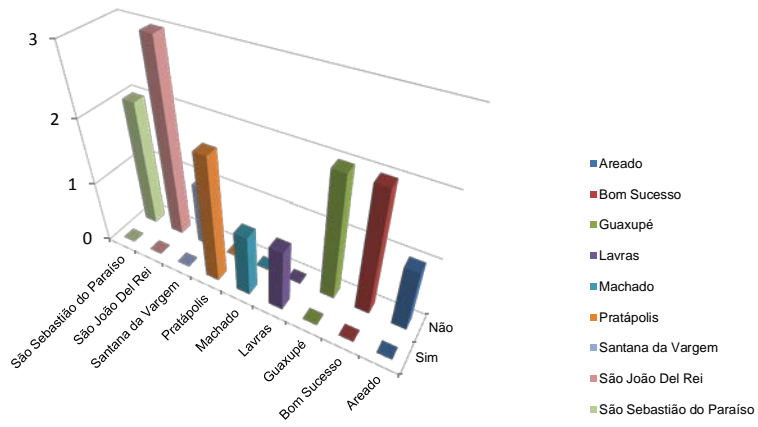
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comunitário?



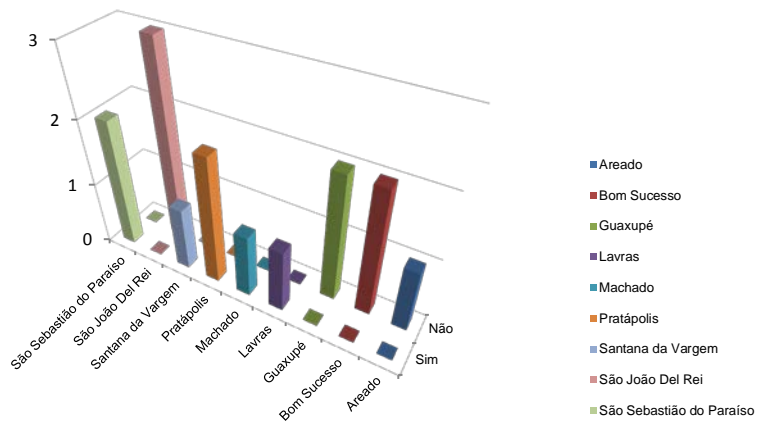
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comunitário?



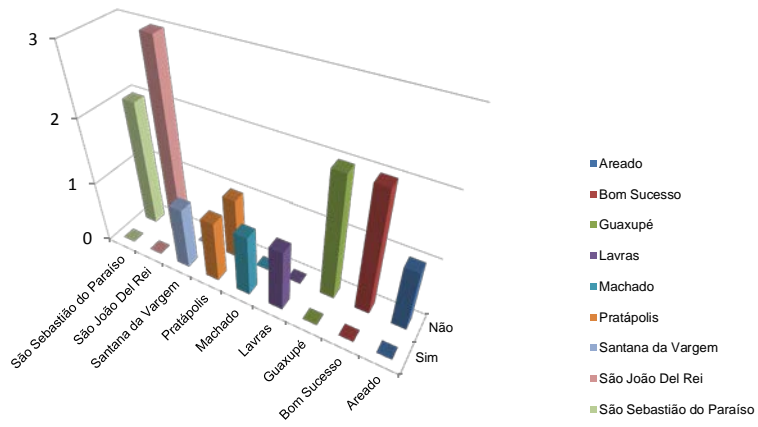
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui creche?



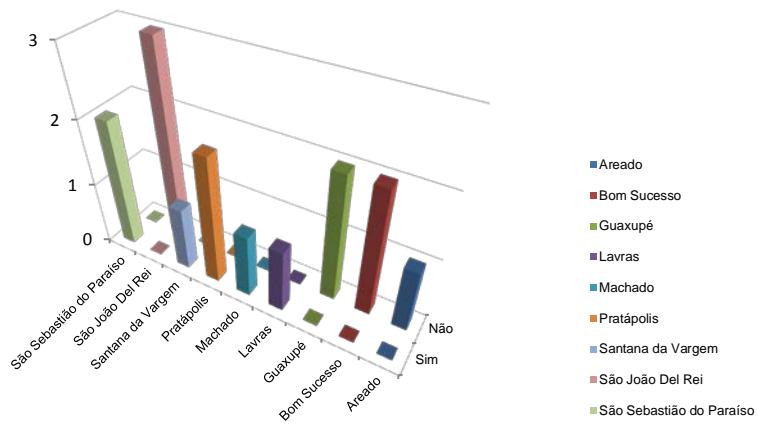
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui creche?



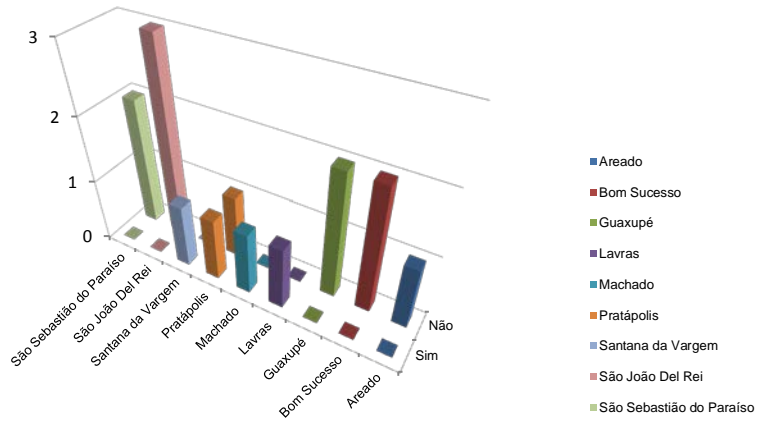
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui escola?



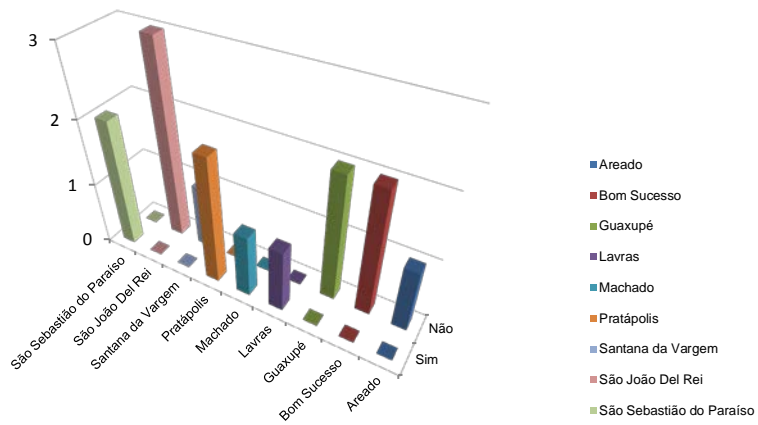
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui escola?



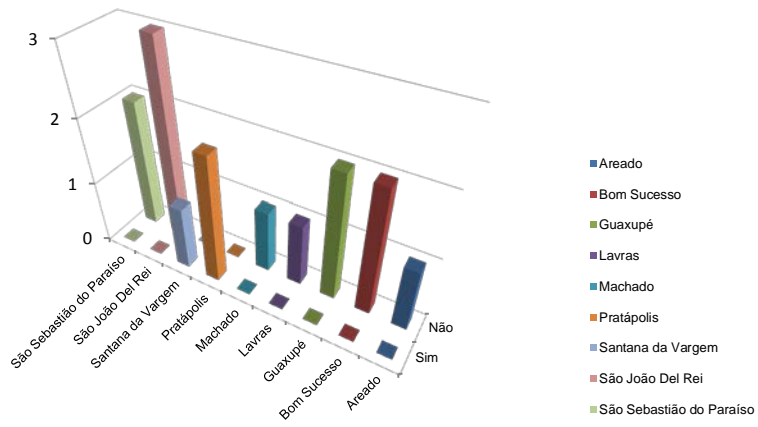
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui posto de saúde?



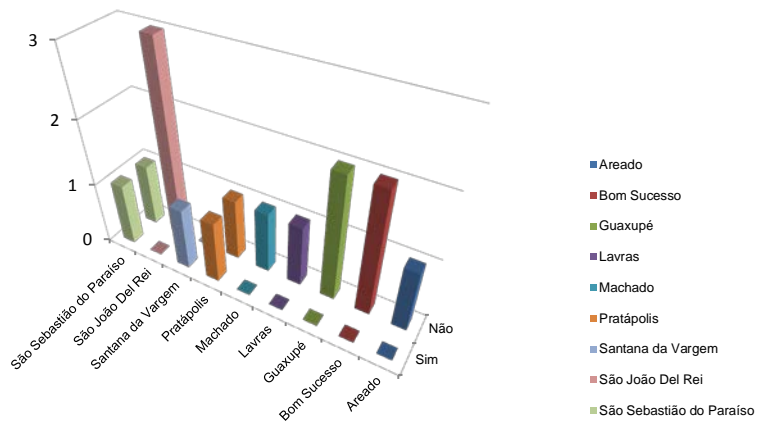
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui posto de saúde?



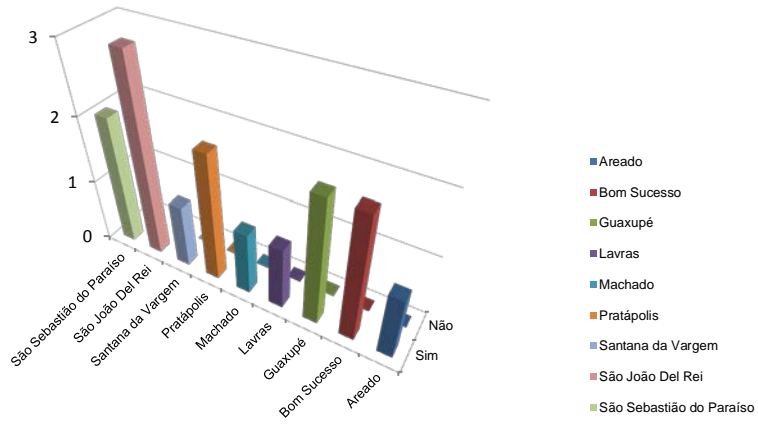
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui unidade fisioterápica?



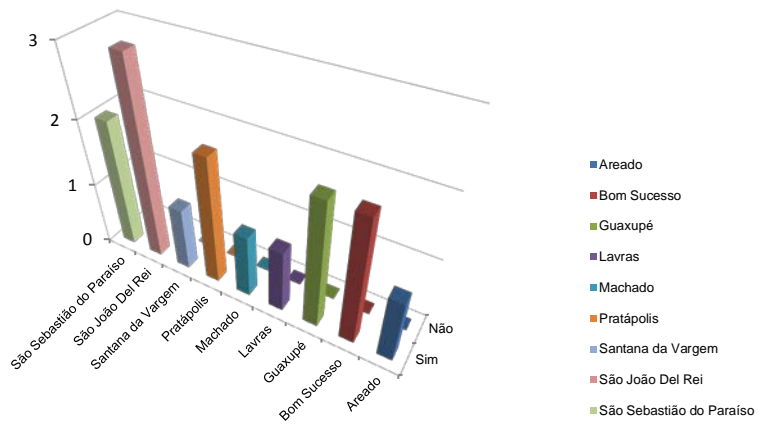
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui unidade fisioterápica?



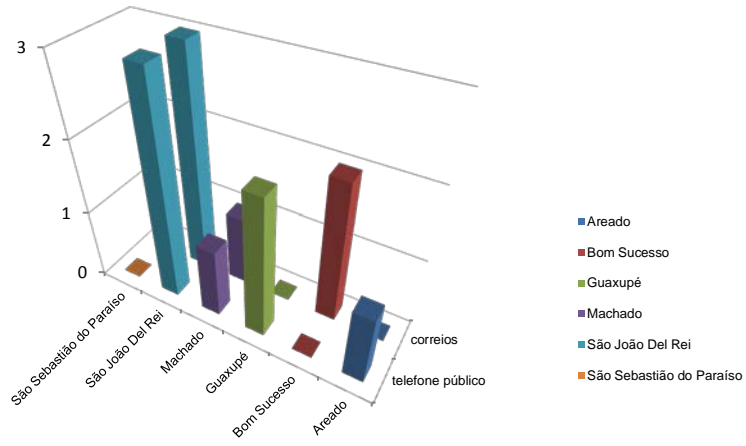
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui serviço de coleta de lixo?



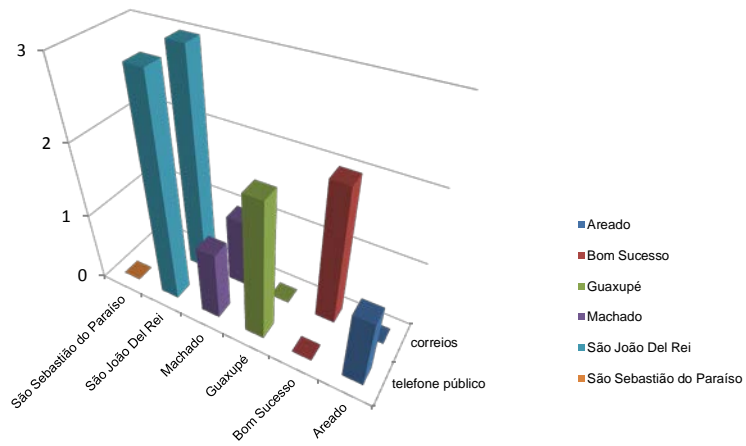
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui serviço de coleta de lixo?



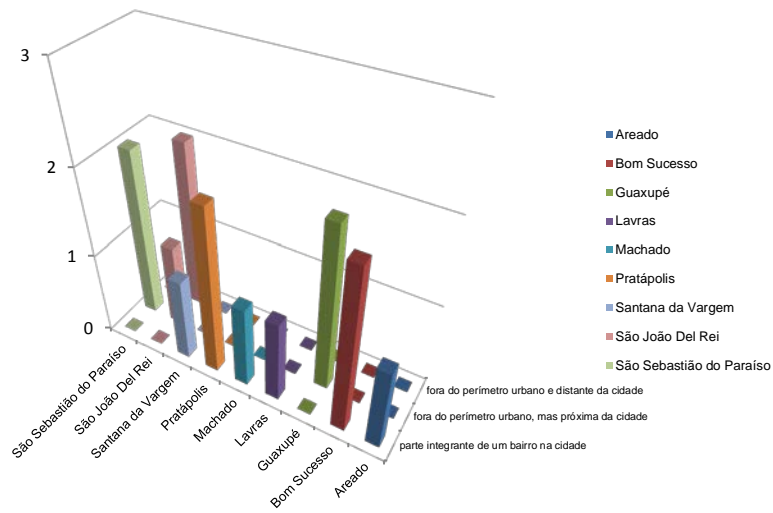
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual(is) outro(s) serviço(s)/local(is) é(são) necessário(s) para inclusão de atendimento à população no conjunto?



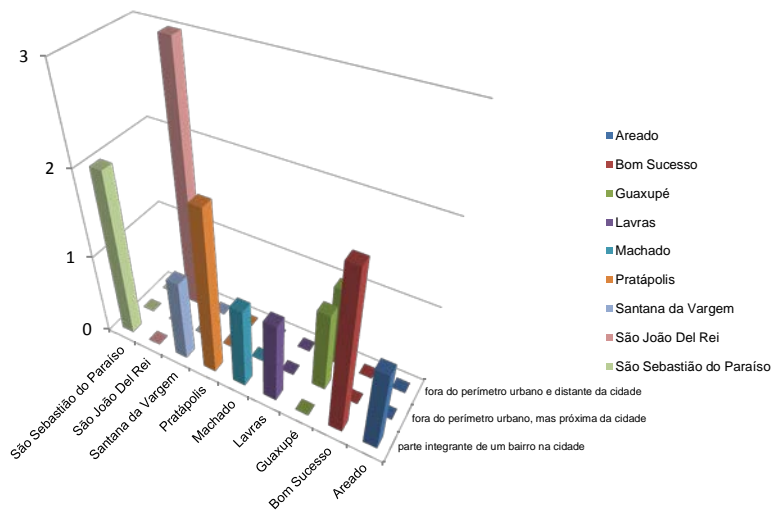
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual(is) outro(s) serviço(s)/local(is) é(são) necessário(s) para inclusão de atendimento à população no conjunto?



COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual a localização do conjunto relativa à cidade?



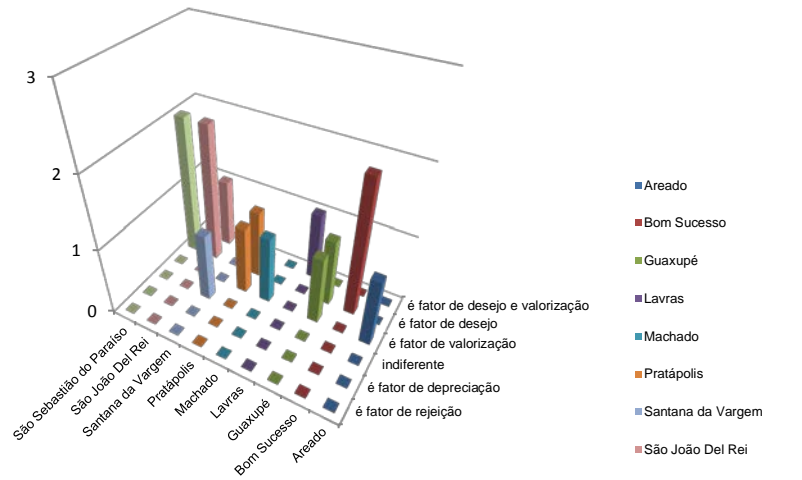
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual a localização do conjunto relativa à cidade?



COMPARATIVO GERAL

Casas projetadas para acessibilidade

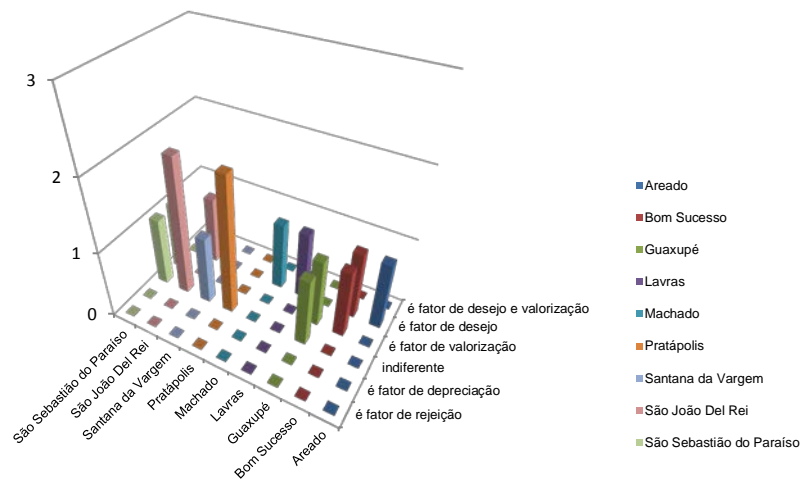
Quais as percepções dos moradores e vizinhança sobre a casa projetada especialmente para ser acessível em relação às demais (como a casa pode ser comparada com as demais)?



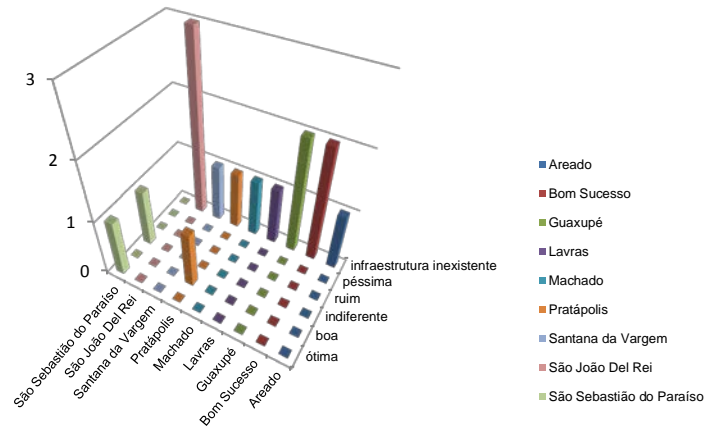
COMPARATIVO GERAL

Casas não projetadas para acessibilidade

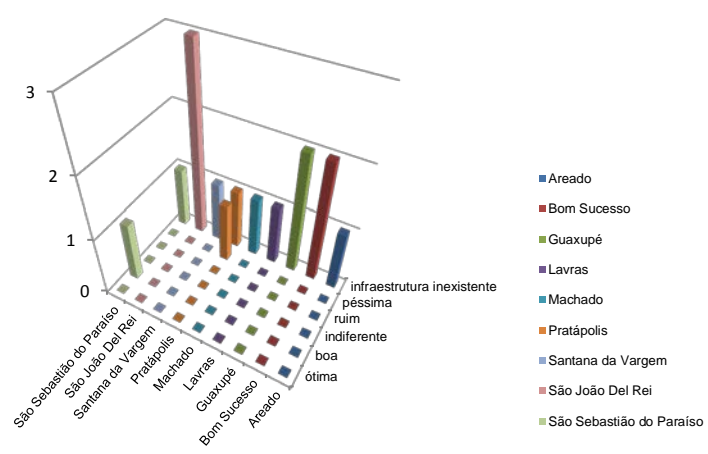
Quais as percepções dos moradores e vizinhança sobre a casa projetada especialmente para ser acessível em relação às demais (como a casa pode ser comparada com as demais)?



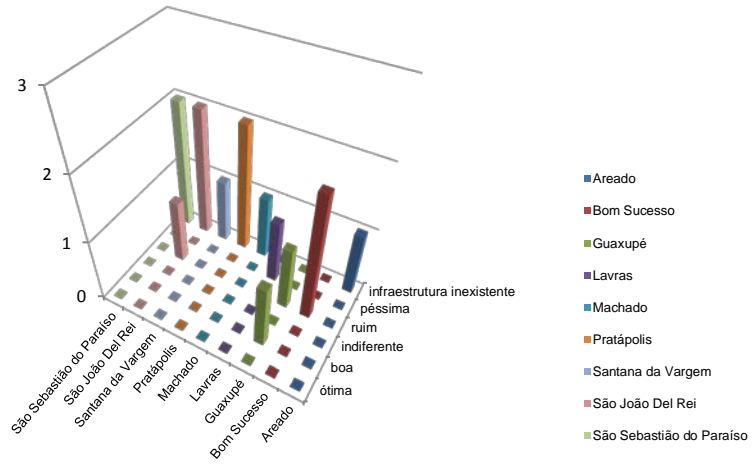
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do centro comunitário no conjunto habitacional?



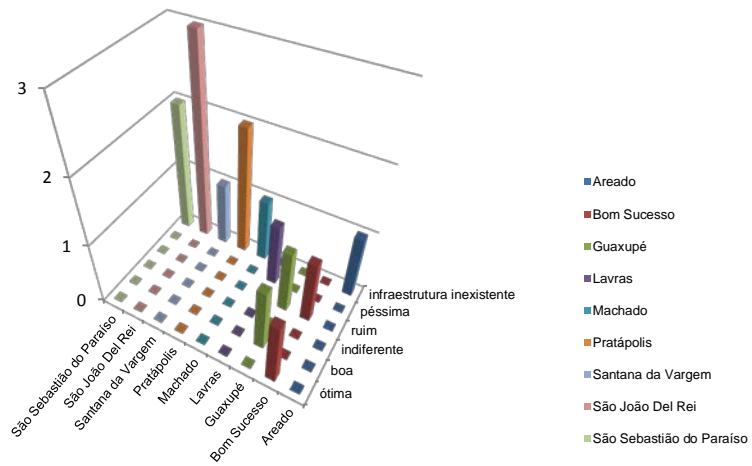
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do centro comunitário no conjunto habitacional?



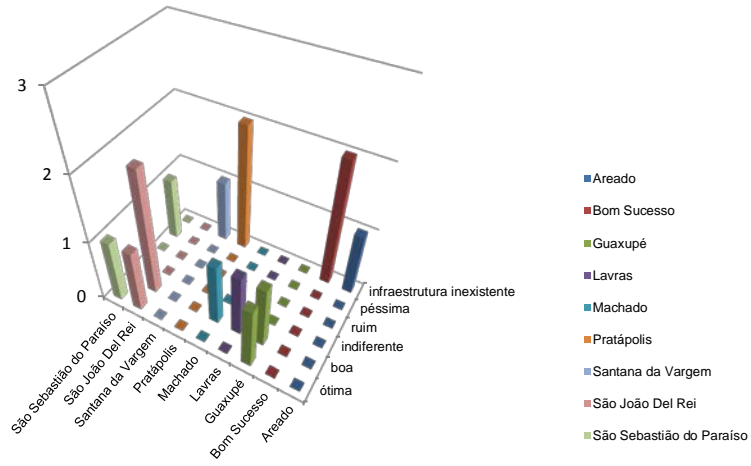
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da praça no conjunto habitacional?



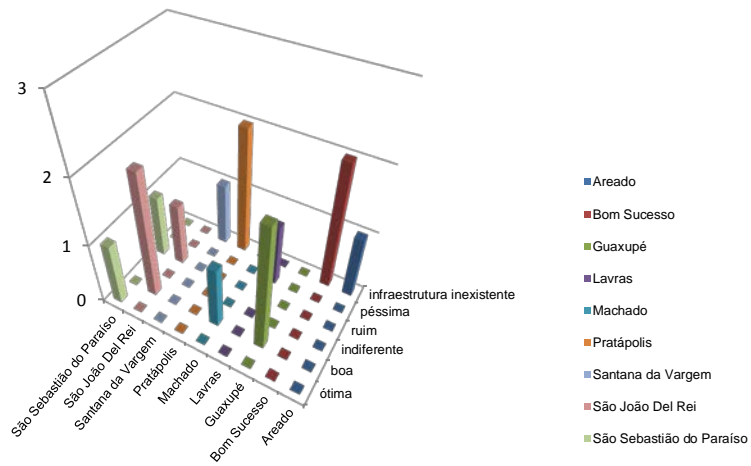
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da praça no conjunto habitacional?



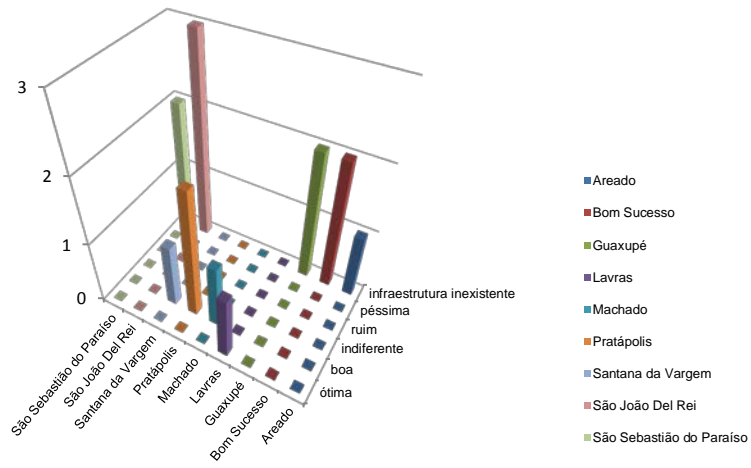
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do transporte urbano no conjunto habitacional?



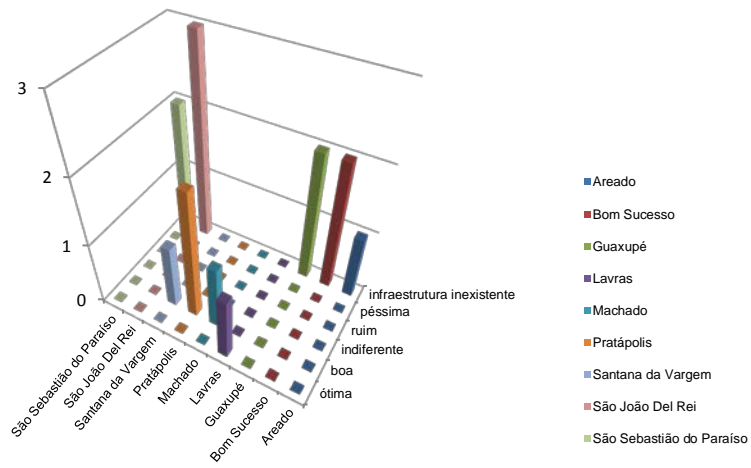
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do transporte urbano no conjunto habitacional?



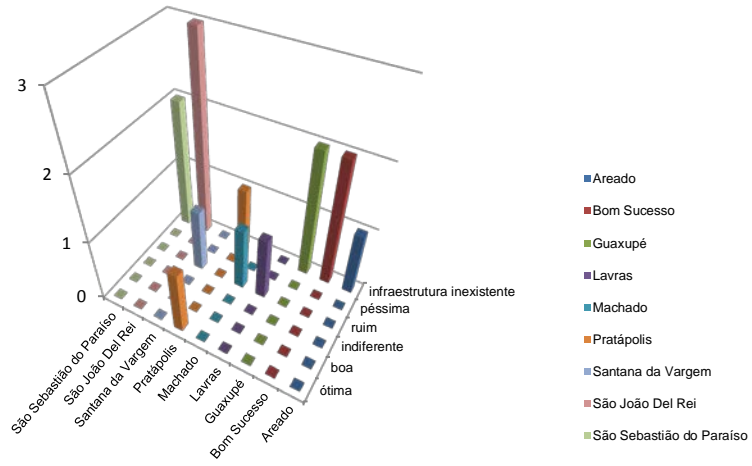
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da creche no conjunto habitacional?



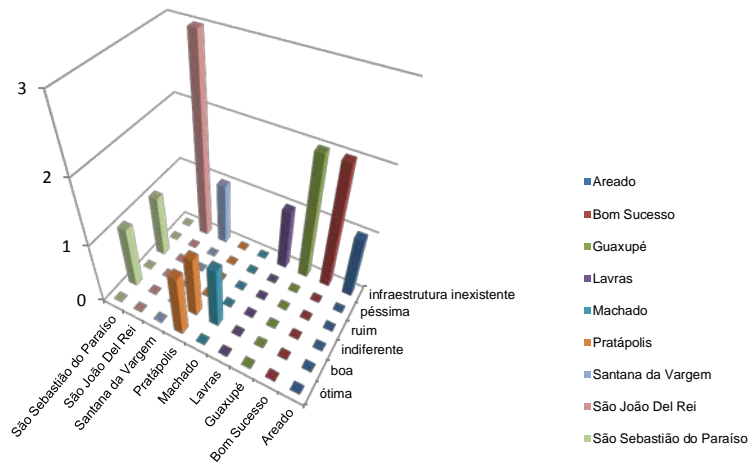
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da creche no conjunto habitacional?



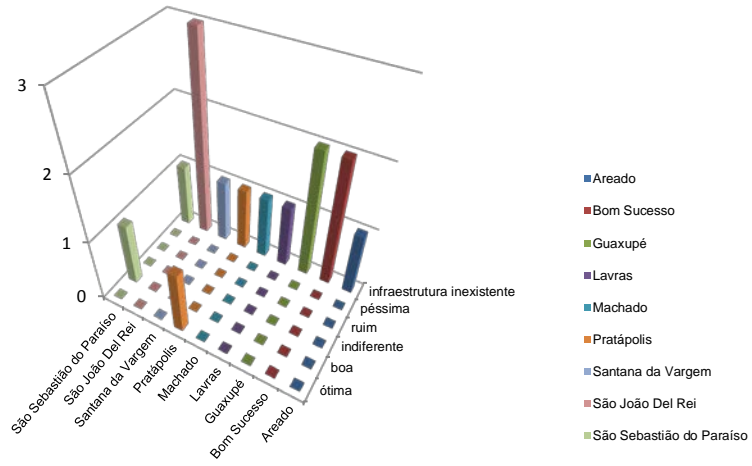
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto de saúde no conjunto habitacional?



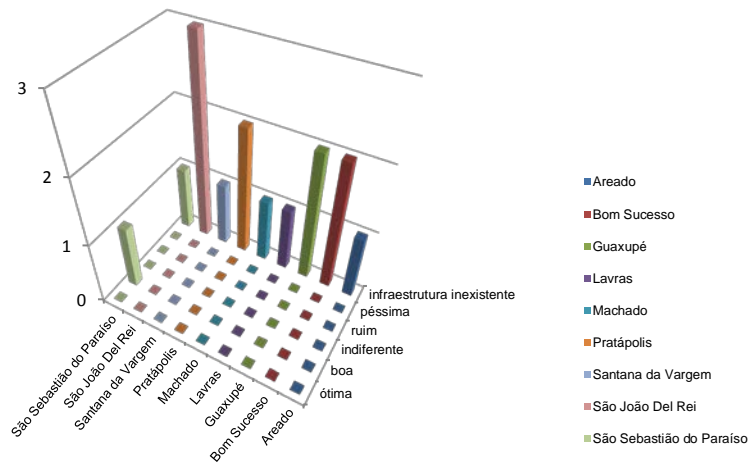
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto de saúde no conjunto habitacional?



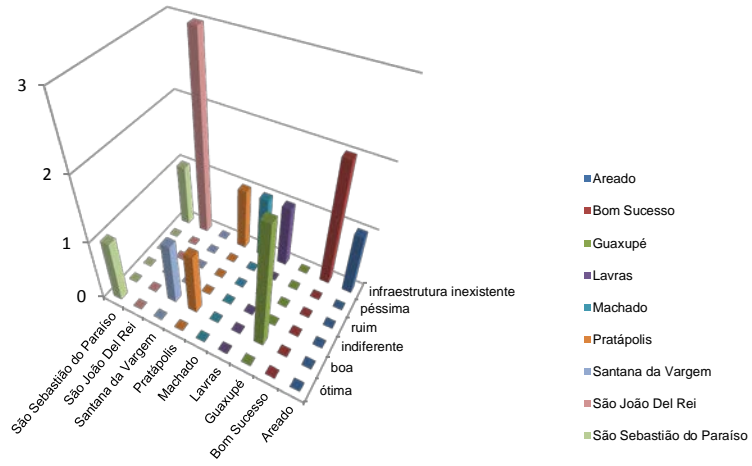
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto policial no conjunto habitacional?



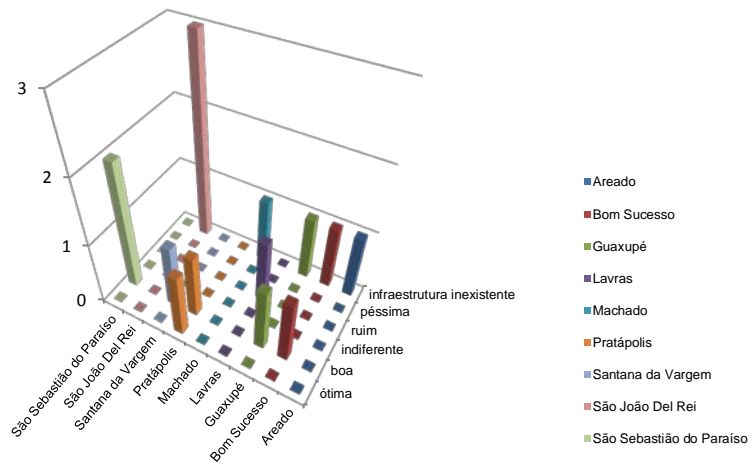
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto policial no conjunto habitacional?



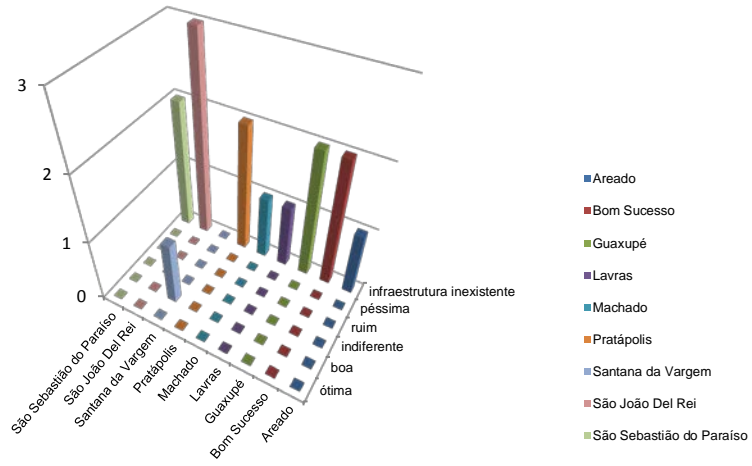
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do mercado no conjunto habitacional?



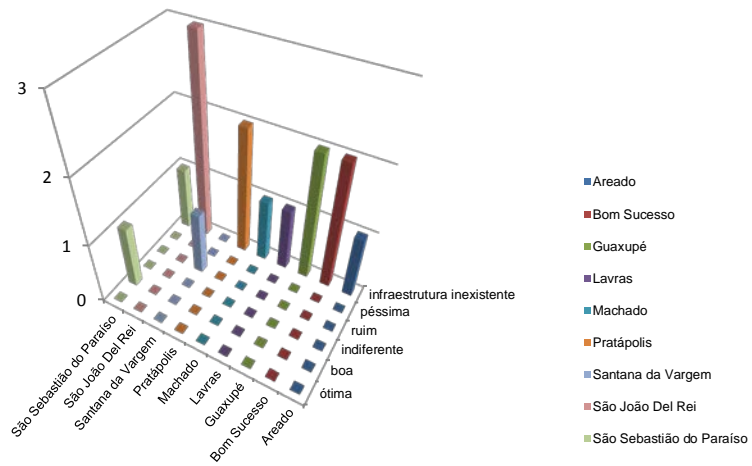
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do mercado no conjunto habitacional?



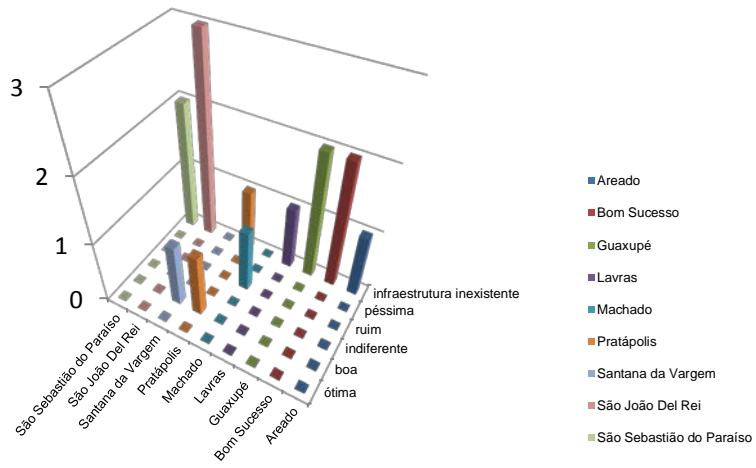
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da farmácia no conjunto habitacional?



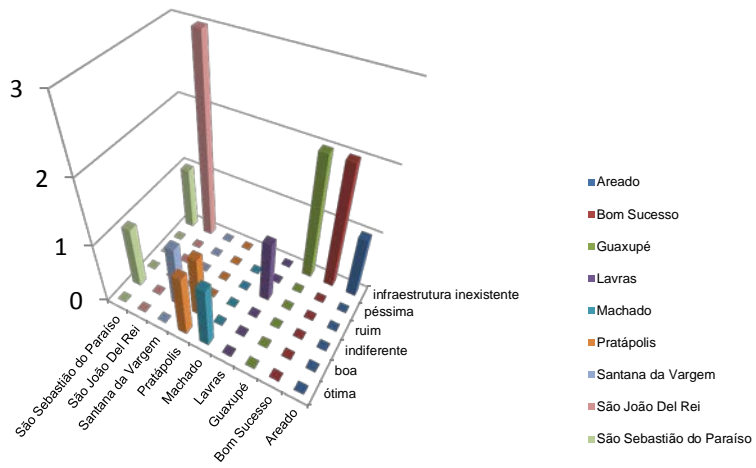
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da farmácia no conjunto habitacional?



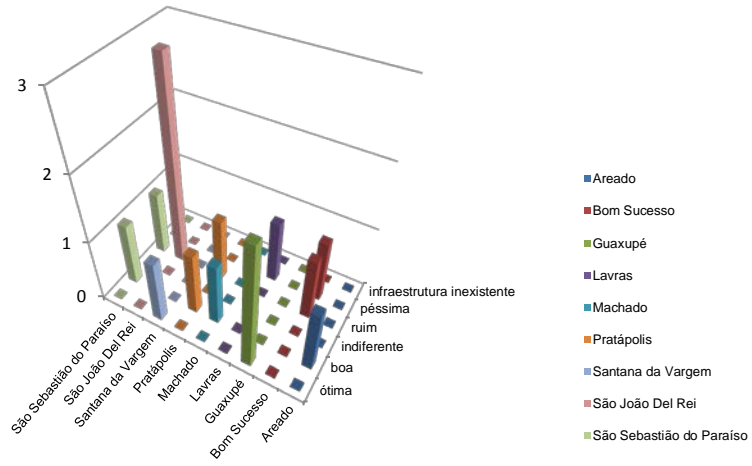
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da padaria no conjunto habitacional?



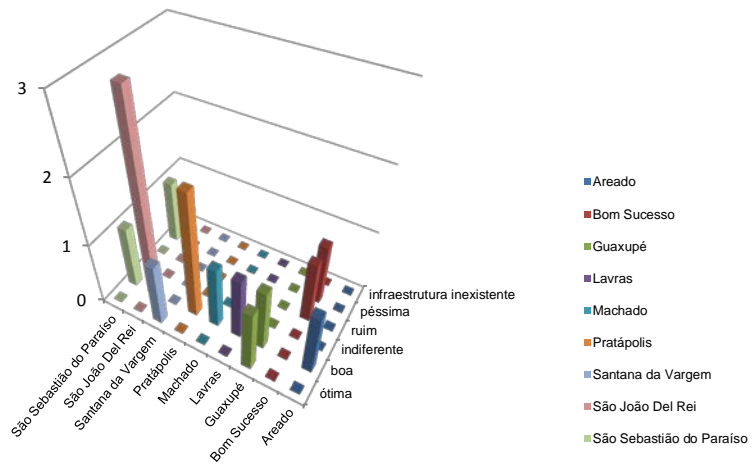
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da padaria no conjunto habitacional?



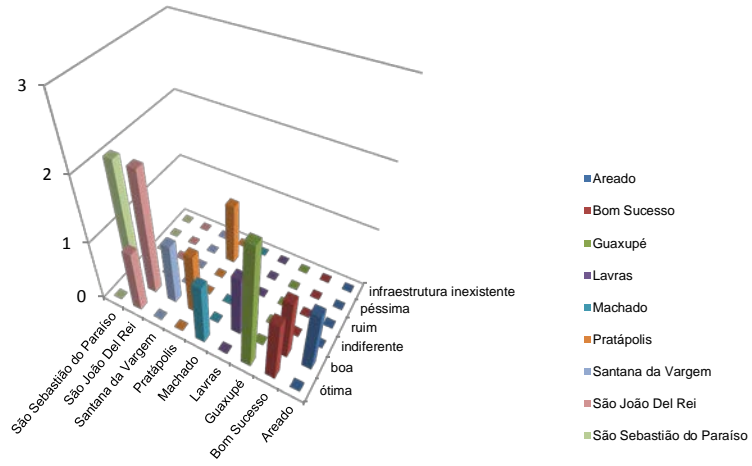
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da iluminação pública no conjunto habitacional?



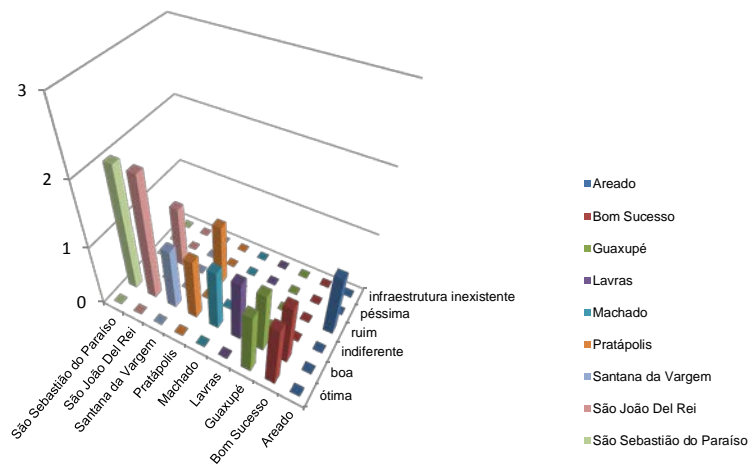
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da iluminação pública no conjunto habitacional?



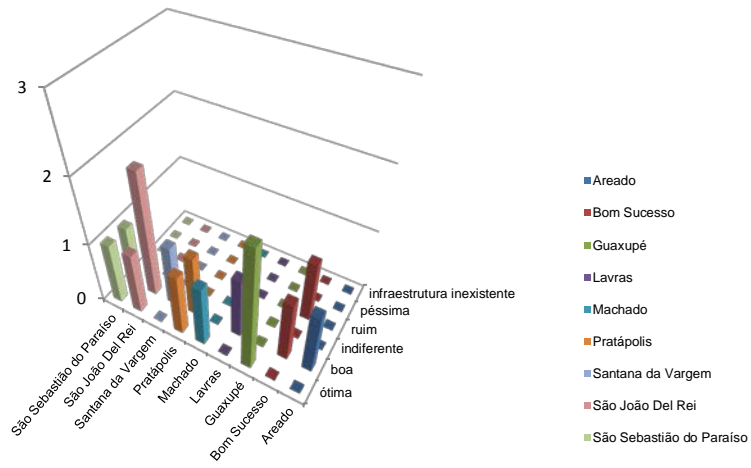
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do abastecimento de água no conjunto habitacional?



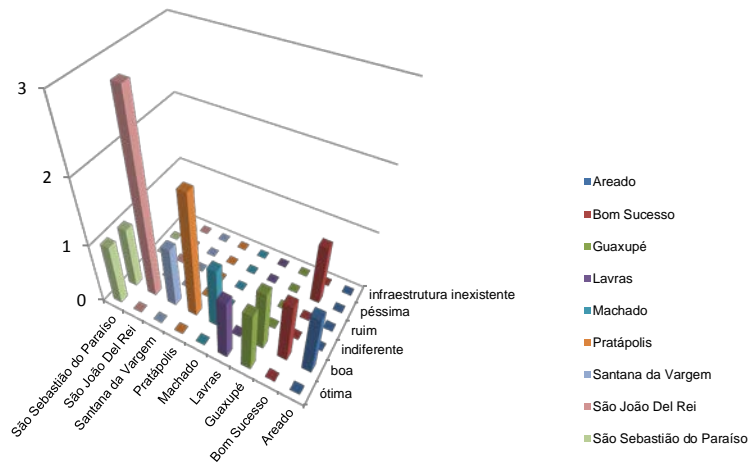
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do abastecimento de água no conjunto habitacional?



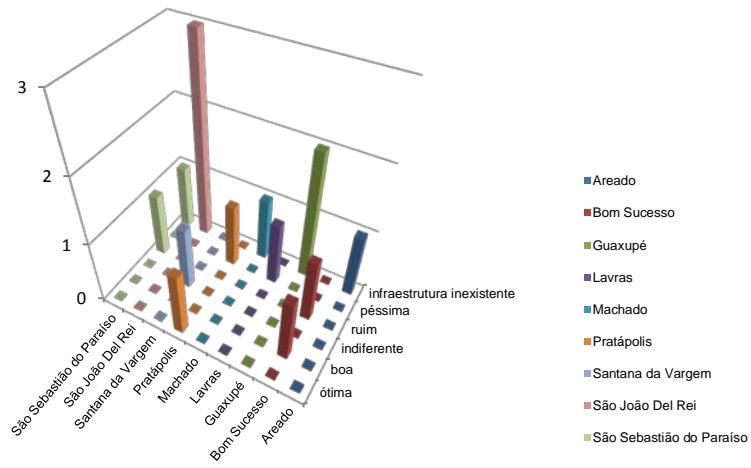
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da coleta de lixo no conjunto habitacional?



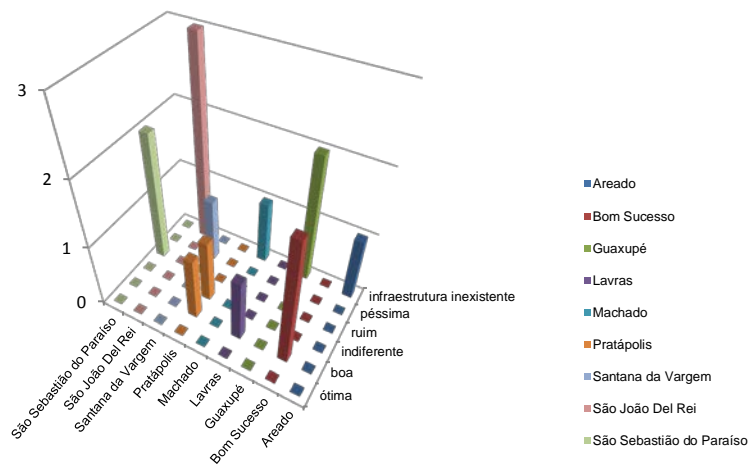
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da coleta de lixo no conjunto habitacional?



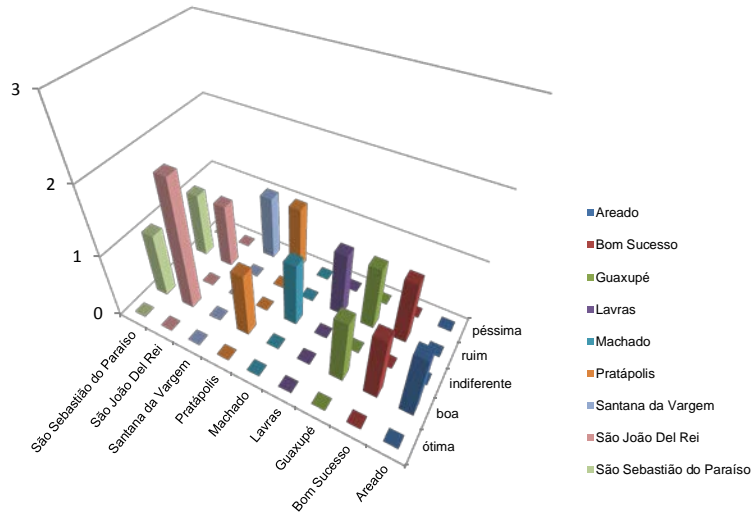
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do telefone público no conjunto habitacional?



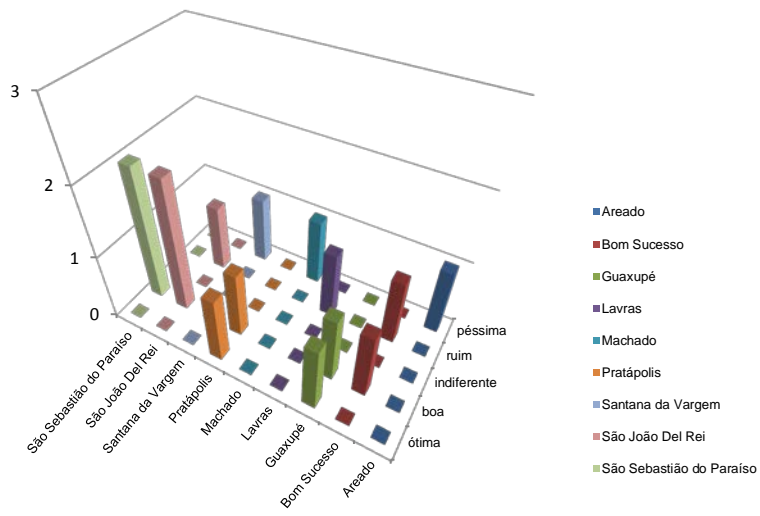
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do telefone público no conjunto habitacional?



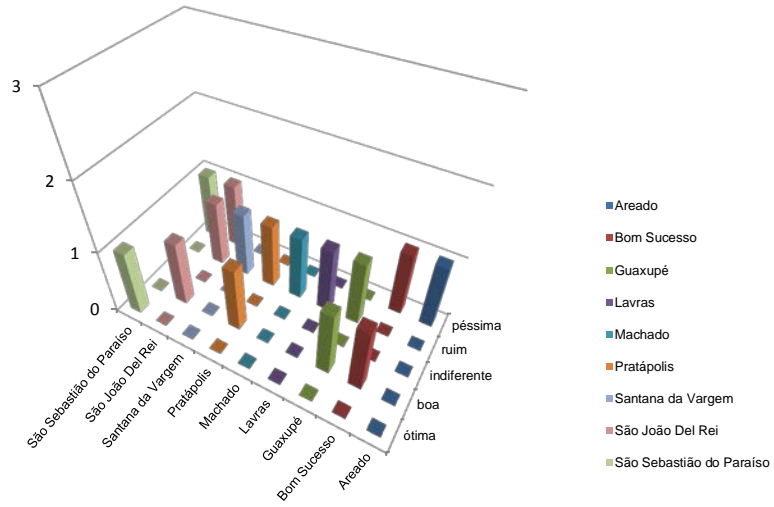
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o trabalho?



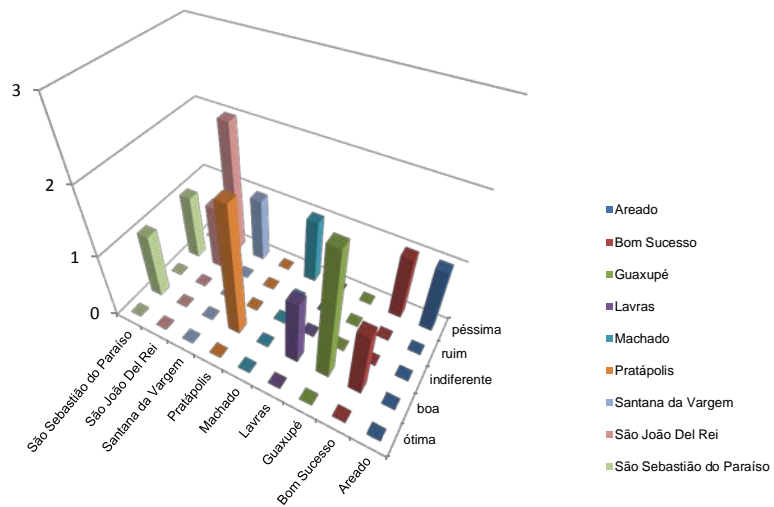
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o trabalho?



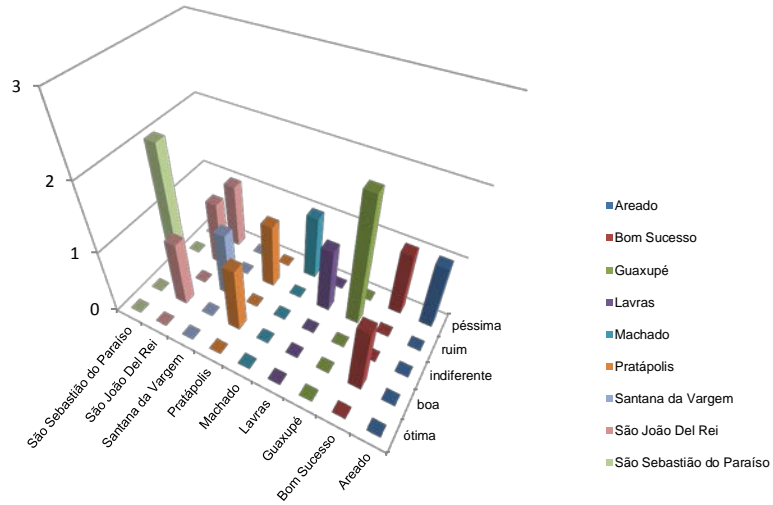
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o comércio?



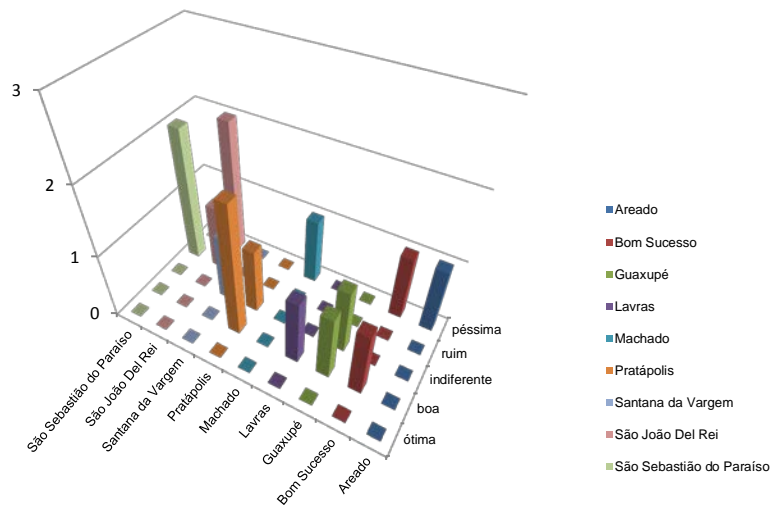
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o comércio?



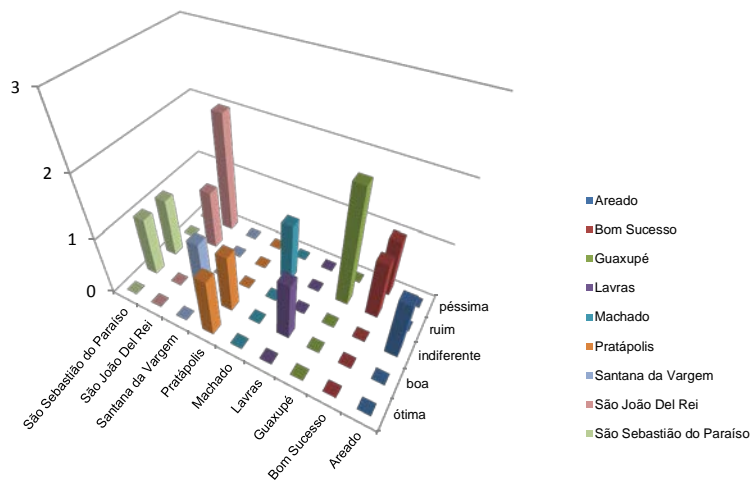
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para os serviços?



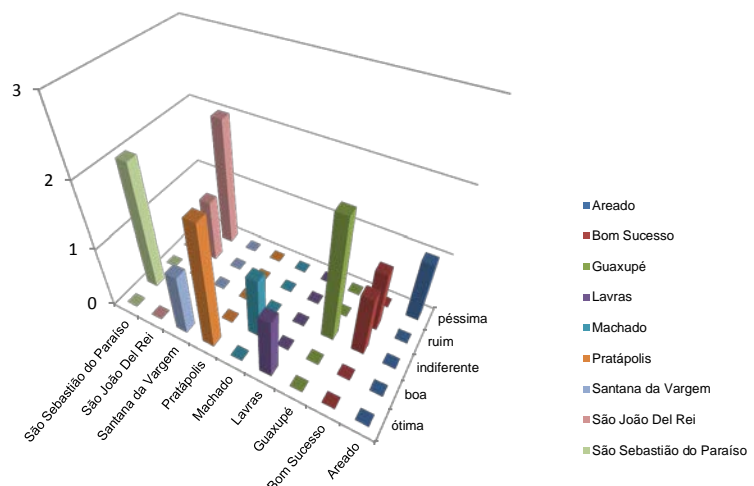
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para os serviços?



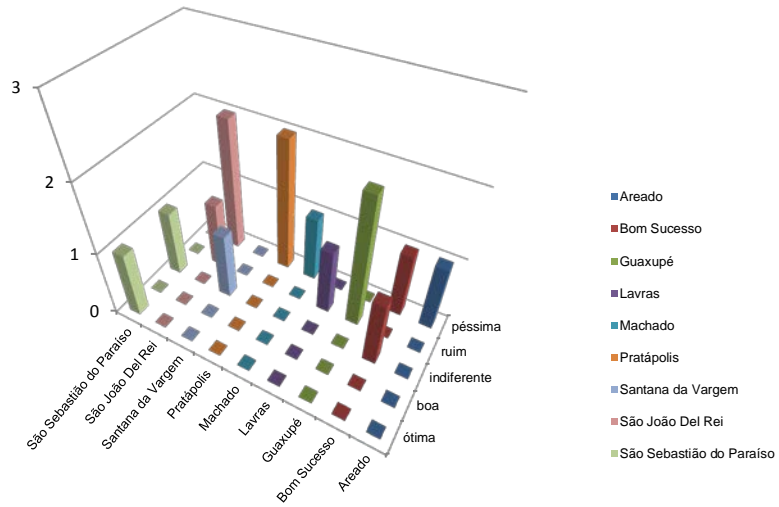
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para a educação?



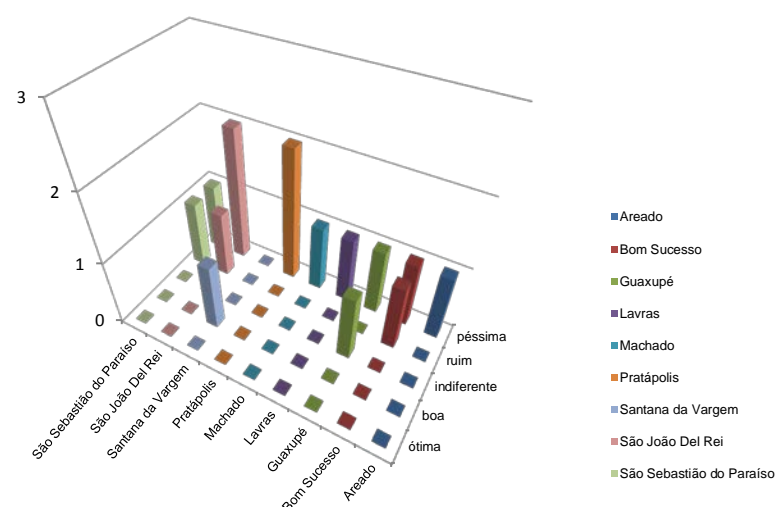
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para a educação?



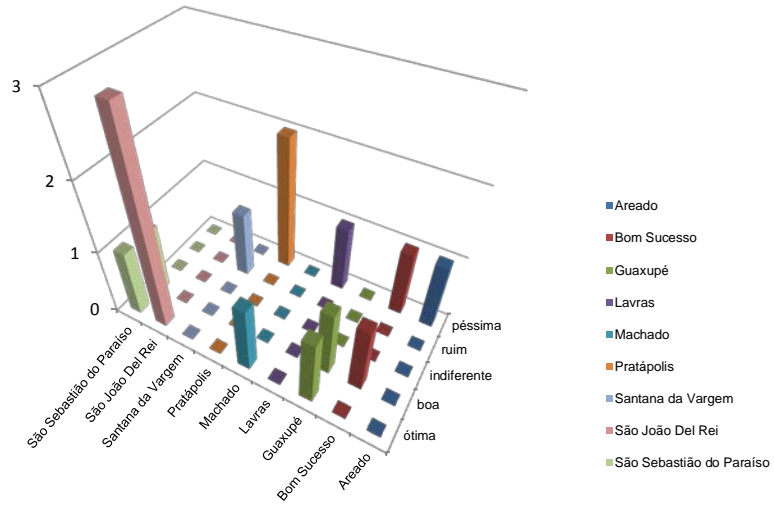
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o lazer?



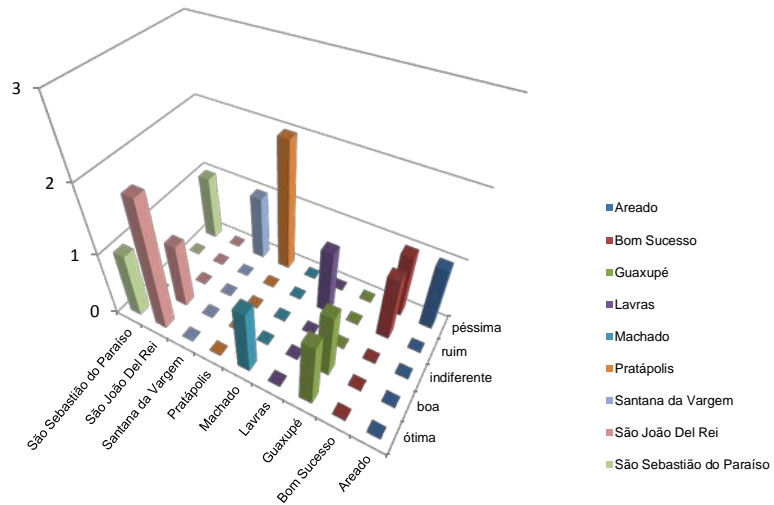
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o lazer?



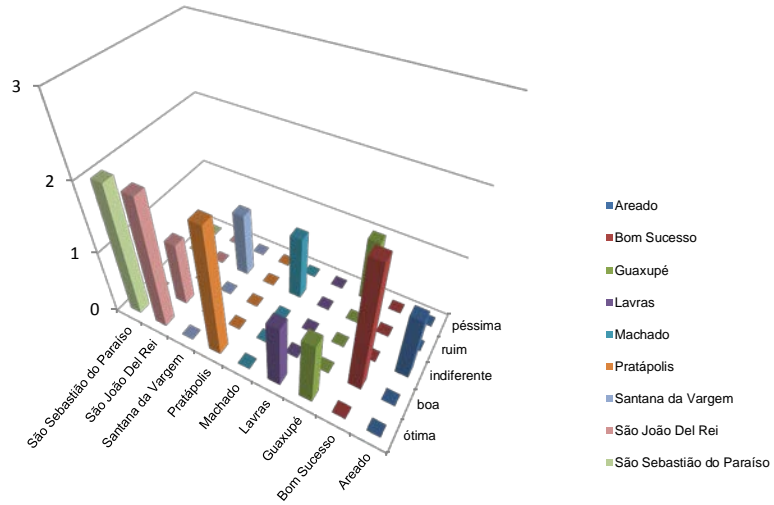
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o transporte coletivo?



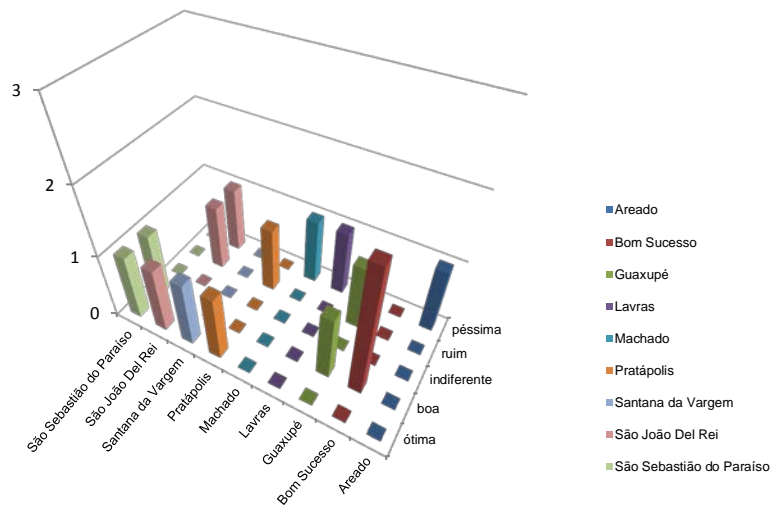
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade para o transporte coletivo?



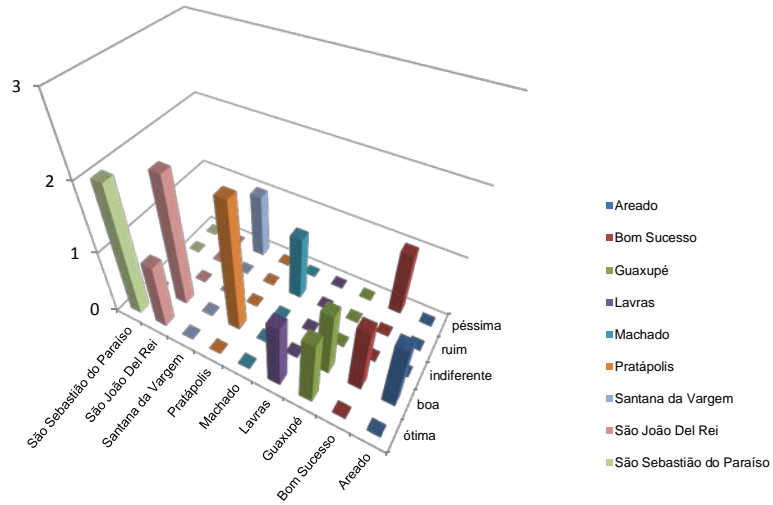
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia o meio de acessibilidade no espaço interior da casa?



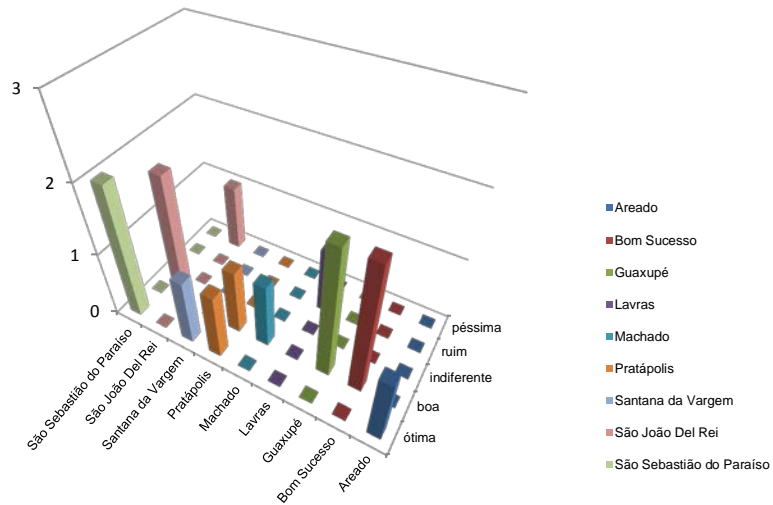
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia o meio de acessibilidade no espaço interior da casa?



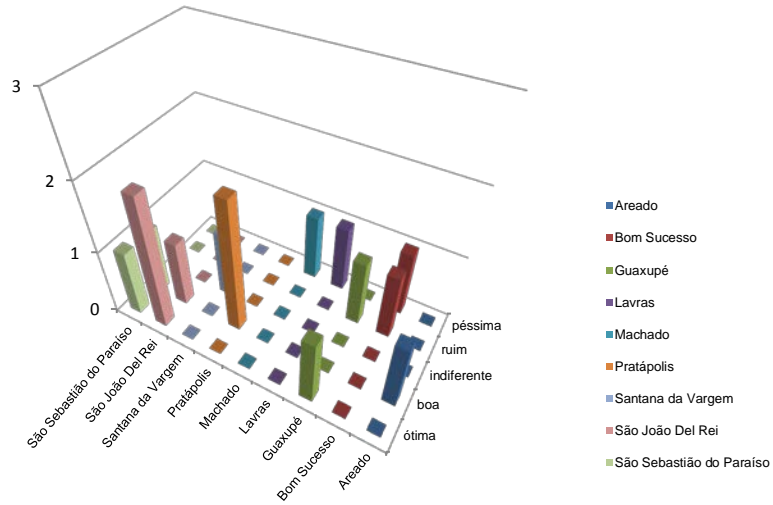
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia o meio de acessibilidade no espaço da casa no terreno?



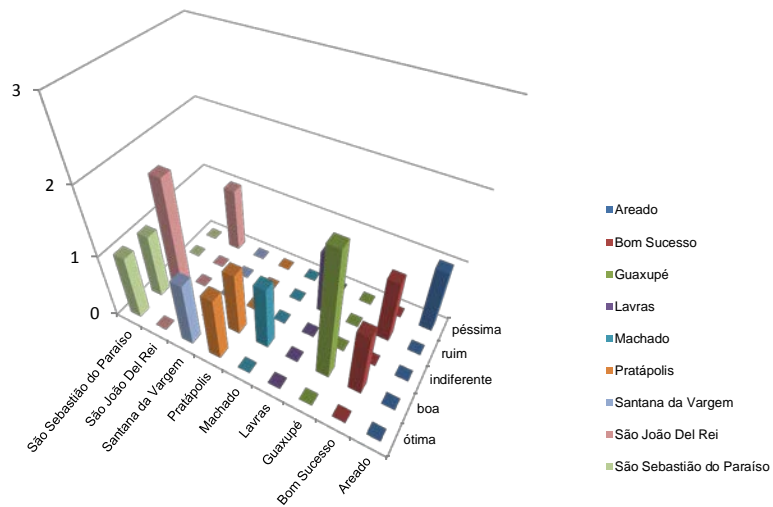
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia o meio de acessibilidade no espaço da casa no terreno?



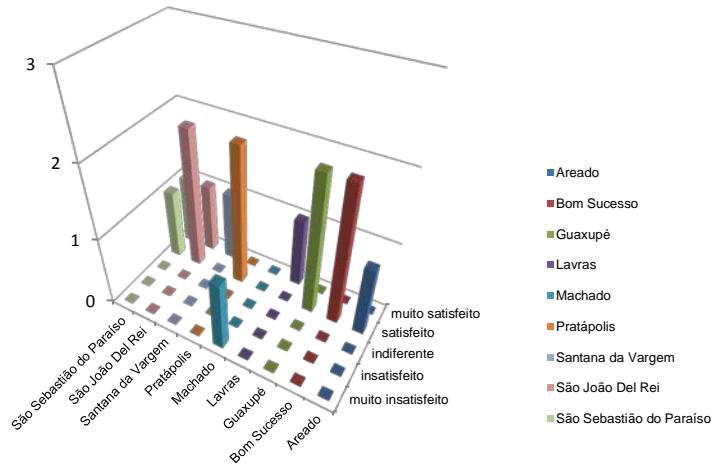
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade na relação da casa com a rua?



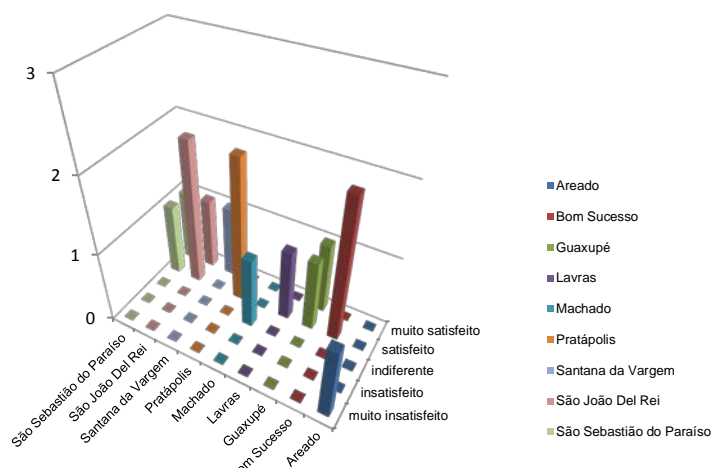
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia o meio de acessibilidade na relação da casa com a rua?



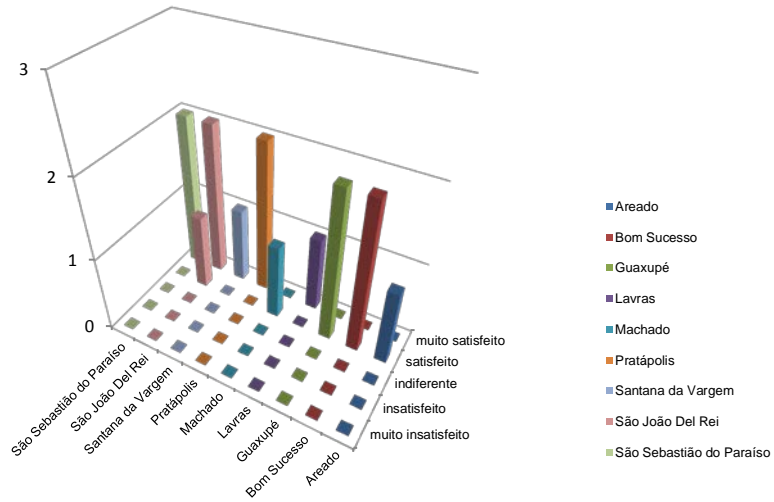
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à moradia?



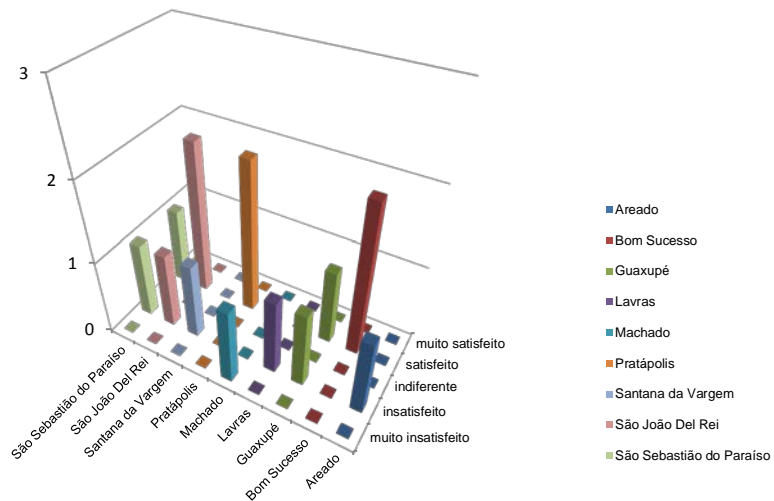
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à moradia?



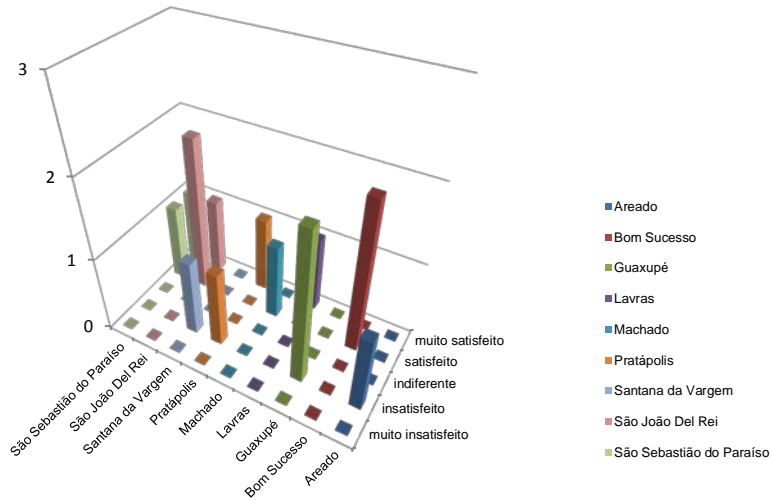
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho da sala da sua casa?



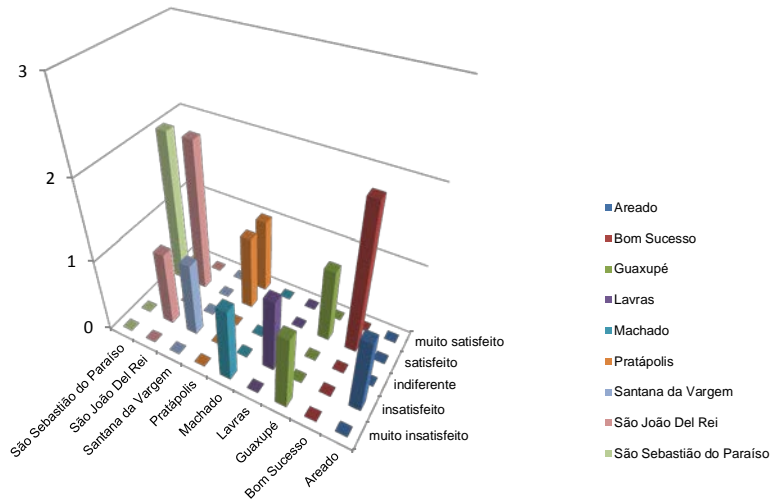
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho da sala da sua casa?



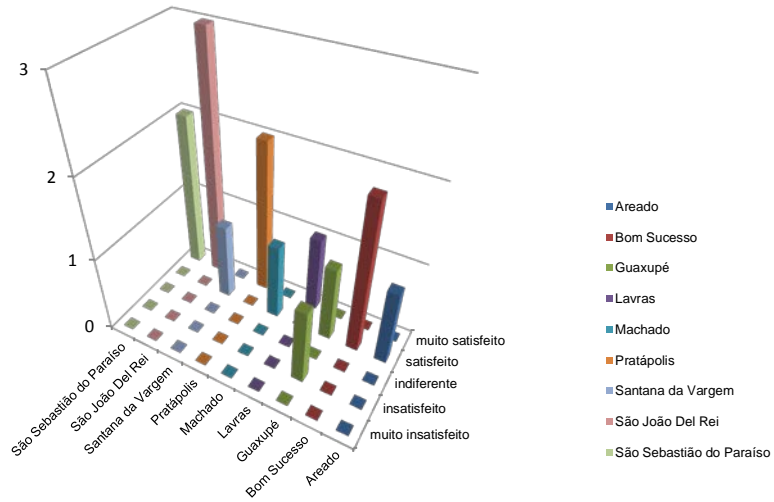
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do dormitório 1 /
 quarto de solteiro da sua casa?



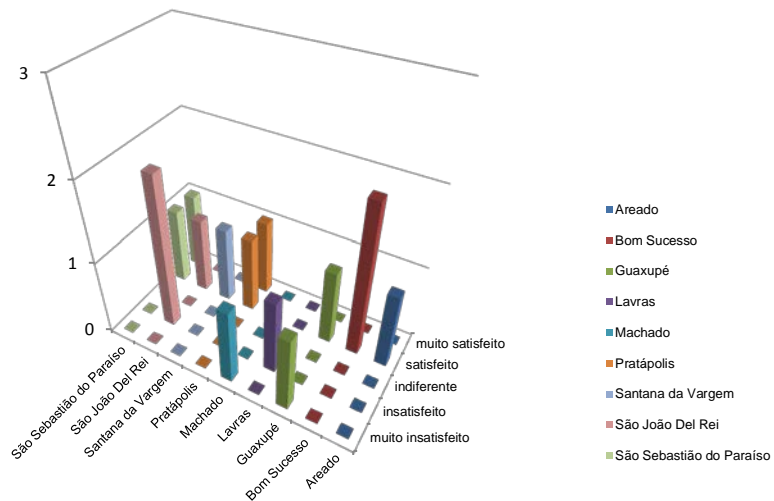
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do dormitório 1 /
 quarto de solteiro da sua casa?



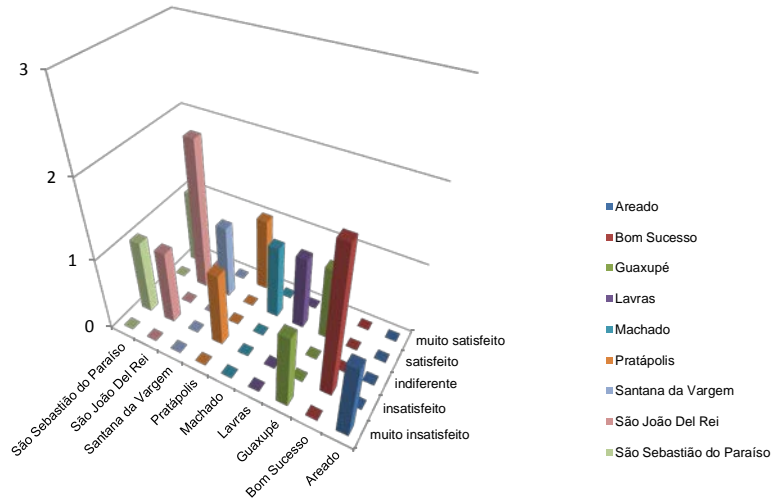
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



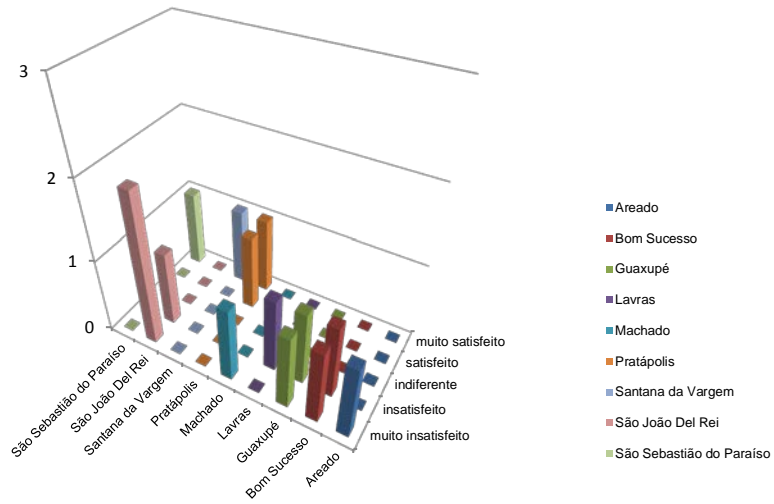
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



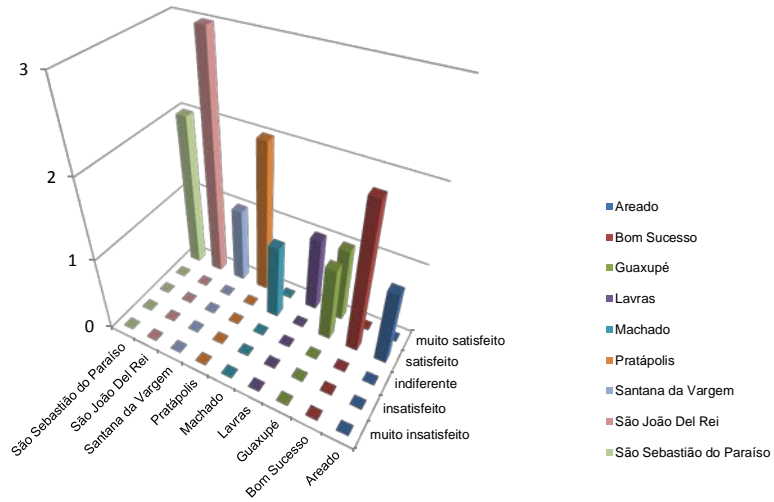
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho da cozinha da sua casa?



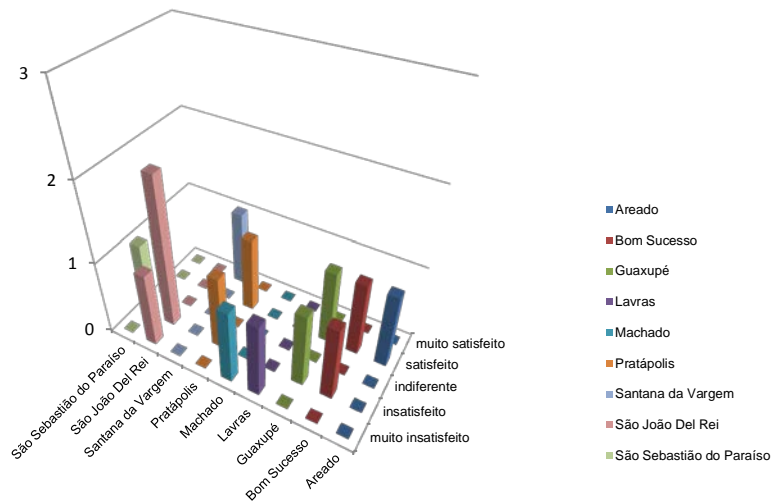
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho da cozinha da sua casa?



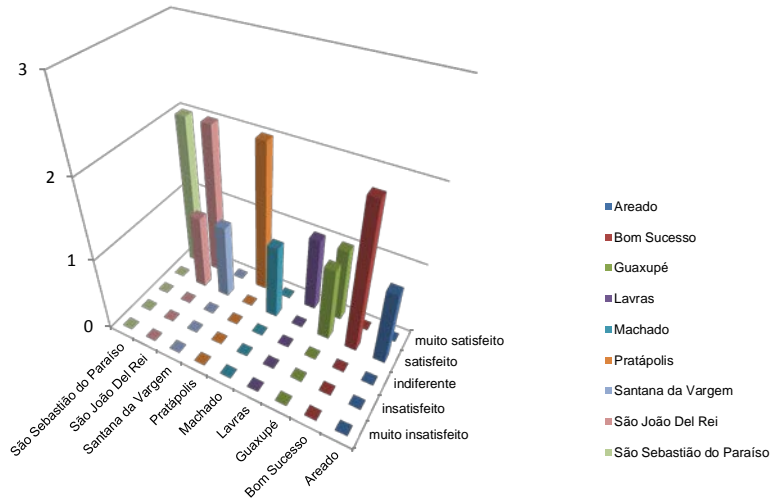
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do banheiro da sua casa?



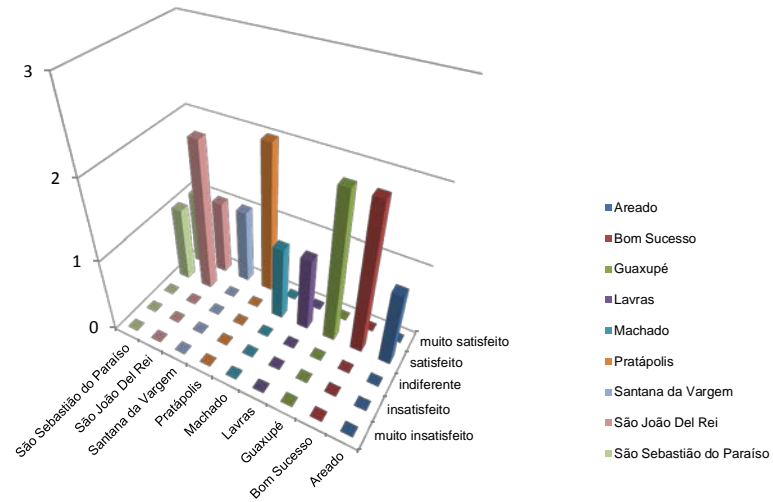
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do banheiro da sua casa?



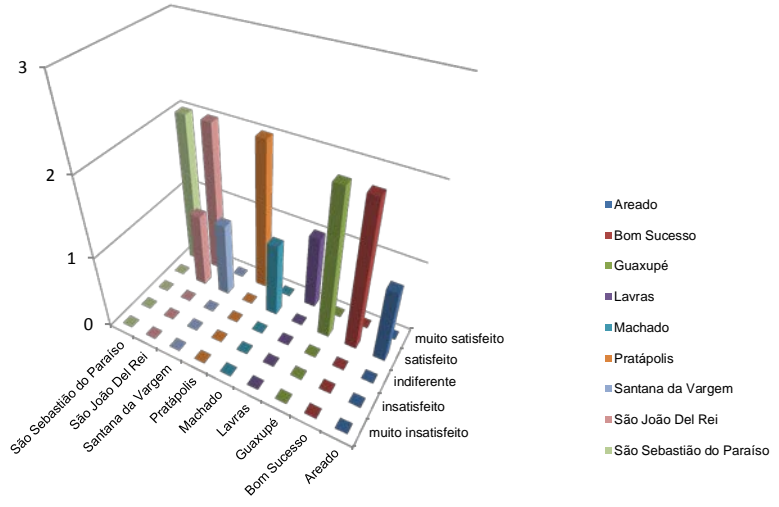
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do quintal da sua casa?



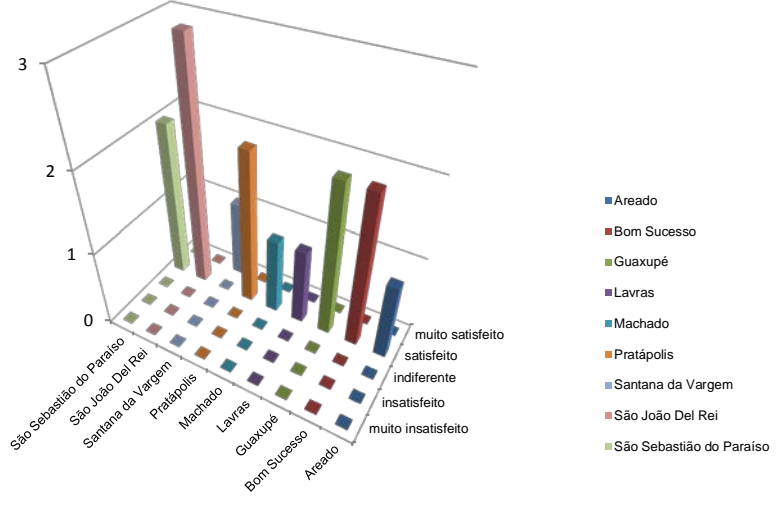
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do quintal da sua casa?



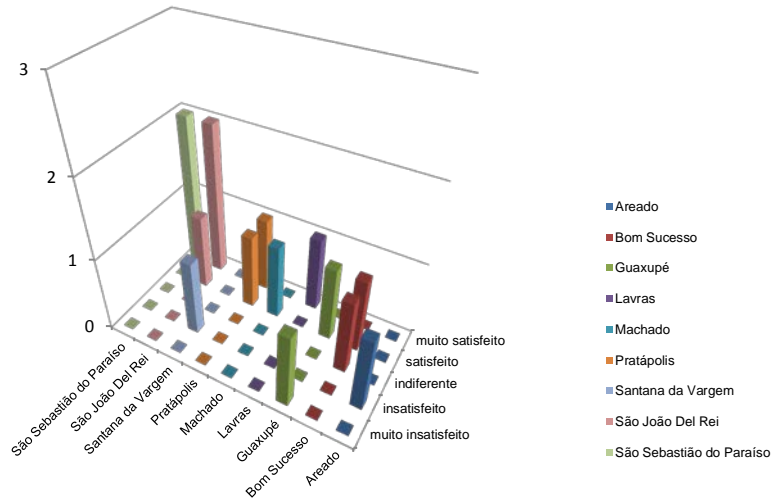
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho da entrada da sua casa?



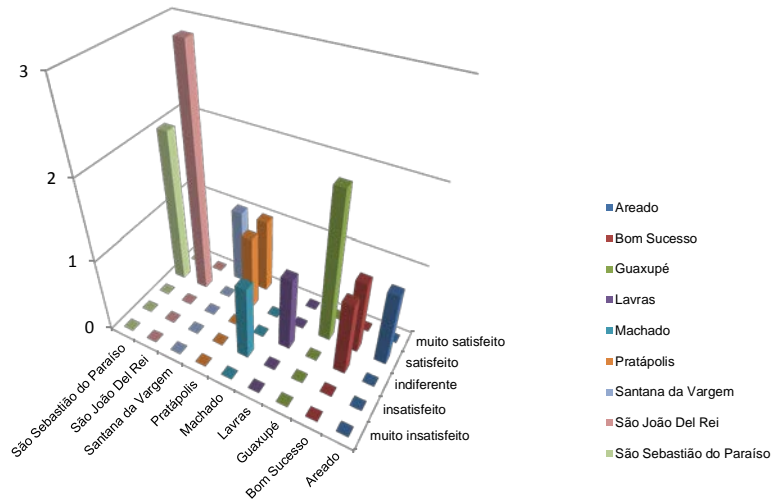
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho da entrada da sua casa?



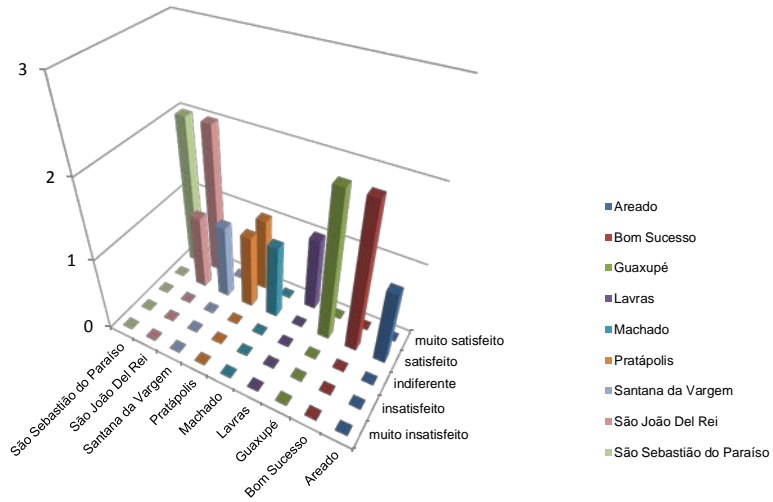
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do passeio da sua casa?



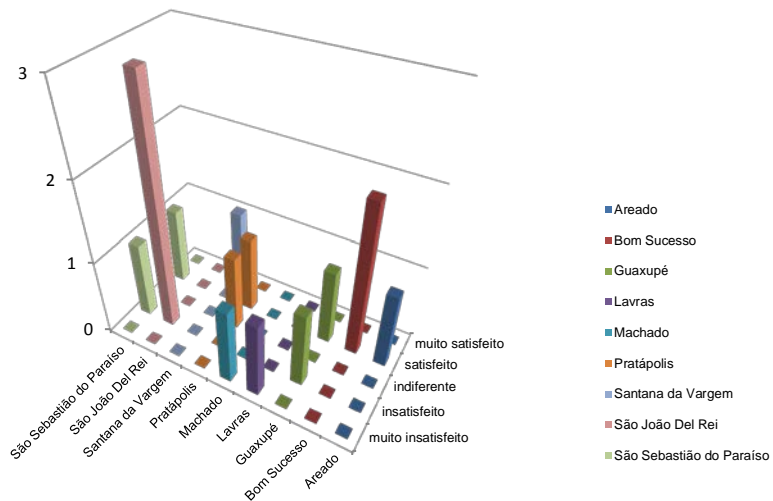
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do passeio da sua casa?



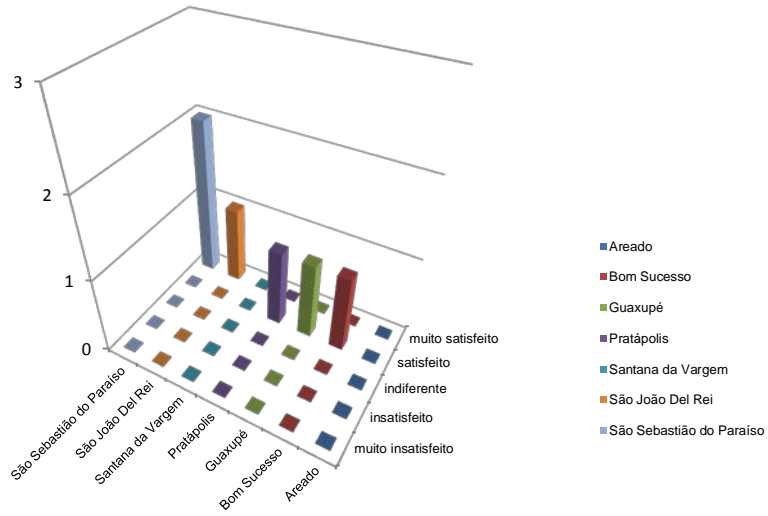
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do corredor/circulação da sua casa?



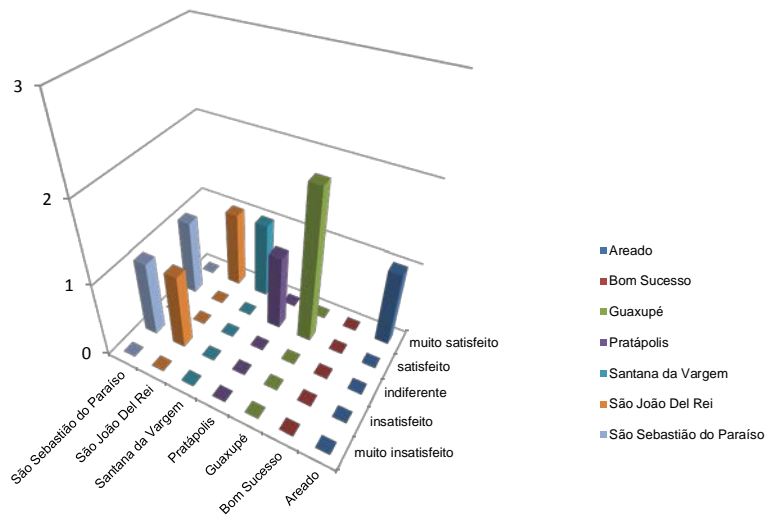
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do corredor/circulação da sua casa?



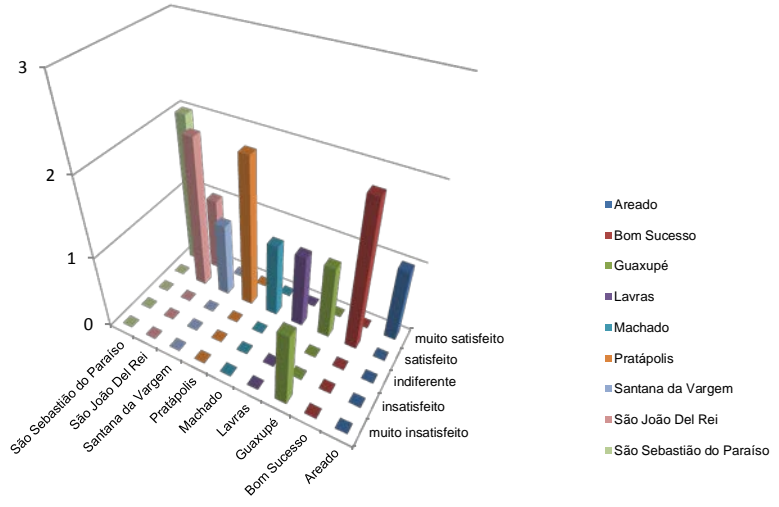
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do ambiente de acréscimo da sua casa?



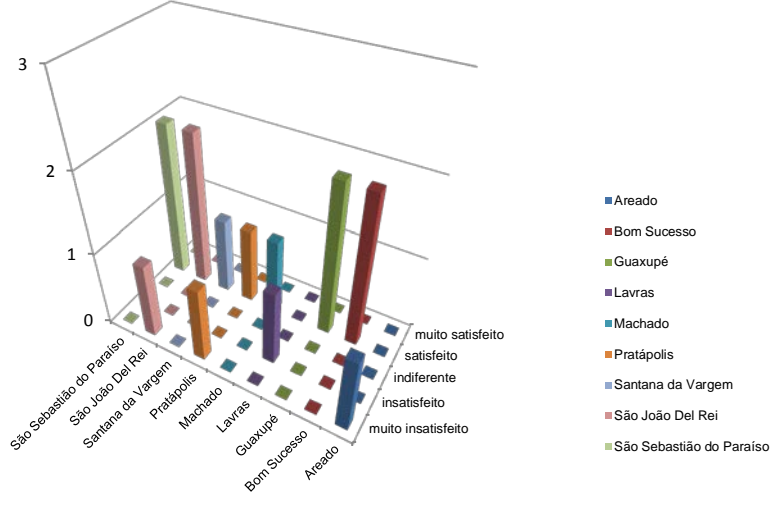
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao tamanho do ambiente de acréscimo da sua casa?



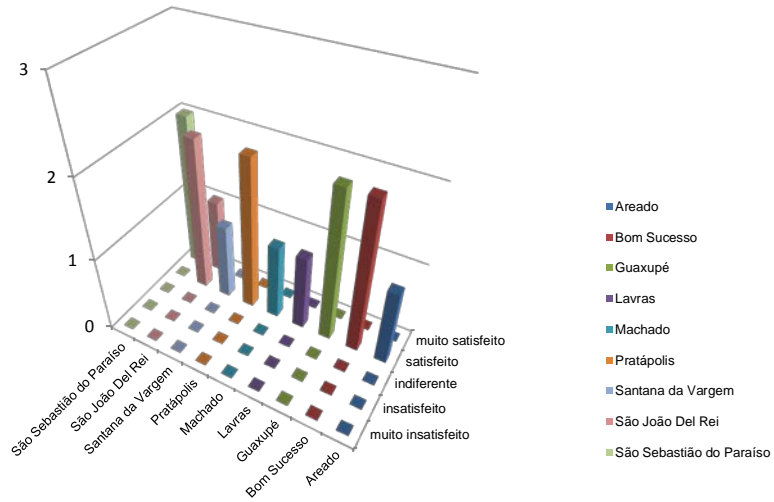
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição da sala da sua casa?



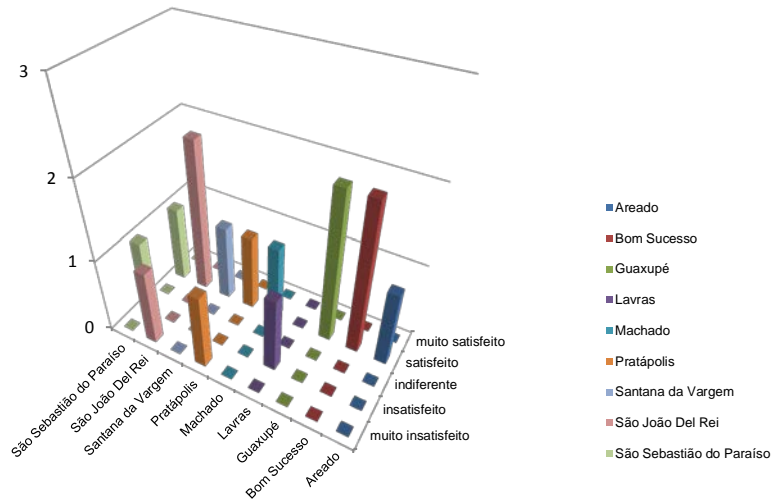
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição da sala da sua casa?



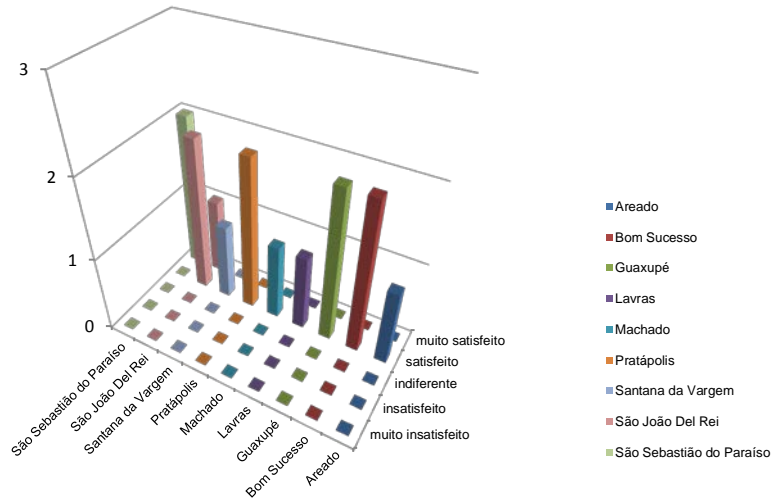
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do dormitório 1 /
 quarto de solteiro da sua casa?



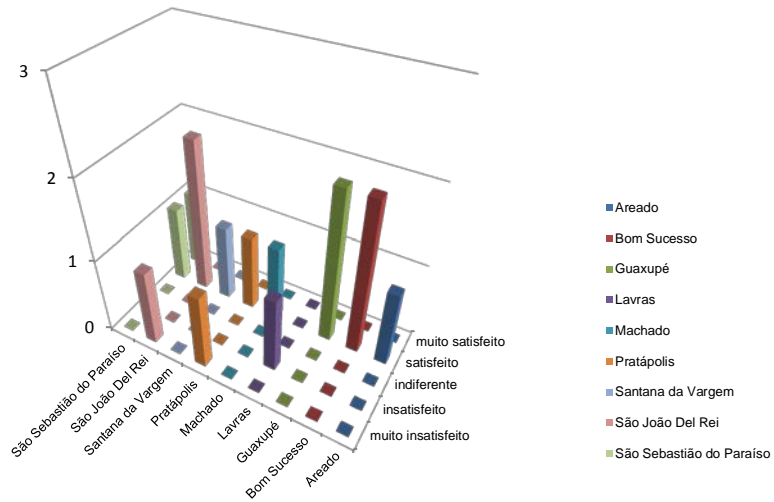
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do dormitório 1 /
 quarto de solteiro da sua casa?



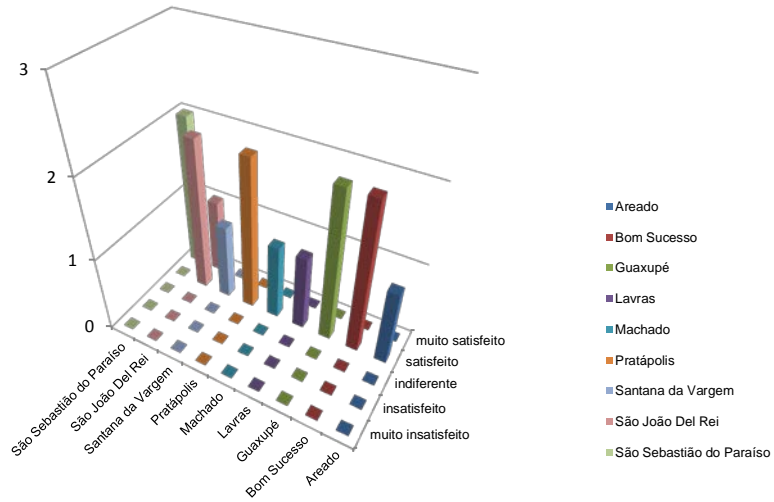
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



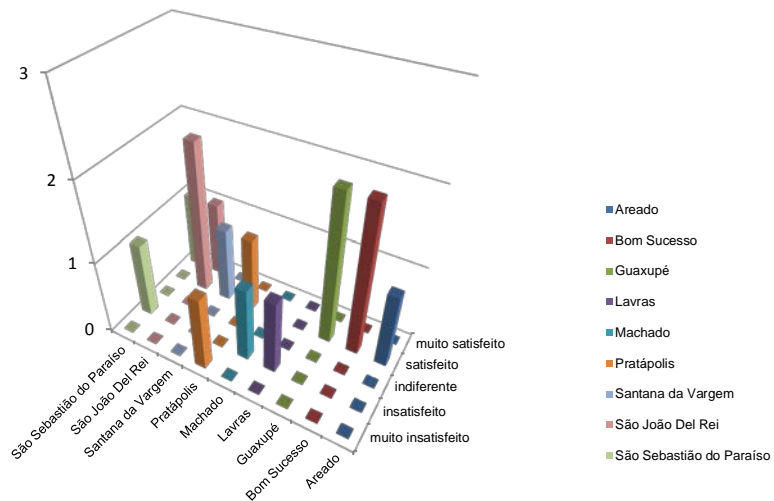
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



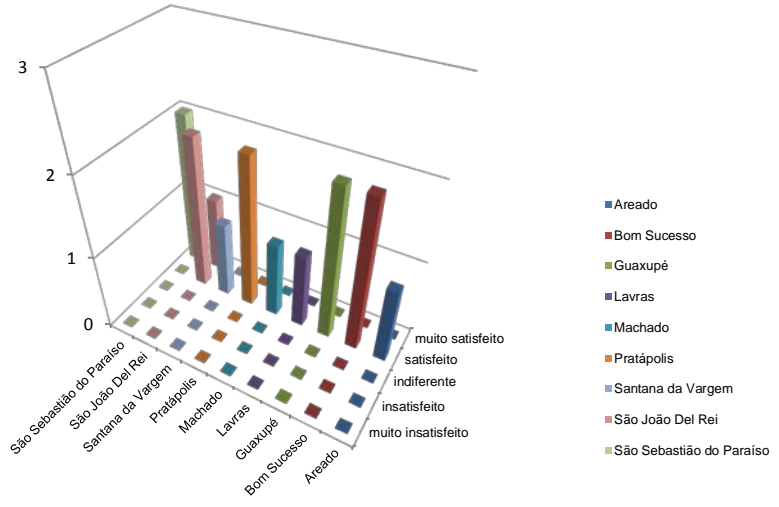
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição da cozinha da sua casa?



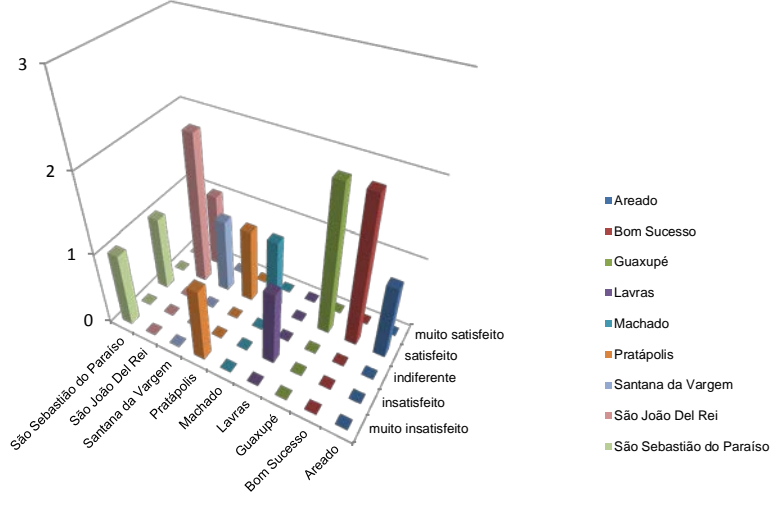
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição da cozinha da sua casa?



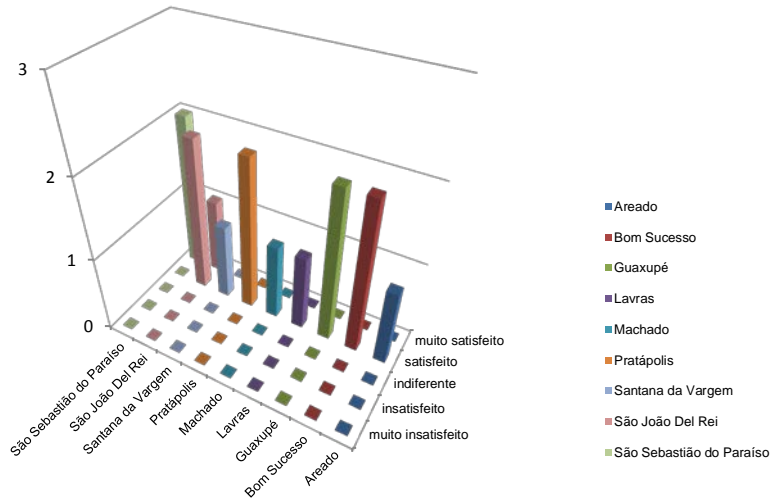
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do banheiro da sua casa?



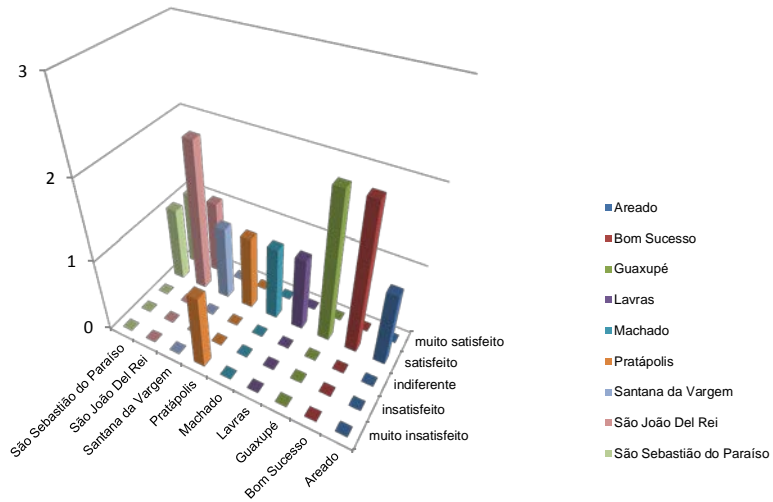
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do banheiro da sua casa?



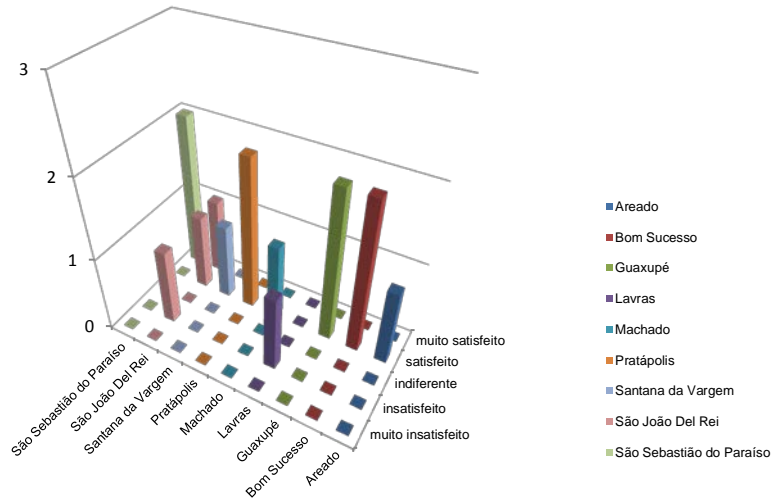
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do quintal da sua casa?



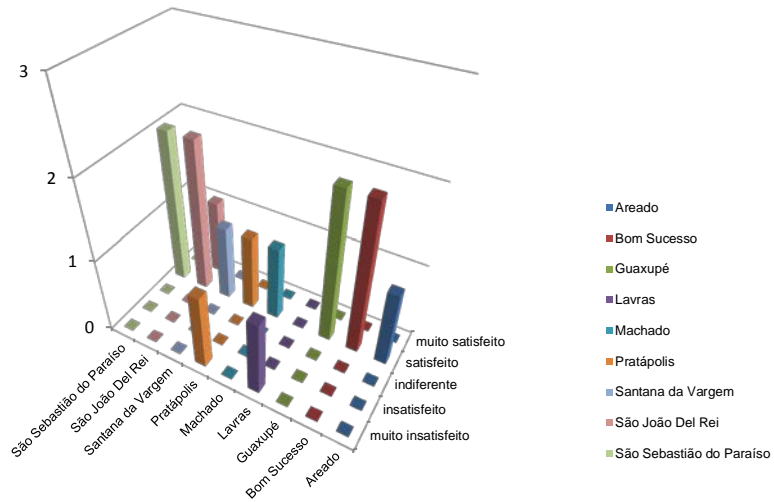
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do quintal da sua casa?



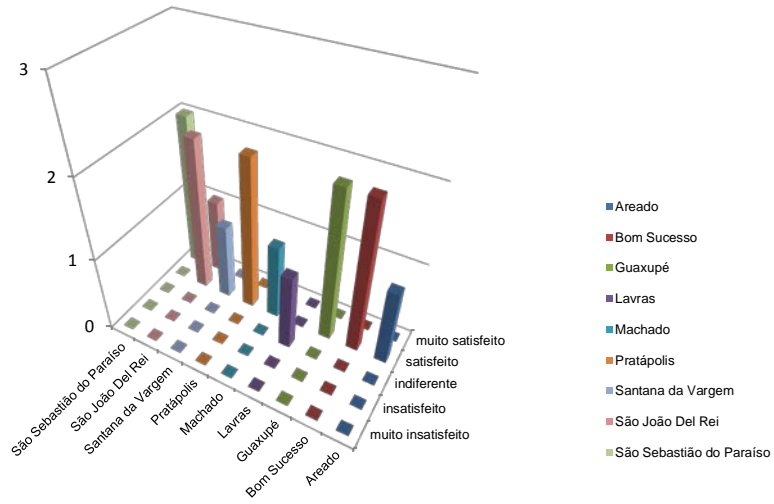
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição da entrada da sua casa?



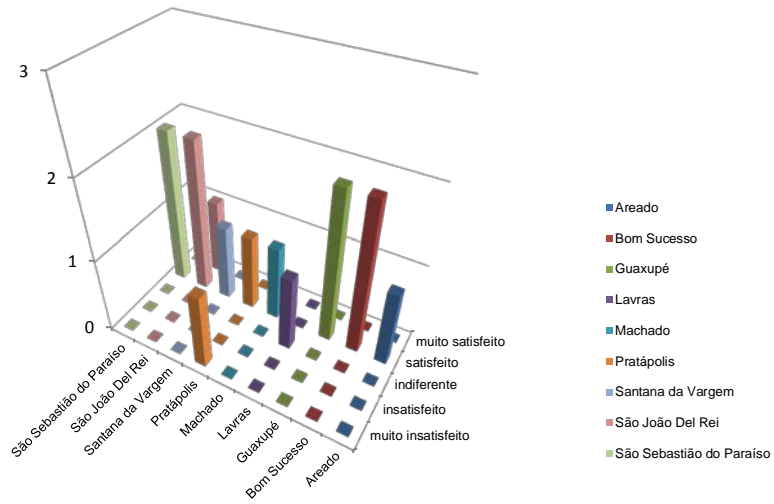
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição da entrada da sua casa?



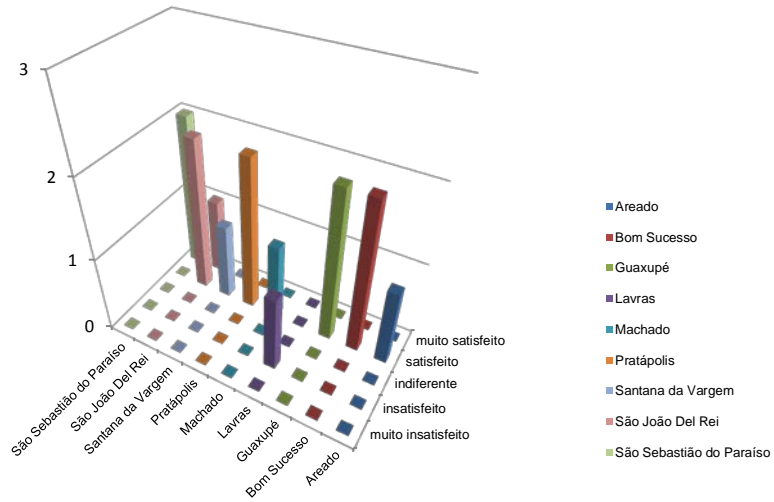
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do passeio da sua casa?



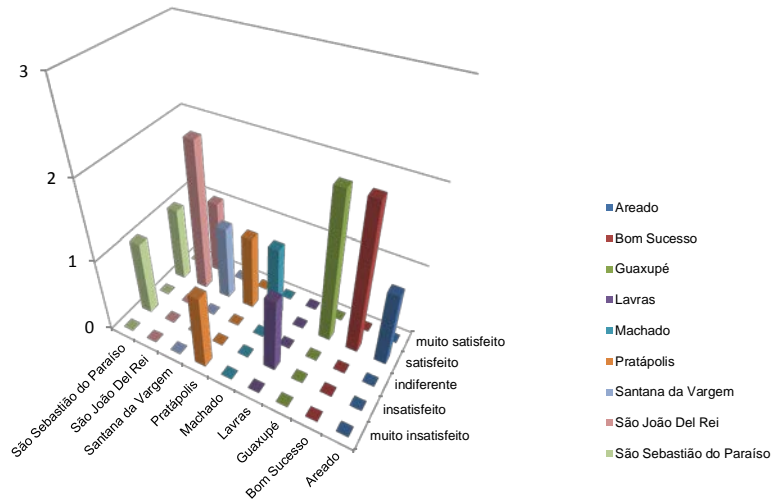
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do passeio da sua casa?



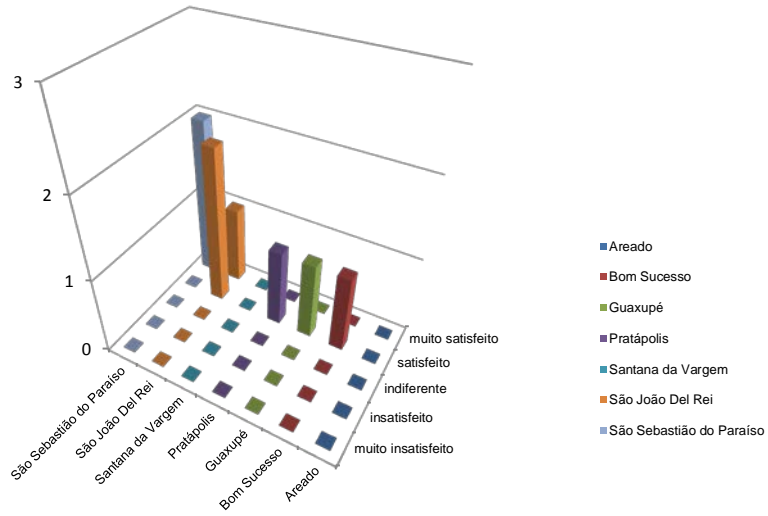
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do corredor / circulação interna da sua casa?



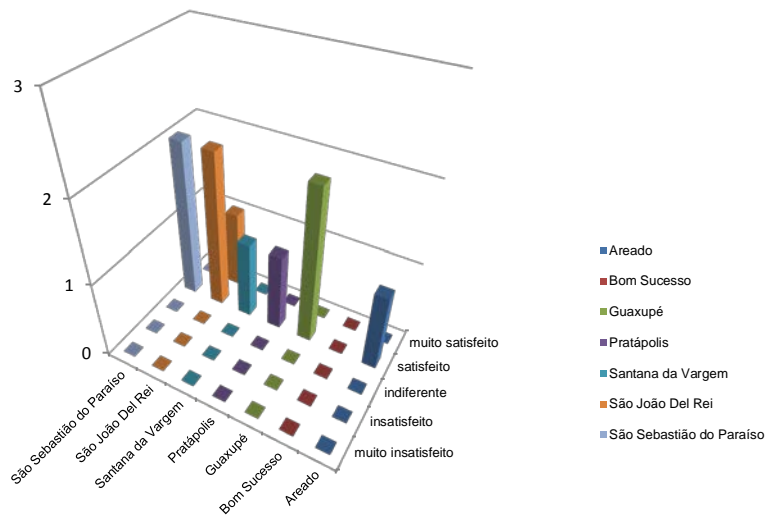
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do corredor / circulação interna da sua casa?



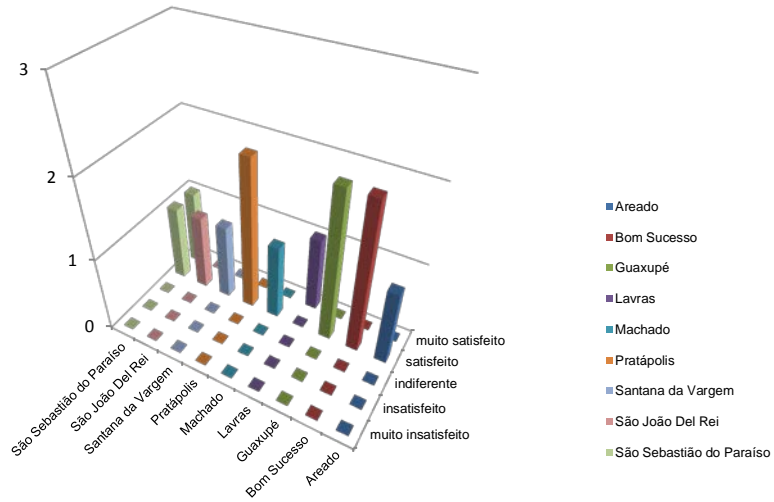
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do ambiente de acréscimo da sua casa?



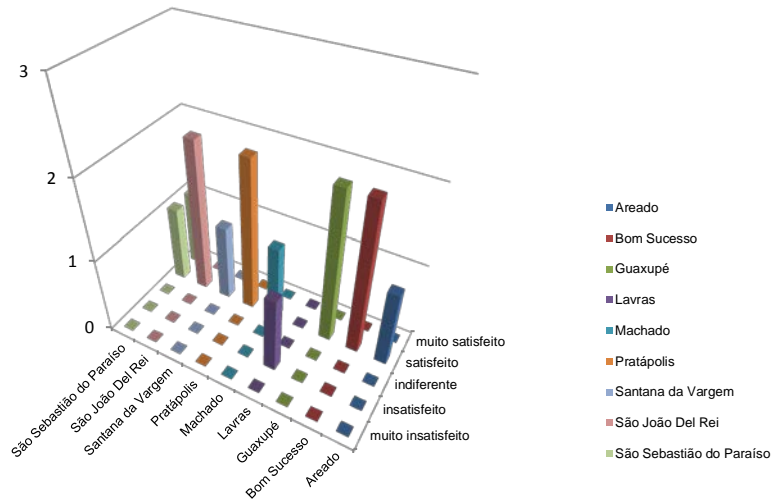
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a posição do ambiente de acréscimo da sua casa?



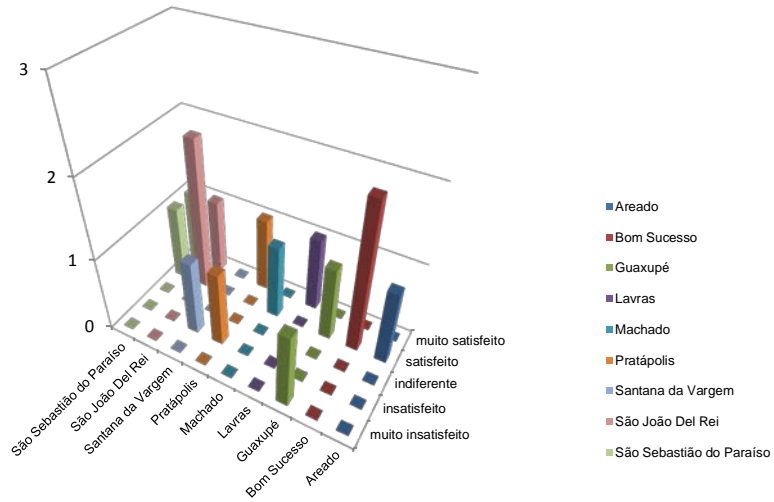
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto da sala da sua casa?



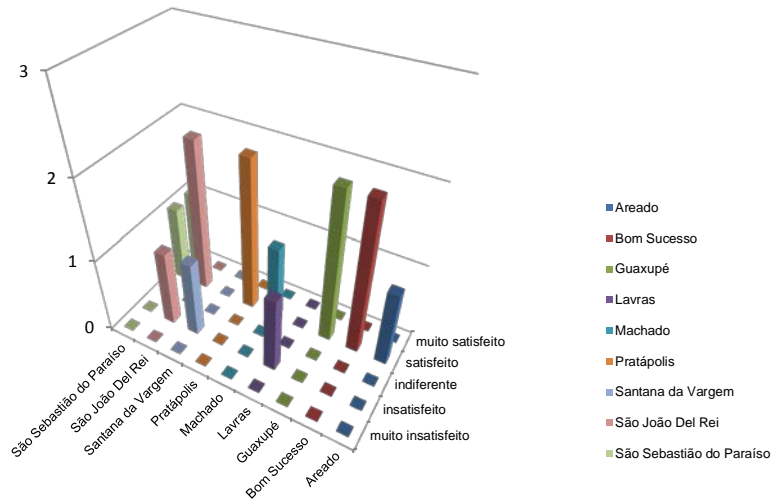
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto da sala da sua casa?



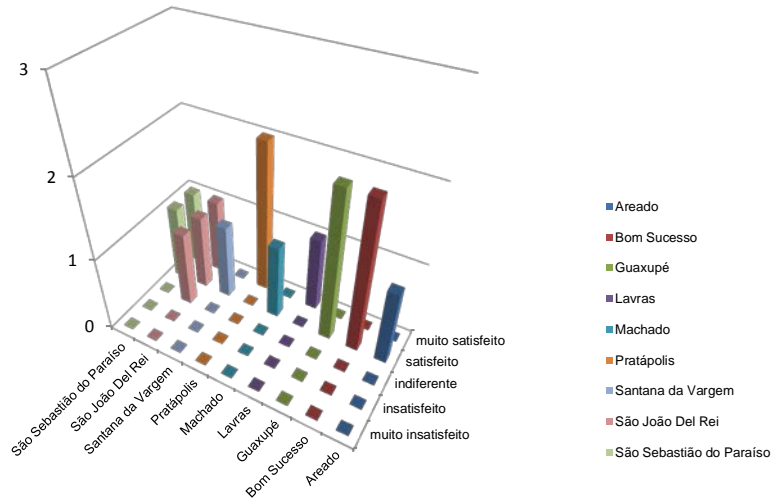
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto dormitório 1 /
 quarto de solteiro da sua casa?



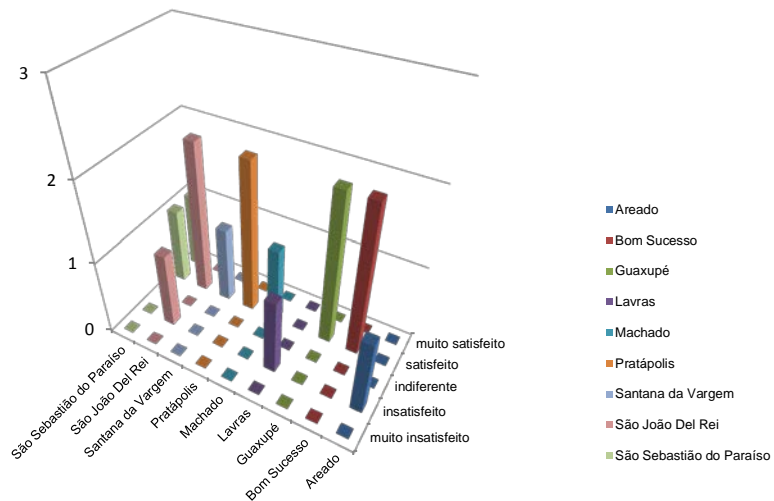
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto dormitório 1 /
 quarto de solteiro da sua casa?



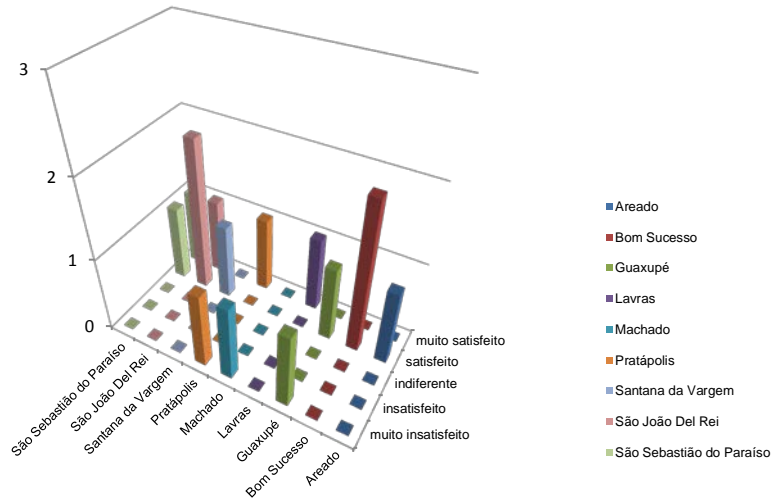
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



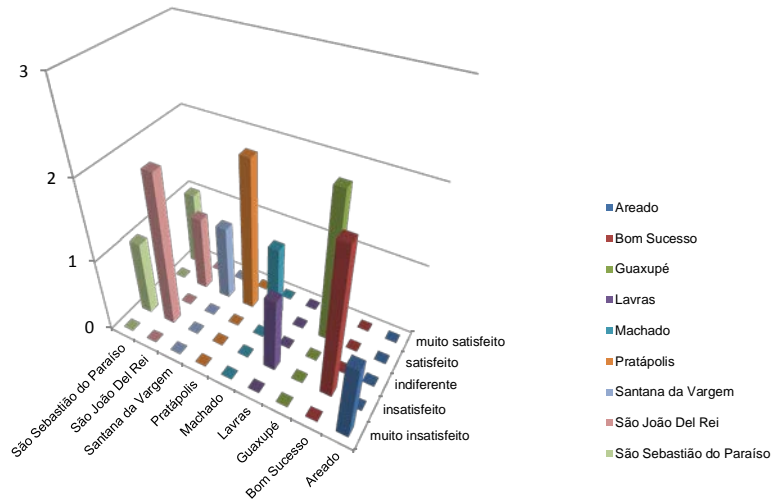
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



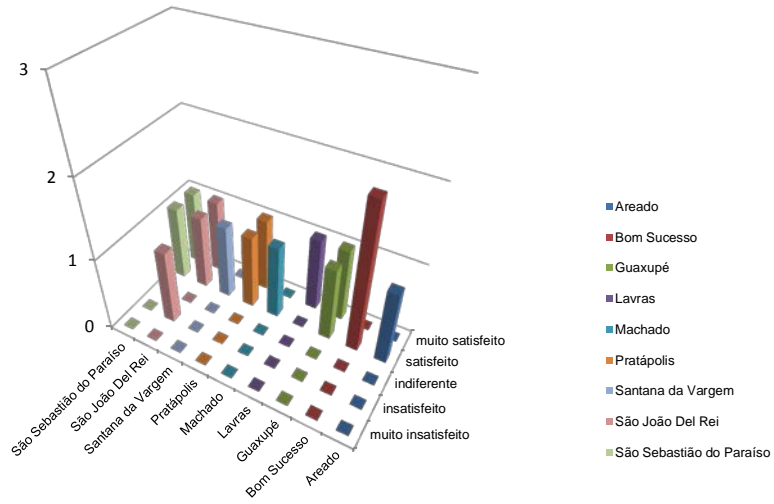
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto da cozinha da sua casa?



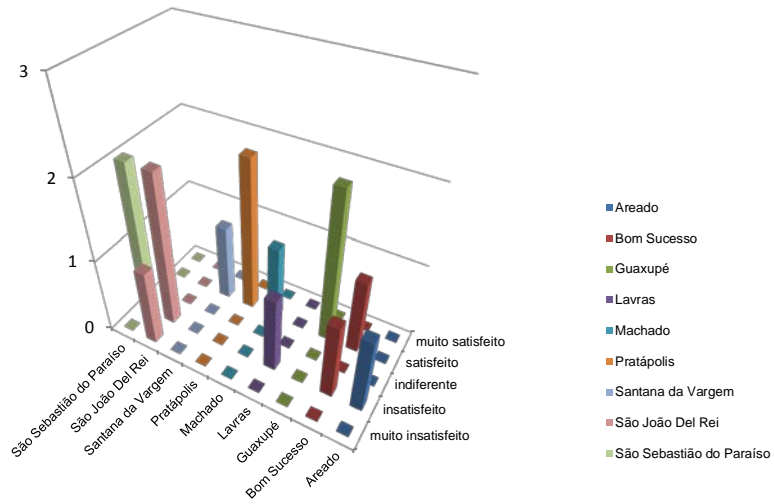
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto da cozinha da sua casa?



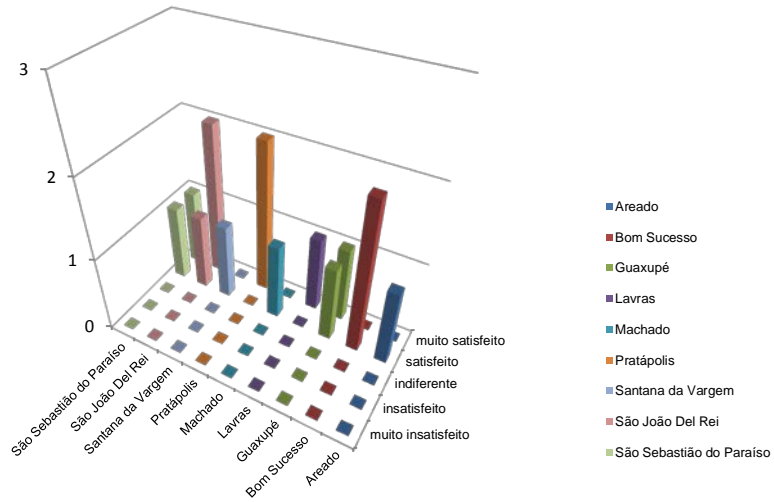
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do banheiro da sua casa?



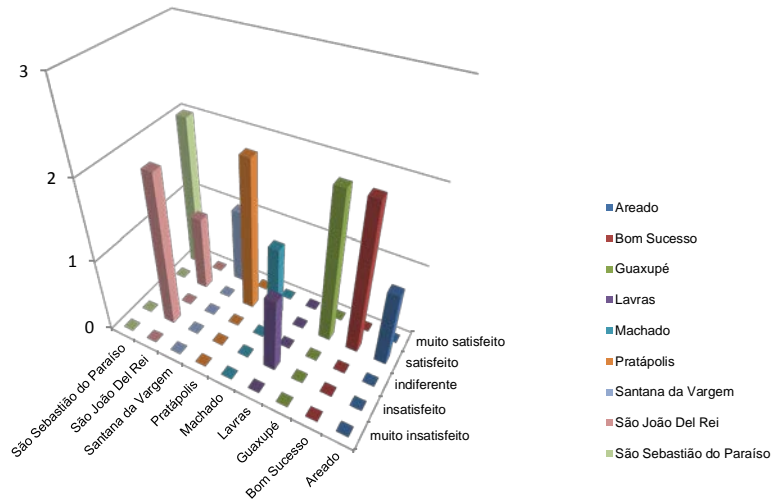
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do banheiro da sua casa?



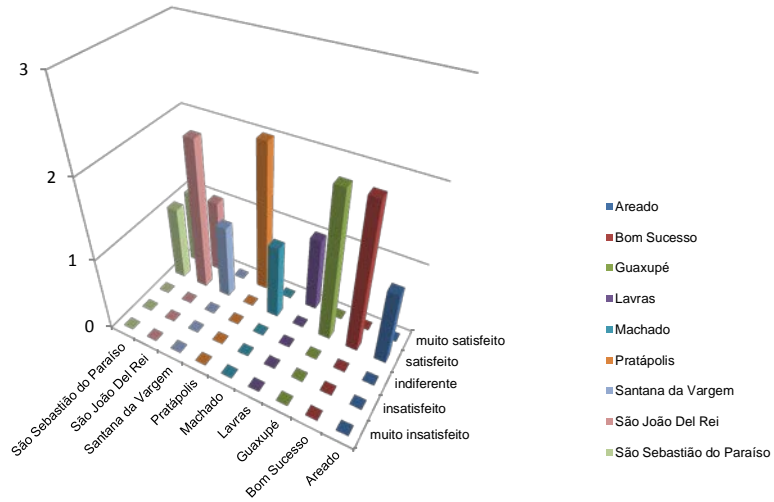
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do quintal da sua casa?



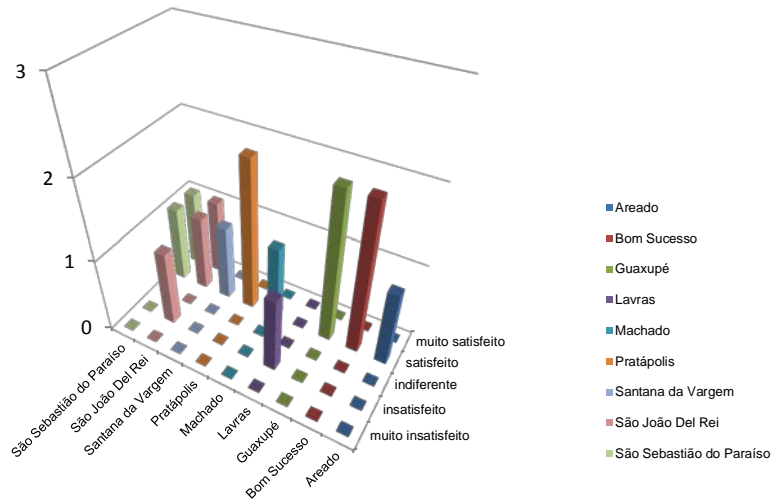
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do quintal da sua casa?



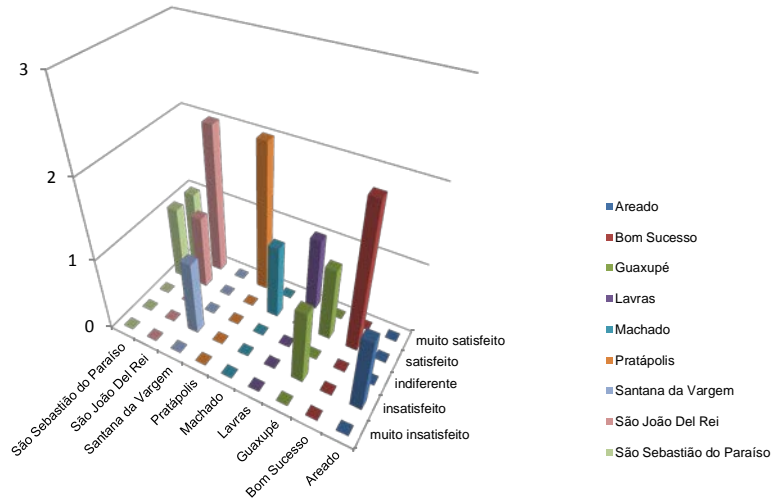
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto da entrada da sua casa?



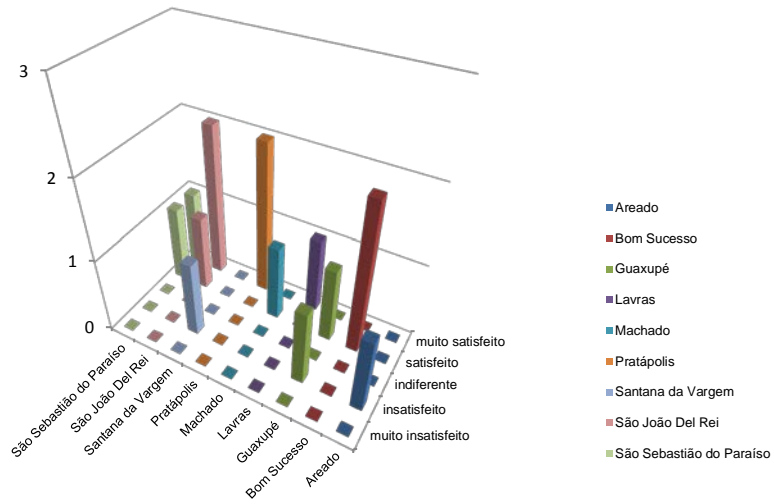
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto da entrada da sua casa?



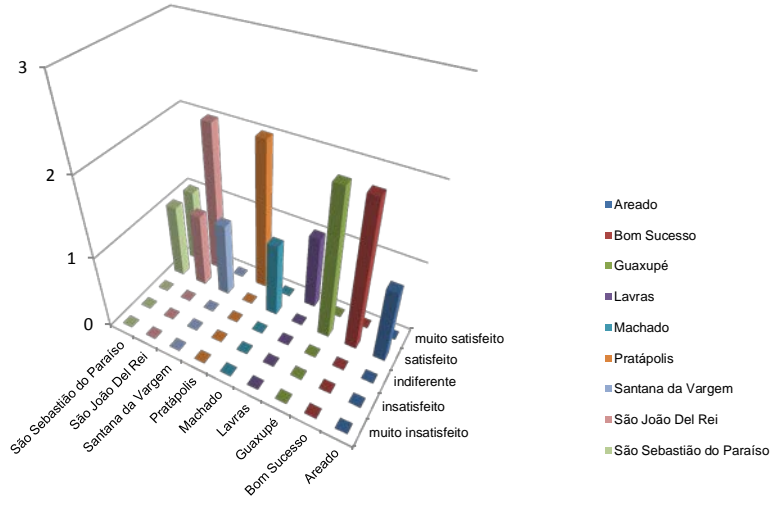
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do passeio da sua casa?



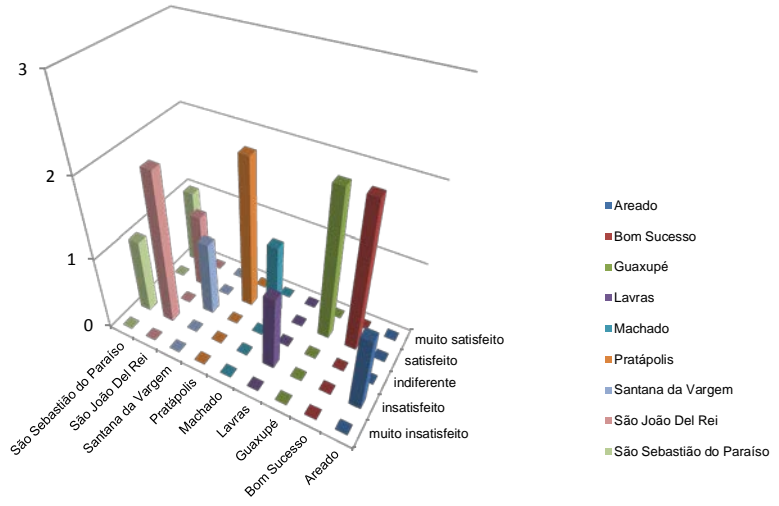
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do passeio da sua casa?



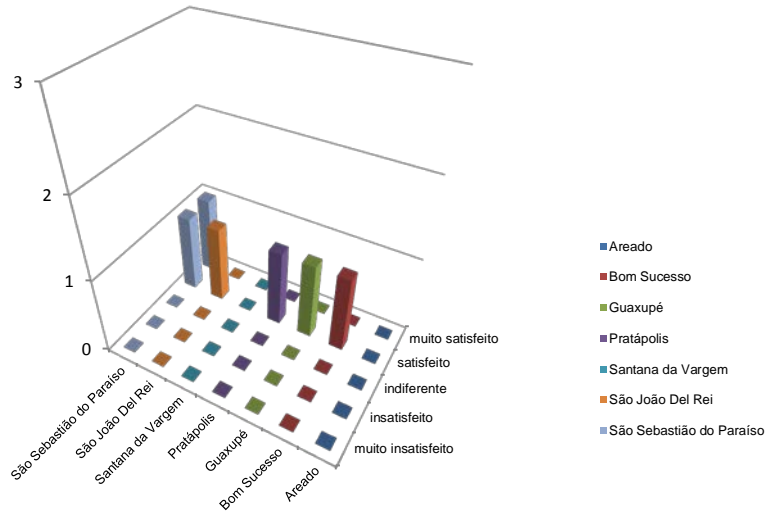
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do corredor /
 circulação interna da sua casa?



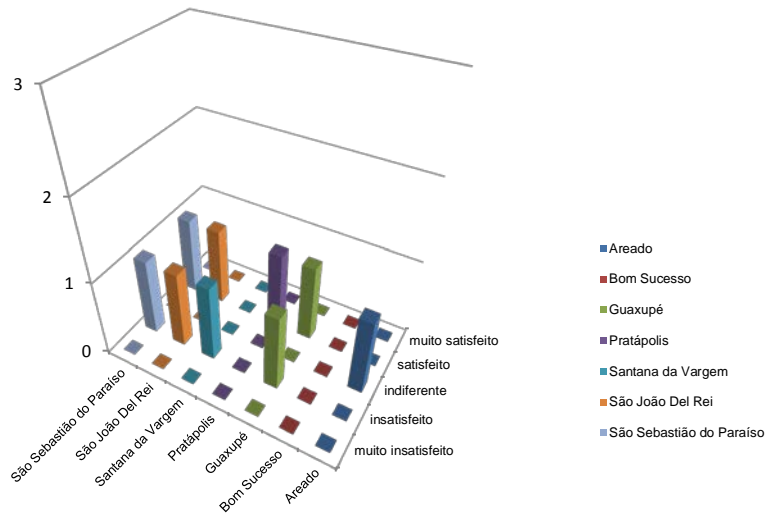
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do corredor /
 circulação interna da sua casa?



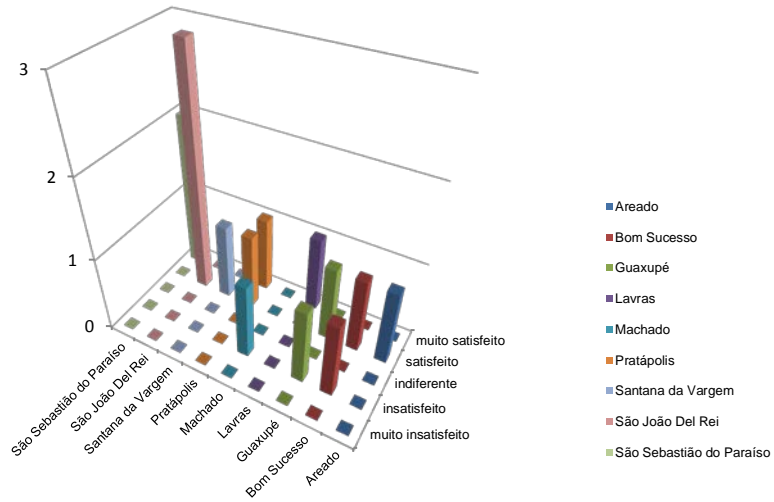
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do ambiente de acréscimo da sua casa?



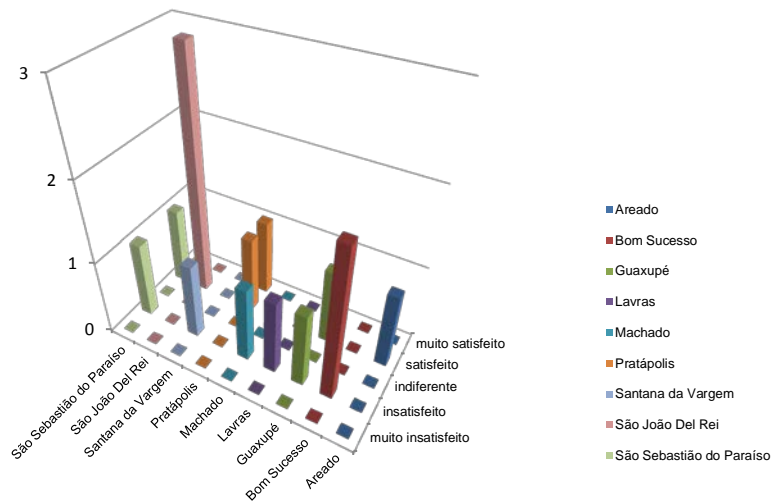
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto ao conforto do ambiente de acréscimo da sua casa?



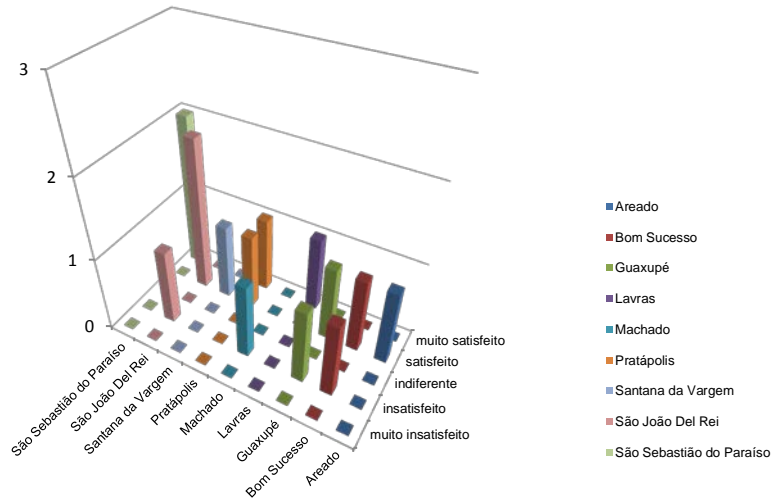
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência da sala da sua casa?



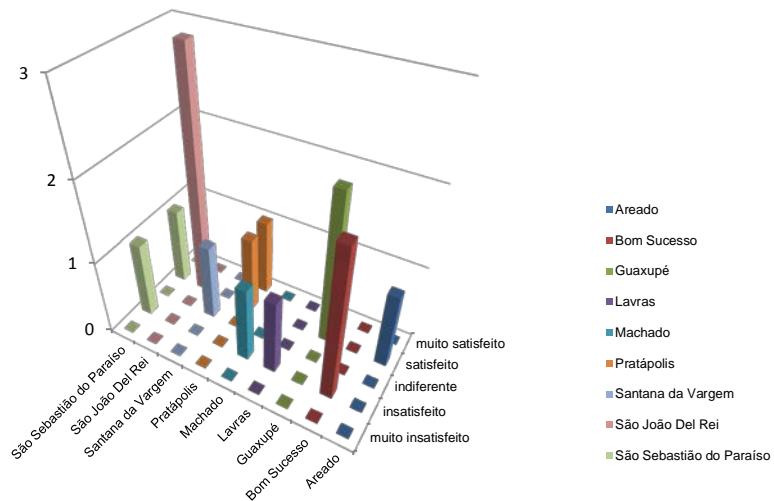
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência da sala da sua casa?



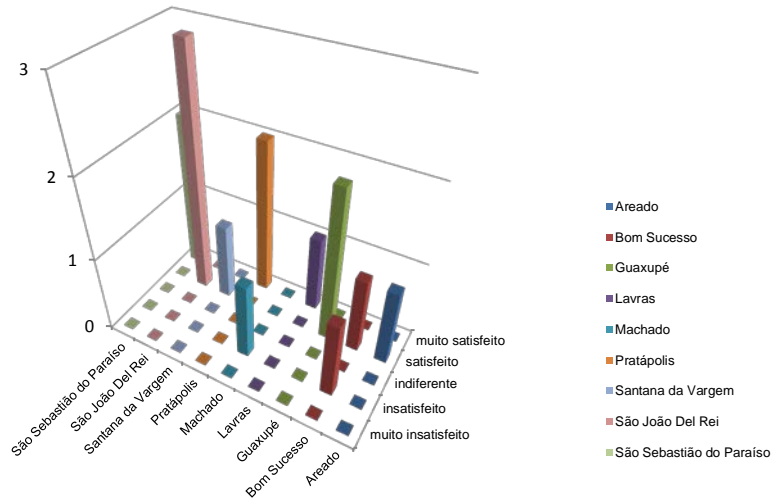
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do dormitório
 1/quarto de solteiro da sua casa?



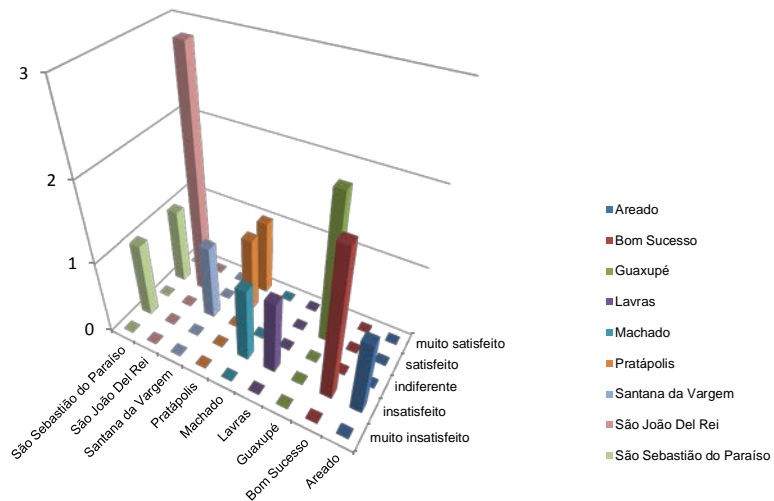
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do dormitório
 1/quarto de solteiro da sua casa?



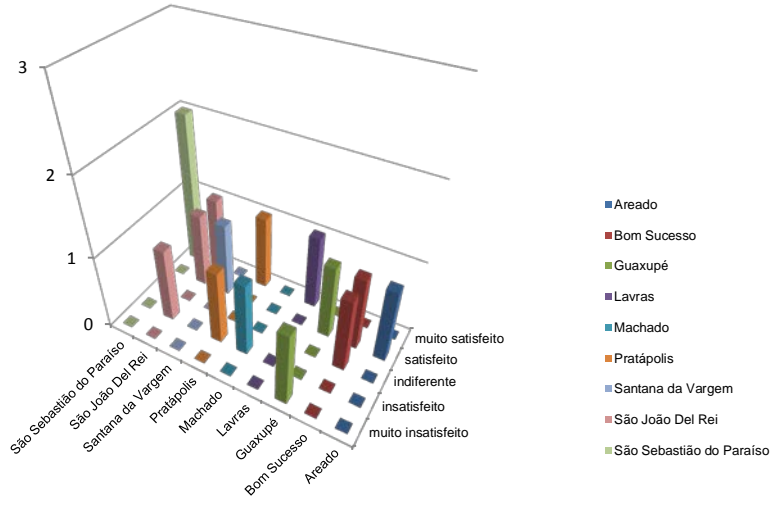
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



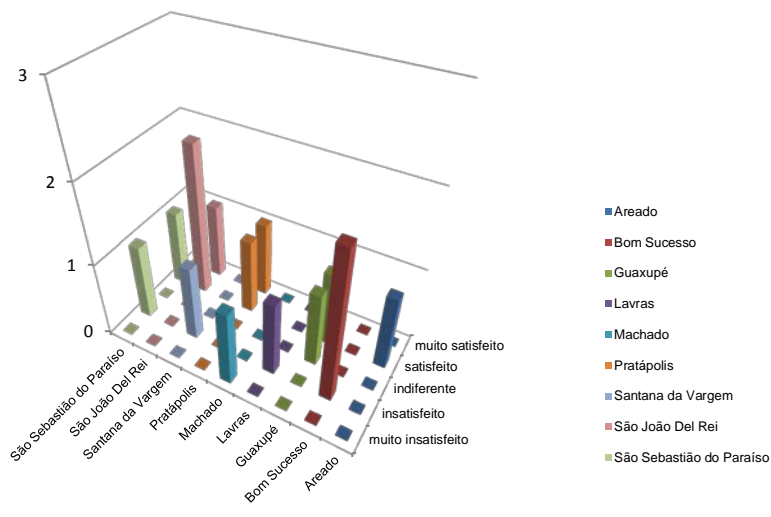
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do dormitório 2 /
 quarto de casal da sua casa?



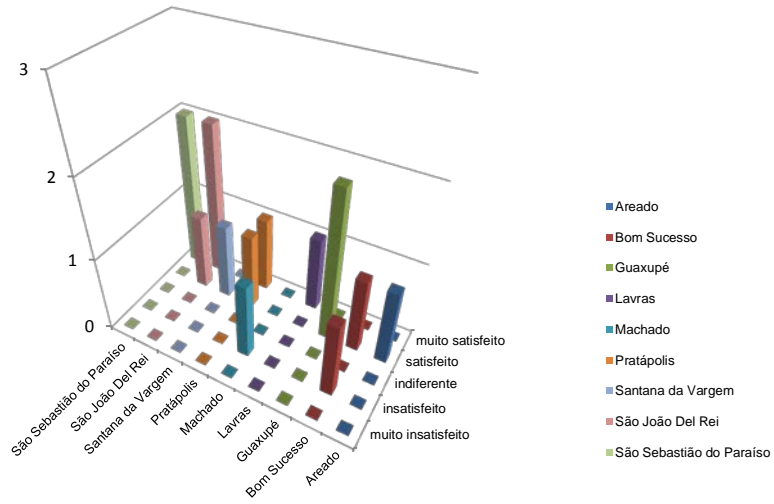
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência da cozinha da sua casa?



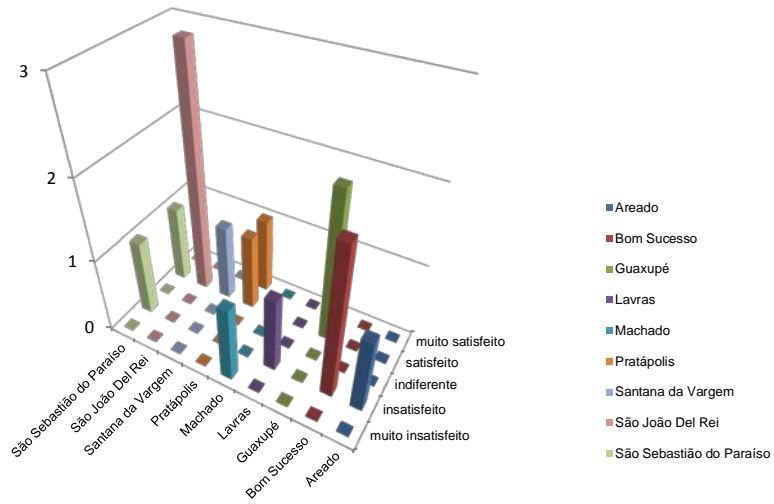
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência da cozinha da sua casa?



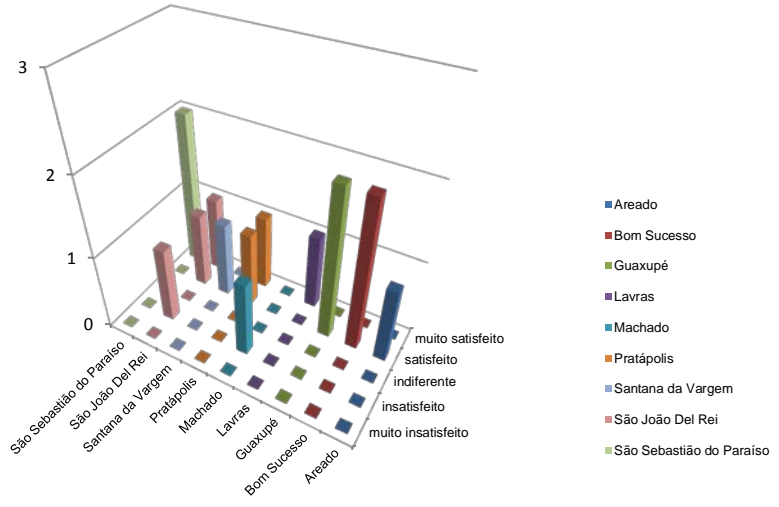
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do banheiro da sua casa?



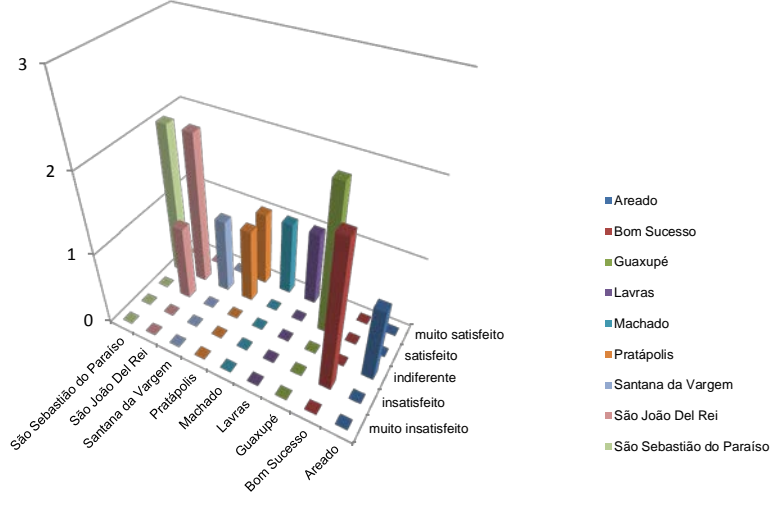
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do banheiro da sua casa?



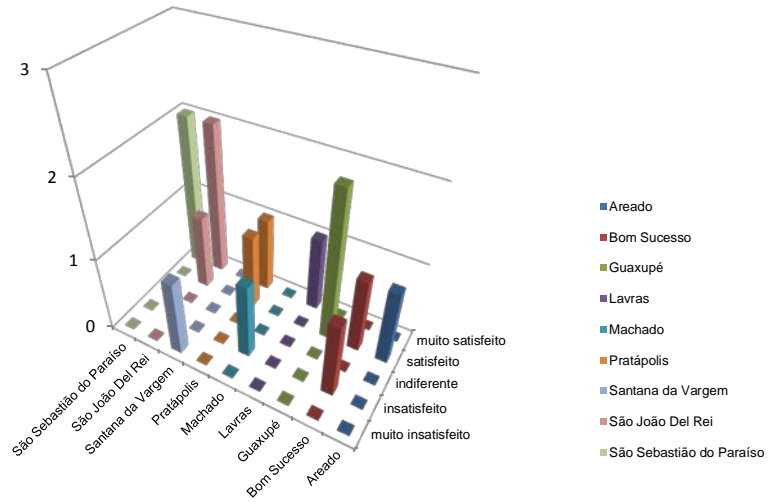
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do quintal da sua casa?



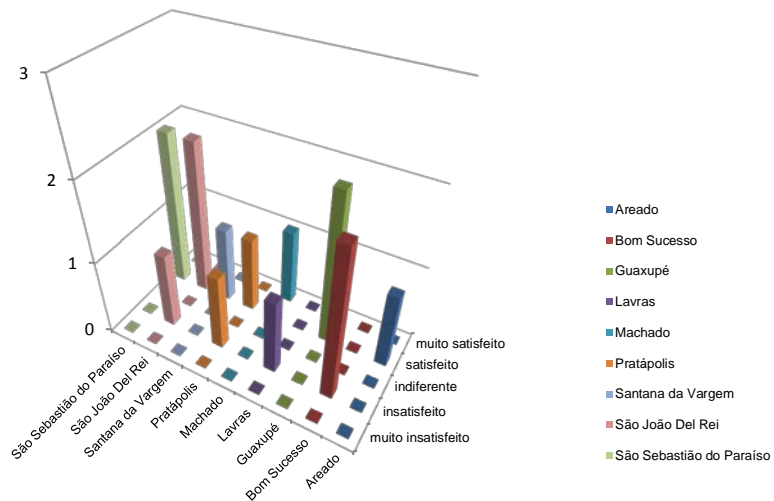
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do quintal da sua casa?



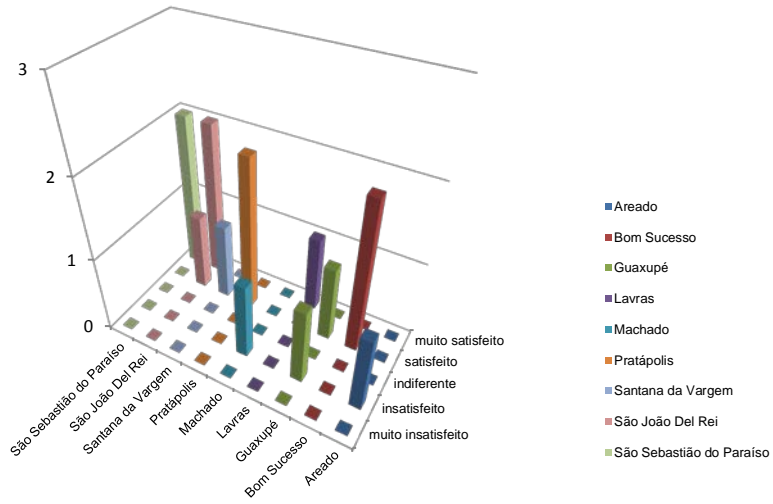
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência da entrada da sua casa?



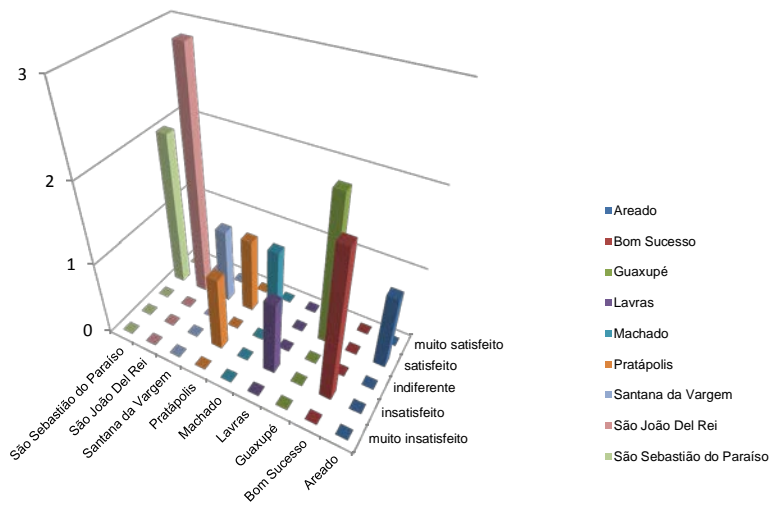
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência da entrada da sua casa?



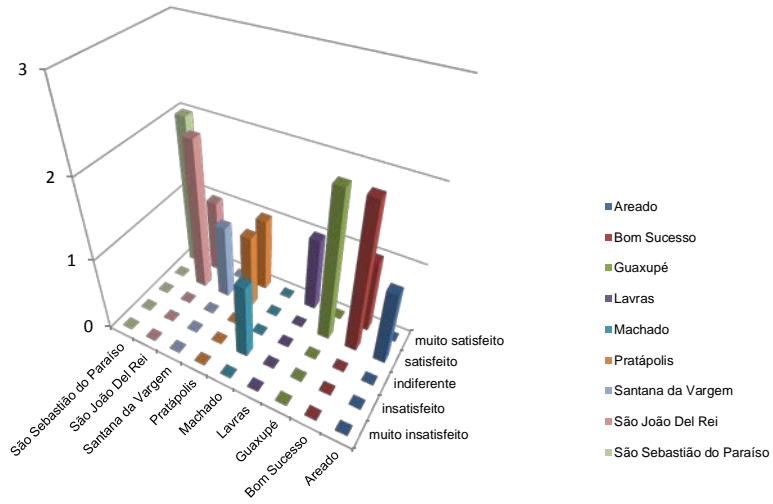
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do passeio da sua casa?



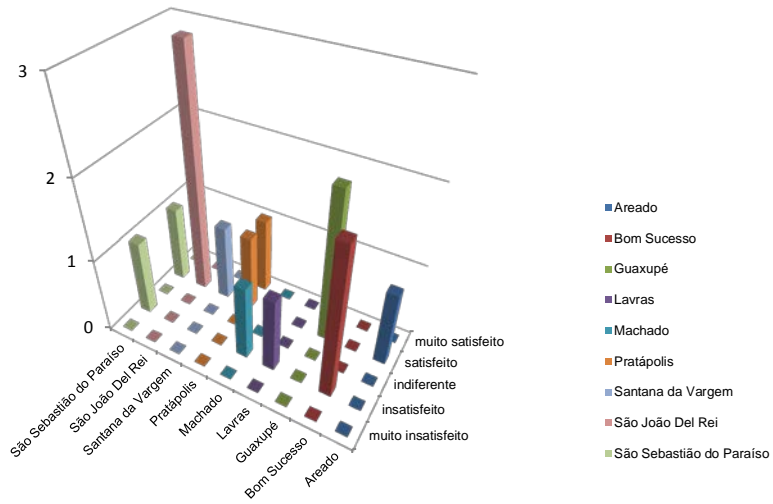
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do passeio da sua casa?



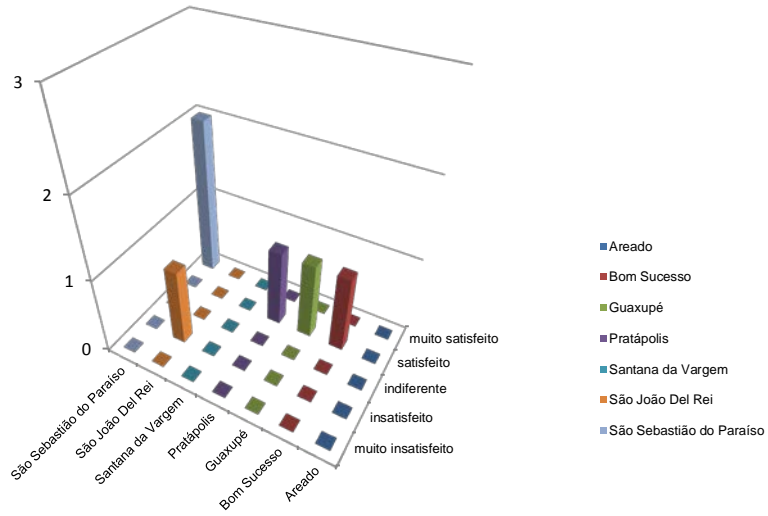
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do corredor/circulação interna da sua casa?



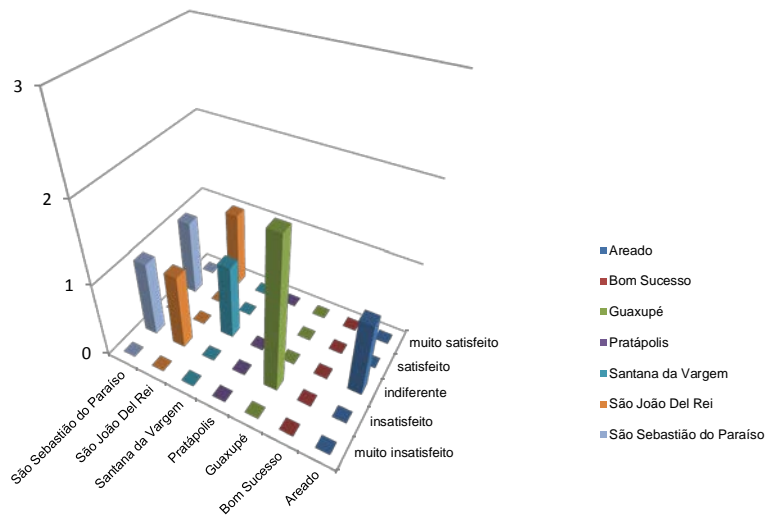
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à aparência do corredor/circulação interna da sua casa?



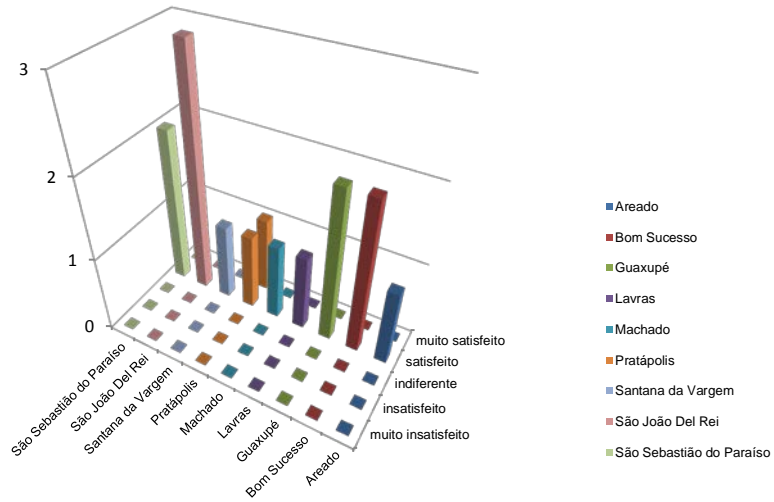
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a aparência do ambiente de acréscimo da sua casa?



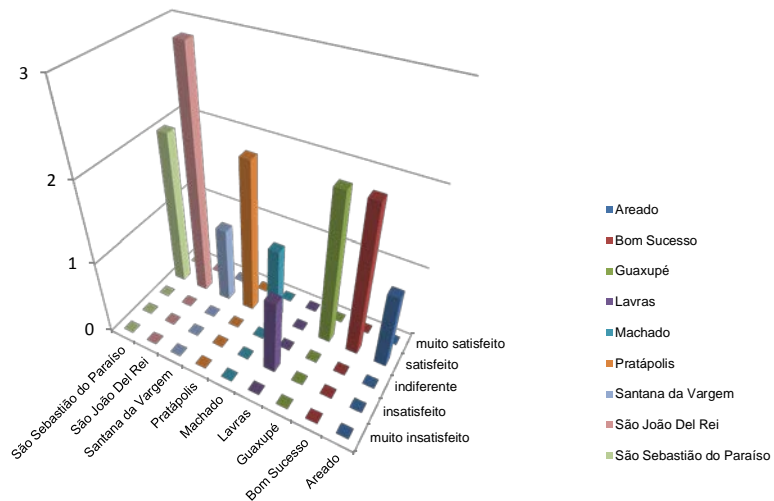
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto a aparência do ambiente de acréscimo da sua casa?



COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
 acidentes na sala da sua casa?



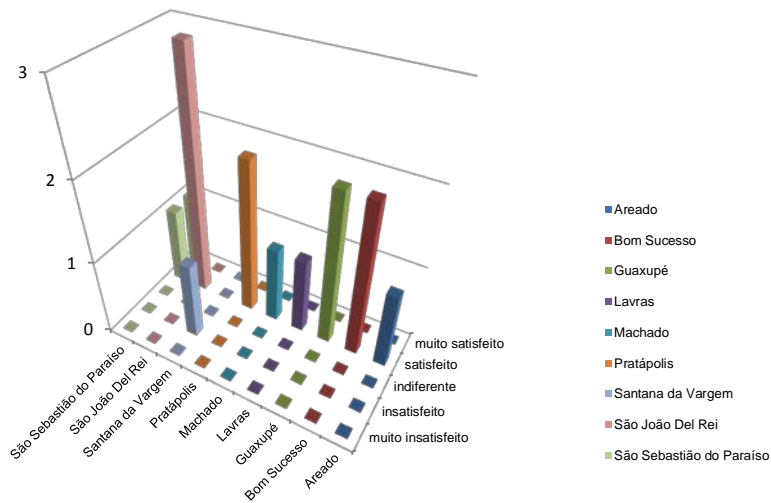
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
 acidentes na sala da sua casa?



COMPARATIVO GERAL

Casas projetadas para acessibilidade

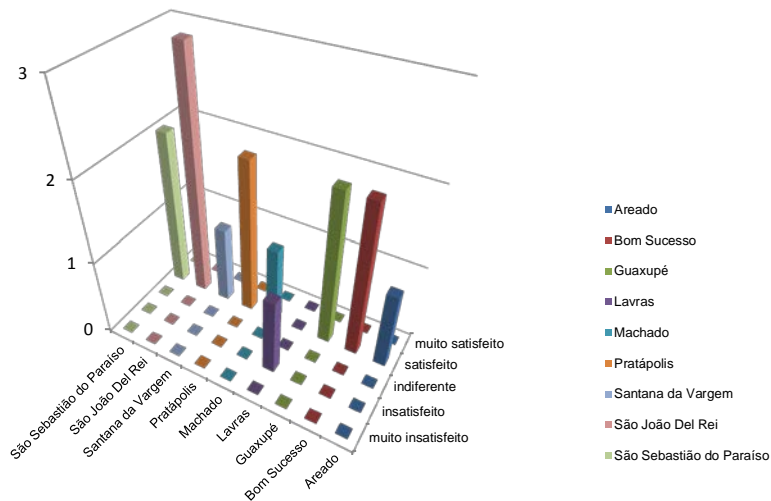
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no dormitório 1 / quarto de solteiro da sua casa?



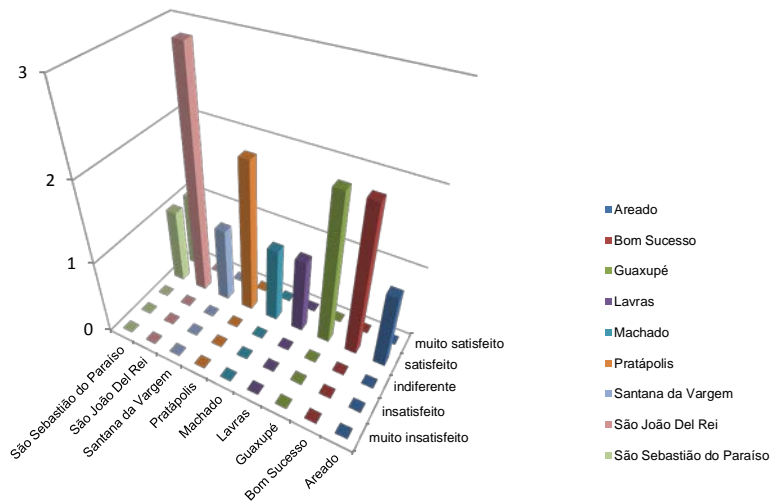
COMPARATIVO GERAL

Casas não projetadas para acessibilidade

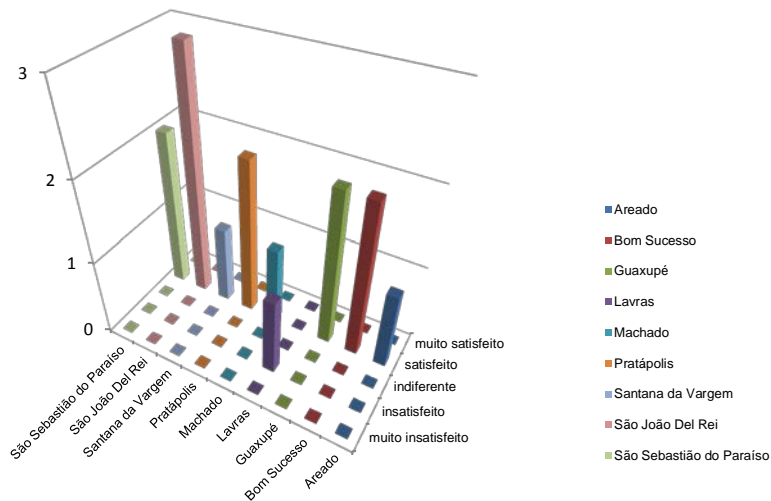
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no dormitório 1 / quarto de solteiro da sua casa?



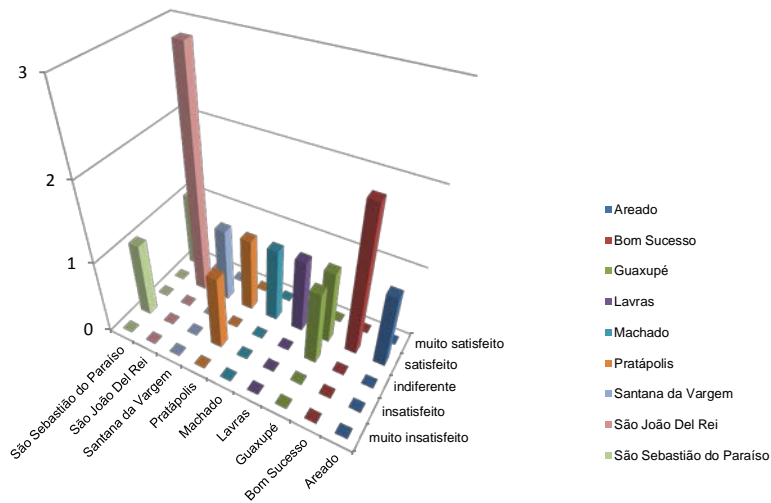
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
 acidentes no dormitório 2 / quarto de casal da sua casa?



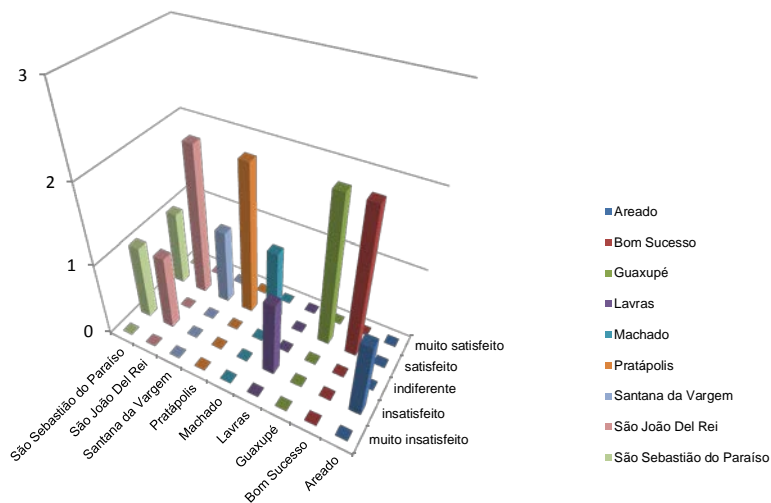
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
 acidentes no dormitório 2 / quarto de casal da sua casa?



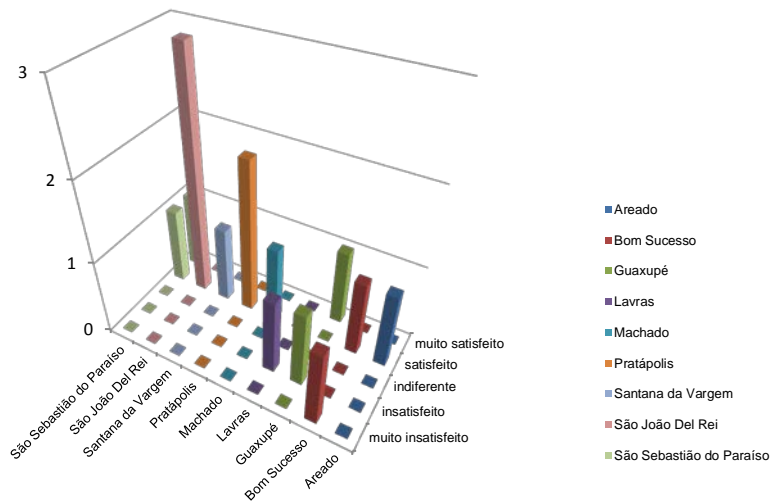
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
 acidentes na cozinha da sua casa?



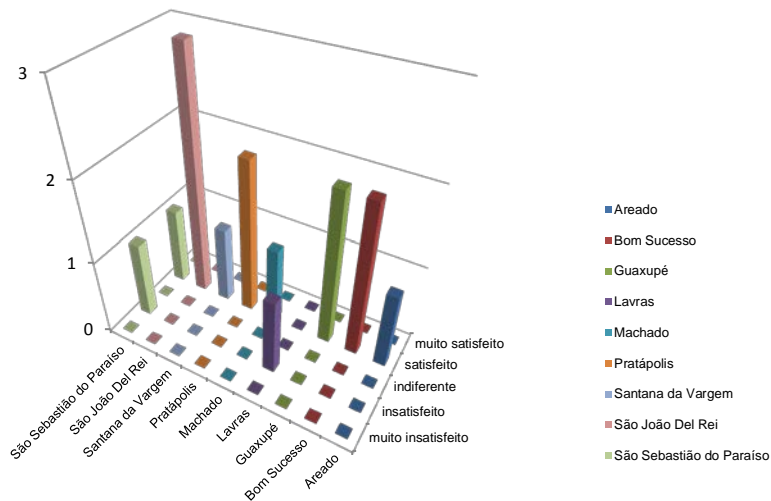
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
 acidentes na cozinha da sua casa?



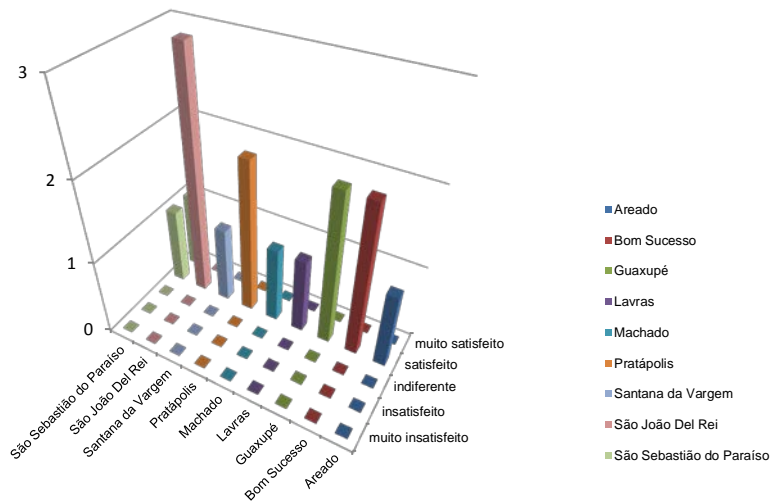
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentados no banheiro da sua casa?



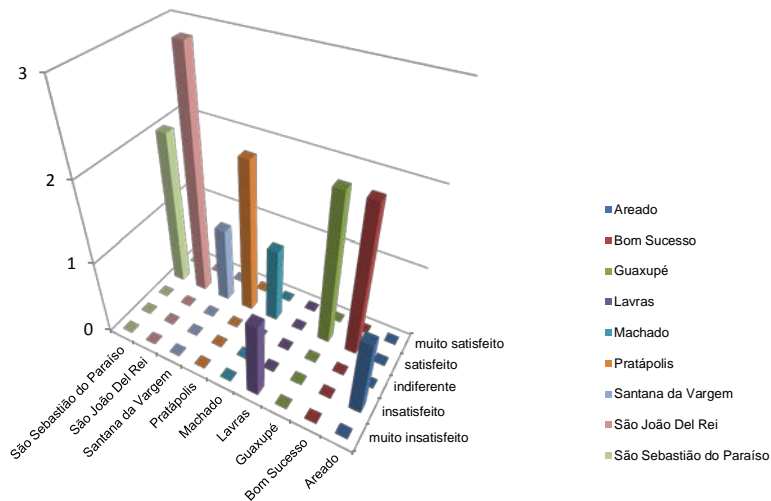
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentados no banheiro da sua casa?



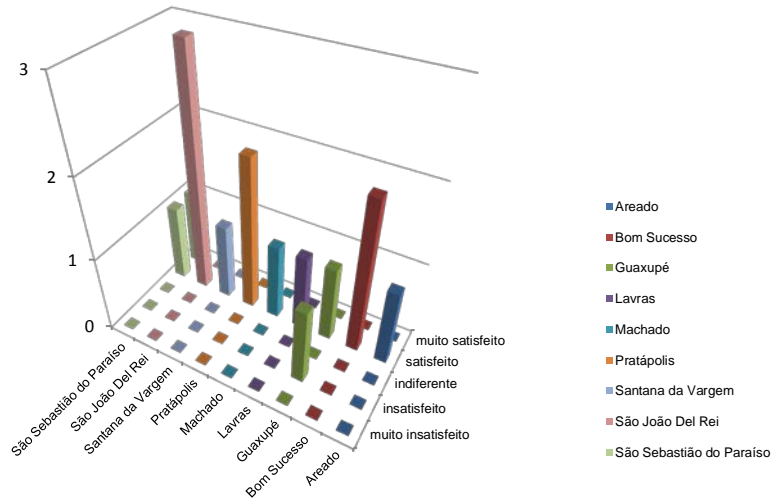
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no quintal da sua casa?



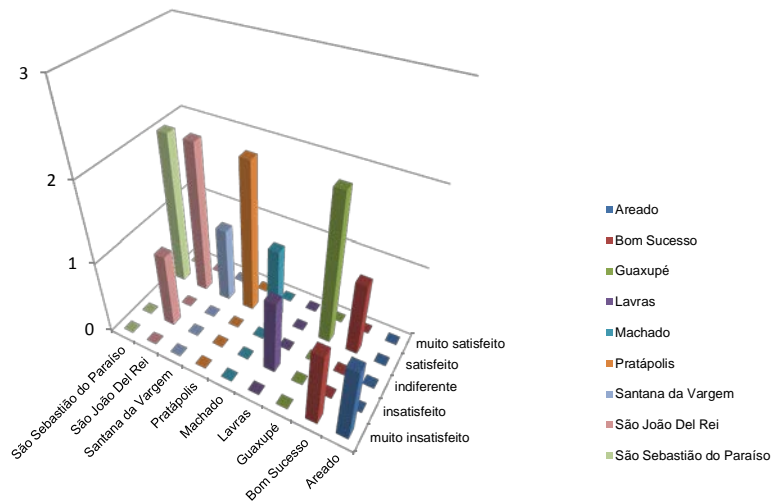
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no quintal da sua casa?



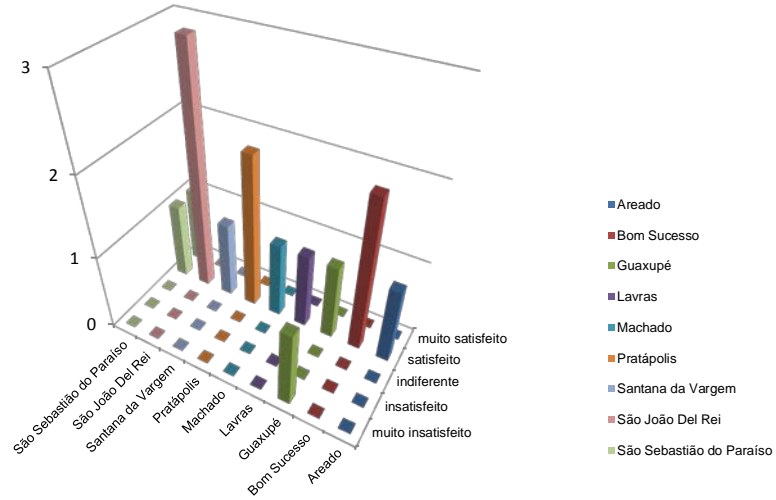
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentados na entrada da sua casa?



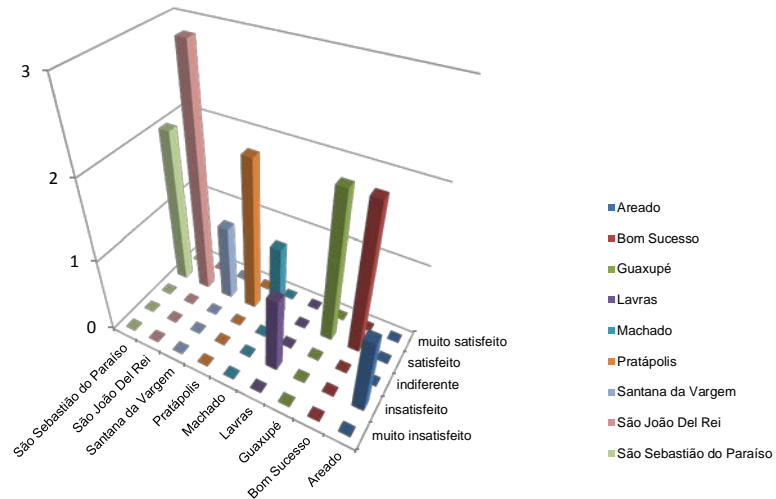
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentados na entrada da sua casa?



COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
acidentes no passeio da sua casa?



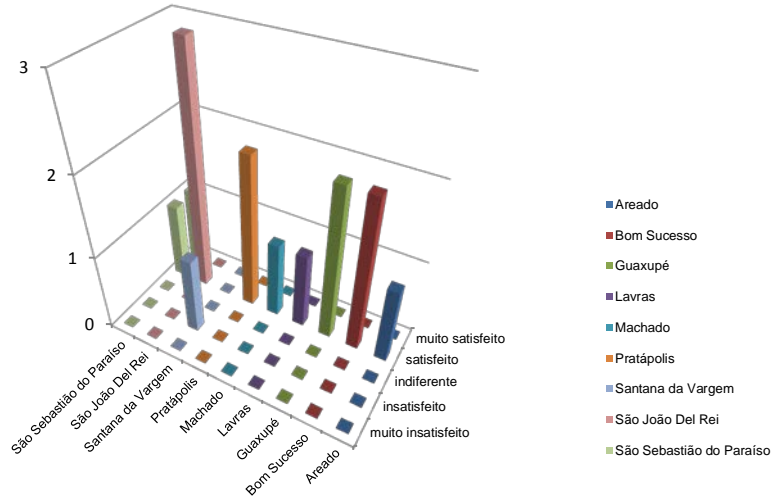
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis
acidentes no passeio da sua casa?



COMPARATIVO GERAL

Casas projetadas para acessibilidade

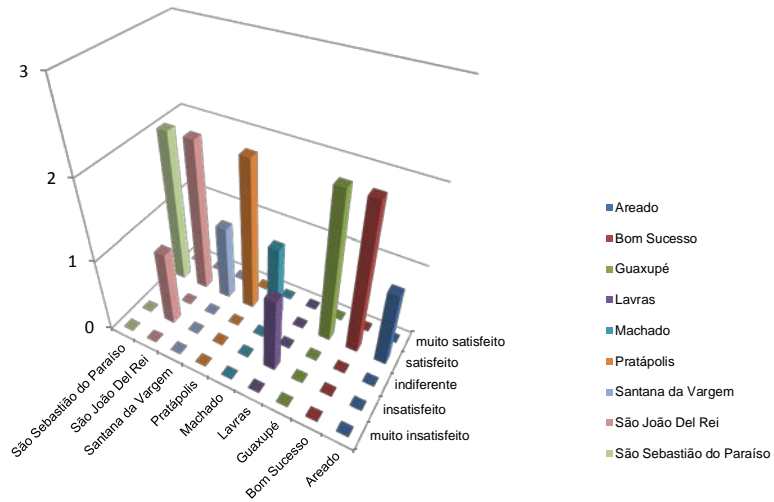
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no corredor/circulação interna da sua casa?



COMPARATIVO GERAL

Casas não projetadas para acessibilidade

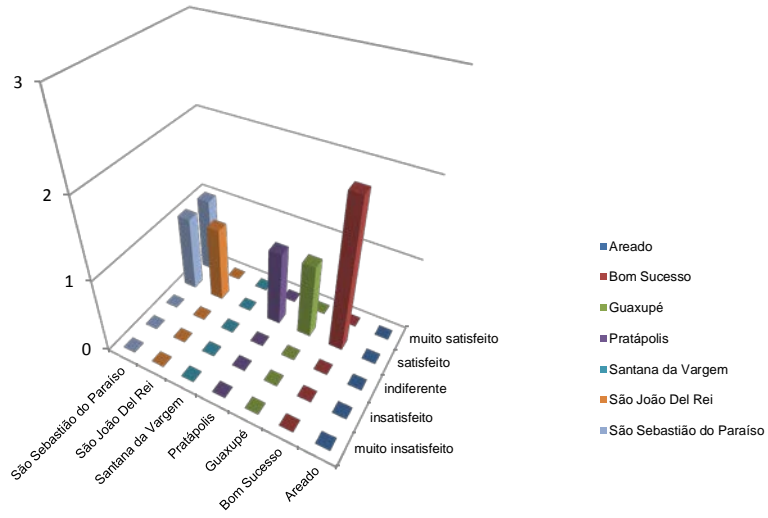
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no corredor/circulação interna da sua casa?



COMPARATIVO GERAL

Casas projetadas para acessibilidade

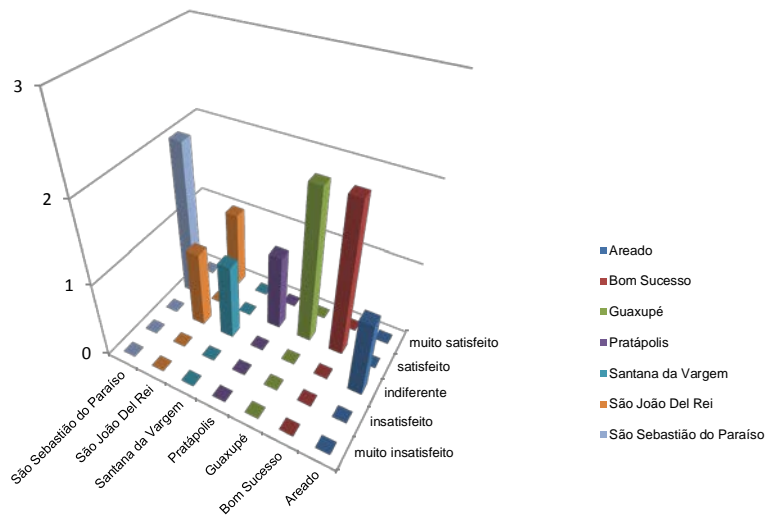
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no ambiente de acréscimo da sua casa?



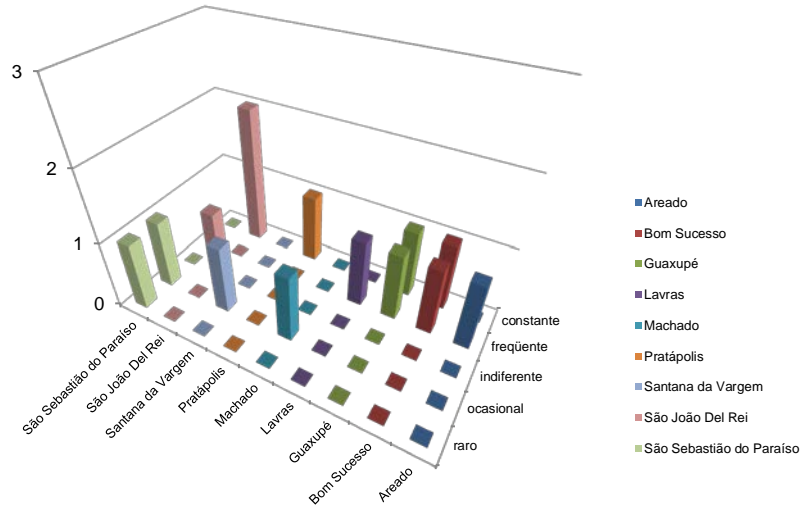
COMPARATIVO GERAL

Casas não projetadas para acessibilidade

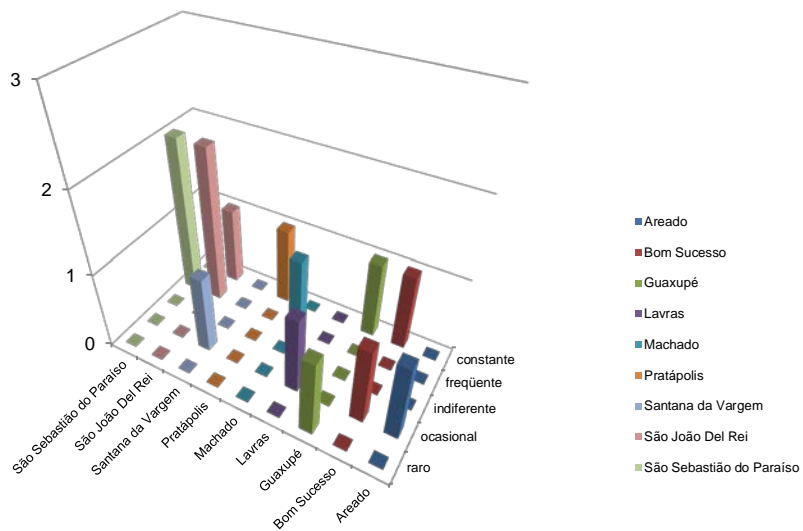
Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no ambiente de acréscimo da sua casa?



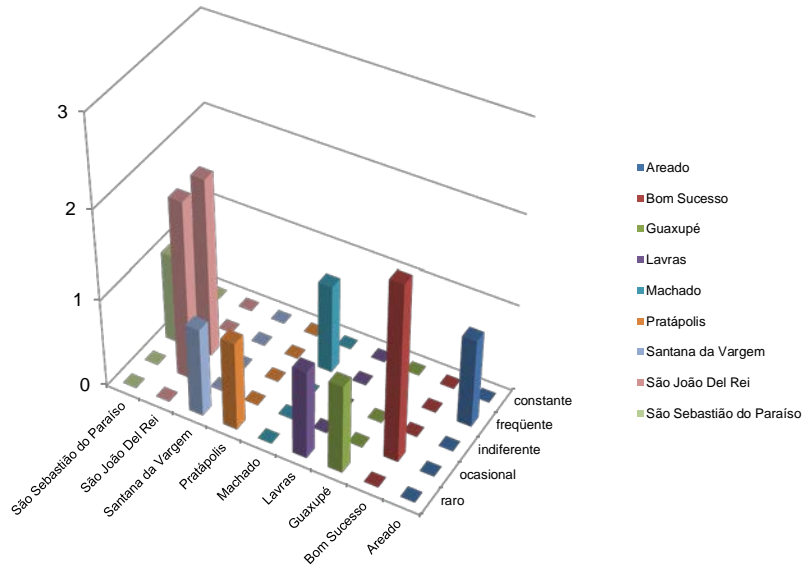
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o momento de interação social em família no espaço da casa?



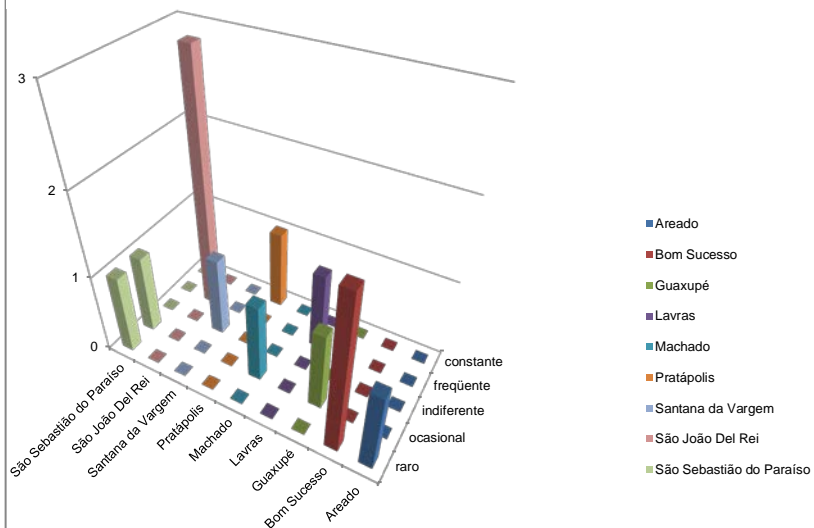
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a atividade individual prevista no projeto para ao espaço da casa?



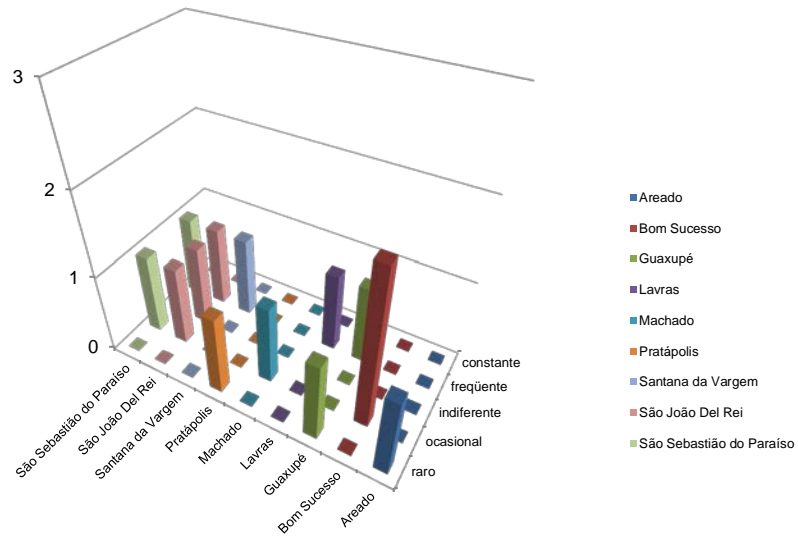
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a atividade individual de improviso para o espaço da casa?



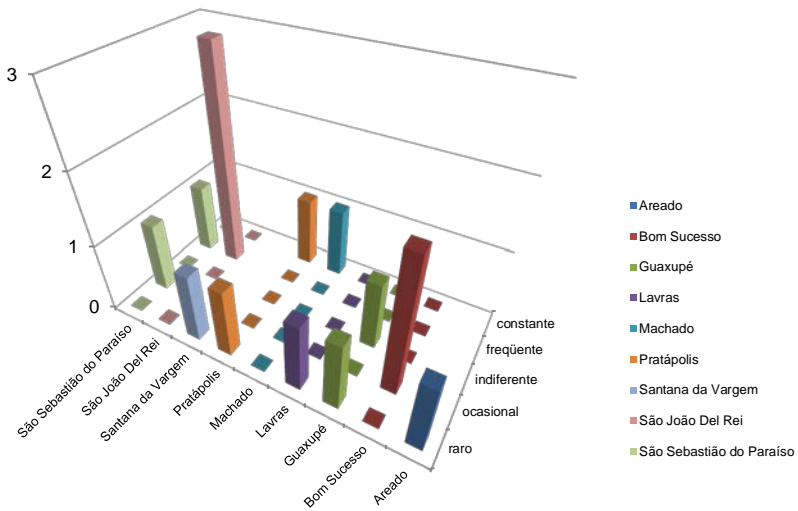
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a atividade social prevista no projeto para o espaço da casa?



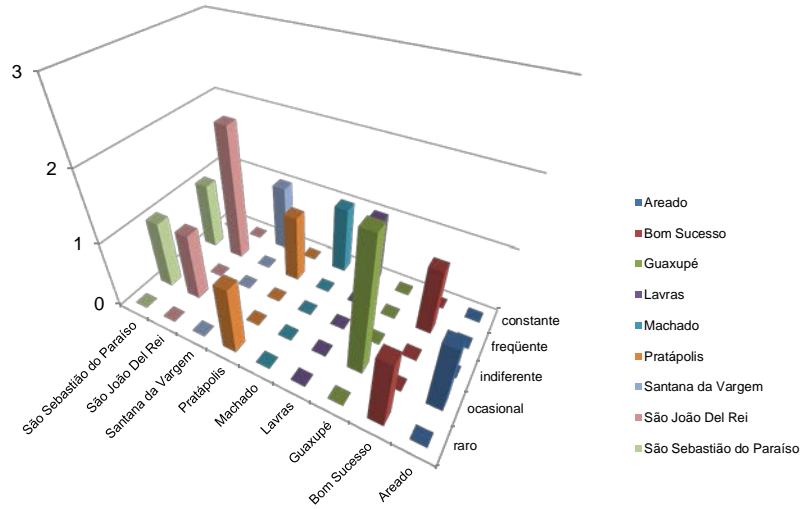
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a atividade social de improviso para o espaço da casa?



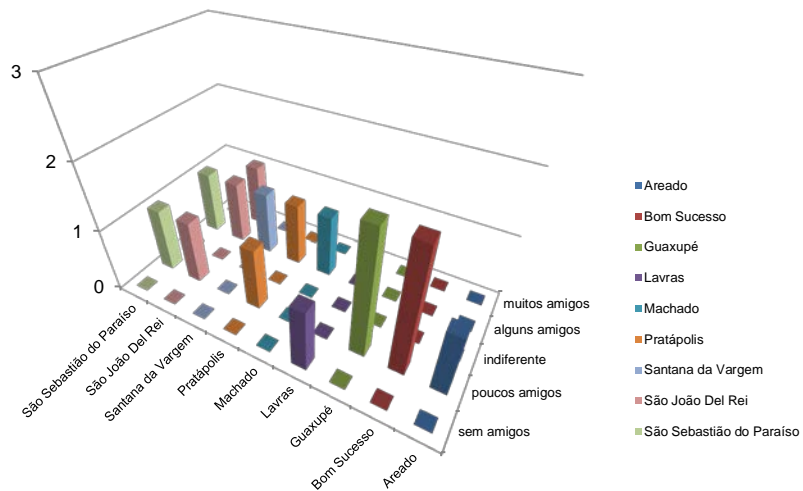
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia o momento de interação social em família no espaço da casa?



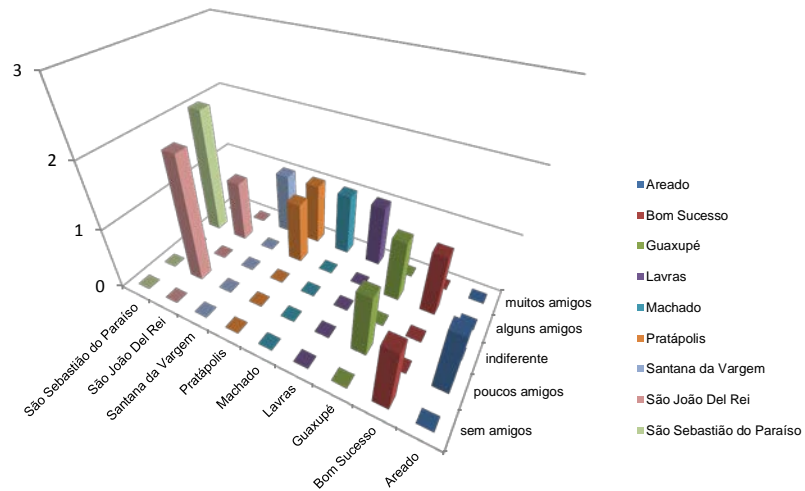
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia o momento de interação social em família no espaço da casa?



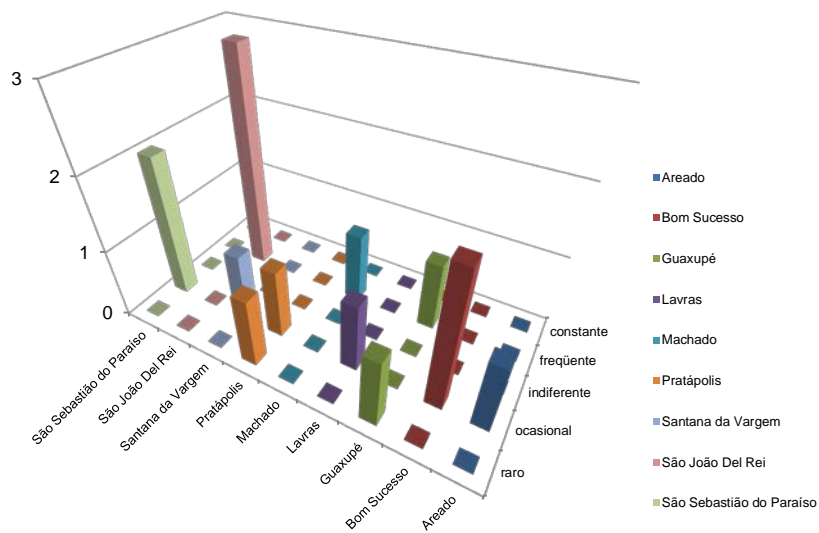
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia as amizades entre pessoas / vizinhos em geral no conjunto habitacional?



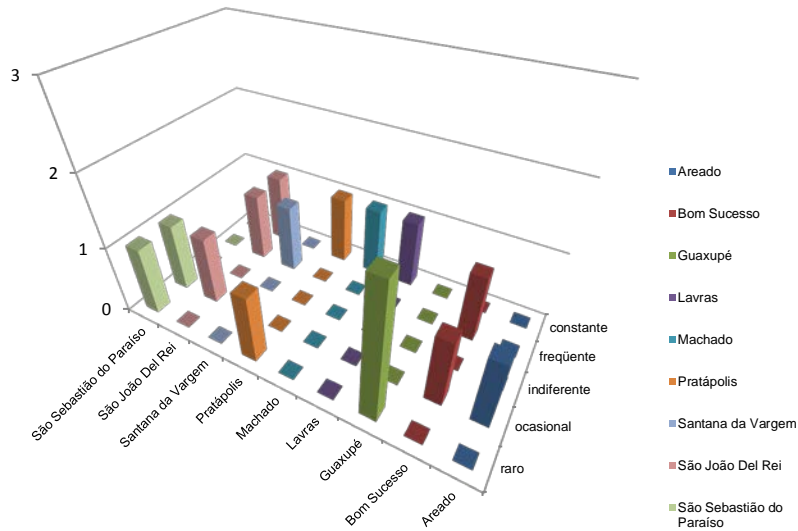
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como voce avalia as amizades entre pessoas / vizinhos em geral no conjunto habitacional?



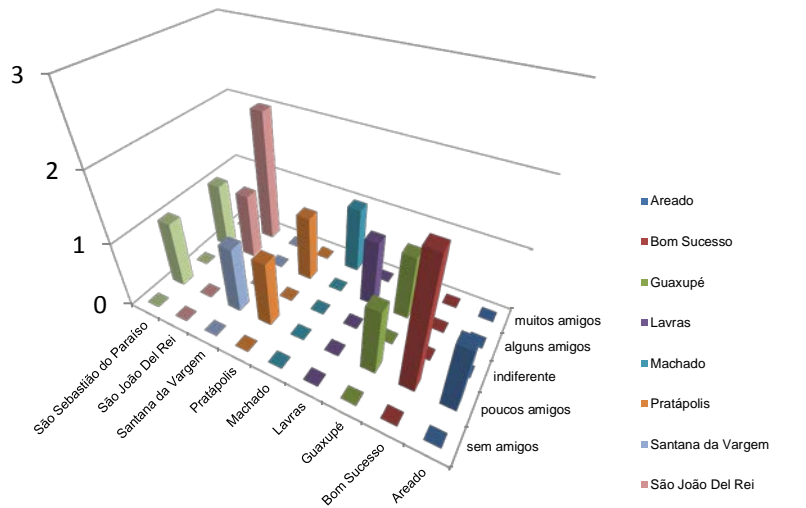
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como vocês avaliam a interação social de vocês com os vizinhos no conjunto habitacional (vê, conversa, brinca, visita cordial?)



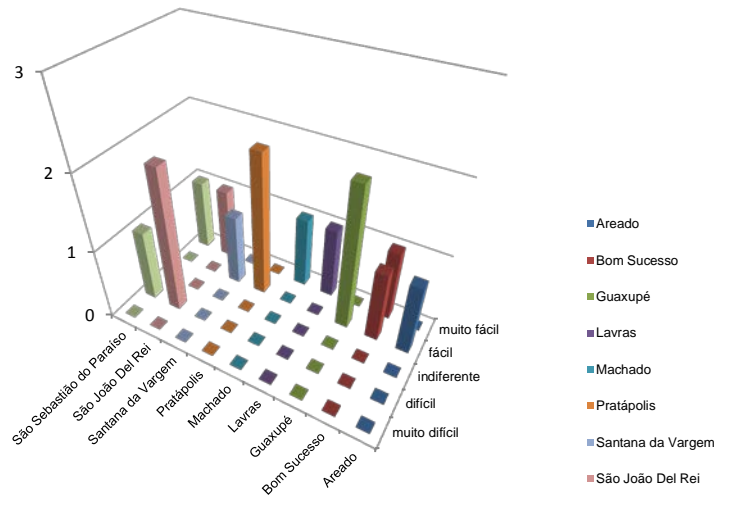
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas não para acessibilidade
 Como vocês avaliam a interação social de vocês com os vizinhos no conjunto habitacional (vê, conversa, brinca, visita cordial?)



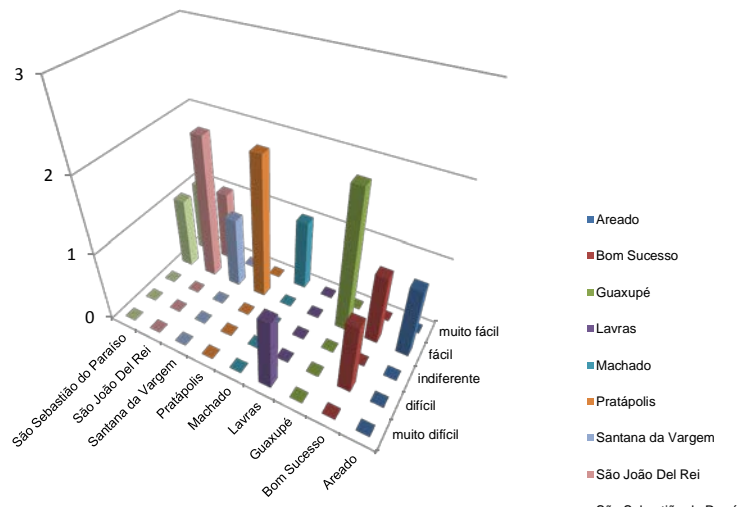
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como vocês avaliam as amizades de vocês com vizinhos no conjunto habitacional?



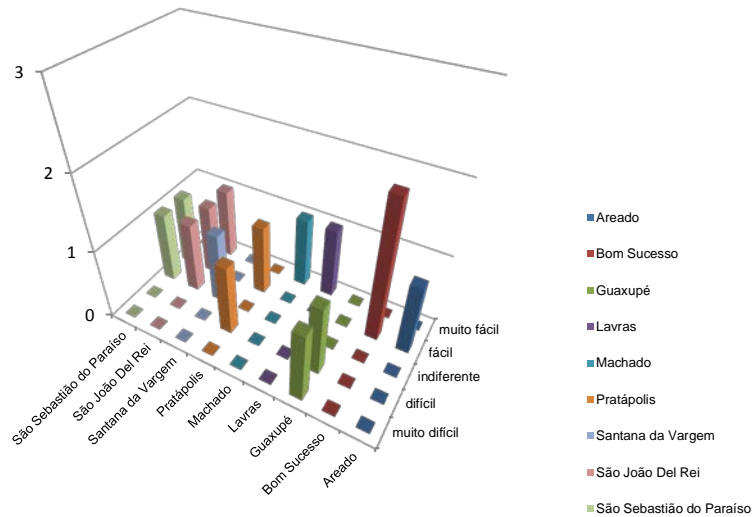
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de dormir; repousar?



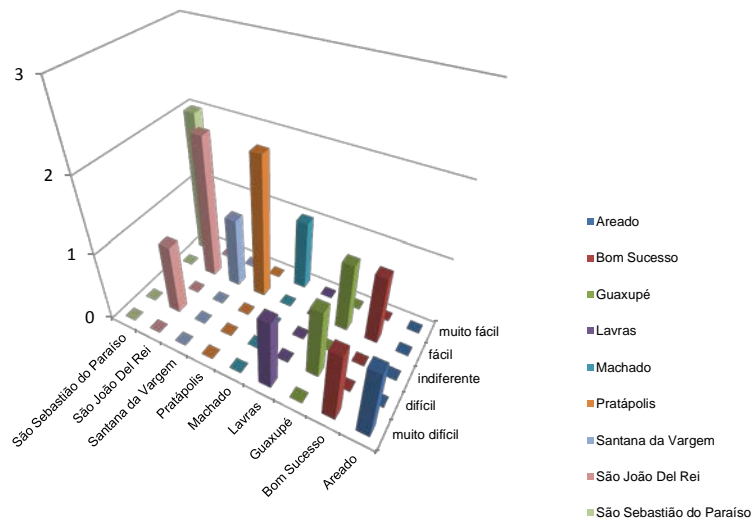
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de dormir; repousar?



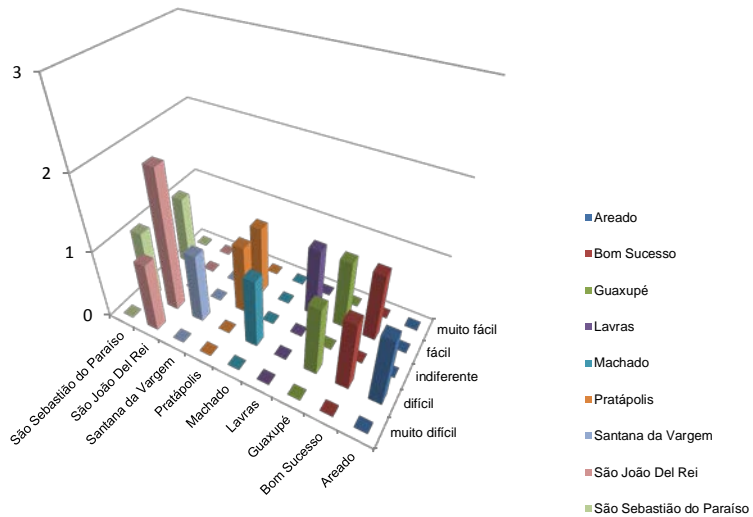
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de descansar; ler deitado?



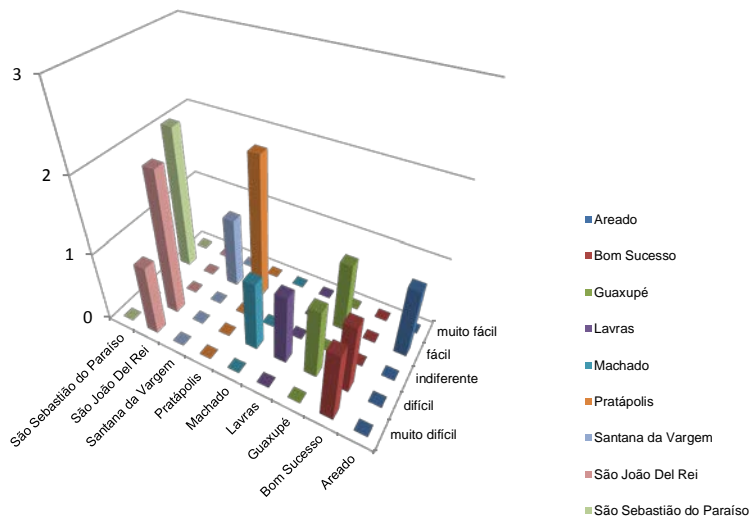
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de descansar; ler deitado?



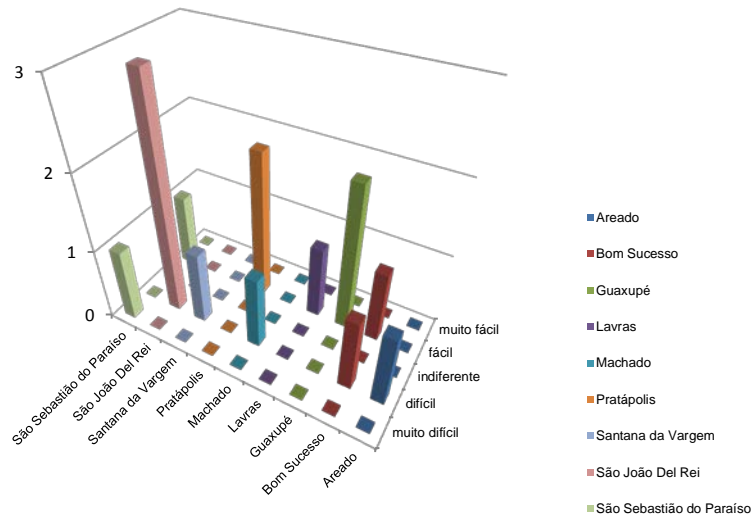
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de convalescer de enfermidade?



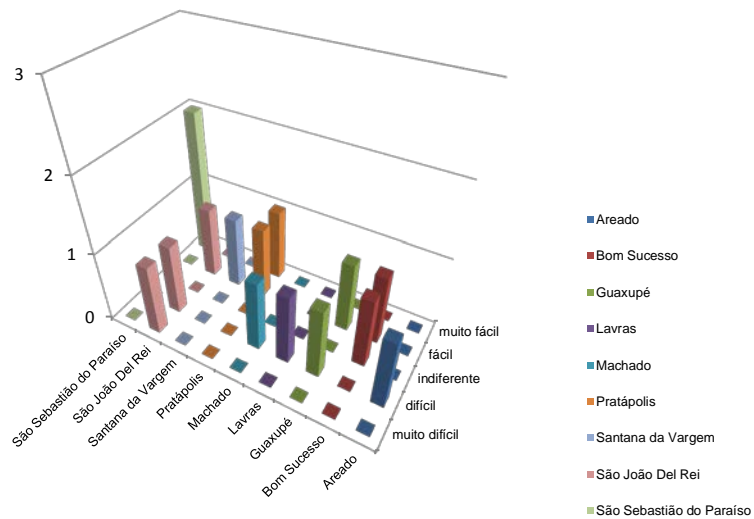
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de convalescer de enfermidade?



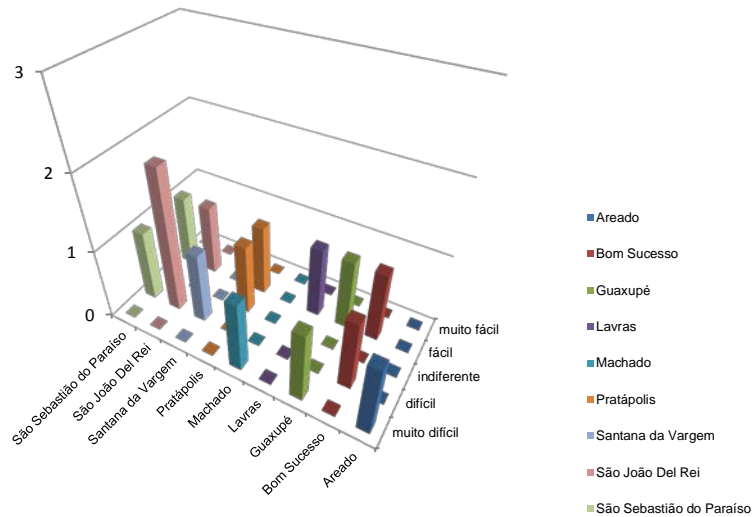
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de tratar de enfermos?



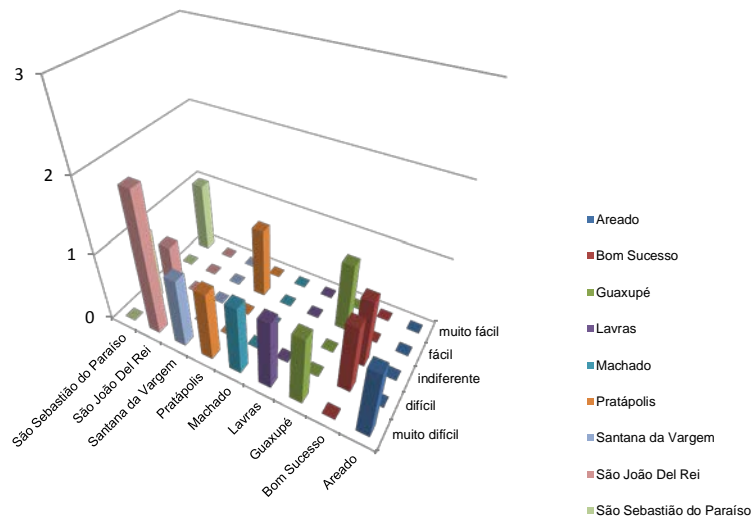
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de tratar de enfermos?



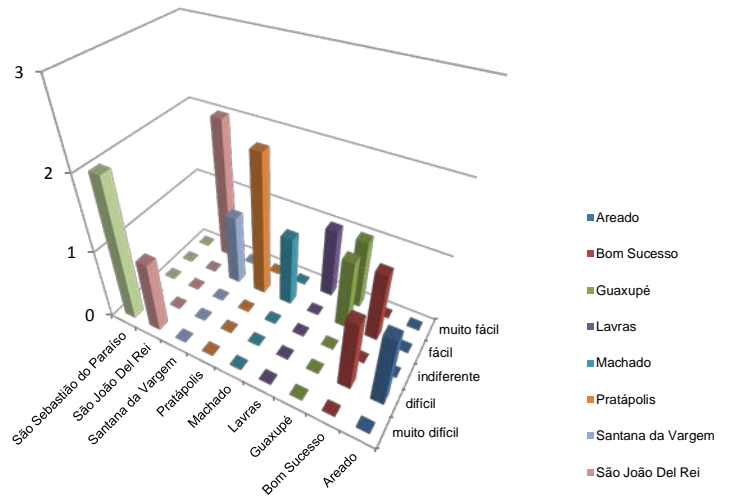
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de alojar hóspedes eventuais (pousar)?



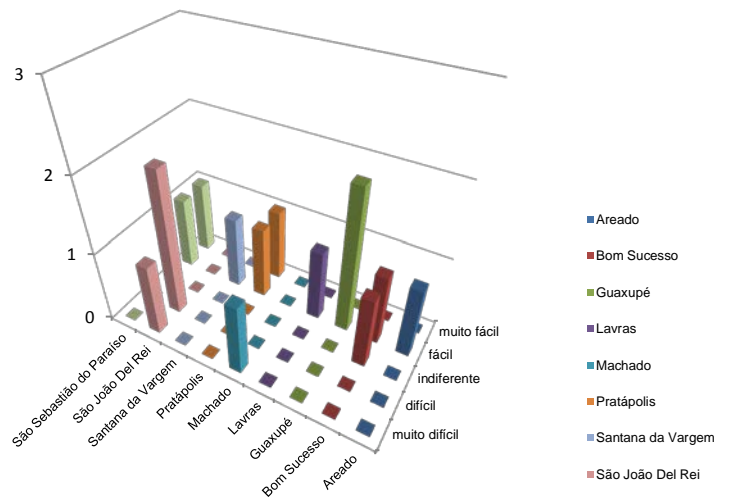
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de alojar hóspedes eventuais (pousar)?



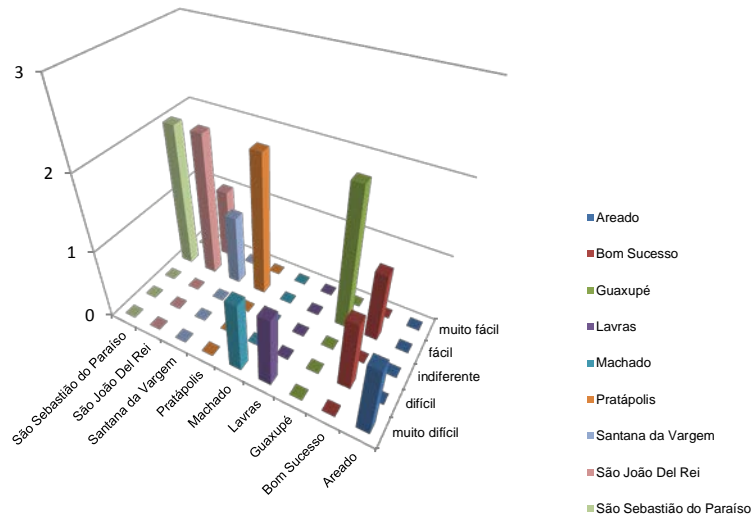
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de tomar refeições coletivamente?



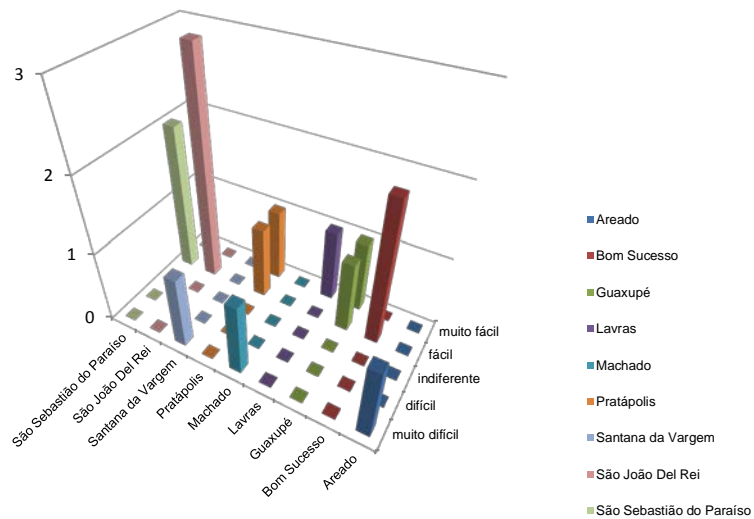
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de tomar refeições coletivamente?



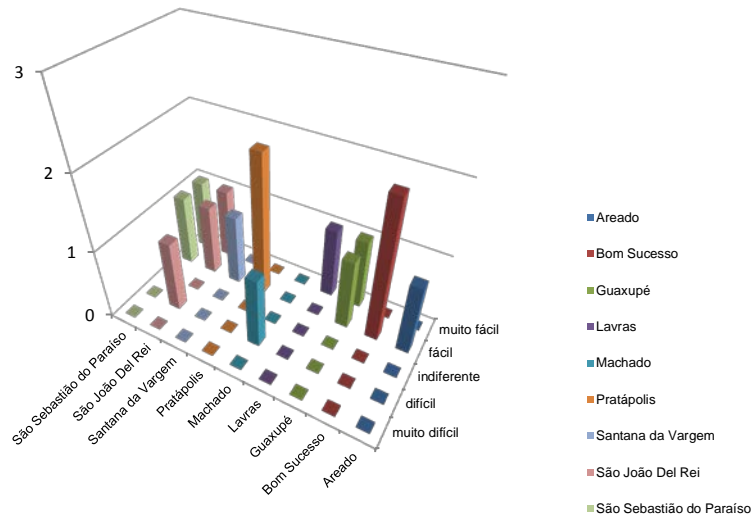
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de receber visitantes?



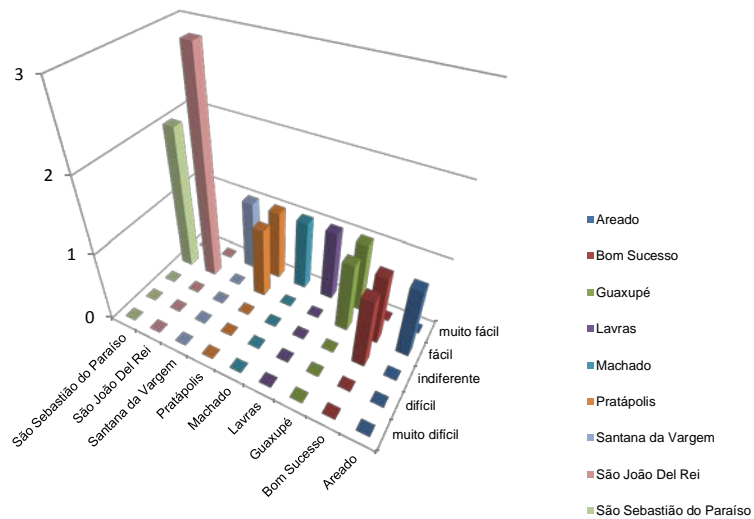
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de receber visitantes?



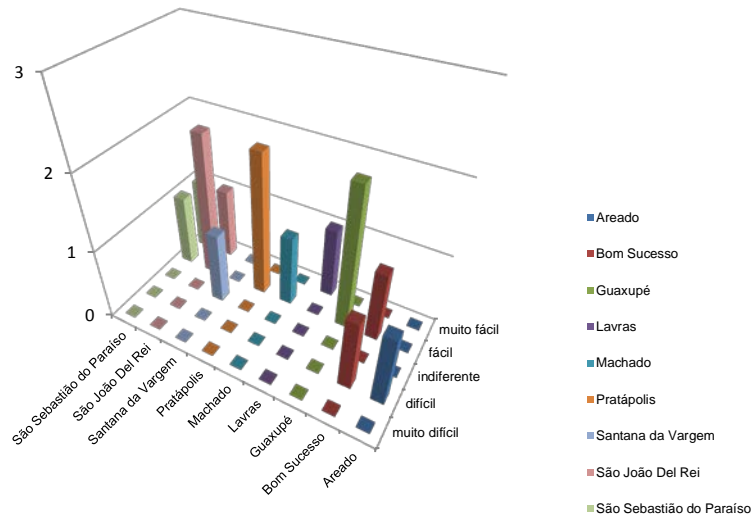
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de conversar em família?



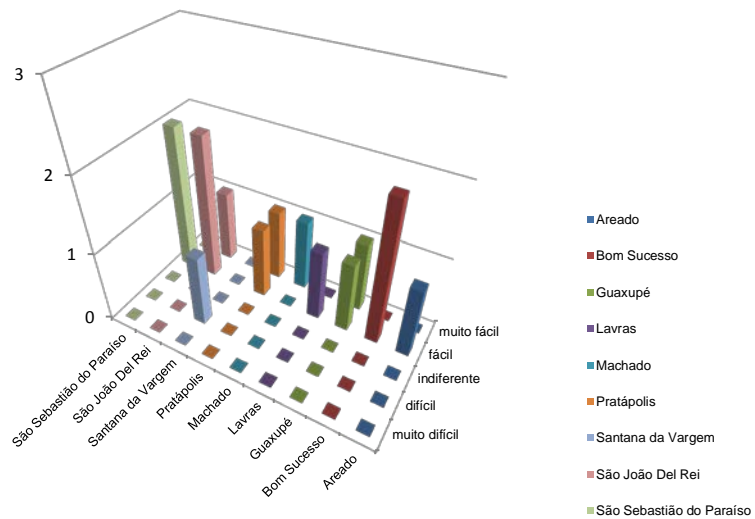
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de conversar em família?



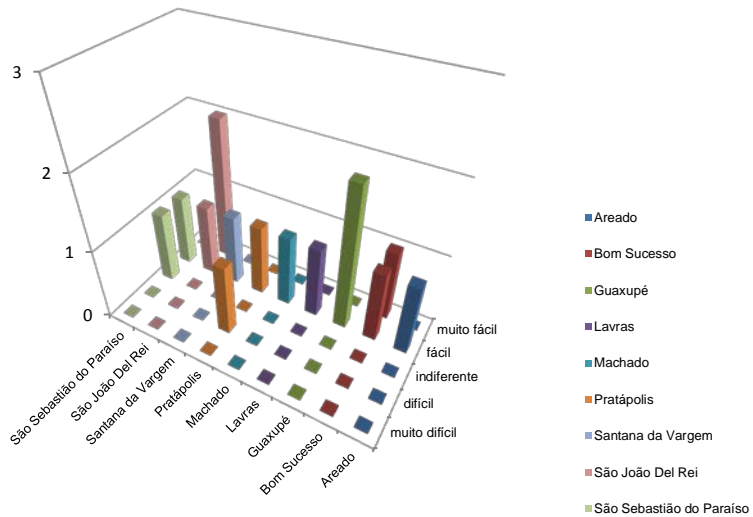
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de ouvir música em família?



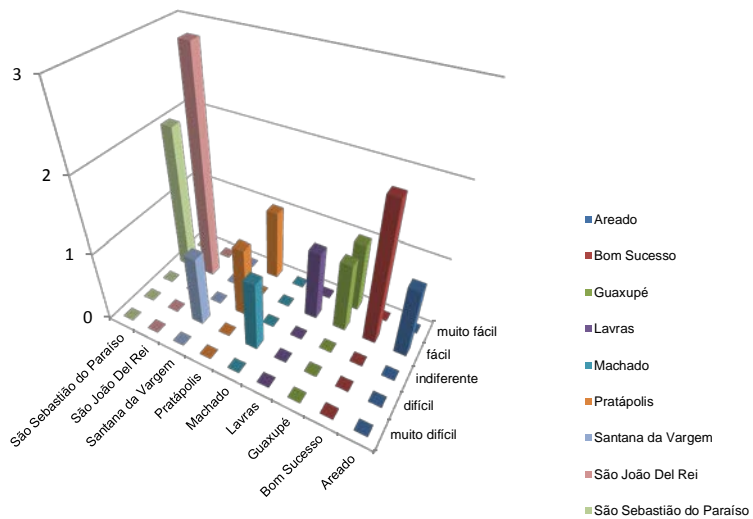
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de ouvir música em família?



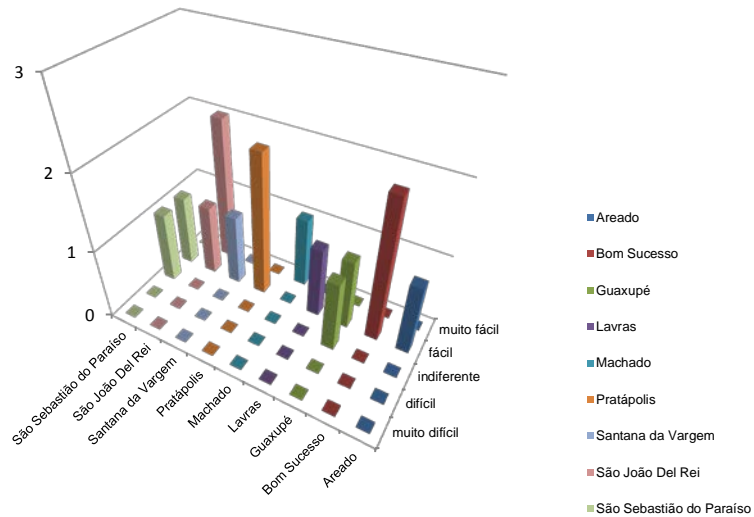
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de assistir à televisão em família?



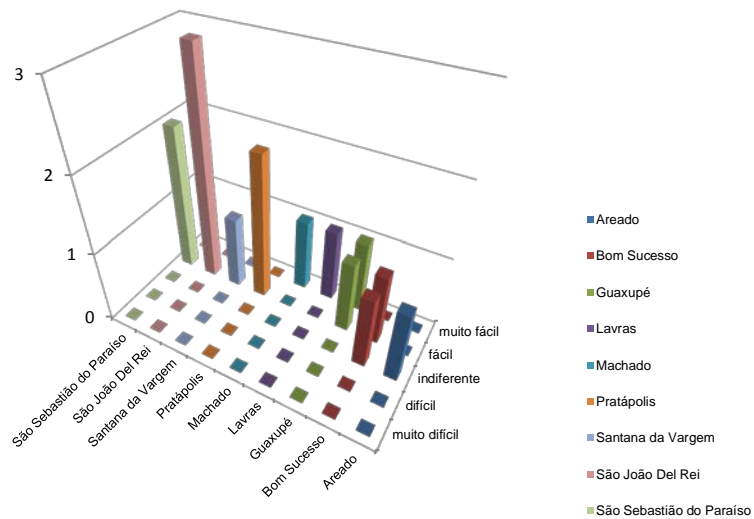
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de assistir à televisão em família?



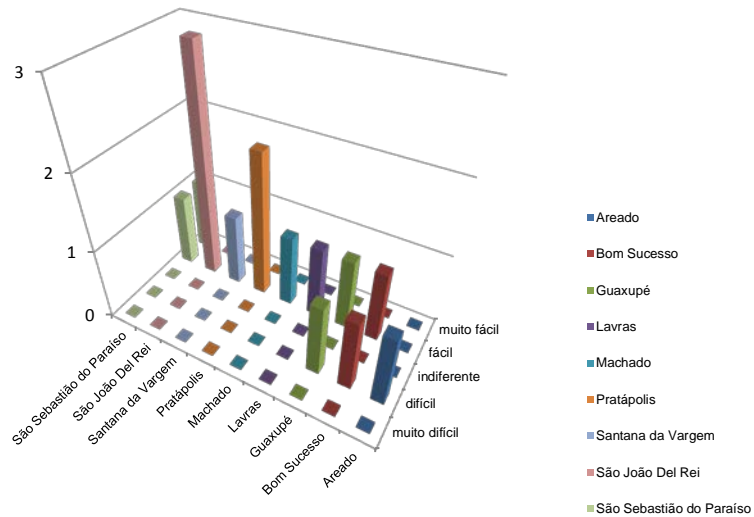
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de atender telefone?



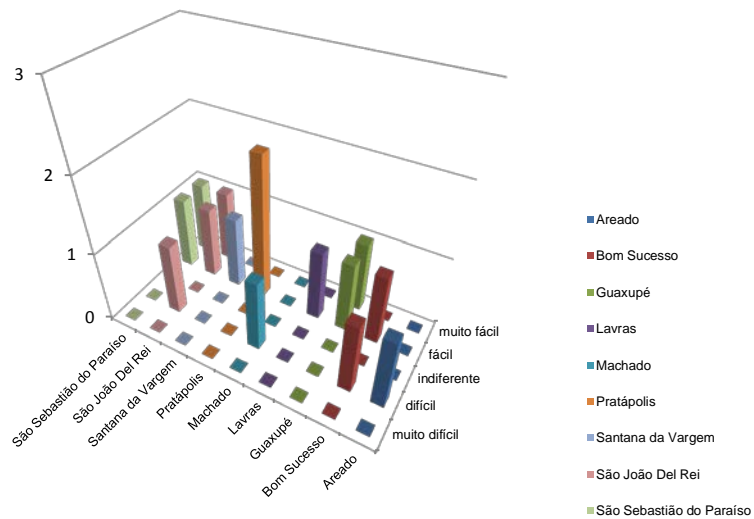
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de atender telefone?



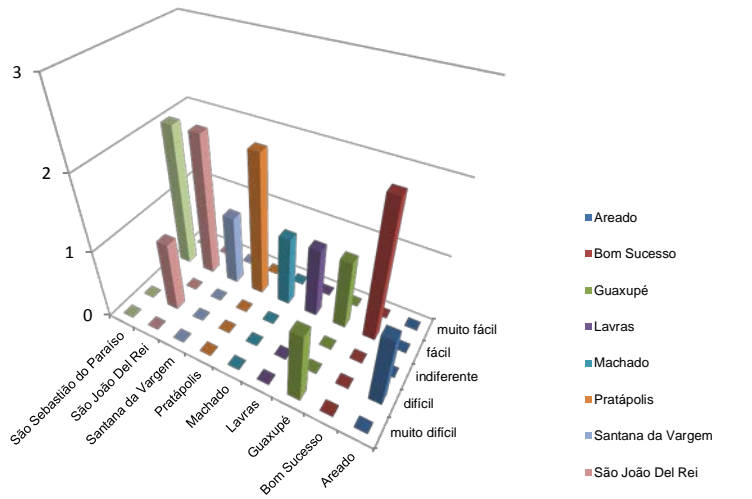
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar gêneros alimentícios?



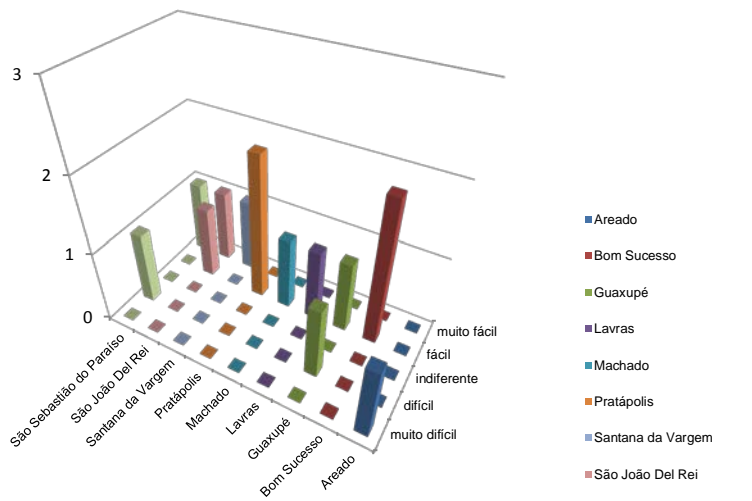
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar gêneros alimentícios?



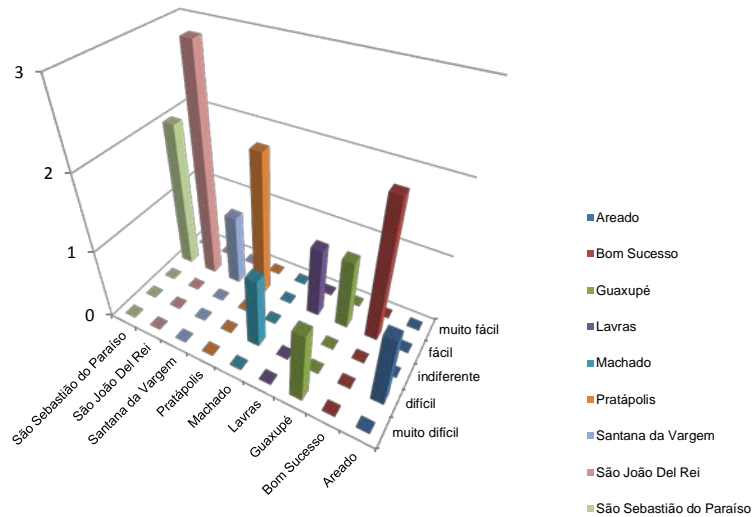
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de guardar utensílios de cozinha?



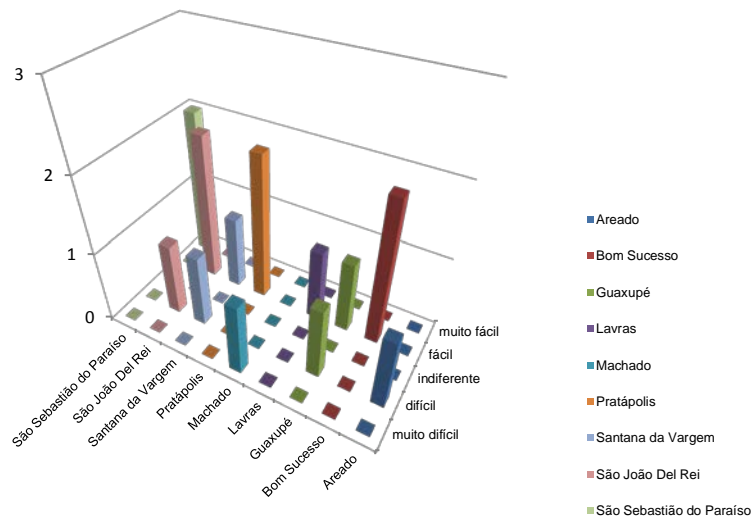
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de guardar utensílios de cozinha?



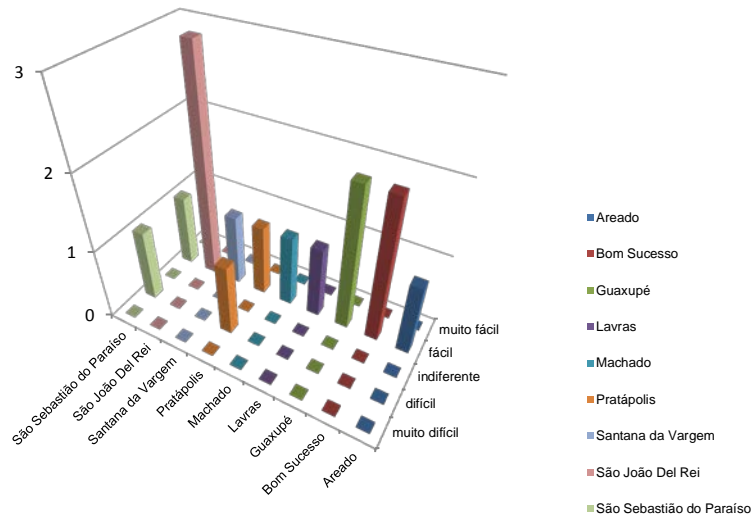
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de preparar alimentos?



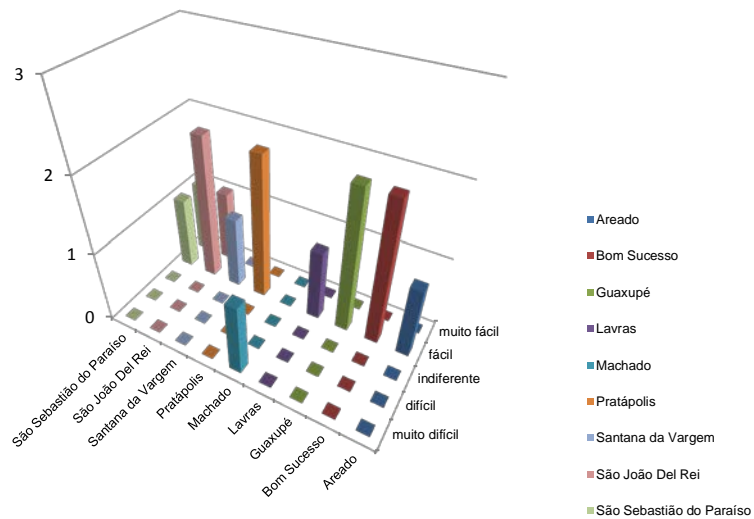
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de preparar alimentos?



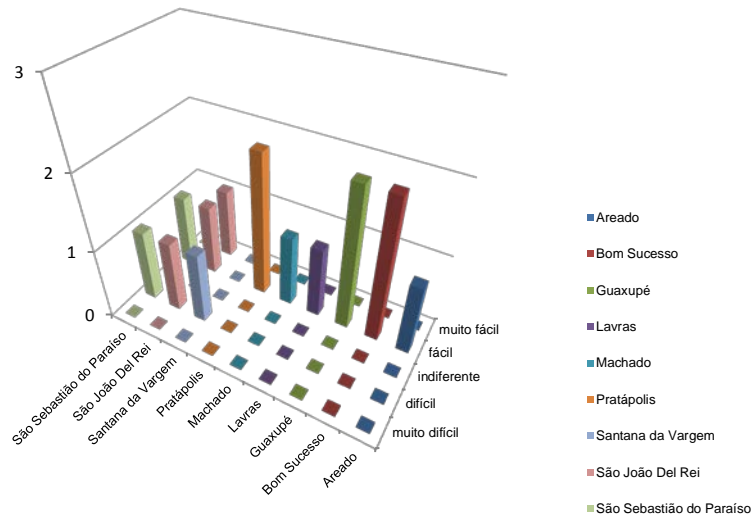
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de cozinhar refeições?



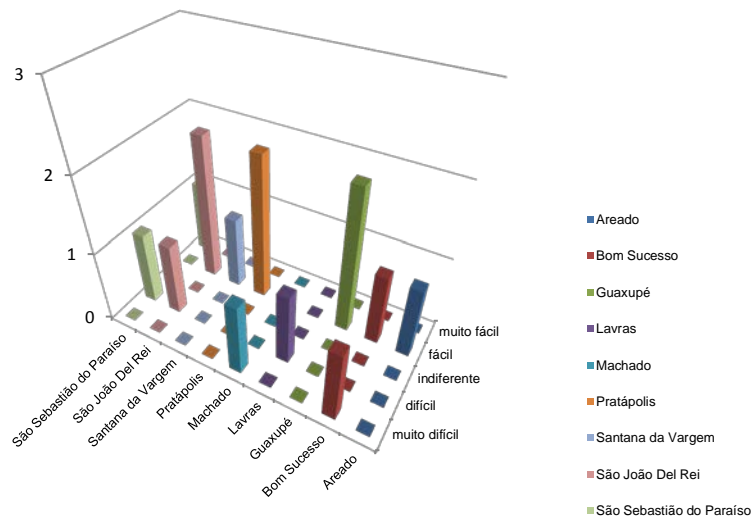
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de cozinhar refeições?



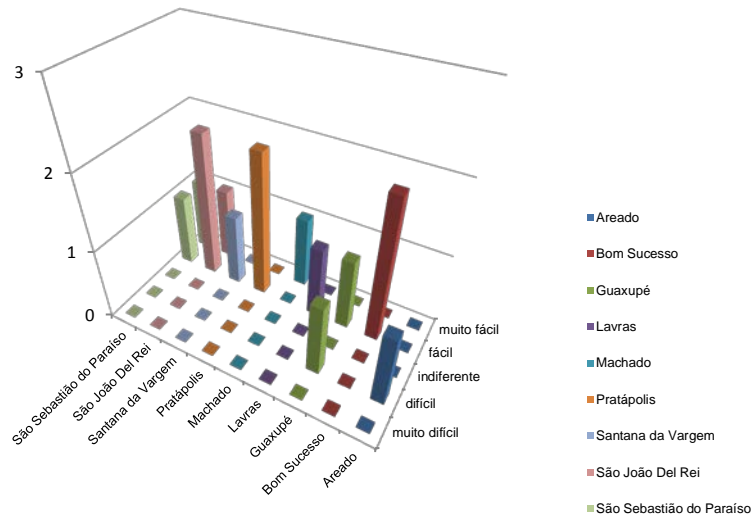
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de tomar refeições rápidas?



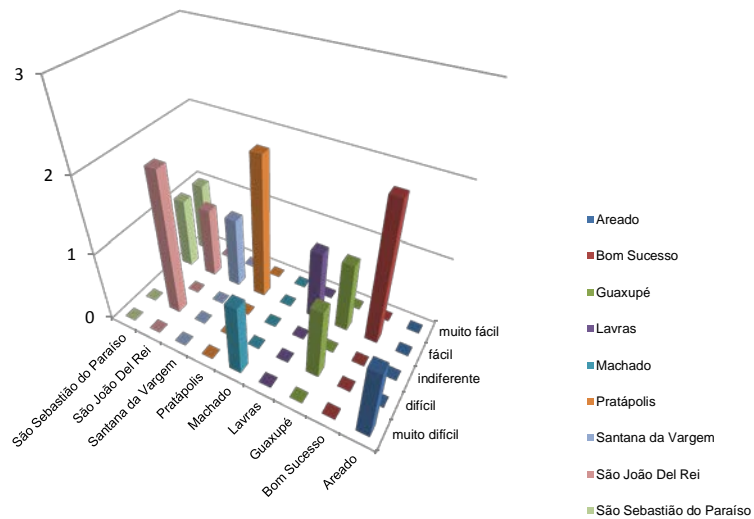
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de tomar refeições rápidas?



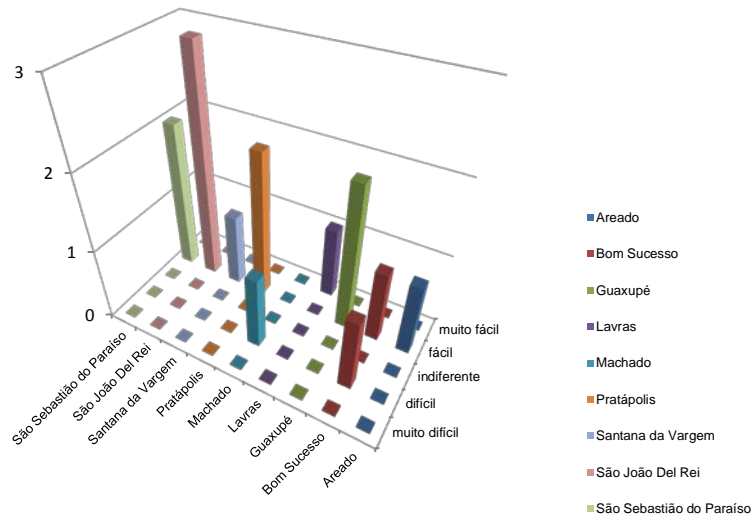
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de lavar utensílios de cozinha?



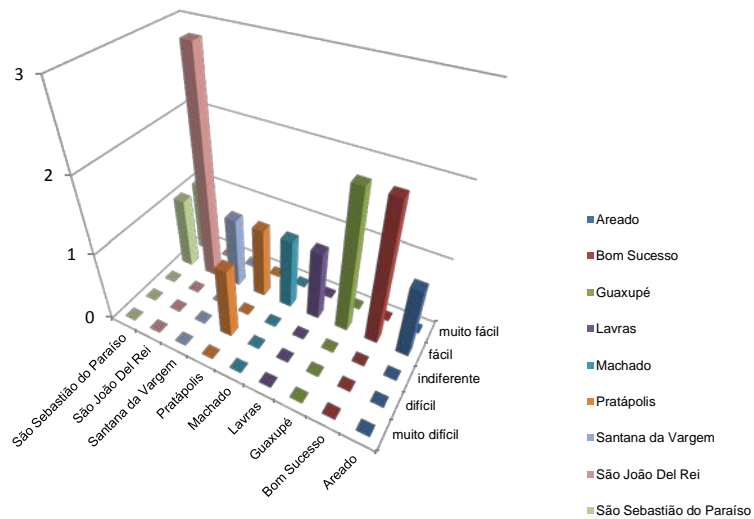
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de lavar utensílios de cozinha?



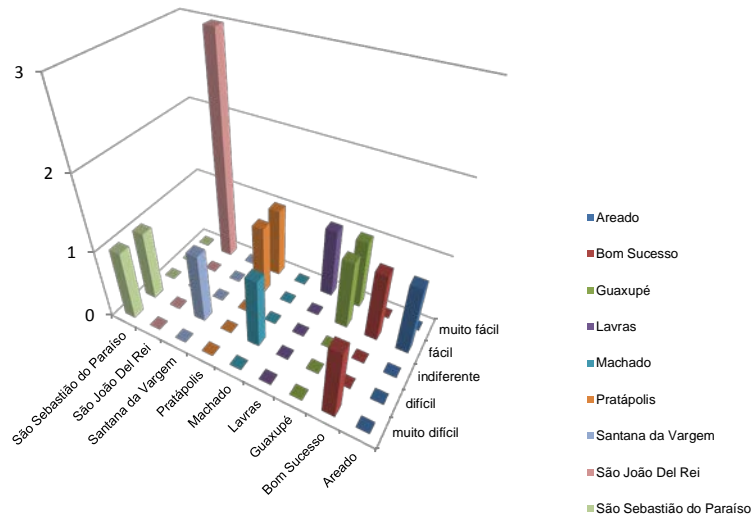
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de eliminar resíduos?



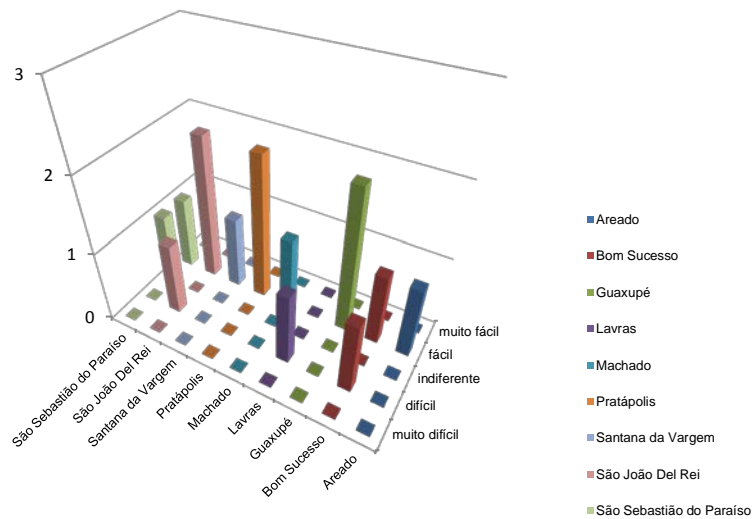
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de eliminar resíduos?



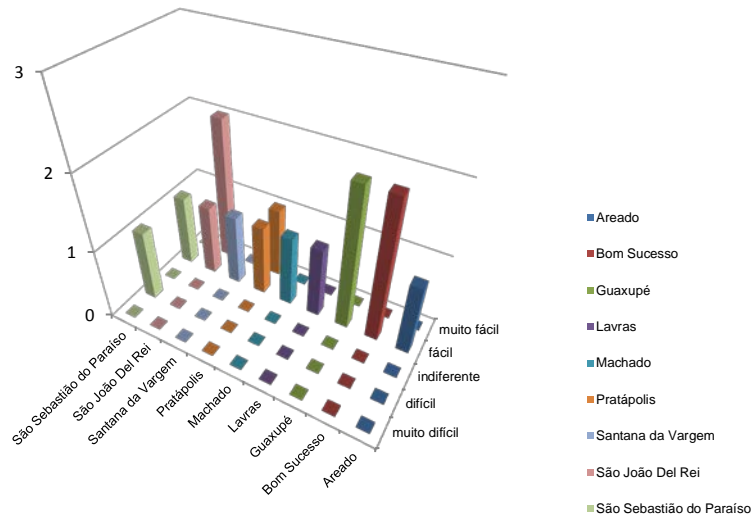
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de tomar banho?



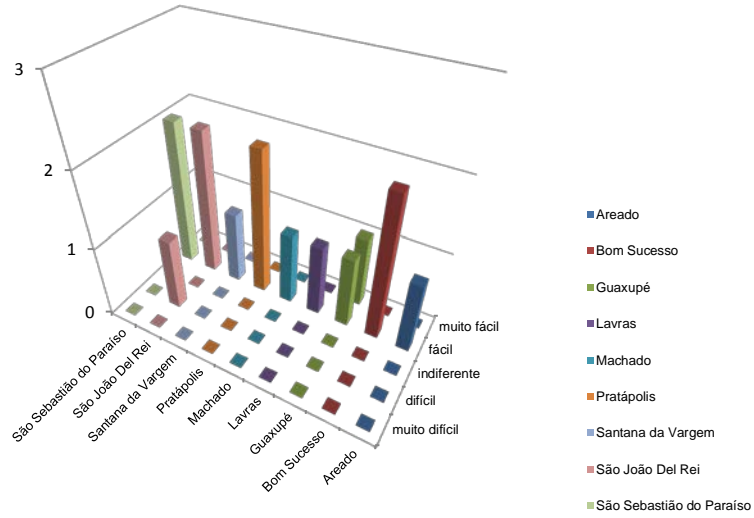
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de tomar banho?



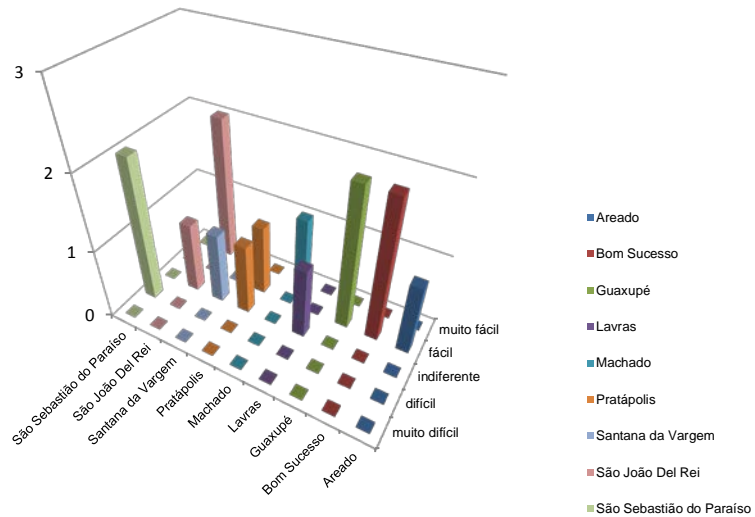
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de lavar rosto e mão?



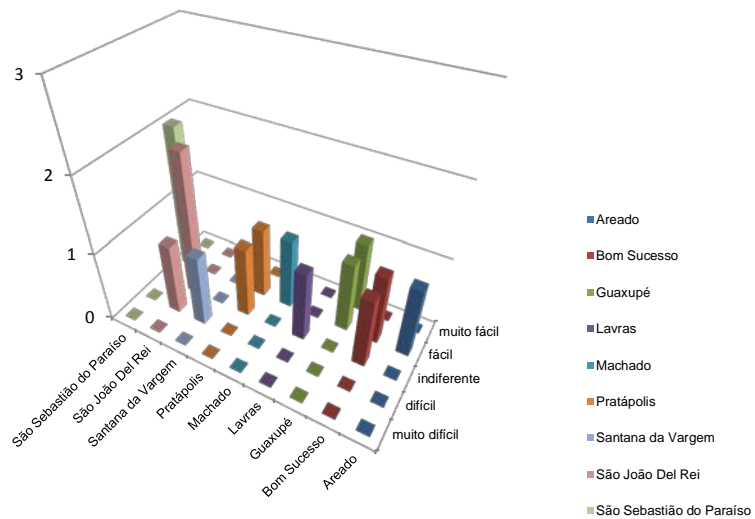
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de lavar rosto e mão?



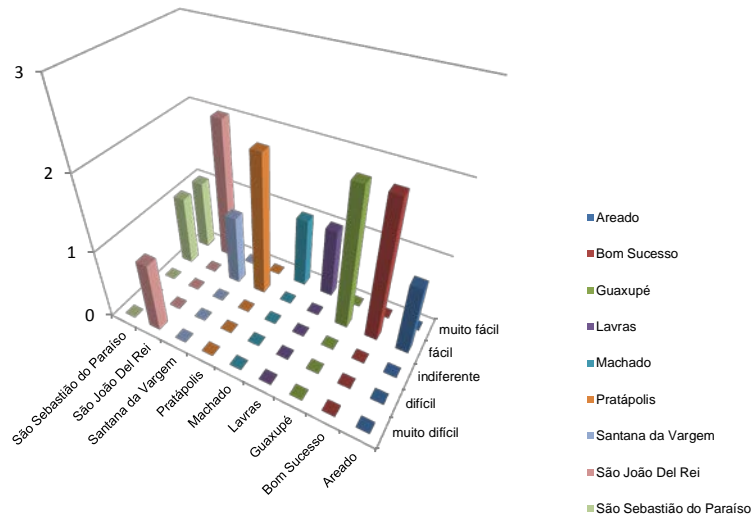
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de barbear-se?



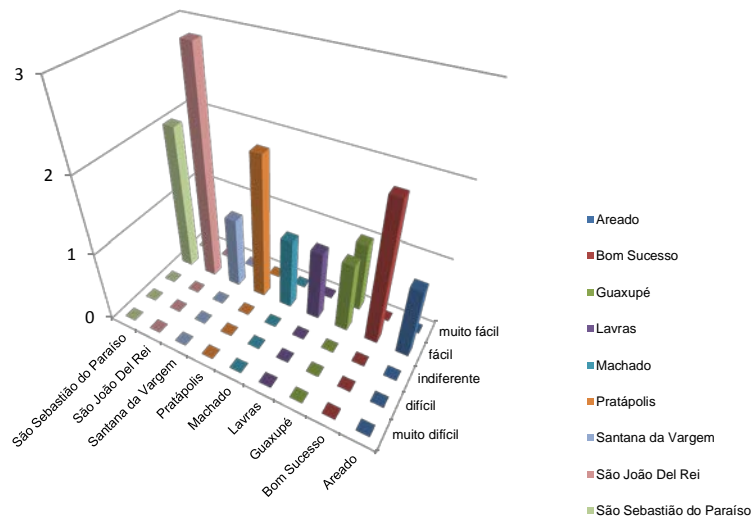
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de barbear-se?



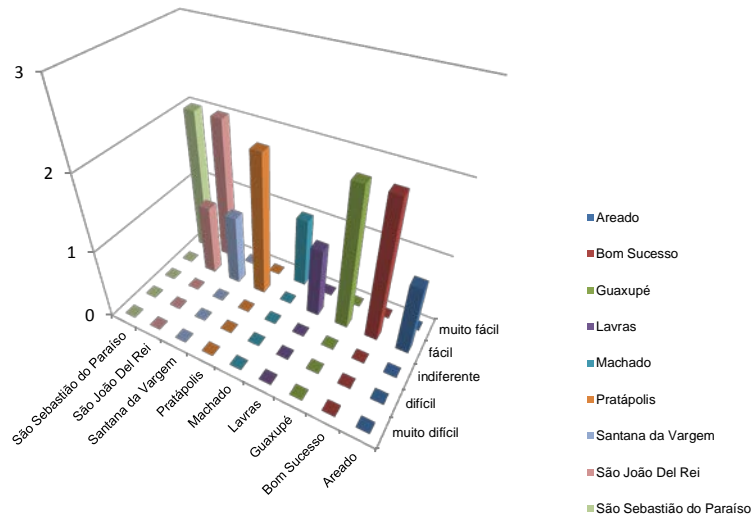
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de pentear o cabelo?



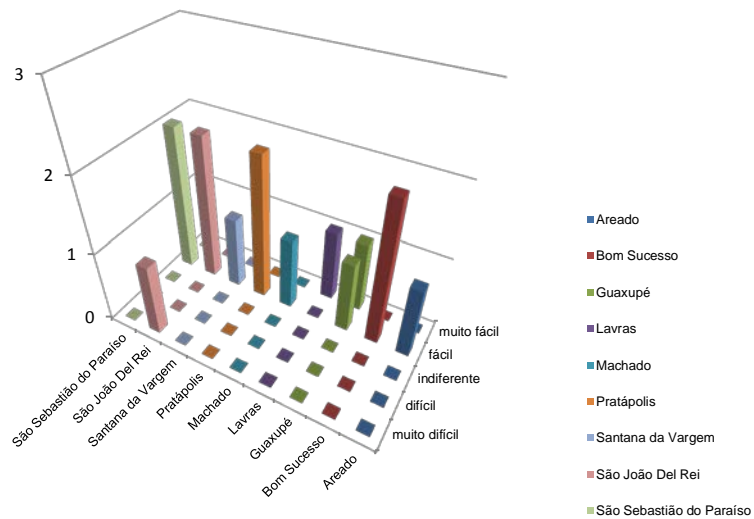
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de pentear o cabelo?



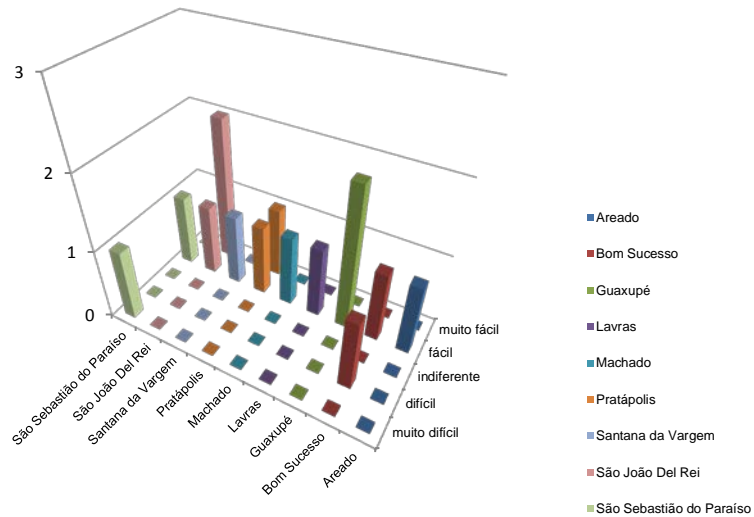
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de escovar os dentes?



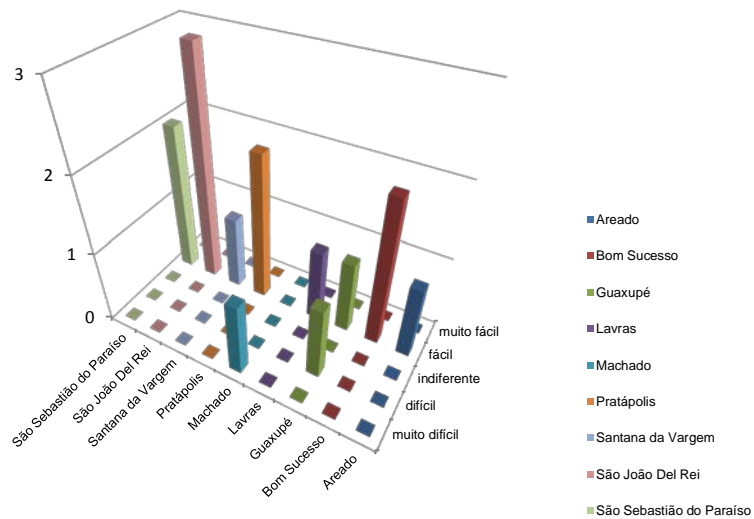
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de escovar os dentes?



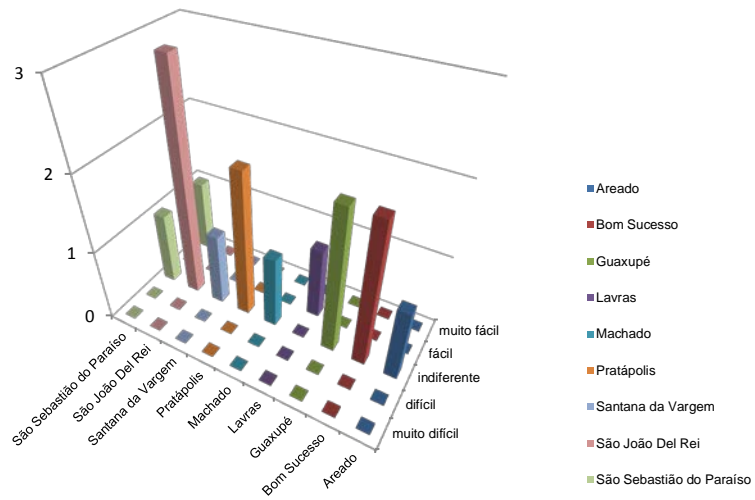
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de trocar de roupas?



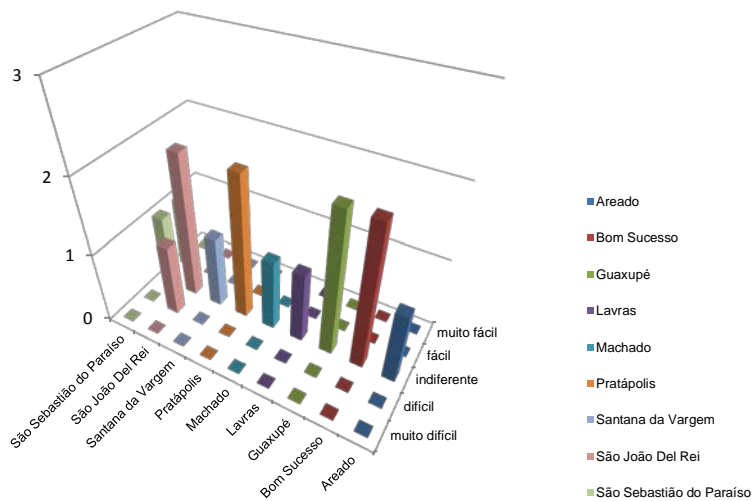
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de trocar de roupas?



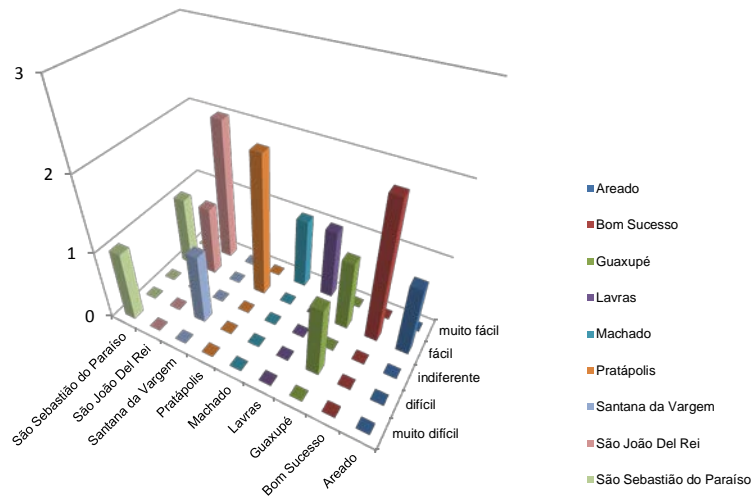
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de fazer ginástica?



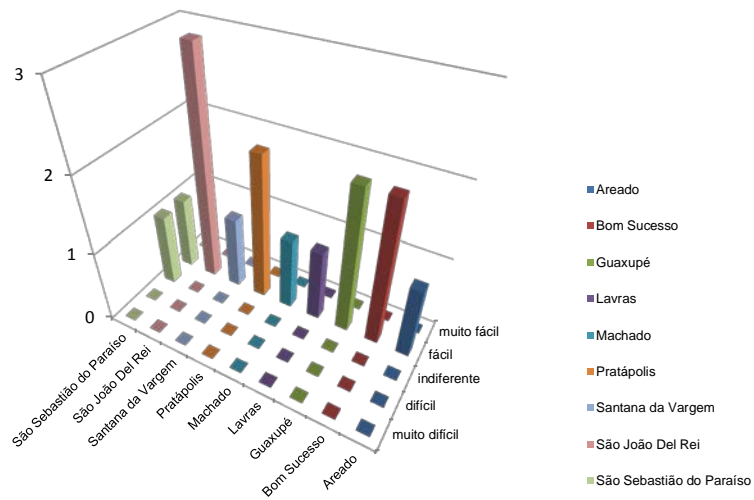
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de fazer ginástica?



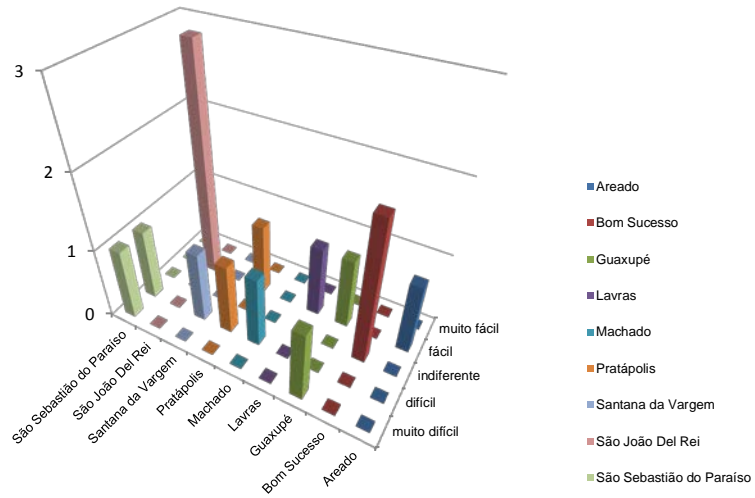
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de atender às necessidades fisiológicas?



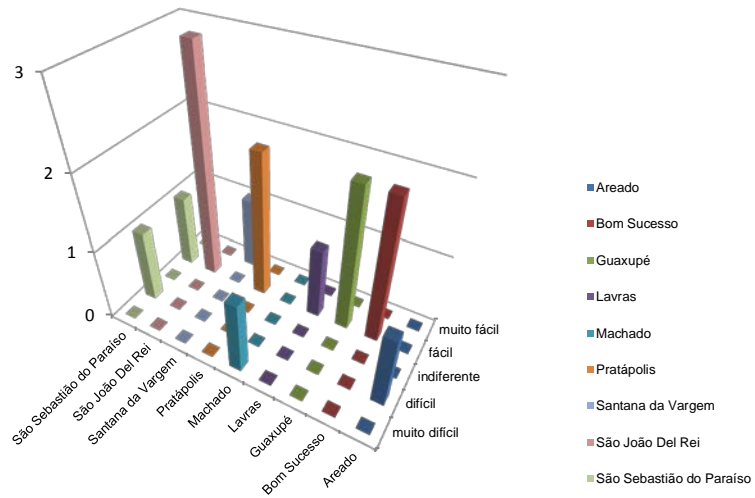
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de atender às necessidades fisiológicas?



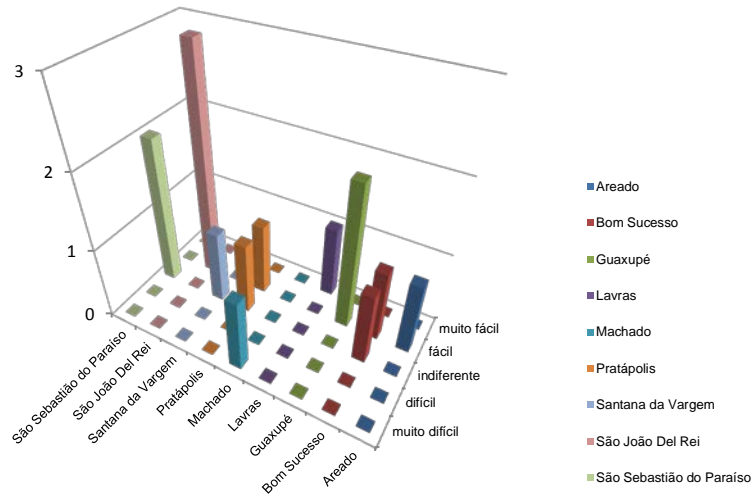
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de descansar?



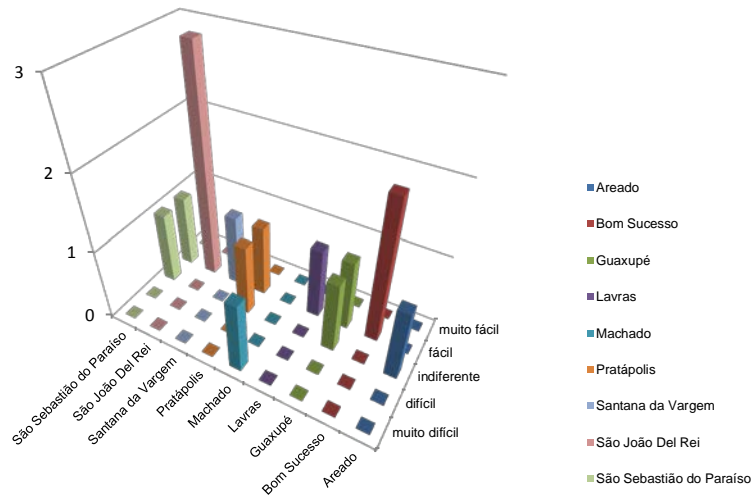
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de descansar?



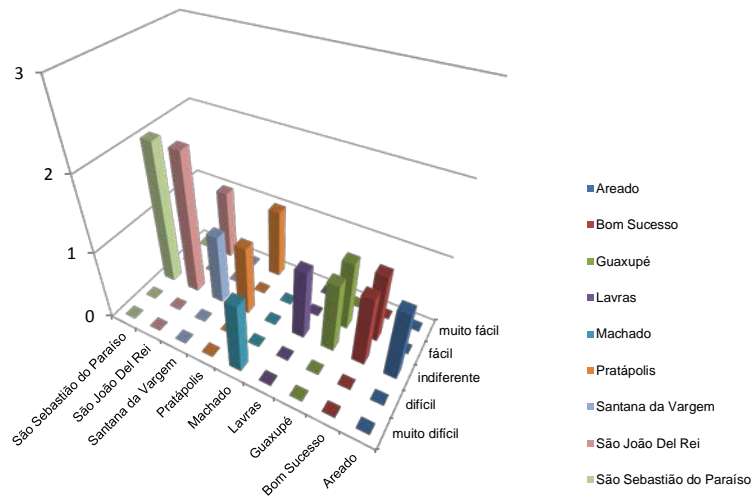
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de ler (distração)?



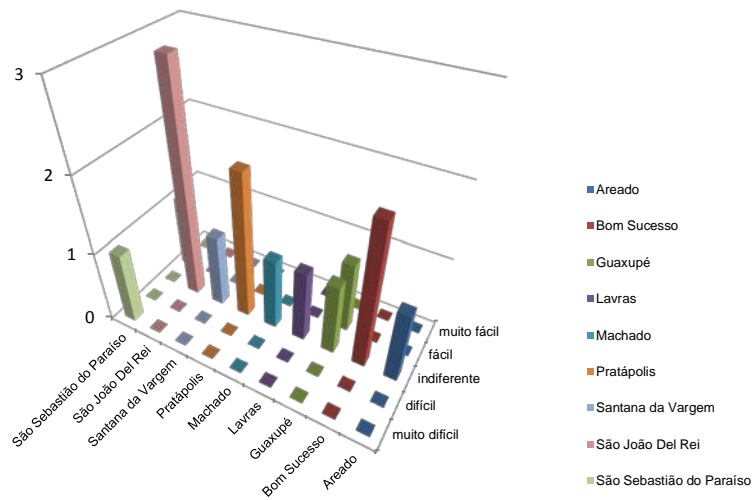
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de ler (distração)?



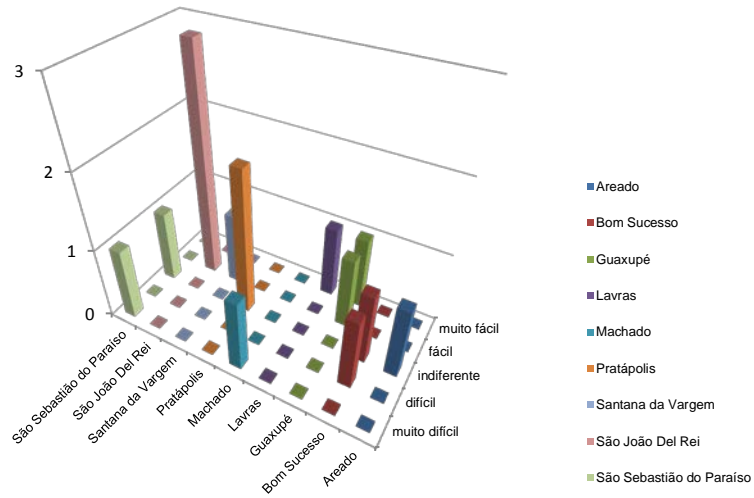
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de ler (distração)?



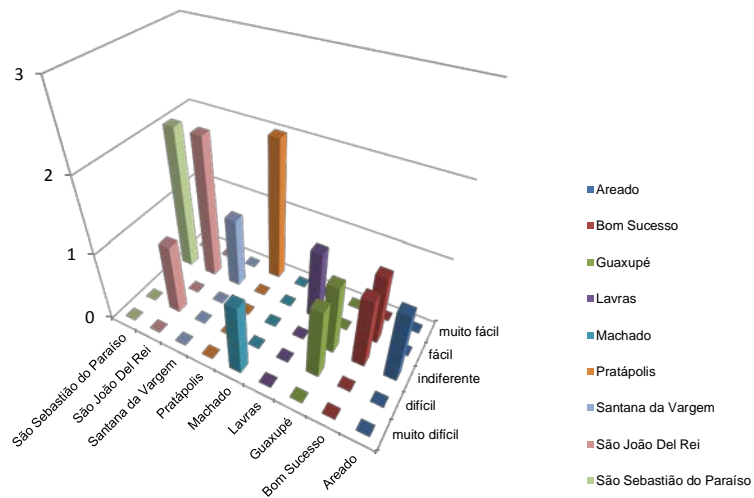
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de ler (distração)?



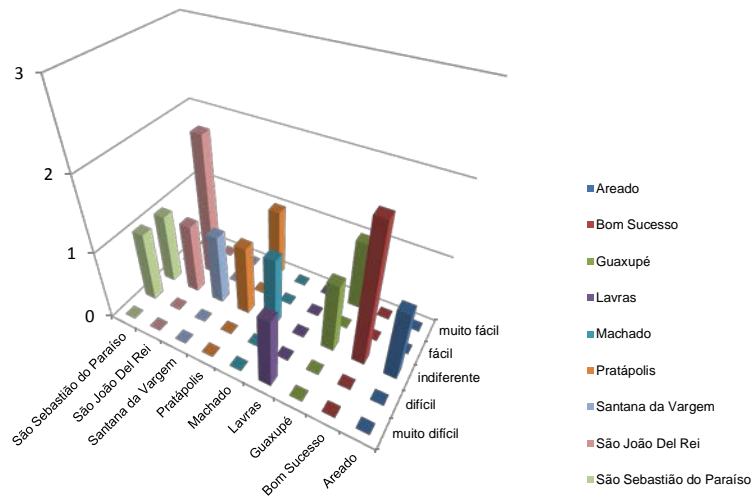
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de brincar?



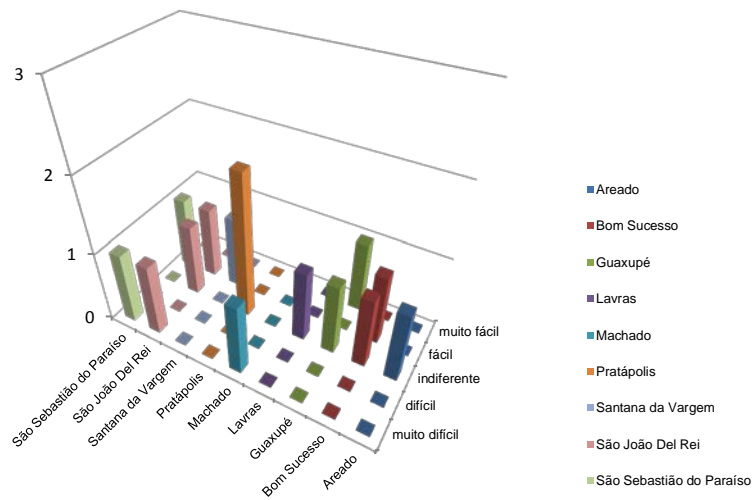
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de brincar?



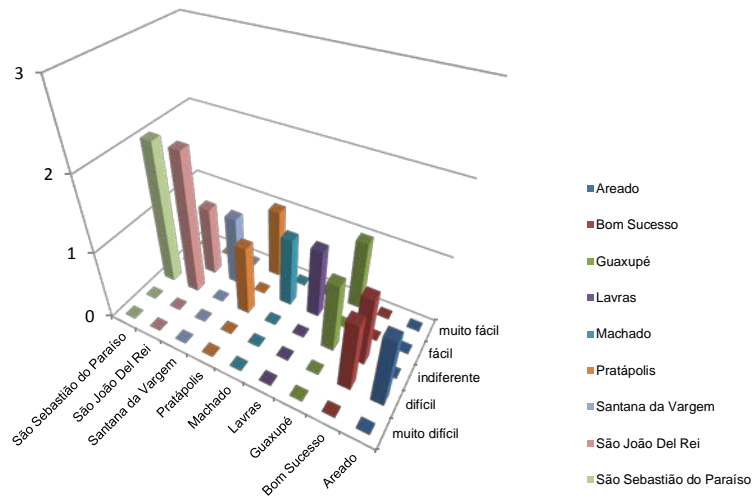
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa realizar "hobby"?



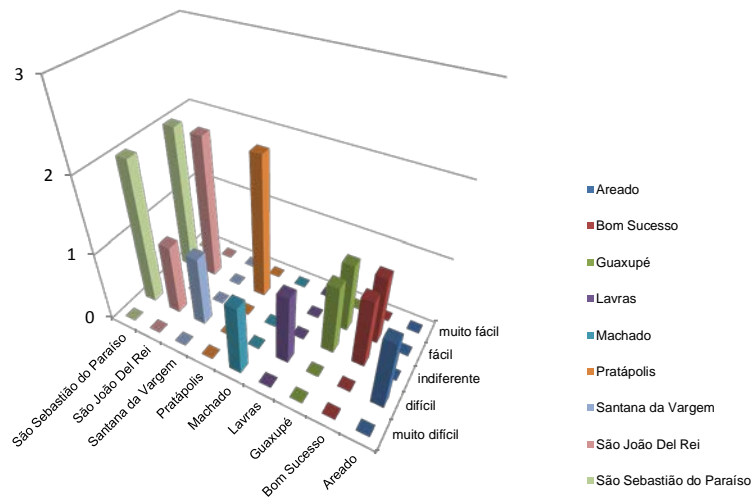
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa realizar "hobby"?



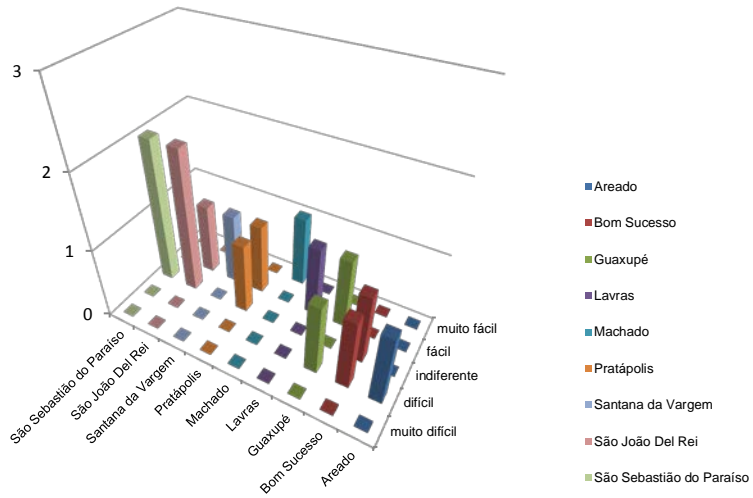
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa ler (estudo)?



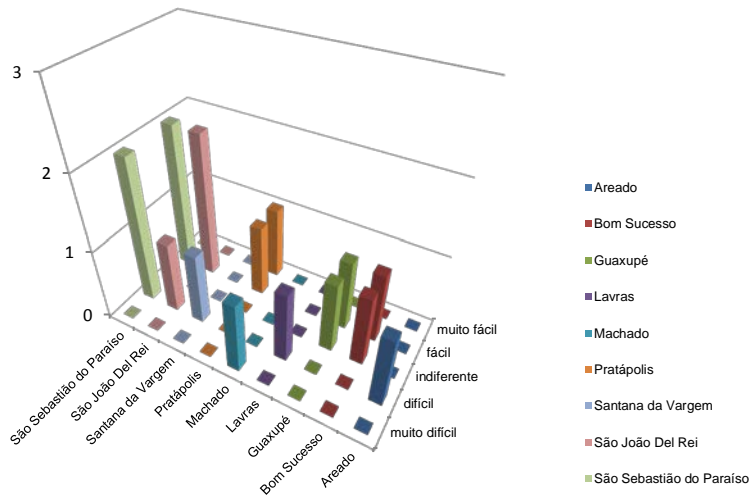
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa ler (estudo)?



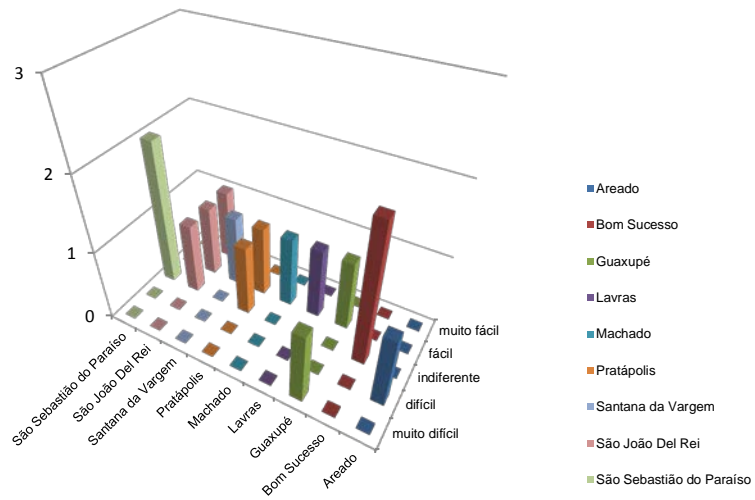
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de realizar tarefas escolares (escrita)?



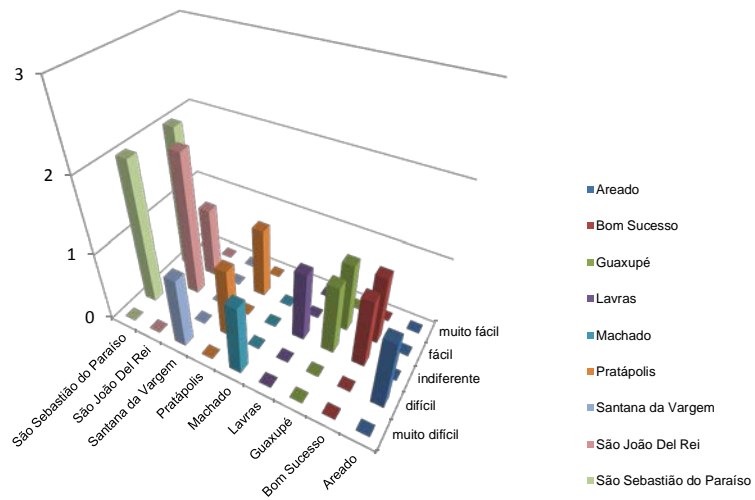
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de realizar tarefas escolares (escrita)?



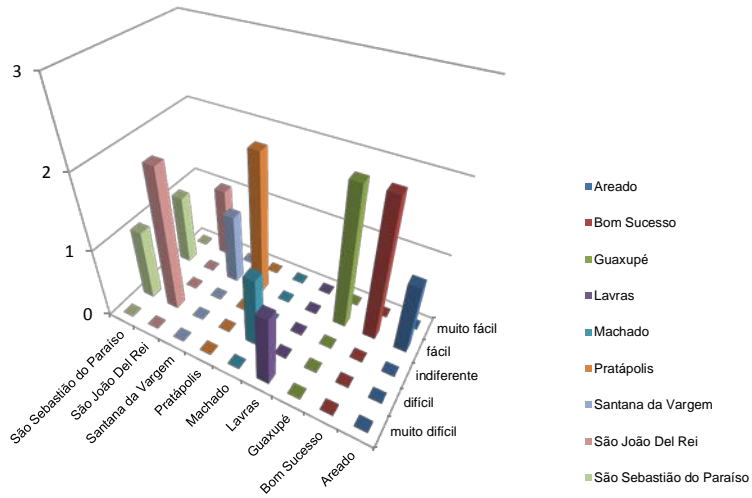
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de realizar tarefas manuais?



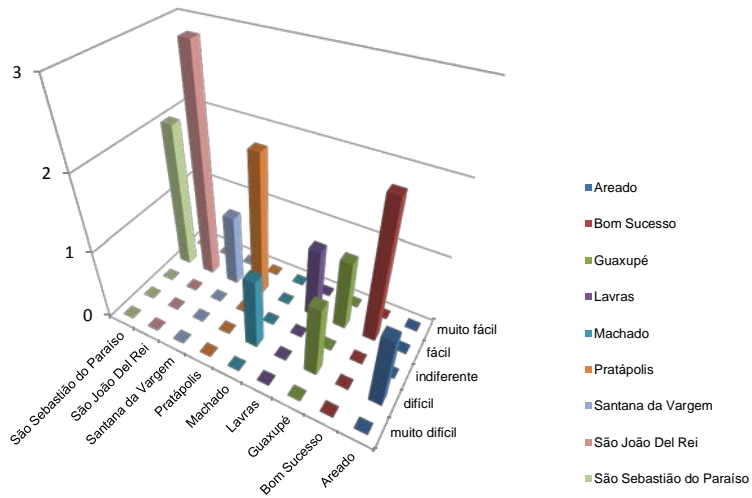
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de realizar tarefas manuais?



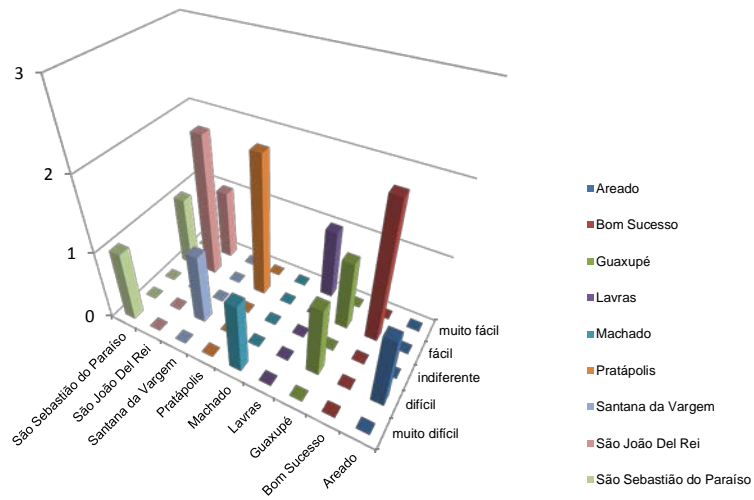
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de reunir roupa suja?



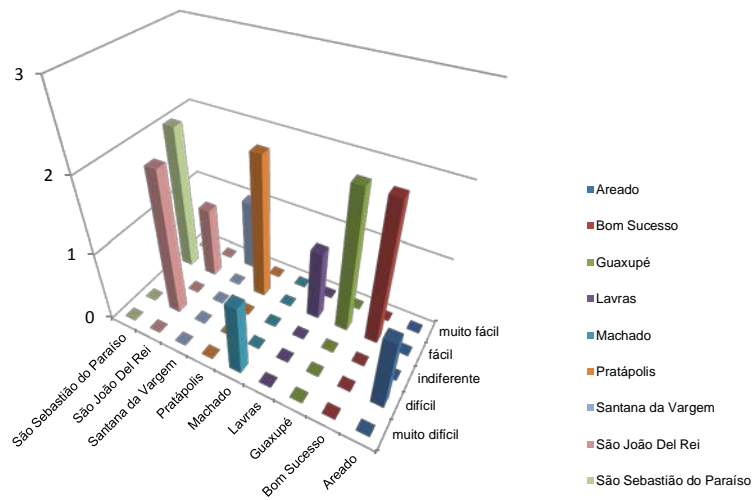
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de reunir roupa suja?



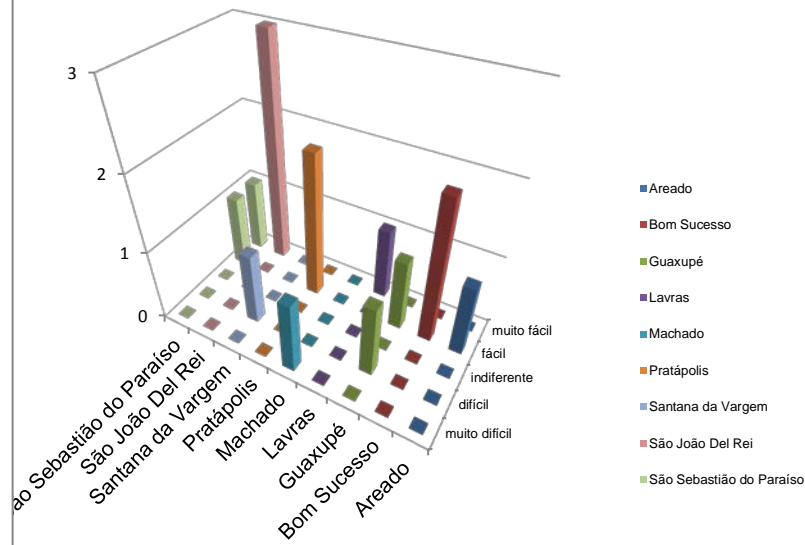
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de lavar roupa?



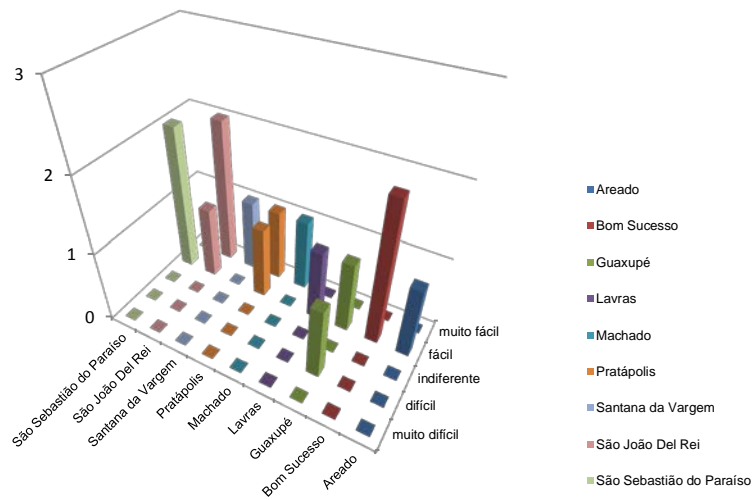
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de lavar roupa?



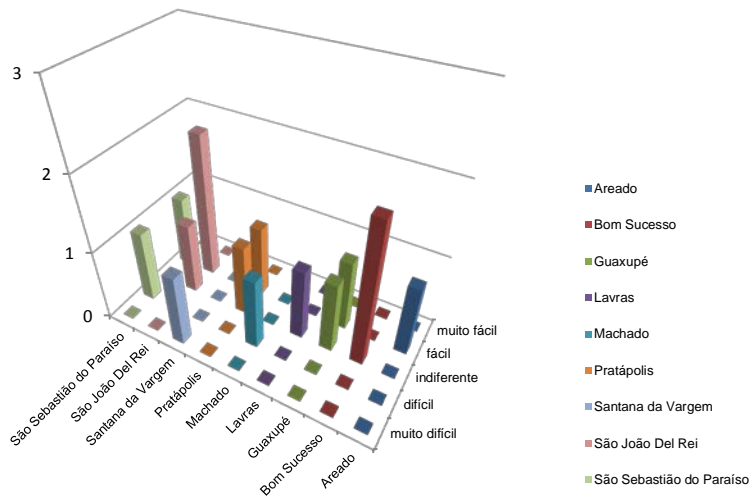
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de secar roupa?



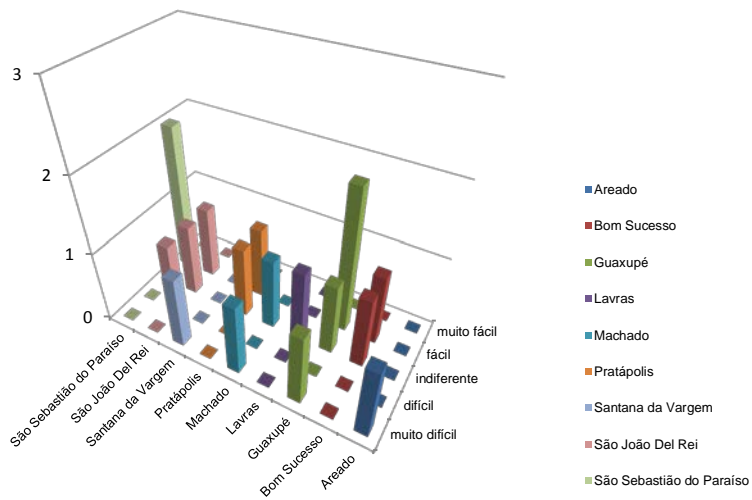
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de secar roupa?



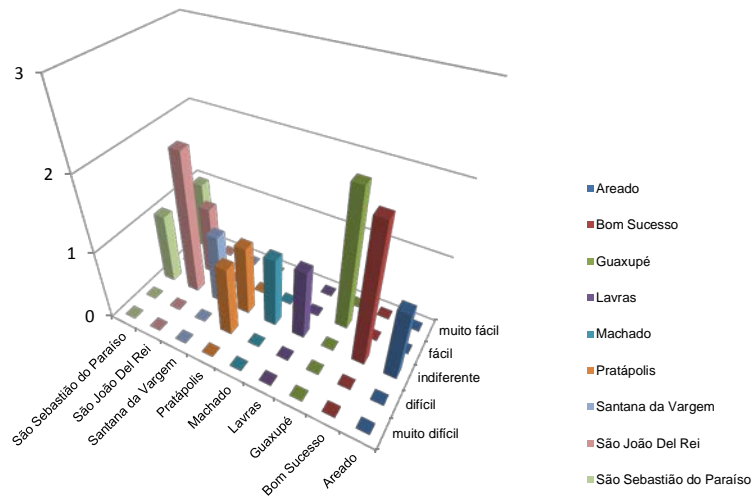
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de passar roupa a ferro?



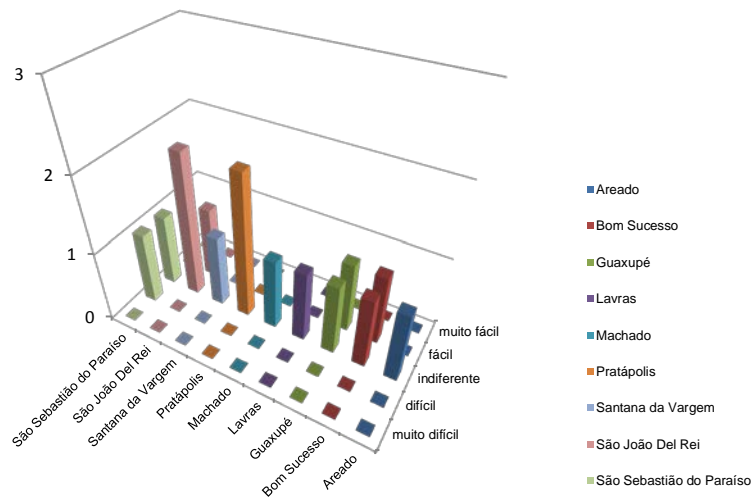
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de passar roupa a ferro?



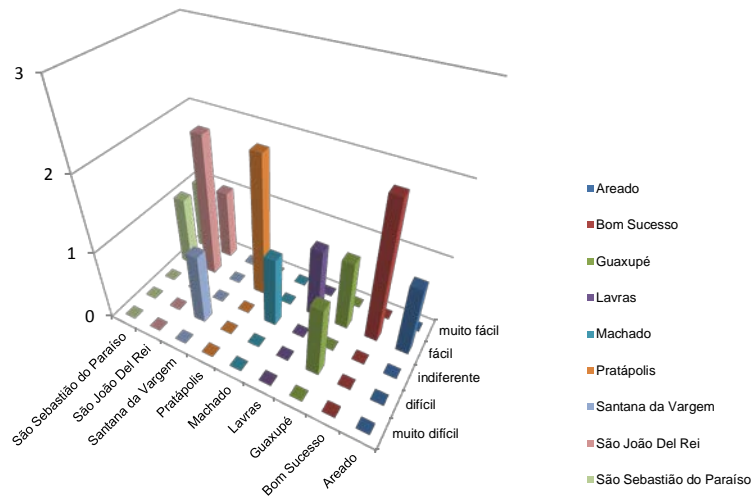
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de costurar?



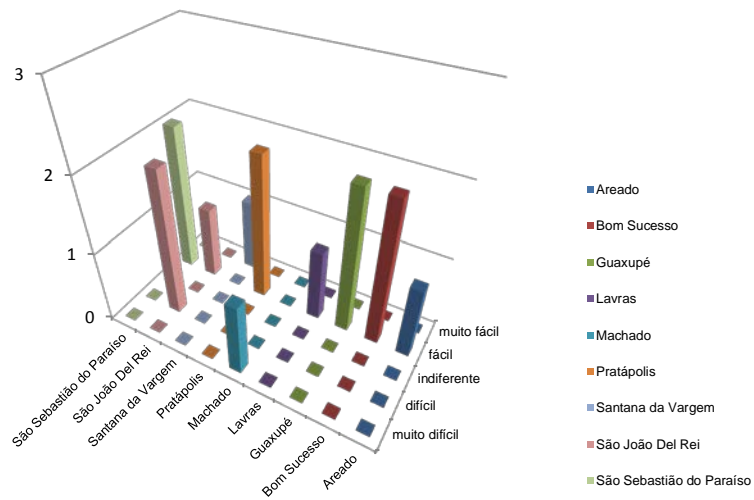
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de costurar?



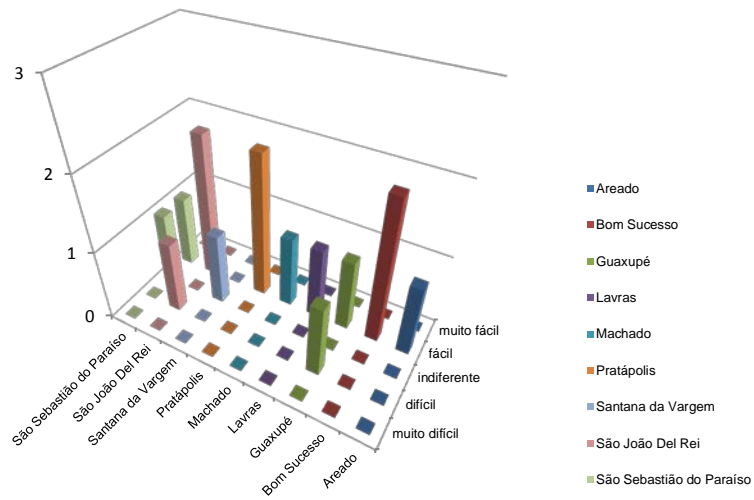
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de guardar roupa?



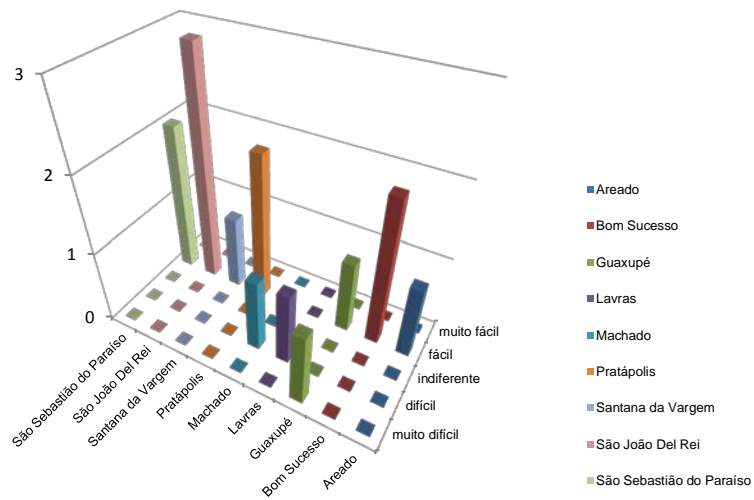
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de guardar roupa?



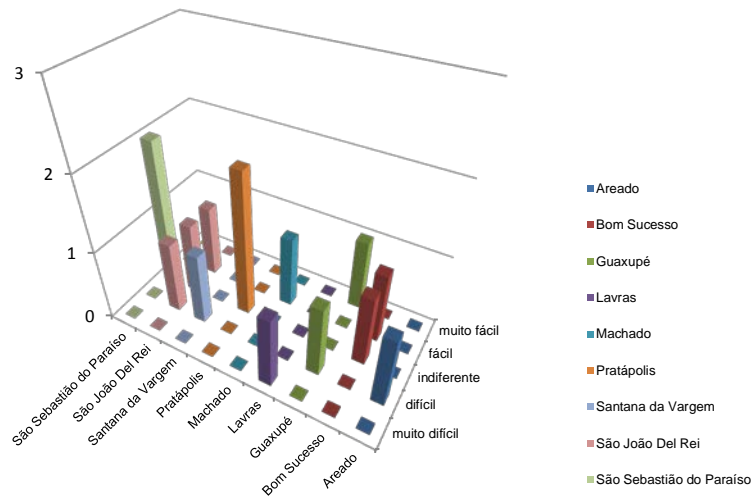
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar objetos pessoais diversos?



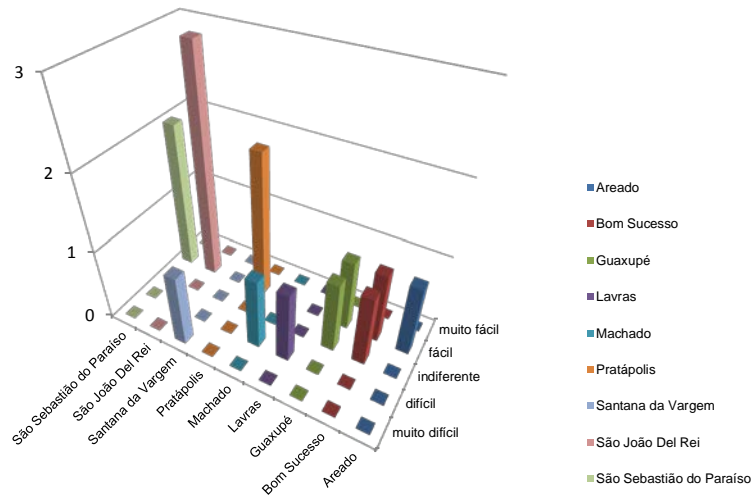
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar objetos pessoais diversos?



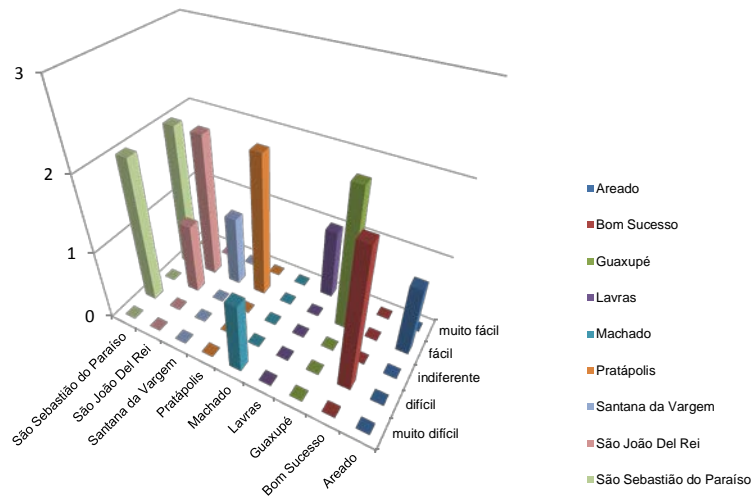
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de guardar material escolar?



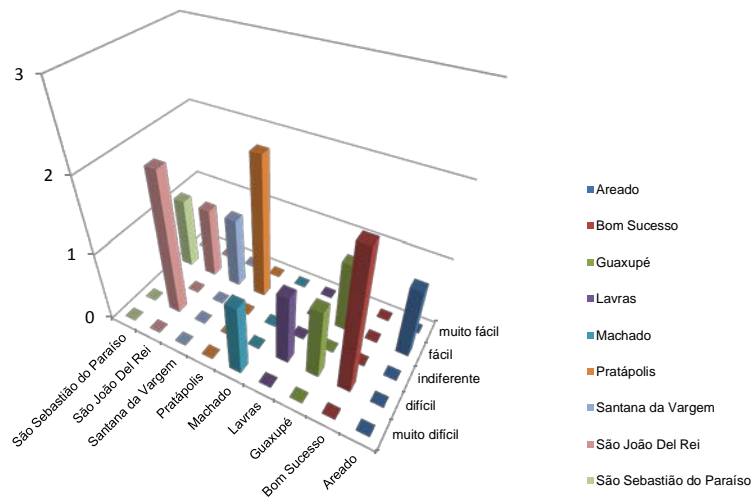
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
 Como você avalia a tarefa de guardar material escolar?



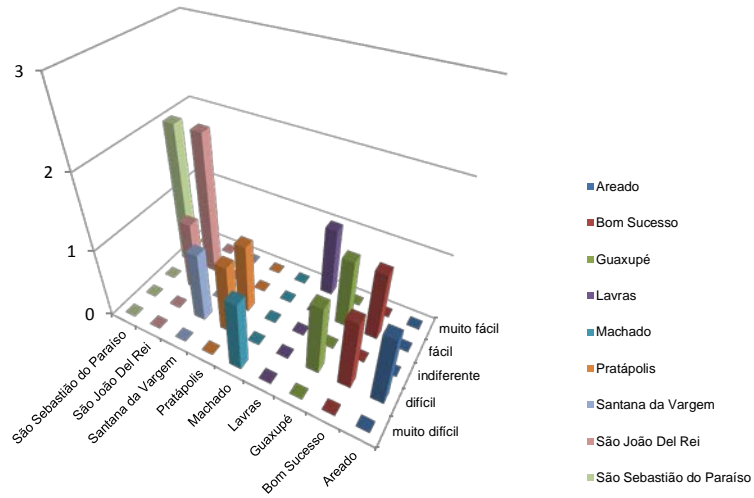
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar material de manutenção doméstica?



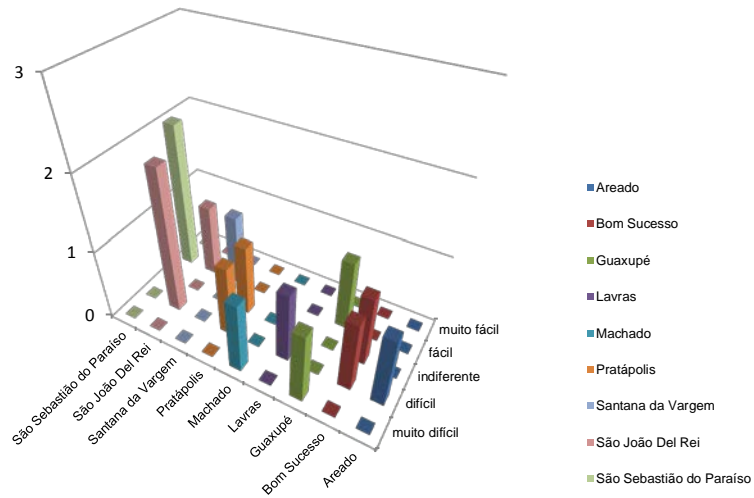
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar material de manutenção doméstica?



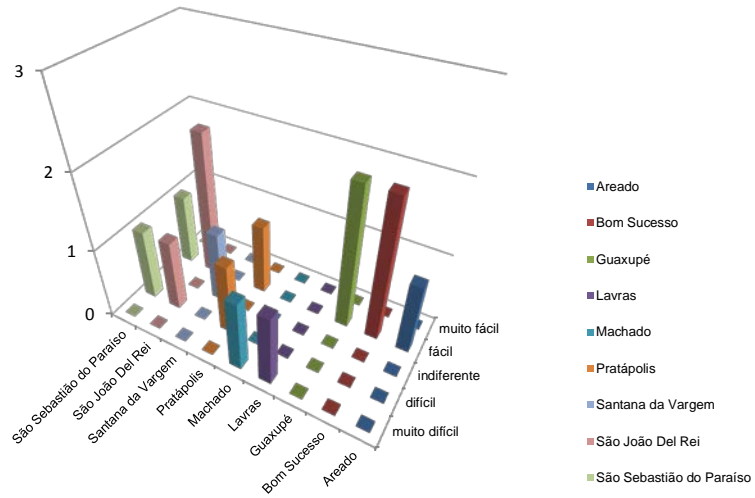
COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar ferramentas leves e diversos?



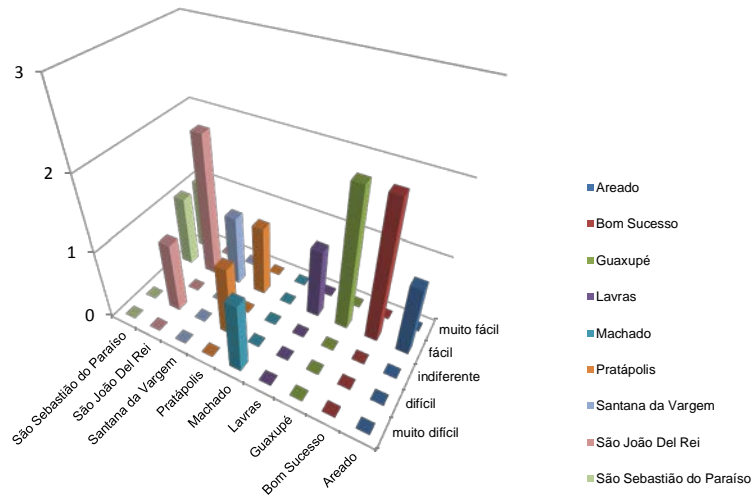
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de guardar ferramentas leves e diversos?



COMPARATIVO GERAL
Casas projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de efetuar pequenos reparos?



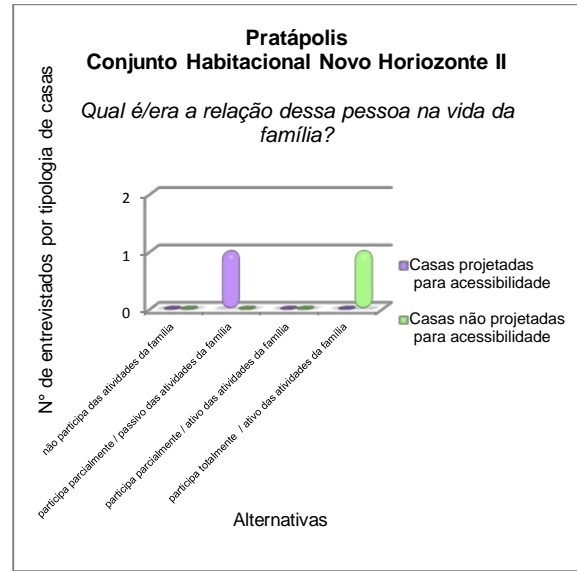
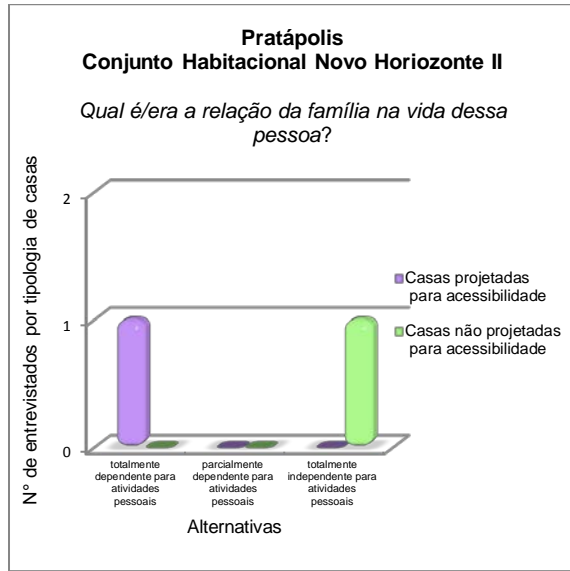
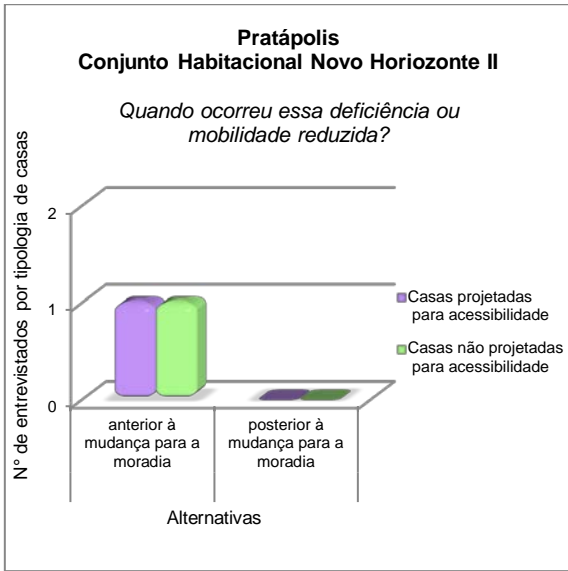
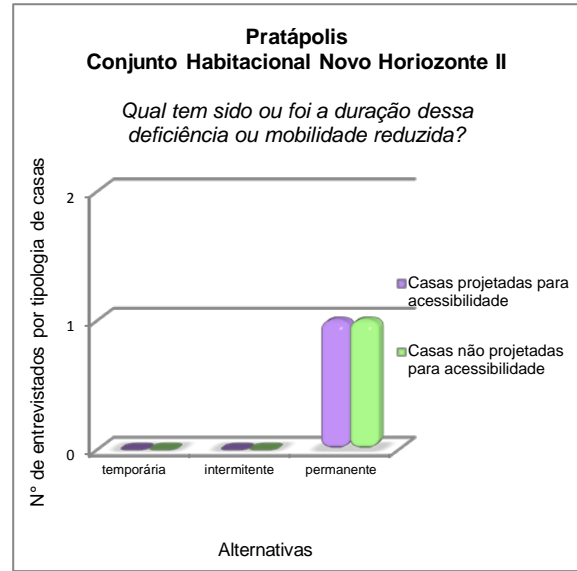
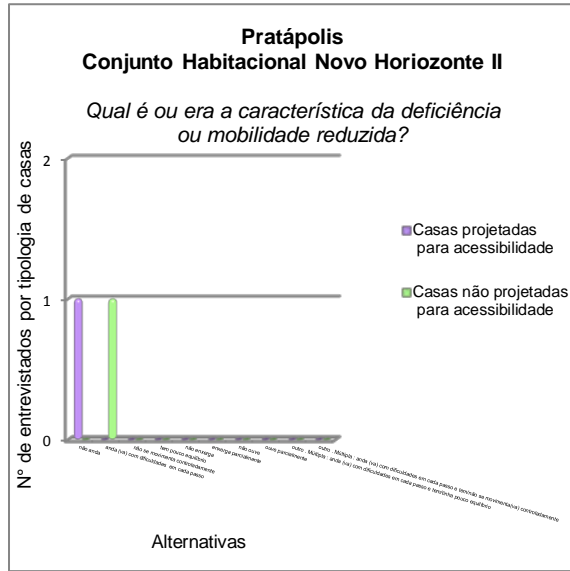
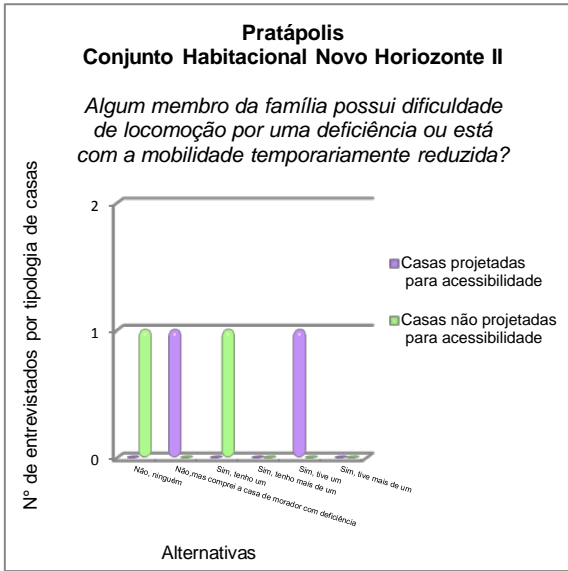
COMPARATIVO GERAL
Casas não projetadas para acessibilidade
Como você avalia a tarefa de efetuar pequenos reparos?

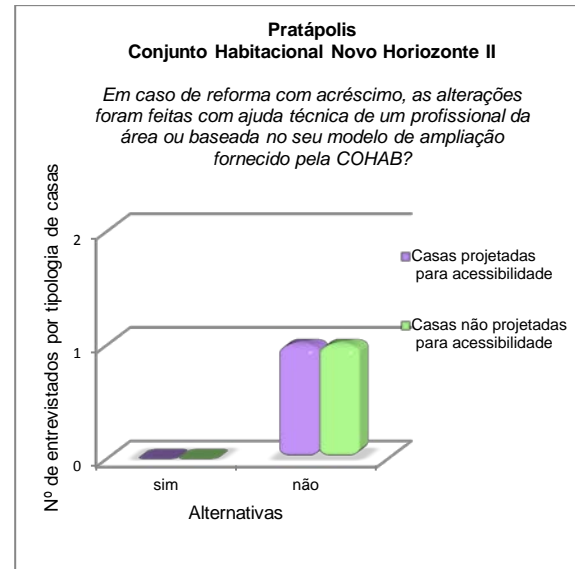
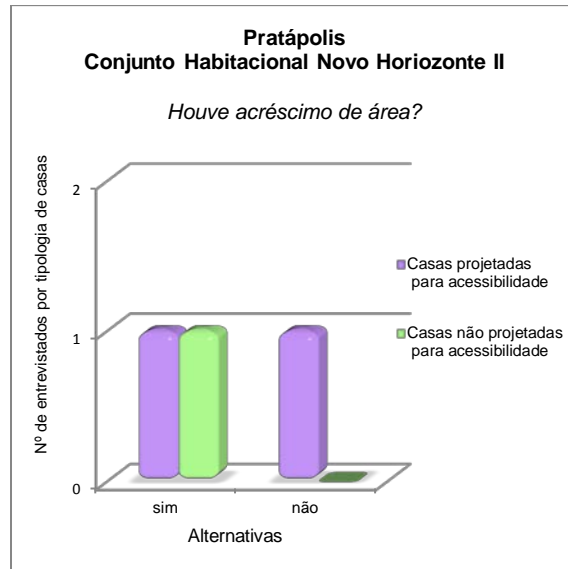
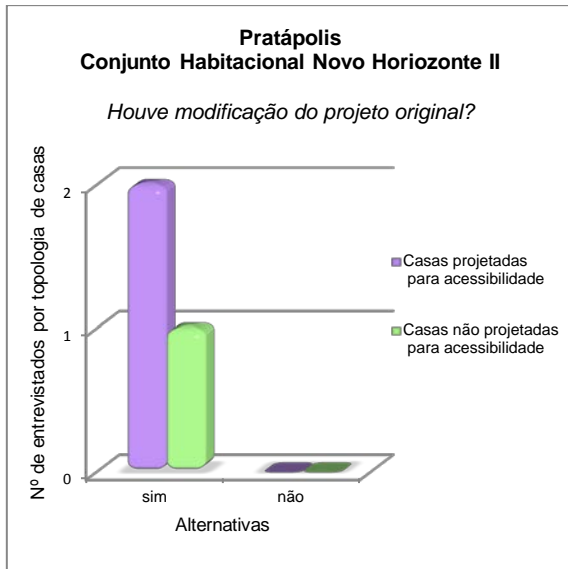
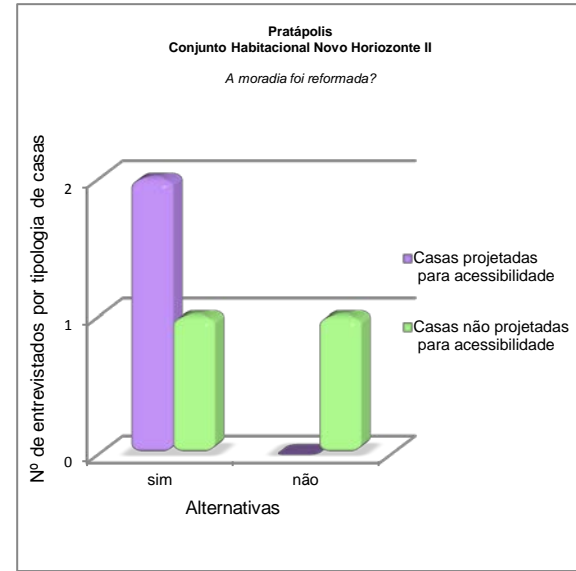
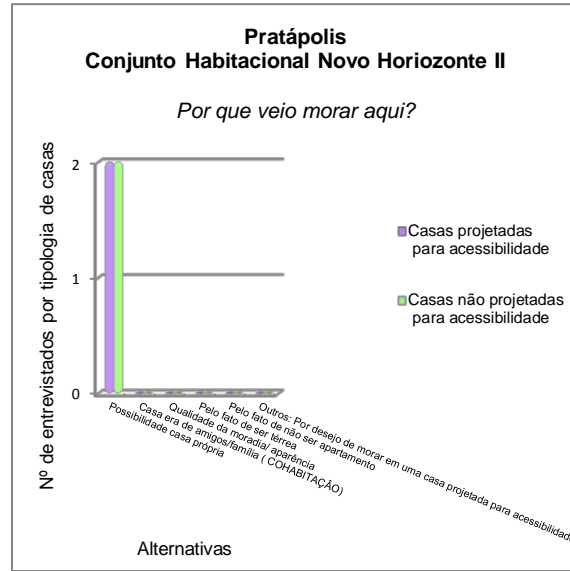
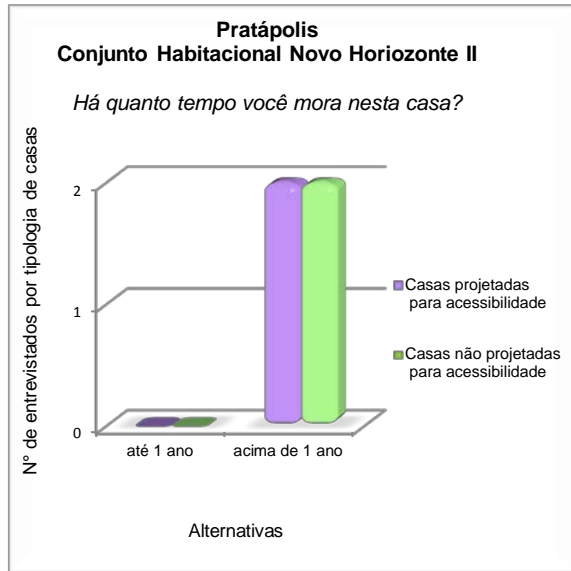


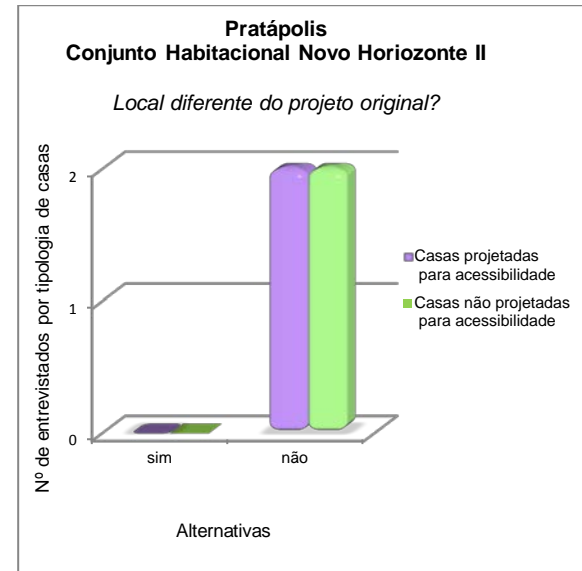
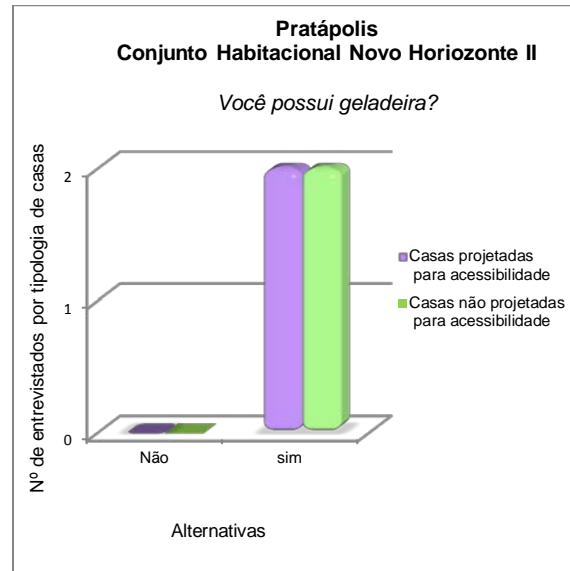
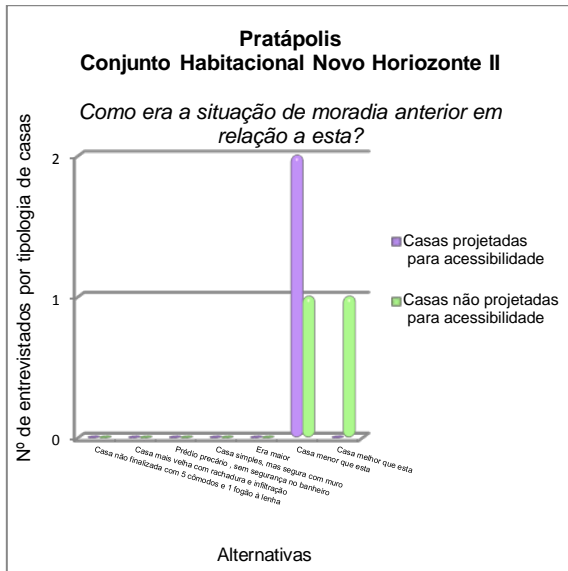
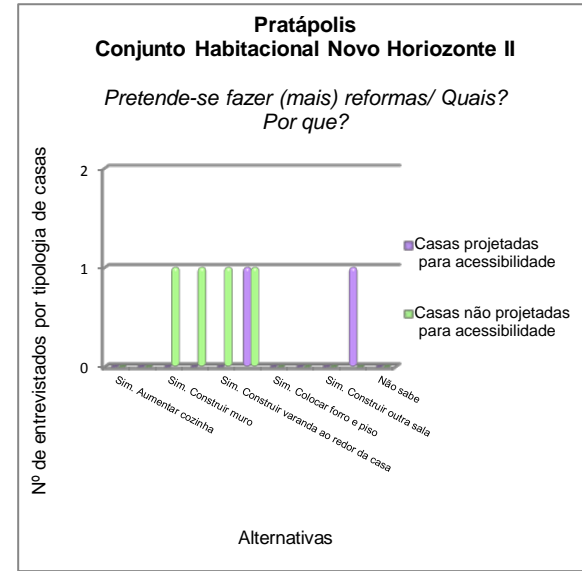
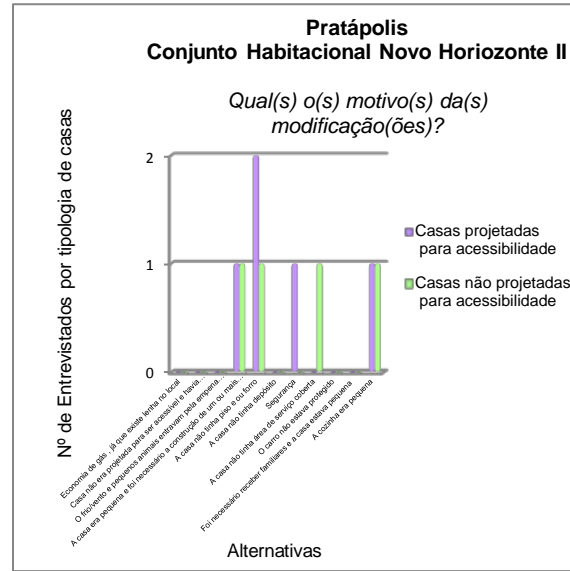
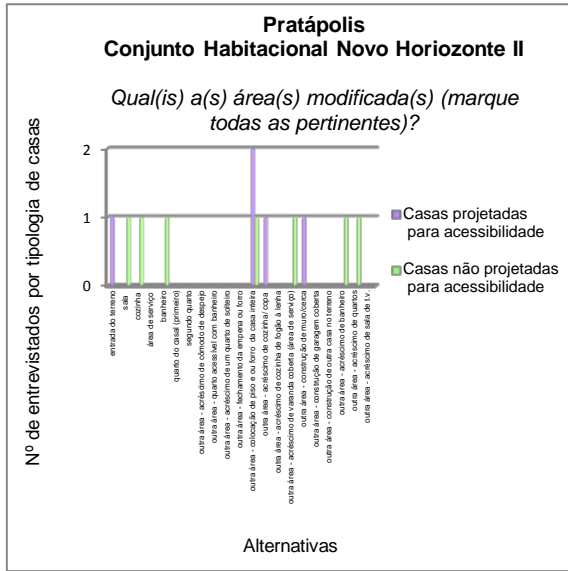
Apêndice J¹

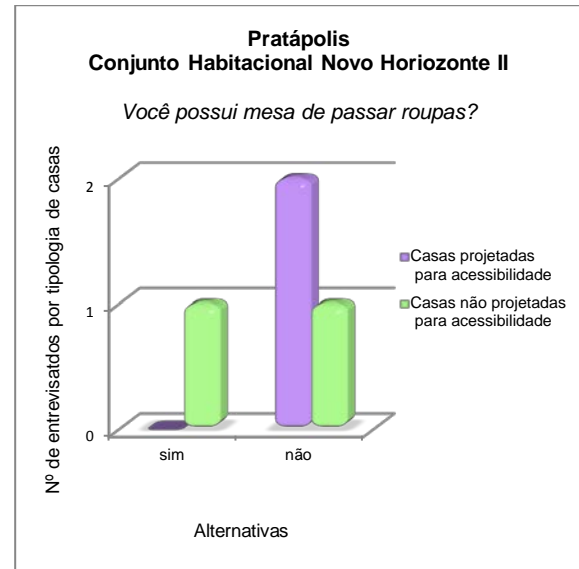
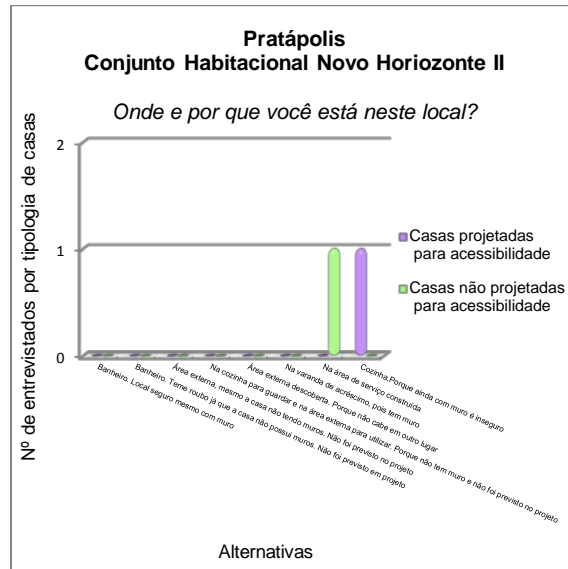
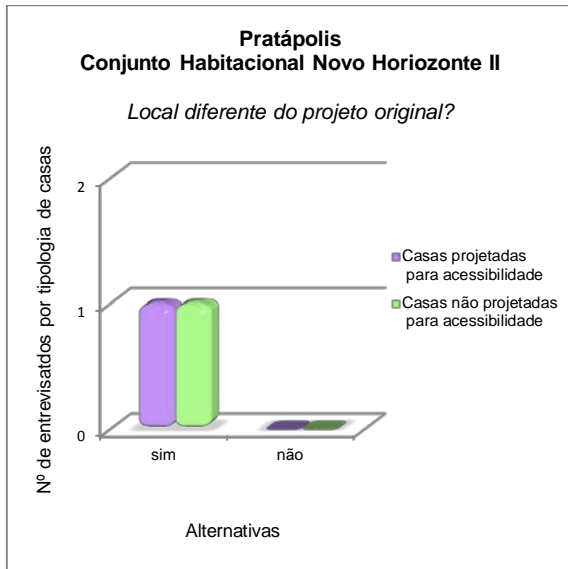
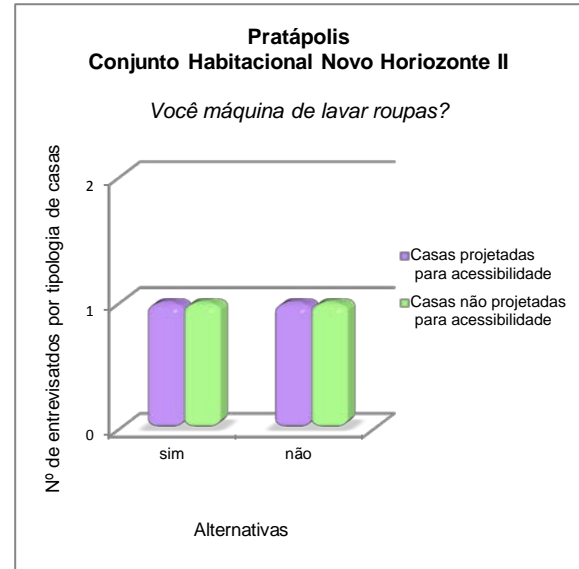
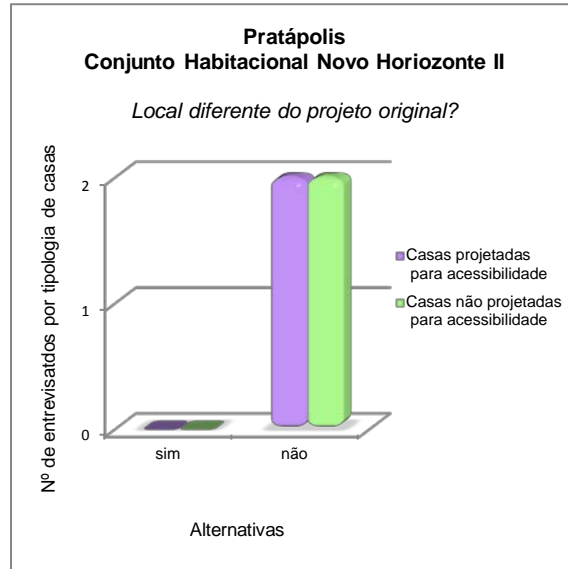
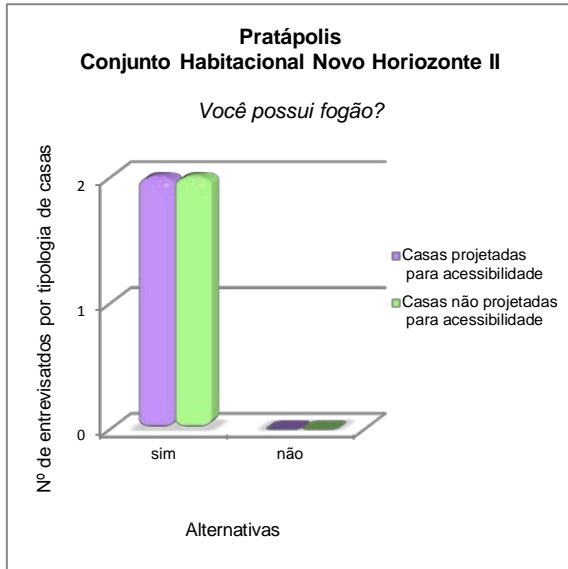
ANÁLISE DE DADOS- GRÁFICOS POR CIDADE

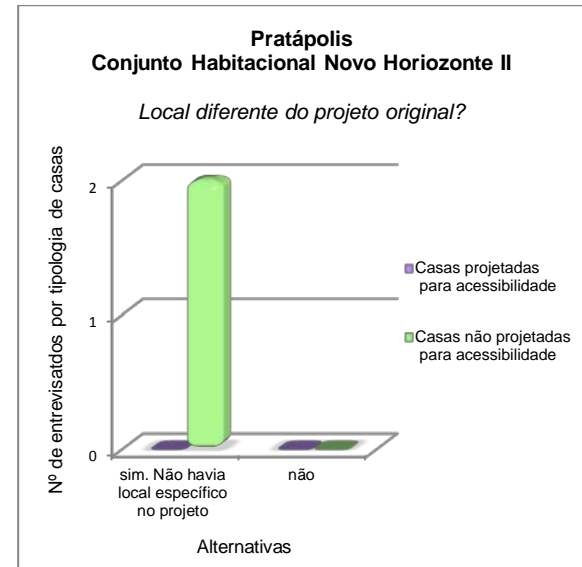
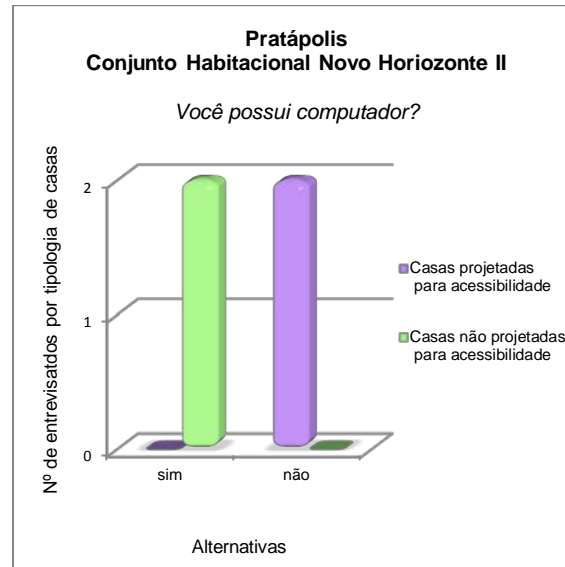
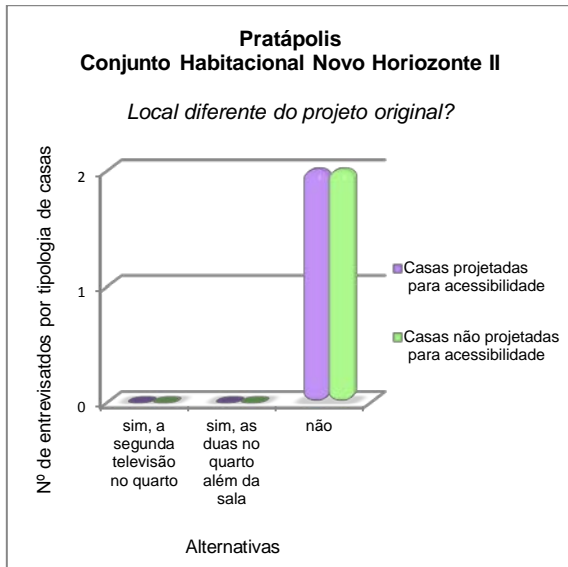
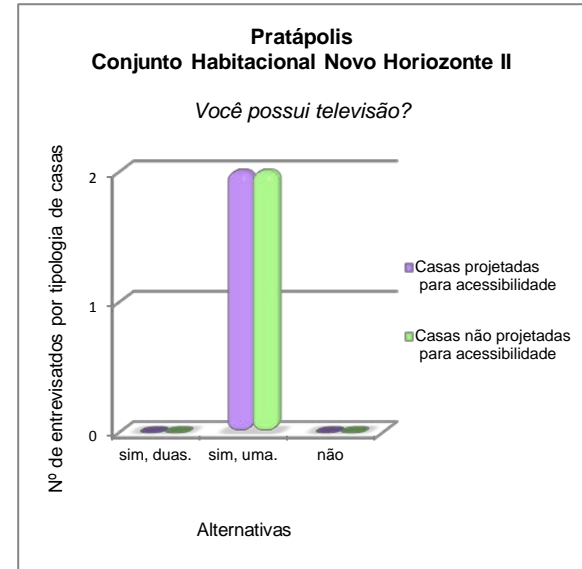
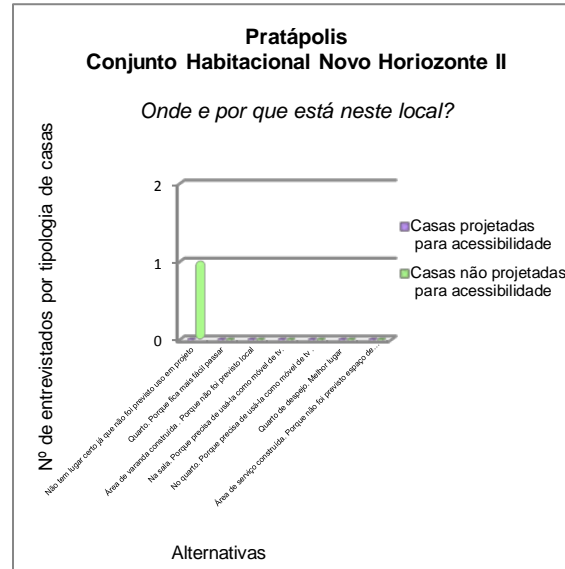
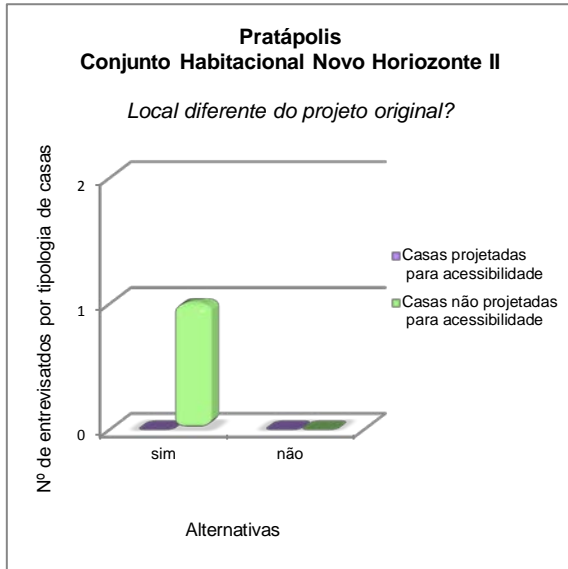
¹ Se necessário melhor visualização das perguntas nos gráficos, verificar Apêndice F

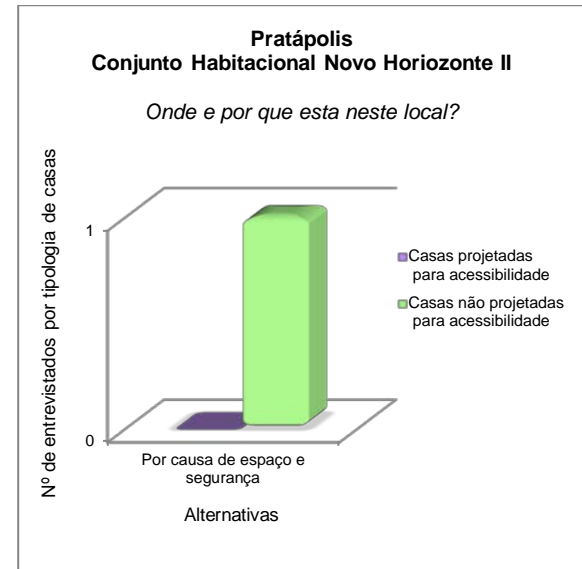
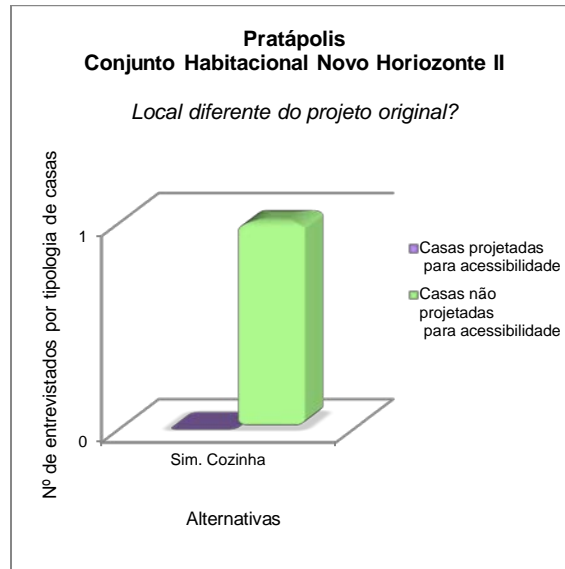
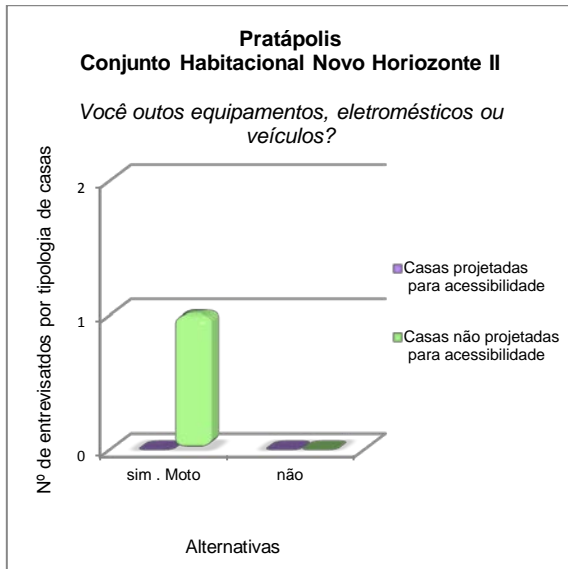
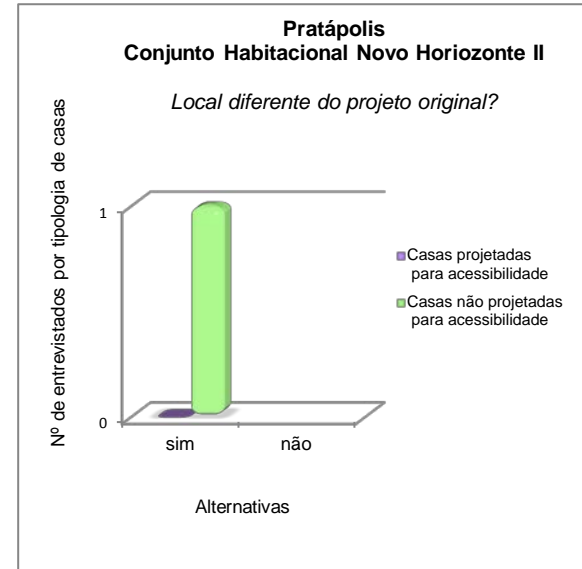
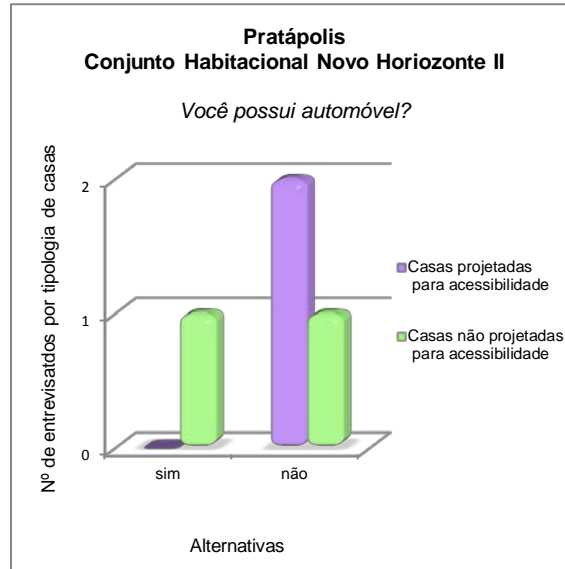
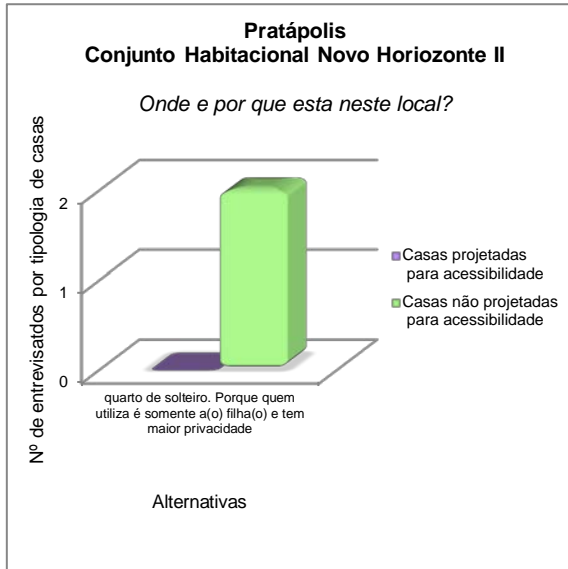


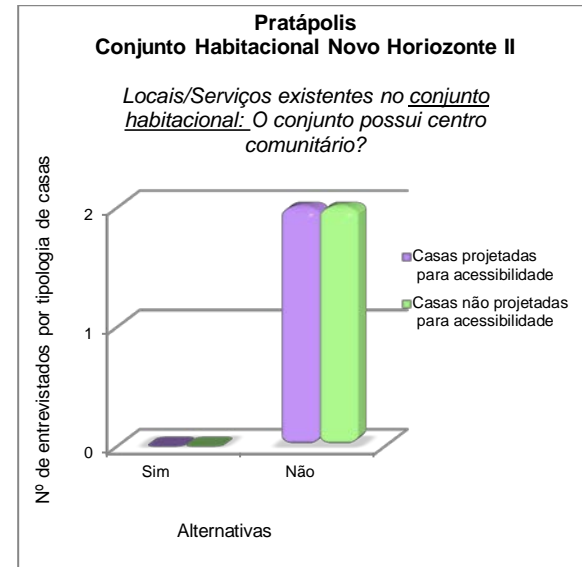
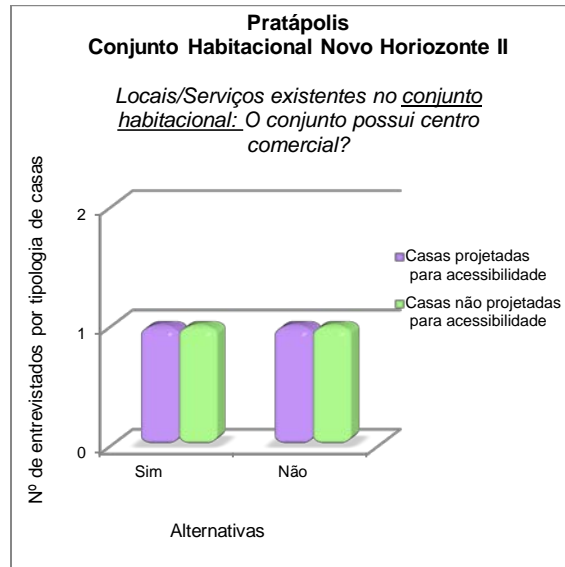
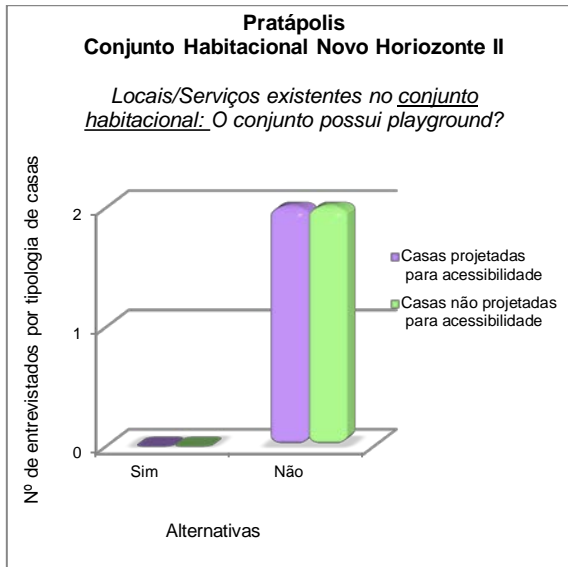
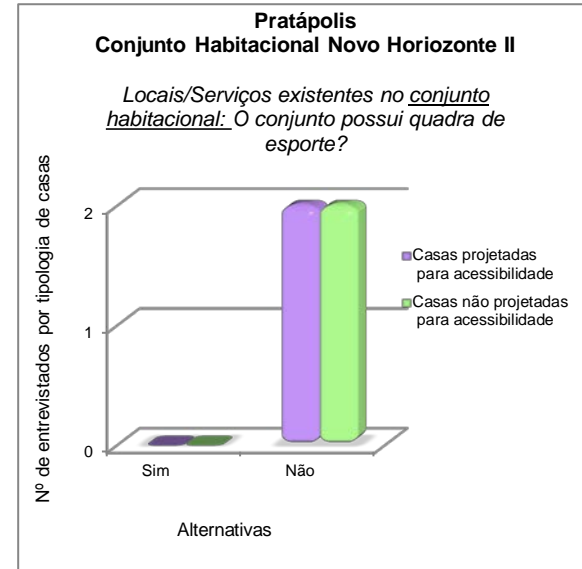
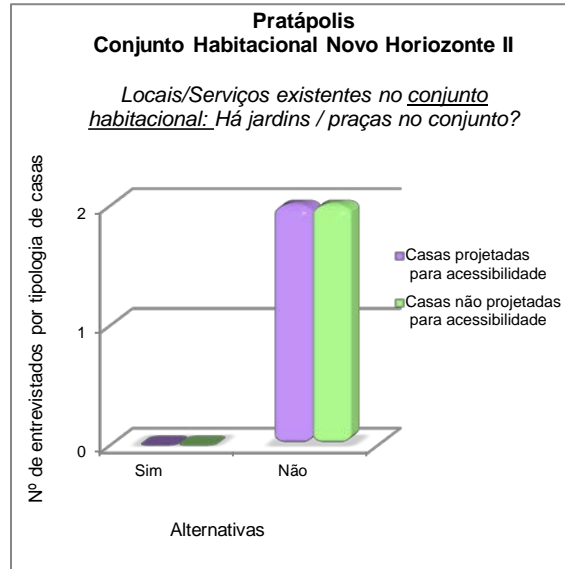
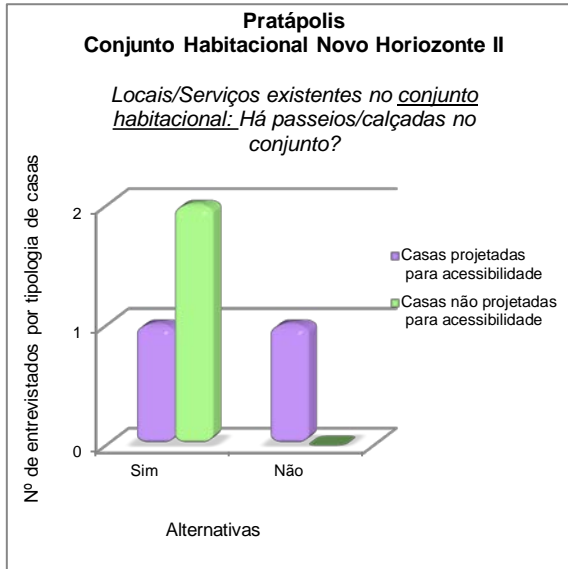


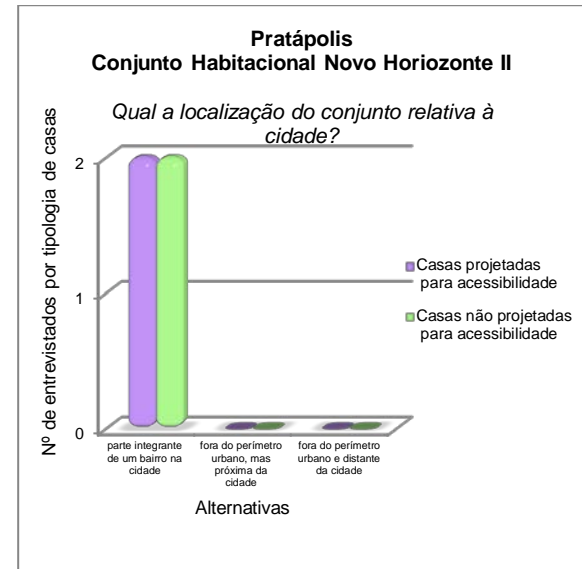
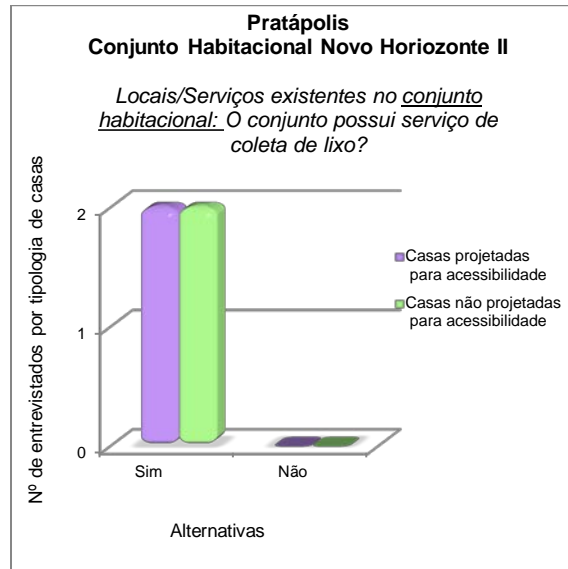
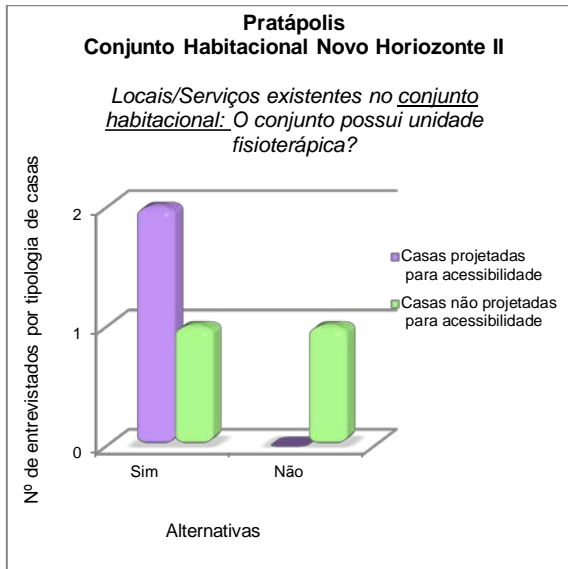
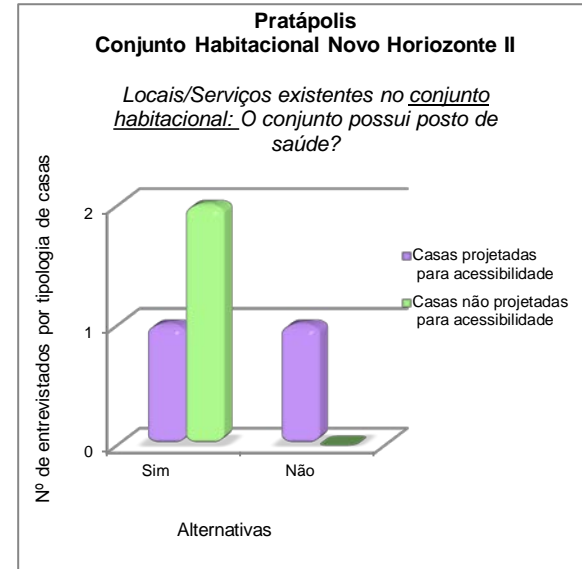
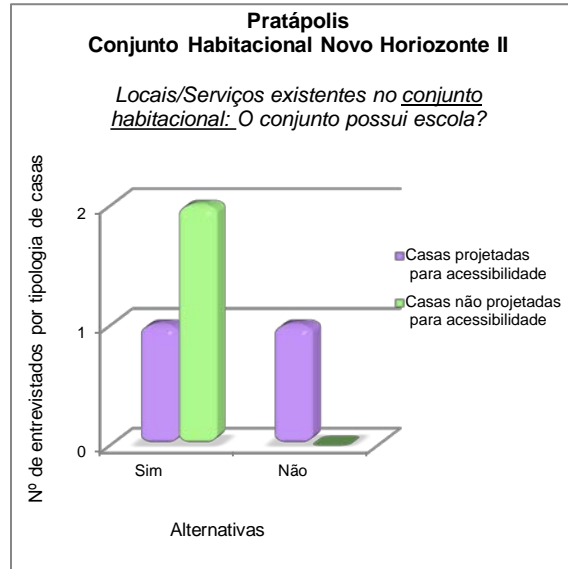
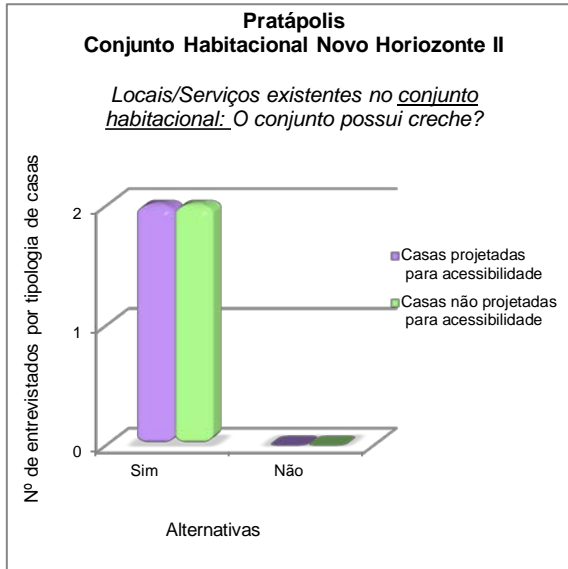


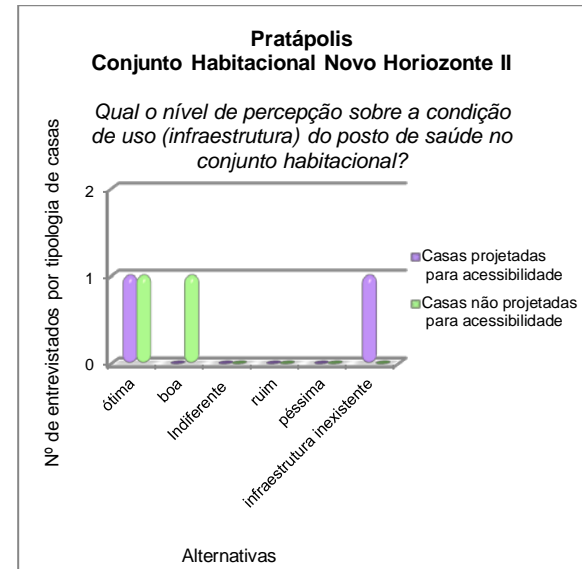
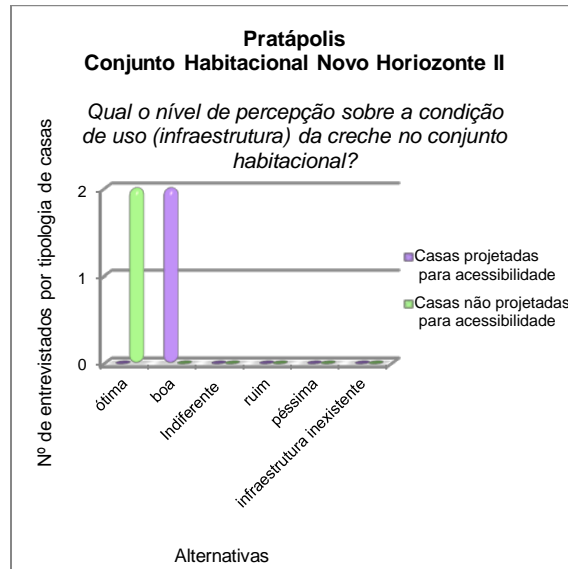
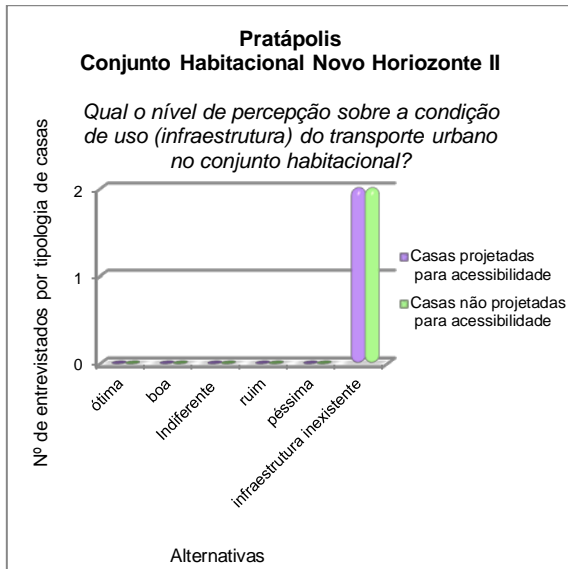
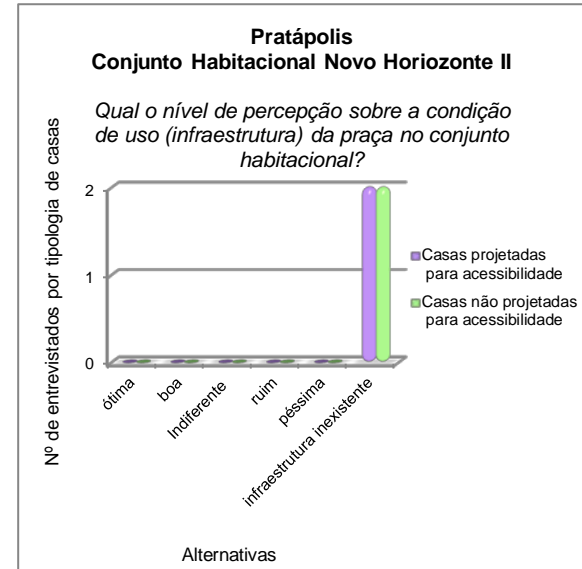
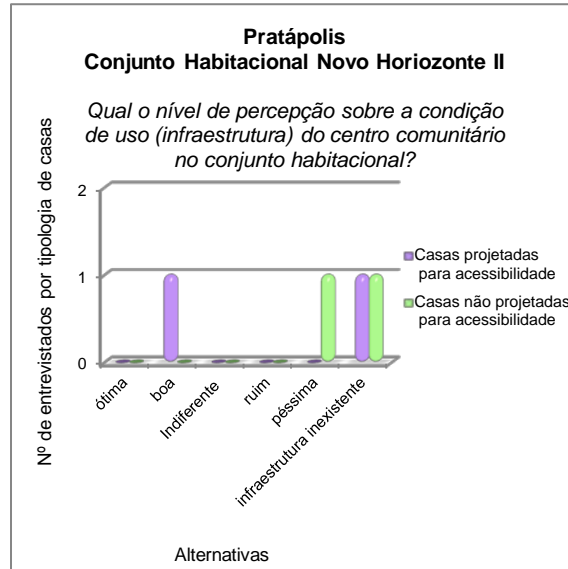
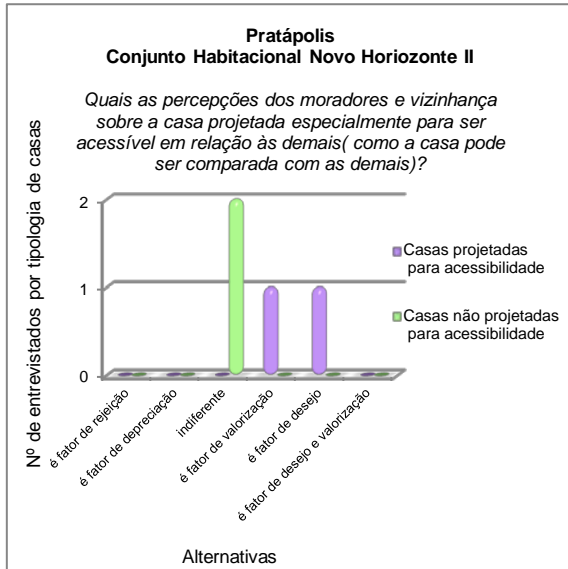


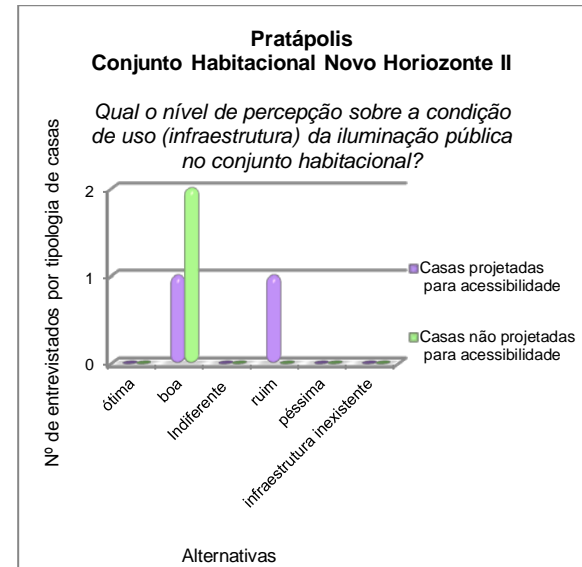
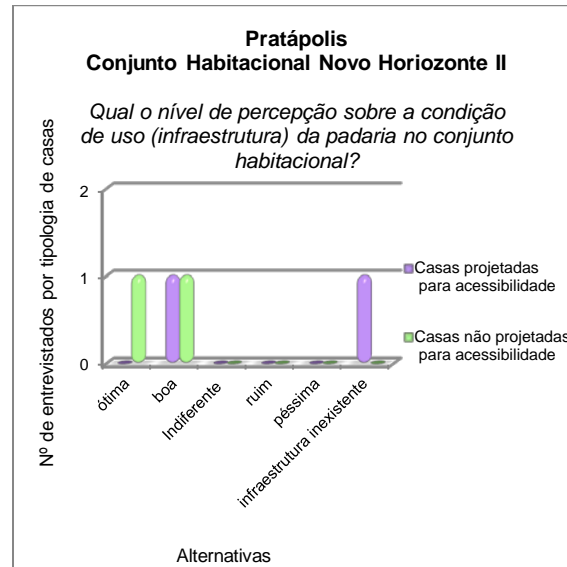
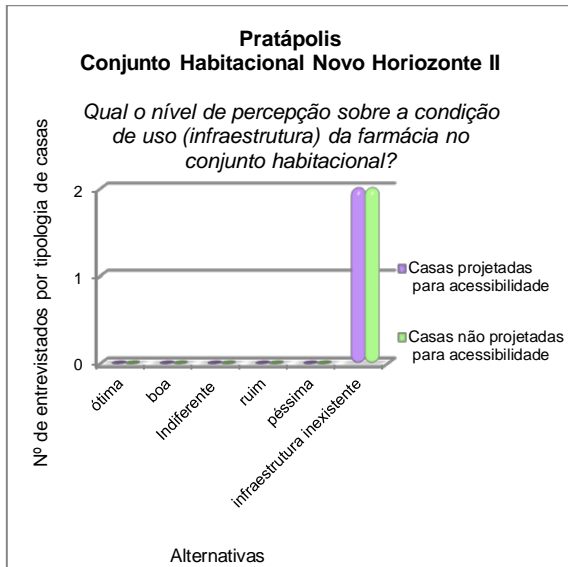
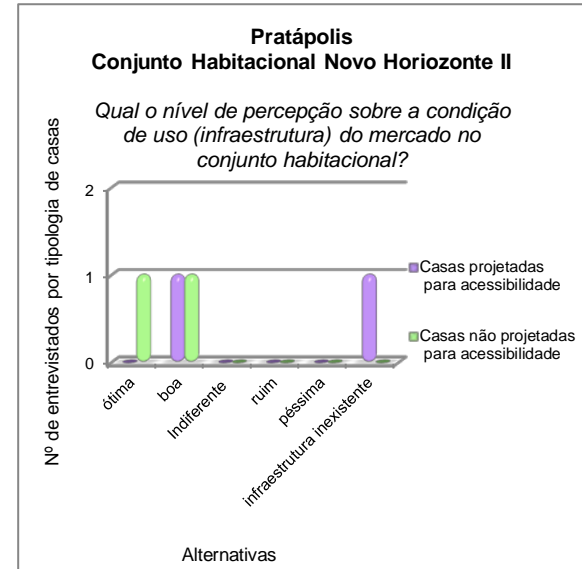
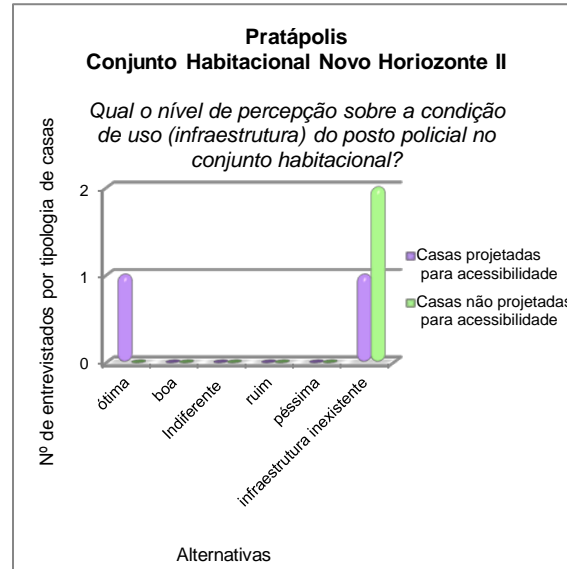
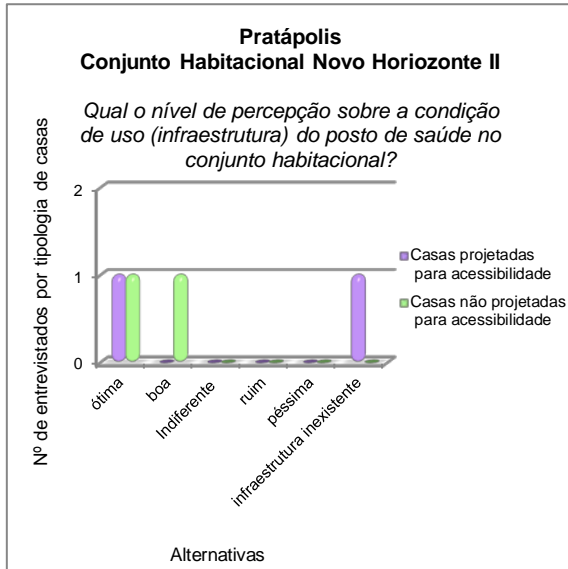


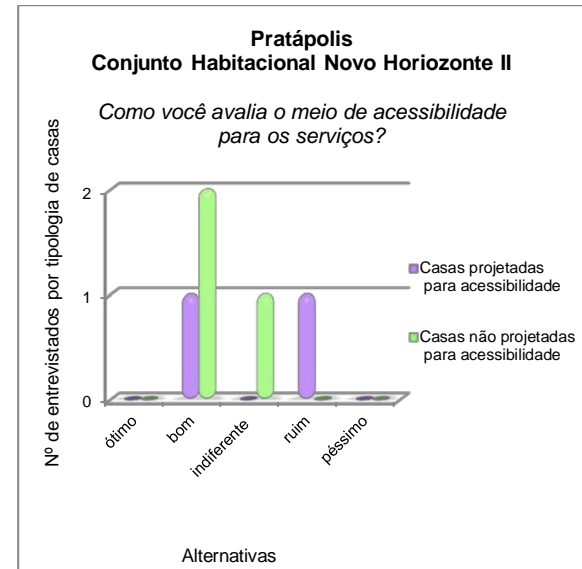
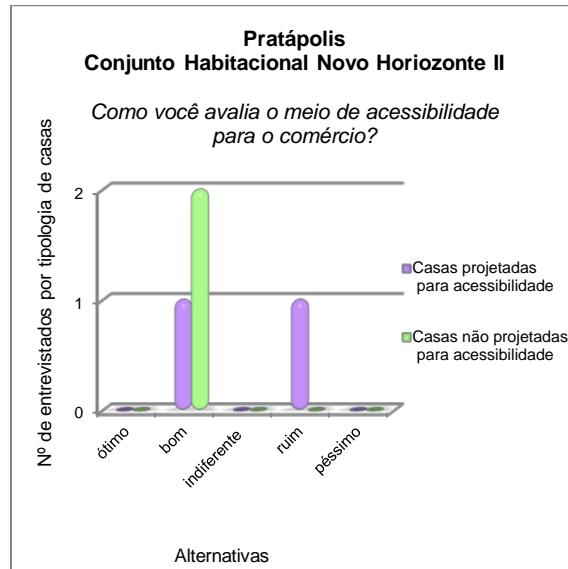
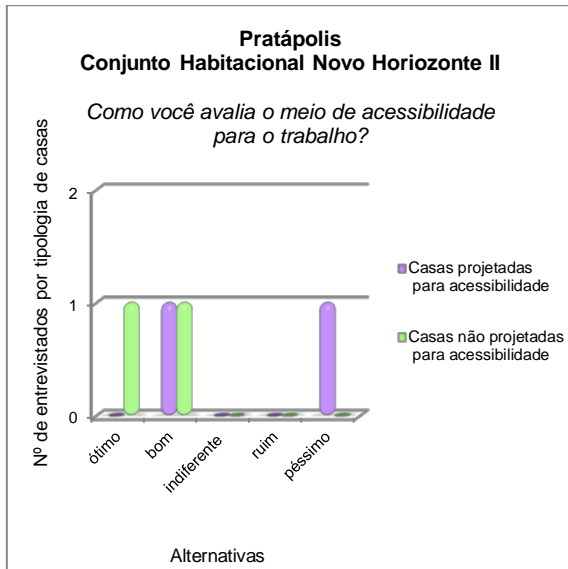
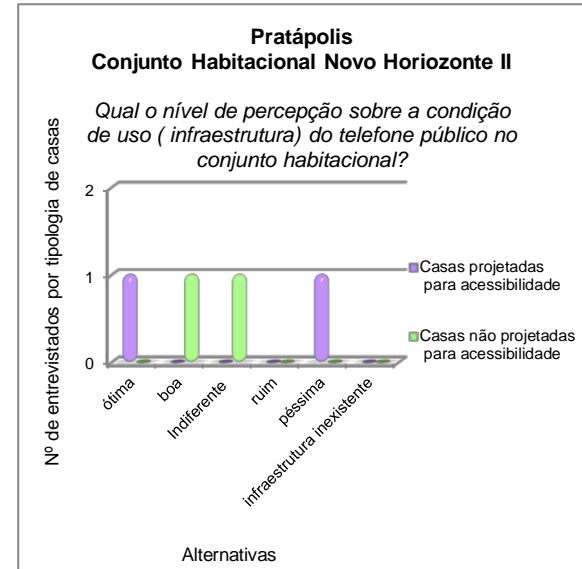
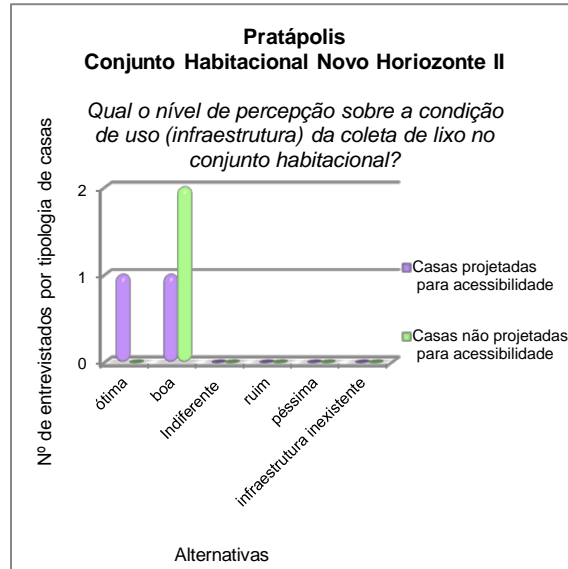
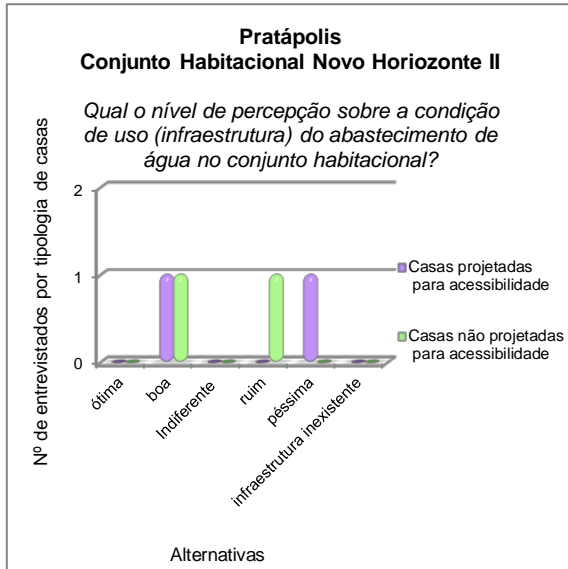


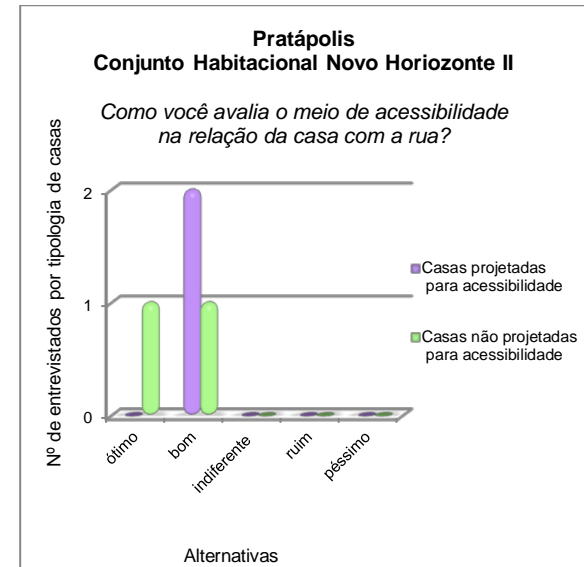
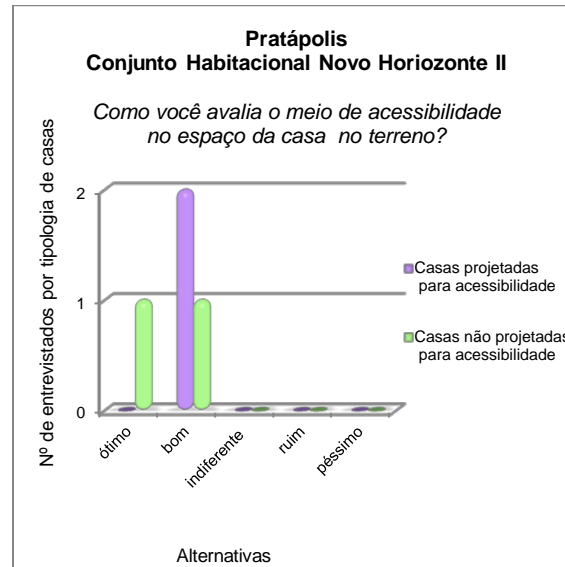
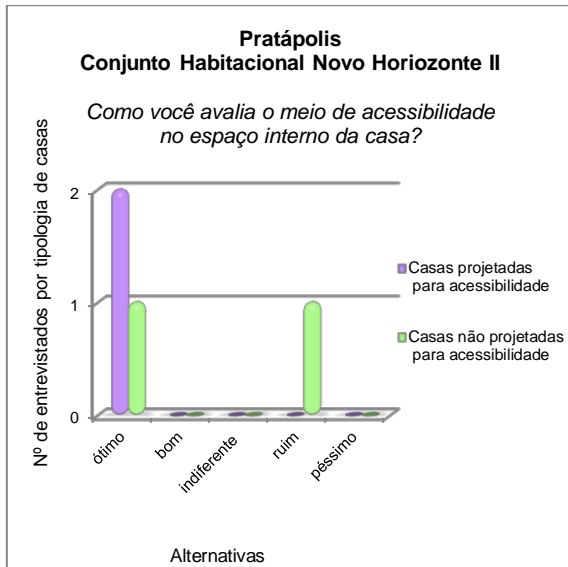
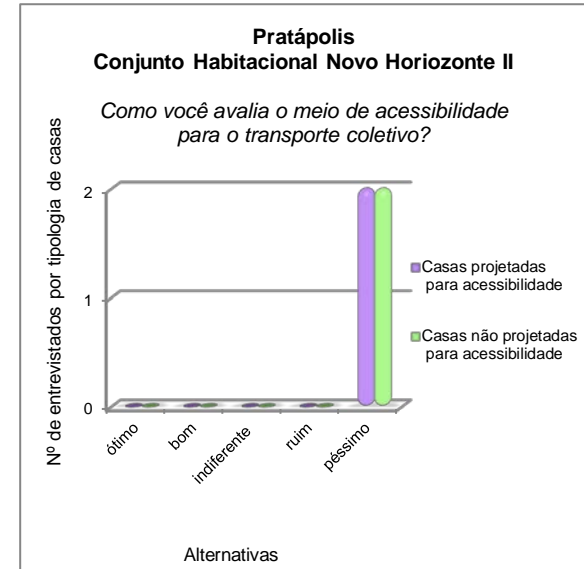
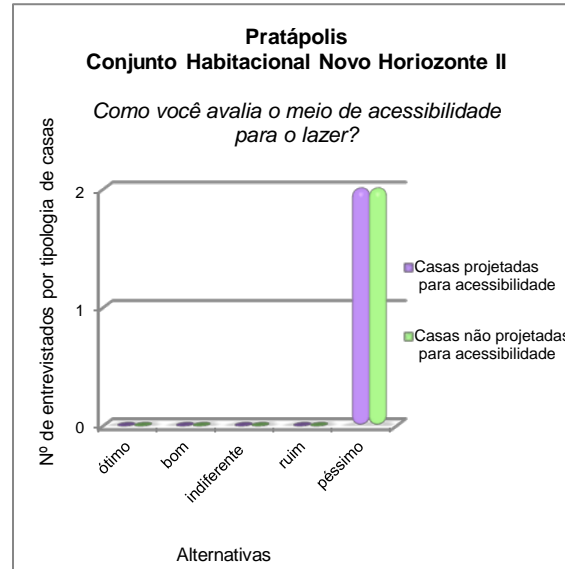
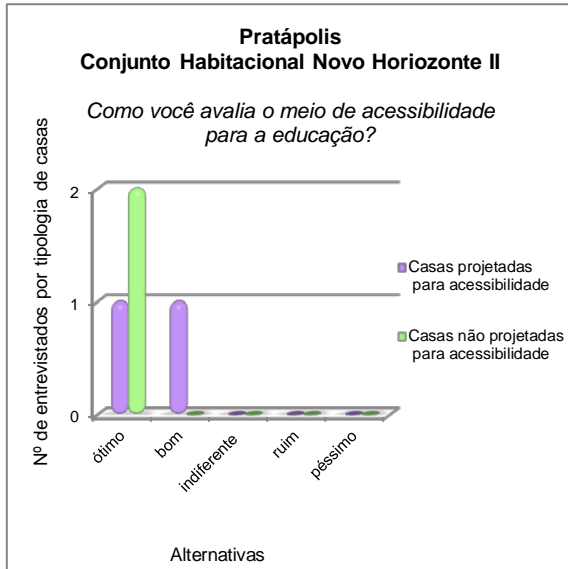


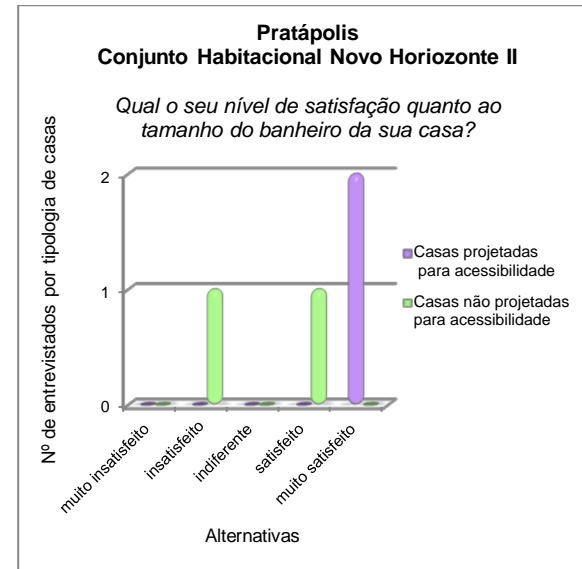
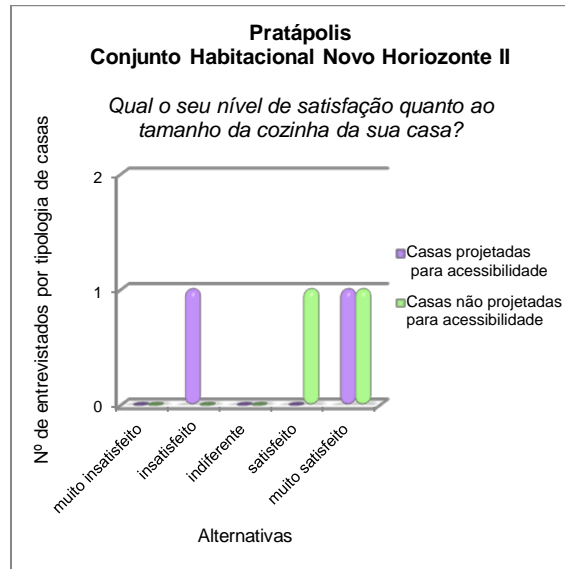
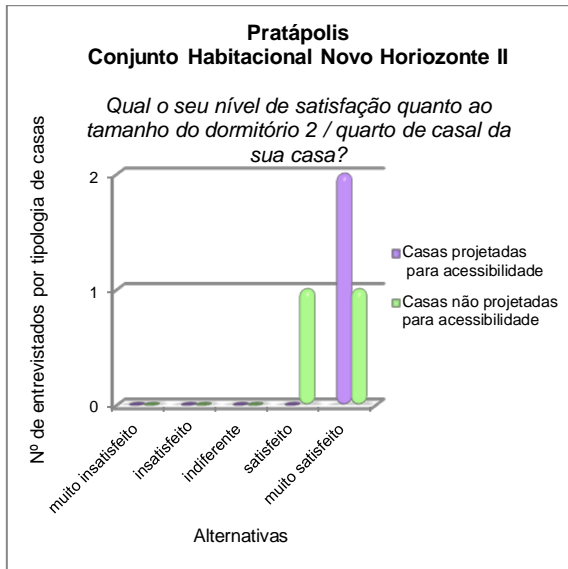
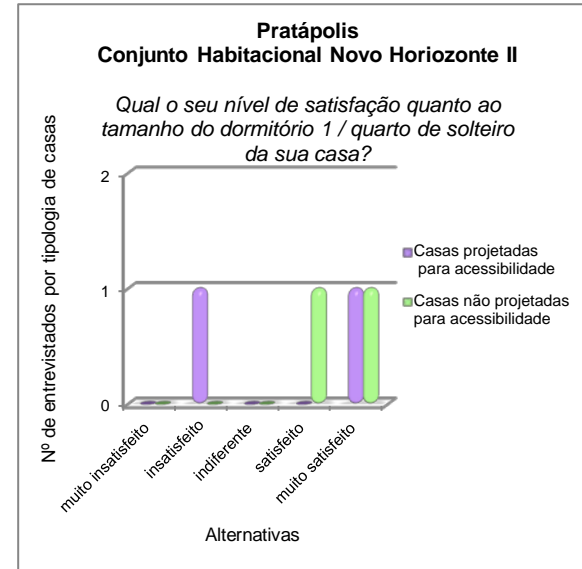
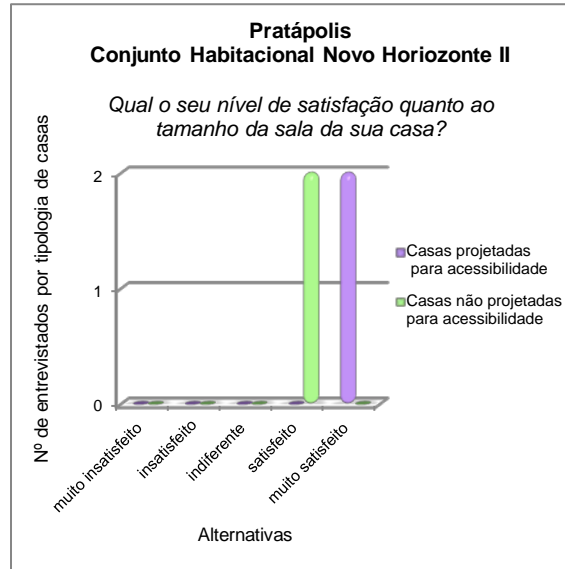
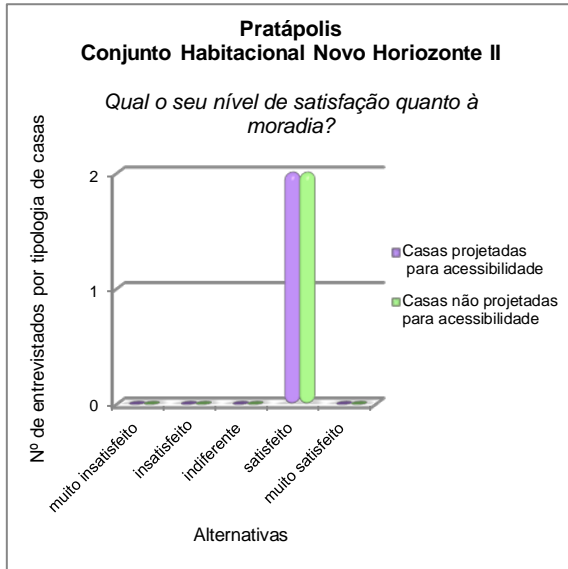


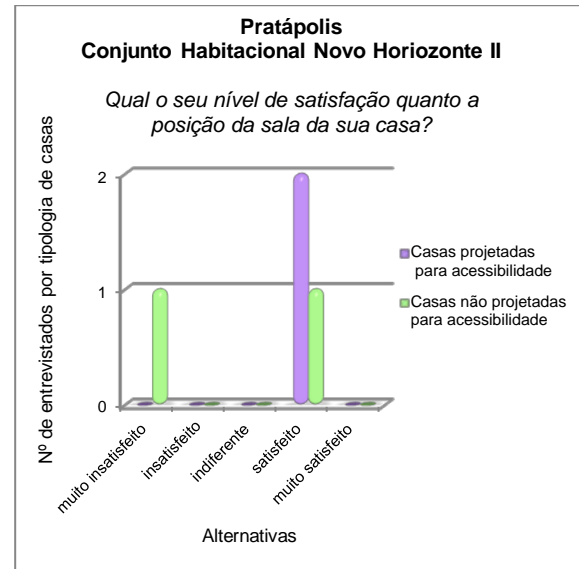
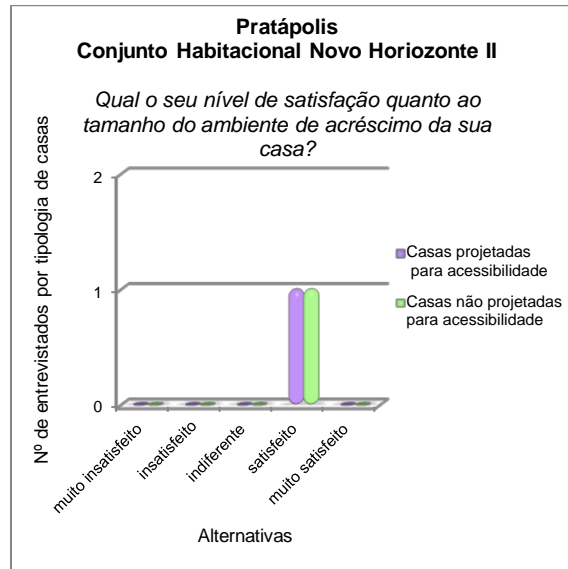
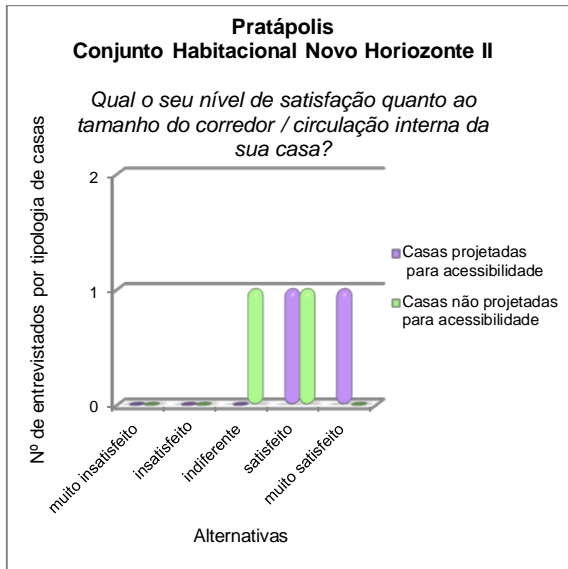
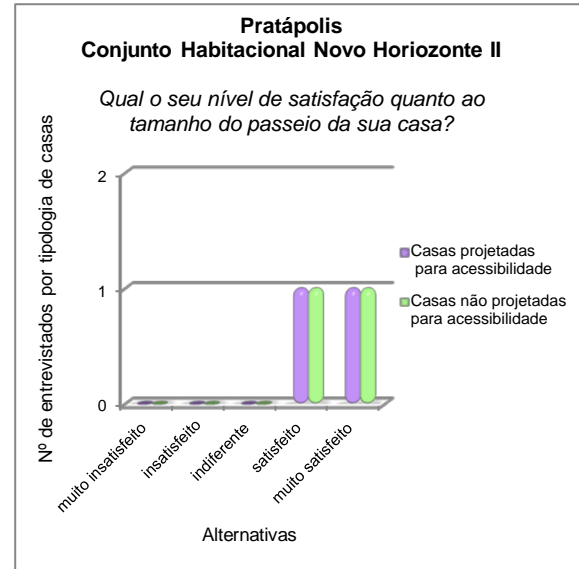
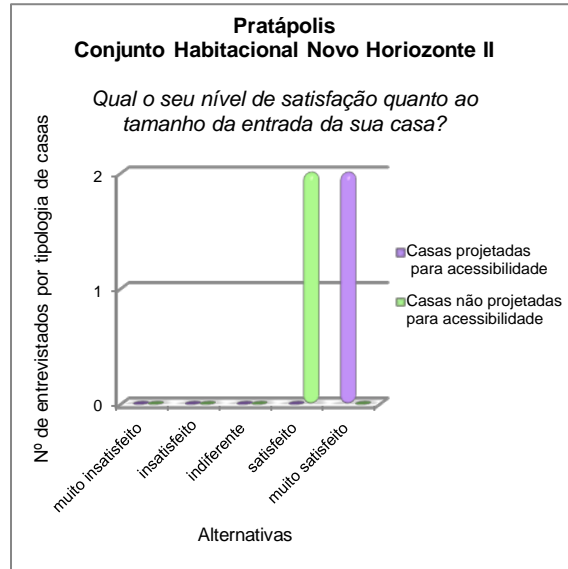
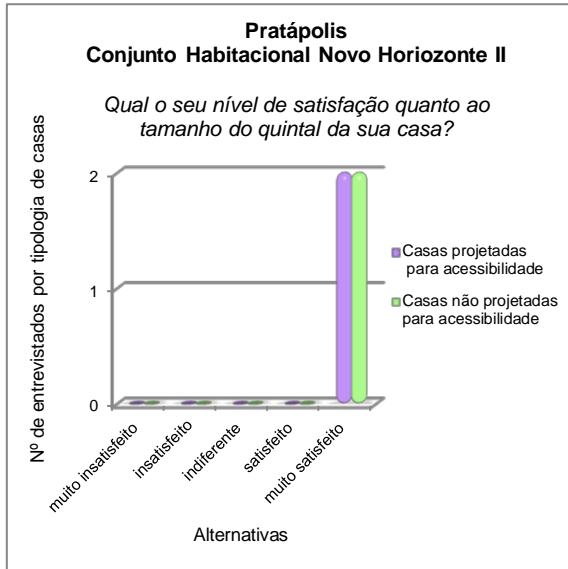


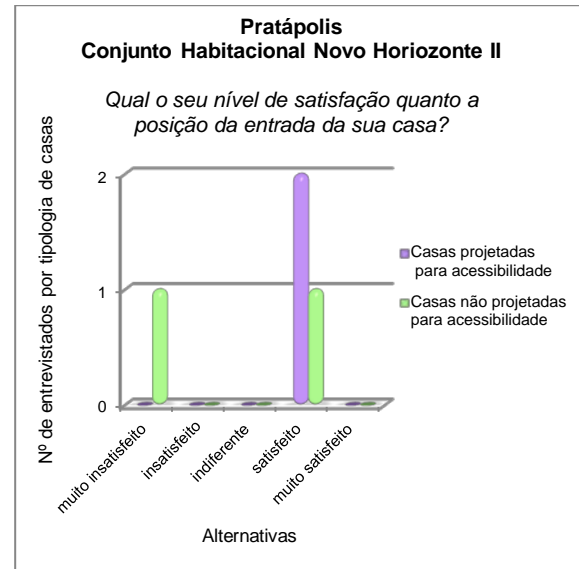
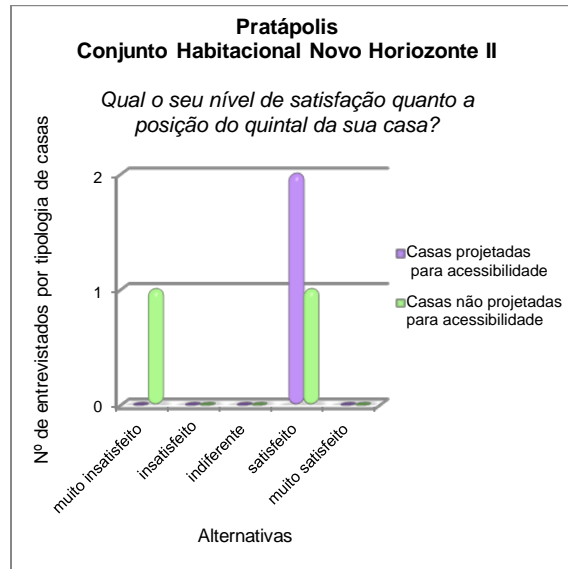
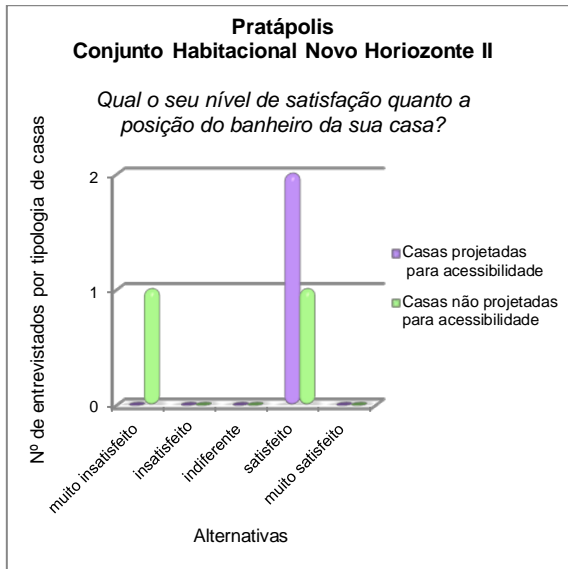
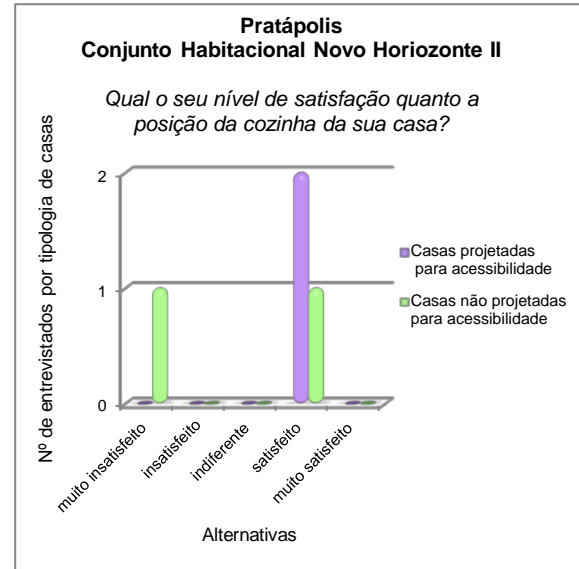
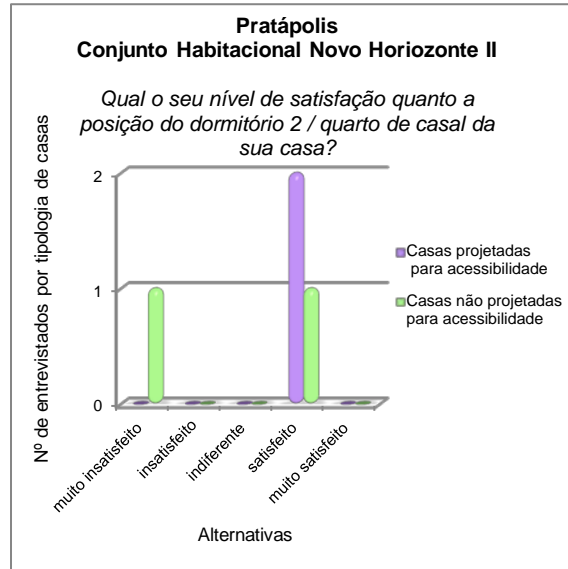
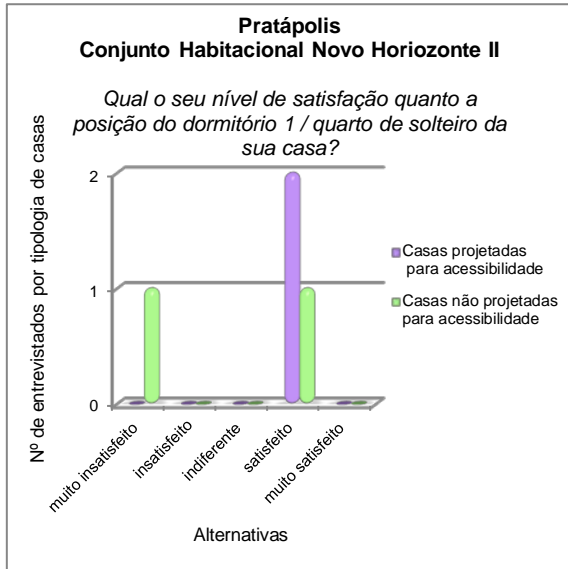


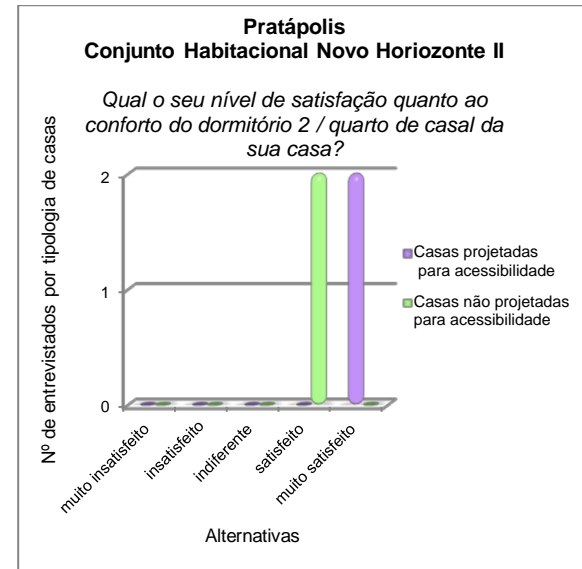
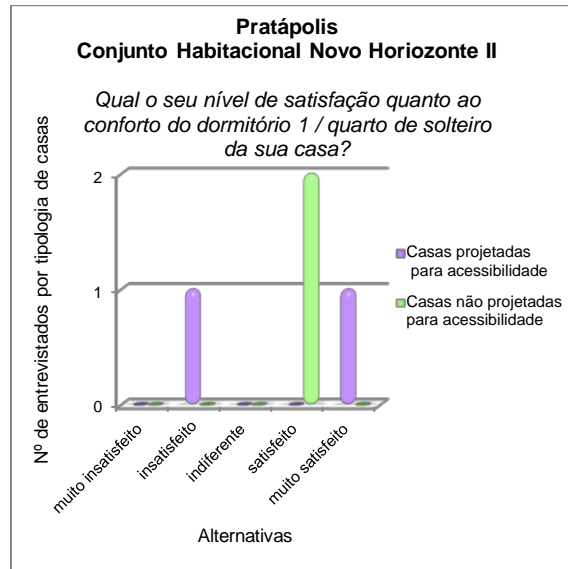
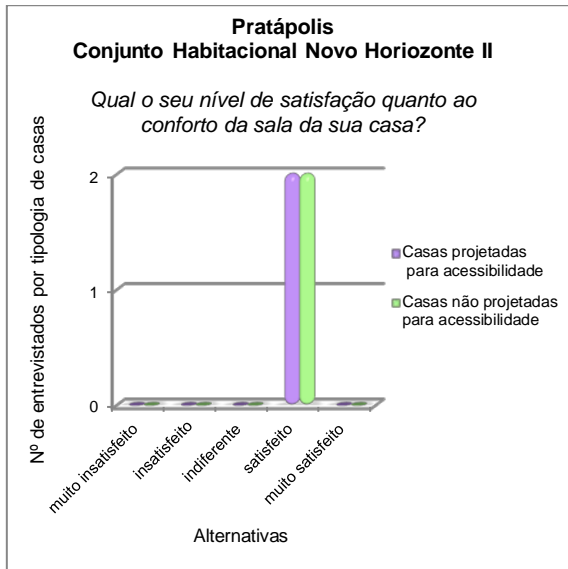
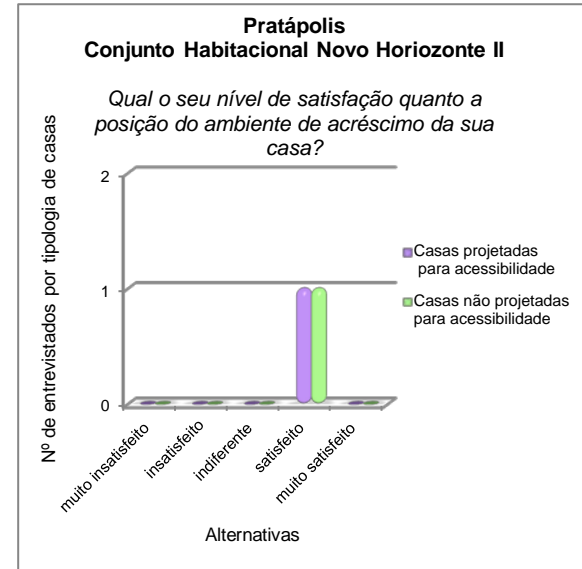
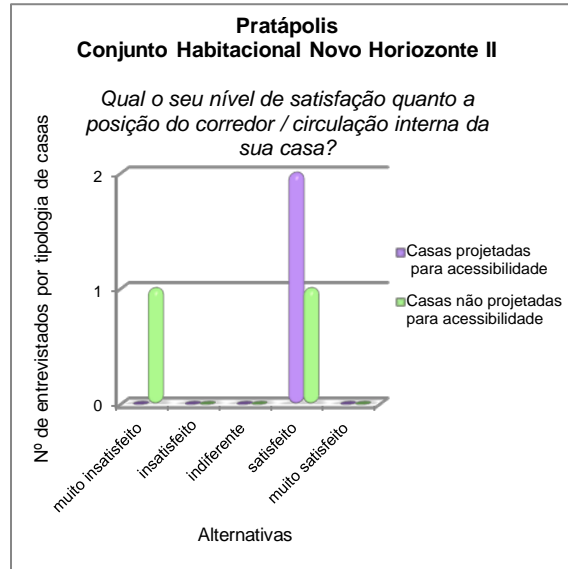
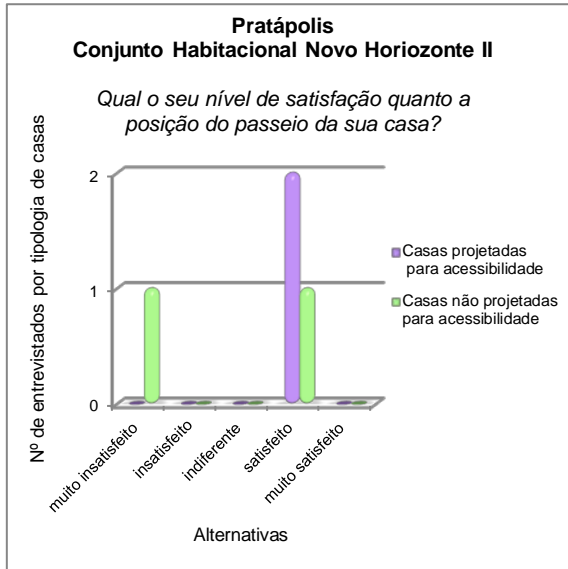


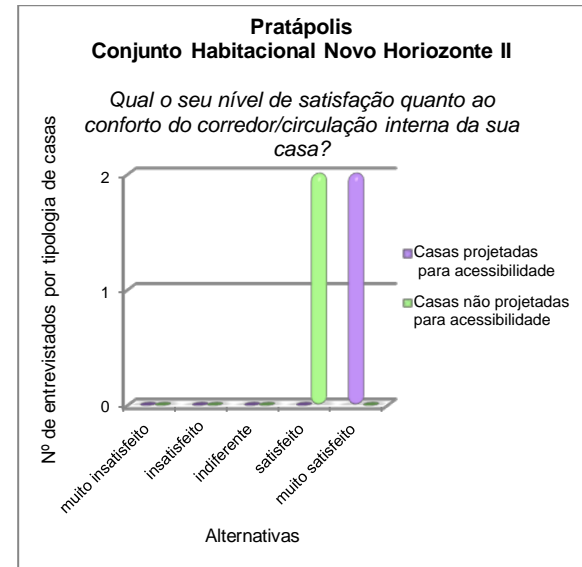
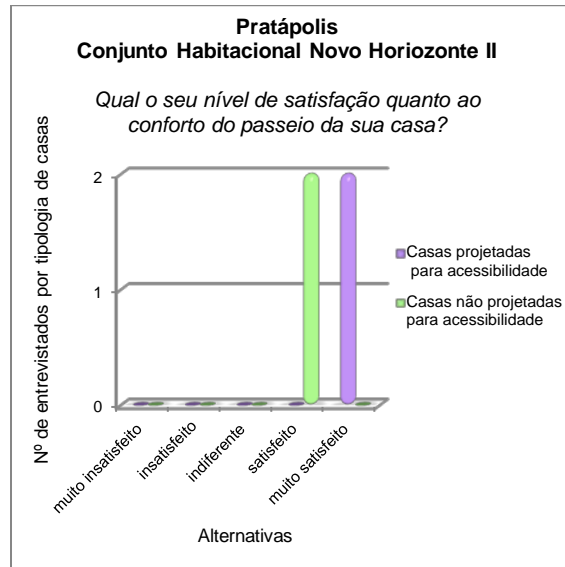
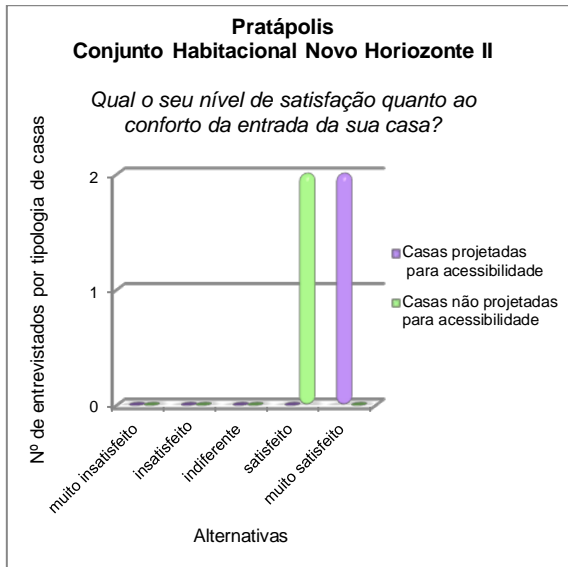
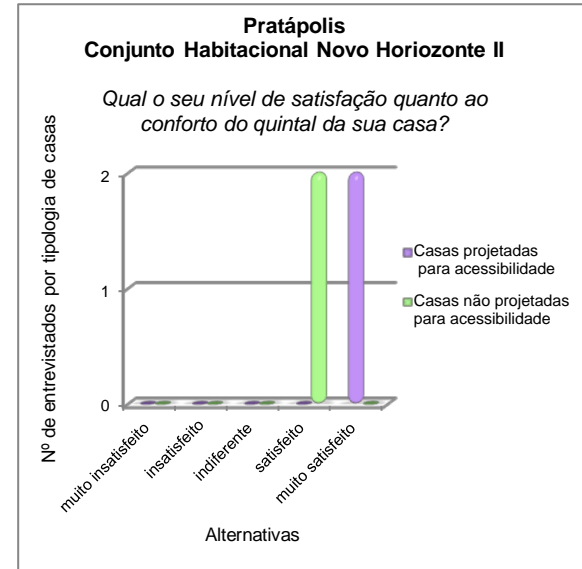
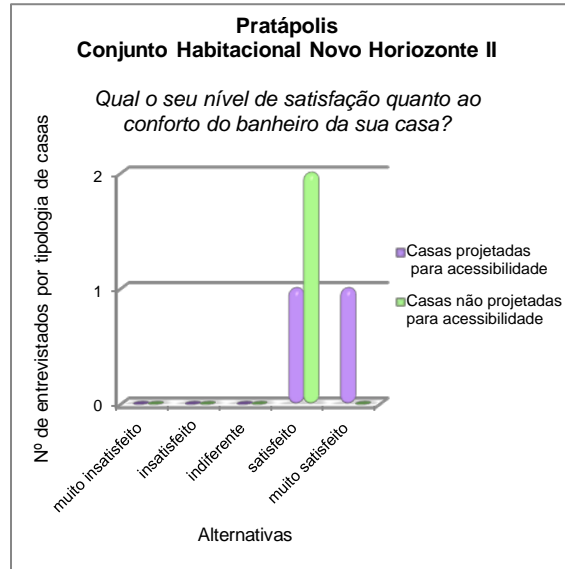
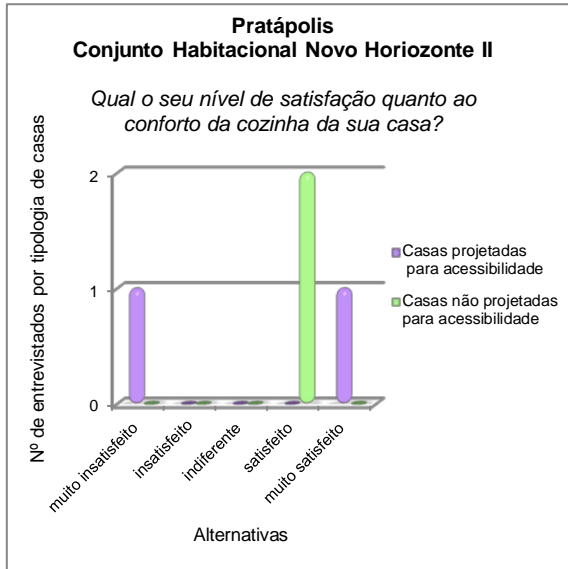


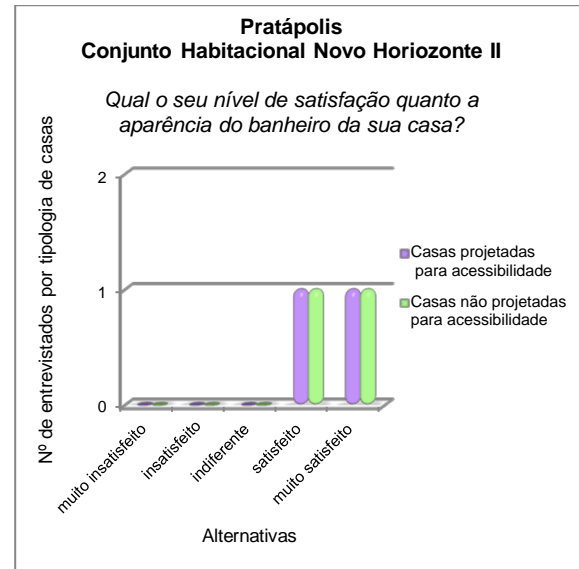
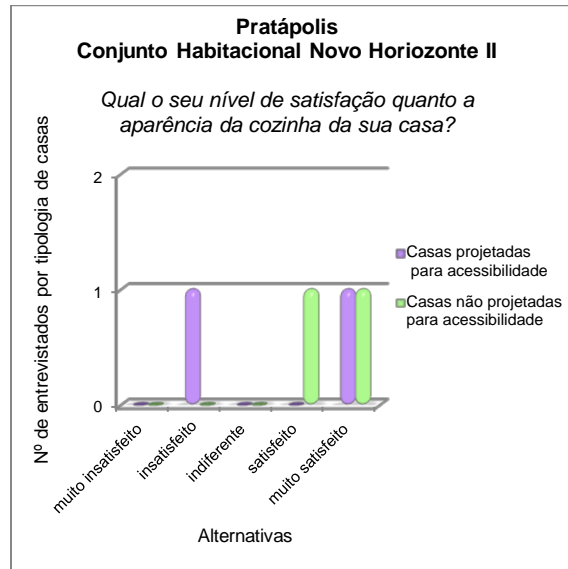
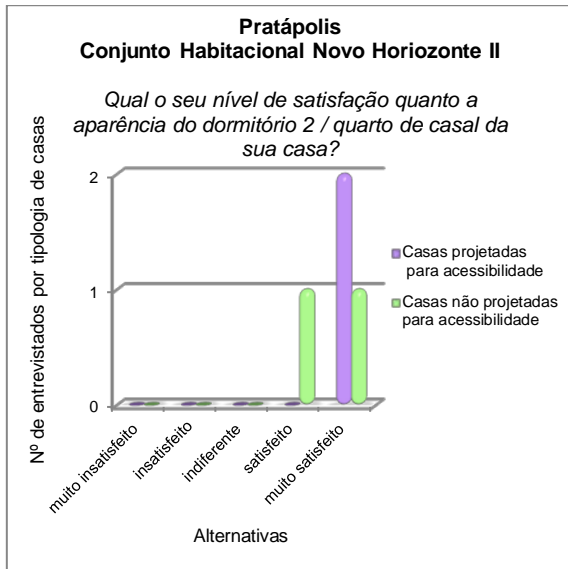
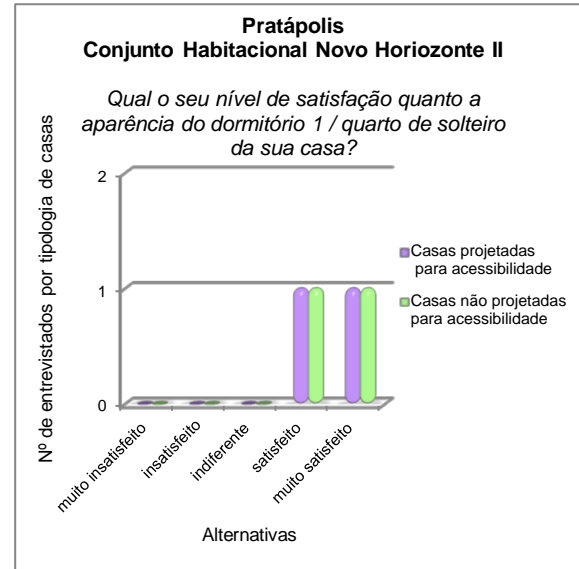
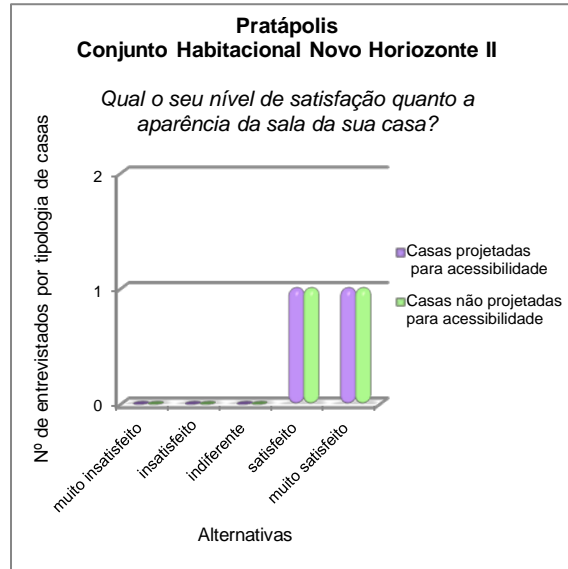
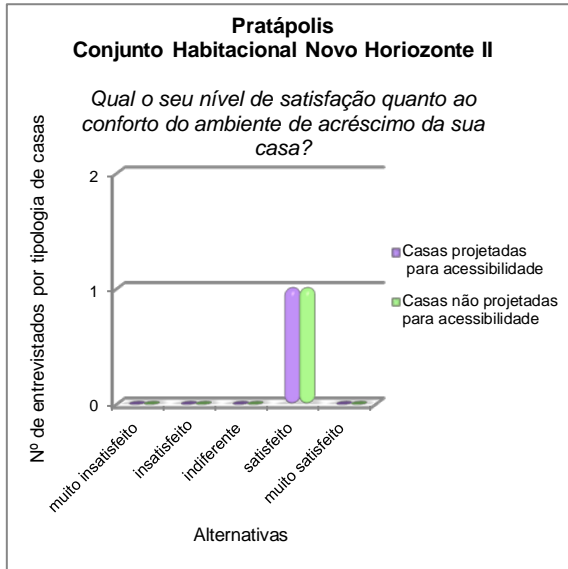


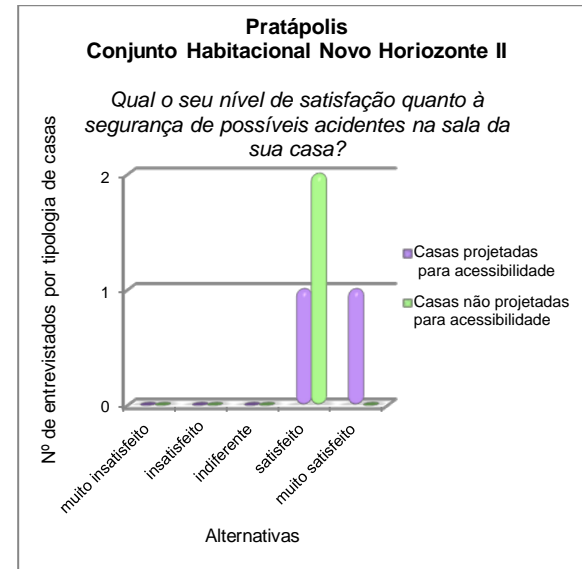
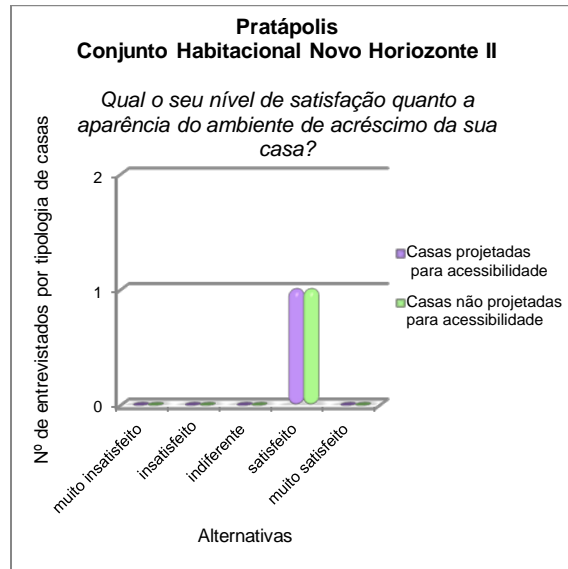
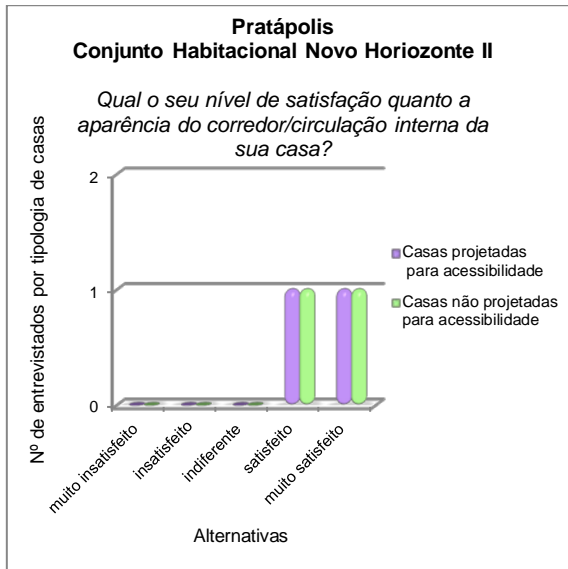
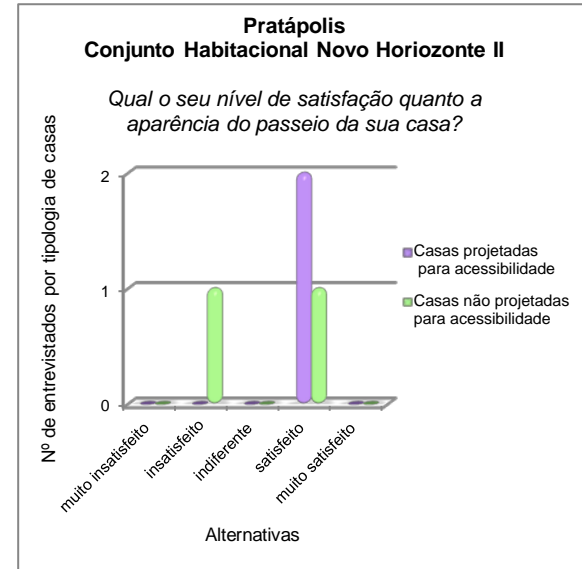
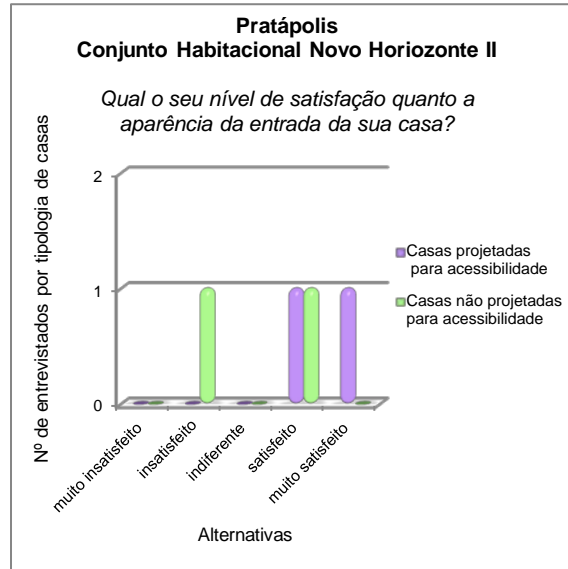
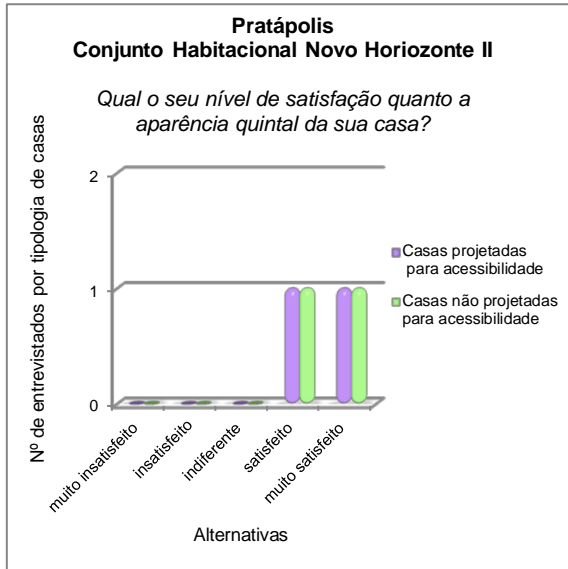


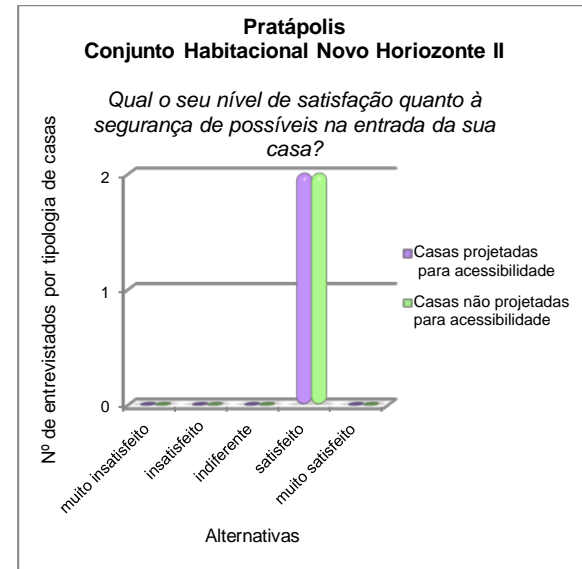
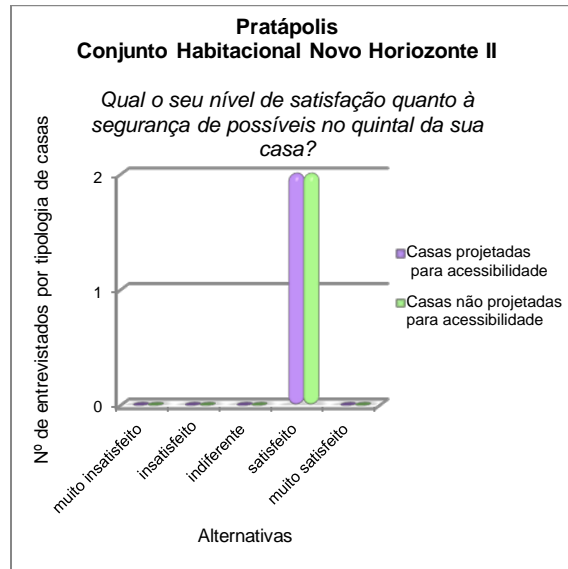
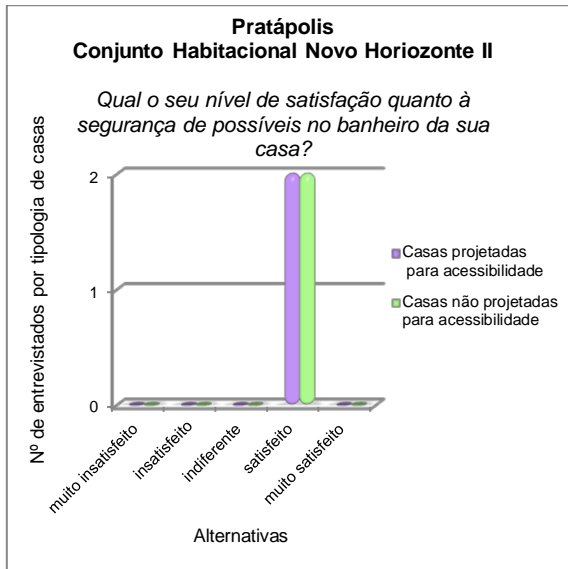
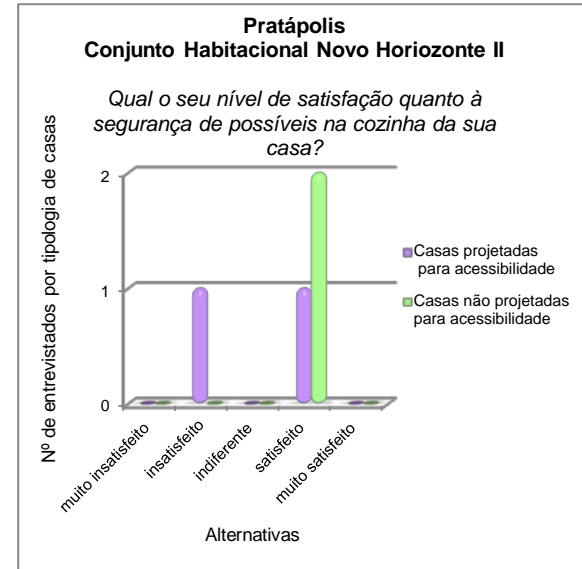
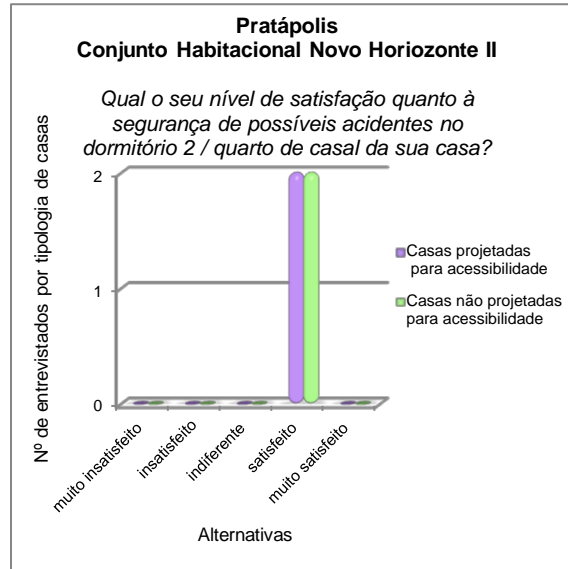
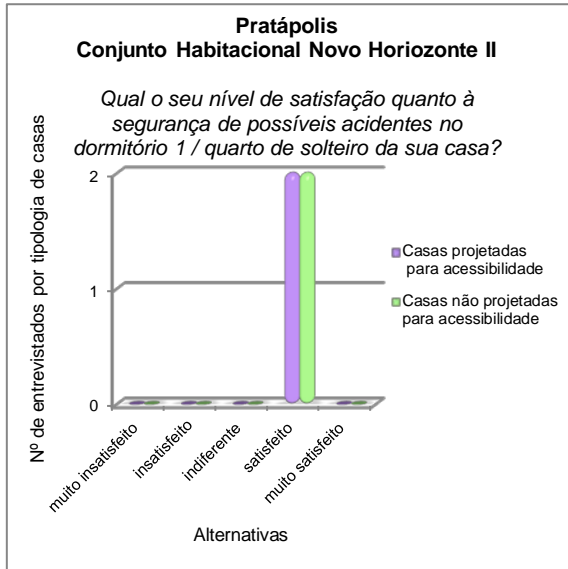


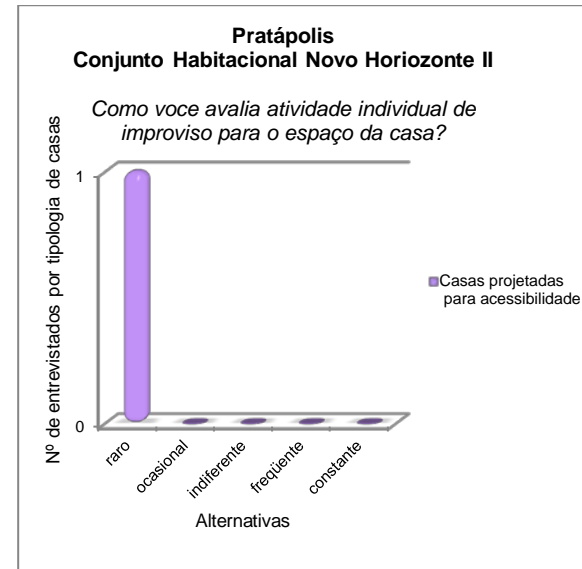
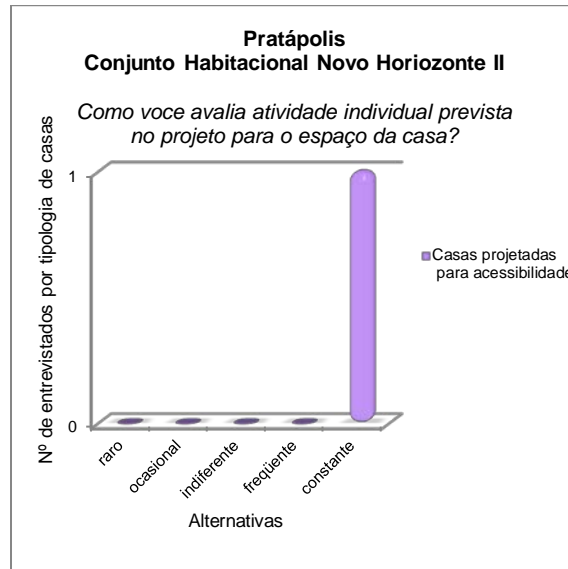
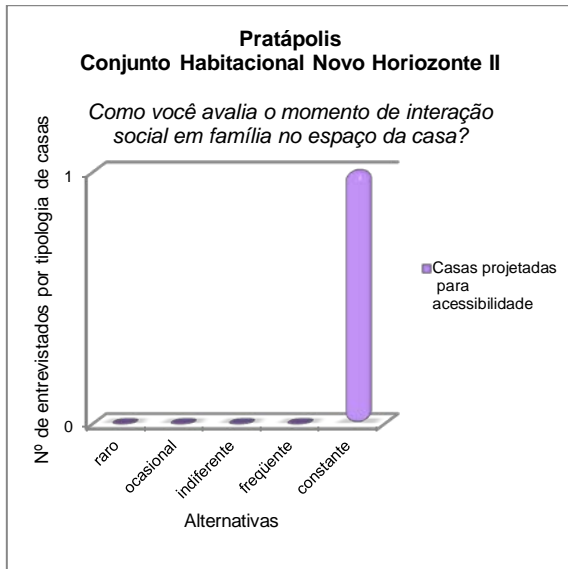
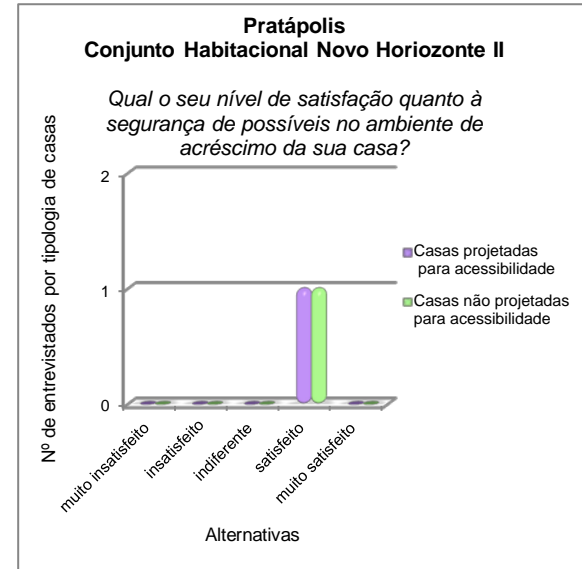
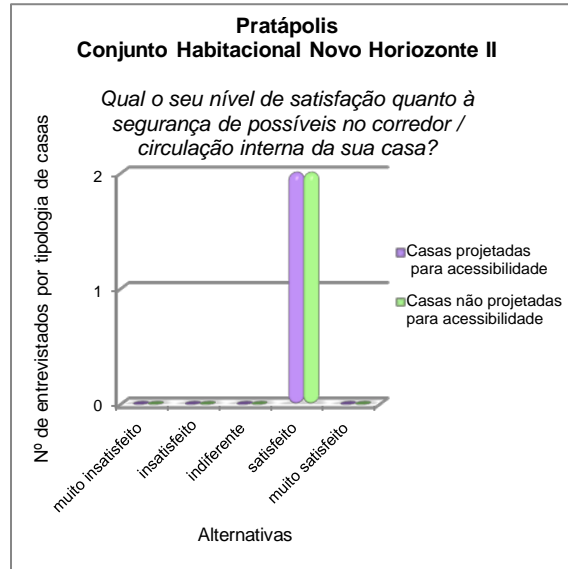
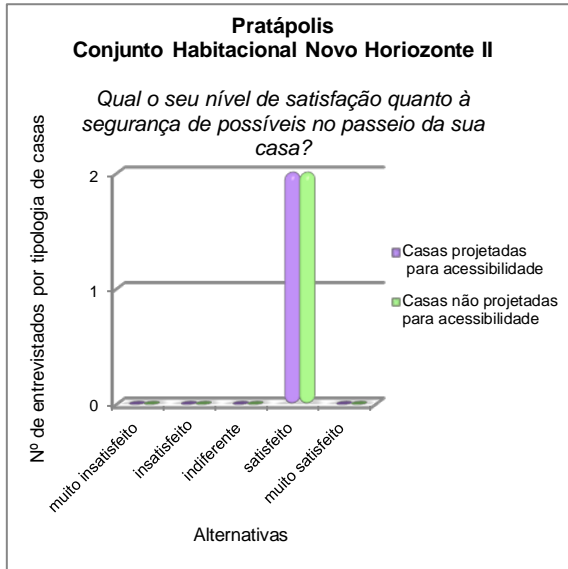


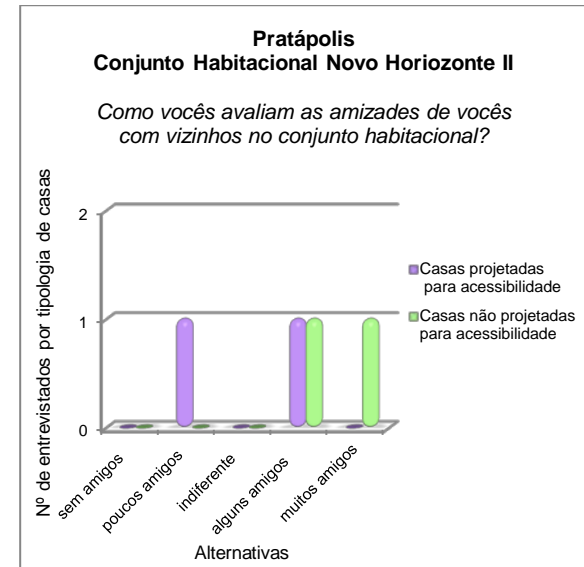
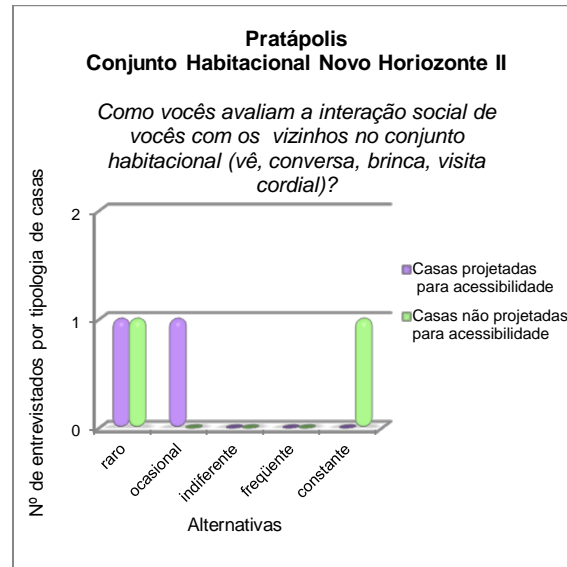
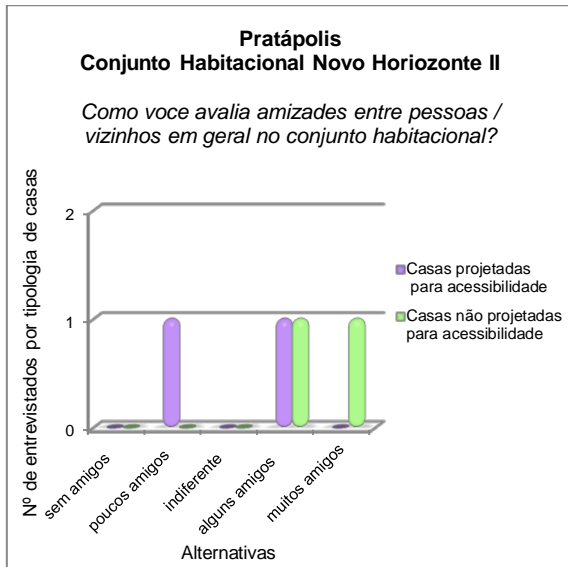
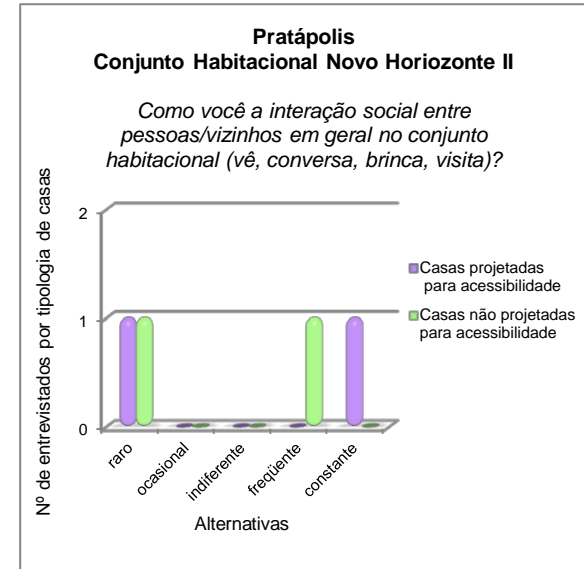
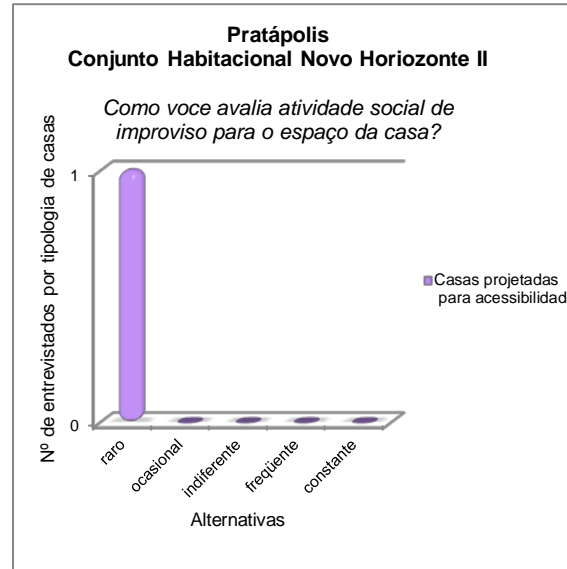
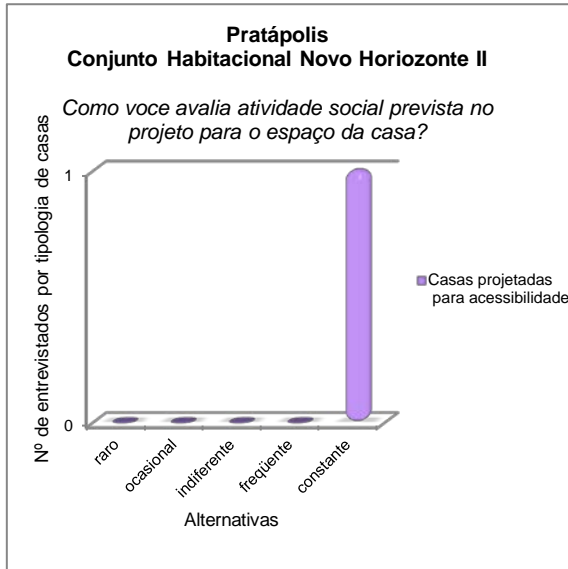


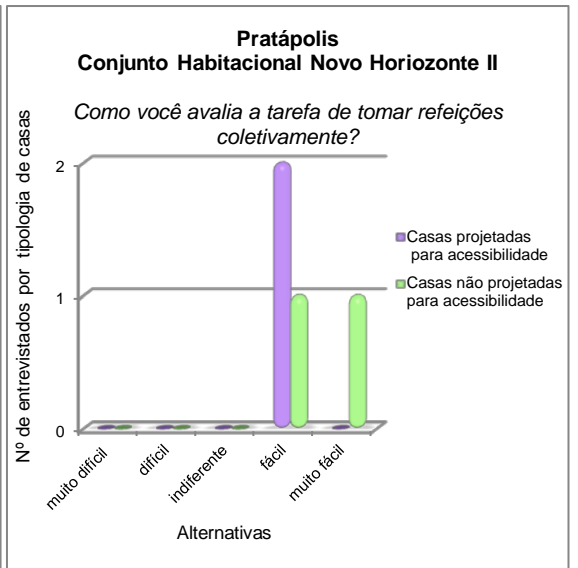
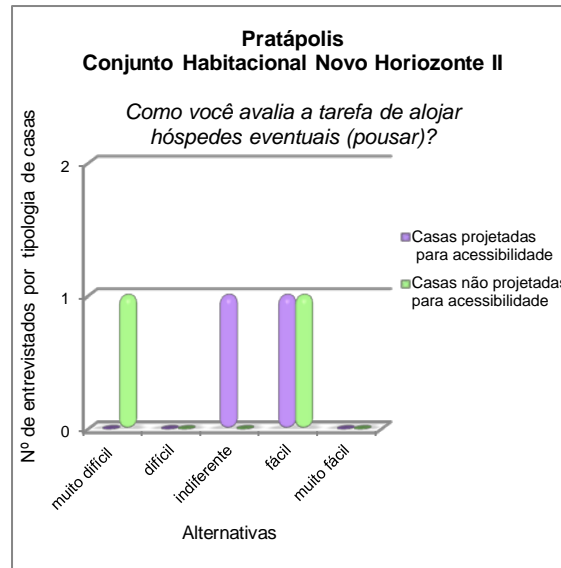
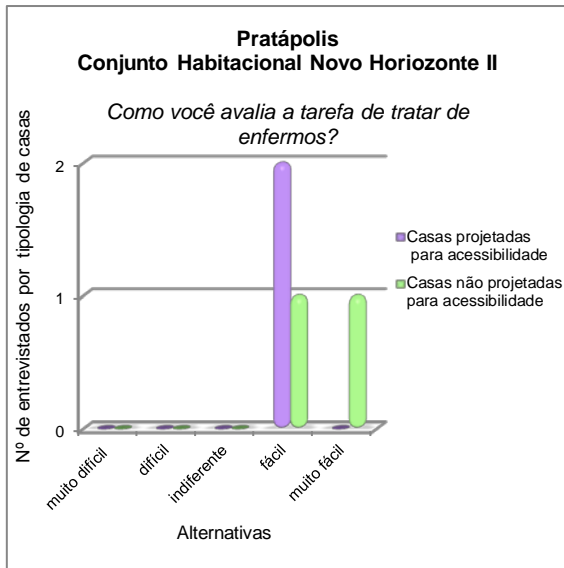
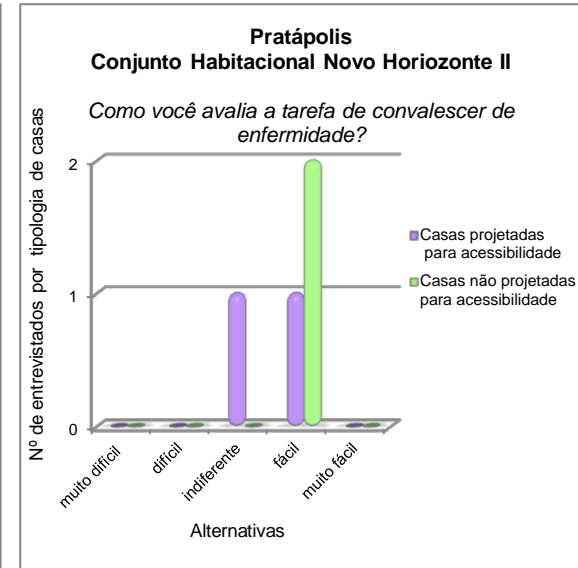
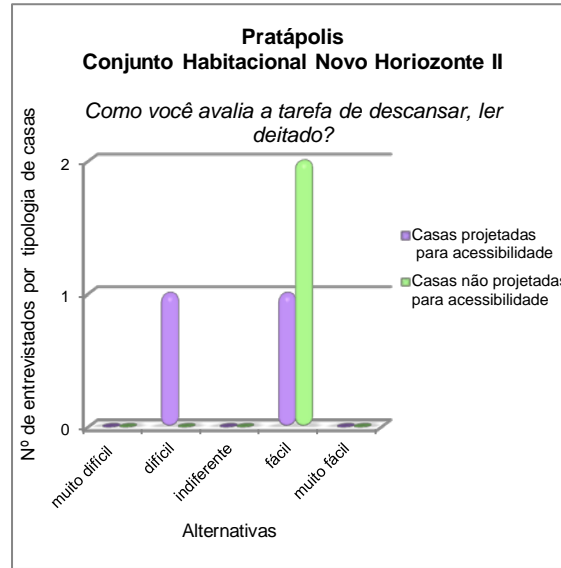
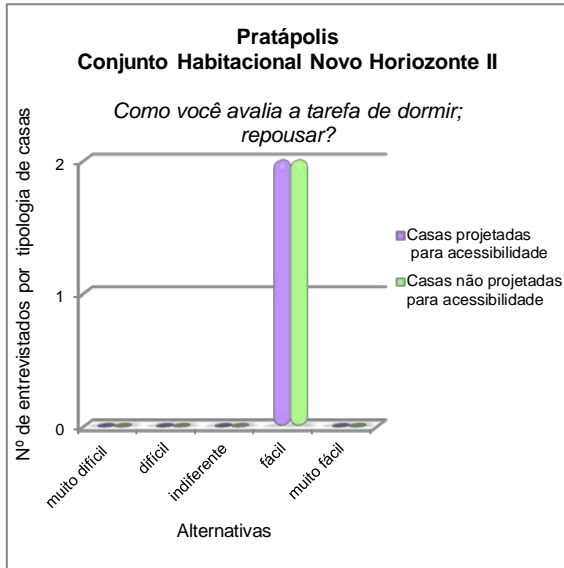


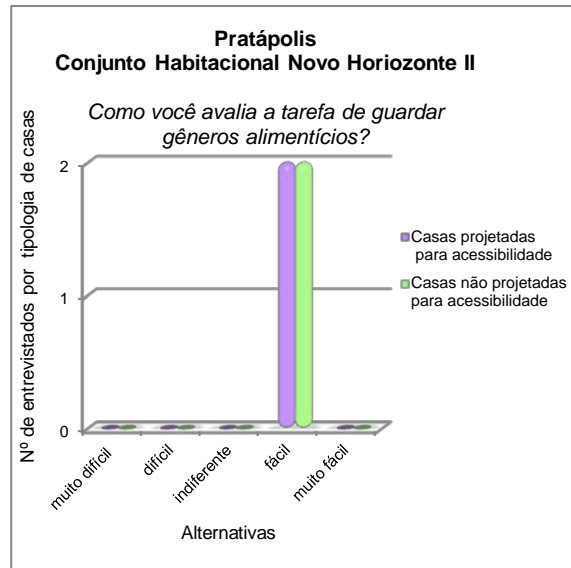
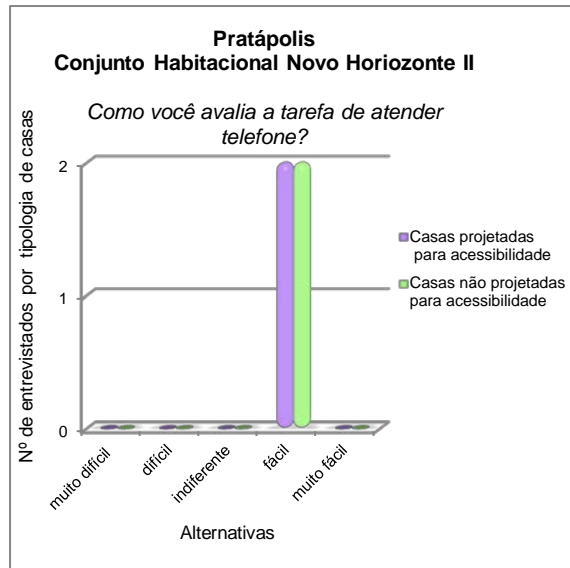
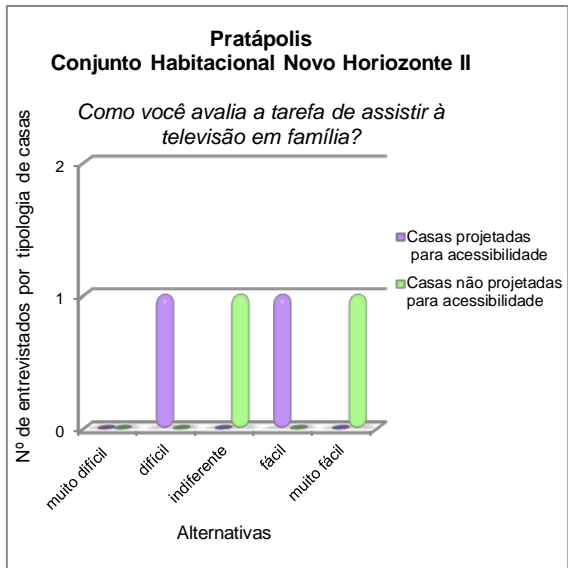
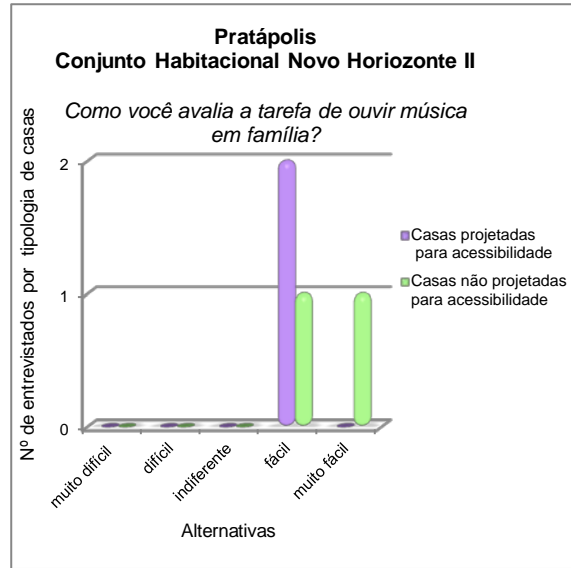
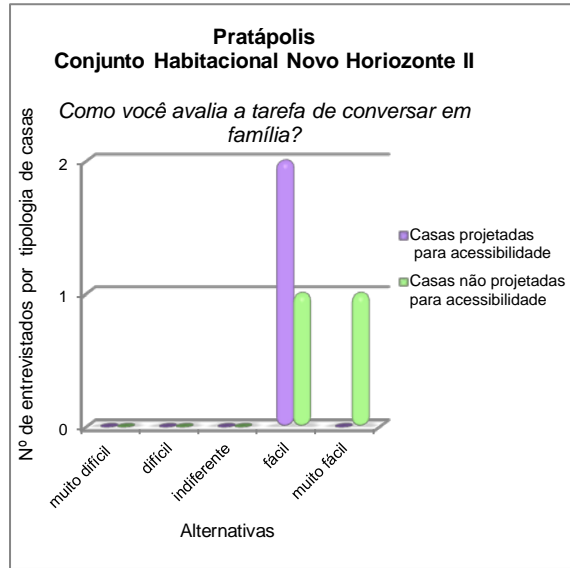
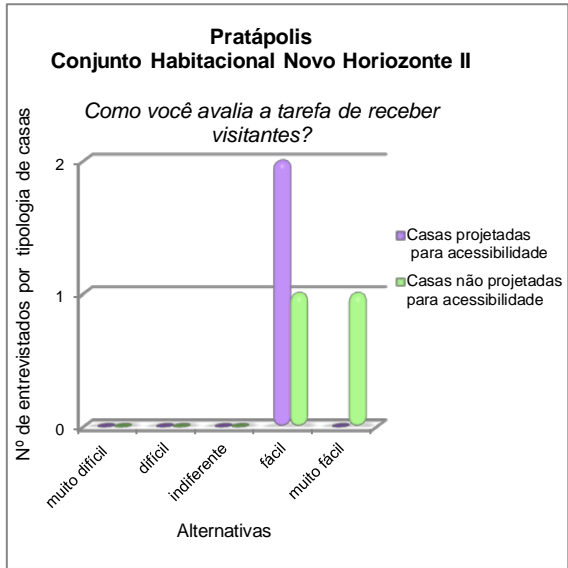


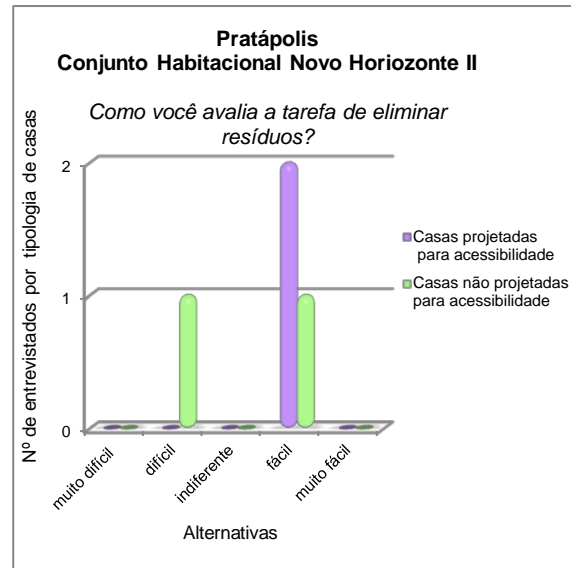
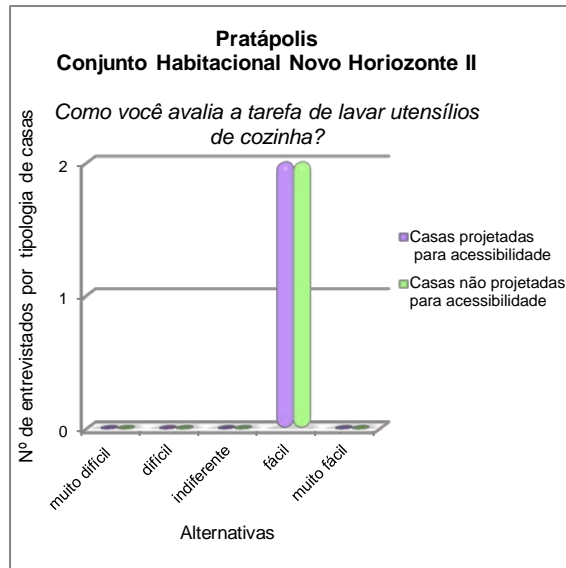
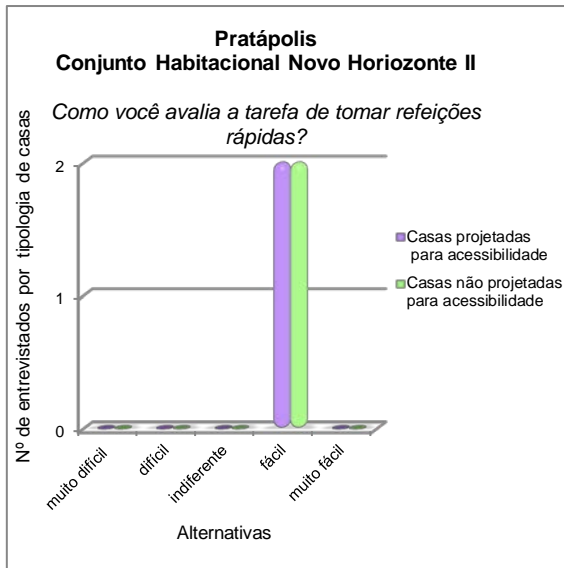
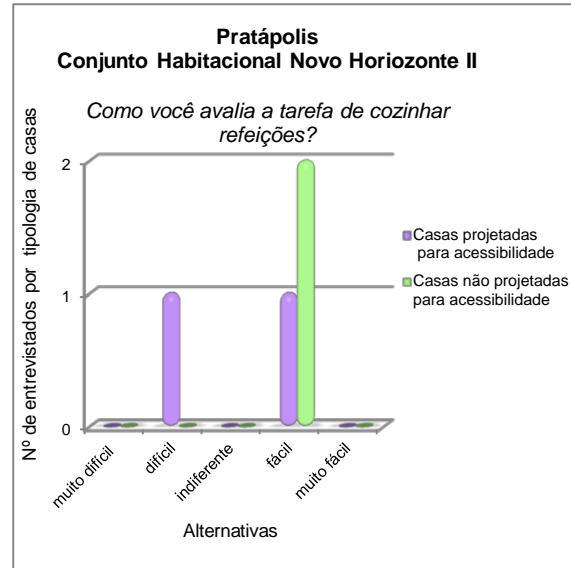
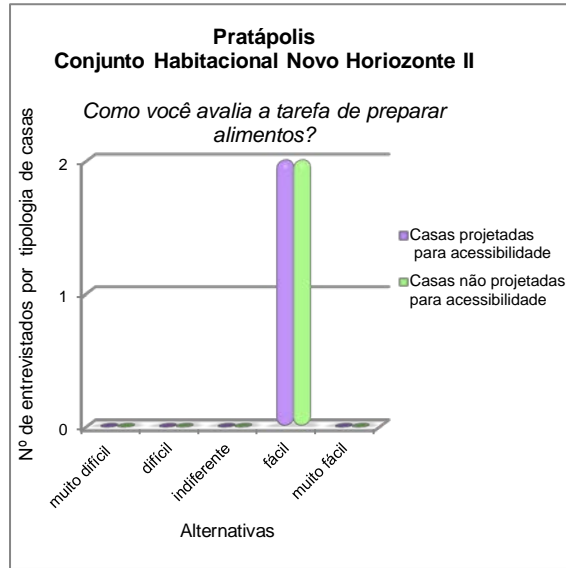
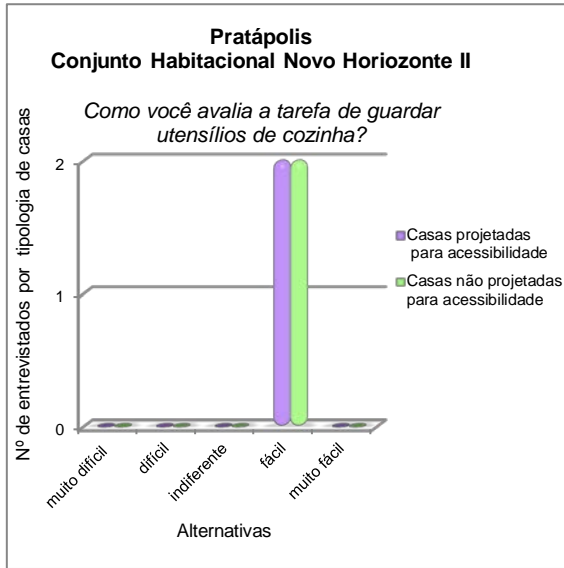


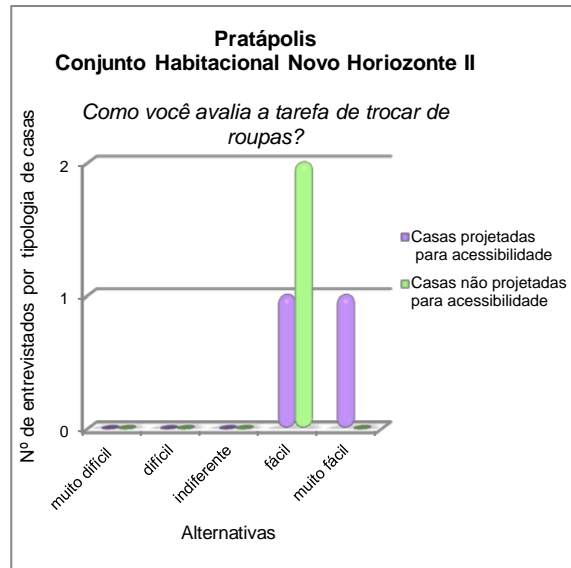
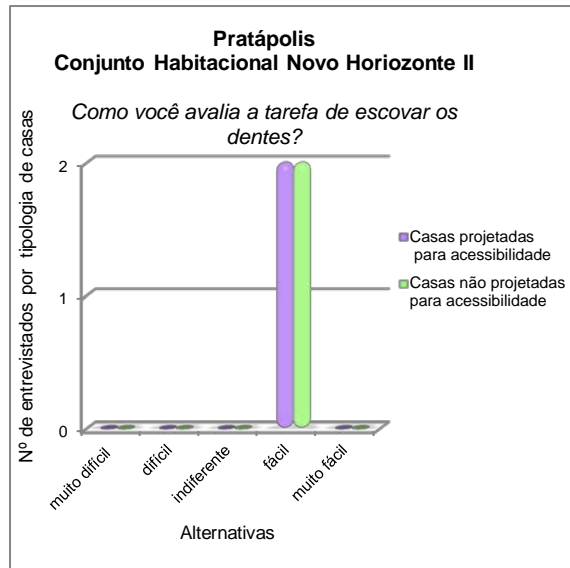
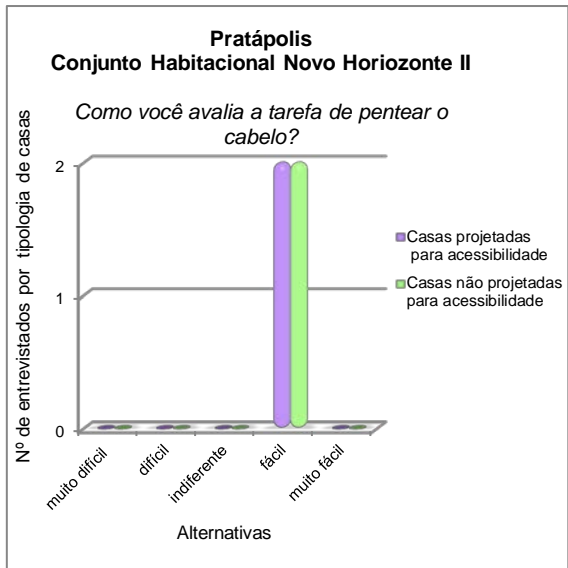
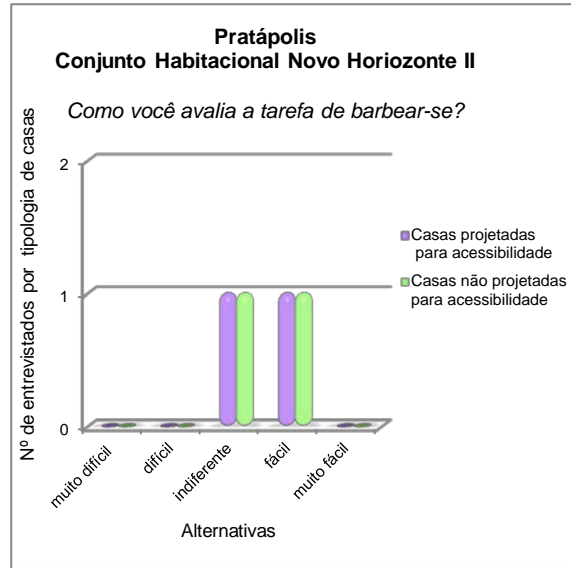
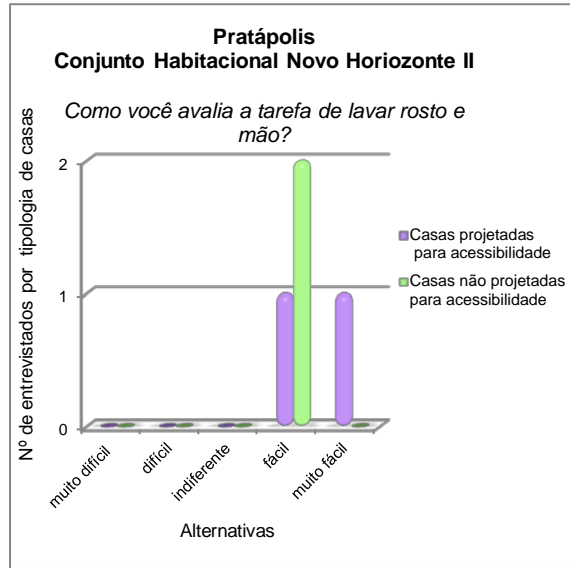
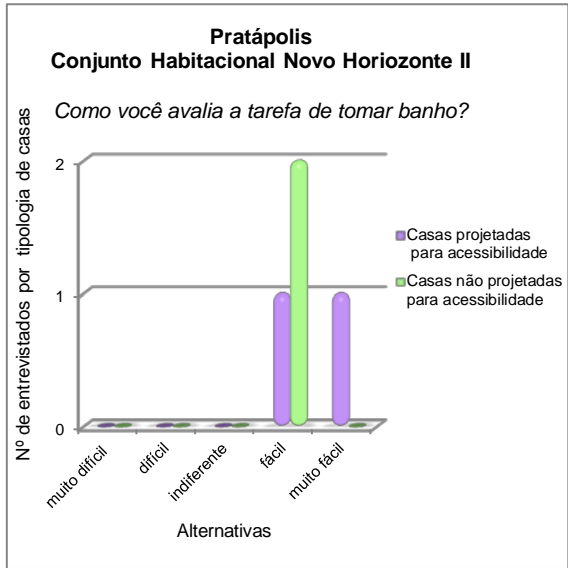


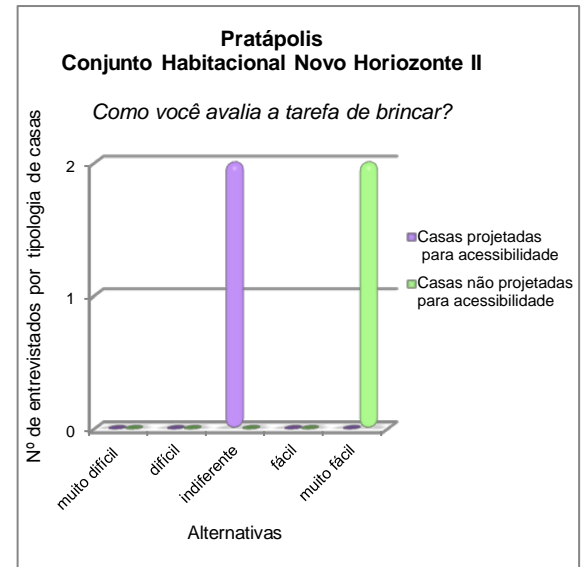
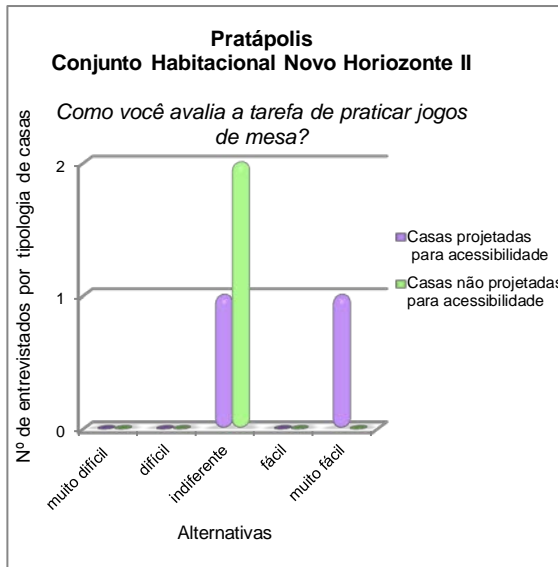
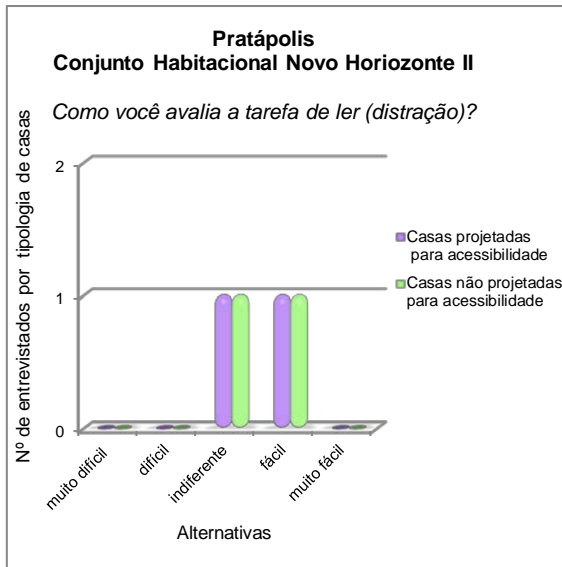
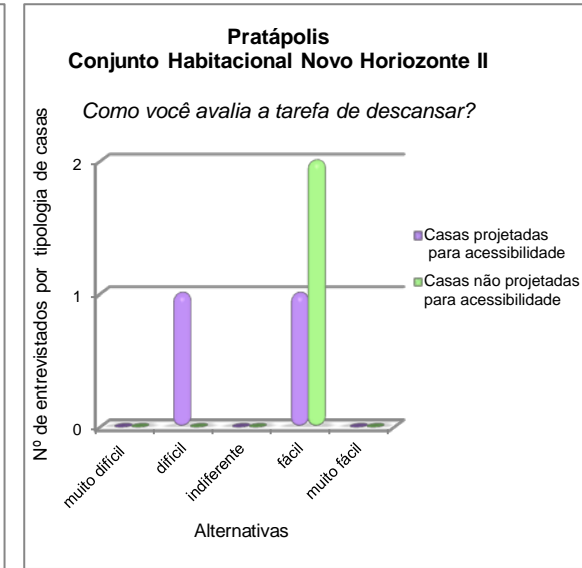
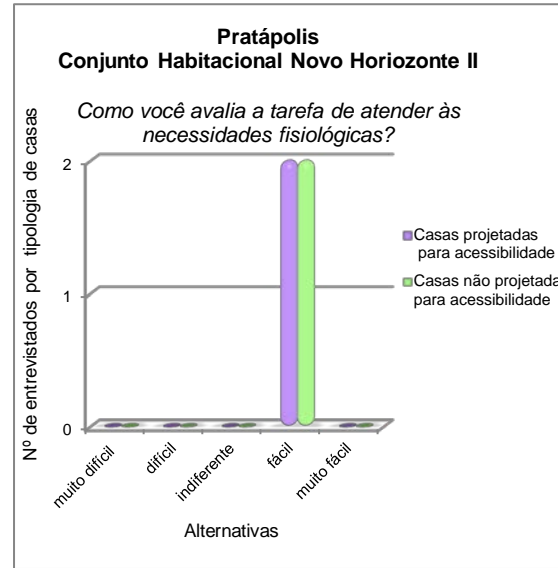
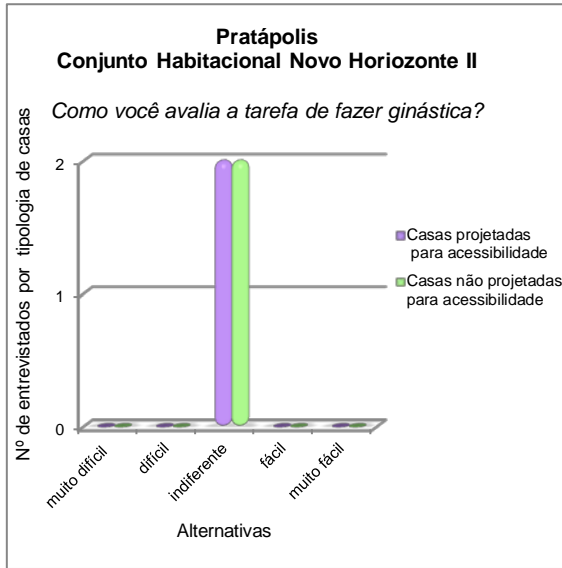


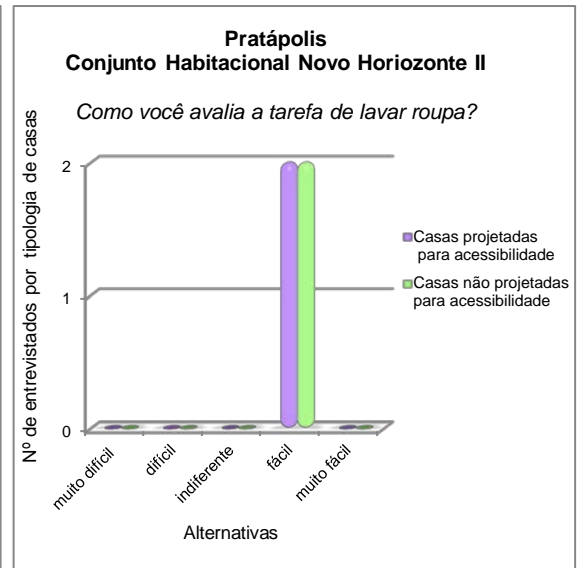
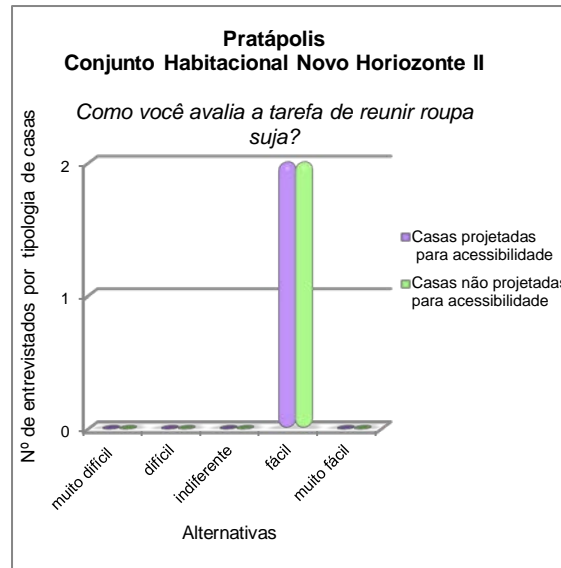
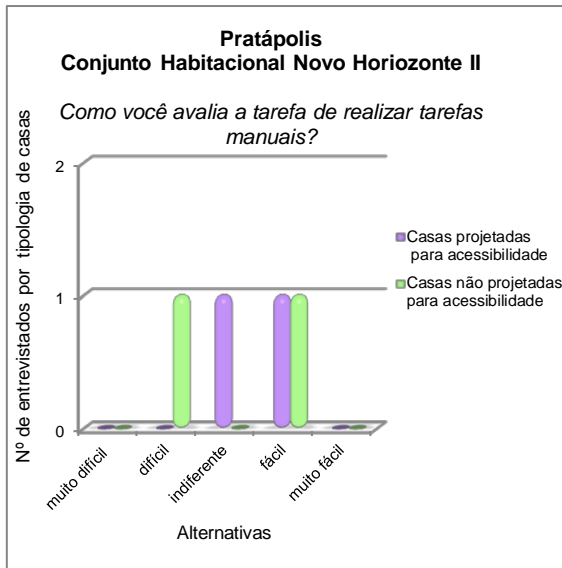
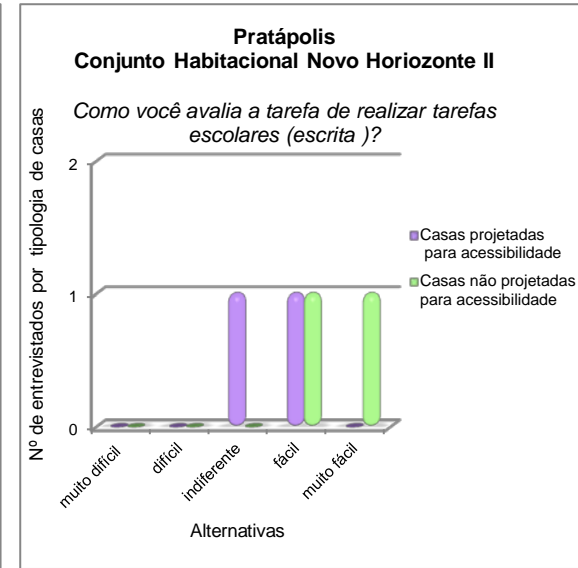
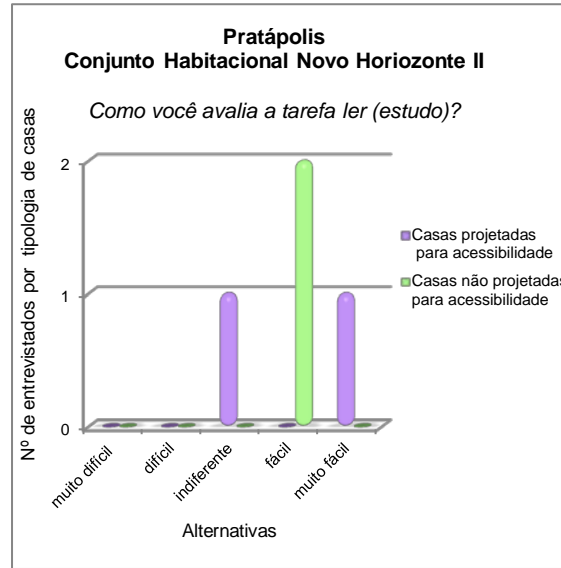
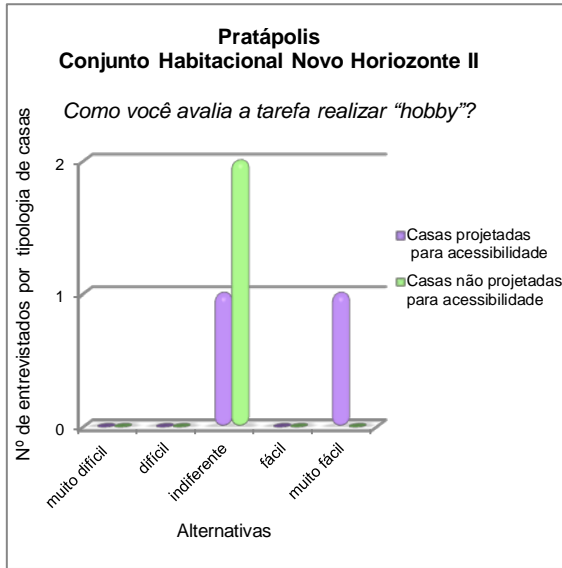


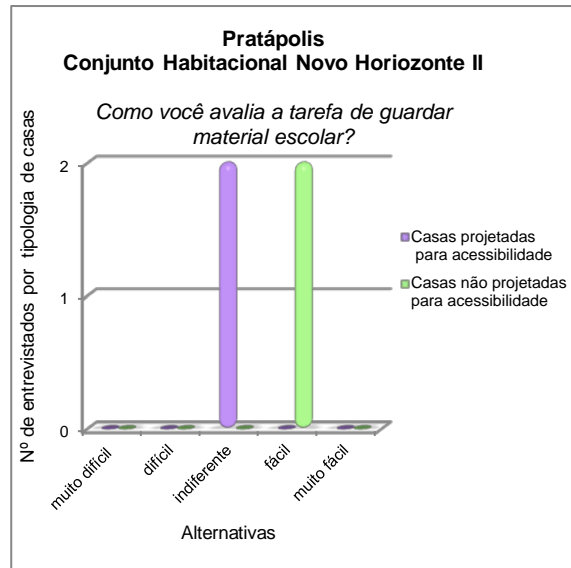
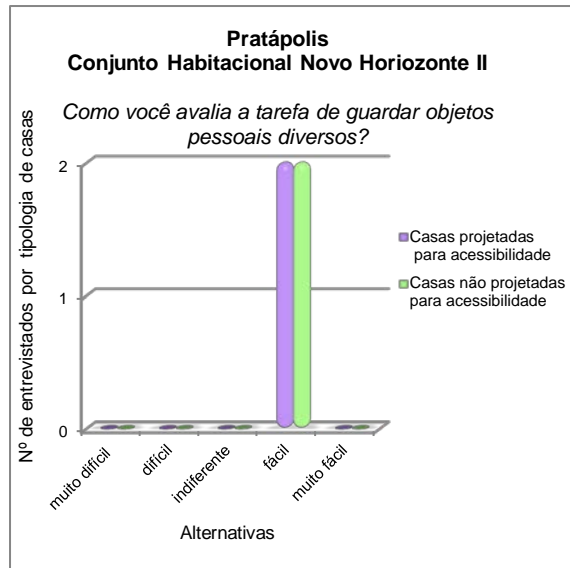
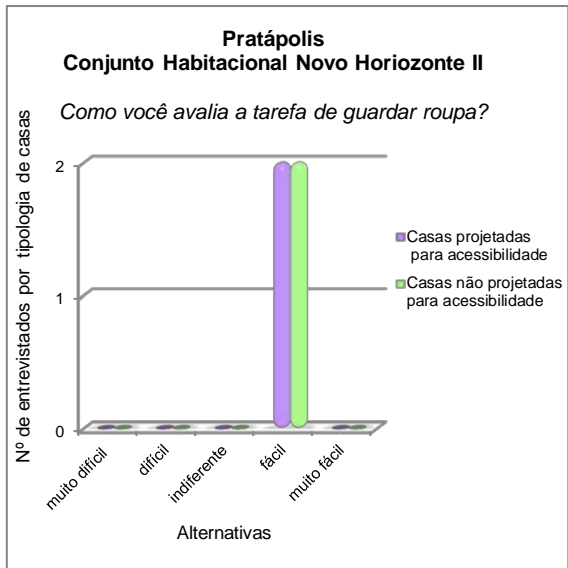
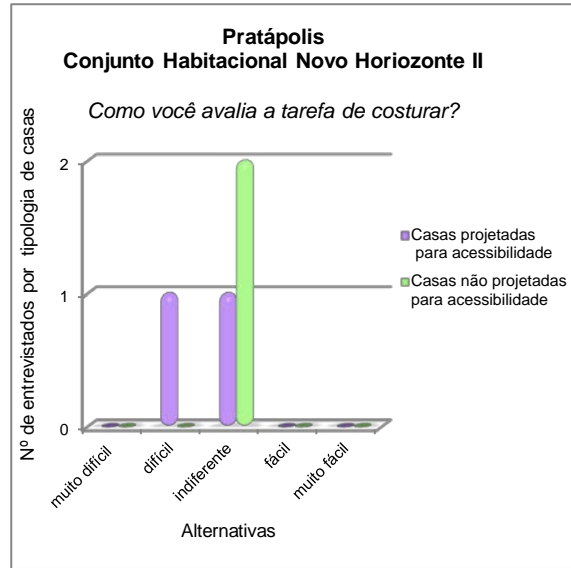
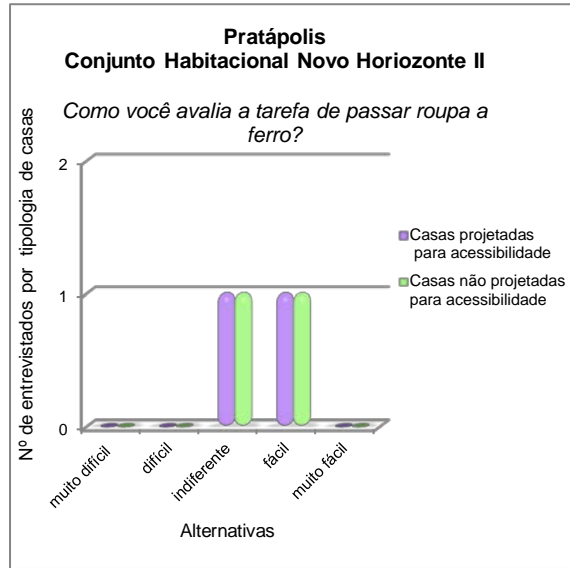
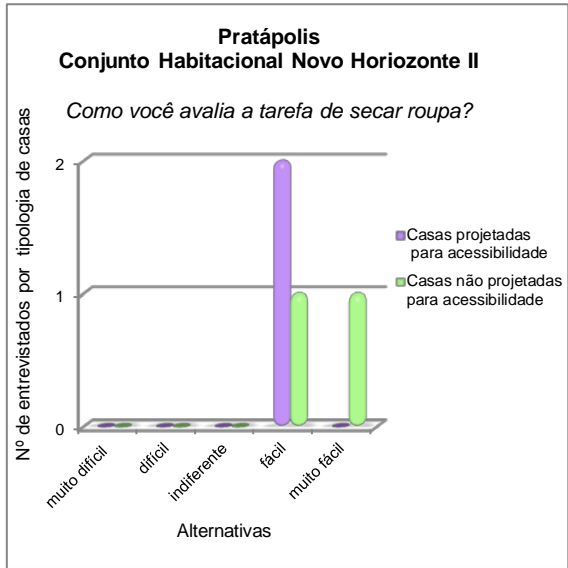




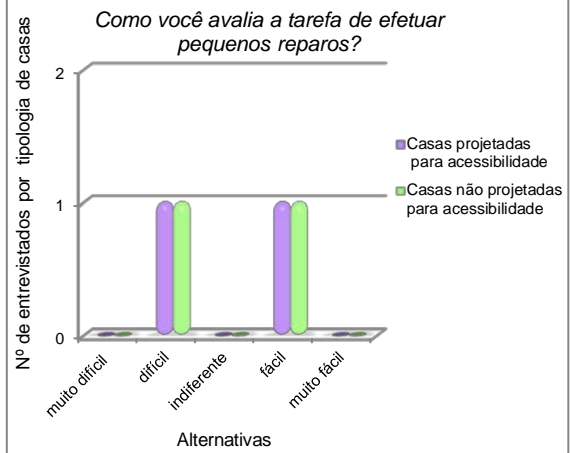


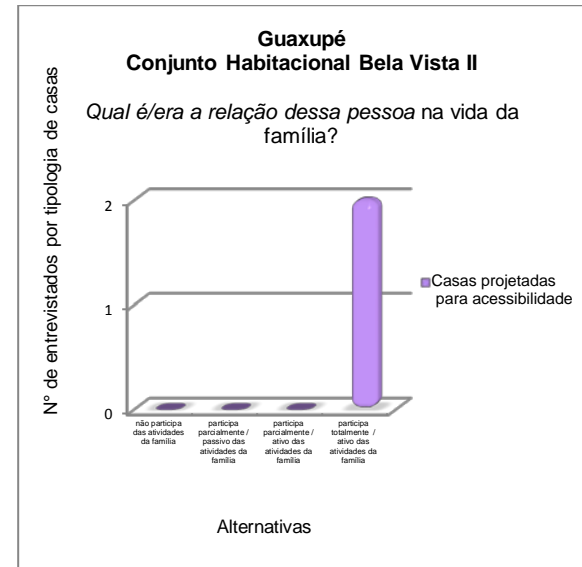
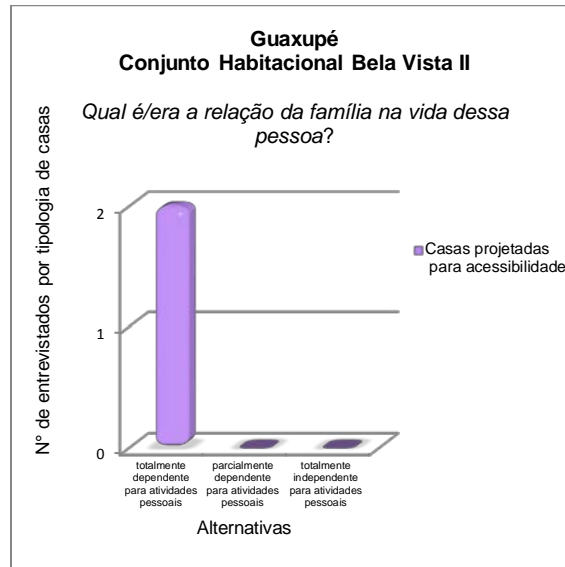
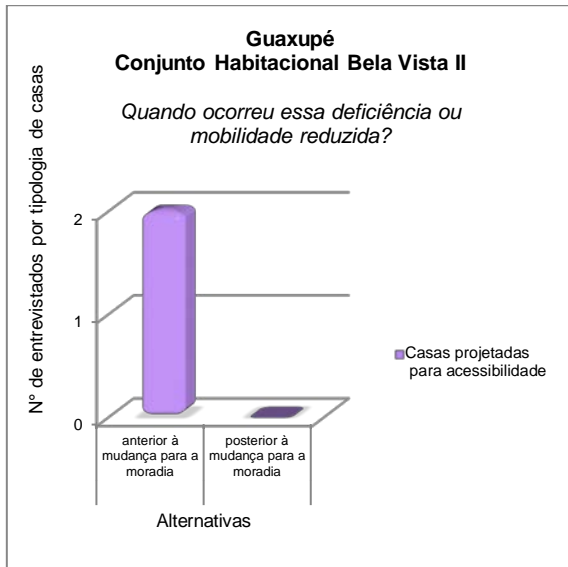
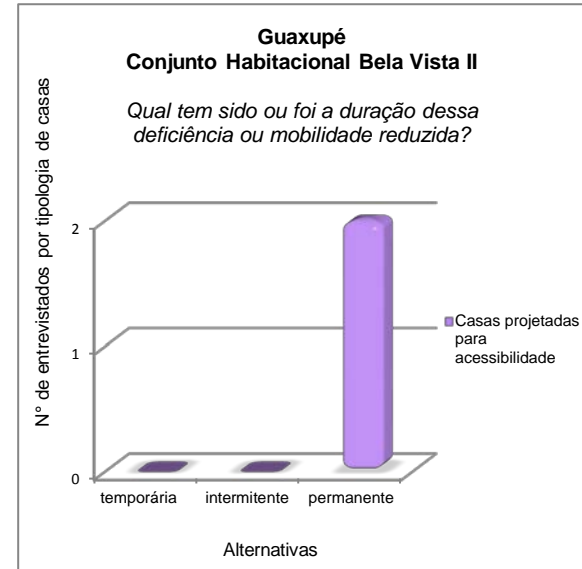
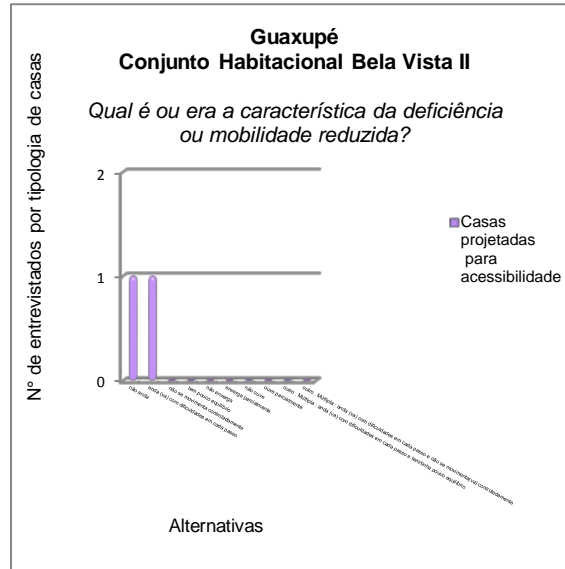
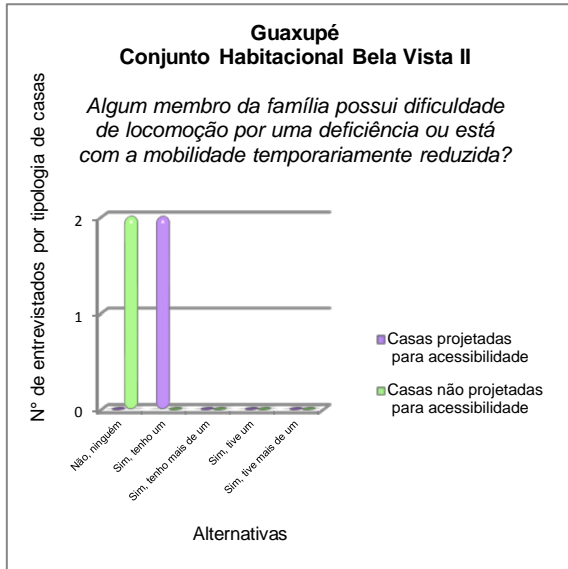


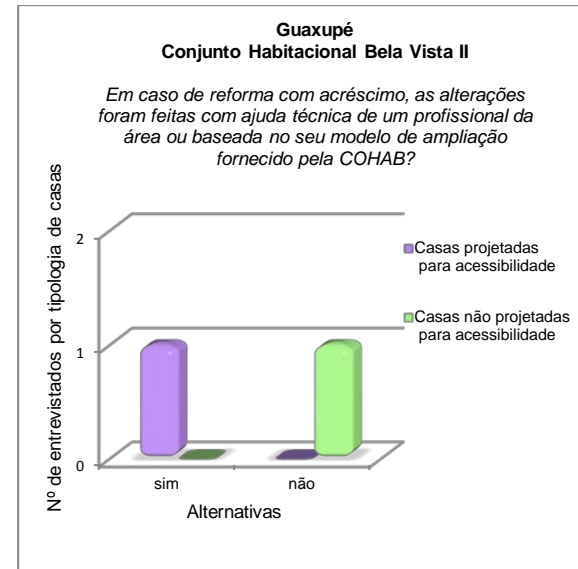
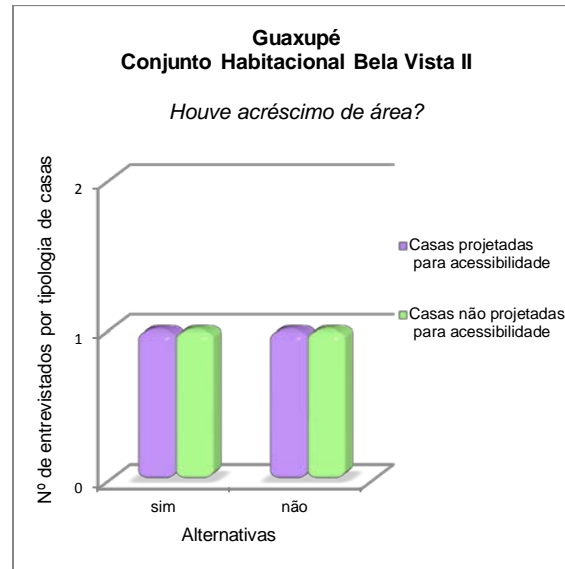
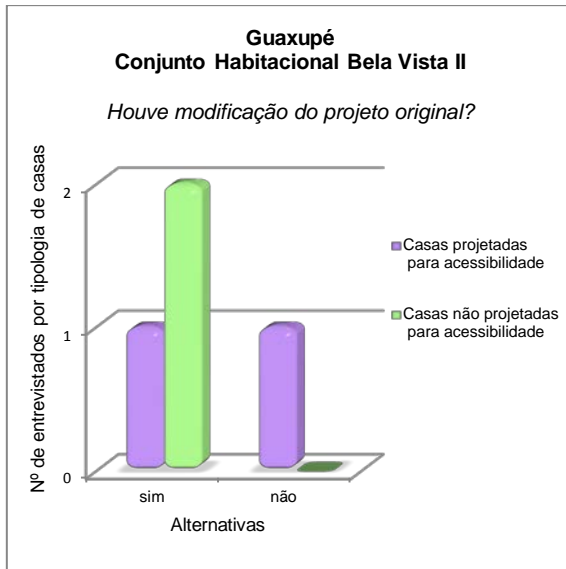
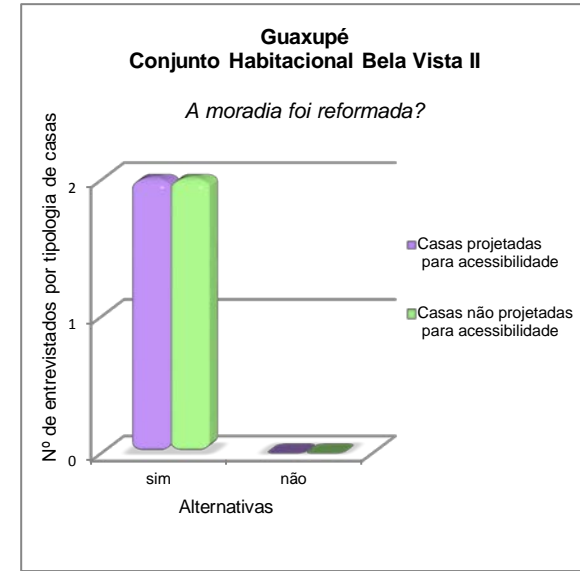
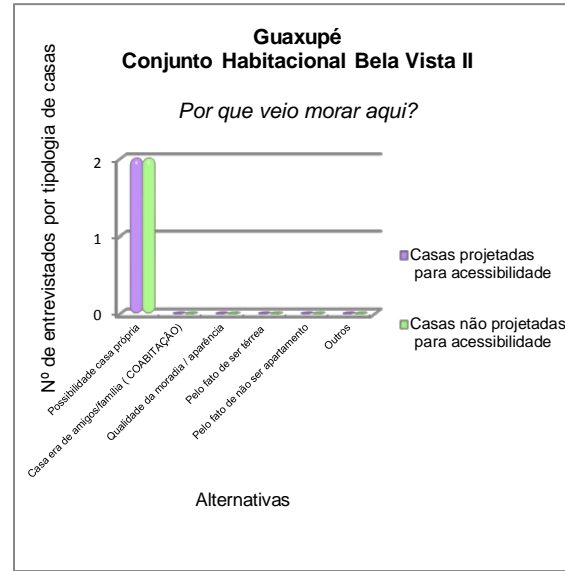
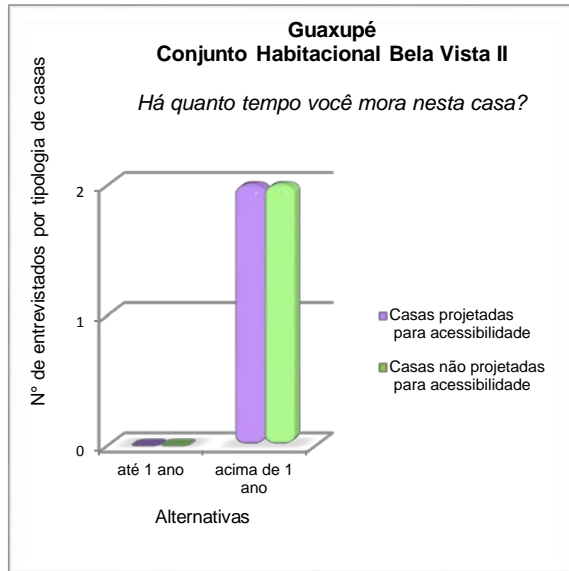


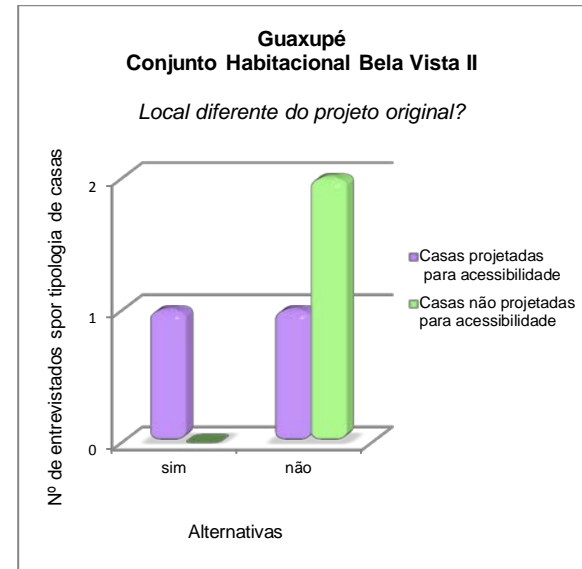
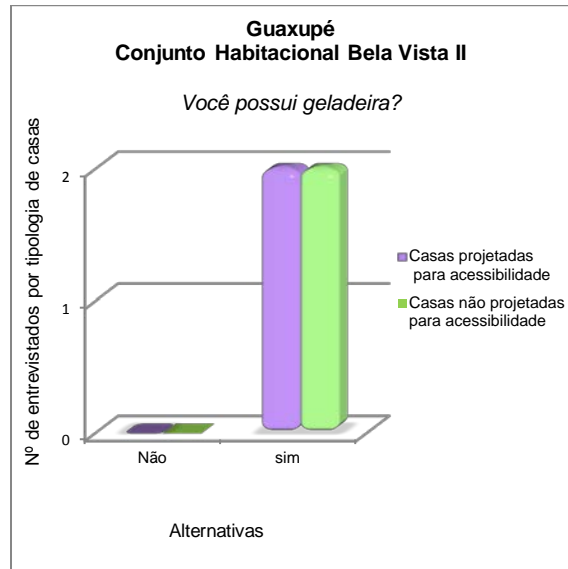
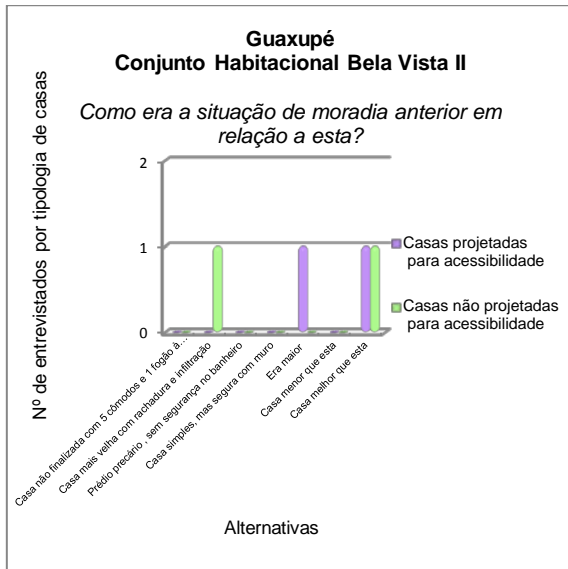
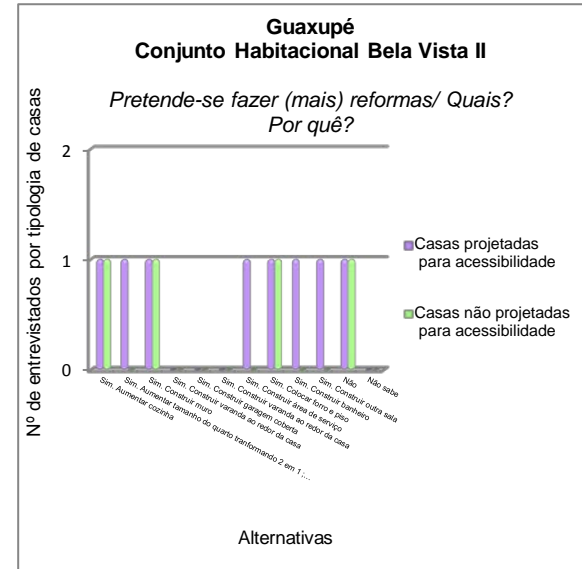
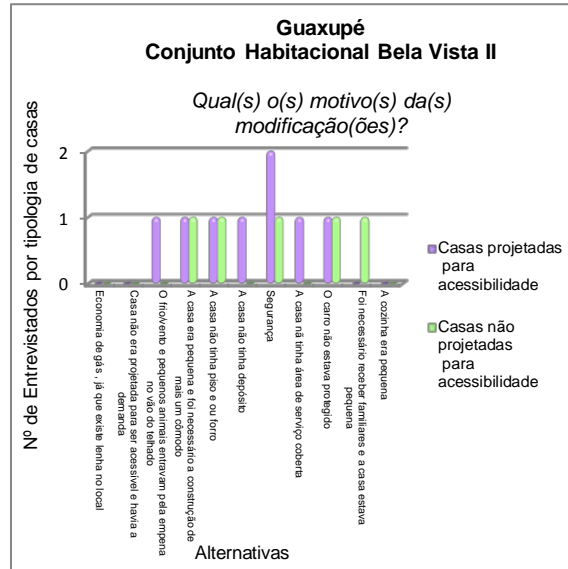
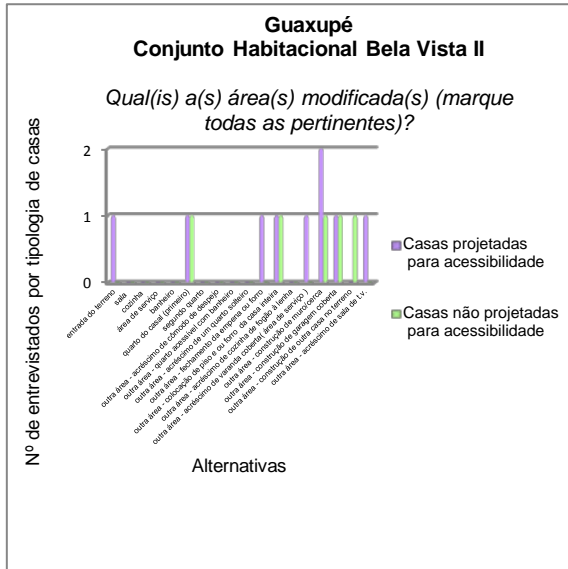


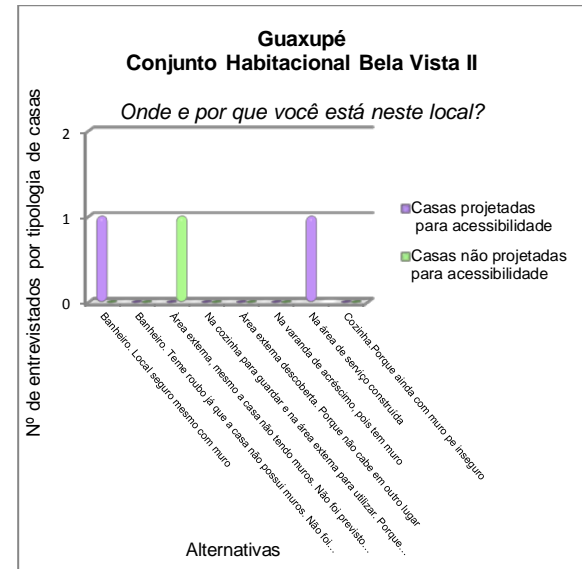
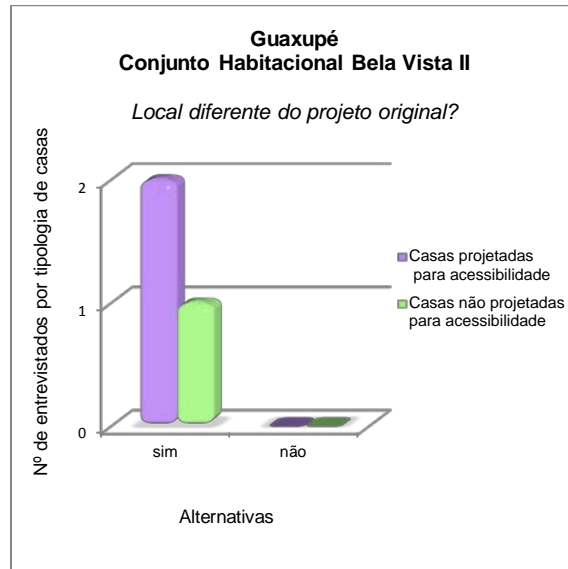
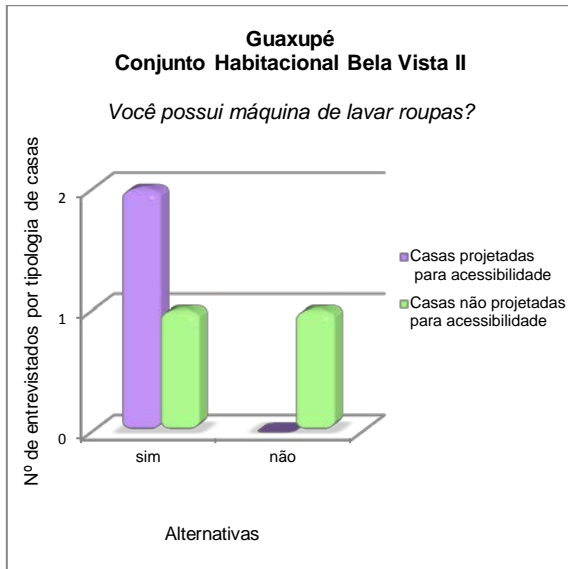
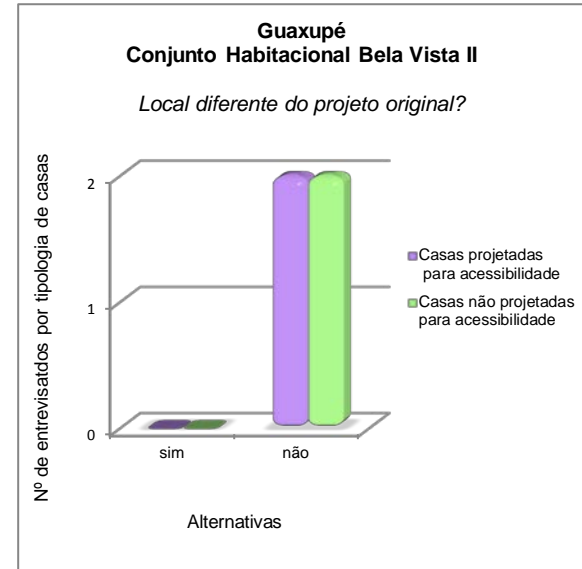
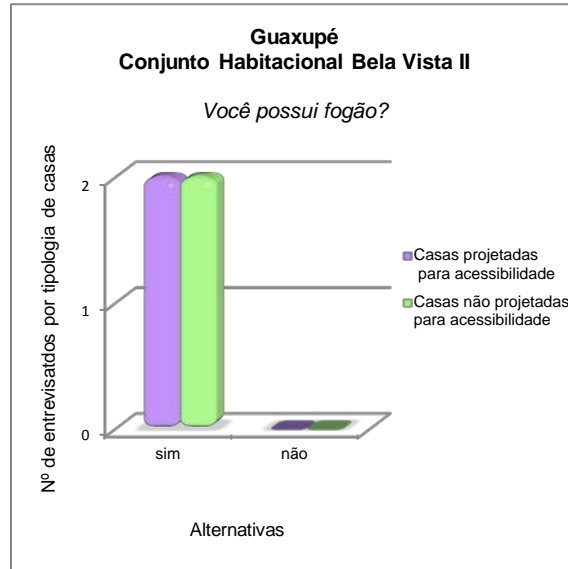
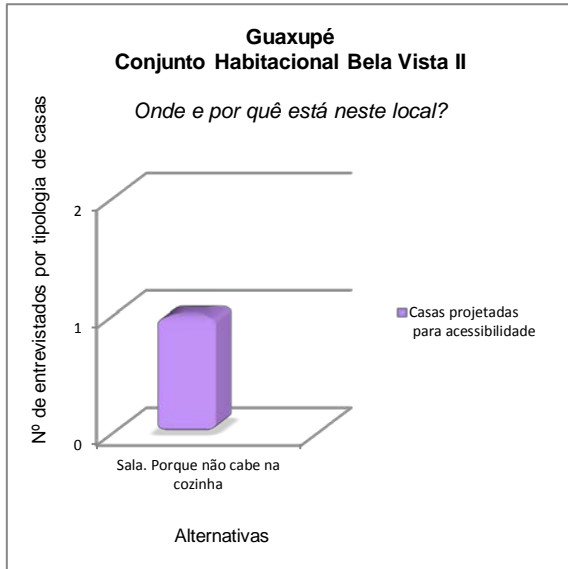
Pratápolis
Conjunto Habitacional Novo Horizonte II

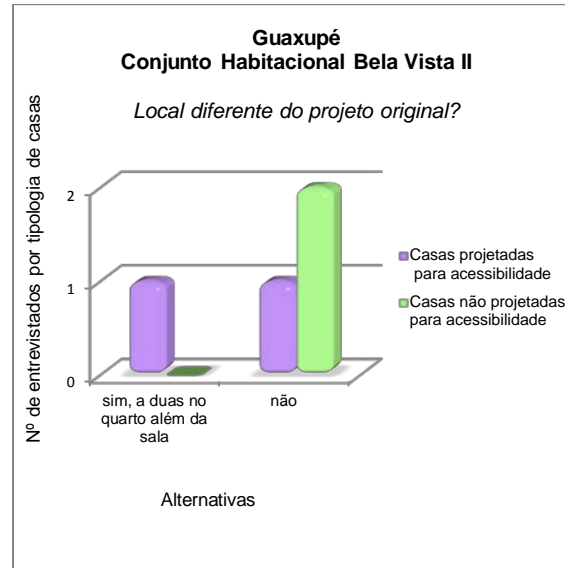
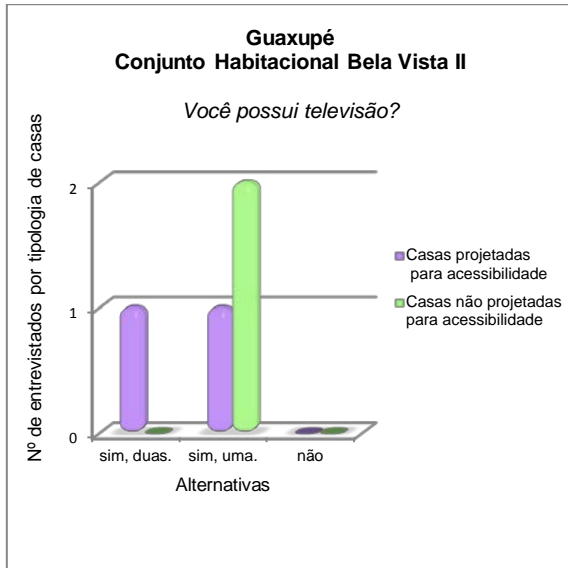
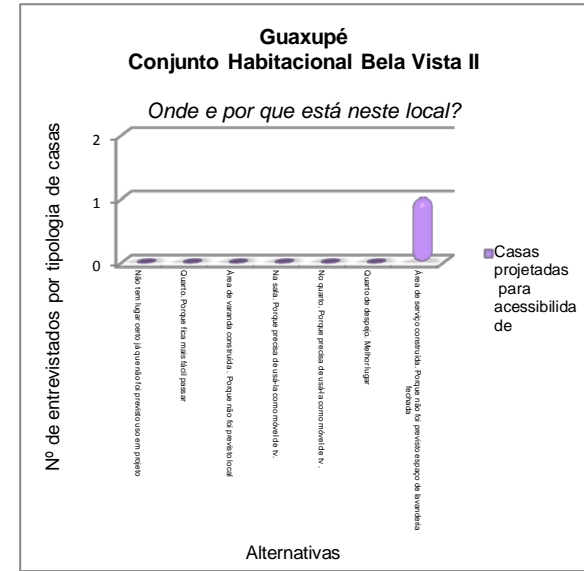
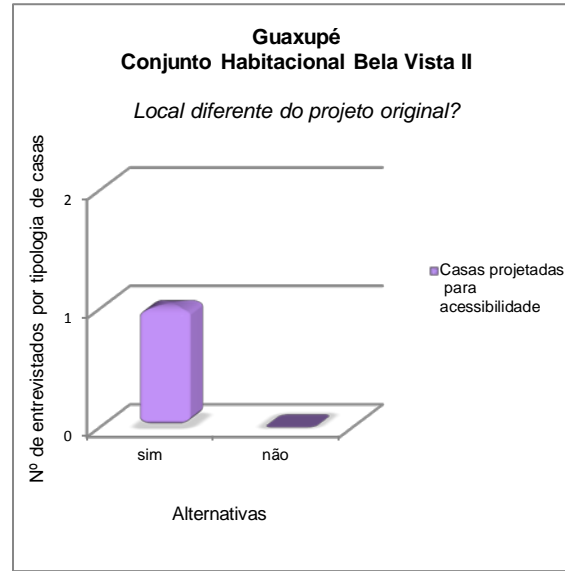
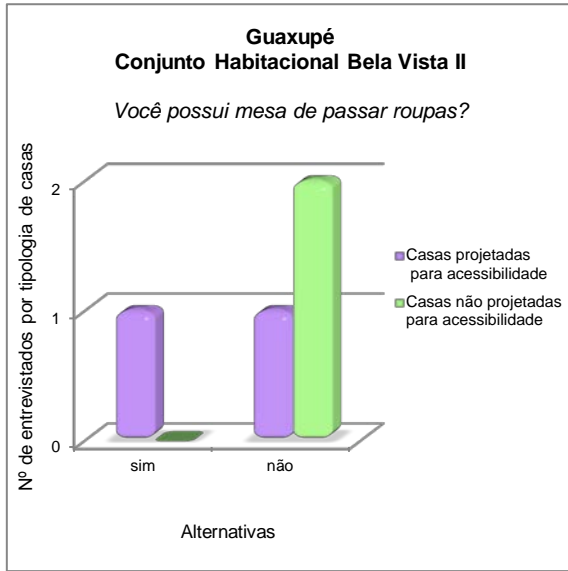


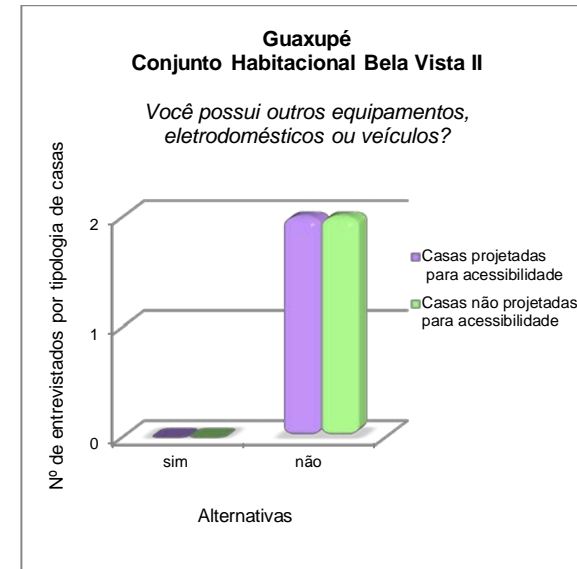
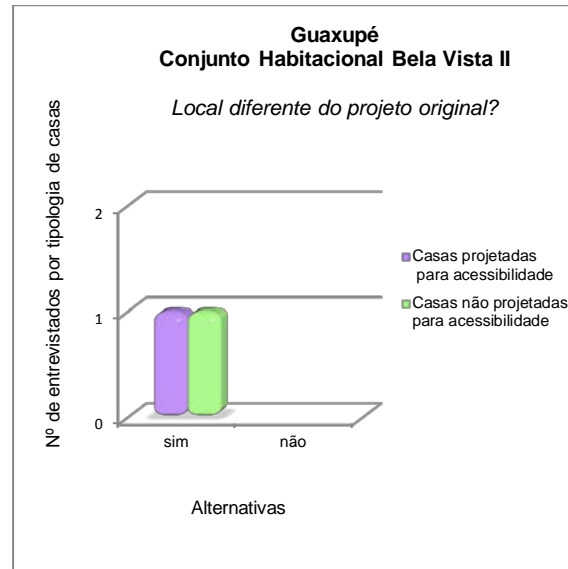
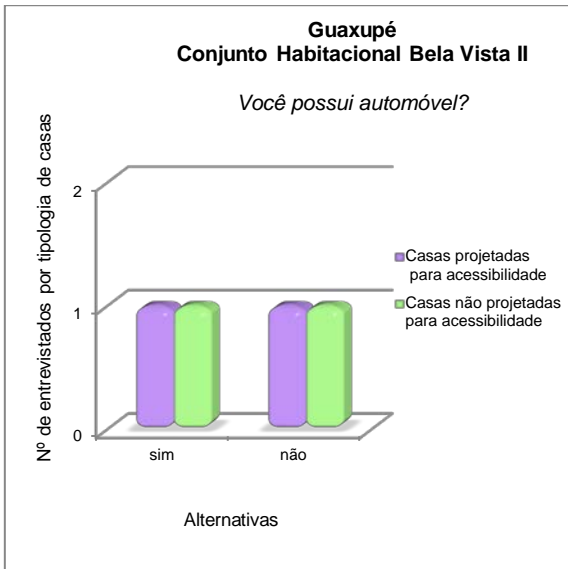
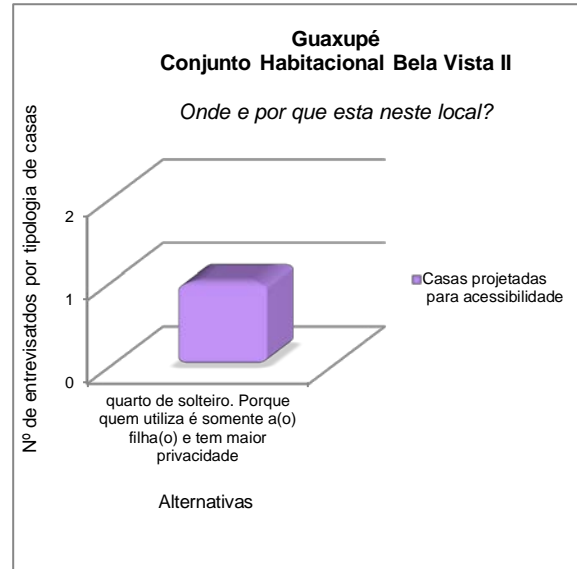
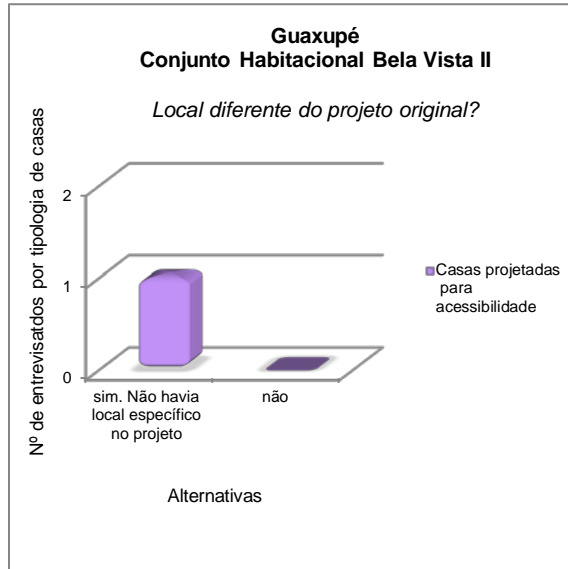


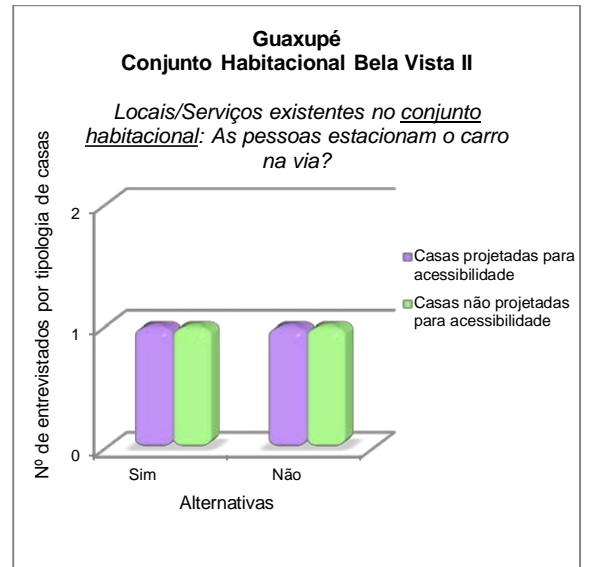
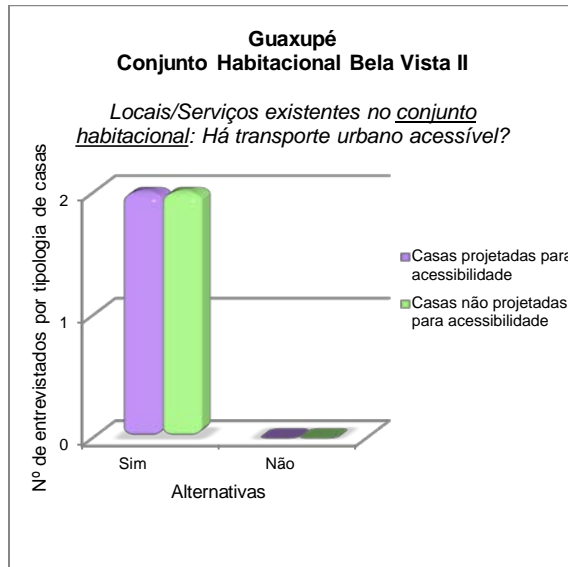
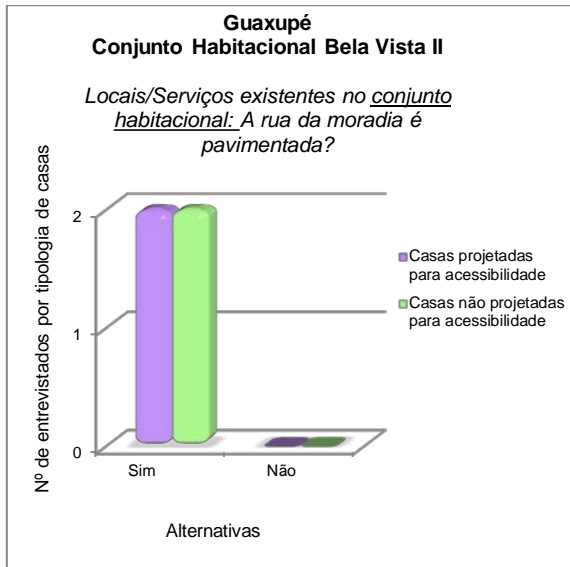
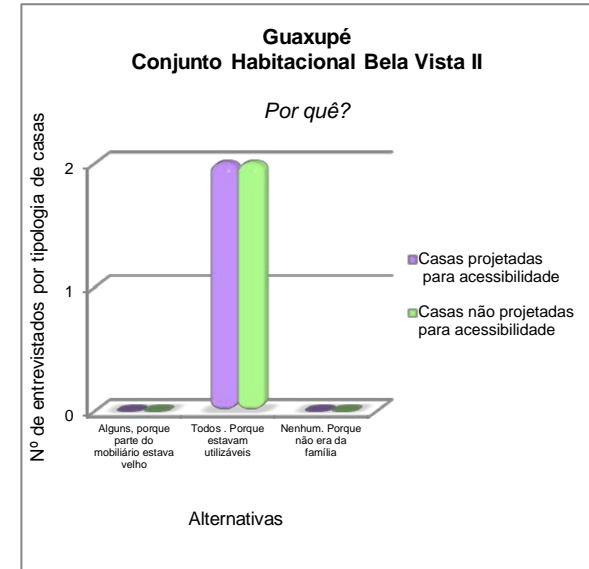
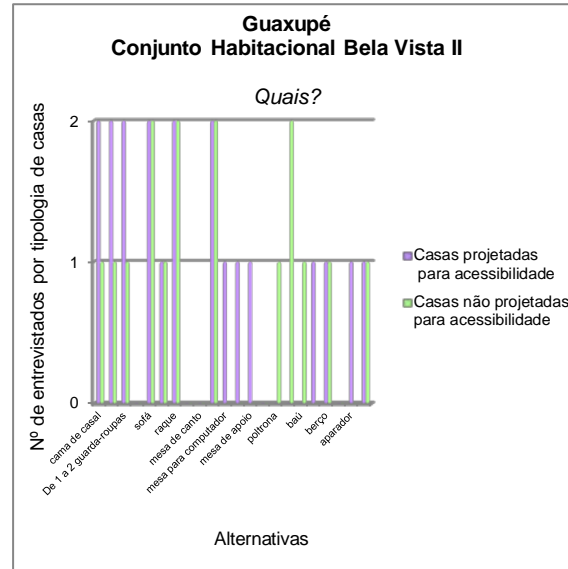
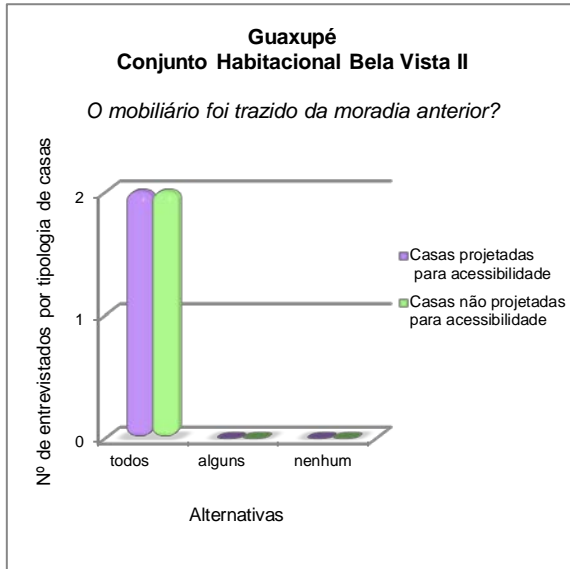


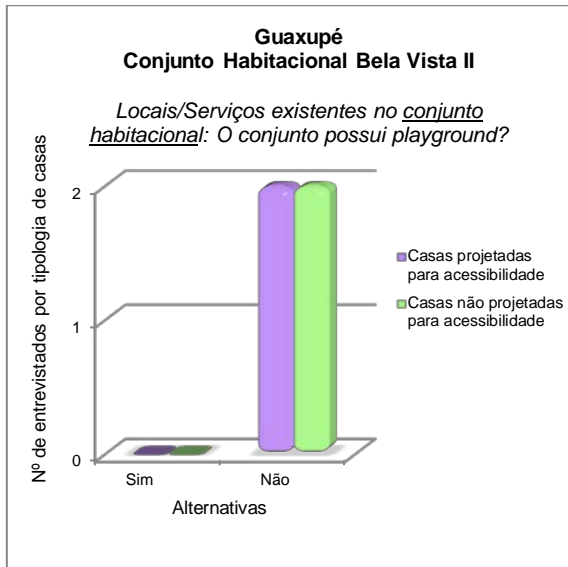
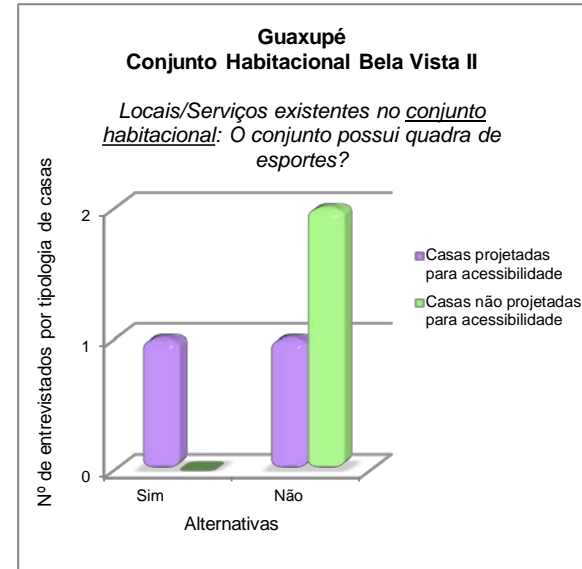
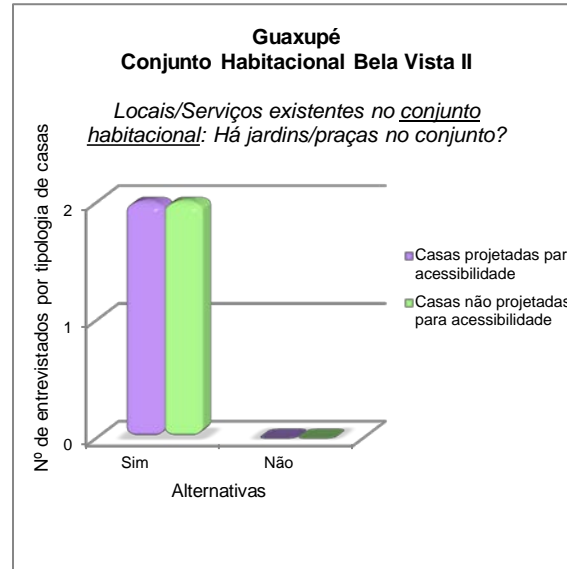
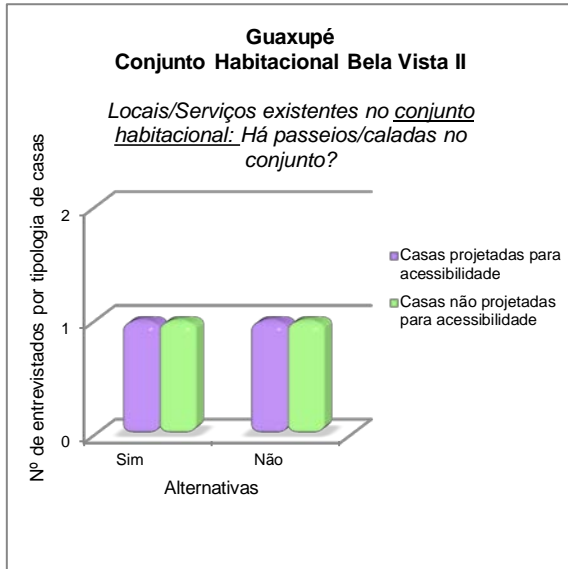


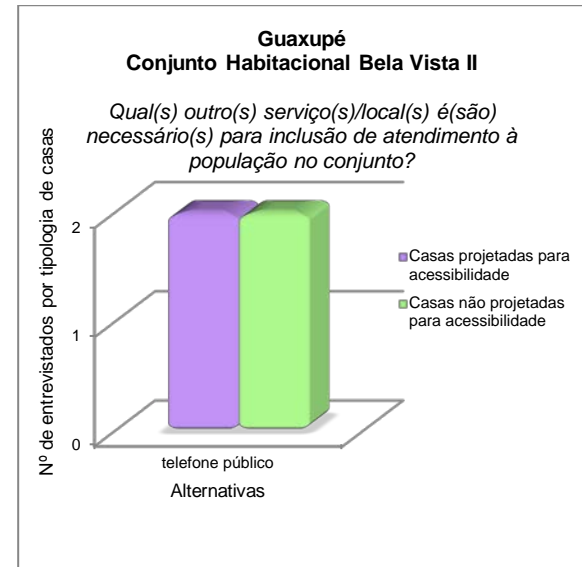
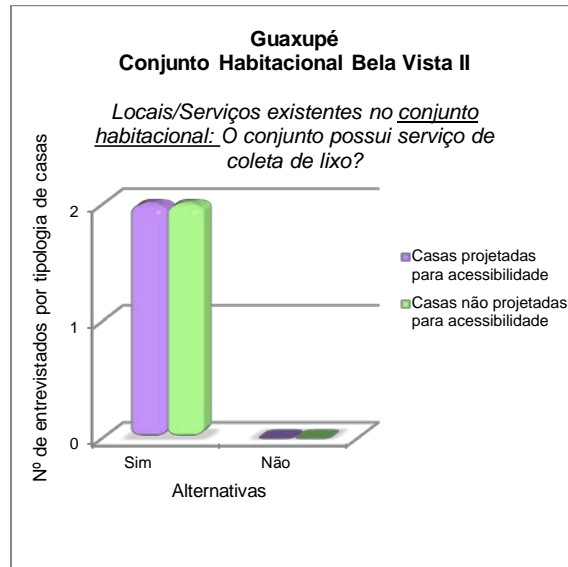
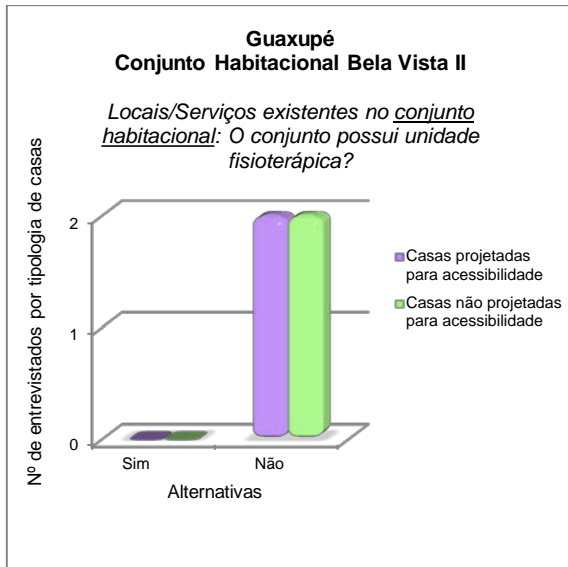
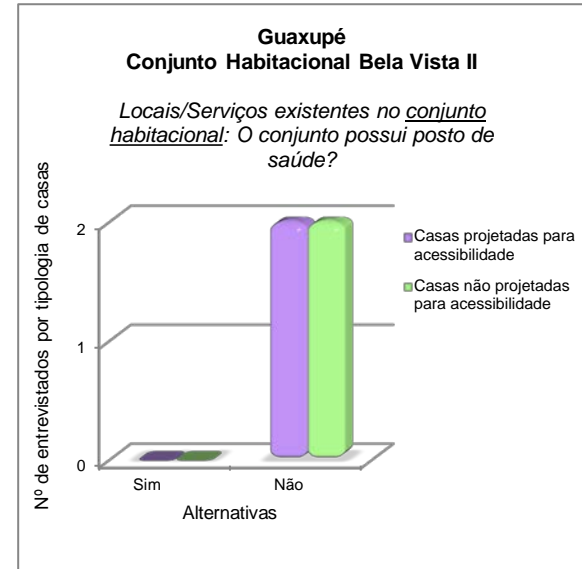
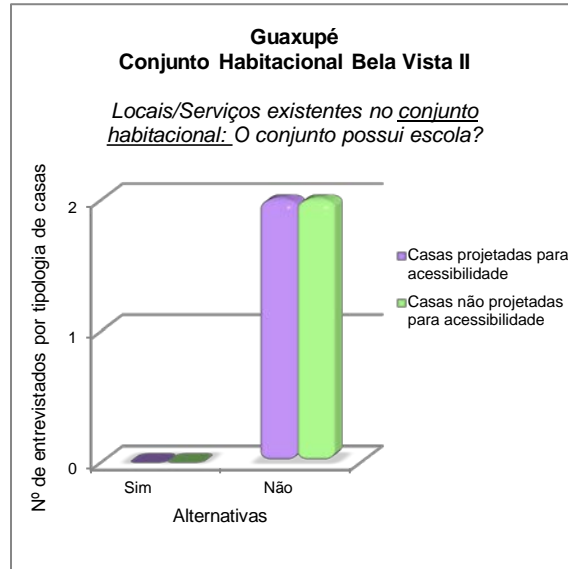
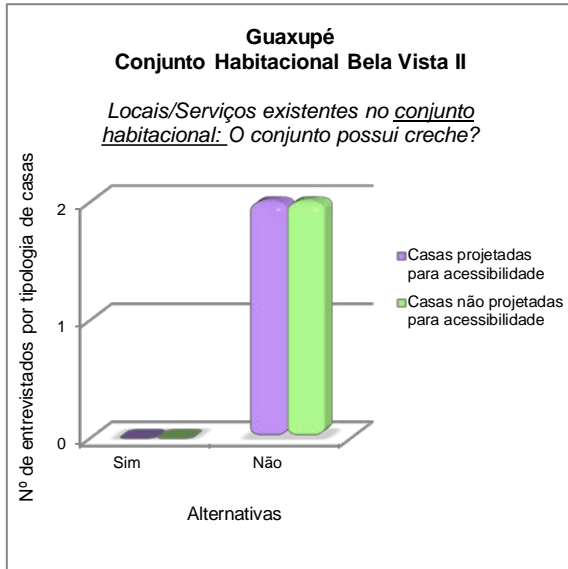


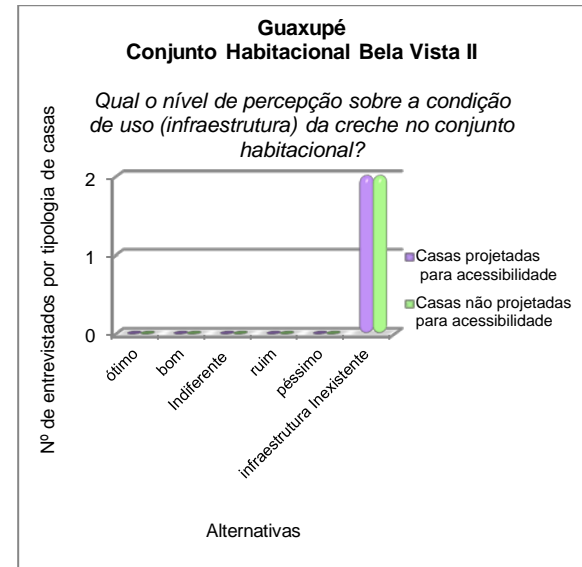
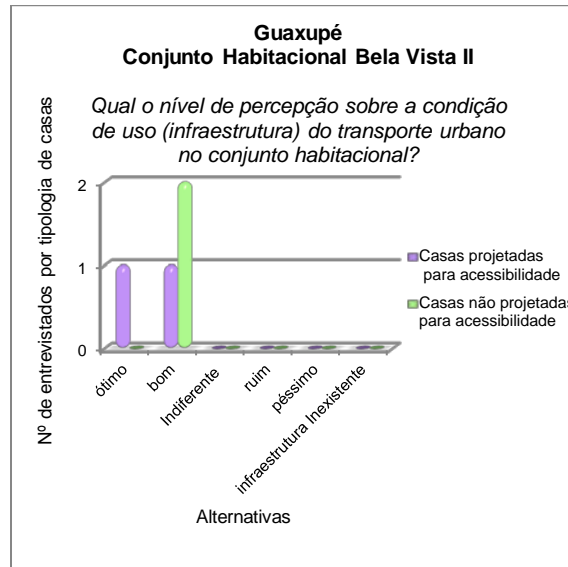
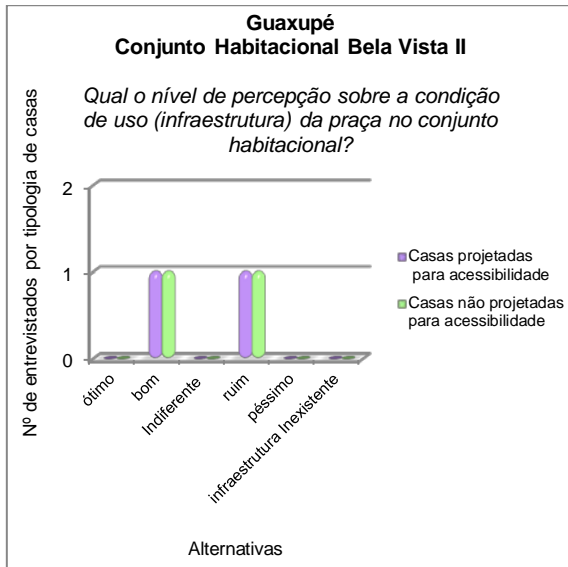
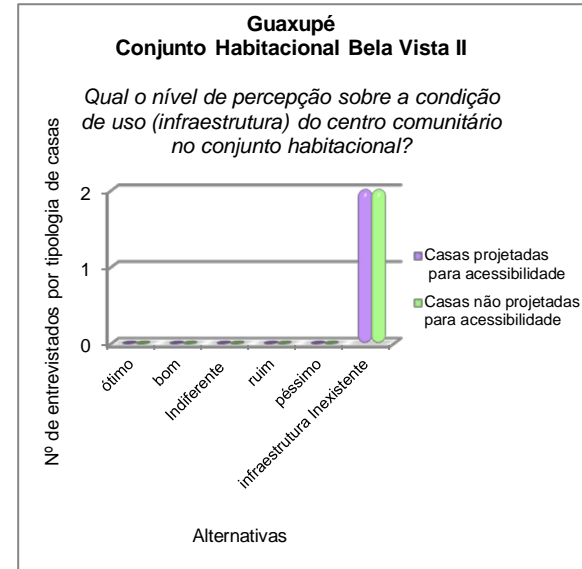
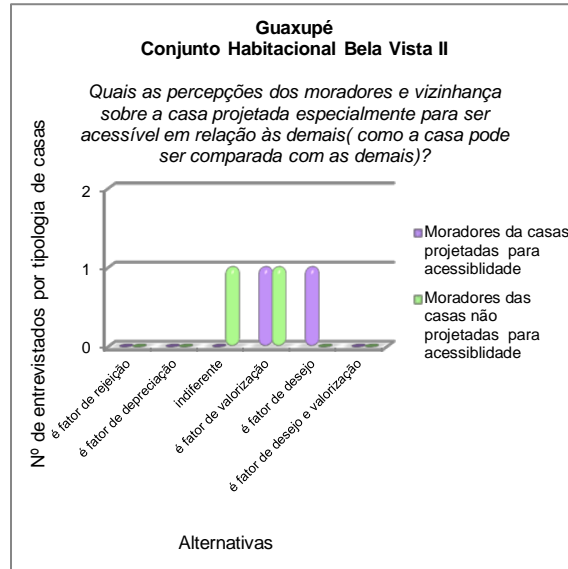
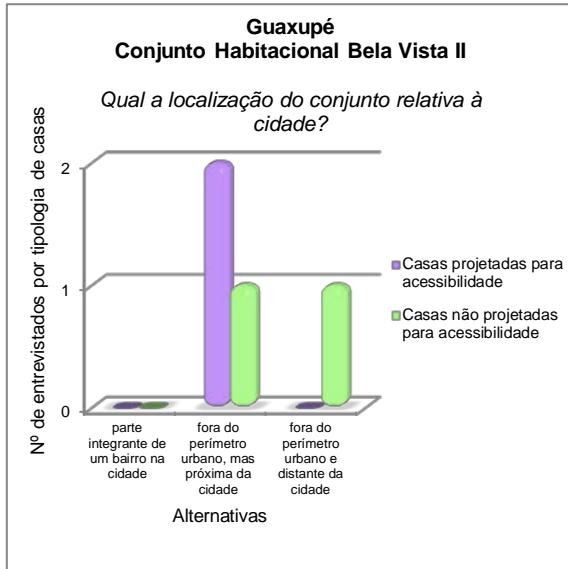


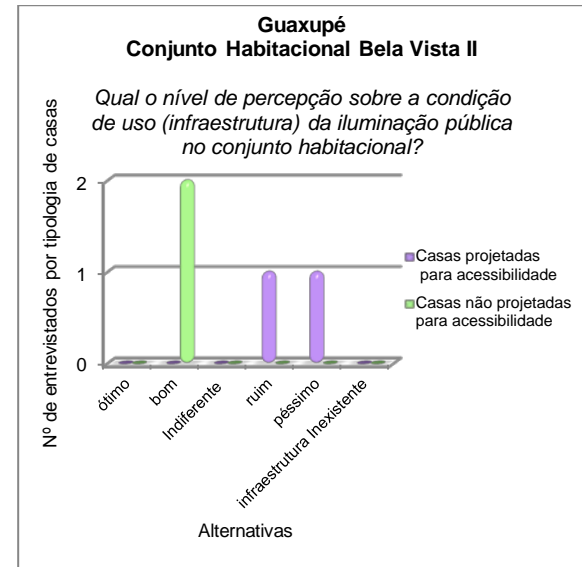
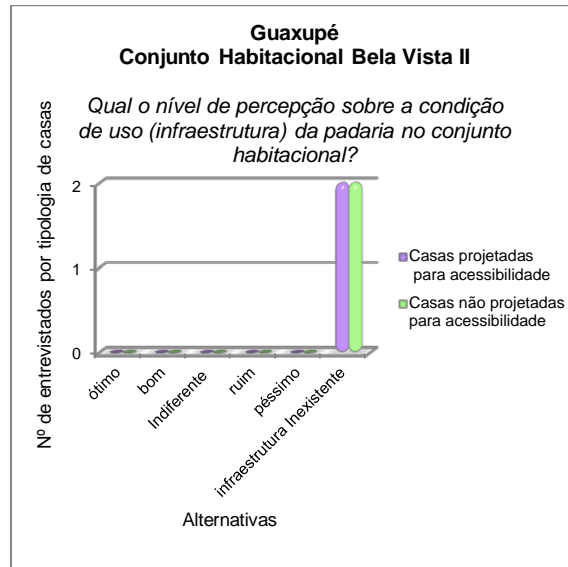
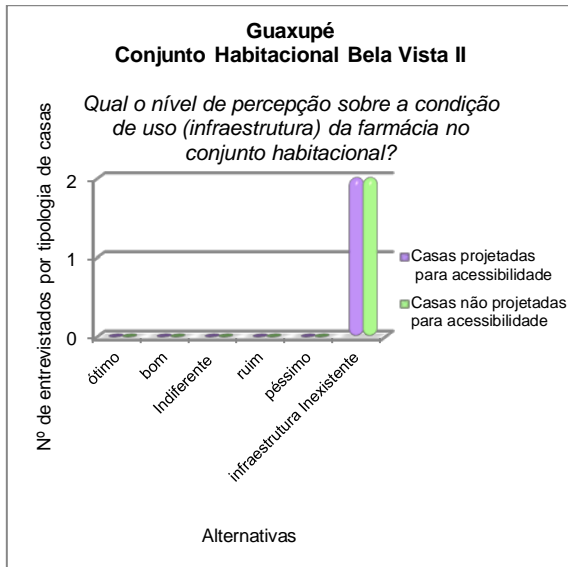
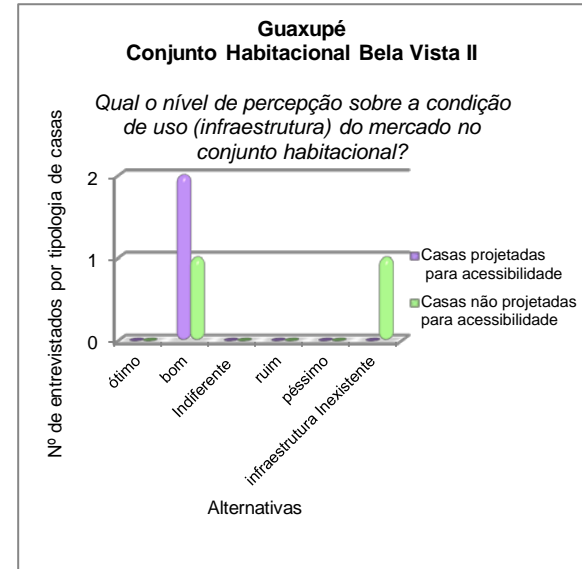
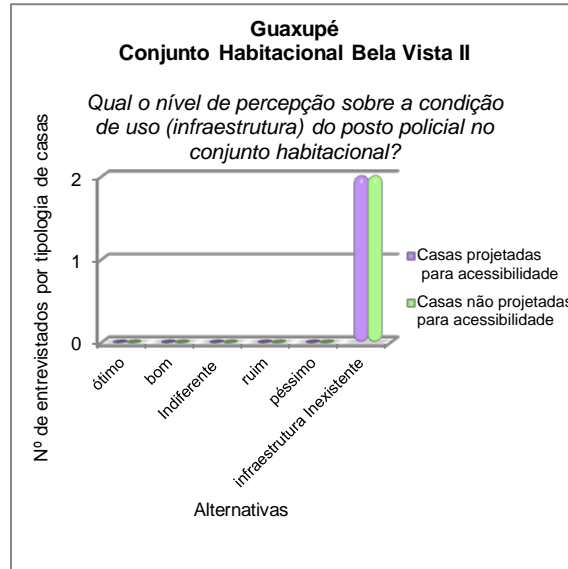
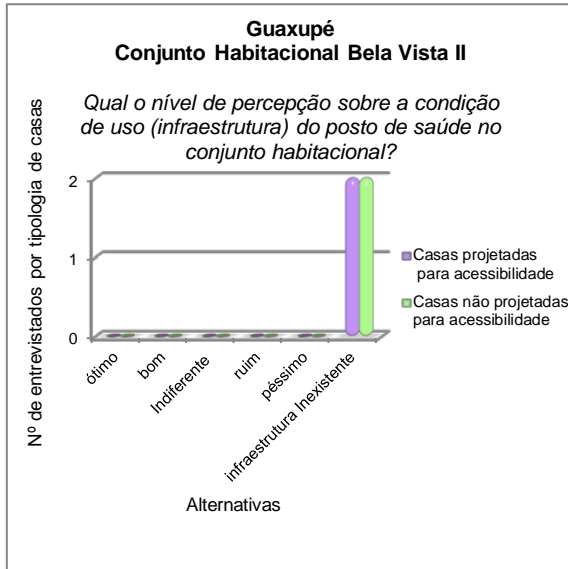


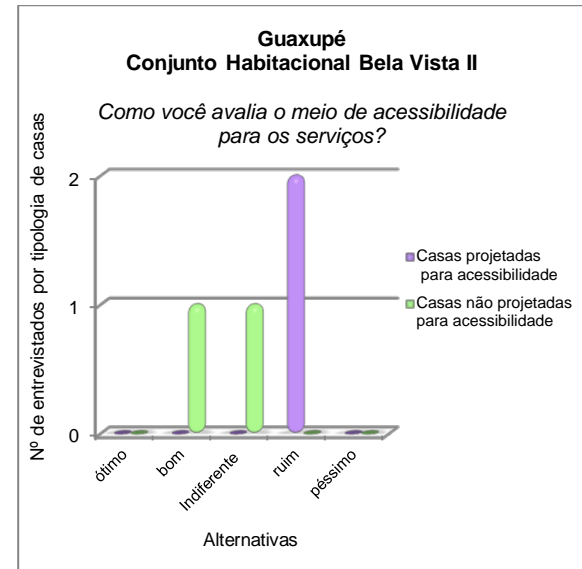
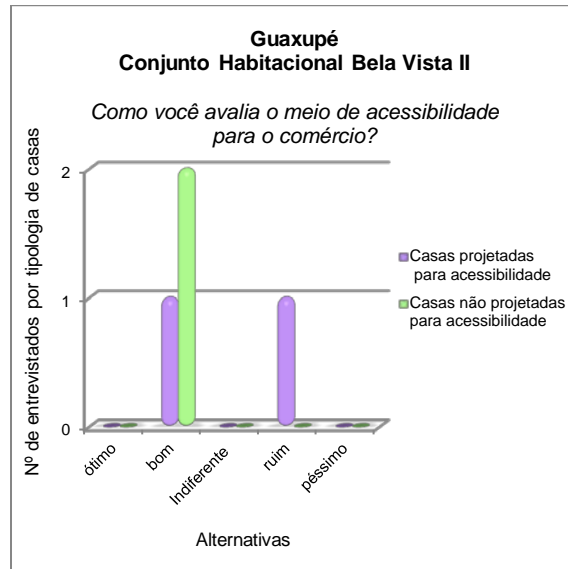
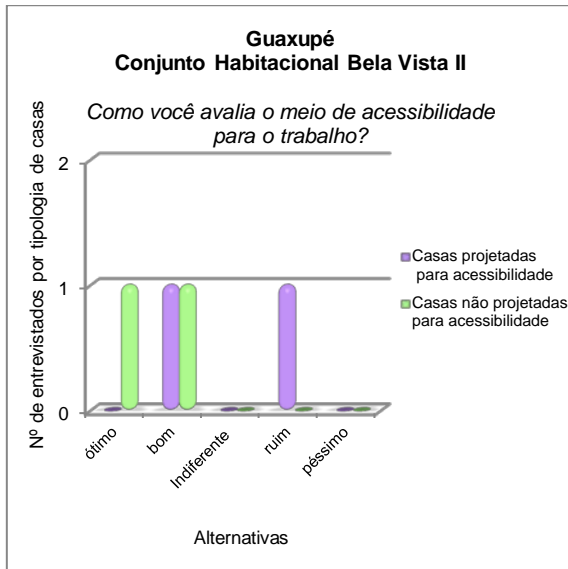
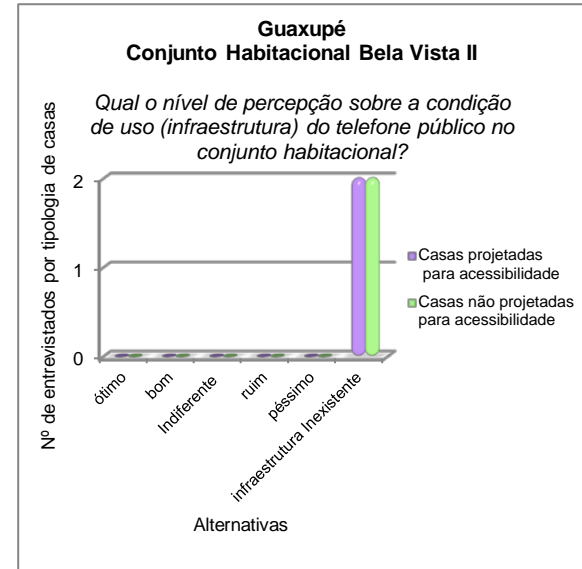
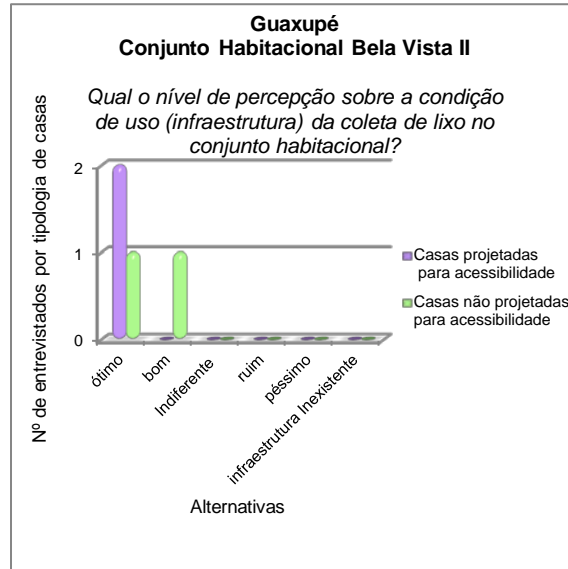
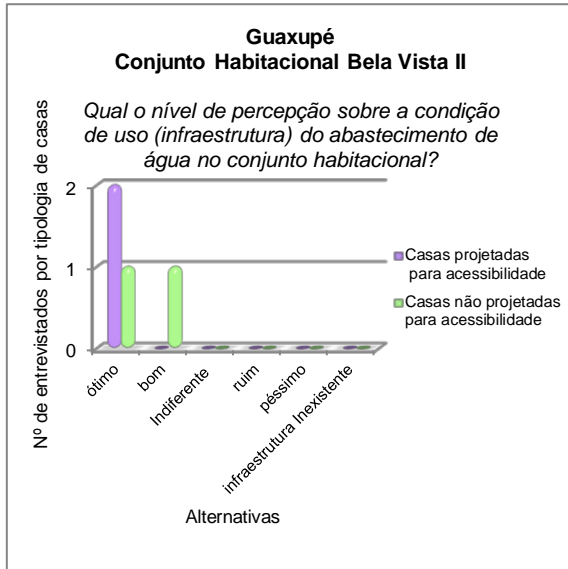


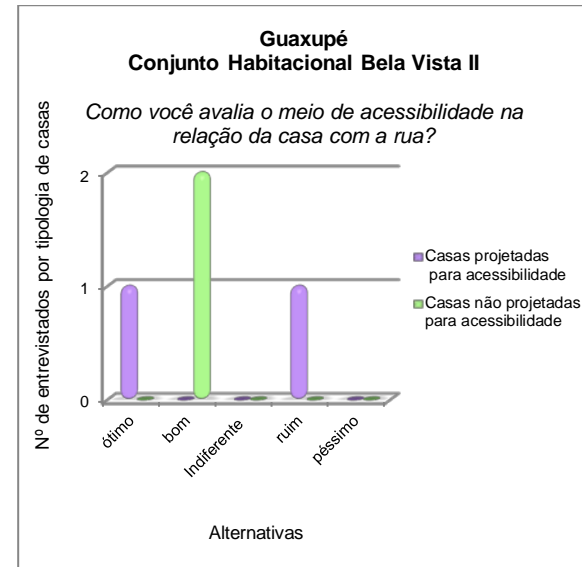
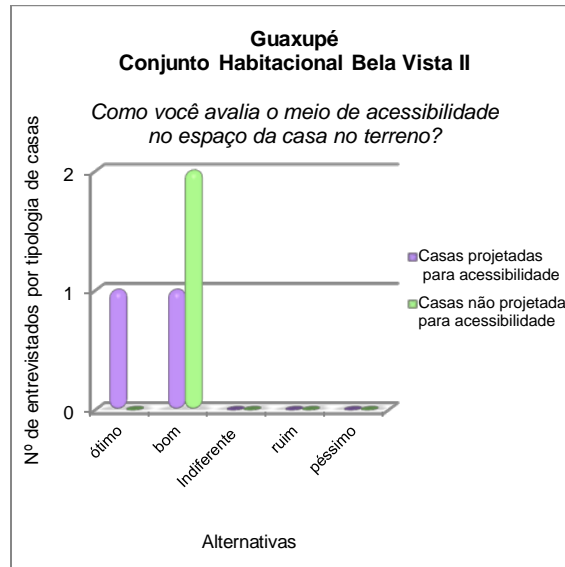
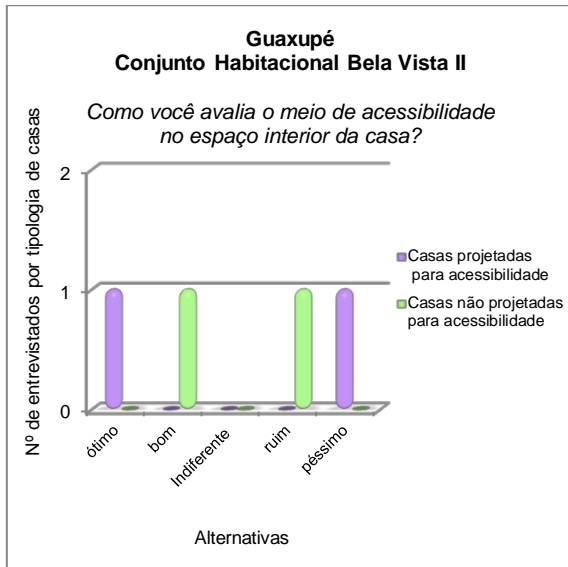
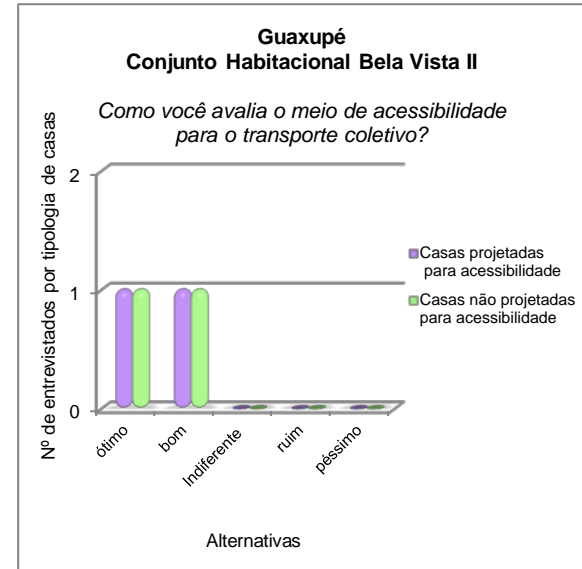
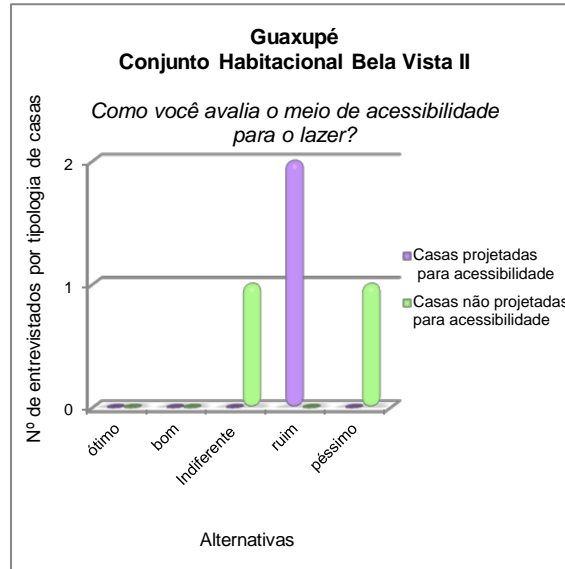
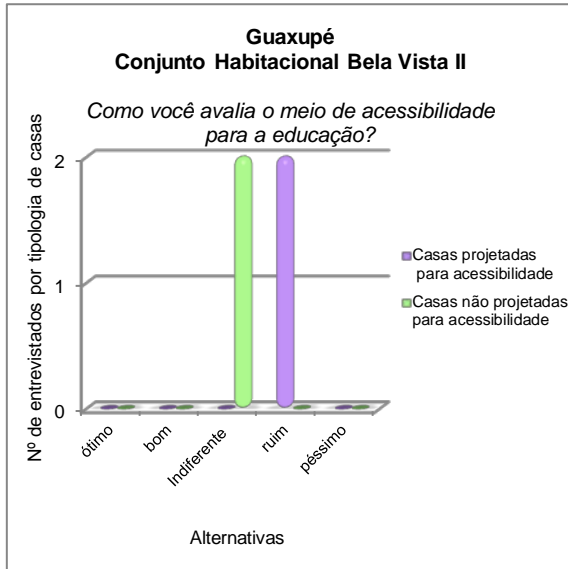


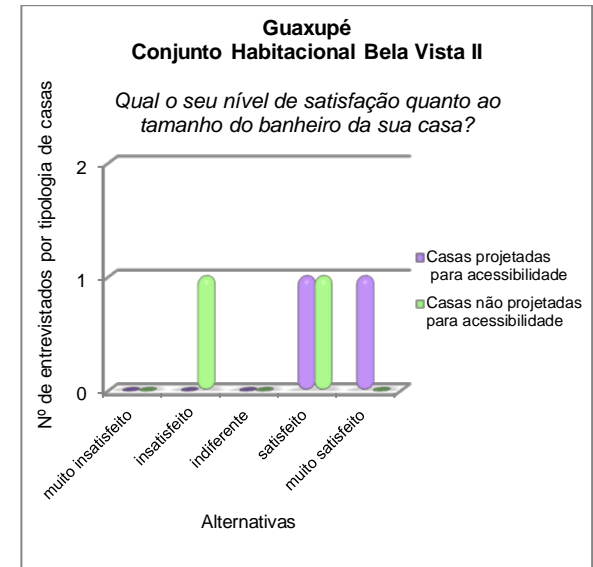
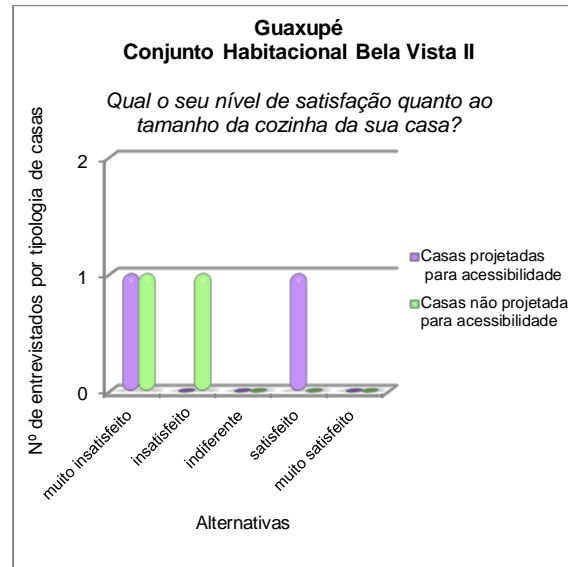
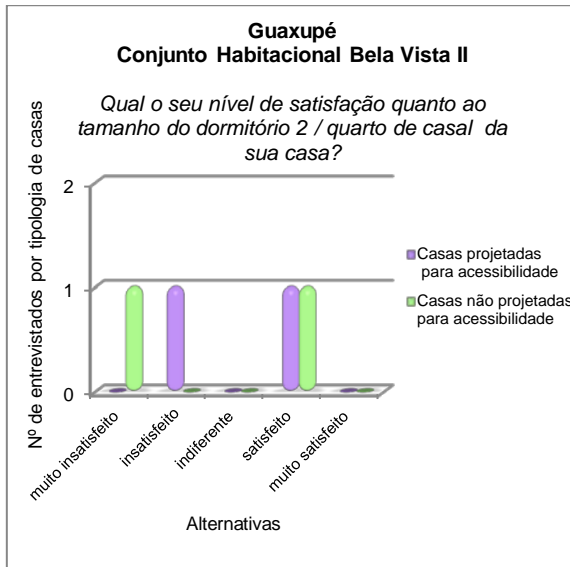
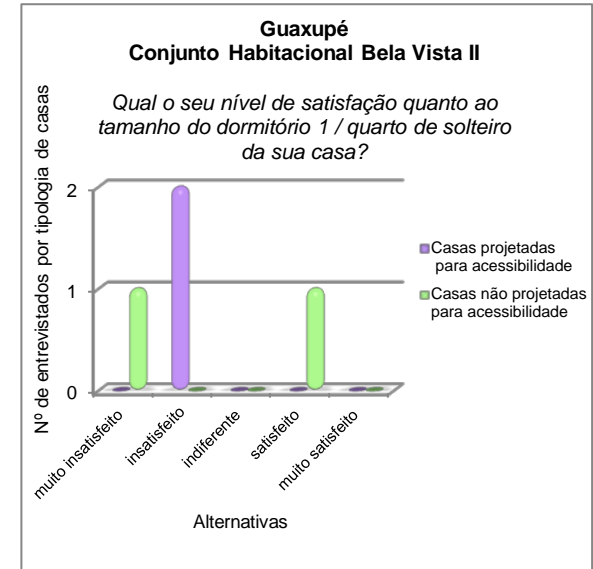
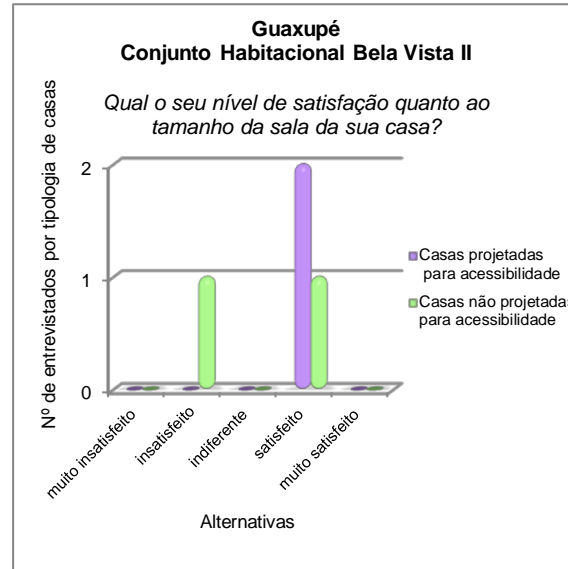
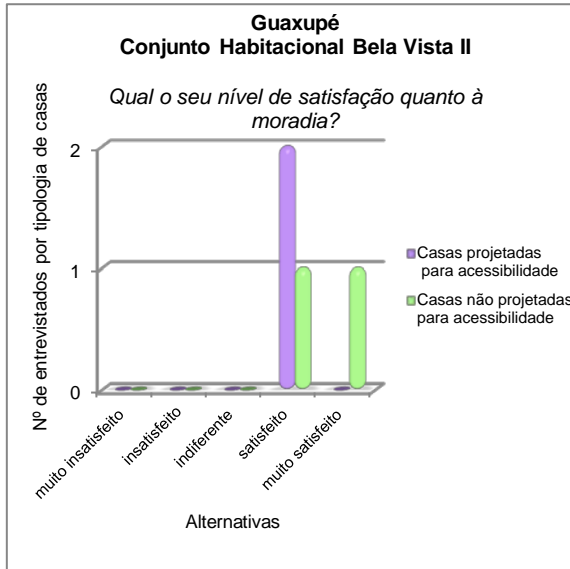


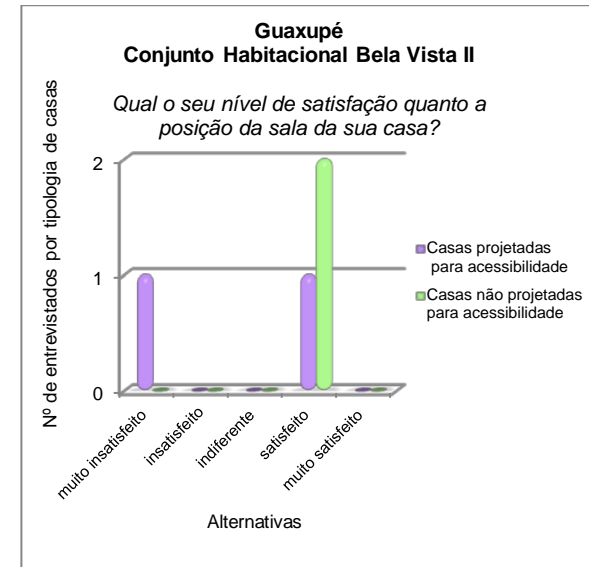
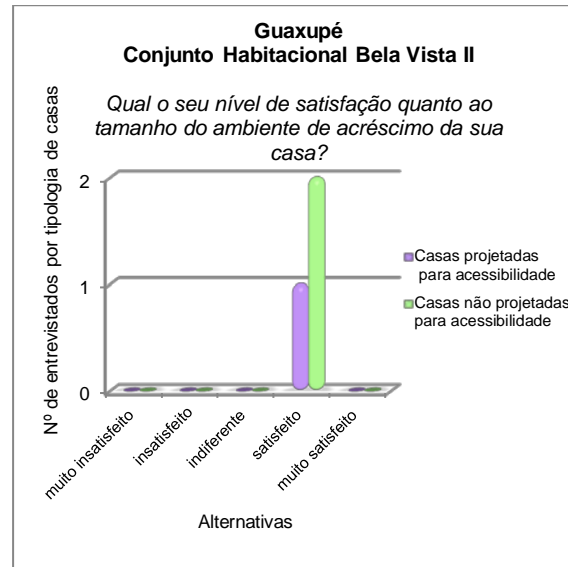
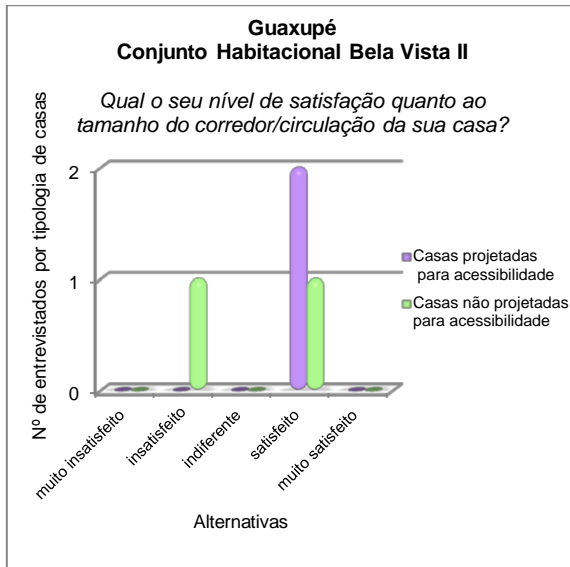
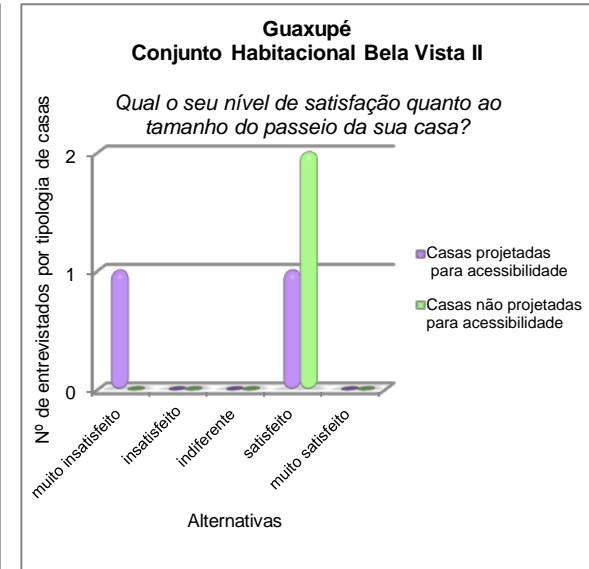
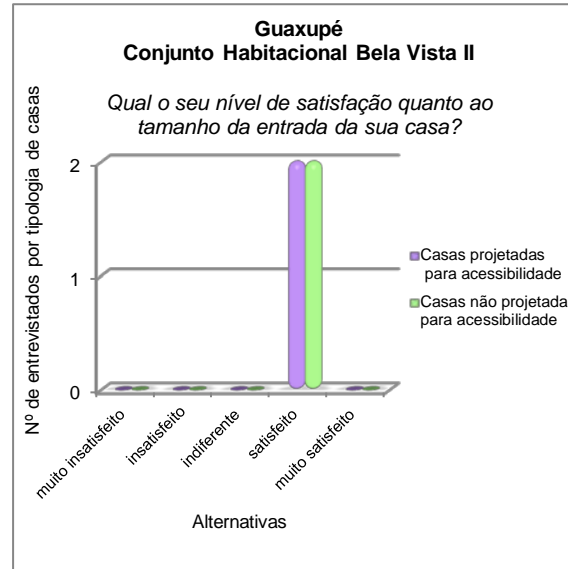
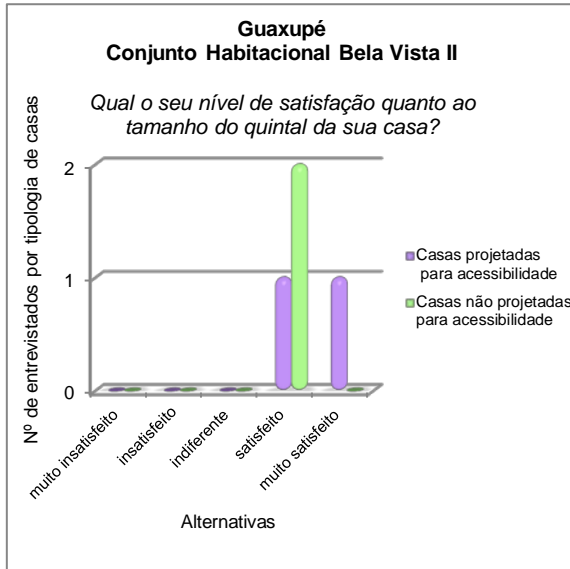


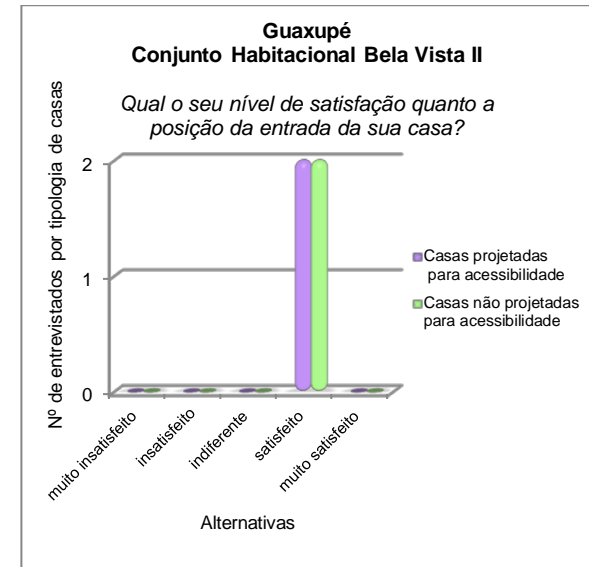
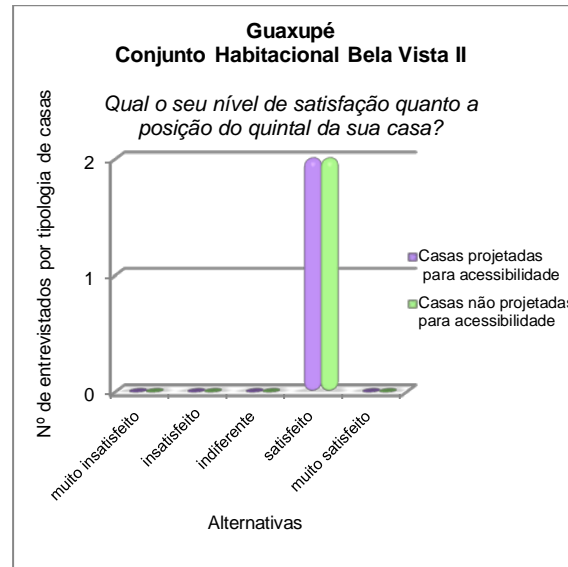
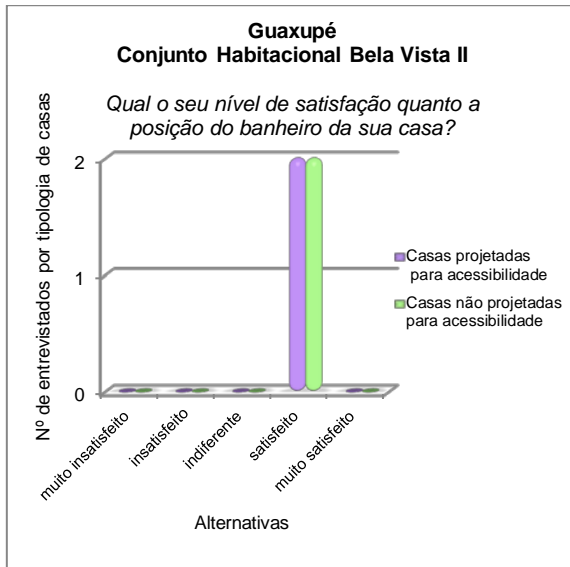
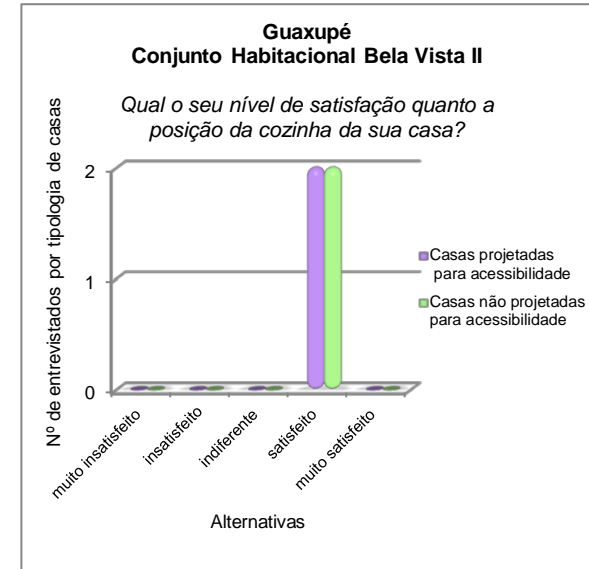
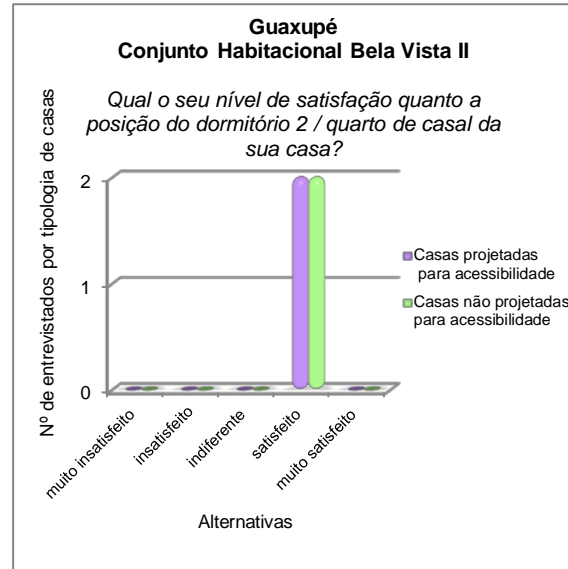
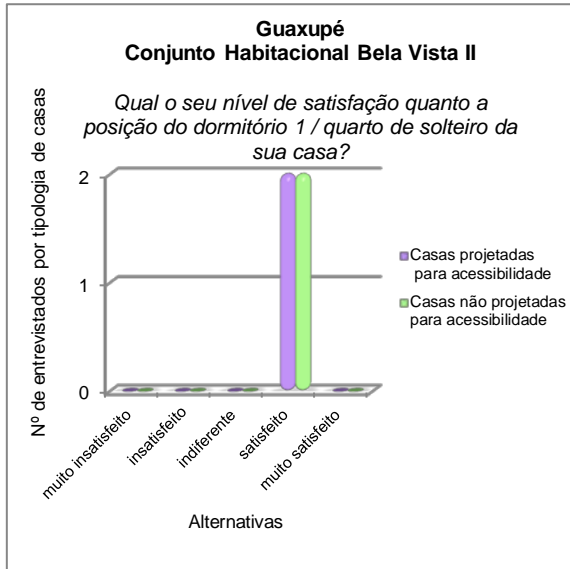


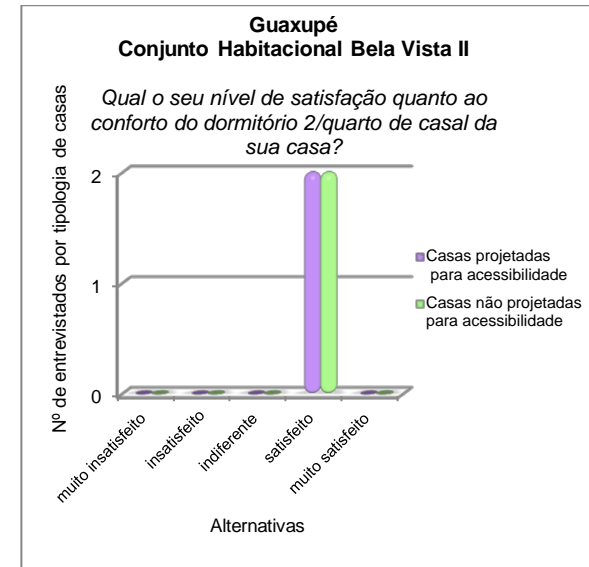
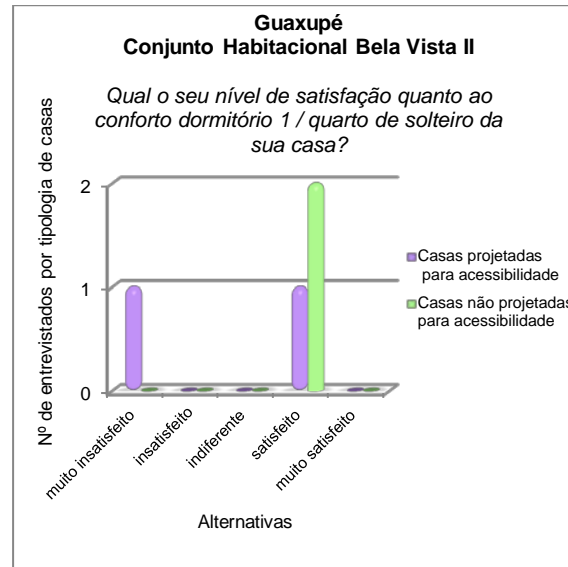
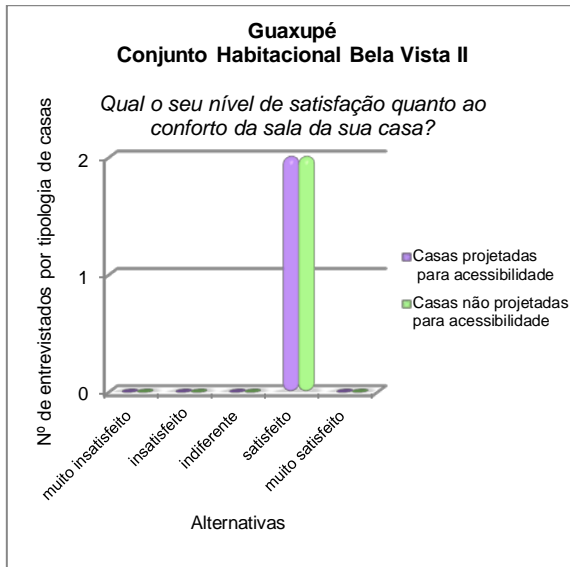
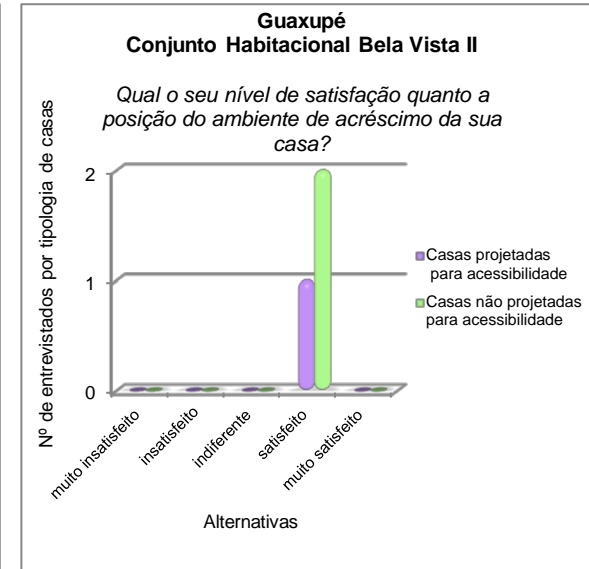
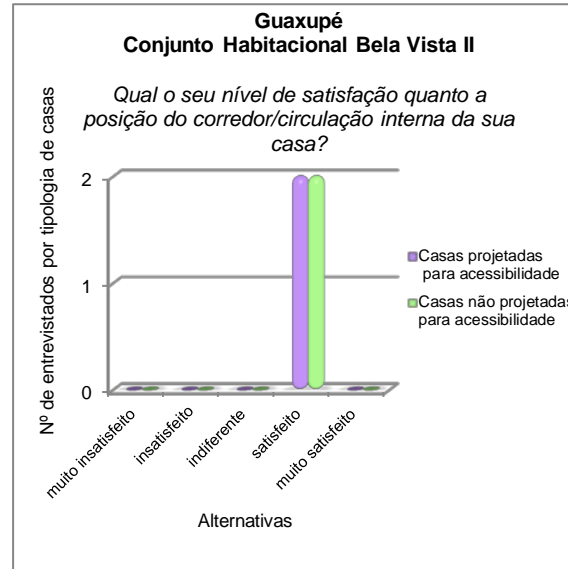
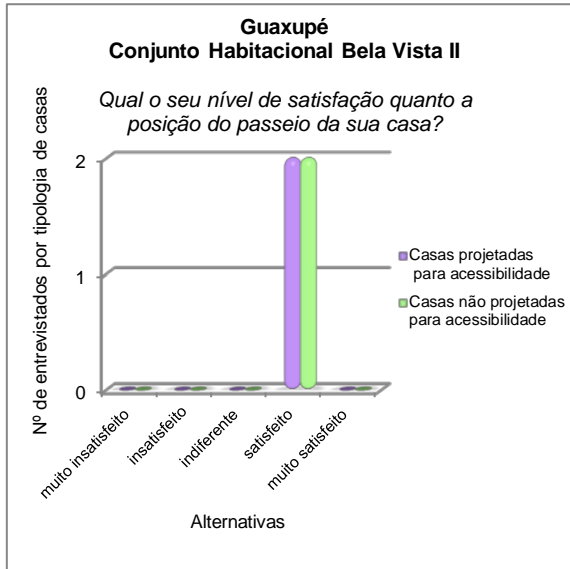


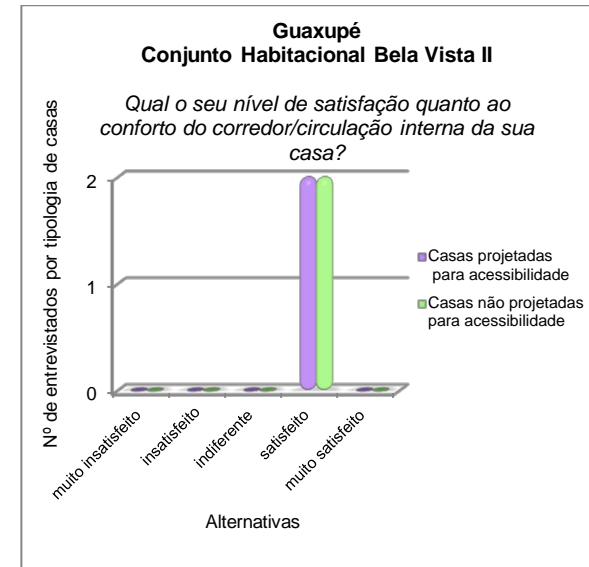
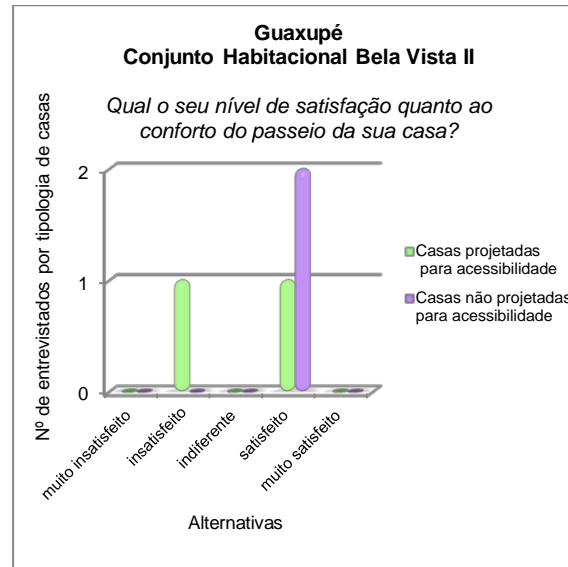
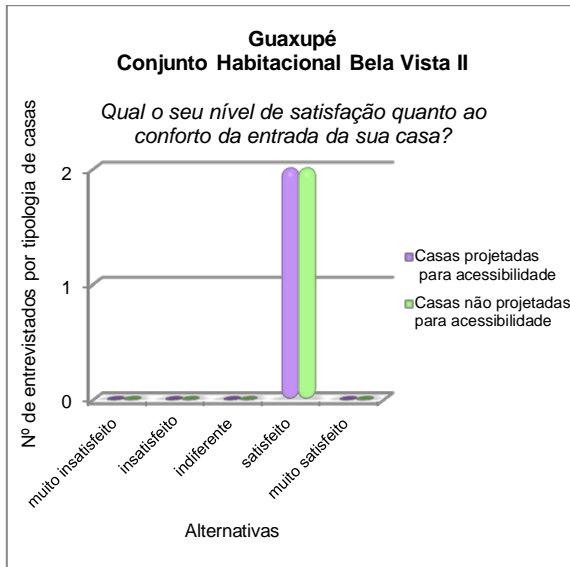
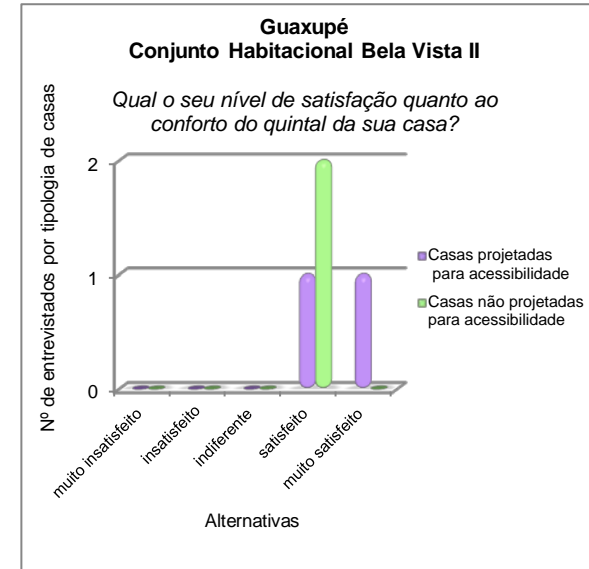
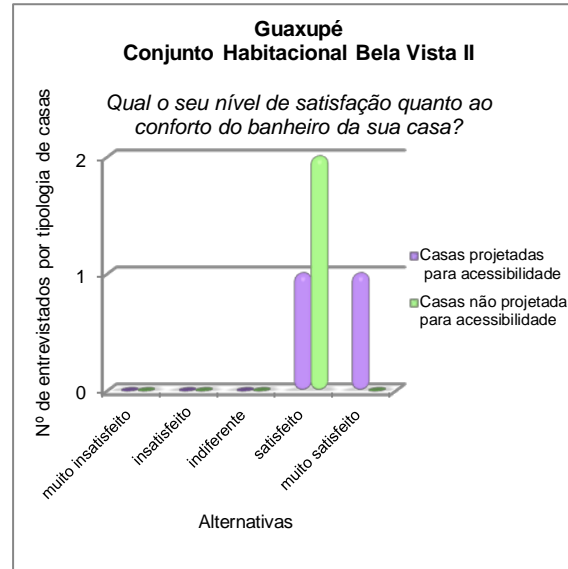
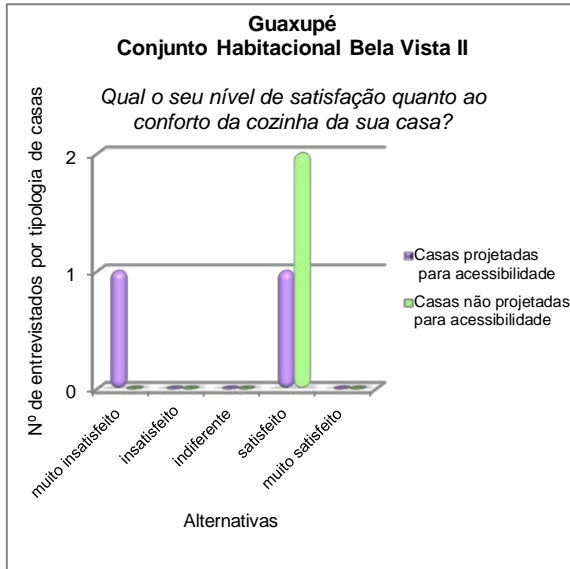


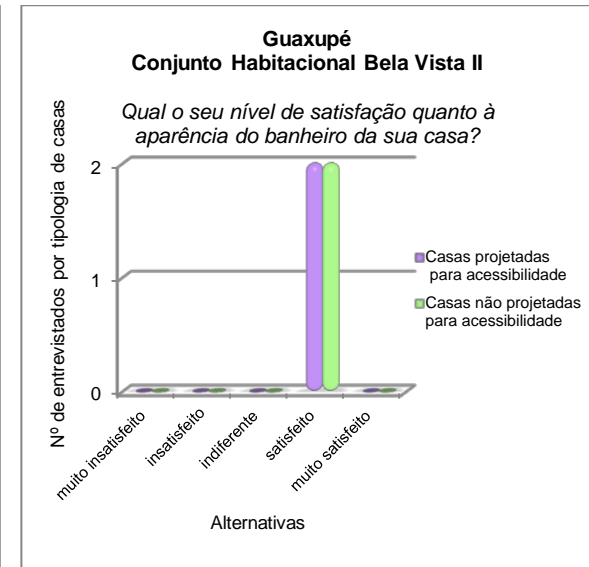
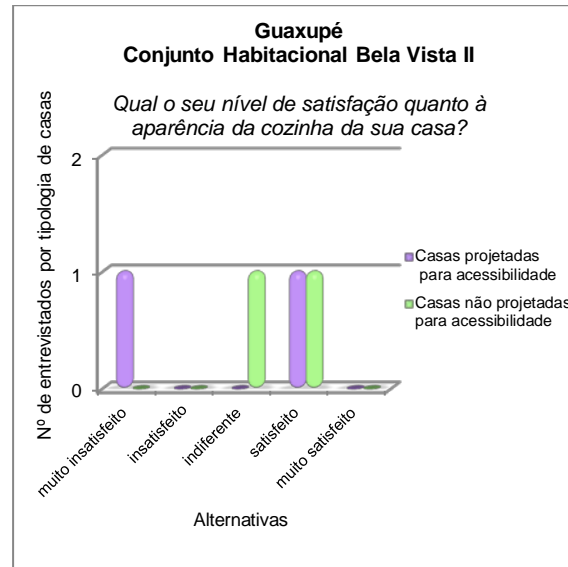
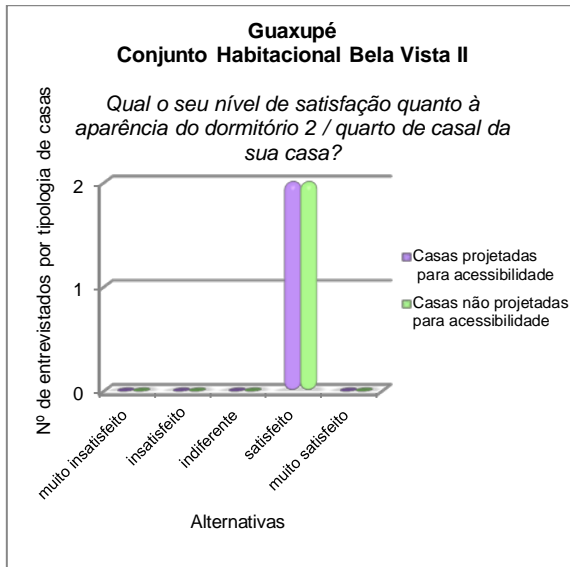
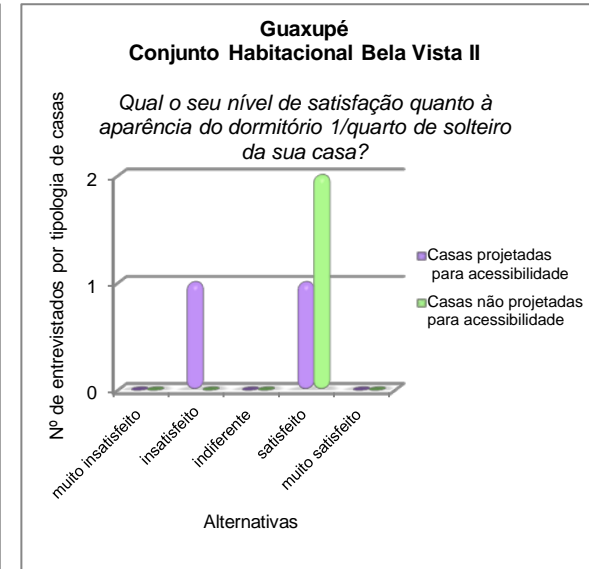
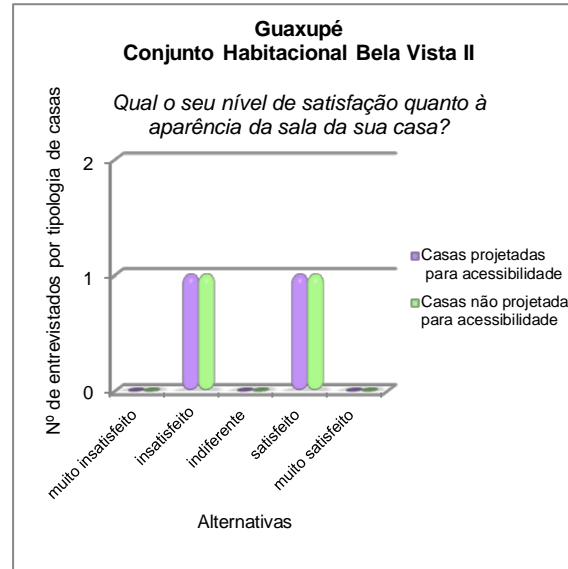
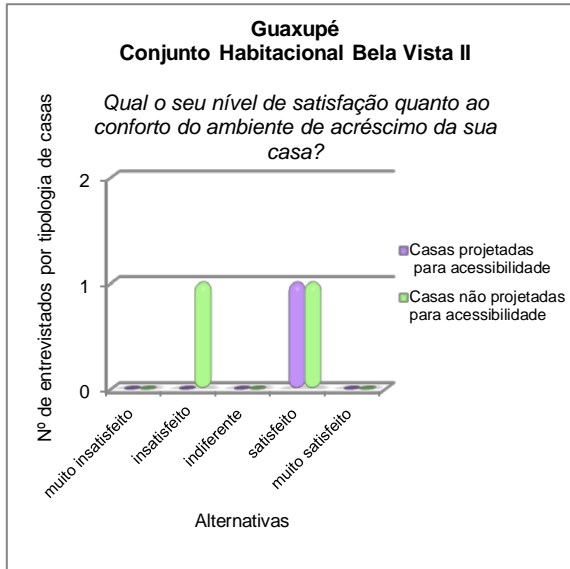


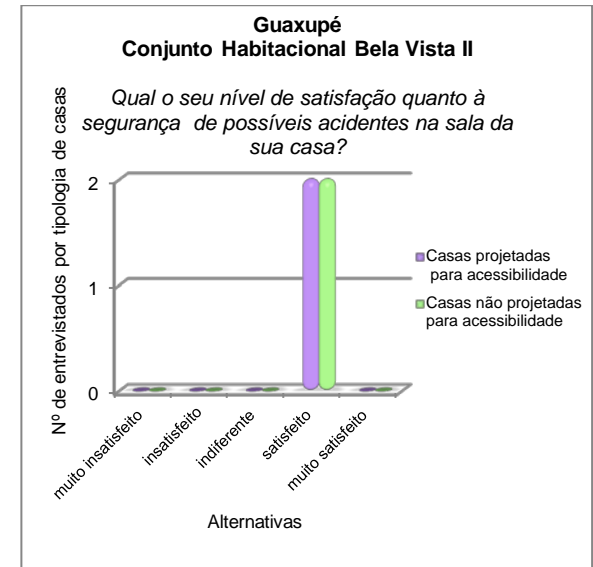
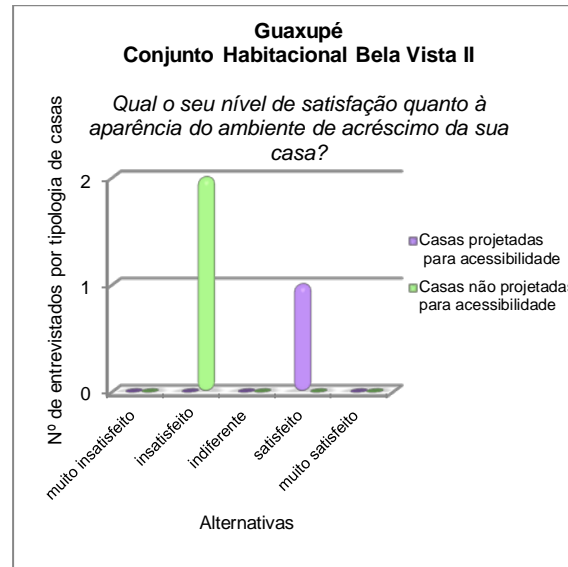
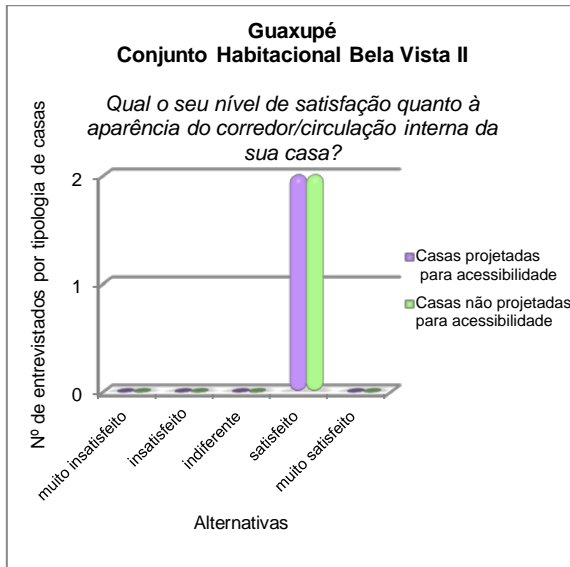
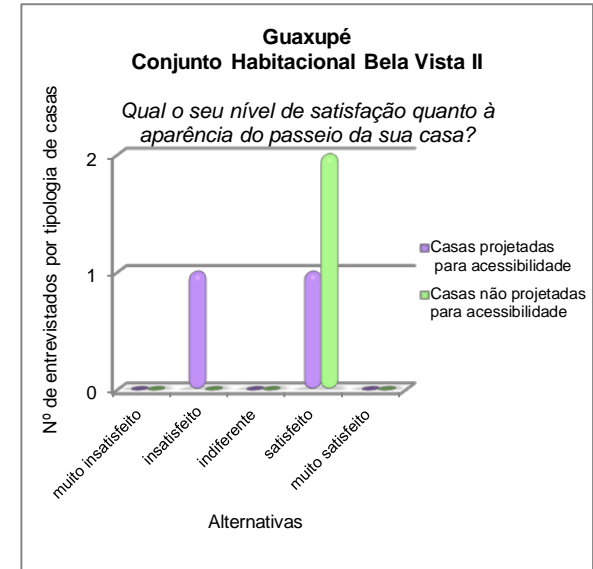
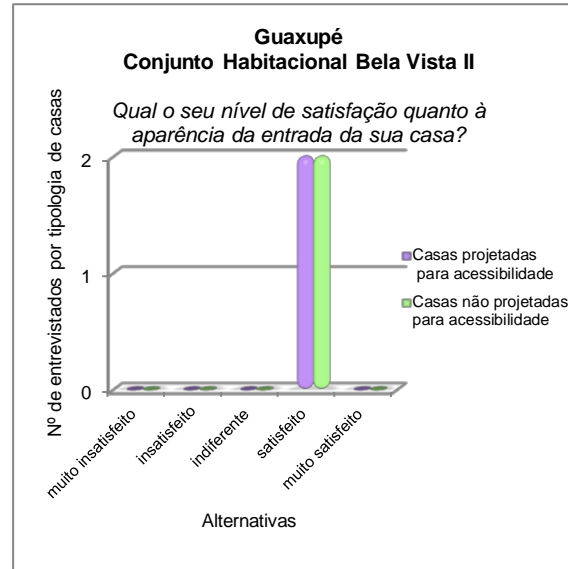
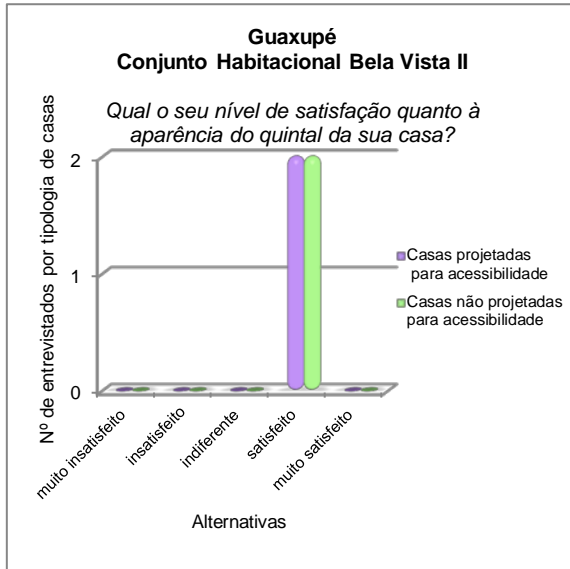


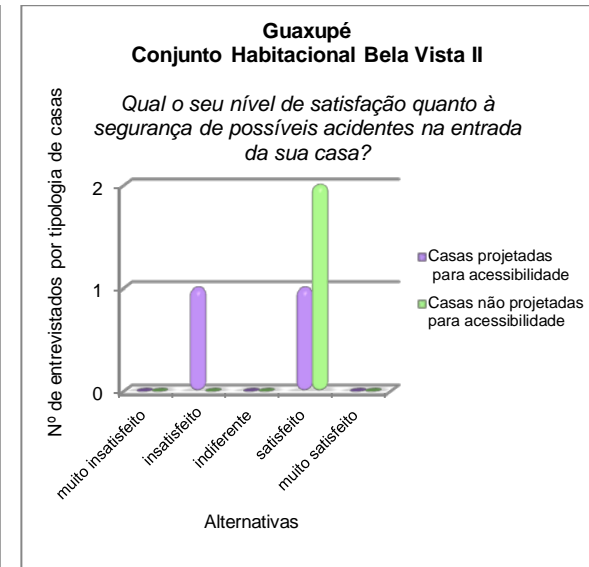
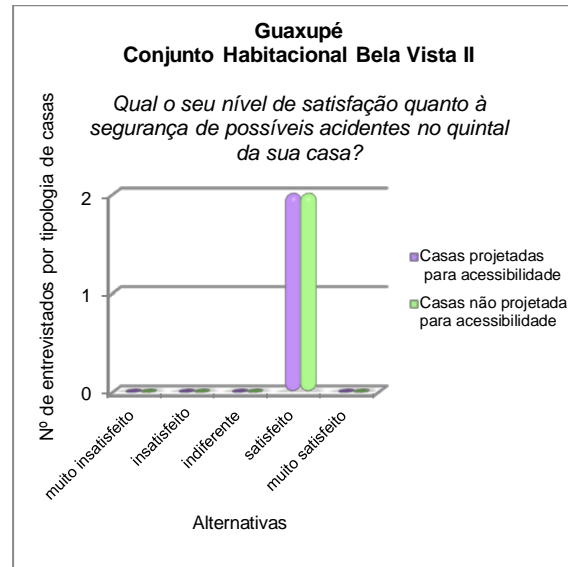
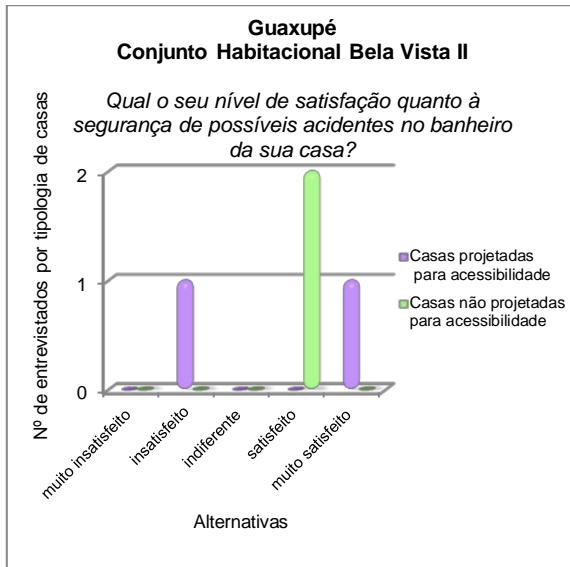
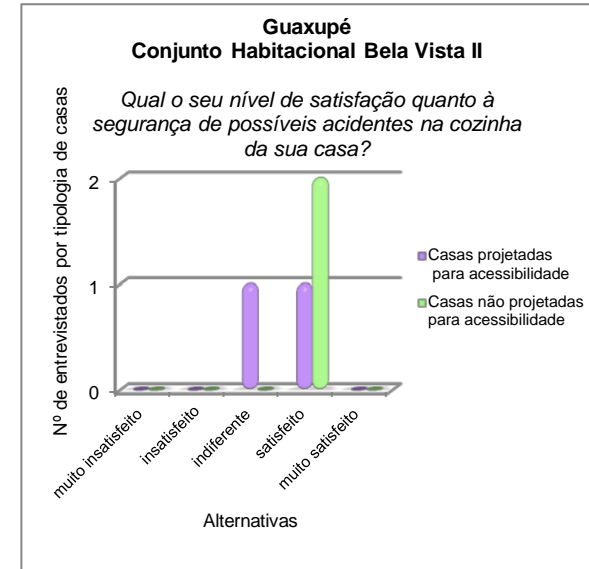
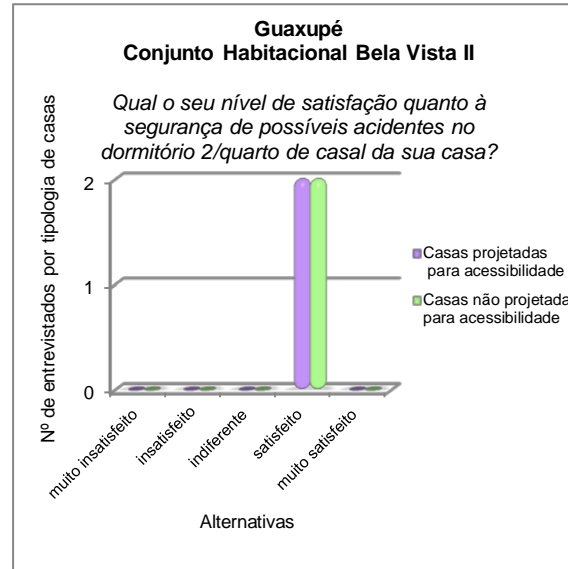
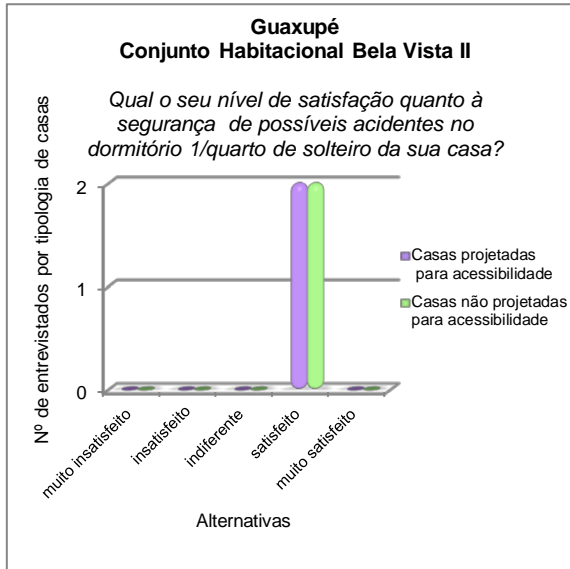


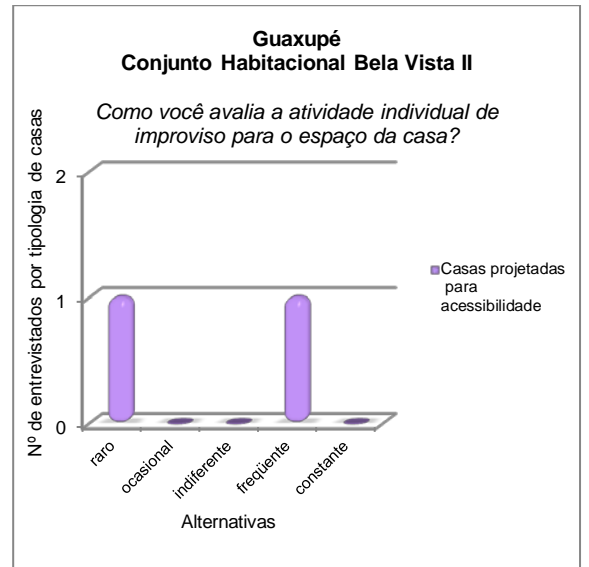
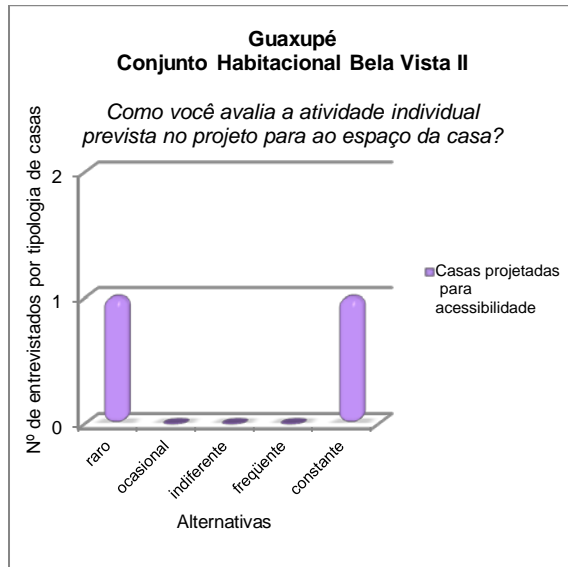
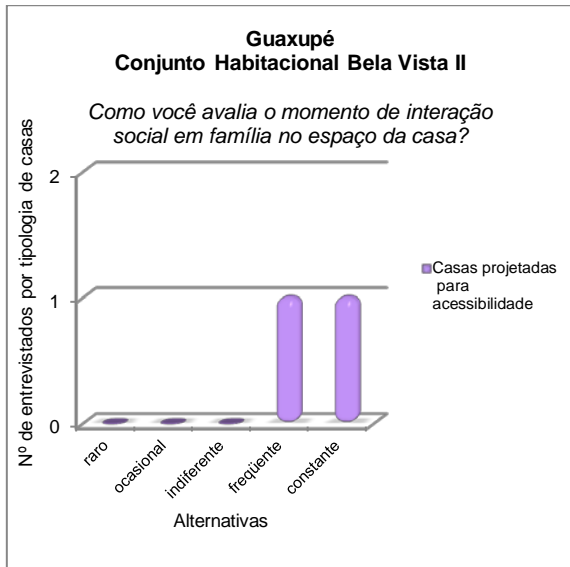
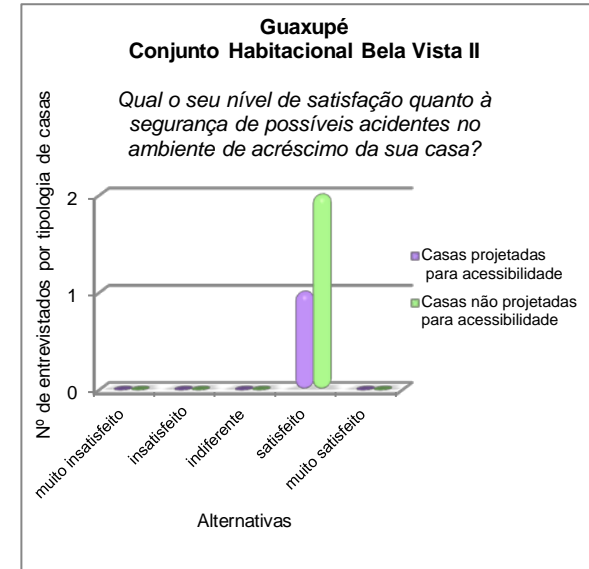
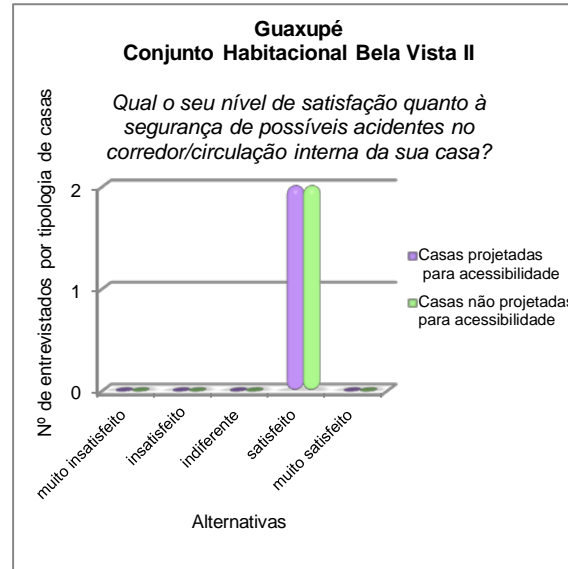
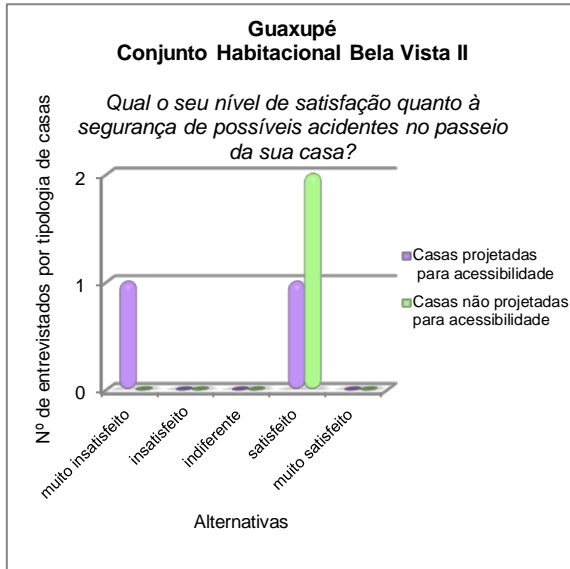


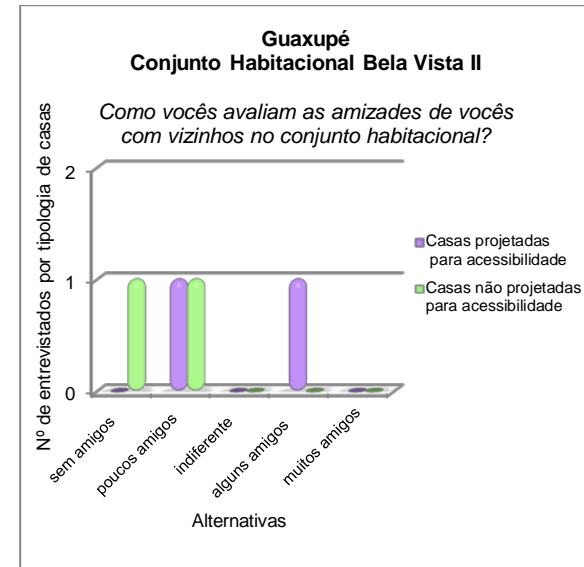
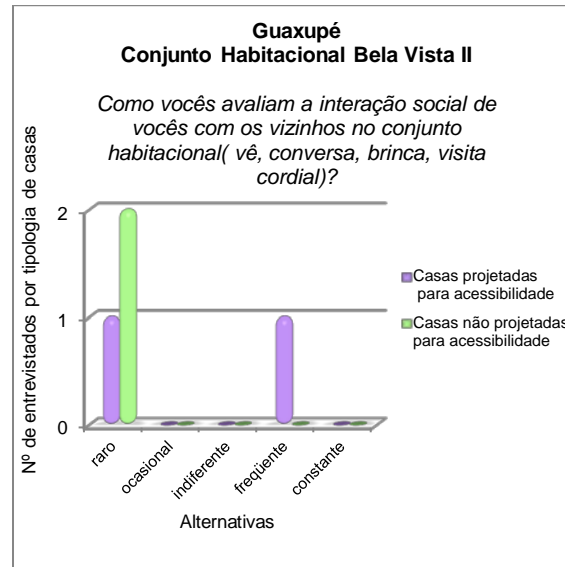
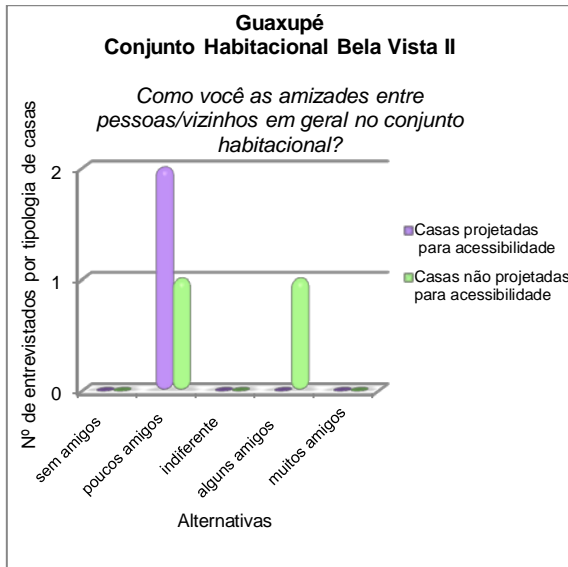
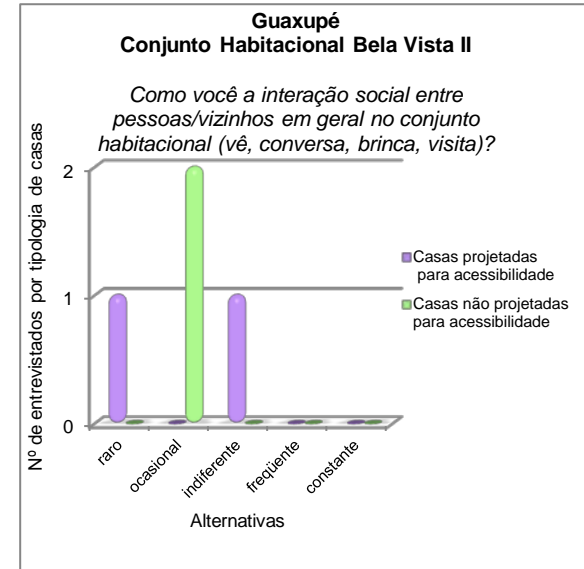
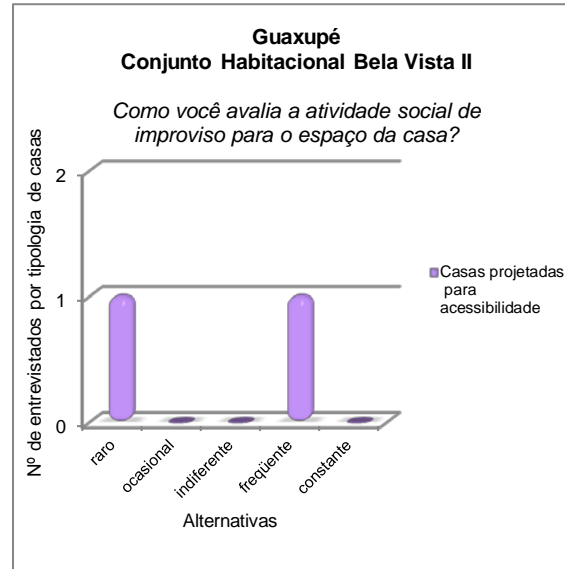
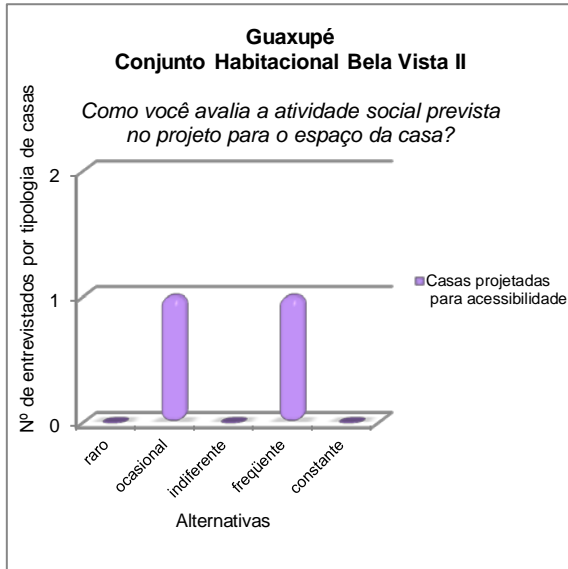


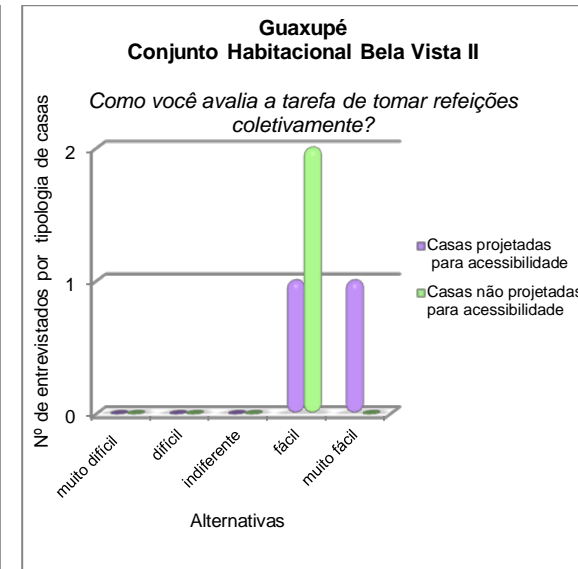
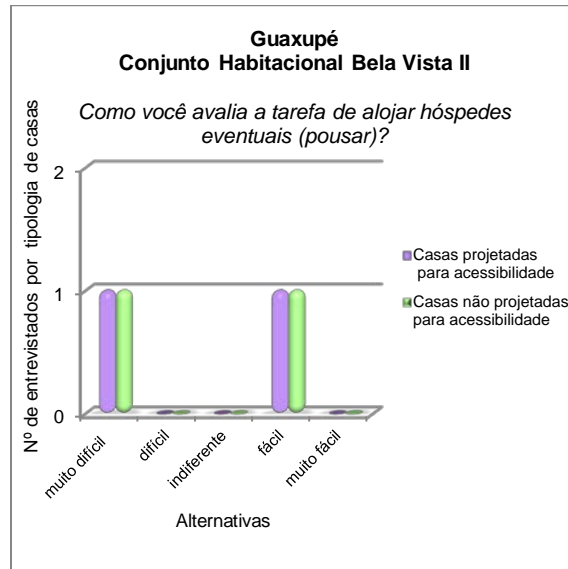
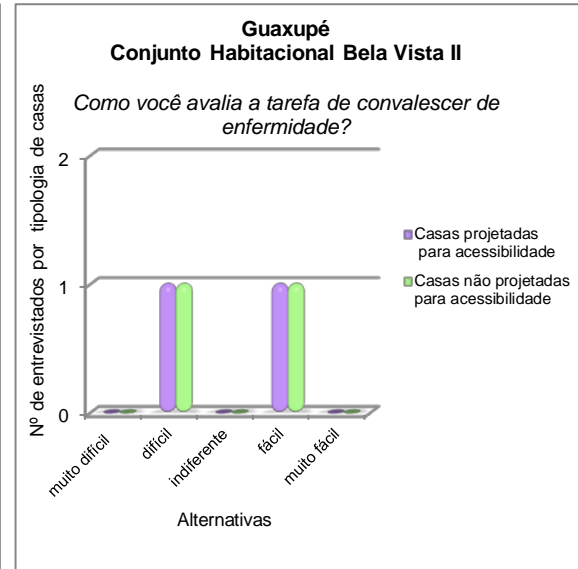
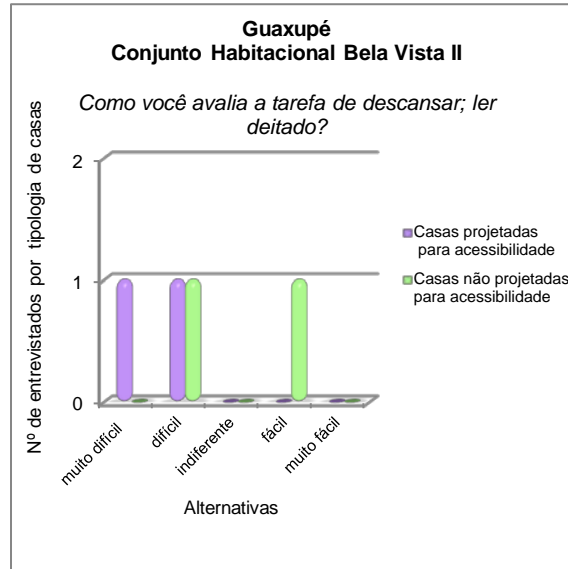
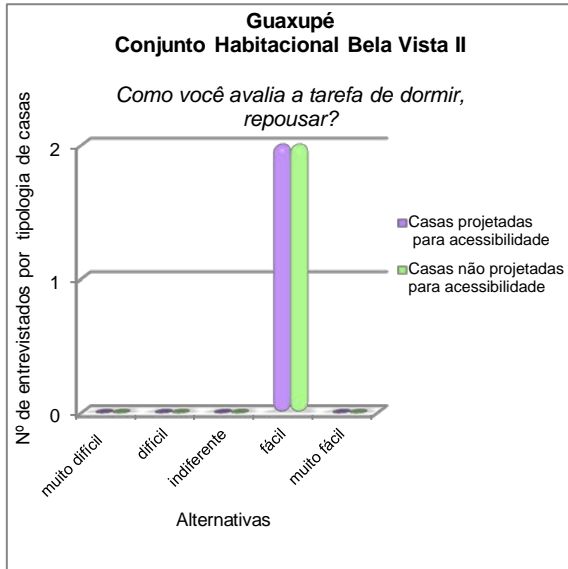


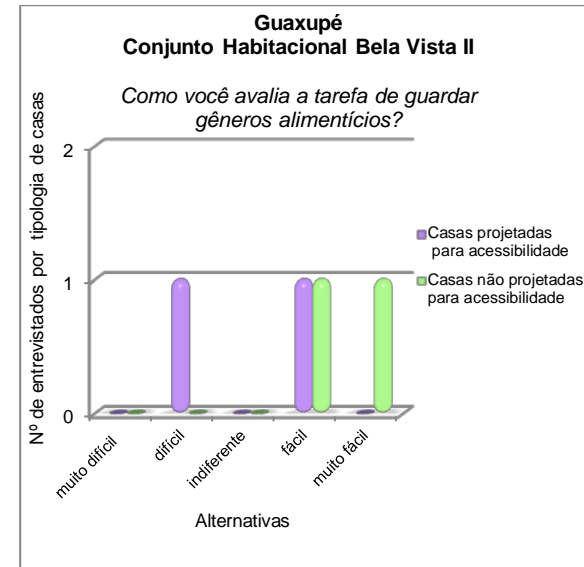
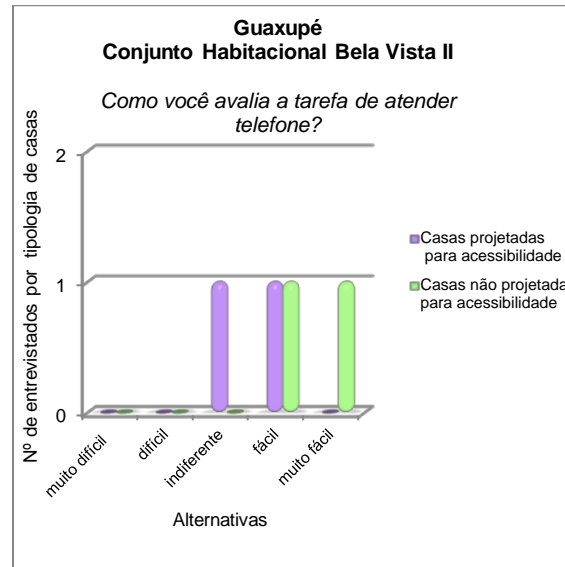
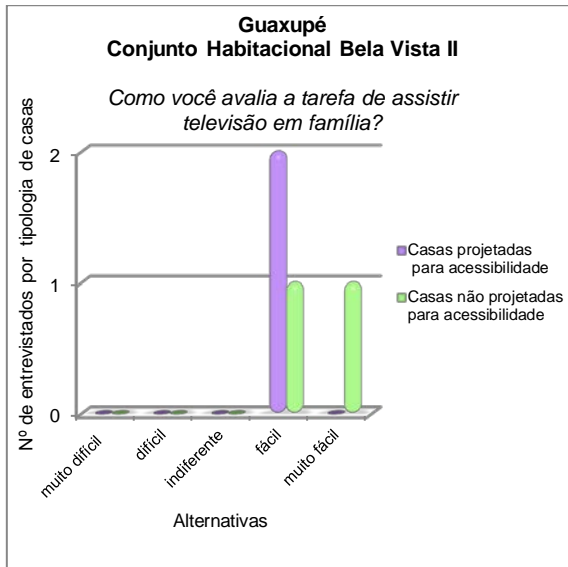
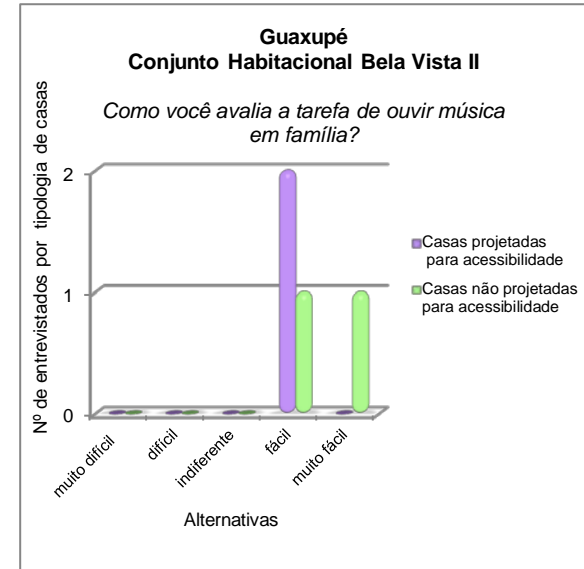
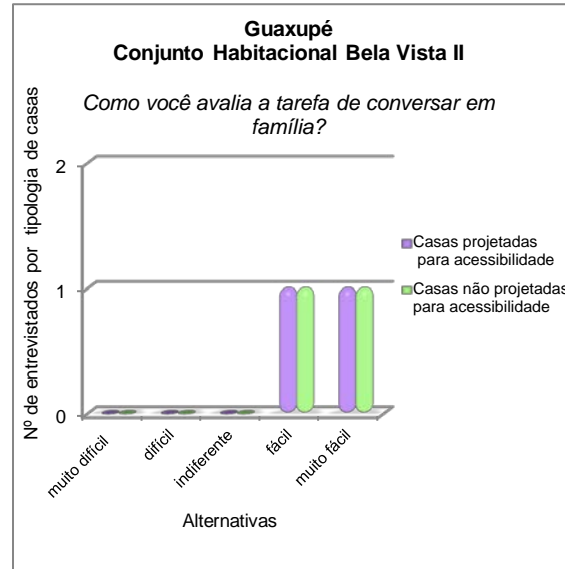
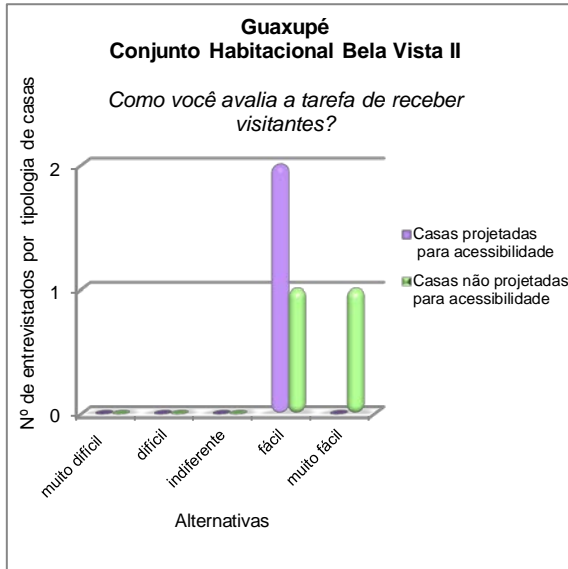


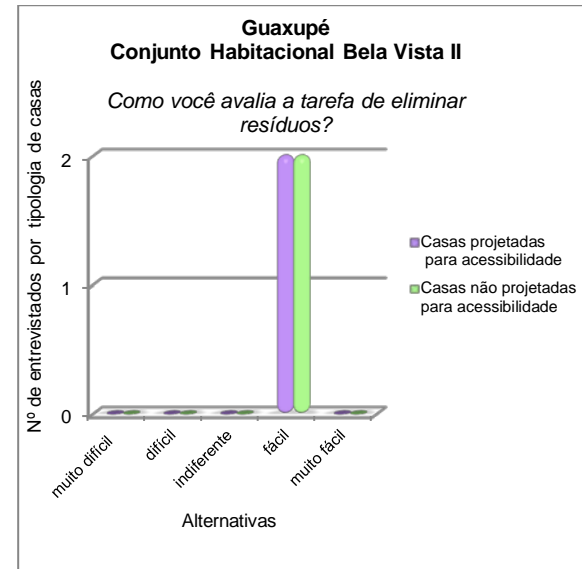
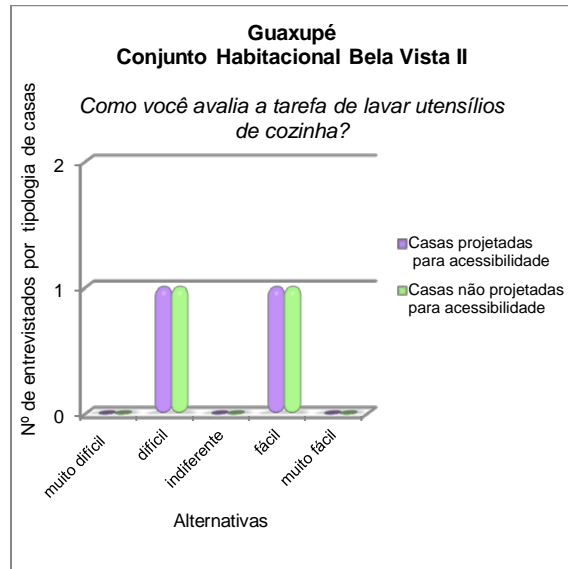
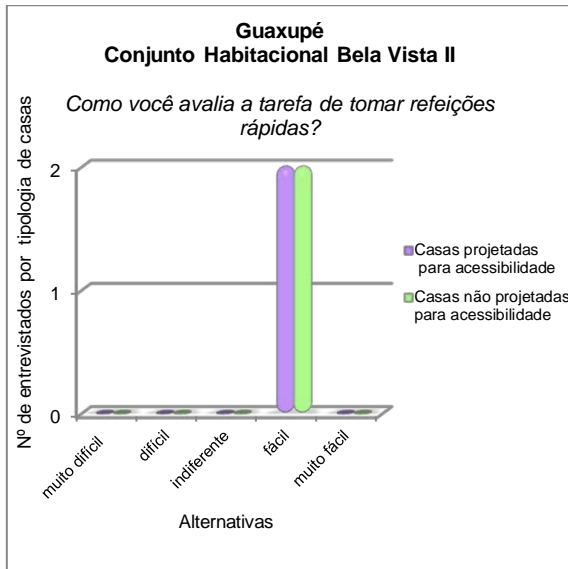
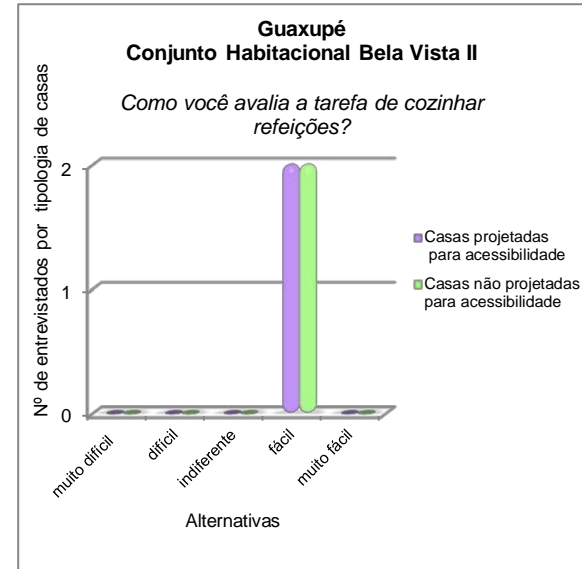
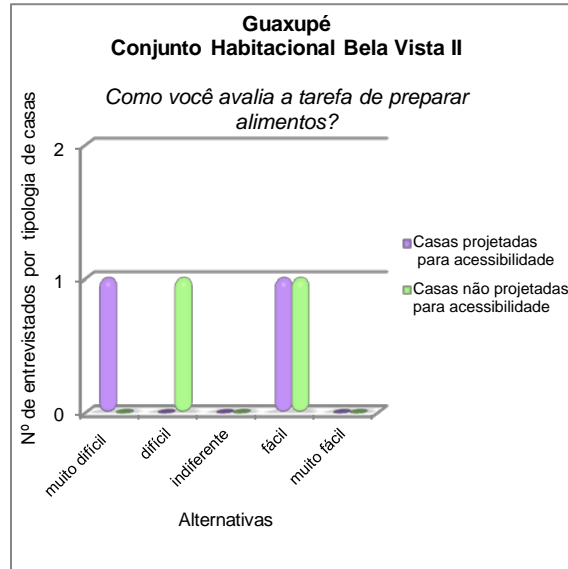
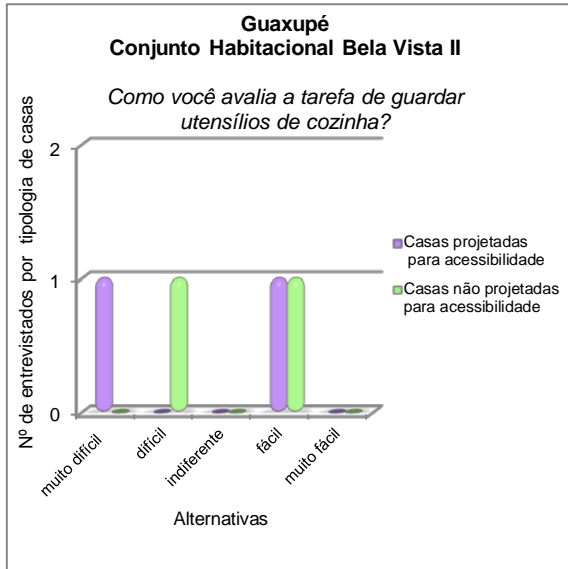


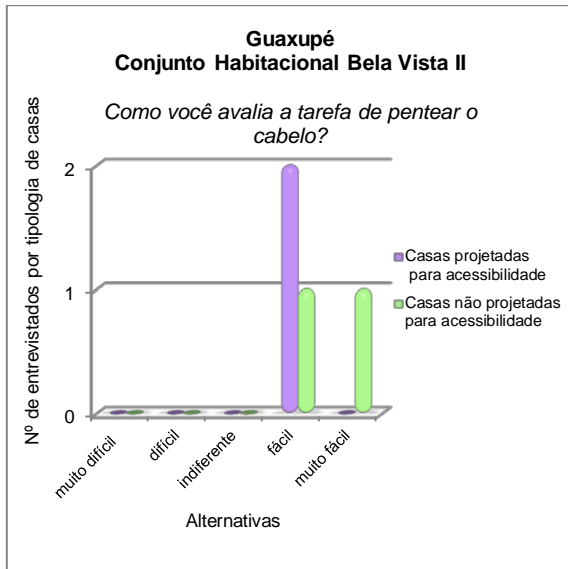
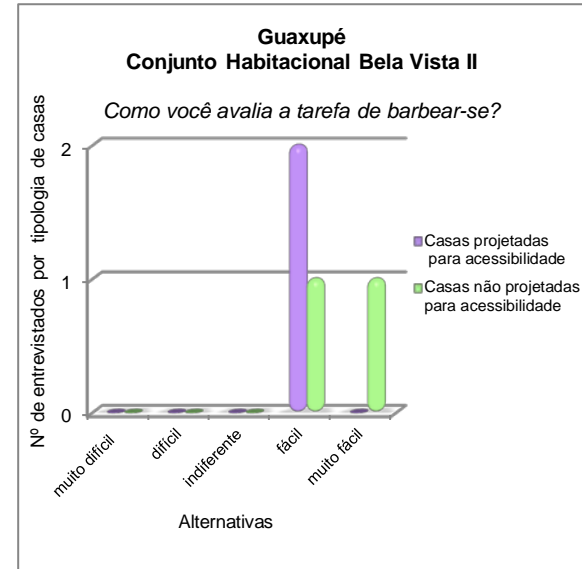
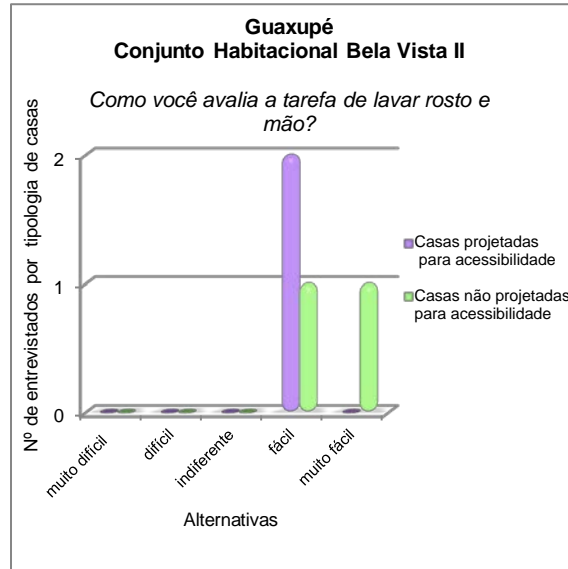
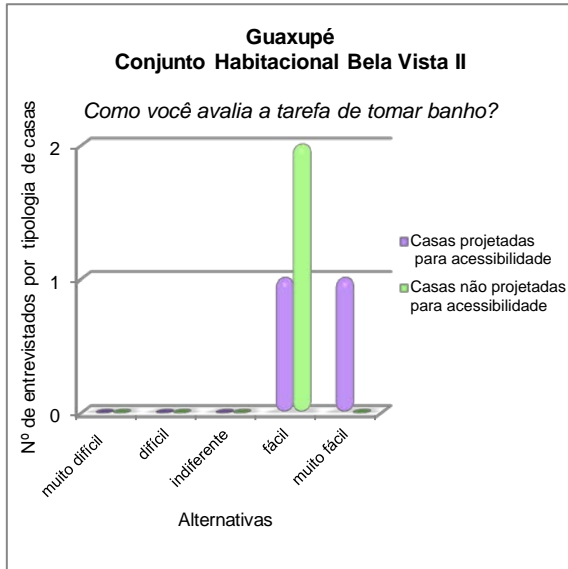


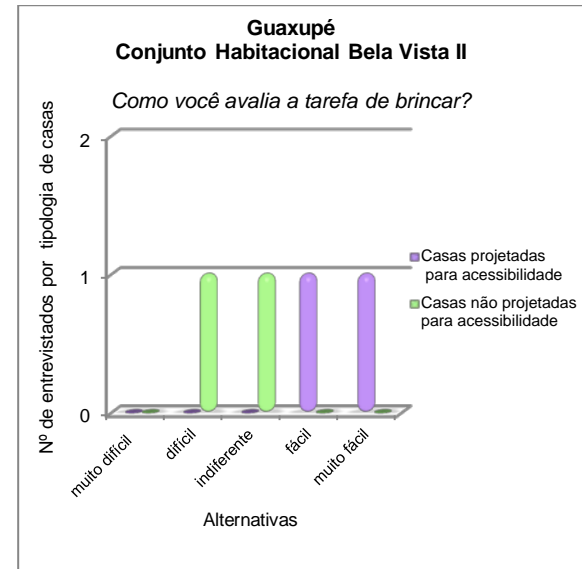
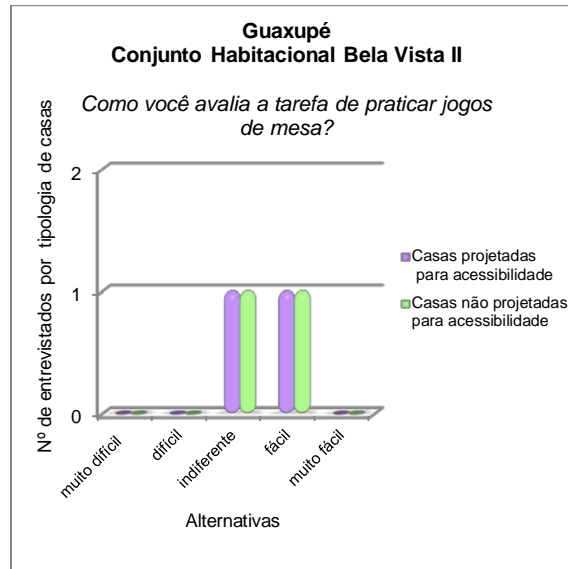
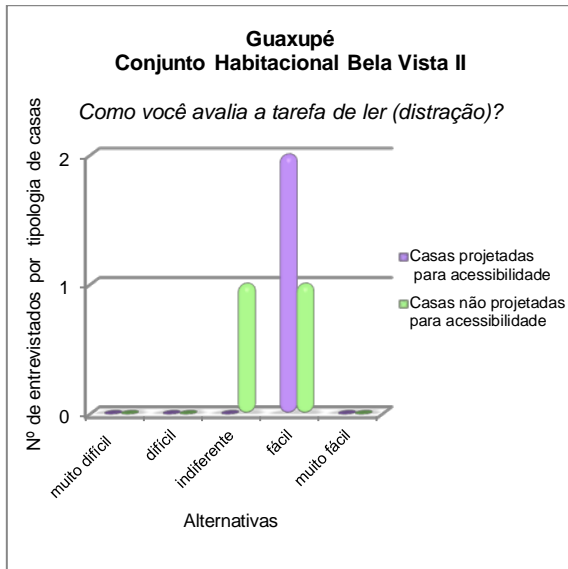
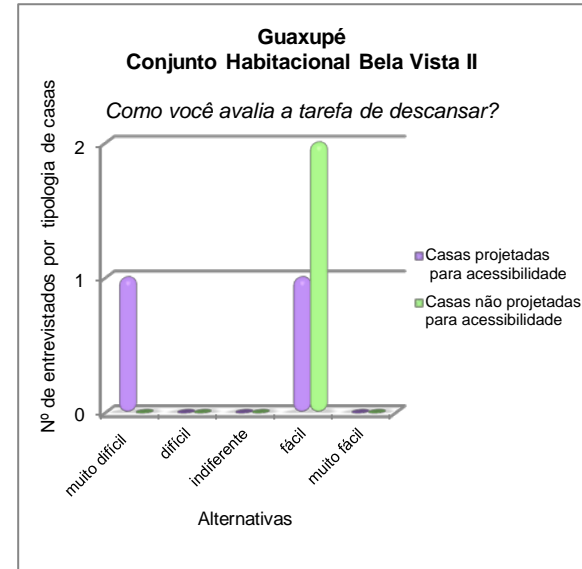
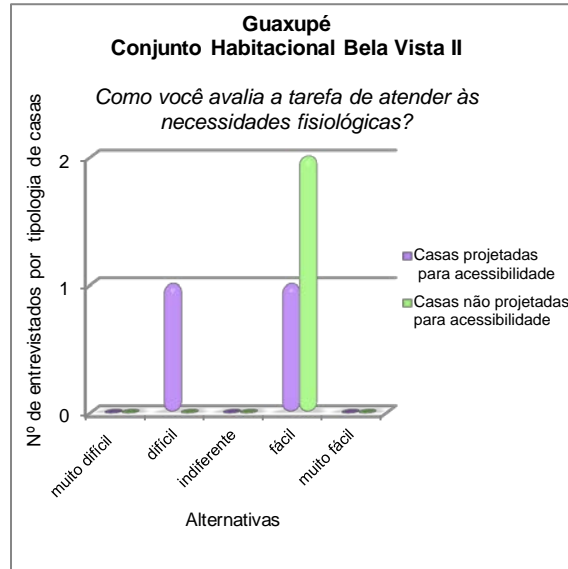
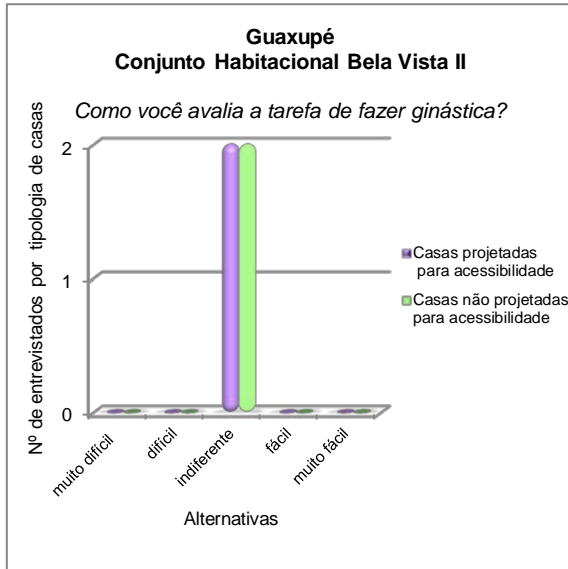


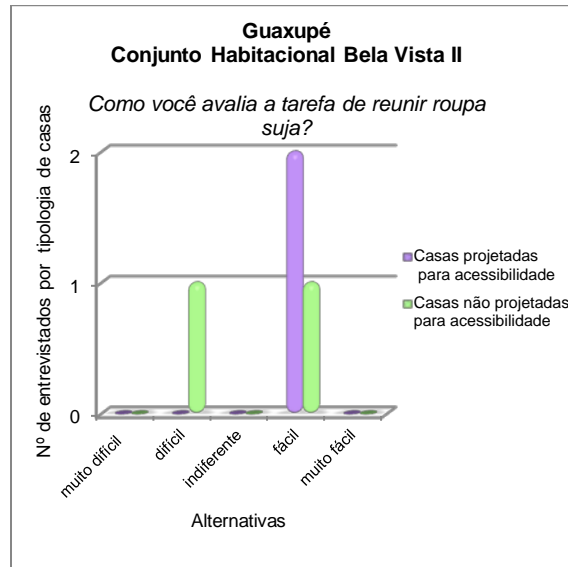
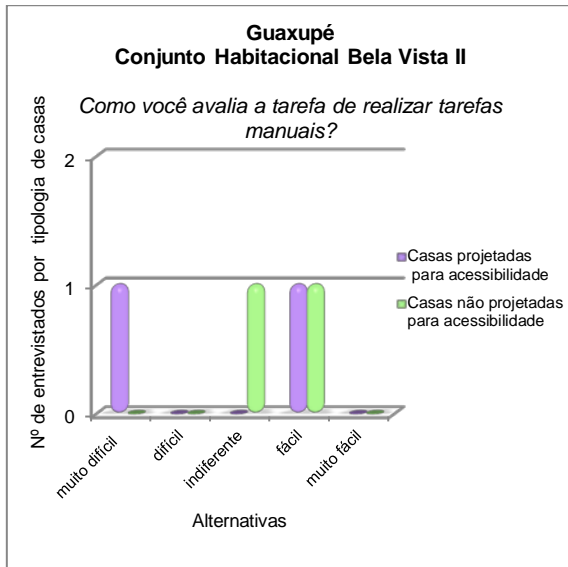
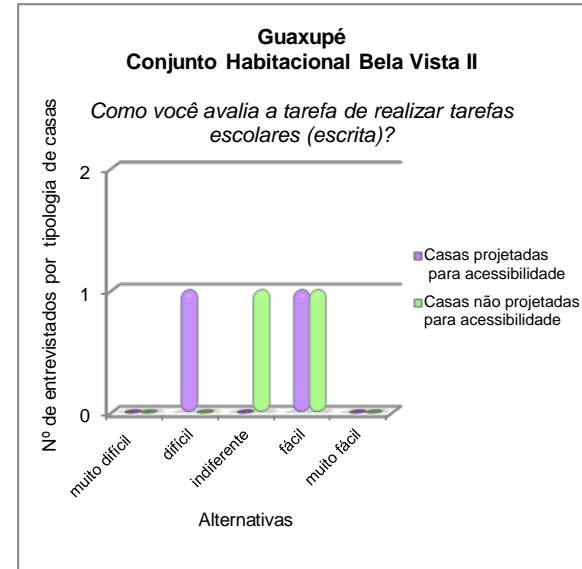
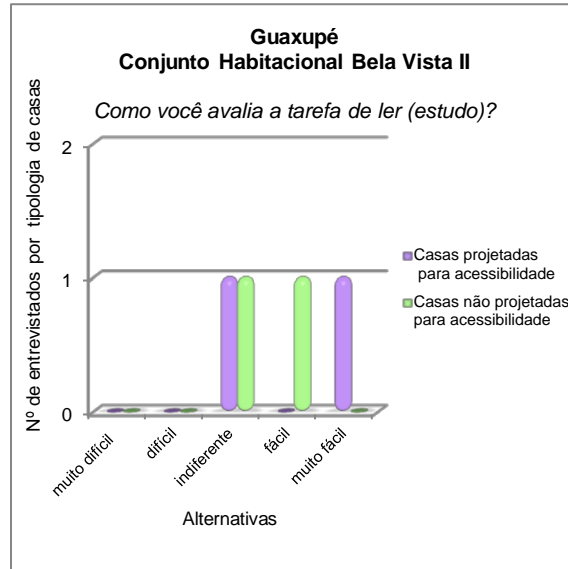
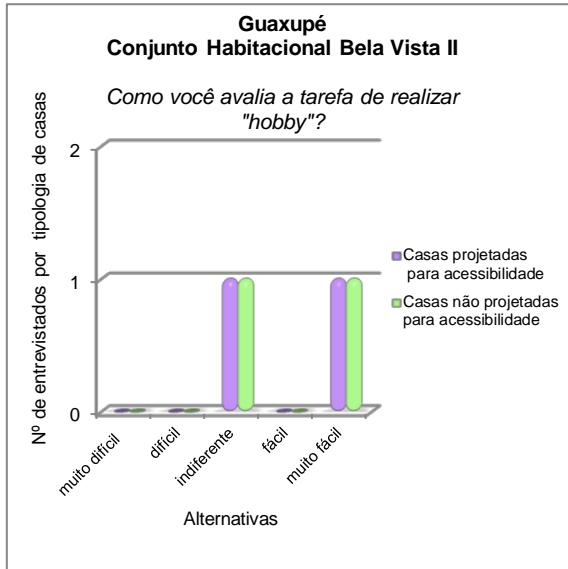


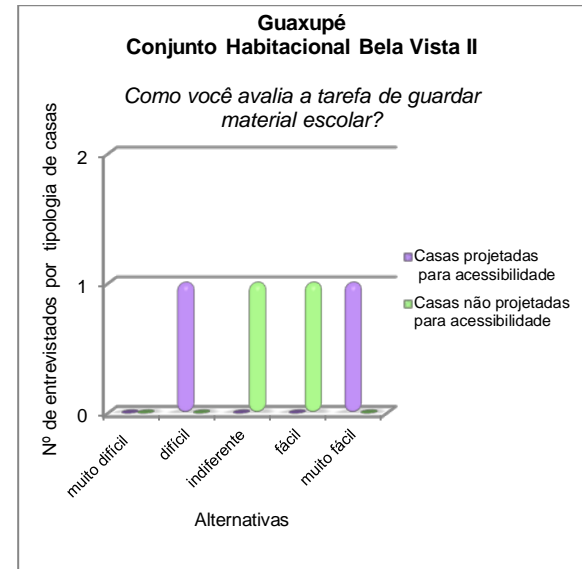
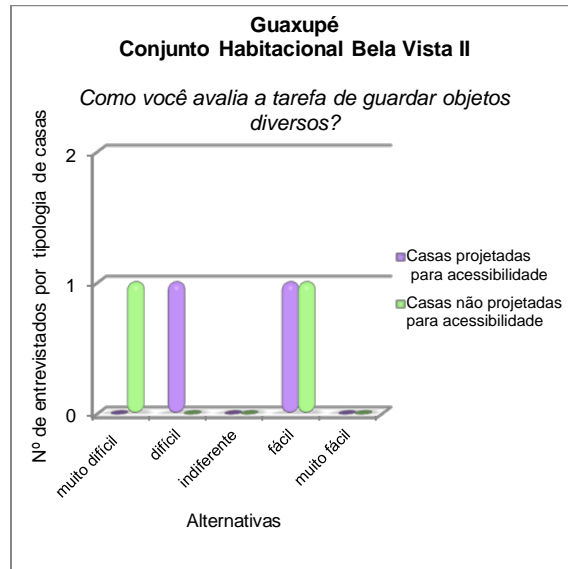
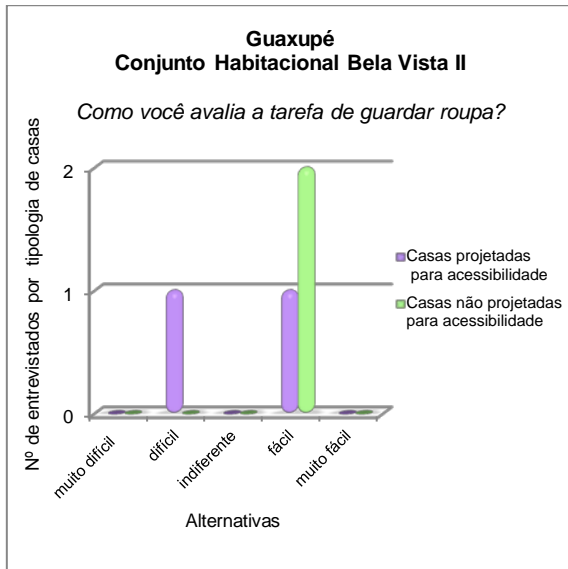
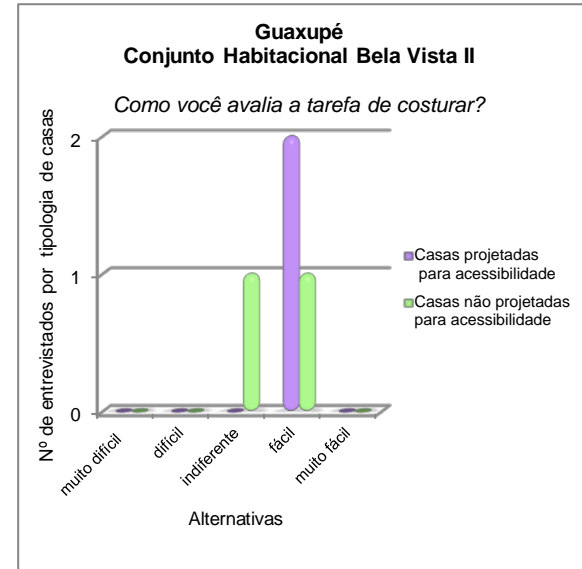
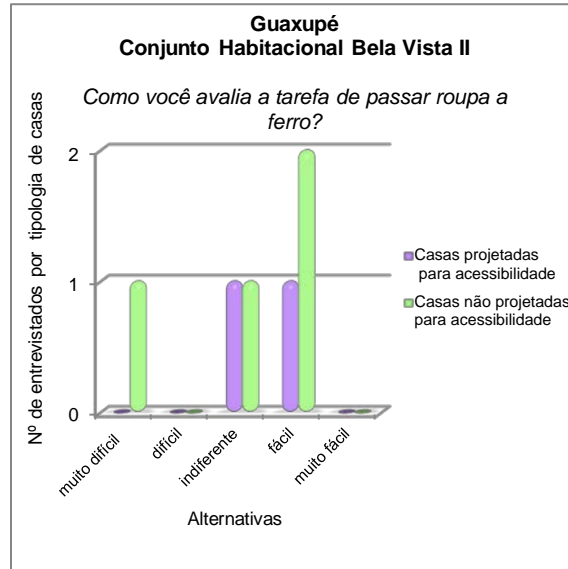
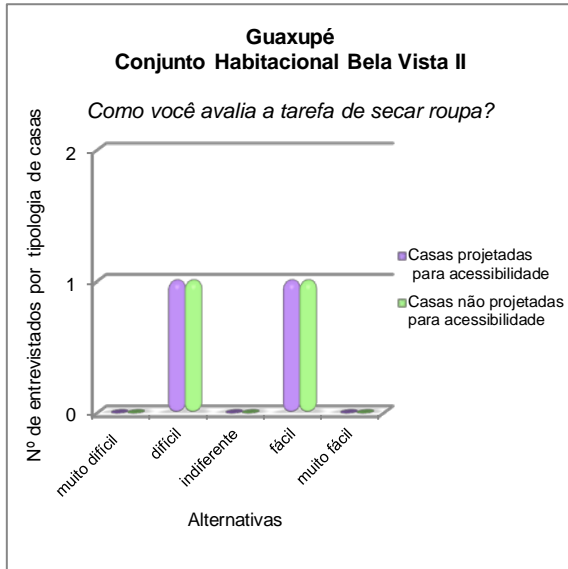


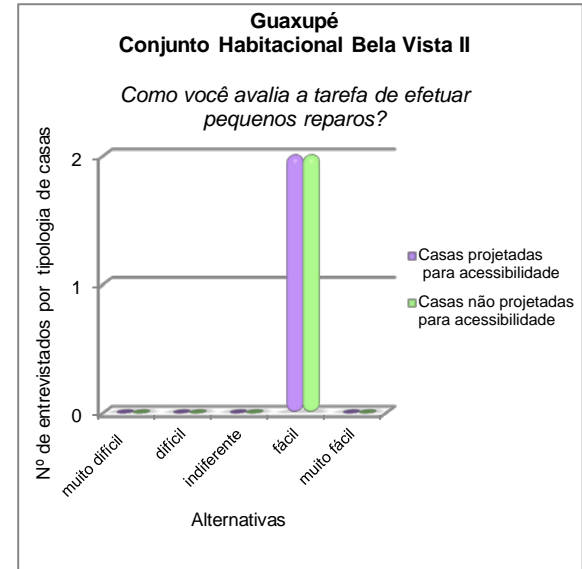
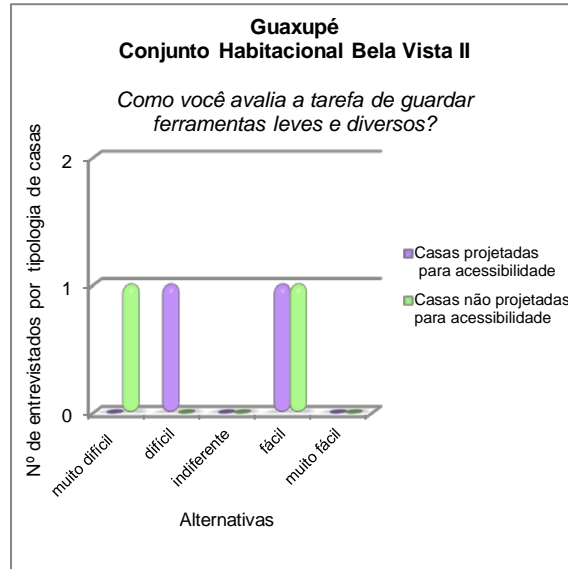
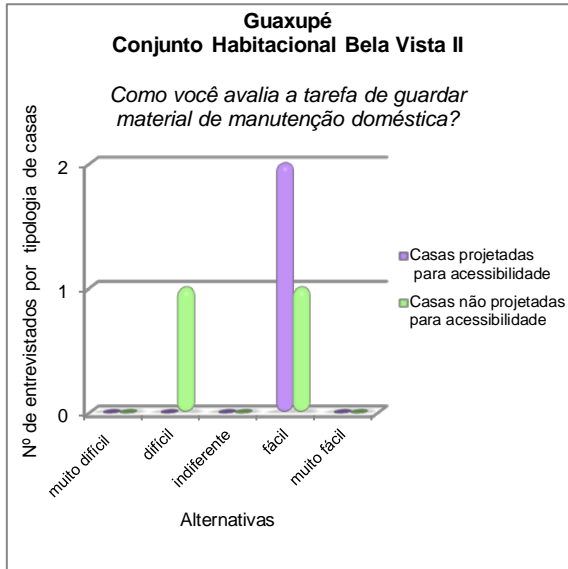






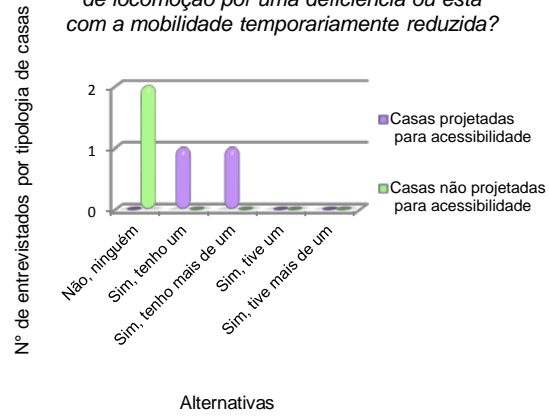






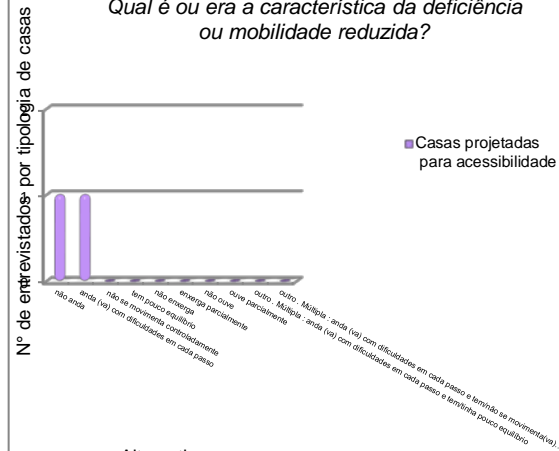
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Algum membro da família possui dificuldade de locomoção por uma deficiência ou está com a mobilidade temporariamente reduzida?



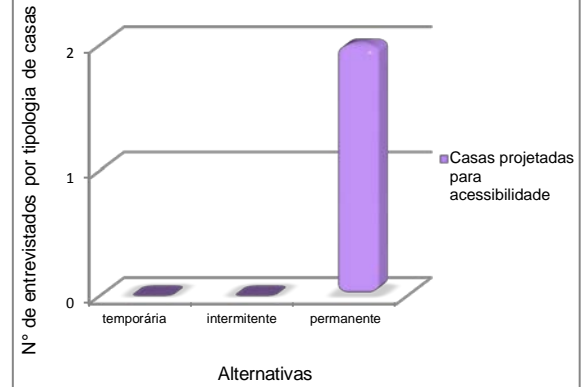
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual é ou era a característica da deficiência ou mobilidade reduzida?



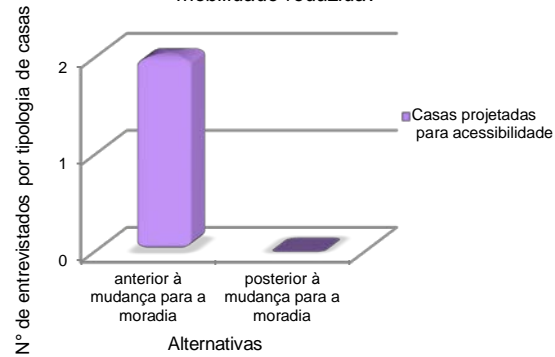
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual tem sido ou foi a duração dessa deficiência ou mobilidade reduzida?



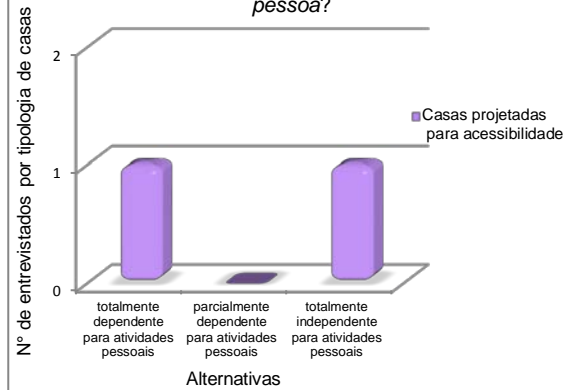
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Quando ocorreu essa deficiência ou mobilidade reduzida?



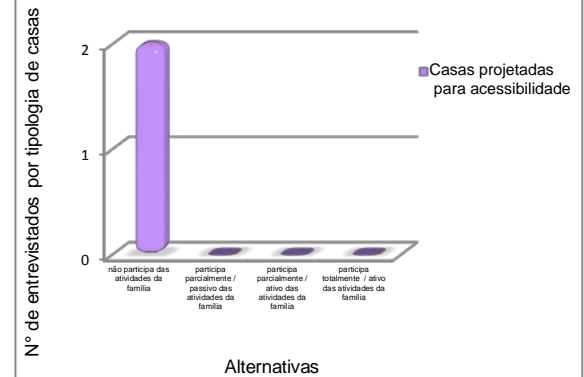
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

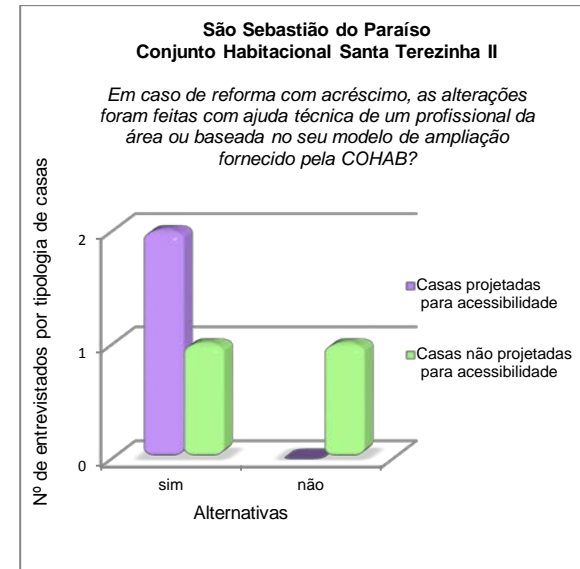
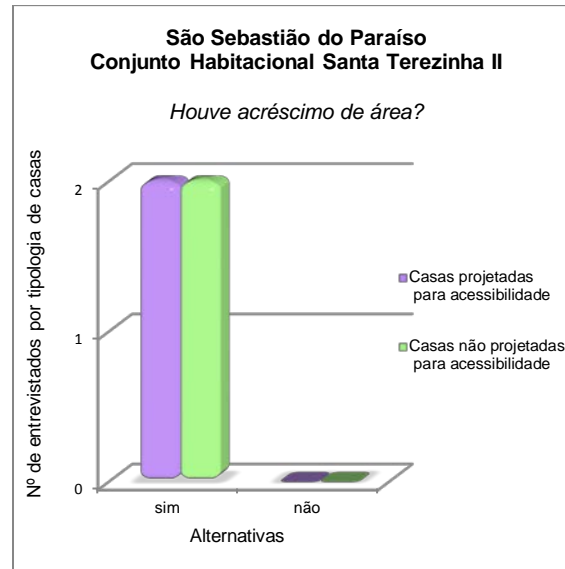
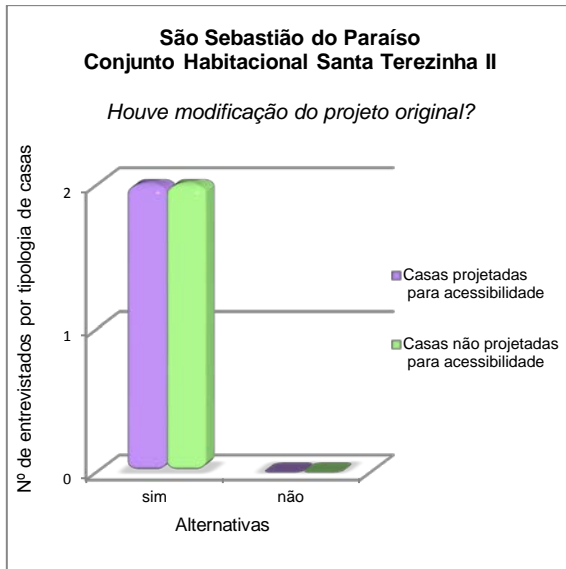
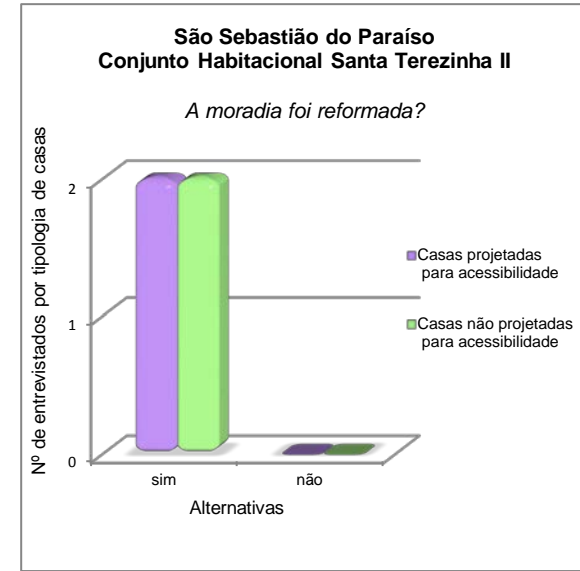
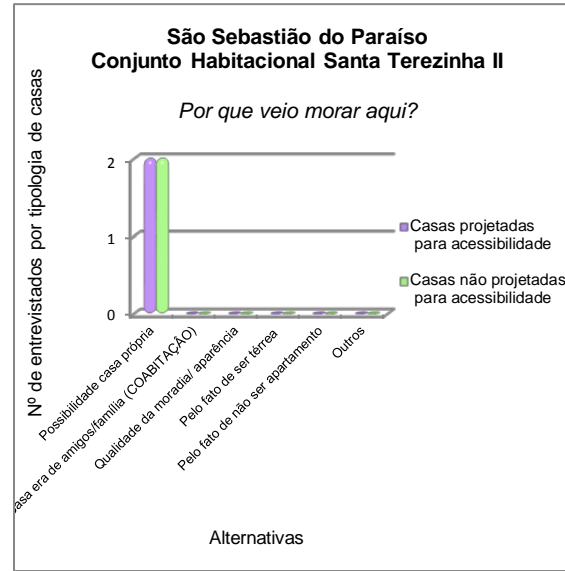
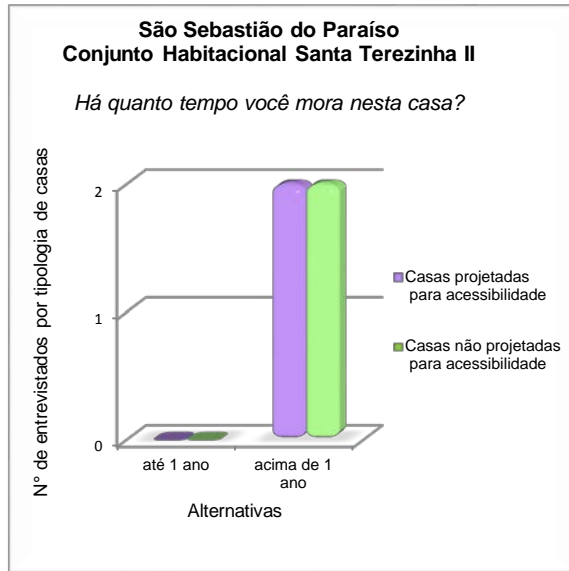
Qual é/era a relação da família na vida dessa pessoa?

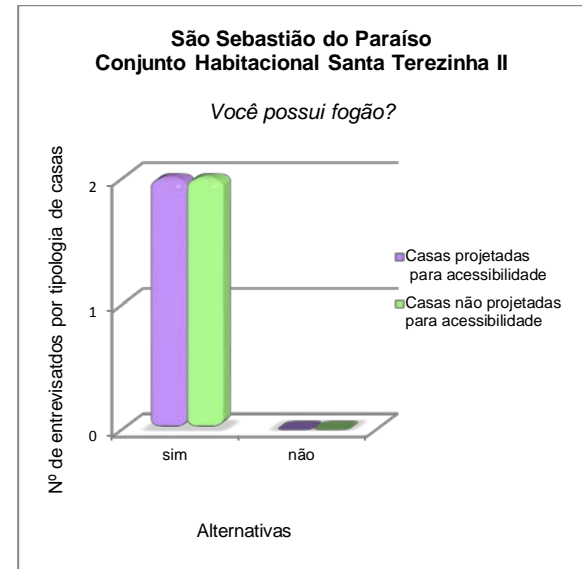
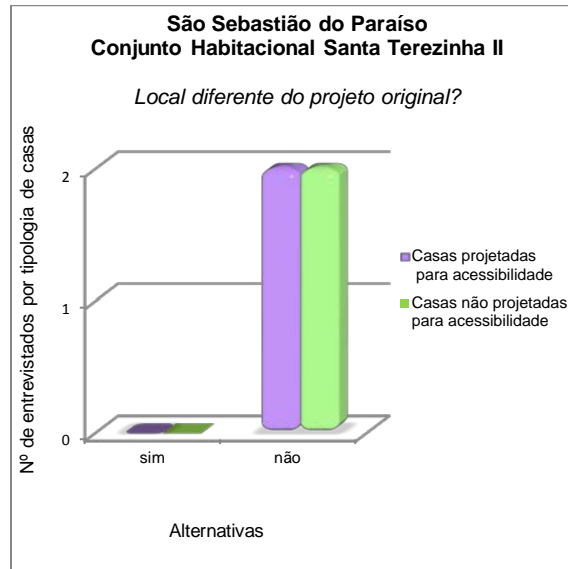
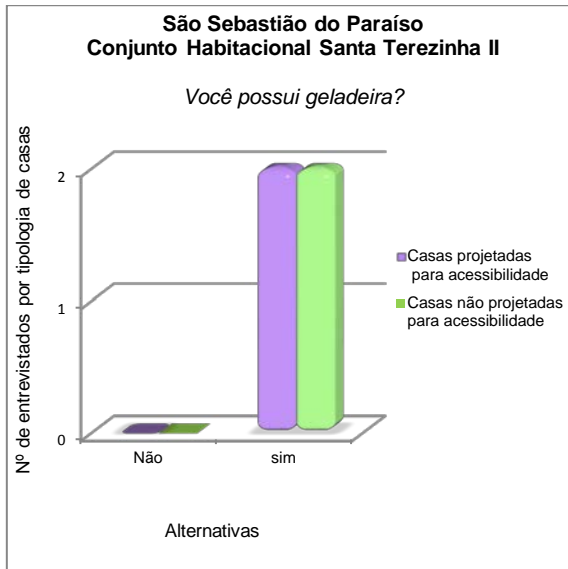
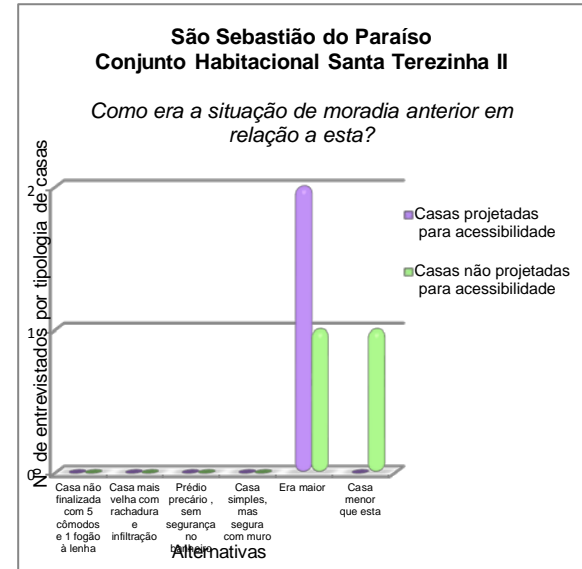
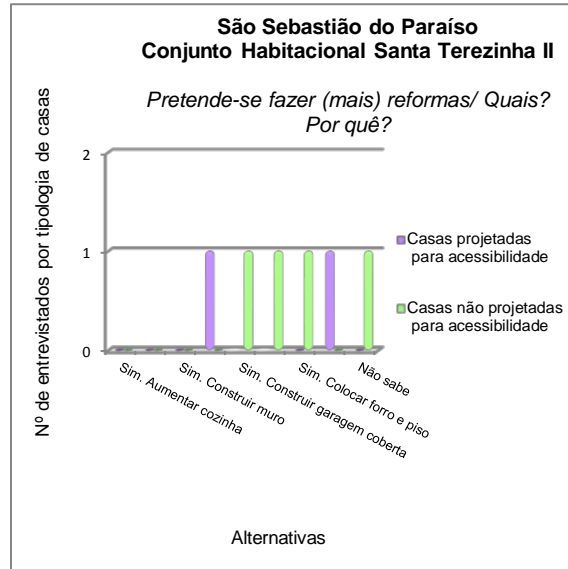
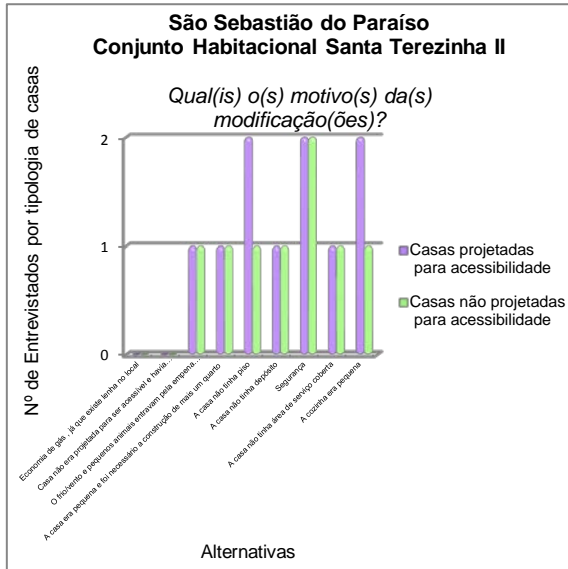


**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual é/era a relação dessa pessoa na vida da família?

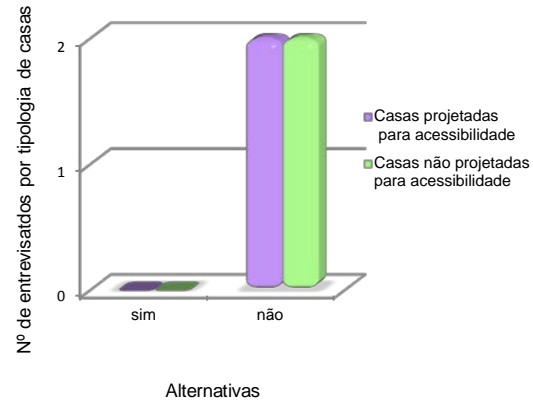






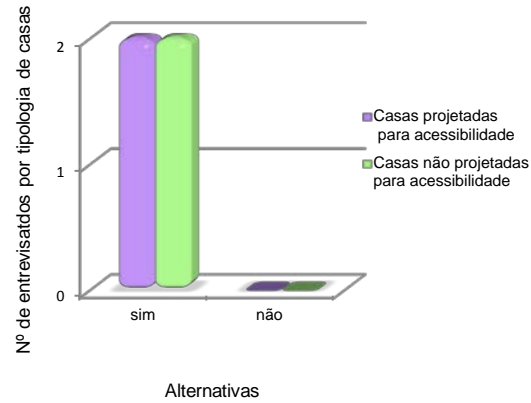
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Local diferente do projeto original?



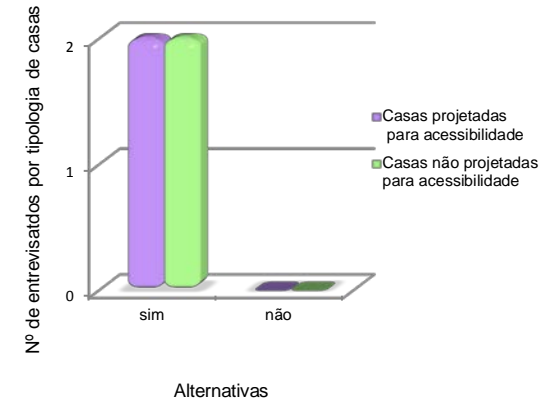
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Você máquina de lavar roupas?



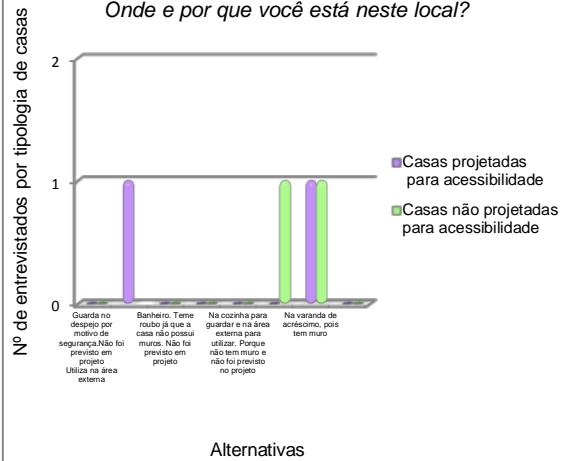
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Local diferente do projeto original?



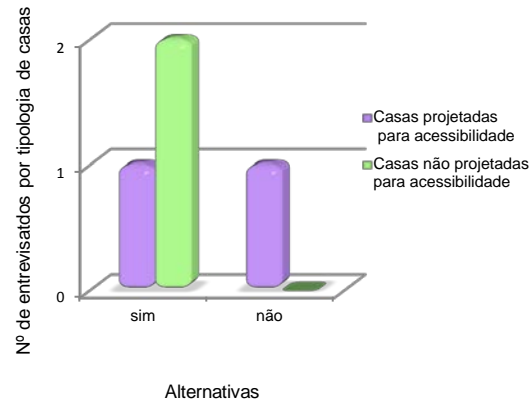
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Onde e por que você está neste local?



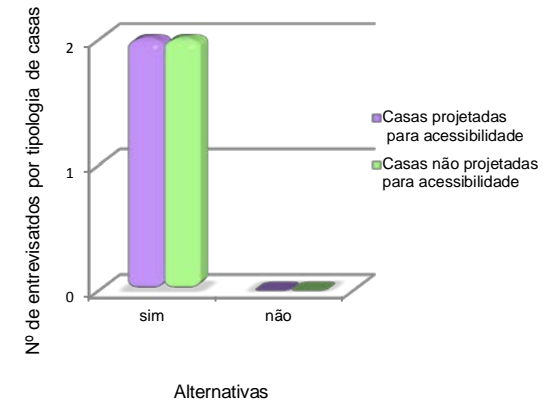
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Você possui mesa de passa roupas?



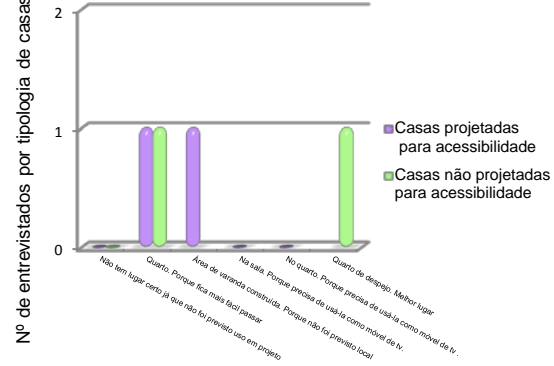
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Local diferente do projeto original?



**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

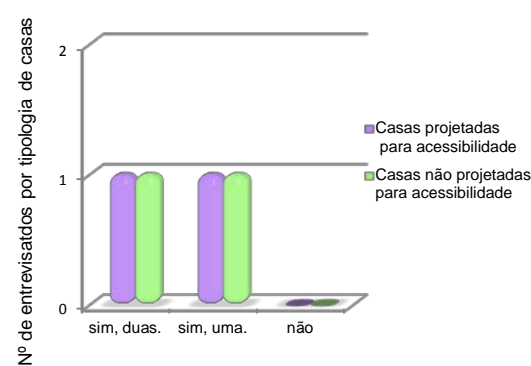
Onde e por que está neste local?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

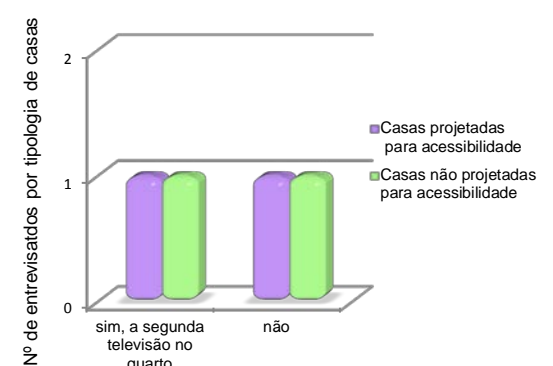
Você possui televisão?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

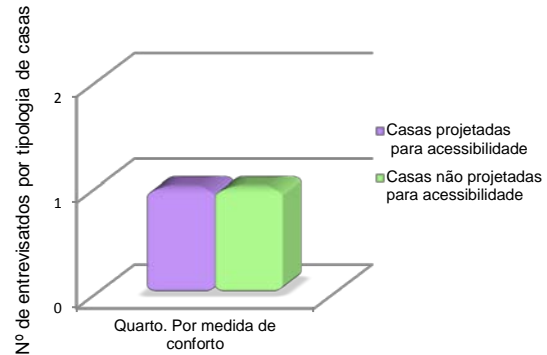
Local diferente do projeto original?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

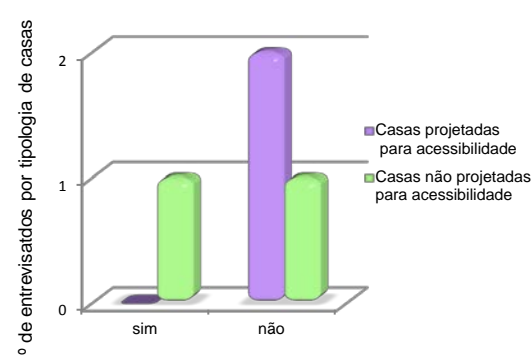
Onde e por que esta neste local?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

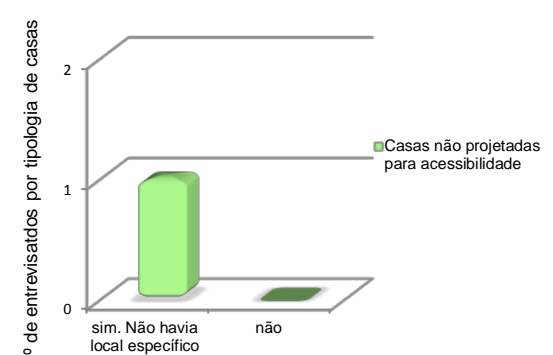
Você possui computador?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

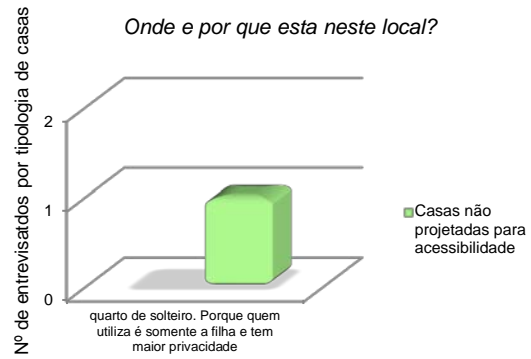
Local diferente do projeto original?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

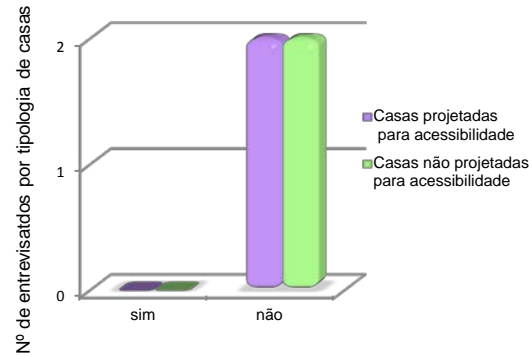
Onde e por que esta neste local?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

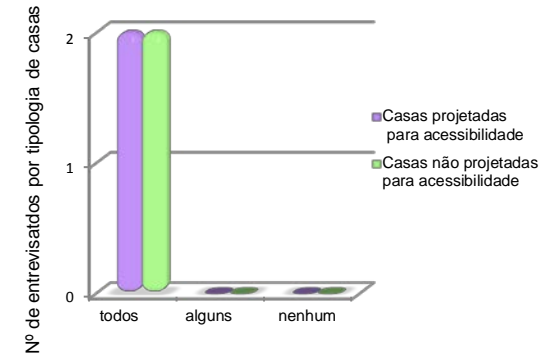
Você possui automóvel?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

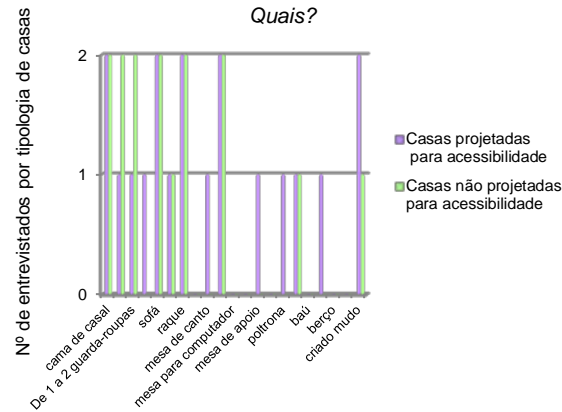
O mobiliário foi trazido de moradia anterior?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

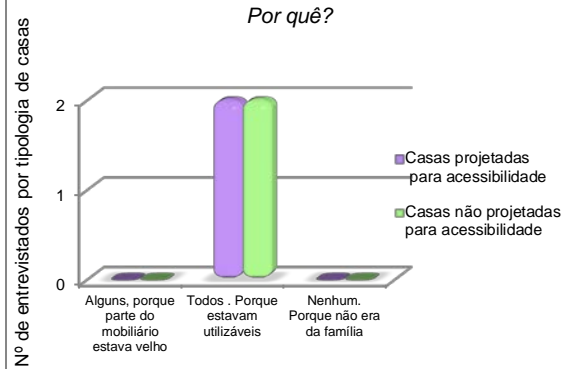
Quais?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Por quê?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

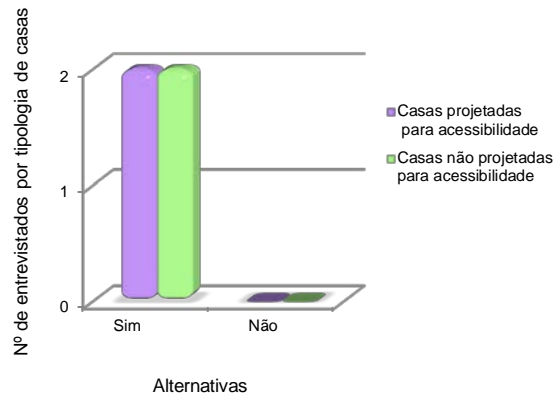
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: A rua da moradia é pavimentada?



Alternativas

**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há transporte urbano acessível?



**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: As pessoas estacionam o carro na via?



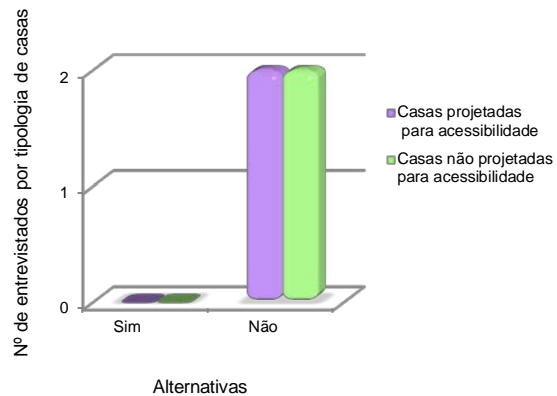
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há passeios / calçadas no conjunto?



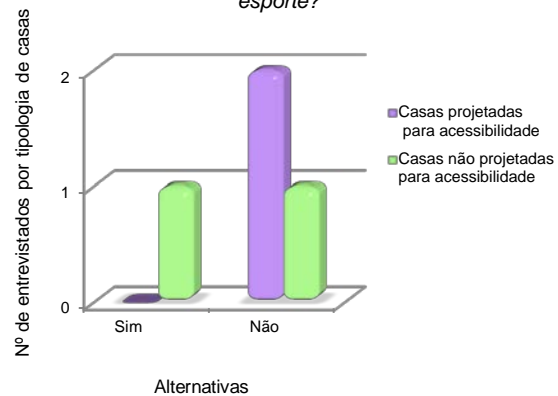
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há jardins / praças no conjunto?



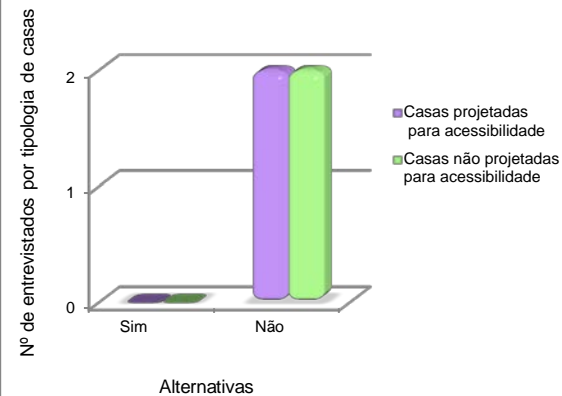
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui quadra de esporte?



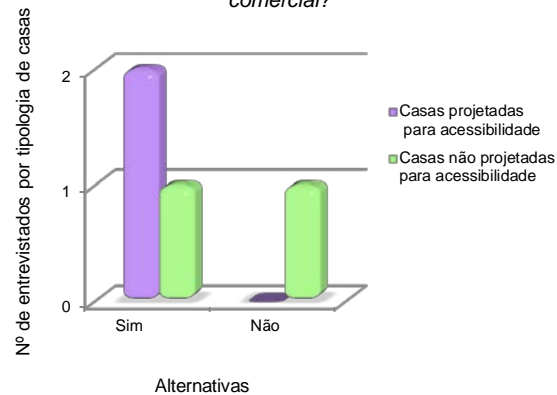
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui playground?



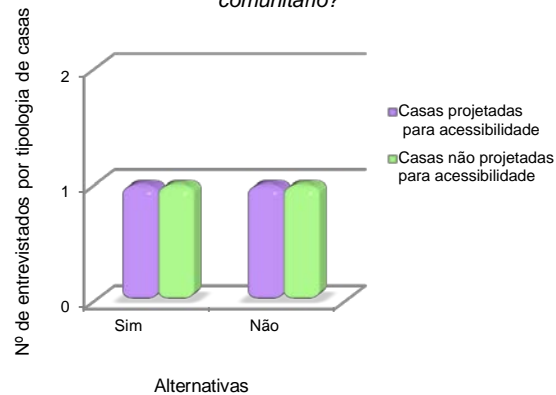
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comercial?



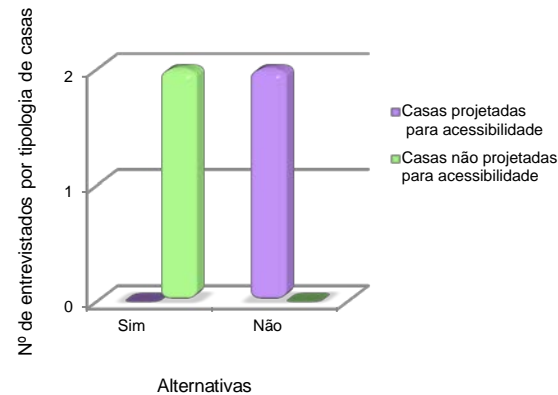
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comunitário?



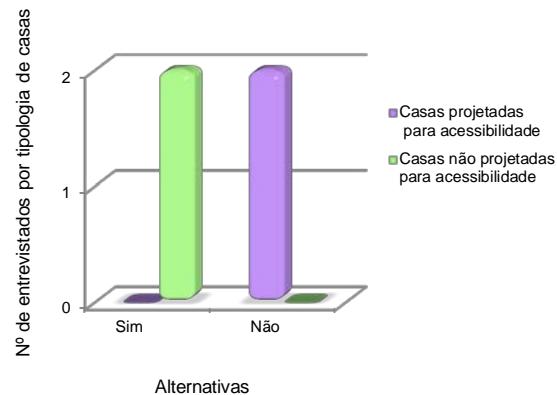
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui creche?



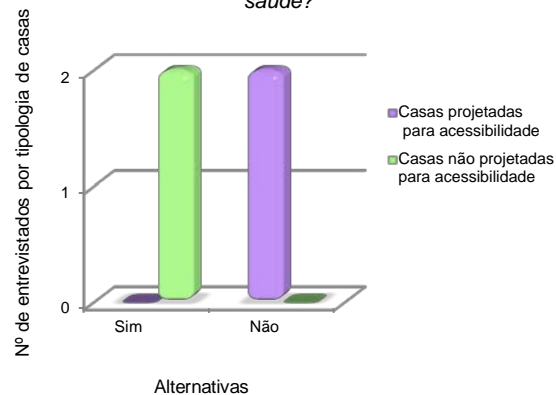
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui escola?



**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui posto de saúde?



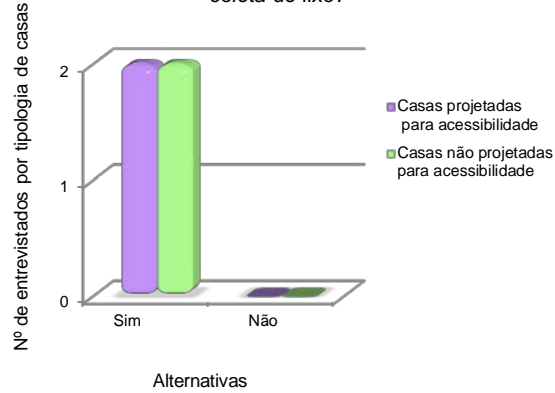
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui unidade fisioterápica?



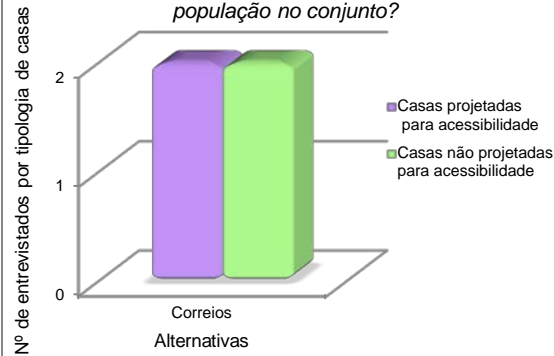
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui serviço de coleta de lixo?



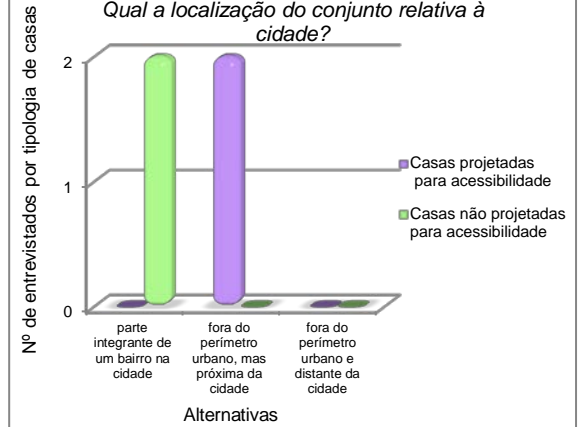
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual(is) outro(s) serviço(s)/local(s) é(são) necessário(s) para inclusão de atendimento à população no conjunto?



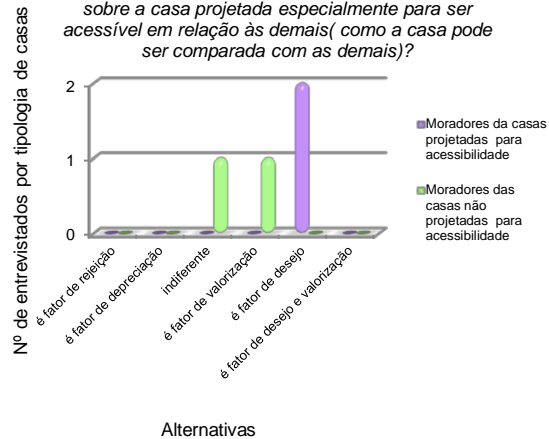
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual a localização do conjunto relativa à cidade?



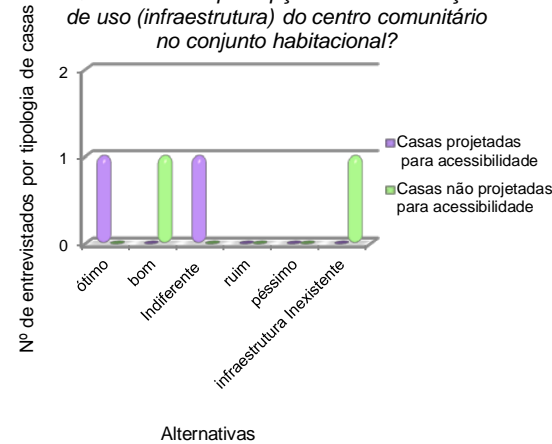
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Quais as percepções dos moradores e vizinhança sobre a casa projetada especialmente para ser acessível em relação às demais(como a casa pode ser comparada com as demais)?



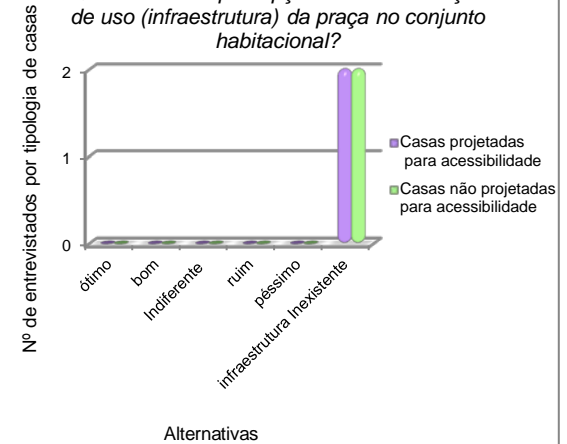
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do centro comunitário no conjunto habitacional?



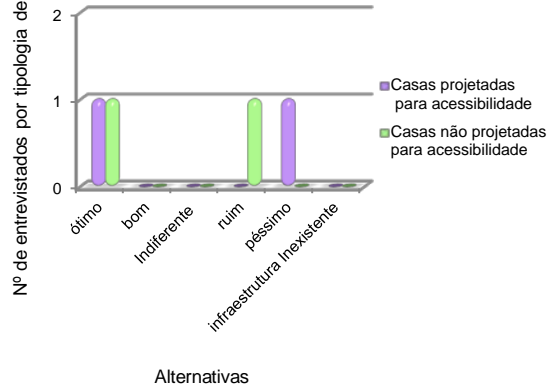
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da praça no conjunto habitacional?



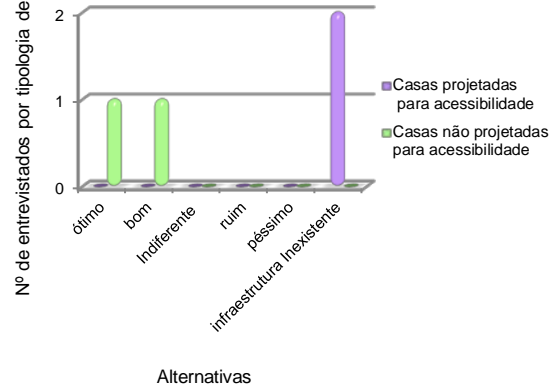
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do transporte urbano no conjunto habitacional?



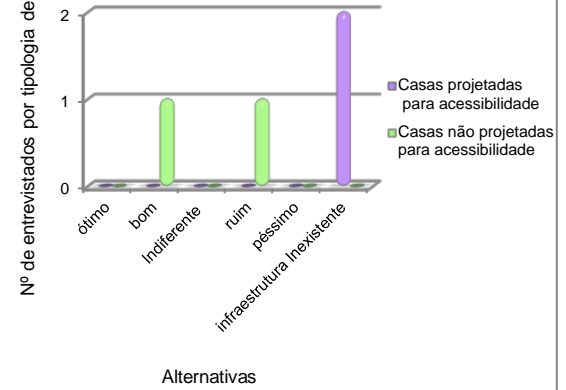
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da creche no conjunto habitacional?



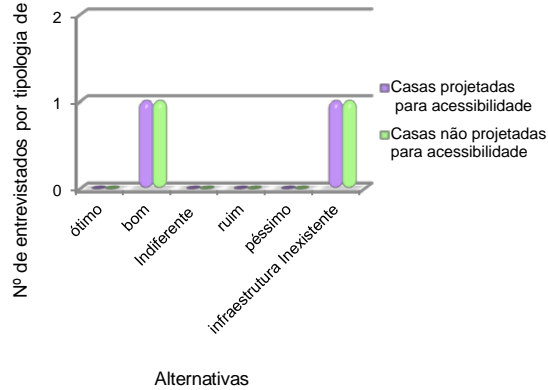
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto de saúde no conjunto habitacional?



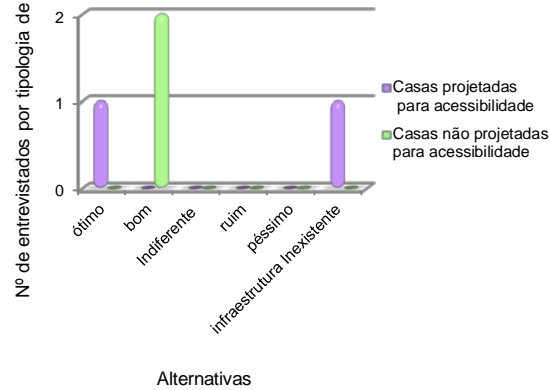
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto policial no conjunto habitacional?



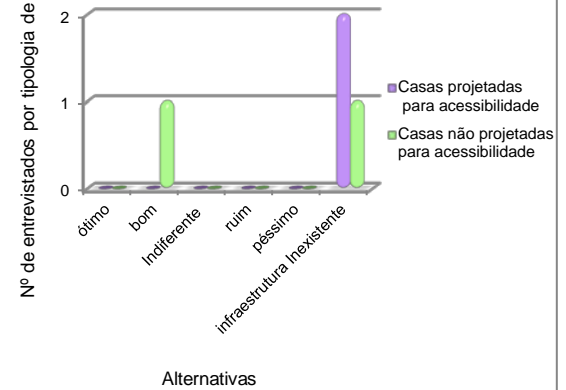
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

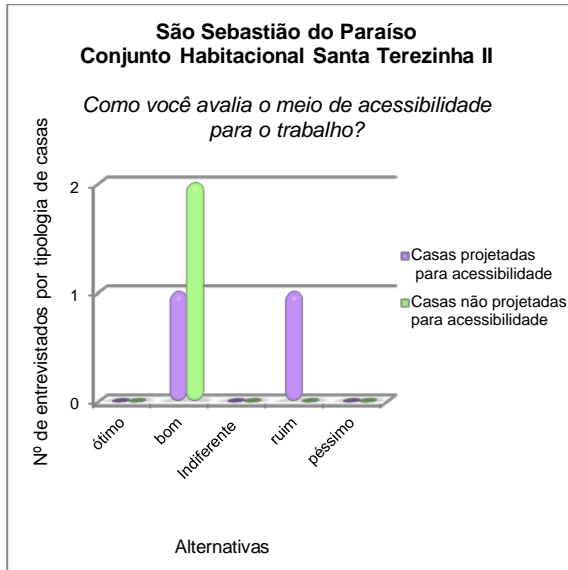
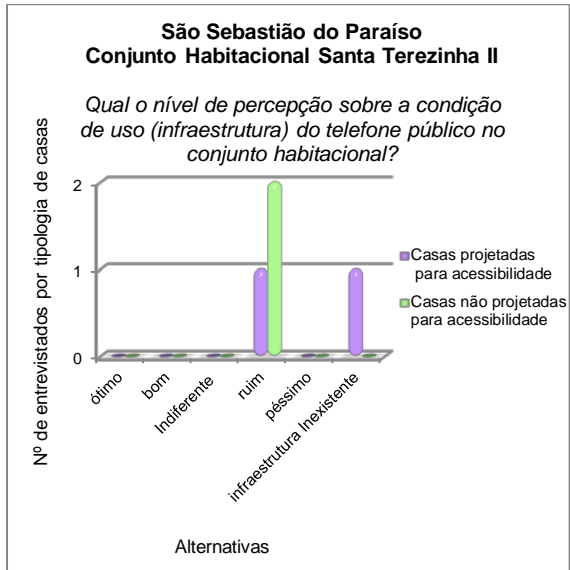
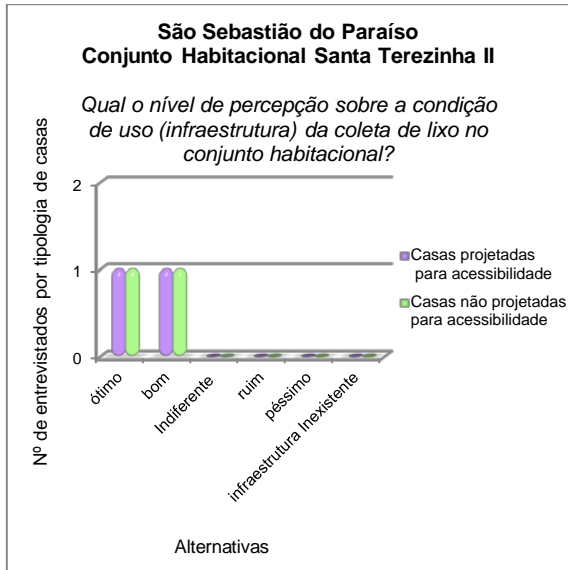
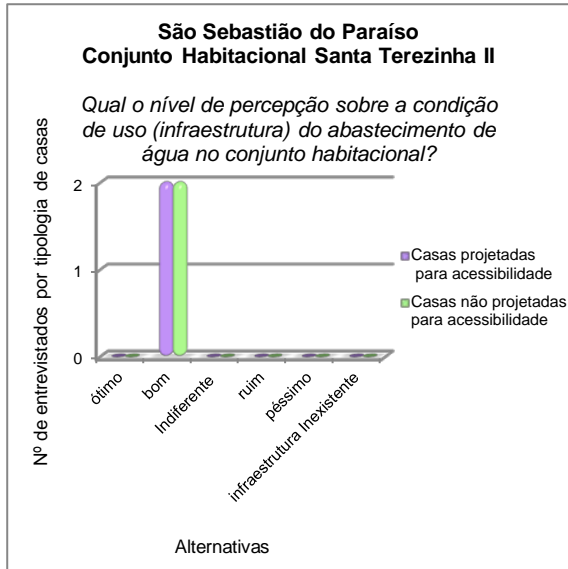
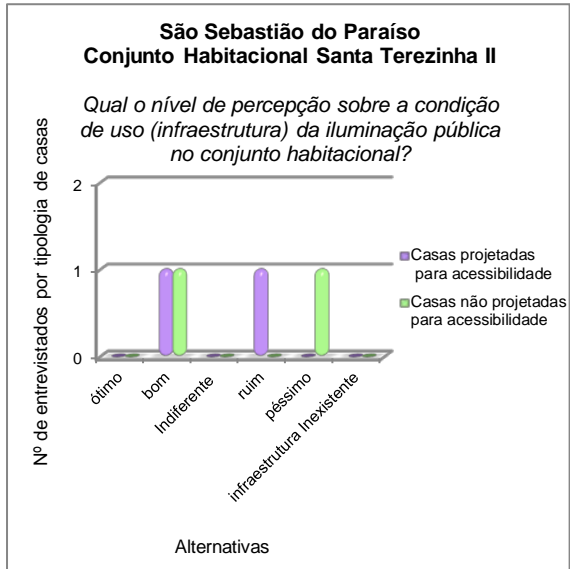
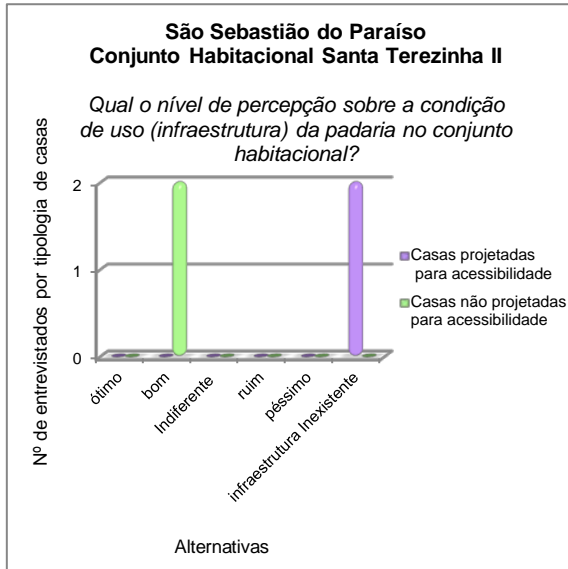
Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do mercado no conjunto habitacional?

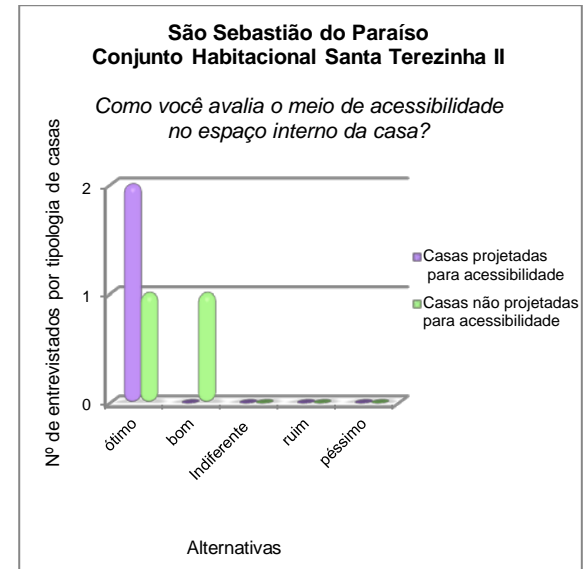
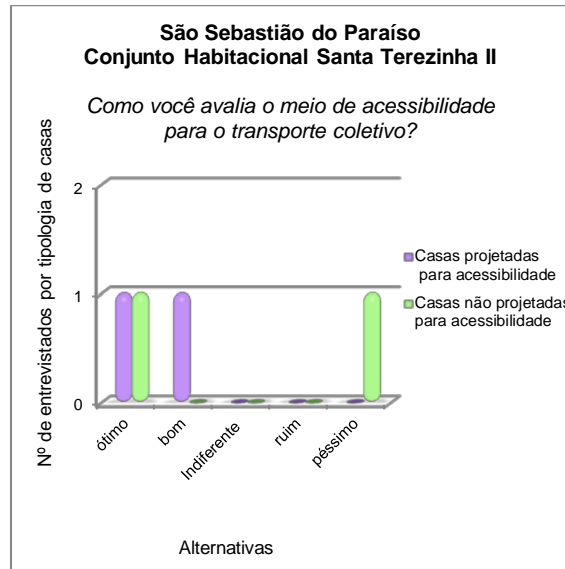
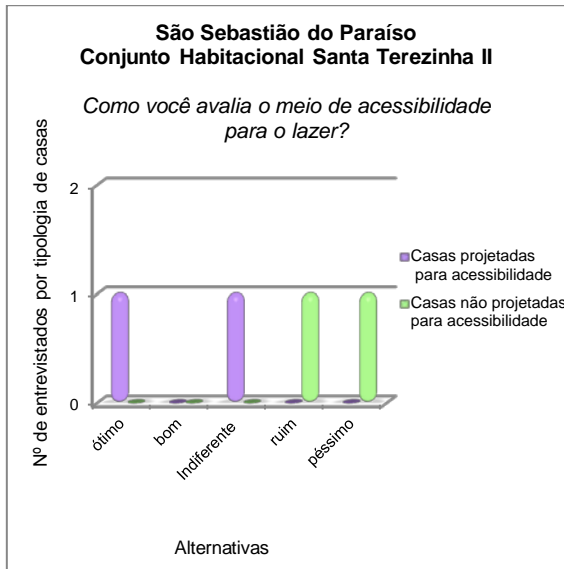
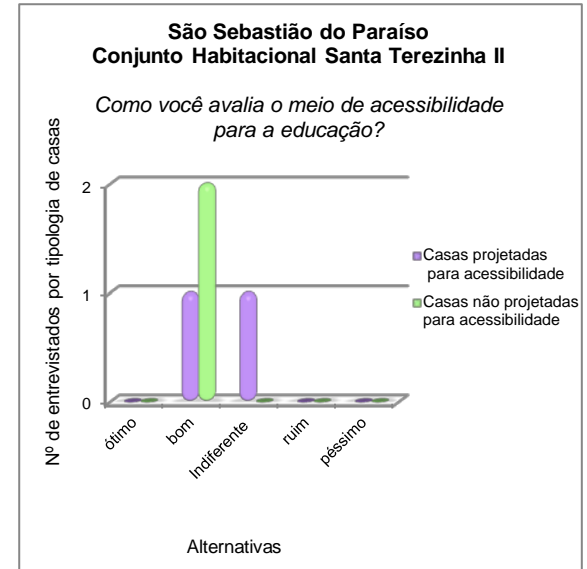
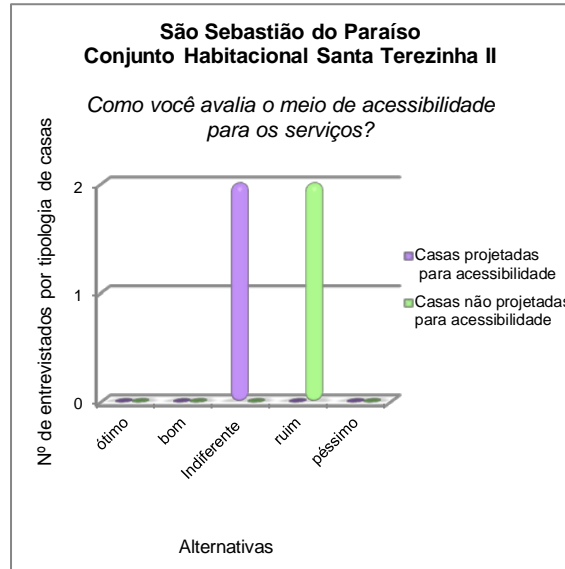
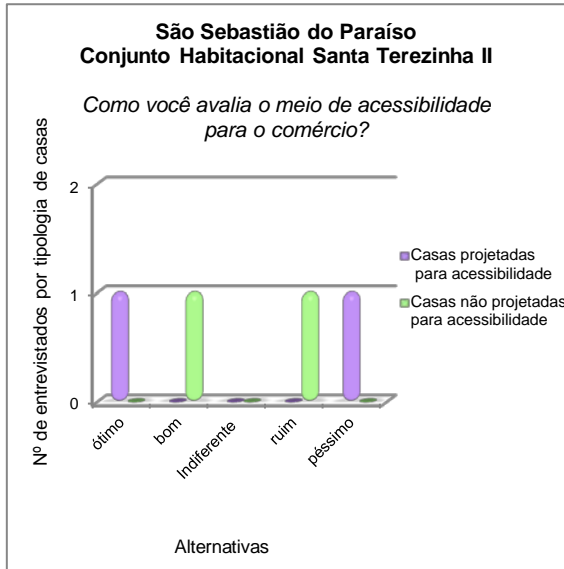


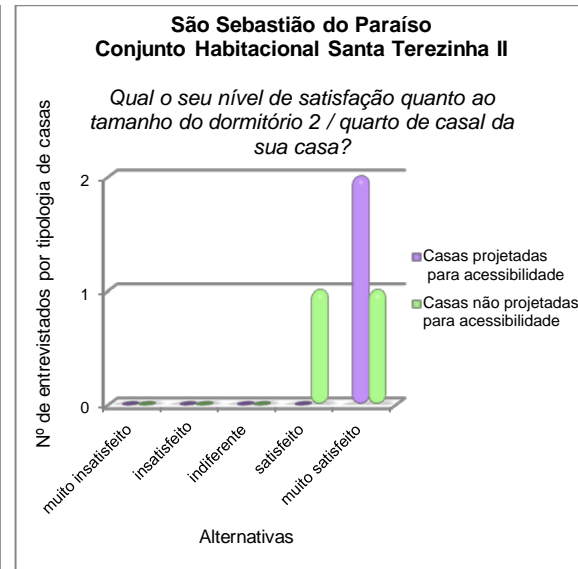
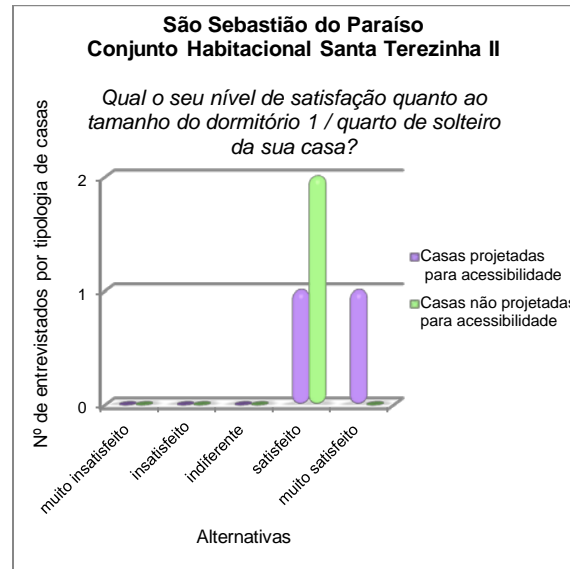
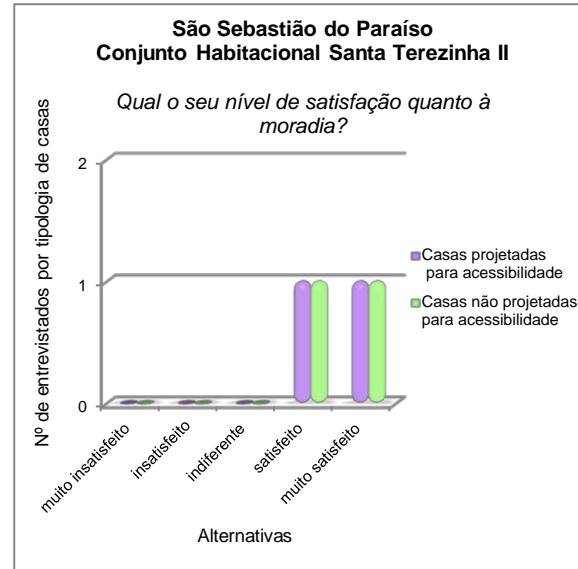
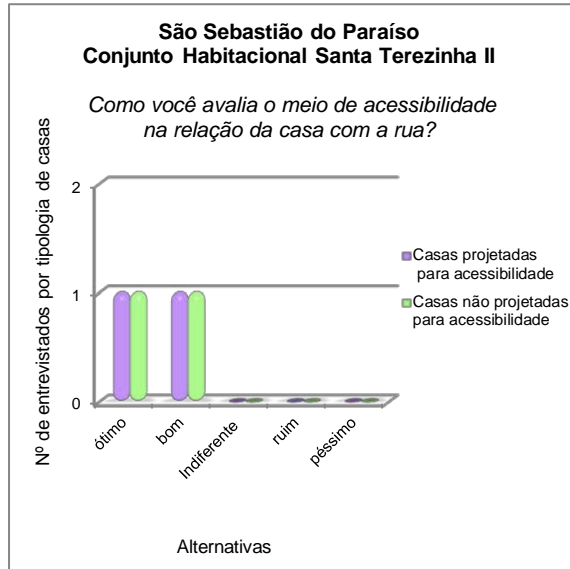
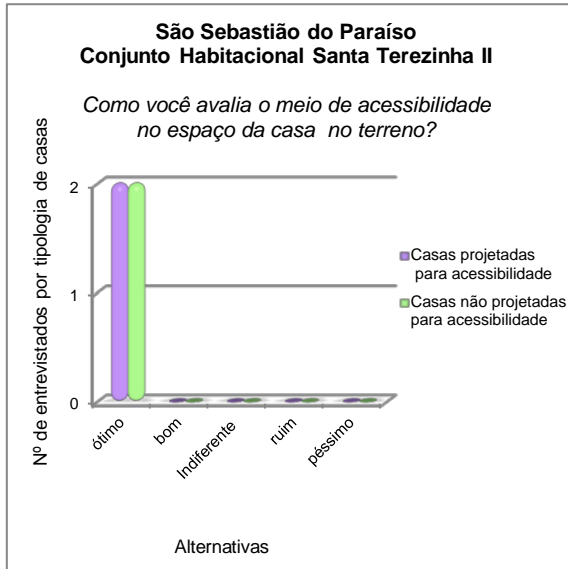
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

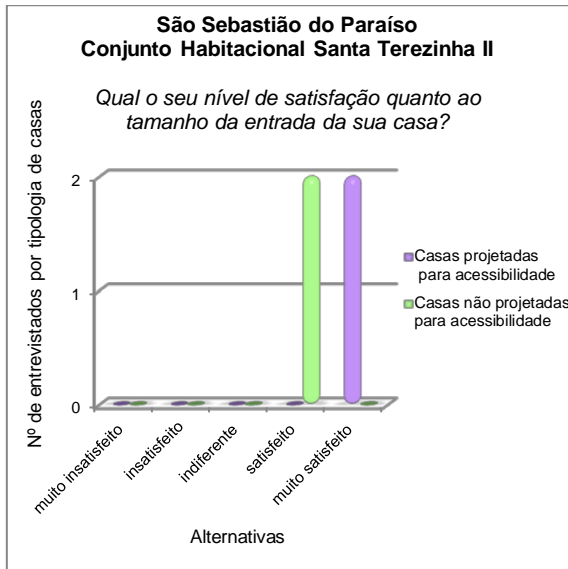
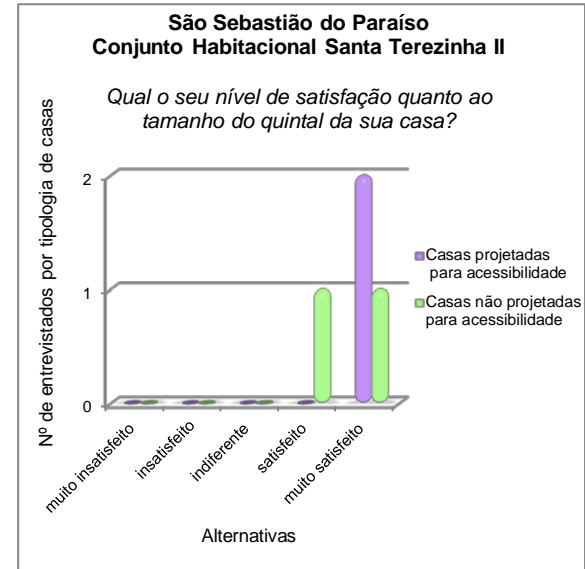
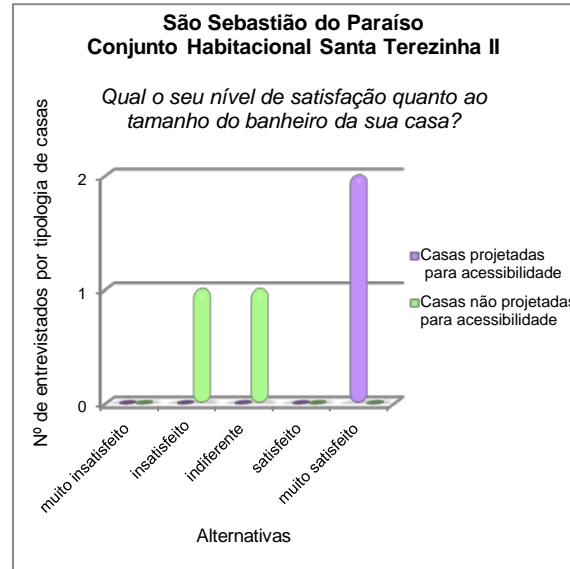
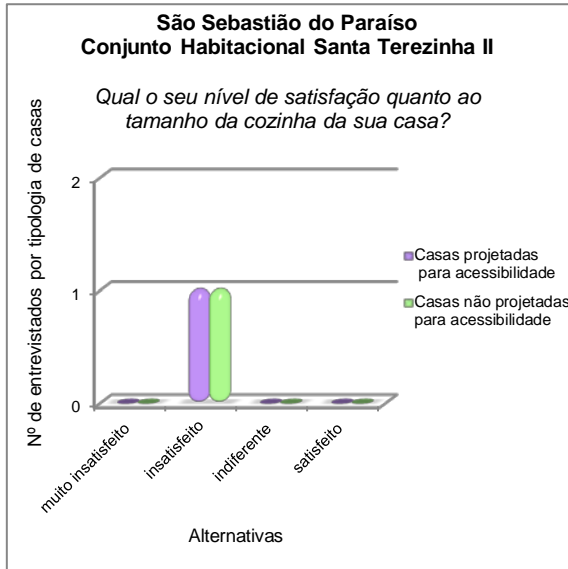
Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da farmácia no conjunto habitacional?

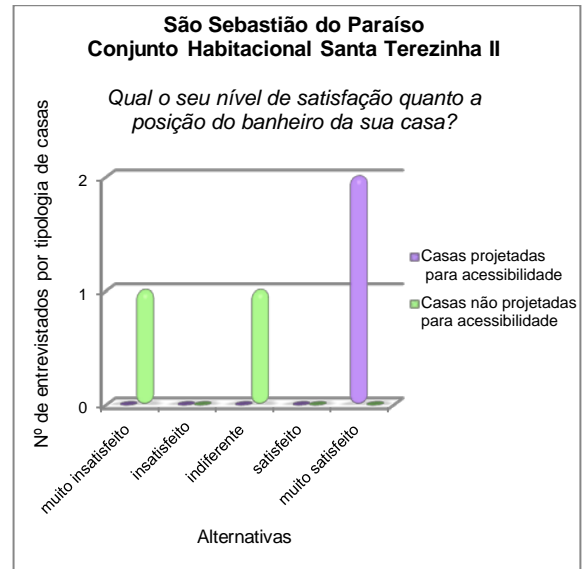
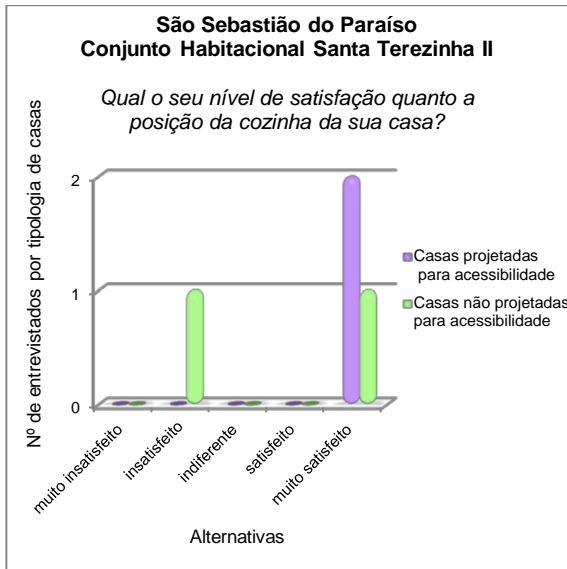
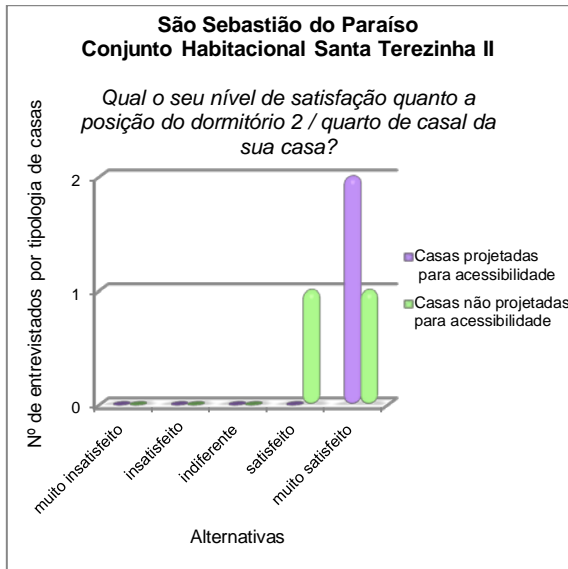
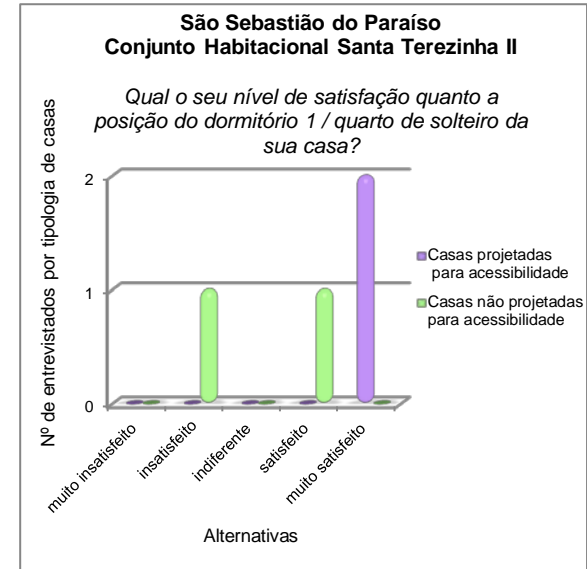
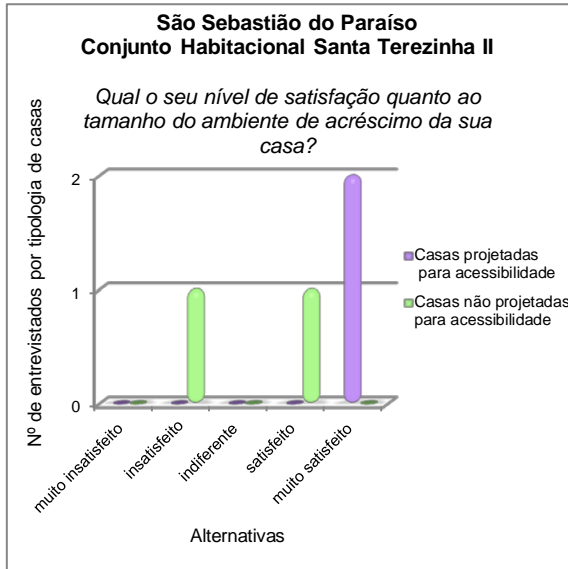


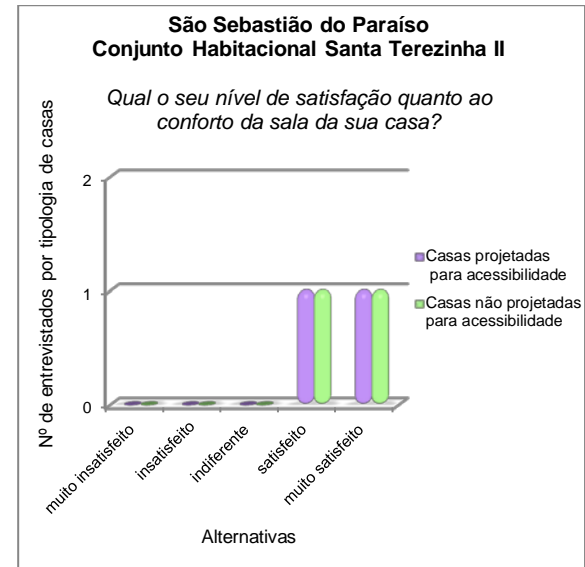
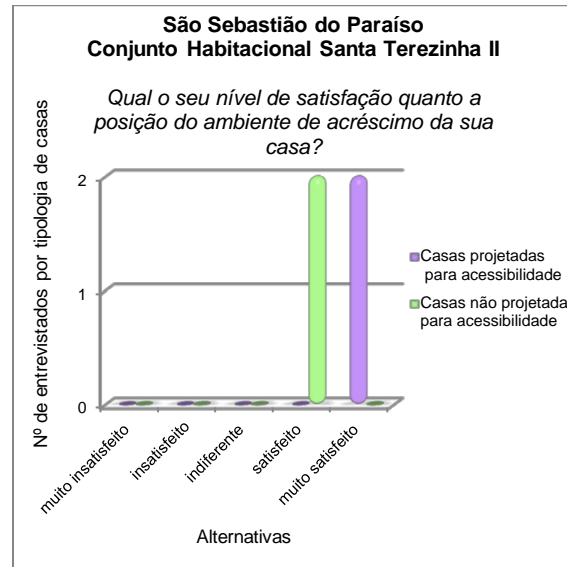
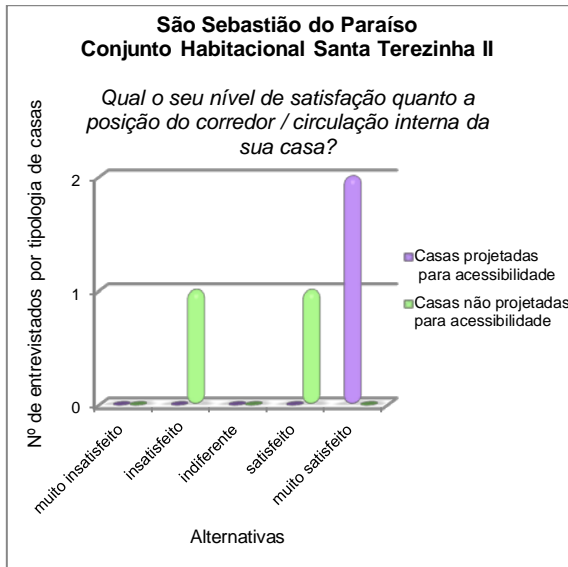
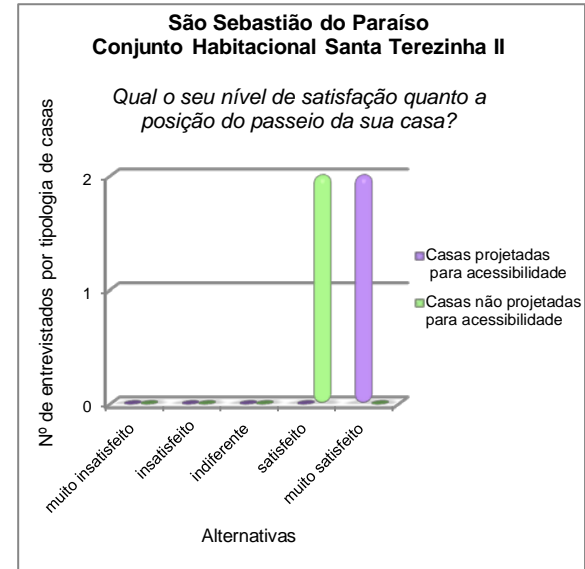
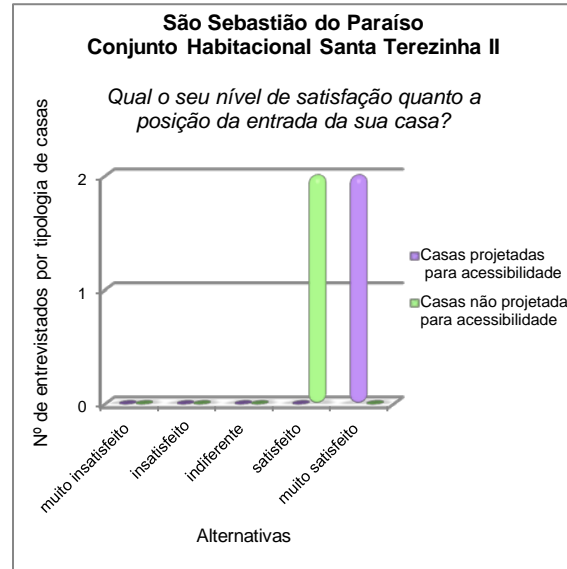
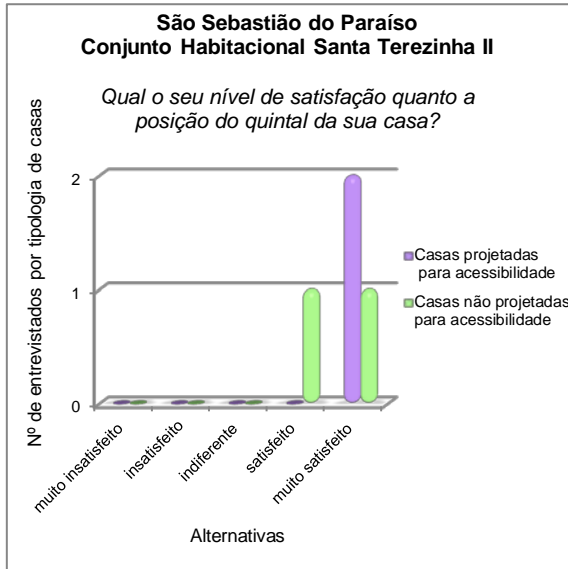


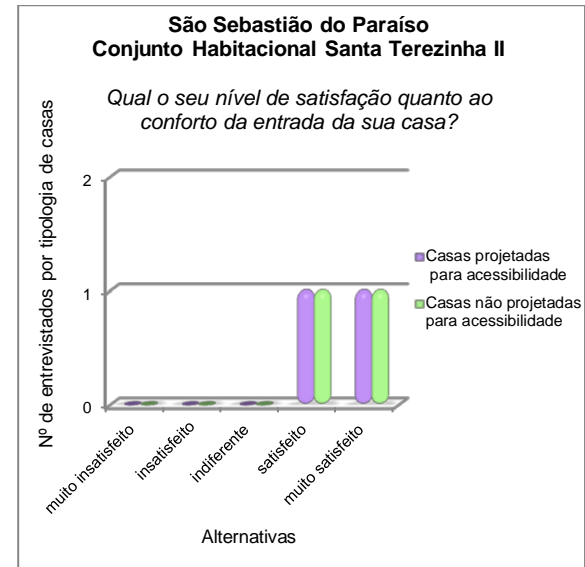
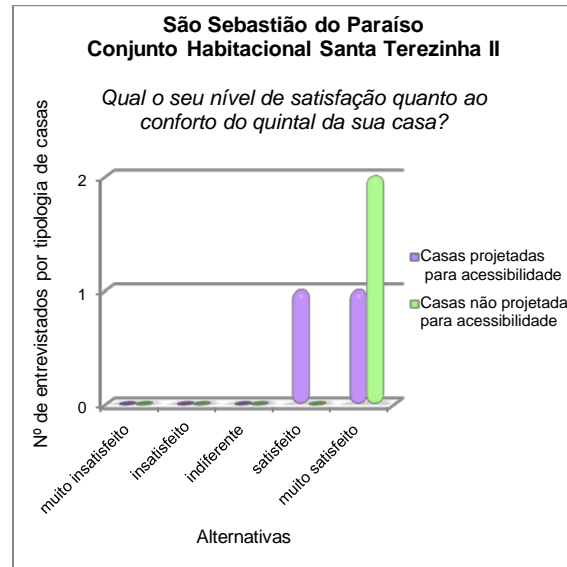
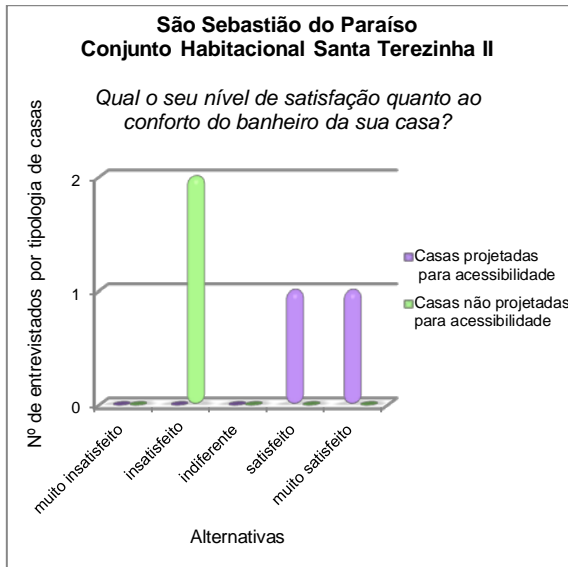
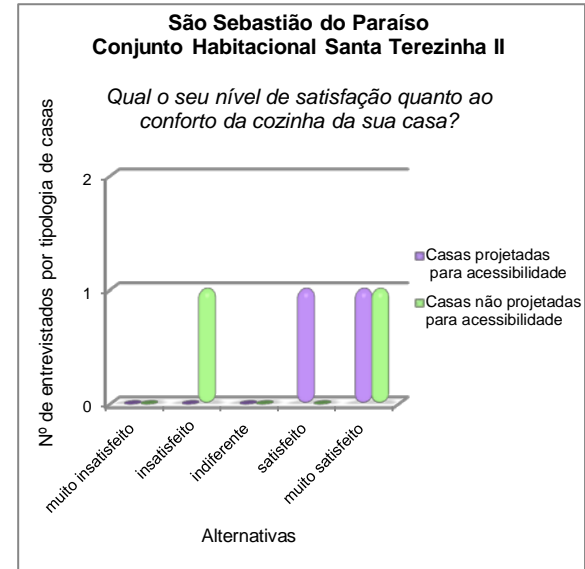
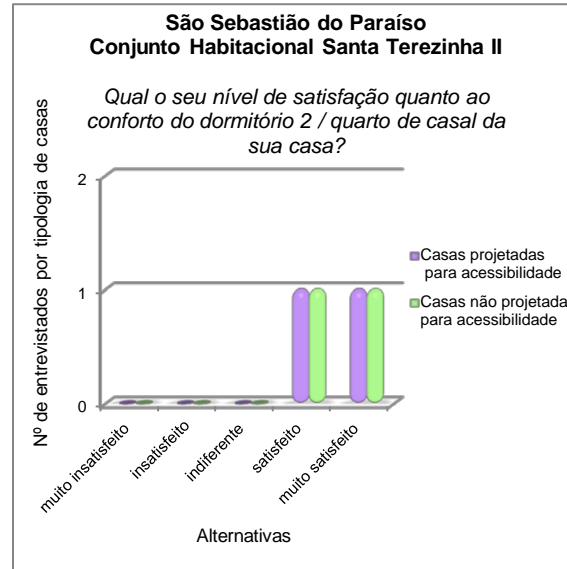
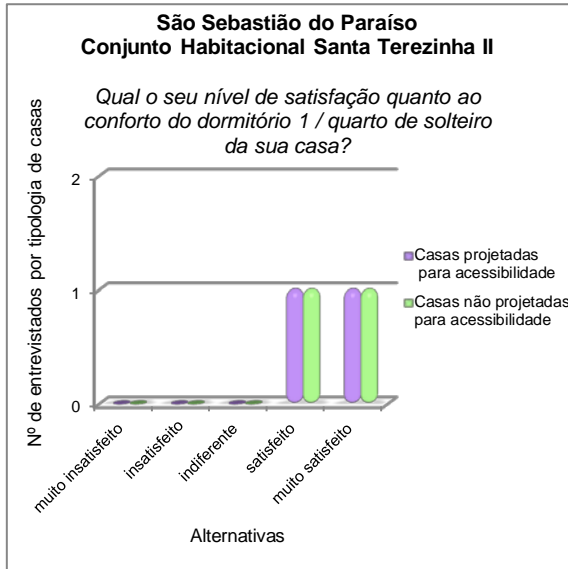


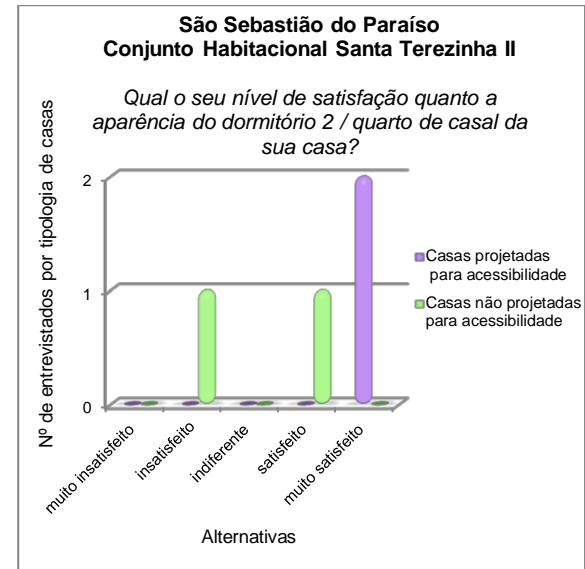
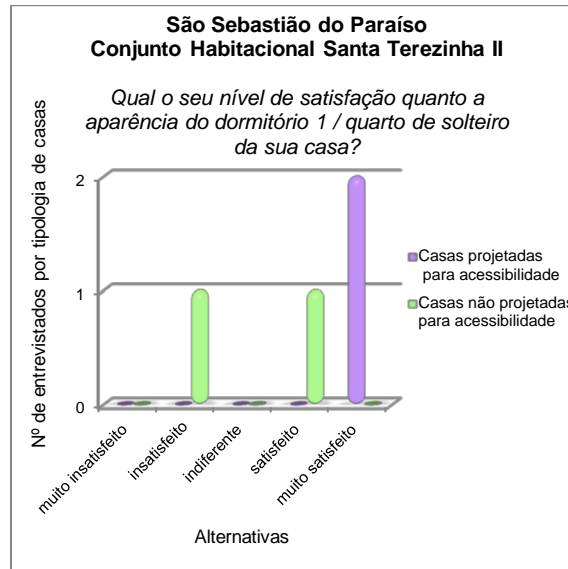
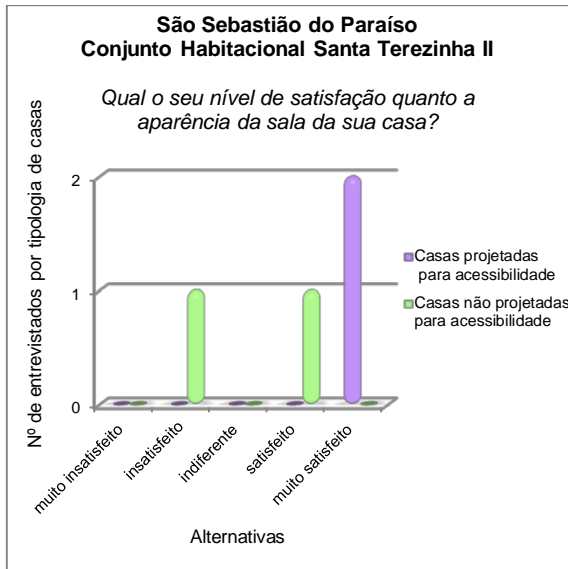
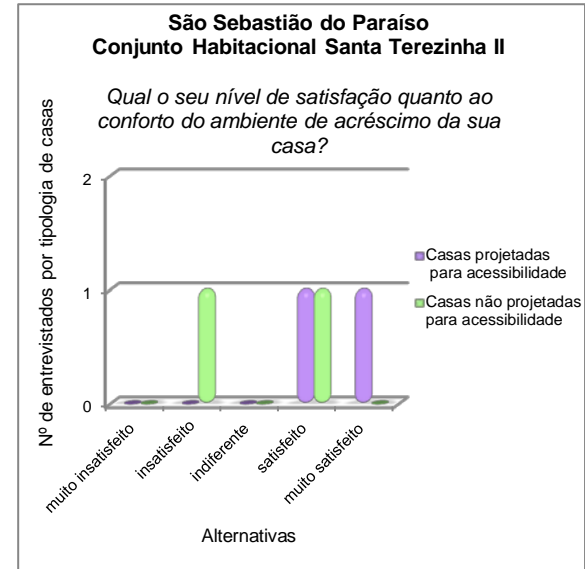
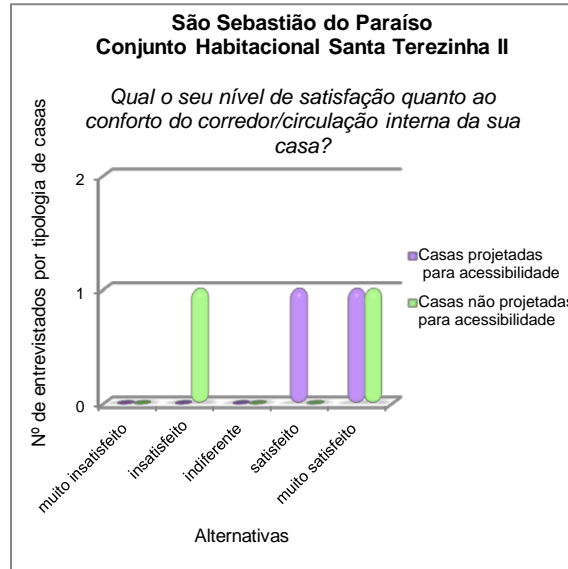
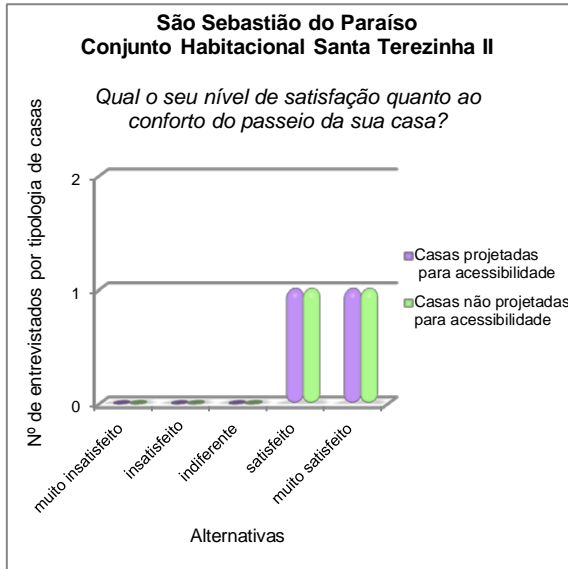


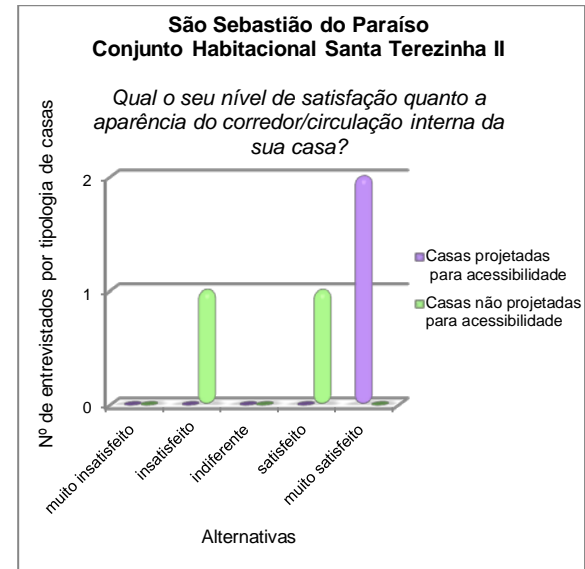
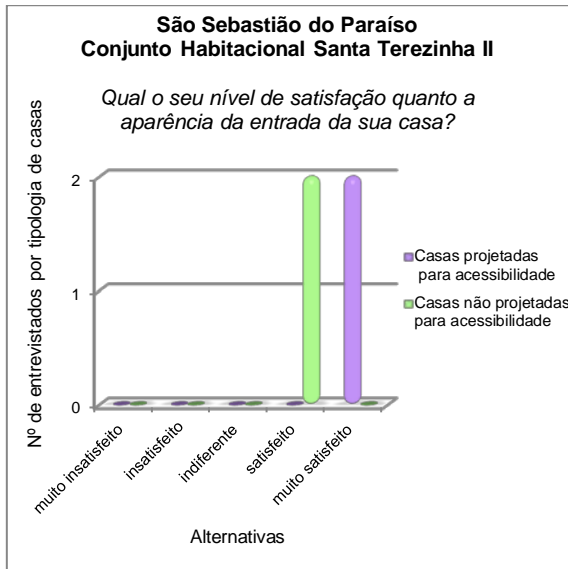
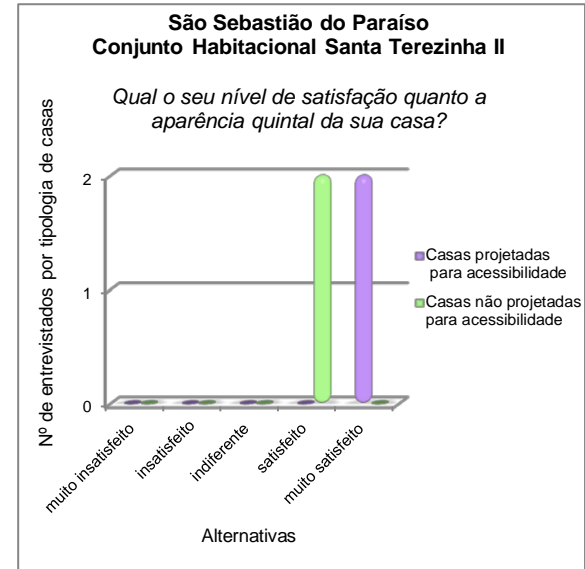
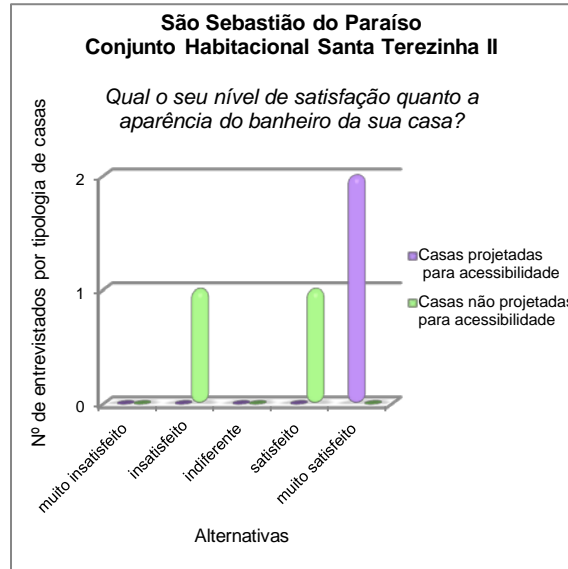
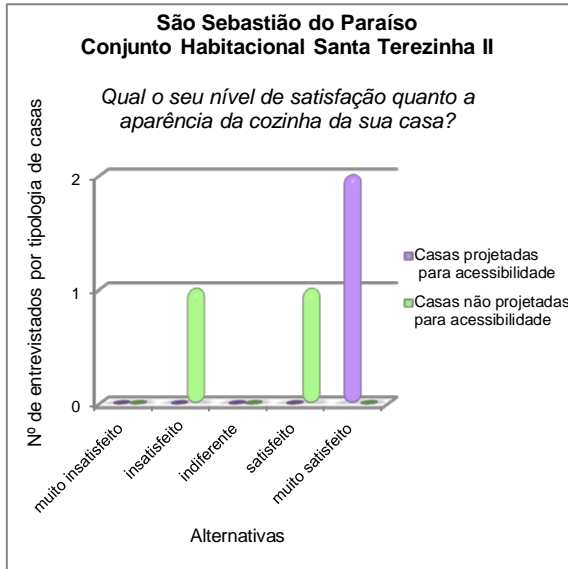


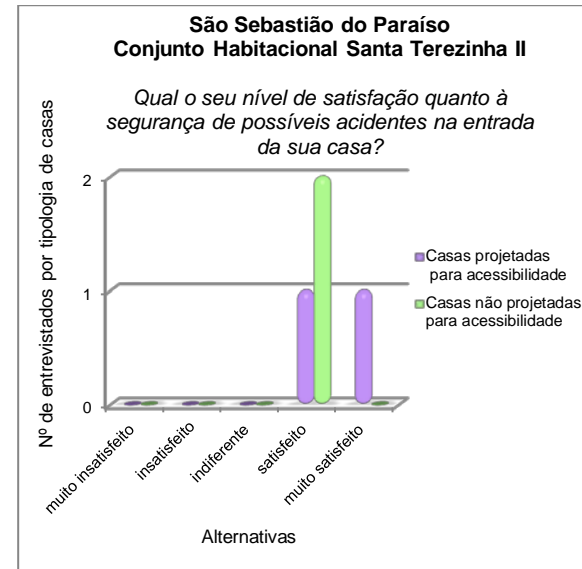
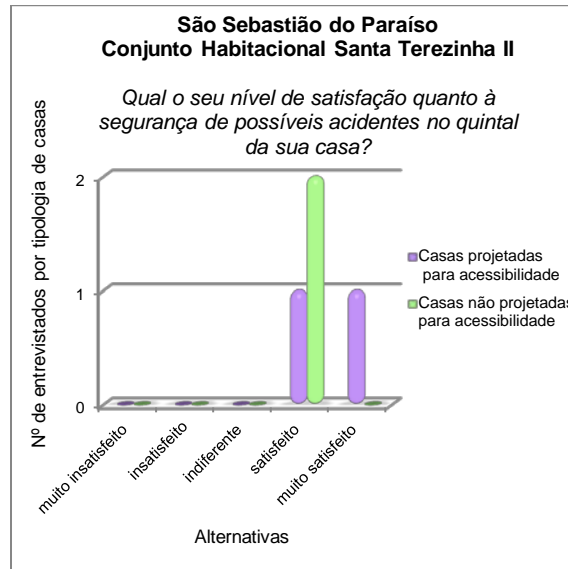
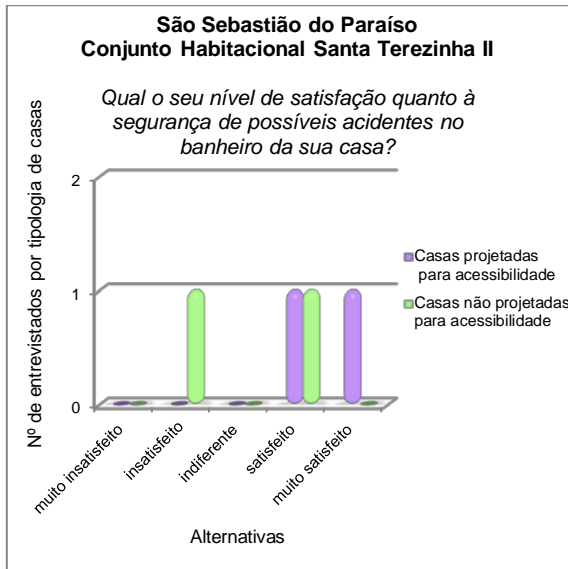
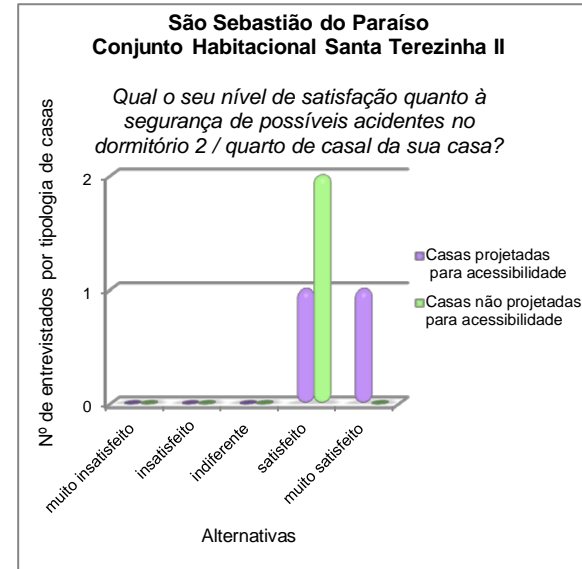
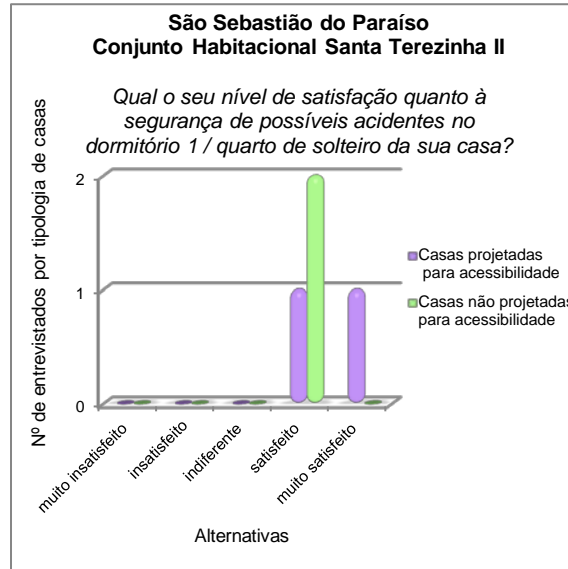
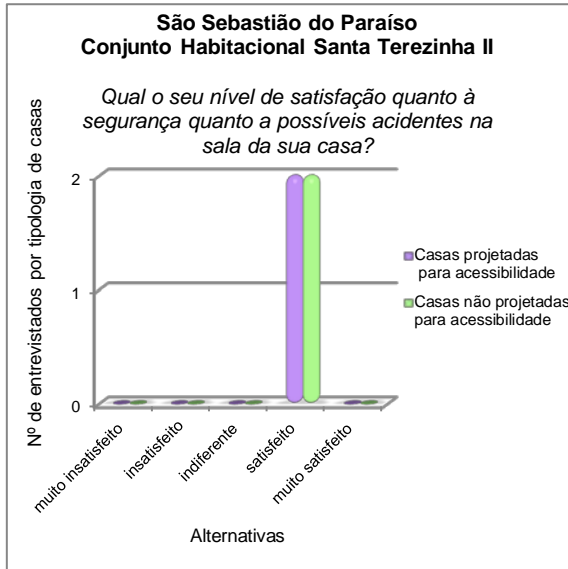






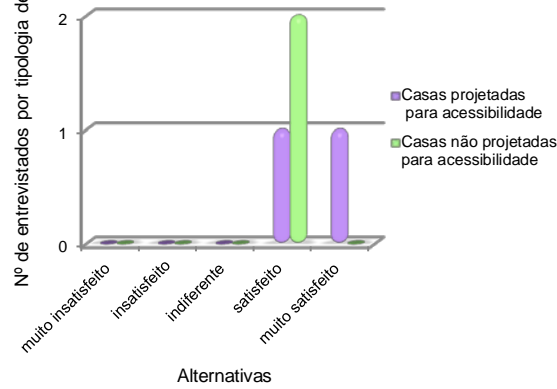






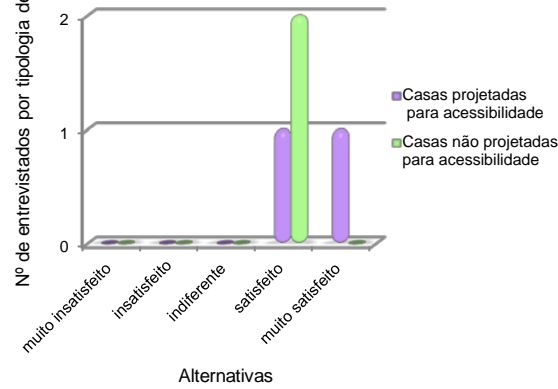
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança quanto a possíveis acidentes no passeio da sua casa?



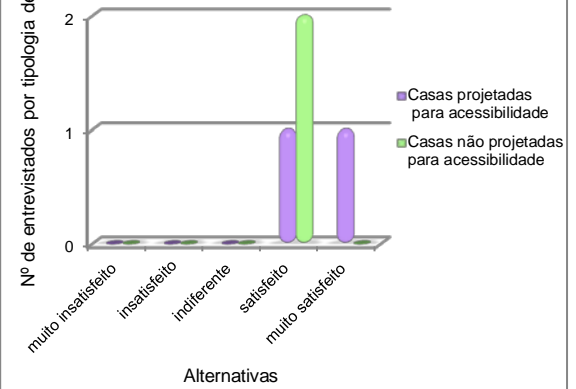
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no corredor/circulação interna da sua casa?



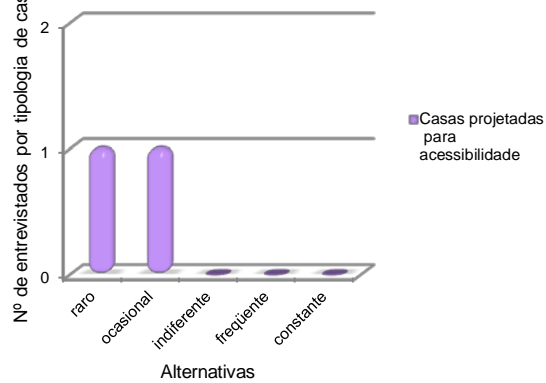
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Qual o seu nível de satisfação quanto à segurança de possíveis acidentes no ambiente de acréscimo da sua casa?



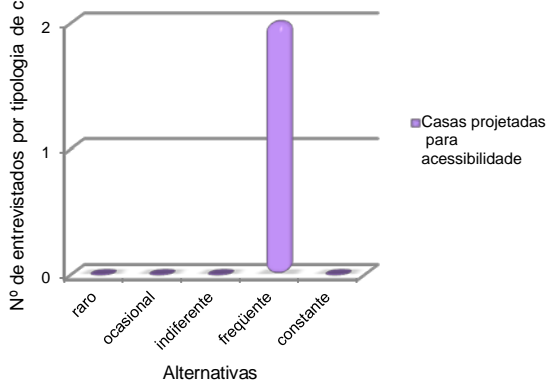
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

Como você avalia o momento de interação social em família no espaço da casa?



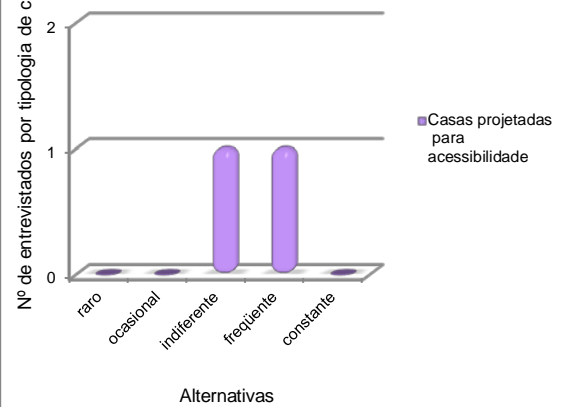
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

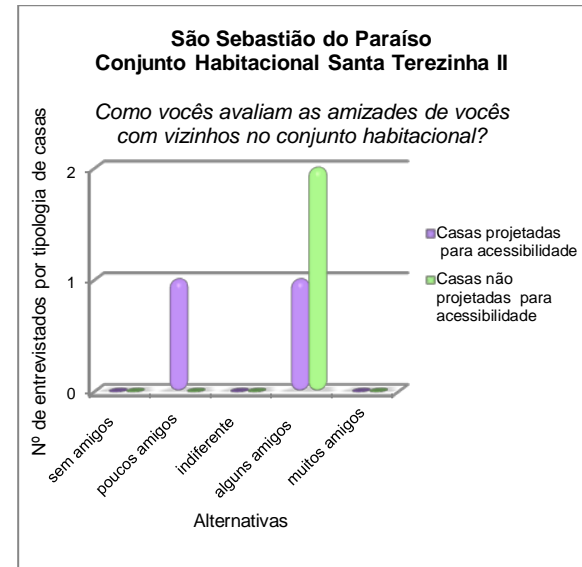
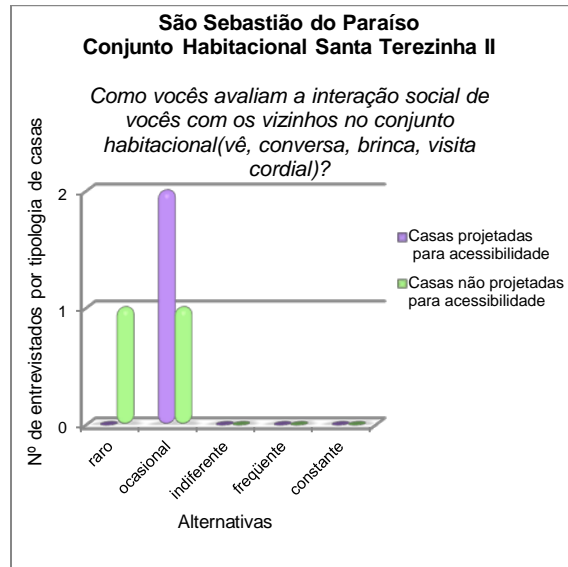
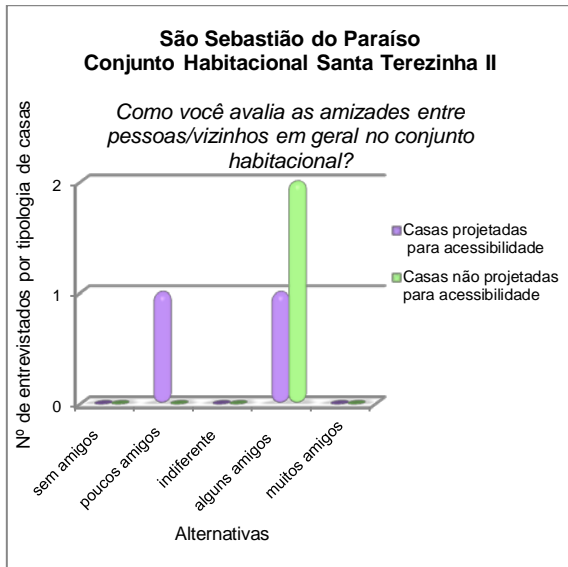
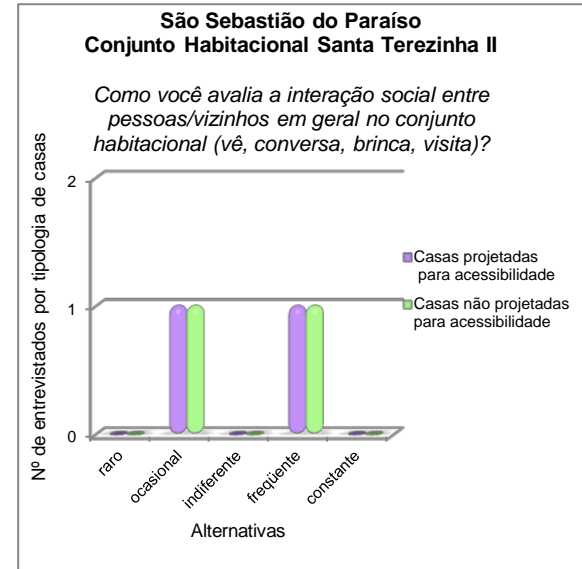
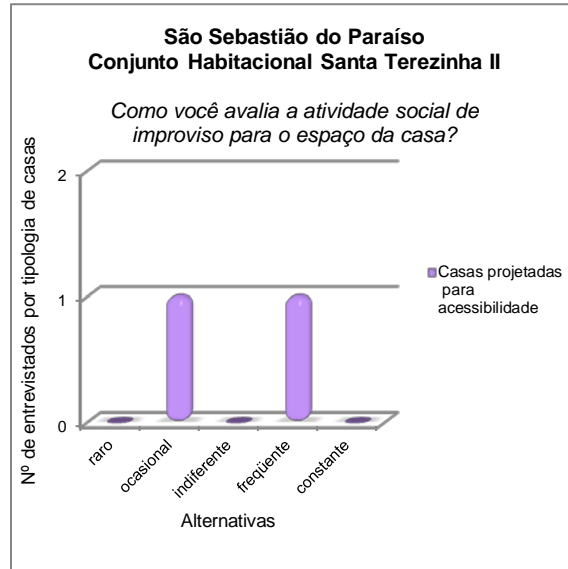
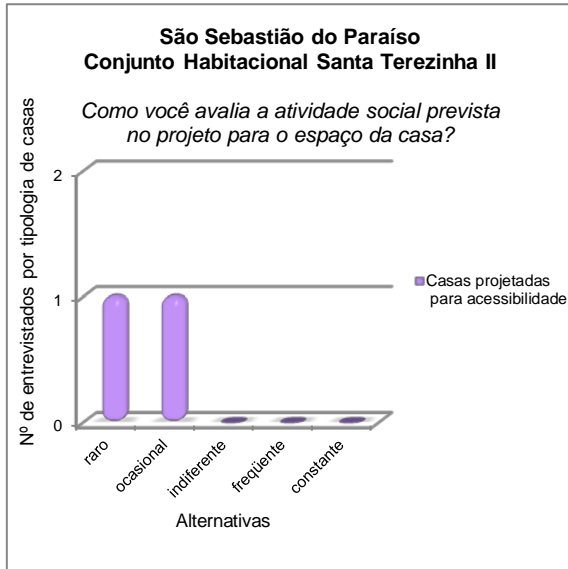
Como você avalia a atividade individual prevista no projeto para ao espaço da casa?

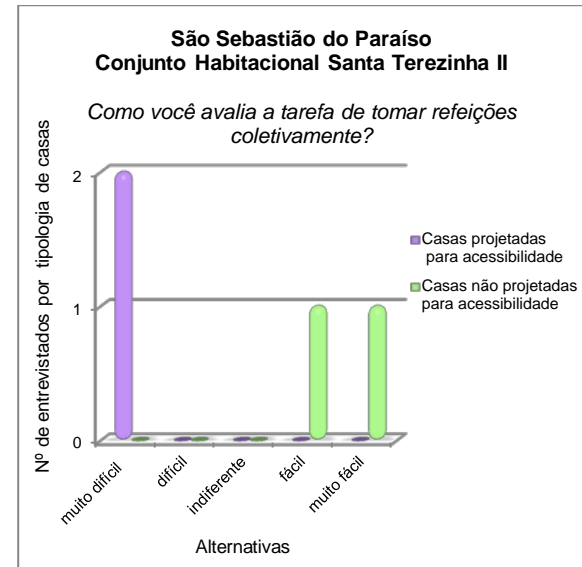
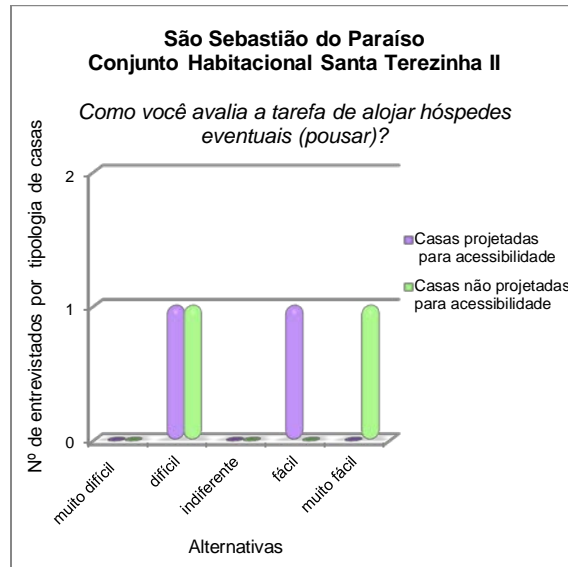
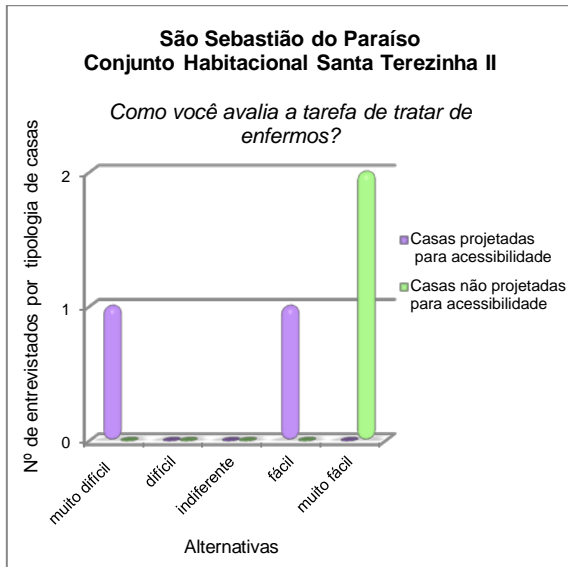
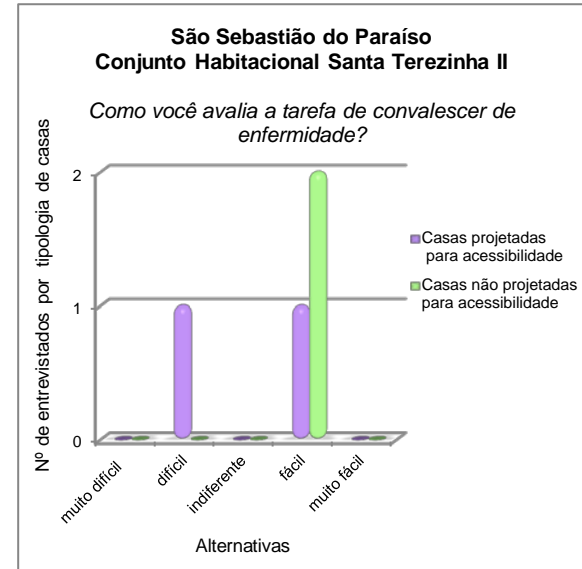
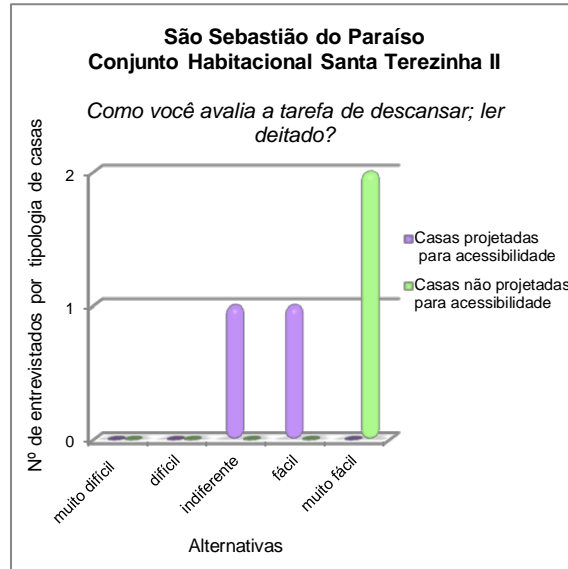
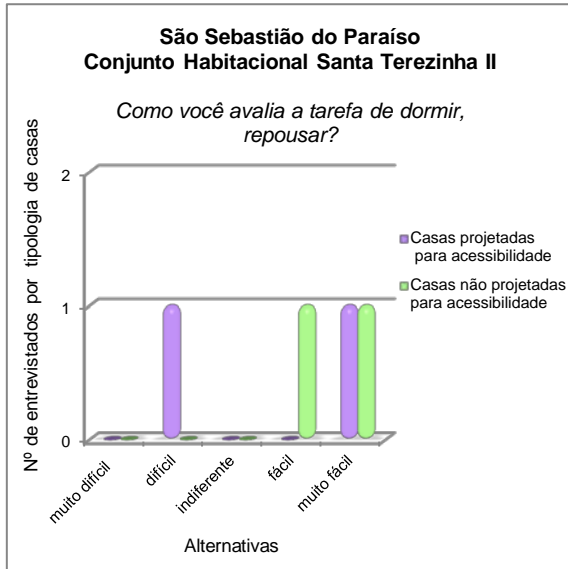


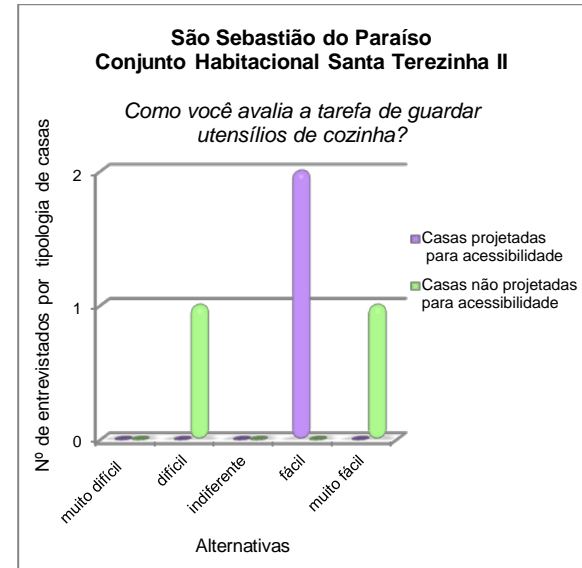
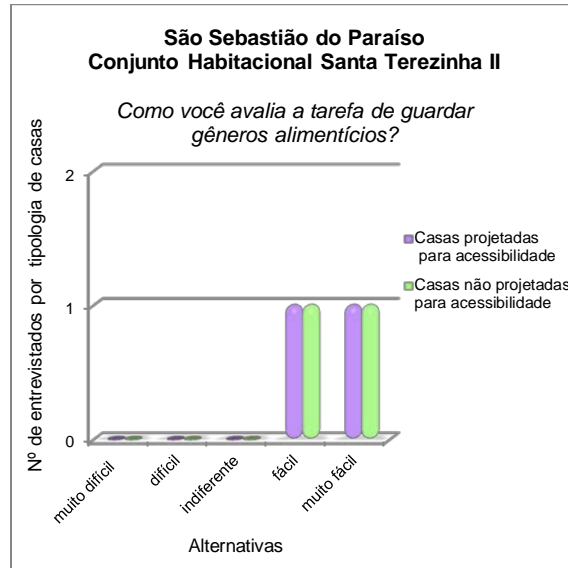
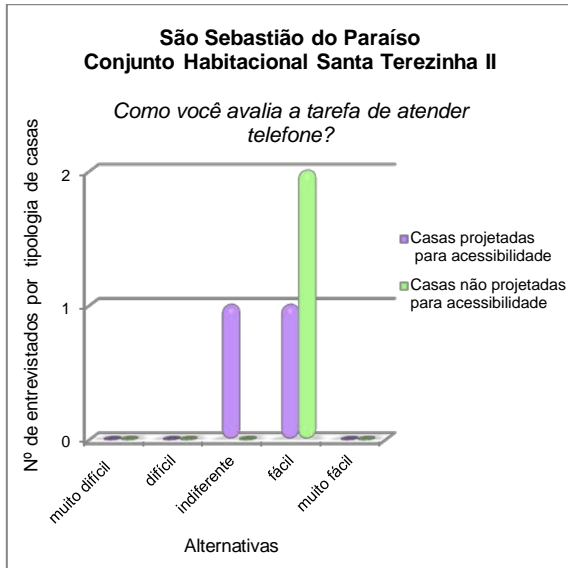
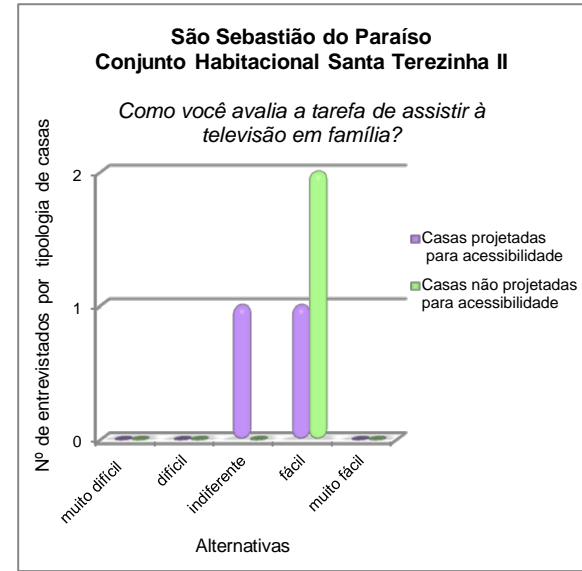
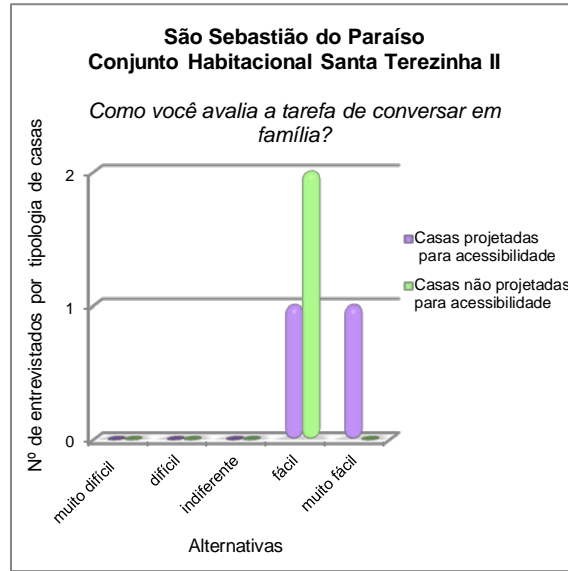
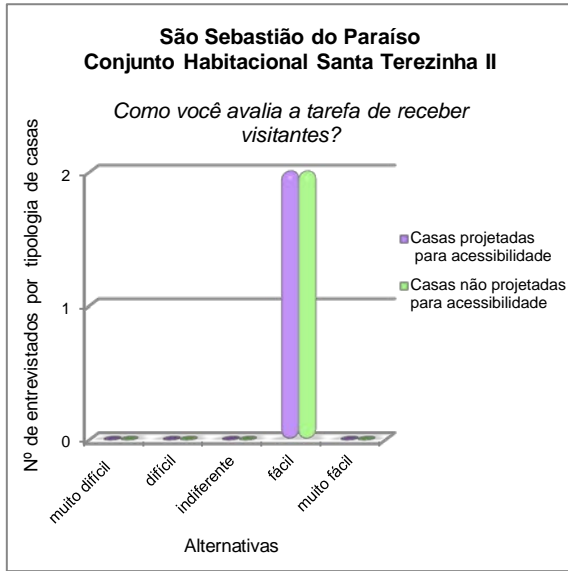
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

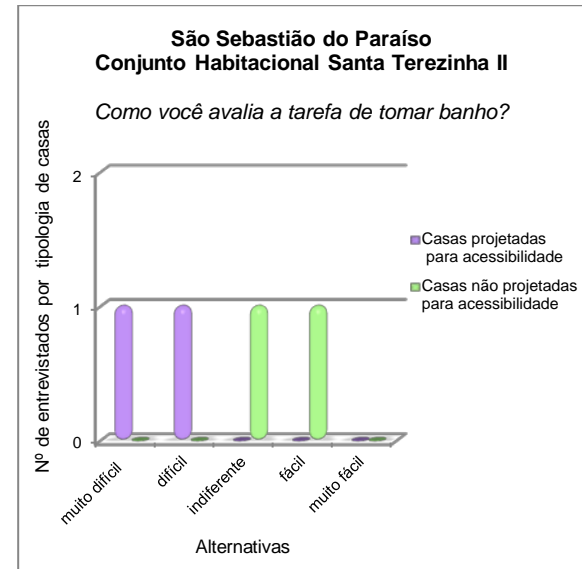
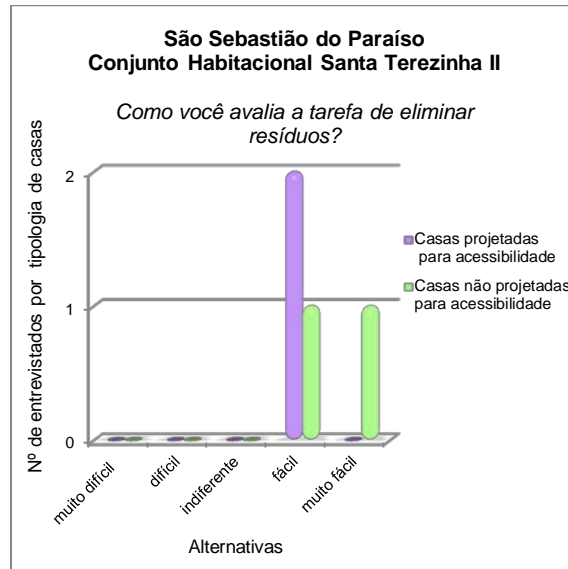
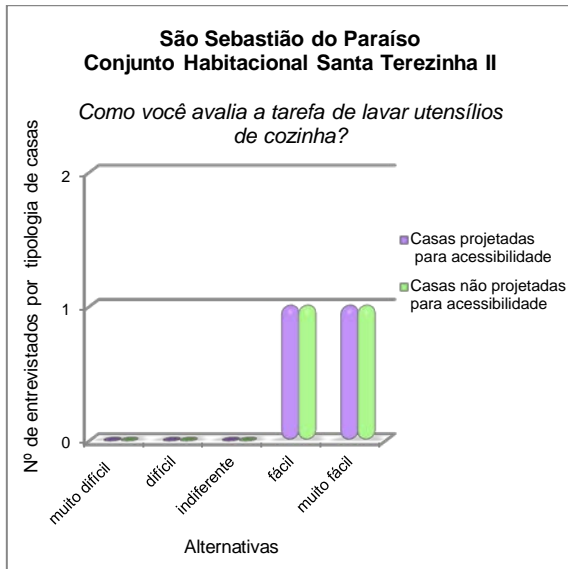
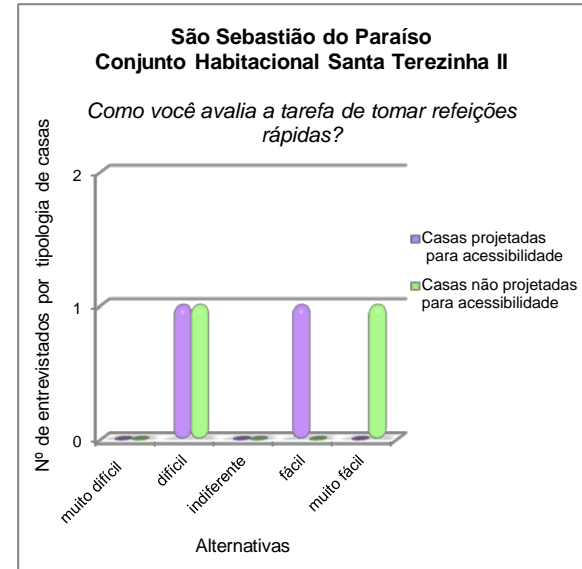
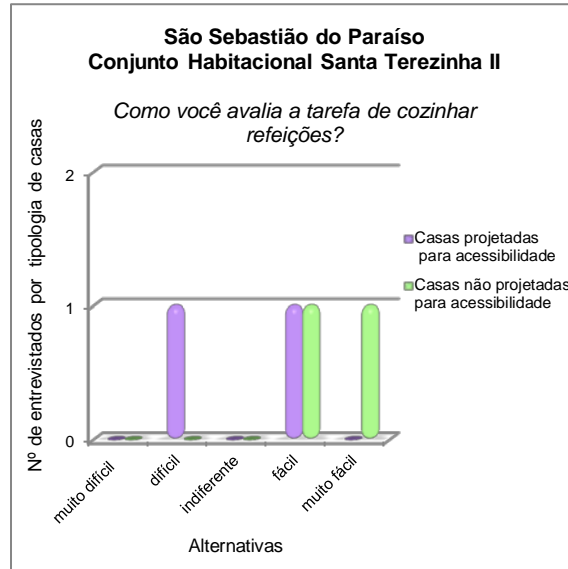
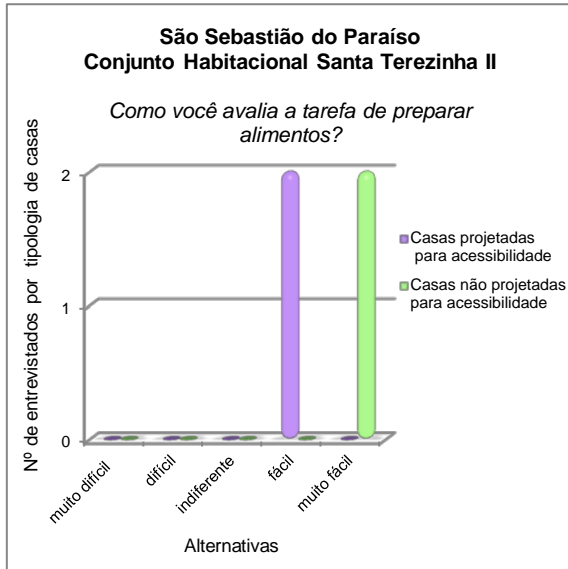
Como você avalia a atividade individual de improviso para o espaço da casa?

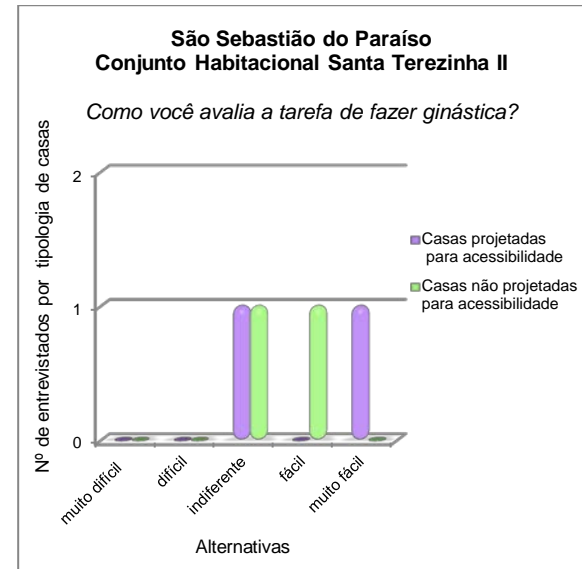
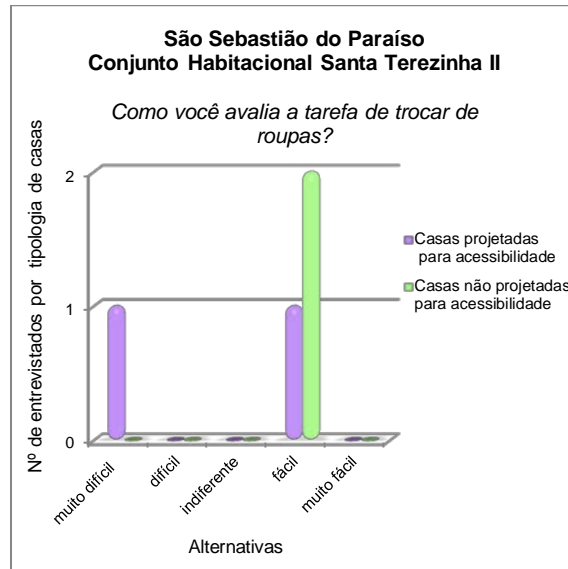
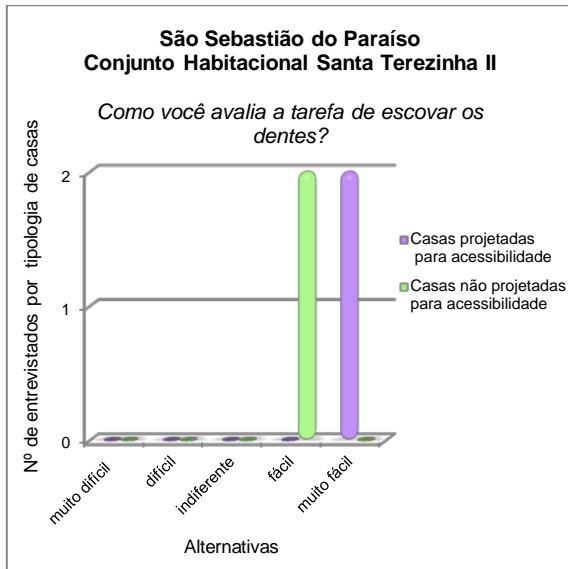
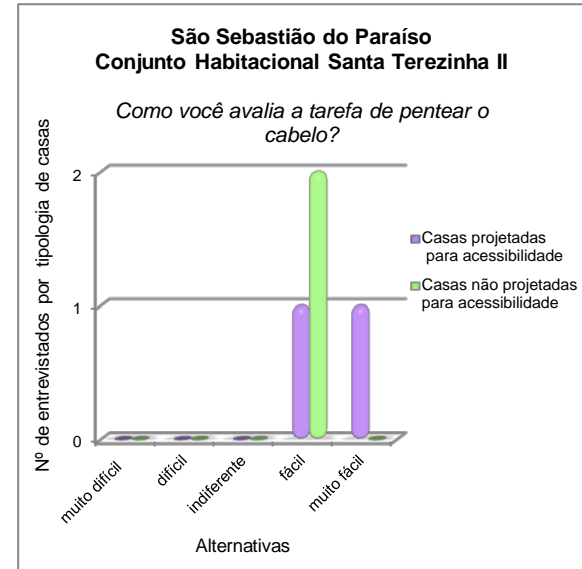
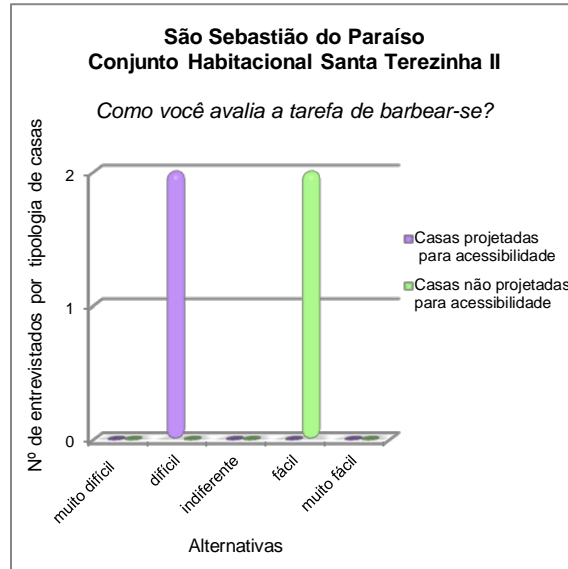
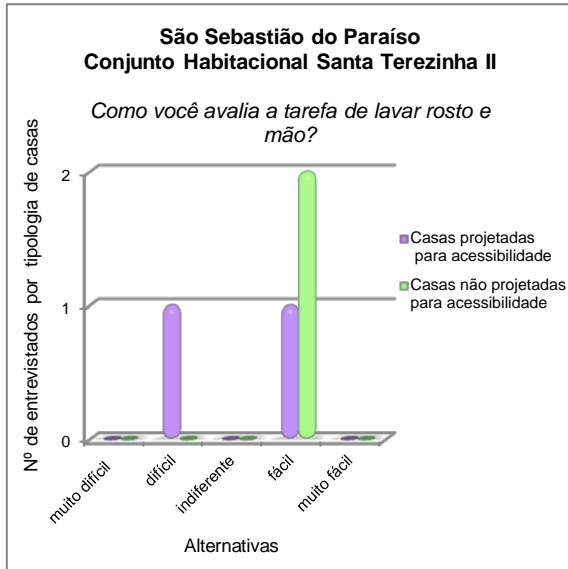


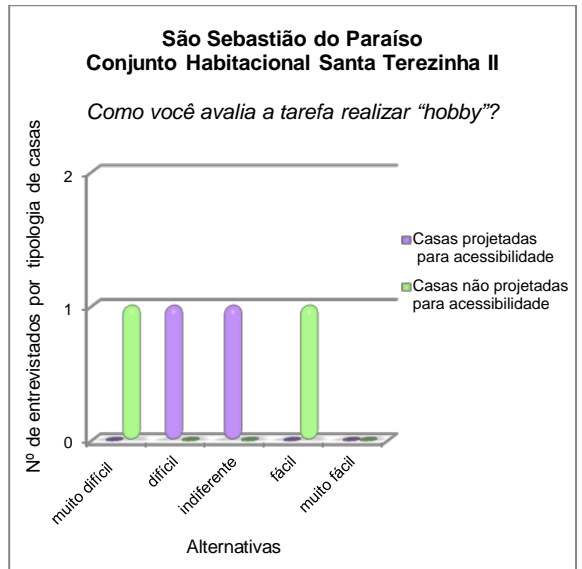
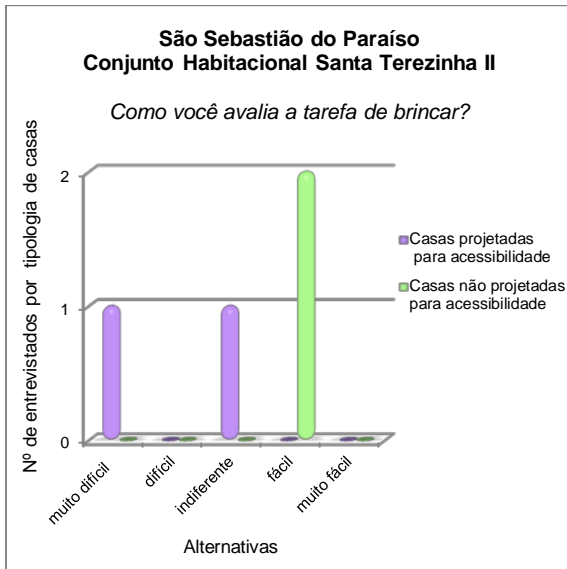
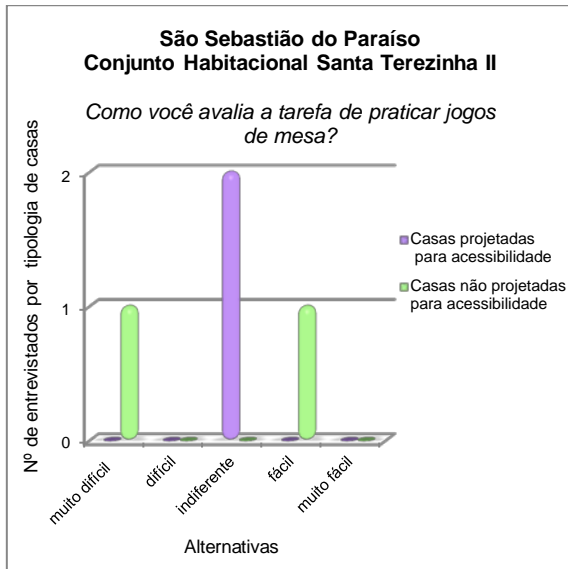
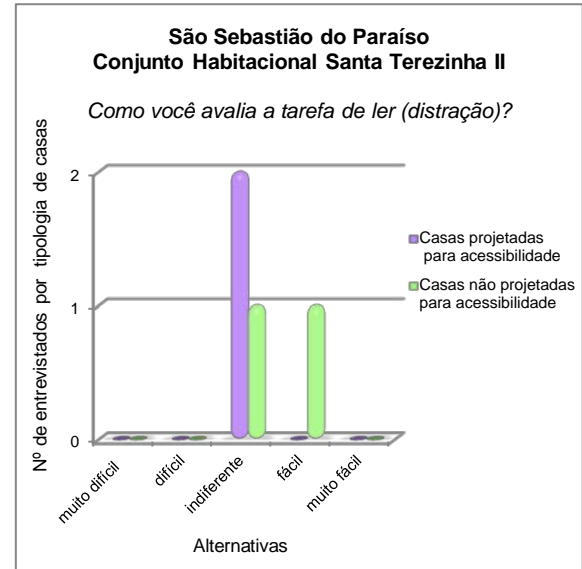
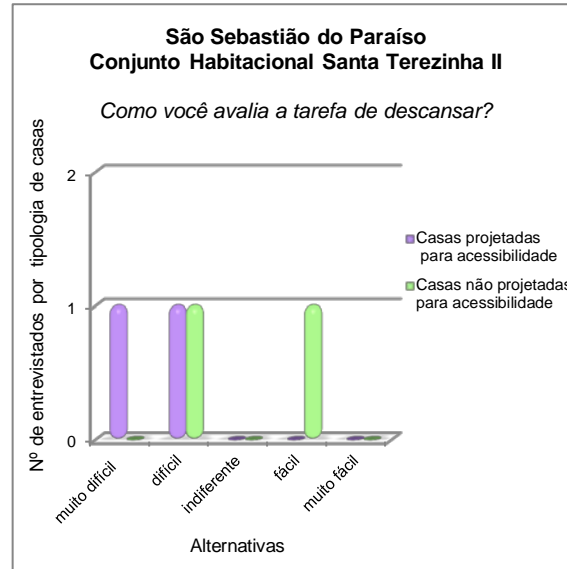
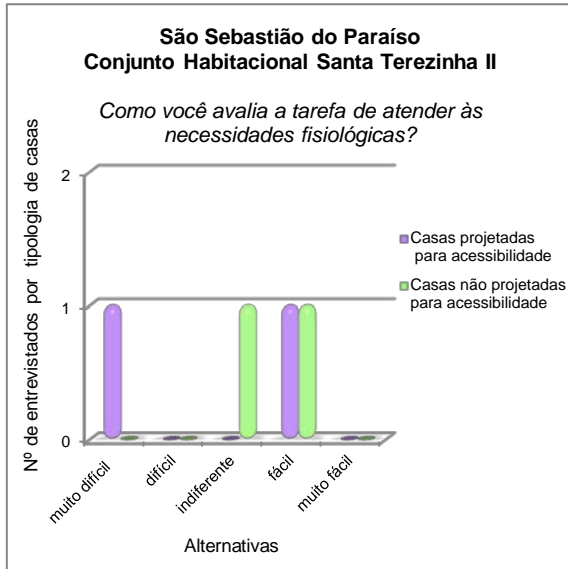


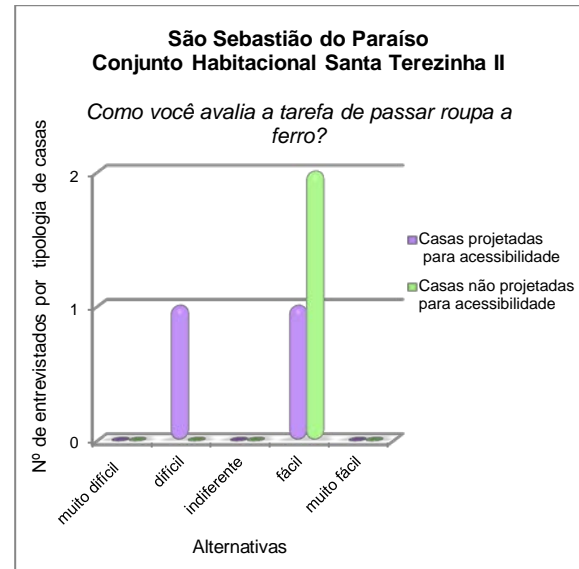
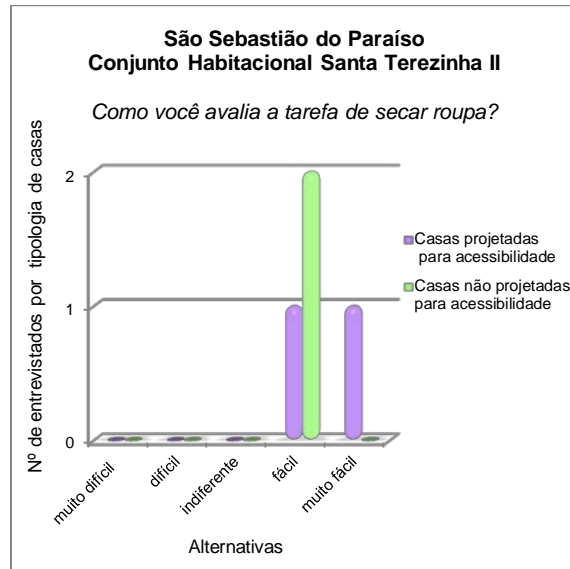
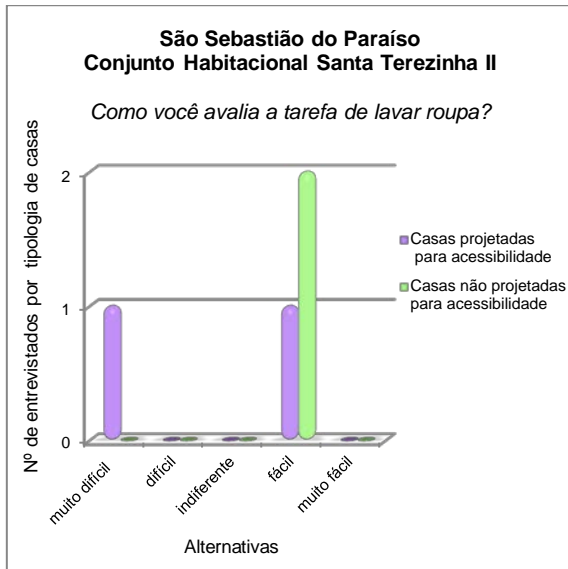
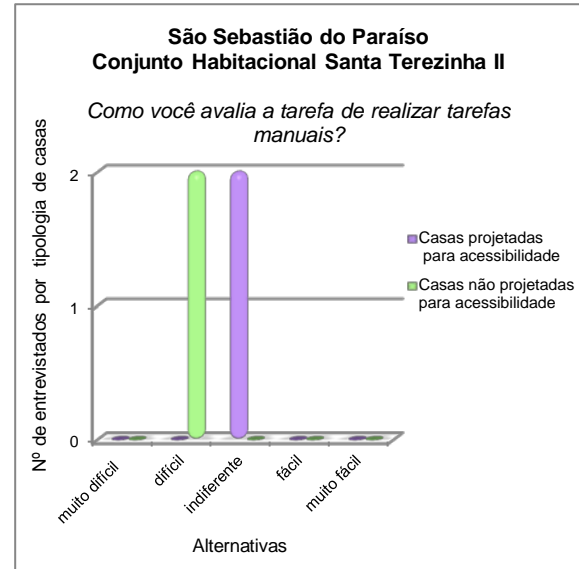
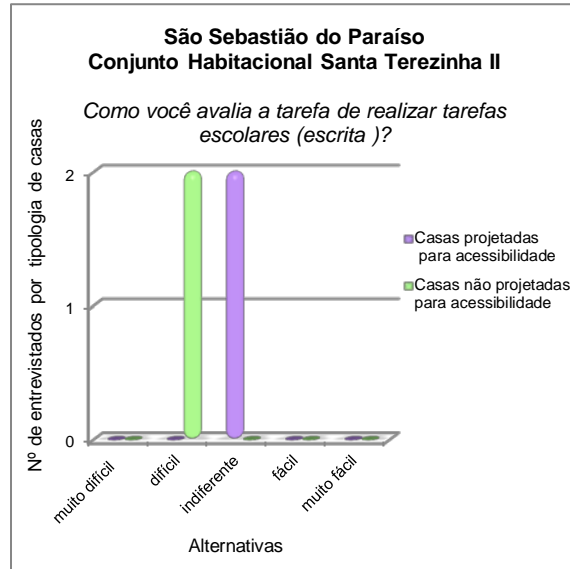
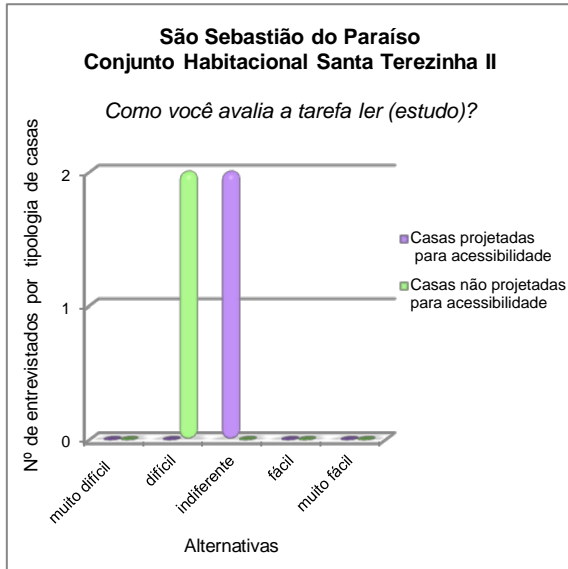


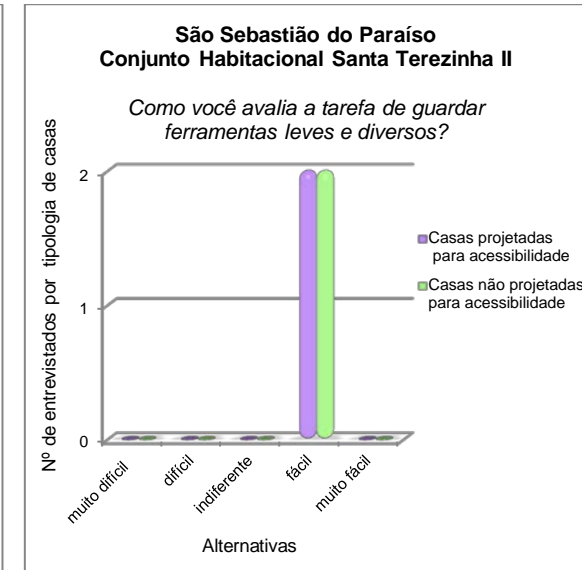
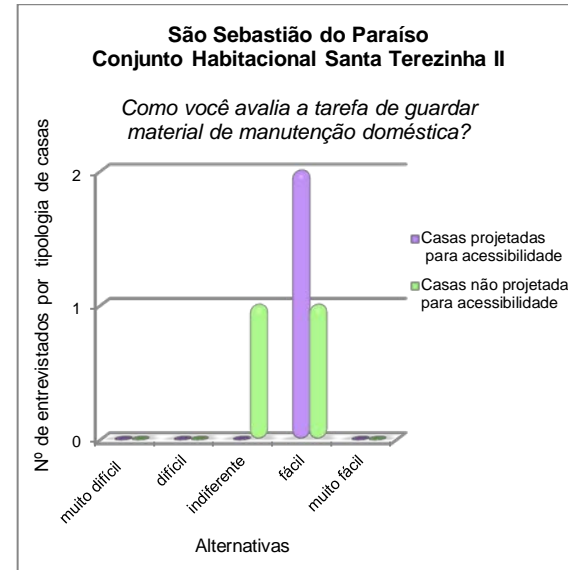
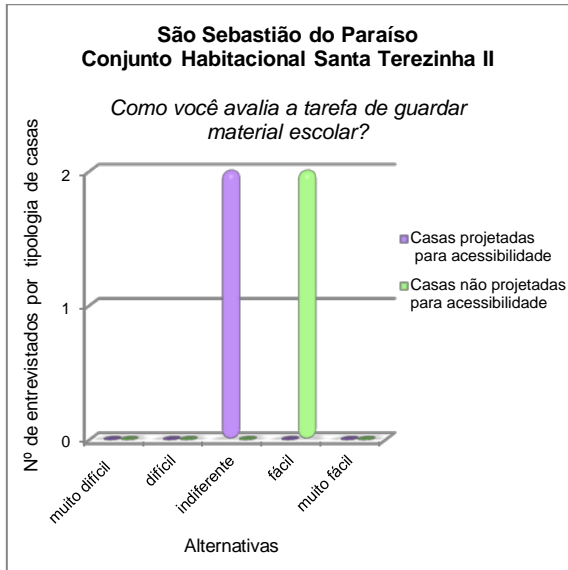
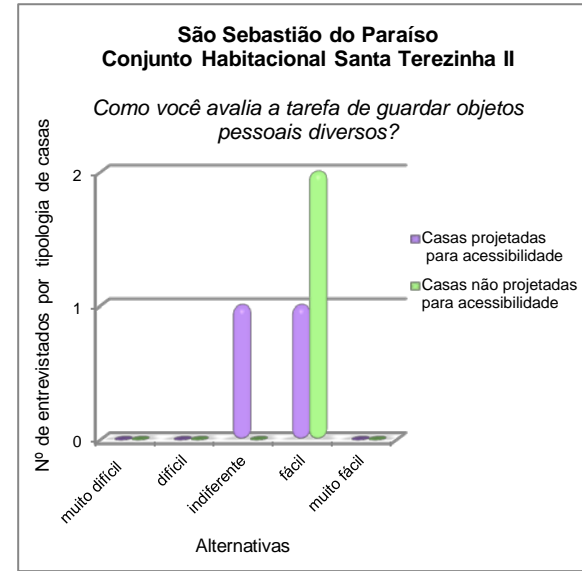
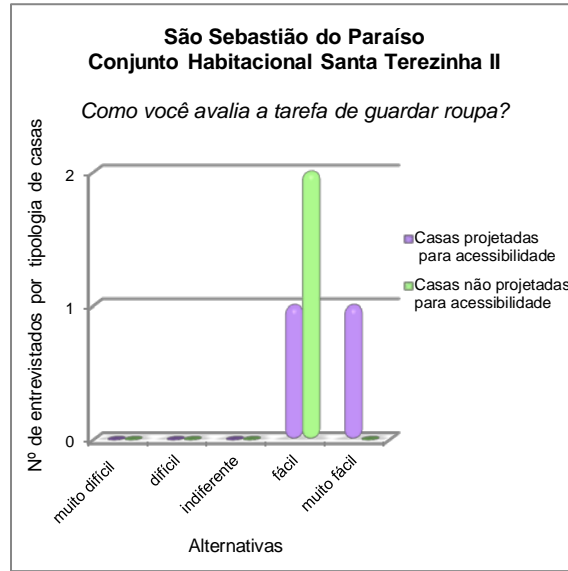
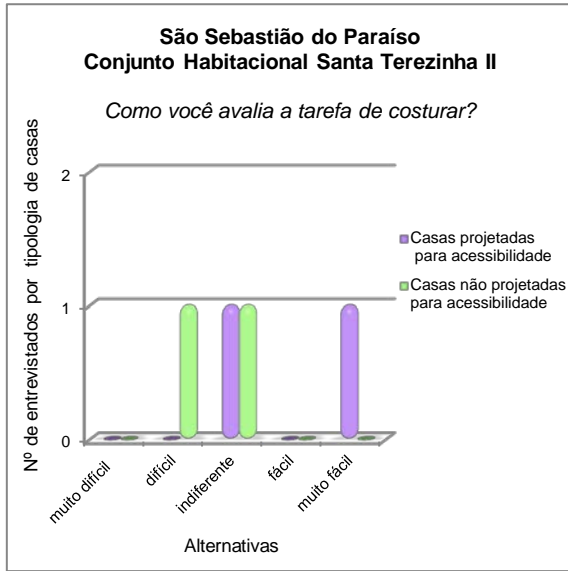






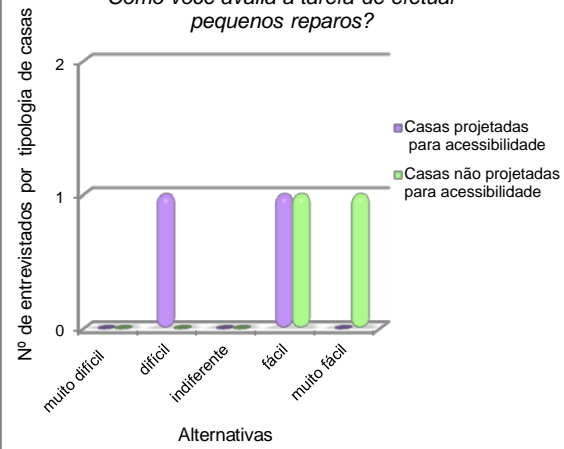






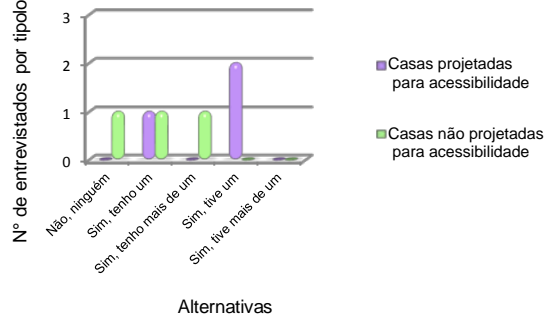
**São Sebastião do Paraíso
Conjunto Habitacional Santa Terezinha II**

*Como você avalia a tarefa de efetuar
pequenos reparos?*



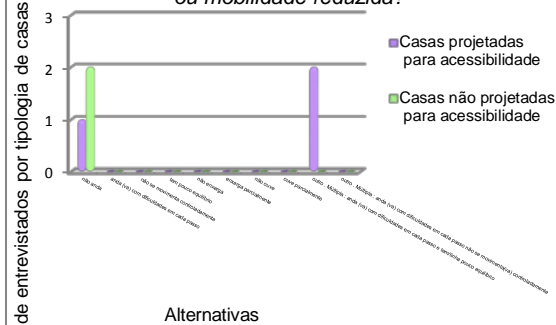
**São João Del Rei
Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira
Neves**

Algum membro da família possui dificuldade de locomoção por uma deficiência ou está com a mobilidade temporariamente reduzida?



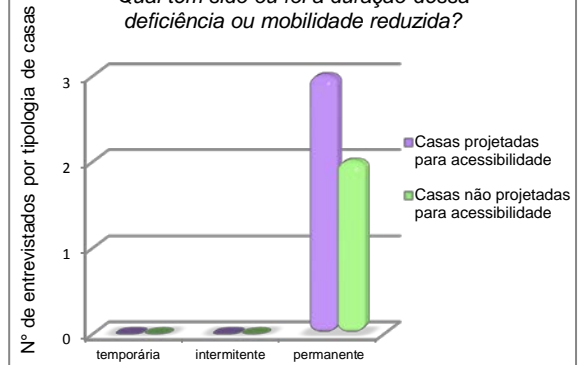
**São João Del Rei
Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira
Neves**

Qual é ou era a característica da deficiência ou mobilidade reduzida?



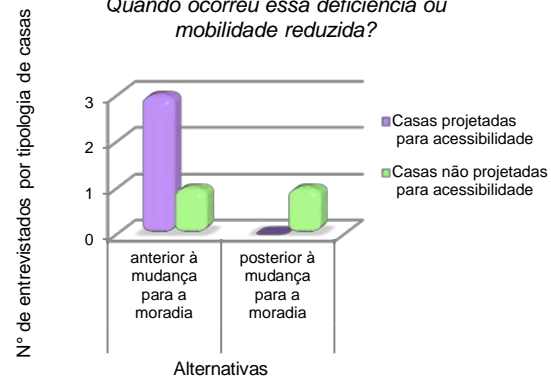
**São João Del Rei
Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira
Neves**

Qual tem sido ou foi a duração dessa deficiência ou mobilidade reduzida?



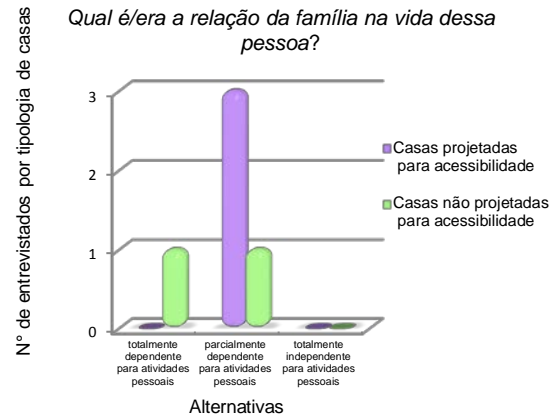
**São João Del Rei
Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira
Neves**

Quando ocorreu essa deficiência ou mobilidade reduzida?



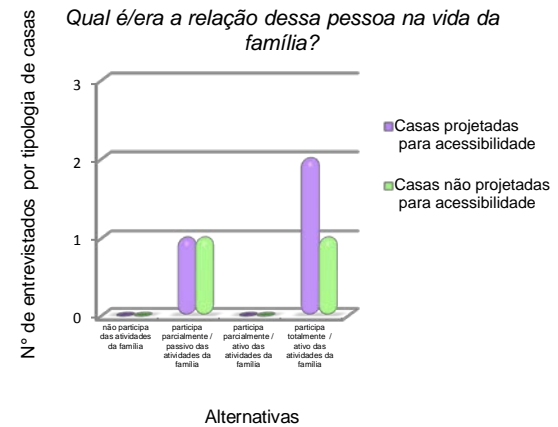
**São João Del Rei
Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira
Neves**

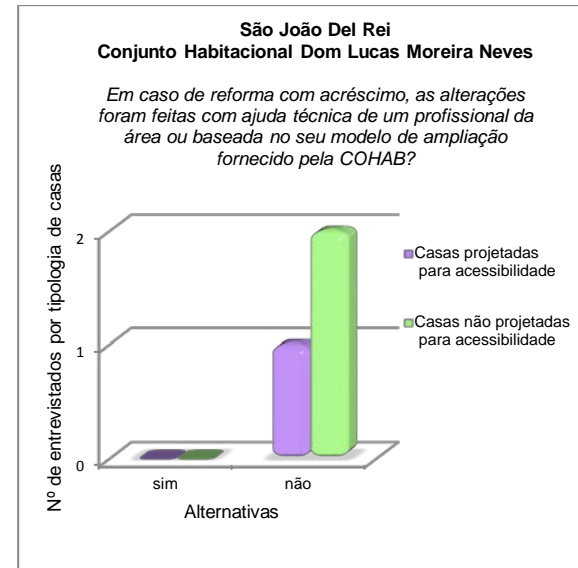
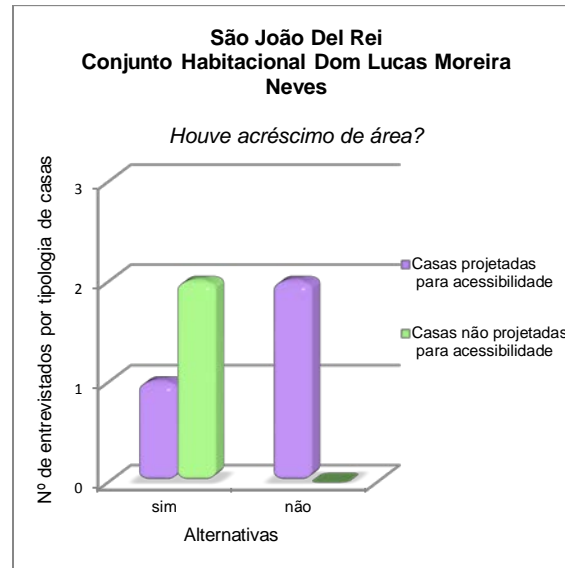
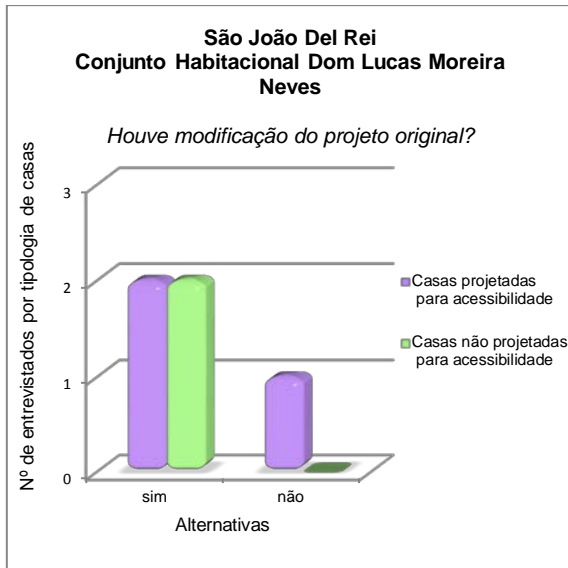
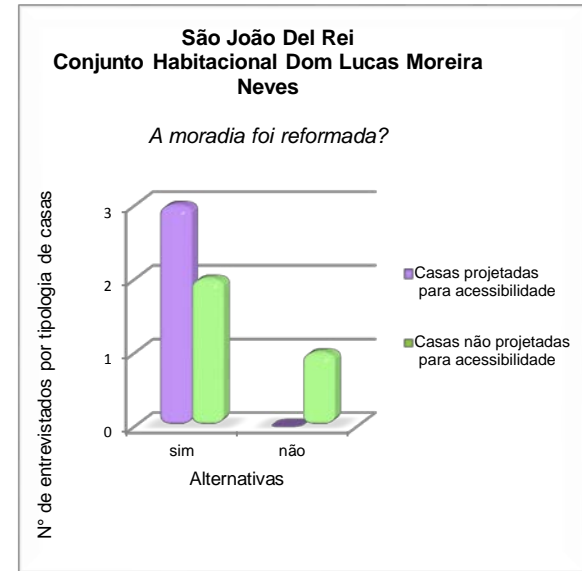
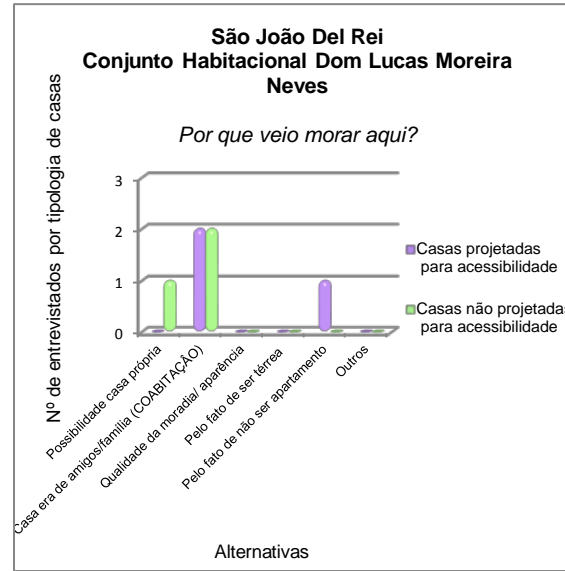
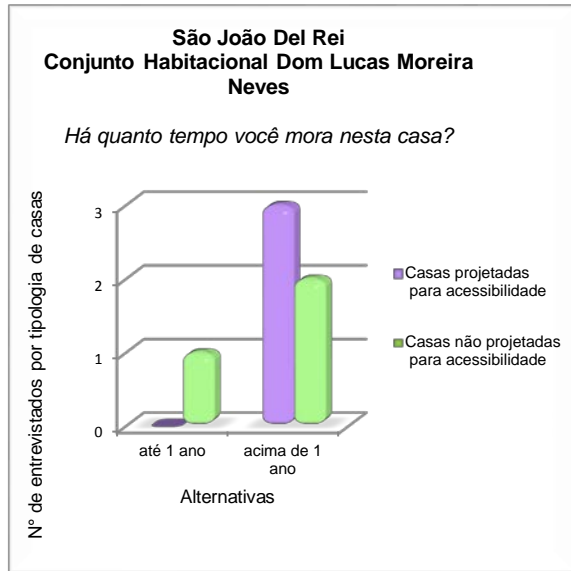
Qual é/era a relação da família na vida dessa pessoa?

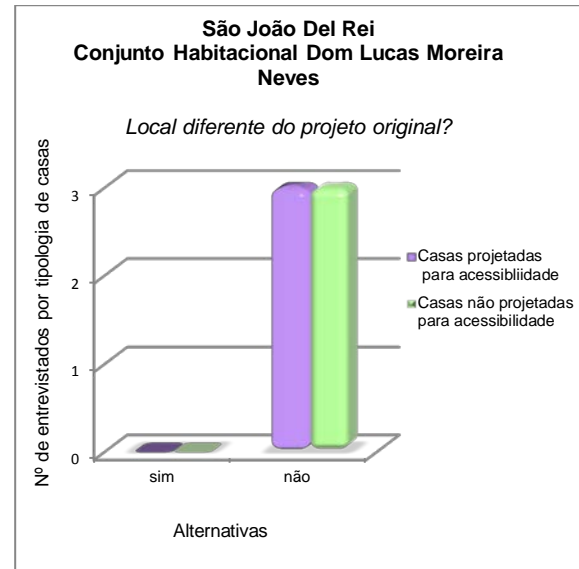
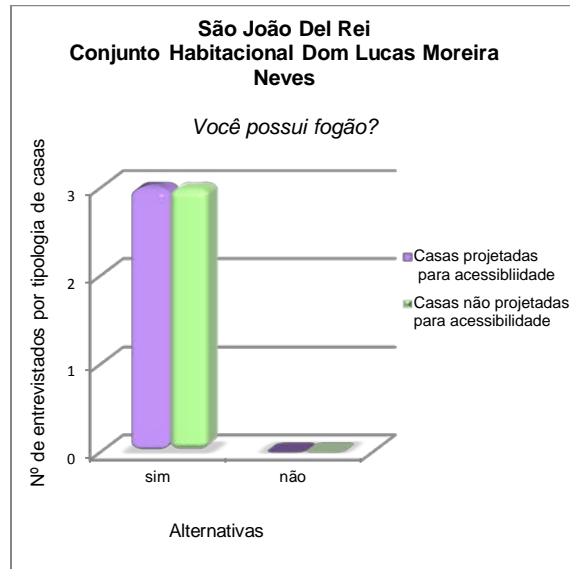
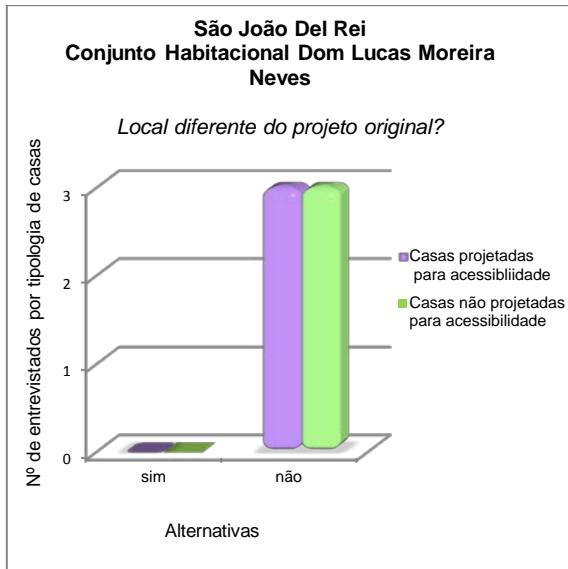
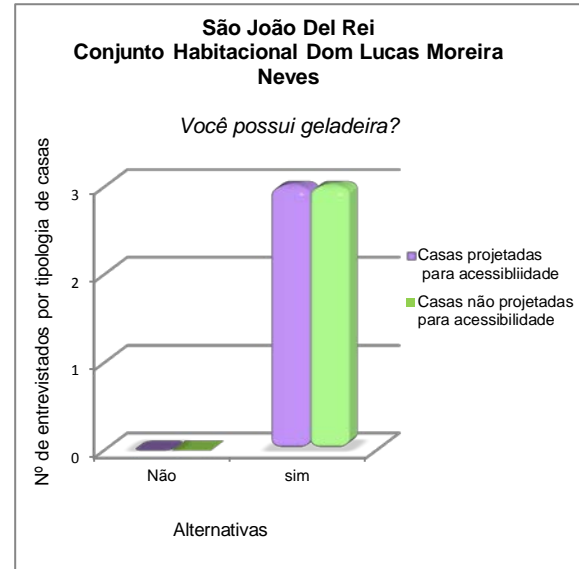
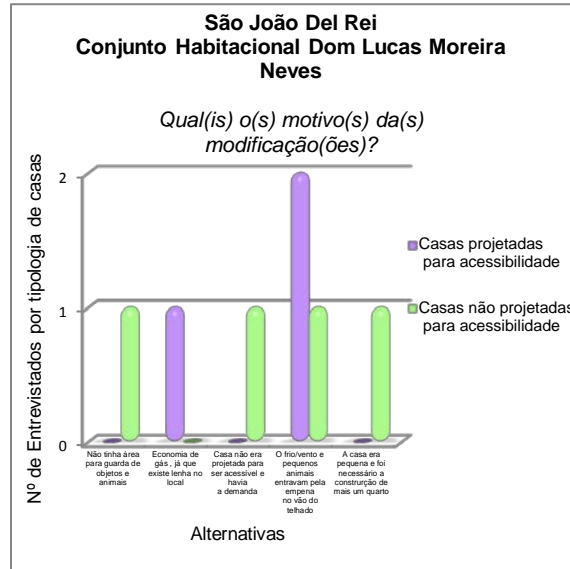
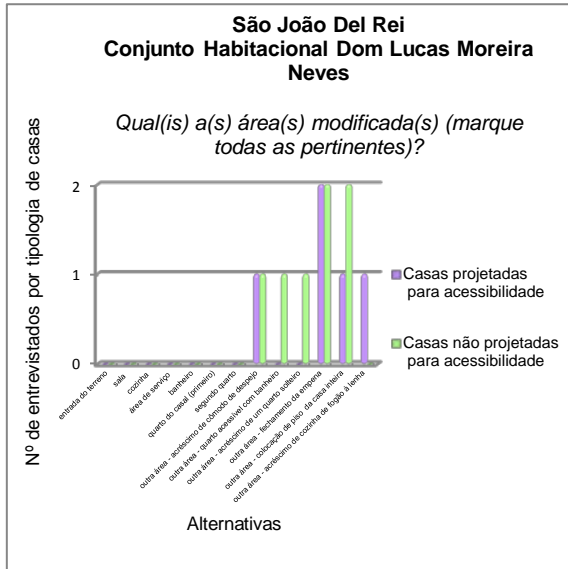


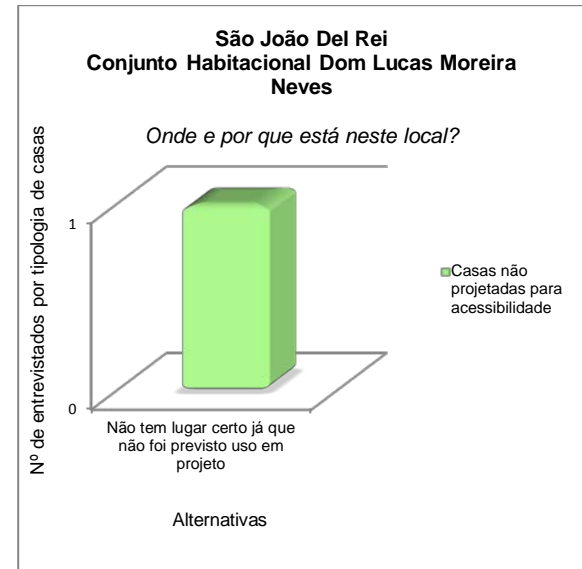
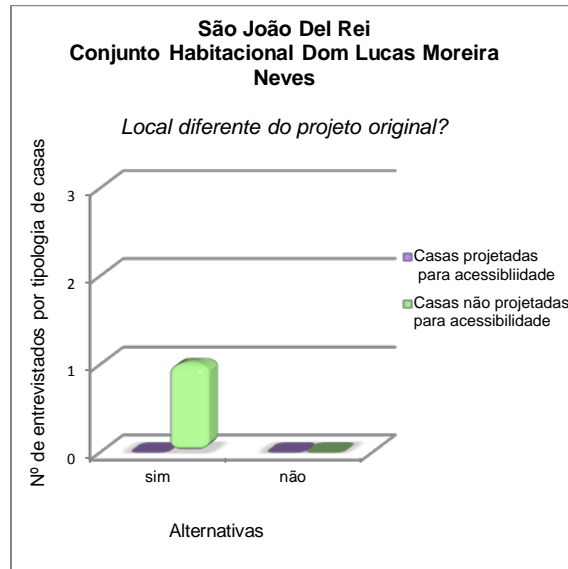
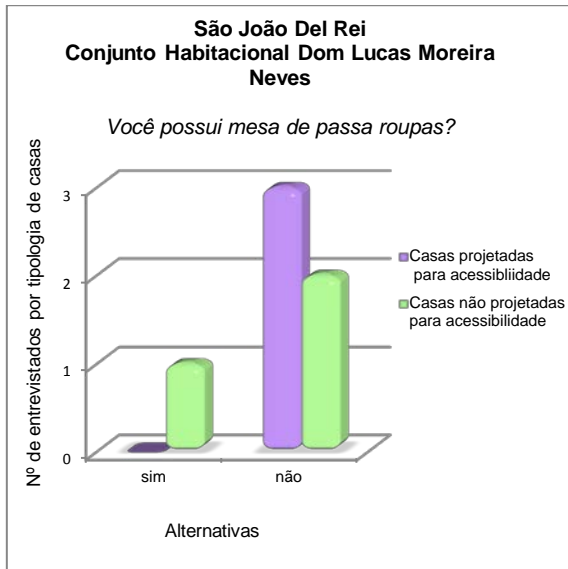
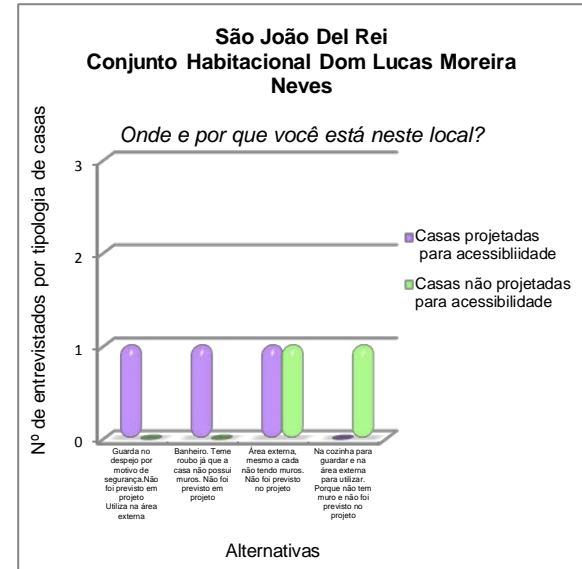
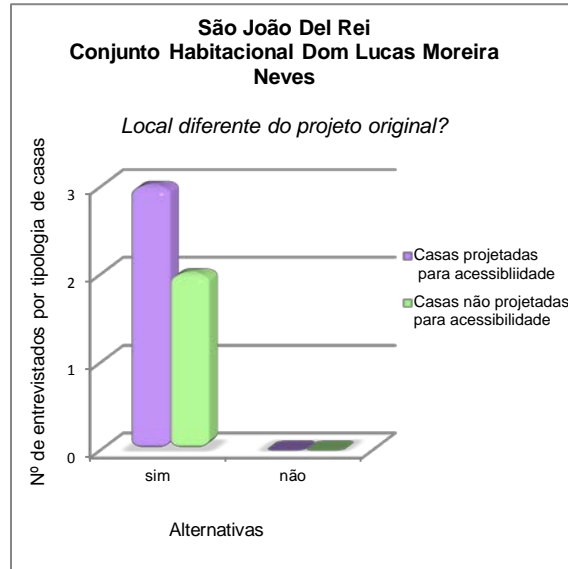
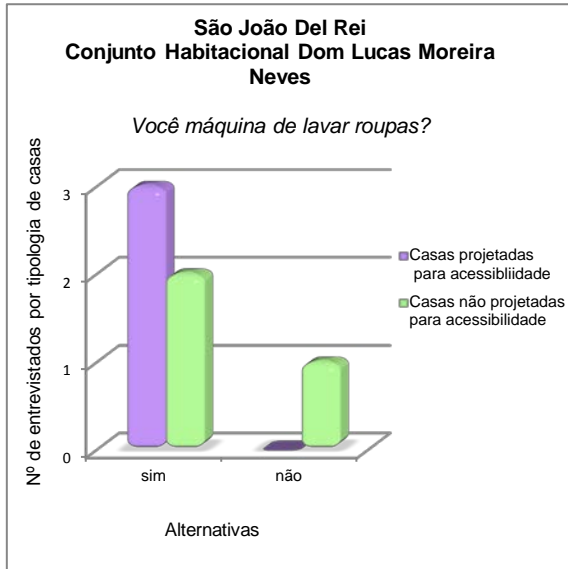
**São João Del Rei
Conjunto Habitacional Dom Lucas Moreira
Neves**

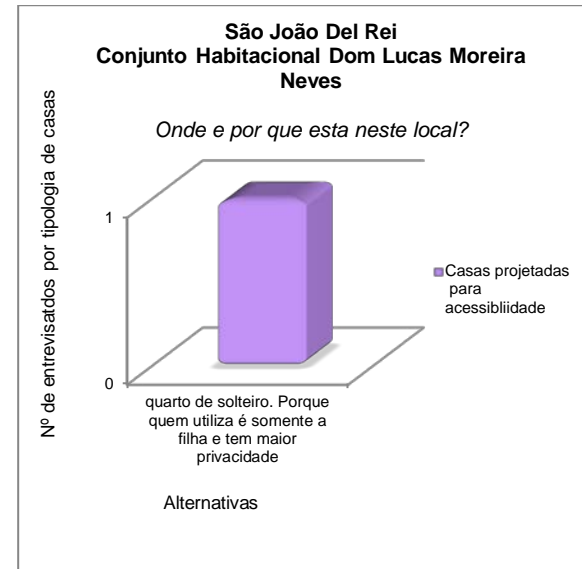
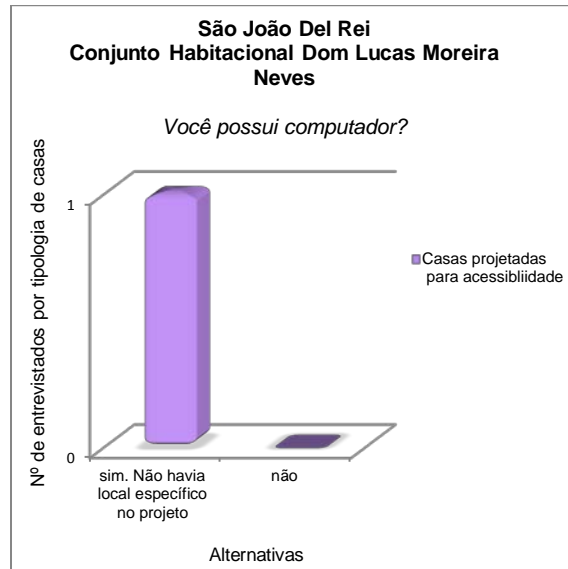
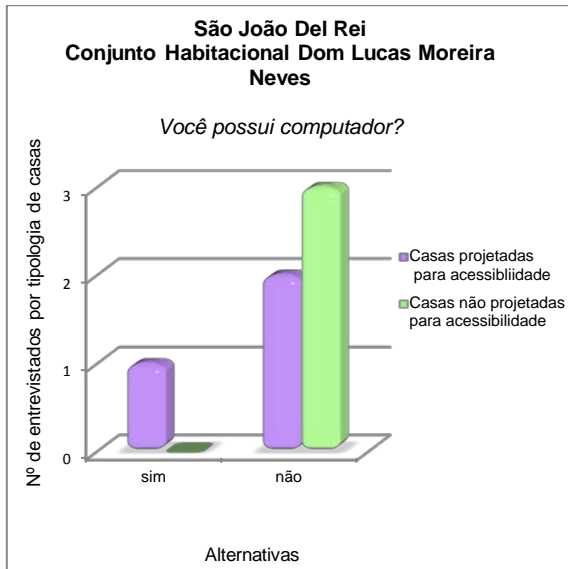
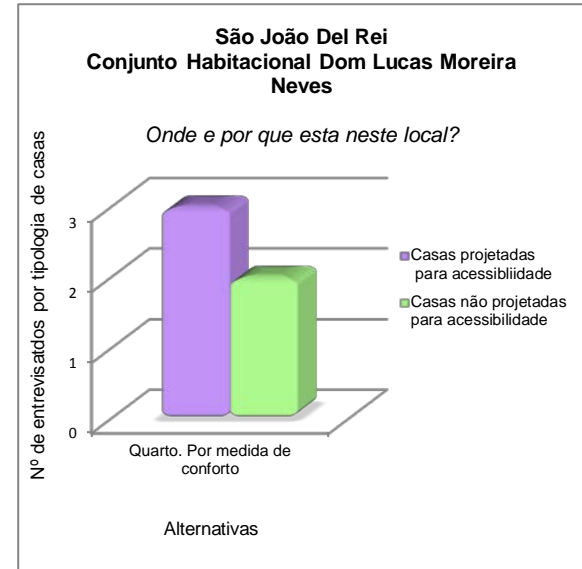
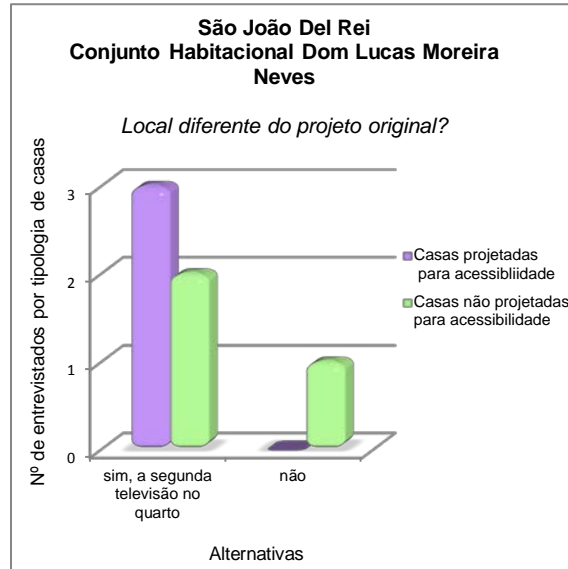
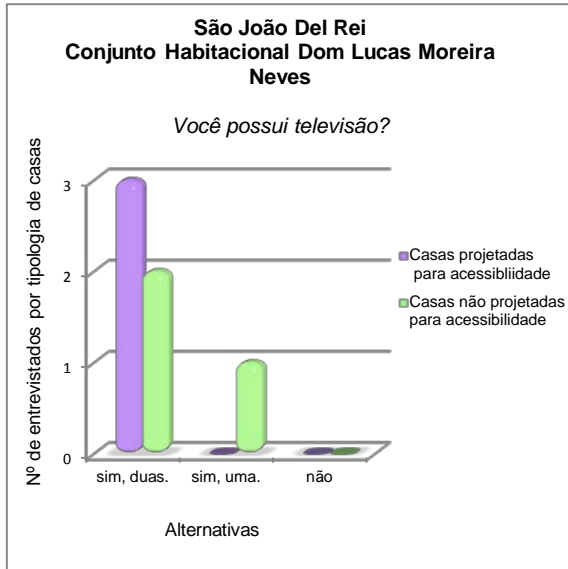
Qual é/era a relação dessa pessoa na vida da família?

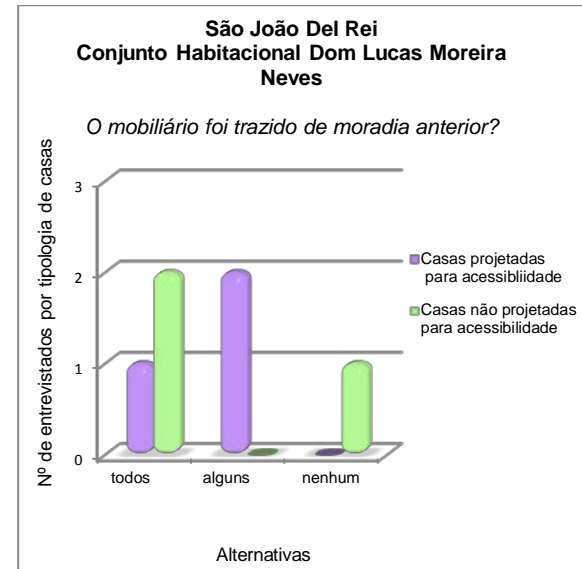
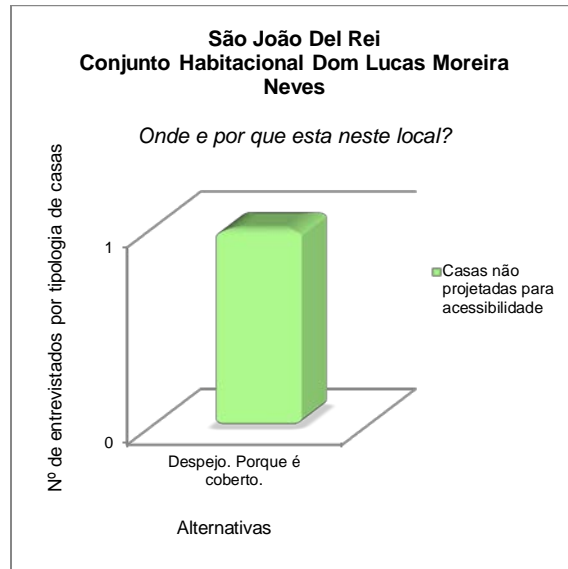
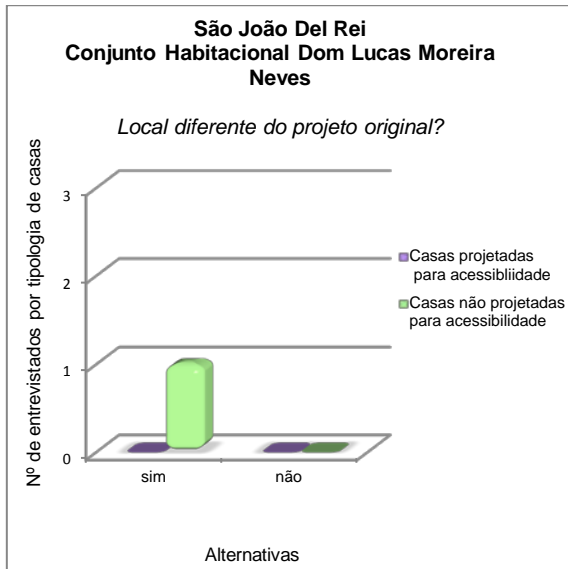
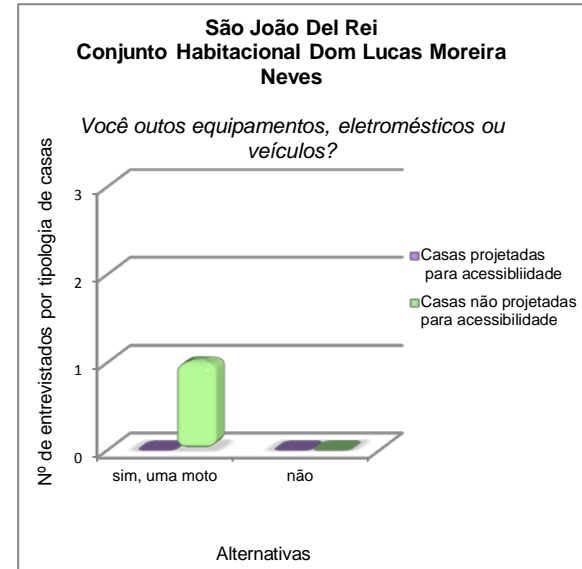
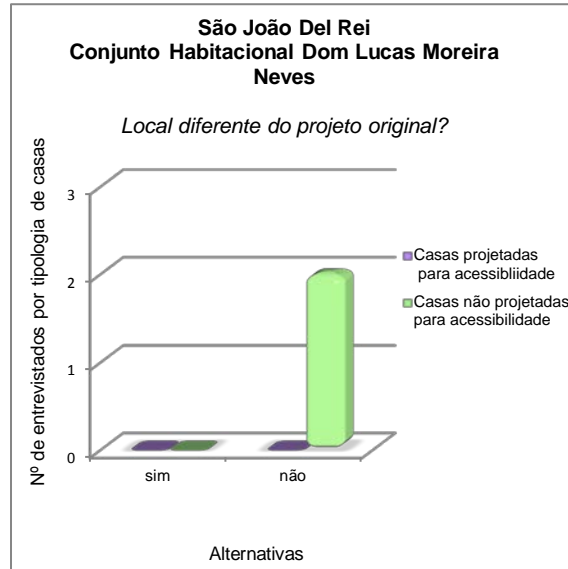


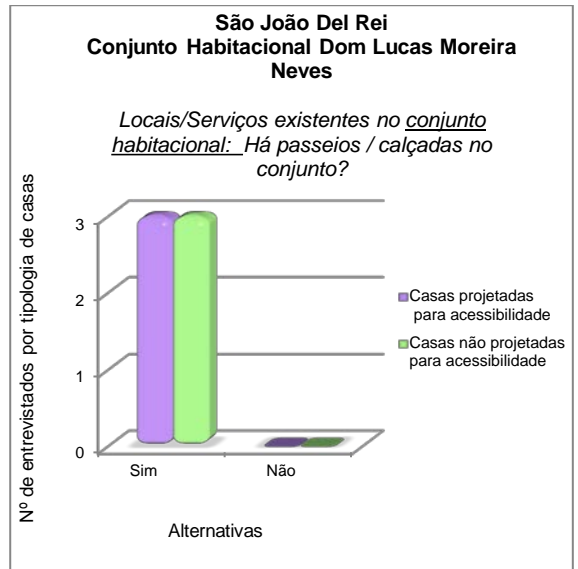
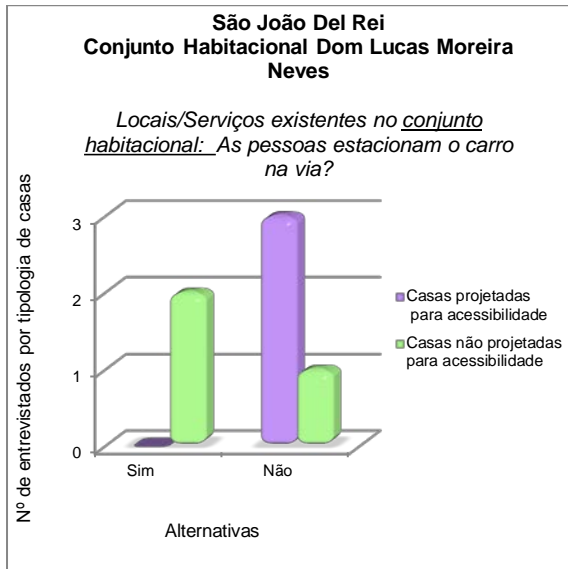
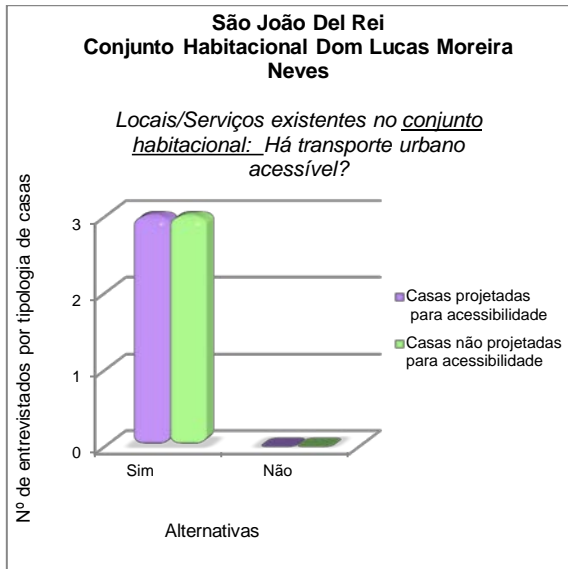
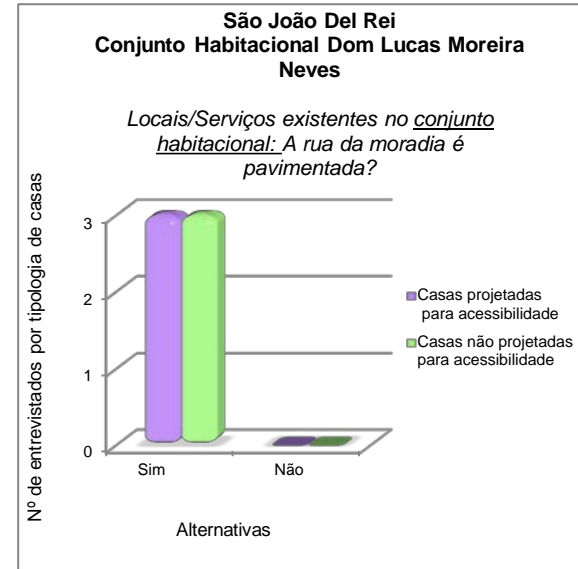
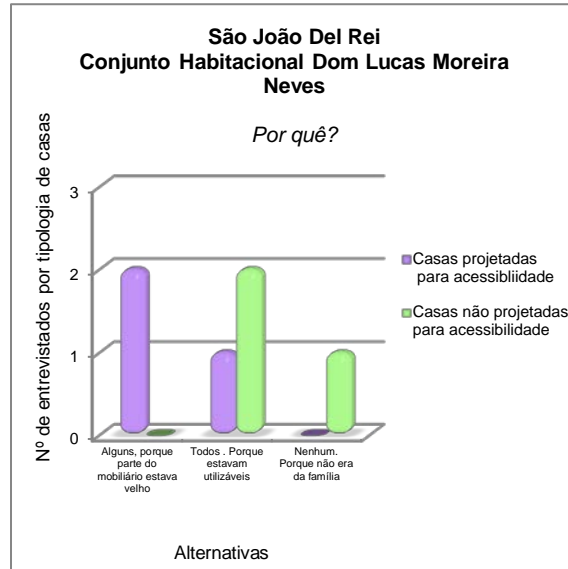
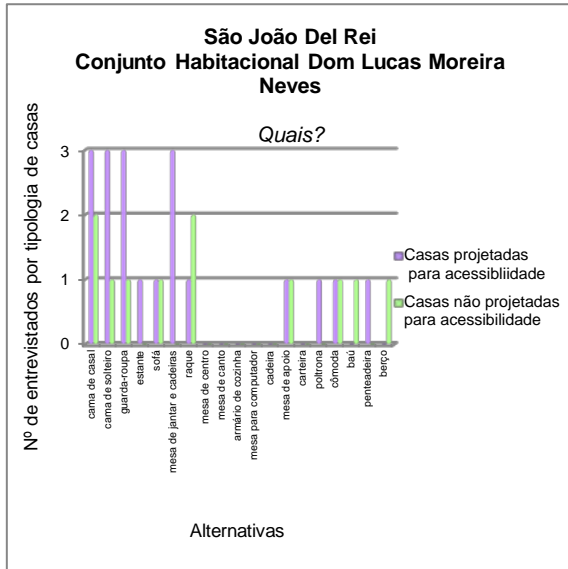


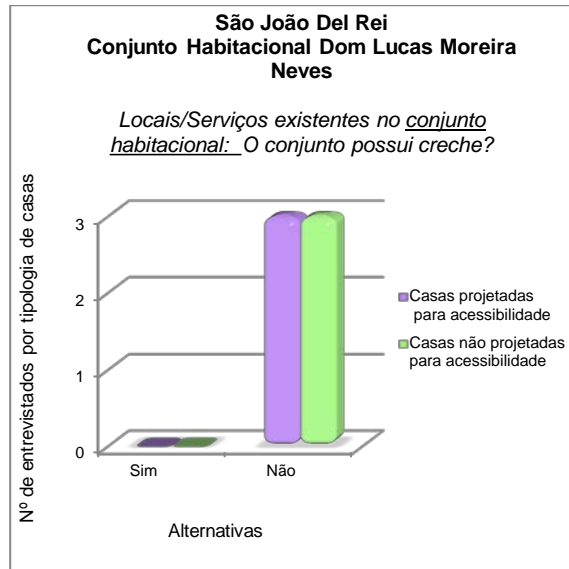
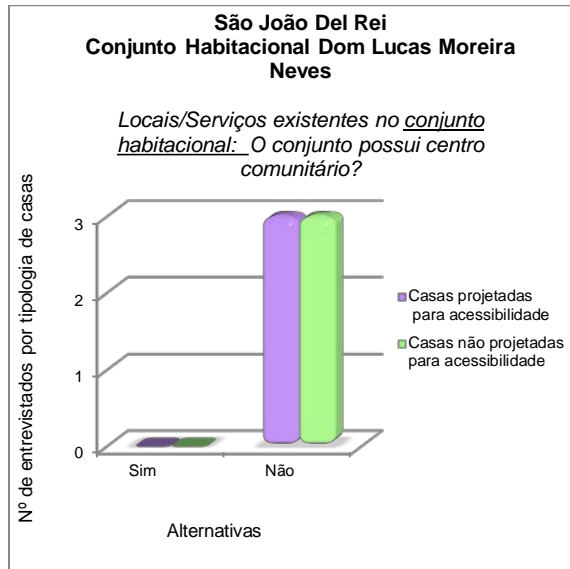
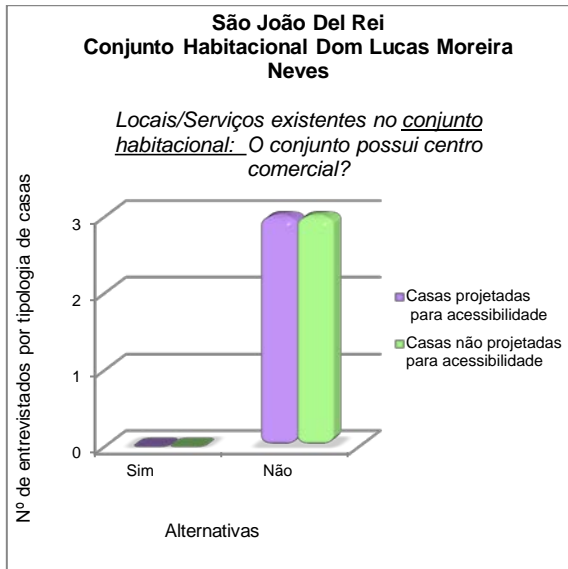
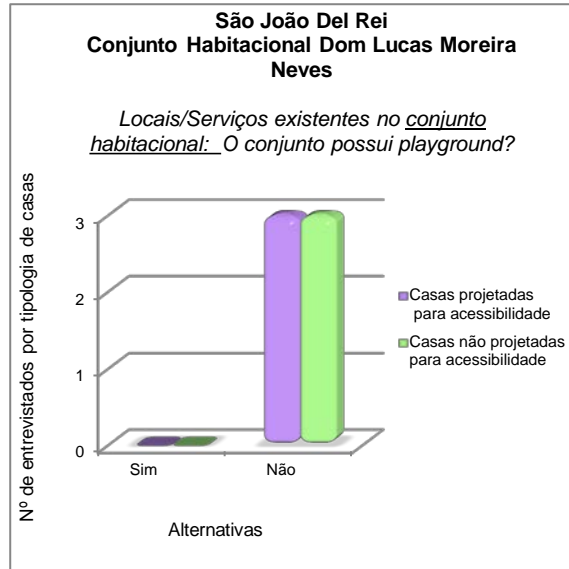
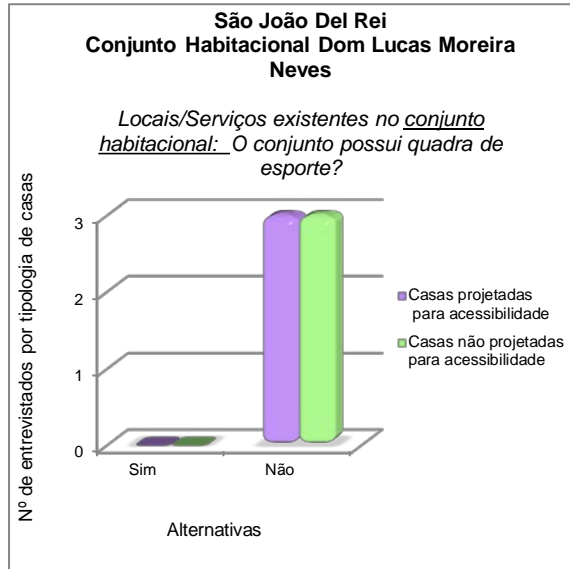
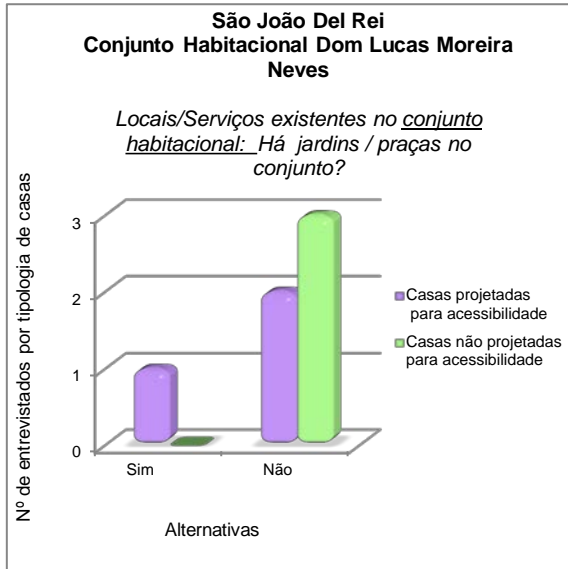


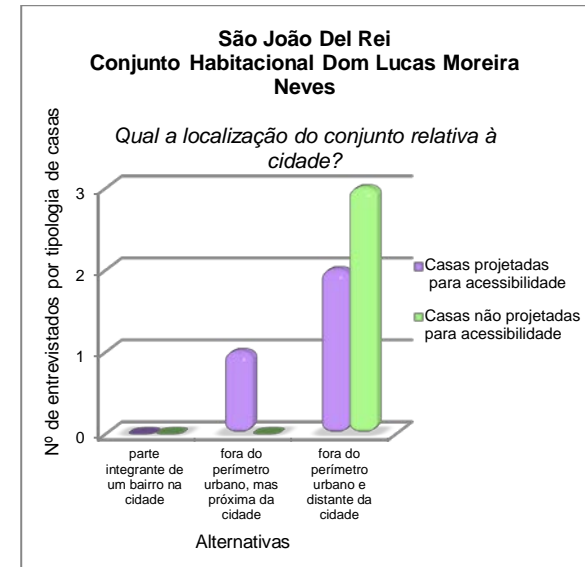
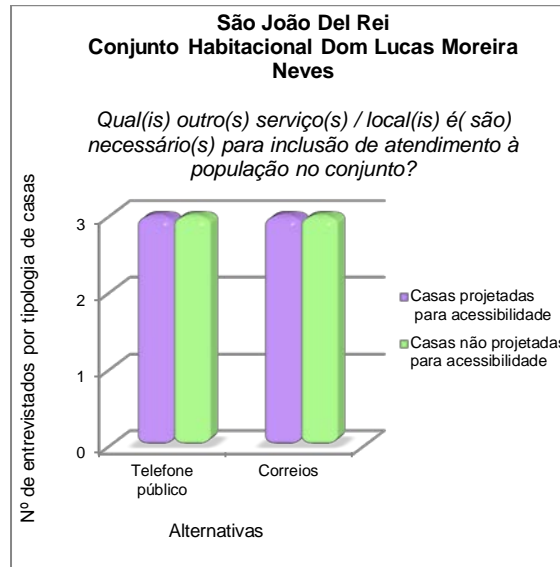
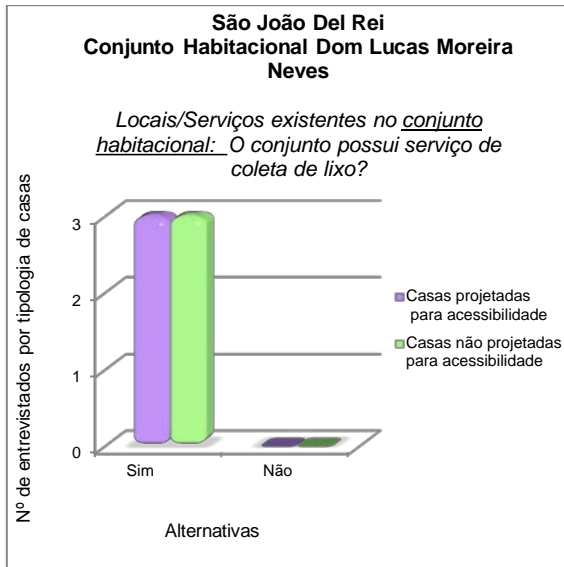
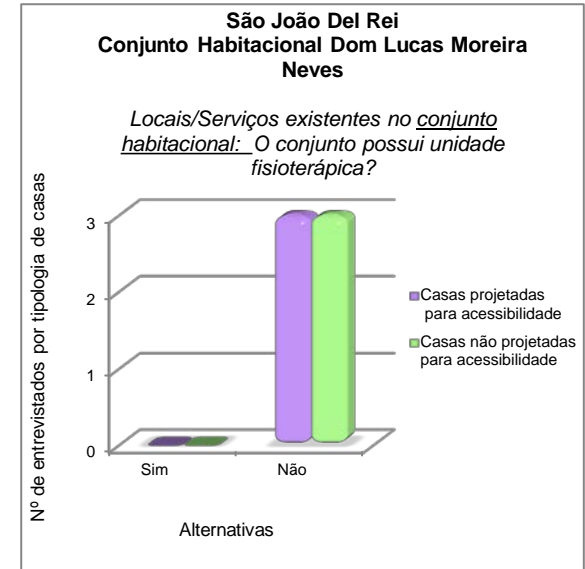
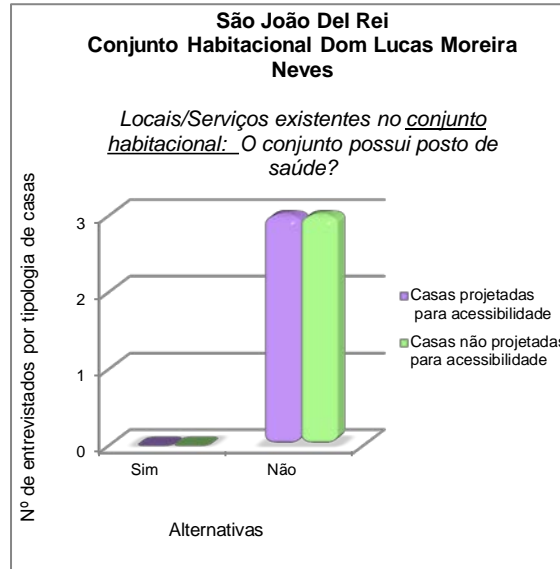
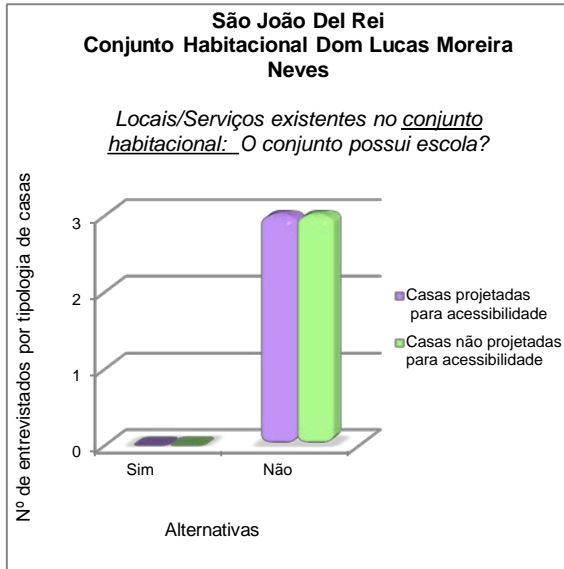


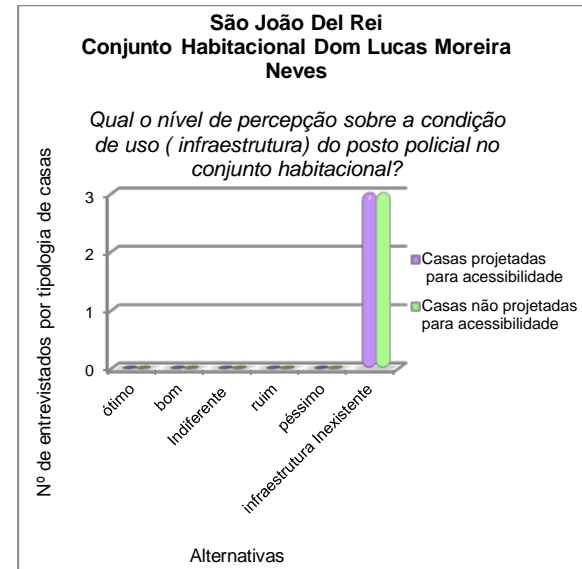
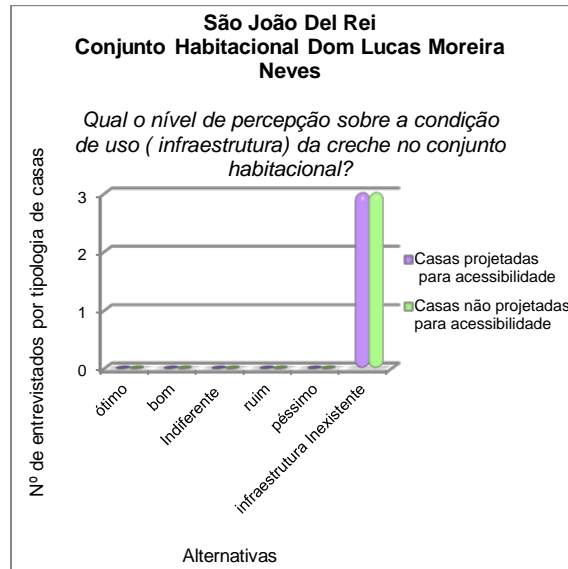
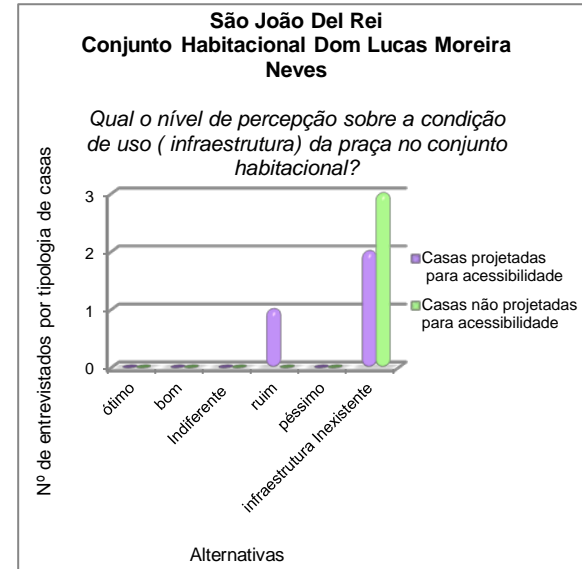
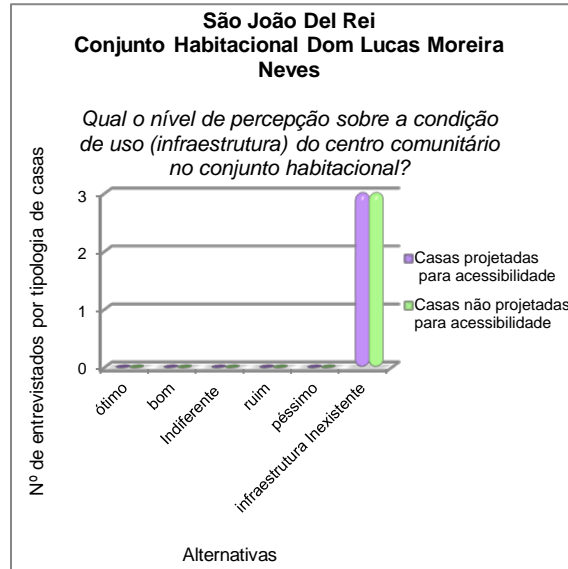
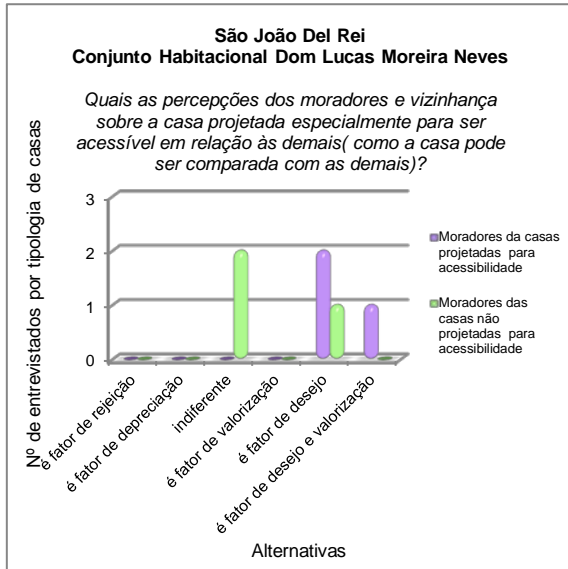


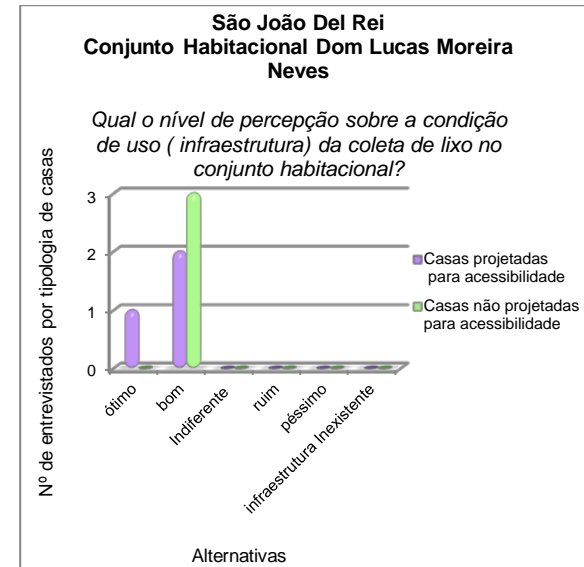
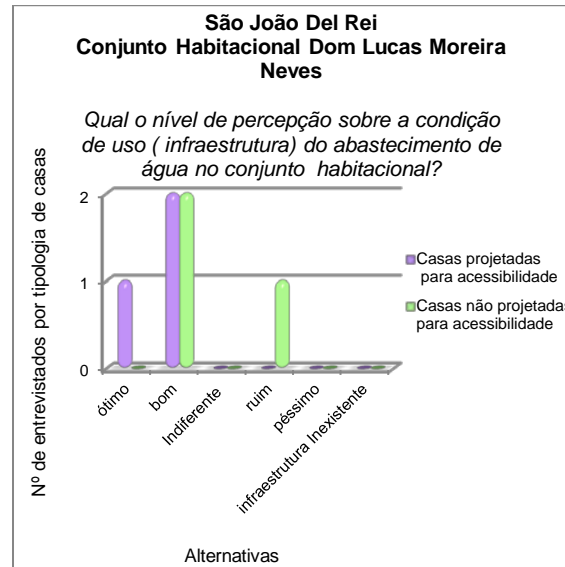
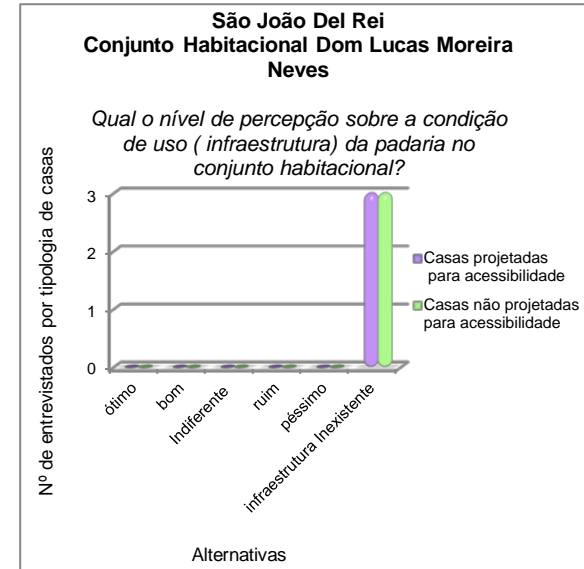
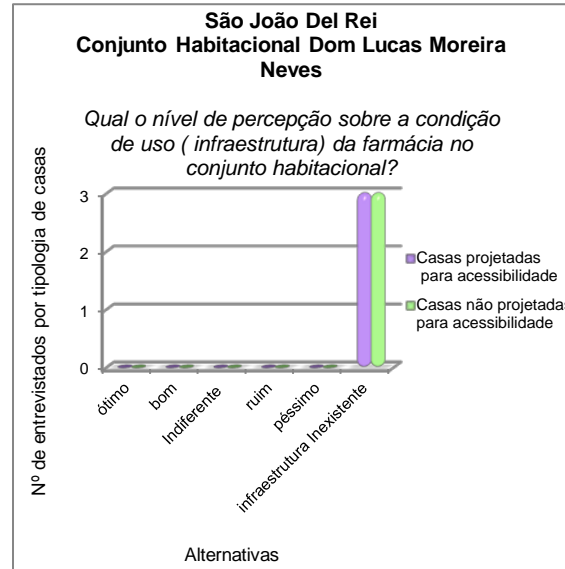
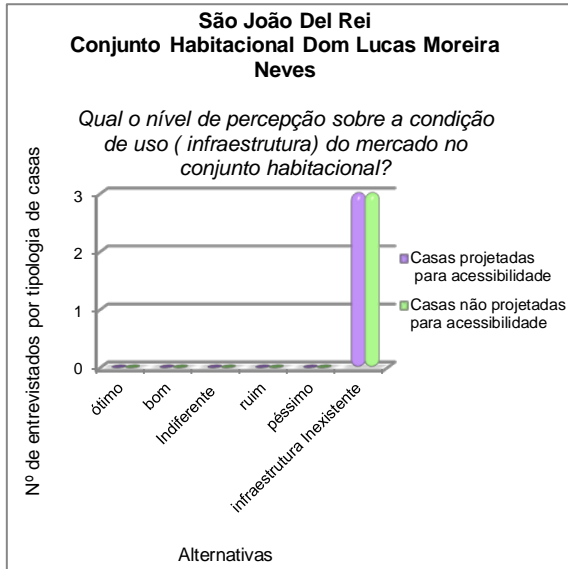


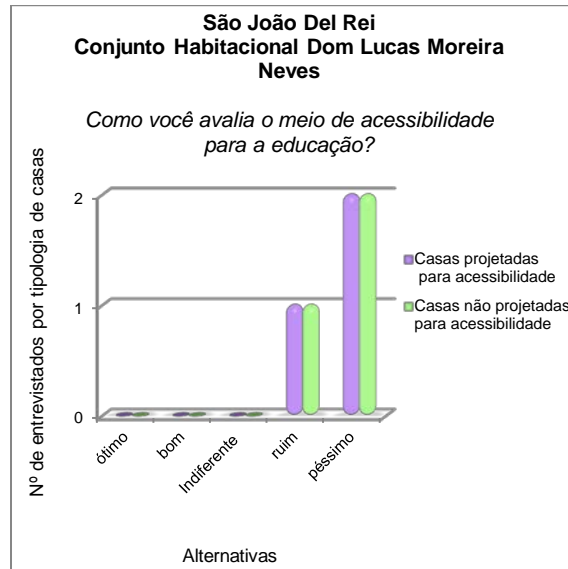
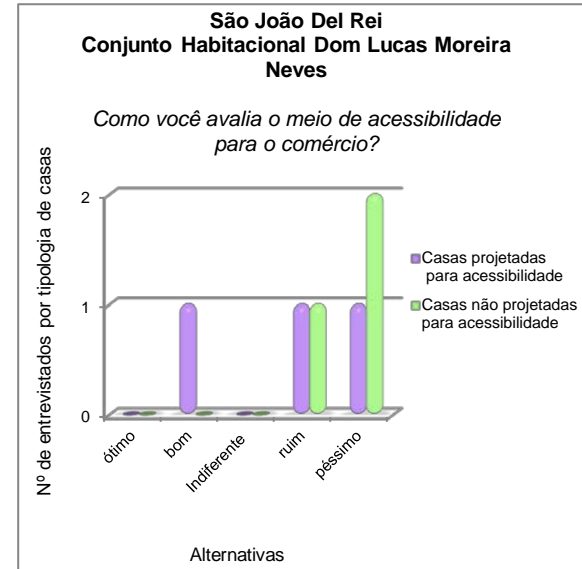
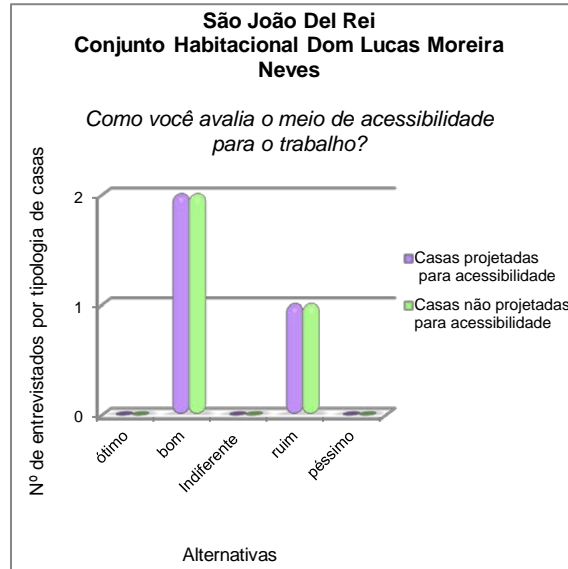
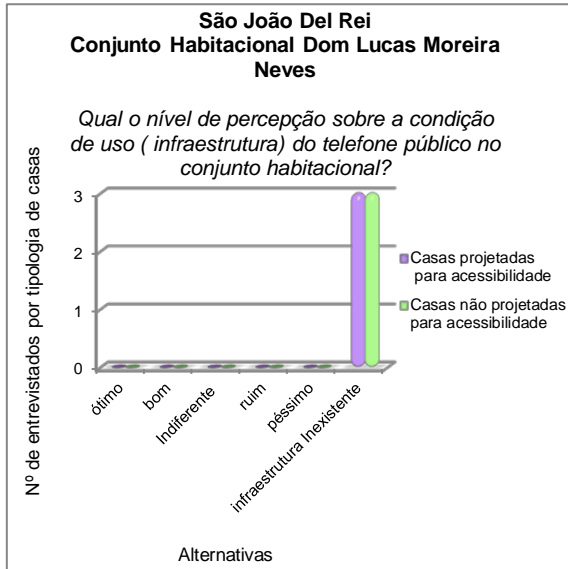


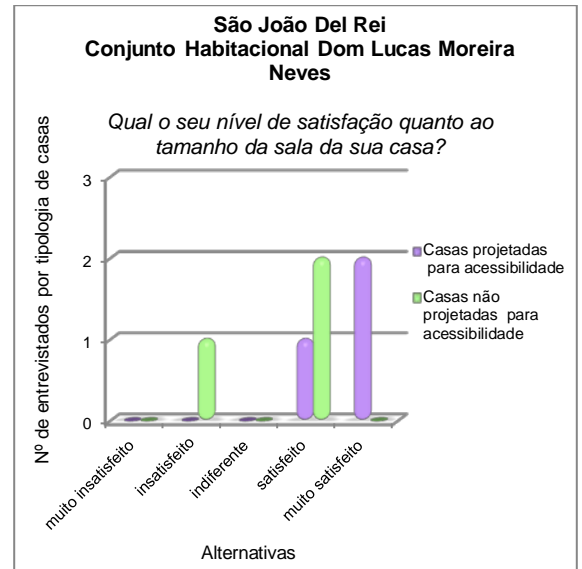
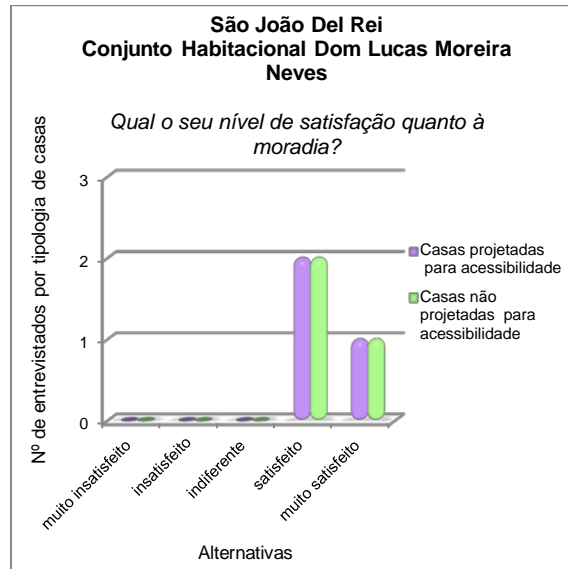
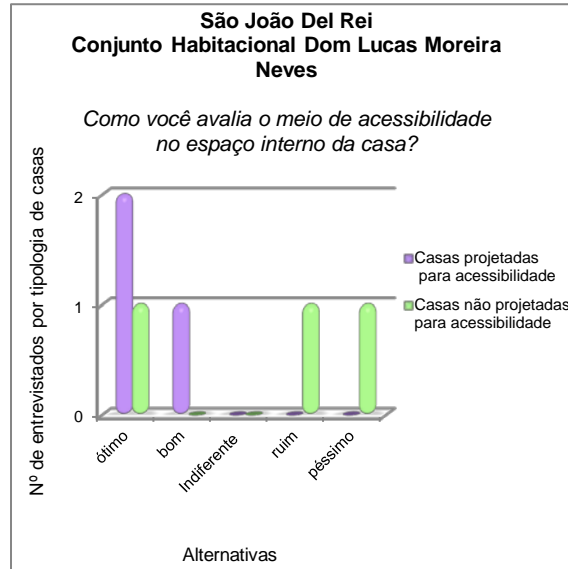


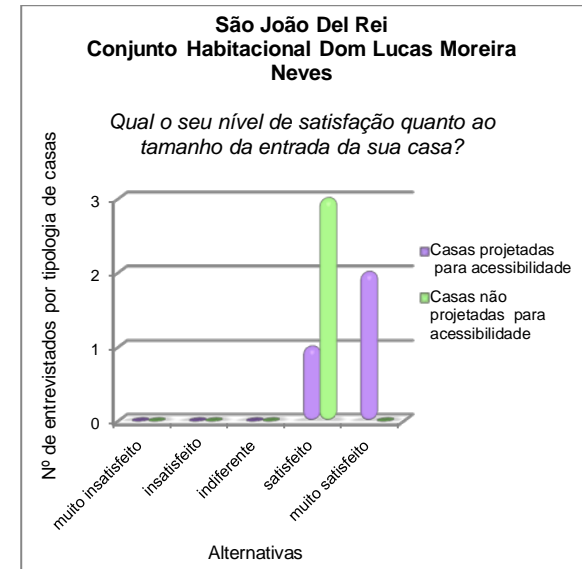
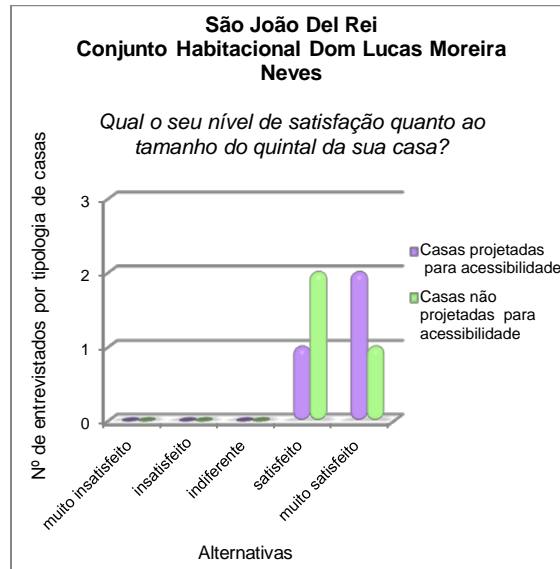
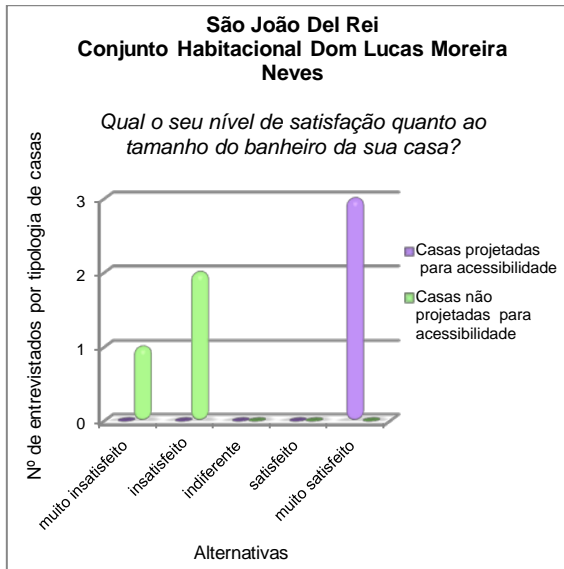
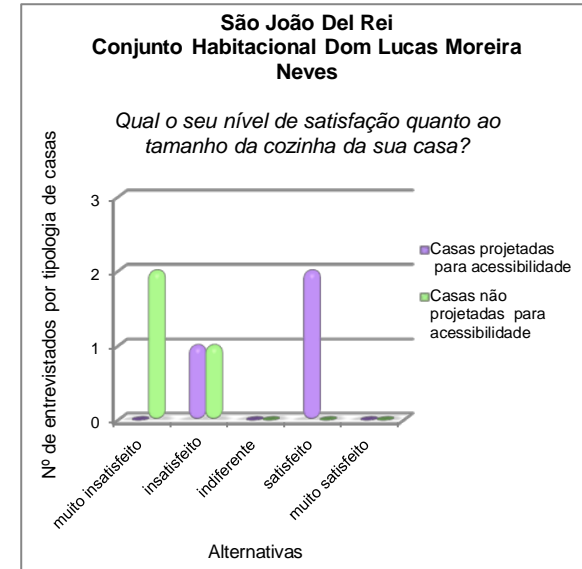
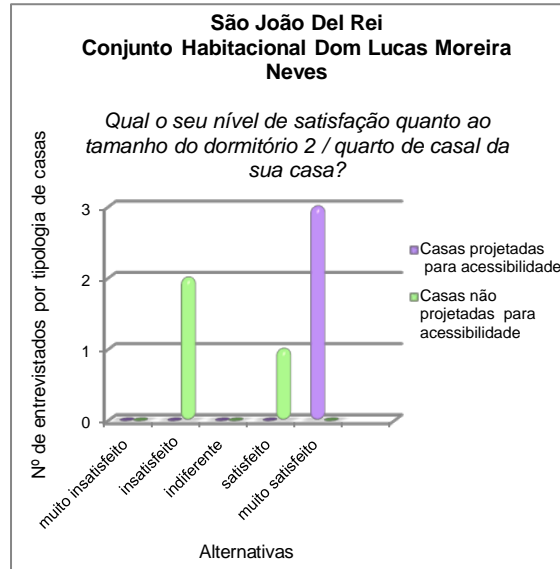
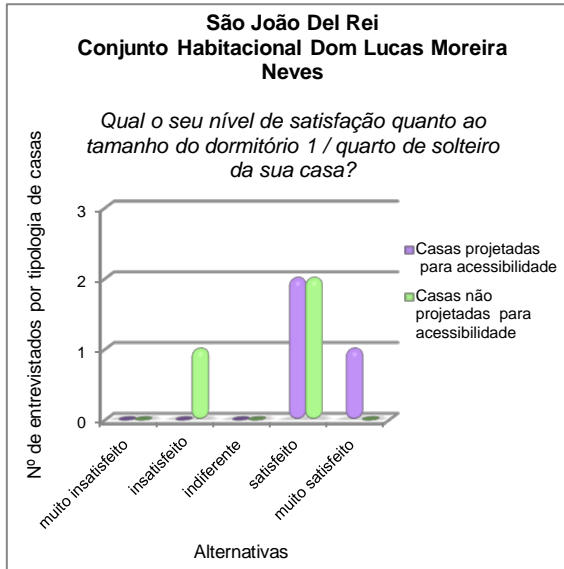


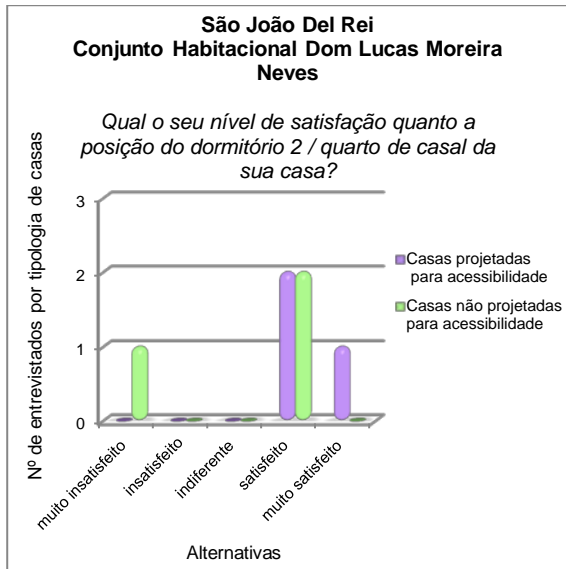
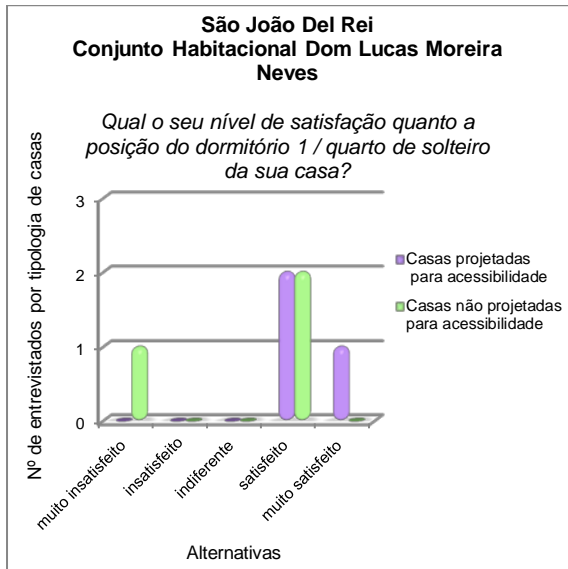
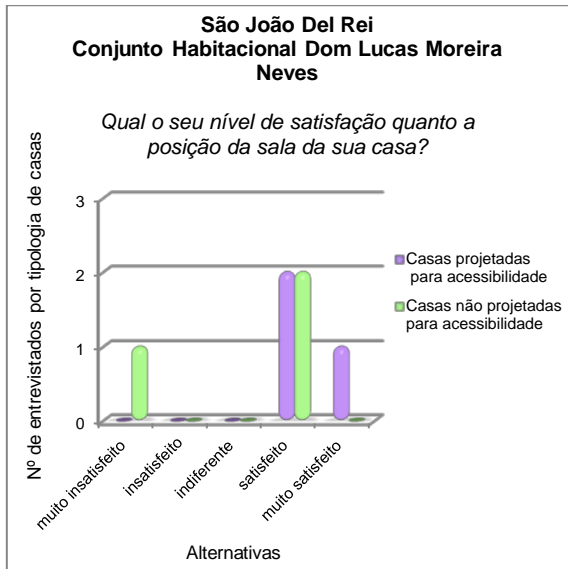


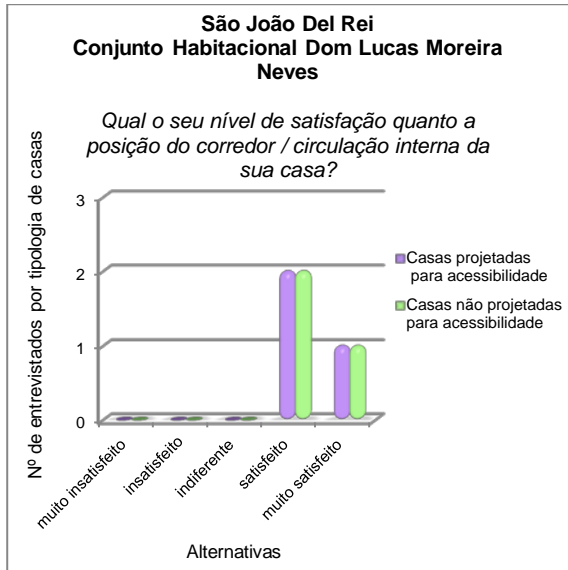
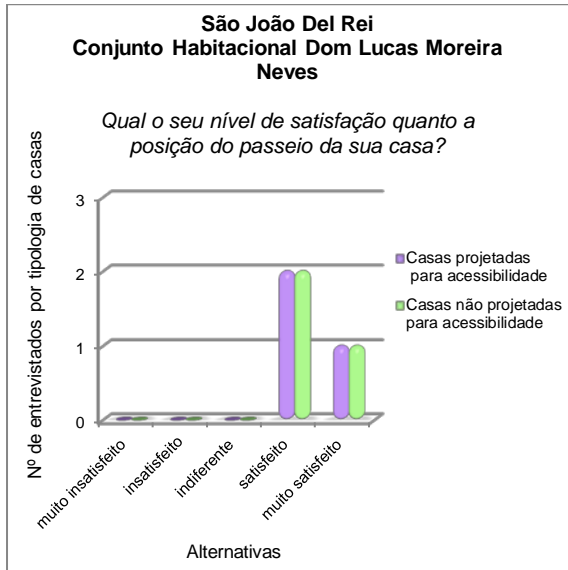
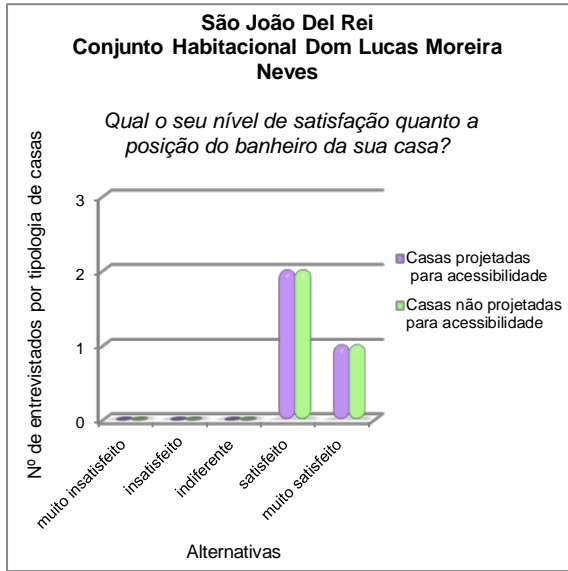
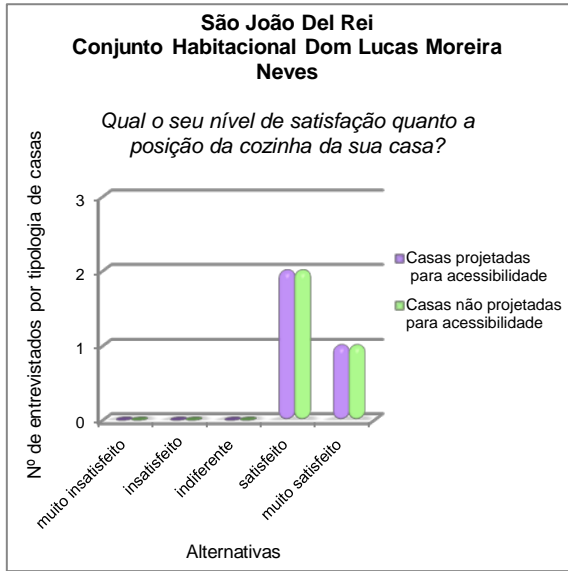


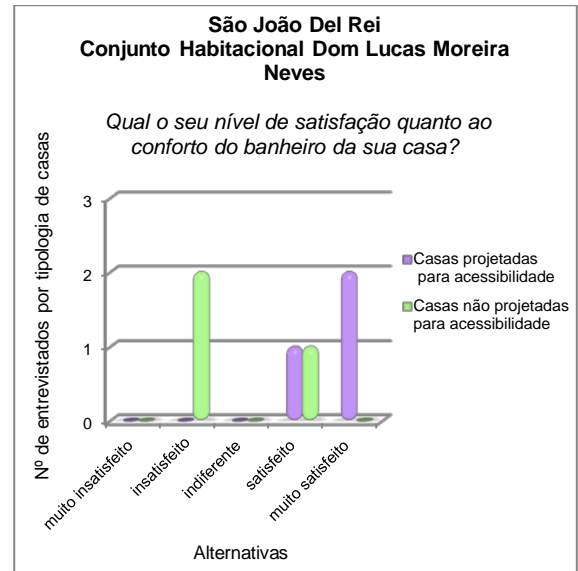
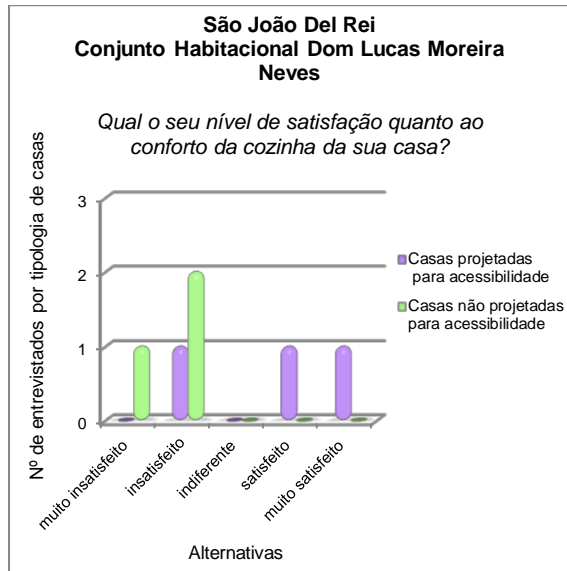
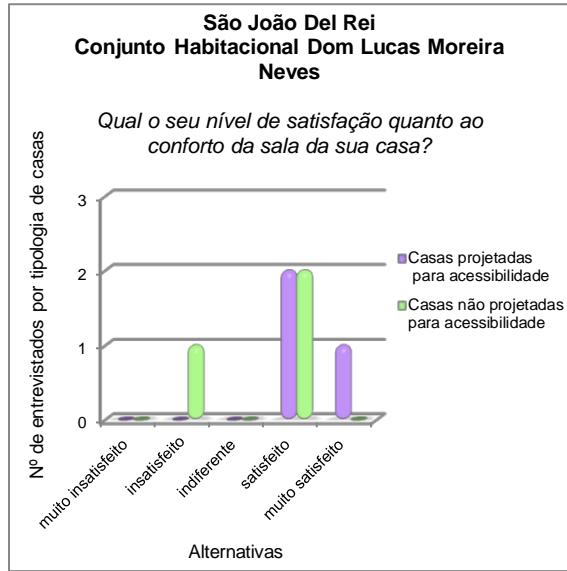
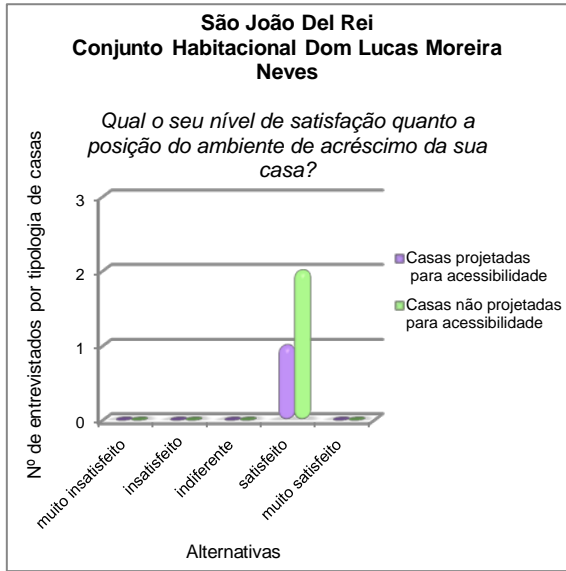


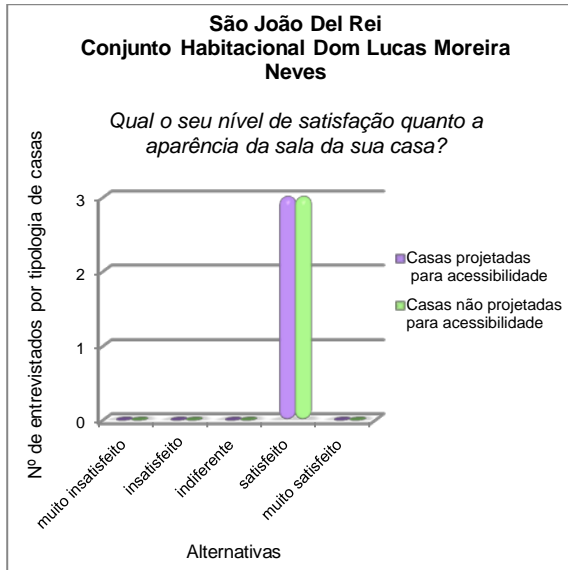
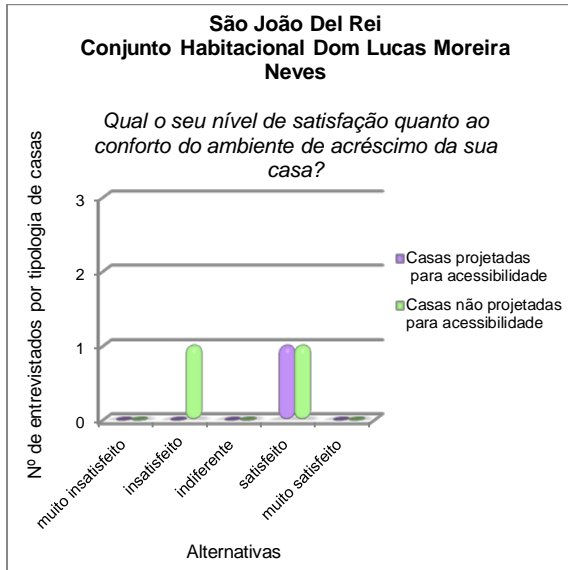
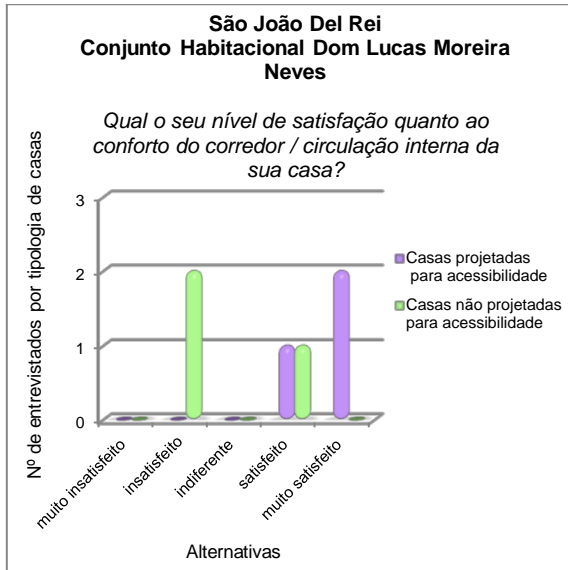
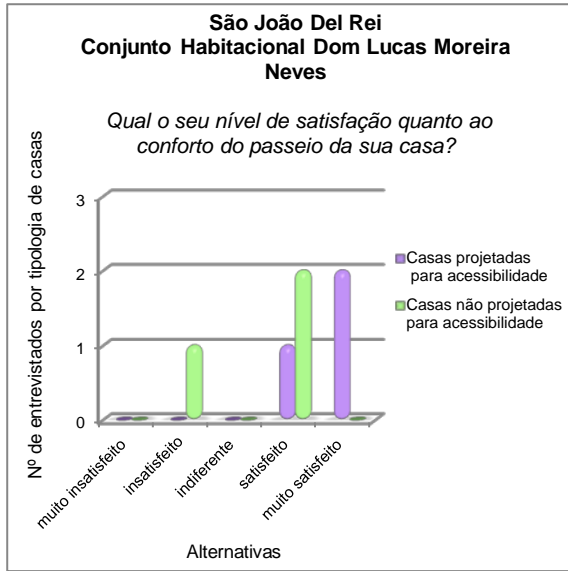


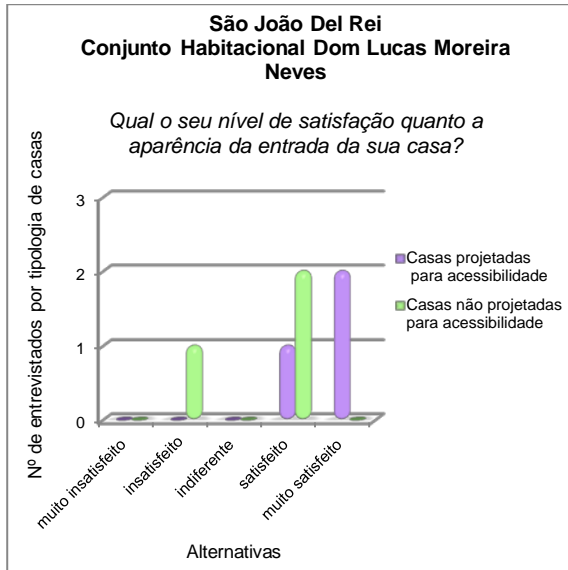
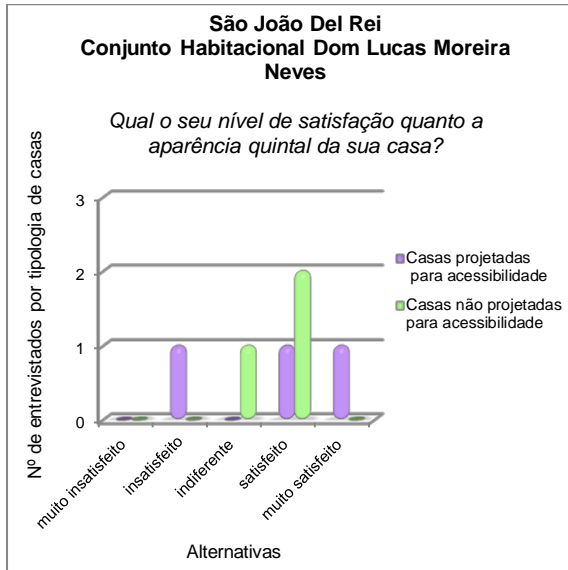
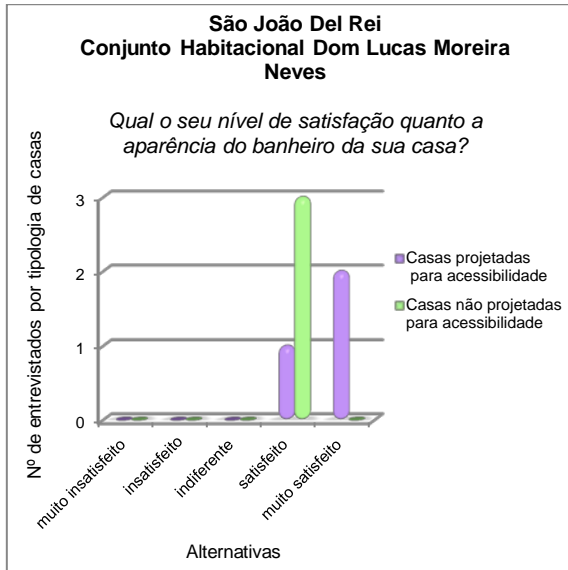
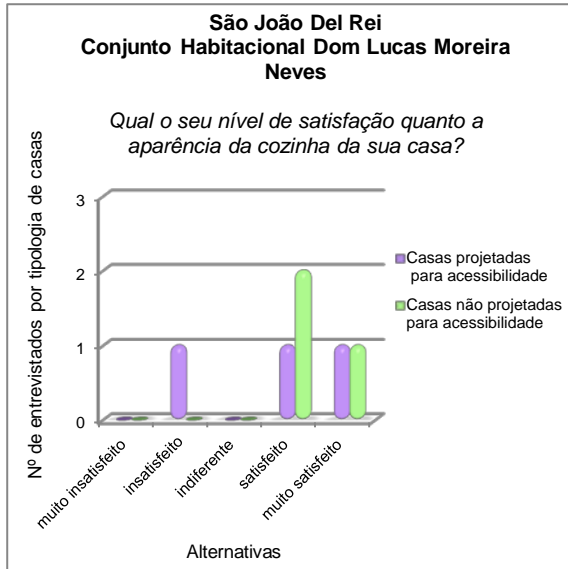
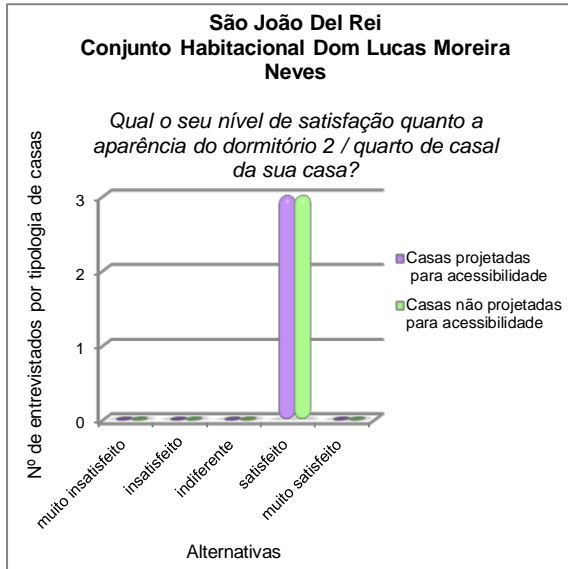
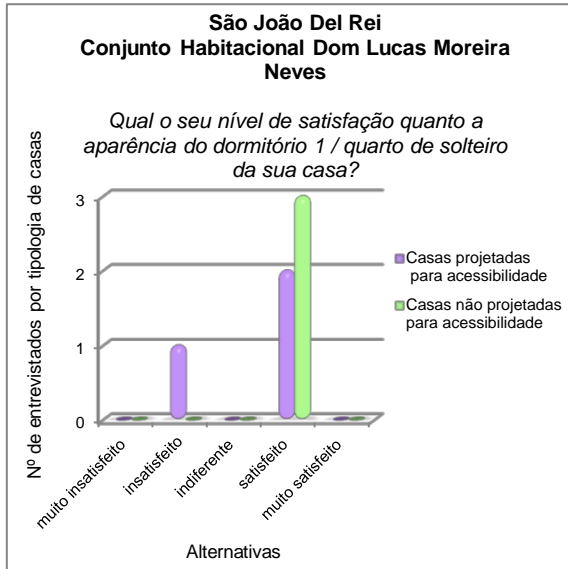


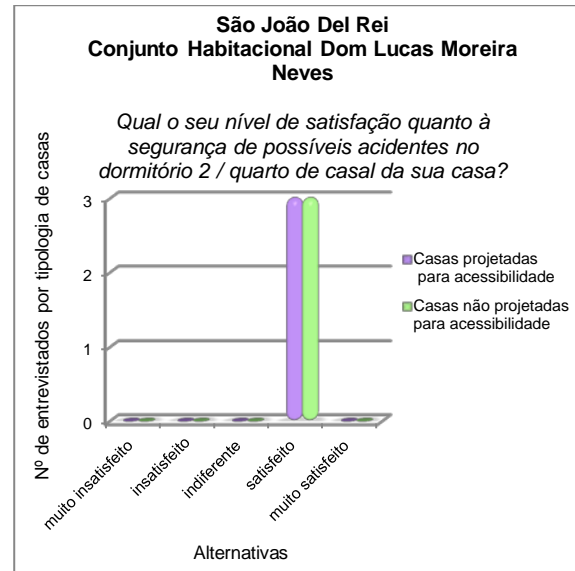
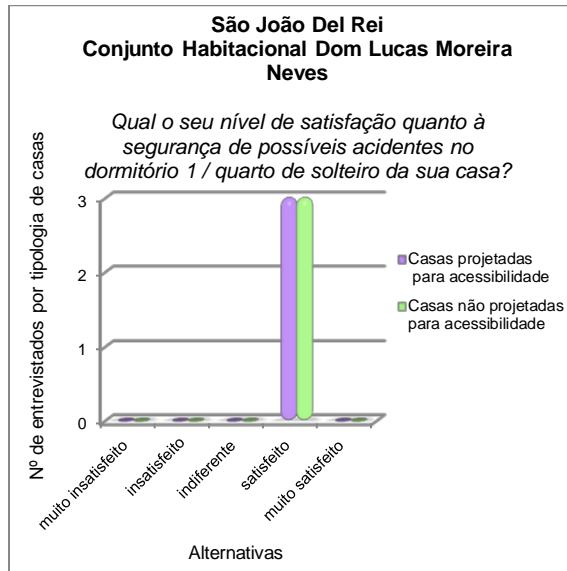
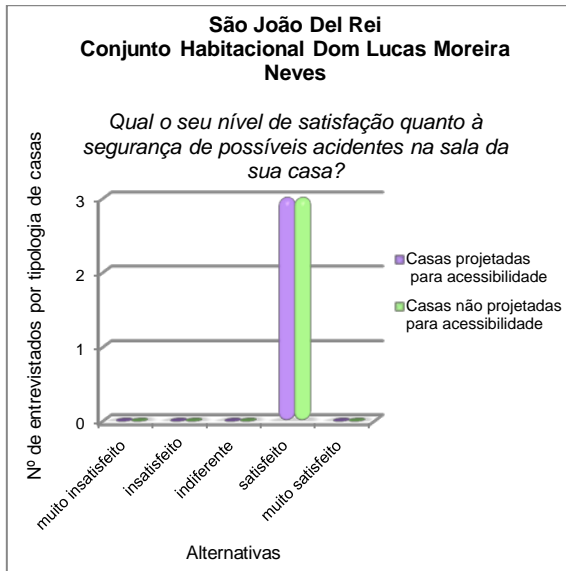
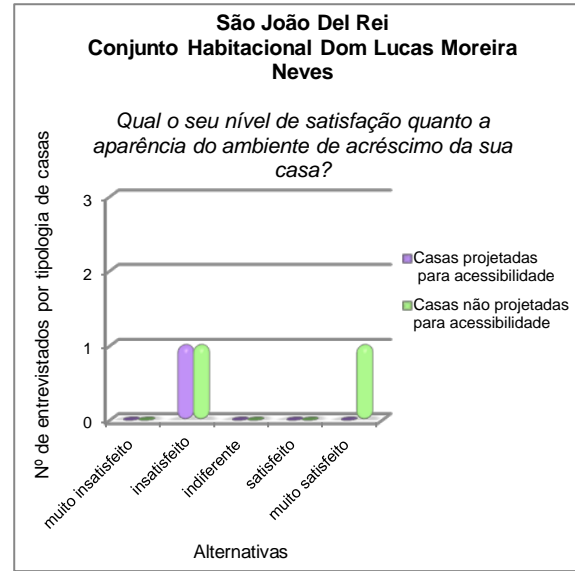
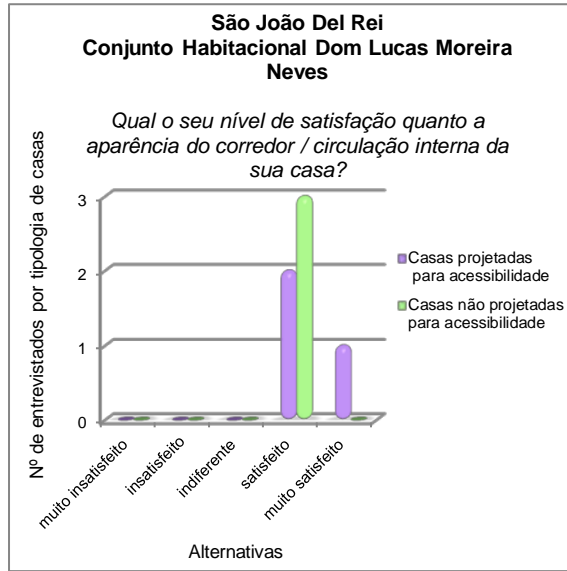
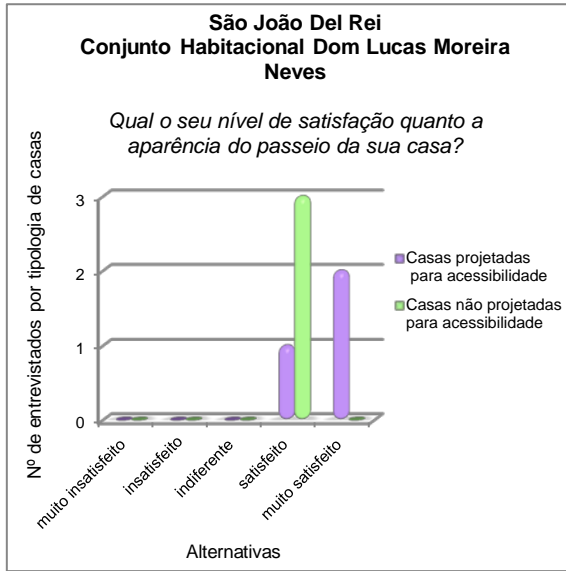


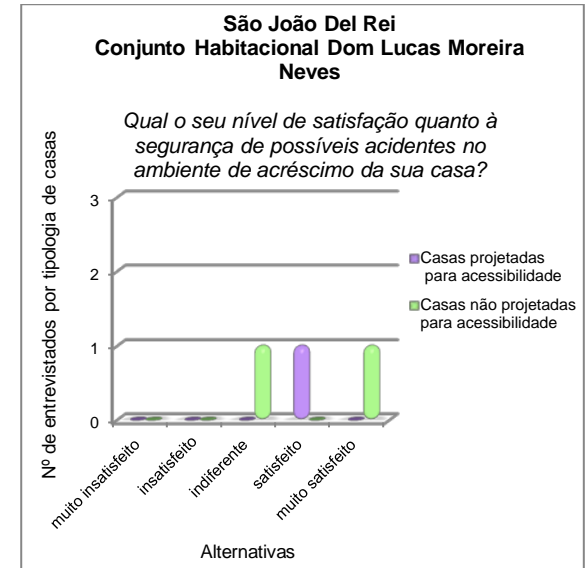
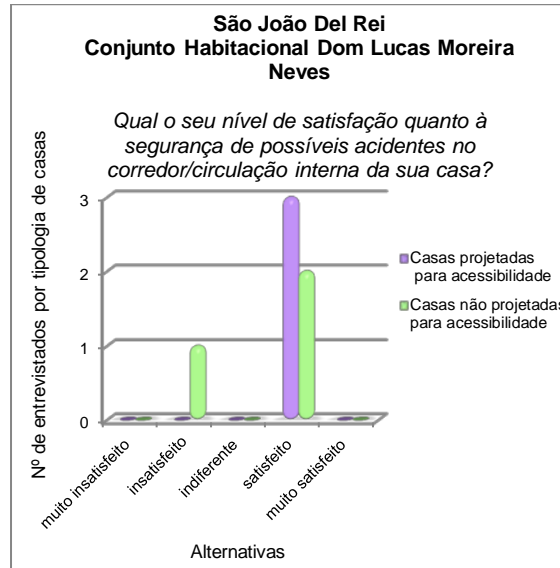
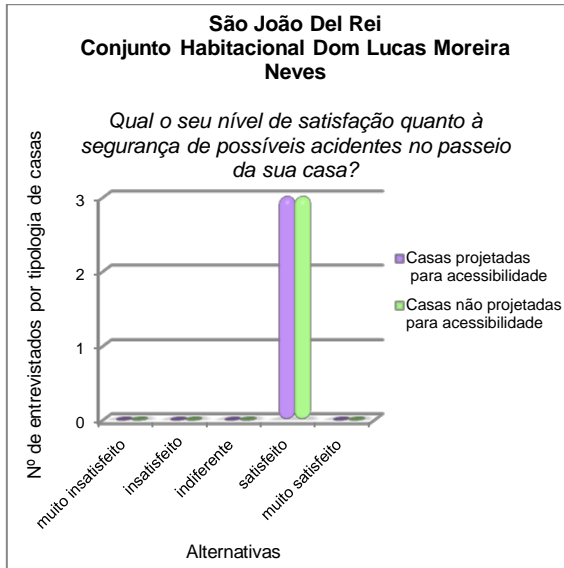
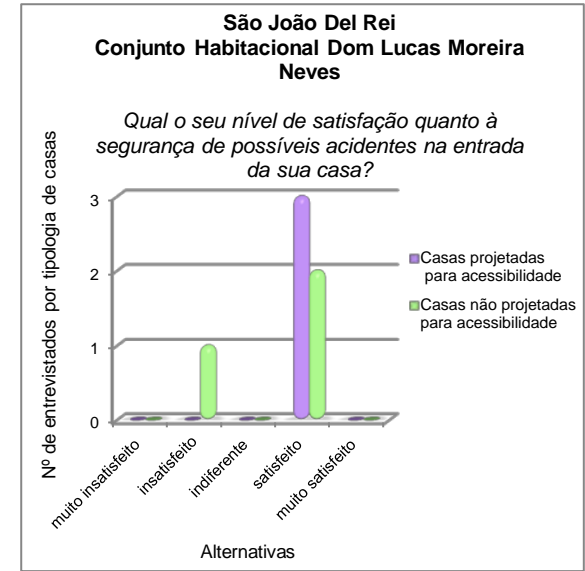
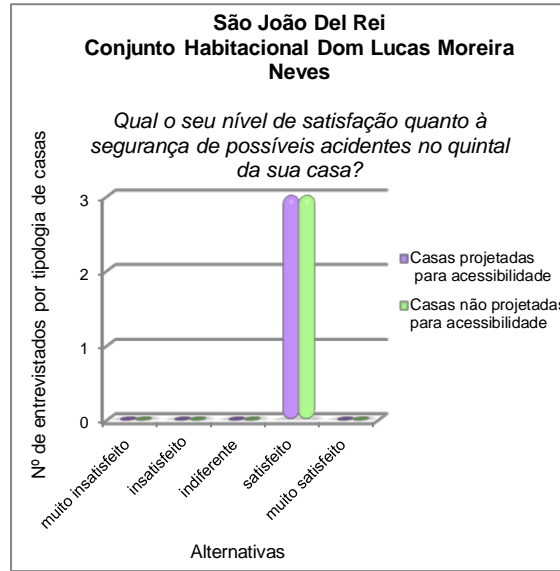
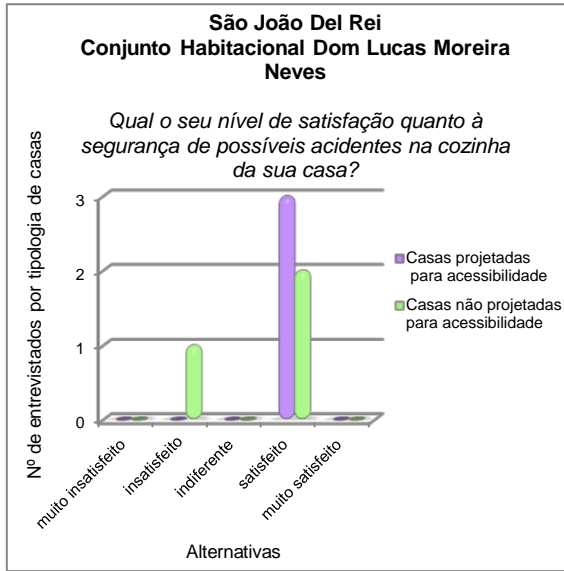


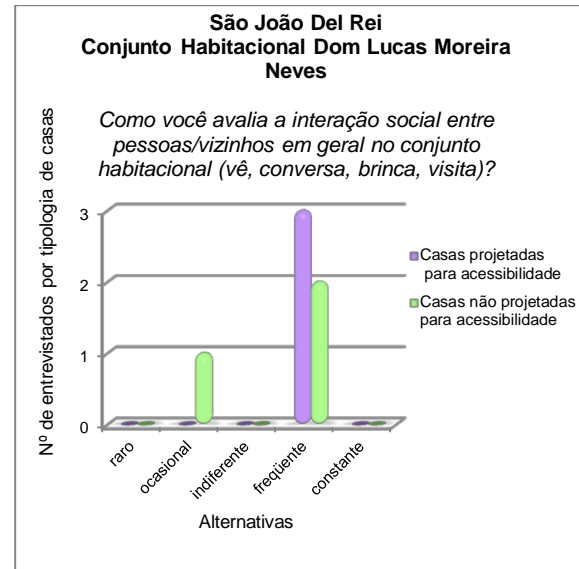
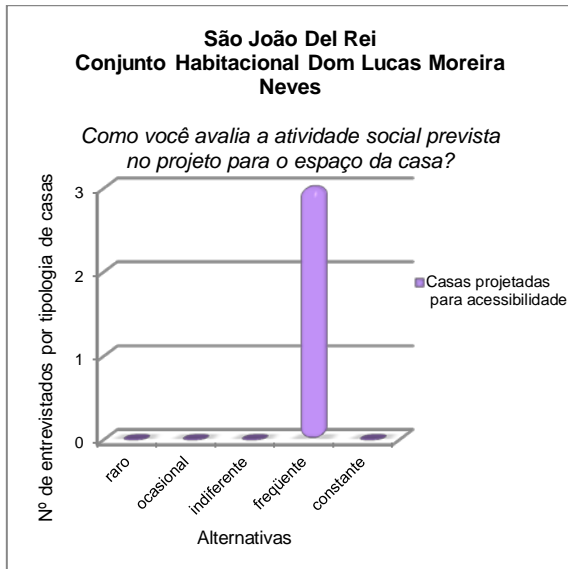
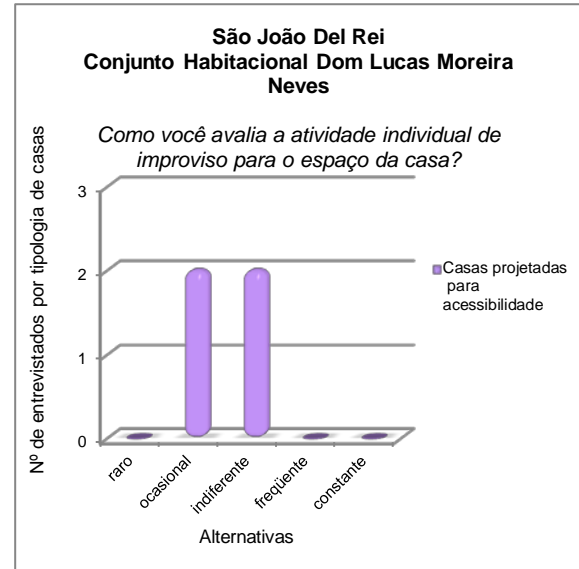
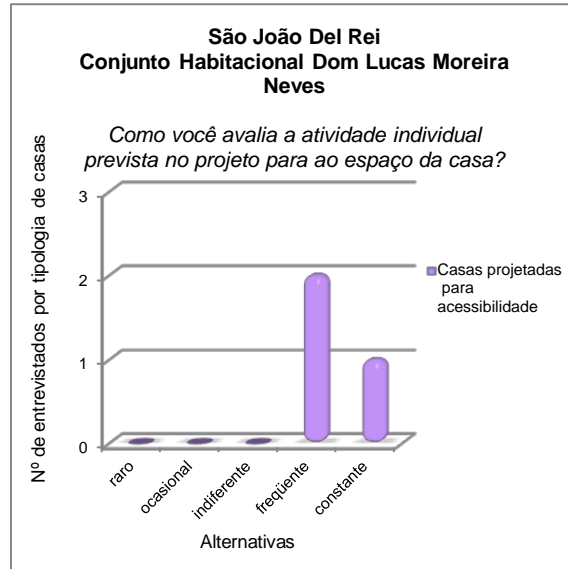


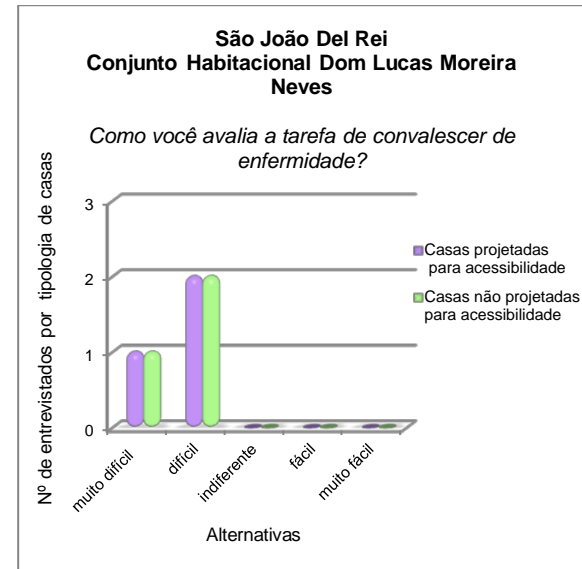
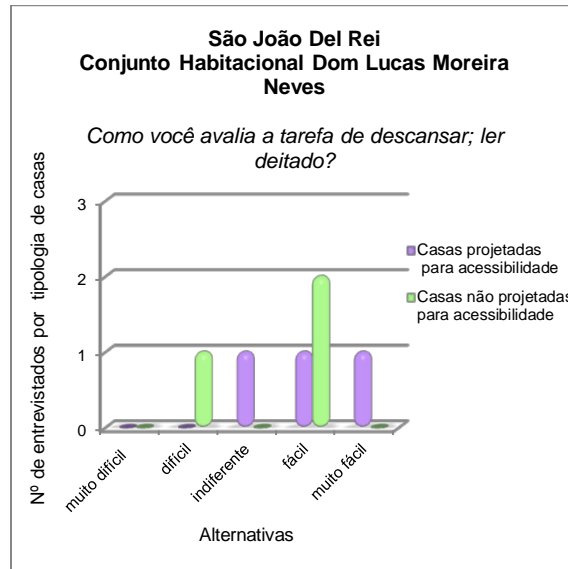
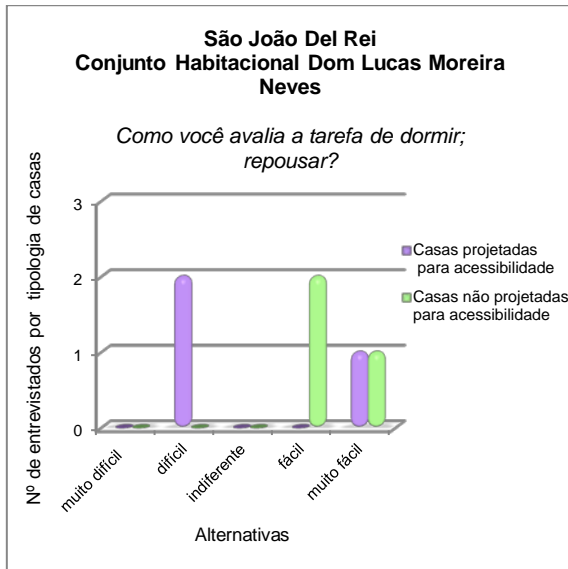
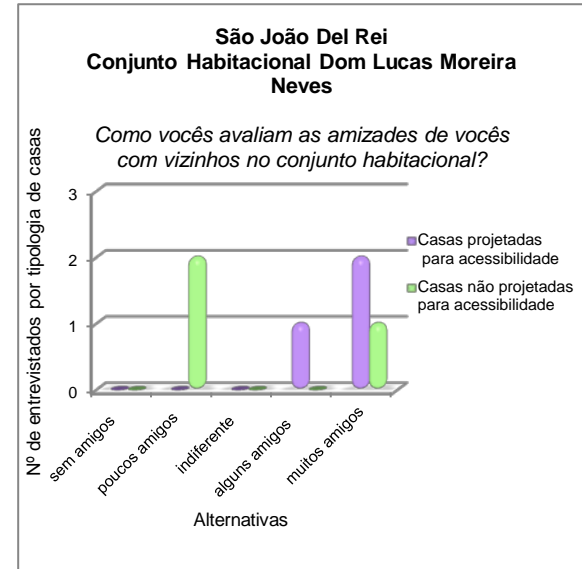
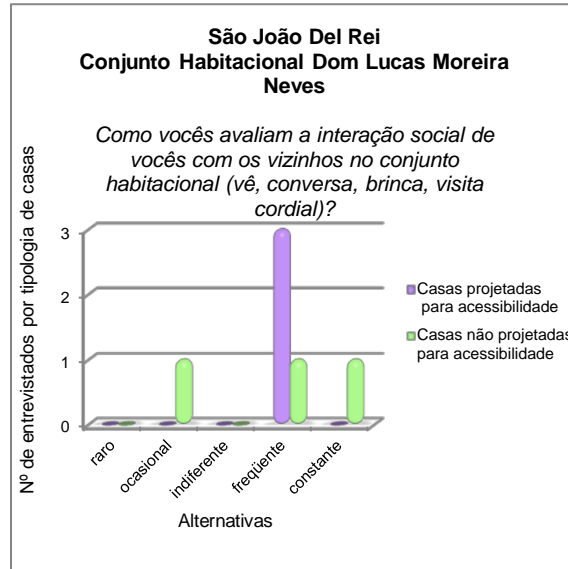
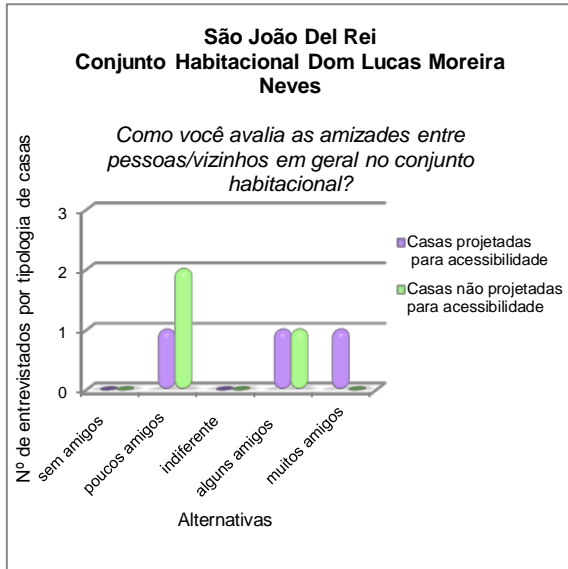


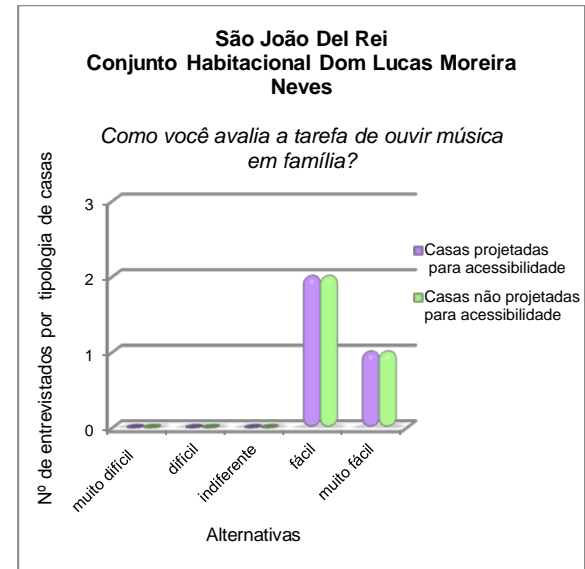
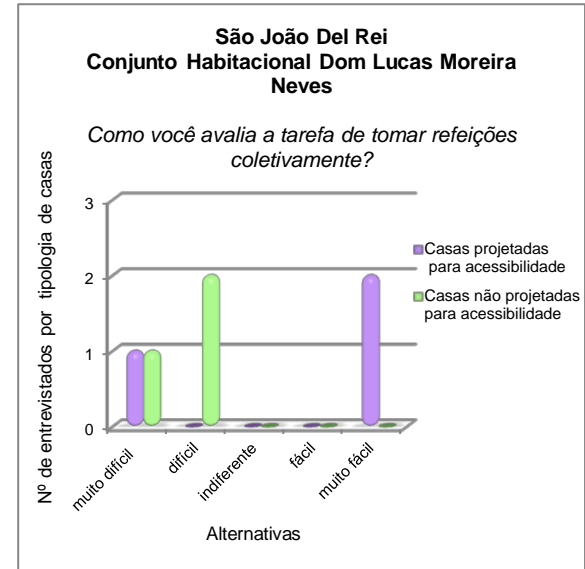
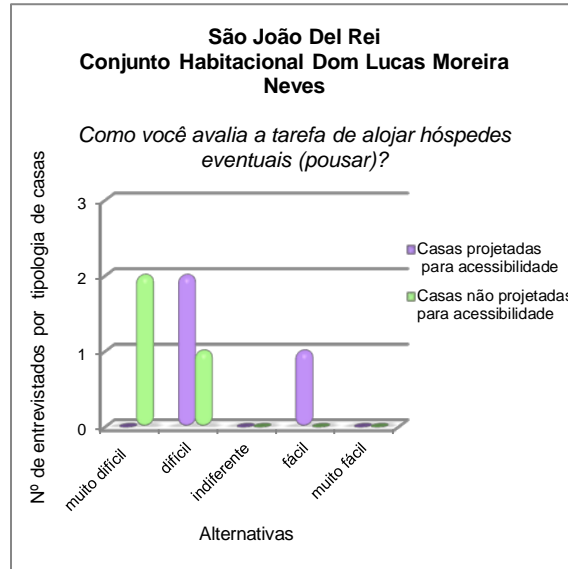


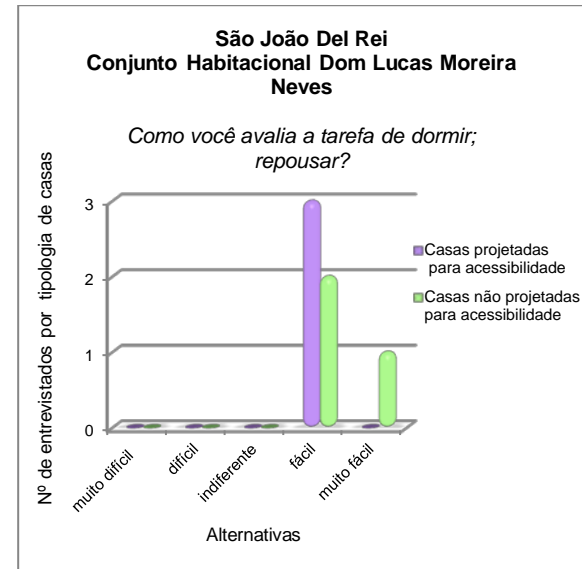
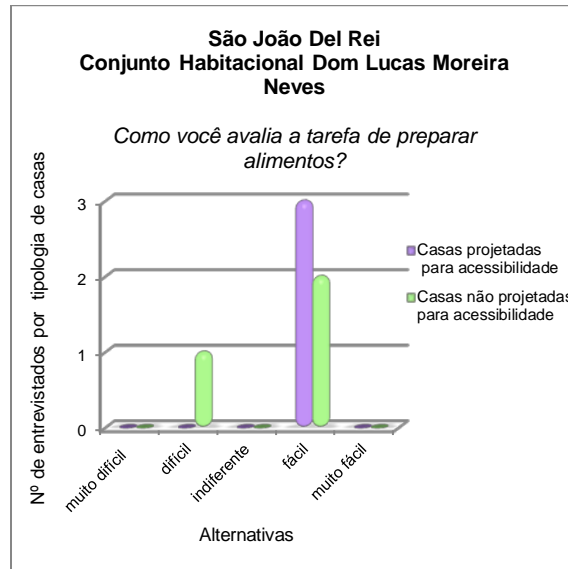
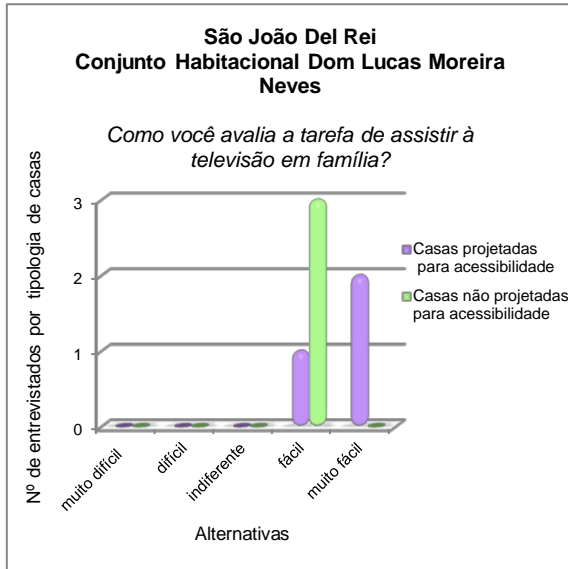


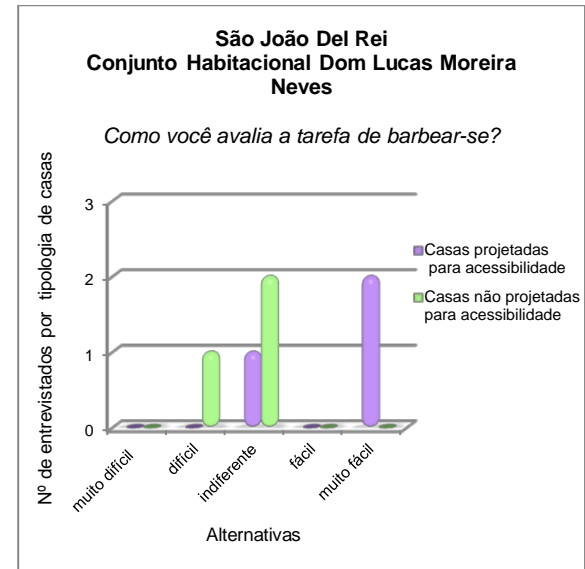
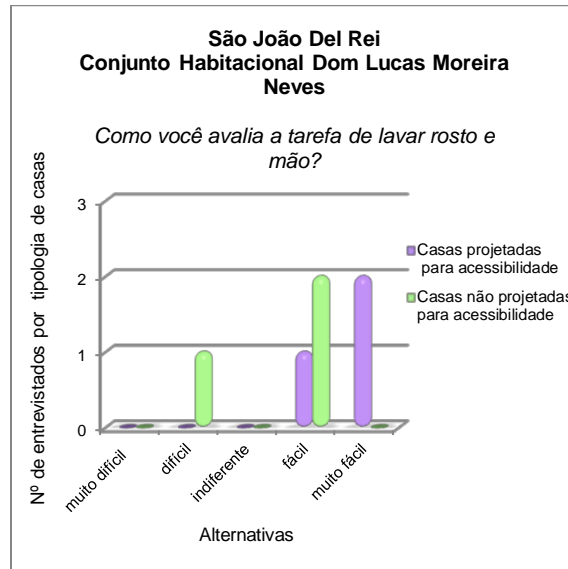
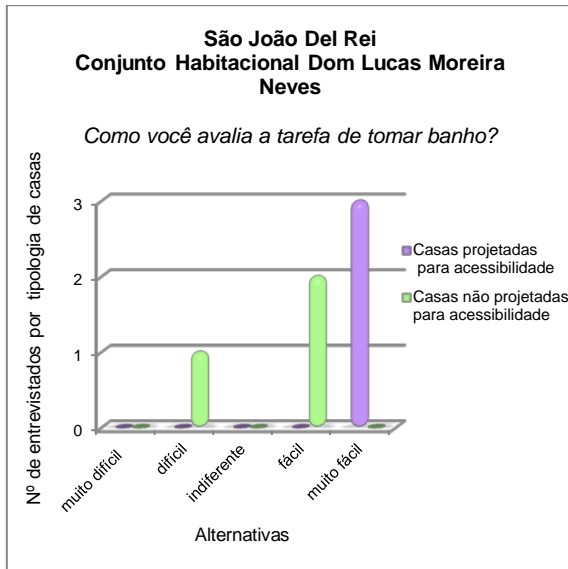
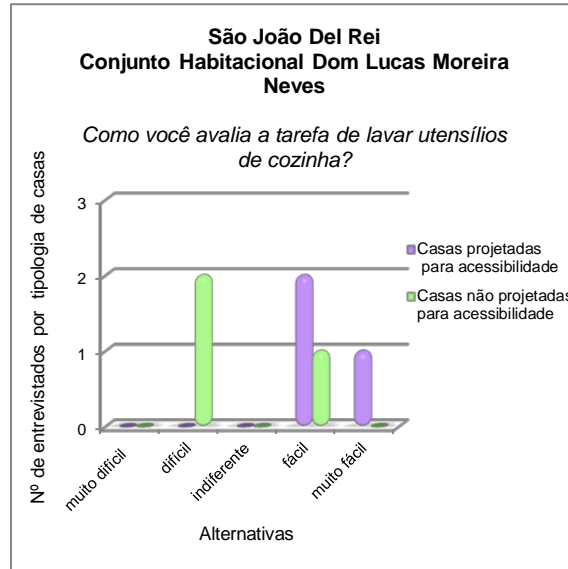
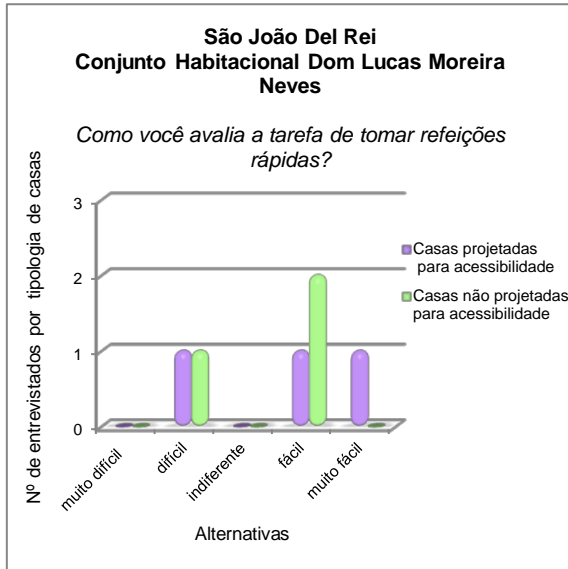


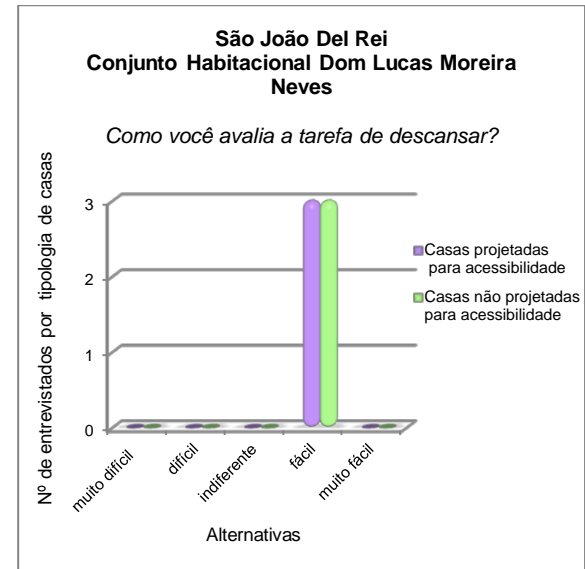
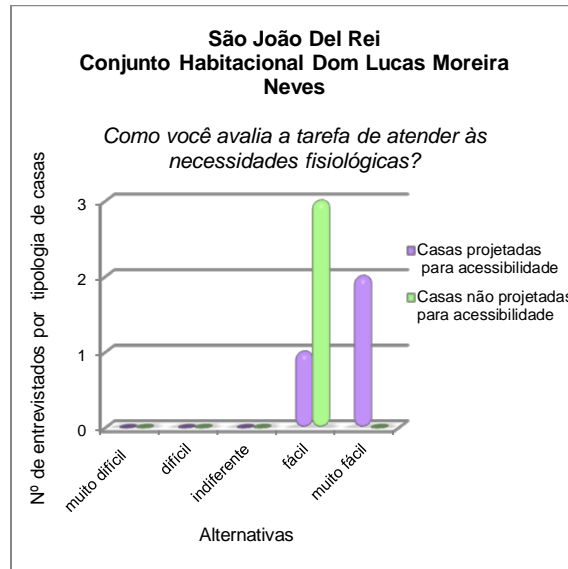
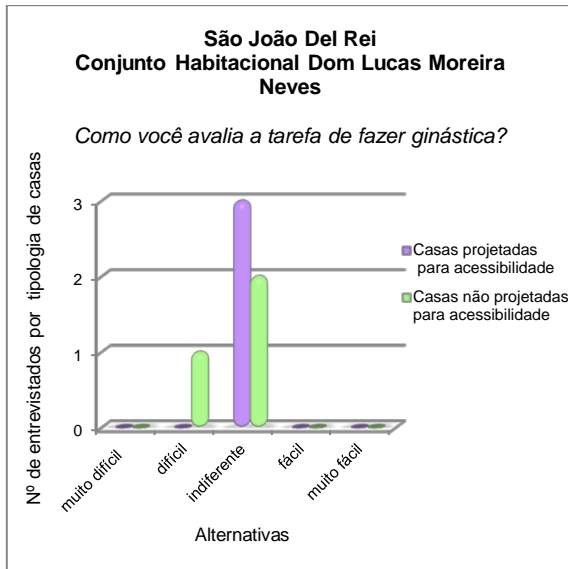
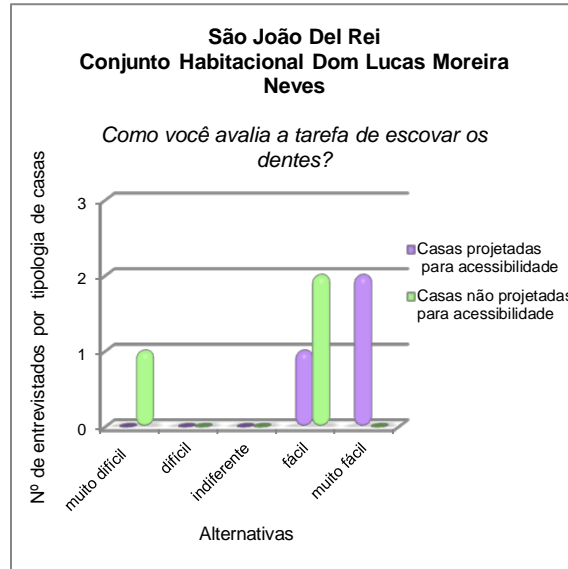


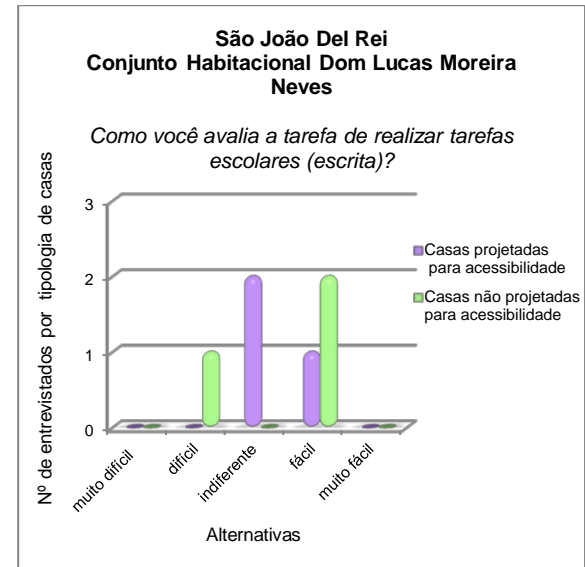
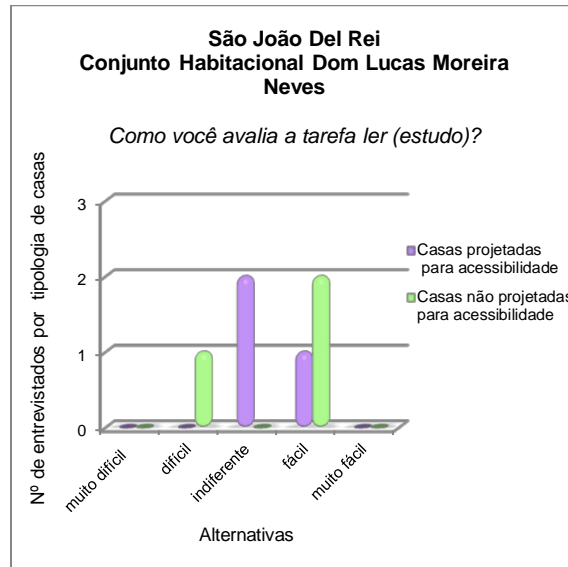
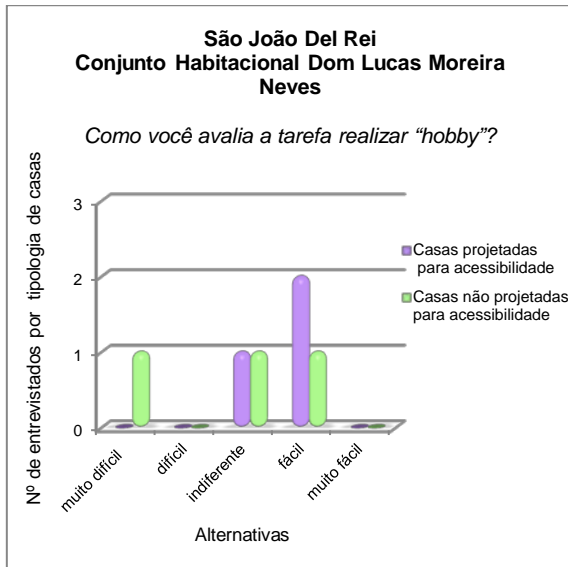
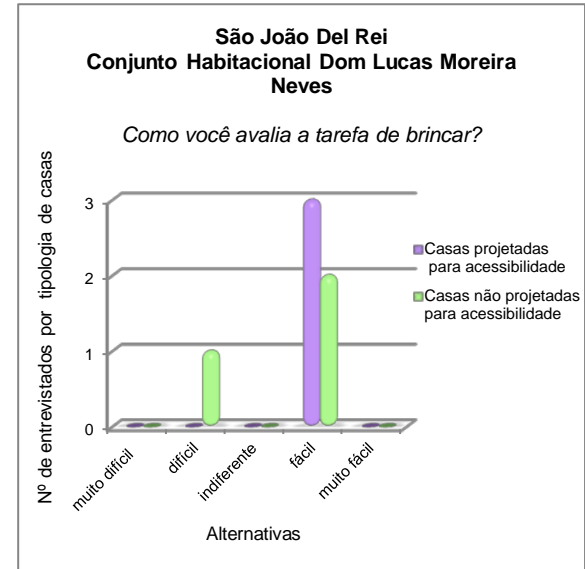
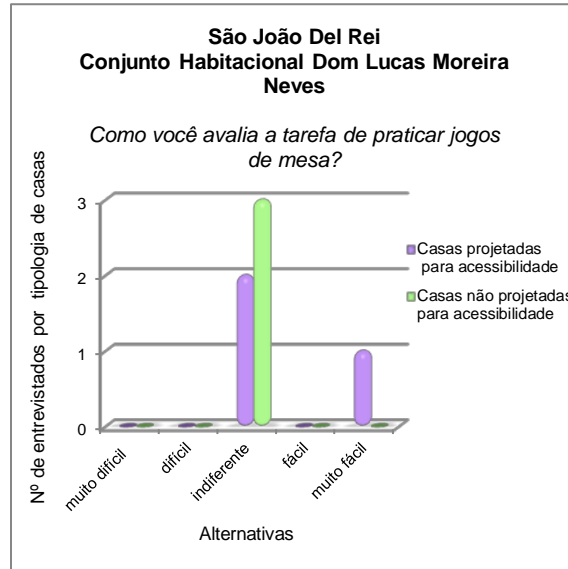
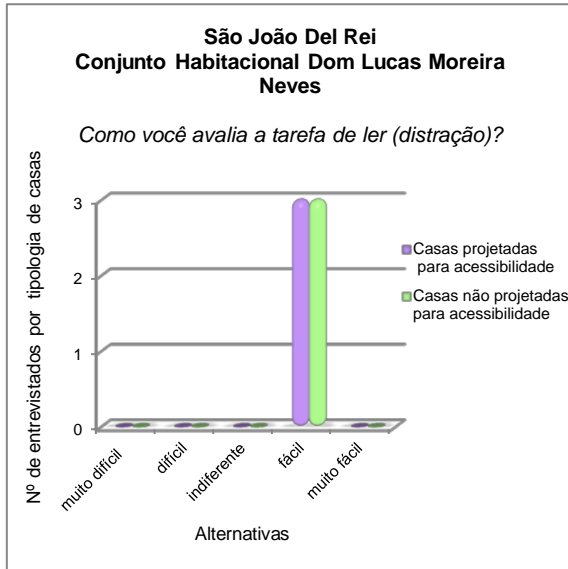


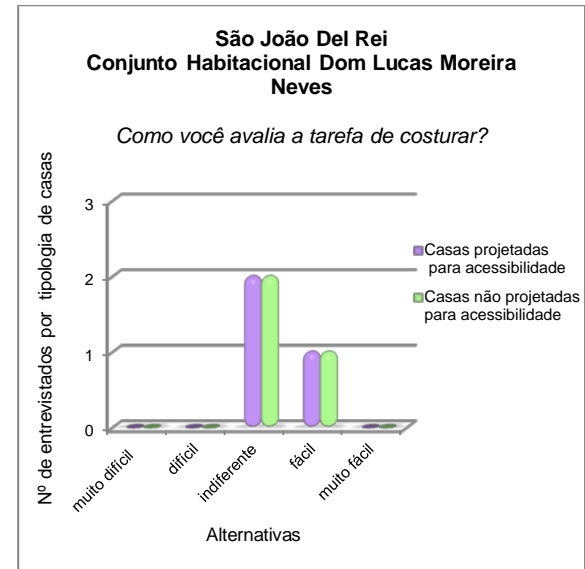
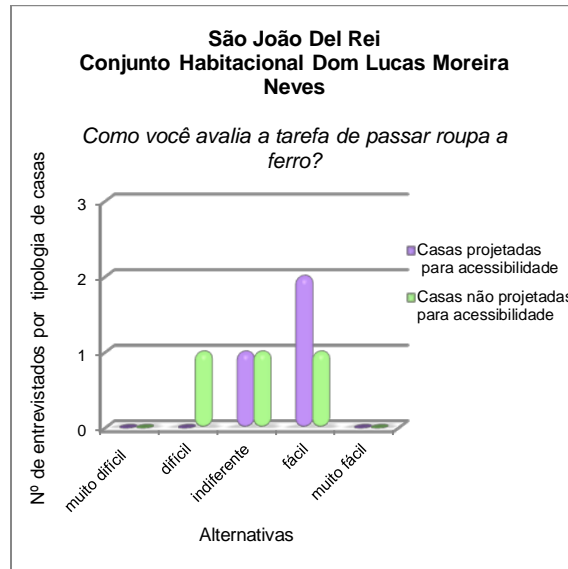
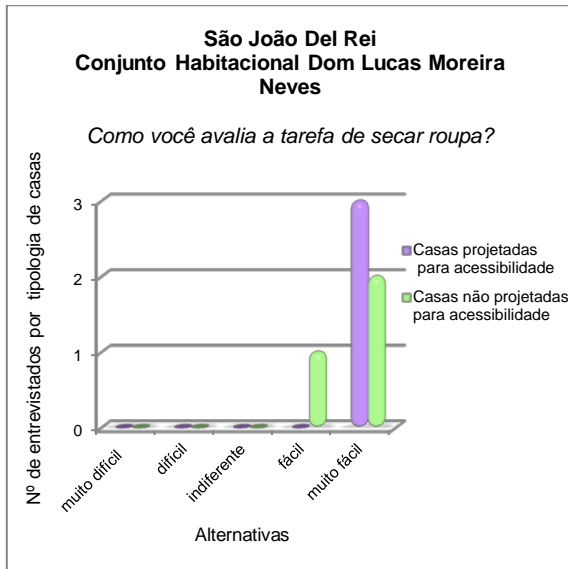
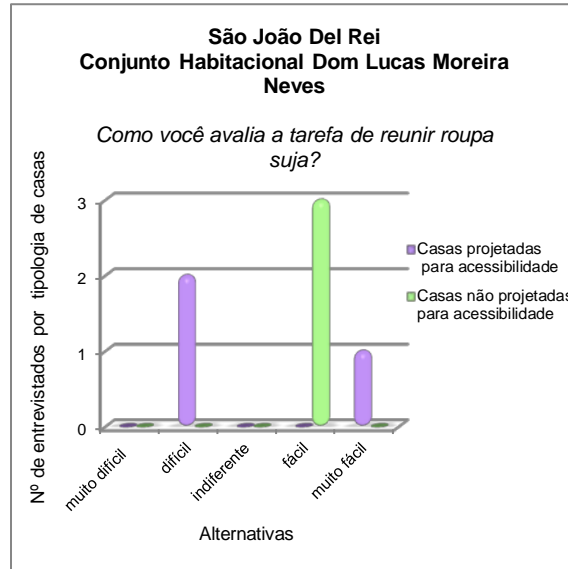
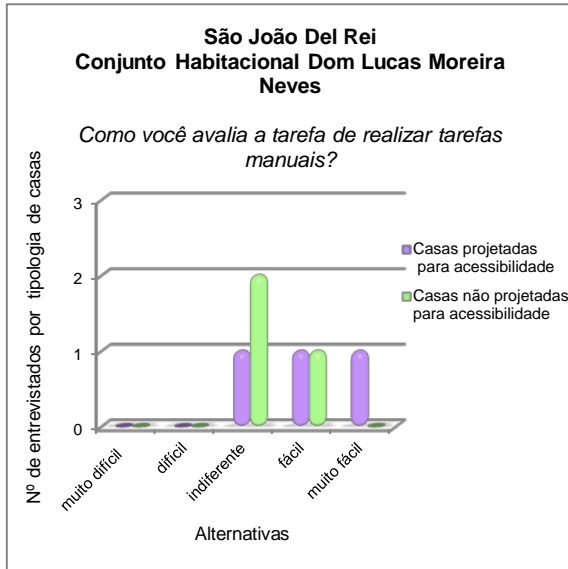


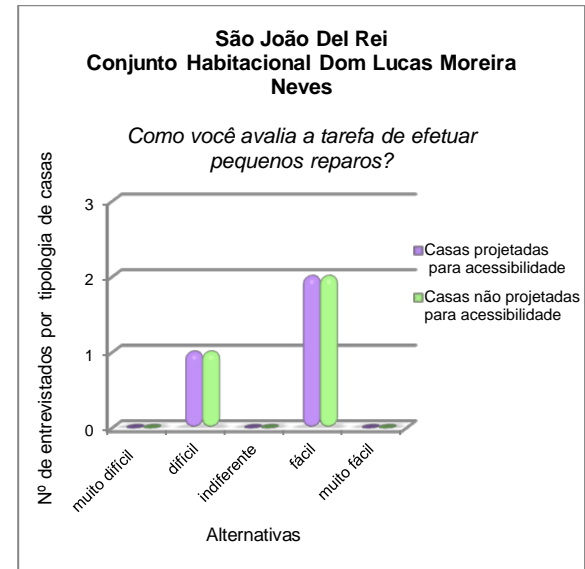
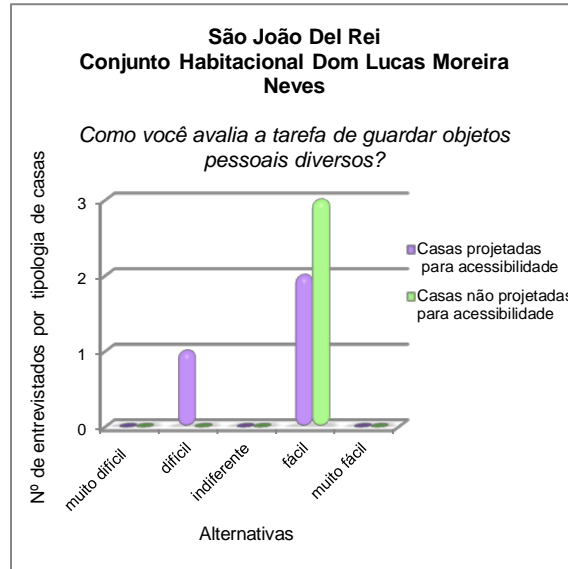
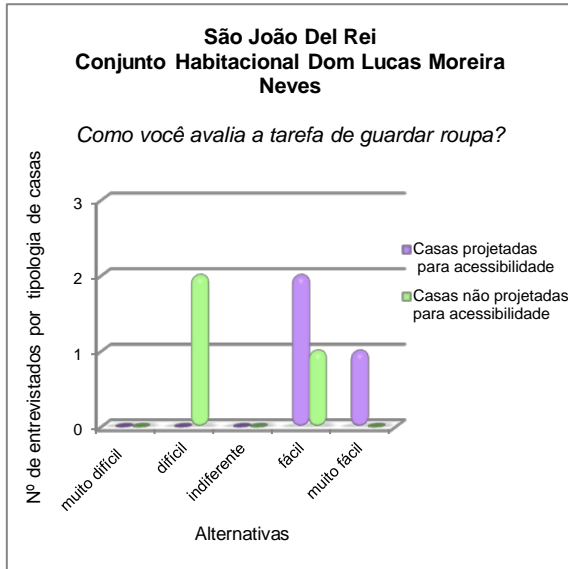


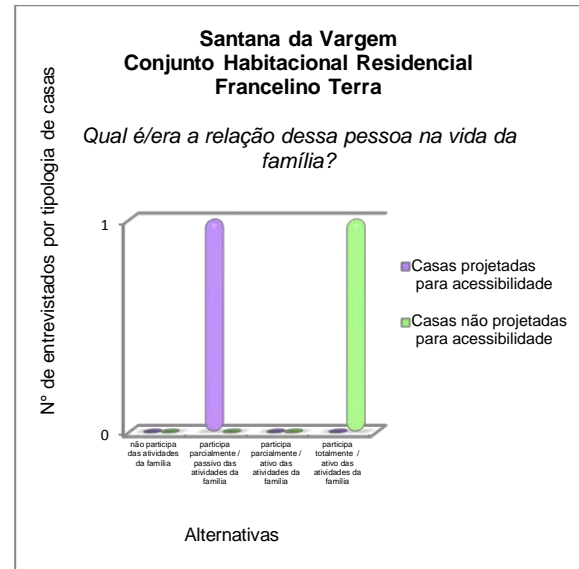
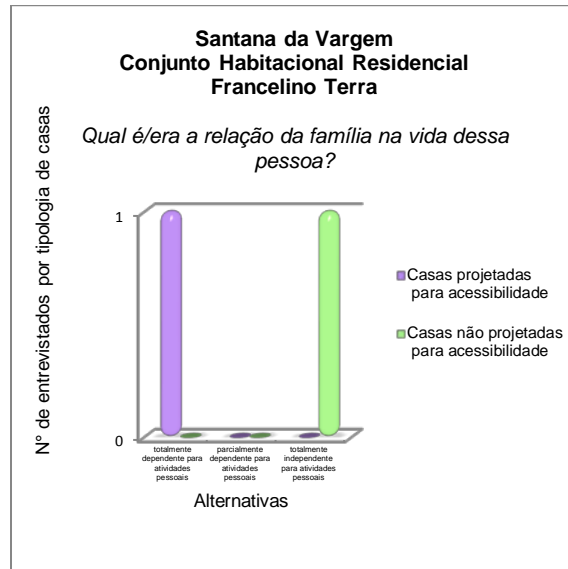
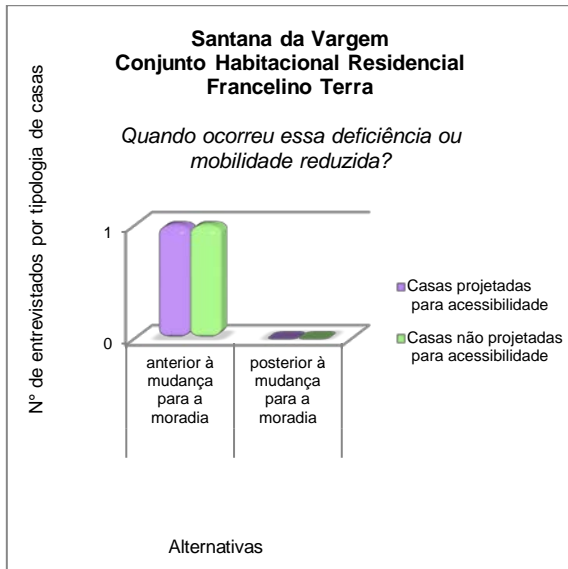
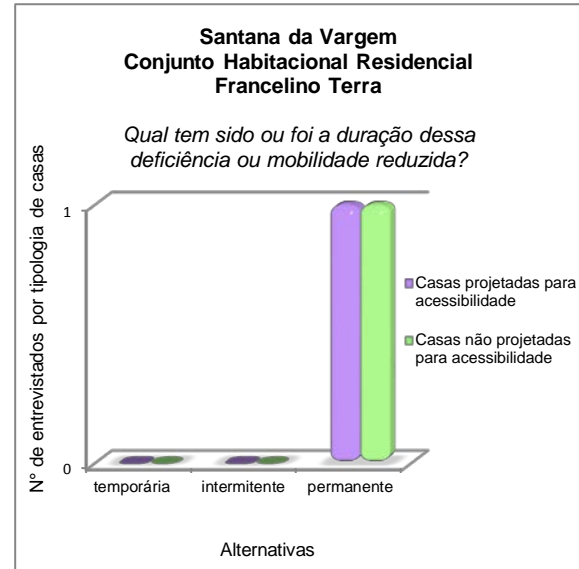
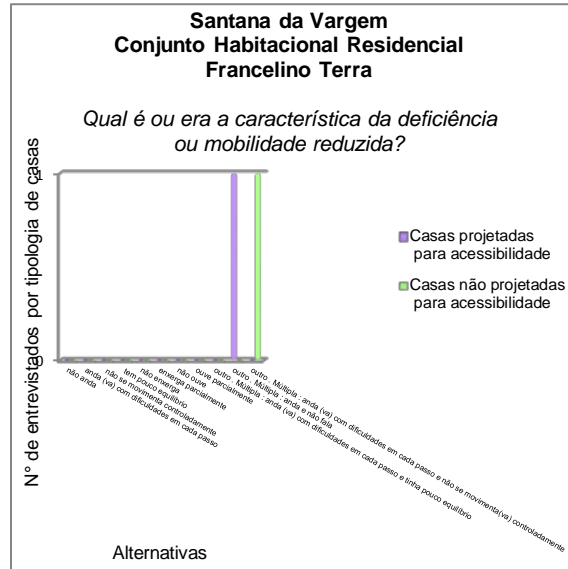
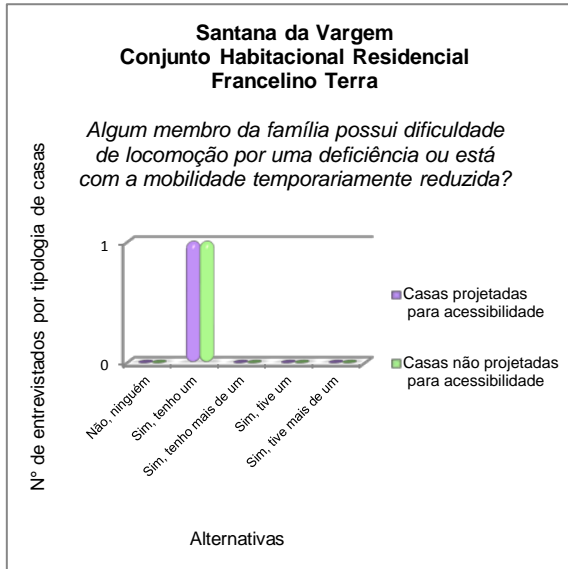


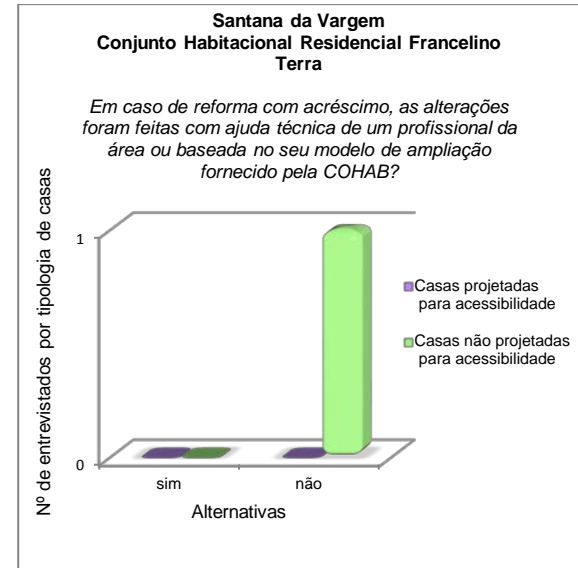
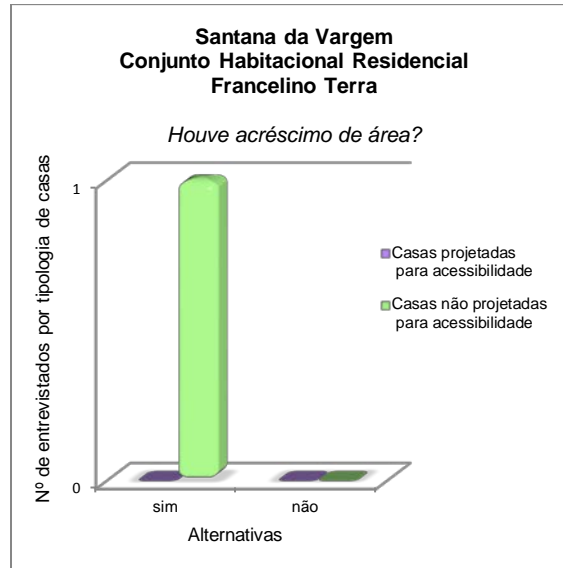
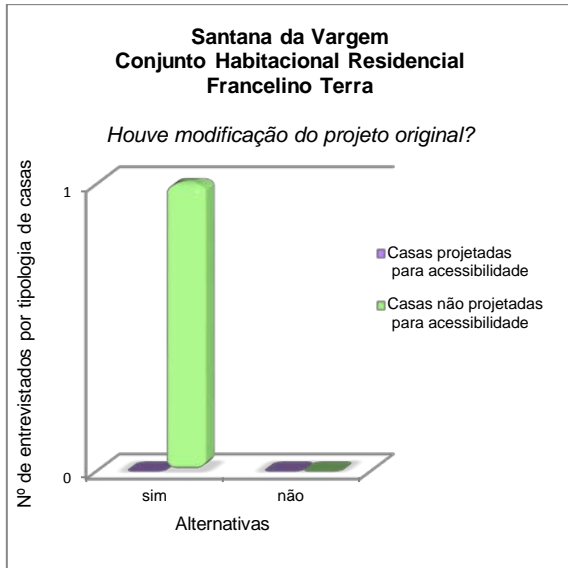
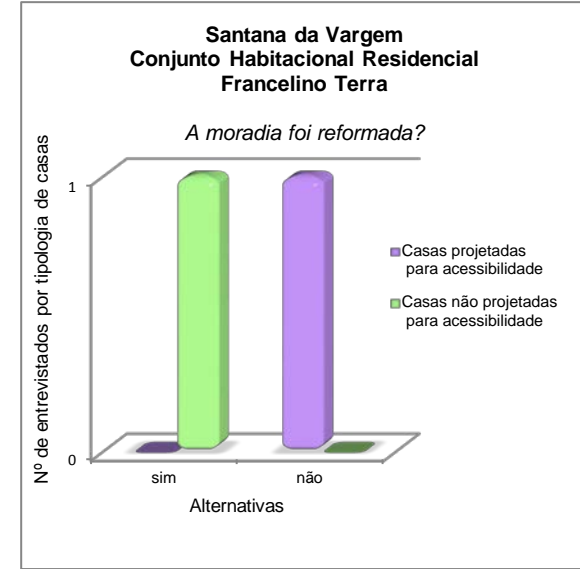
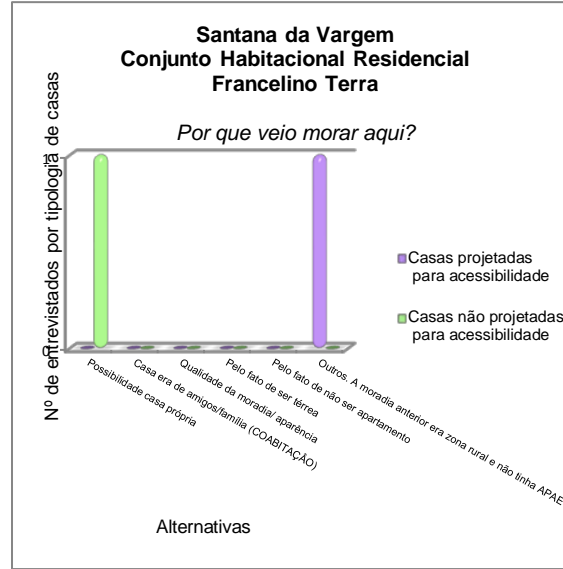
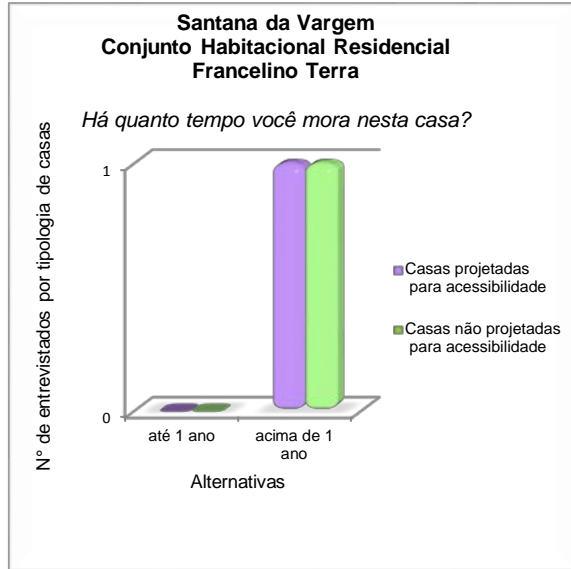


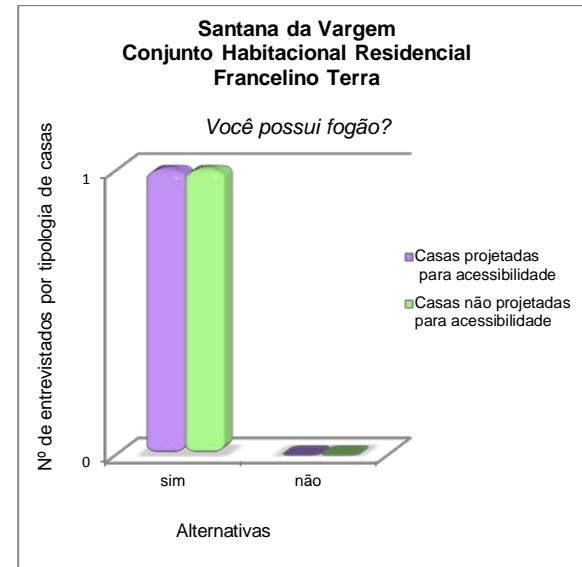
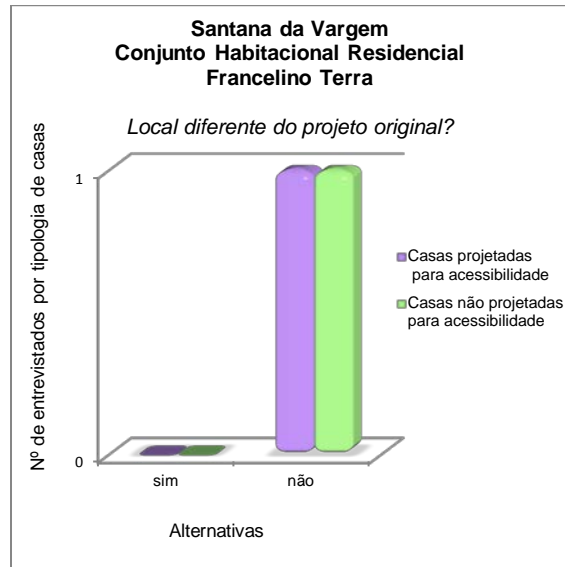
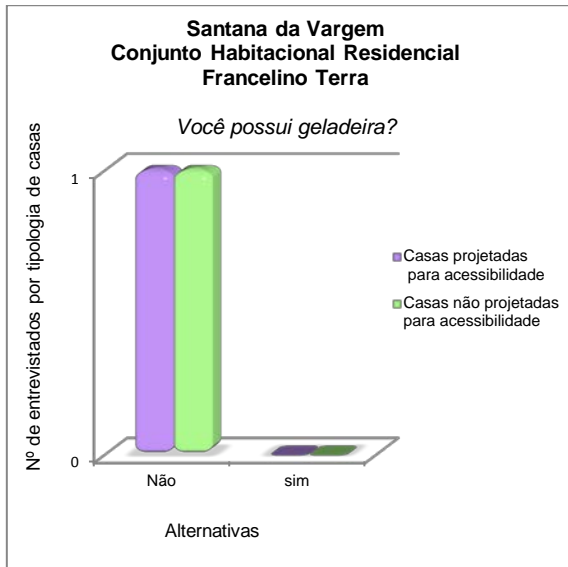
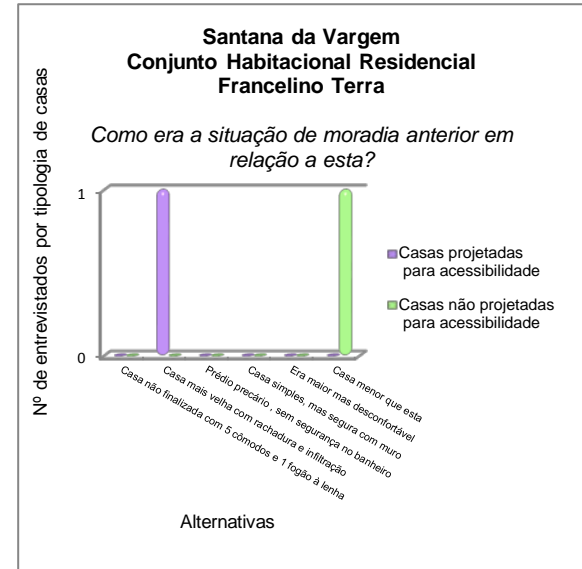
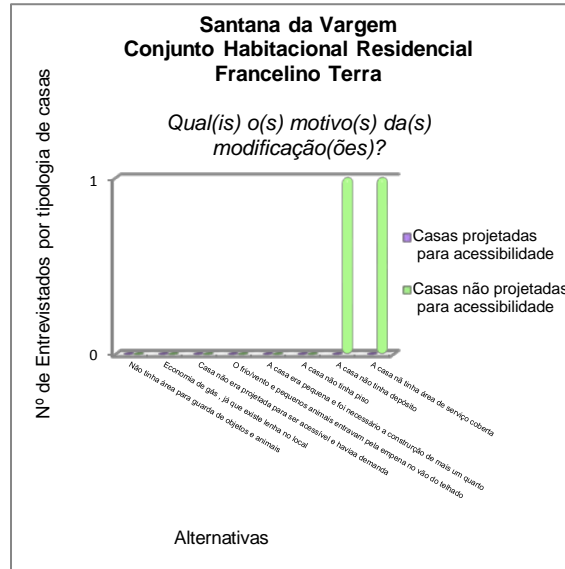
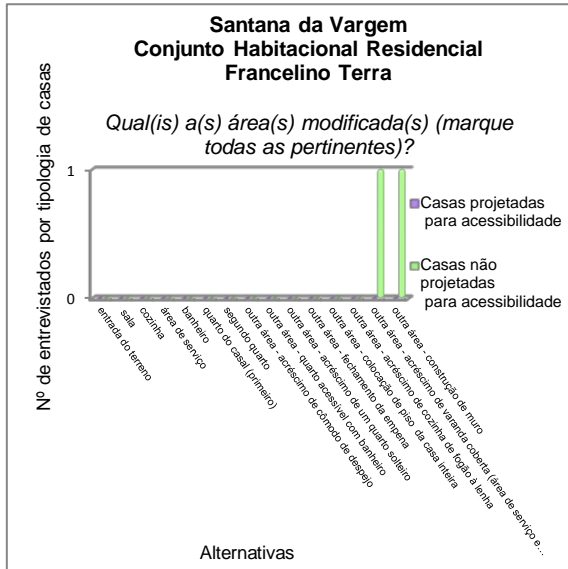


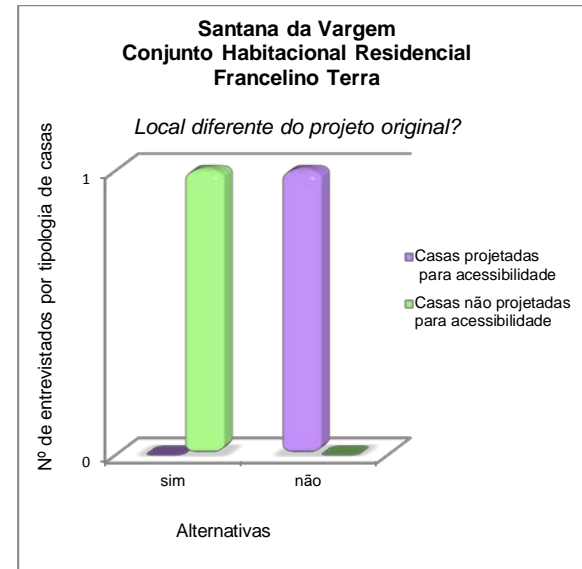
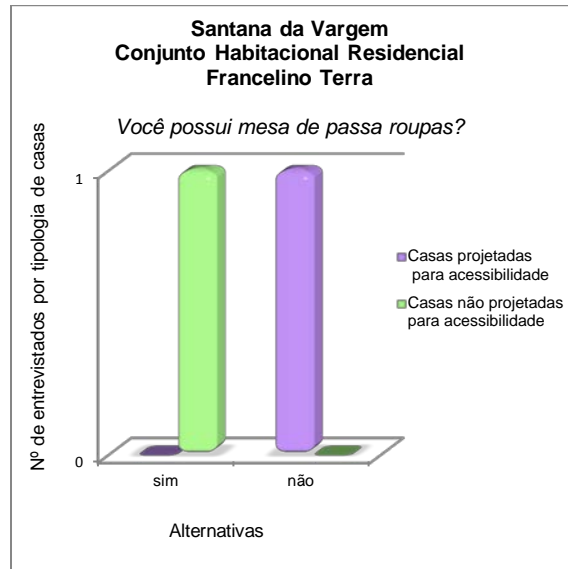
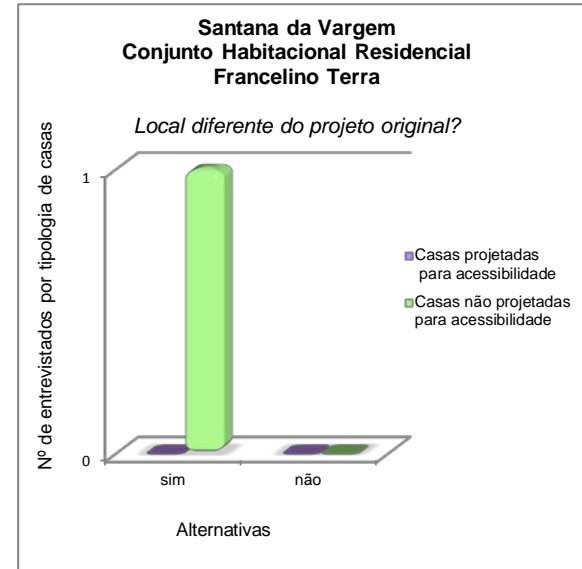
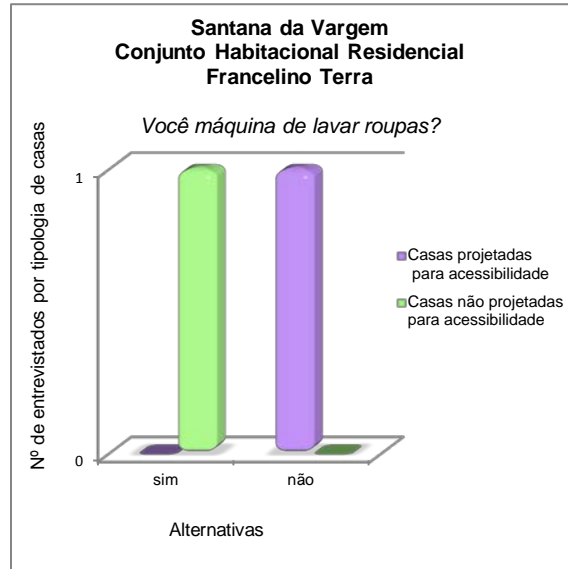
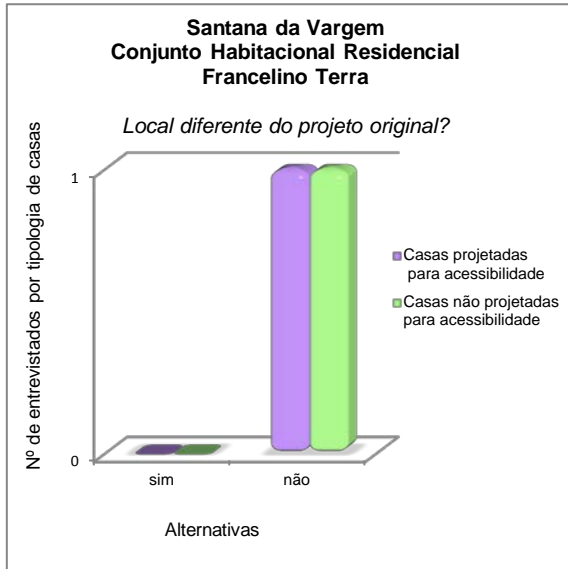


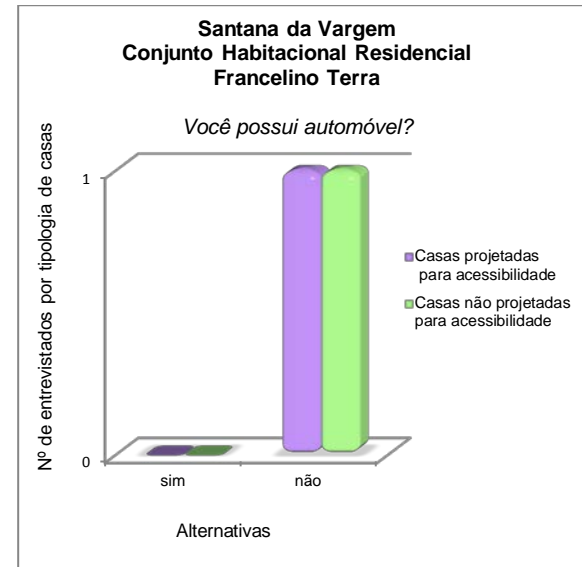
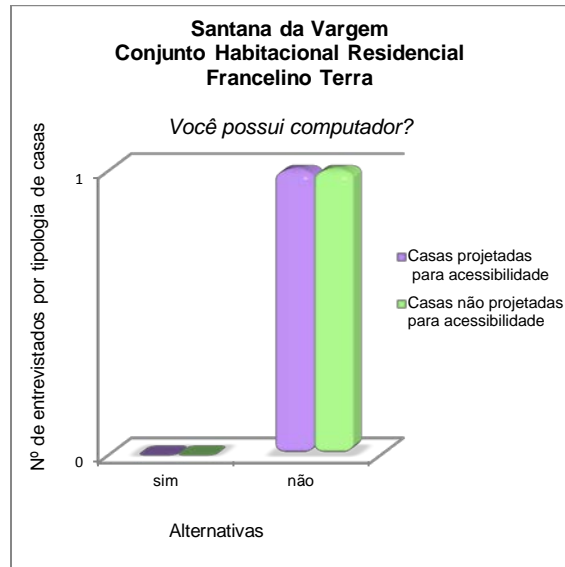
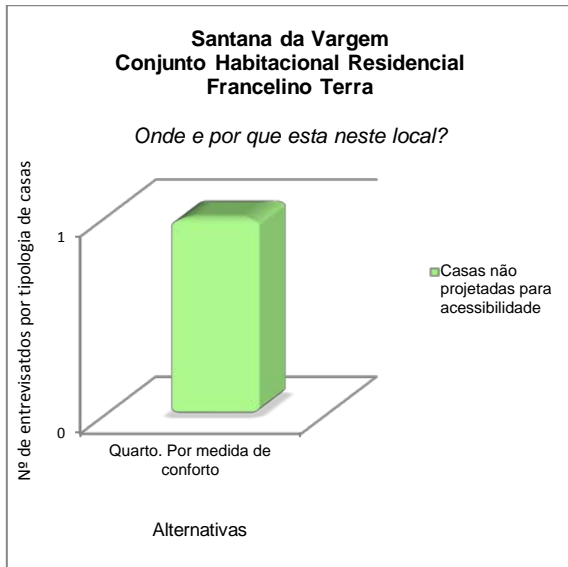
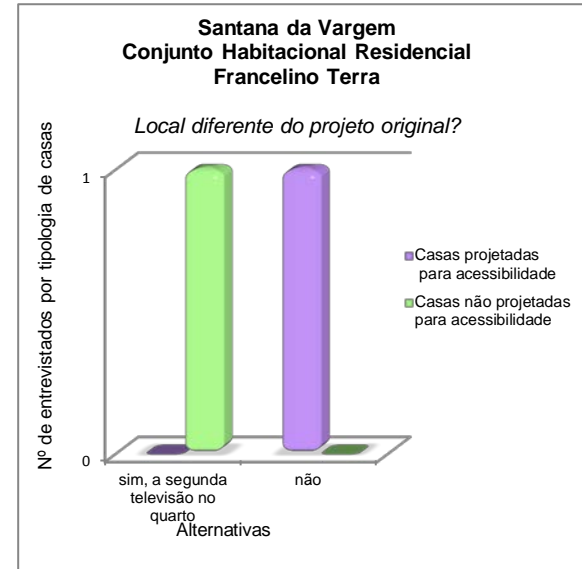
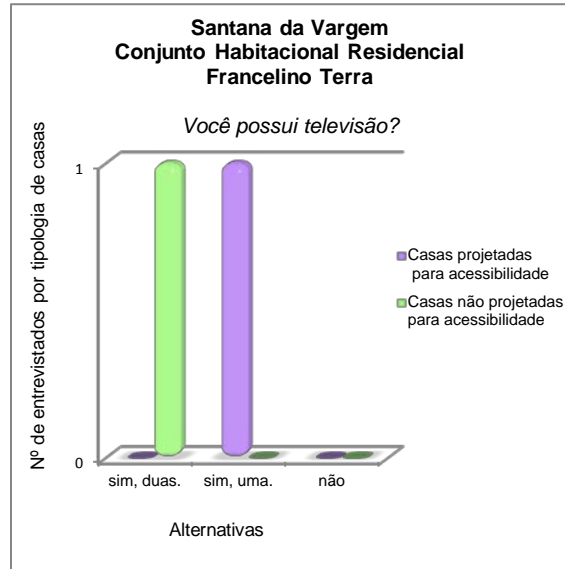
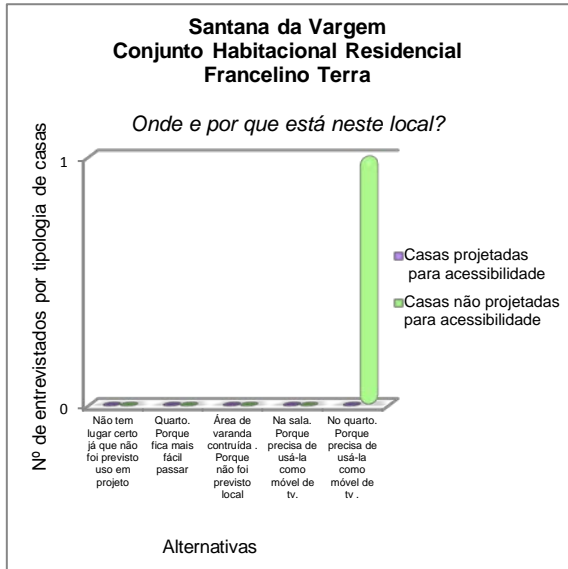


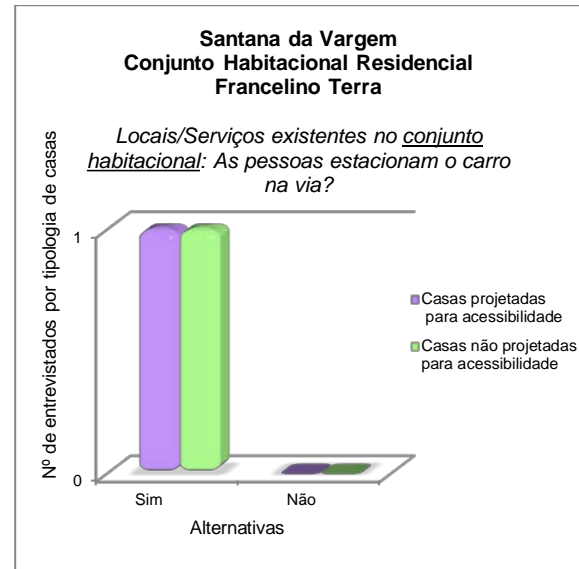
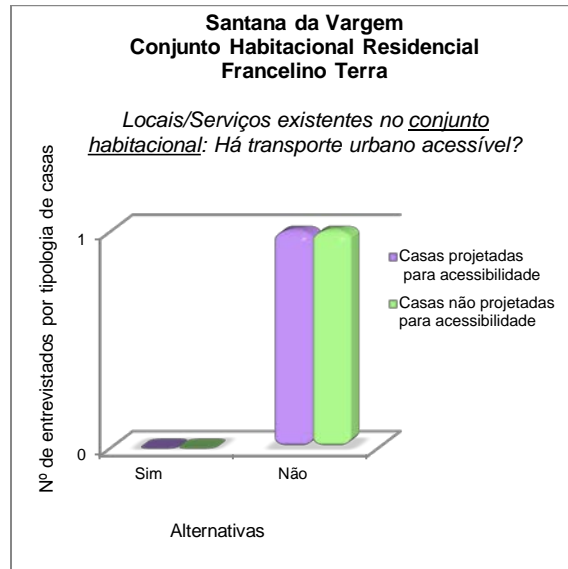
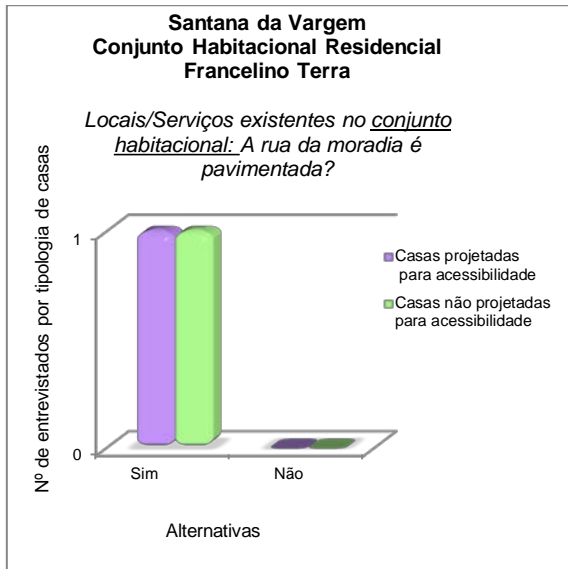
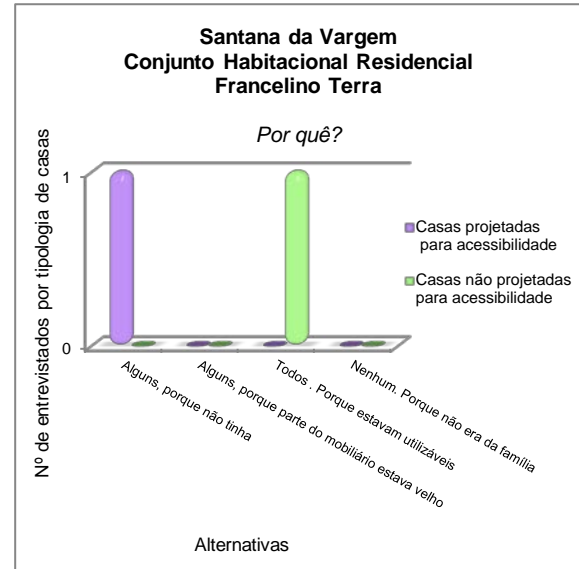
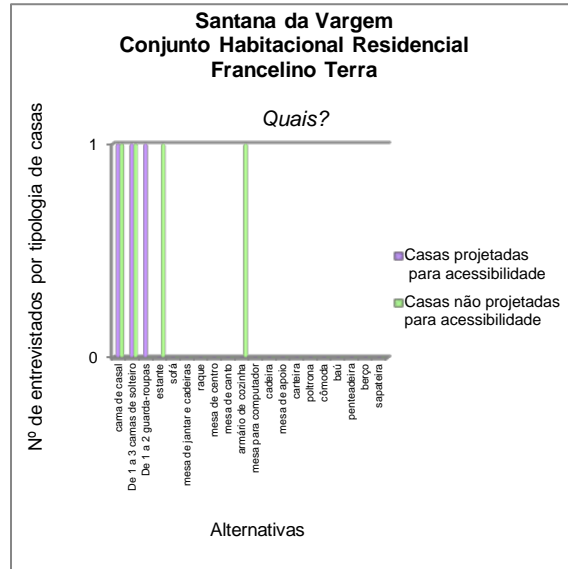
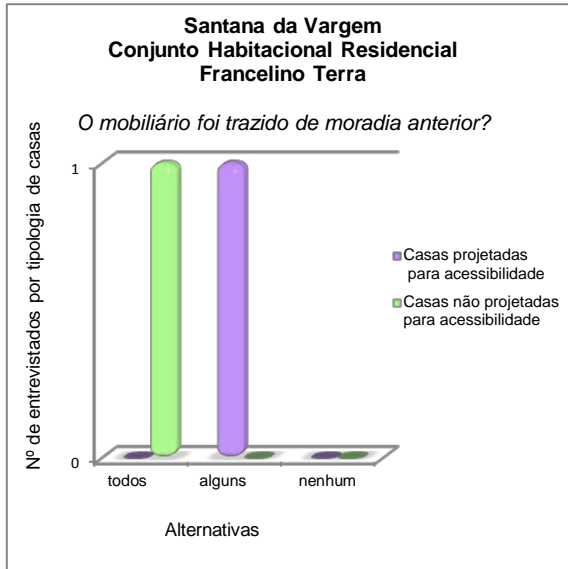


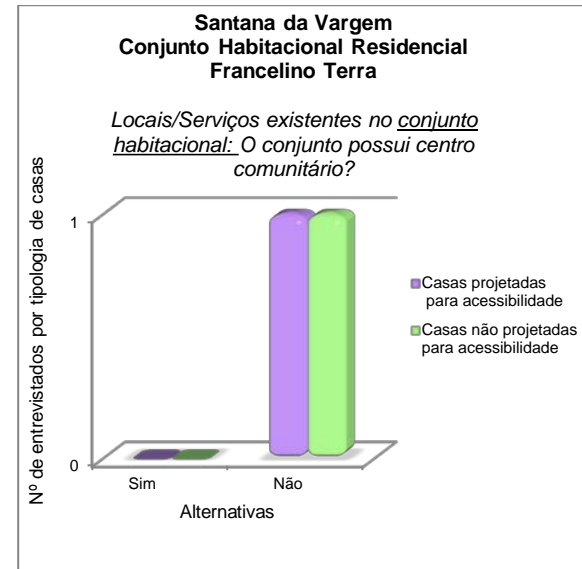
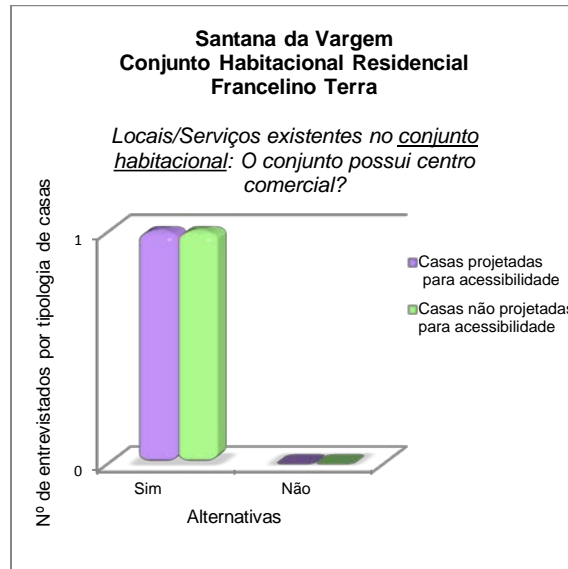
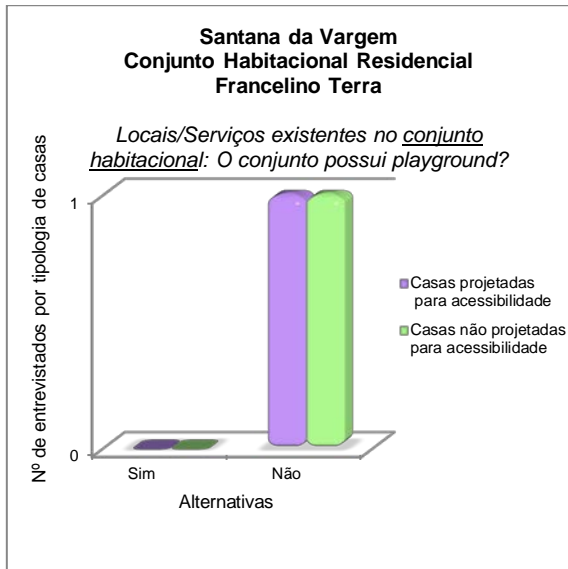
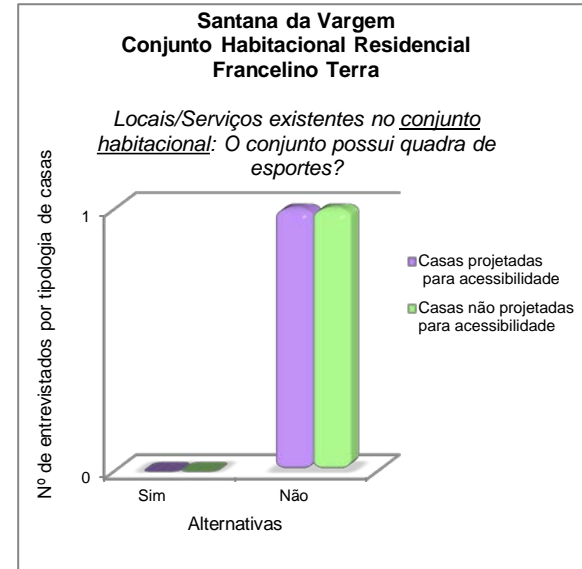
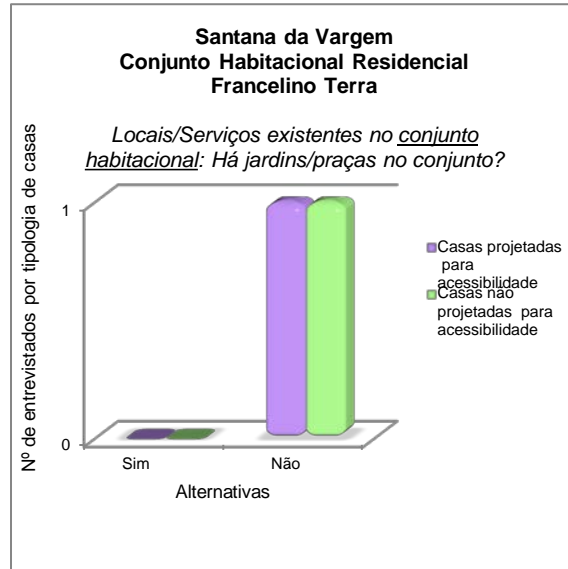
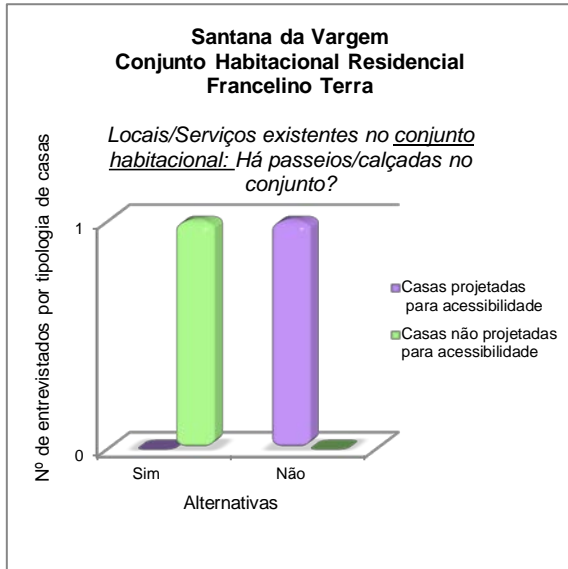


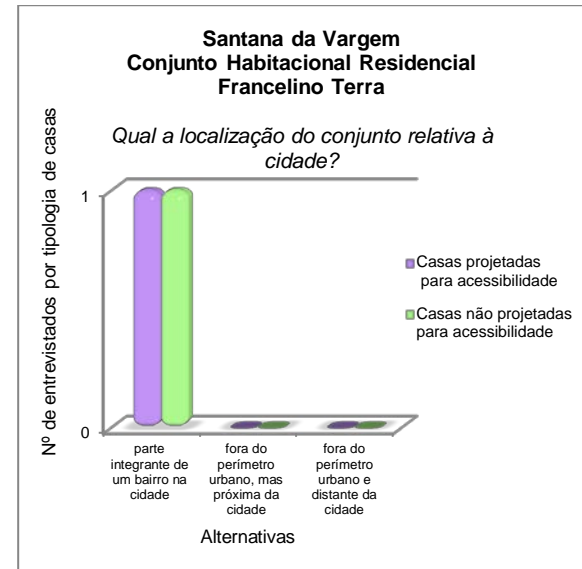
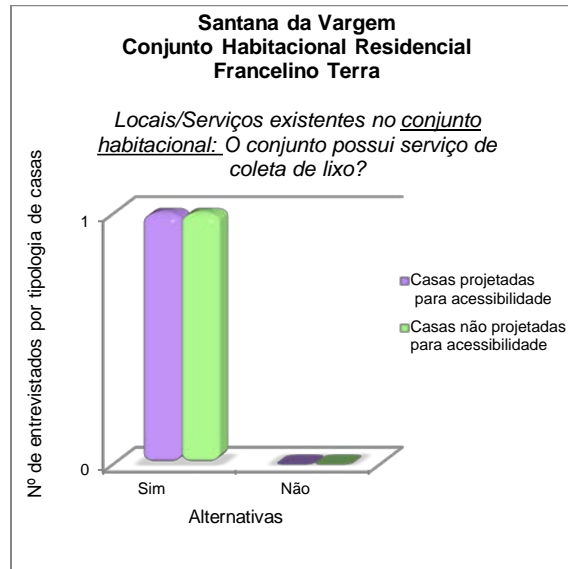
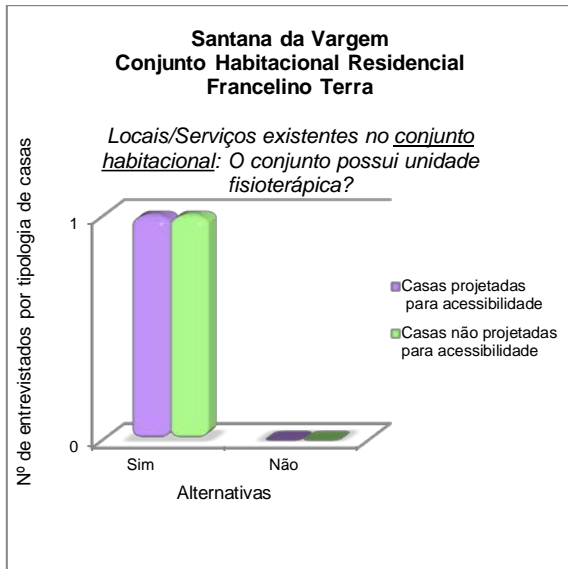
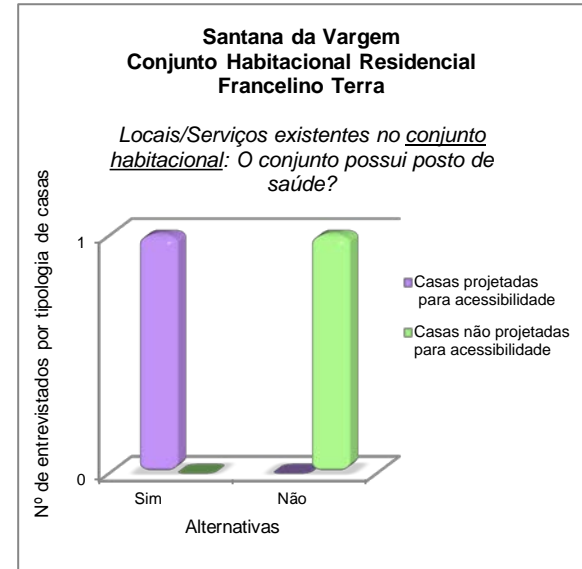
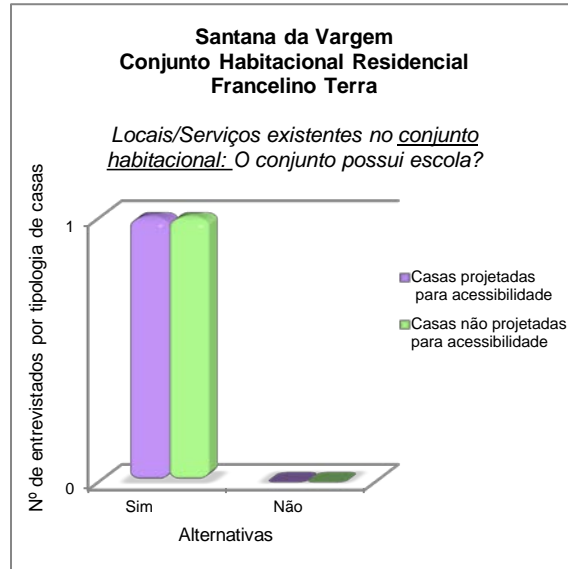
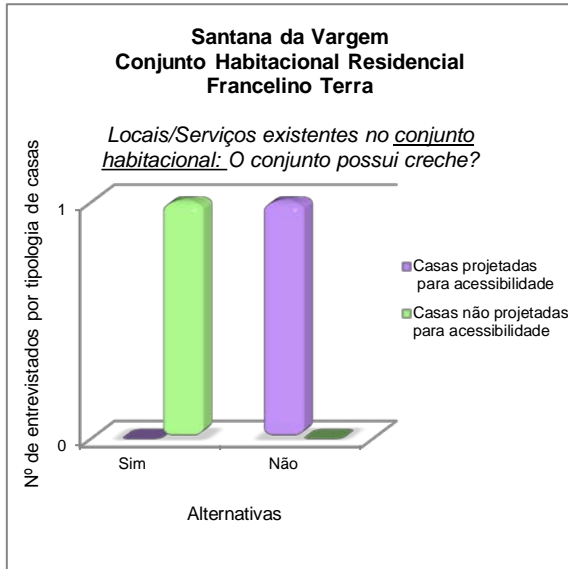






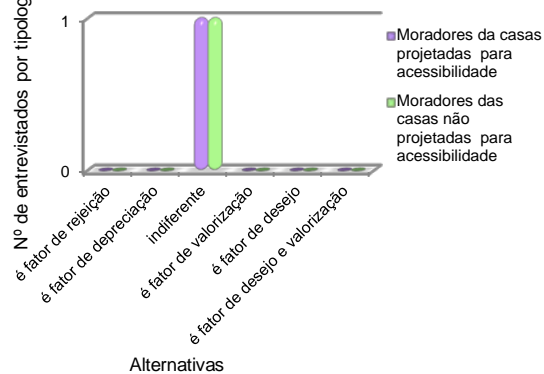






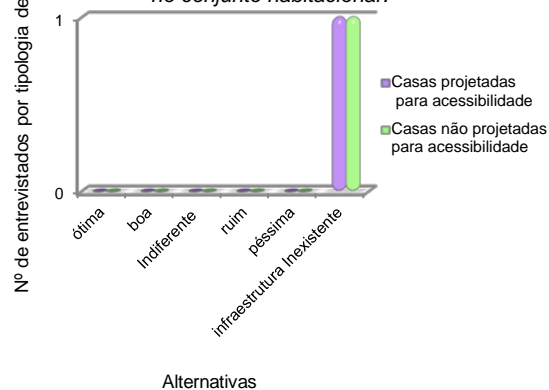
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

Quais as percepções dos moradores e vizinhança sobre a casa projetada especialmente para ser acessível em relação às demais (como a casa pode ser comparada com as demais)?



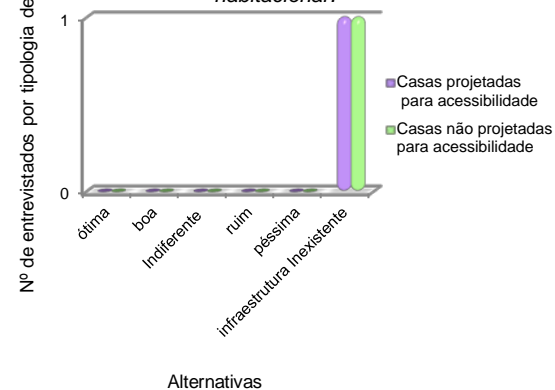
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do centro comunitário no conjunto habitacional?



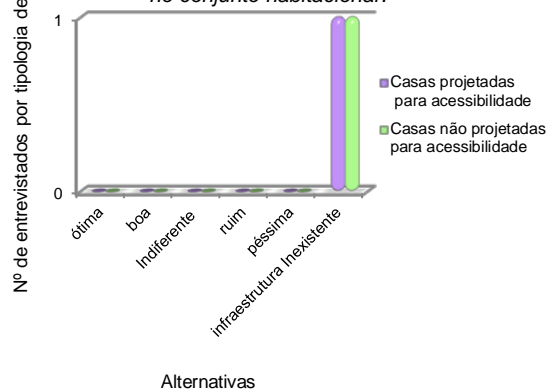
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da praça no conjunto habitacional?



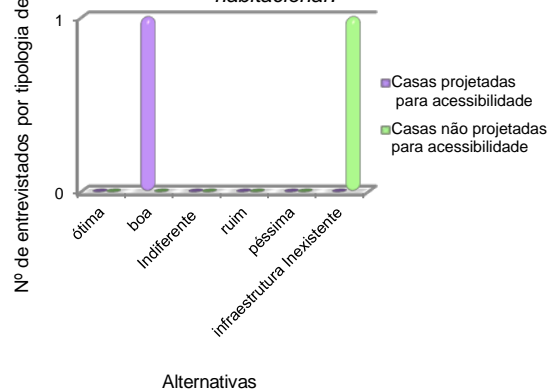
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do transporte urbano no conjunto habitacional?



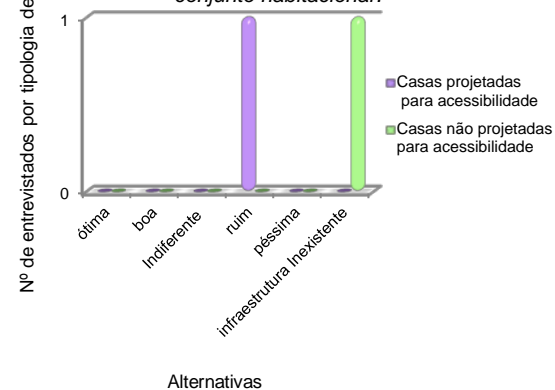
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

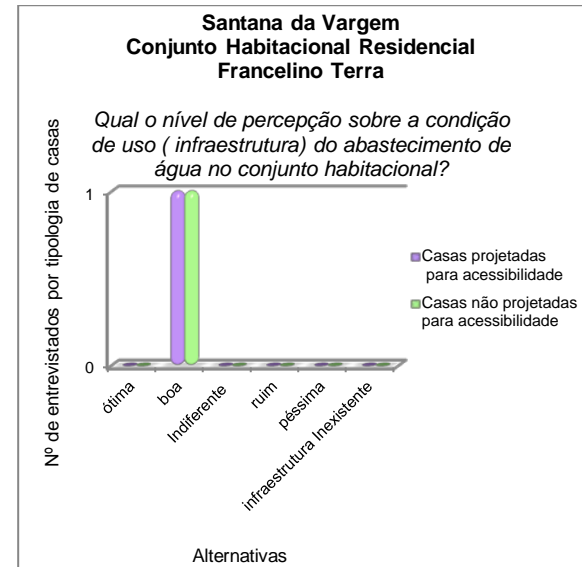
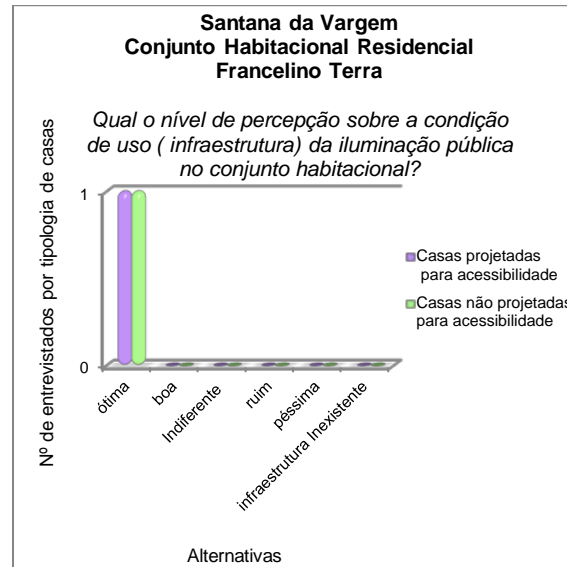
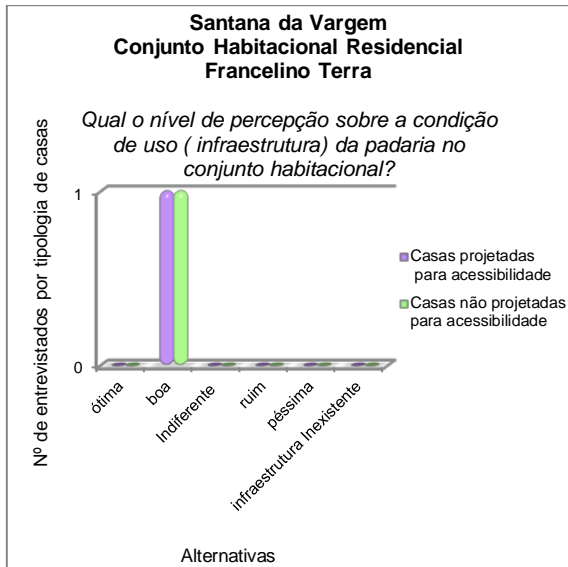
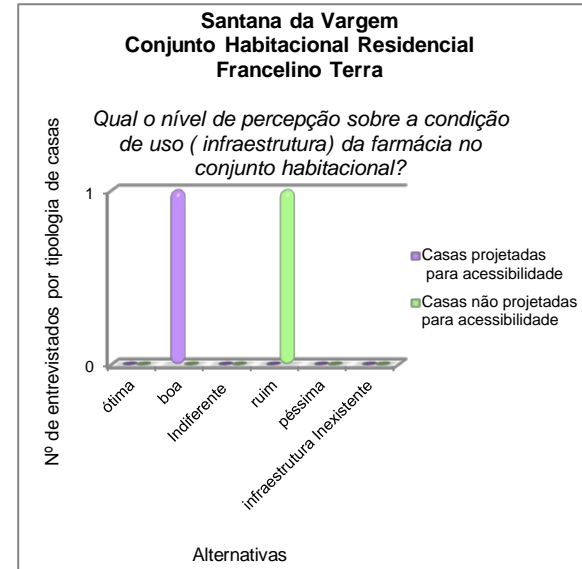
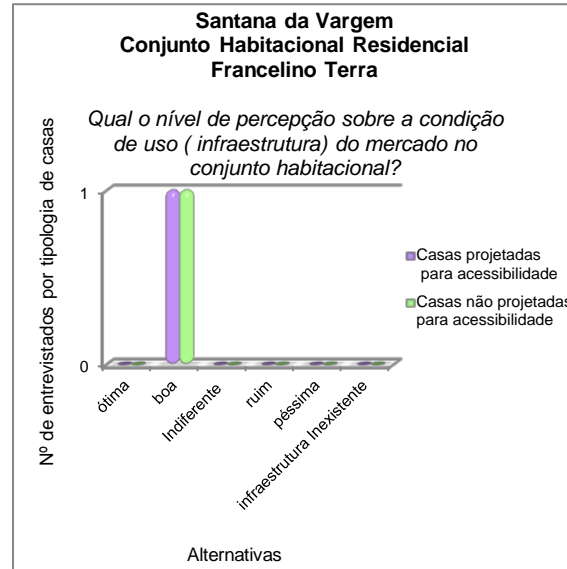
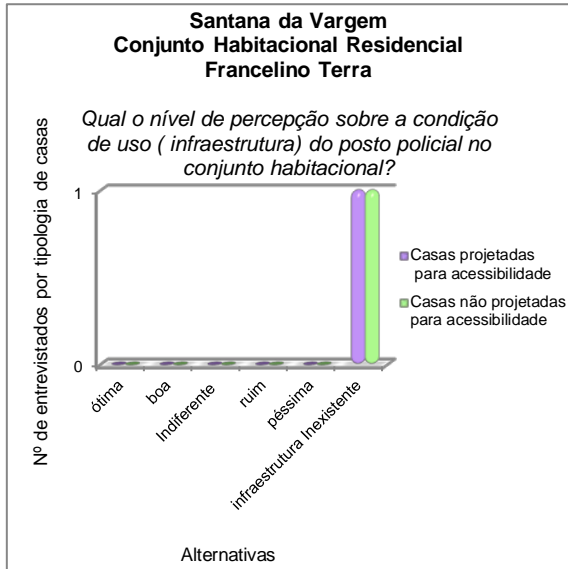
Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) da creche no conjunto habitacional?

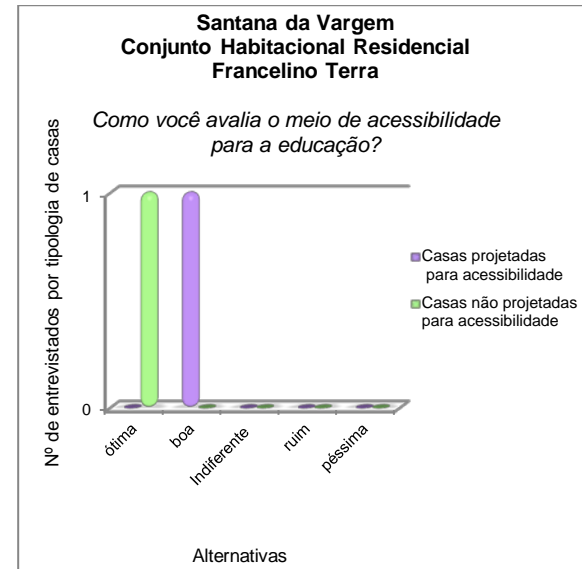
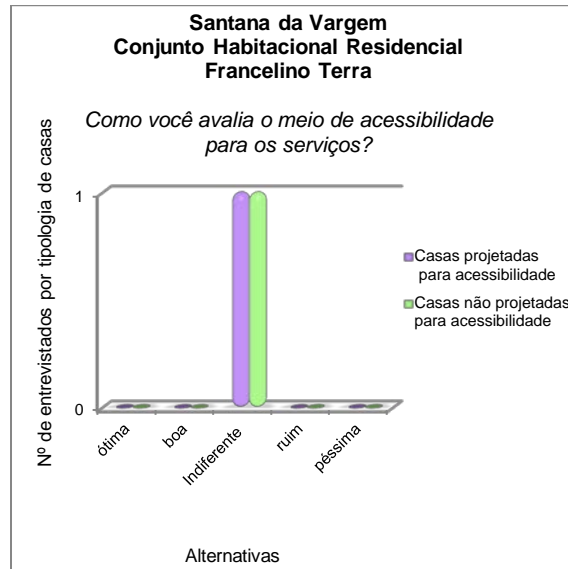
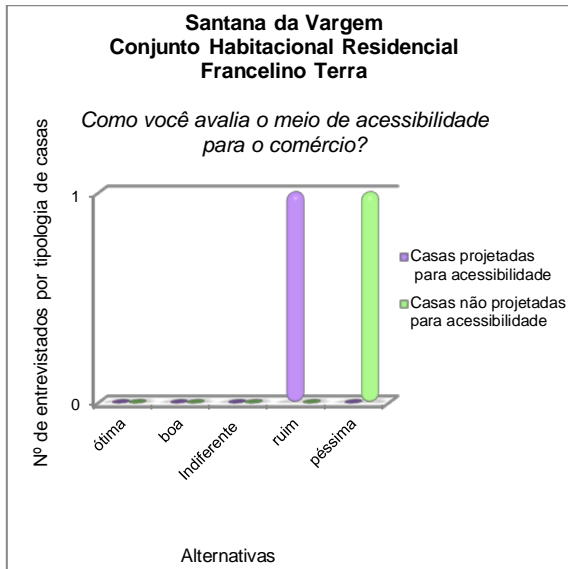
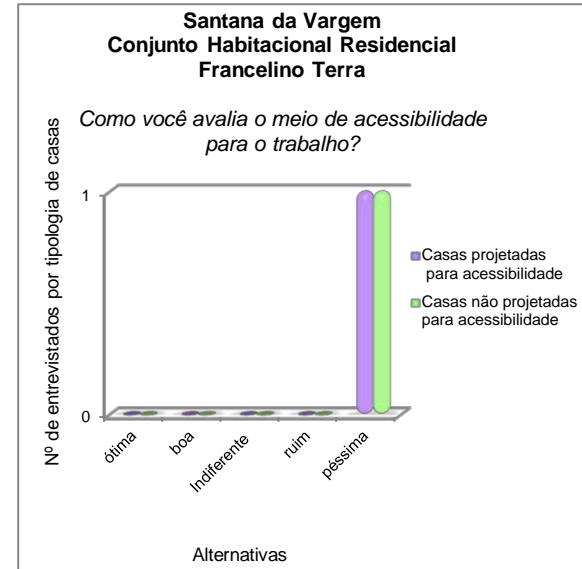
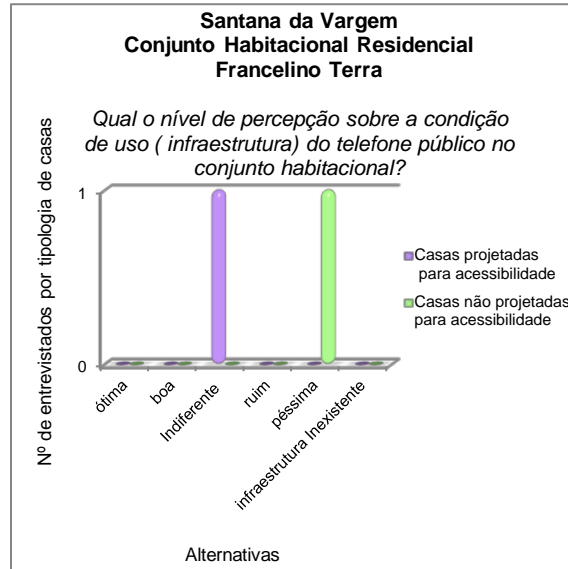
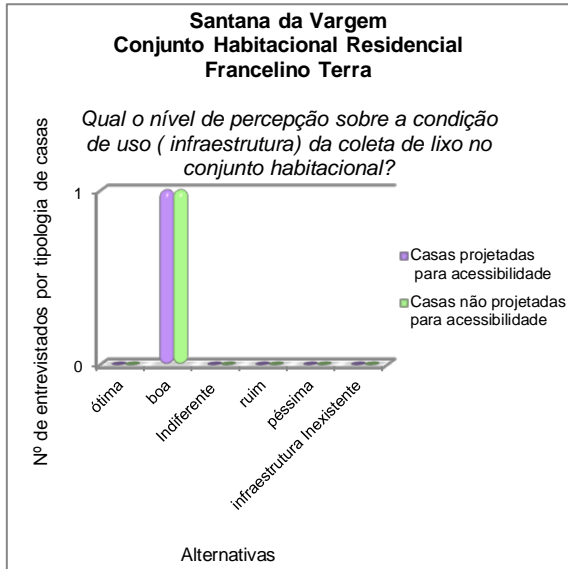


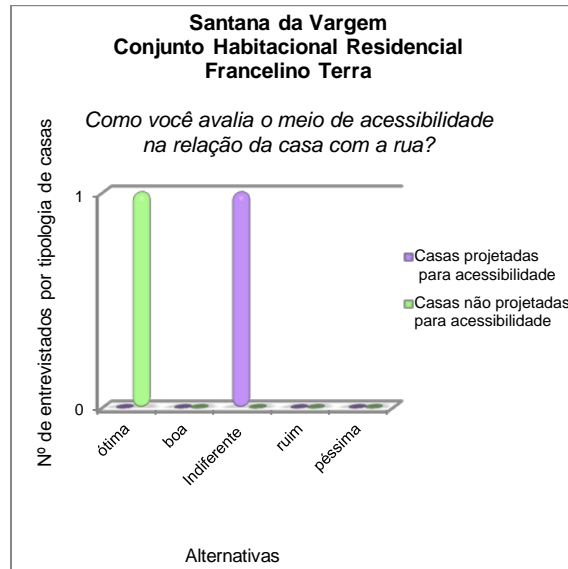
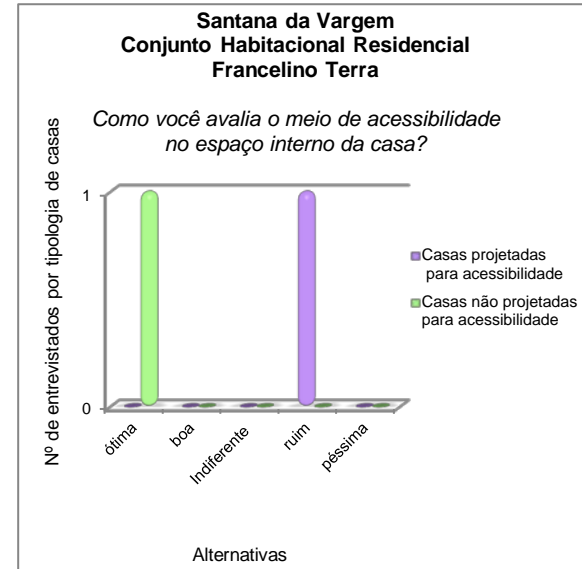
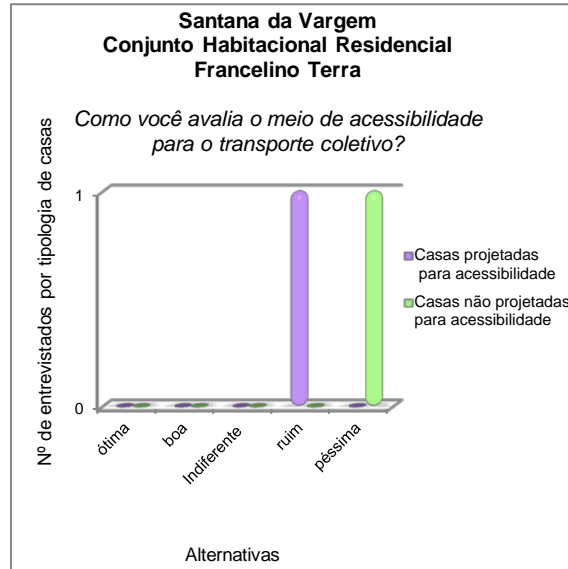
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

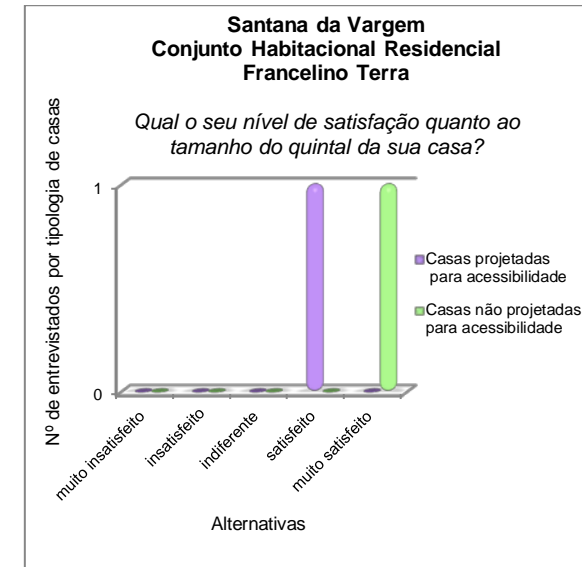
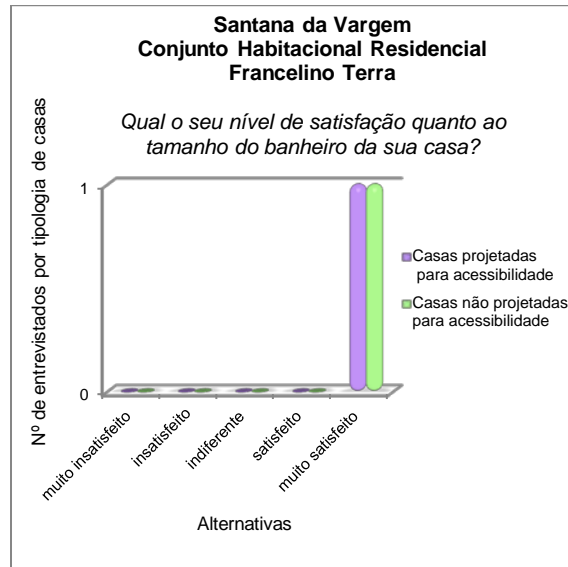
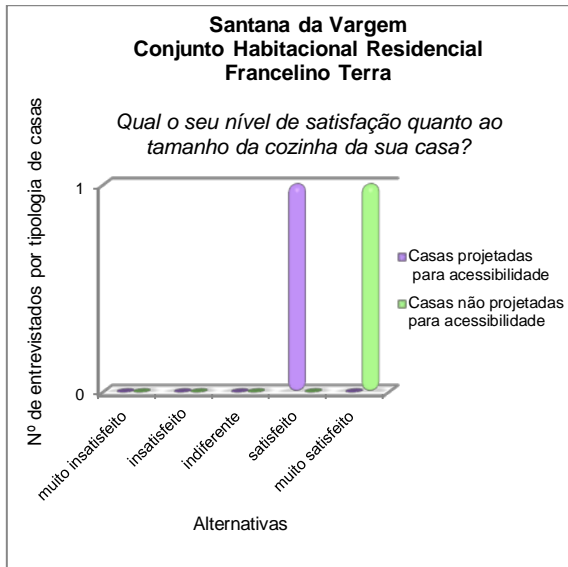
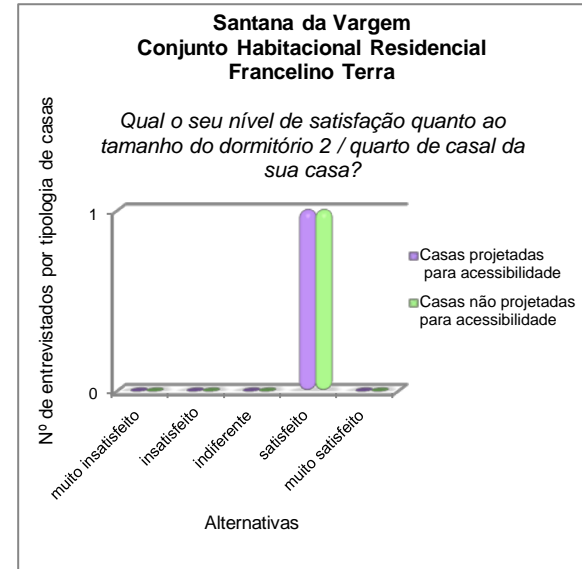
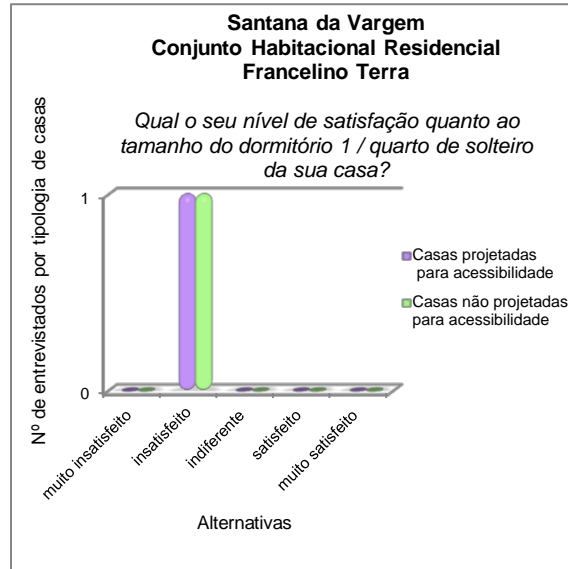
Qual o nível de percepção sobre a condição de uso (infraestrutura) do posto de saúde no conjunto habitacional?

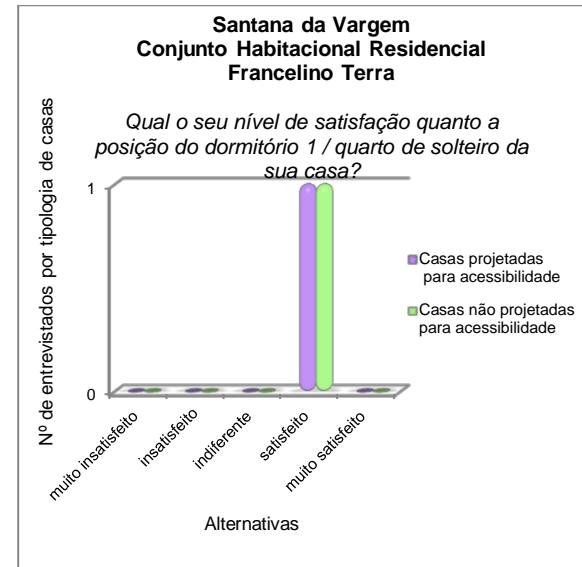
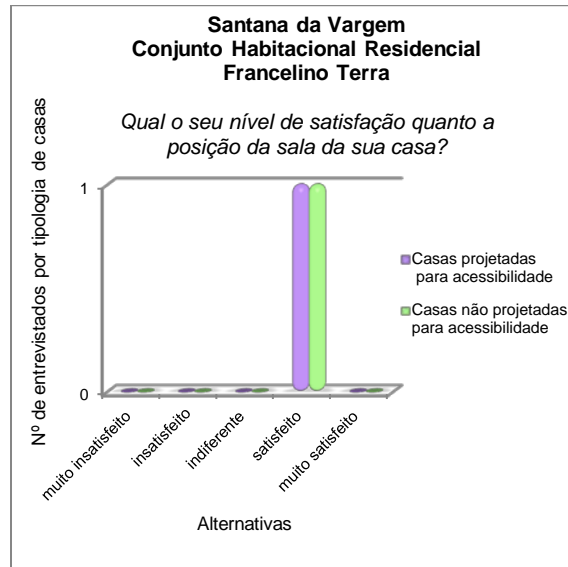
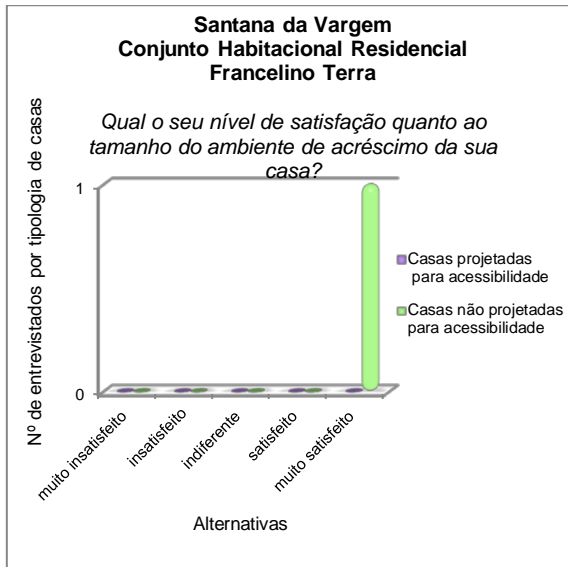
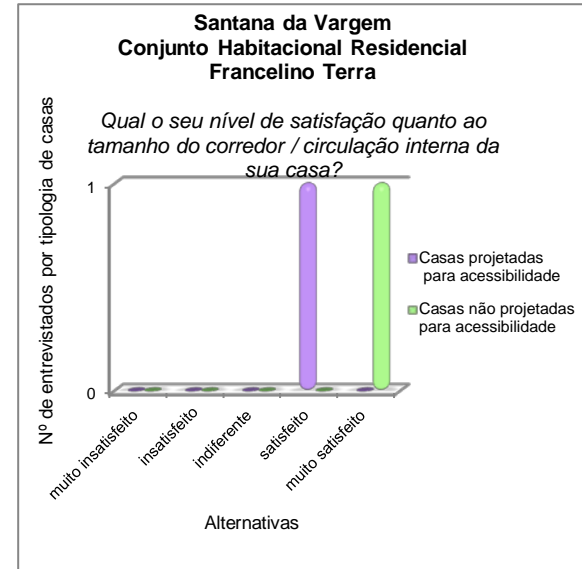
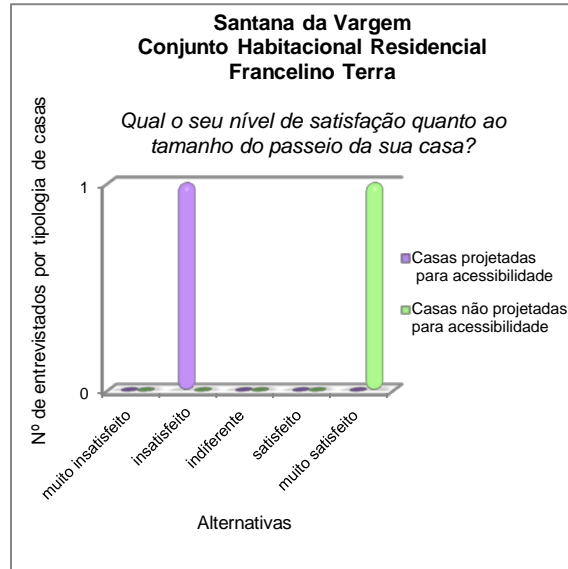
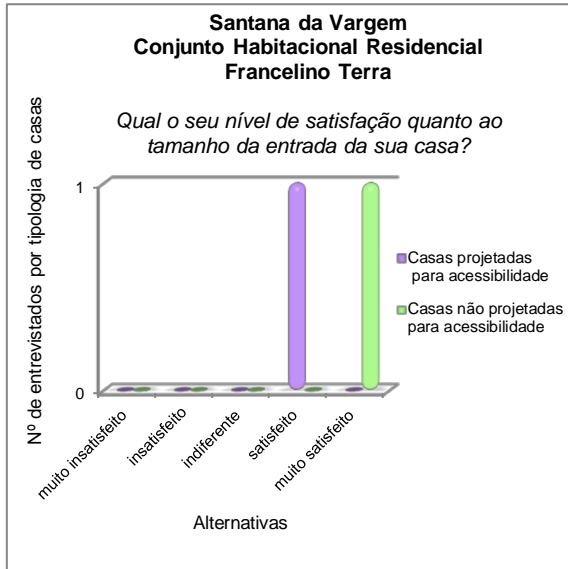


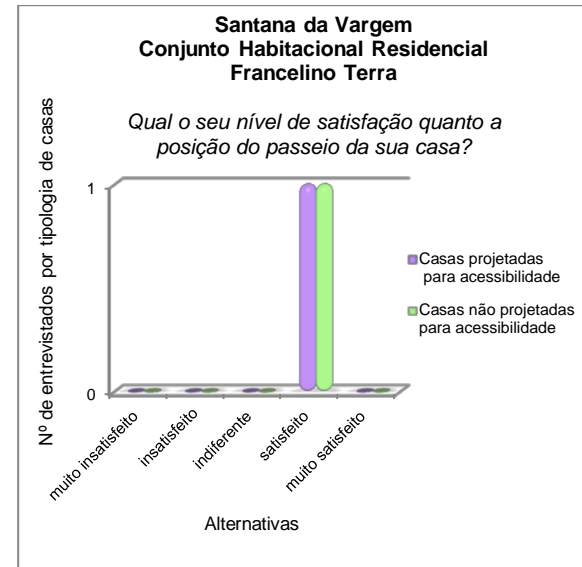
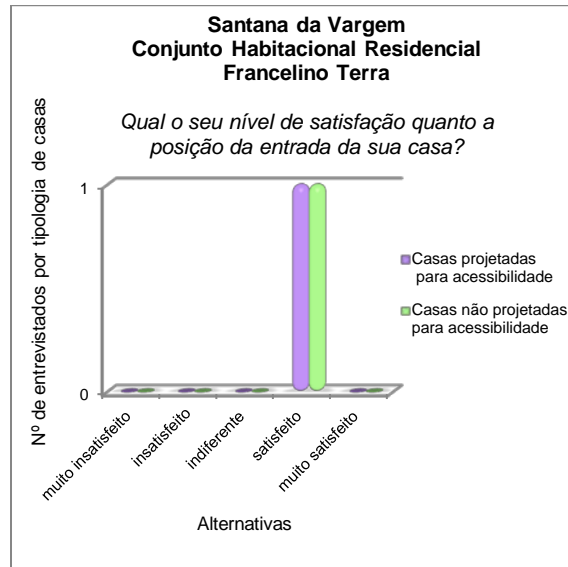
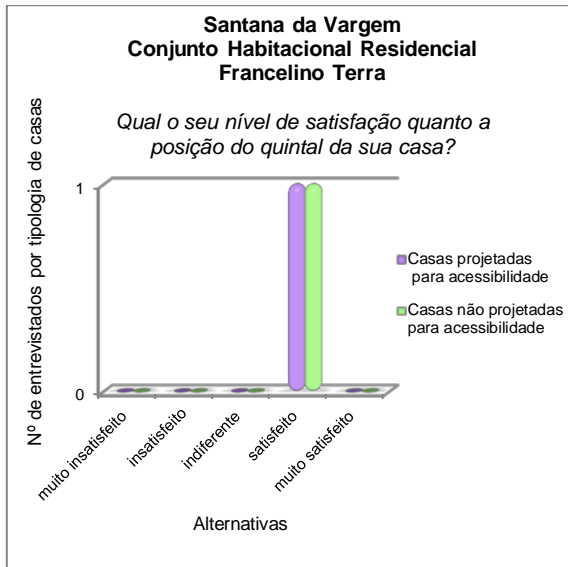
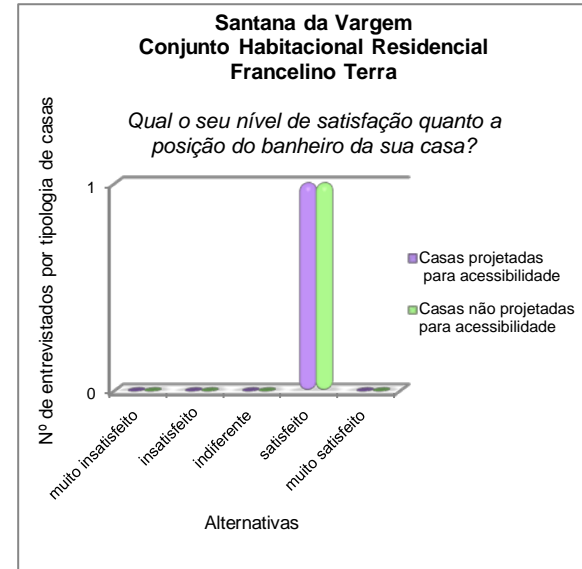
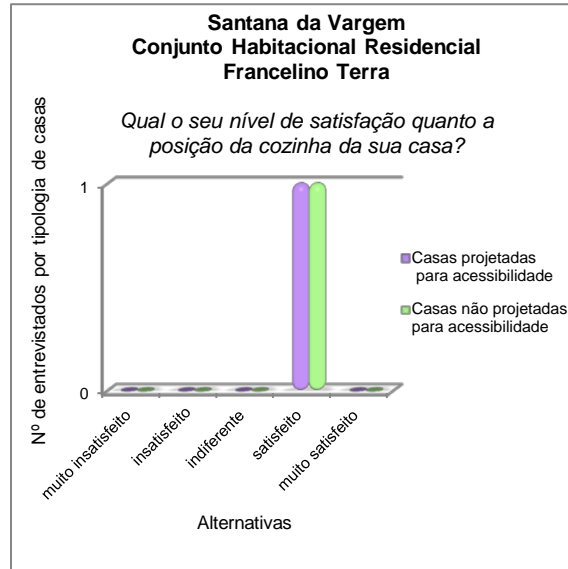
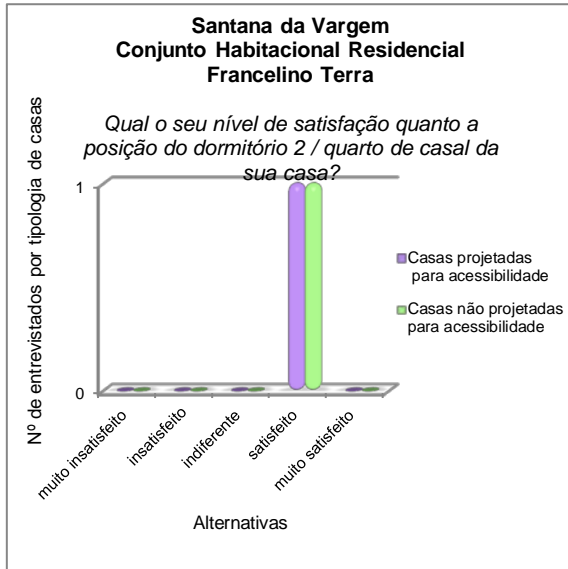


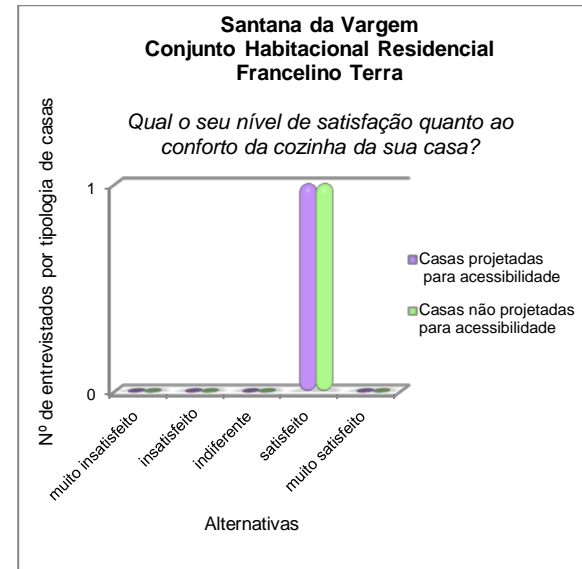
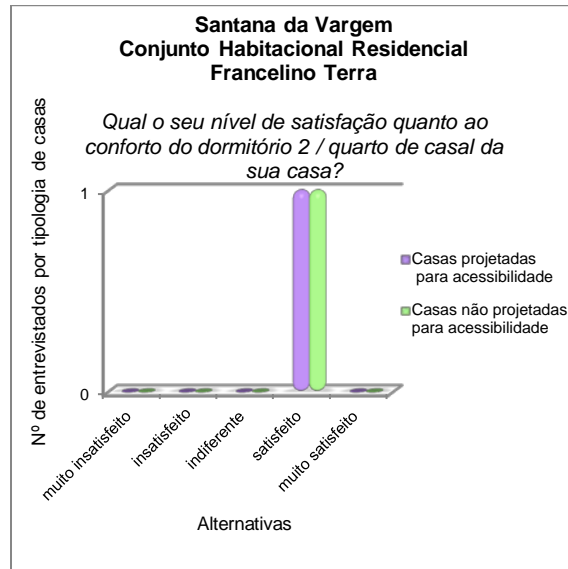
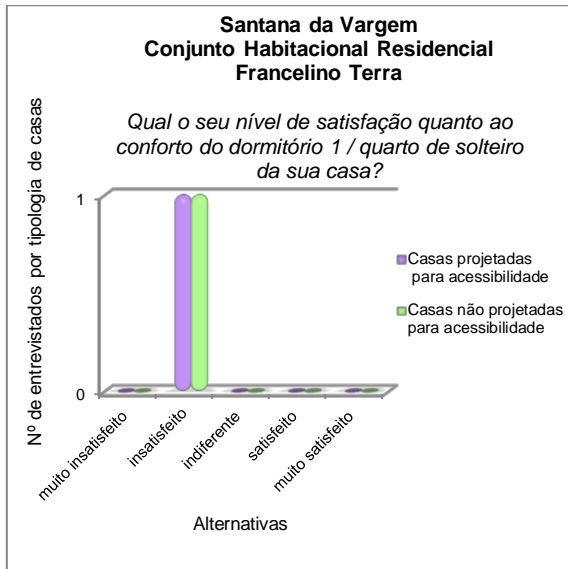
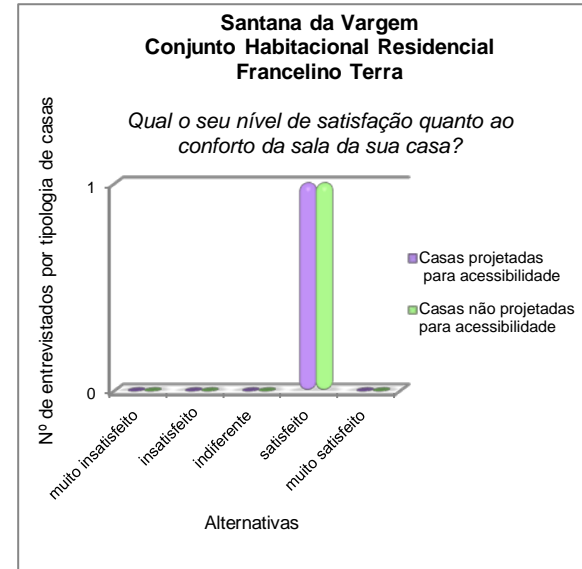
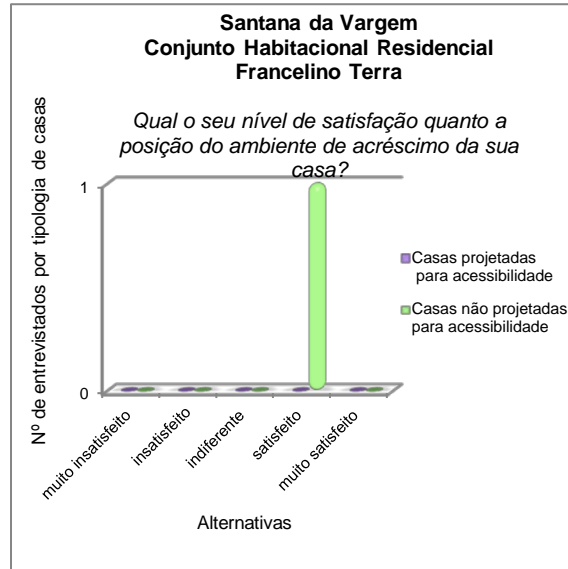
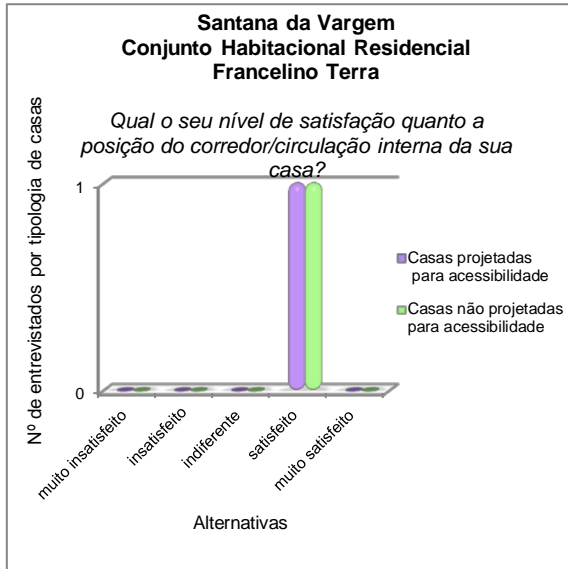


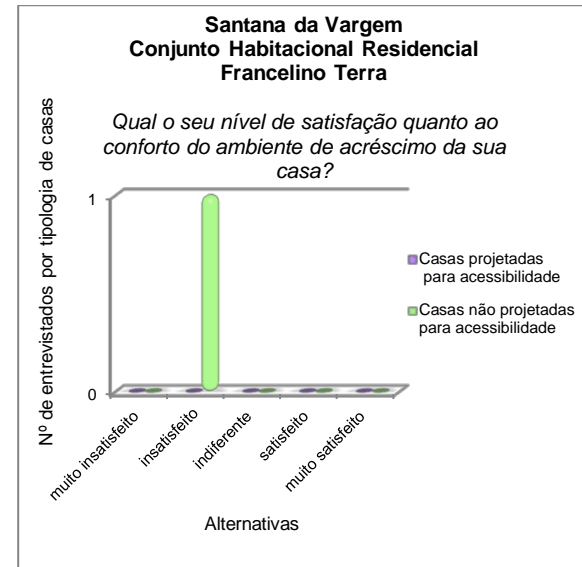
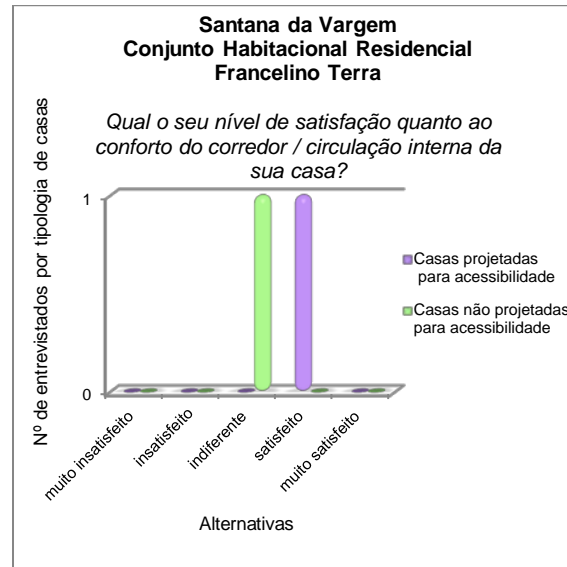
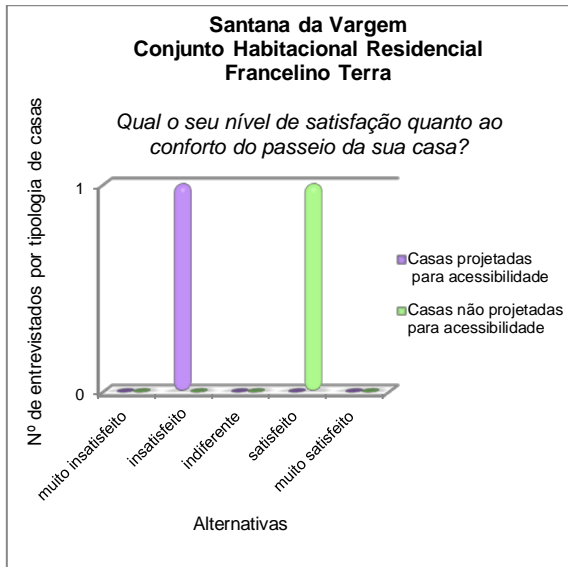
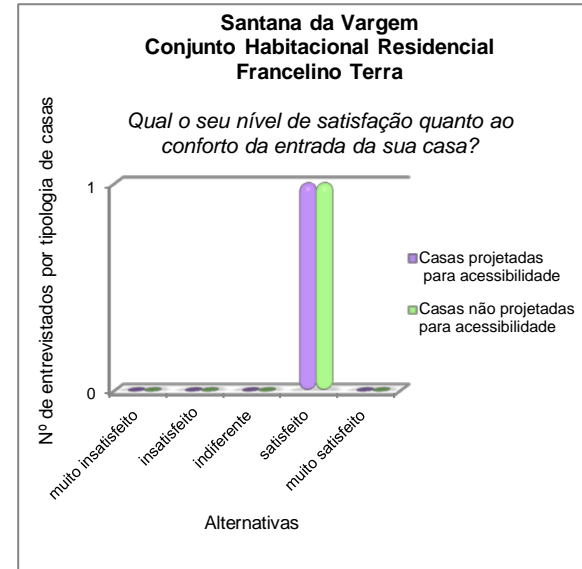
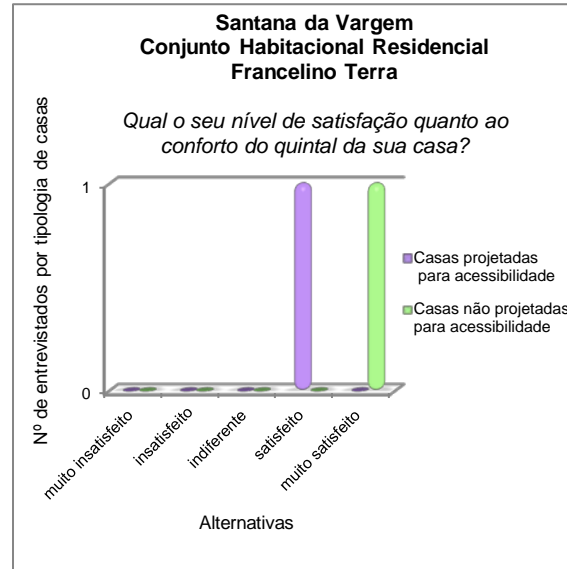
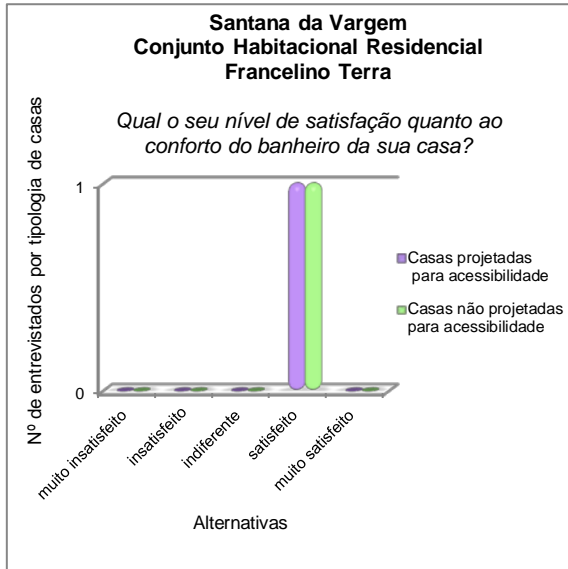


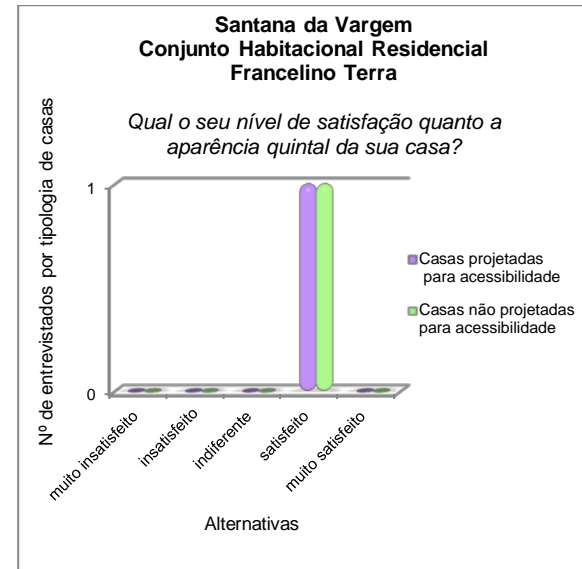
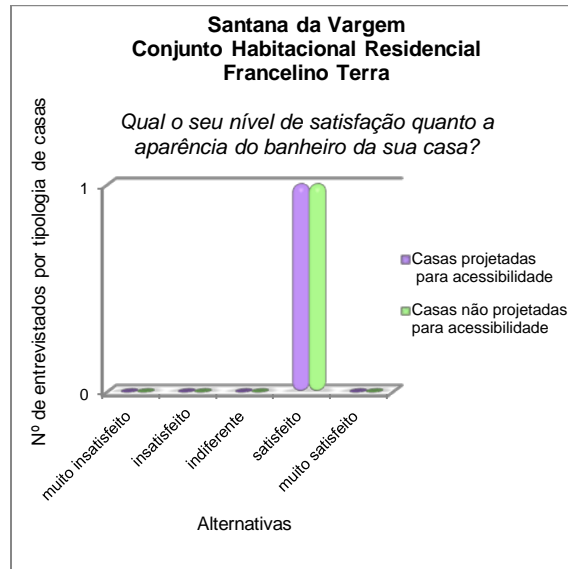
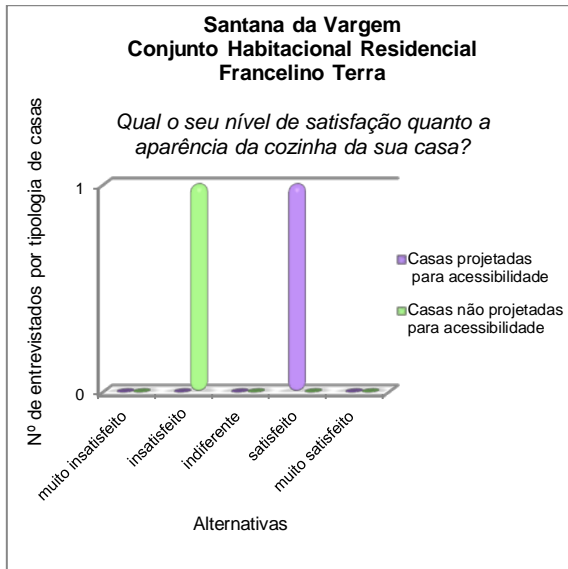
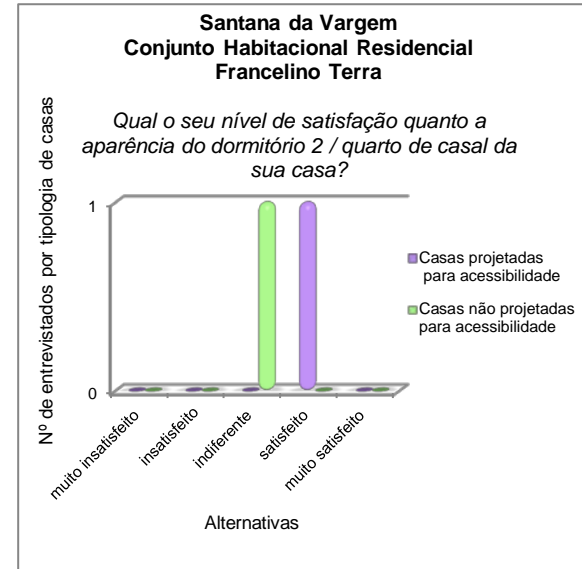
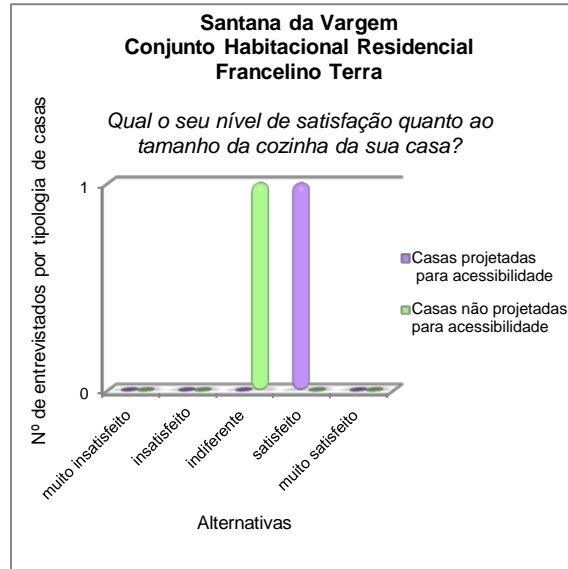
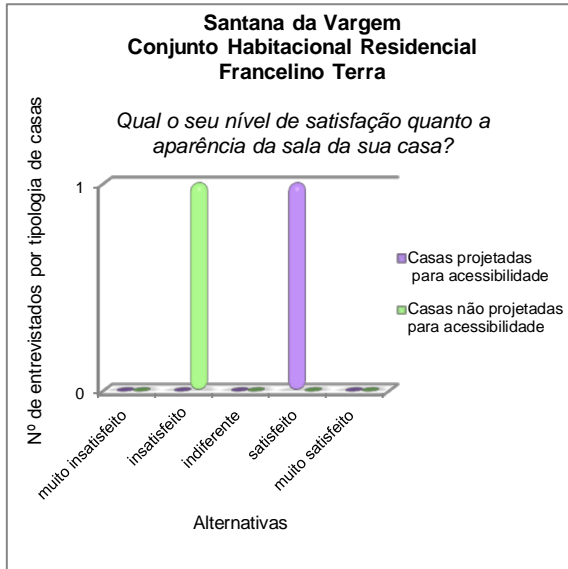


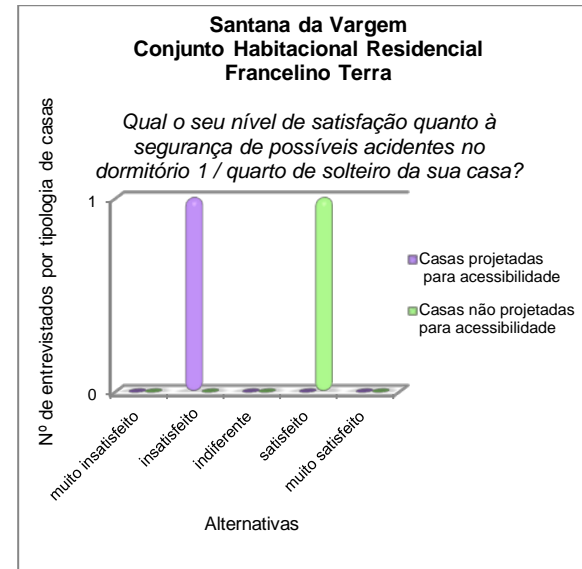
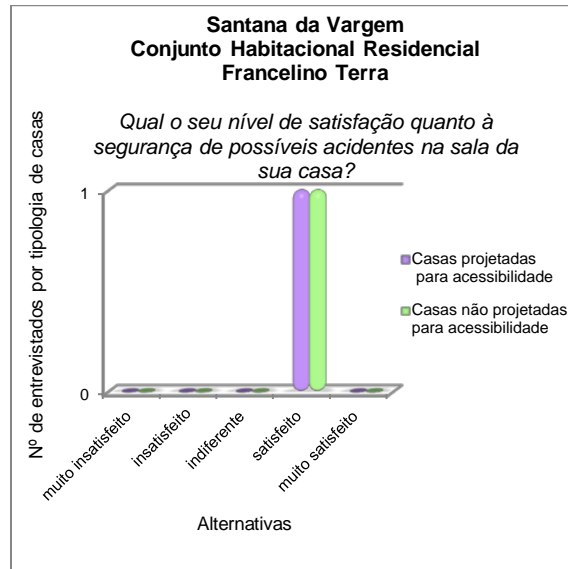
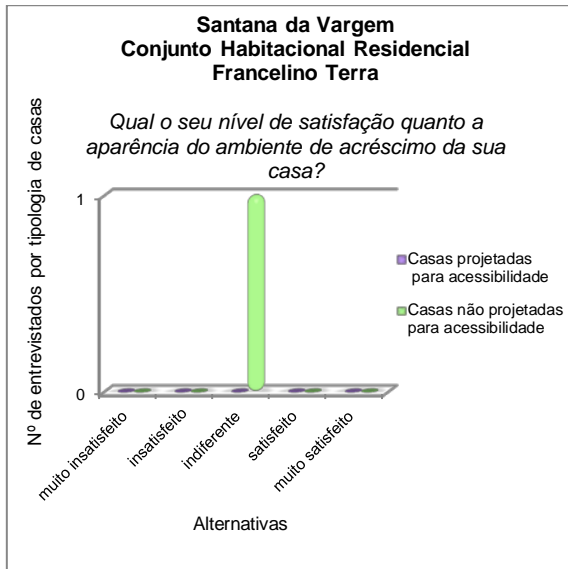
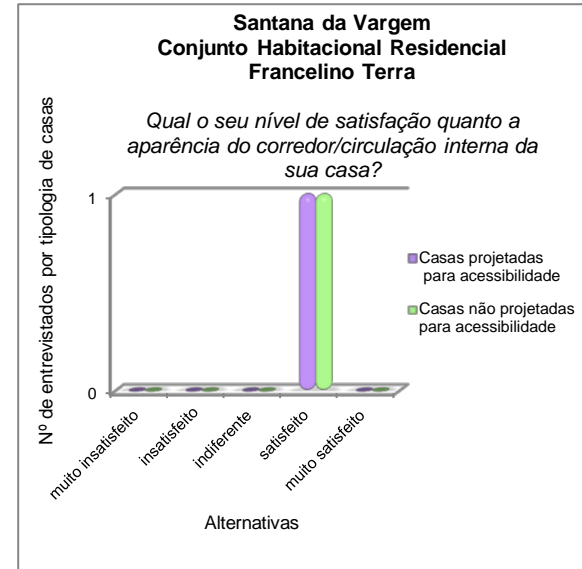
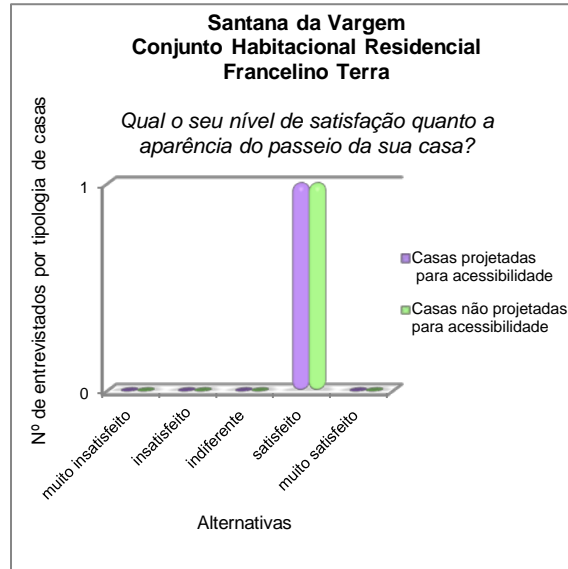
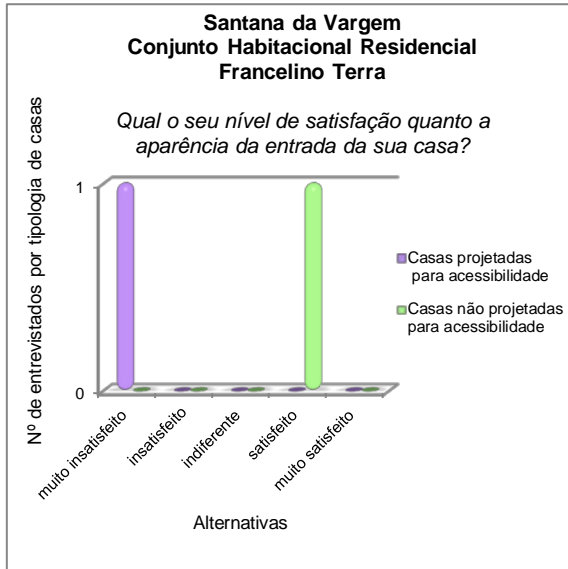


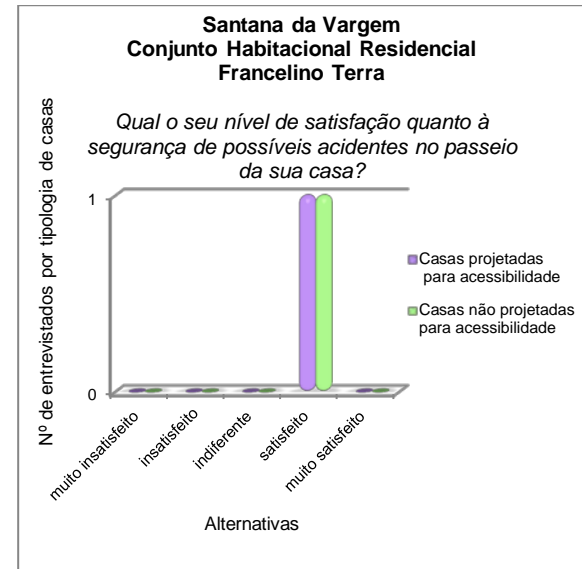
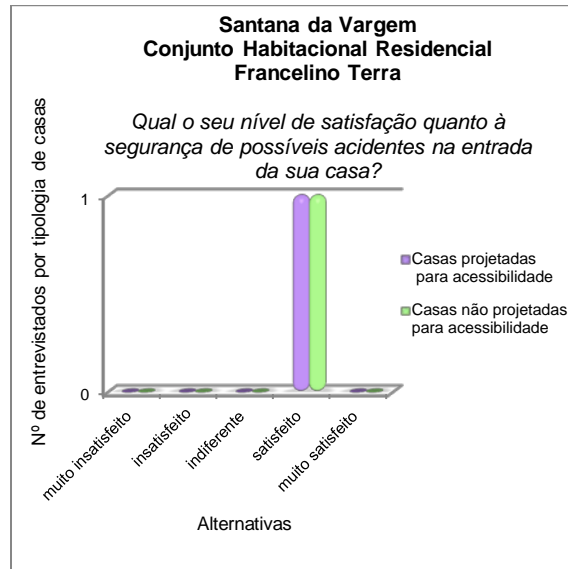
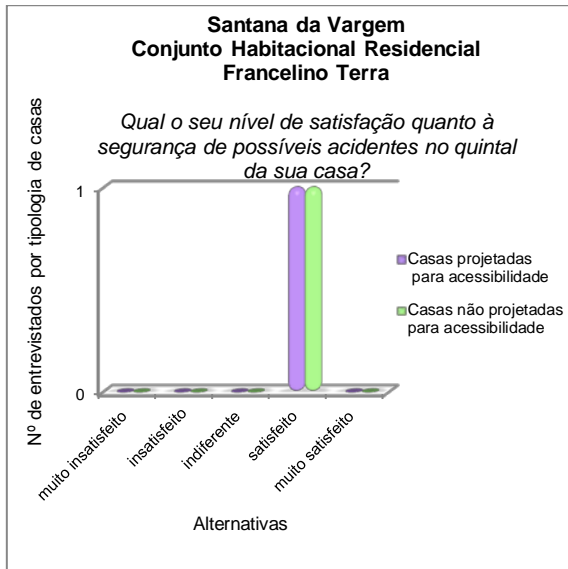
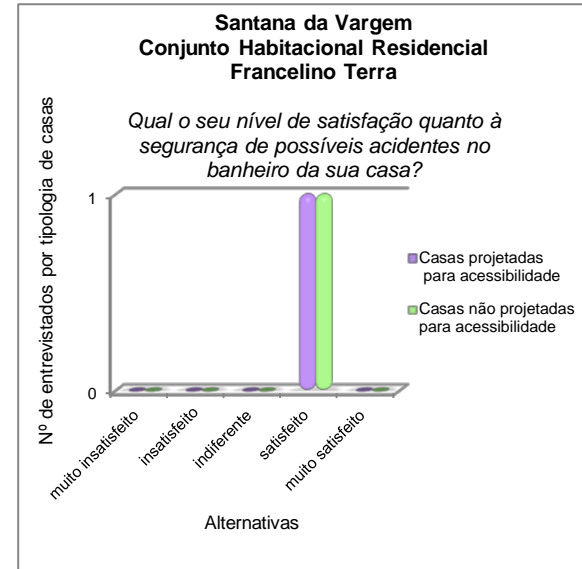
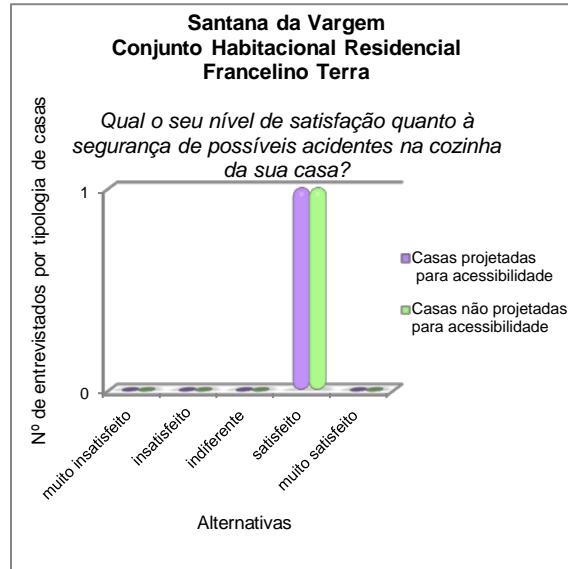
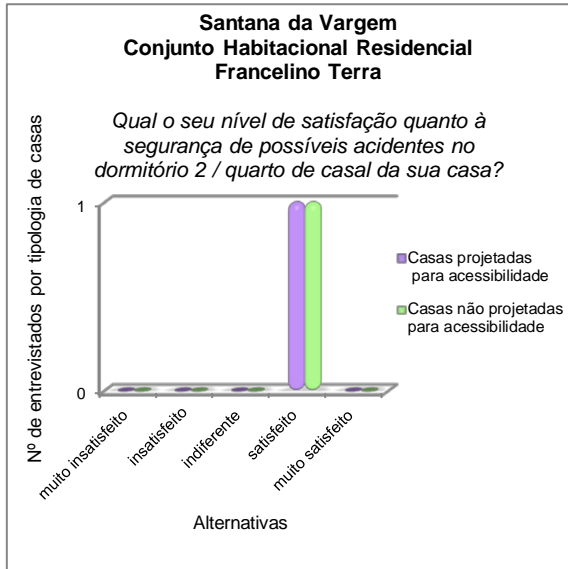


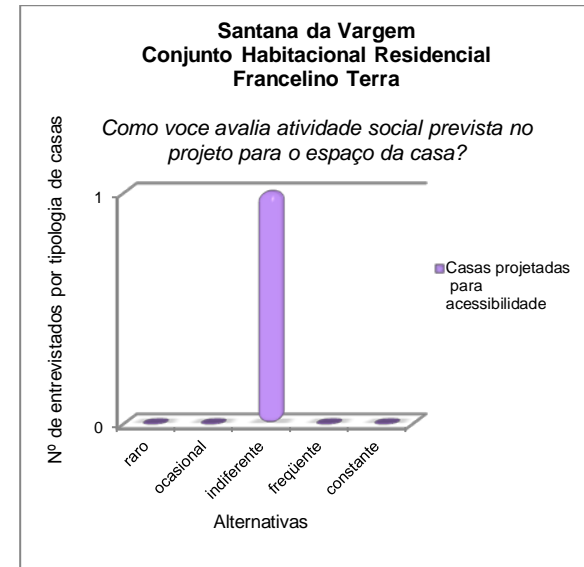
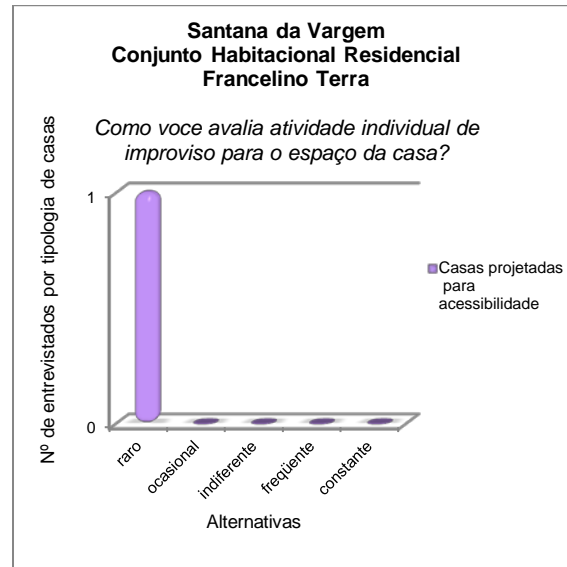
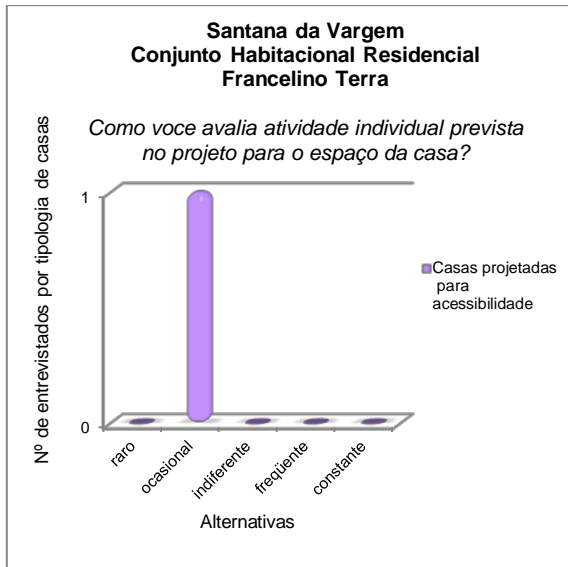
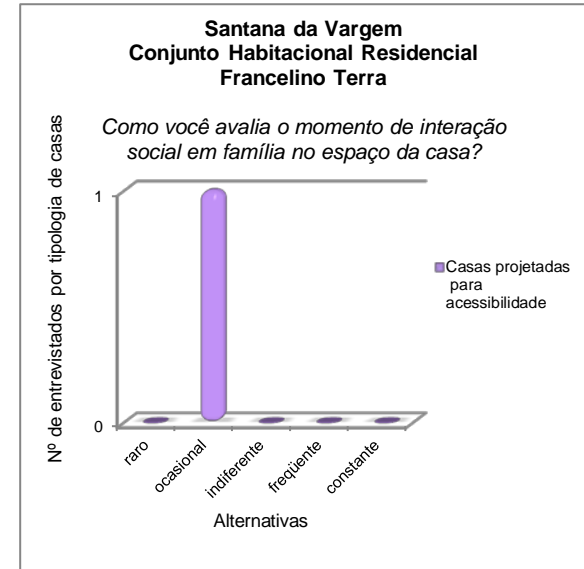
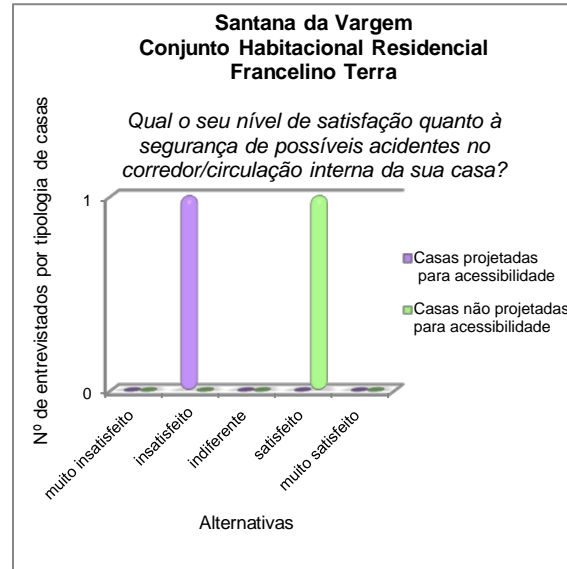
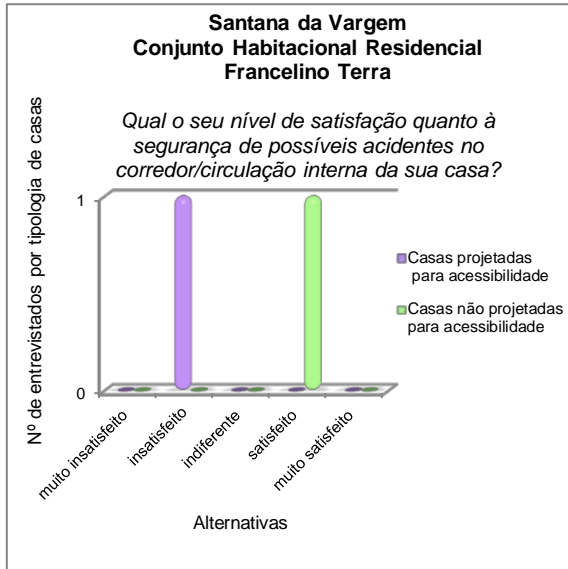


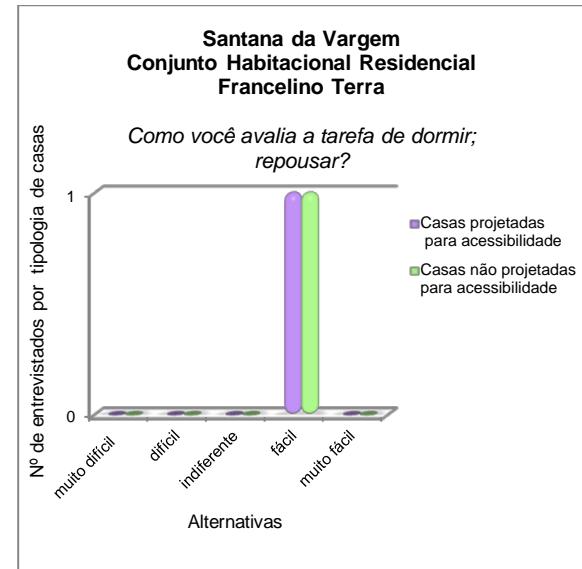
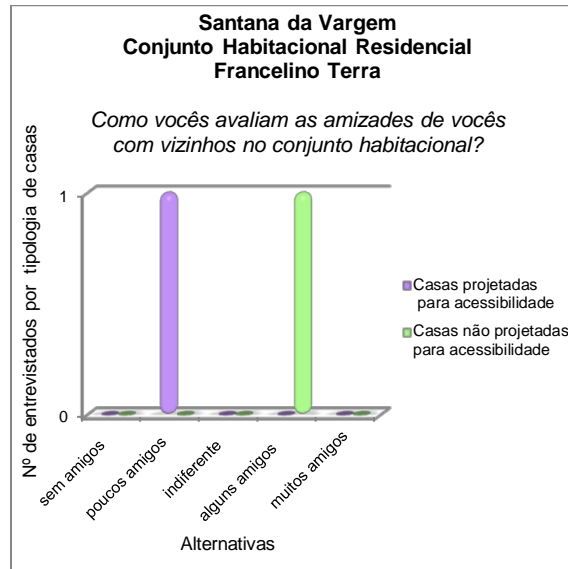
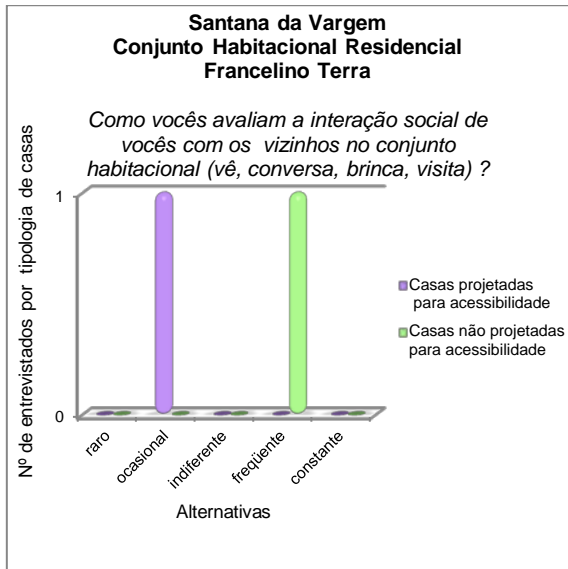
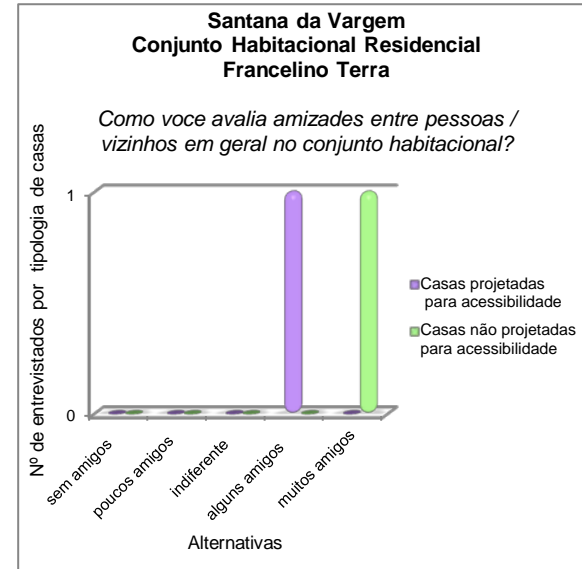
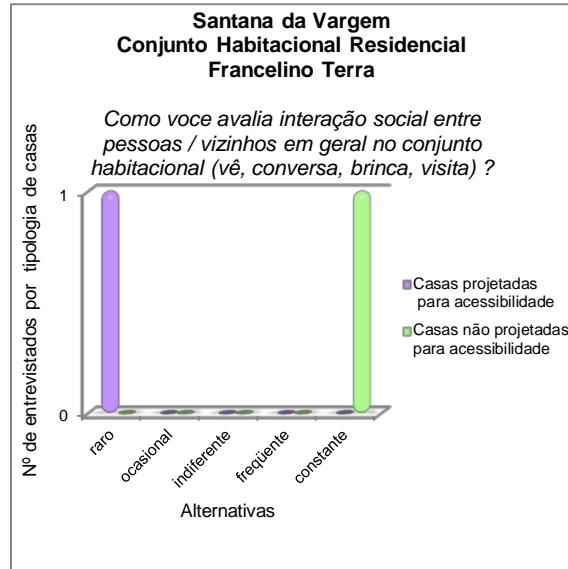
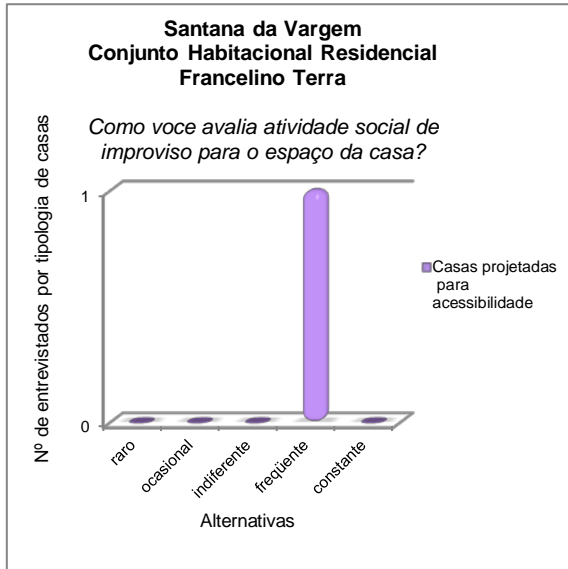


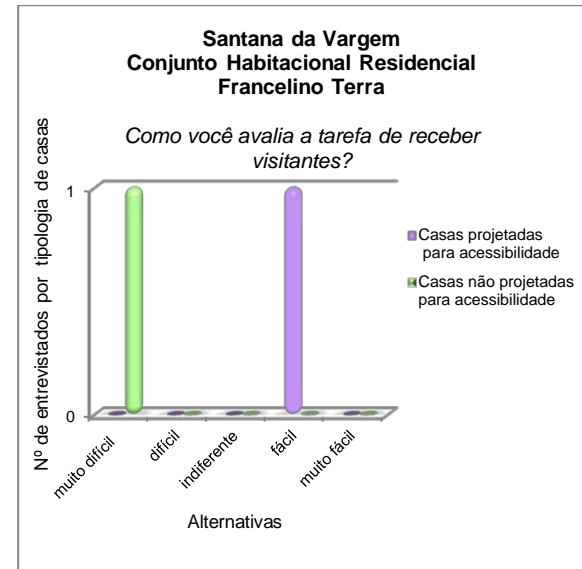
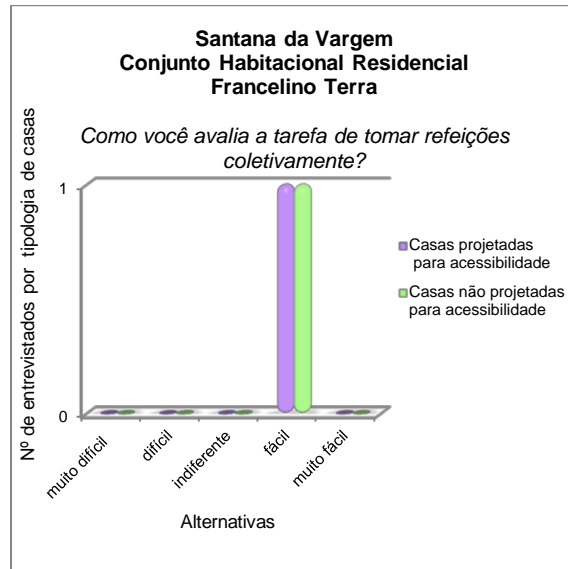
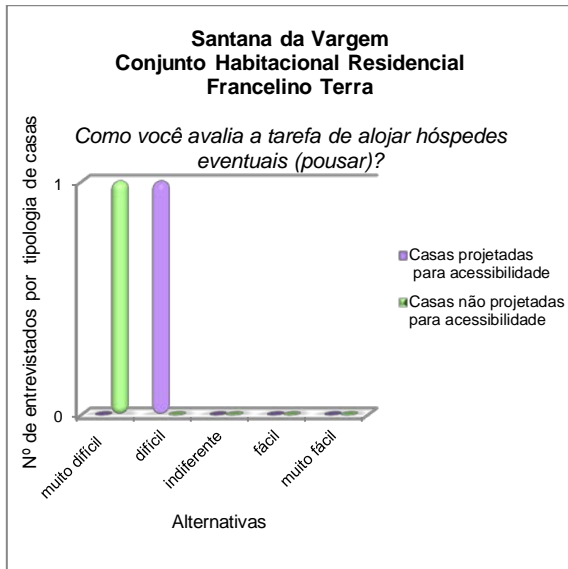
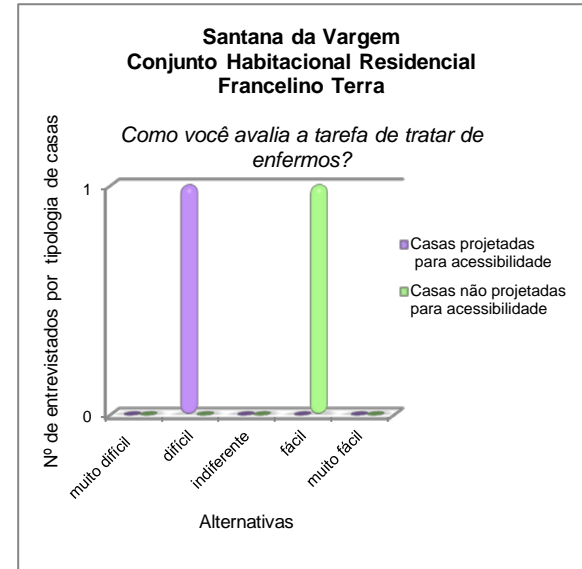
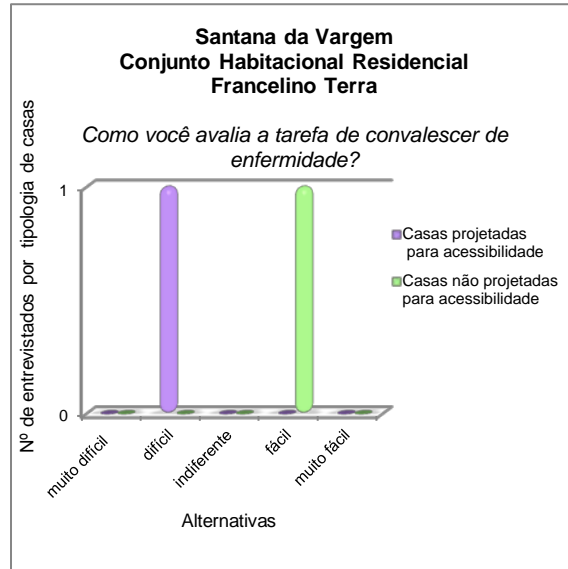
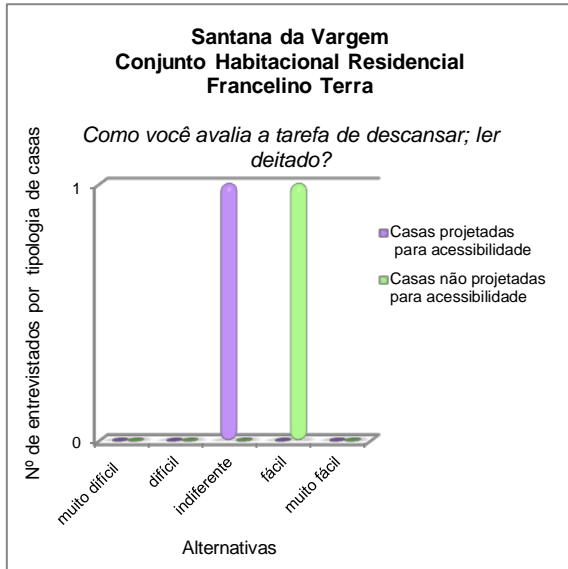


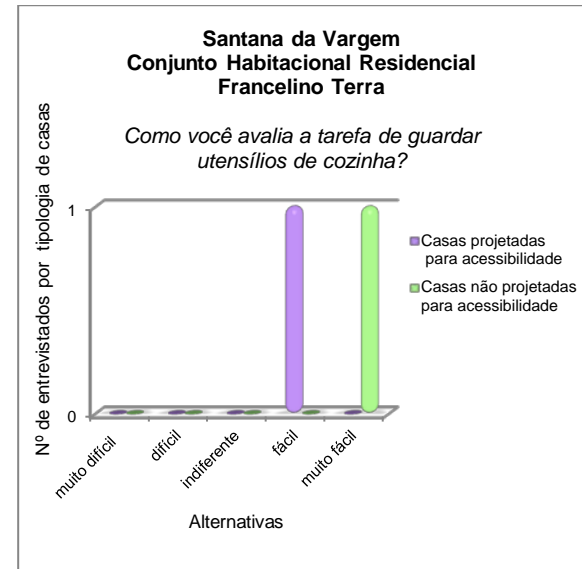
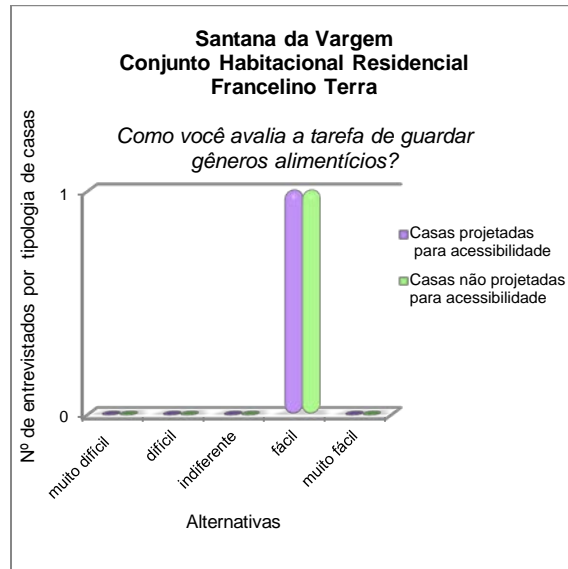
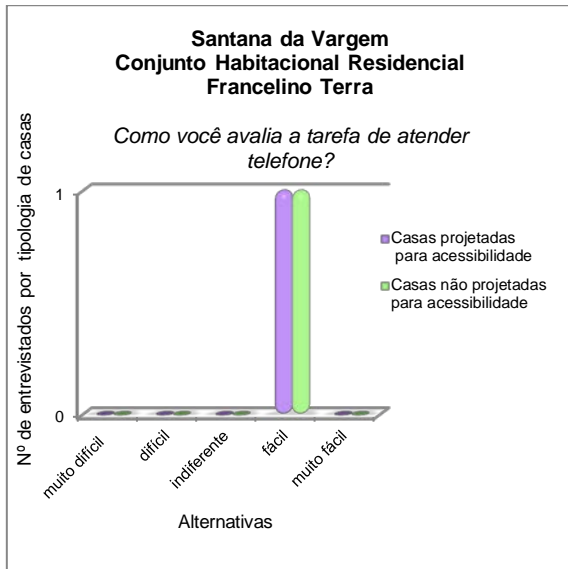
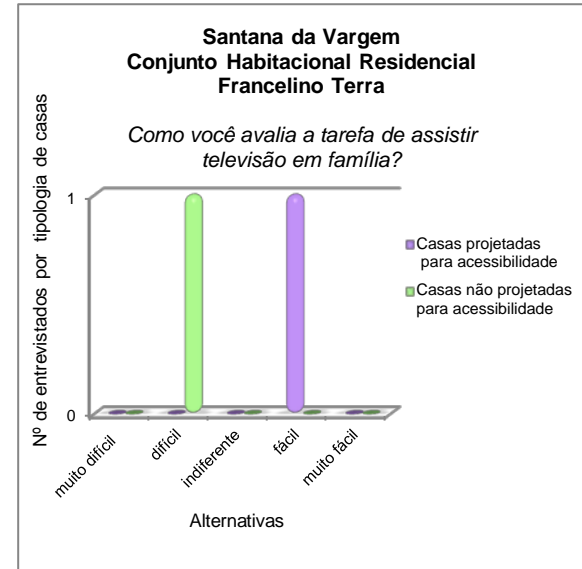
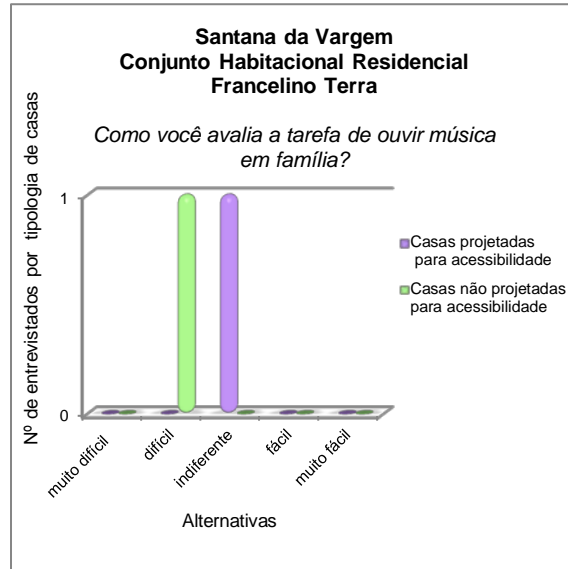


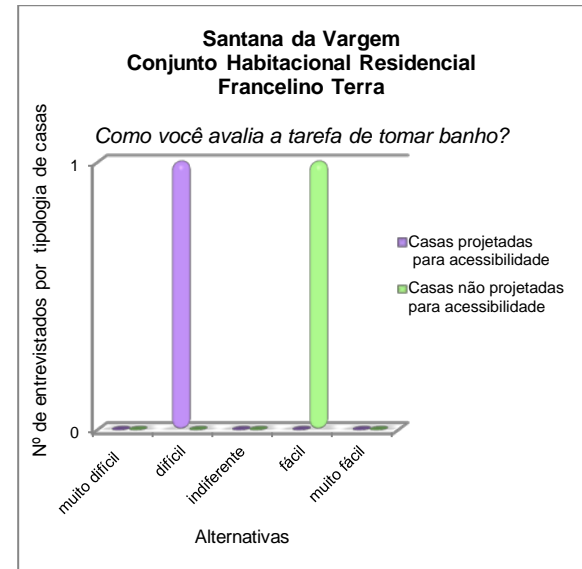
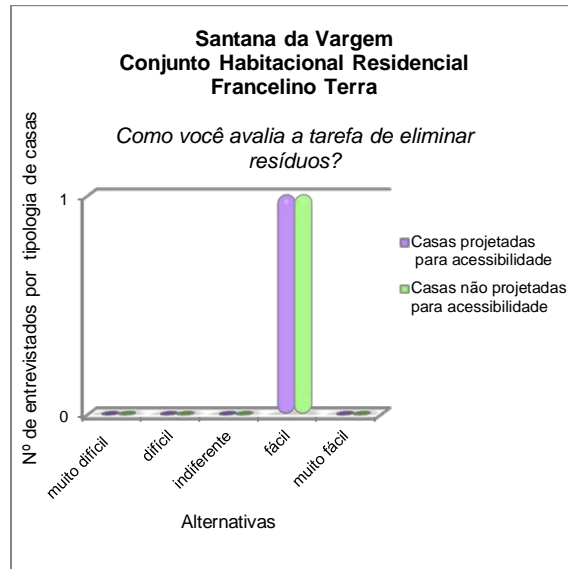
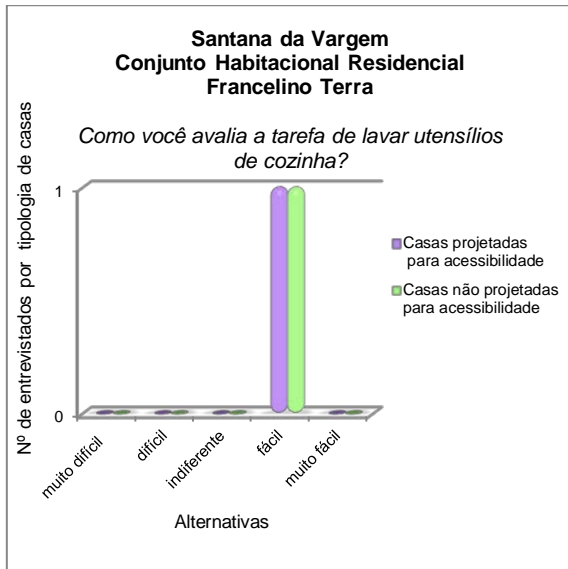
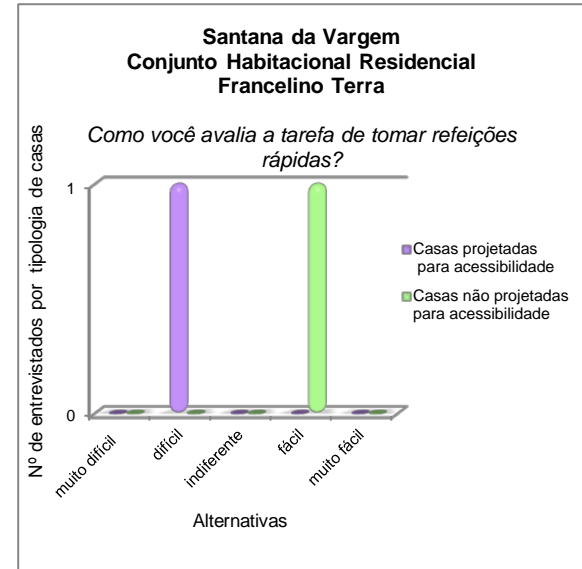
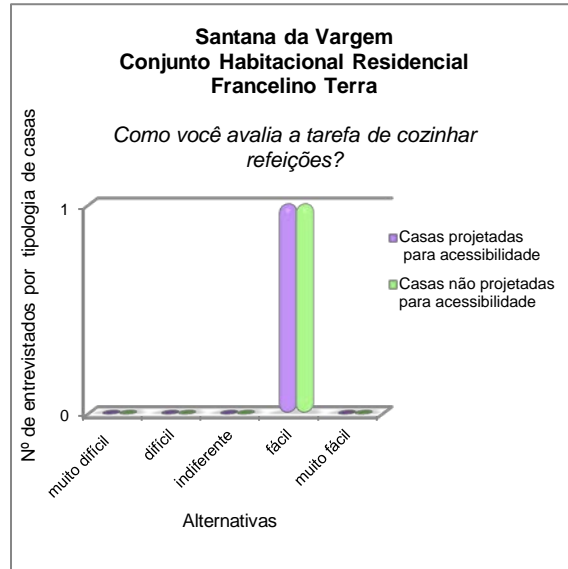
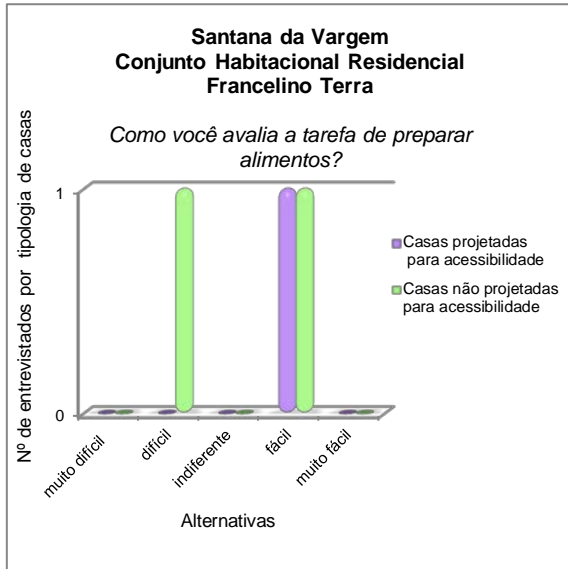


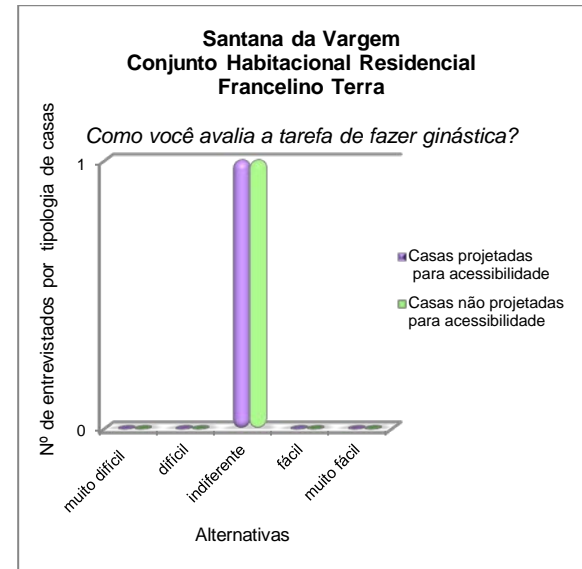
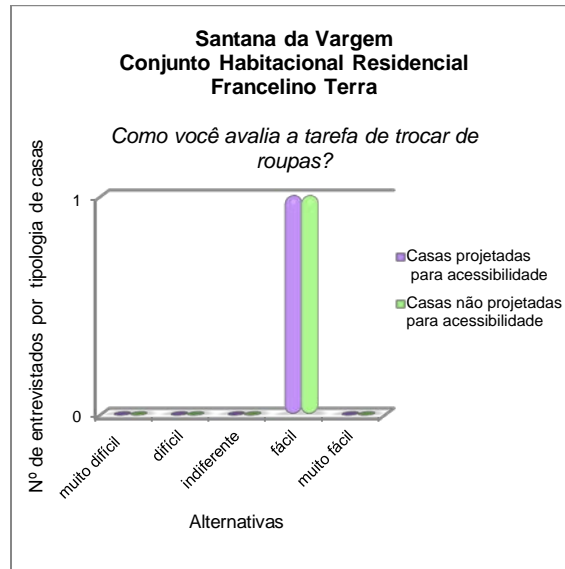
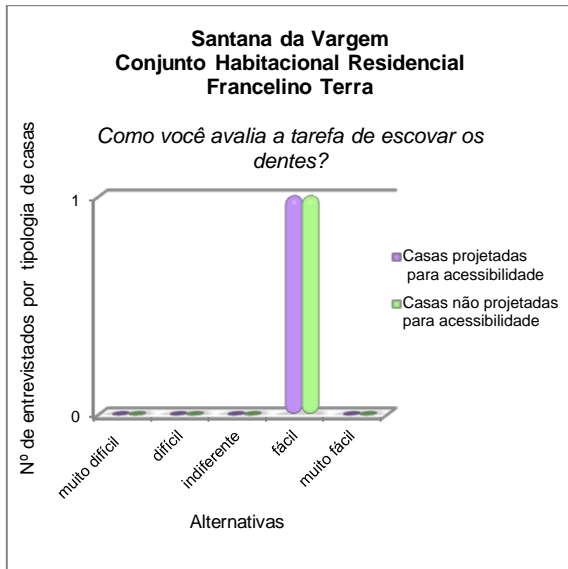
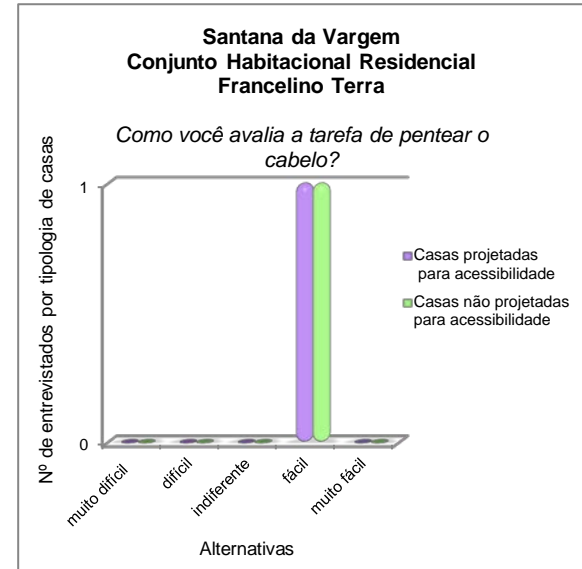
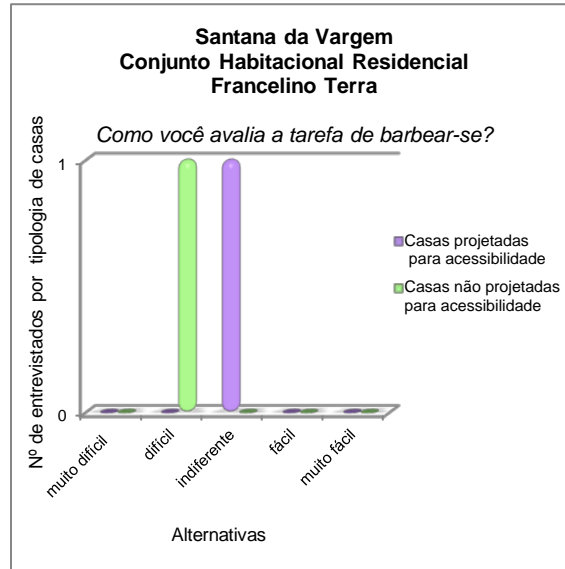
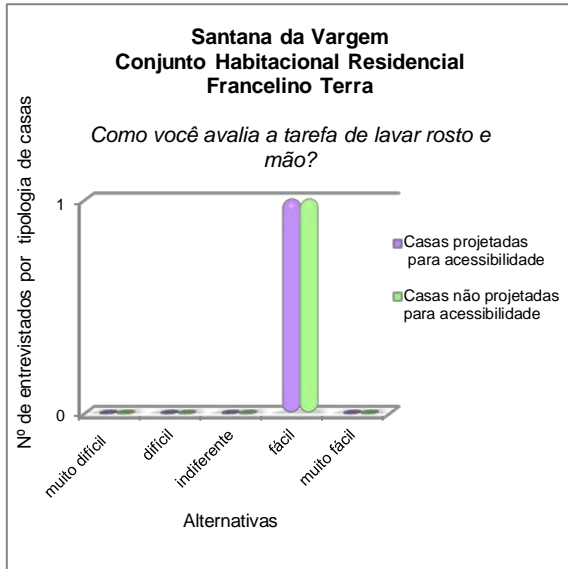


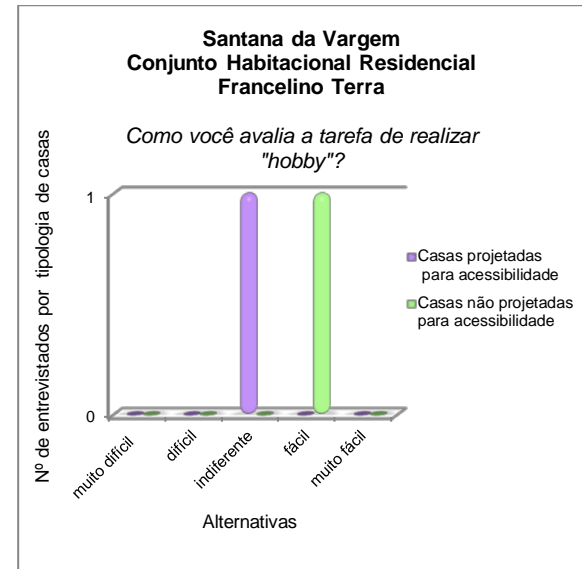
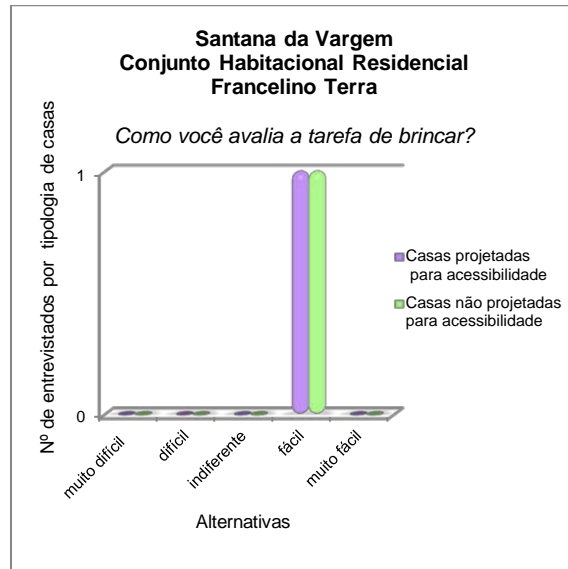
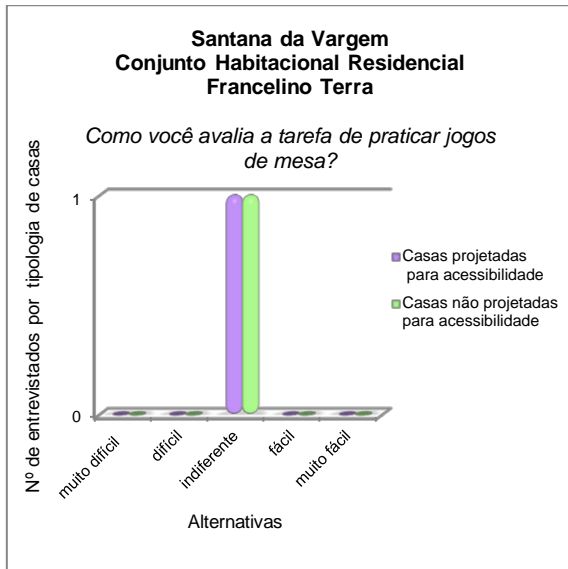
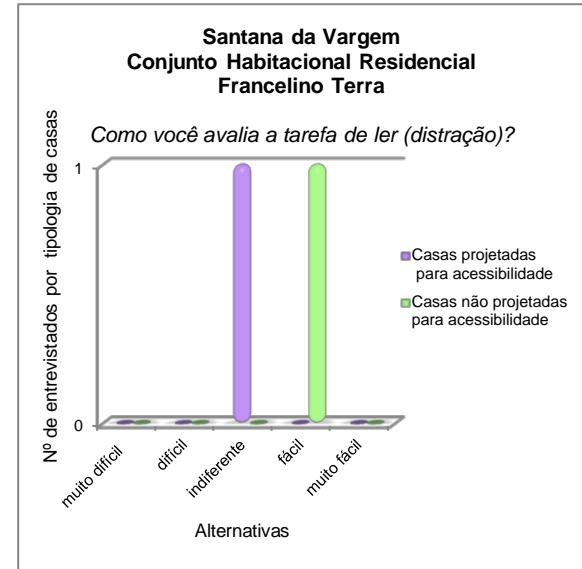
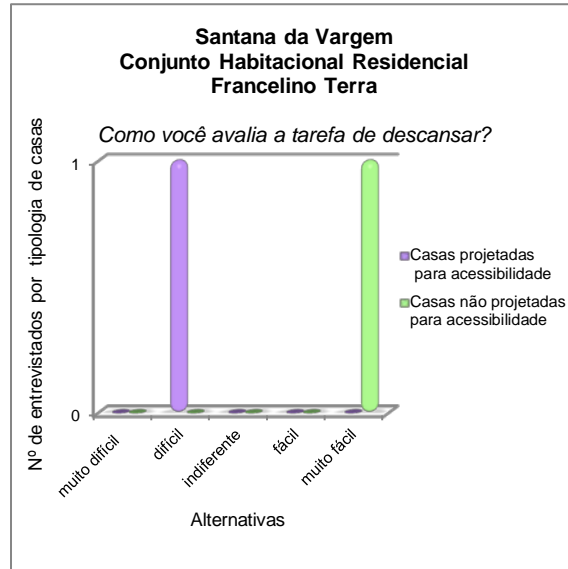
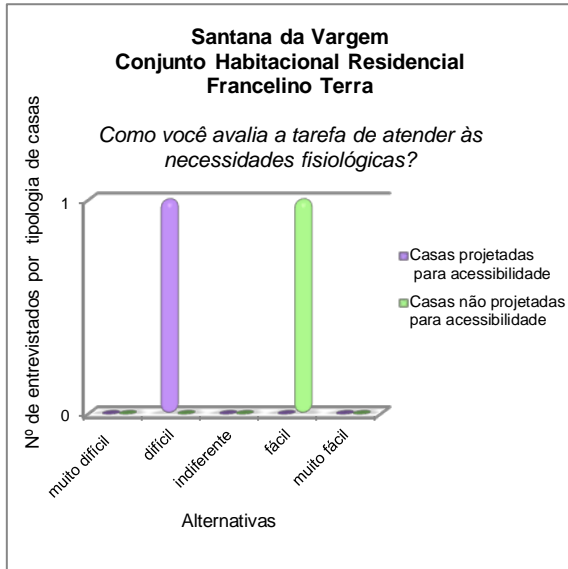


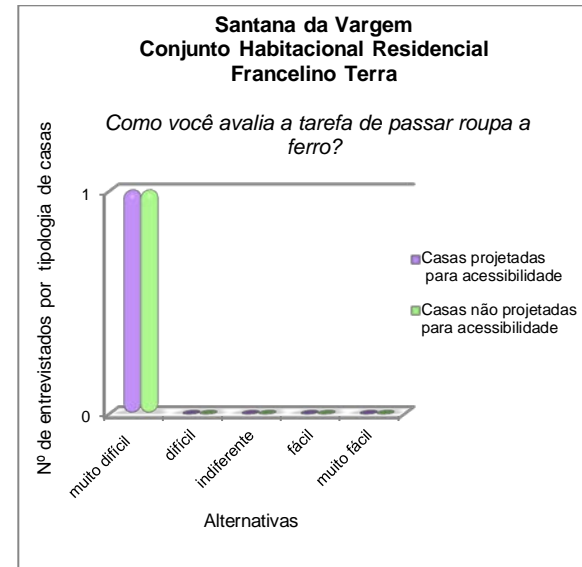
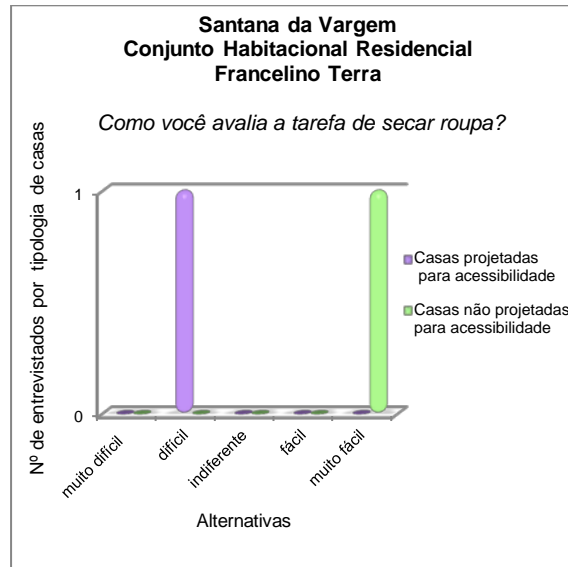
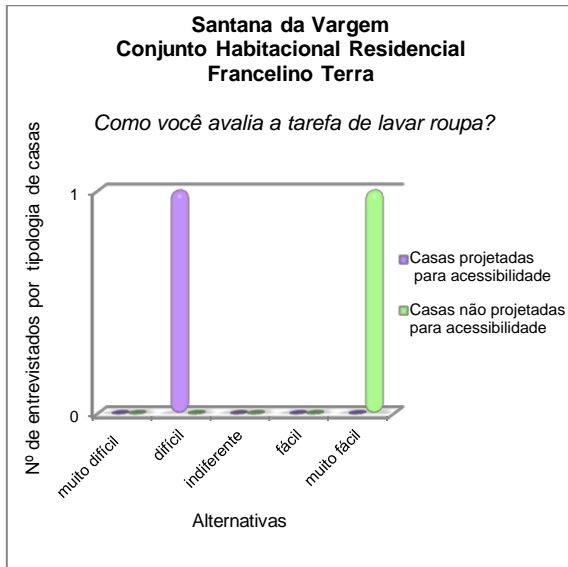
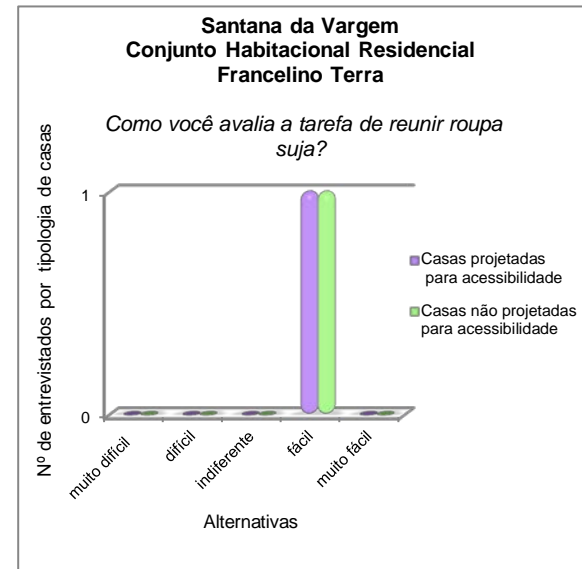
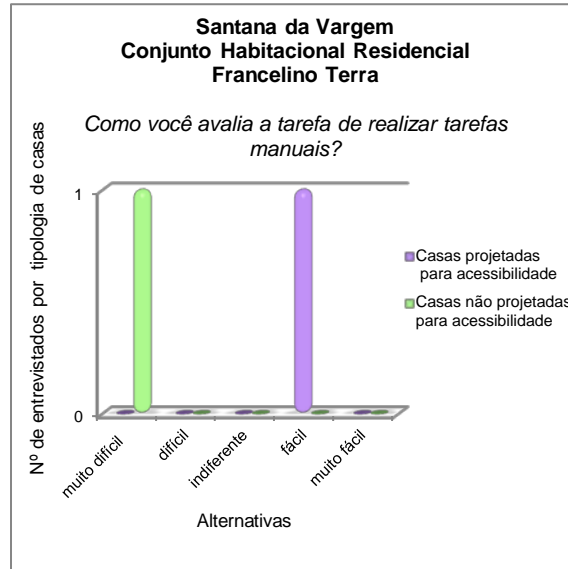
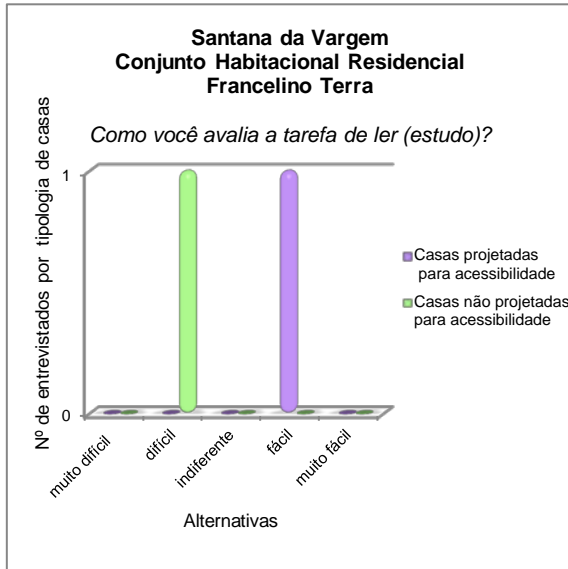


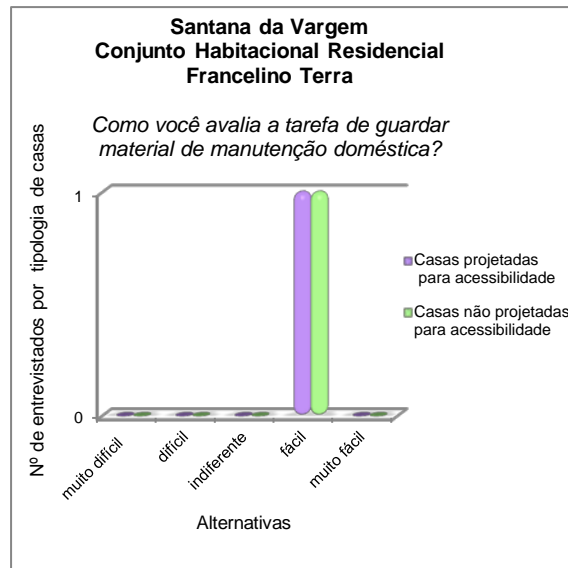
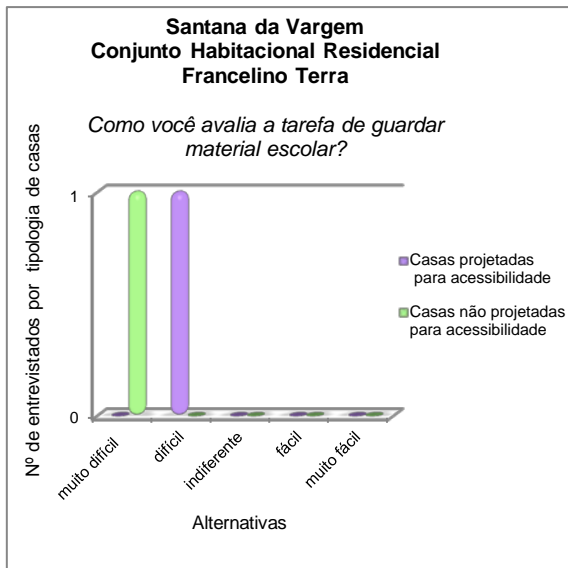
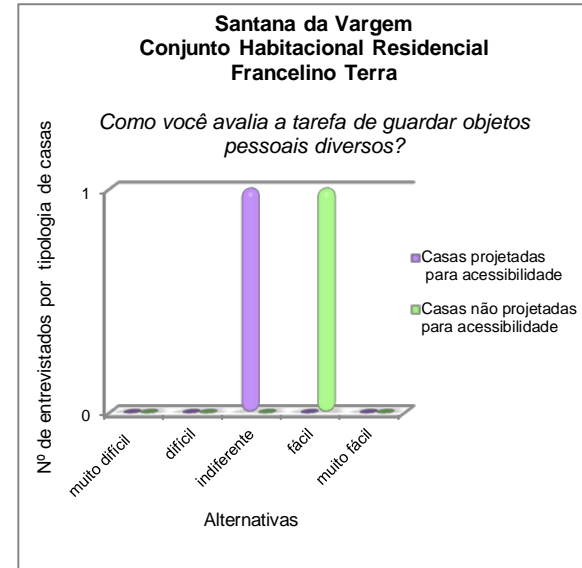
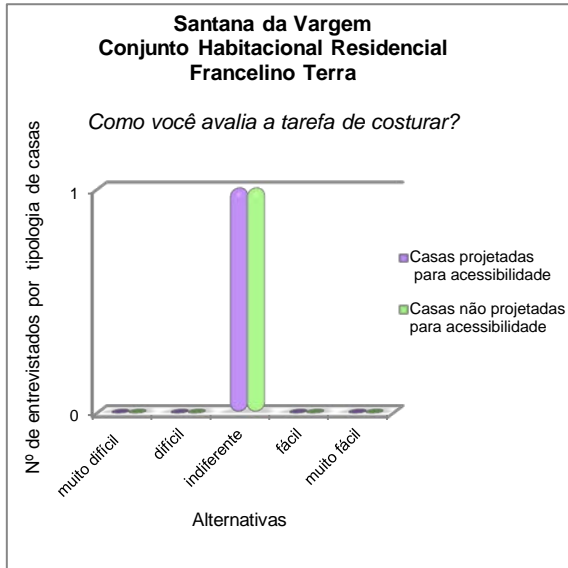






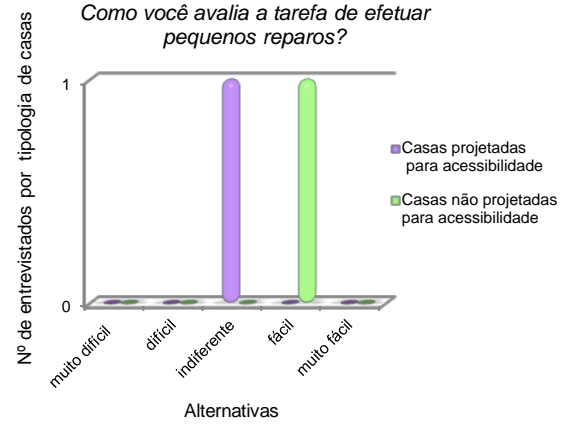


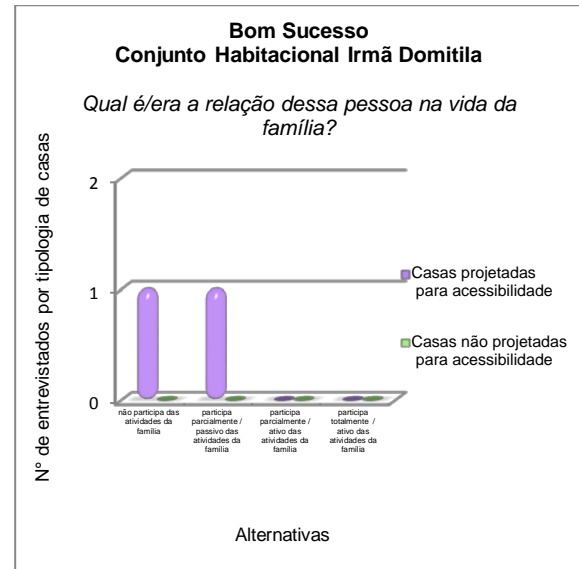
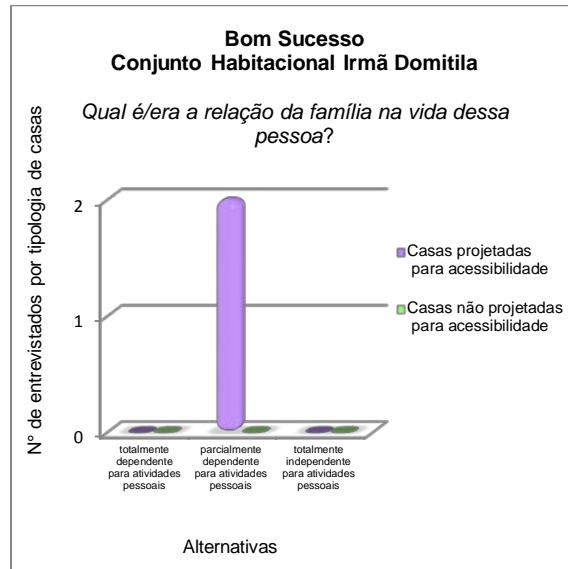
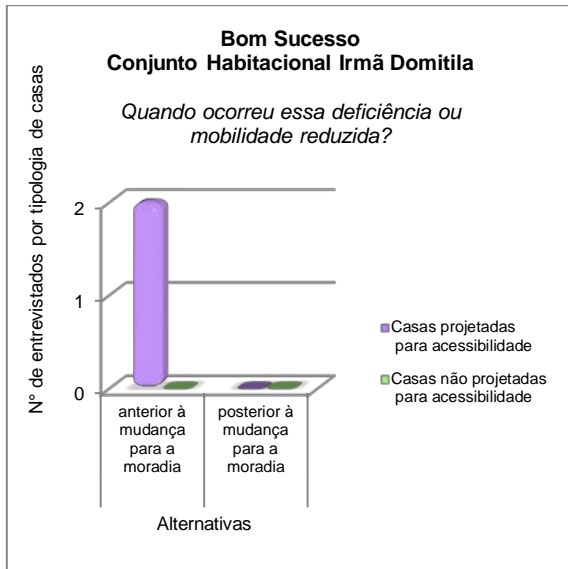
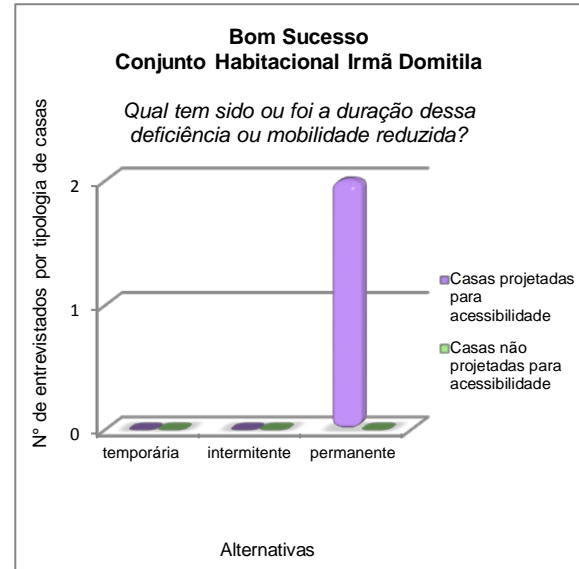
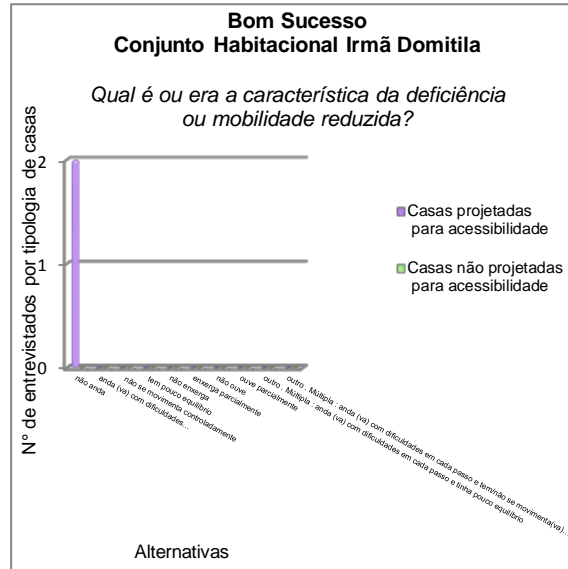
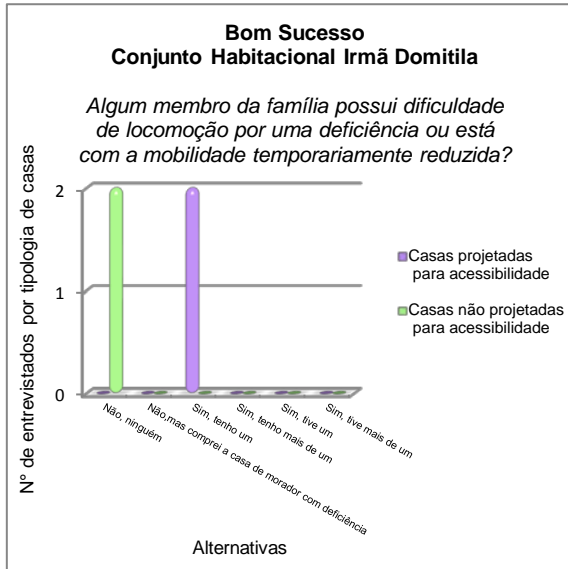


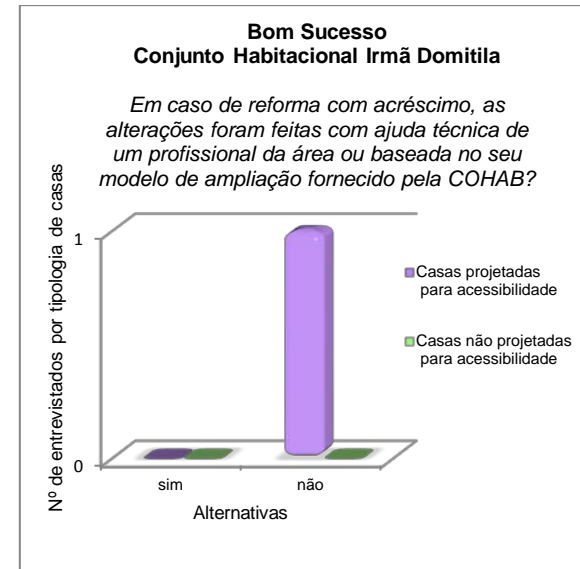
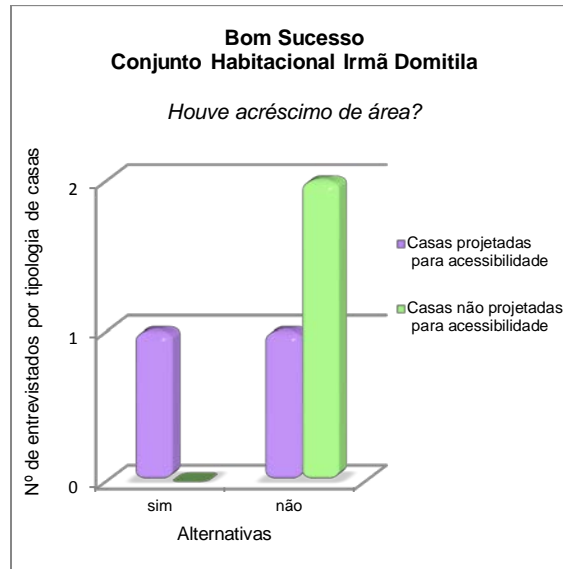
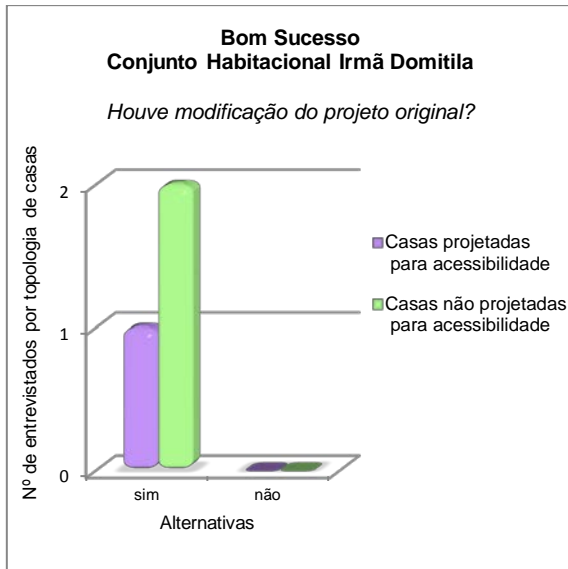
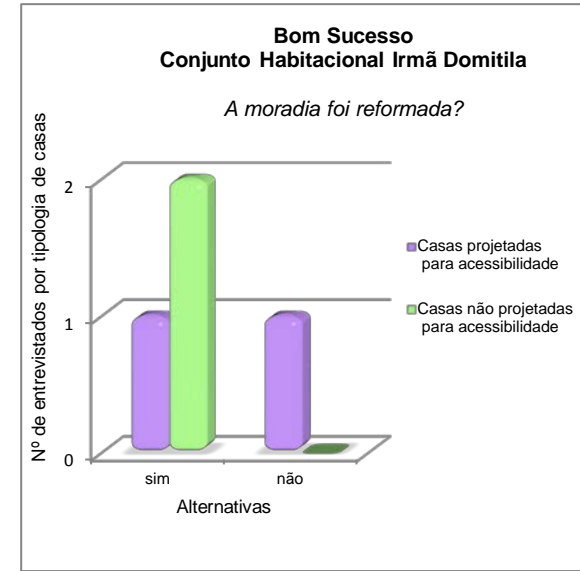
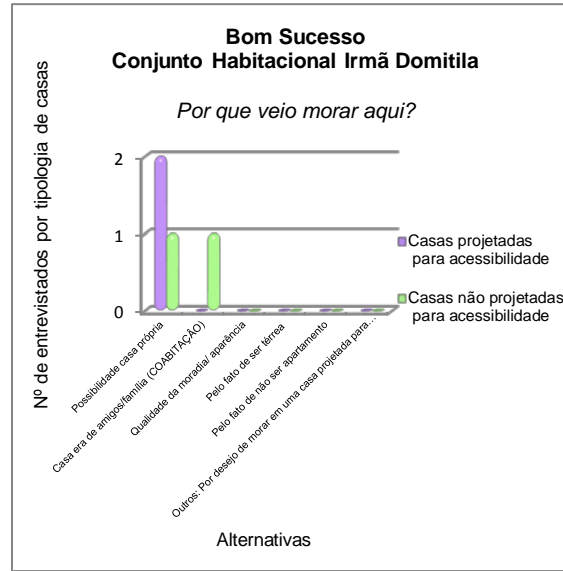
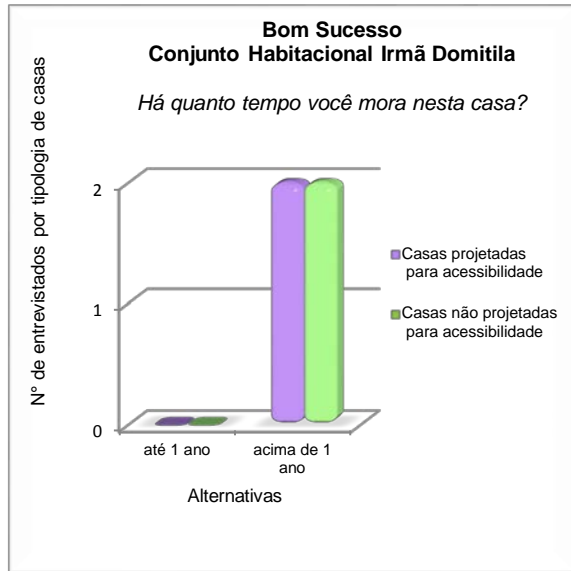


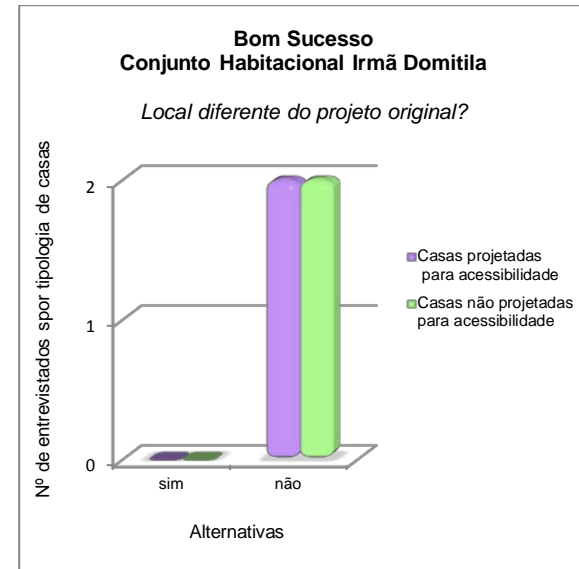
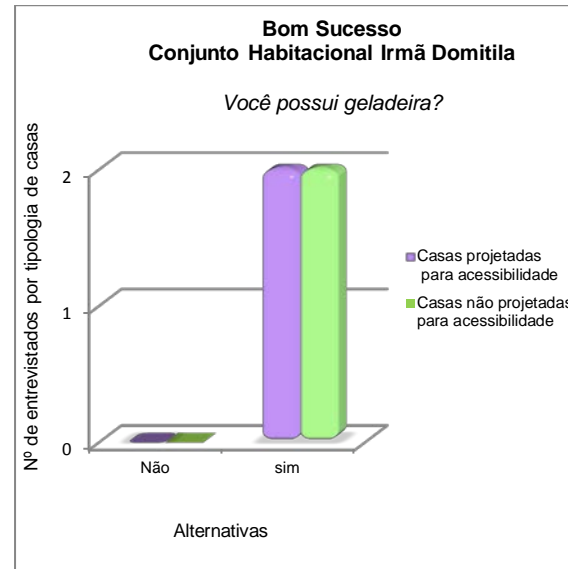
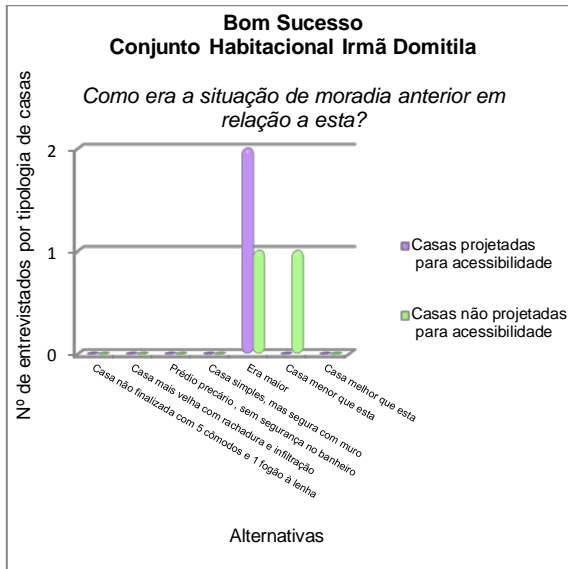
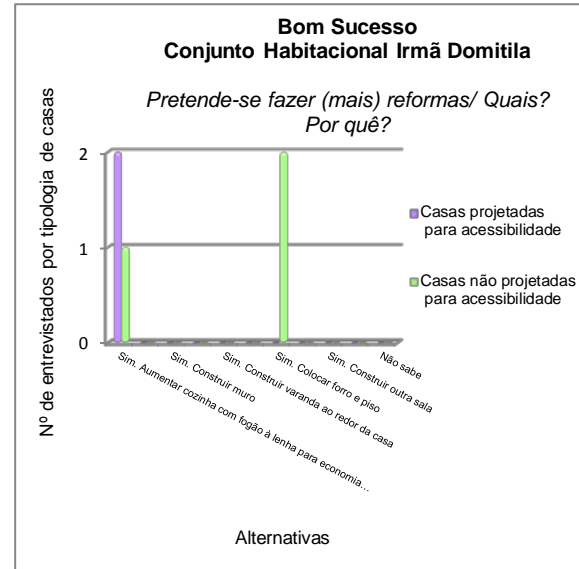
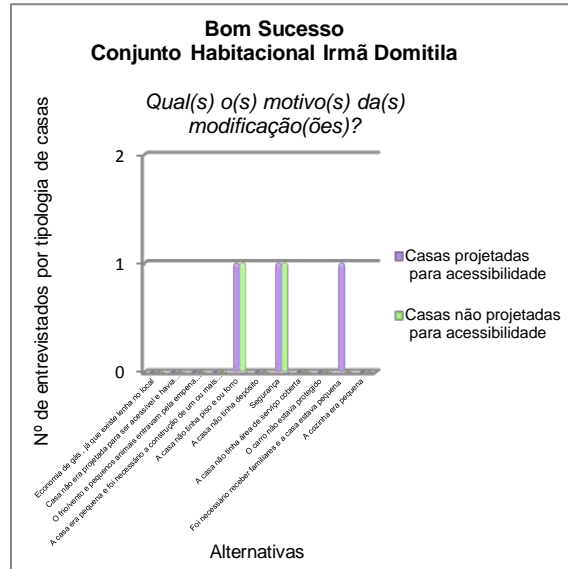
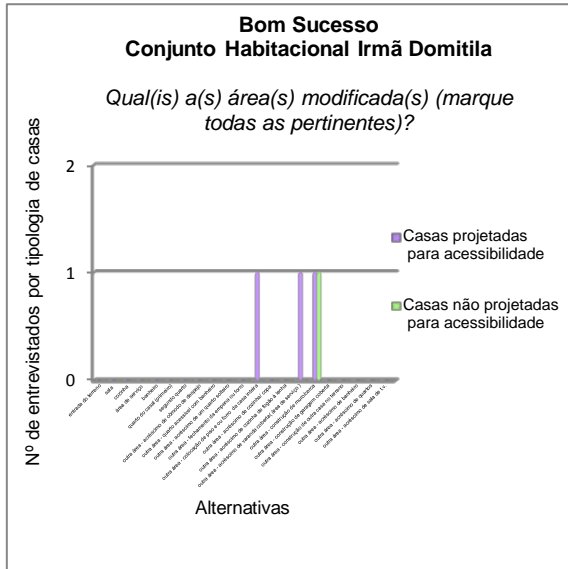
**Santana da Vargem
Conjunto Habitacional Residencial
Francelino Terra**

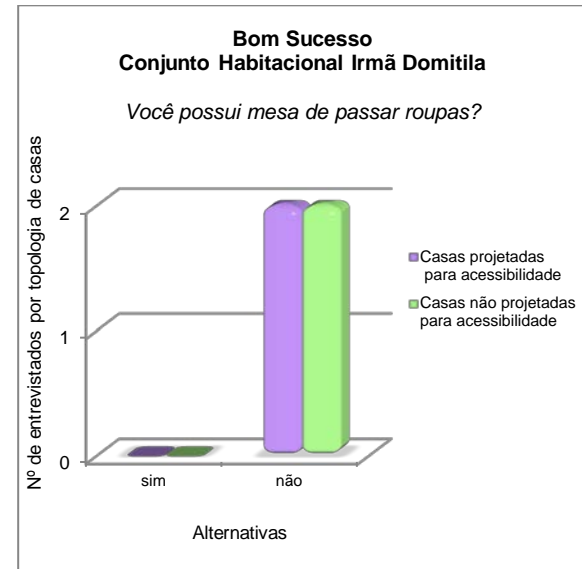
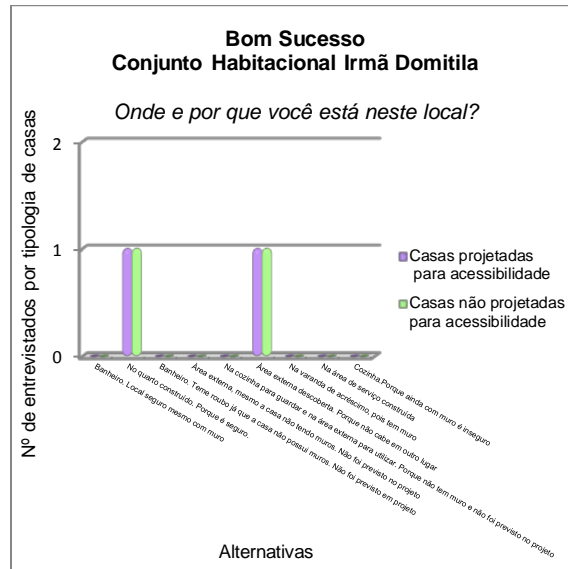
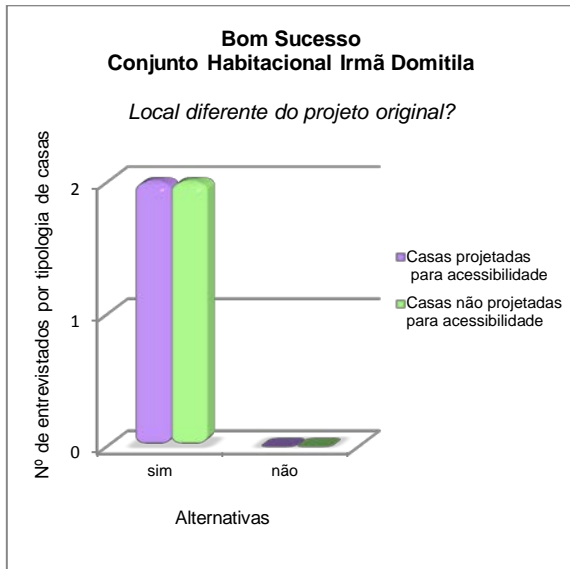
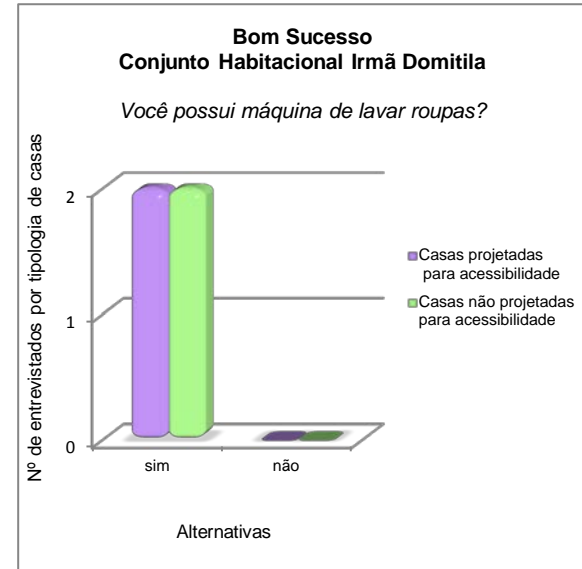
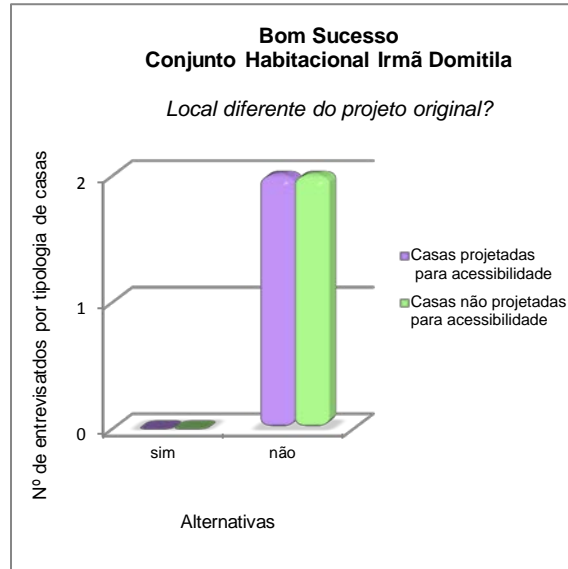
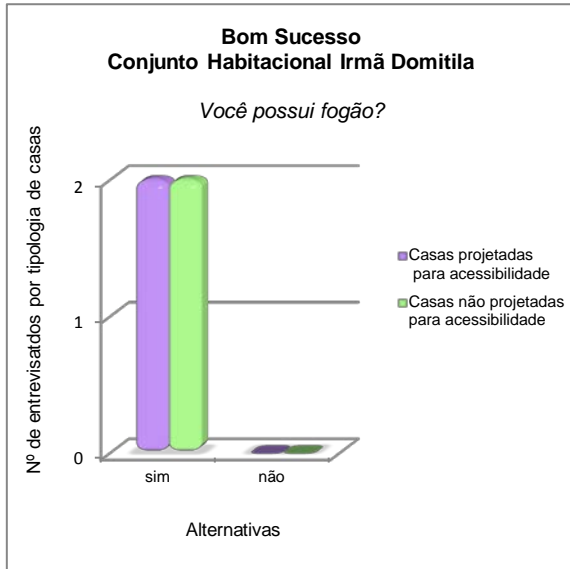
*Como você avalia a tarefa de efetuar
pequenos reparos?*

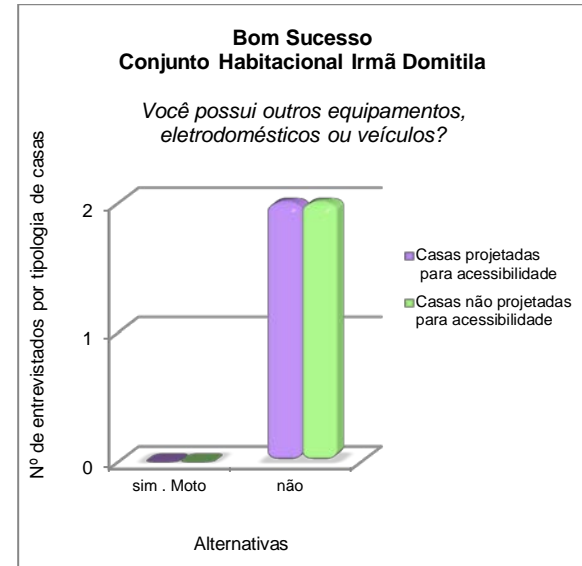
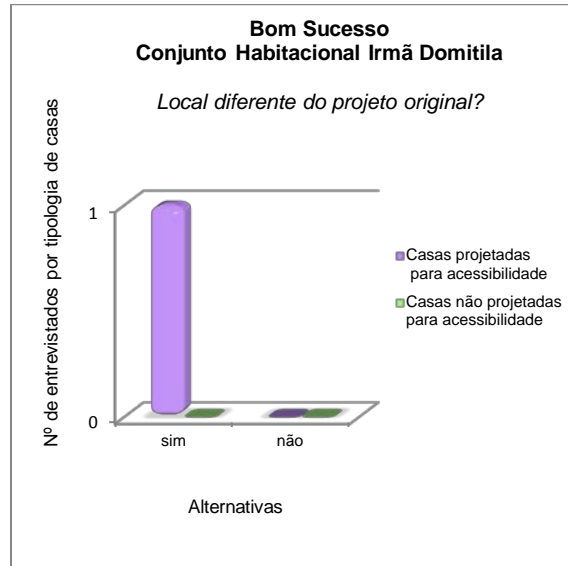
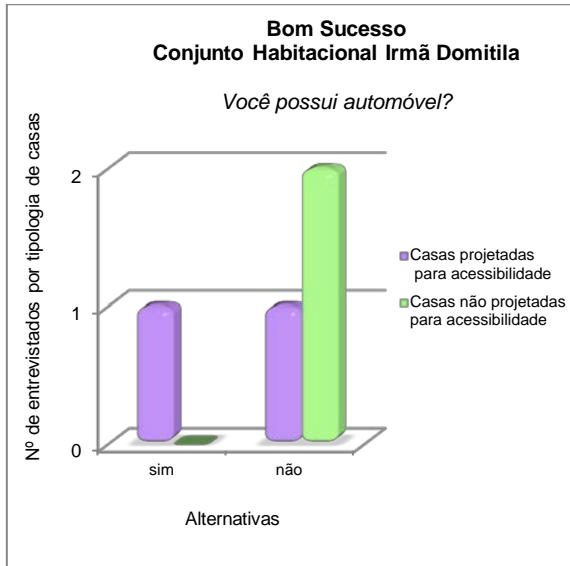
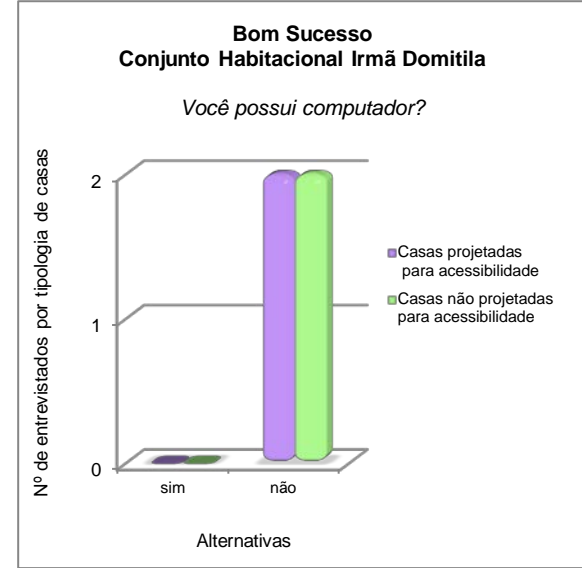
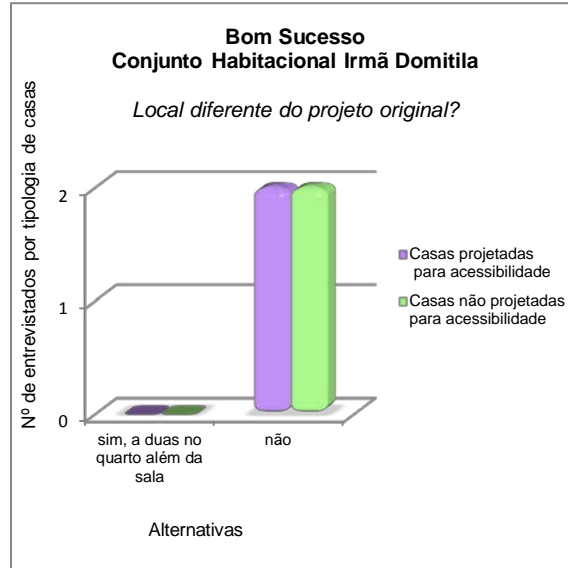
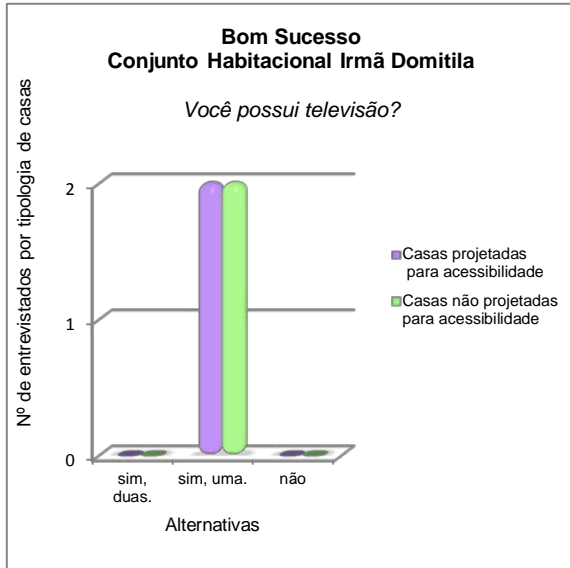






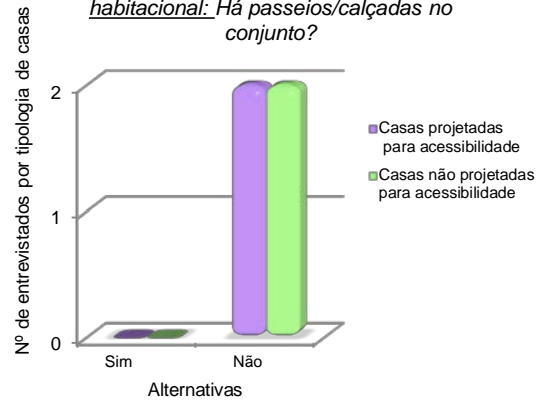






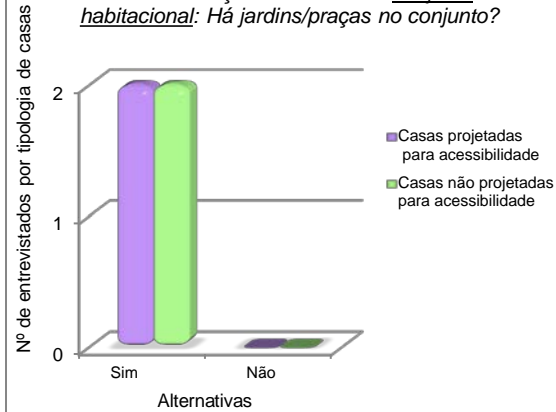
Bom Sucesso
Conjunto Habitacional Irmã Domitila

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há passeios/calçadas no conjunto?



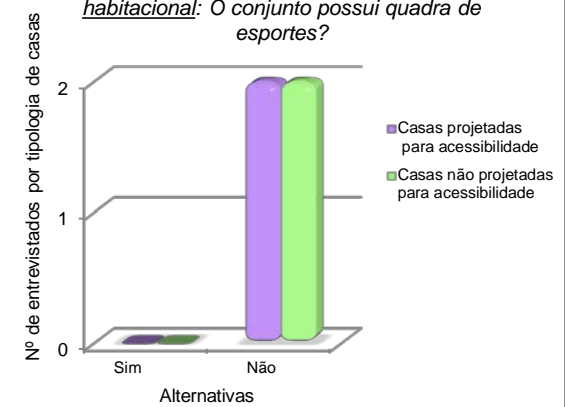
Bom Sucesso
Conjunto Habitacional Irmã Domitila

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: Há jardins/praças no conjunto?



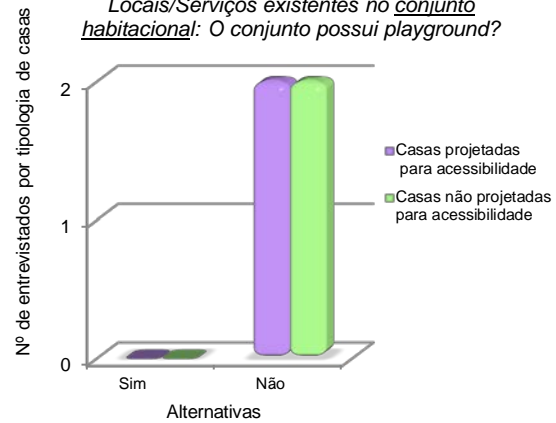
Bom Sucesso
Conjunto Habitacional Irmã Domitila

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui quadra de esportes?



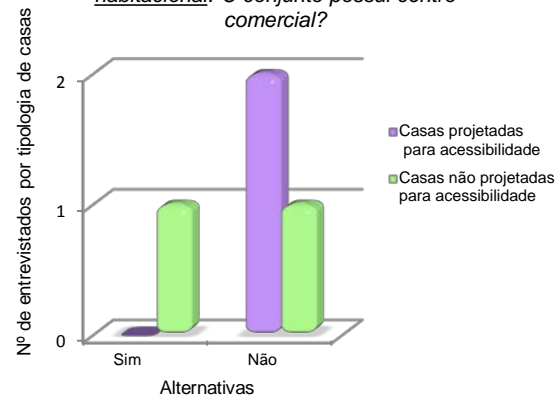
Bom Sucesso
Conjunto Habitacional Irmã Domitila

Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui playground?



Bom Sucesso
Conjunto Habitacional Irmã Domitila

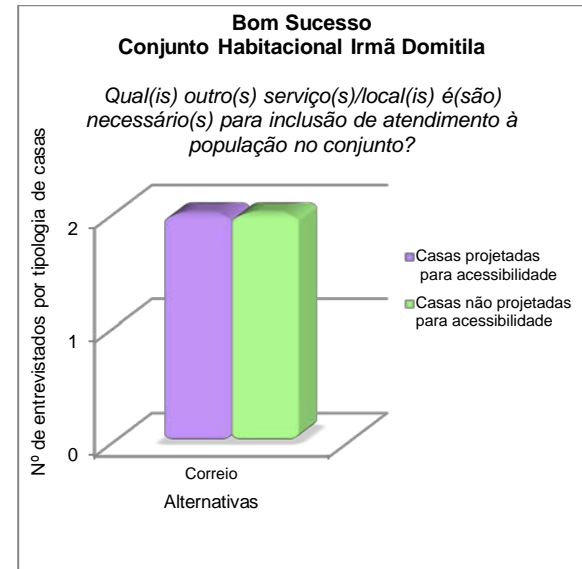
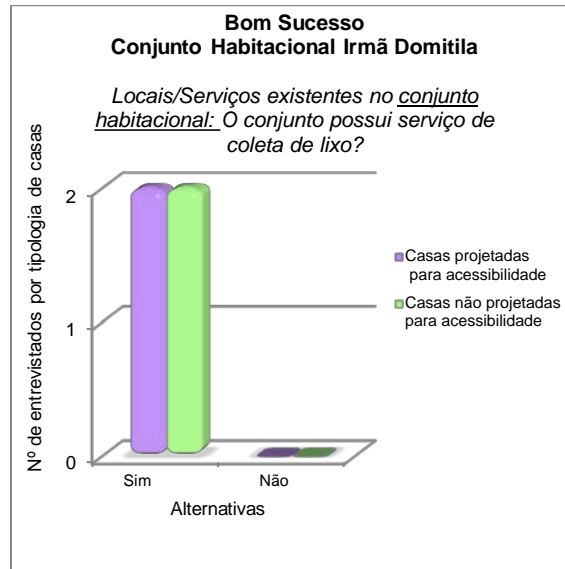
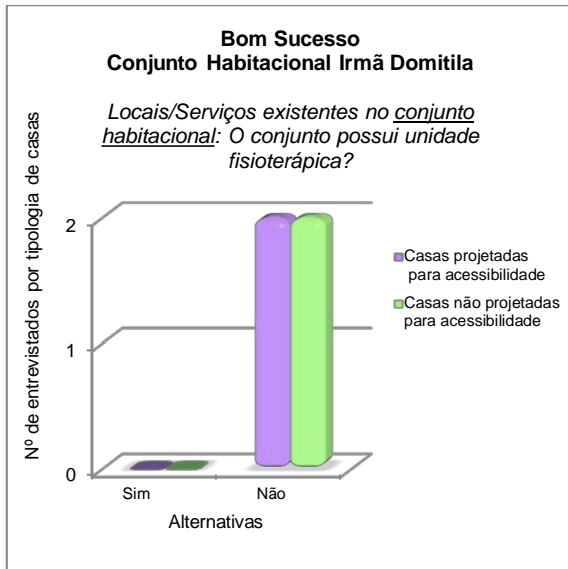
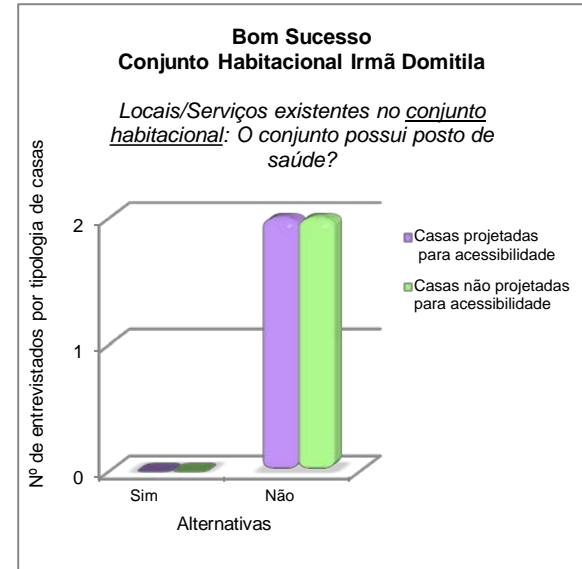
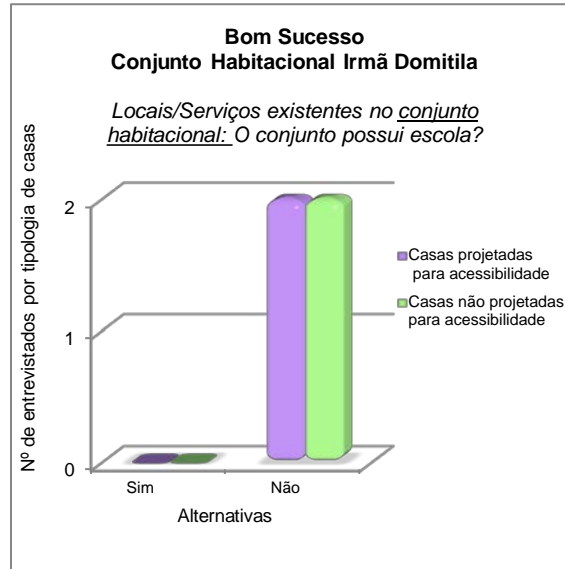
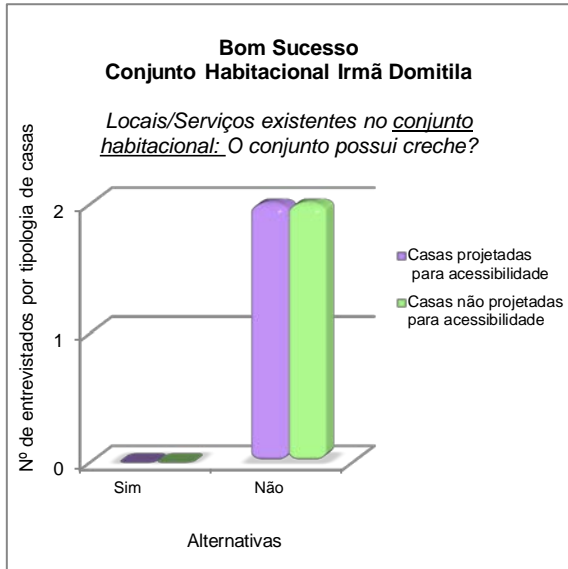
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comercial?

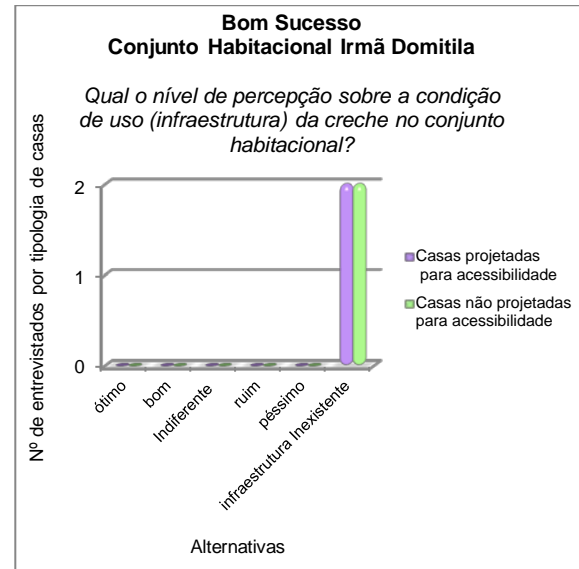
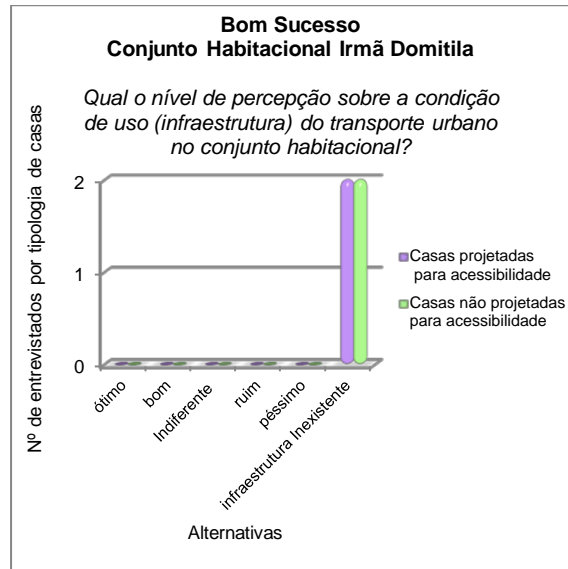
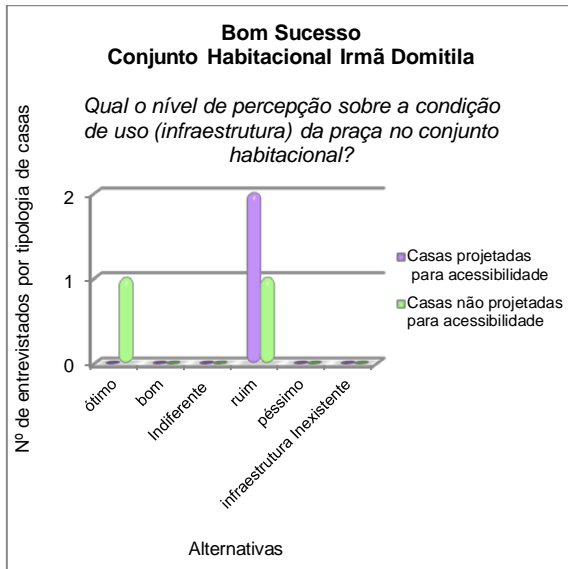
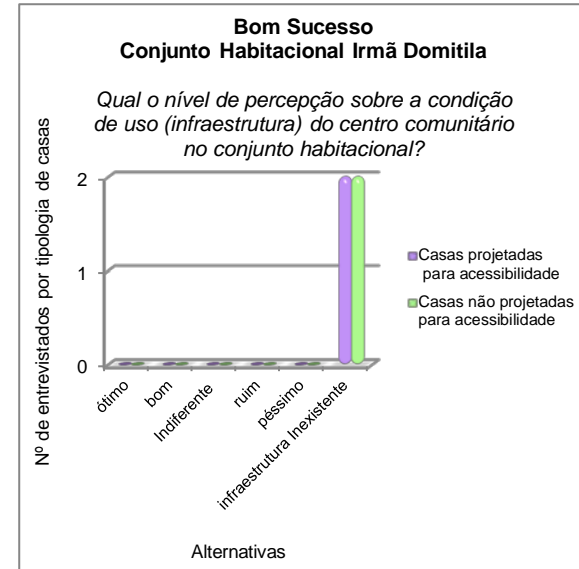
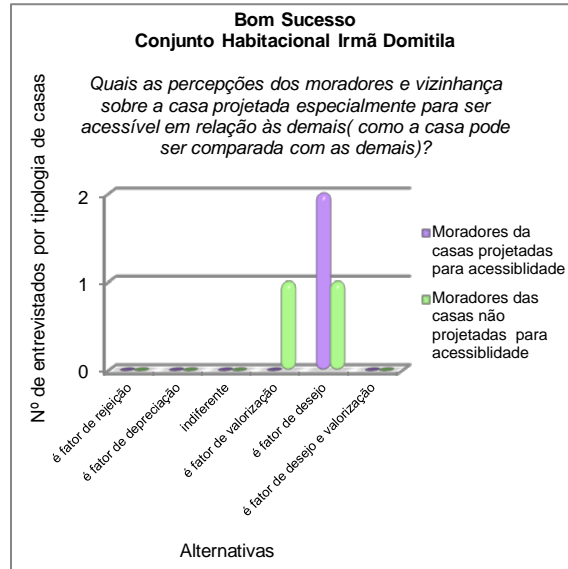
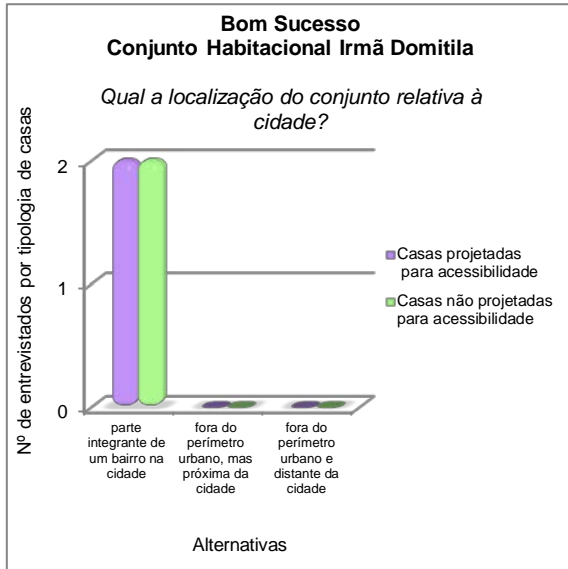


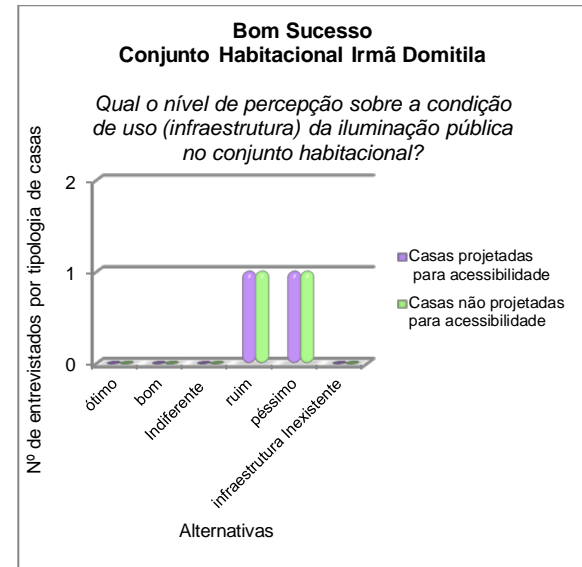
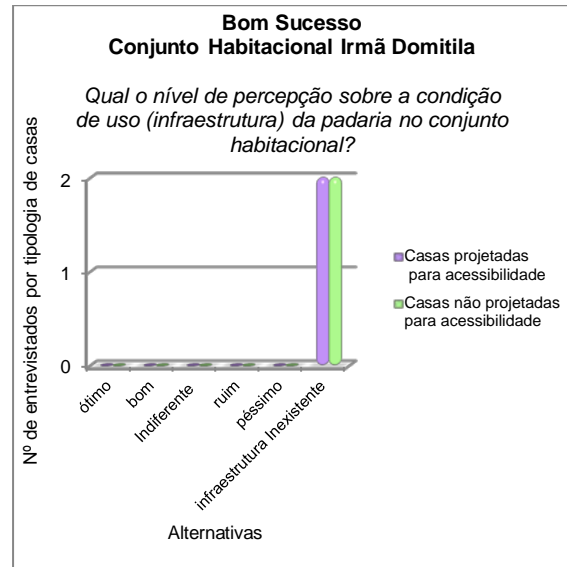
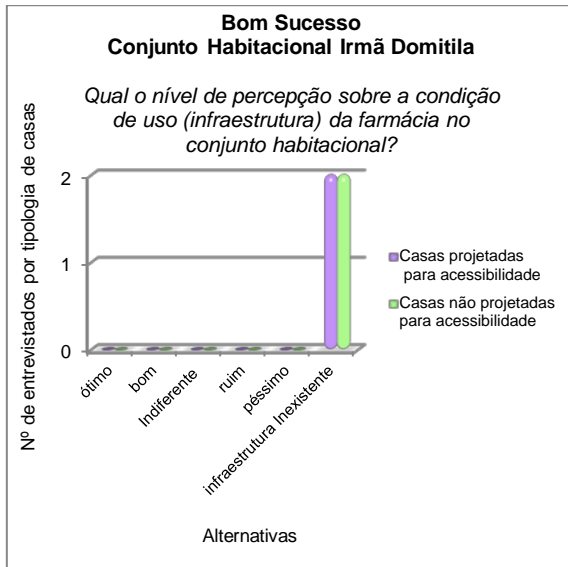
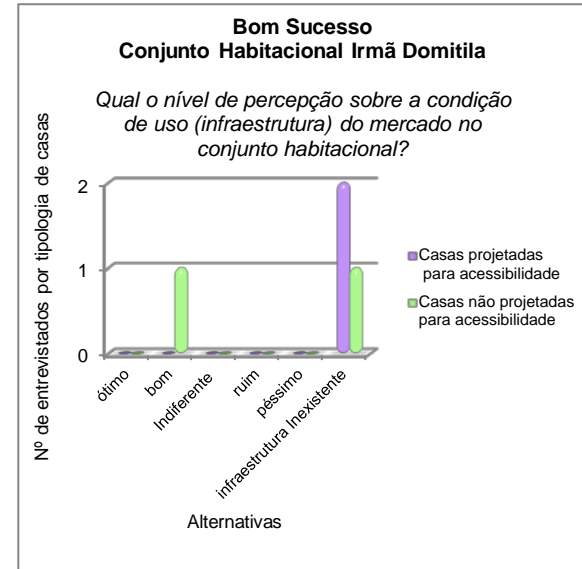
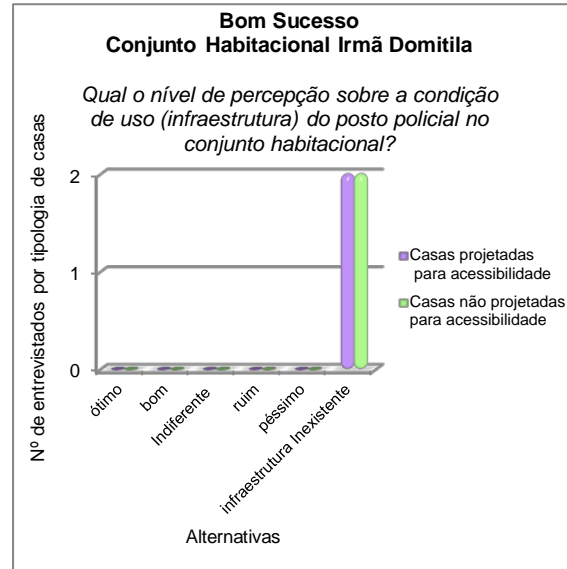
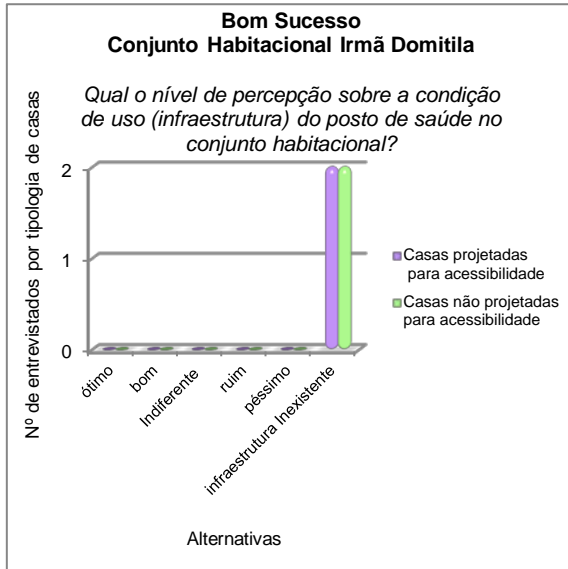
Bom Sucesso
Conjunto Habitacional Irmã Domitila

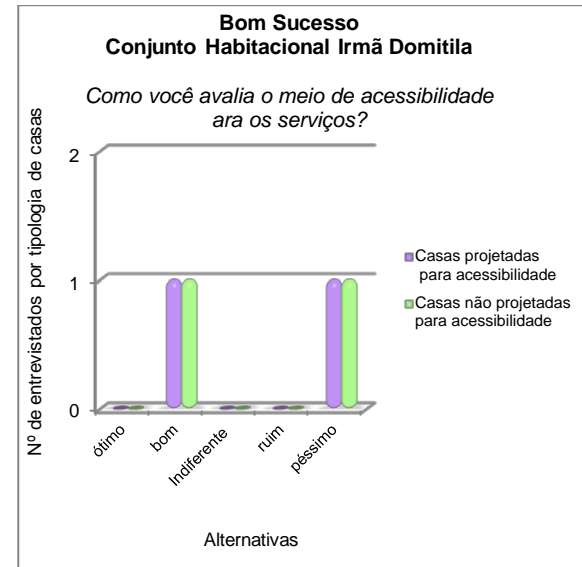
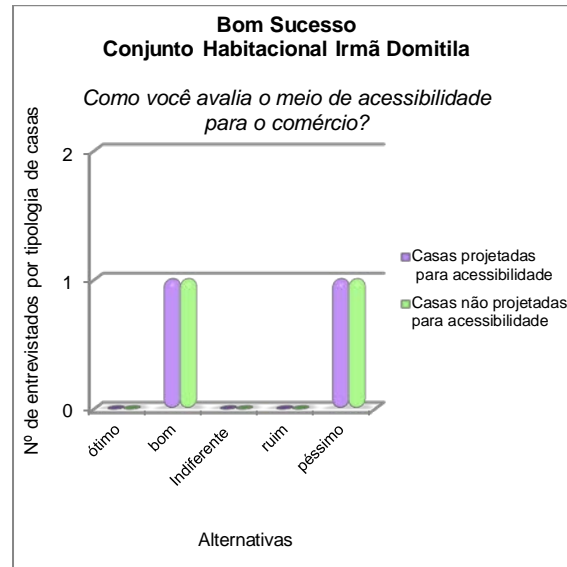
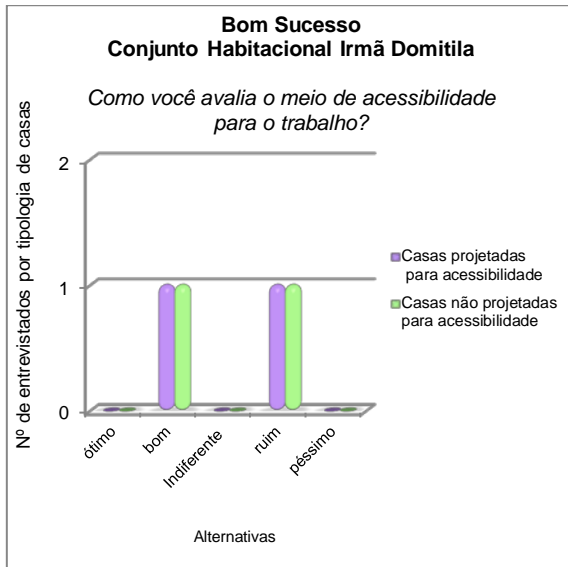
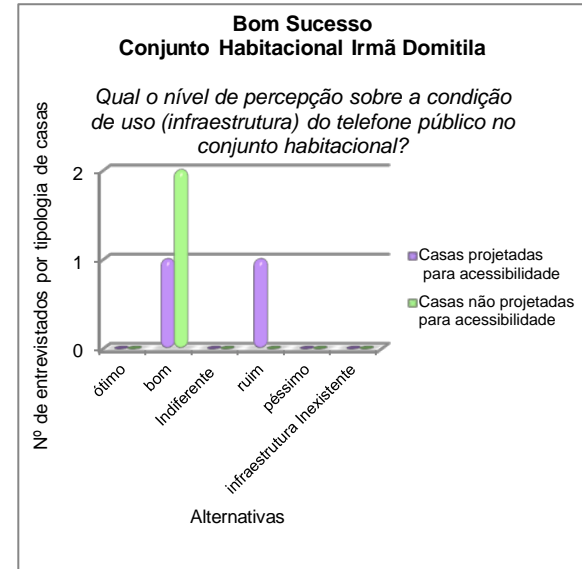
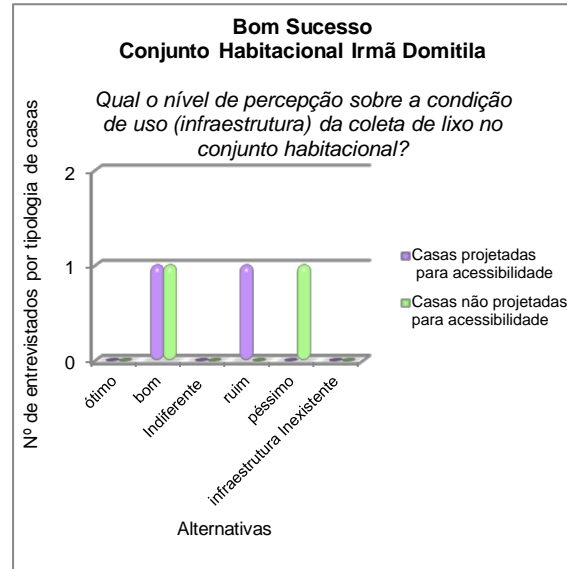
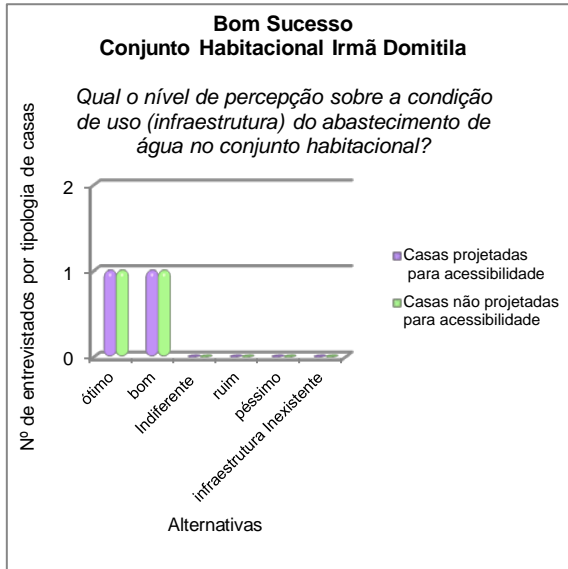
Locais/Serviços existentes no conjunto habitacional: O conjunto possui centro comunitário?

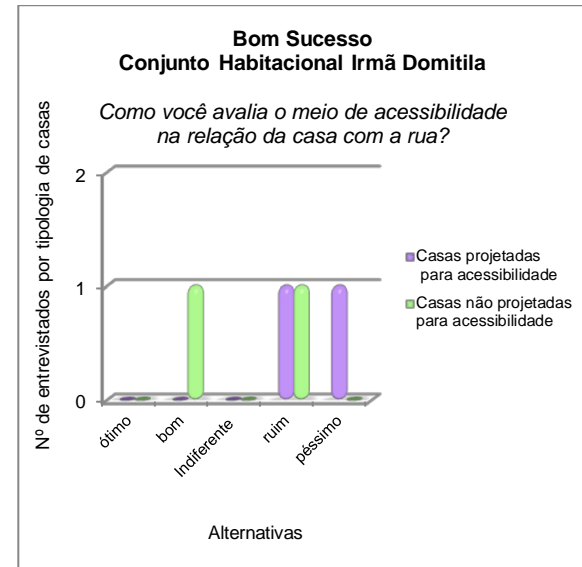
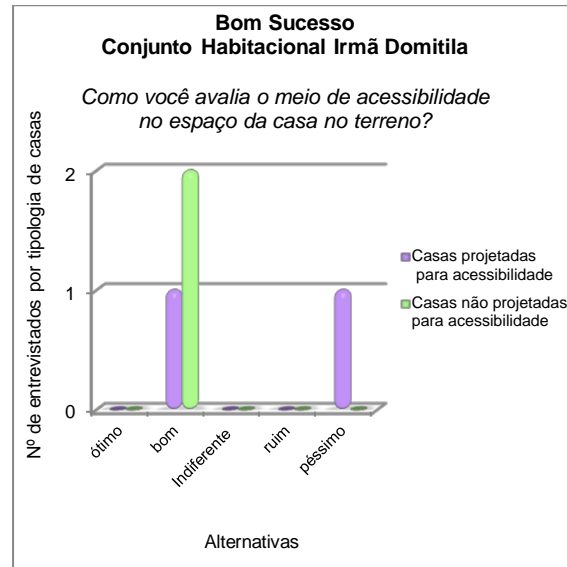
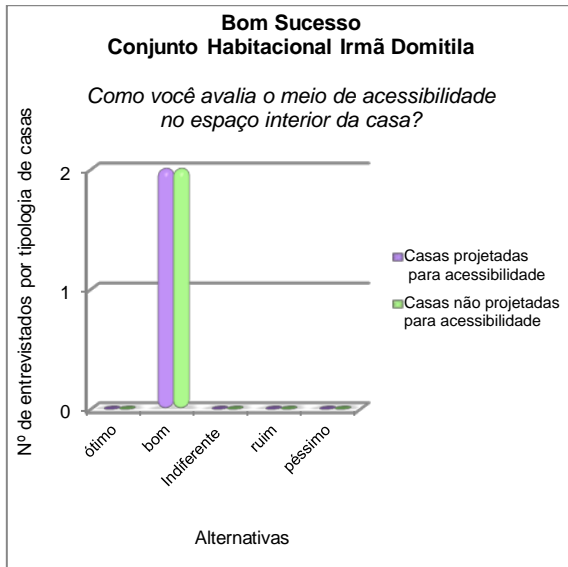
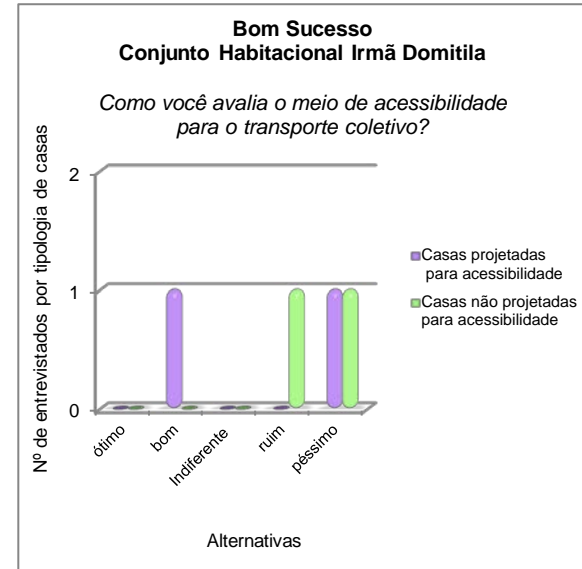
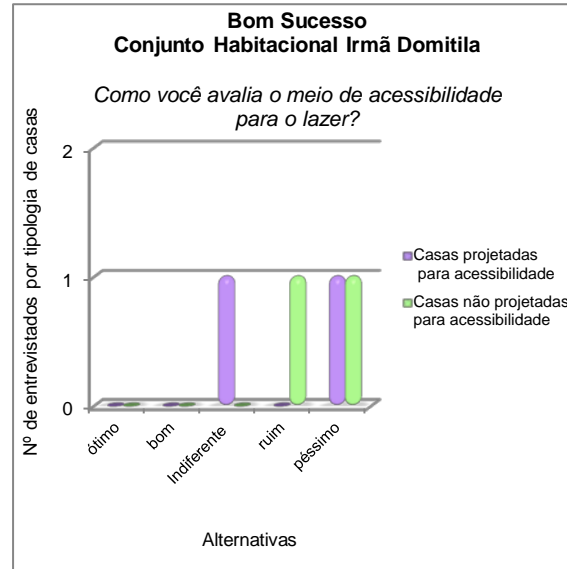
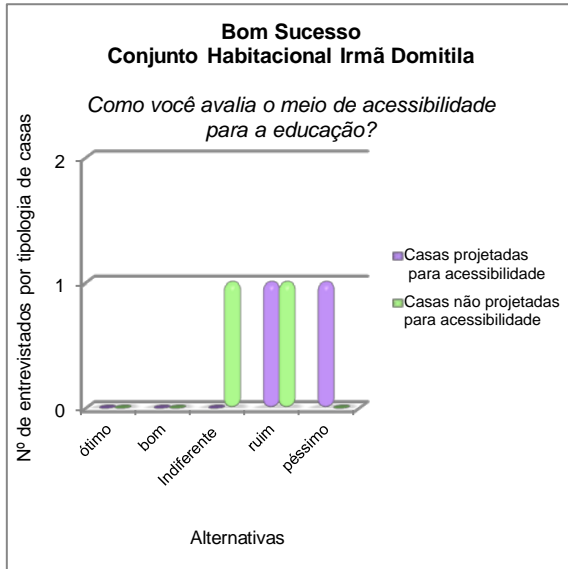


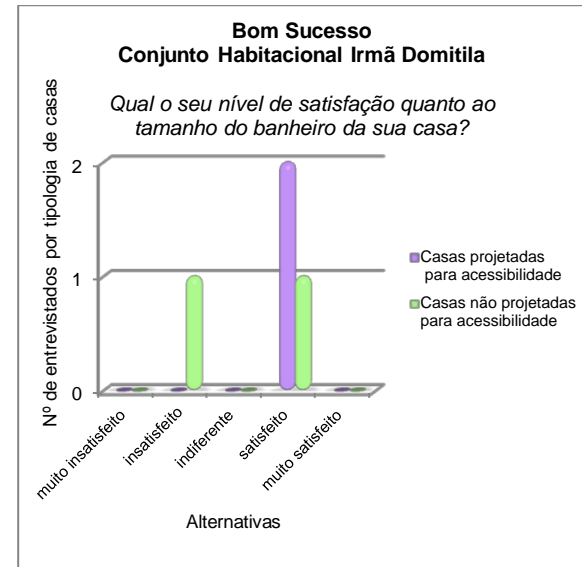
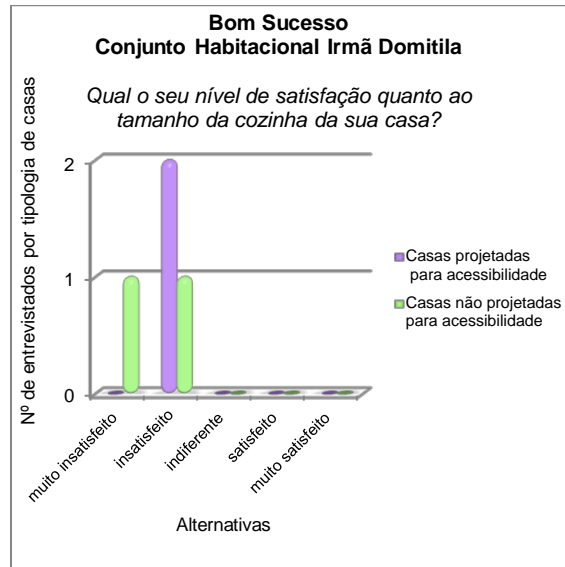
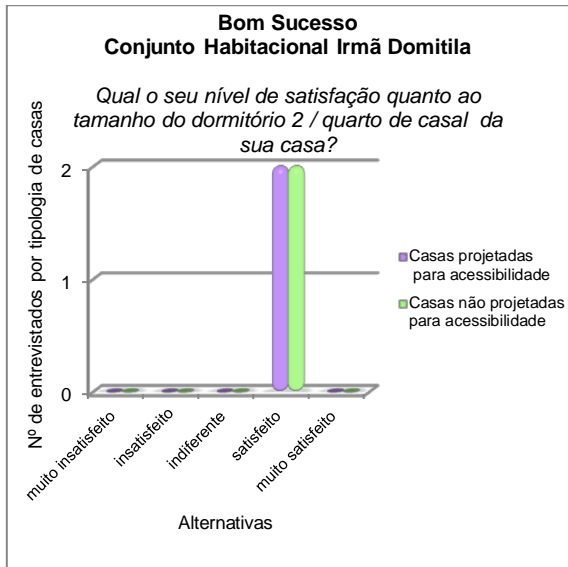
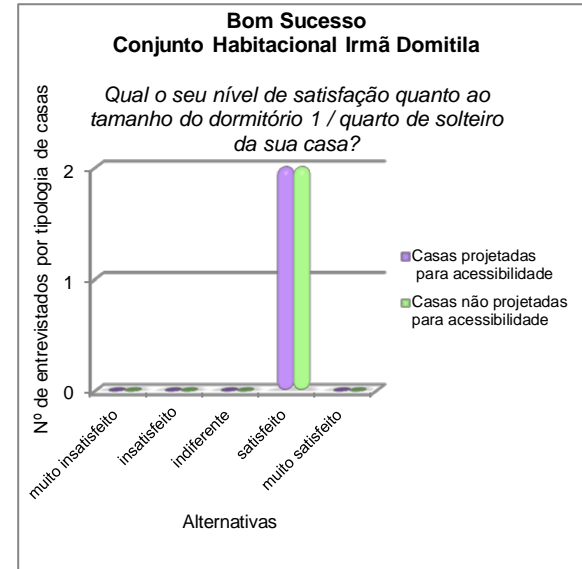
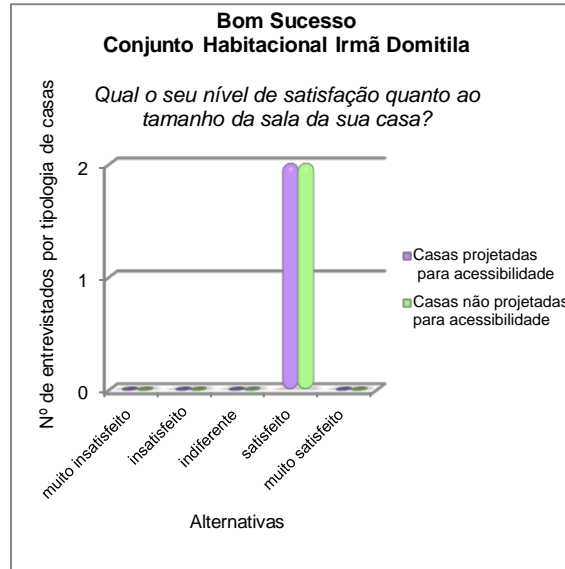
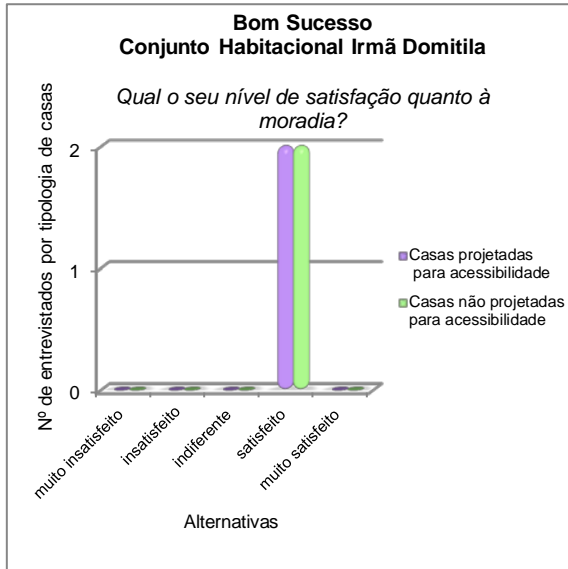


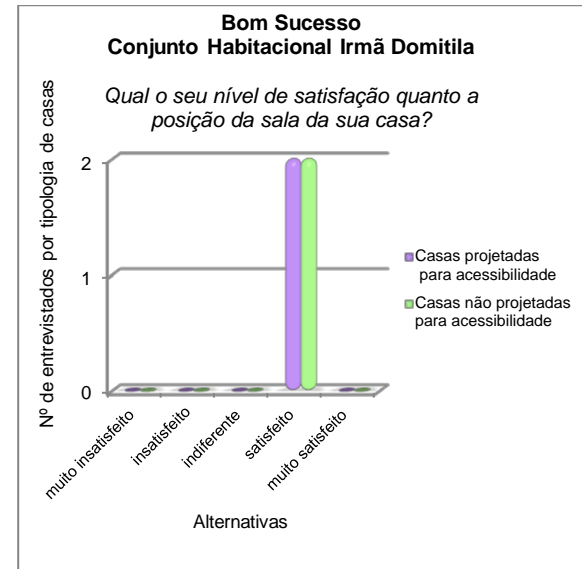
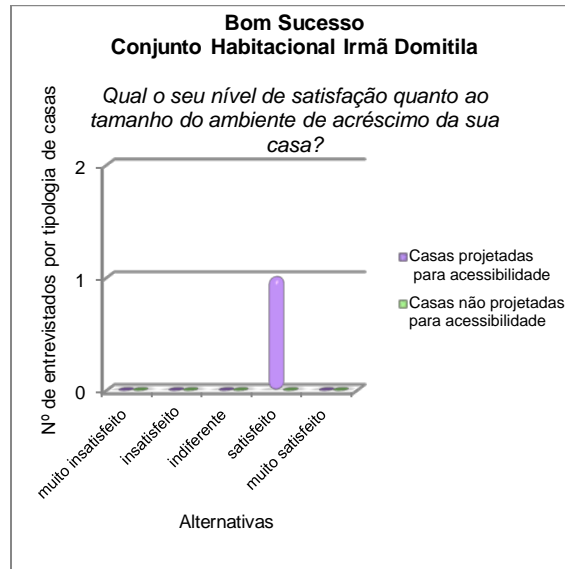
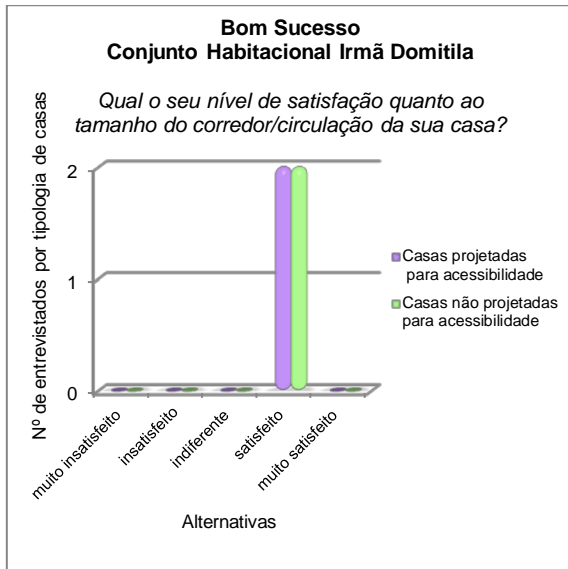
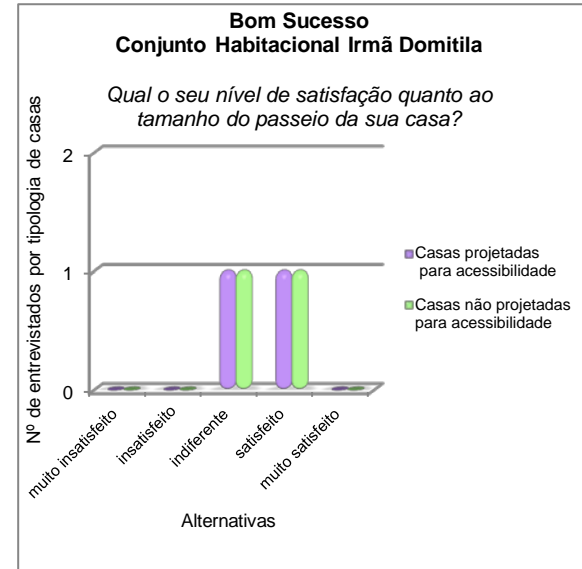
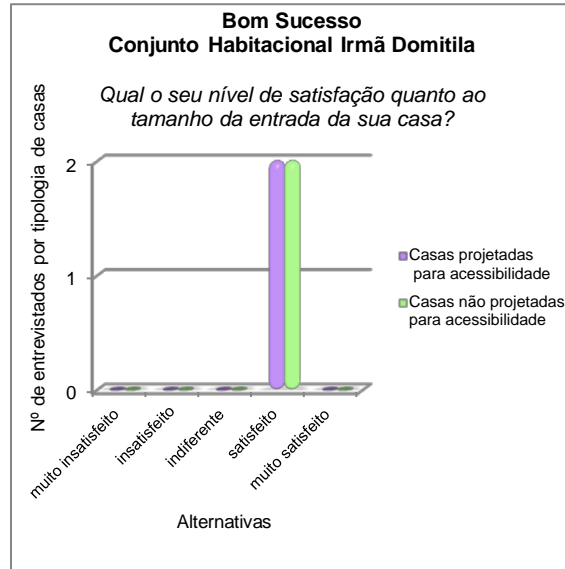
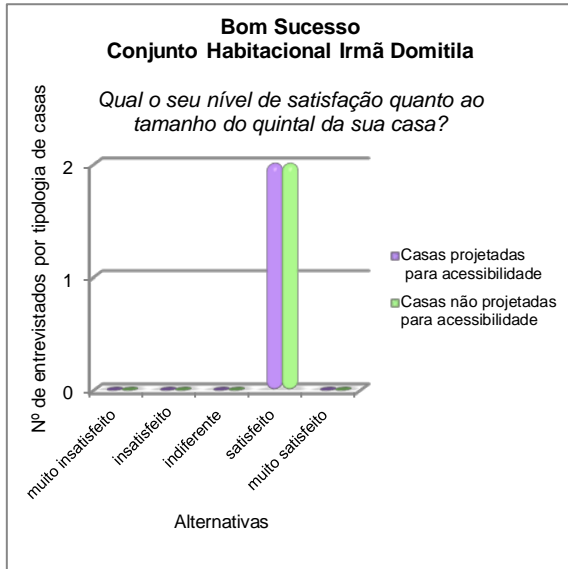


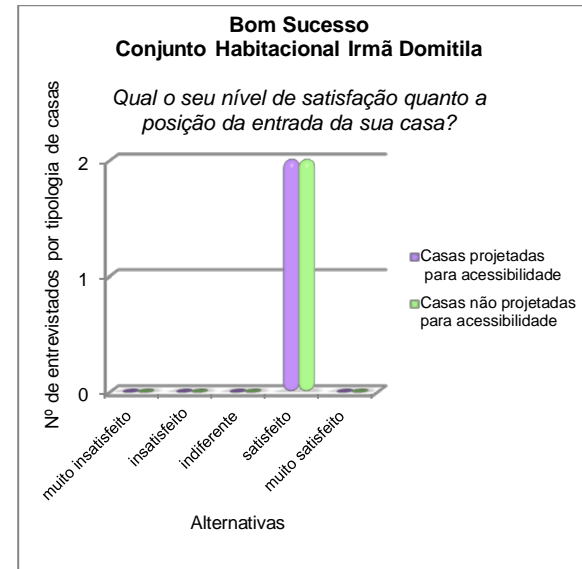
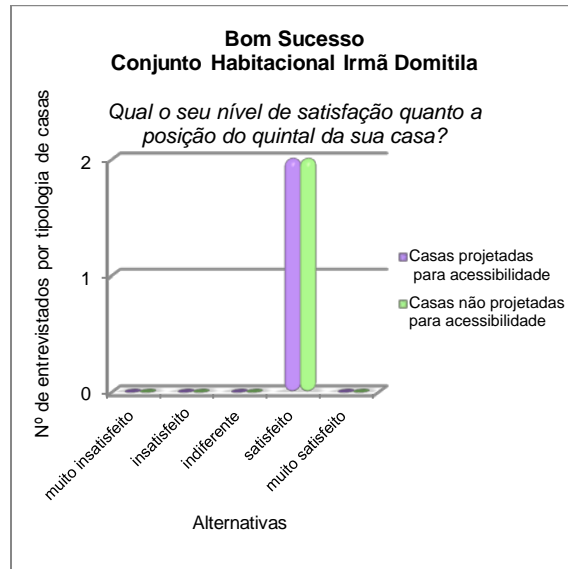
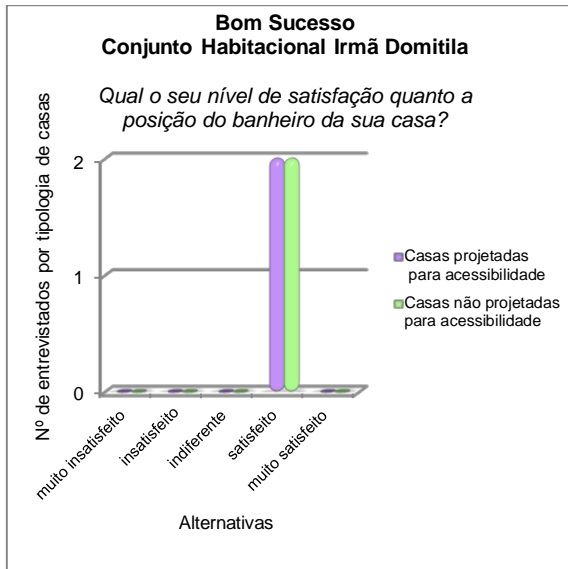
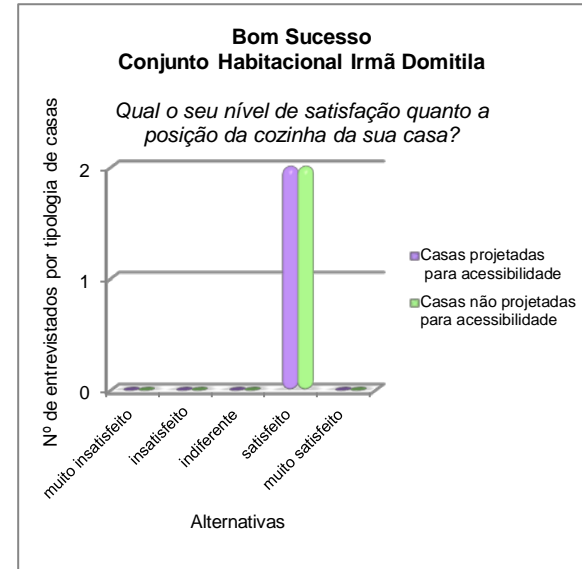
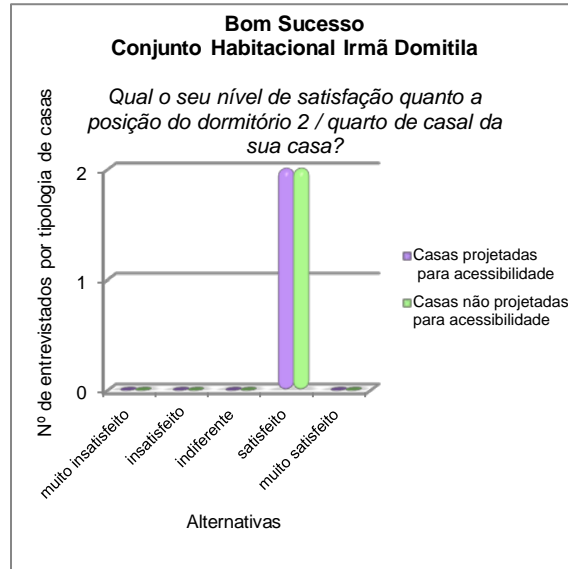
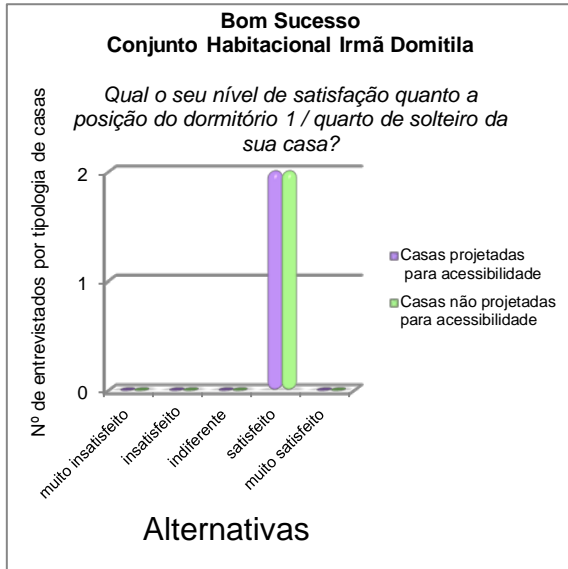


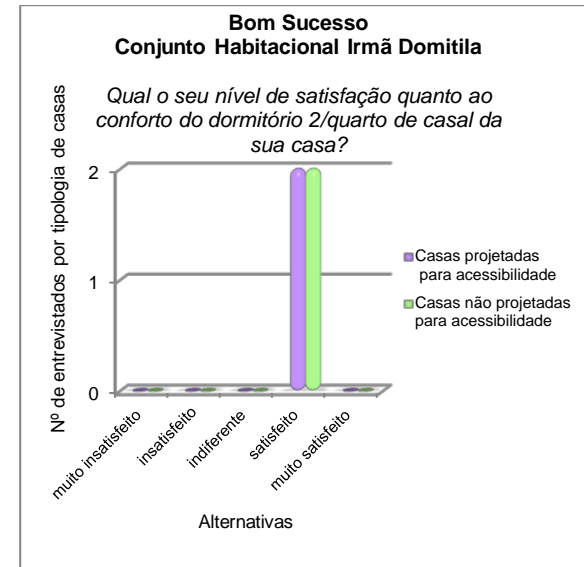
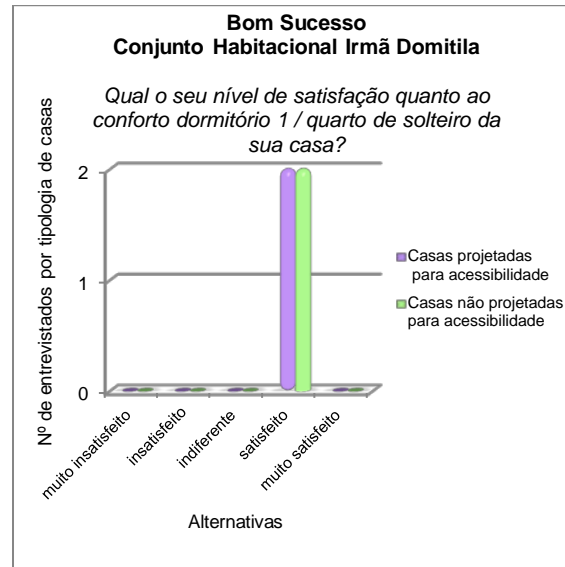
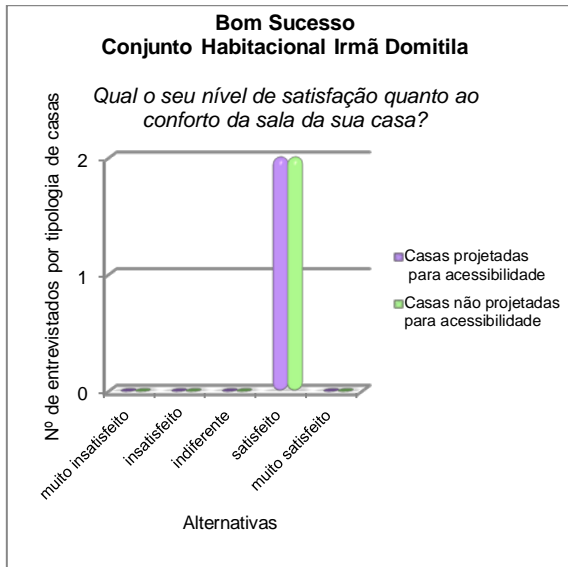
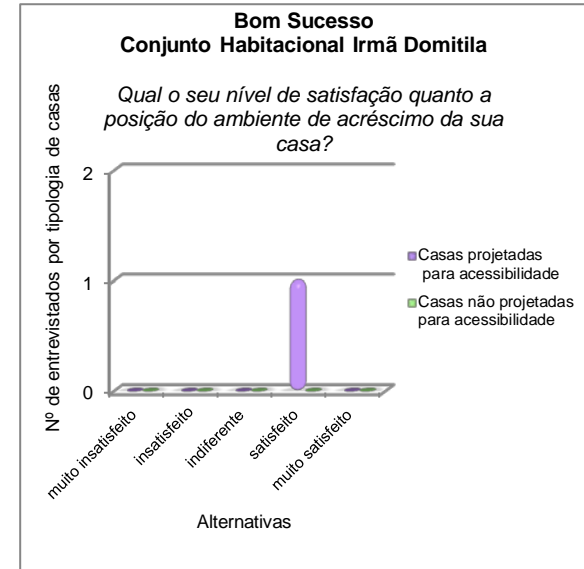
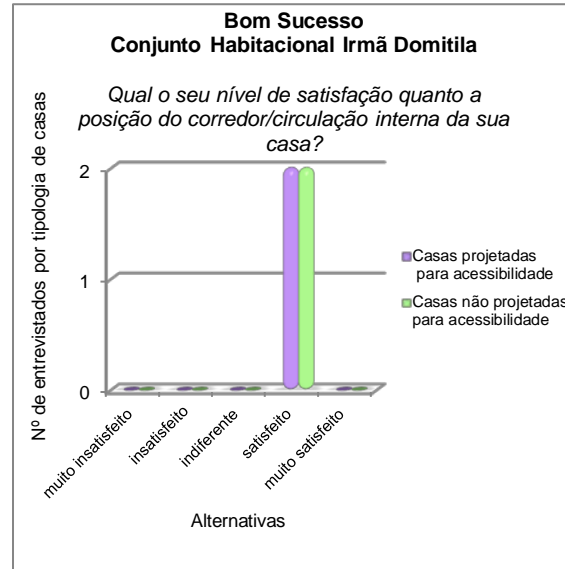
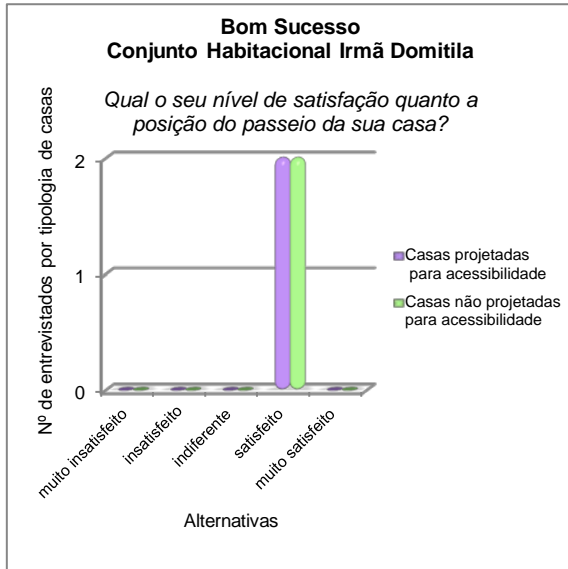


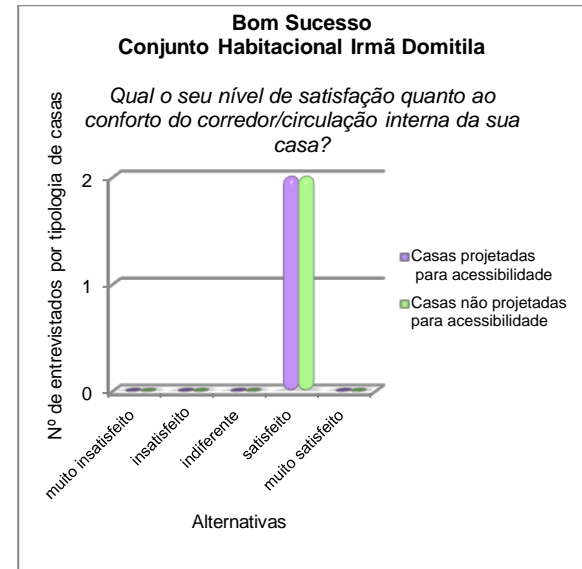
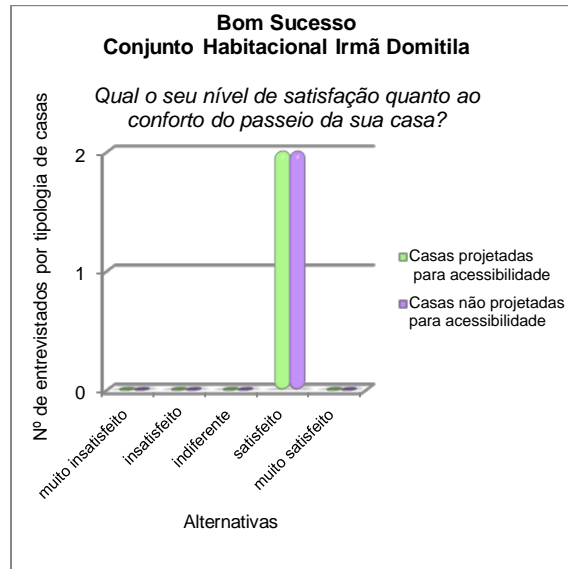
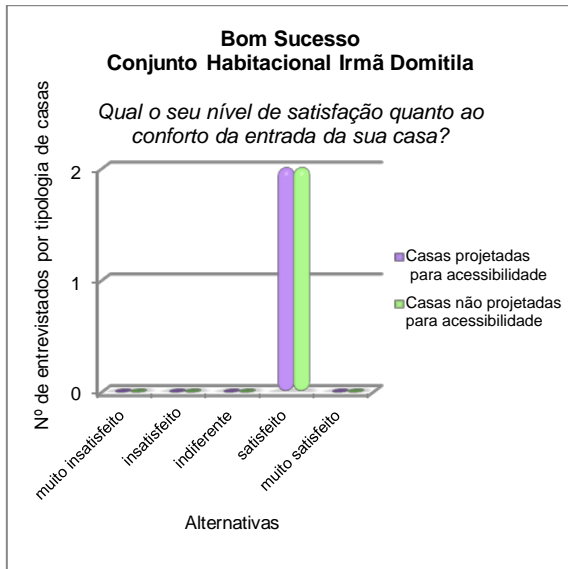
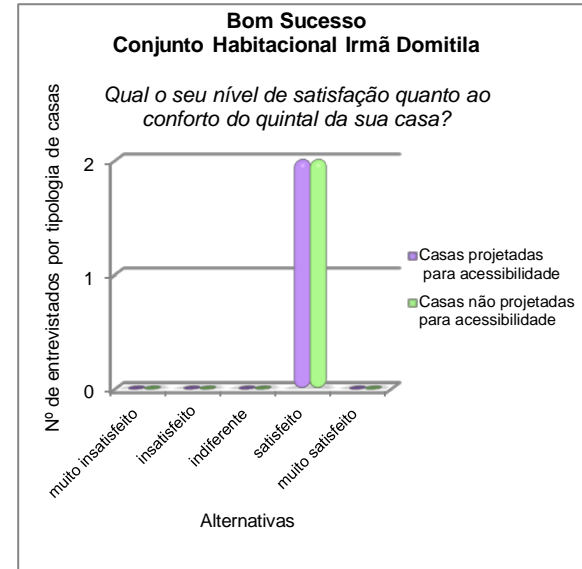
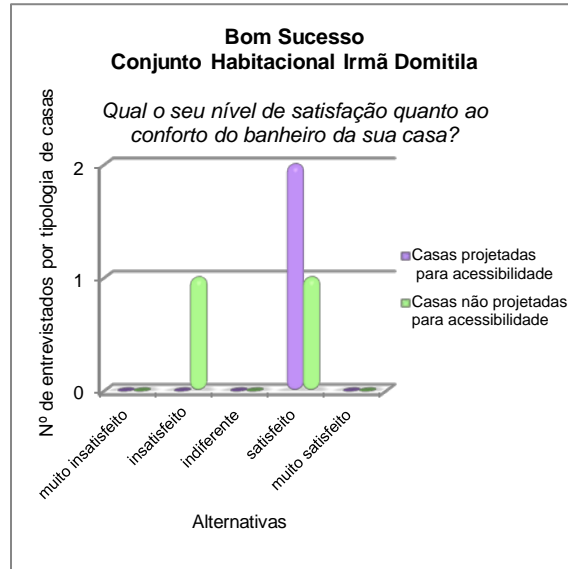
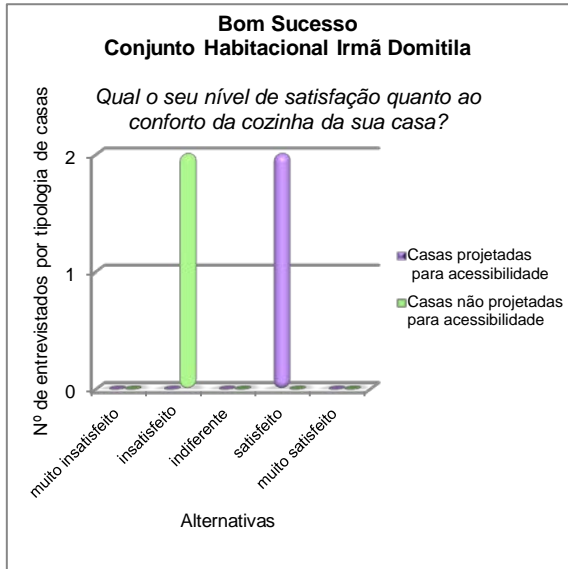


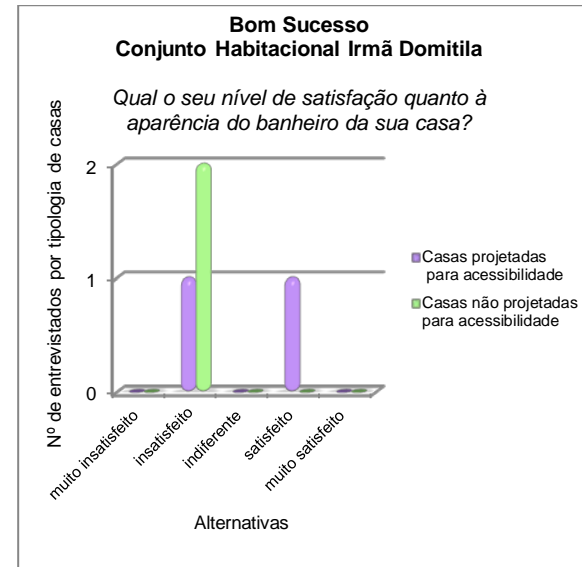
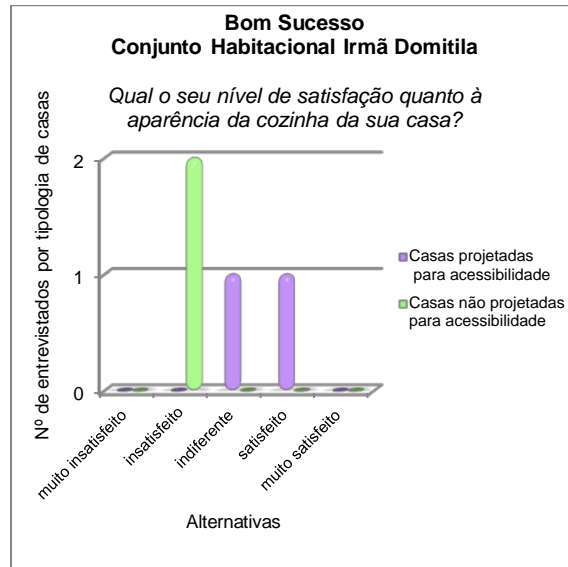
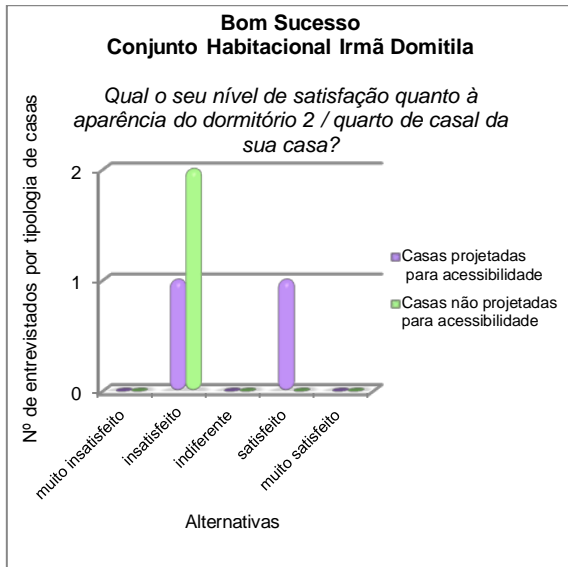
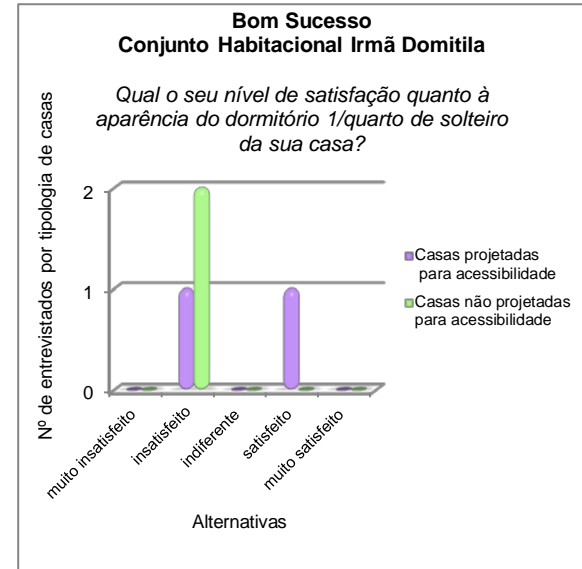
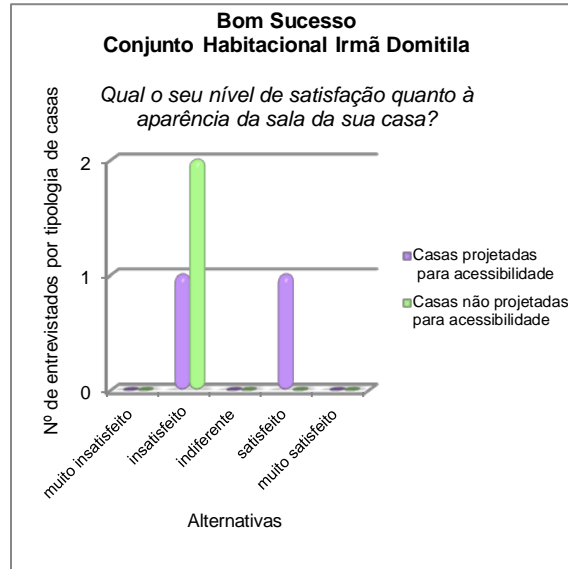
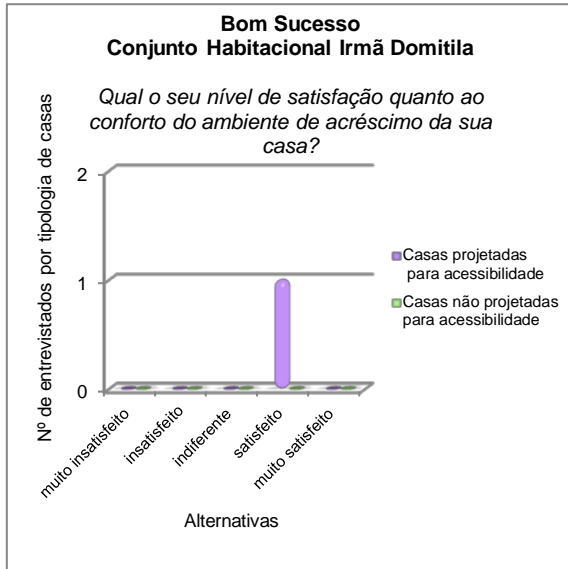


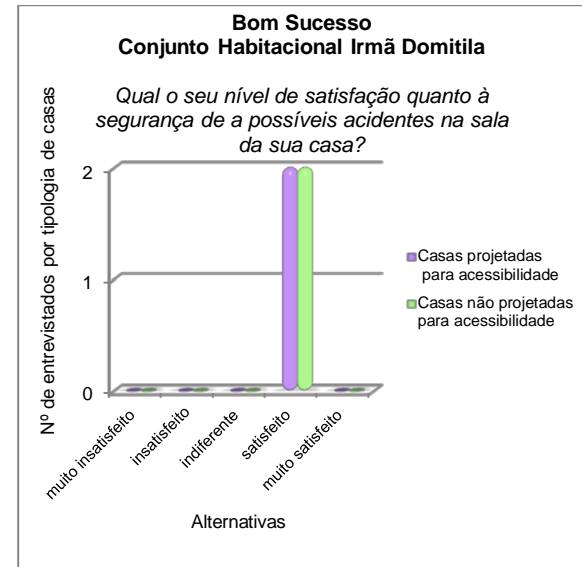
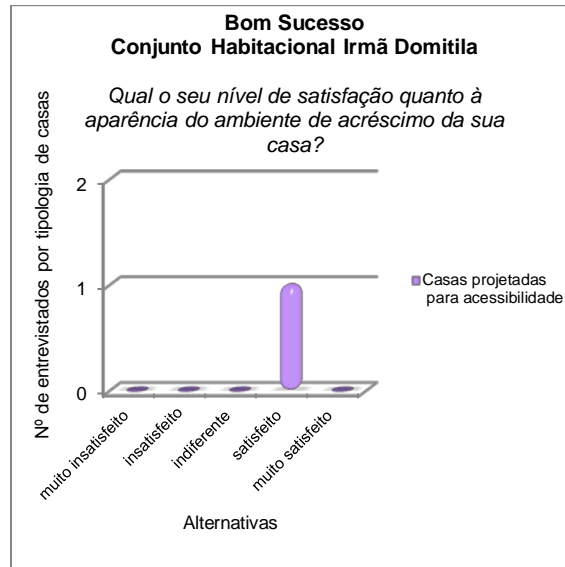
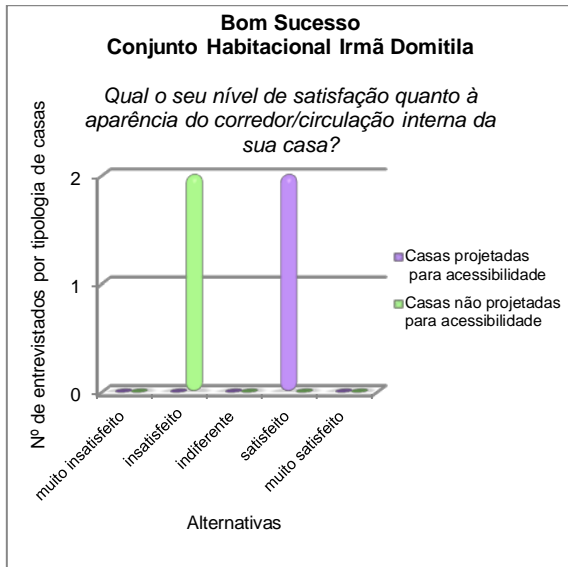
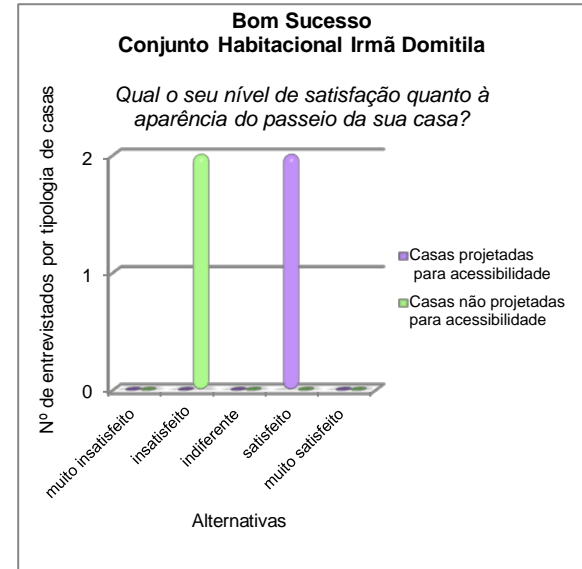
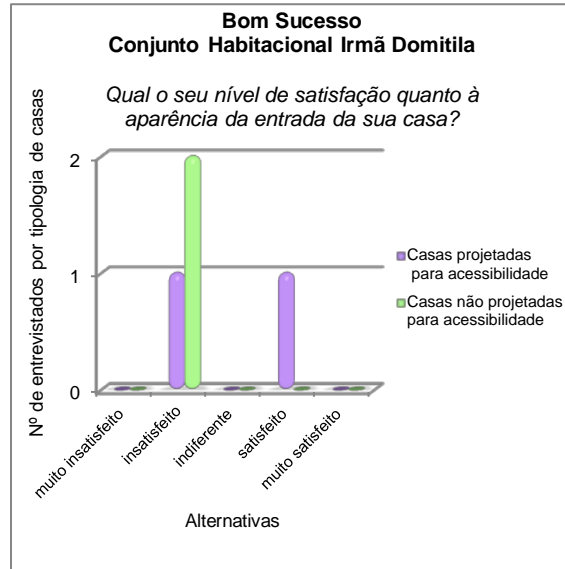
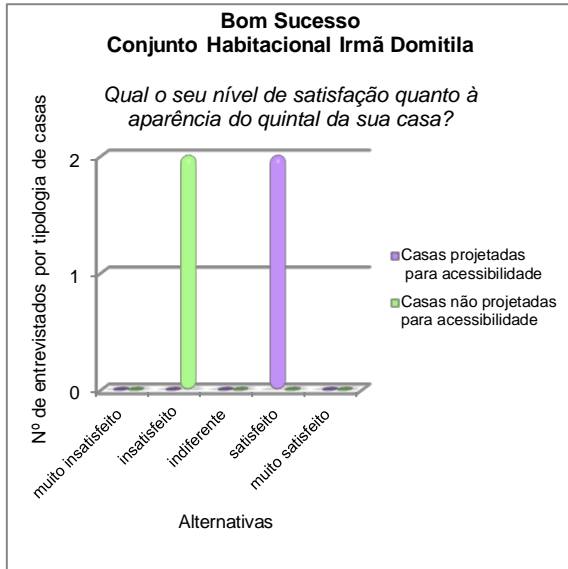


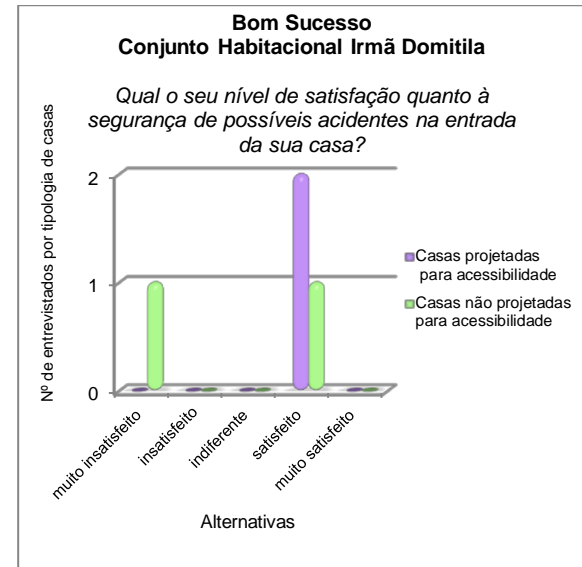
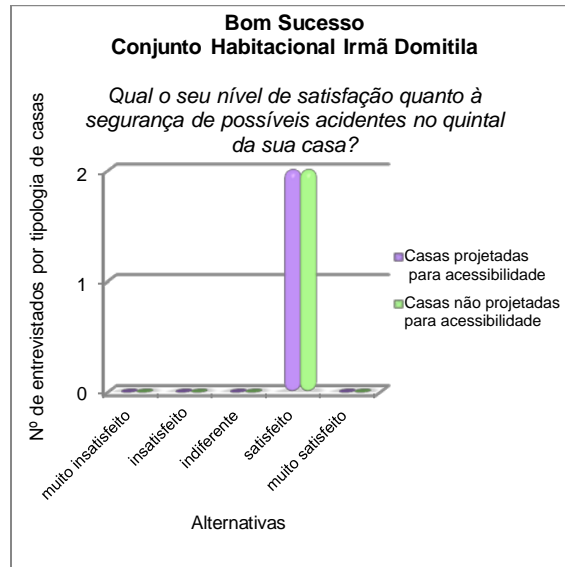
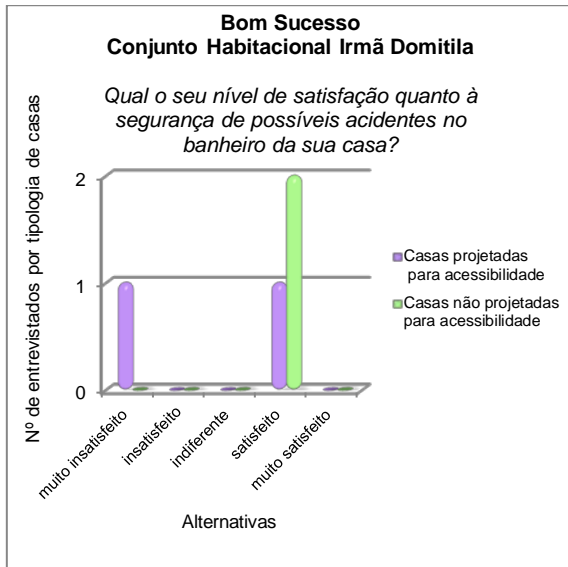
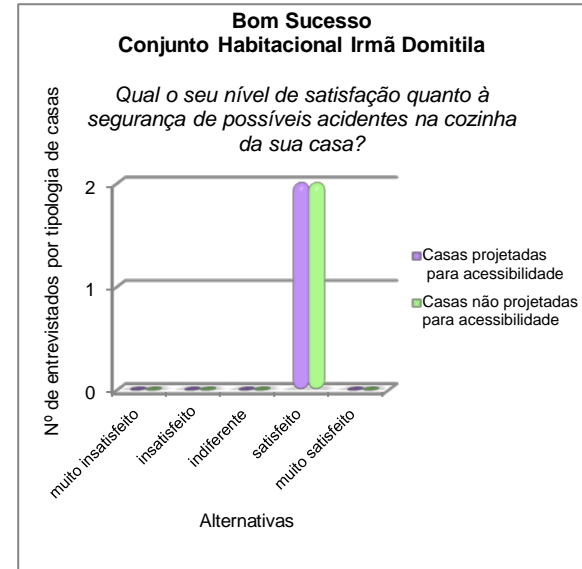
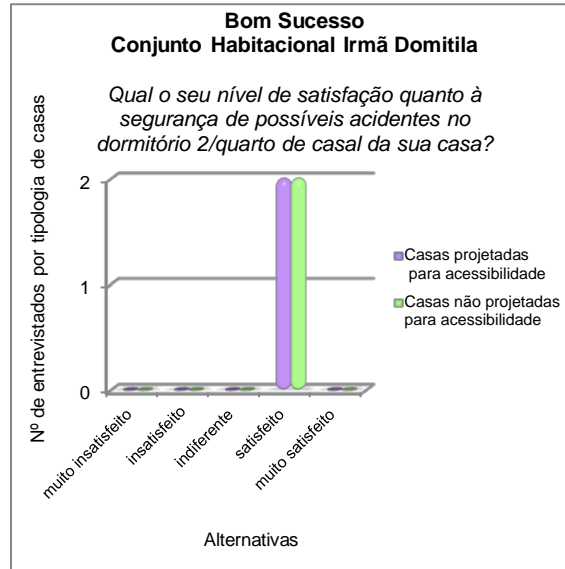
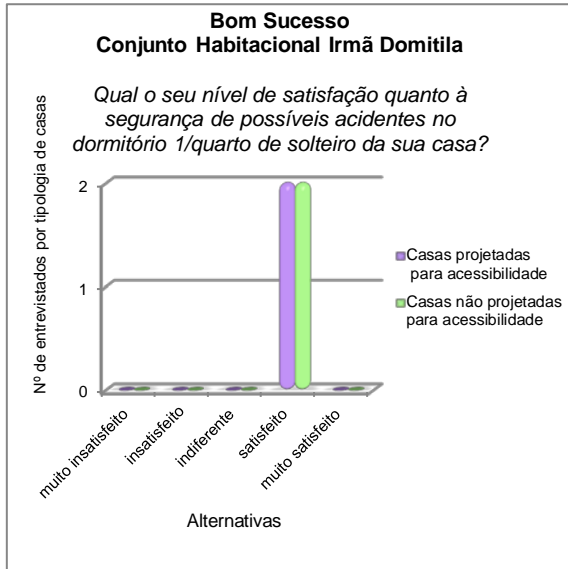


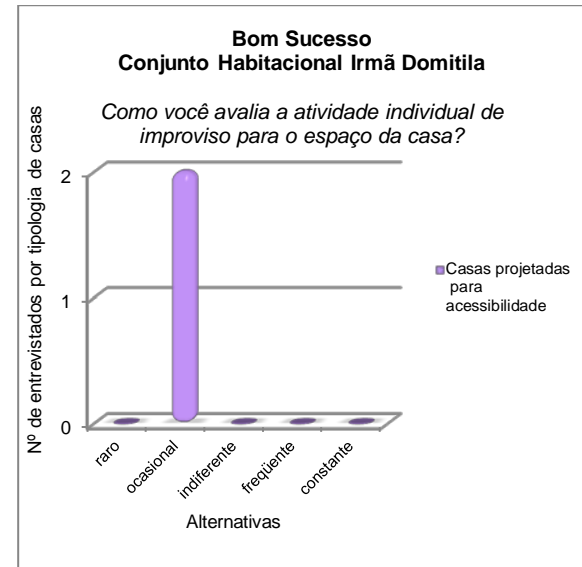
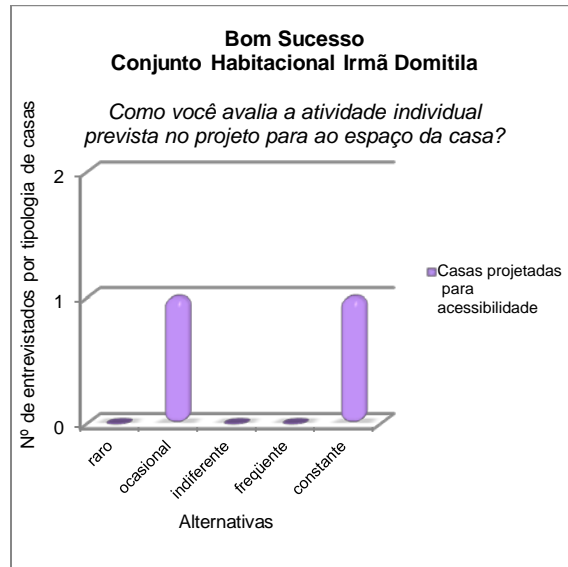
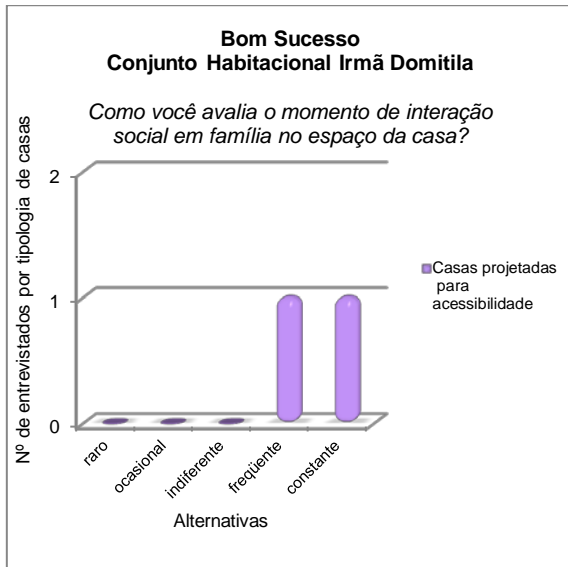
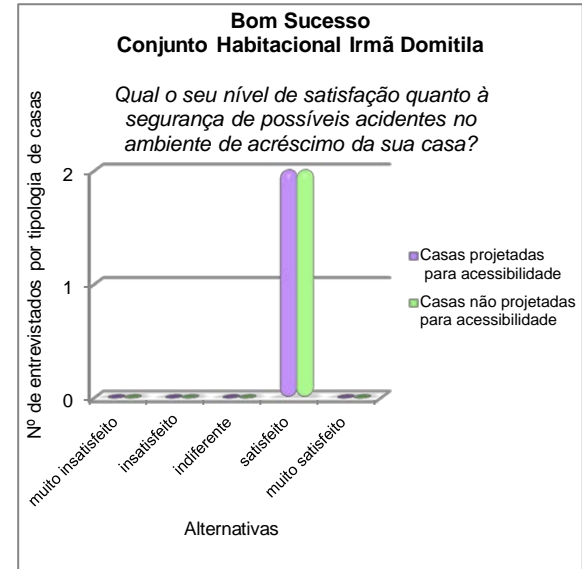
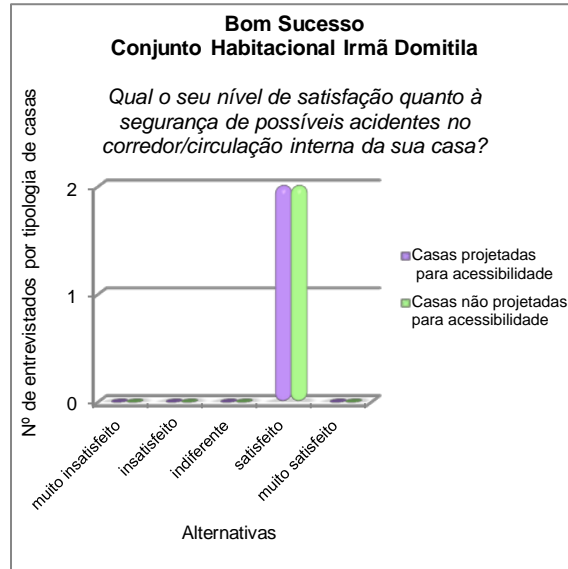
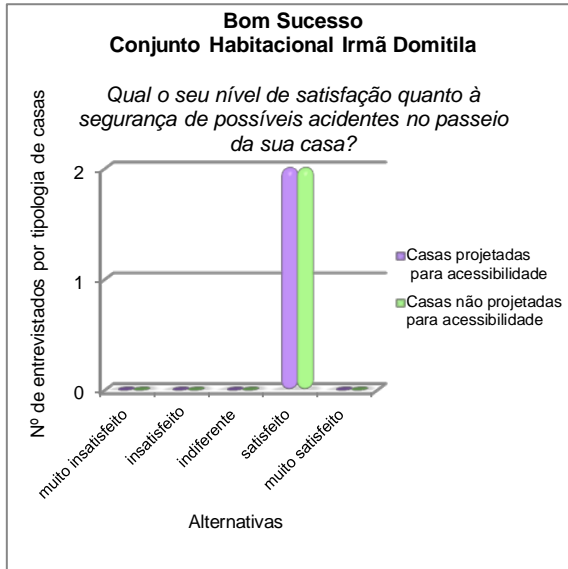


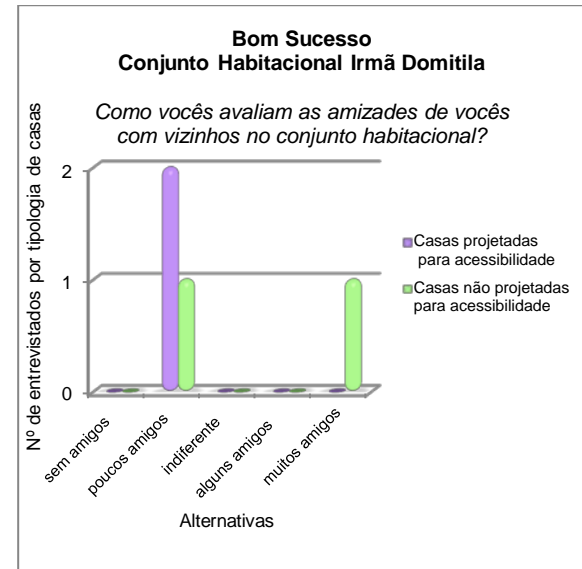
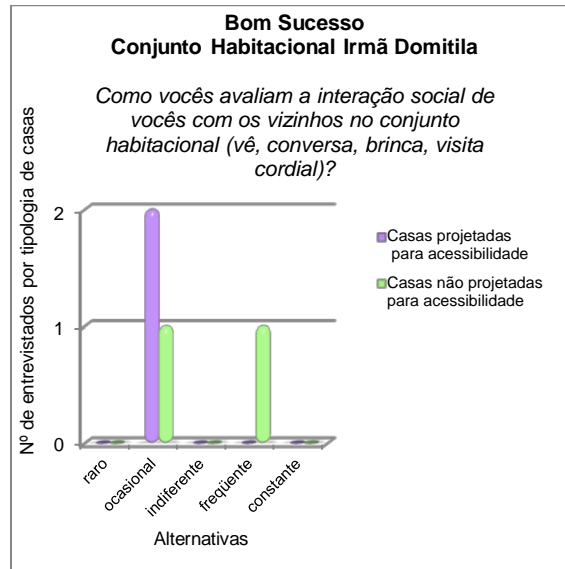
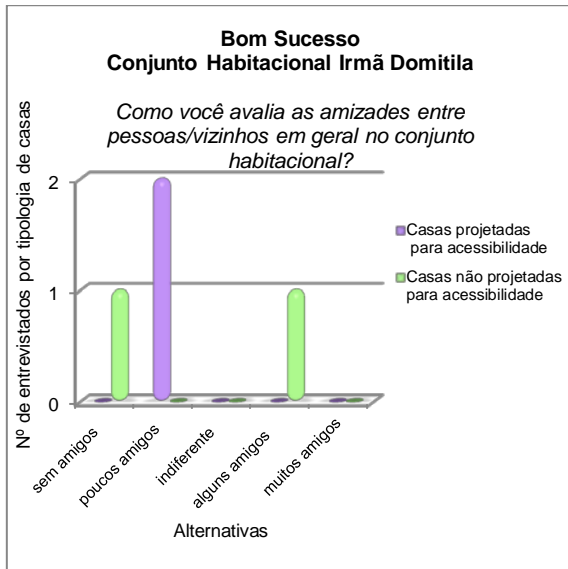
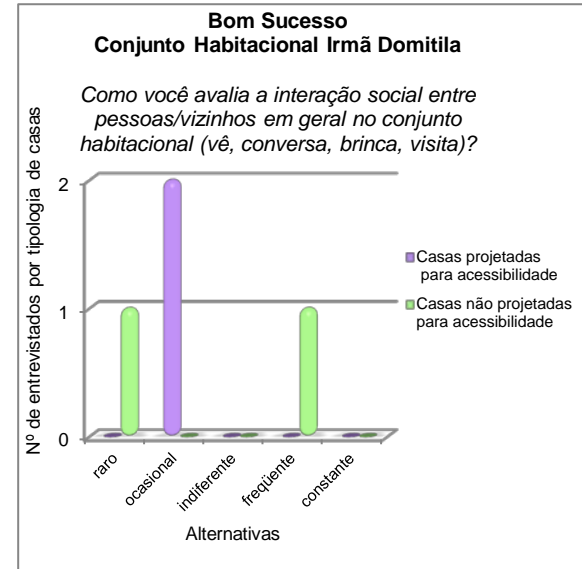
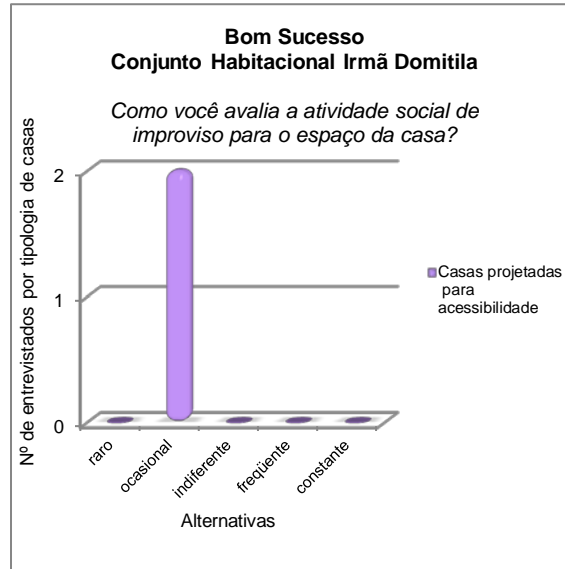
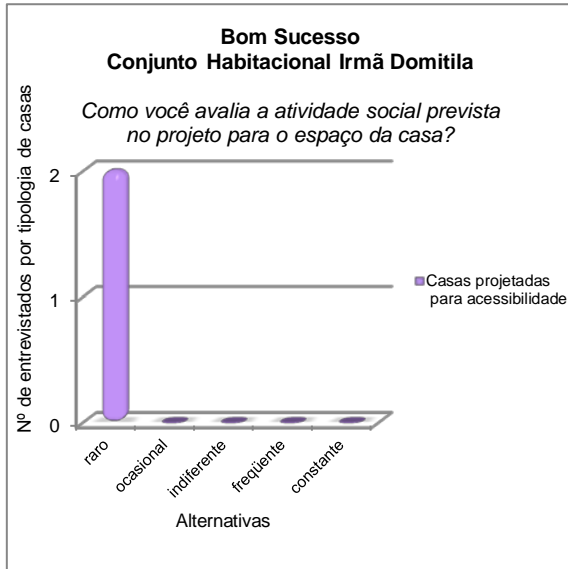


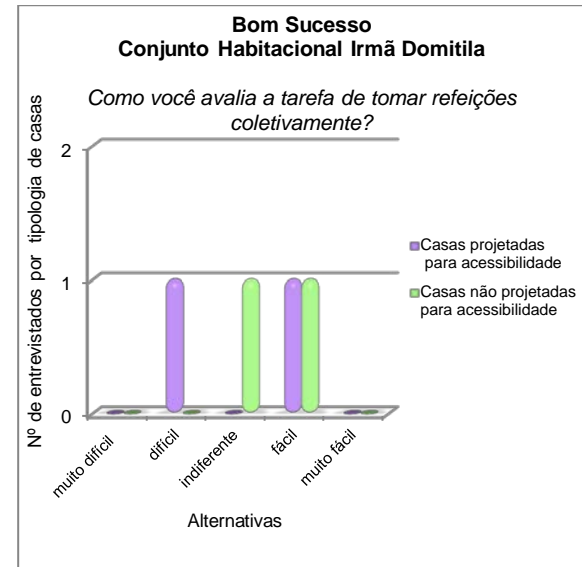
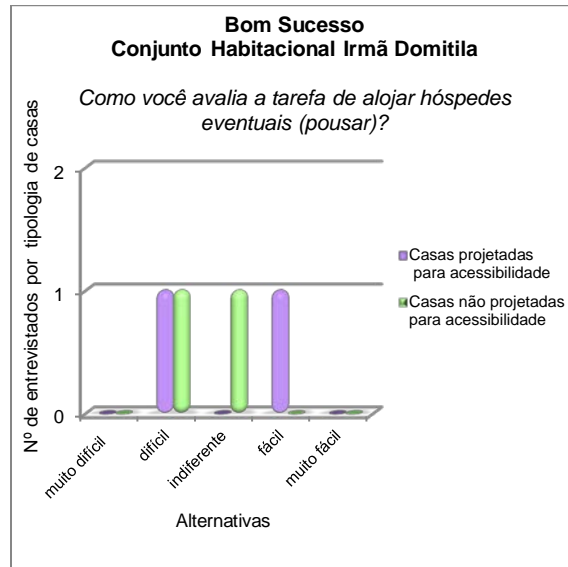
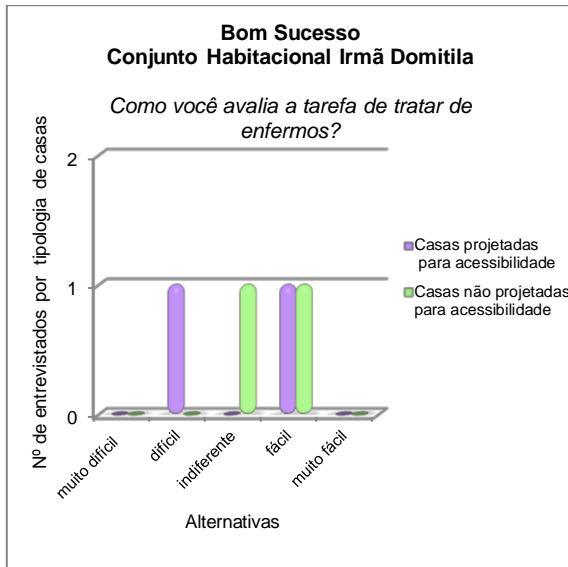
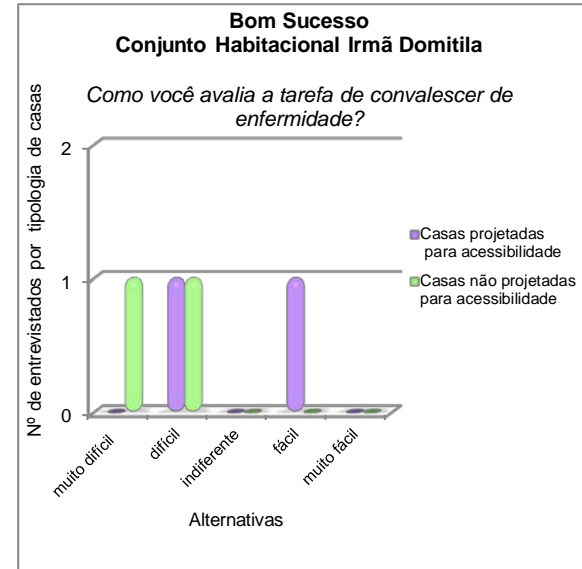
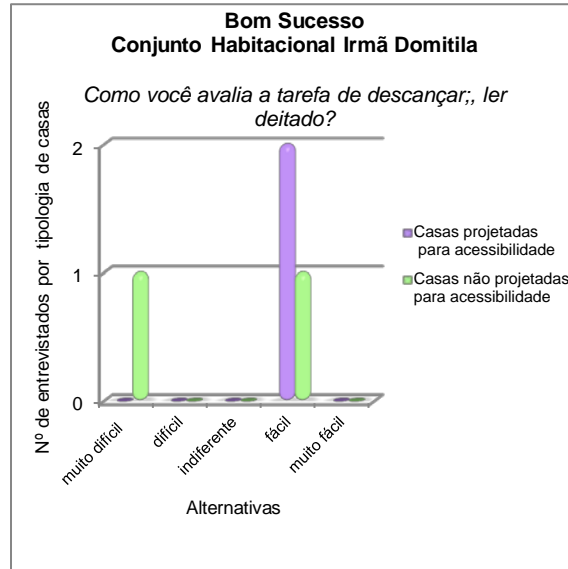
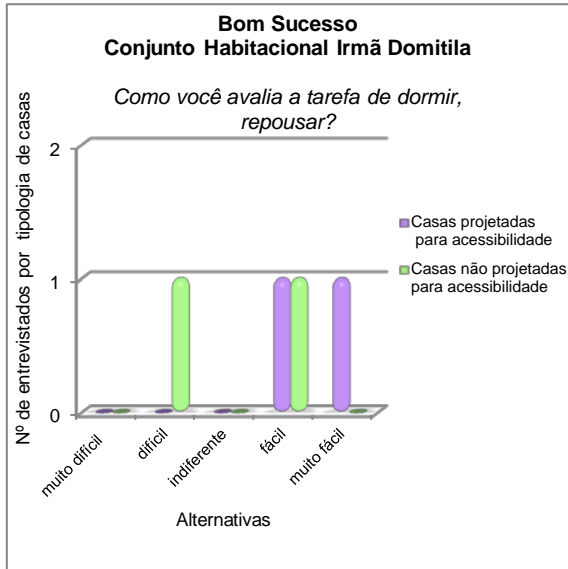


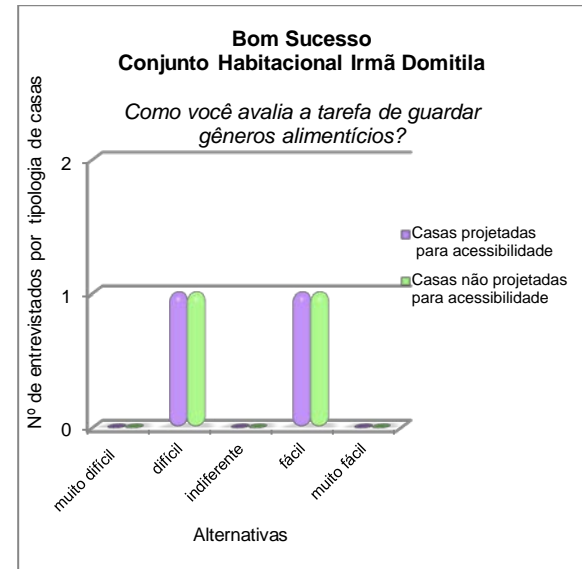
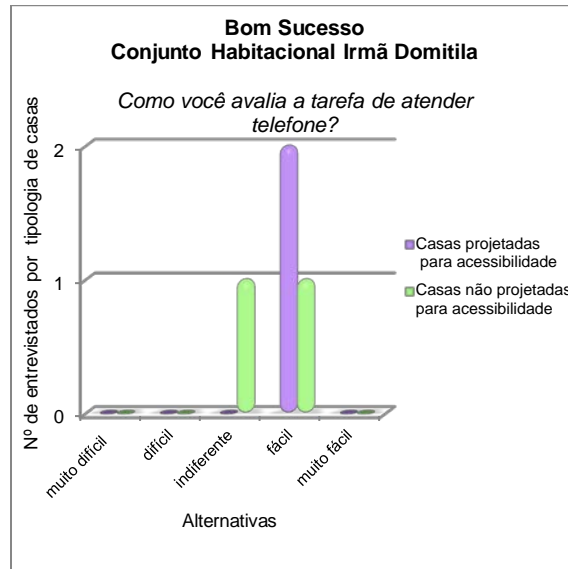
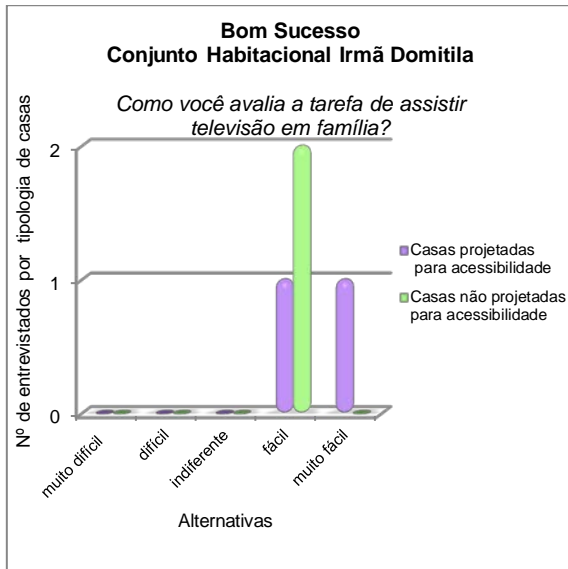
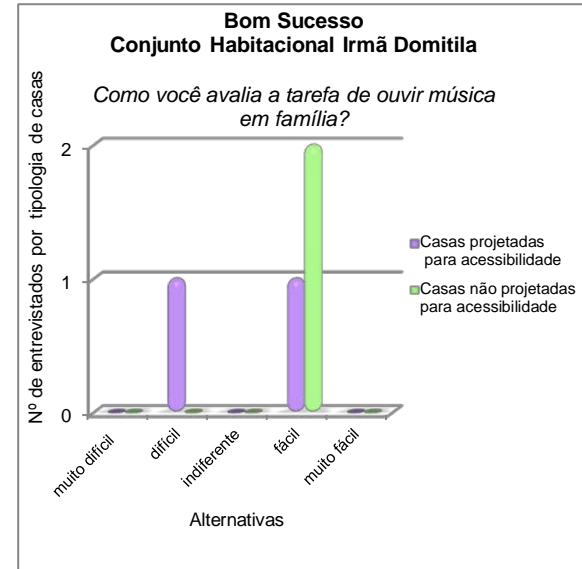
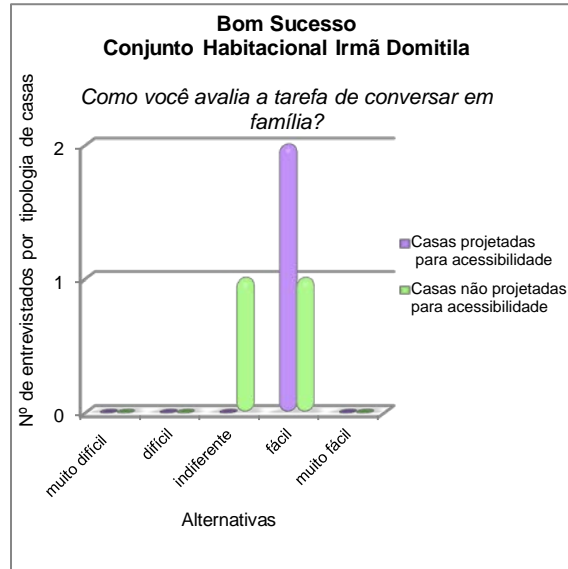
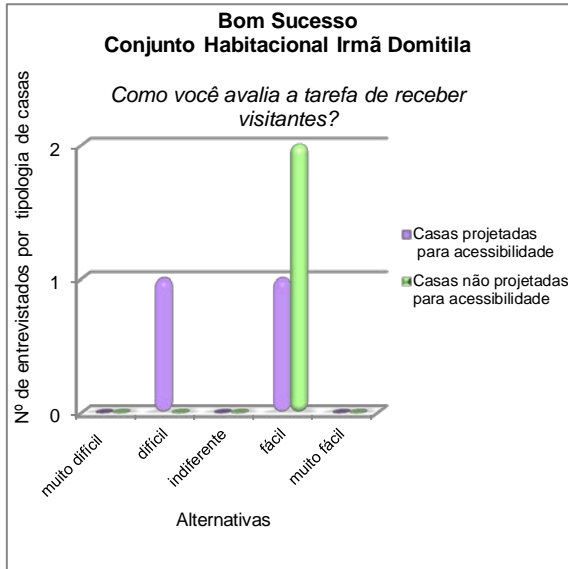


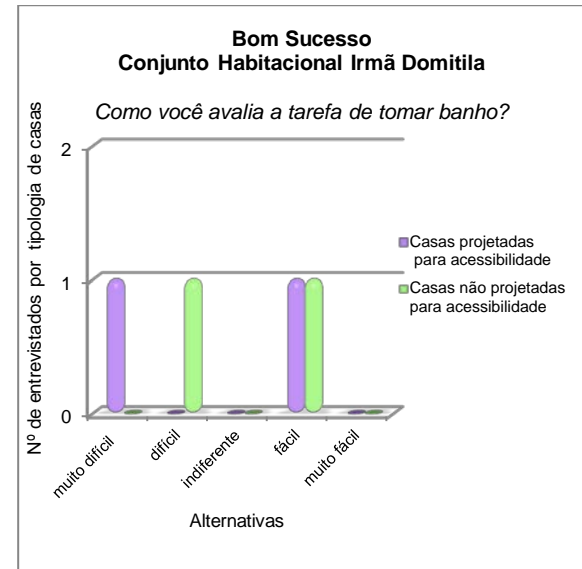
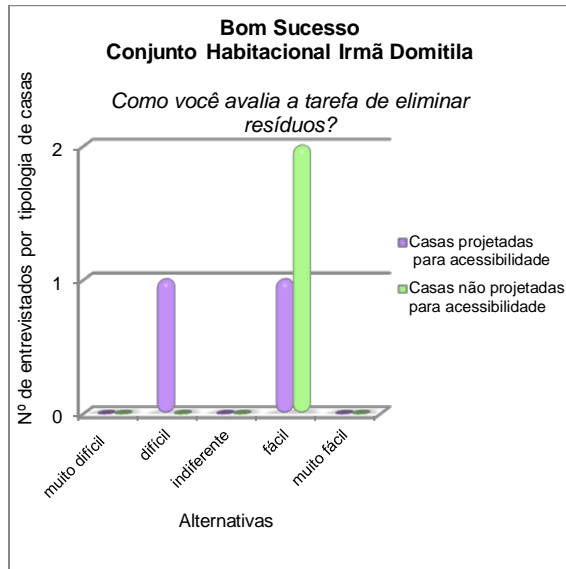
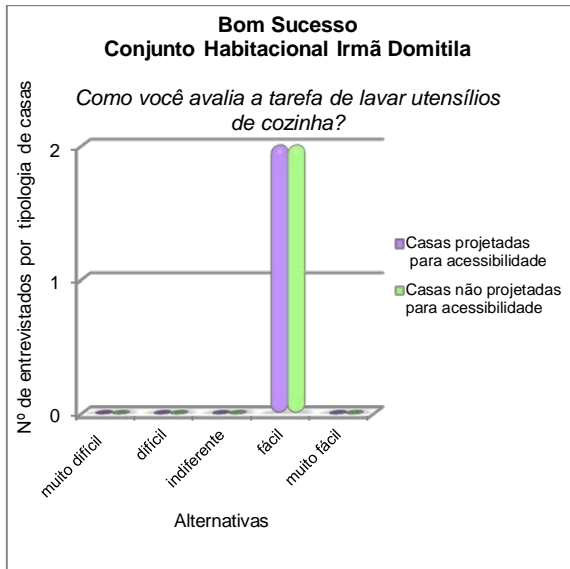
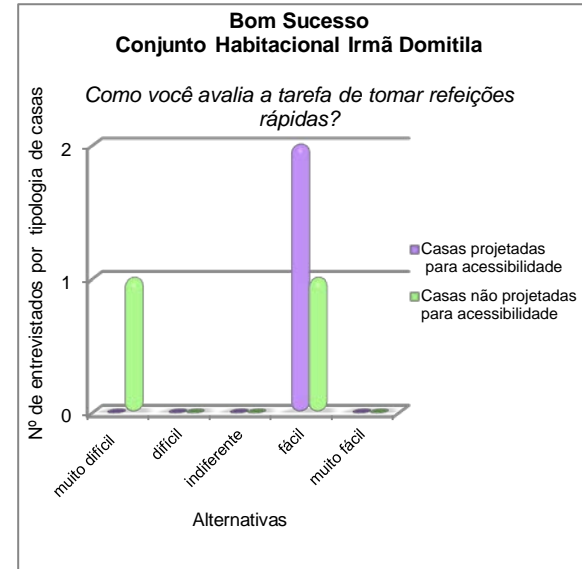
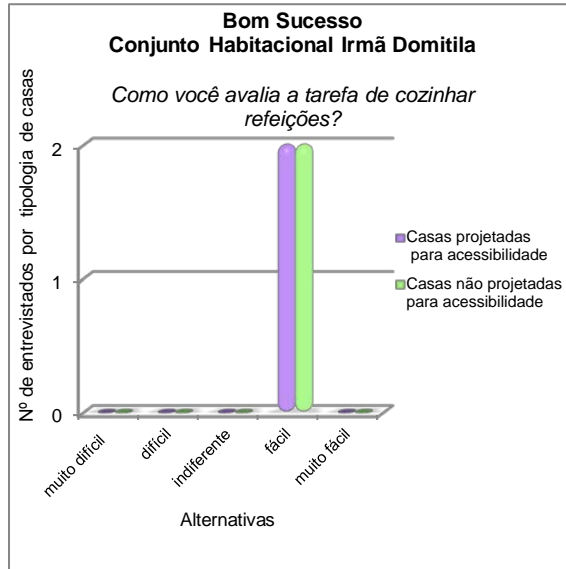
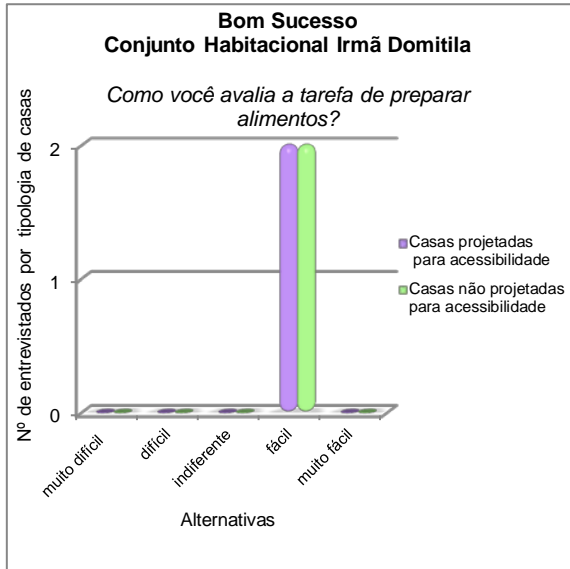


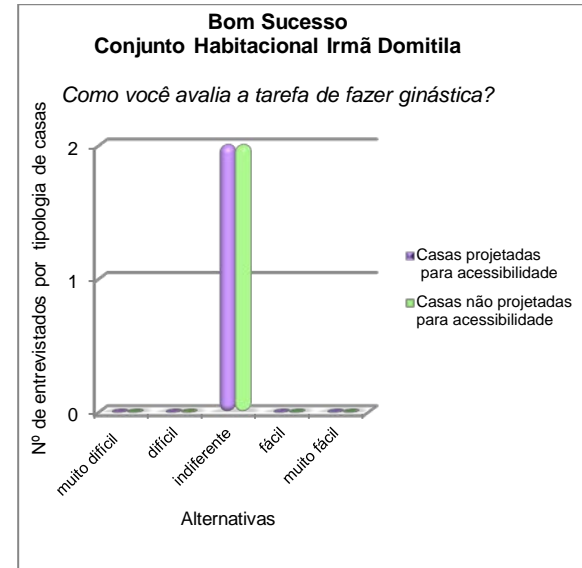
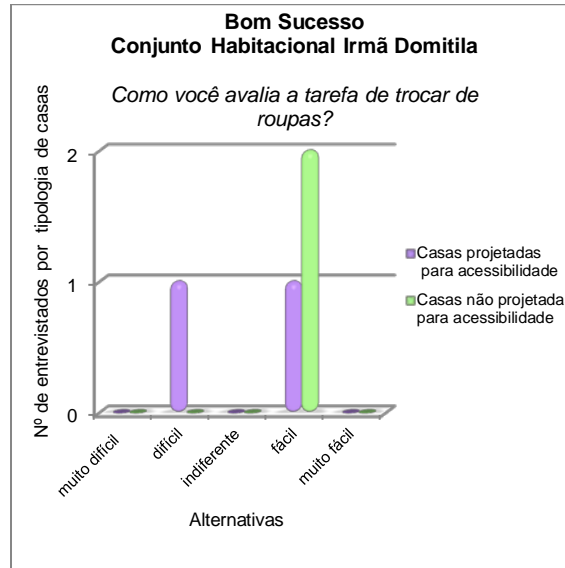
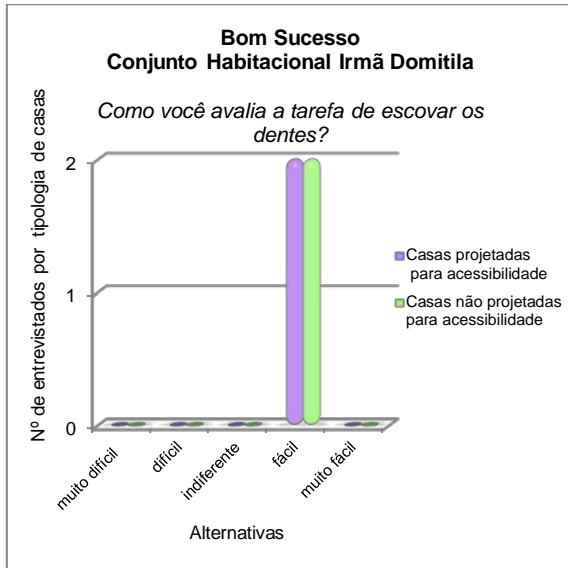
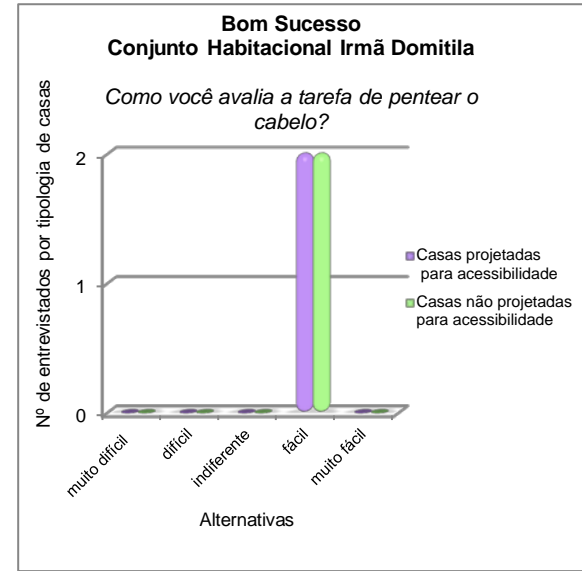
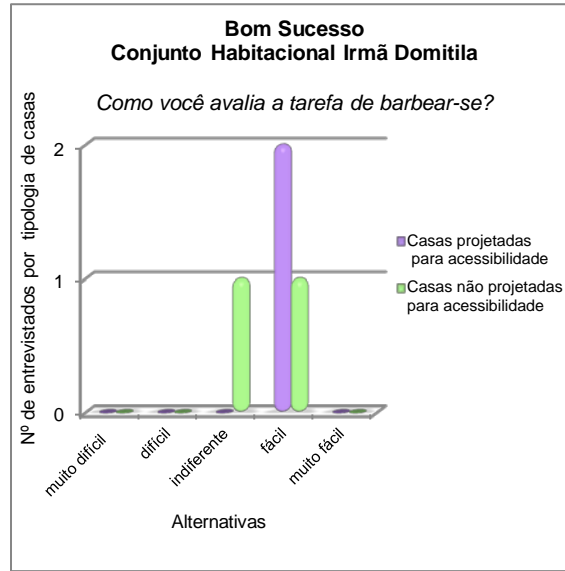
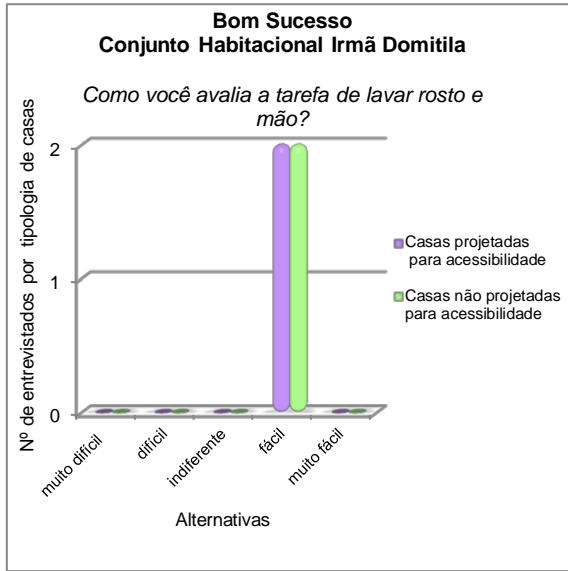


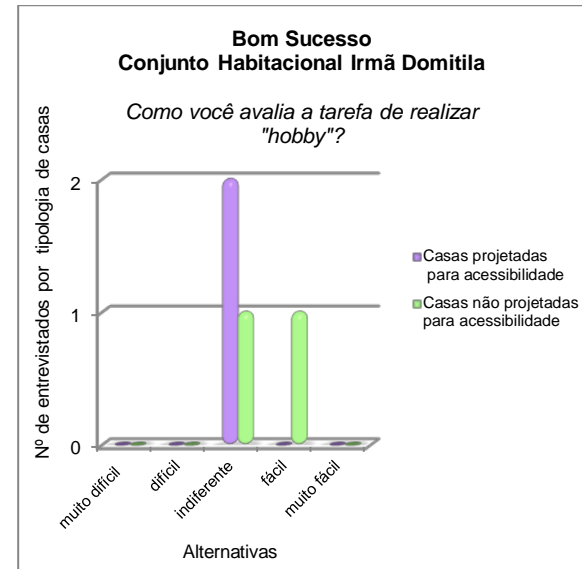
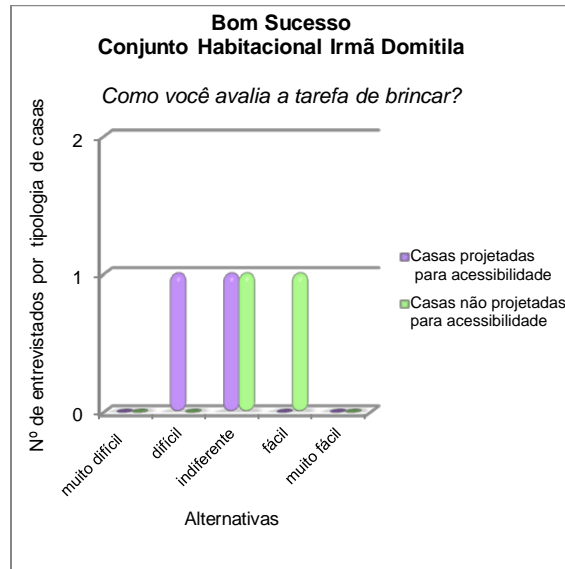
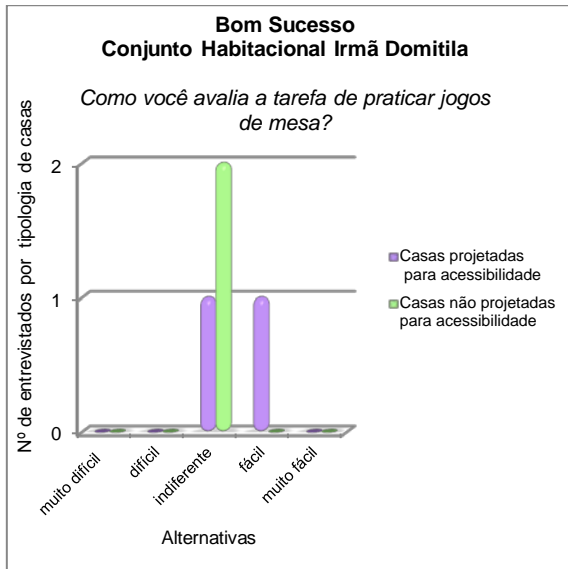
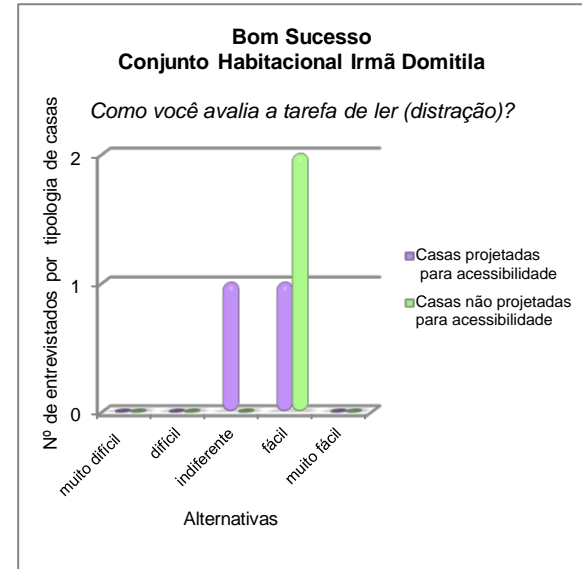
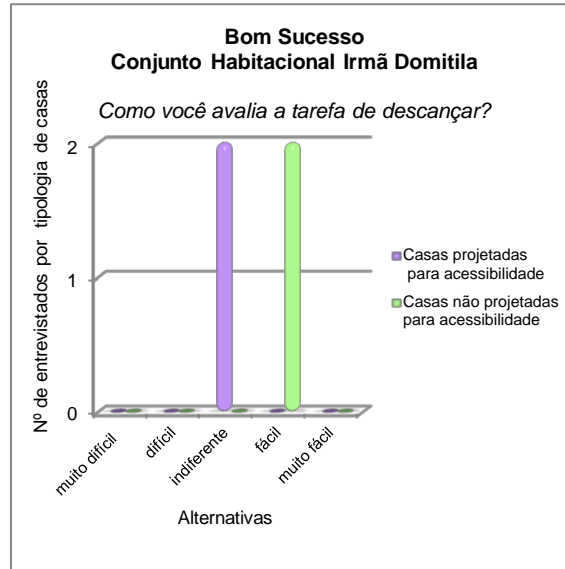
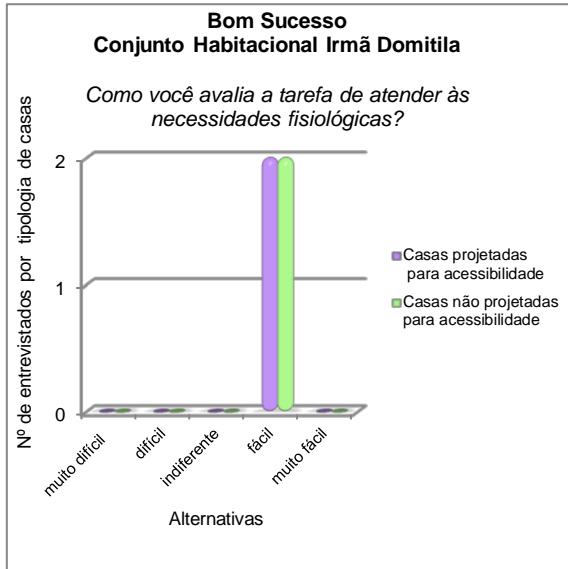


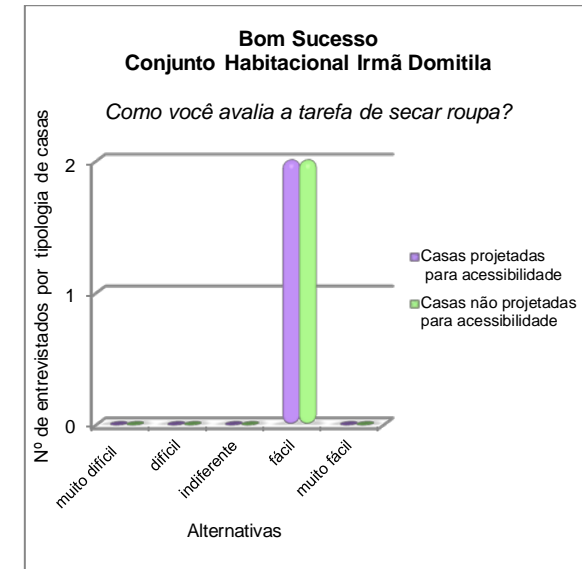
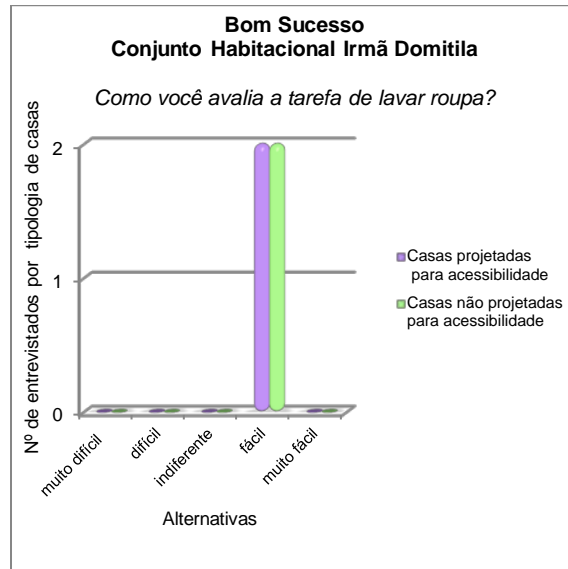
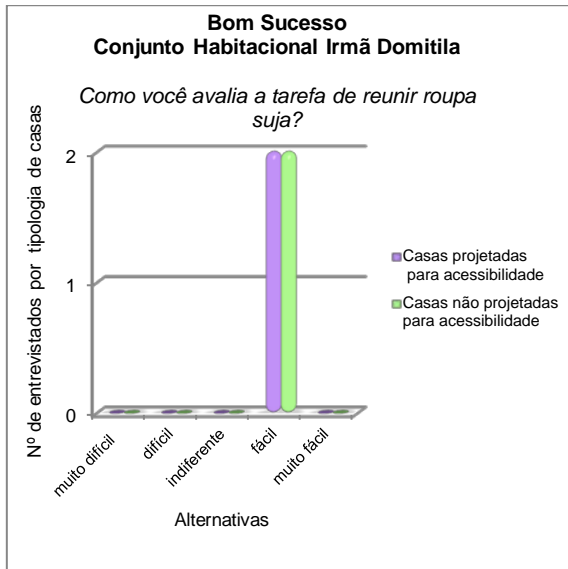
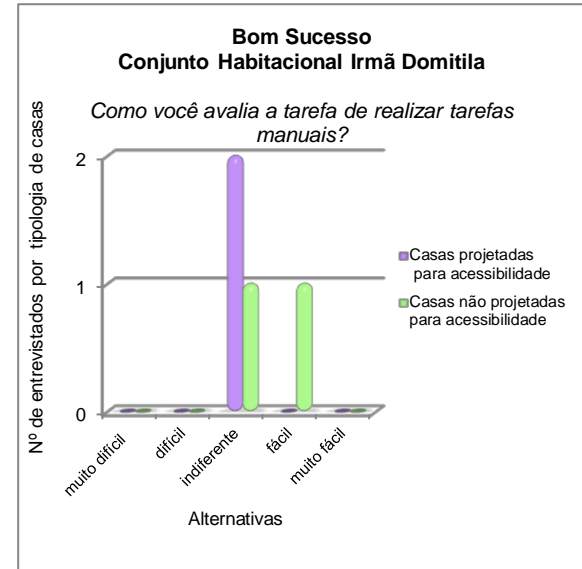
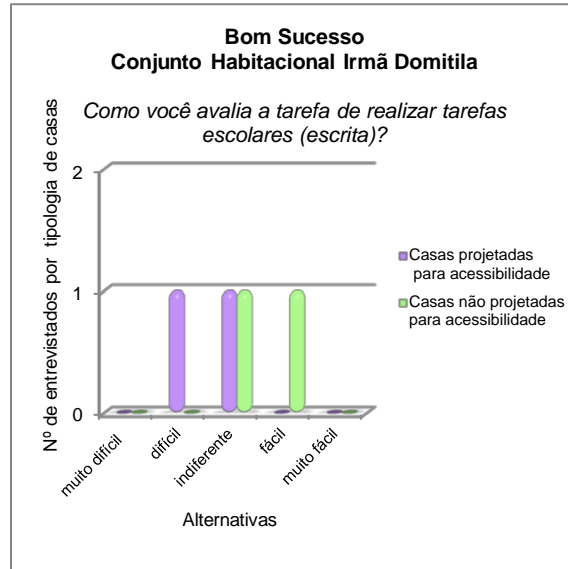
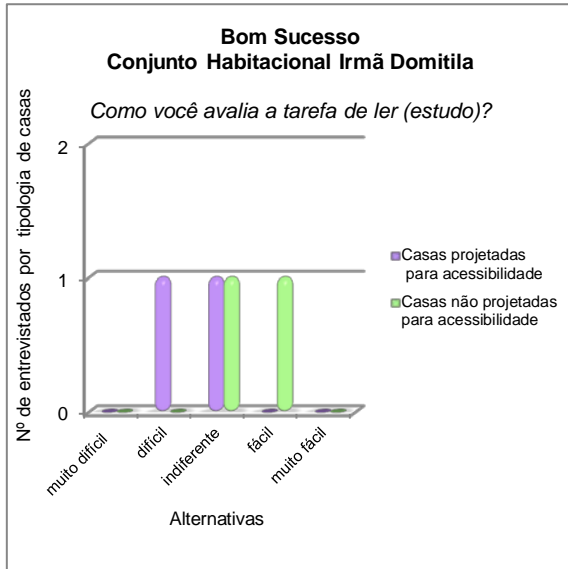


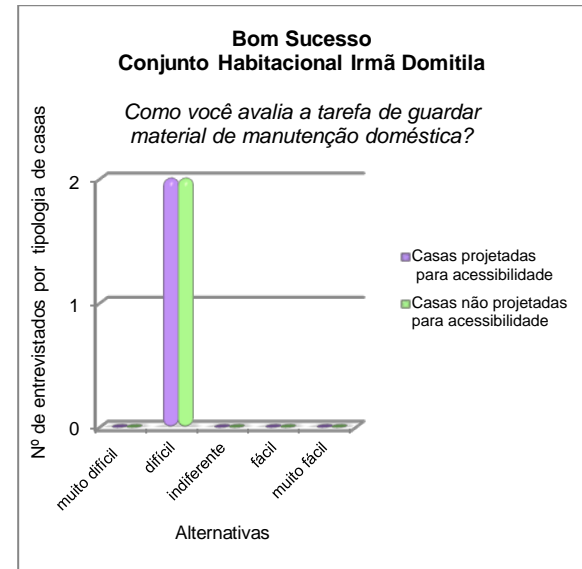
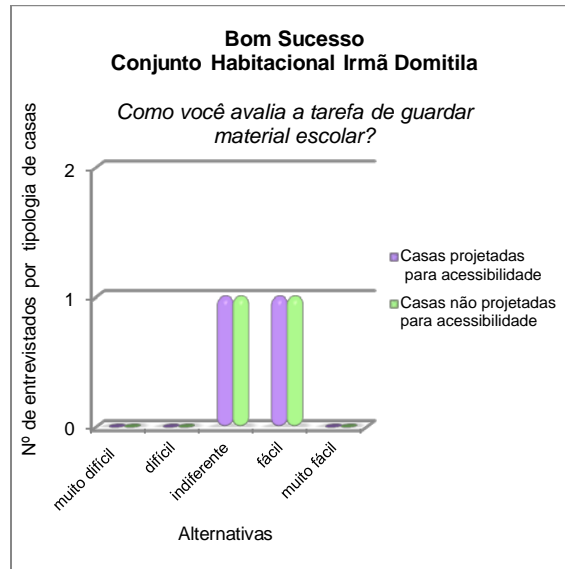
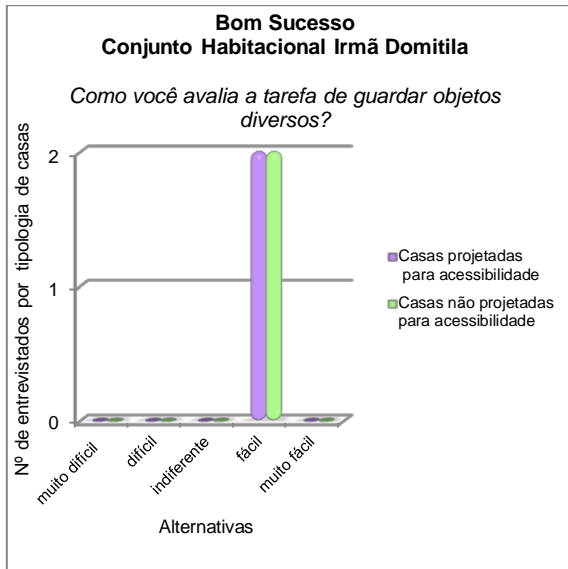
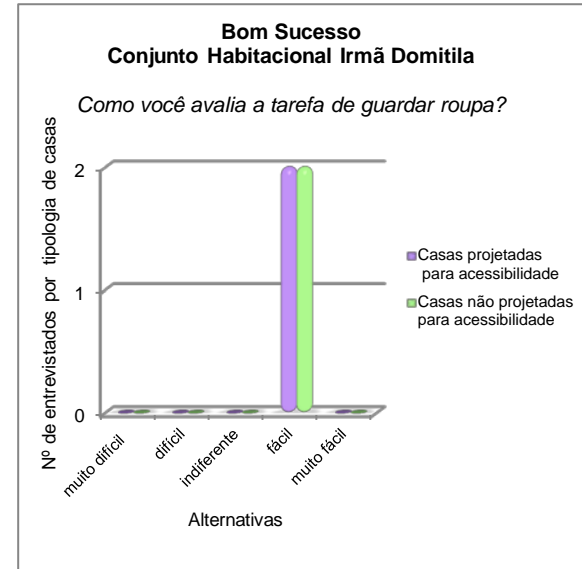
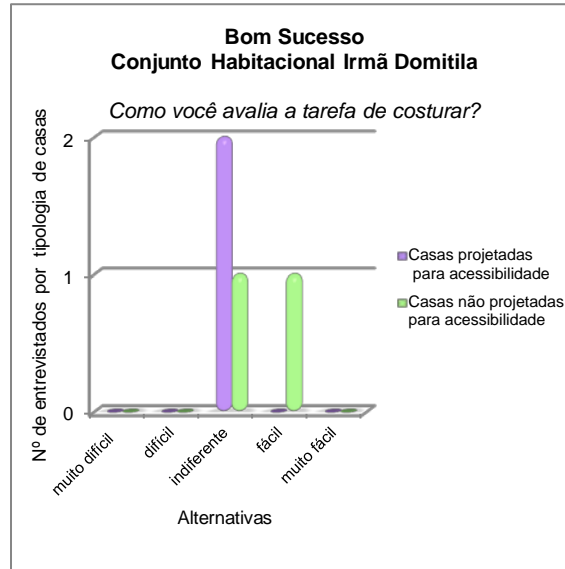
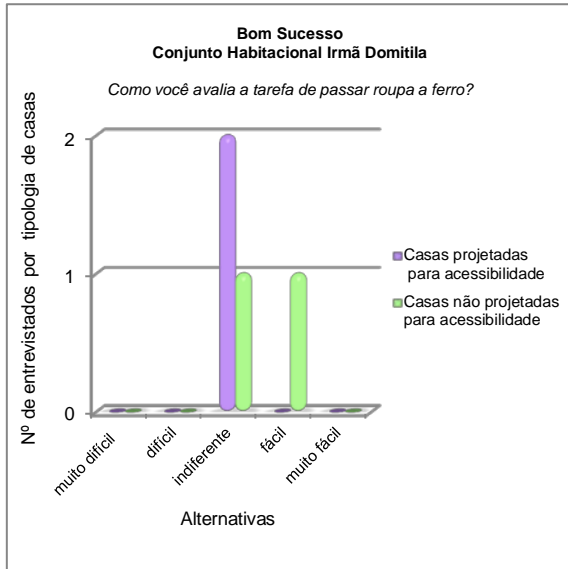


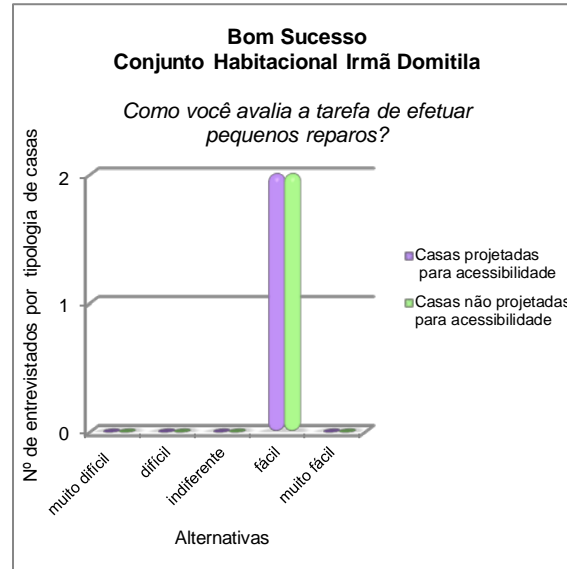
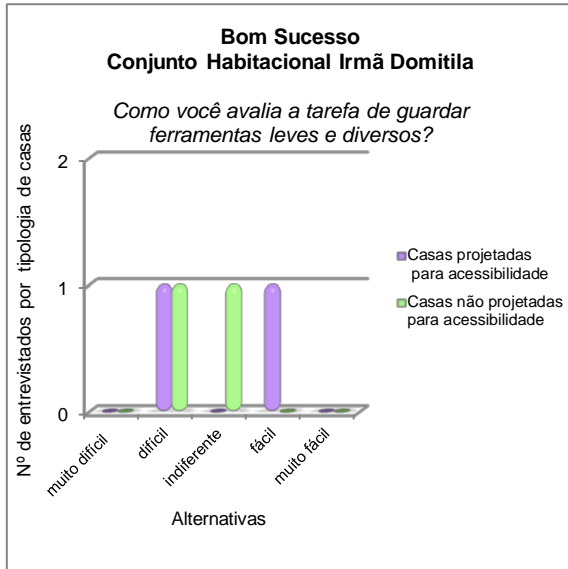


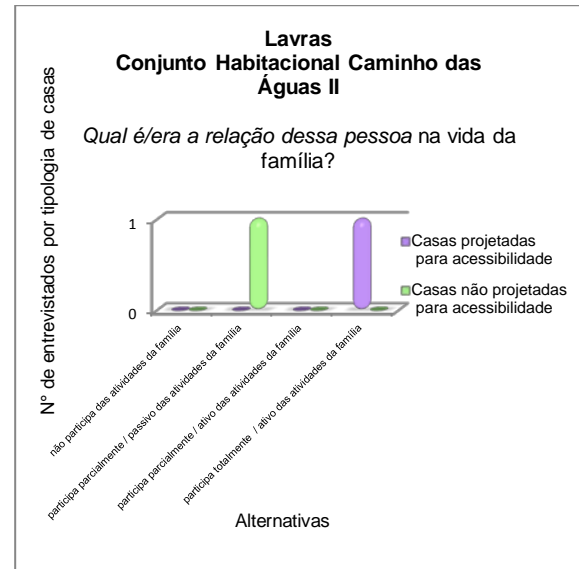
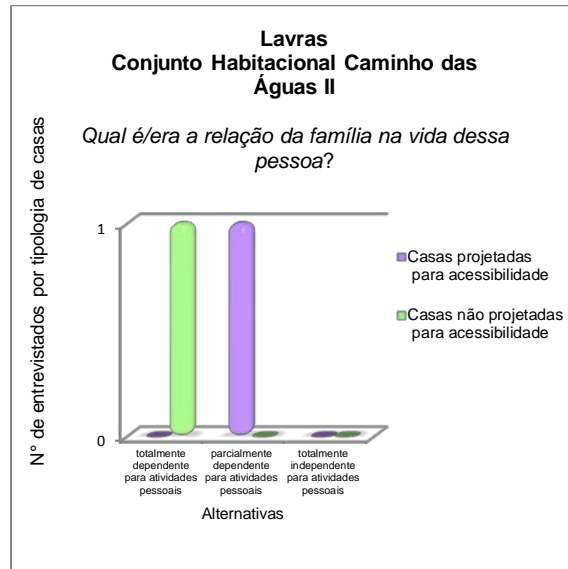
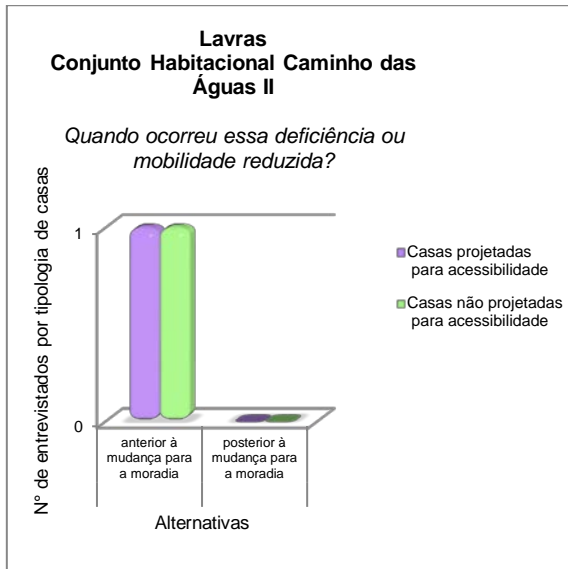
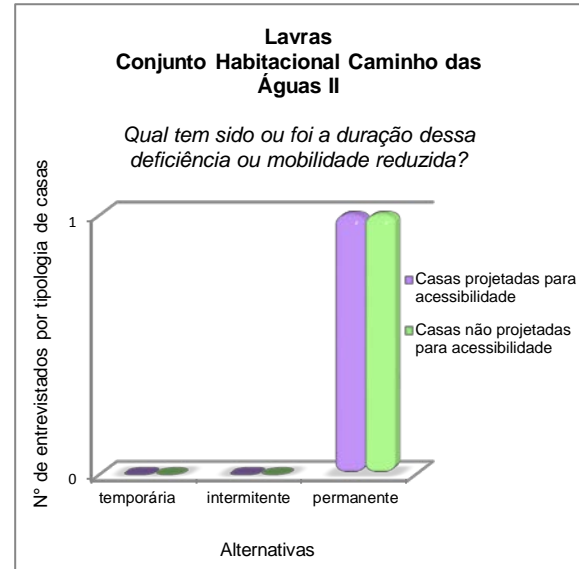
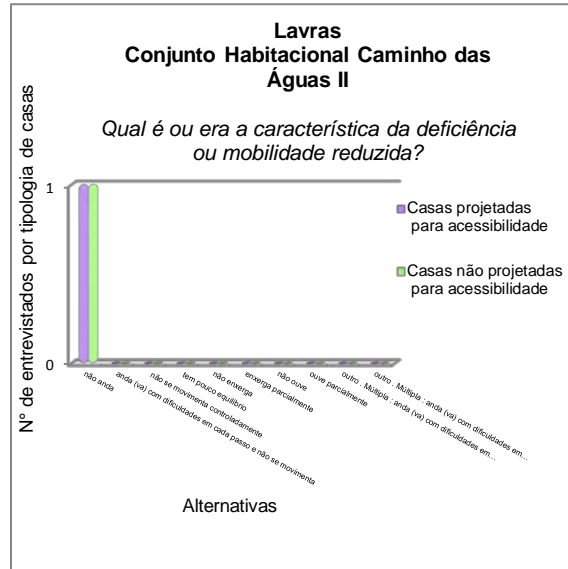
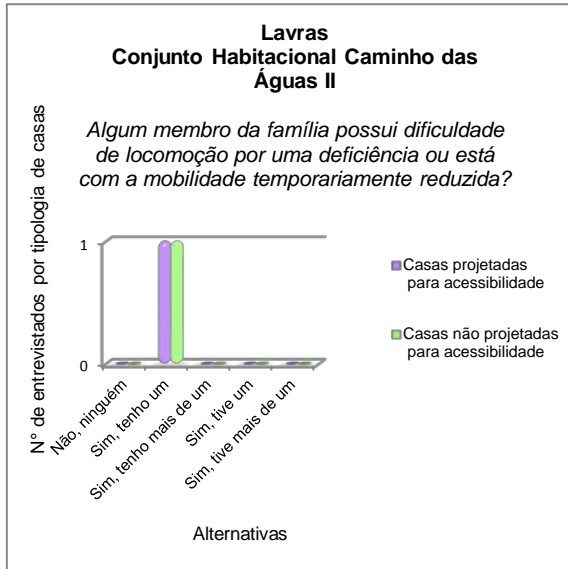


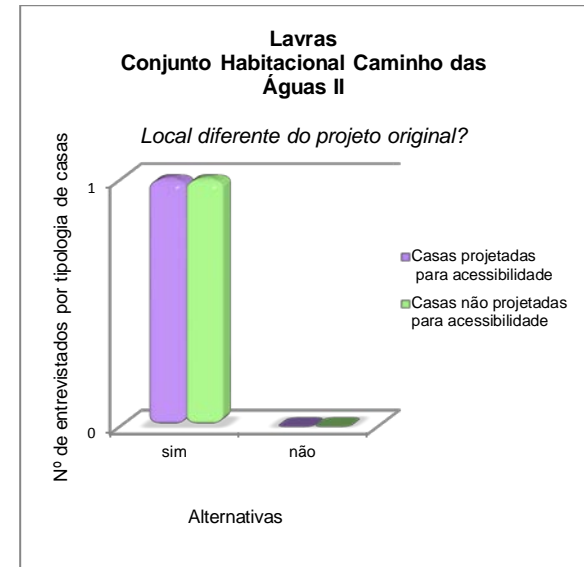
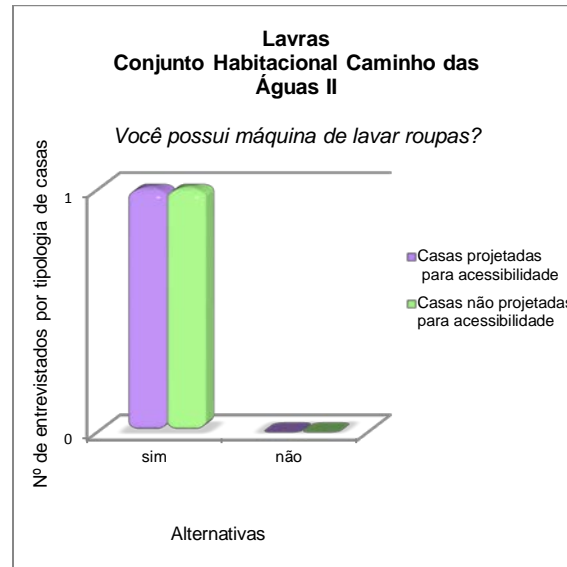
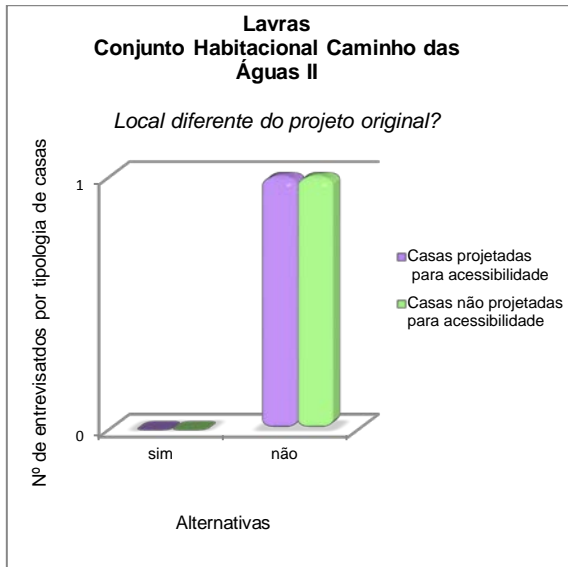
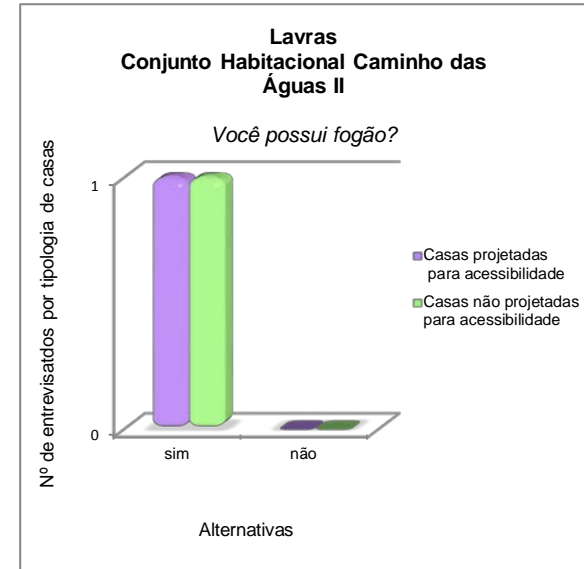
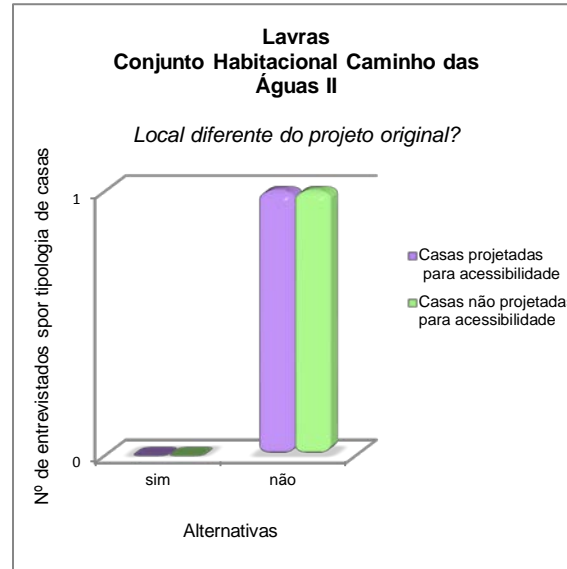
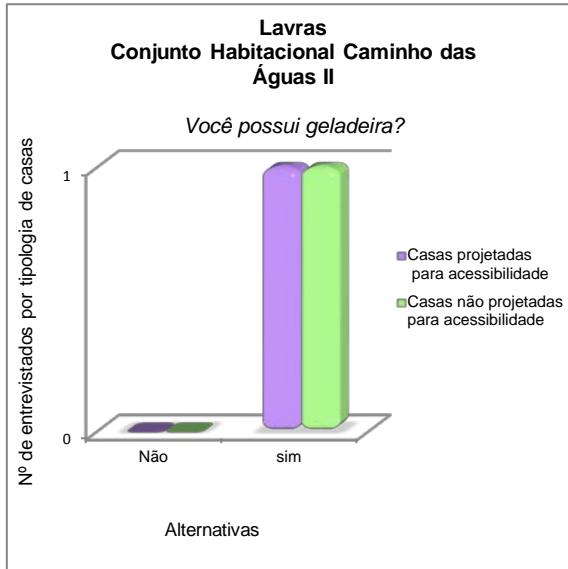


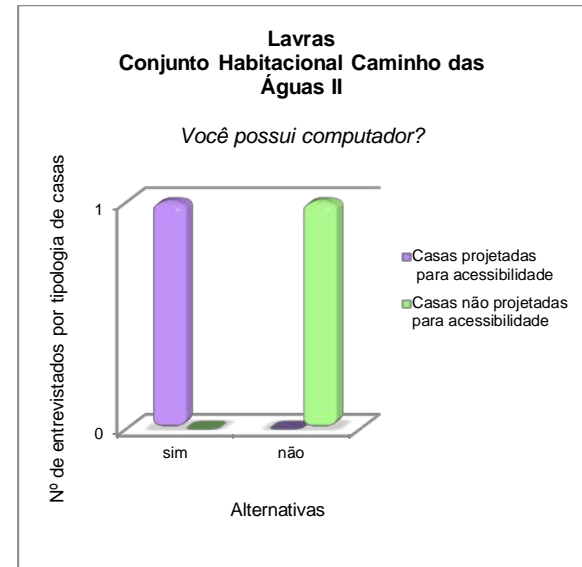
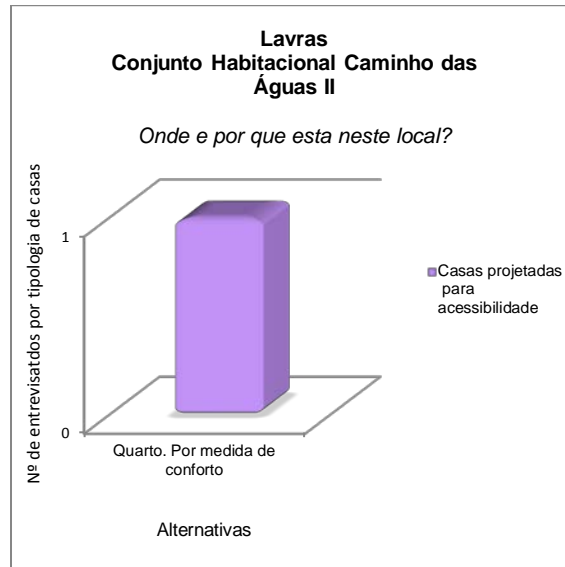
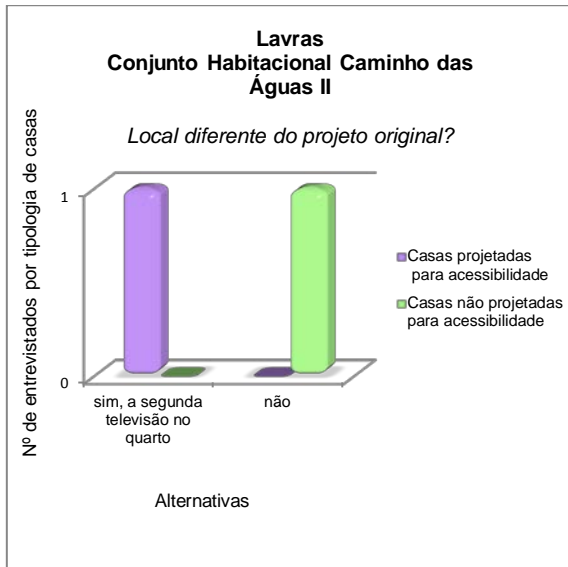
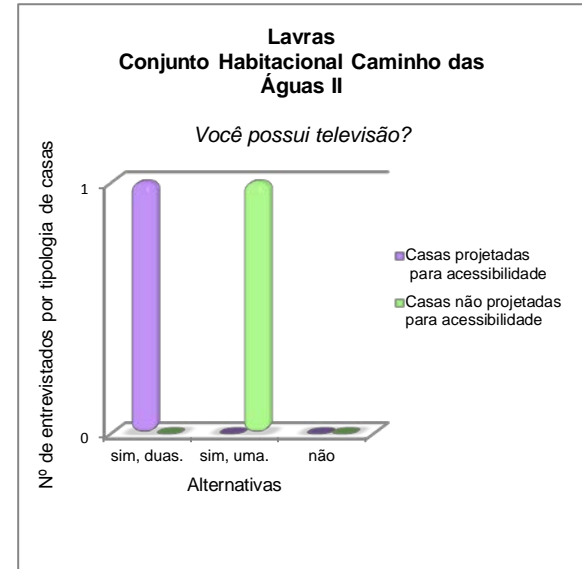
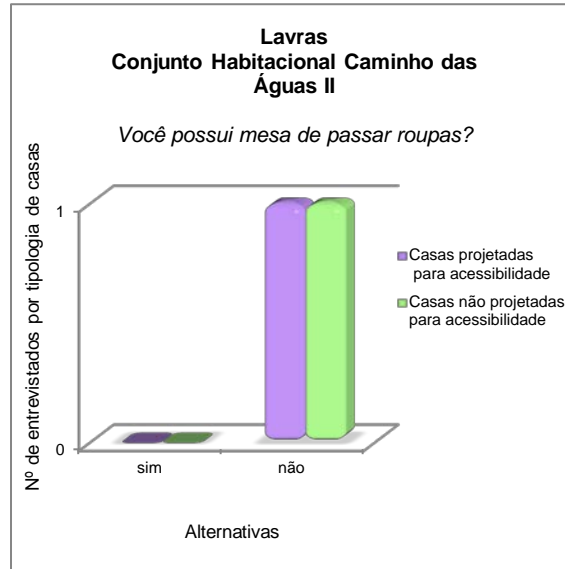
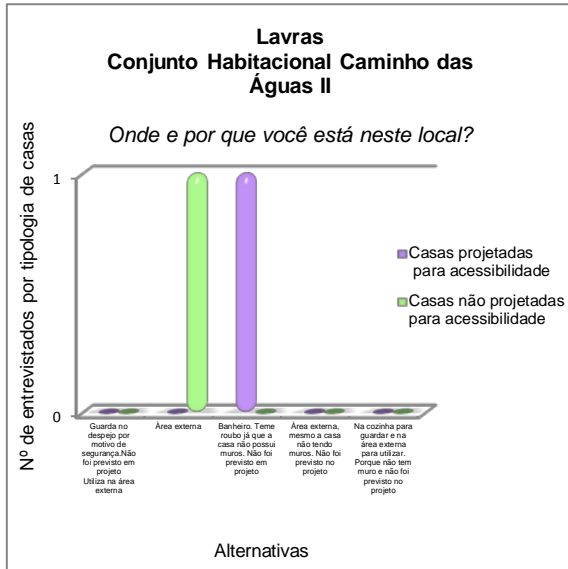


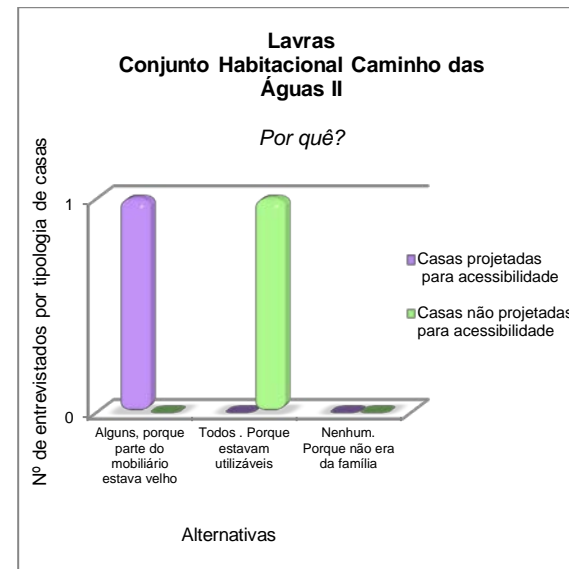
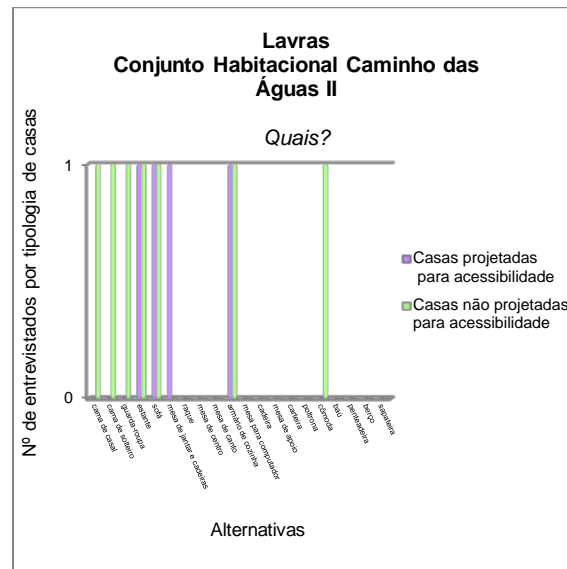
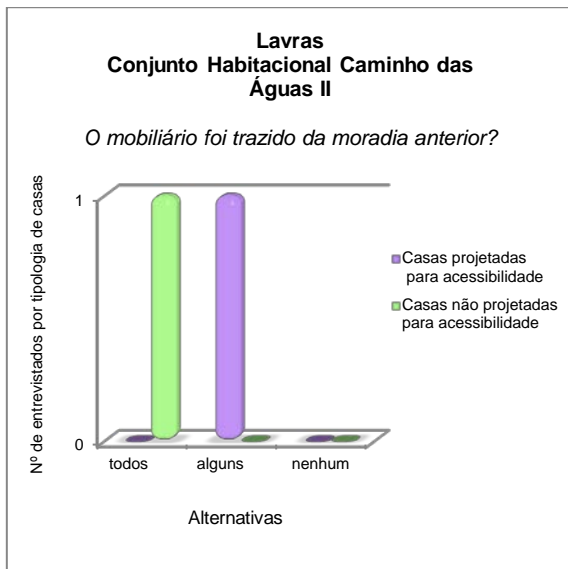
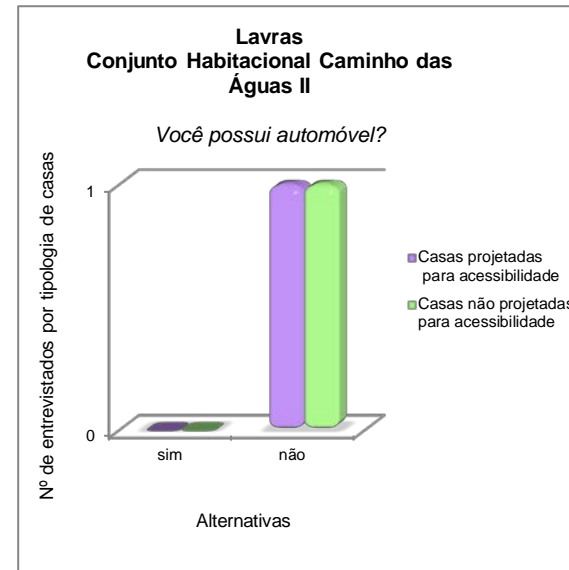
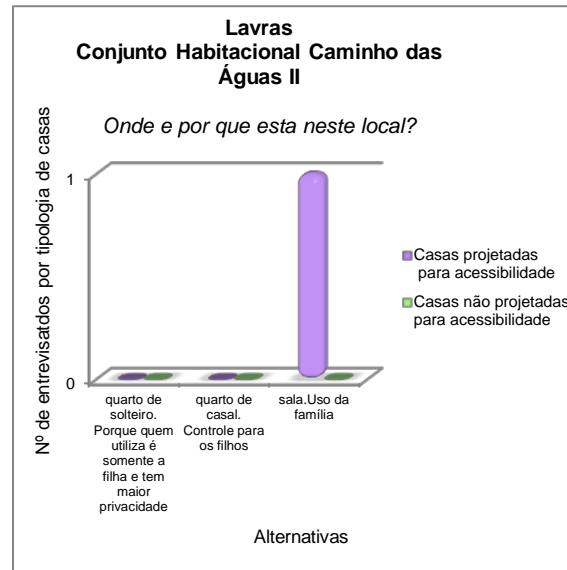
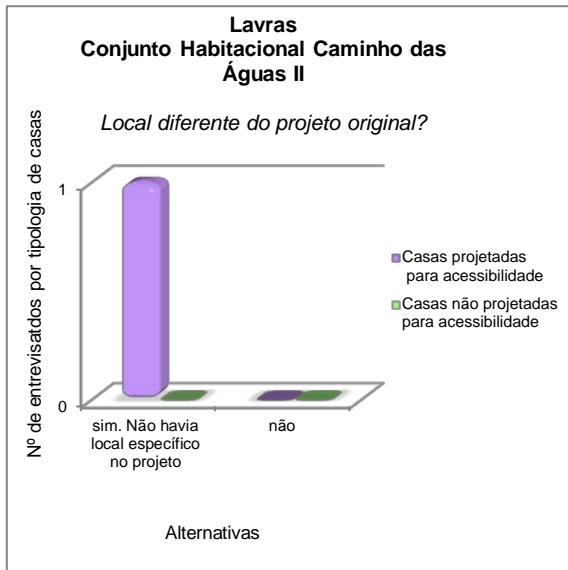


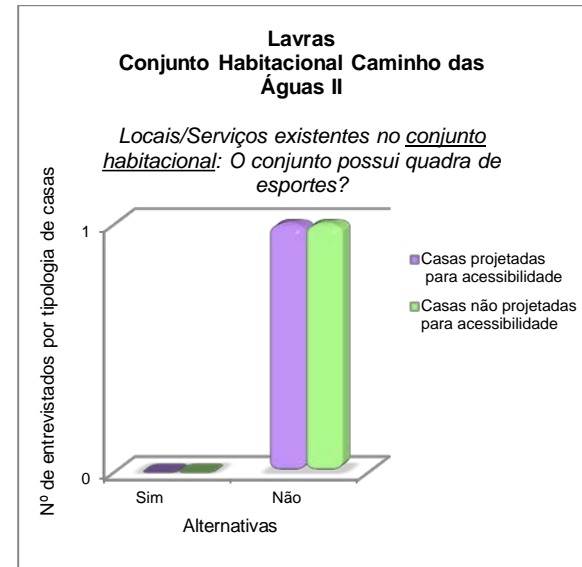
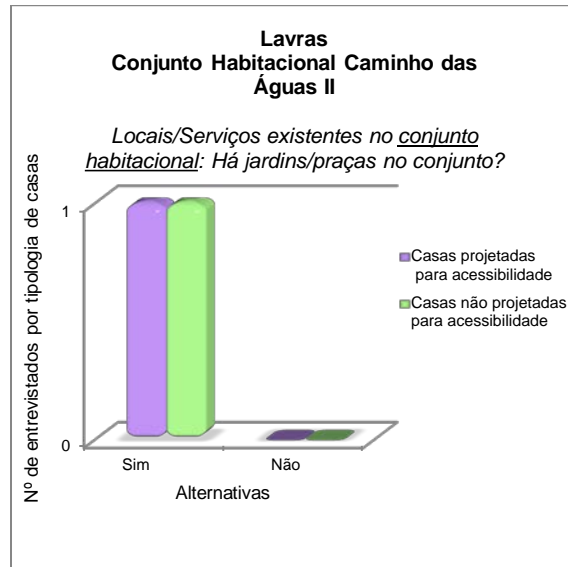
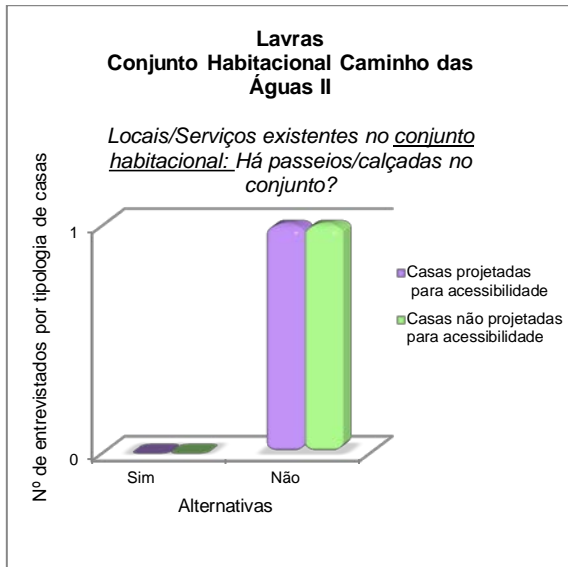
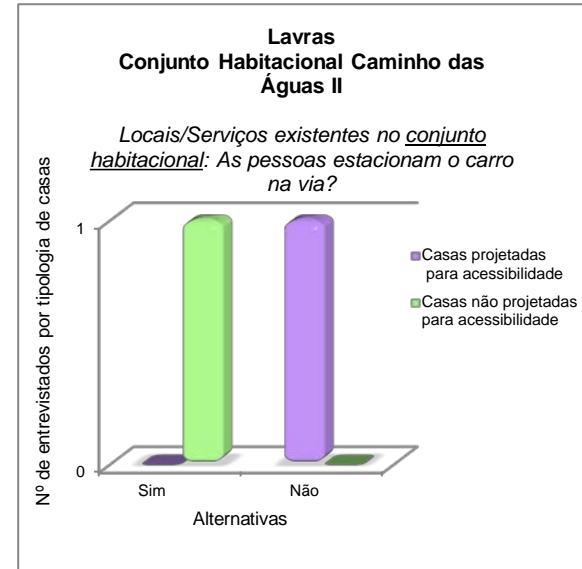
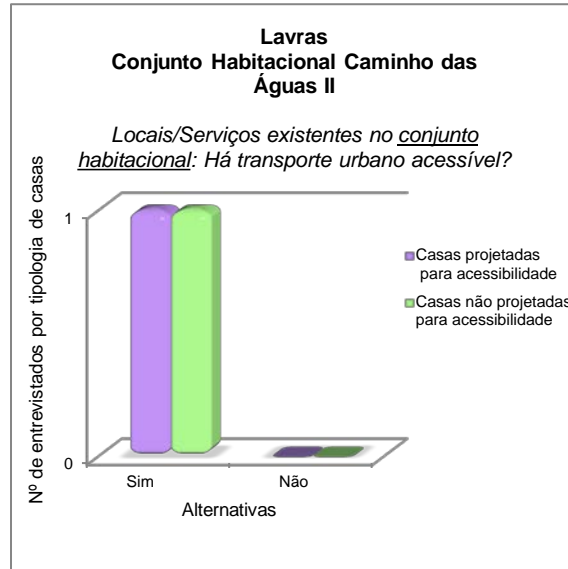
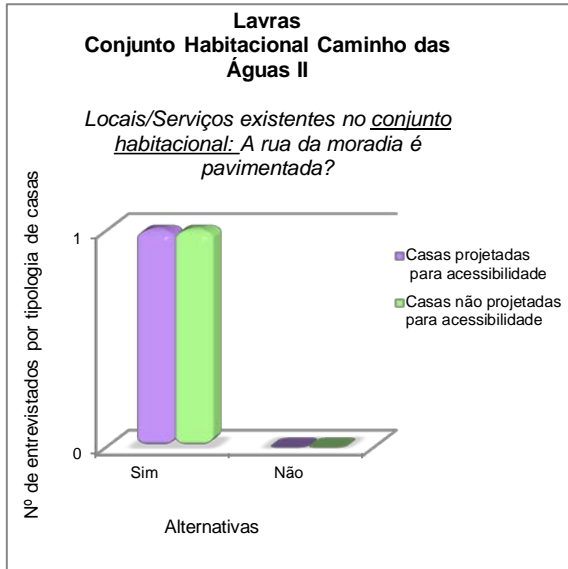


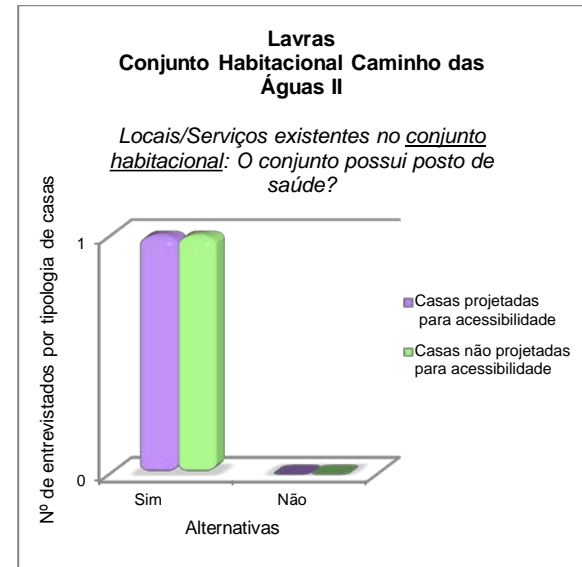
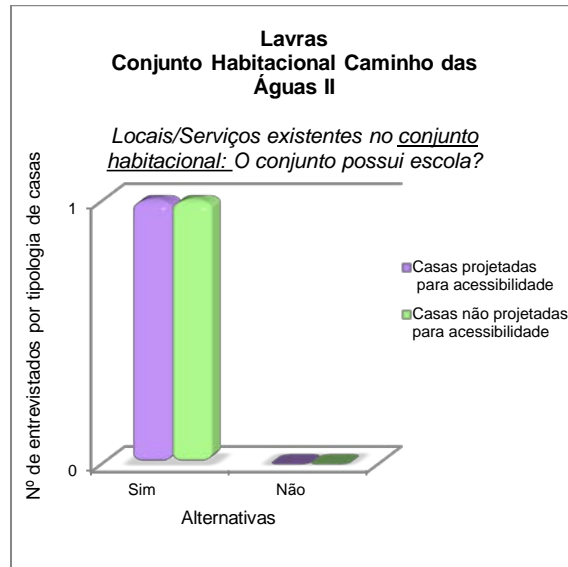
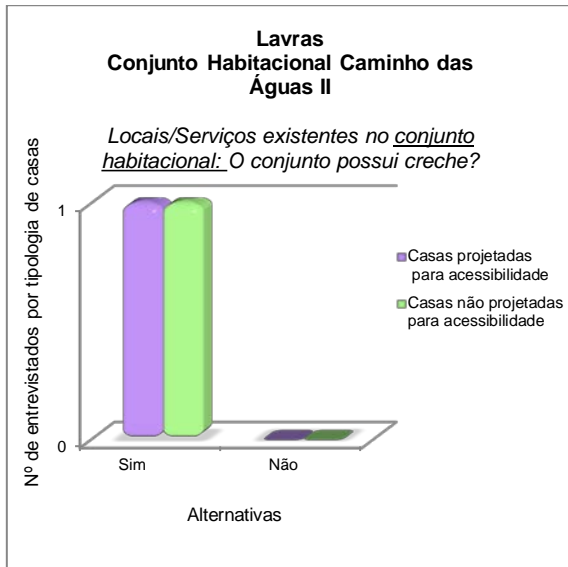
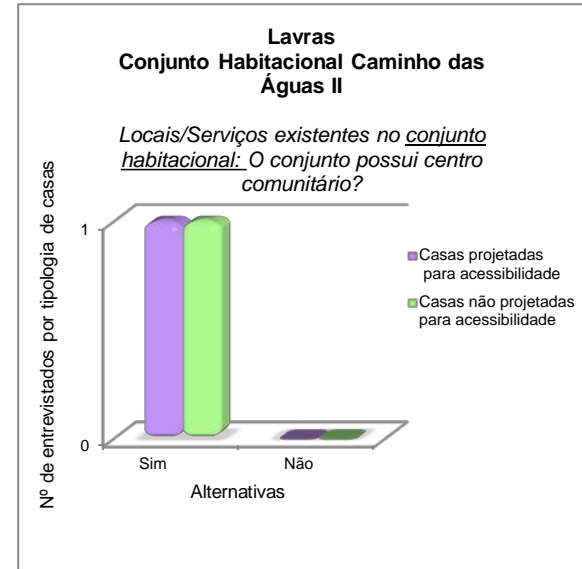
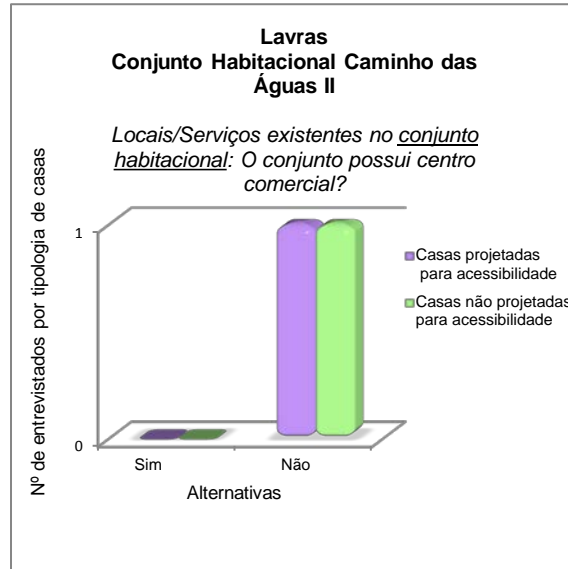
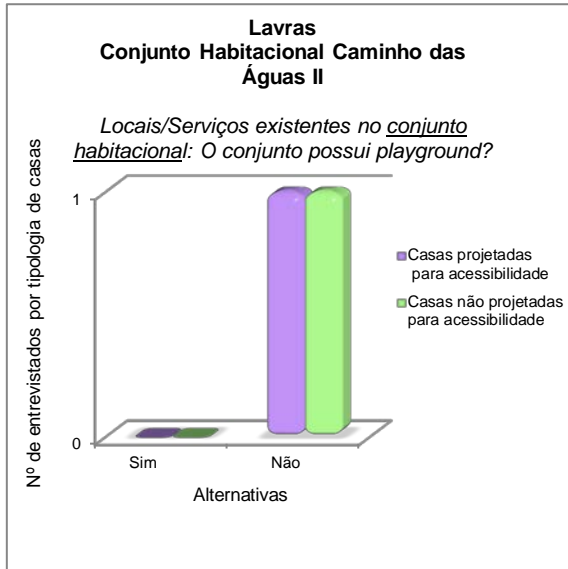


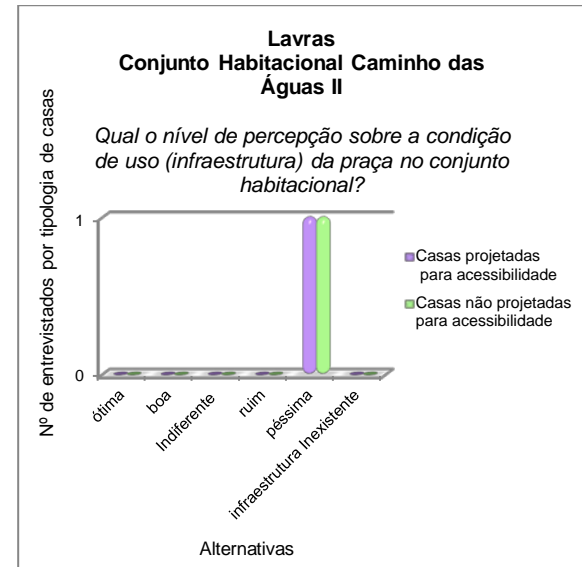
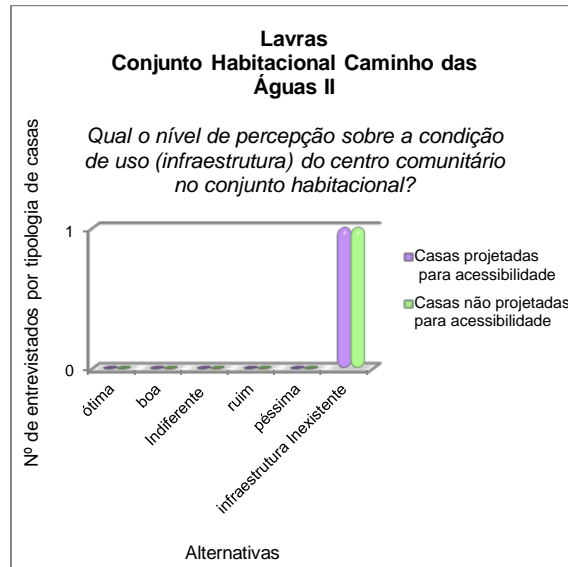
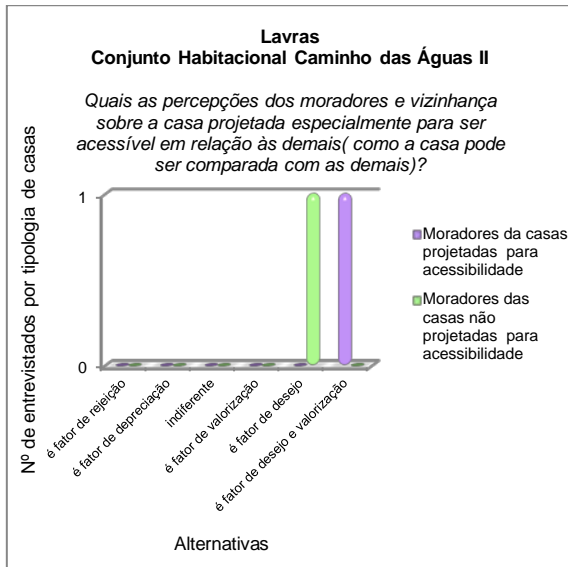
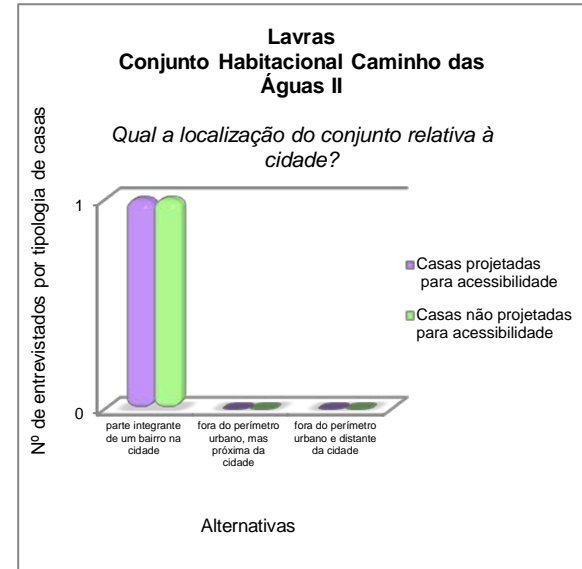
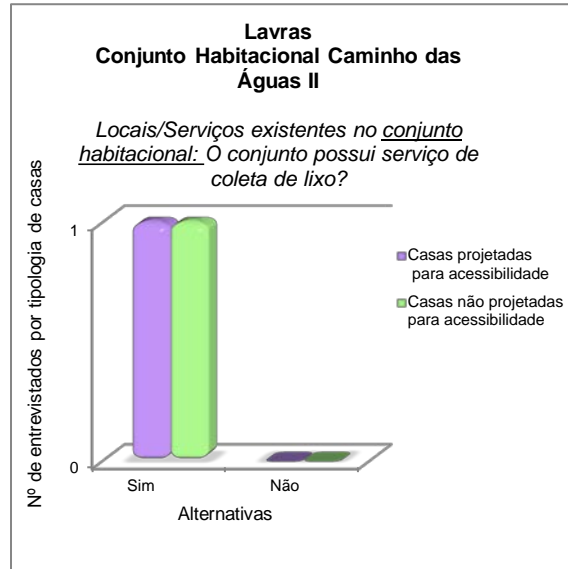
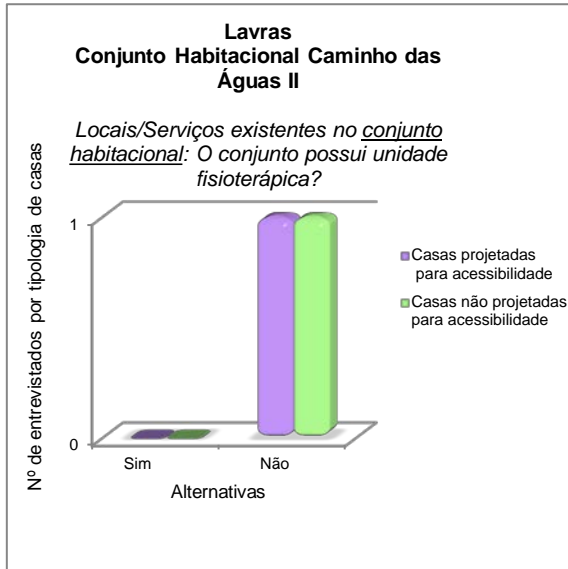


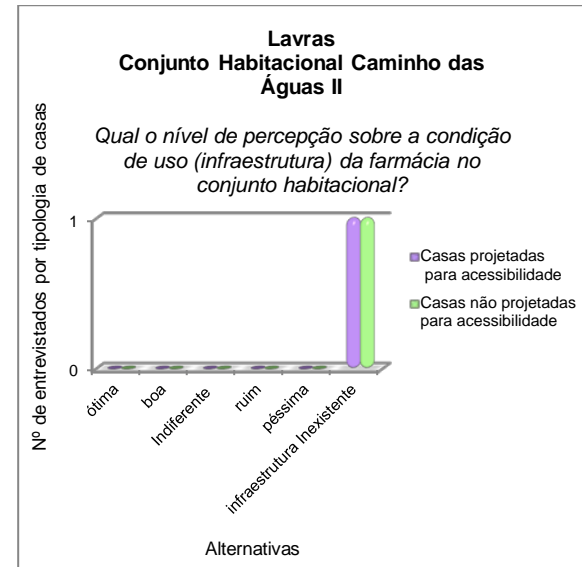
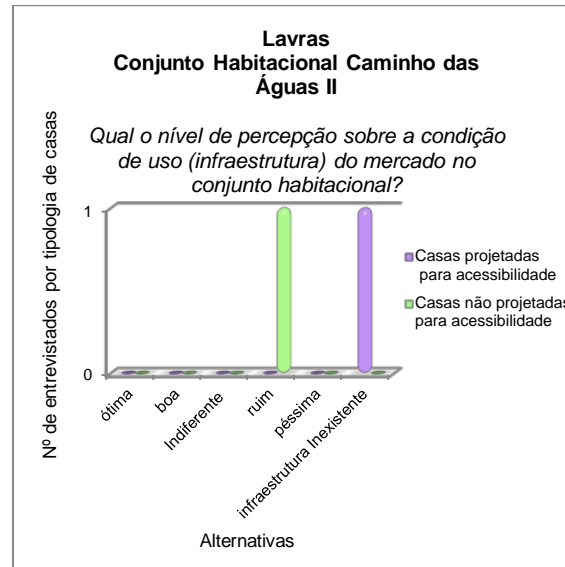
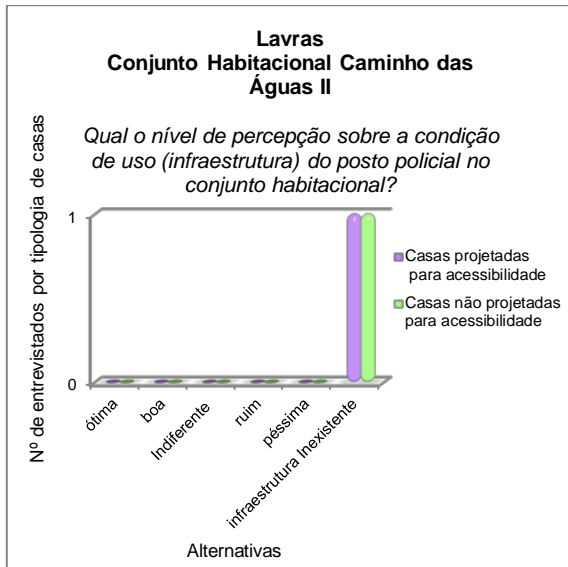
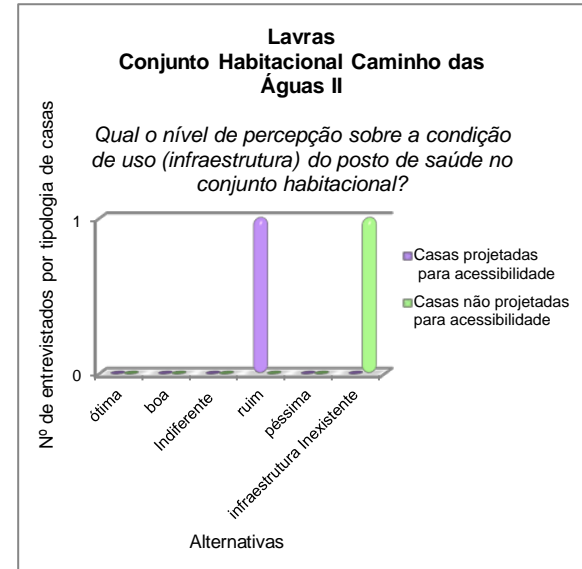
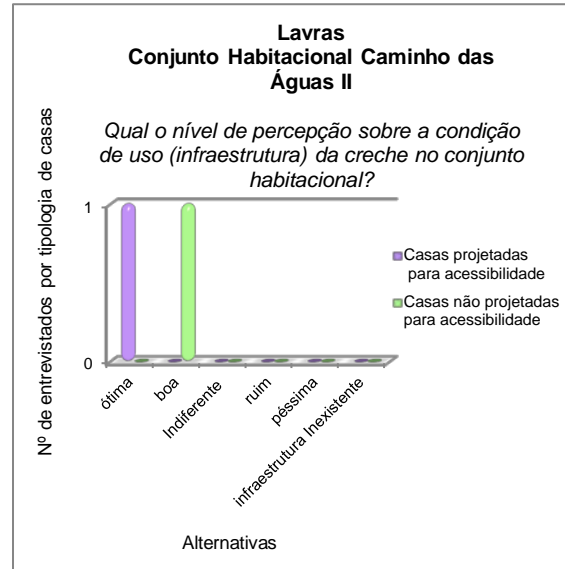
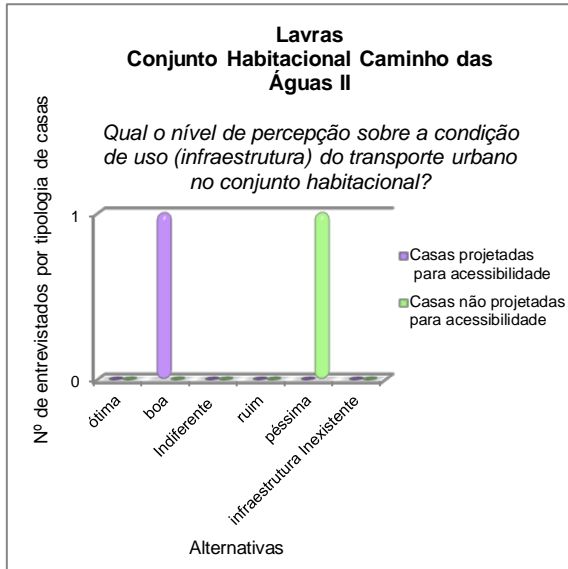


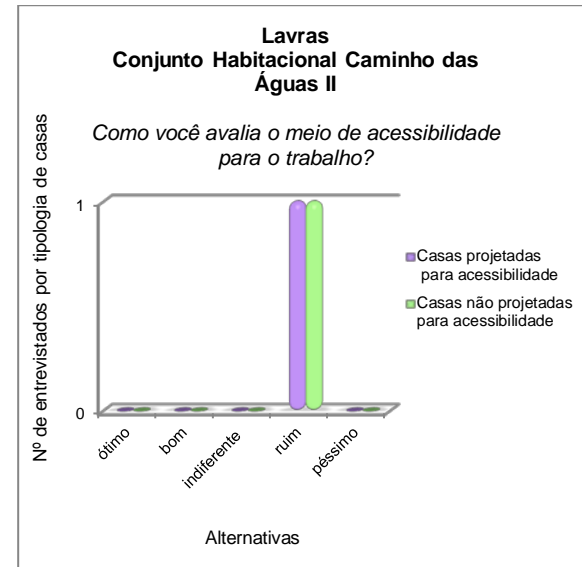
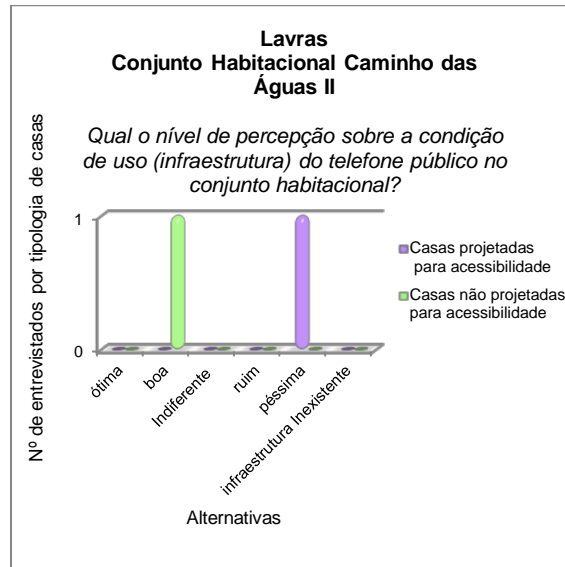
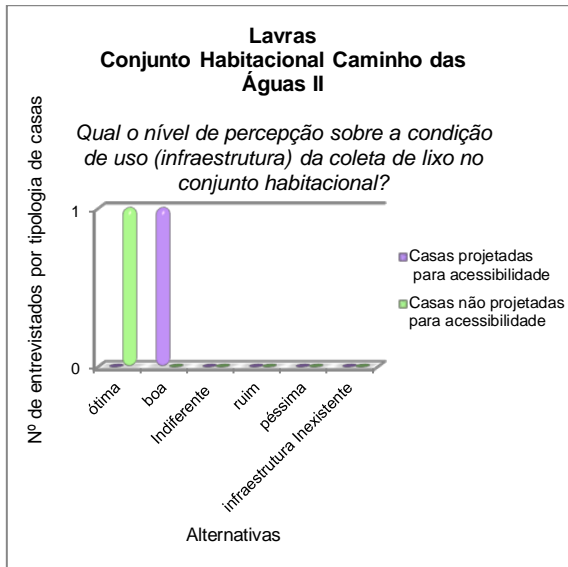
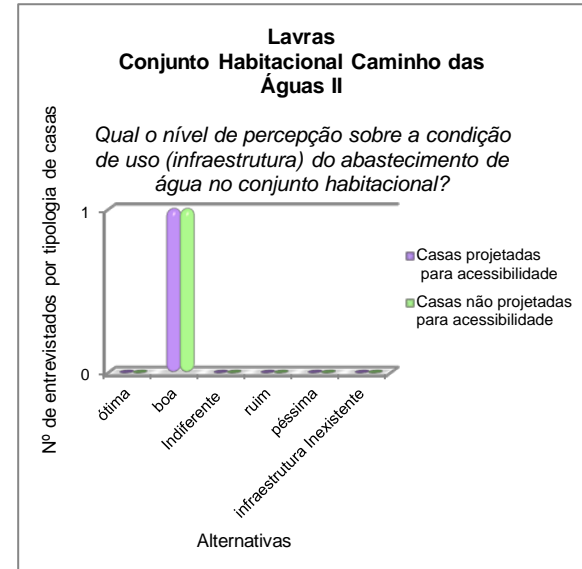
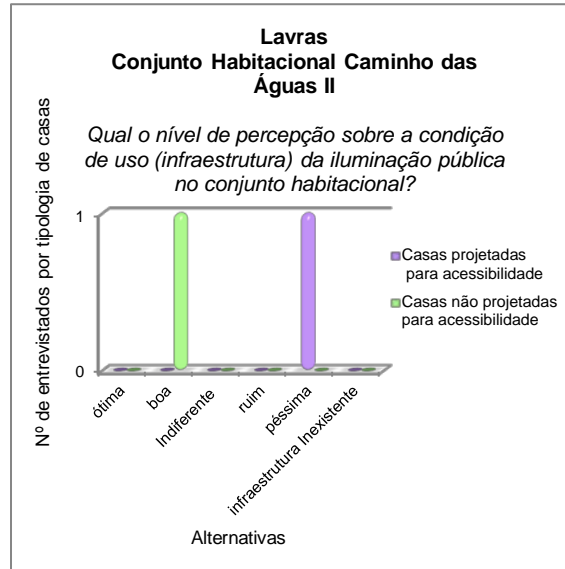
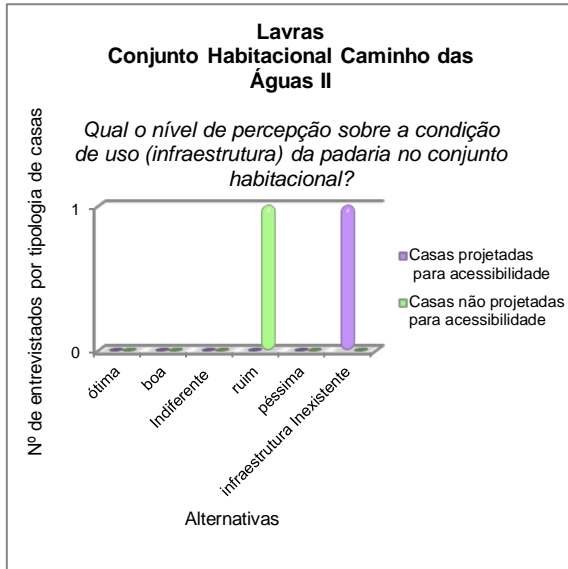


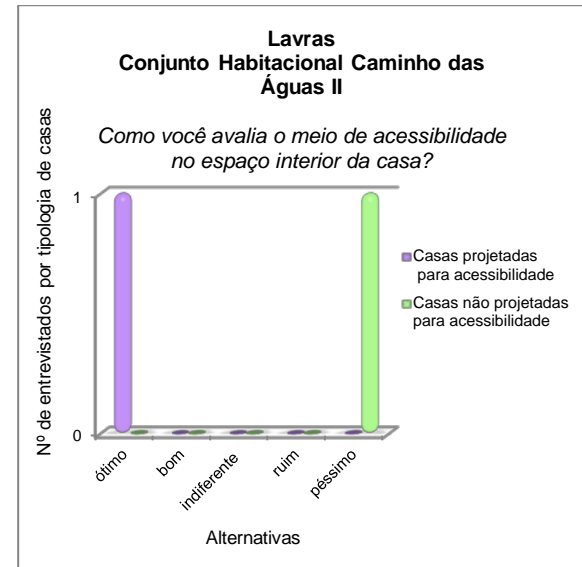
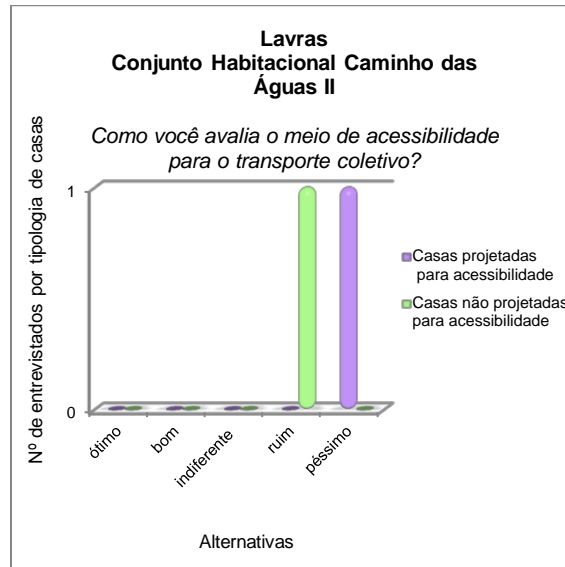
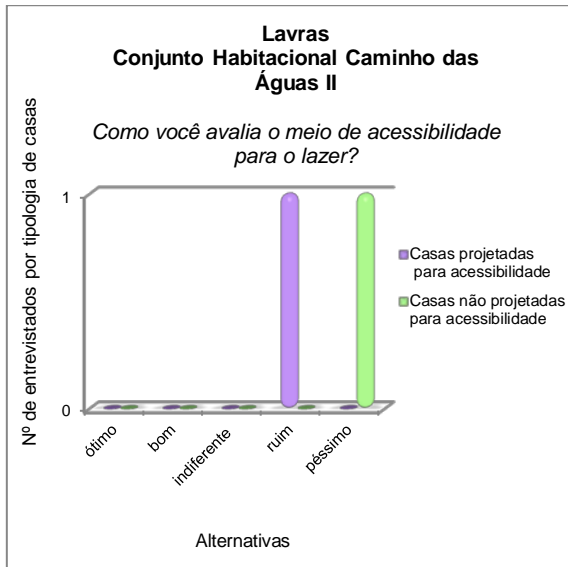
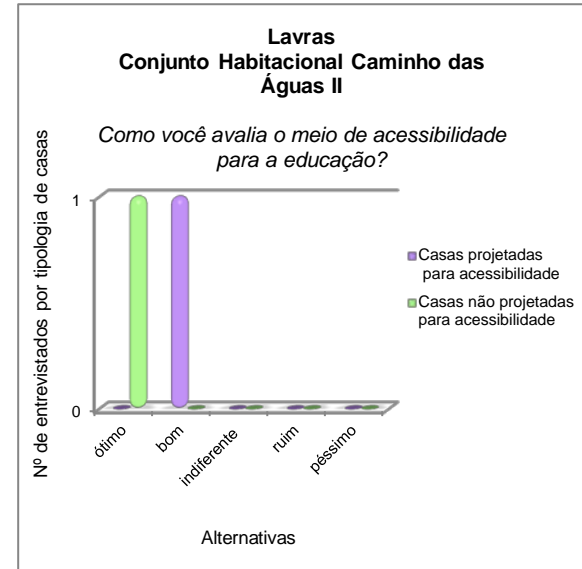
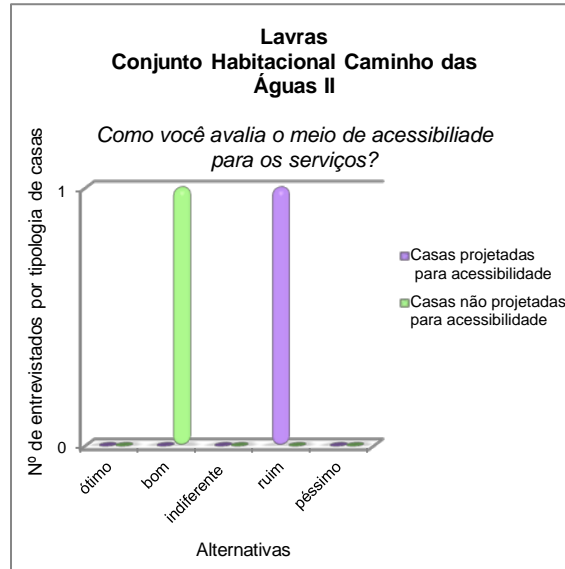
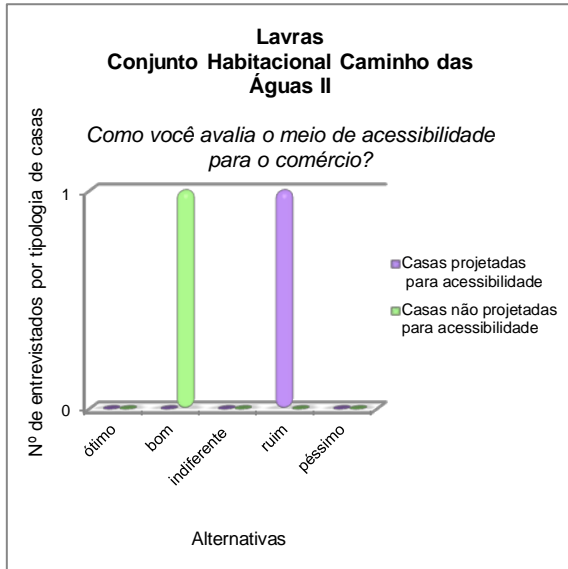


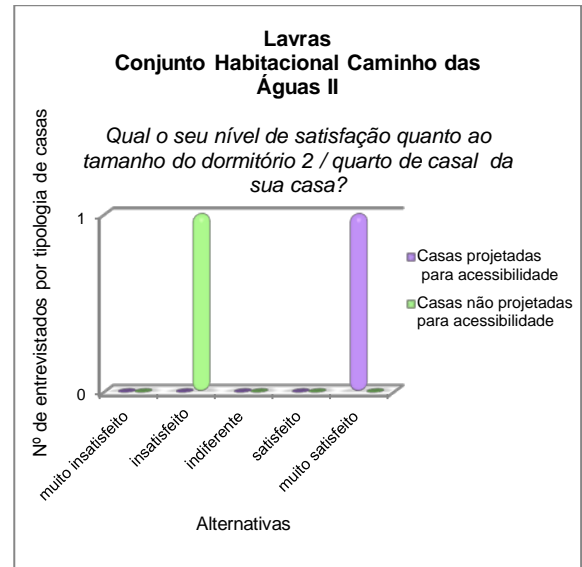
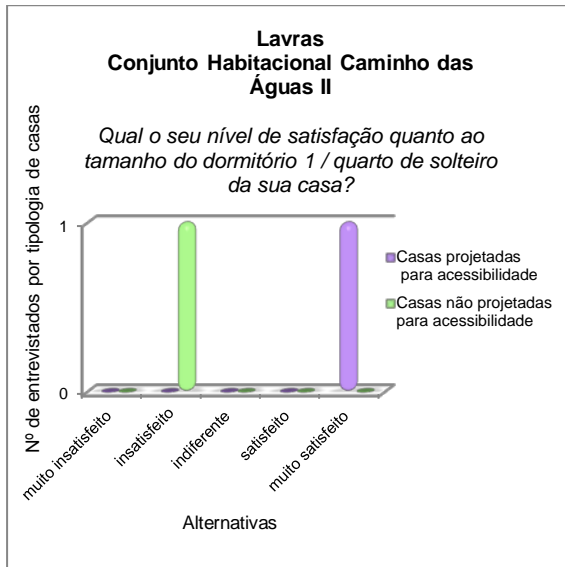
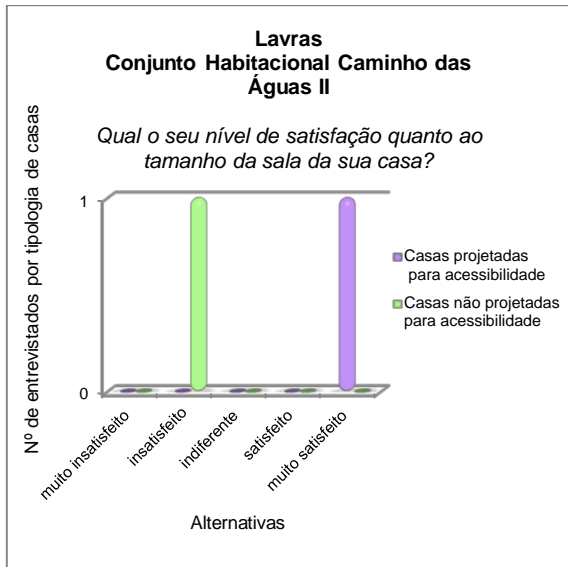
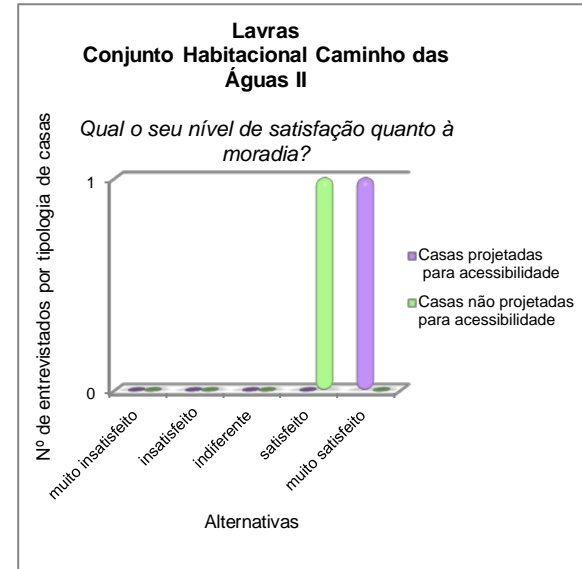
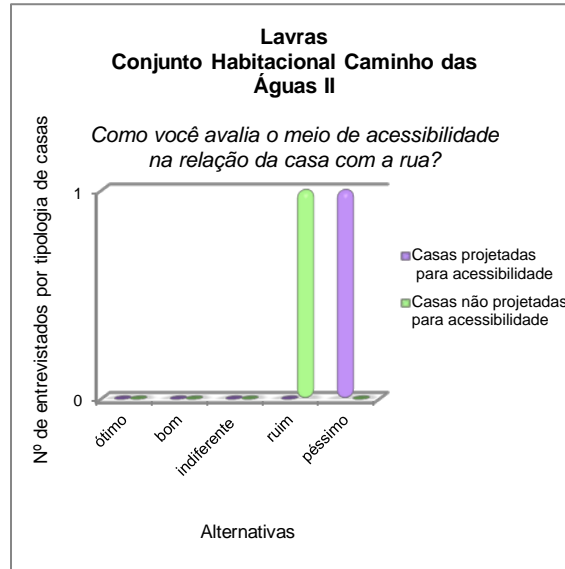
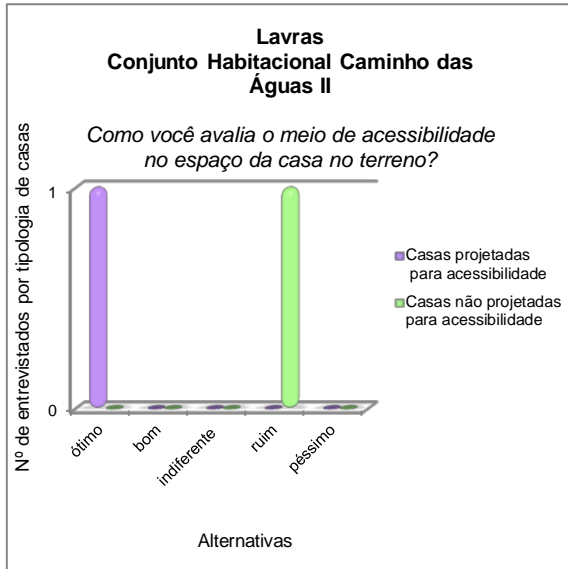


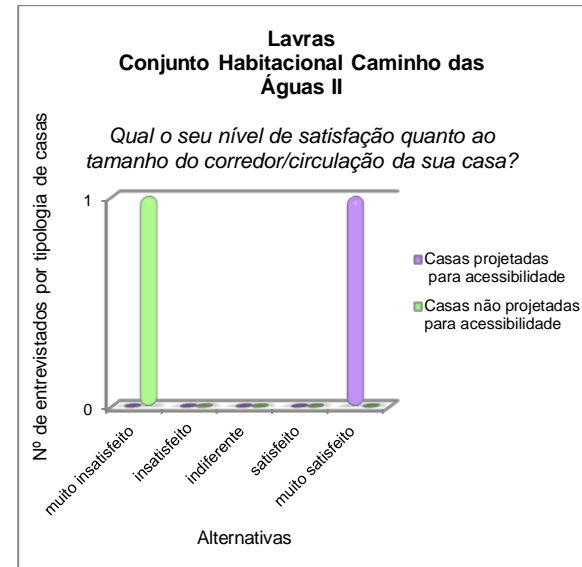
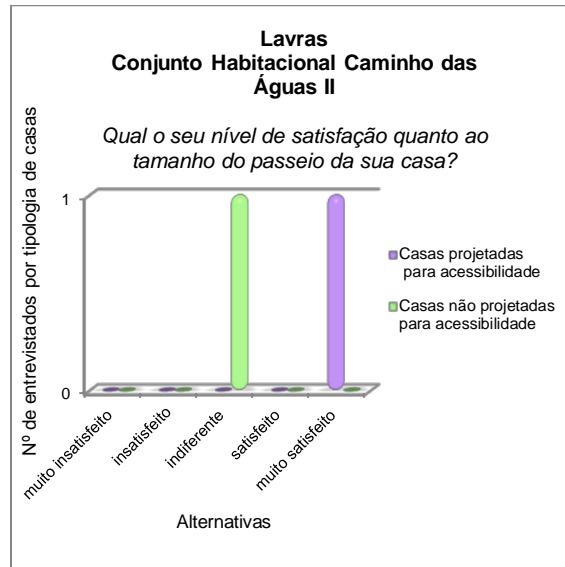
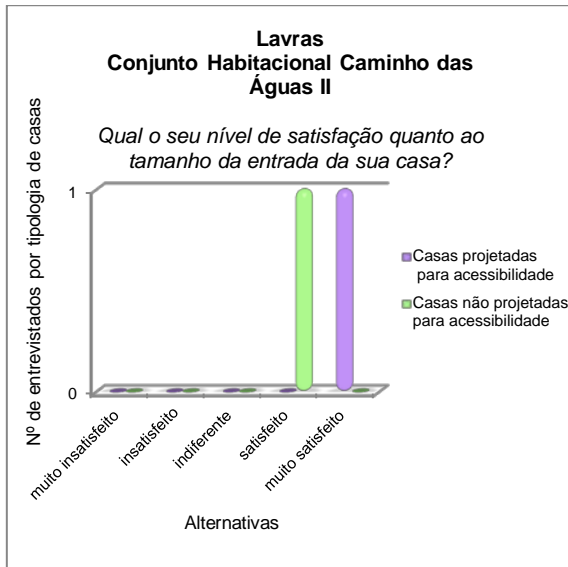
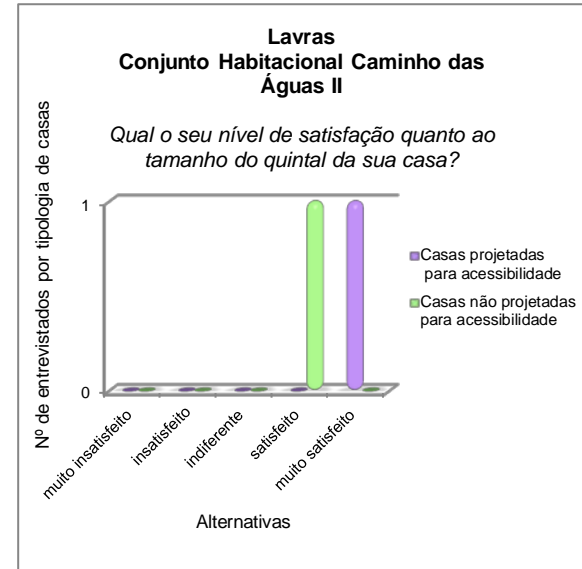
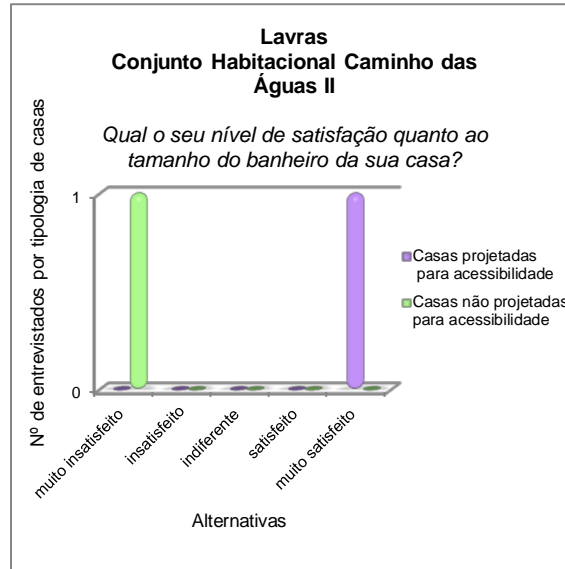
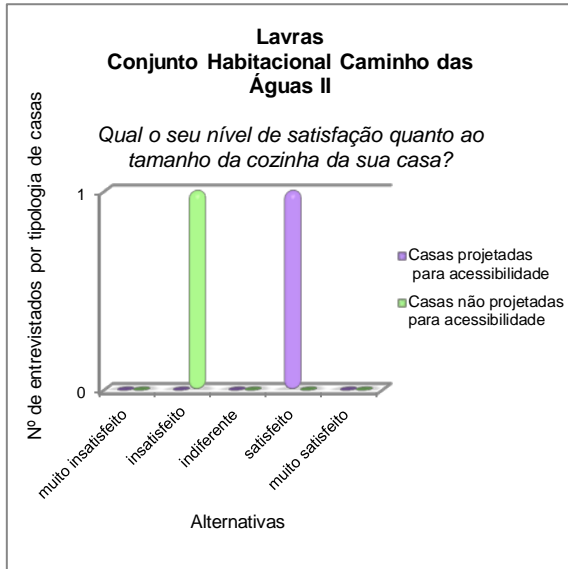


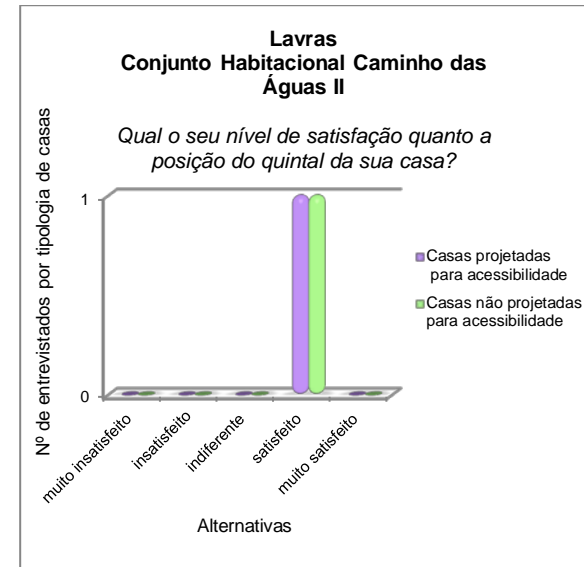
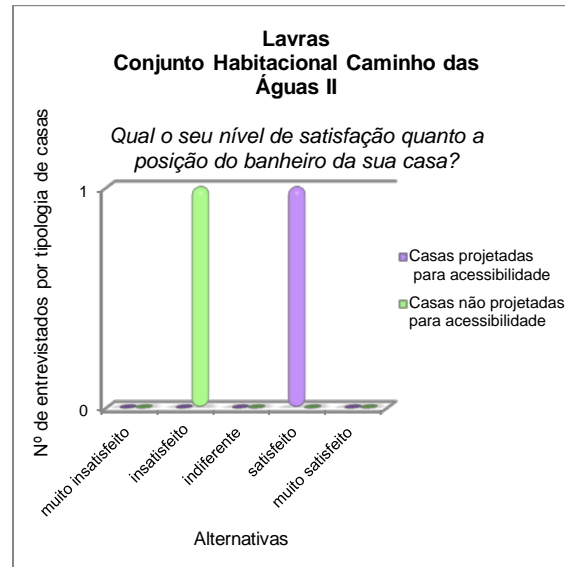
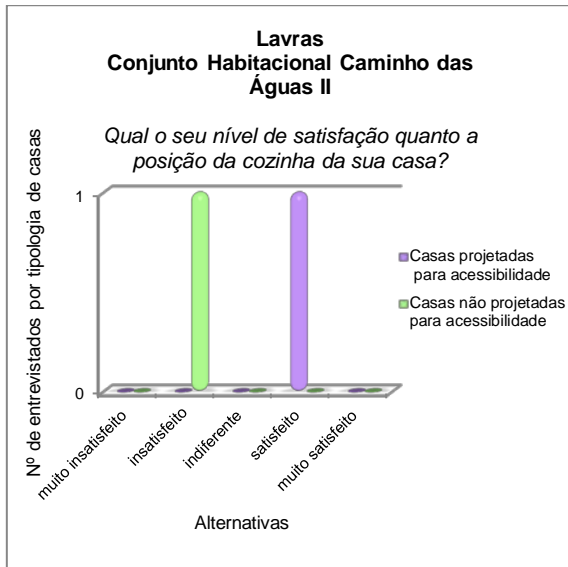
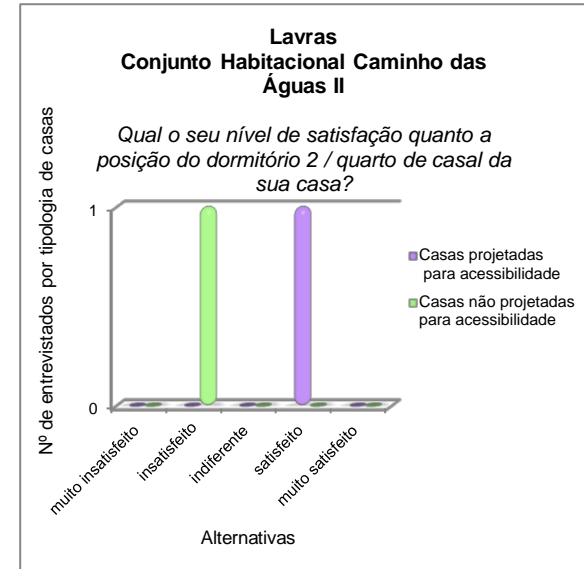
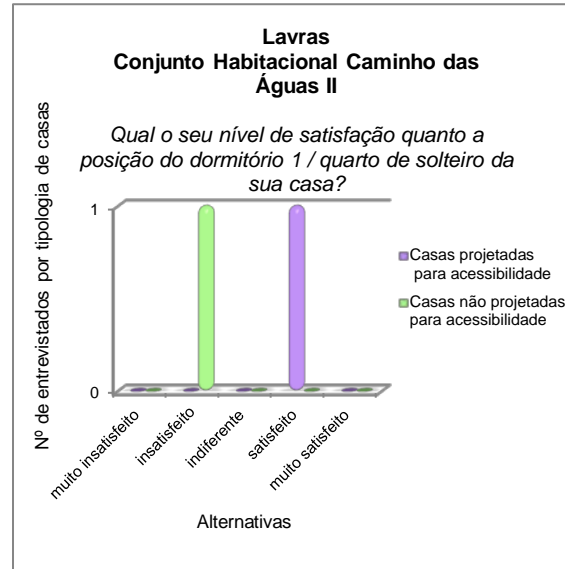
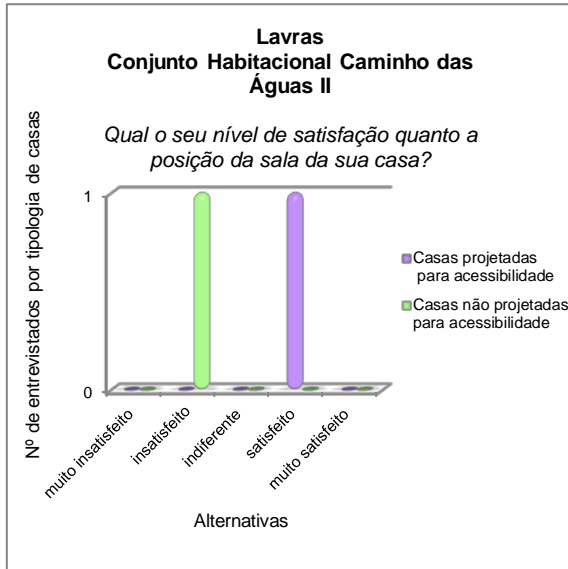


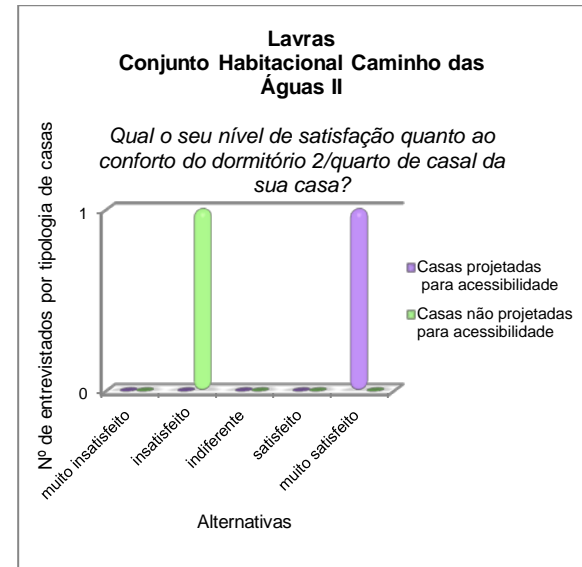
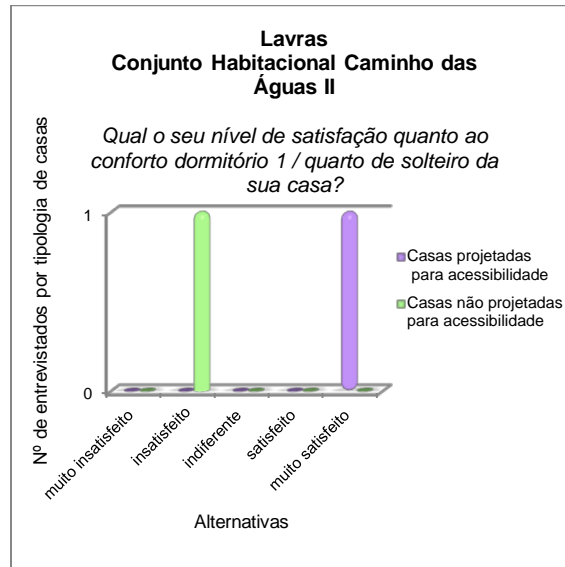
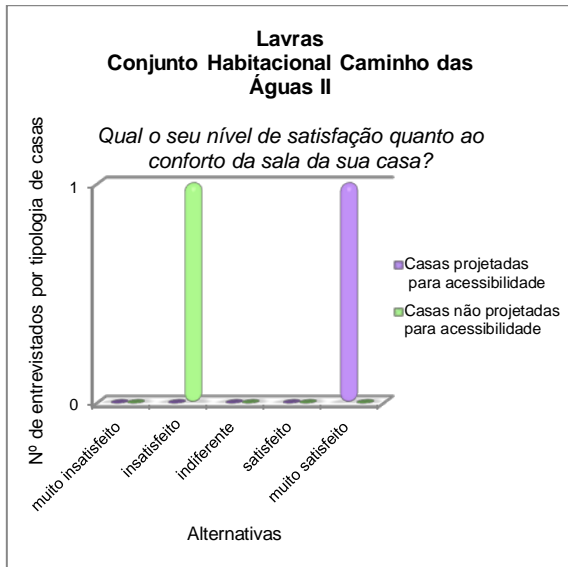
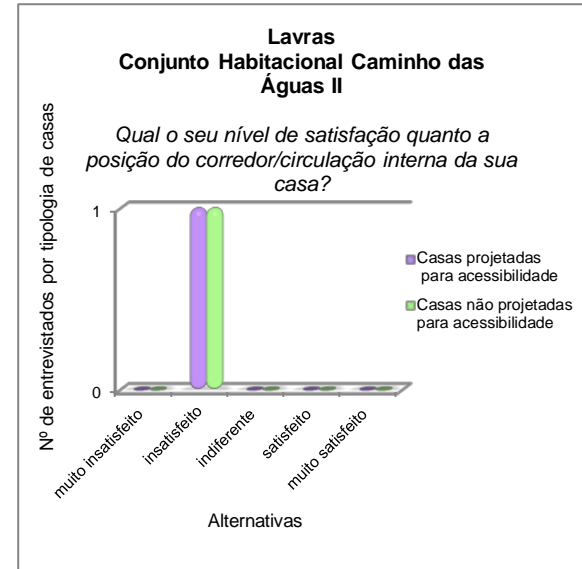
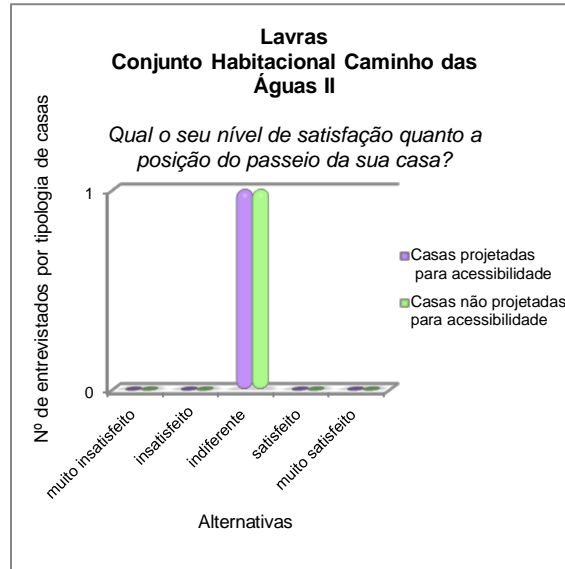
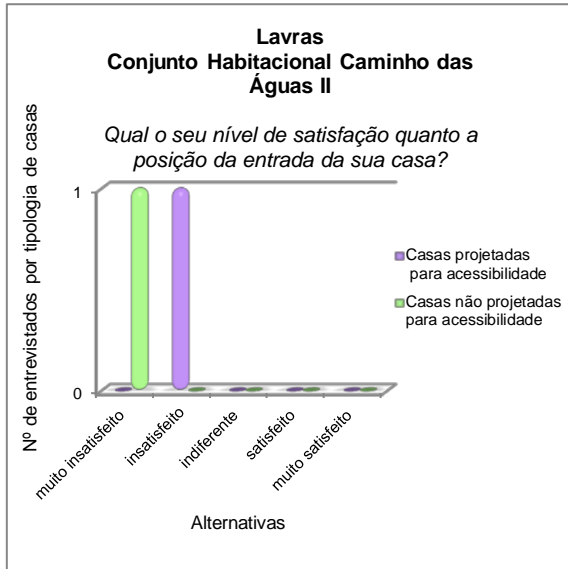


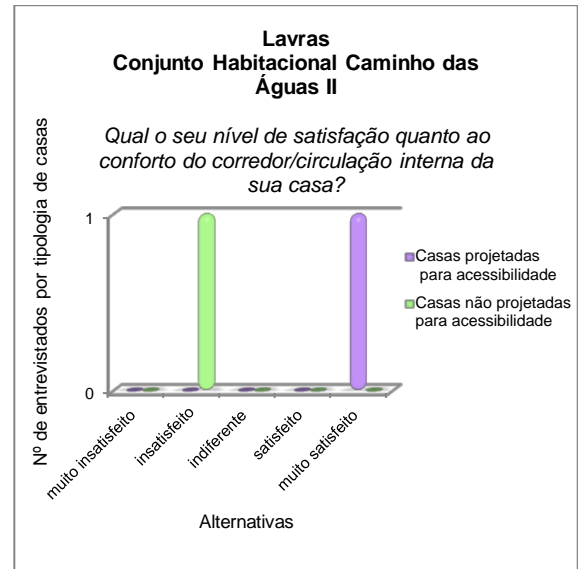
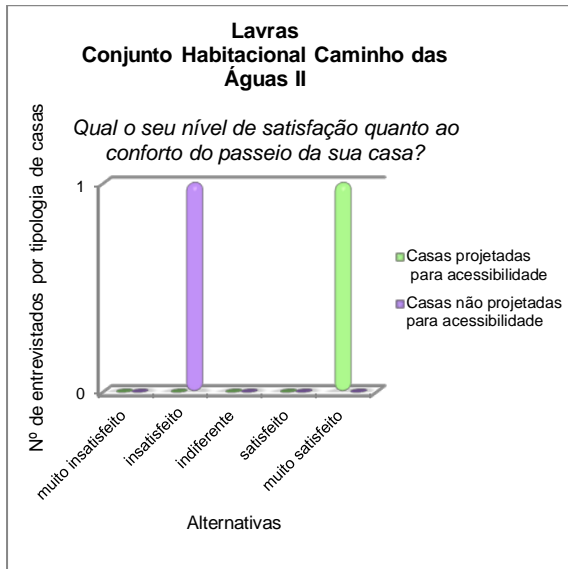
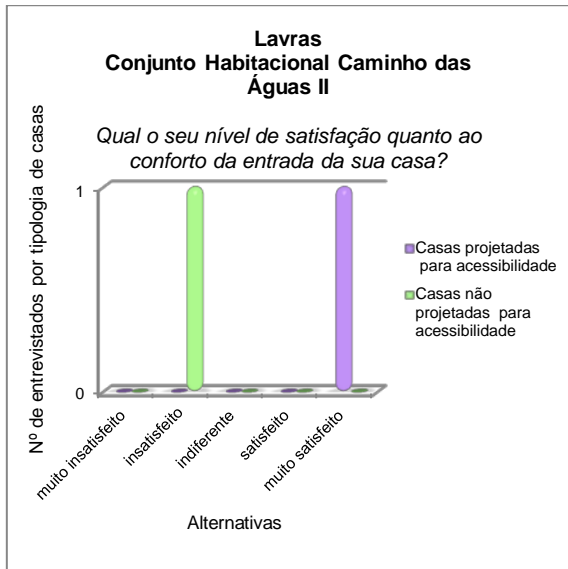
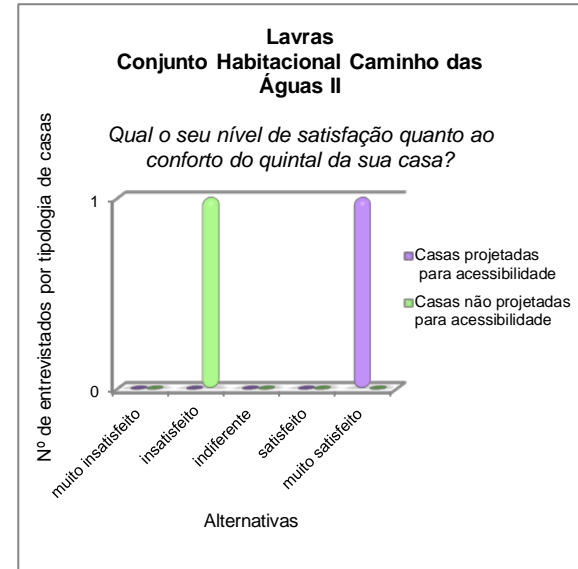
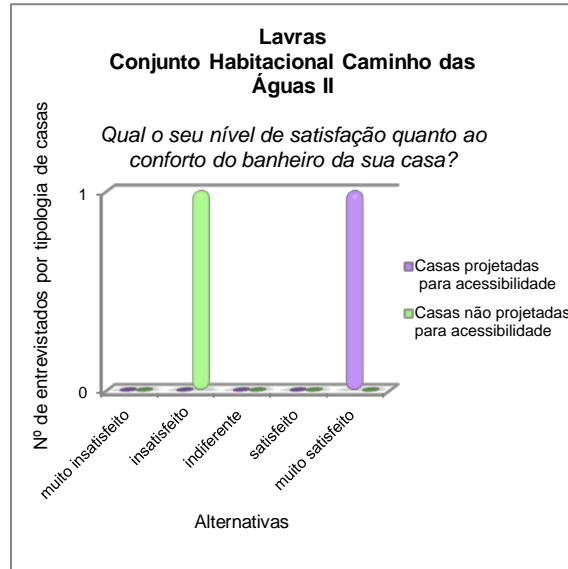
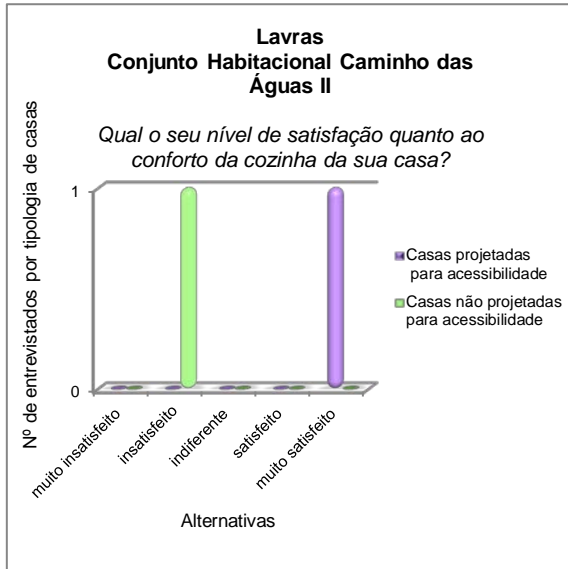


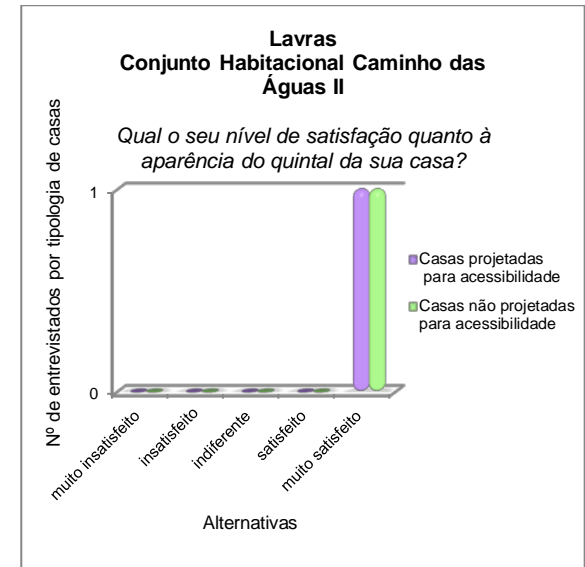
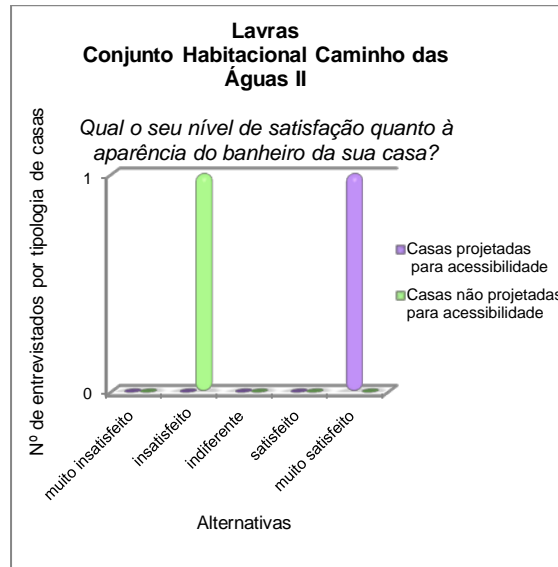
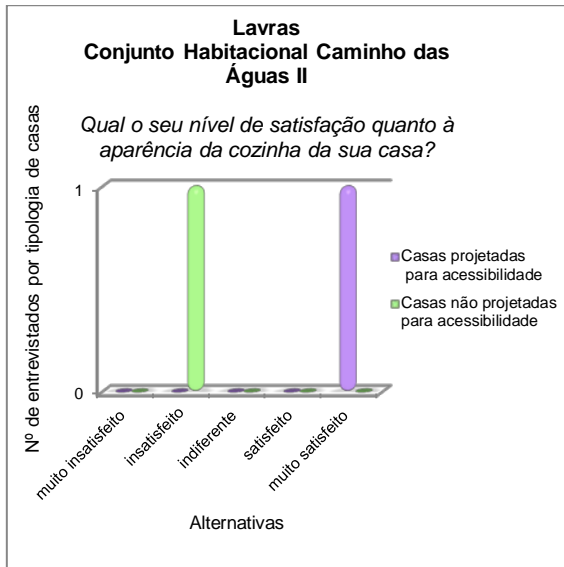
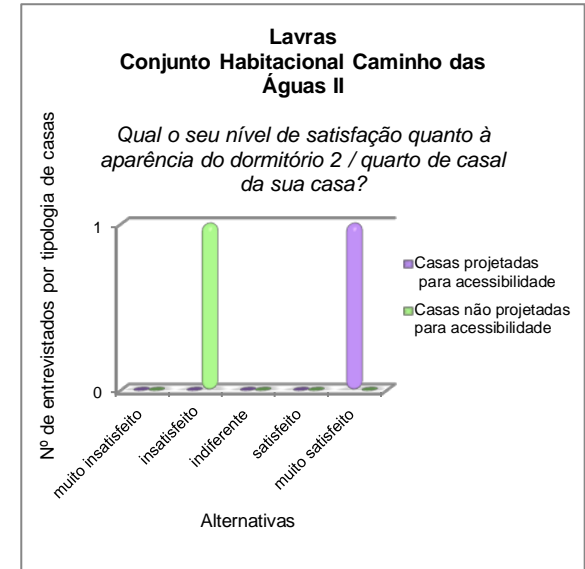
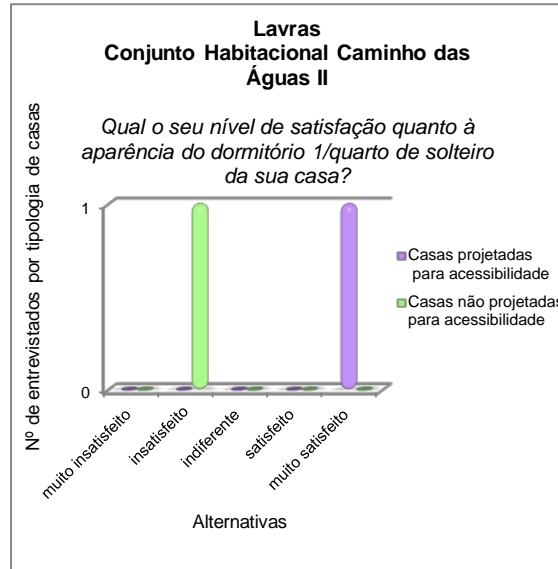
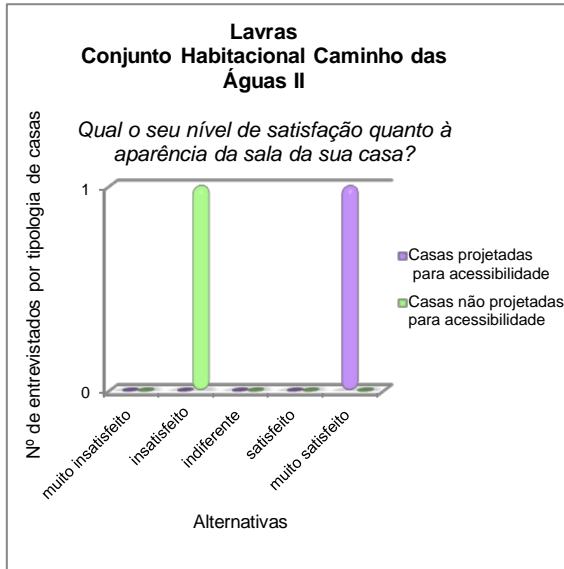


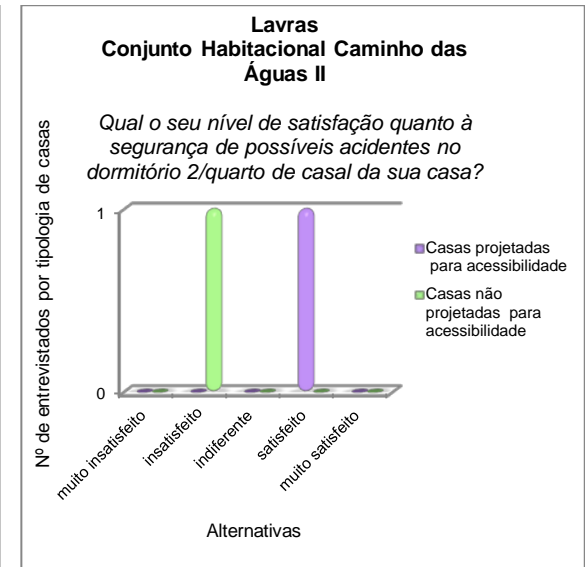
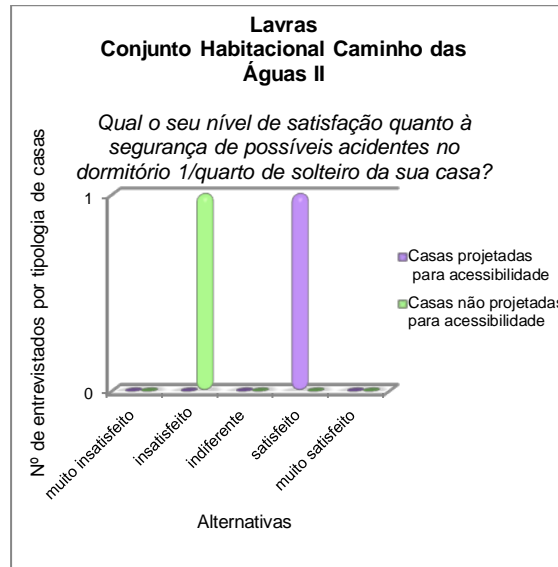
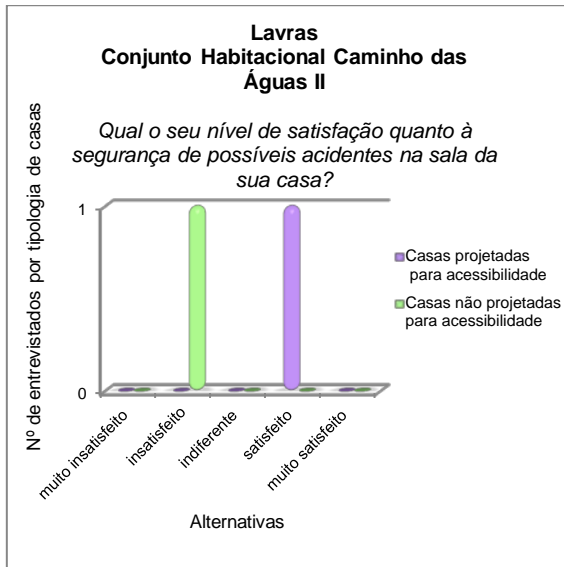
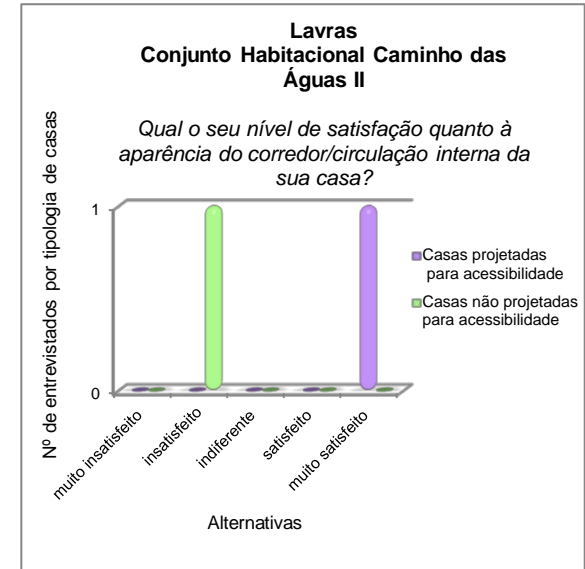
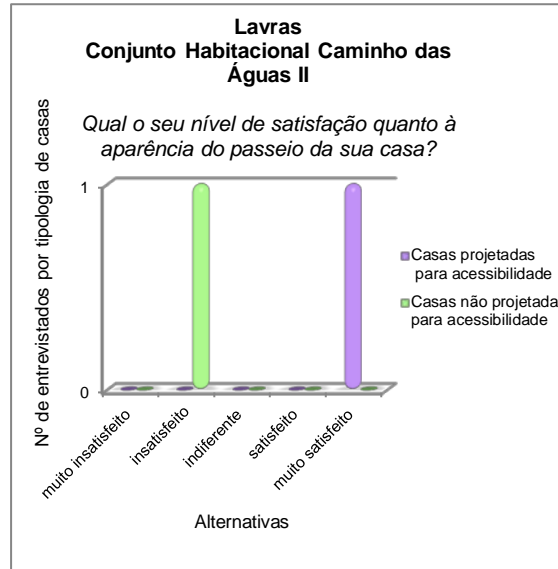
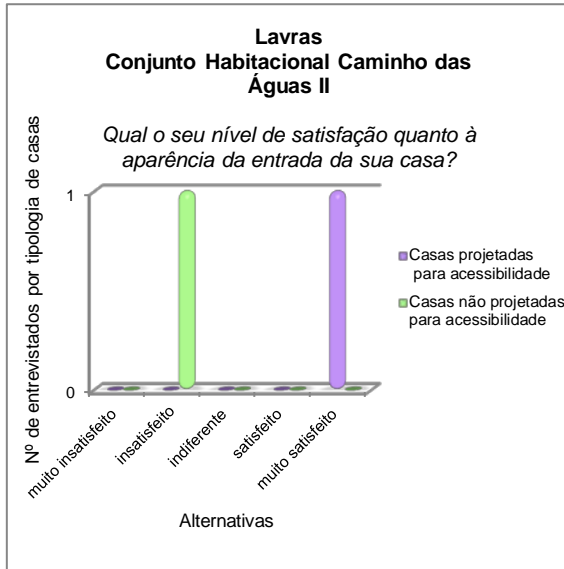


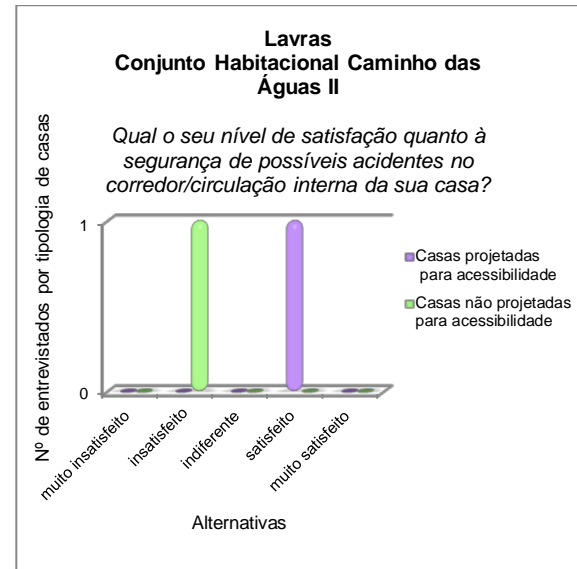
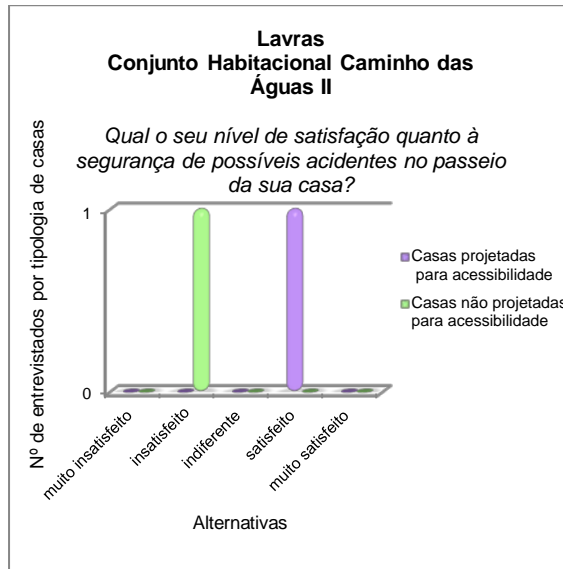
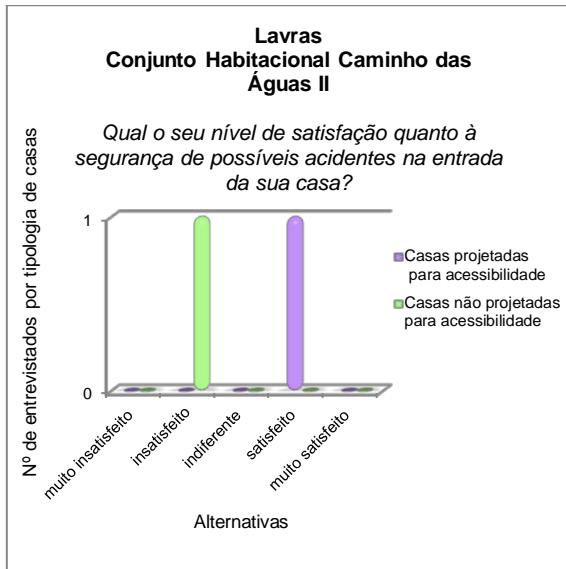
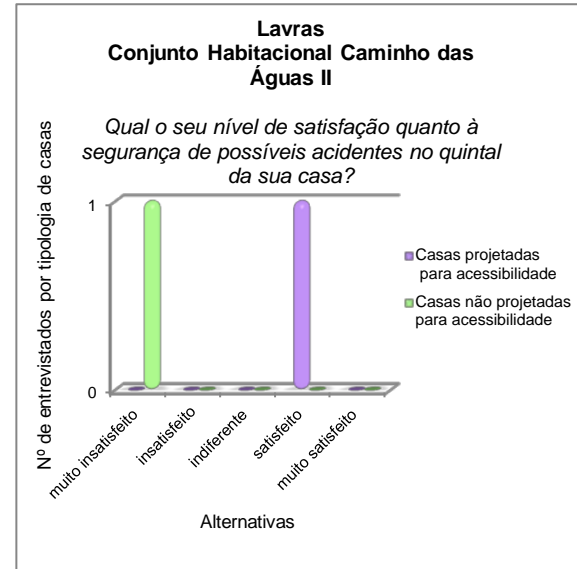
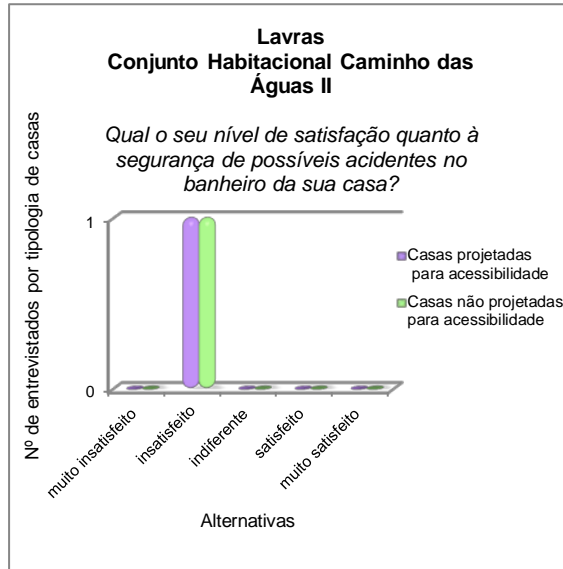
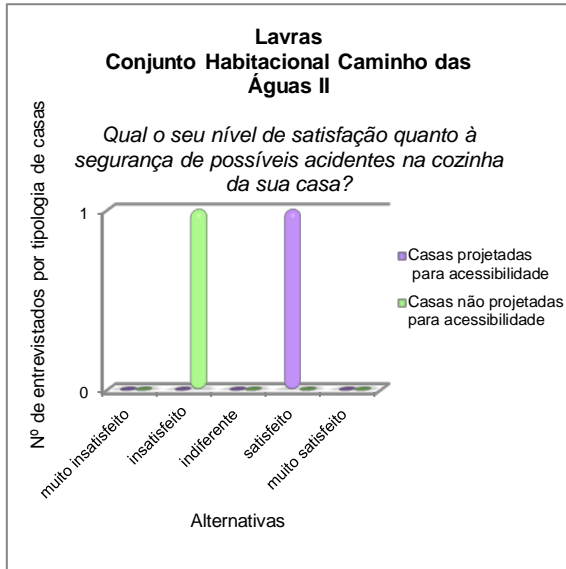


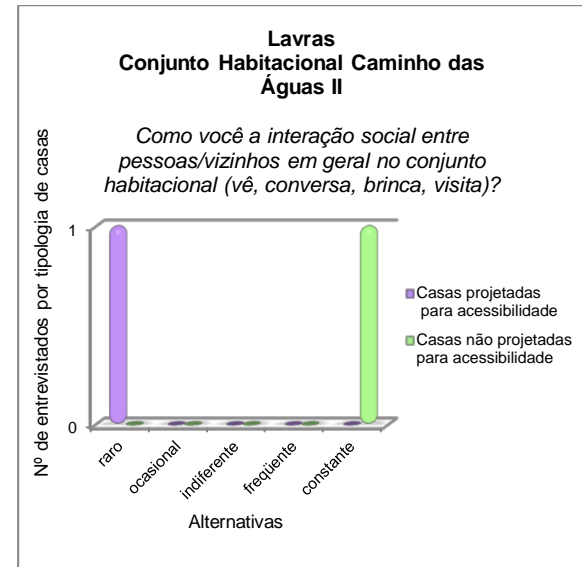
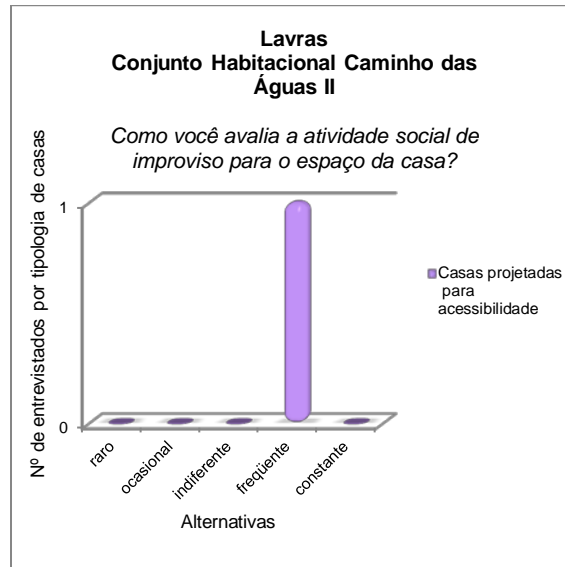
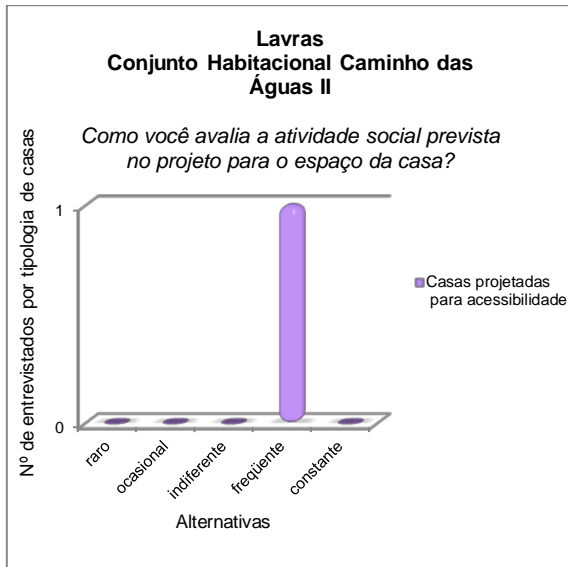
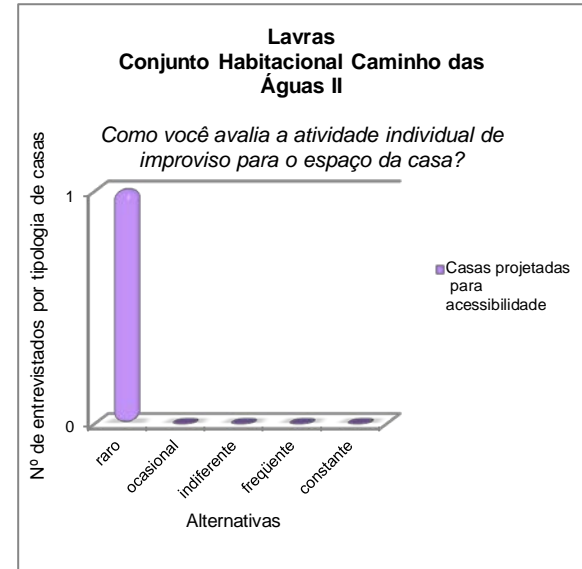
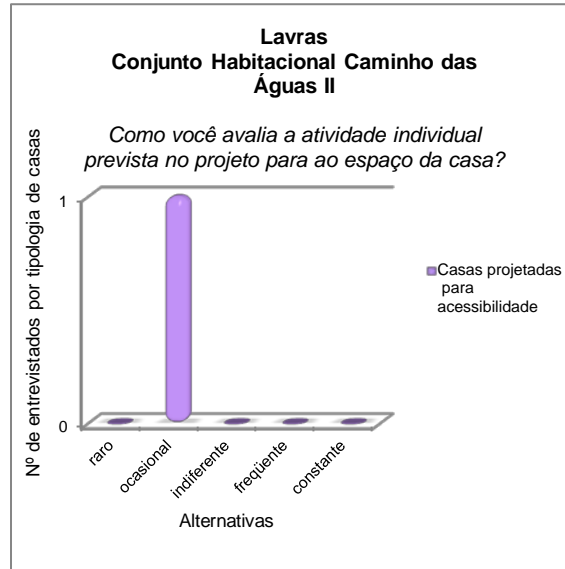
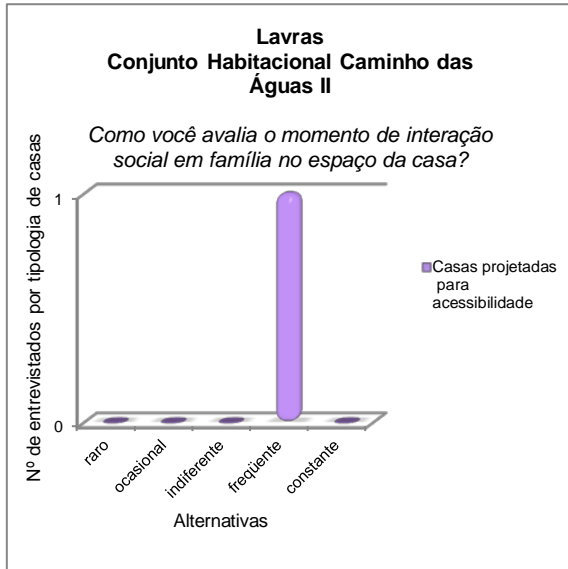


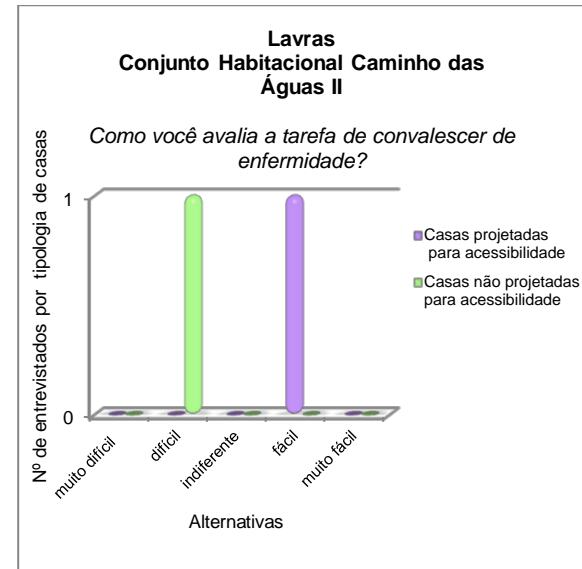
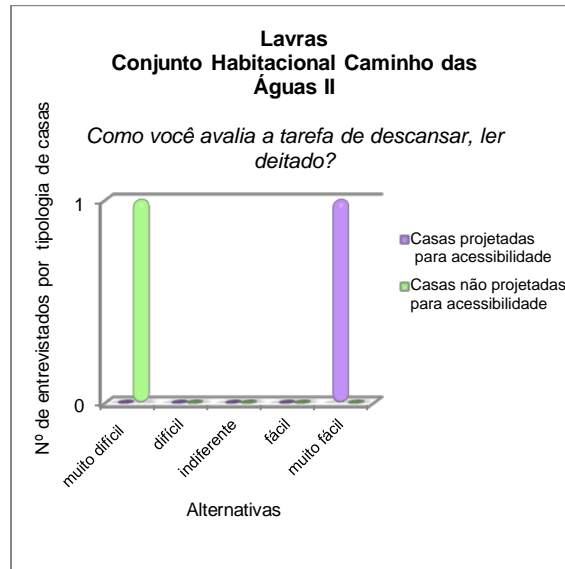
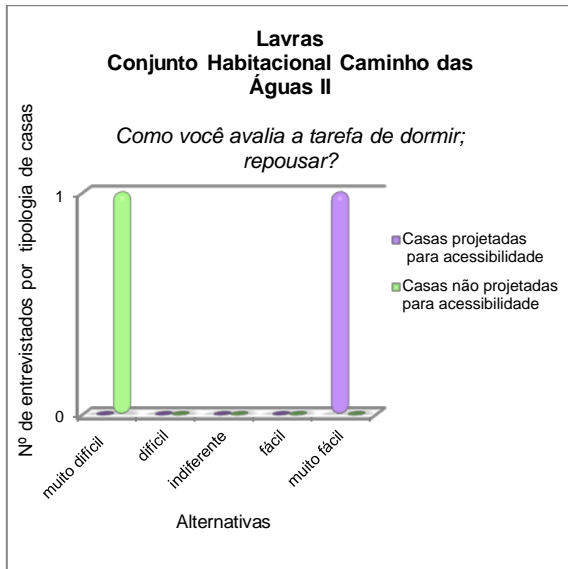
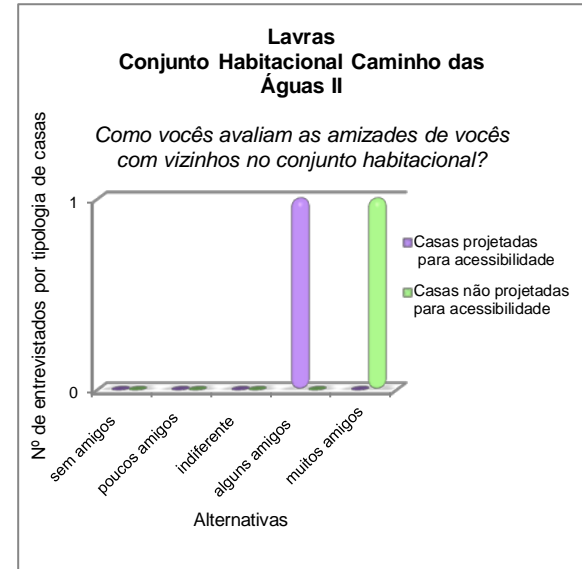
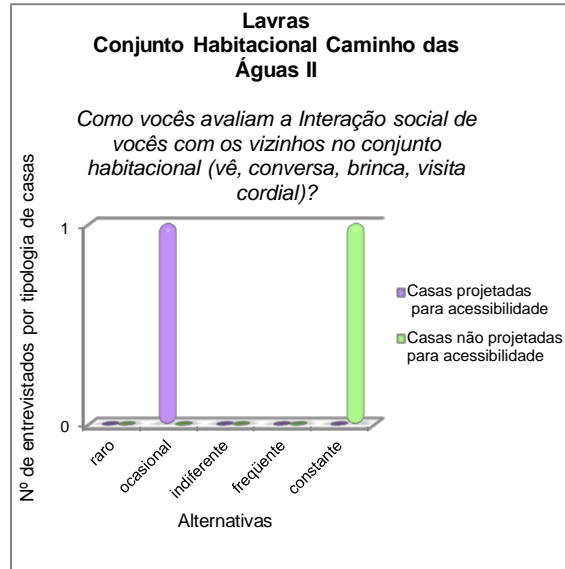
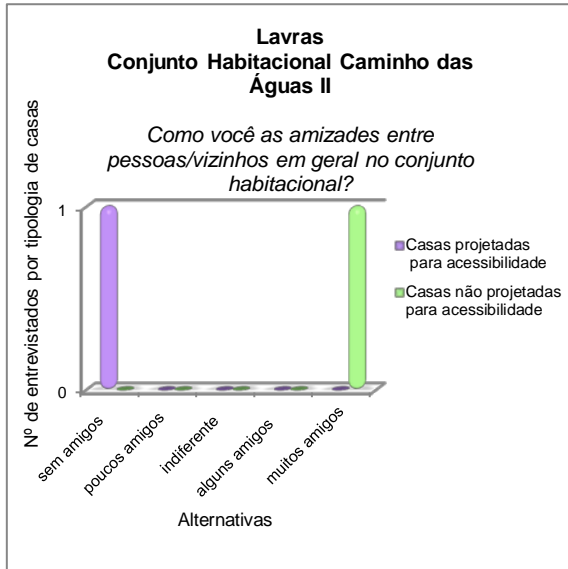


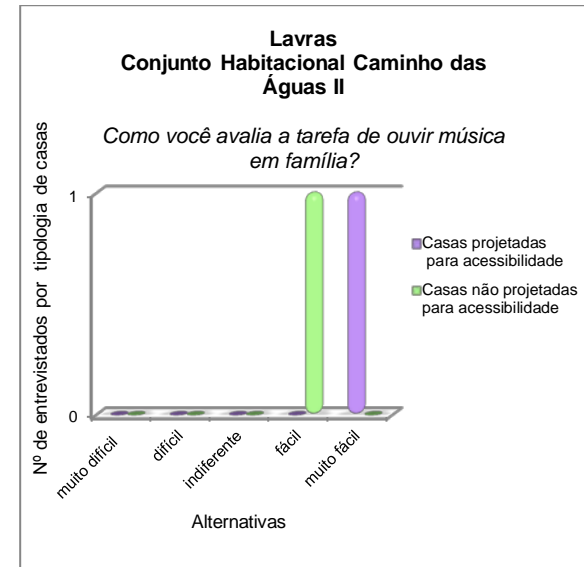
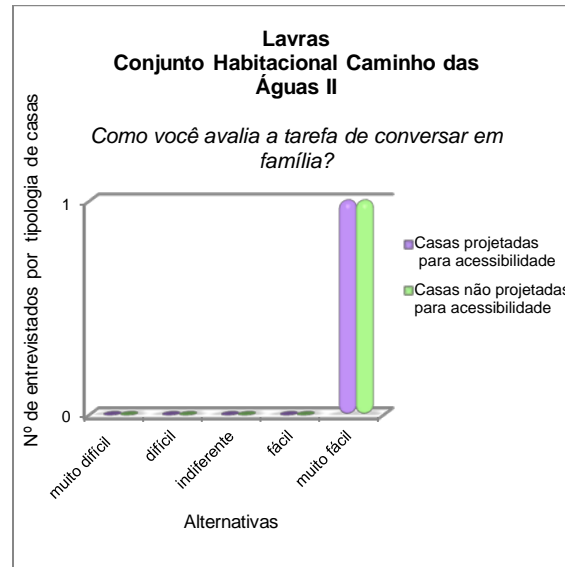
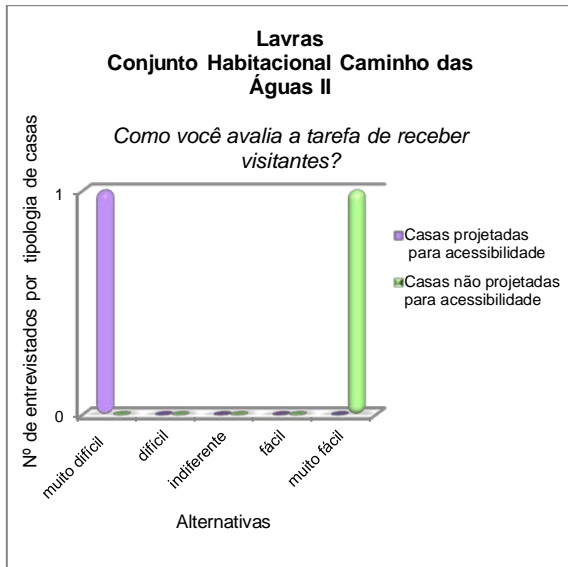
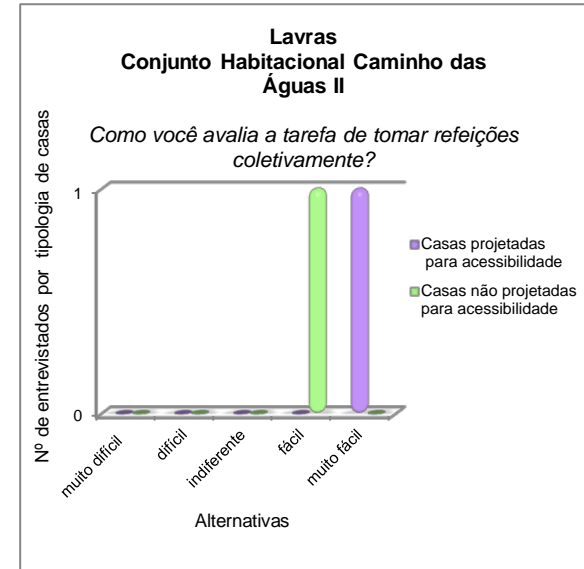
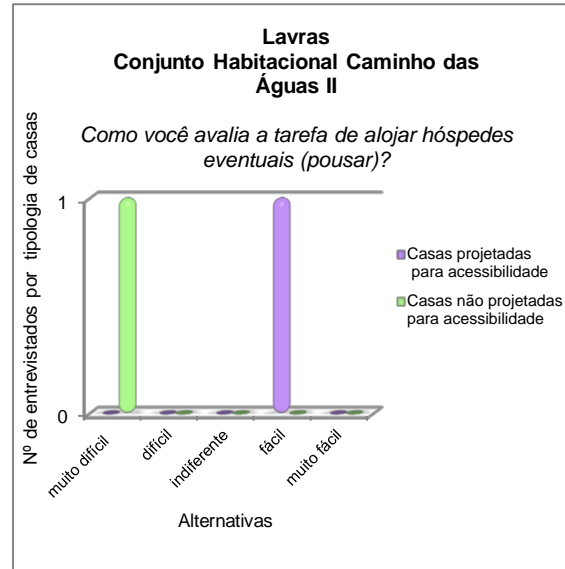
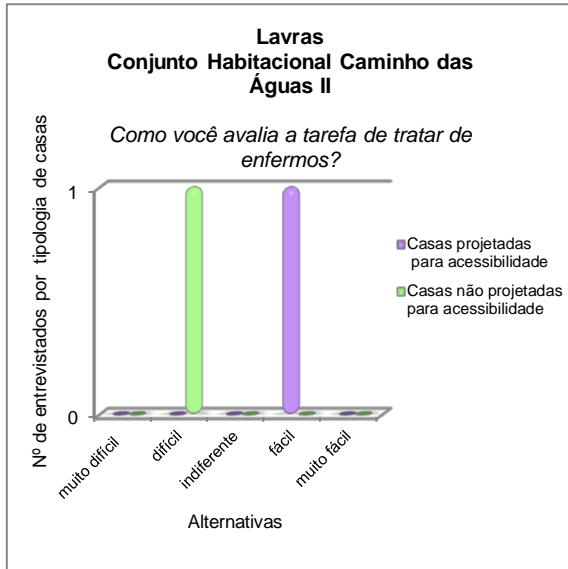


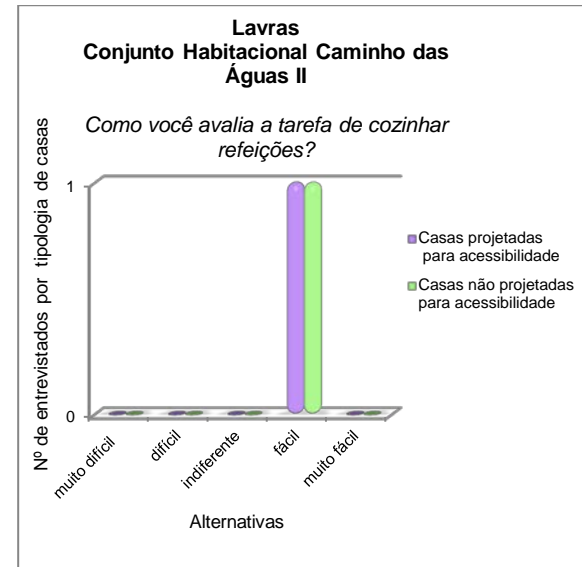
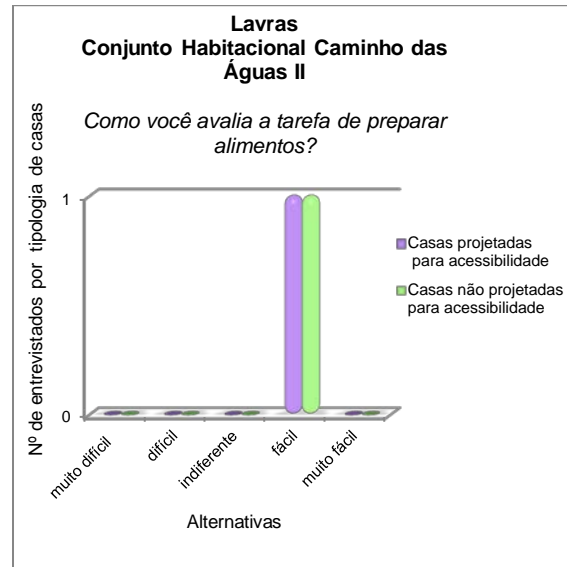
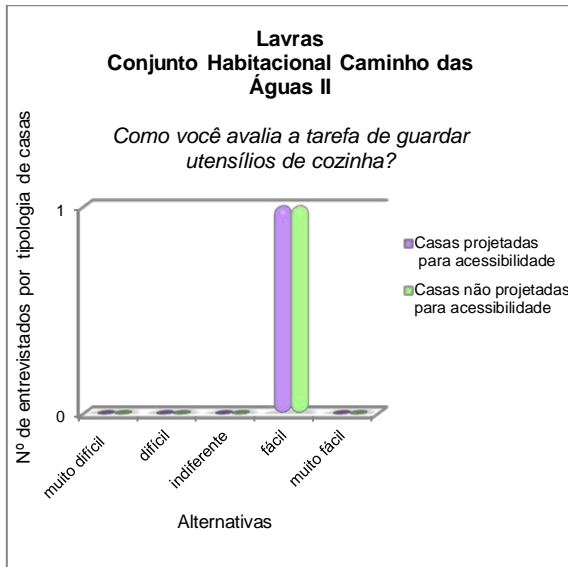
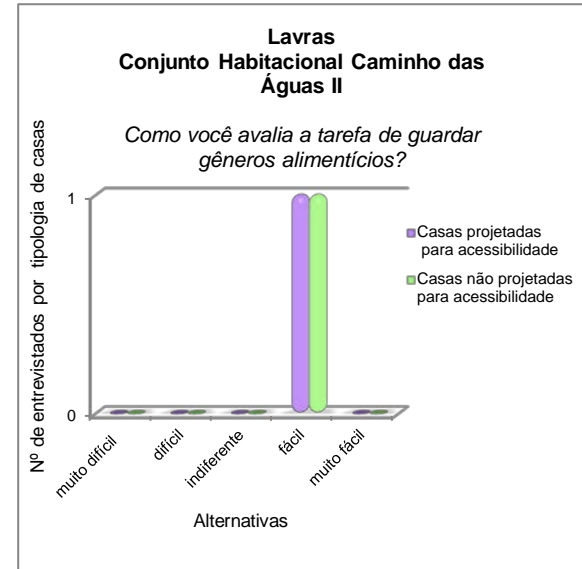
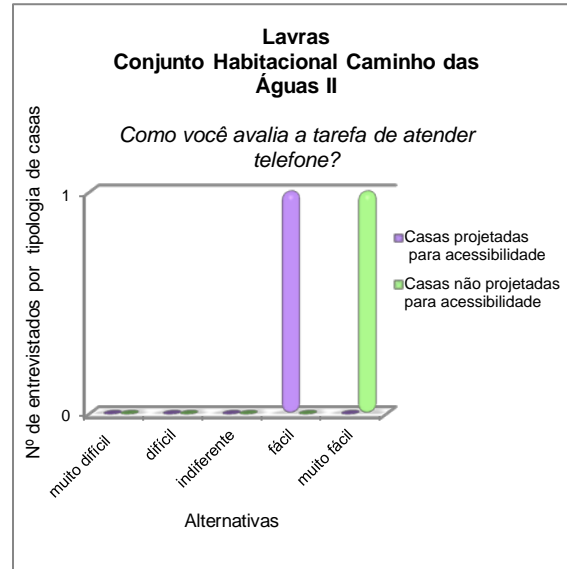
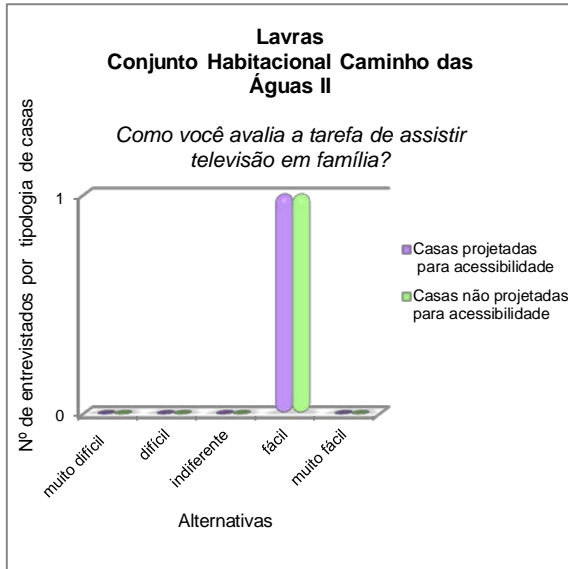


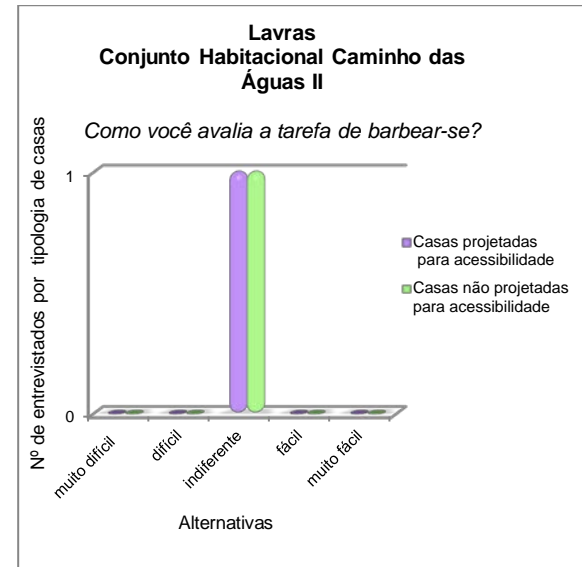
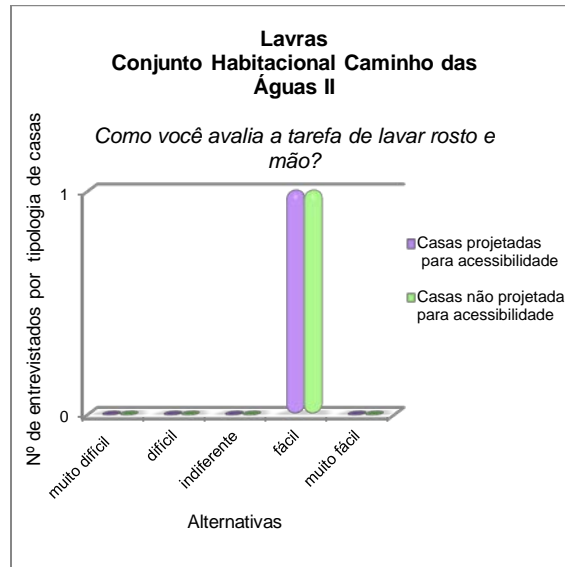
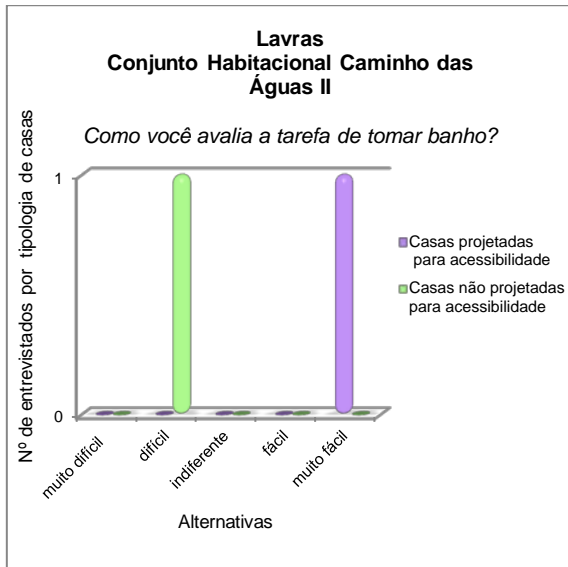
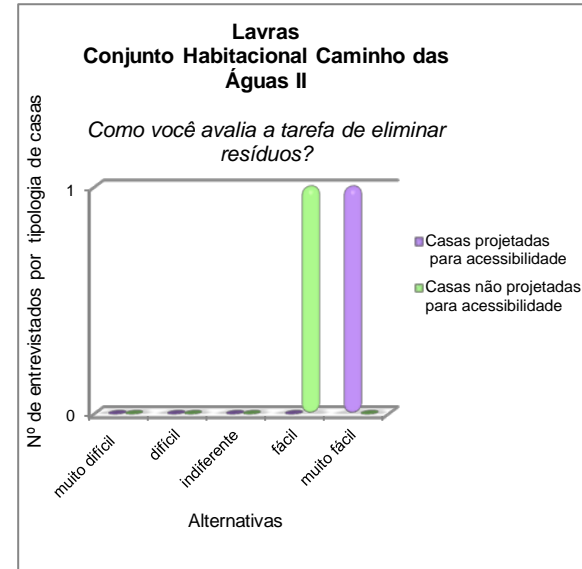
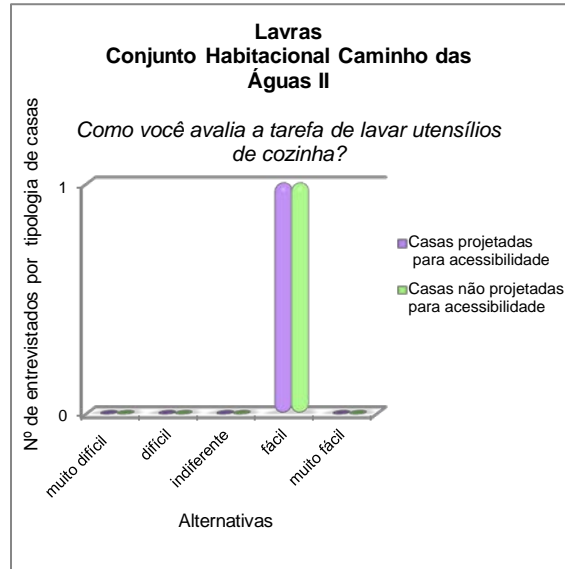
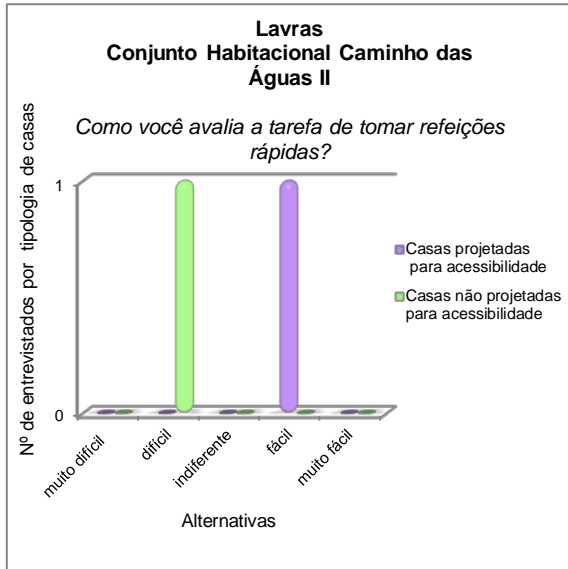


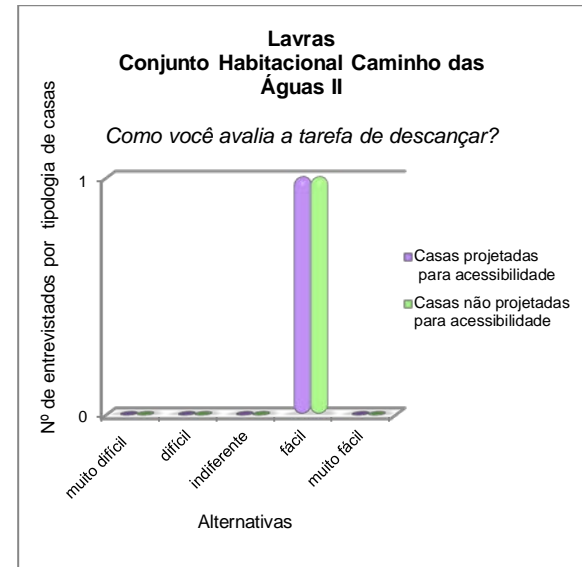
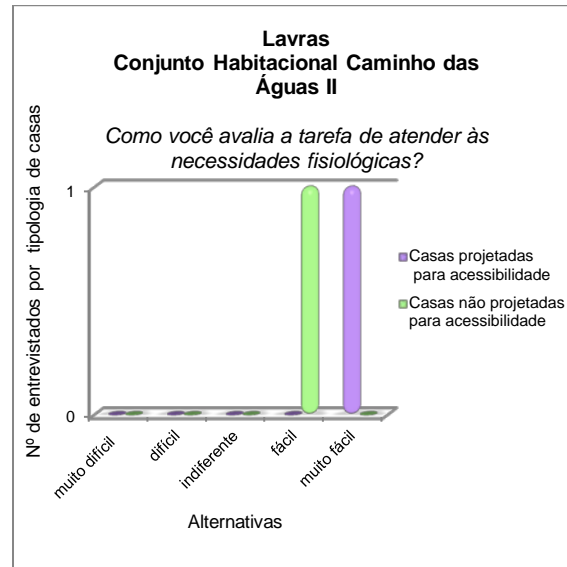
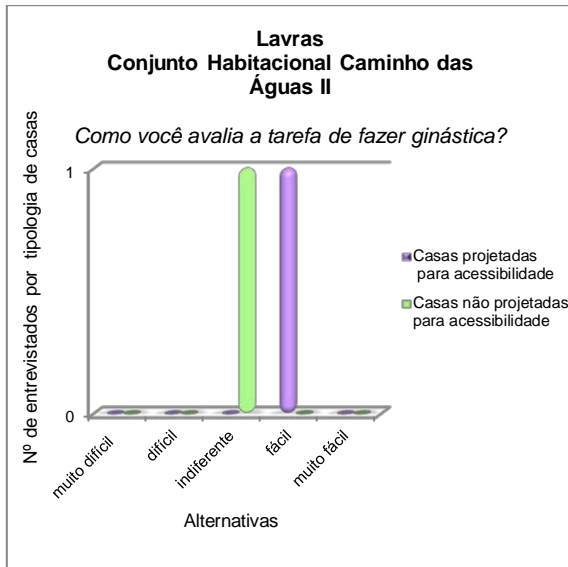
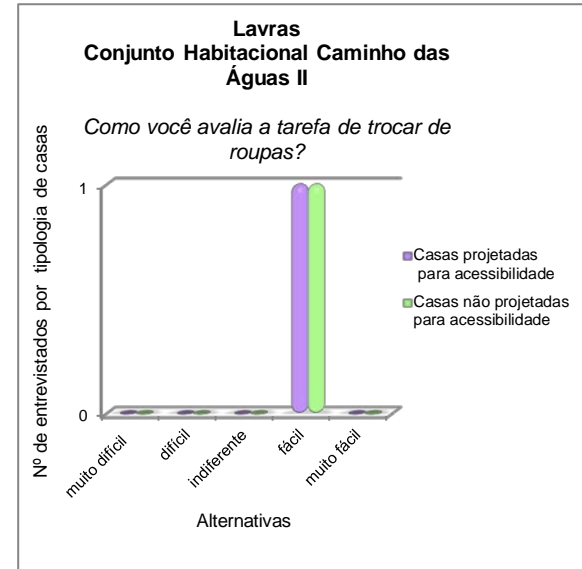
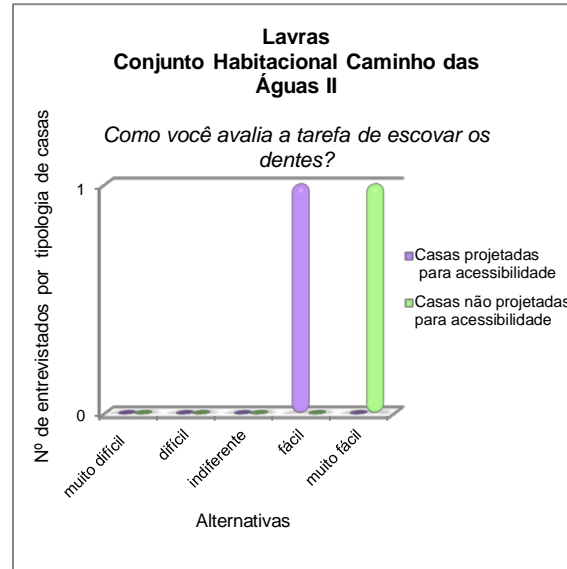
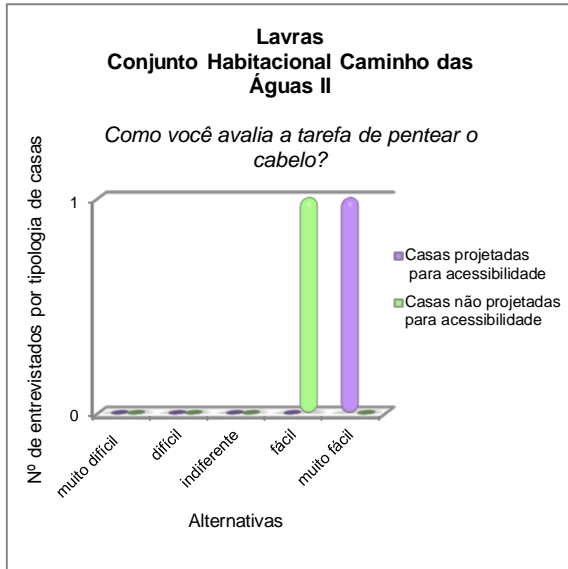


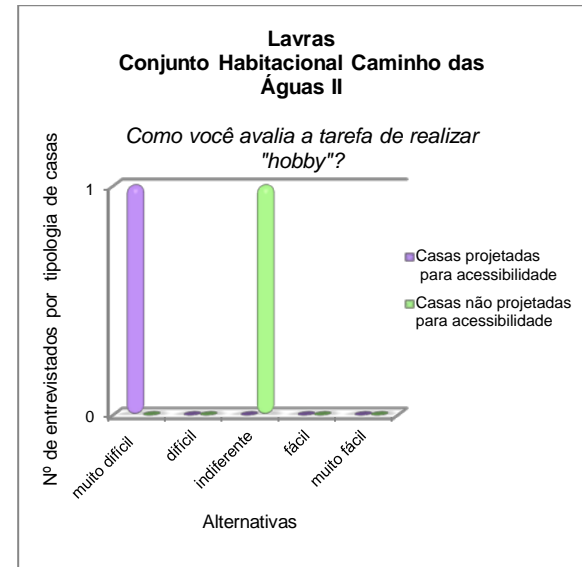
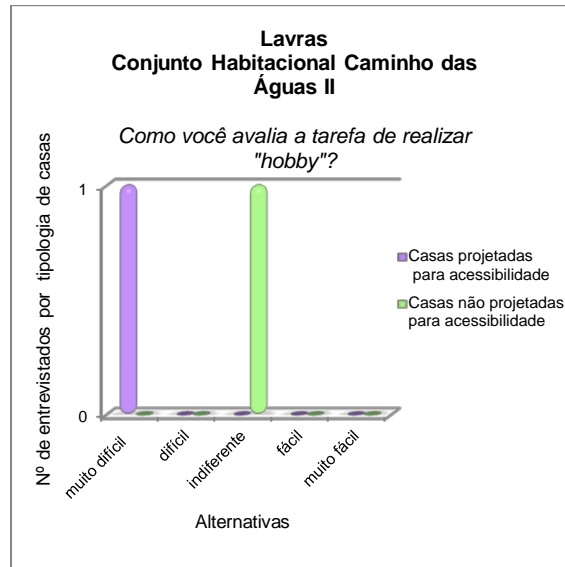
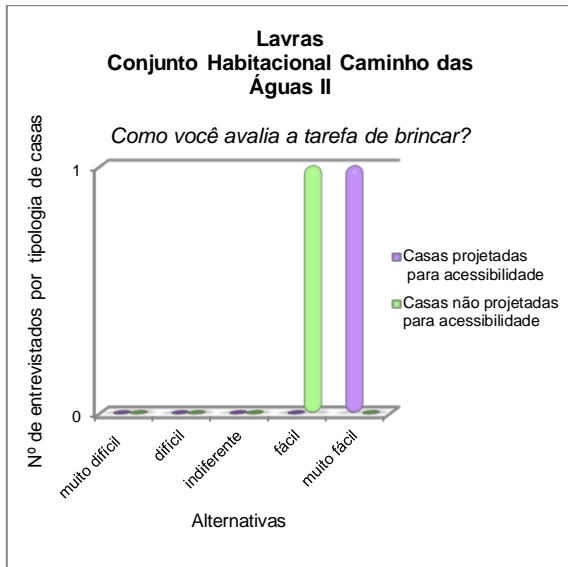
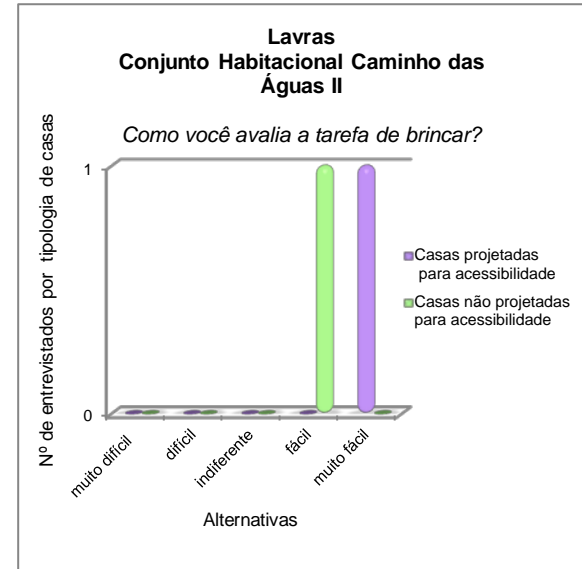
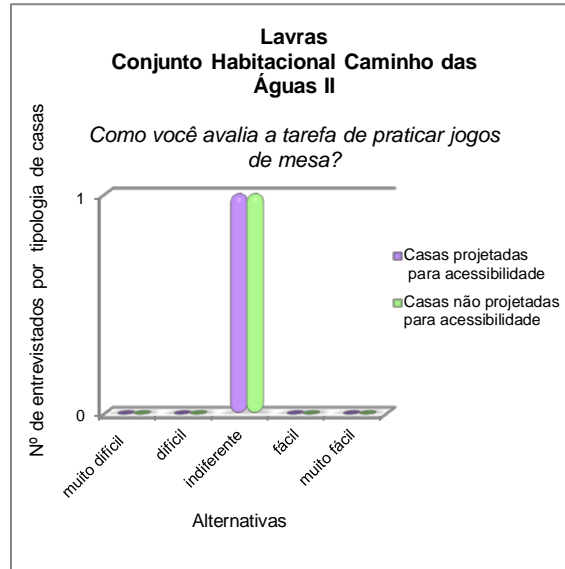
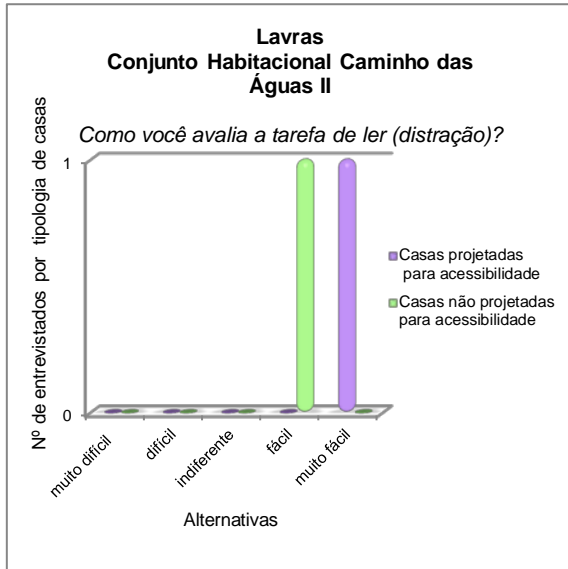


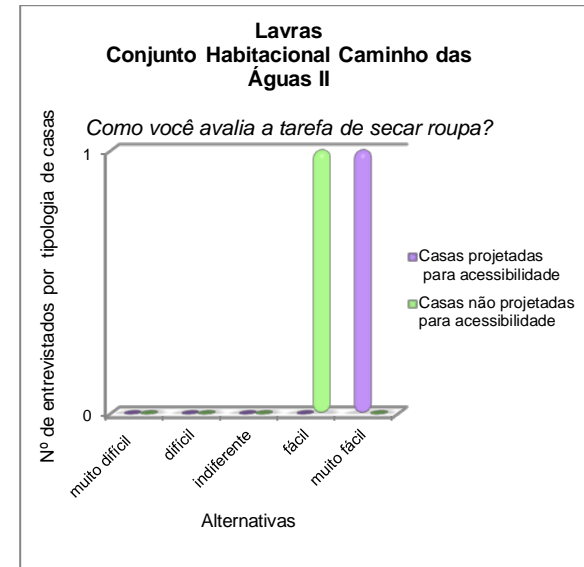
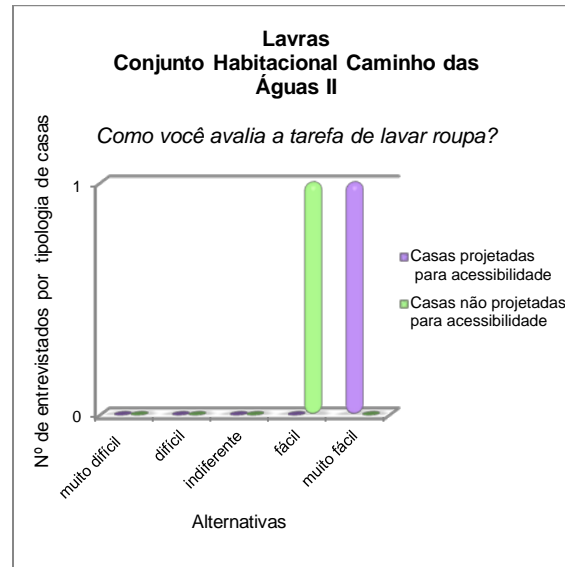
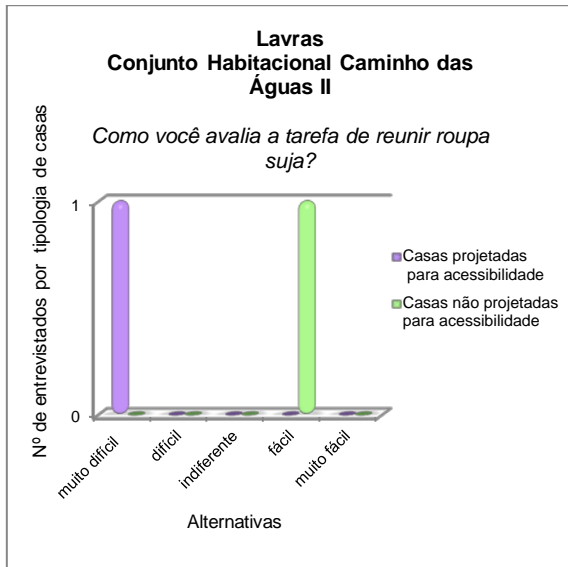
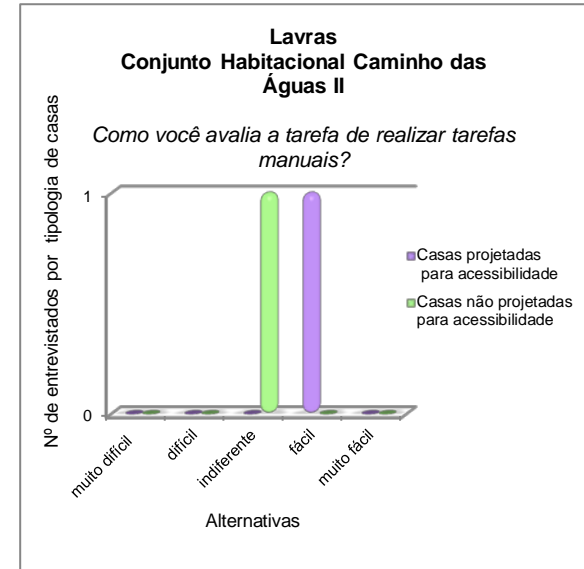
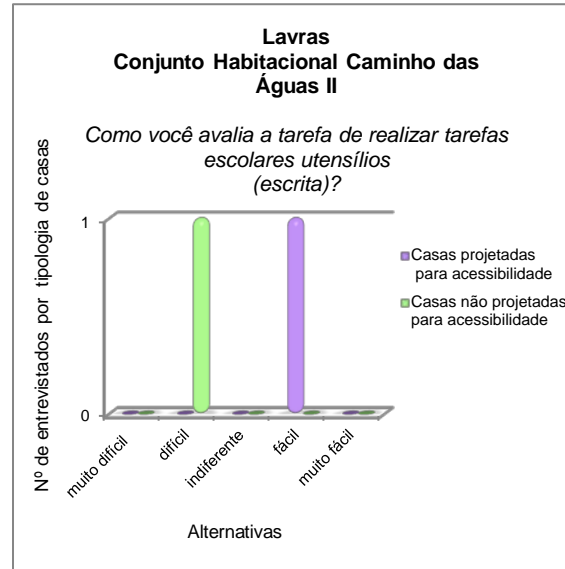
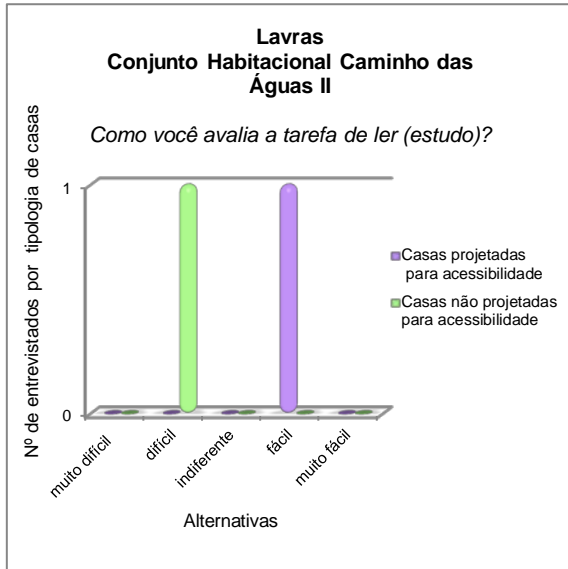


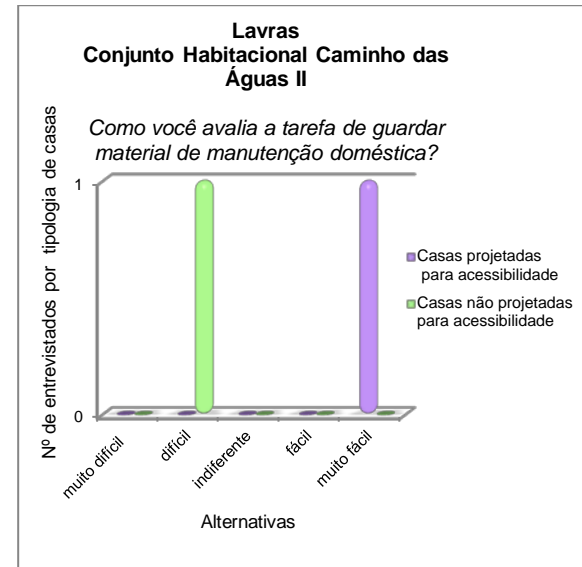
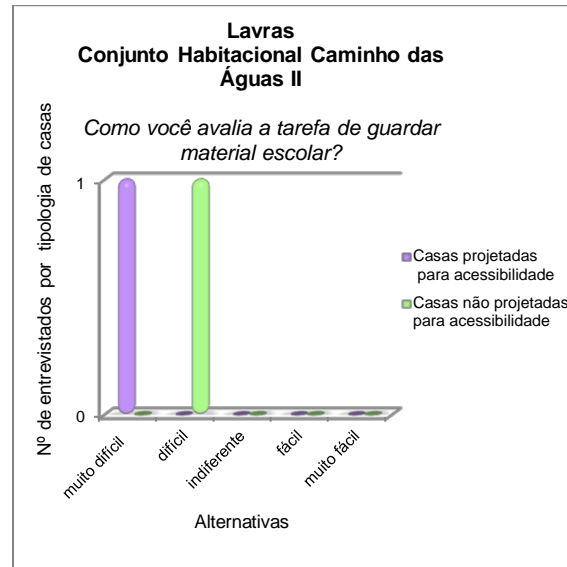
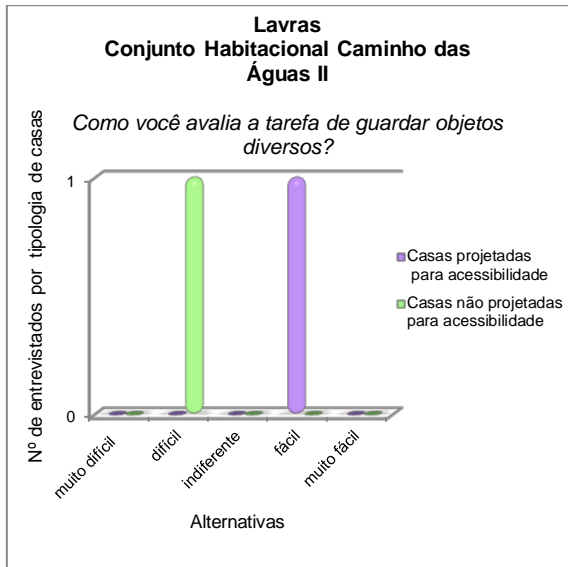
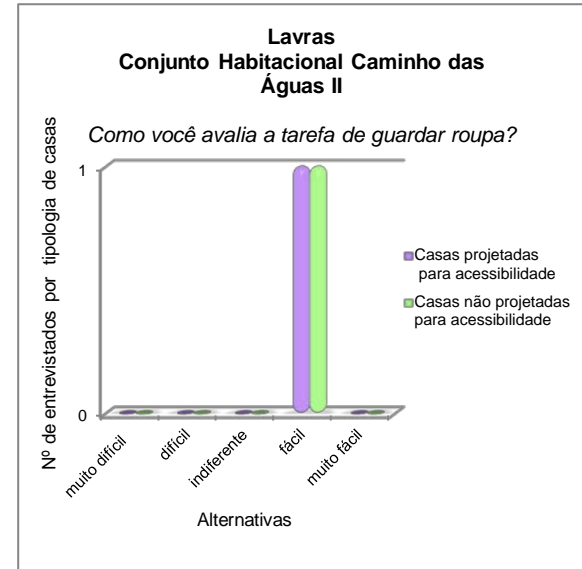
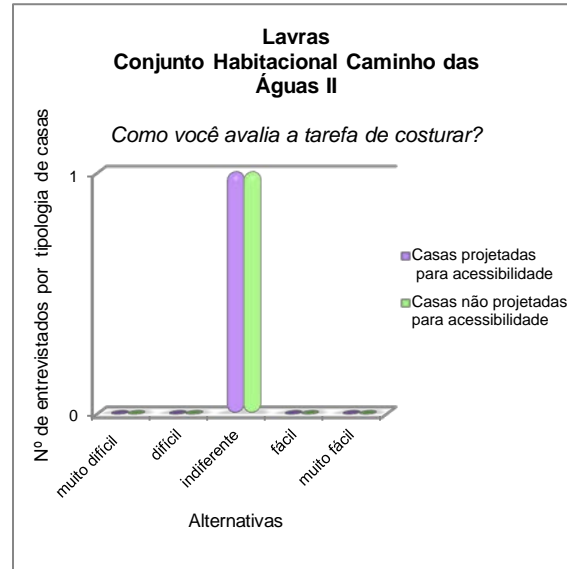
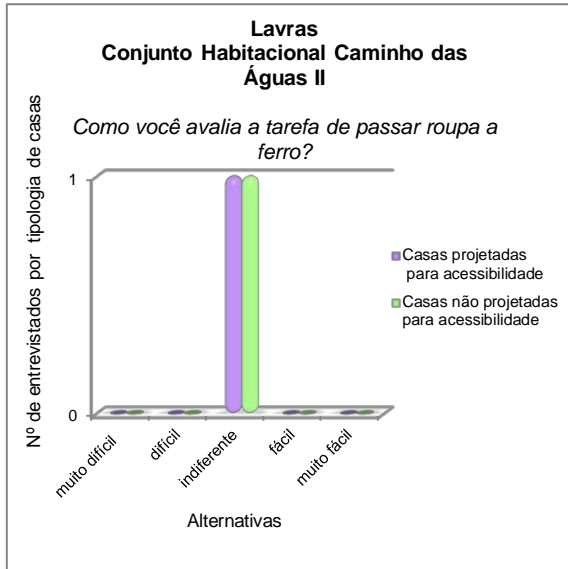




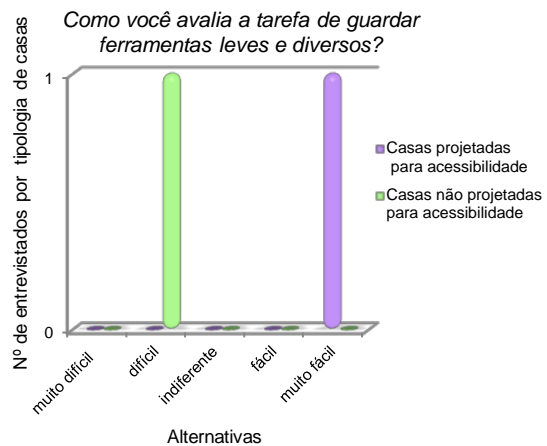








Lavras
Conjunto Habitacional Caminho das
Águas II



Lavras
Conjunto Habitacional Caminho das
Águas II

